FLORENCIA BONELLI

O quarto Arcano

O ANJO NEGRO



PORTO EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

FLORENCIA BONELLI

O Quarto Arcano

O ANJO NEGRO E
O PORTO DAS TORMENTAS
EM
VOLUME ÚNICO

SINOPSE

No início do século XIX, diferentes processos revolucionários se espalham pelas colônias espanholas da América, desejosas de se tornarem independentes da Coroa de Espanha. Buenos Aires será uma das primeiras capitais a concretizar esse sonho. É nesse contexto que decorre o romance de Florencia Bonelli. Roger Blackraven é um abastado aristocrata e empresário inglês radicado em Buenos Aires, onde é senhor de terras e pessoas que o temem e respeitam. Sua vida vai se cruzar com a do Anjo Negro… Melody Maguire, exótica *criolla** ruiva, filha de irlandês foragido da justiça inglesa. Apelidada assim pelos escravos, Melody luta pelo fim da escravidão. Roger representa tudo o que ela mais odeia: é inglês, mulherengo, dono de escravos, déspota – e, no entanto, não consegue evitar a atração escaldante que nasce entre os dois. Romance histórico com forte carga de erotismo e profundamente comprometido com as cores e os cheiros da América Latina, O Quarto Arcano revela aos leitores uma das mais populares escritoras argentinas.

> **Criollos eram uma classe social no sistema de castas das colônias ultramarinas da Espanha no século 16, especialmente na América Latina, que compreende as pessoas de ascendência espanhola nascidas localmente. No sistema de castas, estavam acima de ameríndios e escravos africanos. Sem relação com o creole inglês/francês.*

PRIMEIRA PARTE



O Quarto Arcano – O Anjo Negro
Florencia Bonnelli

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
El Cuarto Arcano
© 2007, Florencia Bonnelli

Capa: © Eduardo Ruiz, com uma ilustração de Carlos Pellegrini, 1832
Fotografia da capa ©Alan Ayers

1.ª edição: Maio de 2009

Reservados todos os direitos. Esta publicação **não** pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

PORTO EDITORA Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO • PORTUGAL
www.portoeditora.pt Telefone (351) 22 608 83 00 Fax (351) 22 608 83 01

DEP. LEGAL 292701/09 ISBN 978-972-0-04192-0

Este livro foi produzido na unidade industrial do Bloco Gráfico, Lda., cujo **Sistema de Gestão Ambiental** está certificado pela APCER, com o n.º 2006/AMB.258
Produção de livros escolares e não escolares e outros materiais impressos.

Ao meu Senhor Jesus, como cumprimento de uma promessa por uma graça concedida.

Ao meu admirador mais entusiasta, o meu irmão Lucas.

Negrito, este é para ti.

E, naturalmente, para o meu doce Tomás.

Quero agradecer à minha amiga, a escritora Mercedes Giuffré, por ter permitido que o seu afetuoso doutor Samuel Redhead, por algum tempo, pusesse de lado as suas investigações para Dúvida de Sangue *e ajudasse o meu querido Roger Blackraven em duas situações complicadas.*

Omnia vincit amor et nos cedamus amori.

(o amor tudo vence, rendamo-nos também nós ao amor.)

Bucólicas, VIRGÍLIO

I

Recebeu o pagamento em silêncio, uma quantia importante. na verdade, a mais generosa que o seu ofício alguma vez lhe rendera, e era apenas um adiantamento. entre outras coisas, exigira libras esterlinas e Fouché aceitara. contou as notas e guardou-as no bolso interior do gabão.

Fouché semicerrava os olhos, como se tentasse decifrar o homem enigmático que tinha na sua frente. o assassino sorriu para si mesmo; estava habituado na provocar aquele tipo de curiosidade e desconfiança nos seus clientes. a fama precedia-o e não tinha necessidade de dar explicações, nem mesmo a Joseph Fouché, ministro da polícia de França.

Dizia-se que Fouché era o criador da mais complexa e eficiente rede de espionagem da Europa. como jacobino, votara em 1793 pela execução de Luís XVI. tempos depois, Maximilien de Robespierre, chefe do governo revolucionário, denunciou-o pelos seus excessos e Fouché teve de recorrer a todo o seu engenho para sair da situação difícil: *madame guillotine* pendia sobre a sua cabeça. Finalmente conseguiu que fosse a de Robespierre a rolar sobre o cadafalso. a sua habilidade para ultrapassar incólume as mudanças rápidas e dramáticas da França revolucionária granjearam-lhe a alcunha de *O Imortal*. nesse momento, ano da graça de 1804, depois de década e meia a navegar nas águas turbulentas da política francesa, devia julgar-se mais poderoso do que o fulgurante imperador de França, o seu chefe napoleão Bonaparte.

Não tinha grande respeito por indivíduos como Fouché, nem mesmo por Bonaparte. conhecia a natureza humana na sua essência mais íntima e a vida ensinara-lhe que a maior parte dos homens era movida por interesses baixos que, em última instância, se relacionavam com sexo e dinheiro. ninguém era melhor do que ninguém e todos possuíam um calcanhar de aquiles que bastava descobrir para depois atacar.

Na verdade, a presença de Fouché naquela noite gélida de inverno, naquele paupérrimo subúrbio de Paris, confirmava as suas certezas.

O fato de o importante ministro da polícia do império se ter dignado ir ao encontro de um sicário, deixava bem clara a sua natureza vulnerável, ainda que não se tratasse de um sicário qualquer mas sim do melhor.

Fouché levou a mão ao bolso do casaco, pesando os prós e os contras do acordo que acabava de selar. embora a deusa razão o apoiasse nas suas decisões e ele nunca se enganasse, naquele momento, depois de ter entregado uma pequena fortuna àquela estranha criatura de voz aflautada e rosto coberto,

perguntava-se se não estaria a cometer um erro grave. não tinha sido fácil chegar até *La Cobra*, o assassino mais mortal da Europa, de acordo com os seus informadores. nunca falhava e conseguia localizar a sua vítima, onde quer que esta se encontrasse. Fora principalmente este segundo motivo que levara Fouché a interessar-se por ele. tirou do bolso um papel e entregou-o.

— Aqui estão cinco nomes — explicou. — Supomos que são espiões ingleses. aristocratas. Supomos também que entre eles se encontra o *Escorpião Negro*.

— E que motivo os torna suspeitos? — perguntou la cobra.

— Em primeiro lugar — declarou Fouché —, são pessoas que se relacionaram de um modo ou de outro com o Departamento do exterior inglês, que tem a seu cargo a espionagem. em segundo lugar, durante os últimos anos, entraram várias vezes em França e as suas atividades foram, no mínimo, pouco claras.

— Diga-me tudo o que souber acerca do *Escorpião Negro*.

Fouché mergulhou a mão no bolso interior do casaco e retirou uma carteira que continha um pedaço de papel chamuscado e amarelecido.

Mostrou-o a *La Cobra*, mas não fez menção de lhe entregar.

— É o que temos — assegurou. — este bilhete foi escrito pelo próprio *Escorpião Negro* e encontrado na posse de um dos seus espiões há um mês. Pegou fogo antes que pudéssemos impedi-lo. apenas conseguimos salvar esta parte. Veja aqui — indicou —, esta é a sua chancela com a qual assinou a mensagem.

Era um selo de lacre convencional, marcadamente escuro que apresentava, em relevo, a imagem de um escorpião. um pouco acima podiam ver-se os traços da escrita.

— Vou precisar desse bilhete — disse *La Cobra*, estendendo a mão enluvada.

— Para quê? — surpreendeu-se Fouché.

— Para fazer o meu trabalho. Que aconteceu ao espião que o queimou?

— Morreu na prisão. não nos disse nada importante — admitiu, ao mesmo tempo que entregava a única prova de que dispunha para demonstrar que o seu principal inimigo existia e que não se tratava de fruto da sua imaginação. — a única coisa que disse antes de morrer foi que o bilhete pertencia ao *Escorpião Negro*. calculamos que ele tenha estado em França há pouco tempo, talvez ainda cá se encontre.

— Onde apanharam o espião?

— Na taberna Palha e Feno, nos arredores de calais.

— Preciso de saber mais sobre o *Escorpião Negro*.

— Não há muito mais — confessou Fouché. — Pensamos que é inglês e que pertence à nobreza. É o espião mais hábil e imprevisível com quem lidei até hoje — declarou, num rasgo de sinceridade muito pouco habitual nele. — Arruinou todos os planos de ataque à Inglaterra, interceptou barcos com carregamentos de ouro para o imperador, conhece antecipadamente cada passo dos exércitos do império, já para não referir que, durante o período do terror, salvou uma grande quantidade de aristocratas franceses e contra-revolucionários de morrerem na guilhotina. Há anos que quero deitar-lhe a mão.

— Se o *Escorpião Negro* for tão hábil como o senhor afirma — opinou *La Cobra* —, não se encontra entre os nomes desta lista. De qualquer maneira, guardarei comigo.

Aquele era o discurso mais longo que o homem havia pronunciado.

Fouché esforçou-se por identificar a entoação daquela voz tão peculiar.

Falava francês e por momentos fazia-o com sotaque espanhol, outras vezes, parecera-lhe ter reconhecido vestígios de inglês.

— Qual é a sua nacionalidade?

— a do país que pagar os meus serviços — respondeu o sicário.

— Mostre-me o seu rosto.

— Poucos o viram e viveram para o contar.

— O senhor exigiu que fosse eu, pessoalmente, a tratar dos termos deste acordo — recordou-lhe o ministro da polícia. — Saiba que não é meu hábito ocupar-me destas ninharias; para isso tenho o meu pessoal.

— E eu não costumo fechar negócios com mentecaptos. trato com os meus iguais ou nada feito.

— Exijo, pelo menos, que descubra o rosto. Quero saber com quem estou a lidar.

La Cobra tirou o tricórnio e puxou o capuz que lhe ocultava por completo a cabeça. a escuridão do beco não impediu que Fouché recebesse o impacto daquele rosto como uma bofetada. Sentiu que o seu peito se contraía e que o coração batia descompassado. Deu um passo à retaguarda e tentou empunhar a pistola que trazia escondida debaixo do casaco. *La Cobra* dominou-o em menos de um segundo e o rosto de Fouché acabou por ficar espalmado contra o empedrado do chão sujo e úmido, com o braço direito todo torcido para trás, junto da omoplata.

A força de *La Cobra* era incrível. encostou-lhe uma adaga a um dos olhos e o brilho do luar, refletido no metal, ofuscou-o.

— Fui burlado — queixou-se Fouché.

— Não, não foi burlado — assegurou *La Cobra*. — encontrarei o *Escorpião Negro*, onde ele se esconde e matá-lo-ei. no momento certo enviar-lhe-ei uma

prova irrefutável. nessa altura, voltarei e o senhor pagará o que me deve.

A pressão que o mantinha junto ao chão abrandou um pouco e Fouché conseguiu levantar a cabeça. De pé, à sua frente, estava *La Cobra*. continuava com a adaga na mão e a sua figura negra delineada na claridade da lua era assustadora. Fouché começou a levantar-se.

— O senhor sabe como e onde deixar-me uma mensagem.

— Quando terei novamente notícias suas?

— No dia em que eu voltar para lhe exigir a outra parte do pagamento.

NOTAS DE UM SICÁRIO

Quinta-feira, dia 27 de Dezembro de 1804

Se pudessem compreender que este corpo, uma simples casca, contém um ser invencível, não teriam reações como as de Fouché. Agora é a minha destreza que fala e à verdade dos fatos nada se pode opor.

Ficaremos durante algum tempo em França e depois seguiremos para Londres. Aí daremos início à verdadeira caçada. Fico excitado só de pensar nisso. A iminência de um novo trabalho faz com que o sangue pulse com mais vigor nas minhas veias. A sede invade-me, uma sede abrasa-dora que só consigo aplacar, parcialmente, com a perseguição, e na totalidade, com o êxito da nossa empresa. Adoro o que faço. E faço-o bem.

Desconfio que temos pela frente um rival à nossa altura e isso aumenta ainda mais a excitação que me domina. Contamos com um pedaço de papel meio queimado, selado com lacre, como única prova da existência do escorpião negro . *Já dei este pedaço de papel a Desirée para que lhe tocasse, mas a ação do fogo parece ter-lhe retirado qualquer marca. Toca-lhe e não sente nada. A energia que os objetos costumam transmitir-lhe, neste caso, não existe. O poder purificador do fogo é do conhecimento geral.*

É preciso ir a Calais, à taberna Palha e Feno. Com certeza a gente de Fouché já a revistou de fio a pavio, mas eu conheço-os bem, são uns incapazes e pode ter-lhes escapado aquilo que seria evidente para um perito.

Qualquer dado é importante: o nome de um alfaiate num casaco, o de uma loja que vende tabaco, rapé ou brandy , *um simples botão que caiu por acaso, um botão de punho ou até mesmo um alfinete. É natural que depois de tantos dias, não encontremos nada disso, mas iremos lá na mesma. As pessoas aceitam sempre falar quando ouvem o tilintar de moedas. Podemos também recorrer a outros métodos.*

escorpião negro . *O nome evoca um ser silencioso, astuto, de movimentos precisos, tenazes afiadas e cauda mortal, lustroso, difícil de identificar no escuro — o ambiente em que melhor se movimenta. Imagino-o astucioso, suave e*

sedutor nalguns momentos, noutros, desumano e cruel.

Volto a olhar para a chancela, tento pensar como o escorpião negro *, quero pôr-me na sua pele.*

II

Buenos Aires, sexta-feira, 3 de Janeiro de 1806

Roger Blackraven puxou a corrente, retirando o seu relógio do bolso.

Cinco e meia da manhã. Demasiado cedo. Certamente iria encontrar a sua casa em Retiro mergulhada no sono. Os criollos de Buenos Aires não tinham o hábito de se levantar de madrugada. O próprio senescal, Pascasio Bustillo e a mulher, Robustiana, apesar de não terem nada de criollos, eram gaditanos de gema, adoravam a farra, um bom vinho e um mexerico. Tinham trazido da península uma série de vícios que no Rio da Prata haviam aumentado. Ia ser obrigado a despedi-los. Não sabia porque não o fizera durante a visita do ano anterior.

Interessava-se pela prosperidade dos seus campos de Retiro. Procurava desenvolver a agricultura industrial naquelas terras generosas, assim como nos seus domínios de Antígua e de Ceilão. A propriedade que possuía nas margens do rio da Prata contava com uma nora que fornecia água aos campos e à casa. Embora o lagar e as duas azenhas ainda não tivessem começado a produzir, esperava vê-los a funcionar antes de deixar Buenos Aires. Transformaria as azeitonas e a linhaça em azeite, o linho e o cânhamo em fibras têxteis, as frutas e os vegetais em conservas, o trigo e os outros cereais em farinhas e os couros em produtos manufaturados — bridas, arreios, peças de vestuário, sapatos. Para este último projecto, construiria na zona dos armazéns, o que viria a ser a fábrica de curtume mais moderna dos vice-reinados espanhóis.

Os seus interesses não se relacionavam exclusivamente com negócios do foro econômico. anos antes, chegara ao rio da Prata numa missão de natureza muito delicada, durante a qual teve de lutar entre as vantagens de investir numa terra de possibilidades ilimitadas e a missão que a coroa Britânica lhe havia atribuído. Gostava de desafios. estava em permanente desafio, a desafiar a sua própria força, a sua sagacidade, o seu poder. era impiedoso consigo próprio e ambicioso. não admitia a derrota; esta não tinha lugar entre os seus planos. Despediria os Bustillo. não lhe serviam.

O caminho para a zona de retiro, conhecido como a calle larga, estava em péssimas condições, agravadas pela tempestade da véspera. Já tinham atravessado a frágil ponte de Matorras e ainda estavam vivos, o que não deixava de ser um milagre, tendo em conta as dimensões da carruagem.

Blackraven afastou a cortina e olhou à sua volta. a madrugada tingia o céu de um rosado vaporoso. abriu a janela e a brisa da manhã acariciou-lhe a face.

adorava aquele momento do dia. Bateu duas vezes com o seu estoque no tecto da carruagem e sobressaltou o cão que estava aninhado aos seus pés. o rosto familiar de Somar apareceu no postigo que estabelecia a comunicação entre a cabina e a boleia.

— Vamos parar um instante — determinou o inglês. — a escada, por favor, quero descer.

Somar fez um gesto de assentimento e o amarelo claro do seu turbante contrastou com a escuridão que ainda predominava a oeste. a carruagem balançou quando o homem saltou para o chão. ouviu-se o som metálico dos degraus a serem desdobrados e a portinhola abriu-se.

Antes de descer, Roger Blackraven, com um estalar de dedos, fez sinal ao seu cão, um terra-nova de porte magnífico e pelagem escura e abundante, para que o acompanhasse. o tamanho e a corpulência do cão intimidavam, mas era um animal fiel e carinhoso.

Blackraven esticou os braços e tentou acalmar-se. Já não estava muito longe da sua propriedade em retiro e não fazia ideia do que iria encontrar. Poucas situações o incomodavam tanto como aquelas que lhe provocavam insegurança e embaraço. incomodavam-no profundamente as coisas que escapavam ao seu controle. no mundo complicado e traiçoeiro em que se movia, a falta de planificação e o acaso podiam custar a vida a muita gente. Mantinha-se em permanente estado de alerta. a tranquilidade e a descontração eram luxos a que não podia permitir-se.

Na véspera, em casa do seu sócio, alcides Valdéz y Inclán, fora recebido com notícias que o tinham deixado furioso. a ordem meticulosa que ele instaurara antes de deixar Buenos aires, um ano antes, haviam-se alterado por completo e reinava um grande alvoroço nas suas propriedades e entre a sua gente.

A casa dos Valdéz y Inclán situava-se na calle de Santiago, esquina com a de San Martín, assim chamada em homenagem ao santo padroeiro de Buenos aires, Martín de Tours, a poucos quarteirões do Forte e da Plaza Mayor, uma zona considerada pelos entendidos como a melhor.

Agradava a Blackraven o modo como, tanto espanhóis como criollos, defendiam a grandeza de uma cidade que, em boa verdade, parecia um vilarejo. Mas era obrigado a admitir que ele próprio sofrera o inexplicável ascendente de Buenos aires que, além de não ter atrativos, apresentava inúmeras dificuldades: um porto inacessível, ruas impossíveis, um ambiente pestilento, matilhas de cães raivosos, montes de lixo e grandes colónias de ratazanas. Perguntou-se se o atrativo local residiria nas mulheres, regra geral bonitas, algumas delas cultas, a grande maioria apaixonada.

Sem dúvida, menos pacatas do que as inglesas. agradavam-lhe as portenhas,

os seus modos sem artifícios e melindres, não fazendo questão em ocultar a admiração que lhes suscitava um cavalheiro como ele.

Bateu duas vezes com a aldraba e ouviu uma correria lá dentro. Retorceu os lábios numa expressão de vaidade: as filhas de Valdéz y Inclán aguardavam-no ansiosamente. nessa manhã mandara um escravo avisar que chegaria por volta das quatro da tarde. tal como no ano anterior, iria encontrá-las no vestíbulo, alinhadas da mais velha para a mais nova, os olhos postos no chão e as mãos no regaço. as quatro eram promissoras, mas Elisea, a mais velha, era uma verdadeira beldade. entre as jovens, estava Bernabela, a esposa de Valdéz y Inclán, a quem todos chamavam dona Bela. Quinze anos mais nova do que o marido, parecia sua filha.

Contrastavam por vários motivos, pelo temperamento: animado o dela e severo o dele, pelo sorriso fácil de um e a expressão cortante do outro, pela pele de porcelana dela e a enrugada de alcides, cuja vida de aventuras lhe deixara marcas fundas no rosto e no corpo. contrastavam principalmente pela paixão que os olhos de âmbar de Bela refletiam, ao contrário dos de alcides, de uma cor escura, difícil de definir que só brilhavam e ganhavam luz própria quando viam dinheiro.

As mulheres de Valdéz y Inclán eram, sem dúvida, belos exemplares, mas o entusiasmo de Blackraven devia-se a um outro motivo: voltar a ver sua querida prima, Marie Teresse Charlotte Capet que escondia cuidadosamente há alguns anos sob o nome de Béatrice Solange Laurent e sob tutela de Alcides Valdéz y Inclán. Iria ver também Víctor, seu afilhado e protegido, ainda que aquele garoto de grandes olhos verdes lhe provocasse sentimentos tão contraditórios que o levavam muitas vezes a desejar não o ver.

Quem lhe abriu a porta foi o mordomo — uma excentricidade naquelas terras, de peruca branca e rigorosos gestos de etiqueta, sapatos de fivela de bronze e tacão alto. Blackraven divertia-se ao ver o bizarro quadro que representava Efrén naquela fatiota: a peruca empoada e a pele negra do escravo davam um tom profundamente dissonante. Era surpreendente que o homem calçasse sapatos e interrogou-se quanto tempo teria ele demorado até se habituar.

O mordomo fez uma vênia e com um movimento de braço fez-lhe sinal para que passasse.

— Obrigado, Efrén — disse.

O negro nem tentou segurar-lhe o estoque, pois conhecia o hábito de Blackraven, conde de Stoneville, de o conservar sempre. Limitou-se a retirar a leve capa de *durois*. Pouco depois entrou Somar, o ajudante inseparável de Blackraven, seguido de dois mulatos que transportavam vários caixotes. O mordomo lançou-lhes o mesmo olhar apreensivo que aquele infiel de turbante

lhe havia provocado anos antes.

As pequenas tatuagens nas maçãs do rosto, mesmo por baixo dos olhos, eram realmente intimidantes.

— Deixem os caixotes aí — declarou Somar aos mulatos num castelhano deficiente.

— Espera por mim no carro — ordenou Blackraven em inglês ao criado.

— Sim, milord — respondeu Somar, indicando a saída aos mulatos.

Blackraven deu alguns passos em direção ao vestíbulo, onde se deparou com o quadro imaginado antes de bater com a aldraba na porta: as quatro filhas, a mulher e o dono da casa.

— Excelência! — exclamou Alcides, caminhando de braço estendido, conhecedor que era do hábito inglês de apertar a mão como cumprimento.

O título "Excelência" era pretensioso e ridículo naquelas circunstâncias, mas a verdade é que Roger Blackraven tinha nascido conde e, mais cedo ou mais tarde se tornaria duque de Guermeaux, enquanto Valdéz y Inclán não chegava sequer a baronete. Os títulos nobiliárquicos impressionavam os habitantes do Rio da Prata e pouco importava que se afirmassem adeptos das ideias revolucionárias da França, quando acolhiam um aristocrata.

— Dom Alcides, que prazer em voltar a vê-lo — declarou Blackraven. — E a toda a sua família — acrescentou com uma inclinação de cabeça em direção às mulheres.

Dona Bela e Blackraven trocaram um olhar, o dela tão revelador quanto o dele inexpressivo. Em seguida, largou a mão do anfitrião e franziu o sobrolho, o que dotou seu rosto de uma dureza de que, naturalmente, não precisavam.

— E a minha prima, a senhorita Béatrice? — perguntou impaciente. — E o pequeno Víctor?

— Vai ver que... — apressou-se dona Bela a responder, mas Alcides interrompeu-a.

— Já vamos falar deles, Excelência. Estão bem, muito bem — apressou-se a acrescentar. — Queira passar, por favor, vamos até a sala, onde nos aguarda um bom chá.

— Espero que agrade… — balbuciou dona Bela. — O chá… — esclareceu, envolvendo-o num olhar fixo, sem pestanejar.

— Efrén — chamou Blackraven, como se fosse o anfitrião —, leva estas caixas para a sala. São alguns presentes para as senhoras.

Roger explicou a dona Bela que o conjunto de porcelana era proveniente da sua fábrica, recentemente inaugurada em Truro, uma cidade da Cornualha, no Sudoeste de Inglaterra, que por sua vez se abastecia com o caulino proveniente das pedreiras que um prospector tinha descoberto, tempos antes, nas suas terras

desta mesma região.

— Mas Sua Mercê não nos tinha dito que nas suas terras havia minas de cobre? — perguntou Alcides.

— E há — disse, sem alterar a voz. — Mas as minhas terras são muito vastas. As pedreiras de caulino estão a muitas milhas de distância das minas de cobre. Como sei — prosseguiu sem pausa — que as meninas gostam mais de chocolate do que de chá, trouxe-lhes do melhor que há na Jamaica.

Entregou a Elisea a caixa de madeira com o precioso conteúdo; ela tomou-o nas suas mãos inseguras, enquanto as pálpebras tremiam sem saber para onde olhar. "É lindíssima" pensou, apesar de, ao observá-la com mais atenção, ter reparado numa certa palidez doentia que lhe apagava ligeiramente o viço das maçãs do rosto e o tom carmesim dos lábios.

Dona Bela agitou com elegância a campainha, repreendendo a escrava por ainda não ter servido o chá.

— Nós vamos tomá-lo no escritório de dom Alcides — declarou Blackraven. — Se dona Bela o permitir — acrescentou com uma leve inclinação de cabeça.

Roger Blackraven não era o tipo de homem a quem se recusasse o que quer que fosse. Valdéz y Inclán pôs-se de pé e o convidado seguiu-o até a divisão a que chamavam "escritório". Sabia que a ausência da sua prima, a senhorita Béatrice, e do seu protegido, o pequeno Víctor, o aborreciam e que só a presença das mulheres o tinha impedido de perder as estribeiras. Mal o chá foi servido, Valdéz y Inclán apressou-se a perguntar: — Chegaste há muito tempo?

— Três dias.

Alcides arqueou as sobrancelhas. Regra geral, Blackraven apresentava-se lá em casa logo que chegava a Buenos Aires.

— Tiveste algum problema na alfândega? Agora a Inglaterra e a Espanha estão em guerra… — observou.

— Não, nenhum.

Fez-se um silêncio que Alcides se preparava para quebrar quando a voz grave e profunda de Blackraven inundou a sala.

— Diz-me onde está a minha prima e o meu afilhado. Já!

A atitude impositiva de Blackraven constrangia-o. Era como um César, temido e admirado, com aquele corpo de homem das galés e aquela cara de pirata. A impressão que causava não resultava dos seus títulos nobiliárquicos, nem do seu patrimônio, que ninguém sabia ao certo quanto valia. O que impressionava era aquela firmeza inamovível no seu olhar, o ar reflexivo que conseguia manter nas situações mais desesperadas, a voz carente de inflexões que utilizava de modo idêntico para elogiar e insultar, o desapego com que seduzia ou condenava à morte. Por outro lado, o seu fino sarcasmo, a sua

vocação para o gracejo e uma loquacidade viva que convencia qualquer um também eram características suas.

Roger Blackraven era também um homem de extremos. Não se caracterizava pela paciência nem pela tolerância. A sua natureza, geralmente afável, tornava-se tempestuosa, rugindo inclemente, quando as suas ordens não eram cumpridas ou quando os seus desejos não eram satisfeitos. Enfurecido, era um espetáculo imponente que valia a pena observar.

Dizia-se que Roger Blackraven continha a sua própria antítese. De qualquer modo — e isso era o mais admirável aos olhos de Valdéz y Inclán —, um ato de descontrole desproporcionado resultava de um plano deliberado e meticulosamente concebido. Nenhuma explosão de sentimentos, nenhuma expressão de indignação ou prazer faziam com que o seu coração vibrasse com mais intensidade do que uma xícara de chá, estando bem acomodado numa poltrona, como naquele preciso momento.

Em boa verdade, a única afirmação segura que se podia fazer, era que Roger Blackraven era um mestre da dissimulação.

— Vais ver, Roger — começou Valdéz y Inclán, e Blackraven percebeu o medo de Alcides.

Olhou-o por cima da xícara, a fim de o perturbar um pouco mais.

Gostava de jogar ao gato e ao rato.

— Eles estão bem, sério — insistiu.

Blackraven baixou os olhos, ocultando um sorriso pleno de sarcasmo. Ainda se lembrava bem da primeira vez que encontrara Alcides Valdéz y Inclán, bêbado e choroso, num bar de má fama, em Londres, onde acabava de perder o seu último *penny.* Falou-lhe em castelhano e ofereceu-se para o levar a casa. Foi Somar quem o ajudou a subir os degraus e a acertar com a chave na fechadura. Nessa noite conheceu a sua mulher, Bernabela, na altura uma jovem, e as pequenas Elisea e Marcelina cujas expressões de desolação o comoveram. Antes de se ir embora, tendo deixado Alcides a roncar num dos sofás da sala, entregou a Bernabela o seu cartão.

Valdéz y Inclán não era um jogador inveterado, tentara simplesmente equilibrar os seus desaires econômicos com as cartas e, inexperiente como era, tornara-se num petisco nas mãos dos jogadores profissionais que o depenavam. Na verdade, era um homem de inteligência viva, um observador atento, pouco dado a conversas. Blackraven ofereceu-se para lhe pagar as dívidas, salvando-o da prisão de Newgate, a troco de alguns serviços de pouca monta e Valdéz y Inclán aceitara. Sob a sua tutela, o espanhol revelou-se um administrador hábil e zeloso e depressa mostrou possuir outra virtude: a discrição. Esta ganhou importância sobre as outras e Blackraven soube aproveitá-la para questões de

maior complexidade. De dia para dia, Alcides Valdéz y Inclán tornava-se mais útil e mais importante.

À relação entre os dois homens não podia chamar-se amizade.

Blackraven não o respeitava. Usava-o, do mesmo modo que Valdéz y Inclán se servia da posição, do dinheiro e do talento para os negócios de Blackraven. Entre ambos havia-se estabelecido a sociedade perfeita na qual nenhum dos dois baixava a guarda com medo de ser destruído.

Blackraven conhecia os mais perversos segredos de Valdéz y Inclán e este, alguns dos mais delicados do outro. Havia anos que conviviam naquela espécie de casamento de conveniência e ninguém duvidava de que o fariam durante muitos mais anos.

Dos dois, era Roger Blackraven quem dava as cartas. Valdéz y Inclán era vulnerável e obediente devido à sua dependência econômica.

A casa onde vivia, os escravos que o serviam, as dispendiosas peças de vestuário que usava, os requintados petiscos que levava à boca, tudo provinha do bolso inesgotável de Blackraven que estimulava aquela dependência como o meio mais eficaz de o submeter. Valdéz y Inclán tratava dos seus assuntos, encarregava-se das situações complexas, apresentava-se como seu testa-de-ferro em diversos negócios e era magnanimamente recompensado. Se Alcides Valdéz y Inclán tivesse colocado o mesmo rigor na administração do seu próprio dinheiro, seria rico. Mas casado com uma mulher como Bernabela Coutinho, sendo pai de quatro filhas coquetes e tendo ainda a seu cargo uma cunhada solteirona e um cunhado preguiçoso e perdulário que era o ai-jesus de dona Bela, o dinheiro escorria-lhe como areia por entre os dedos.

— Vamos, fala! — declarou Blackraven, impaciente, levantando-se, com o estoque sempre debaixo do braço.

— Vou contar-te tudo desde o princípio para que possas compreender.

III

Confiando no bom gosto da senhorita Béatrice Laurent, Bernabela pediu-lhe que a acompanhasse à única loja decente da cidade. A mulher tinha um dom para combinar gêneros, desenhar fatos e fazer penteados armados que, mais tarde, as outras desejavam copiar. Mesmo que uma determinada peça de tecido lhe desagradasse, Bernabela comprava-a, pois na próxima tertúlia, o seu vestido seria considerado o melhor.

Havia algo na natureza da senhorita Béatrice que fazia dela uma mulher superior. Aquela expressão de orgulho, sem soberba, colocava-a muito acima de qualquer das mulheres do círculo dos Valdéz e Inclán, e pouco importava que se tratasse da parente pobre de Blackraven. Ninguém se atrevia a fazer referência à sua qualidade de "acolhida", porque quando fossem tocados pela suavidade e delicadeza de Béatrice ficavam como que enfeitiçados e não mais se lembravam disso. Béatrice era, sem dúvida, uma espécie de princesa desterrada que todos gostavam de confortar no exílio. Possuidora de um andar altivo, muitas vezes, quando se irritava, gaguejava numa das suas duas línguas: o francês ou o alemão.

Costumava condenar o mau gosto e a ostentação e impacientava-se com as pessoas pouco cultas, ainda que logo a seguir prevalecessem os princípios da humildade e da tolerância que a mãe lhe tinha transmitido.

Nessa tarde, quando Bernabela lhe pediu que a acompanhasse à loja, Béatrice pôs como condição que o pequeno Víctor fosse com elas. Bernabela aceitou de má vontade e lá foram os quatro, pois Leonilda, irmã pobre e solteira de dona Bela também se juntou ao grupo. Anita, a moleca , propriedade de Béatrice, corria atrás delas. Não tinha mais de oito anos.

Apesar de não se tratar de um dia de calor, a loja do francês Aignasse estava um forno e o ar ficara viciado devido ao braseiro que havia numa das extremidades do balcão. O espaço, de reduzidas dimensões, parecia ainda mais pequeno devido à quantidade de mulheres ali presentes naquela tarde. Bernabela conhecia-as todas, com excepção de uma garota que, um pouco mais afastada, apreciava um artigo e conversava com a mulher do lojista. Só conseguia vê-la de perfil, mas tinha a certeza de que não a conhecia.

Ali, encontrava-se Marica Sánchez de Velazco, recentemente Compson, que Bernabela muito admirava, pois conseguira algo que ela não lograra conseguir: casar-se com quem queria e não com o parente velho que os pais pretendiam impor-lhe. Não tinha sido fácil: lutas, guerras, clausuras em conventos, até que

se obteve um juízo favorável a Marica e ao seu noivo, Martín Jacobo Compson. A contenda, que se arrastou durante vários anos, terminou quando o vice-rei Sobremente emitiu uma dispensa que permitiu que Mariquita levasse a sua avante.

— De fato — apontou a senhora Compson —, aqui me tens, querida Bela, a comprar algumas coisas para redecorar a minha casa ao gosto de Martín.

Casimira Marcó del Pont e a senhora de Escalada aproximaram-se com afabilidade e perguntaram: — Quem é aquela jovem, a que está a conversar com a senhora Aignasse?

— Estava a fazer a mesma pergunta a mim própria — admitiu Bernabela.

— É a primeira vez que a vejo — assegurou Marica Sánchez. — Tem um cabelo um pouco estranho, não acham? Que cor é aquela ao certo?

— Não é louro — afirmou Casimira —, mas também não é castanho.

Tem madeixas avermelhadas. Como é abundante! — exclamou. — Parece que se solta das travessas.

Nenhuma comentou, embora todas tivessem reparado, que o perfil da jovem apresentava feições muito delicadas e regulares. Embora de perfil, apercebiam-se de que o seu olhar era demorado, como se tivesse dificuldade em mover as longas pestanas escuras. O nariz parecia de uma boneca de porcelana, pequeno e perfeito, salpicado de pequenas sardas. A boca chamou-lhes a atenção, talvez pela coloração natural, de um vermelho quase escandaloso, ou talvez por os lábios serem carnudos como a polpa de uma fruta madura. Para elas, as mulheres de lábios finos e pálidos eram o expoente máximo da beleza, os carnudos e avermelhados pertenciam às africanas.

Em seguida, repararam no rapazinho agarrado às suas saias, que lhes lançava olhares que não sabiam interpretar; Advertência? Medo? Talvez fosse o seu filho, pois a semelhança era notável. Não conseguiam detectar-lhe a idade, ainda que pudessem afirmar que tinha uma natureza adoentada. Pálido e muito magrinho, respirava como se tivesse acabado de correr vários quilômetros e apresentava a testa molhada de suor.

— Oh, senhorita Laurent! — exclamou Marica, indo ao encontro de Béatrice que, um pouco afastada, espreitava curiosa pelo meio dos cortes de tecido. — Boa-tarde — cumprimentou em francês. — Como está? Que surpresa agradável encontrá-la aqui. Há muito tempo que não a via.

Marica Sánchez adorava exibir o seu sotaque francês. Béatrice teria preferido que ela não o fizesse. A pronúncia era horrível e deixava irritada, mas mostrou-se cordial e respondeu a todas as perguntas.

A dada altura ouviu-se uma pancada seca, como se um objeto maciço se tivesse abatido sobre as tábuas de madeira. Seguiu-se um sapateado frenético e

contínuo. Víctor, caído no chão, sofria mais um dos seus ataques de epilepsia. Sacudia-se, revirava os olhos e espumava.

Foi a maior confusão de gritos e pontapés. Dona Bela, como de costume, desmaiou. A sua irmã, a senhorita Leonilda, correu a ajudá-la.

Béatrice Laurent olhava fixamente para o menino sem compreender. Instalara-se o caos e a confusão, ao mesmo tempo que se estabelecia uma enorme algazarra à volta do doente. Ouvia-se por entre gritos: “Chamem o doutor O’Gorman!”, “Chamem um sacerdote! O miúdo tem o diabo no corpo.”

A jovem de cabelo estranho abriu caminho, sentou-se no chão, sobre os calcanhares e, com uma força extraordinária, puxou o menino, apoiando a cabeça dele em suas pernas e colocando-o numa posição lateral.

Víctor continuava com convulsões e era difícil mantê-lo seguro. O seu pequeno corpo contorcia-se e os seus olhos reviravam-se.

— Senhor Aignasse — disse a jovem com um autocontrole admirável —, por favor, segure-lhe as pernas.

Ao som da sua voz — um tom grave, quase masculino, seguiu-se um silêncio surpreendente. O lojista agachou-se de imediato e agarrou Víctor que continuava descontrolado.

— Um lenço — pediu. — Alguém me dê um lenço e essa vara de madeira — e apontou para a vara de medir os cortes de tecido.

Béatrice Laurent respondeu de imediato ao pedido peremptório da jovem, entregando-lhe o seu lenço de linho, enquanto a senhora Aignasse lhe estendia a vara.

— Vou buscar sais.

— Sais não… — disse a jovem. — Amoníaco.

— Muito bem — respondeu Béatrice que saiu da loja com a moleca a chorar atrás.

A jovem limpou a grande quantidade de saliva que escorria pelas comissuras dos lábios de Víctor e, com alguma dificuldade, colocou-lhe a vara na boca para evitar que ele mordesse os lábios e a língua. Perante tal gesto, as mulheres tiveram uma expressão de repulsa e várias delas voltaram a cara.

Agora parecia que a jovem lhe falava ao ouvido. Não sabiam o que estaria a dizer-lhe até que se aperceberam que lhe cantarolava uma canção ao mesmo tempo que se movia para lhe ajeitar melhor a cabeça. O silêncio tornara-se mais profundo e a voz adquiria potência. Todos, incluindo o menino que começava a aquietar-se, estavam subjugados pelo encantamento daquela estranha voz, melodiosa e grave. Cantava numa língua desconhecida de vocábulos duros, cuja toada doce parecia uma canção de embalar.

As convulsões de Víctor diminuíram até que o menino mergulhou numa

sonolência inquieta. A boca mantinha-se entreaberta e, pelos cantos dos olhos, insinuava-se a íris. O seu peito subia e descia como um fole enlouquecido. A jovem acariciava-lhe o cabelo, beijava sua testa e secava seu o rosto.

— Aqui está o amoníaco — anunciou Béatrice, entregando-lhe o frasco de vidro já destapado.

— Obrigada — disse, e passou-o debaixo do nariz do menino, que se mexeu com espasmos. — Tome — e estendeu o braço para a senhorita Leonilda. — Para a reanimar — indicou, apontando para dona Bela.

— A minha criada — disse Béatrice Laurent — foi chamar o cocheiro.

Não temos forças para levá-lo até em casa.

— Onde moram, senhora?

— Na calle de Santiago, esquina com a San Martín.

— Não convém esperar. Eu o levo. São só alguns quarteirões.

— Oh, não! — opôs-se Béatrice. — É demais.

— Sou uma mulher forte — declarou sem presunção, pegando o menino com a ajuda do senhor Aignasse. — Vamos, Jimmy — disse em inglês, como se falasse com seu filho.

A senhorita Leonilda e dona Bela preferiram ficar na loja de Aignasse à espera do carro. Bernabela, sentada num sofá, era assistida pela irmã que, em gestos alternados, a abanava com o leque e lhe passava o amoníaco sob as fossas nasais.

— Oh, basta Leo! — queixou-se. — Não me massacres mais com essa coisa que cheira mal.

— Quem é aquela garota? — insistiam as mulheres, enquanto o senhor e a senhora Aignasse encolhiam os ombros e abanavam negativamente a cabeça.

— Falou ao miúdo em inglês — esclareceu a senhora de Escalada.

— Que língua tão estranha era aquela em que cantava? — perguntou a Marcó del Pont.

A poucos metros de distância da casa de Valdéz y Inclán, Béatrice avistou o carro que partia veloz em direção à loja. Anita, que corria atrás do carro, parou ao ver a patroa à porta de casa.

— Vicente já vai pra lá na Béatrice.

— Eu sei, Anita. Vimo-lo passar. Vá, menina, não fiques aí. Bate com a aldraba a ver se Efrén nos abre a porta.

Efrén tomou Víctor nos braços e levou-o para o quarto, enquanto Béatrice dava ordem à moleca que fosse a correr chamar o doutor O'Gorman.

— Porque teria de acontecer isto logo hoje — lamentou-se Béatrice. — Já há tanto tempo que não tinha um ataque. Pobre Víctor.

O ar estava muito viciado dentro da loja — observou a jovem.

— Não sei o que teria acontecido se não estivesse aqui! — exclamou Béatrice, pegando suas mãos. — Que calma revelou, que autocontrole. Eu fiquei atarantada a olhar. Meu pobre menino. Obrigada, obrigada!

Como soube o que era preciso fazer?

— Estou habituada — foi a enigmática resposta.

— Como se chama?

— Melody.

— Melodie? — repetiu Béatrice com um claro sotaque francês. — Fala inglês?

— Sim. Este é o meu irmão, Jimmy.

— O menino Víctor está chamando, senhorita Béatrice — interveio Efrén.

— Temos de ir — declarou Melody.

— Oh, não, nem pensar nisso — opôs-se Béatrice. — Mandarei o cocheiro levá-los onde quiserem.

— Não. Preferimos ir a pé.

— Prometa-me — suplicou Béatrice — que voltará amanhã a esta mesma hora. Quero que Víctor conheça a sua salvadora.

No dia seguinte, à mesma hora, Melody e Jimmy bateram à porta da casa dos Valdéz y Inclán. A família aguardava-os na sala, incluindo Alcides que aceitara conhecê-la, influenciado pela conversa que mantivera na véspera com a senhorita Laurent.

— Sua Excelência vai gostar que uma garota de língua inglesa se ocupe de Víctor.

— Sua Excelência vai é ficar furioso por deixarmos entrar em casa uma desconhecida. Além disso, que base temos para supor tratar-se de uma jovem sem família nem meios?

— A avaliar pelo modo como se veste, posso afirmar efetivamente que é muito pobre. Se ela estiver de acordo, quero essa garota como preceptora de Víctor. Lidou com ele de uma maneira tão hábil ontem na loja que creio que se sobrevier um novo ataque não ficaremos tão receosos.

— Senhorita Béatrice — resmungou Alcides —, a senhorita melhor do que ninguém sabe como a nossa situação é delicada. Não temos a menor informação sobre essa garota. Talvez não saiba ler nem escrever. Quem é? De onde veio? Melody, que nome é esse? — protestou impaciente.

— Não é um nome. É assim que a chamam. Amanhã saberemos tudo o que for necessário — teimou Béatrice e, pela evidente determinação do seu olhar, Valdéz y Inclán teve a certeza de que a tal Melody ia acabar por ser a preceptora de Víctor.

Sentaram-se. O próprio irmão de dona Bela, Diogo Coutinho, sentiu

curiosidade e fez questão de estar presente na sala. Observava Melody com tal persistência, que Leonilda lhe deu uma cotovelada nas costas.

Alcides achava também que ela era dona de uma beleza peculiar, mas a sua opinião não transparecia na sua expressão de severidade.

Pouco depois, uma escrava acompanhou Víctor até Melody.

O menino fez uma pomposa reverência e, sem levantar os olhos, disse "Obrigado, Miss Melody", como tinha sido instruído pela senhorita Béatrice. Melody levantou-lhe o queixo e obrigou-o a olhá-la nos olhos. Para espanto de todos, afastou-lhe a franja da testa e acariciou-lhe o rosto. Os olhos de Víctor brilharam, entre a surpresa e a felicidade, porque embora a senhorita Béatrice o tratasse muito bem e a negra Siloé o mimasse com geleias proibidas, raramente lhe tocavam. Para ele, aquela carícia foi tão saborosa como um frasco cheio de compota de ambrósia. Mais doce ainda, muito mais. A mão de Miss Melody era suave e morna, como ele imaginava a da sua mãe.

— De nada, Víctor — respondeu Melody, acrescentando em seguida: — Este é o meu irmão, Jimmy.

Melody começou a trabalhar dois dias depois. Bastou garantir que sabia ler, escrever — em castelhano e inglês —, contar, tocar piano e harpa, que os seus pais já tinham morrido e que estava hospedada em casa de uma tia que não podia continuar a mantê-la, para que Béatrice se convencesse de que não havia ninguém melhor para Víctor do que Miss Melody e até mesmo para as filhas de Valdéz y Inclán que apresentavam falhas imperdoáveis de educação. Nenhuma das partes colocou objecções, pelo que o acordo foi selado em menos de meia hora, acordando num salário de oito reais por semana. Nem sequer houve oposição, quando Melody exigiu que o seu irmãozinho Jimmy ficasse a viver com ela e que o seu alazão fosse instalado no estábulo da casa. Perante a surpresa de Alcides face à segunda petição — era inverosímil que uma mulher tão humilde possuísse um cavalo —, a jovem explicou que o animal era tudo o que lhe restava do pai e que nada faria com que se separasse dele; que só queria alojamento.

— Como disse que era o seu nome? — insistiu Valdéz y Inclán, aproximando dela uma pena e um papel.

— Isaura Maguire.

— Como?

— Isaura Ma-gua-ier. É assim que se pronuncia. Escreve-se Maguire. É um nome irlandês.

— Mas todos nós a chamaremos Miss Melody — intercedeu Béatrice, dispensando-lhe um sorriso suave.

Nessa noite, Melody pousou as mãos nos ombros de Jimmy e disse-lhe: —

Sei que foi perigoso dar meu nome. Mas não havia outra alternativa, ou não teriam me contratado. Precisamos deste trabalho, Jimmy. Caiu do céu. Papai e mamãe que nos enviaram.

— Nesse dia começaram os meus problemas — assegurou Valdéz y Inclán.

— Uma jovenzinha de... quantos anos disseste?

— Vinte e um.

— E uma preceptora de vinte e um anos alguma vez é um problema?

— zombou Blackraven.

— Não é uma preceptora de vinte e um anos, é um turbilhão. Uma tempestade. Tu ainda não a conheces, mas vais ver.

A vida da família Valdéz y Inclán dividiu-se entre o antes e o depois de Miss Melody. Víctor afeiçoou-se a ela desde o princípio. Aliás, desde antes, pois na noite do dia em que ela lhe afastara a franja da testa e lhe acariciara o rosto, sonhou longamente com ela e acordou com um sorriso nos lábios. Semanas mais tarde, enquanto Melody lhe aconchegava a roupa, pediu: — Quando ninguém nos ouvir, posso chamá-la de “mãe”?

— Claro que podes.

— E a Miss Melody pode me chamar de ”filho”?

— Claro que posso.

— Eu não conheci a minha mãe, a minha mãe *verdadeira*. Não sei onde ela está.

— Deve ser uma grande mulher para ter tido um filho como tu. Queres rezar por ela? — O menino assentiu e fizeram o sinal da cruz. — Senhor, protege a mãe de Víctor, onde quer que ela esteja e se já abandonou este mundo, permite que ela partilhe contigo a glória eterna. Amém.

— Amém. Podemos rezar outra vez amanhã?

— Rezaremos todas as noites. — Melody beijou a testa dele e se despediu: — Bons sonhos, meu filho.

— Boa-noite, mãe.

Com o tempo, ocorreu uma divisão natural entre os residentes da casa: os que apoiavam Miss Melody e os que a queriam no meio da rua.

Porque, entre outras coisas, Miss Melody era incapaz de inspirar indiferença: ou a amavam ou a detestavam.

Dona Bela, por exemplo, detestava-a. Por um lado, era um alívio que ela se ocupasse de Víctor e o mantivesse afastado. Aquele menino sempre a inquietara desde o dia em que, com três anos de idade, lhe fora posto nos braços por Blackraven que o trouxera sabe-se lá de onde. Bernabela imaginava tratar-se de um seu bastardo, mas Alcides repetia vezes sem conta que não, que era apenas seu protegido e afilhado. Em boa verdade, não havia qualquer semelhança física.

Os cabelos louros e os olhos verdes de Víctor em nada se pareciam com os cabelos negros de Roger nem com os seus olhos azuis. No entanto, a dessemelhança física não impedia que Blackraven o tivesse gerado. Era o caso da filha mais nova, Angelita, tão sua filha como as outras três e uma assombração como o pai.

Ao fim e ao cabo, desde a chegada de Miss Melody, Bernabela tinha uma preocupação a menos: Víctor e os seus ataques, Víctor e a sua educação deficiente, Víctor e os seus olhares sibilinos, Víctor e os seus comentários insólitos. Mas a preceptora incomodava-a. Tornava-se intolerável a influência que, de dia para dia, adquiria sobre os seus. Não só a senhorita Béatrice manifestava uma grande simpatia por ela, como também, com o tempo, se lhe foram juntar o seu adorado Diogo, Leonilda e Angelita, para já não falar nos inúmeros escravos que a veneravam como se fosse a própria rainha de Sabá.

Melody acabou por ganhar o ódio eterno de dona Bela na noite em que foi até o pátio dos senhores e abriu a pequena porta da gaiola dos pássaros. Na manhã seguinte não havia um único.

Aquela gaiola dourada, enorme e majestosa, repleta de pássaros exóticos, constituía o maior orgulho de Bernabela. As suas amigas passavam imenso tempo a admirar e a invejar os exemplares que Blackraven lhe trazia de lugares recônditos. Alguns, possuidores de uma estranha morfologia, não pareciam reais. “A gaiola dos pássaros raros”, assim batizada pelas portenhas tinha-se tornado a desculpa dos viajantes para visitarem os Valdéz y Inclán. As tertúlias na casa da calle de Santiago eram mais amenas graças aos trinados variados e melódicos e à profusão de cores e plumagens. A nota era dada por um macho das aves-do-paraíso, considerado o pássaro mais belo do mundo, mas contava também com um rouxinol e o seu canto sublime, com uma calhandra, uma alvéloa, dois tordos, vários estorninhos, alguns picanços e um par de pegas, exclusivamente alimentadas com bagas de azinheira.

Ao encontrar a gaiola vazia, Bernabela reagiu como era de esperar: desmaiou. Diogo levou-a em braços para o quarto, onde Leonilda a reanimou com sais. Chorou, praguejou e teve um ataque de histeria até que, mais senhora de si, pediu à irmã que lhe fosse buscar o chicote de três correias para açoitar Toribia, a escrava encarregada de limpar a gaiola e alimentar os pássaros.

— Toribia não tem culpa nenhuma, dona Bela — assegurou Melody.

— Fui eu que abri a porta da gaiola.

Bernabela não entendeu de imediato o que Melody lhe dizia. Ficou a olhar para ela com ar aparvalhado, o chicote pendurado na mão.

— Por quê? — conseguiu balbuciar Leonilda.

— Porque não era justo estarem enclausurados quando nasceram para voar e

ser livres.

Bernabela soltou um grito estranho e sacudiu o látego em direção à cara de Melody, mas como era muito mais baixa, apenas lhe provocou alguns vergões no pescoço. Diogo agarrou-a por trás e ordenou à preceptora que saísse dali. Os gritos agudos de Bernabela eram tão fortes que o irmão teve de lhe enfiar a cabeça numa bacia, ameaçando chicoteá-la também, ali mesmo, se não se calasse imediatamente. Nessa noite, quando voltou do edifício em construção para a fábrica de curtume, Valdéz y Inclán chamou à sua presença Melody e Bernabela. Naturalmente, a senhora Béatrice já lá se encontrava.

— O que fez não tem perdão — declarou o homem. — Queira pegar nas suas coisas e sair desta casa amanhã mesmo, logo de manhã cedo.

Poderia denunciá-la. Algumas daquelas aves não tinham preço. Não sei o que vou dizer ao senhor conde de Stoneville quando ele vier.

— Miss Melody tem razão — interveio Béatrice com firmeza. — Nenhum ser, a menos que tenha cometido algum crime, merece estar prisioneiro. Os pássaros estão bem onde estão. Miss Melody fica.

— Compreendes agora — disse Alcides, apelando à racionalidade de Blackraven — por que motivo afirmo que essa jovem é um turbilhão?

Para cúmulo dos cúmulos, como pudeste ver, a senhorita Béatrice dá cobertura a todas as suas decisões tresloucadas.

Blackraven não lhe respondeu. Manteve-se em silêncio, enquanto afagava a boca com o punho, pensativo. Valdéz y Inclán não se atreveu a interromper a sua meditação. Não parecia incomodado com a perda dos pássaros, tinha antes ar de quem examina uma questão de importância capital. Com Blackraven nunca se sabia ao certo. Imerso naquela tranquilidade, bem podia estar a planejar estrangular Miss Melody com as suas próprias mãos.

— Nada disso responde à minha pergunta — declarou por fim num tom impaciente. — Onde estão a minha prima e o meu afilhado?

— Estão na herdade. Em Retiro.

— Como?

— Há dois meses. Desde os primeiros dias de Novembro que estão em El Retiro.

— Naquele lugar remoto? No meio daquele marasmo infestado de alimárias e trapaceiros? E tu deixaste-os ir? — Mostrava-se mais surpreso do que irritado.

Pôs-se de pé. Alcides imitou-o com ligeireza, afastando-se em direção contrária e a esfregar as mãos. Ainda tinha de passar pelas Horcas Caudinas.

Na opinião de Blackraven, era preciso aumentar a população de escravos, tanto a da cidade como a do campo, em Retiro. Principalmente a do campo. E não podiam esquecer a futura fábrica de curtume, cujo edifício em construção

deveria estar terminado em finais de 1806.

A mão-de-obra tinha uma relevância fundamental nos seus planos.

Tanto os trabalhos agrícolas como os da salga iriam exigir grandes quantidades de escravos, à semelhança do que ele tinha visto nas plantações de algodão dos estados da Carolina do Sul e da Geórgia, na América do Norte. Centenas e centenas de negros a trabalhar a terra, nos moinhos, nas fábricas de curtume, nas pastagens, nas atafonas, a lavrar, a cultivar, a colher e a armazenar. Quanto aos escravos da cidade, reservaria uma boa parte para que aprendessem diversos ofícios. Os restantes destinar-se-iam ao serviço doméstico.

Tornava-se, portanto, imperativo, aumentar a quantidade de escravos, não só através da compra em leilões, mas também fomentando a natalidade. Como os escravos que desciam dos barcos negreiros chegavam, regra geral, mais mortos do que vivos, era uma verdadeira proeza encontrar um em bom estado. Por isso, Blackraven pretendia estimular os nascimentos entre a sua gente, pois, tratados e alimentados, dariam bons frutos. Ainda que fosse preciso esperar alguns anos até aquelas crianças poderem trabalhar, viriam a ser homens fortes equivalendo cada um a três dos que chegavam do continente africano.

— Compre vários negros com ar de garanhões — ordenou a Valdéz y Inclán. — Pague o que for necessário, mas traga-os. Vá ao Rio de Janeiro se preciso for. Mal os tenha, ponha-nos a trabalhar. Que cubram todas as escravas férteis. No meu regresso, quero vê-las prenhes.

Valdéz y Inclán detestava os leilões de escravos. O espetáculo deplorável de negros e negras doentes, cheios de chagas e pústulas, era rematado pelo fedor que se soltava dos seus corpos besuntados de urina e fezes. Ah, aquele fedor impregnava-lhe as fossas nasais durante dias e dias, por mais água-de-colônia inglesa que pusesse depois de se barbear.

Por isso, enviava o cunhado, Diogo, esse parasita libertino, para lidar com toda aquela pestilência e imundície e assim ganhar uma pequena parte do sustento que tão facilmente recebia graças à proteção da sua irmã Bela.

Com o tempo, Diogo revelou grandes qualidades a comprar e a lidar com os escravos. Temiam-no como se fosse o próprio demônio. Tratava-os com tal severidade que muitas vezes era preciso chamar o curandeiro, ou quimboto como o denominavam os negros, para lhes consertar os ossos ou coser os ferimentos. Ficavam muito satisfeitos quando o patrão Roger os visitava, porque na sua presença dom Diogo não os maltratava. No entanto, nenhum deles se atrevia a denunciar os abusos com receio das represálias que certamente se fariam sentir depois da partida do conde inglês. Porque ele ia-se sempre embora, nunca ficava mais de dois ou três meses.

Depois da chegada de Miss Melody, a situação tomara um novo rumo e não

fora preciso tornar a chamar o Papá Justicia, o quimboto de melhor reputação entre as confrarias e as comunidades. A verdade é que o patrão Diogo morria de amores por Miss Melody e fazia tudo o que ela lhe pedia. E ela intercedia sempre por eles, salvando-os dos espancamentos de que, no passado, teriam sido alvo.

— Obrigada, dom Diogo — dizia ela sempre que ele suspendia um castigo.

Fascinava-o a cadência castelhana que o seu nome português adquiria nos lábios de Miss Melody. Aquele dom "yogo" soava como música aos seus ouvidos. "dom Yogo, dom Yogo" ouvia uma e outra vez, enquanto imaginava como seria bom beijar a boca úmida de Miss Melody.

Diogo Coutinho montou o seu cavalo malhado disposto a participar num leilão longamente anunciado na zona dos armazéns, a sul da cidade, nas margens do Riachuelo. As ordens do seu cunhado tinham sido bem claras: garanhões e mulheres férteis. Mais atrás, a um ritmo mais lento, seguia a carroça que ele contava trazer carregada de escravos jovens e saudáveis.

— Como se fosse a coisa mais fácil deste mundo! — protestou em voz alta. Mas tinha bom olho e, no meio de todo aquele lixo humano, distinguiria os que poderiam servir os fins de Blackraven. Tirou do bolso a pequena lata com aquela pasta de resina que o boticário lhe tinha preparado e untou as fossas nasais. O ar tornou-se subitamente gélido e sentiu um calafrio.

Apeou-se e entrou na sede da Real Companhia das Filipinas, dirigida por Martín de Sarratea. Tacteou o peito, junto ao coração e constatou que o avultado saco de moedas continuava no mesmo lugar. Passeou o olhar pela fila de negros em exposição no estrado onde estava instalado o leiloeiro. Sem necessidade de recorrer a nenhum médico, percebeu que apenas dois lhe serviam: um negro alto e magro e uma negra que não devia ter ainda vinte anos.

— Assumam as suas posições, senhores! — anunciou o leiloeiro. — Hoje vão rematar-se à conta da Real Companhia das Filipinas, estes vinte e três negros.

Dom Diogo guardou silêncio até chegar a vez dos escravos que tinha selecionado. Apesar de terem sido disputados por vários licitantes, a licitação terminou a seu favor.

— Ambas as peças vendidas ao senhor Alcides Valdéz y Inclán pela quantia de mil pesos! — uma pequena fortuna.

Os escravos subiram para a carroça. O homem era um negro feito escravo havia pouco tempo e que tinha vindo diretamente da costa africana, não sabia falar castelhano e não compreendia o que lhe estava a acontecer. Diogo não precisou que lhe dissessem que se tratava de um elemento da tribo Yolof. O seu aspecto magnífico — alto, magro, de membros fibrosos e pele retinta —

denunciava a sua origem. Passou-lhe um pano úmido pelo braço para confirmar o que já sabia: não tinha sido untado com pólvora para lhe melhorar o aspecto. A tonalidade saudável dos seus membros era verdadeira. Alcides iria ficar satisfeito, e ele evitaria dizer-lhe que se tratava de um elemento yolof, pois estes tinham fama de soberbos, conflituosos e rebeldes. Tinha sido um grupo de yolofes que protagonizara o primeiro motim de escravos em 1522 em La Española e, embora os tivessem dominado facilmente, não deixaram de voltar a tentar até que uma disposição régia proibiu a importação dos exemplares daquela raça por "esta casta de negros soberbos, desobedientes, revoltosos e incorrigíveis ser a causa das rebeliões dos negros e de mortes de cristãos". A disposição acabou por ser posta de parte, pois a escassez de escravos impossibilitava os critérios seletivos.

Antes de zarpar do porto no Benim, os negros foram baptizados em massa, tendo sido espargida sobre eles água benta, enquanto lhes gritavam os seus novos nomes. Àquele yolof tocara o nome de Servando.

A garota, por seu turno, era uma *ladina*, ou seja, já se tinha relacionado com cristãos e falava português, língua materna de dom Diogo.

Chamava-se Miora. Nascida em África, tinha sido caçada quando ainda era muito pequena, na região de Angola dominada pelo rio Cuanza, indo depois parar a uma fazenda em Minas Gerais no Sudeste do Brasil.

Diogo ficou surpreendido com a sua beleza que em nada se assemelhava à das damas que havia à sua volta. Tratava-se de uma beleza que falava de desejo e excessos, de luxúria e paixões proibidas. Miora era uma fêmea magnífica, capaz de dar a volta à cabeça de ricos e pobres, brancos e mulatos.

Valdéz y Inclán veio até a rua para receber o cunhado e viu Miora de pé, na carroça, pronta para descer. A jovem levantou a saia e a pele lustrosa das suas pernas, mais escuras nos joelhos, brilhou ao sol. Saltou. Os seus músculos firmes agitaram-se. Deixou cair a saia. O olhar de Alcides subiu até os seios voluptuosos e deteve-se nas suas feições doces. Os seus olhares cruzaram-se e a escrava baixou rapidamente os olhos. Alcides teve uma ereção. "Esta", disse para si mesmo "vou cobri-la eu."

Servando e Miora entraram pelo portão da cocheira. Um grupo de escravos aguardava-os no terceiro pátio. Murmuravam enquanto examinavam, curiosos, os recém-chegados. Valdéz y Inclán pôs a mão sobre o braço do cunhado e chamou-o à parte.

— A garota nova é minha. Quero-a num quarto separado, aquele que fica mais afastado da cozinha.

— Está bem — respondeu Diogo. — Teremos de chamar o Papá Justicia. Servando não fala uma única palavra de língua cristã. Precisaremos da sua ajuda.

— Faz o que tem de ser feito. Mas quero esse negro a copular com as escravas já esta noite se possível. Com excepção da nova, dessa eu mesmo me encarrego. Quando Blackraven chegar quero-as todas grávidas. Ah — disse, voltando-se —, como se chama a nova?

— Miora.

— Dá ordem para que lhe deem banho, lhe mudem a roupa, queima as que tem vestidas e manda-a ao meu escritório para me preparar o mate. Não tem nenhuma doença, não é?

— Alguma vez te trouxe escravos doentes?

— Tens razão. Fazes bem o teu trabalho.

Papá Justicia apresentou-se nesse mesmo dia, ao anoitecer. Melody recebeu-o com a afabilidade habitual e, pegando-lhe nas mãos, brindou-o com um olhar compungido.

— Oh, Papá Justicia, tudo isto é tão triste. Hoje compraram uma garota e um homem ainda jovem. Ela, coitadinha, só fala português. Já se esqueceu da sua língua materna e o homem... Bem, ele ainda não disse palavra. Dom Diogo acha que é senegalês, mas sabes bem a quantidade de dialectos que existem. Trouxeste o óleo que te pedi? Ainda têm a marca do ferrete em carne viva. Porque continuarão com esta prática desumana, meu Deus, se o próprio rei a proibiu?

Melody lamentava o uso do ferro em brasa para marcar os escravos com os símbolos distintivos da companhia importadora e do proprietário. Alguns apresentavam várias destas marcas, inclusive no rosto. Por decreto real de 1783, o rei D. Carlos III havia condenado e proibido esta prática, mas a verdade é que a marcação continuava.

Miora sabia costurar. A sua antiga ama ensinara-lhe o ofício. Não demorou muito tempo até perceberem que a sua destreza com a agulha não se limitava a um belo cerzido invisível e que a jovem cortava e confeccionava com grande habilidade. Miora fazia provas às senhoras e atendia as exigências de dom Alcides que a chamava cada vez com mais frequência ao seu escritório, a maior parte das vezes para lhe preparar o mate, outras para lhe massajar os pés, cortar-lhe o cabelo ou fazer-lhe a barba.

Tratava-a com circunspecção, mas nunca lhe levantava a voz nem lhe batia. Ensinava-lhe mesmo algumas palavras em castelhano que ela assimilava com rapidez. “Garota esperta”, murmurava, dando-lhe palmadinhas na bochecha.

Com o passar do tempo, Miora perdeu o medo que a havia dominado no primeiro dia, quando os seus olhares se cruzaram. Não queria lembrar-se daquele olhar. Queria esquecê-lo. O patrão Alcides não era o homem mau que vira refletido nos seus olhos. Tinha de ter cuidado era com dom Diogo, contra ele já a

tinham prevenido, e contra a negra Cunegunda, uma criatura perversa que praticava magia negra. A sua preferida era Miss Melody, como o era de todos os outros, com excepção de Cunegunda, do seu filho Sebas e da negra Gabina que achava que dom Diogo lhe pertencia porque lhe aquecia a cama de vez em quando.

Miora nunca conhecera um branco como Miss Melody. Nem dona Catarina, a sua antiga ama a tratara com tanto carinho e respeito. Em boa verdade, dona Catarina não a respeitava. Aí residia a grande diferença em relação a Miss Melody. Ela afirmava que os africanos, como lhes chamava — jamais se referindo a eles como escravos ou negros —, eram pessoas. A verdade era essa: Miss Melody respeitava-os porque os considerava seus iguais. “Que ideia tão disparatada!”, matutava Miroa. “Nós e os brancos, iguais.” E sorria, abanando a cabeça.

Um dia, quase dois meses depois da sua chegada à calle de Santiago, exausta mas contente, Miora dirigiu-se ao seu minúsculo quarto. Conhecia a maledicência das outras escravas que se queixavam do tratamento preferencial que “a mais nova” recebia. Nenhuma delas, com excepção de Cunegunda, tinha quarto próprio. Pior do que isso, muitas partilhavam o mesmo enxergão. O ressentimento das companheiras preocupava-a.

Despiu-se, lavou-se e enfiou uma camisa. Debatia-se ainda entre a vigília e o sono profundo quando um som fora do habitual a deixou alerta.

Os gonzos da sua porta chiavam. Ergueu-se no catre. Dom Alcides, de castiçal na mão, entrou no quarto. Miora estremeceu, pois no momento em que a luz da vela se projectou sobre as feições do seu amo, vislumbrou aquele mesmo olhar que tanto a assustara no primeiro dia. Teve então a certeza de que a maldade o dominava e de que não poderia escapar.

Dom Alcides, com um esgar semelhante a um sorriso, pousou o castiçal no chão, junto ao colchão e permaneceu acocorado aos pés de Miora, estudando-a atentamente. A garota soltou um queixume, mas ele pondo-lhe um dedo sobre os lábios disse-lhe para não fazer barulho.

— Tenho sido bom contigo, não é verdade, Miora? — A garota assentiu. — Pois bem, agora espero que me devolvas os favores que te tenho atribuído, apenas a ti.

Acariciou-lhe o peito do pé e beijou-lhe os joelhos. Obrigou-a a afastar as pernas e descobriu com agrado que ela dormia sem roupa interior.

Uma mulher sensual, como havia imaginado. Pôs-se de pé e a garota acocorou-se contra a parede. Tentou fugir, mas Alcides agarrou-a pelos ombros e ameaçou-a de punho fechado. Empurrou-a sobre a enxerga e tirou-lhe a camisa. Miora não sabia o que ia acontecer. Era virgem. Alcides descobriu demasiado

tarde. Foi brusco e lamentou-o pois tinha sido desnecessário. Mas, dominado pela excitação, continuou, incapaz de se deter. Miora mordia o punho, fazendo sangue, um sangue que fluía juntamente com as suas lágrimas de medo, dor e desonra. Quando a dor se tornou insuportável, gritou. Gritou até ficar sem voz. Valdéz y Inclán bateu-lhe, deixando-a inconsciente.

— Garota ingrata — murmurou, agitando-se, enquanto continuava a penetrá-la. No momento seguinte, sorria, satisfeito por ter sido o primeiro.

Trataria também de ser o único, pelo menos enquanto não se cansasse dela.

Ouviu uma pancada seca, uma espécie de metal contra metal. Voltou-se rapidamente e vislumbrou uma silhueta que se tornou difusa quando um líquido denso e quente lhe escorreu pelos olhos. Era sangue, o seu próprio sangue, e a pancada, tinha-a recebido na cabeça. Caiu sem sentidos sobre Miora.

Conseguiu levantar-se horas mais tarde, lançando um vômito sobre o catre. O pequeno quarto girava à sua volta e uma dor perfurava-lhe o crânio. Demorou alguns dias a recuperar. Miora tinha desaparecido e, como se não bastasse, a pessoa que o agredira deixara-lhe um bilhete em cima da secretária que rezava assim: “Não abuse dos seus escravos ou tirarei um por um.”

— Estás a dizer-me — interrompeu Roger Blackraven — que perdemos uma escrava que me custou quatrocentos pesos devido à tua luxúria? Que idade tinha ela?

— Quinze, segundo disseram a Diogo no leilão, mas parecia mais.

— Traste! — disse Blackraven, ríspido. — Era uma garota. Poderia matar-te por isto. Deixei bem claro, há já alguns anos, que achava inaceitável esse teu prazer em forçar as mulheres. Não te bastou o que fizeste àquela jovem em Madrid?

Blackraven referia-se ao mais perturbador segredo de Valdéz y Inclán, que o obrigara a fugir de Espanha a desoras para tentar refazer a vida longe da sua terra natal. Na altura em que Alcides começara a trabalhar para ele, Roger enviou o seu melhor informador a Madrid para lhe trazer todas as informações a seu respeito. Descobriu um assunto obscuro e escabroso que deu a Blackraven motivo para o chantagear. Por que motivo Alcides não fugia de Roger Blackraven? Porque estava farto de fugir. Blackraven oferecia-lhe proteção e dinheiro em troca de fidelidade e discrição. Era verdade: Blackraven conhecia o seu segredo mais abjecto, mas ele também lhe conhecia alguns podres que constituíam o seu melhor salvo-conduto.

— Matar-te-ei com as minhas próprias mãos se puseres um dedo nas mulheres desta casa. Nelas ou em qualquer outra que não esteja disposta a ir contigo para a cama. Para isso há as putas, porra!

Sentou-se de novo no sofá e levou a mão à testa. Valdéz y Inclán inquietou-

se. Blackraven parecia muito irritado, e irritado era um perigo de morte.

— Vou descontar o custo da escrava no teu soldo — declarou, e Alcides limitou-se a fazer um gesto de concordância. — Serve-me uma bebida.

A mais forte que tiveres.

Blackraven bebeu de um único trago. O *brandy* de má qualidade queimou-lhe o esófago.

— Afinal de contas — disse, com a voz rouca da bebida —, que tem toda esta história a ver com o fato de a minha prima e Víctor estarem em El Retiro? Começo a ficar impaciente, Alcides.

— Já vais perceber, Roger — balbuciou —, foi Miss Melody que me bateu na cabeça e que deixou o bilhete no meu escritório. Foi ela que fez desaparecer a escrava e continua sem a devolver.

Blackraven olhou para ele, perplexo, não sabendo o que dizer. Alcides apressou-se a quebrar o silêncio.

— Quando Miss Melody soube da existência de uma propriedade em Retiro, decidiu que o ar puro do campo seria muito bom para a saúde de Víctor. Segundo ela, o ar da cidade deteriora-se durante o Verão, o que é mau para ele. É claro que me opus. Disse-lhe que ninguém sairia desta casa, mas ela insistiu. É muito voluntariosa como terás oportunidade de ver. Insistiu nas suas razões e eu, na minha recusa. Quando a questão parecia resolvida, confessou-me que tinha sido ela a bater-me na cabeça naquela noite e que tinha escondido Miora. Ameaçou contar a Bernabela e a todos cá de casa. Não a levei a sério. Ameaçou então pôr-me um processo por violação do direito ao pudor da escrava, que iria tornar-se na piada de todos os salões. Alguma vez ouviste semelhante disparate? Direito ao pudor! Pois bem, o Código Negreiro fala do direito dos escravos a conservarem o seu pudor.

— Estás a dizer-me — admirou-se Blackraven — que acreditaste que uma garota sem meios nem conhecimentos pudesse pôr-te um processo por violares o direito ao pudor de uma escrava?

— Não, não — defendeu-se Alcides —, sem meios nem conhecimentos não. O doutor Covarrubias está embeiçado por ela e fará tudo o que ela lhe pedir, mesmo apresentar uma queixa contra mim. Ele já a tinha asses-sorado bem. Não tive alternativa… — admitiu.

— Covarrubias… — murmurou Blackraven.

O advogado trabalhava para ele. Retirara-o de um soturno cargo de assessor letrado do alcaide do Cabildo e promovera-o a fiscal da Real Audiência, apesar de ele ser criollo, inexperiente e pobre. A sua influência e o seu dinheiro faziam esse tipo de milagres. O jovem mostrara-se sempre cheio de boa vontade e disposto a colaborar apesar de, na sua última visita, lhe ter descoberto uma

faceta combativa, quando o ouviu defender as ideias nascidas na França revolucionária.

— Por outro lado — prosseguiu Alcides —, seria impensável neste momento separar o teu afilhado da sua preceptora. A espertalhona soube conquistar o afecto de Víctor e o menino agora só vê e respira através de Miss Melody. A verdade é que — acrescentou —, desde a chegada dela a esta casa, Víctor apresenta francas melhoras. De fato, não voltou a ter aqueles horríveis ataques que tanto incomodavam Bernabela.

— E a minha prima? Que relação se estabeleceu entre ela e a preceptora?

— São como irmãs, Roger! — declarou Alcides. — Já te falei no episódio dos pássaros, quando tendo eu decidido que a preceptora abandonaria esta casa, Béatrice defendeu-a com unhas e dentes, obrigando-me a retroceder na minha posição. Muito humilhante, muito humilhante — insistiu em voz baixa. — Resumindo — retomou com novo ânimo —, Miss Melody tornou-se uma dor de cabeça para mim. Considera-se a defensora dos negros e eles veneram-na, não só os teus, mas também os escravos dos vizinhos.

Chamam-lhe o *Anjo Negro*! E vão ter com ela para lhes resolver todos os tipos de problemas. É a pura verdade! — enfatizou, perante a expressão incrédula de Blackraven. — Todos falam nela. Adquiriu uma influência intolerável e, como uma rainha, tem a sua corte e os seus seguidores. Mas, por outro lado, também se tornou motivo de troça das boas famílias, por agitar os negros da maneira que os agita. Não foi sozinha com o garoto. A senhorita Béatrice achou também muito boa ideia passar uma temporada em El Retiro. Até a minha cunhada Leonilda se lhes juntou. E levaram com elas alguns escravos. O Diogo vai lá muitas vezes.

Blackraven levantou-se.

— Vou-me embora — anunciou.

— Não nos fazes companhia para o jantar?

— Não.

— Onde ficas instalado? Na tua casa ou em Los Tres Reyes?

— Em minha casa.

— Mas, Roger! — queixou-se Valdéz y Inclán —, a casa não está preparada para te receber! Só te esperava daqui a algumas semanas.

— A casa está bem.

— Que vais fazer em relação a Miss Melody? — quis saber Valdéz y Inclán.

Mas Blackraven não lhe respondeu. Pegou no seu estoque e dirigiu-se para a sala, onde se despediu das senhoras, enquanto Efrén o aguardava com a porta aberta e a capa na mão. Chegou depressa à rua e dirigiu-se para oeste, para a zona de Merced.

— Excelência! Excelência! — ouviu, a poucos metros da casa de Valdéz y Inclán.

Voltou-se. Angelita, a filha mais nova de Alcides, corria para ele com dificuldade pois calçava chapins de pano e a rua empedrada de modo irregular devia magoar-lhe os pés.

— Ângela! — exclamou, quando a menina parou à sua frente. — Valha-me Deus, que fazes aqui fora sem a tua mantilha?

Angelita respirava com dificuldade. A corrida imprimira às maçãs do seu rosto as tonalidades de um pêssego maduro e estava adorável, apesar de não ser propriamente bonita. Ao contrário das irmãs mais velhas, muito parecidas com Bernabela, Ángela tinha a marca do pai nas feições. É certo que não ostentava a beleza saudável das irmãs, mas desde muito pequena parecia dotada de uma aura de pureza e bondade que indiciava uma alma caritativa. Um sorriso seu bastaria para cativar a criatura mais feroz.

— Perdão, Excelência, desculpe o meu atrevimento. Precisava de falar com Sua Mercê.

— É pouco próprio falarmos aqui no meio da rua. Alguém poderá ver-te.

— São só algumas palavras.

— Então diz lá…

— Sei que o meu pai tem estado a falar-lhe de Miss Melody.

Blackraven admirou a ousadia que vislumbrava nos seus olhos pequeninos, pois sabia que Angelita o temia.

— Tenho a certeza — prosseguiu a menina — de que não foram palavras amáveis. Quero que saiba, Excelência, que Miss Melody é uma grande mulher. Muito cristã. Com um enorme coração. O meu pai também é um bom homem, mas não foi capaz de entender as intenções de Miss Melody.

Por favor, Excelência, não a despeça — suplicou, unindo as mãos e levando-as à altura do peito em jeito de prece.

— Anda, vou acompanhar-te a casa.

— Tenho de entrar pela porta dos cavalos. A minha mãe não pode saber que saí.

— Muito bem, seja pela porta dos cavalos.

— Excelência?

— Diz.

— Far-me-ia a amabilidade de levar estas cartas para a sua casa em Retiro? Uma é para Miss Melody e outra para a minha tinha Leo. O tio Diogo não quer levá-las para não desobedecer às ordens do meu pai.

— Parece que te afeiçoaste à tal Miss Melody, não é verdade? — disse Roger, enquanto pegava nos sobrescritos.

A menina assentiu sem o olhar diretamente.

— Gostarias de passar uma temporada em El Retiro?

— Oh, sim, claro que sim!

— Vou falar com o teu pai.

— Obrigada, obrigada, Excelência! — repetiu, ao mesmo tempo que recuava, inclinando-se como quem se despede de um monarca.

Blackraven ficou a pensar na mudança que se havia operado nela durante aquele último ano. Angelita devia ter precisado de reunir toda a coragem para sair de casa e ir ter com ele no meio da rua. A pergunta que se colocou logo a seguir foi: quem diacho era Miss Melody para provocar uma conduta tão pouco usual numa menina medrosa e obediente? Quem era ela para chantagear um homem como Alcides Valdéz y Inclán?

IV

Blackraven saiu da apatia em que tinha mergulhado. Perguntou-se há quanto tempo ali estava, de pé, no caminho régio, evocando os acontecimentos da véspera em casa dos Valdéz y Inclán.

Fez sombra com a mão para se proteger da luz do sol. Amanhecera e o sol inundava o barranco. Avistou os telhados vermelhos na sua propriedade El Retiro, que dava nome à zona, e a torre do campanário. Tratava-se de uma construção soberba de princípios do século XVIII, cópia de uma residência de Verão dos reis de Espanha chamada “El Buen Retiro”.

O governador da época, Agostín de Robles, tinha-a mandado construir com a clara intenção de tornar aquele lugar o mais imponente e luxuoso de La Trinidad, nome pelo qual era antigamente conhecida a cidade de Buenos Aires.

Era uma mansão de dois andares, com mais de trinta quartos, várias salas, quatro pátios, duas atafonas para moer o trigo, um lagar, uma nora e uma cocheira para as carruagens. O andar de baixo estava rodeado por um pórtico com elegantes colunas brancas, embelezadas por capitéis de folhas de acanto, enquanto a parte superior era circundada por um terraço com balaustrada para onde davam as portadas dos quartos principais. A parte de trás da propriedade estava cercada por uma parede de tijolos caiados, onde batiam as águas do rio da Prata. Tinha um parque magnífico, com lombas regulares que se confundiam na diversidade do terreno.

A propriedade passara de mão em mão e chegara a servir de acampamento negreiro à Companhia Francesa da Guiné, que anos mais tarde a abandonou devido às queixas motivadas pelos maus cheiros que chegavam até a cidade. Blackraven comprou-a num estado lastimoso e investiu uma fortuna na recuperação. Mas sentia-se satisfeito. Nessa viagem, ocupar-se-ia da casa da cidade, que tinha comprado no ano anterior e que se situava na calle de San José. A tinta tinha-se deteriorado, manchas de umidade dominavam os cantos do tecto e algumas tábuas do chão tinham ficado arqueadas, como Bernabela lhe dissera na noite anterior, depois de um intenso interlúdio de sexo.

Bernabela. Que iria fazer com ela? Devia ter calculado que, sabendo-o sozinho na casa de San José, se arriscaria a visitá-lo mal a noite pudesse servir-lhe de cúmplice. Totalmente disfarçada, atravessou as ruas que os separavam levando como companhia a sua escrava de confiança, Cunegunda, armada com um candeeiro de petróleo e um pau para afugentar as matilhas de cães que vagueavam pela cidade durante a noite.

Bela não se sentira dominada pelo medo mas sim pela agitação, que sempre precedia um encontro com Roger Blackraven. O primeiro ainda permanecia nítido na sua memória: a noite em que este batera à porta do seu miserável apartamento de Londres, e Somar, o seu lacaio, entrara com Valdéz y Inclán completamente bêbado. Blackraven devia ser da sua idade, no entanto ela tivera a impressão de olhar para um homem já vivido. O seu olhar, os seus modos e a maneira de se vestir revelavam alguém maduro, sólido e viril, um homem a quem ela se teria entregado com a fé cega de um fanático religioso.

Não era o primeiro homem com quem traía Valdéz y Inclán, mas seria efetivamente o último. Blackraven havia-a marcado de modo indelével; envenenara-lhe o sangue com o seu ardor, dominando-a, paralisando-a. Enquanto se aproximava da calle de San José, relembrando a primeira noite juntos, sentia a pele arrepiada e alguma excitação. Jamais outro homem a fizera vibrar assim. Durante as suas estadias em Buenos Aires, não se mostrara galante nem usara de uma falsa devoção como os outros, muito pelo contrário, adoptara uma atitude de indiferença e apatia. Mas ela sabia que os seus olhos lhe percorriam o corpo, a estudavam, a admiravam, provocando-a, incitando-a. A proximidade — estava instalado na casa da calle de Santiago — tornava-o mais apetecível. Tirou o casaco e avançou pelo corredor, em direção ao quarto de hóspedes. Não bateu à porta.

— Estava à sua espera — ouviu-o dizer.

Nem sequer a incomodou aquele descaramento. Limitou-se a seguir o trilho da sua voz na luz soturna do quarto, indo encontrá-lo acomodado no sofá, os pés sobre a banqueta, enquanto bebia um líquido âmbar que dava os seus olhos um brilho malicioso.

Blackraven bebeu o resto do *brandy* de um único trago e pôs-se de pé. Ela permaneceu imóvel, enervada com a sua presença. Tinha o tronco nu e vestia apenas as calças e as meias altas que usara na tertúlia de Marcó del Pont. Nunca vira um corpo assim, magnífico, amplo, saudável, os tendões dilatando-se sob os músculos bem delineados. Estendeu a mão e acariciou-lhe os peitorais duros como pedra. “Que fará para ter os músculos tão duros?” perguntou-se. A sua mente caiu num turbilhão sem fim, quando Blackraven lhe envolveu a cintura com o braço direito, colando-a ao seu corpo, tirando-lhe o corpete com a outra mão.

Era experiente. Dominador, hábil, despótico. Ela obedecia sem oferecer a menor resistência, submetendo-se a cada um dos seus caprichos, a cada uma das suas exigências. Mais do que qualquer outro, ele conhecia a arte do amor e ela, no meio do delírio, perguntava-se onde teria ele aprendido tudo o que sabia. O clímax deixou-a sem ar e o orgasmo foi tão devastador como uma tempestade.

Açoitou-a, fazendo-a gritar como se de uma tortura se tratasse. Depois perdeu a consciência.

Bela sabia que aquele prazer incomensurável e perfeito lhe devolvera o gosto pela vida. Nada a deteria na sua busca, nem a inquietação de sair de casa do marido, nem a noite sem lua, nem os cães vadios, nem os malfeitores. Nada. Como que enfeitiçada, avançava pelas ruas fora, despojada de todos os receios. A expectativa tornava-a ousada e invencível.

Somar bateu à porta do escritório onde Blackraven se entretinha a escrever várias cartas.

— Dona Bela está aqui — anunciou, e Roger praguejou em voz baixa.

— Manda-a entrar — ordenou segundos depois.

— Querido — disse Bernabela, enquanto tirava a mantilha e se aproximava dele. — Desejava-te tanto — e, em bicos dos pés, lançou-lhe os braços ao pescoço. — Fiquei tão feliz hoje quando recebemos o teu recado! Porque demoraste tanto a voltar? Mais de um ano, Roger! Se não tivesses chegado teria morrido de tédio.

— Bela, isto é uma loucura… — disse num tom zangado. — O teu marido vai dar pela tua falta.

— Não te preocupes, querido. A Cunegunda ocupou-se dele. Não nos incomodará até meio da manhã. Vamos para o teu quarto?

Havia semanas que Blackraven não estava com uma mulher e, embora ainda tivesse assuntos para tratar antes de seguir para El Retiro, disse a si próprio que poderia fazer ambas as coisas. Conduziu-a até o quarto onde, sem preliminares, começaram a despir-se. Sob a capa de fustão, Bernabela usava uma blusa de musselina que à luz a fazia parecer despida, insinuando um corpo ainda jovem e bem torneado. Ela não afastava os olhos de Blackraven que continuava a ser o homem mais atraente que jamais conhecera.

Depois de se saciarem, Bernabela caiu agitada sobre o peito de Blackraven. Voltou-se de lado e, com a cabeça apoiada numa das mãos, entreteve-se a percorrer-lhe com um dedo o amplo tórax, enquanto fazia comentários banais.

— Vais despedir Miss Melody, não vais? — perguntou depois de um breve silêncio.

Blackraven detestava que as mulheres usassem aquele momento logo a seguir ao sexo para conseguirem os seus propósitos.

— Vamos Bela, tens de te ir embora — declarou, tentando levantar-se, mas Bernabela impediu-o.

— Roger, ela libertou os meus pássaros! — queixou-se, fazendo uma voz infantil. — Fugiram todos. Todos. Quase morri de tristeza porque tinhas sido tu a oferecê-los, meu amor. Despede-a, Roger!

— Não me dês ordens, Bela — advertiu Blackraven, retirando-lhe a mão.

— Maldito o dia em que fomos àquela loja e a conhecemos! Desde esse momento tudo mudou. A casa já não me pertence, é como se fosse dela. Não sei como consegue, mas faz tudo à sua maneira. Os escravos seguem-na cegamente. E a tua prima, ah… essa traidora!

Blackraven voltou-se e lançou-lhe um olhar de advertência.

— Cuidado com a minha prima, Bela.

Bernabela ensaiou um trejeito a que se seguiram algumas lágrimas, motivadas pela certeza de que Blackraven nunca mostraria aquele profundo sentido de posse em relação a ela.

Roger aproximou-se da cama e entregou-lhe a blusa e o casaco.

— Vamos, veste-te. Vou pedir a Somar que te acompanhe a casa.

— Irás no domingo à praça de touros? Eu estarei lá a acompanhar a vice-rainha.

— Talvez, ainda não sei.

— Quando voltarei a ver-te se vais para El Retiro?

— Virei com frequência.

Nesse momento, enquanto contemplava a sua propriedade, desejou passar uma longa temporada longe de Buenos Aires, sem preocupações nem compromissos. Bela estava a transformar-se nas duas coisas.

Somar tratou-o pelo nome e falou-lhe com a familiaridade que era habitual quando estavam a sós. Uma dezena de anos mais velho do que Blackraven, conservava ainda aquele aspecto vigoroso que o caracterizara na juventude. O vestuário peculiar, reforçado pelas tatuagens nos pomos, assim como a cimitarra e o sabre que carregava no talim, conferiam-lhe um aspecto cruel de que tirava partido. Não sendo tão alto como Blackraven, possuía no entanto um corpo maciço capaz de suportar as situações mais difíceis sem se ressentir.

Havia quinze anos que partilhavam o mesmo destino, uma vida temerosa que os levava pelos cinco continentes. Homens de educação e proveniência tão diversa tinham criado um elo fraterno, porque os uniam dois aspectos: a paixão pelo risco e pela aventura e o mais estrito sentido de companheirismo.

Havia poucas pessoas de quem Blackraven gostasse e que respeitasse tanto como Somar. Era o seu grande amigo, aquele que lhe conhecia todos os segredos e que melhor compreendia a sua natureza. Somar, por outro lado, devia-lhe a vida, o que para um turco era uma dívida que jamais se saldava. A lealdade e a devoção retribuíam, em parte, a dádiva de Blackraven.

— Roger — disse. — Por que paraste aqui?

— Apreciava a vista — explicou, sem se voltar. — Daqui tem-se uma perspectiva ímpar da minha propriedade.

Somar sabia que ele estava inquieto. Acariciou a cabeça do terra-nova e voltou a subir para a boleia, onde ficaria à espera que o amigo se decidisse a atravessar a curta distância que o separava da mansão.

Blackraven calculou que deviam ser umas seis da manhã. Preparava-se para regressar à carruagem quando avistou ao longe uma figura. Um cavaleiro. Afastava-se em direção a norte, atravessando quintas e hortas.

Galopava a grande velocidade e parecia movido por uma urgência que o obrigava a espicaçar o animal e a ganhar terreno cortando caminho. Vestia uma longa capa de capuz que esvoaçava sobre o dorso do cavalo.

Roger ficou imóvel, admirando a destreza do cavaleiro que, deitado sobre o dorso do alazão, o dirigia com mão férrea. Apesar da velocidade, o animal não estava descontrolado. Respondia ao seu cavaleiro. O campo mergulhara num profundo silêncio; não se ouvia o mais pequeno som, nem o das ordens do cavaleiro, nem o vento que soprava, nem o dos cascos castigando o solo. Até os trinados dos pássaros pareciam ter emudecido. Havia apenas aquele duo que irrompera perturbando a quietude.

O cavaleiro endireitou-se levemente e o capuz caiu-lhe sobre os ombros. Blackraven recuou, contendo uma exclamação ao ver uma longa cabeleira de mulher esvoaçando. Os tímidos raios de sol acariciaram-lhe as madeixas avermelhadas e arrancaram-lhe tonalidades de ouro que por momentos pareceram da cor da hena e de uma intensidade flamejante como ele jamais vira em nenhuma das suas inúmeras viagens.

A garota olhou para trás parecendo medir a distância que a separava de hipotéticos perseguidores. Ninguém a seguia, mas na rapidez do gesto, não se apercebeu do cavalheiro que, ao longe, à beira do caminho, a observava atônito.

Blackraven compreendeu que ela se dirigia para a cerca das figueiras que separava os seus campos dos de Altolaguirre. Não iria conseguir saltar. Até para ele aquela era uma cerca demasiado alta e larga. Seria uma pena vê-la cair e destruir aquela imagem tão harmoniosa que exibia sobre o magnífico cavalo. Pagaria caro pela sua temeridade ou pela sua ignorância.

Foi dominado por uma expectativa que lhe entumeceu o corpo. Num ato reflexo, conteve a respiração. Cinco varas,1 quatro varas, três, duas.

A garota apoiou-se nos estribos, ergueu as rédeas e o cavalo saltou a cerca com uma elegância sublime, encolhendo as patas que apenas roçaram ao de leve na parte superior das figueiras. Aterrou em chão firme e continuou o galope, sem diminuir a velocidade até que foram engolidos pela densidade da mata.

Blackraven suspirou de alívio e murmurou em inglês: — Santo Deus! — Afrouxou as mãos no estoque e respirou fundo. Depois pensou: “Há muito tempo que nada me surpreendia tanto como esta garota endiabrada.”

Da torre do campanário, Servando via as imediações de El Retiro, uma posição privilegiada para alcançar os quatro pontos cardeais: o rio que parecia o mar, o convento dos irmãos Recoletos e Los Olivos. Ele mantinha os olhos fixos no sul.

Quase ao amanhecer, Servando desejou que o sol rompesse. A escuridão tornava-se cúmplice das fugas e das escapadelas. Mas começou a clarear a este. Com os primeiros raios de sol, avistou no caminho régio uma carruagem puxada por dois cavalos, o que o surpreendeu, pois a maior parte das pessoas usava mulas, com excepção do vice-rei e de um ou outro funcionário endinheirado. Distinguiu um desenho na portinhola preta, talvez o brasão da família.

Preocupou-o ver a carruagem parar e mais preocupado ficou quando o seu ocupante desceu acompanhado de um cão. À distância, a figura parecia mais pequena, mas Servando conseguiu perceber que se tratava de um homem jovem, alto e robusto. Caminhava sem pressa, fazendo rodar um bastão na sua mão direita. Deteve-se e olhou em volta.

Servando viu Miss Melody antes do estranho e, embora estivesse à espera de a ver aparecer, os seus olhos ficaram presos àquela imagem inusitada que ela formava sobre o cavalo, naquele lugar tranquilo e silencioso.

Galopava pelos campos sem respeitar os caminhos, saltando arbustos e paliçadas. Servando desceu as escadas da torre a correr e precipitou-se para o quarto pátio nas traseiras da mansão.

Alguns escravos já por ali andavam, desempenhando os seus trabalhos. Veriam entrar Miss Melody, montando *Fuoco* e deduziriam tratar-se de mais uma das suas cavalgadas matinais pela zona da alameda. Também não achariam estranho que ela usasse calças e botas altas, nem que montasse escarranchada. Já a tinham visto assim noutras ocasiões. Continuava a preocupá-lo aquele estranho que vira no caminho. Certamente a avistara.

Primeiro ouviu o som dos cascos e em seguida a voz grave de Miss Melody que dava ordem ao cavalo para que parasse. *Fuoco* entrou no pátio a trote ligeiro, com a crina colada ao pescoço, empapado em suor e com o belfo branco de espuma. Os escravos ergueram os olhos e, ao ver Miss Melody, saudaram-na, sorridentes. Tarcisio, o seleiro, tirou a boina e executou um floreado como se à sua frente estivesse a passar uma rainha.

Servando abriu o portão da cavalariça e Melody entrou sem se apear.

Com a porta fechada, a soturnidade dominava o lugar e o silêncio parecia acentuar o cheiro a luzerna úmida e a esterco. Melody sentiu-se feliz com a sensação de segurança daquele local. Ainda agitada abraçou-se à cernelha de *Fuoco*.

— Salvaste-me a vida, *Fuoco.* Se não fosses tu tinham-me apanhado.

— Miss Melody! — exclamou Servando, aproximando-se do cavalo. — Não me assuste, que quer dizer que sem o *Fuoco* a teriam apanhado?

Melody saltou do cavalo e ajoelhou-se junto aos seus cascos.

— Deixa-me ver, *Fuoco*, magoaste-te quando saltamos a cerca, meu lindo? Não vejo bem, Babá — disse Melody que tratava Servando pelo seu nome yolof —, abre um pouco o portão, se fazes o favor. Não consigo perceber se tem contusões.

— Miss Melody — disse o escravo com veemência —, deixe isso. Eu trato dele. Tem de ir para casa arranjar-se. Daqui a pouco acordam todos os outros.

Melody desapertou a cilha do cavalo, libertou-o dos arreios, passou-lhe a mão pelo dorso sem detectar escoriações e colocou-lhe uma manta de lã para evitar que esfriasse rapidamente. Enquanto isso, *Fuoco* bebia ruidosamente do balde de água que Servando lhe tinha colocado na frente.

— Quando acabar de beber — indicou Melody —, deixas passar algum tempo e mal ele fique mais tranquilo, duplicas-lhe a ração de cevada, por favor.

— Sim, Miss Melody. Fique tranquila que eu faço isso tudo, agora diga o que aconteceu que eu estava a ficar angustiado, vendo que nunca mais chegava e que o sol estava quase a nascer.

Melody desapertou o cabresto e o alforje caiu ao chão produzindo um ruído amortecido de ferros.

— Aqui tens os malditos ferretes, Babá. — Referia-se aos ferros com que se marcava a carne dos escravos. — Lança-os na vala e deixa que a água os leve.

— Subirei ao taipal e lançá-los-ei ao rio — propôs Servando e Melody assentiu. — Diga-me, menina, que foi que aconteceu? Tomás e Pablo estavam consigo?

— Claro que sim — respondeu Melody com ar pensativo. — Os guardas aperceberam-se da nossa presença ou talvez alguém os tenha prevenido de que iríamos. Descobriram-nos, Babá e depois foi uma confusão enorme. Não nos apanharam por milagre. Escapei graças à velocidade de *Fuoco*.

— Ai, Miss Melody! — lamentou-se Servando, levando as mãos à cabeça. — Mais não, mais não! Para quê? Eles vão fazer novos ferretes e a senhorita terá arriscado o pêlo para nada.

— Deixa de ser grosseiro — disse Melody, entre o aborrecida e o sarcástica —, falas tão bem como um mestiço. Não digas mais nada, Babá.

Embrulhou-se na longa capa de capuz para ocultar as calças e abandonou o pátio. Na cozinha, Siloé lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Por favor, Siloé, aquece água para eu tomar um banho, dói-me o corpo todo.

Blackraven tinha-se enganado: El Retiro fervilhava de gente que ia e vinha

de um lado para o outro. Àquela hora já tratavam da horta, os camponeses, espalhados pelos campos, trabalhavam a terra, a nora mergulhava seus baldes na água, enquanto do lagar e das atafonas não paravam de entrar e sair escravos.

Bustillo e a mulher, Robustiana, de rostos frescos, limpos e bem vestidos, aguardavam-no junto à carruagem. Quando o viram escoltado pelo seu cão e pelo estranho de turbante, os escravos destinados ao serviço doméstico perfilaram-se à porta do armazém.

O quarto pátio, com os seus cercados de galinhas, pavões e codornas, as coelheiras e o estábulo, habitualmente sujo e malcheiroso, apresentava naquele dia um aspecto impecável. Blackraven passou os olhos pelas paredes caiadas, pelo piso de ladrilhos ásperos, varrido e molhado.

As ferramentas estavam ordenadas e os sacos de milho arrumados junto ao curral. Sentiu-se satisfeito. Um cheiro a pão acabado de sair do forno chegou às suas narinas, abrindo-lhe o apetite e deixando-o contente. Por vezes, submerso na complexidade da sua vida esquecia-se do valor das coisas simples, como o sabor de uma fatia de pão quente.

— Dom Blackraven! — exclamou Bustillo, pronunciando mal o seu nome. — Seja bem-vindo, patrão! — E logo a seguir, deu ordem aos escravos para que descessem da carruagem as malas do amo.

Béatrice, espreitando à porta da cozinha, limpava as mãos ao avental e sorria-lhe. Atrás dela podia ver-se a negra Siloé, atarracada e corpulenta, com o indispensável lenço vermelho a cobrir-lhe a cabeça.

— Roger, querido! — alegrou-se Béatrice. — Como é maravilhoso ter-te conosco! Só te esperávamos daqui a algumas semanas. Bem-vindo.

Bom-dia, Somar.

— Senhorita Béatrice — disse o lacaio, inclinando-se ligeiramente.

— Que tens na cara? Farinha?

— Oh, sim, um pouco — admitiu Béatrice, permitindo que Blackraven lhe passasse a mão pela testa. — Siloé está a ensinar-me a cozer o pão.

Não te cheira?

— Tu a cozeres pão? Sabes bem que não precisas de fazer isso.

— Divirto-me tanto aqui, Roger — acrescentou Béatrice com aquele ar melancólico que ele bem conhecia. — Os meus dias não são tão longos nem entediantes. Porque entraste pelas traseiras? Porque não paraste a carruagem à frente da galeria? É tão estranho ver-te andar por esta parte da casa!

Blackraven pusera-lhe o braço à volta da cintura e conduzia-a através dos pátios e corredores até a parte principal e, enquanto a ouvia tagarelar, observava cada recanto, reparando na mesma limpeza e esmero que vira no quarto pátio. Quando se afastou da cozinha, os aromas mudaram e a fragrância sutil que vinha

dos ramos secos de alfazema misturaram-se com os de cera de abelha com que se dava lustro aos móveis de jacarandá.

Na sala grande, destinada aos bailes e às tertúlias, os defumadores já estavam acesos e o óleo de jasmim dissipava-se no ar. Blackraven admitiu que nunca tivera tanto prazer a entrar numa casa, fosse a sua própria casa ou outra qualquer.

— Está tudo no seu lugar, tão limpo e perfumado — comentou —, parece que estavam à espera da minha chegada.

— A casa está assim todos os idas — declarou Béatrice.

— Felicito-te. Conseguiste com Bustillo e Robustiana o que eu nunca consegui com ameaças.

— Oh, não, isto não é mérito meu. Conheces bem o meu ponto fraco, querido: sou demasiado preguiçosa. Além disso, ninguém me preparou para gerir uma casa, muito menos uma herdade. Tudo isto é obra de Miss Melody que nos faz marchar como soldados desde o amanhecer até o pôr-do-sol. Não me queixo. Sinto-me orgulhosa e contente. Sabes, querido, sinto-me útil.

Blackraven beijou-lhe a testa, feliz por lhe ver um sorriso.

— Deves estar cansado. Porque não vais um pouco para o teu quarto?

Vou mandar que te preparem um banho quente. Trinaghanta veio contigo?

— Chegará amanhã. Ficou na casa de San José a tratar dos preparativos de última hora. Eu tinha de vir, estava preocupado, Marie — declarou, tratando-a pelo seu verdadeiro nome. — Quando me disseram que estavas aqui sozinha com Víctor pensei que tinhas perdido o juízo. Esta região é perigosa, cheia de animais ferozes e malfeitores. Que te passou pela cabeça para decidires vir para cá?

— Oh Roger, não te aborreças. Não estou sozinha. Tenho um batalhão de gente à minha volta e nunca me aventuro para além dos limites da propriedade. Há muitos anos que não me sentia tão bem como me sinto aqui, não vês, meu querido?

Mais tarde, enquanto relaxava o corpo na tina e dormitava, mergulhado em água morna, até o pescoço Blackraven apercebeu-se de que alguém entrava no quarto. Fizera-o no mais absoluto silêncio, evitando que os gonzos chiassem e que as tábuas do chão rangessem. Roger fora alertado por uma sutil corrente de ar fresco e por um aroma diferente.

Viu-a por entre as pálpebras semicerradas. Berenice. Tinha-se esquecido dela. Sorriu, satisfeito. Começava a lembrar-se. Berenice, a *cabrita* voluptuosa e apaixonada que se metera na sua cama no ano anterior e só saíra de lá quando ele deixou o Rio da Prata.

— Queres lavar-me as costas? — perguntou sem abrir os olhos.

— Patrão Roger! Queria fazer-lhe uma surpresa.

— É muito difícil surpreender-me, menina.

Meia hora mais tarde, Berenice saía da antecâmara do patrão com o cabelo molhado. Deslizou pelo corredor na ponta dos pés, envolta no mesmo sigilo com que entrara no quarto do amo Roger. A sua presença na casa levantaria decerto suspeitas. Durante o dia, o seu lugar era na atafona. Mas foi em vão: Siloé e Melody que planejavam as refeições do dia, viram-na passar. A cozinheira abanou a cabeça, tirou o cachimbo da boca e deu alguns estalidos com a língua.

— Já estava à espera — disse — que mal o amo Roger pusesse os pés nesta casa, Berenice fosse meter-se com ele na cama.

— Achas que a forçou?

— Não. Posso jurar que não — assegurou a negra. — Berenice é uma oferecida e ele, naturalmente, aceita. Conheço o patrão há muito tempo, Miss Melody, e posso garantir que são as mulheres que correm atrás dele como cadelas no cio. Ele não precisa se esforçar muito. Mulheres não lhe faltam. É atraente e ouvi Berenice dizer um dia que nunca tinha conhecido um macho tão bem fornido.

— Tão bem fornido? — perguntou Melody.

— Bem… vamos continuar com as refeições — propôs Siloé que sorriu e continuou a fumar o seu cachimbo.

As gargalhadas e as vozes infantis aproximavam-se vindas do corredor. Blackraven largou o documento que estava a analisar e ficou atento.

Não compreendia o que diziam, mas distinguiu a vozinha de Víctor seguida de risos e depois a voz de um adulto. Pensando bem, era a primeira vez que ouvia Víctor a rir-se. De vez em quando vislumbrava nos seus lábios um sorriso tímido, mas um riso, uma forte gargalhada, nunca.

Olhou para o relógio: onze horas da manhã. Levantou-se, ajeitou o laço e apertou os botões de cima da camisa. Saiu do quarto.

Melody, Víctor e Jimmy pararam bruscamente ao vê-lo. Os sorrisos dos meninos evaporaram-se, transformando-se numa expressão indefinida, misto de surpresa e de medo. Blackraven sabia perfeitamente que a sua figura corpulenta lhe dava um aspecto de austeridade feroz, de que Víctor sempre tivera medo dele e que parecia provocar o mesmo efeito no outro garoto. A mulher — decerto Miss Melody — lançou-lhe um olhar frio e desafiador daqueles que poucas pessoas se atreviam a arriscar na sua presença. Apesar de ter o cabelo apanhado, Blackraven reparou de imediato naquela estranha tonalidade que contrastava com a alvura da sua pele.

— A senhorita Isaura Maguire, presumo — disse em jeito de cumprimento num castelhano perfeito, ainda que o sotaque traísse a sua origem inglesa.

A jovem inclinou levemente a cabeça e fez uma breve reverência.

Trazia os dois garotos pela mão e projectava-se do seu corpo uma inconfundível atitude possessiva, semelhante à de uma mãe perante um perigo iminente.

— Eu sou Roger Blackraven, o tutor de Víctor.

— Corvo negro — disse Melody e Roger não compreendeu de imediato.

— Desculpe, como disse?

— Disse corvo negro. Blackraven significa corvo negro. A julgar pelo significado, o seu nome não é nada lisonjeiro, senhor.

Blackraven ficou a olhá-la e Melody percebeu que Víctor e Jimmy lhe apertavam as mãos com força, ao mesmo tempo que recuavam.

— Lamento que o meu apelido não seja do seu agrado.

— É inglês. Não me agradaria fosse ele qual fosse.

”Que atrevimento!” pensou, hesitando entre mostrar aborrecimento ou ofensa.

Víctor soltou um gemido e Jimmy foi colocar-se atrás de Melody, agarrando-se-lhe à cintura. O terra-nova aproximava-se com a cadência de um felino, os olhos fixos neles. Parou junto do dono e rosnou, mostrando os caninos e os pêlos crispados no lombo.

— Não tenham medo — declarou Melody. — Nunca mostrem medo a um animal.

Acocorou-se e, antes que Blackraven tivesse podido evitá-lo, estendeu o braço e acariciou o focinho do cão.

— És muito bonito — disse-lhe.

Passado um brevíssimo momento, o animal lambeu-lhe a mão perante o grande espanto do seu dono. Blackraven sentiu que a fúria o dominava e não conseguiu determinar ao certo se tal sentimento se devia ao medo que experimentara ao vê-la perigar frente à ferocidade do cão ou ao seu orgulho ferido, pois, de algum modo, aquela garota conseguira fazê-lo sentir-se um idiota desde o primeiro momento. E havia muitos anos que ninguém se atrevia a tal.

— Vai-te embora, *Sansão* — ordenou o inglês. — Volta para o escritório.

Víctor — disse de imediato, sem pausa, com a mesma nota de aborrecimento na voz. — Não vais dar-me um aperto de mão? Não cumprimentas o teu padrinho? Vá, anda cá…

Melody empurrou-o levemente. O menino estendeu uma mão hesitante que Blackraven apertou de modo enérgico.

— Como tens passado, rapaz? — perguntou-lhe em inglês.

— Muito bem, senhor — respondeu Víctor no mesmo idioma. — Obrigado por perguntar.

— Bem, bem — surpreendeu-se Blackraven —, vejo que o teu inglês

melhorou desde a última vez.

— Miss Melody tem-me ensinado, senhor.

— Estou a ver — murmurou.

Aquele nome começava a irritá-lo. Ainda não passara um dia desde a sua visita à casa de Valdéz y Inclán e já o ouvira centenas de vezes. Miss Melody isto, Miss Melody aquilo. E naquele momento, à frente dela, foi tomado por um impulso confuso e violento. Queria apagar-lhe do rosto aquele ar vaidoso de desafio e não sabia se o melhor seria dar-lhe uma bofetada ou beijá-la até a deixar sem ar. Não saber o que fazer também contribuía para o deixar incomodado.

— Se me der licença, senhor — disse Melody num tom de voz tão peculiar que o tirou do impasse —, vamos retirar-nos que se está a fazer tarde.

— Para onde? — perguntou com maus modos.

— Para a nossa aula de botânica, senhor. Na horta.

Sem mais, pegou nas crianças pela mão e passou por ele em silêncio e de cabeça erguida. Blackraven voltou-se e viu-os afastarem-se. Atônito, só conseguiu dizer pela segunda vez: “Que atrevimento!”

---

1 Antiga medida de comprimento equivalente a onze decímetros. (*N. da T.*)

V

Durante o primeiro almoço em El Retiro, Blackraven comeu sozinho com a prima, a senhorita Béatrice. Sentado à cabeceira da mesa para vinte e quatro comensais, o seu ar era triste. O barulho dos talheres sobre os pratos acentuava a sensação de vazio que reinava na sala.

Desde pequeno, na solidão do imenso castelo do pai, Blackraven procurara a companhia dos servos, partilhando com eles as refeições, na cozinha, o que enfurecia o duque de Guermeaux. Durante as incontáveis viagens, nos seus barcos, na sumptuosa mesa do capitão Black, como lhe chamava a sua tripulação, nunca comiam menos do que cinco oficiais.

Aliás, de vez em quando, escolhia um dos marinheiros, frequentemente como recompensa por ter resolvido um problema ou demonstrado coragem na batalha, fazendo alternar a discreta ceia no porão com a exótica refeição preparada pelo cozinheiro chinês do capitão. — É como deitar pérolas a porcos —, sussurrara-lhe Peterson, o seu mais antigo contramestre, referindo-se ao marinheiro rude que, sentado num dos extremos da mesa, saboreava um vinho do Reno, que tinha custado quarenta libras, como se fosse água. — Deixa-o — dizia Blackraven. — Ele sabe que está a beber algo semelhante a um néctar dos deuses, apesar de o fazer com a graciosidade de um porco.

Aquela recordação fê-lo sorrir e voltou a sua atenção para Béatrice que nunca perdia a auréola de nobreza, nem os seus gestos impecáveis, nem a sua conversa interessante. Tinha de admitir que quem desejava ter ali à mesa era a fera com quem cruzara nessa manhã no corredor: ia Isaura e seria assim que pensaria nela.

Isaura. Quem lhe teria dado aquele nome? Quem quer que fosse acertara em cheio. Poucas vezes um olhar lhe tinha comunicado tanto como o daquela garota. Paixão, ódio, coragem, orgulho, medo. Porque hesitara no confronto com *Sansão*? Houve um instante em que a sua mão tremeu, antes de tocar no focinho do terra-nova. Julgara que o animal ia abocanhar-lhe um dos braços como o sabia capaz de fazer, mas *Sansão* fora dominado pelo assombro e acabara por reconhecer a superioridade da criatura que assim se atrevia a desafiá-lo. Porque se acoco-rara ela e tocara num animal de aspecto tão assustador? Pôs de parte a hipótese de se tratar de uma exibição de vaidade ou falsa presunção.

Fizera-o, em parte, para dar uma lição aos miúdos, embora, no fundo, se tratasse de uma luta consigo própria. Por um motivo qualquer, aquela garota, quase uma menina, impusera a si própria não ter medo.

— Não estás a ouvir-me — censurou-o Béatrice.

— Desculpa, querida. Dizias?

— Perguntava-te quando chegaste a Buenos Aires?

— Há quatro dias.

— Quatro dias? — surpreendeu-se Béatrice. — E só agora apareces?

— Negócios inadiáveis mantiveram-me muito ocupado antes de poder informar-vos da minha chegada.

— Nem vale a pena perguntar. Já sei que não vais dizer-me de que negócios se trata — brincou Béatrice. — Sempre adoraste mistérios.

— Não gosto de te aborrecer.

— Nunca me aborreces. Já agora, diz-me, como foi que entraste na cidade? Sim, porque com Inglaterra e Espanha em guerra, a alfândega nunca te teria permitido fundear num dos seus portos. Nem sei como te permitiram entrar na cidade.

Blackraven sorriu de modo complacente e acariciou a pequena mão da prima.

— Sabes que viajo com várias bandeiras. Poderia ter entrado no porto de Montevideu com a americana e os papéis que me creditam como tal. Mas não o fiz. Decidi deixar meus barcos no Rio de Janeiro e viajar até aqui numa escuna de aluguel. Está à minha disposição na enseada de Barragán. Quanto à alfândega, os meus contatos são sempre muito úteis e bastou-me assinar uma declaração em que afirmo ser católico.

— Mas tu não és, Roger! És anglicano.

— Marie, isso não parece teu. Então não te contei que a minha mãe me baptizou segundo o ritual católico poucos dias depois de eu ter nascido?

— Ah, sim, é verdade. Tinha-me esquecido.

— Mas eu não — respondeu Blackraven sorridente.

— A minha mãe e o meu pai foram teus padrinhos — lembrou ao mesmo tempo que uma sombra lhe toldava as feições.

— Jamais alguém teve melhores padrinhos — assegurou Blackraven.

— Estás a falar a sério, querido? Gostavas assim tanto deles?

— Claro que sim.

— E eles gostavam também muito de ti — enfatizou Béatrice. — Com quantos dos teus barcos viajaste? — disse muito depressa e os seus lábios trêmulos sorriram.

— Com dois: o *Sonzogno* e o *White Hawk*.

— São bonitos?

— Bonitos e poderosos — declarou Blackraven. — Cada um deles tem cinquenta canhões de vinte e quatro libras de calibre.

— Isso é muito?

— Muito, querida. É da mais pesada artilharia que sulca os mares.

— Para que precisas de artilharia pesada? Que nova aventura vais agora empreender?

— Marie, sabes bem que o Almirantado do meu país me concedeu há anos uma licença de corso e represália. Sabes também que, em parte, construí a minha fortuna com essa patente. E, agora, com a guerra com Espanha e França, o negócio tornou-se muito atraente. Conseguem-se despojos substanciais. Na verdade, os meus homens não ficarão no Rio sem nada que fazer. Vão sair para o mar nos próximos dias perseguindo navios inimigos.

Optaram por tomar o café e os licores na sala.

— Não sabes como me angustia imaginar-te no meio de uma dessas batalhas no mar! Que seria de nós, de Víctor e de mim se alguma coisa te acontecesse? Eu ficaria sem ninguém no mundo.

— Se me acontecesse alguma coisa — disse Blackraven —, o meu notário em Londres tem as instruções necessárias para assegurar que tu e Víctor possam passar o resto das suas vidas sem que nada vos falte e de modo agradável e feliz.

— Agradável? Feliz? — repetiu com a voz entrecortada e um pouco chocada. — A vida nunca voltaria a ser feliz sem ti. Porque te expões dessa maneira? És tão rico que não te chegarão os anos de vida que te restam para gastares o dinheiro que acumulaste. Porque insistes em arriscar a vida quando sabes que Víctor e eu dependemos de ti? E não me refiro ao dinheiro. Tenho a certeza de que o teu tio e o teu pai não aprovam as tuas andanças.

— Não me importa o que o duque de Guermeaux pensa de mim.

Béatrice arrependeu-se de ter feito referência ao pai de Blackraven.

Sabia, e em parte compreendia, o rancor que o primo sentia em relação ao velho duque. Não fora sua intenção trazer à baila uma questão tão delicada. Bebeu o café e pensou muito bem nas palavras que ia pronunciar em seguida.

— Roger, conheci uma pessoa que mudou a minha vida.

— Referes-te à senhorita Isaura — afirmou sem dúvidas Black raven.

— A senhorita Isaura? Ah, Miss Melody. Sim, claro. De certo modo, Miss Melody também mudou a minha vida. E a de Víctor, naturalmente.

Mas, na verdade, referia-me a um homem.

Blackraven levantou os olhos e olhou-a fixamente.

— Que foi? — disse Béatrice num tom irritado. — Achas que estou demasiado velha para pensar em casar e constituir a minha própria família? Que é um despropósito querer encontrar um companheiro?

— Não, não, Marie, claro que não — apressou-se a esclarecer Blackraven. — A verdade é que fui apanhado de surpresa. Só isso.

— Nunca pensaste que alguém pudesse interessar-se por mim, pobre e velha como sou.

— Tu não és pobre, Marie. Tens a minha riqueza aos teus pés. Entristeces-me quando dizes que és pobre. — Béatrice cobriu o rosto e começou a chorar. — E quanto a velha, que diabo dizes? És oito anos mais nova do que eu. Será que me achas velho? Pois eu asseguro-te que nunca me senti tão bem.

— Mas uma mulher de vinte e sete anos que continua solteira é considerada uma velha. Aqui diz-se que fica para vestir os santos. Agrada-me que um homem como William se tenha interessado por mim.

— Com que então William — murmurou Blackraven. — É inglês?

— Não. Escocês. Opões-te?

— Marie, querida, ainda nem o conheço e já acho que não está à tua altura. Tu que poderias escolher entre as mais importantes famílias da Europa, casada com um escocês. Quem é o homem? A que se dedica? Como surgiu na tua vida? A nossa situação é complexa e perigosa. Constitui um risco significativo criar intimidade com gente que não conhecemos.

— Oh Roger! — suspirou Béatrice. — As casas mais importantes da Europa já não contam nada. Tudo isso pertence a um passado glorioso que morreu e nunca mais voltará a existir. Eu quero viver. Desde muito pequena que a vida tem sido um inferno para mim. Tu salvaste-me de cair ainda mais fundo e estou-te eternamente grata por isso, mas quero começar a ser feliz, levando uma vida normal de mulher, de uma mulher como as outras porque é isso que eu sou. Vais aceitar conhecer William Traver?

— Contaste-lhe a verdade?

— Não, mas senti-me tentada a fazê-lo.

— Não, nunca! — exclamou Blackraven exaltado. — És demasiado inocente e inexperiente para conhecer este jogo, Marie. Jura-me que não falarás disso a ninguém. Jura-me!

— Juro. E tu promete-me que aceitarás receber o senhor Traver. Por favor.

— Se o desejas assim tanto, fá-lo-ei. Sabes o quanto gosto de ti.

— Obrigada, meu querido, obrigada.

Béatrice aceitou um xerez para se acalmar. Foi o próprio Blackraven que lho serviu. Beberam em silêncio.

— Segundo entendi, a senhorita Leonilda também está a passar aqui uma temporada. Porque não nos acompanhou ao almoço?

— Tu sabes, Roger, intimida-la tanto! Ela, não quis sair do quarto desde que ouviu dizer que tinhas chegado. A Siloé levou-lhe lá o almoço.

— Marie, valha-me Deus! — exasperou-se Blackraven. — Nunca lhe fiz nada para ter medo de mim.

— Enfim, querido, és um pouco intimidante, tens de admitir.

— Hoje de manhã conheci a tua Miss Melody. Não se sentiu nem um pouco intimidada.

— Tencionava fazer as apresentações hoje à tarde, quando tomássemos o chá. Já viste como é um anjo?

— O teu anjo deixou bem claro que detesta os ingleses.

— Sim, é verdade. Julgo que foi o pai dela, um irlandês, que lhe inculcou essa antipatia pelos teus concidadãos. Quando soube que quem lhe pagava o salário não era o senhor Valdéz y Inclán mas sim um inglês, estivemos quase a perdê-la.

— Que pena! — ironizou Blackraven.

— Roger! — exclamou Béatrice amuada — Miss Melody trouxe alegria à minha vida e à vida de Víctor. O menino está a receber uma boa educação e além disso aqueles malditos ataques têm sido muito menos frequentes. Isso não é suficiente para ti?

— Sim, claro que sim — admitiu Blackraven.

— Sei que dona Bela e dom Alcides têm uma opinião diferente da minha, por isso, achei conveniente criar uma certa distância e passar uma temporada aqui.

— Quem é essa garota? — perguntou Blackraven mais para si do que para Béatrice. — Que sabemos dela? Nada, segundo creio.

— Roger, por favor. É uma pobre órfã que tem a seu cargo o irmãozinho doente.

— Não tem aspecto de uma pobre órfã.

— Mas é.

— Alcides definiu-a como um “turbilhão”.

— Bem, vais ver, Miss Melody é um turbilhão, sim — admitiu Béatrice. — Nesse aspecto dom Alcides não está enganado. Já pudeste ver, ainda que de modo superficial, o que ela fez com este lugar. Deves saber que quando chegamos, há dois meses, encontramos os teus caseiros completamente bêbados. Este lugar era uma barafunda: os animais por alimentar, a erva por cortar, o jardim não parecia um jardim, a horta era um matagal e os escravos deambulavam de um lado para o outro como almas penadas. As galinhas andavam a debicar em cima destes belos sofás de veludo. Devias ter visto como Miss Melody pôs tudo no lugar.

Foi um espetáculo digno de ser apreciado. Nem um general prussiano o teria levado a cabo de modo tão impecável e eficaz.

— E Bustillo — interessou-se Roger —, aceitou bem que uma jovem mulher lhe desse ordens?

— A primeira coisa que Bustillo teve de fazer foi lutar pela sua vida — disse Béatrice, tapando a boca com a mão para ocultar o riso. — Miss Melody e Servando, um dos teus novos escravos, arrastaram-no até o bebedouro dos porcos e mergulharam-no por completo.

Blackraven soltou uma gargalhada.

— Confesso que teria gostado de ver isso.

— Agora Bustillo respeita Miss Melody como se ela fosse a dona de El Retiro. Acho que tem medo dela.

— Quero conversar com Víctor — declarou subitamente Blackraven.

— Hoje de manhã falamos muito pouco e apenas quando consegui que largasse as saias da senhorita Isaura.

— A esta hora, ele e Jimmy, o irmão de Miss Melody, estão a dormir a sesta. Terás de esperar até as cinco.

— Que se passa com a senhorita Isaura? Também dorme a sesta?

— Não, claro que não. É demasiado inquieta e trabalhadora. Vais encontrá-la com os escravos, no quarto pátio ou talvez no moinho, ou nos campos — e Béatrice absteve-se de mencionar que era bem possível que estivesse entre as lavadeiras na margem do rio. — Por que a chamas senhorita Isaura?

— Porque prefiro — disse Blackraven, retirando importância à questão.

— Segundo creio, desenvolveu um grande afecto pelos escravos — prosseguiu, lançando novamente mão da veia irônica que lhe era tão habitual.

— Vais ver, meu querido, ela lida com eles de um modo muito estranho, com uma paciência e uma doçura quase maternais. Apesar de saberem que Miss Melody é, por nascimento, de condição superior, sentem-se muito bem na sua companhia, contam-lhe os seus problemas e procuram nela o apoio de que necessitam.

— Quero contar-te que desta vez viajei com um amigo — comentou Blackraven, e Béatrice não conseguiu perceber se o assunto de Miss Melody o incomodava ou se achava que não valia nada.

— A sério?

— Sim. Gostaria que o conhecesses. Falaremos mais tarde. Pretendo organizar uma tertúlia numa das próximas noites. Agradar-te-ia a ideia?

— Muito, querido, embora não devas esquecer que a temporada só começará em finais de Março. Durante os meses de Verão, as pessoas decentes retiram-se para as suas quintas. Não encontrarás ninguém em Buenos Aires. Mas se esperares até finais de Março — sugeriu Béatrice, na esperança de o reter por mais tempo — todos irão adorar uma tertúlia.

— Julgo que terei de fazer valer as prerrogativas que me concede o fato de ser o futuro duque de Guermeaux. Não te parece que sairão todos dos seus

esconderijos de Verão para virem a correr à cidade quando souberem que o conde de Stoneville os convoca?

Béatrice brindou-o com o seu sorriso habitual, cobrindo a boca, não por recato, mas por achar que tinha os dentes feios.

— Nesse caso, poderei convidar o senhor Traver?

— Veremos.

— Vais-te embora? — perguntou, ao ver Blackraven pôr-se de pé.

— Sim, resolvi percorrer a minha propriedade e avaliar os estragos que a tua querida Miss Melody por cá fez.

Fidelis Maguire amava o vale Glendalough onde nascera, no Leste da Irlanda. Apesar de nunca ter viajado, afirmava convicto que não havia lugar mais belo do que aquele. Gostava de passar longos momentos junto à colina no sopé da cordilheira Wicklow a admirar as ondulações verde-jantes — daquele verde que só existia na Irlanda —, o azul-cobalto dos lagos e o céu cerúleo tão límpido que agitava o ar que respirávamos e avivava as emoções.

Embora os Maguire não pertencessem aos clãs mais importantes, possuíam uma parcela de terra que tinham trabalhado com esforço ao longo dos séculos. A terra e os seus frutos constituíam o seu maior orgulho, assim como o legado para as gerações vindouras. Jamais haviam colocado a hipótese de a perder até o momento em que as leis inglesas impuseram impostos cada vez mais onerosos e os Maguire se viram numa encruzilhada: lutar pelo seu único patrimônio ou perder a terra e o orgulho e passarem fome.

Seamus Maguire, chefe do clã, decidiu que ele e os seus dois filhos mais velhos, Fidelis e Jimmy, fariam parte de uma confraria secreta de resistência que começava a ganhar influência na ilha. Apesar da sua juventude, Fidelis dava-se conta de que naqueles encontros clandestinos se reuniam homens indignados e ressentidos, mas sem poder nem dinheiro para fazer frente ao Império Britânico. “Puras fanfarronices”, murmurava e continuava a participar por não se atrever a contrariar as ordens do patriarca.

Quando chegou o momento da ação, depois de muitos meses de polêmicas estéreis, os confrades decidiram atacar o inimigo. Escolheram o conde inglês de Grosvenor, a quem pagavam uma renda pelo direito de trabalharem a sua própria terra e que também lhes vedava a caça nas coutadas que lhes pertenciam desde a época de São Patrício.

Sabiam que o conde de Grosvenor costumava ir uma vez por mês a Dublin para assistir à ópera. Atacariam a sua carruagem, raptá-lo-iam e pediriam um resgate. O dinheiro tinha-se tornado a seiva da rebelião: armas, munições, fundos para pagar informadores, transportes e tantas outras questões fundamentais para que aquela brincadeira se transformasse numa verdadeira luta. Quanto ao destino

do conde inglês, tinham decidido fazer justiça e enviar a sua cabeça à família dentro de uma caixa. Fidelis faria parte do grupo que teria por missão assaltar a carruagem, fá-lo-ia prisioneiro e afastar-se-ia com ele até o esconderijo. Reviu o plano por diversas vezes sem lhe encontrar a mais pequena falha.

O golpe correu mal. Morreram vários dos seus companheiros. Fidelis e outros dois foram presos. Tinham sido denunciados por um elemento infiltrado que conhecia detalhadamente os pormenores. Eram tempos de grande fome e meia dúzia de moedas na mão de um camponês fazia do mais patriótico irlandês um espião e um traidor. Fidelis tomou consciência da possibilidade de ter sido atraiçoado, quando entrou dentro da carruagem ainda em movimento e viu que, em vez do conde, a cabina era ocupada por três guardas. Olhou, incrédulo para aqueles rostos desconhecidos antes de cair inconsciente com uma coronhada. Lá fora instalava-se o caos: gritos, tiros, cavalos a relinchar.

Durante o período de tempo em que Fidelis esteve nas mãos dos seus captores, desejou morrer. Mas eles queriam-no vivo para lhe extraírem a informação que lhes permitiria aniquilar o *complot* que se tinha tornado num espinho nas costas das autoridades inglesas. Torturaram-no até o deixarem inconsciente, espevitando-o pouco depois para prosseguirem sem êxito, pois as técnicas aberrantes que lhe laceravam a carne, arrancando-lhe as unhas e desarticulando-lhe os ossos, não conseguiram vergá-lo. No meio da dor, uma dor que nunca imaginara possível, uma lucidez brilhava por entre os resquícios da sua mente turva: se falasse, dentro de poucos dias, o seu pai e Jimmy iriam sofrer a mesma tortura. Por fim, os verdugos deram-se por vencidos e abandonaram-no num bos que para que as raposas e os chacais disputassem o despojo em que se transformara.

— Mas Deus achou que eu merecia outra oportunidade — costumava afirmar Fidelis aos seus filhos mais velhos, Melody e Tommy — e por isso enviou Enda, que foi encontrar-me à beira da morte no bosque e que tratou de mim durante semanas.

Apesar de nunca o ter visto descalço, Melody sabia que o pai não tinha três dedos do pé direito e que o seu leve coxear, que ele dissimulava à força de um puro orgulho irlandês, se devia aos grandes sofrimentos a que fora sujeito. Também os ataques epilépticos que o assaltavam com alguma frequência tinham começado depois do cativeiro. Por vezes, desejava que Fidelis não lhe tivesse contado os seus tormentos às mãos dos ingleses, mas logo a seguir envergonhava-se daquele seu pensamento e o seu espírito erguia-se mais enfurecido do que antes: ela nunca poderia esquecer quem tinha torturado o seu amado pai.

— As três maldições da Irlanda — costumava declarar Maguire — são: os

Ingleses, a religião e a bebida.

Melody fechou os olhos e o seu corpo ficou tenso ao imaginar a expressão de surpresa e decepção de Fidelis se soubesse que a filha trabalhava para um indivíduo pertencente a essa maldita raça de piratas e ladrões de terras. Procurava desculpas, definia posições, analisava circunstâncias, avaliava os prós e os contras, elaborava uma justificação e, quase de imediato, ela própria a desconstruía. Trabalhava para um inglês e nada justificava semelhante traição.

Em boa verdade, Roger Blackraven não tinha cara de inglês. Passaria bem por cigano. Os ingleses, de fato, com aqueles ares de gente respeitável, caracterizavam-se por ter figuras pouco graciosas, vestuário sóbrio mas elegante, a pele descarnada e os olhos azuis-claros. Por exemplo, o senhor William White, comerciante e amigo de dom Alcides era do tipo anglo-saxão. Blackraven, pelo contrário, tinha o aspecto de um salteador de estradas. Recordou a sua imagem nessa mesma manhã, ocupando completamente o corredor, como se a autoridade que o seu corpo e a sua presença comunicavam, tivesse invadido o espaço de todos, intimidando as crianças e a ela também. A seguir pensou: “É tão alto como o meu pai”, que ela sempre considerara a pessoa mais alta que tinha conhecido. Mas ao contrário de Fidelis, Blackraven ostentava uma corpulência muito pouco aristocrática, uma solidez concentrada nos ombros extremamente largos e nas pernas grossas.

Soltou um suspiro e continuou a limpar o dorso de *Fuoco* com a escova de arame. Os miúdos, sentados no chão, a poucos passos dela, repetiam a tabuada dos quatro.

— Quatro vezes três?

— Doze — respondiam em coro.

— Quatro vezes quatro?

— Dezasseis.

Voltou levemente a cabeça para olhar para eles. Compunham um quadro adorável, ali, quietinhos no chão, com os seus pequenos rostos morenos e sujos, atentos a qualquer movimento ou palavra sua. As crianças devolviam-lhe a esperança que a vida se empenhava em roubar-lhe.

— Quatro vezes cinco? — Não obteve resposta. — Quatro vezes cinco?

— insistiu. — Então? Vocês sabem. Ainda ontem me disseram sem a mais leve hesitação. Lembram-se do truque? É preciso somar quatro ao resultado anterior. Quantos são dezasseis mais quatro? — Ninguém respondeu.

— Que se passa? — perguntou, voltando-se com a escova na mão.

Roger Blackraven estava à porta da cavalariça. Vestia o seu traje de montar e tinha na mão um chicote com o qual batia no tacão da bota.

Melody pensou: “Precisaria de vários anos de trabalho para comprar as

roupas que tem vestidas.”

Os olhos de Blackraven abandonaram o grupo de crianças para se deterem na jovem. Melody olhou-o também fixamente, sem coragem para o desafiar, mais uma vez impressionada pelo vigor do seu corpo. Disse para si mesma: “É um homem sorumbático”, mas não era na sua pele bronzeada nem nos seus cabelos negros que estava a pensar. A aparência sorumbática era-lhe dada por aquela expressão dura, reflexo de uma alma complexa, cheia de interstícios, pelo seu olhar profundo, reforçado por uma linha de sobrancelhas escuríssima que quase não rareava no meio, não se separando por completo. Era a cara agressiva de um guerreiro.

— Que significa isto? — perguntou Blackraven, apontando com o chicote para o grupo de escravos, sem lhes tirar a vista de cima.

Ao ouvir o som da sua voz, os meninos puseram-se de pé, juntando-se à volta de Melody. Ela não gostou que ele os tivesse assustado daquela maneira.

— Um grupo de meninos a aprender a tabuada dos quatro. Não está a ver?

— Não seja impertinente — disse Blackraven.

Melody corou. Aquelas palavras pronunciadas de forma tão rigorosa acertaram-lhe com a precisão de um chicote.

— De onde saíram? — insistiu, avançando para eles. — Não me lembro de os ter visto no ano passado.

— Juan Pedro e Abel são os filhos de Tecla que é sua escrava. Os outros são filhos das lavadeiras que trabalham na margem do rio.

— Sei muito bem onde trabalham, mas por que estão aqui estas crianças se não são propriedade minha?

— São meus alunos — declarou Melody e Blackraven questionou-se se ela estaria realmente atemorizada. — Ensino-as nas minhas horas livres — apressou-se a esclarecer.

— Alunos? Desde quando os escravos devem aprender a ler e a escrever, ou a multiplicar como parece ser o caso?

Melody lamentou que os meninos tivessem ouvido um comentário tão feroz. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Pousou a escova do cavalo e abraçou-os.

— Vão, queridos — disse, e Blackraven percebeu uma nota de insegurança na sua voz. — Vão ver suas mães. Não chores, Camila — e, acocorada, passou-lhe a mão pelo rosto. — Amanhã voltam, está bem? — Blackraven soltou um impropério. — Vá, deem as mãos uns aos outros. Não se esqueçam de voltar mais tarde, antes do pôr do sol.

Siloé dará um copo de leite.

— Um copo de leite! — exclamou Blackraven exasperado.

— Quer fazer o favor de se calar — lançou Melody em inglês, voltando-se

para enfrentá-lo. — Não tem coração? Já viu que tratou estas crianças como se fossem animais?

Blackraven ficou confuso e em seguida envergonhado, sentimentos que não costumava experimentar. “Garota dos diabos!”, exclamou para si mesmo, controlando o impulso de bater nela. Mas o impulso morreu logo, dando lugar a uma estranheza e a uma curiosidade que o levou a se questionar: “Que tipo de mulher é esta que não me teme nem me admira?”

— É fácil oferecer os bens alheios — declarou quando ficaram a sós. — Porque se bem entendi, o leite que generosamente oferece não provém de vacas de sua propriedade. Ou estarei enganado, senhorita Isaura?

— Não se engana, senhor Blackraven.

— Dentro de pouco tempo vou ter todos os escravos de Buenos Aires mendigando um prato de comida.

— Agora compreendo — disse Melody — por que Jesus Cristo afirmou que era mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.

— Basta! — vociferou Blackraven, e Melody recuou até chocar-se com *Fuoco*. — Já disse o suficiente. De hoje em diante não há mais leite para essas crianças que não são minhas.

— Senhor Blackraven, por favor, esse leite é o que sobra, o que fica depois de alimentar a população de El Retiro. Algumas vezes se estraga. Não prive essas crianças talvez do único alimento que...

Blackraven mandou-a calar-se com um gesto do chicote.

— No seu lugar, senhorita Isaura, não está em posição de me exigir o quer que seja. Já provocou tantas alterações entre a minha gente que deveria estar presa. Já agora diga-me: onde escondeu a minha escrava, aquela que me custou quase quatrocentos pesos?

— Na quarta lei, artigo vinte e dois do título número quatro do código negreiro — citou Melody — estabelece-se que se uma escrava for humilhada ou transformada em prostituta, o senhor a perderá.

Blackraven achou piada à importância que a garota dava àquela norma em desuso. Decerto tinha sido o pobretão do Covarrubias que a instruíra.

— Vejo que é uma conhecedora da matéria e que se aventura a pronunciar palavras nas quais, na minha terra, nenhuma mulher se arriscaria sequer a pensar. Os meus parabéns, mas isso não vem ao caso. Insisto: onde está a minha escrava? É propriedade minha e quero-a de volta.

— A sua escrava, senhor, chama-se Miora e está escondida. Sim, fui eu que a escondi. E fi-lo para a proteger. Que tipo de homem é o senhor que deixa a sua propriedade nas mãos de duas criaturas sem escrúpulos como dom Alcides e

dom Diogo? Miora foi forçada e o seu direito ao pudor, violado. Como pode pedir-me que a devolva a quem lhe fez semelhante mal?

— É a mim que cabe decidir, e não a si, o que fazer com essa escrava. Agora diga-me onde a tem escondida?

Melody quis voltar a protestar, mas Blackraven avançou para ela tão rapidamente que a deixou sem palavras. Encostou-lhe o chicote ao queixo, antes de lhe dizer em voz baixa: — Não se engane, senhorita. Eu não sou Valdéz y Inclán.

Melody conteve a respiração. Havia algo sinistro, quase perigoso na deliberada entoação da sua voz.

— A ele amedrontou-o com exigências e escândalos, mas eu não quero saber do escândalo ou de qualquer litígio legal. Se a senhorita tem algum juízo deixará de disparates e devolverá a escrava. Caso contrário, eu mesmo a denunciarei por roubo. Não quero pensar no que poderia acontecer ao seu irmão consigo na prisão. Solte o cabelo! — ordenou bruscamente.

Melody ficou a olhar para ele.

— Disse-lhe que soltasse o cabelo.

— O cabelo?

— Vai fazer o que lhe disse ou faço eu?

Aproximou-se dela numa atitude intrínseca de comando que tornava impossível a recusa. A jovem levou as mãos à nuca e tirou os ganchos que lhe prendiam o cabelo.

— Sacuda a cabeça — exigiu Blackraven. — Quero que o deixe cair sobre os ombros. Volte-se, vá.

Melody assim fez e sentiu que, logo a seguir, Blackraven lhe espalhava a cabeleira.

— Que acha que está a fazer? — protestou, agarrando o cabelo com as mãos e dando uma volta.

Os lábios de Blackraven retorceram-se num sorriso cheio de vaidade.

— Era a senhorita que hoje de manhã cavalgava como se o próprio demônio a perseguisse. Vestida de homem e escarranchada no cavalo — acrescentou. — De quê ou de quem fugia?

— De nada — respondeu Melody. — De que havia de fugir? Saí para andar a cavalo, só isso.

— Simplesmente para andar a cavalo? Vestida de homem? Disfarçando-se sob um capuz? Duvido — concluiu com uma segurança que a deixava sem hipóteses de fuga.

— Fui criada no campo, senhor. Passava a maior parte do dia a cavalo a ajudar o meu pai nos trabalhos da herdade. De saias seria muito pouco prático.

Por muito disparatado que lhe pareça, desde pequena que me habituei a vestir como os homens.

— E a sua mãe achava bem?

— Não, claro que não. A minha mãe era uma senhora da cidade muito requintada, mas a vontade do meu pai ditava que eu aprendesse a gerir a herdade. A minha mãe não tinha autoridade alguma nessa matéria e eu recebi a educação e a liberdade de um rapaz.

Ficaram em silêncio. A tensão aumentava e incomodava Melody que resolveu não dizer mais nada. Blackraven, esse, não parecia nem um pouco afectado.

— Devo confessar-lhe, senhorita Isaura, que é para mim uma fonte inesgotável de surpresas.

Melody não soube se deveria tomar aquela frase como um elogio, se como um insulto. Ficou calada, a olhar para ele. Pensou, observando os seus olhos: "Que azul tão bonito." Apesar de serem azuis-escuros, distinguiam-se bem do negro da íris. Para um homem tão viril, de sobrancelhas grossas e escuras que lhe davam aquele aspecto cruel, as pestanas eram demasiado longas e reviradas como as de um menino. Mas, para além dessa característica que apaziguava a dureza natural do seu olhar, Roger Blackraven transmitia a envolvência da sua masculinidade em cada gesto, em cada expressão, em cada aspecto do seu corpo. Àquela hora já se percebia no seu rosto uma sombra escura e ela repara que, de manhã, ele estava impecavelmente barbeado.

— Para onde está a olhar, senhorita?

— Para si, senhor.

Blackraven soltou uma gargalhada e, atirando a cabeça para trás, riu abertamente, sacudindo a proeminente maçã de Adão, mostrando os dentes brancos e harmoniosos, unindo as pestanas num semicerrar de olhos. Tinha achado graça à maneira como ela lhe respondera, sem intenção de o desafiar, com franqueza e alguma perplexidade por ter de dar resposta a algo tão óbvio.

— Será melhor eu voltar para casa — disse Melody. — Víctor deve estar a acordar.

— Víctor jantará comigo esta noite. — Melody assentiu. — E a senhorita também.

— Não.

— Por que não? — quis saber Blackraven. — Porque não quer partilhar a mesa com um inglês, é isso? Não a imaginava preconceituosa e menos ainda racista.

— Recusei porque não quero que o meu irmão coma sozinho, só isso.

— Mas o seu irmão será igualmente bem-vindo à minha mesa esta noite e

todas as outras noites durante a minha estadia em Buenos Aires.

Como vê deixei-a sem desculpas. Lamento que o meu convite não seja do seu agrado, mas é-o para mim. Com o tempo vai aprender, senhorita Isaura, que se faz sempre o que eu quero. — E daquela maneira que o caracterizava, saltando de um assunto para outro sem qualquer pausa, exigiu: — Diga-me onde está a minha escrava. Hoje mesmo mandarei buscá-la.

— Não vai voltar a entregá-la a Valdéz y Inclán, não é?

— Não estou habituado a que questionem as minhas ordens.

— Não voltará a ver Miora se não me prometer mantê-la longe de dom Alcides.

— A senhorita não tem vergonha! — encolerizou-se Blackraven, perdendo a afabilidade anterior. — Diga-me onde ela está.

— Não.

Com uma das mãos, agarrou-a pelo pescoço, assustando *Fuoco* que se afastou em direção aos outros cavalos. Embora Melody soubesse que com pouco esforço Blackraven poderia partir-lhe o pescoço, não se permitiu fraquejar, nem sequer tentou tirar-lhe a mão. Manteve-se quieta e muito direita, o olhar fixo no dele, a respiração agitada à medida que aumentava a pressão em volta da sua garganta.

Blackraven pensou: “À semelhança do que fez com *Sansão* hoje de manhã, está cheia de medo, mas prefere morrer a dar-se por vencida.” O pescoço pareceu-lhe esbelto e pequeno. Cabia inteiramente na sua mão e o contraste da brancura da jovem com a tonalidade morena dos seus dedos fê-lo sentir a feminilidade daquela mulher.

Tinha tanto a perder e tão pouco a ganhar. O bem-estar de Miora, só isso. Todos os dias, centenas de escravas eram violentadas em Buenos Aires e ela preocupava-se com aquela insignificante criatura. Ninguém se atrevia a contradizê-lo, nem os poderosos de Inglaterra nem o mais simples marinheiro dos seus barcos, mas aquela garota provocava-o como se atrás dela se ocultasse um extenso exército. Não conseguiu deixar de sentir admiração. Admirou-a porque não demonstrava o medo que sentia. Tempos atrás, um sábio da Índia tinha-lhe dito: “Não é valente aquele que não tem medo, mas aquele que, tendo medo, consegue vencê-lo.” Deixou cair a mão e afastou-se dela.

— Porque é assim? — perguntou ela com raiva e já nem sequer a sua veemência, conseguiu irritá-lo. — E porque é tão pouco importante para si que uma mulher sofra um terrível vexame às mãos de um crápula?

Blackraven voltou bruscamente a cabeça e olhou-a nos olhos. Quem era Isaura Maguire? Como teria sido a sua vida? Naquele instante sentiu que era assaltado pelo desejo imperioso de a conhecer profundamente.

Queria conhecer todos os aspectos do seu passado, assim como os do seu presente.

— Prometo-lhe que nada de mal acontecerá a essa escrava, enquanto for propriedade minha. Tem a minha palavra de honra.

— Eu mesma irei buscá-la — declarou Melody. — Amanhã a terá aqui.

— Está bem.

— Com sua licença, então — e passou por ele, afastando-se.

Blackraven admirou mais uma vez o cabelo que lhe cobria as costas, como um manto, até a cintura. Era ondulado, abundante, exuberante e irradiando uma luz vermelha. Com o impudor do seu temperamento despótico, pensou: “Quero ver aquela gloriosa cabeleira espalhar-se sobre o corpo nu da senhorita Isaura.”

VI

Ao entardecer, Servando saiu à socapa do matadouro onde trabalhava e dirigiu-se à zona do rio. Se Bustillo o apanhasse mandá-lo-ia para o tronco ou daria ordem para que lhe aplicassem cem chicotadas.

Na véspera, não teria corrido esse risco, pois Miss Melody não permitiria que exercessem violência sobre ele ou qualquer outro, mas com a chegada do patrão Roger, a vida prazenteira que decorria sob a autoridade da doce preceptora ia mudar por completo. Entre os escravos corria todo o tipo de boatos e nenhum deles era animador.

Amaldiçoou a sua sorte que o arrancara do seio da sua tribo, lançando-o naquela condição de escravo. Ele que fora livre como o vento.

Tempos houve, na sua terra, em que enquanto perseguia uma presa, de lança na mão, chegara a ter a sensação de que os pés se descolavam do chão, que o seu corpo ganhava leveza e voava. Aquela sensação tinha-o tornado invencível. Não havia animal que escapasse à certeza da sua lança. A sua fama de caçador granjeara-lhe um nome na tribo. As mulheres admiravam-no, os homens tinham-lhe respeito, os seus se orgulhavam dele. Os deuses regozijavam e enchiam-no de graças e obséquios.

Um dia, os deuses abandonaram-no e, enquanto tomava banho num ribeiro, depois de ter caçado um antílope de cauda branca, caiu-lhe em cima uma rede. Debateu-se, tentando em vão libertar-se. O grupo de caçadores, negros como ele, dominou-o, espancando-o e deixando-o inconsciente. Recuperou os sentidos numa carroça com outros na mesma situação. Chamou os caçadores aos gritos. Apareceu um negro jovem, ricamente trajado com uma veste de tecido vaporoso e brilhante que indiciava alguma riqueza. O corte de pele de leopardo que lhe adornava a cintura confirmava essa suspeita, assim como a grande quantidade de anéis e pulseiras que o enfeitavam. O belo colar de pequenas bolas esbranquiçadas que chegava até o umbigo também contribuía para chamar a atenção.

Felizmente falava a sua língua. Disse chamar-se Pangu. Servando apresentou-se com o seu verdadeiro nome, Babá e explicou que era o caçador mais importante da sua tribo, e que o rei pagaria um bom resgate por ele. Pangu desqualificou a oferta, argumentando que na feitoria lhe dariam muito mais do que aquilo que um rei conseguiria reunir com grande esforço.

— Um homem forte como tu — acrescentou — vale muito nos dias que correm. Suportarás a viagem sem dificuldade — vaticinou, e Babá não percebeu

o que ele queria dizer.

Tempos mais tarde, soube que homens como Pangu eram dominados pelos sobas que, juntamente com os portugueses e os piratas, caçavam africanos para os transacionar nos portos negreiros do Atlântico, especialmente Azamor, Agadir, São Tomé, Ouida ou qualquer outro do golfo do Benim.

Na carroça, as mulheres e as crianças choravam e os homens tinham um ar vencido. A viagem até a costa onde estavam instaladas as feitorias dos europeus tornou-se num pesadelo real, prelúdio do que viria a acontecer: uma tortura que Babá ainda se perguntava como fora capaz de suportar. Quando chegaram às feitorias, fizeram-nos descer das carroças, empurrando-os e espicaçando-os com os taipais. Os membros entorpecidos após vários dias na mesma posição não respondiam e faziam-nos cair ao chão como bonecos de trapos. Alguns homens brancos, que lhes gritavam e que os açoitavam, arrastando-os por onde os conseguiam agarrar, lançavam-nos dentro de uma quibanga, uma espécie de curral sem janelas, construído com troncos. Por cima da quibanga estava instalada a guarita dos encarregados. Durante a noite, até alta madrugada, não conseguiam dormir com a gritaria que estes faziam nas suas patuscadas que muitas vezes, à custa de uma das prisioneiras, se transformavam em orgia. Nessas alturas, Babá tapava os ouvidos e cantarolava uma velha canção da sua tribo para amortecer os gritos da sacrificada e o arfar dos encarregados e para calar as suas vozes internas que lhe perguntavam: “O que nos reserva o destino?”

O amontoado de pessoas seria o denominador comum das diversas etapas que teria de atravessar. Ele, que tinha sido dono e senhor da savana, via-se agora reduzido àquele lugar nauseabundo e apinhado de gente. Ninguém falava a sua língua e, soube mais tarde que, por receio das conspirações, jamais era permitido que dois homens da mesma tribo partilhassem a mesma quibanga .

Alimentavam-nos todos os dias com a mesma sopa que lhes era vertida com grandes colheres sobre as mãos em concha estendidas por entre os troncos da cerca. Às vezes estava demasiado quente e queimava-os.

Tinham de a deitar ao chão, comendo-a depois como animais. Nos primeiros dias, Babá recusara-se a aceitar aquela mistela guisada e as que rosa cujo cheiro era o suficiente para lhe provocar vômitos. Lançava-a ao chão com displicência e via que os outros a devoravam. Com o passar dos dias, quando o estômago começou a roncar e a cabeça a dar voltas devido à debilidade, acabou por a engolir.

De tempos a tempos, o cheiro da quibanga tornava-se insuportável até para os encarregados. Nessa altura, acorrentavam-nos uns aos outros pelo pescoço e pelos tornozelos e faziam-nos sair, incitando os que ficavam para trás com os seus chicotes de couro de hipopótamo. Limpavam tudo de modo superficial e,

pouco depois, devolviam-nos ao curral. Dia após dia, viram chegar Pangu e outros como ele que, atraiçoando a sua própria raça, trocavam centenas de mulheres, homens e crianças por tecidos, utensílios, joias, tabaco e, sobretudo, álcool. O ódio, um sentimento que Babá desconhecia, apoderava-se das suas entranhas, tornando-o incrédulo, desconfiado e pouco solidário. Percebia que, embrutecido como estava, se estava a tornar numa pessoa má, sem vontade de se emendar, e convencia-se de que, tal como na savana, se tratava de matar ou de morrer.

Até que chegou o dia do embarque. Mantendo-os acorrentados uns aos outros, arrastaram-nos até a praia, onde viram o mar pela primeira vez. Aquela infinita extensão de água, de uma cor que era um misto de verde e azul, pareceu a Servando a mais soberba expressão da liberdade.

Agora, pensando melhor, considerava uma ironia do destino que aquele mar tivesse sido o meio que o conduzira à escravatura.

Os seus olhos tinham sido atraídos por um homem, coberto de longas vestes negras, que aspergia água sobre eles, declamando palavras incompreensíveis e tocando-lhes na testa com um óleo de aroma agradável.

Numa mistura de línguas africanas, um dos encarregados explicou-lhe que, a partir desse momento, se chamaria Servando.”Agora sois filhos de Deus”, declarou o homem de estranhas vestes, e o encarregado traduziu.

”Agora ides para a terra dos espanhóis onde aprendereis as coisas da fé.

Não deveis lembrar-vos mais da sua terra, nem comer cães, ratos ou cavalos. Ide de boa vontade.” Aquele era o discurso mais estúpido que Babá, ou Servando, alguma vez ouvira.

Como o barco que os transportaria aguardava a uma milha da costa, conduziram-nos à coberta do navio em grandes lanchas. As mulheres e alguns homens que também viam o mar pela primeira vez, foram tomados de ataques de pânico e recusaram-se a subir. Com uns cacetes curtos e maciços, bateram-lhes na cabeça e meteram-nos lá dentro como se fossem sacos. Já na coberta, obrigaram-nos a descer para o porão, para junto da sentina, onde teriam cabido se não estivesse ocupada por sacos e caixotes de madeira que, veio a saber mais tarde, continham provisões que os negreiros tencionavam contrabandear no porto de Buenos Aires.

Quando o alçapão se fechou, Servando pensou que só voltaria a abrir-se para o tirarem dali morto.

Ao analisar retrospectivamente a viagem, Servando concluiu que a sede tinha sido o pior tormento que sofrera, seguido da fome, das doenças, do fedor e do amontoamento, por essa ordem. Colocaram-nos praticamente uns sobre os outros, em posição fetal, agrilhoados pelo pescoço e pelos tornozelos, o que lhes

provocava feridas que acabavam por gangrenar. De noite, eram mordidos pelas ratazanas que lhes transmitiam febre bubônica e outras doenças que os dizimavam. Quantos terão morrido? A certa altura, Servando julgou que iam morrer todos, de uma febre ou *banzo,* uma espécie de suicídio lento, causado pela melancolia. O medo e a nostalgia quebravam-nos e decidiam simplesmente deixar-se morrer.

Uma vez por dia, abriam o alçapão para lhes dar comida — algo tão repugnante que chegavam a ter saudades da sopa da feitoria — e para tirarem os mortos e lançá-los ao mar. Com uma frequência semelhante à da quibanga, mandavam-nos subir para o convés para limparem a sentina, onde estavam todos os embornais do navio. Voltavam a ver o sol e a respirar ar puro, apesar de o mau cheiro se espalhar pelo convés, como se a imundície se tivesse apoderado do velame, das madeiras, das vergas e dos cabos do navio, destruindo e infestando tudo.

Pouco tempo depois, Servando descobriu que o mar não só era livre, mas também poderoso. Uma noite, sacudiu o navio como se este não passasse de uma folha. Os gritos e os lamentos que ouviam diariamente na sentina aumentaram até se tornarem desesperados. Uma mulher morreu de medo, os outros vomitaram até ficarem desidratados. Acabaram por chegar ao seu destino, atracando primeiro em São Filipe de Montevideu e, uma semana mais tarde, na enseada de Barragán, catorze léguas a sul de Buenos Aires. A verdade é que o porto daquela cidade era mau para fundear devido à escassa profundidade e aos bancos de areia.

Não evacuaram de imediato o navio. Tiveram de esperar alguns dias até que a papelada estivesse pronta e o médico da junta de saúde os visse e se assegurasse da ausência de epidemias. Servando percebia que entre eles havia todo o tipo de doenças. Por fim, quando viu que tinham conseguido o papel com a anuência do médico, perguntou-se se a entrega de um saquinho de couro bem recheado não teria a ver com a rapidez com que se resolveu o assunto.

O acampamento negreiro situava-se na zona Sul de Buenos Aires. Descalços, seminus, torturados pelo frio e por uma chuva fininha e gelada, avançaram acorrentados por caminhos lamacentos. Iam caindo, alguns mortos, outros inconscientes. E ali ficavam os mortos. Os outros, depois de se certificarem com pancada de que não estavam a fingir, amontoavam-nos numa carroça. Várias horas mais tarde, atravessaram uma ponte de madeira instável que se elevava sobre um rio pequeno e de fraco caudal, dando entrada na propriedade da Real Companhia das Filipinas, repleta de negros.

Tinham muita fome e muita sede, mas seria o cansaço e a debilidade física a derrubá-los. Servando encostou-se a um canto e adormeceu no piso térreo.

Na manhã seguinte, distribuíram-lhes os alimentos, umas fatias de carne seca a que chamavam tassalho e uma sopa amarela. Para beber deram-lhes uma tijela com uma infusão esverdeada e desagradável. Horas mais tarde, conduziram-nos até o rio, tão grande que mais parecia o mar.

Obrigaram-nos a despir-se e a entrar na água gelada. Alguns tentavam resistir e acabavam submersos à força de pancada. Apesar do frio, Servando mergulhou de boa vontade e esfregou a pele com uma pedra, na tentativa de se libertar daquele cheiro horrível que julgou que ficaria para sempre entranhado na sua pele. A água tonificou-lhe os músculos e devolveu-lhe alguma energia.

De volta ao armazém, foram colocados em filas, as mulheres de um lado, os homens do outro. Na véspera tinham levado as crianças para outro lugar provocando cenas lancinantes ao arrancar os filhos às mães.

O homem que estava ao lado de Servando tremia, batia os dentes e tinha o olhar delirante e vítreo característico de quem tem febre. Servando agarrou-o, impedindo-o de cair. Quando lhe tocou, sentiu o calor doentio da sua pele. “Vai morrer muito em breve”, pensou, habituado que estava a ver situações daquelas na sentina do barco. Pouco depois, deitou-o no chão, sem vida.

Os funcionários deram início à medição, operação através da qual o escravo era medido e avaliado e o seu valor calculado em pesos. Havia um que tomava nota, enquanto os outros os mediam com uma vara de madeira e os revistavam. Foi humilhante, os funcionários com os dedos sujos a mexerem-lhes nas bocas, nos genitais, a abrirem-lhes as nádegas.

Servando nunca mais poderia esquecer o que aconteceu a seguir: a ferretoada. Marcavam-nos com ferro em brasa que lhes recordaria para sempre a sua condição de escravos. Ao aperceberem-se da intenção dos funcionários, que se aproximavam com os ferros em brasa, os negros começaram a inquietar-se, a tentar fugir, a gritar. Houve cenas lancinantes de choro e de histeria, mas nada deteve o processo. A marca da Real Companhia das Filipinas ficou para sempre impressa na omoplata de Servando. A dor fê-lo cambalear e cair de joelhos. Tombado, com a testa no chão, voltaram a marcá-lo na outra omoplata com um selo que indicava que já tinham sido pagas as taxas respetivas por aquela “peça”. Agoniado, quase pronto a devolver o pouco alimento ingerido, Servando sentiu que lhe lançavam uma substância oleosa sobre as marcas em carne viva. As gotas densas escorreram-lhe pelas costas e pelo ventre formando charcos à sua volta. Como num delírio, chegavam-lhe os gritos e o choro das mulheres ferreteadas no armazém contíguo. Ah, como odiava os brancos.

Não todos, claro. Adorava Miss Melody, não por ter sido a primeira pessoa a demonstrar-lhe alguma compaixão mas porque o considerava um ser humano. No primeiro dia ali em casa de Valdéz y Inclán, Miss Melody, com a ajuda da

senhorita Leonilda e do alforriado Papá Justicia, tratara-os, a ele e a Miora, dos ferimentos que não cicatrizavam e corriam o risco de infectar. Passou-lhes um unguento que cheirava mal, mas que rapidamente lhes acalmou a dor e deu-lhes a beber uma infusão doce e amarelada que os mergulhou num sono reparador.

Com uma infinita paciência, ensinou-os a falar castelhano e a perceberem o que lhes era dito. “És muito inteligente.”, afirmava para o animar. “Aprendes depressa.” Sabia pelos escravos mais antigos que, graças a ela, tinham acabado os tormentos sofridos às mãos de dom Alcides e dom Diogo e que não só socorria os negros da casa mas também os dos vizinhos. A benevolência de Miss Melody ultrapassara os domínios de Valdéz y Inclán e tinha chegado às salas mais refinadas da Merced, Monserrat e do Alto. Os negros que habitavam nos bairros do Mondongo e do Tambor, ambos na margem do rio, também já tinham ouvido pronunciar o seu nome com reverência.

Contava-se como exemplo o caso da mulata Francisca, escrava pessoal de dona Clara Echenique, que lhe batia sempre que estava de mau humor. Uma tarde, a escrava entornou o chá-mate sobre o tapete da sala, provocando grande confusão. Dona Clara chicoteou-a até ela desmaiar. Mandou-a prender à grade que servia de cancela do pátio, onde a deixou abandonada durante alguns dias, em jejum e sujeita às inclemências do tempo.

A negra Mariaba cozinheira da casa de Echenique, encheu-se de coragem e, em vez de ir ao mercado, dirigiu-se à casa de Valdéz y Inclán.

Foi direita ao portão dos carros e pediu para falar com Miss Melody.

”Como é bonita!”, pensou ao vê-la. A palidez da sua pele era acentuada pelo vestido negro, pois ainda estava de luto pela morte do pai, Fidelis Maguire. “É um anjo negro”, disse para si mesma e essa denominação acompanhou-a desde esse dia.

Muito nervosa, Mariaba não se expressava corretamente. Gaguejava e complicava a explicação. Miss Melody interrompeu-a e disse: — Leve-me até junto de Francisca.

— É um bom momento, menina — assegurou a mulher, dirigindo-se para casa dos Echenique. — Os patrões saíram.

Ao ver a mulata Francisca acorrentada à grade, Melody correu para ela e tentou reanimá-la, pois parecia estar morta.

— Não desistas — impôs-lhe. — Vamos tirar-te daqui.

Mariaba e os restantes escravos nunca chegaram a saber para onde Miss Melody tinha levado Francisca. No regresso, Clara começou a gritar e a estralejar o chicote contra os seus escravos. Nenhum deles abriu a boca e limitaram-se a assegurar que não tinham visto nada. Clara pensou mandá-los todos para o tronco, mas o marido dissuadiu-a. Poucos dias depois, um jovem

notário, o doutor Bruno Covarrubias, apresentou-se em casa dos Echenique com uma demanda contra Clara por maus tratos à sua escrava, conhecida como a mulata Francisca. Meses depois, Clara foi destituída da propriedade de Francisca que acabou por ficar a trabalhar no Cabildo.

Miss Melody pediu a Servando que lhe contasse a sua experiência na Real Companhia das Filipinas. Mostrava um interesse especial em conhecer a distribuição dos edifícios, a localização do escritório da administração assim como os registos e os depósitos. Um assunto levou a outro e Servando acabou por lhe contar a sua amarga experiência, desde o momento em que Pangu o caçara até o dia do leilão em que dom Diogo pagara um preço exorbitante por ele. À medida que o relato avançava, os olhos de Miss Melody enchiam-se de lágrimas, ganhando uma tonalidade azul-turquesa.

— Agora sou menos do que um animal — disse Servando, com a voz entrecortada.

Melody abraçou-o e ele ficou subitamente tenso. Ninguém lhe tocara nos últimos tempos, a não ser para o espancar ou para lhe dar com a palmatória nas mãos por ter cometido qualquer erro. O fato de Miss Melody, aquela jovem tão branca e tão bonita que cheirava tão bem o abraçar, a ele, um negro magarefe, incomodou-o sobremaneira. Melody continuou a abraçá-lo e a chorar, disse-lhe ao ouvido: — Babá, querido Babá, não sabes como lamento tudo o que os meus te fizeram a ti e a tantos dos teus. Ouve bem — declarou —, tu não és um animal, és um homem fantástico. Nunca te esqueças disto.

Recordar as palavras de Miss Melody comovia-o. Ela devolvera-lhe a dignidade. Se para Miss Melody, essa criatura perfeita, ele ainda era um homem, então devia sê-lo realmente. E por ela arriscava-se a deixar o matadouro àquela hora do crepúsculo. Sabia como ela estava ansiosa por conhecer a sorte de Tomás e Pablo. Percorreu o último troço até a zona dos almocreves. Ao longe, junto à margem, avistou as lavadeiras que recolhiam os lençóis estendidos sobre as pedras e os colocavam nos tabuleiros, enquanto os filhos saltitavam por ali, espantando os pássaros e atirando pedrinhas ao rio. Perguntou-se se teriam tomado o leite. Corria o boato de que o patrão, irritado com Miss Melody, o tinha proibido.

Os almocreves conheciam Servando e cumprimentaram-no. À semelhança dos escravos, aqueles homens constituíam uma casta de párias.

Vinham do interior do vice-reinado, de Mendonza, de Córdova e de Tucumán, alguns do Alto Peru, com as suas carroças cheias de mercadorias que entregavam aos ávidos comerciantes portenhos. Para não regres-sarem com os veículos vazios, ofereciam os seus serviços de transporte, principalmente aos donos de fábricas de curtume e salga. Por vezes, passavam meses sem conseguir

uma encomenda e nesses períodos desarmavam os carros que lhes serviam de acampamento. Havia muitos almocreves e pouco trabalho.

Anos antes, em 1783, o vice-rei Vértiz tinha-os proibido de entrar em Buenos Aires, alegando que, com as suas carroças pesadas, de enormes rodas, estragavam as calçadas, tornando-as ainda mais intransitáveis. Receberam uma área na zona Norte da cidade, praticamente despovoada com excepção de algumas quintas e do convento dos padres Recoletos. Aí instalavam-se à espera de uma carga que justificasse o caminho de regresso. Os habitantes da cidade desprezavam-nos, chamavam de vadios e ladrões. Acusavam-nos de encobrir delinquentes e esconder escravos fugitivos que escapavam aos seus donos. Culpavam-nos por, devido à sua presença incômoda, ter sido posto de parte o projecto de estender a alameda até Retiro.

Tomás e Pablo, além de almocreves eram comerciantes que funcionavam como intermediários na compra e venda de gado. Nenhum dos dois tinha boa reputação e dizia-se que, muitas vezes, vendiam gado roubado.

Tomás viu Servando aproximar-se e chamou-o. Juntamente com Pablo e com alguns outros, tomava chá-mate e entretinha-se com o baralho de cartas apesar de estarem proibidos aos almocreves jogos desse tipo. Servando sentou-se no chão e aceitou o mate que lhe ofereceram.

— Vim aqui porque Miss Melody está muito angustiada por sua causa, Tomás.

— Ela não está bem? — interessou-se Pablo, ocultando a ansiedade por trás das cartas.

— Está — respondeu Servando, estudando-lhe o perfil. — disse que foi *Fuoco* que a salvou por galopar tão rápido. Se não fosse aquele belo cavalo que ela tem, não sei... nem quero pensar!

— E se ela não fosse tão boa cavaleira… — acrescentou Pablo.

— Vamos — ordenou Tomás, terminando o jogo.

Pablo e Servando seguiram-no. até aquele momento não tinham dito nada que fosse comprometedor. O que iriam dizer em seguida, pelo contrário, exigia uma privacidade absoluta. Havia tempo que se preparava uma revolta de escravos em que Pablo e Tomás se tinham envolvido, por convicções morais e também por necessidade econômica. Ambos se opunham à escravatura, tal como Fidelis Maguire lhes tinha ensinado, e não apenas a dos negros, mas também a que o jugo espanhol impunha aos nascidos no Rio da Prata. Por outro lado, no ataque aos acampamentos negreiros, iriam apoderar-se da mercadoria de contrabando que poderiam revender no interior, obtendo bons lucros. Do ponto de vista ideológico, o golpe que iam efetuar pretendia abalar a sociedade, ameaçá-la, extorqui-la, conseguir pela violência o que não conseguiam de outro

modo: um tratamento mais humano para os escravos, e, porque não, a abolição da escravatura. Desgastar o corrupto governo espanhol e difundir as ideias de independência contavam-se entre os seus objetivos.

O medo tornar-se-ia na arma de persuasão mais eficaz. O ataque, na noite anterior, durante o qual tinham roubado os ferretes da Real Companhia das Filipinas, constituía apenas o prelúdio.

— Foi decidido — declarou Tomás — que Álzaga, Sarratea e Basavilbaso, os principais negreiros de Buenos Aires, devem morrer.

Servando assentiu pensativamente. Há muito tempo que o seu espírito clamava por vingança. A possibilidade de pôr a corda ao pescoço daqueles que, deste lado do mar, enriqueciam à custa dos seus, pareceu-lhe uma boa maneira de iniciar o seu plano. Não recuaria enquanto não tivesse destruído cada elo da sinistra cadeia do comércio negreiro, e poder regressar a África. C seria a sua última vítima. Apesar de naquela maldita terra chamada Buenos Aires ter conhecido alguém que lhe prendera o coração, não se deteria. Um bom caçador nunca descansava enquanto perseguia a sua presa. Só depois do animal morto, estripado e degolado, voltava a sua atenção para questões mais agradáveis. Ele não se afastaria dessa máxima.

— Não me cheiram bem estas conspirações — declarou Pablo. — Gente demais envolvida. Fica difícil controlar e nunca faltam traidores.

— São necessários muitos homens — justificou Tomás. — O golpe vai ser ambicioso. Já sabes que vão ser três grupos a entrar nos acampamentos negreiros, a tirá-los cá para fora e a levá-los para o bairro do Tambor. Enquanto isso, os outros saqueiam os armazéns.

— Miss Melody — comentou Servando — disse que, os guardas estavam prevenidos do ataque desta noite. Que escaparam por milagre.

— É possível — concordou Tomás —, mas não podemos ter a certeza absoluta.

— Sim, escapamos por milagre — repetiu Pablo —, mas antes tivemos a grande satisfação de esvaziar um dos barracões e pegar-lhe fogo. Os poucos negros que lá estavam fugiram rapidamente.

— Miss Melody não me contou isso — estranhou Servando.

— Ela não sabe — esclareceu Tomás. — Não o teria permitido.

— Desculpe dom Tomás — disse o escravo —, se é um atrevimento da minha parte, mas não acho bem que Miss Melody ande convosco a galopar por aí.

— Não lhe diremos nada sobre os nossos próximos golpes — concordou Pablo. — Além disso, como Tomás acabou de referir, ela não permitiria. Para Miss Melody há uma grande diferença entre roubar os ferretes e matar esses

filhos da puta. É uma mulher de coração mole.

Papá Justicia, chegou curvado apoiado no bastão de feiticeiro de que nunca se separava, todo enfeitado com roupas elegantes, apesar de andrajosas, e uma cartola comida pela traça o que, paradoxalmente, lhe conferia um ar de dignidade. Anos antes, quando era jovem, conseguira que o seu dono lhe desse a carta de alforria. Diziam os boatos que dom Eustaquio assinara os papéis sob o efeito de um bruxedo que Papá Justicia nunca desfez, pois até o dia da sua morte, o homem continuou a fazer disparates como libertar o resto dos seus escravos e casar com uma cabrita que lhe deu vários filhos. O feitiço de dom Eustaquio serviu para transformar Papá Justicia no bruxo e curandeiro mais célebre da cidade. Muitos atribuíam-lhe também fama de radioestesista . Homem de vários mundos, movimentava-se de modo confortável em todos eles, com o à-vontade que lhe era dado pelo medo e pela certeza de ser respeitado tanto por ricos como por pobres. À porta de sua casa, no bairro do Mondongo, havia sempre um grupo de gente à espera de ser atendida. Consultavam-no para saber o futuro, por motivo de doença, amores não correspondidos, fertilidade e gravidez, pessoas desaparecidas, maridos e mulheres infiéis. De noite, disfarçadas e correndo risco de vida, as parteiras e as mães de família esgueiravam-se pelas ruas até o local caótico onde reinava um aroma espesso e onde Justicia exercia o seu ofício de curandeiro. Dizia-se que enriquecera vendendo beberagens e praticando conjuros. Além disso, havia ainda as quantias que recebia como informador.

Tempos antes, Papá Justicia tinha ouvido com atenção a jovem branca de grandes olhos azuis-turquesa que, de modo apaixonado, lhe dizia: — Não compreendo o que vos impediu de se organizarem e de se voltarem contra os seus opressores. Sois tantos! Às vezes penso que, nestas terras, há mais africanos e criollos do que espanhóis.

Papá Justicia reparou que Miss Melody não lhes chamou “escravos”, nem “negros” e sim “africanos”. A palavra “africano” brotava dos seus lábios com naturalidade.

— Se bem conheço a gente da minha terra — respondeu o feiticeiro —, posso assegurar-lhe que isso se deve ao fato de, mesmo aqui, neste lugar distante e opressor, continuarem a existir as mesmas diferenças tribais que nos mantinham desunidos em África. Receio bem que não seja fácil organizarem-se no meio de tanta discórdia. Seria praticamente impossível conseguir que se pusessem de acordo para nomear o chefe da revolta.

Papá Justicia percebeu que Miss Melody preferia não insistir naquele assunto. Incitar à revolta aquela gente que às vezes parecia um bando de crianças resultaria numa contenda desigual que certamente perderiam, apesar de serem

numericamente superiores aos brancos. Mal alimentados e desarmados, os escravos formariam um exército deplorável. Sentiu-se invadida por um profundo desconsolo ao compreender que o mais sensato seria limitar-se a melhorar as condições de vida dos africanos no Rio da Prata. Devia evitar-se um massacre inútil. Havia que esperar. Bruno Covarrubias dava-lhe esperança quando lhe falava das ideias que, aos poucos, começavam a ganhar destaque entre os filósofos e os políticos europeus: era preciso acabar com a escravatura.

— Boas-noites — saudou Papá Justicia, levantando ligeiramente a cartola.

Pablo fez-lhe sinal para que se sentasse ao seu lado e ofereceu-lhe um chá-mate.

— Como estão Miss Melody e o menino Jimmy, Servando? — interessou-se o velho feiticeiro. — Soube que o patrão Roger já chegou.

— Estão bem, Papá. E é verdade que o patrãozinho chegou. Grandalhão e com cara de mau, como o senhor me tinha dito.

Tomás cuspiu para o lado e praguejou.

— Vamos, rapaz — reforçou Papá Justicia —, tem calma. O homem é muito rico e poderoso. Pode vir a ter utilidade.

— Prefiro vender-me ao próprio Satanás do que pedir ajuda a um inglês.

— Cala-te! — disse o velho zangado. — Não chames a coisa ruim. Dá azar. — E fechou os olhos, murmurando uma ladainha em voz baixa numa língua incompreensível.

Informados sobre as ideias revolucionárias que chegavam da Europa, Papá Justicia, Tomás e Pablo eram os cérebros da conspiração e, em pouco tempo, mergulharam numa longa discussão sobre a melhor maneira de conseguirem armas, treinar os escravos e organizar os grupos de ataque. Servando ouvia extasiado, refreando com dificuldade uma energia adiada que em breve encontraria saída através da vingança.

Pouco depois despediu-se e caminhou em passos largos, atravessando a propriedade de Altolaguirre para encurtar caminho. Ouviu um rugido na erva e agachou-se atrás de uma sebe. Alguém passava ao seu lado, descalço e com as calças rasgadas à altura dos joelhos. Um mau pres sentimento fez com que o seguisse. A maneira de andar, com a cabeça para a frente, os braços a balouçar e as pernas dobradas, fizeram-no suspeitar da sua identidade. Perto do acampamento dos almocreves, a luz alaranjada que as fogueiras projetavam iluminou-lhe o rosto.

Como tinha imaginado, era Sebas, o filho de Cunegunda. Sentiu-se inquieto, ao ver a familiaridade com que ele cumprimentava Tomás, Pablo e o próprio Papá Justicia.

VII

Ao entrar na sala do piano, Melody deu-se conta de que era a primeira a chegar. Hesitou na ombreira da porta, esperando que Blackraven desse pela sua presença e a convidasse a entrar. Absorto, ele lia o jornal sentado num banco demasiado pequeno para a sua estatura, com um calcanhar apoiado no joelho oposto. A testa enrugada aprofundava e escure-cia a união das sobrancelhas. Não tinha vontade alguma de ficar a sós com ele depois do deplorável episódio do estábulo. Perguntou-se onde estariam as crianças. Esperava encontrá-las ali. *Sansão* levantou a cabeça e rosnou.

— Quieto, *Sansão* — ordenou Blackraven. — Senhorita Isaura, não se vá embora. Entre, por favor.

Pousou o jornal sobre o piano e dirigiu-se para ela de mão estendida. A jovem não queria ter de lhe tocar, era um hábito dos portenhos ao qual não conseguia habituar-se. Além disso, ele repararia que estava fria e úmida. Mas não teve alternativa a não ser oferecer-lhe a mão.

Blackraven pegou-lhe nas pontas dos dedos e conduziu-a até um sofá, fazendo-lhe sinal para que se sentasse.

— Toma alguma coisa? — perguntou. — Siloé, como sempre, preparou um licor de cereja e um *rosolio* de que eu gosto muito, mas se prefere outra coisa...

— Pode ser um pouco de licor de cereja.

— Boa escolha. Tomo o mesmo — e voltou-se para servir a bebida.

Melody reparou que, ao contrário de dom Alcides, que usava sempre uma peruca empoada, Blackraven tinha a cabeça descoberta, o cabelo longo, ondulado e negro preso à altura da nuca numa trança.

Observou-lhe as costas e os ombros, maciços e túrgidos que se destacavam sob a camisa de fustão branco que parecia ficar-lhe pequena. Estava calor, por isso não tinha o casaco vestido; tinha-o pousado numa cadeira. As costas dele estreitavam na cintura e Melody corou ao dar-se conta de que estava a apreciá-lo em detalhe. Sentiu-se atraída pelo seu belo corpo. Blackraven aproximou-se com os copos e Melody pensou: “Como é bonito!”, constatação que a perturbava, pois era a primeira vez que um homem lhe inspirava semelhante pensamento. Ao princípio não tinha reparado nos seus atrativos, apenas na firmeza das suas feições e na escuridão do seu olhar, apesar do magnífico azul dos olhos. “Olhos de um azul negro”, pensou.

— Começamos da maneira errada, não lhe parece? — disse Blackraven com brusquidão, ao mesmo tempo que lhe entregava a bebida.

Melody não respondeu. Baixou os olhos e bebeu um pequeno gole silencioso. Blackraven colocou-se à sua frente, observando-a com determinação. A jovem insistia em evitá-lo e mal molhava os lábios no licor de cereja.

— Peço-lhe desculpa pelo modo brusco como lhe falei hoje à tarde.

— Não o considerei justo — declarou Melody —, mas admito que tinha motivos para se irritar comigo.

Blackraven começava a sentir-se fascinado por aquela voz que quando descia alguns decibéis se tornava escura e profunda, misteriosa.

— Dei ordem a Siloé para que sirva um copo de leite a cada miúdo das lavadeiras, mas fora da propriedade.

Melody ergueu os olhos e foi como se o tempo tivesse parado.

— Obrigada — disse, passado um segundo.

Regra geral, as mulheres bonitas excitavam-no, atiçando o seu lado selvagem e primitivo, mas a beleza daquela garota, pelo contrário, surpreendia-o, deixava-o sem palavras. Ao observá-la, as suas pulsações apaziguavam-se e a pele eriçava-se como se as pontas daqueles cabelos avermelhados lhe acariciassem as costas, como se a urgência daqueles lábios repousasse sobre os seus olhos e os seus dedos lhe percorressem os ombros.

— Fez um excelente trabalho nesta fazenda — admitiu Blackraven. — Hoje dei uma volta por aí e sente-se a mão de alguém que sabe o que está a fazer. disse que foi o seu pai que a ensinou, não foi?

Melody assentiu. Jimmy e Víctor entraram a correr e Blackraven agarrou *Sansão*.

— James, não corras — repreendeu Melody, e Roger notou a agitação do menino. — Vem sentar-te aqui, vá, respira fundo. Cheira isto — e aproximou-lhe uma lata que desprendia um forte aroma a cânfora. Era óbvio que a tinha sempre à mão. — Queres um pouco do tônico do Papá Justicia? — Jimmy abanou a cabeça num gesto de negação. — Já vais sentir-te melhor.

Afastou-lhe o cabelo da testa e beijou-o. Blackraven conteve a respiração, o olhar suspenso naqueles lábios carnudos que tocavam na testa do menino, nas pálpebras que fechavam lentamente e nas pestanas escuras reviradas que repousavam sobre a pele diáfana. Foi tomado por uma sensação morna, envolvente, totalmente desconhecida até então. A ternura daquele gesto precipitou-o num vazio ao qual preferia voltar as costas.

Jimmy observava-o. Incomodado, virou-se para Víctor.

— Desculpe, Miss Melody — balbuciou o menino, aflito —, o Jimmy correu por minha culpa. Prometo que não volto a correr.

— A culpa não é tua, meu anjo — consolou-o Melody. — O Jimmy sabe que não pode correr. Tu podes.

Como por milagre, o rosto de Víctor iluminou-se. Melody estendeu uma mão e acariciou-lhe a face. Nesse momento, Blackraven pensou: “Isaura Maguire faz o que quer, o que acha adequado em qualquer circunstância. Fala e atua de modo semelhante frente a um mendigo ou a um rei. Para ela, a importância de uma pessoa é independente do seu estatuto social.” Essa era uma qualidade. Com efeito, estava farto das pessoas que mudavam de acordo com as circunstâncias. O apreço crescente que sentia pela jovem provocou-lhe uma espécie de pressentimento pouco agradável pois, de certo modo, tratava-se de uma perda de poder e uma submissão.

— Deixa-me ver isso — disse bruscamente, para deixar de pensar nela.

— É este o barco de que me falavas há bocado?

— Sim, senhor — respondeu Víctor, entregando-lhe o navio construído à escala. — Foi Miss Melody que mo ofereceu no Natal.

— É uma fragata — assegurou, olhando a peça pelos diferentes ângulos.

Melody constatou, satisfeita que Víctor estava a perder a timidez e se arriscava a perguntar ao padrinho o nome das velas, do velame e das diversas partes da embarcação. Jimmy foi colocar-se ao lado do amigo, juntando-se à lição de náutica.

— É verdade — perguntou Víctor — que o senhor participou na batalha de Trafalgar ao lado do almirante Nelson? — Blackraven assentiu, sem afastar o seu interesse do navio que continuava a rodar nas mãos, de baixo de um atento escrutínio. — Conte-nos, por favor, como venceram os espanhóis e os franceses.

A chegada das senhoritas Béatrice e Leonilda impediu o desenvolvimento da crônica. O jantar foi anunciado logo a seguir. Blackraven vestiu o casaco, ofereceu o braço à sua prima e dirigiram-se para a sala de jantar, seguidos pelos outros. A senhorita Leonilda tinha uma expressão angustiada. Melody deu-lhe a mão e sorriu.

— Obrigada — murmurou a mulher.

Ao longo dos seus trinta e sete anos, ninguém lhe demonstrara afecto, nem por palavras nem por gestos. Miss Melody fazia-o com naturalidade e ela permitia-se acreditar que pelo menos uma pessoa no mundo se preocupava com o seu bem-estar.

Melody sentia-se pouco à vontade sentada à mesa do indivíduo que nessa mesma manhã a tinha agarrado pelo pescoço, disposto a estrangulá-la. Quanto aos outros, depois de se terem habituado à imponente presença de Blackraven, aproveitavam o serão. Só ele e Béatrice falavam ou outros respondiam apenas quando o dono da casa lhes fazia alguma pergunta.

Olhando em volta, Blackraven conteve um sorriso. Crianças e mulheres. “Que ambiente tão diferente do habitual!” pensou, pois apesar de estar

acostumado à companhia das mulheres, elas geralmente não iam além do perímetro da sua cama.

— Não comes, querida? — preocupou-se Béatrice ao ver o prato de Melody praticamente intato.

— A comida não está ao seu gosto? — quis saber Blackraven e a leve picardia visível nos seus olhos e nas comissuras dos seus lábios, incomodou-a.

— A comida está ótima, eu é que estou sem apetite hoje.

— Estás tão calada, querida — comentou Béatrice. — Sentes-te bem? — E acabou por concluir que o mal-estar de Miss Melody se devia à obrigatoriedade de partilhar a mesa com o inglês.

Falou-se da tertúlia que teria lugar em El Retiro, dos preparativos e dos convidados.

— Não é a melhor altura — insistiu Béatrice. — Ainda não começou a temporada, mas quem recusaria um convite do conde de Stoneville? — Acrescentou, brindando o primo com um sorriso.

Blackraven deu-se conta de que Víctor e Jimmy estavam a dar bocados de carne e de pudim ao *Sansão* por debaixo da mesa. E percebeu também que Miss Melody dera por isso e não os repreendera. Os seus olhares cruzaram-se e Melody não o evitou como tinha feito nessa manhã e nessa tarde. “Muito bem”, pensou ele, “pelo menos assim as crianças travam amizade com o *Sansão*. Já estou cansado de ter de o agarrar pela coleira sempre que alguém se aproxima”.

Melody desculpou-se, dizendo que não ia tomar café, e pediu licença para se retirar.

— Vamos, meninos que já é tarde.

Blackraven pôs-se de pé e chamou-a à parte. Indicou-lhe o caminho do escritório e Melody seguiu à sua frente. “É alta”, pensou Blackraven, concentrado no movimento de seus quadris. A simplicidade do vestuário não lhe retirava o encanto. A saia, quase sem anáguas e desprovida de pregas na cintura, colava-se-lhe ao corpo, marcando-lhe as formas da silhueta. Não era magra como a moda parisiense impunha e pensou que, na corte da imperatriz Josefina, onde uma mulher nunca era demasiado magra, a teriam considerado “anafada”. Blackraven imaginou a generosidade do seu corpo jovem e saudável, as pernas bem torneadas, as nádegas brancas e macias, o ventre ligeiramente perceptível, o umbigo e os seios, e os seus dedos enterrados naquela carne. Sentiu o desejo invadi-lo.

Chegados ao escritório, fez-lhe sinal para que se sentasse. Ofereceu-lhe um pouco de *rosolio* que Melody recusou. Ele serviu-se de um *brandy*. A jovem observou pela primeira vez aquela divisão da casa que tinha ficado fechada até a chegada de Blackraven. Bustillo dissera-lhe que só o patrão e o seu ajudante,

Somar, tinham a chave. “Trata-se do *sanctus sanctorum* de Sua Excelência”, explicara a senhorita Béatrice.

A decoração era diferente de tudo o que Melody alguma vez vira. As paredes, revestidas a madeira escura, apresentavam uma grande quantidade de quadros representando cenas marítimas e retratos com molduras douradas. Na parede atrás da secretária, destacava-se uma panóplia com mosquetes, pistolas e armas de esgrima. Chamou-lhe a atenção um escudo de armas, com uma águia bicéfala em relevo e uma legenda em latim por baixo da mesma. Agradaram-lhe as cores predominantes, azul e prateado e pensou se pertenceriam à casa de Guermeaux.

Mais adiante reparou no que lhe pareceu ser uma lareira, um *fireplace* como seu pai chamava. Eram habituais nos países europeus mas não no Rio da Prata. Uma grade de bronze protegia o magnífico tapete de Tabriz, e o cavalete de ferro não tinha lenha. O conjunto era completado por uma série de instrumentos para atiçar o fogo e retirar as cinzas. O sofá de três lugares, forrado a couro verde, com botões no encosto e nos almofadões, estava voltado para a lareira, conferindo ao ambiente uma nota de calor. Uma porta que estava, entreaberta, permitia vislumbrar uma estranha mesa de pés curtos, aspecto maciço, coberta por um pano verde sobre o qual repousavam bolas coloridas e dois bastões de madeira aguçados na ponta.

Blackraven sentou-se em frente dela, de copo na mão e perguntou-lhe como quem dá uma ordem: — Diga-me quanto lhe custou o barco miniatura que ofereceu ao meu afilhado. Acrescentarei esse valor ao seu pagamento semanal.

— Foi uma oferta — ofendeu-se Melody.

— E continuará a ser.

— Deixará de sê-lo se me der o que paguei por ele.

— Trata-se de uma excelente miniatura. Deve ter-lhe custado uma fortuna. Diga-me quanto foi. Víctor nunca ficará a saber que lhe dei esse dinheiro.

— Não costumo enganar as pessoas de quem gosto.

— A senhorita é a criatura mais obstinada que encontrei em toda a minha vida.

— Lamento — declarou Melody —, mas não vou aceitar o seu dinheiro.

Blackraven soprou. Pediu-lhe que lhe contasse os progressos de Víctor e perguntou-lhe quais seriam as possibilidades de, no futuro, ele vir a frequentar uma universidade. Melody deu-lhe um parecer detalhado, satisfeita por ver que Blackraven se mostrava interessado no futuro do garoto. Antes de o conhecer, rejeitara-o não só por ser inglês, mas também pela indiferença a que votava Víctor, que gostava dele como de um pai.

— Víctor gosta profundamente de si, senhor Blackraven. — A confissão

apanhou-o desprevenido e não soube o que dizer. — Sente muito a sua falta e isso entristece-o, o que não é nada bom para ele.

— O que não é bom — declarou Blackraven, refugiando-se na raiva para manter o seu orgulho intato — é que o encha de mimos inúteis que só lhe farão mal, o tornarão fraco e cheio de melindres. E eu quero um homem.

Afinal de contas, que sabe a senhorita sobre a educação de um rapaz?

— Sei que um rapazinho precisa tanto de amor para crescer saudável e forte como de alimento.

A palavra "amor" chocou-o. Não fazia parte do seu vocabulário. As circunstâncias haviam-na erradicado do seu coração. Lembrava-se de um tempo em que se sentira amado e em que as carícias de uma mão o tinham feito feliz, mas a vida tratara de o endurecer, mostrando-lhe que, para vencer, um homem tinha de prescindir das suas ideias românticas, assim como dos princípios e da moral.

— Amor! — zombou. — Que disparate! Do que Víctor precisa é de uma mão de ferro que o guie e de muitas horas de estudo.

— As necessidades são com efeito as que o senhor, com tanto orgulho, aponta. É claro que Víctor precisa de uma mão férrea que o guie e de muitas horas de estudo. Mas para fazer dele um homem de coração nobre há que ensiná-lo a amar e a respeitar os seus semelhantes, principalmente os mais fracos.

— Os escravos, por exemplo?

— Por exemplo — admitiu Melody.

— Não concordo com os seus métodos, senhorita Isaura. Não os quero para o meu afilhado.

Melody pôs-se de pé e Blackraven fez o mesmo.

— O senhor não deveria julgar *os meus* métodos de modo tão precipitado. Saiba que quando tomei conta do Víctor ele era um menino doente, medroso que choramingava perante a mais pequena dificuldade e que se escondia das outras pessoas durante quase todo o dia. Tinha pavor de sair à rua. Ah, e esquecia-me de referir os ataques de que sofria. Agora, como pode ver, tem um aspecto saudável, come bem, ri-se com frequência, fez bastantes progressos no estudo e cada vez se mostra mais ousado, quer até aprender a montar a cavalo. Não reparou que ele tomou a iniciativa de lhe fazer perguntas sobre a fragata e sobre a batalha? A si, a pessoa que ele mais ama e teme neste mundo? Por isso, senhor Blackraven, com base nos resultados, reafirmo que *os meus* métodos não são prejudiciais ao meu pupilo.

Continuarei a demonstrar-lhe afecto e a ensinar-lhe a demonstrá-lo aos outros, em especial aos mais fracos. Se não está de acordo, despeça-me.

Em menos de doze horas, aquela jovenzinha de vinte e um anos tinha-o

deixado boquiaberto por três vezes. Era um fato: neste mo -

mento, tinha na sua frente alguém à sua altura. Isaura Maguire era uma raridade pela sua inteligência e princípios. Voltou a sentir-se dominado por aquele impulso quase violento, debatendo-se entre o desejo físico que ela lhe provocava e a vontade de a subjugar. Sobretudo isso: queria que ela o admirasse como as outras mulheres.

— Tome — disse Blackraven, e entregou-lhe as cartas de Angelita. — São da filha mais nova de Valdéz y Inclán. Uma é para a senhorita Leonilda. — Melody pegou nos sobrescritos sem dizer palavra. — Prefiro que lhe sejam entregues por si, visto que ela parece temer-me como se eu fosse uma fera.

— Que receio tão infundado… — zombou Melody, e Blackraven, perplexo, fuzilou-a com o olhar.

— Amanhã — disse de modo determinado —, antes do meio-dia, quero a minha escrava de volta. Agora pode retirar-se.

— Boa-noite — disse Melody antes de sair do escritório.

Somar cruzou-se no corredor com a preceptora e com as crianças.

Cumprimentou-a com um aceno de cabeça ao qual ela respondeu de modo igual. Ao entrar no escritório de Blackraven, estranhou vê-lo sentado no sofá com os cotovelos nos joelhos e as mãos na cara.

— Acabo de me cruzar com a preceptora do Víctor — disse. — Tem um olhar arrogante e é muito bonita.

— Arrogante é, sem dúvida. Já me fez perder a paciência três vezes desde que a conheci. E tudo isso apenas hoje.

Somar voltou-se para ocultar um sorriso, ao mesmo tempo que pensava. “Será uma mudança saudável haver uma mulher a contrariar-te”. Blackraven serviu-se de outro *brandy*. Tinha bebido de mais, mas não se importava.

— Queres?

— Não, obrigado — disse Somar.

— Onde está o *Sansão*? — perguntou, irritado olhando em volta.

— Ia atrás de Miss Melody e dos garotos. Parecia satisfeito na companhia dos seus novos amigos.

— Cão idiota. Vai estragá-lo também. Estiveste com o Luis?

— Acabo de o ver — confirmou Somar. — Diz que está muito bem instalado em Los Tres Reyes, que a comida é muito aceitável. Segundo ele, em comparação com as pocilgas onde já dormiu, esta pensão parece um palácio real. É um bom rapaz sempre de bom humor, sempre pronto a ver o lado positivo das piores situações.

— O Milton ficou de guarda? — Blackraven referia-se a um dos seus marinheiros, o mais rápido com a navalha.

— Sim, no quarto ao lado. A porta que liga os dois quartos fica aberta de dia e de noite. Apesar do calor dei ordem para que mantivessem as janelas fechadas. Shackle — outro dos marinheiros de Blackraven — o substituirá de manhã.

— Marcaste os encontros com O'Maley e com Zorrilla?

— Amanhã à noite, à hora do costume nos lugares de sempre. — Blackraven assentiu com ar distraído. — Já viste Papá Justicia?

— Ainda não. Vou vê-lo daqui a pouco no quarto pátio. Estou an sio so por falar com ele. Tem sempre informações importantes.

Pousou o copo sobre a bandeja, alisou o cabelo e ajeitou a camisa por dentro das calças.

— Verifica se todas as portas e janelas estão fechadas — ordenou a Somar, enquanto vestia o casaco e pegava no estoque —, depois vai descansar.

— Alguma coisa especial para amanhã?

— Quero que fiques aqui em El Retiro. Estarei ausente durante uma grande parte do dia e não confio em Bustillo para verificar se tudo decorre de acordo com as minhas ordens.

— Oh, mas está cá Miss Melody — brincou o turco.

Cinco anos antes, Roger Blackraven tinha fundado em Londres uma sociedade secreta, e Southern Secret League, a Liga Secreta do Sul e, acompanhado pelos mais poderosos aristocratas e burgueses da Grã-Bretanha, preparava-se para dominar o Hemisfério Sul do planeta, na sua opinião o mais fecundo em recursos naturais, base da pujante indústria inglesa. O império econômico que construíra após anos de intenso trabalho e influência política conseguida devido a esse poder, assim como do título de conde associado ao seu nome, tornavam-no ousado, capaz de levar a cabo qualquer desafio, mesmo algo tão complexo como governar metade do mundo estando nos bastidores.

Ao contrário do sistema colonial que desenvolvia uma força militar na zona de interesse, Blackraven arquitectava um domínio sutil, quase imperceptível para a maioria das pessoas, apoiado por um grupo nativo, uma elite de homens ilustres de pouco poder econômico que aderisse aos propósitos da liga e que, ao mesmo tempo, se tornariam ricos em consequência dessa mesma adesão.

Em geral, interessavam-lhe grandes regiões pouco desenvolvidas que, na maior parte dos casos, nem sequer tinham consciência da riqueza natural que possuíam. A América do Sul, por exemplo, apresentava extensões vastíssimas de terreno ideais para a exploração de gado, enquanto a região dos Andes escondia minas de riqueza incalculável; não podia desprezar também a zona do Paraguai, onde proliferavam árvores de madeiras duras e nobres que diariamente mostravam a sua utilidade na construção de barcos.

Estas regiões do Hemisfério Sul estavam, em muitos casos, sob a alçada de

países europeus ou mergulhadas em condições muito próximas do primitivismo. Não seria difícil transformá-las em países aparentemente soberanos do ponto de vista político, apesar de dependentes sob o aspecto econômico e financeiro. Guiado por aquela que considerava a obra-prima em matéria de estratégia política, *O Príncipe*, de Maquiavel, congeminava com habilidade os movimentos que realizaria para pôr em marcha o que alguns, menos visionários, considerariam uma quimera.

Para a obtenção de melhores resultados, os membros da liga tinham-se dividido em cinco grupos, em função das áreas a dominar. Cada grupo contava com um primeiro oficial, a que reportava, mas, em última instância, as decisões cabiam ao conselho da liga constituído pelos seis homens mais importantes, entre os quais Roger Blackraven que ostentava o título de grão-mestre. Além disso, era o primeiro oficial do seu grupo, o responsável pela América do Sul, América Central e México.

A sua obsessão pela planificação levava-o a rever uma e outra vez os passos a dar, tornando-se também num tirano para os seus companheiros da liga. A empresa exigia a mais atenta dedicação, a compenetração mais profunda, o mais vasto conhecimento, a atenção aos possíveis pontos de fuga, lacunas onde o plano pudesse falhar. Blackraven repetia a máxima: “Anos de planificação, poucas horas de execução eficaz”. O segredo do êxito estava no conhecimento total da região e da sociedade que se pretendia dominar. Tudo era importante: os aspectos históricos, sociais, religiosos, geográficos, políticos e econômicos. Nesse contexto, a informação e os informadores constituíam o bem mais valioso. Ele sabia, por exemplo, que a antipatia que os habitantes do Rio da Prata nutriam em relação aos peninsulares se acentuava com o número crescente de criollos excluídos da função pública.

Papá Justicia emergiu das sombras do quarto pátio, tirou a cartola, descobrindo uma cabeça rapada e esbranquiçada e inclinou o corpo em sinal de respeito.

— Patrão Roger, Somar disse que queria ver-me.

— Obrigado por teres vindo, Papá Justicia. Anda, vamos conversar junto ao muro, ao fundo da propriedade, aqui é onde dormem os escravos.

Caminharam uns metros, em silêncio. Blackraven encurtava os seus passos largos para acompanhar o ritmo do negro. Papá Justicia disse: — Está a preparar-se uma revolta, patrão Roger.

— De quem? Contra quem?

— Dos escravos contra os negreiros mais importantes.

Blackraven parou e observou as feições escuras do seu informador à luz mortiça do anoitecer.

— Estás por trás disso?

— Sim. Eu e alguns almocreves. Há um grupo numeroso de escravos que nos apoia.

— E o tal grupo de franceses de que me falaste aqui há tempos, está convosco nisso?

— Não.

— Quem vão atacar?

— Álzaga, Sarratea e Basavilbaso.

— Os três ao mesmo tempo?

— Sim.

— Quando será?

— Não sabemos bem. Precisamos de nos armar primeiro e de treinar os escravos no uso das armas. O senhor sabe que eles estão proibidos de tocar em armas, seja de que tipo for e por isso são muito desajeitados.

Falta-lhes o hábito. Temos de lhes ensinar tudo — acrescentou.

Blackraven baixou os olhos e afagou o queixo num gesto pensativo.

Papá Justicia olhou-o atentamente. Era o único homem branco que ele temia e admirava, o único a quem chamava "patrão" e sobre o qual nunca tentara lançar qualquer feitiço. Conhecia os limites da sua magia e sabia que não conseguiria quebrar a vontade daquele homem. Tê-lo-ia tentado se tivesse menos vinte anos, mas não agora no crepúsculo da vida.

Blackraven pensou que nada seria mais conveniente para desgastar o governo colonial do que uma revolta, fosse ela de que tipo fosse. Pensou em Álzaga, o grande defensor do vice-reinado e de Espanha. O basco devia a sua riqueza ao contrabando, resultante do monopólio que a metrópole impunha às colônias americanas. Era um exercício comum e generalizado e as próprias autoridades faziam vista grossa desde que tivessem os bolsos bem cheios. Blackraven tinha informações de que os funcionários da alfândega fomentavam o comércio ilegal e de que o ministro da Real Hacienda, Félix Casamayor, dava a sua autorização. O contrabando, assim como os lucros que gerava, desapareceriam, caso fosse decretado o comércio livre, ao mesmo tempo que se daria uma redução substancial nos direitos de importação e de exportação. Em definitivo, Álzaga e os outros contrabandistas, bem como a corte que os sustentava, combateriam a ideia independentista. Além do mais iriam perder poder. Ao fim e ao cabo, a revolta dos escravos iria ajudar os planos da liga.

— Eu fornecerei o armamento — disse —, mas o meu nome não poderá chegar aos teus companheiros.

— Assim será, patrão Roger.

— Darei indicações a Somar. Daqui em diante, ele será o teu contato.

Informá-lo-ás do plano. Quero saber tudo. — Papá Justicia assentiu. — Agora diz-me, que estrangeiros entraram em Buenos Aires nos últimos tempos?

O contato que tinha na alfândega dar-lhe-ia os nomes, nacionalidades e datas exatas de entrada de cada pessoa no Rio da Prata. Mesmo assim, Blackraven queria ouvir a opinião de Papá Justicia.

— De importância — esclareceu o ancião —, um comerciante escocês, William Traver, que arrasta a asa à sua prima, senhorita Béatrice. Dois irmãos franceses, Didier e Jean-Baptiste Chermont que compraram terras em Entre Ríos para cultivar arroz. Há pouco, chegou um italiano, pintor, que faz retratos das damas e dos seus filhos, incluindo de dona Bela.

Chama-se Piero Mascartti. Ah, esquecia-me do cabeleireiro, um francês que chegou há quase um ano. Chama-se Just Levant, mas teve de fugir acusado de roubo. Enquanto penteava as cabeças, surrupiava as joias às senhoras. Parece que mudou de nome e vive agora em Montevideu.

— Os criollos ainda se reúnem para falar das suas ideias independentistas?

— Sim. Juntaram-se-lhes alguns outros. Há um que tem a língua muito afiada. Chama-se Mariano Moreno. Chegou há pouco tempo de Chuquisaca, onde se fez doutor de leis.

Blackraven interrogou-o acerca de cada criollo que participava nas reuniões secretas — nomes, situações pessoais, ocupações — e quis saber também do vice-rei, o marquês Rafael de Sobremonte, que desde a declaração de guerra entre Espanha e Inglaterra tratava de reunir um exército de soldados pobres, indisciplinados e mal treinados. De qualquer modo, Sobremonte não se arriscava a proporcionar armamento aos soldados por acreditar que os mesmos sofriam a influência do partido independentista que, à semelhança do nevoeiro, se ia espalhando. Escrevia uma e outra vez a Manuel Godoy, primeiro-ministro de Carlos IV, informando-o de que Buenos Aires não resistiria a um ataque inglês e pedindo-lhe recrutas, munições e armas. Godoy respondia-lhe que não podia satisfazer o seu pedido e que se arranjasse com o que tinha. Do ponto de vista militar, o governo espanhol, ultrapassado pelas contingências europeias, havia abandonado as suas colônias.

No ano anterior, Sobremonte tinha-se assustado ao saber que os navios ingleses sob o comando do comodoro, um tal Popham, tinham entrado na Baía, Brasil, para se reabastecerem de provisões. Não só o vice-rei, como toda a gente acreditou que tinha chegado a hora de conhecer o célebre fogo britânico. Mas a esquadra desviou a rota para África e nada aconteceu. Os ânimos acalmaram.

— Disseste Popham?

— Sim, patrão Roger. Foi o que ouvi, Popham.

Blackraven fez-lhe perguntas sobre os movimentos exatos de certas figuras

que considerava suspeitas. Em primeiro lugar, os irmãos Linier, de origem francesa, estabelecidos em Buenos Aires com enraizados interesses econômicos e pessoais. O mais novo, Santiago, tendo a seu cargo a paupérrima frota do vice-reinado, era capaz, na opinião de Blackraven, de vender a alma ao diabo em troca de fortuna e prestígio. Interessavam-lhe muito os movimentos do comerciante norte-americano William White, grande amigo de Linier e da família Perichon de Vandeuil, que também mantinha vigiada não só por ser francesa, mas devido aos grandes interesses que a ligavam a todos aqueles que teriam gostado de uma intervenção napoleônica em Buenos Aires, por muito que Armando Perichon se proclamasse a favor do vice-rei.

Blackraven sentia-o no ar: Buenos Aires fervilhava de espiões franceses, ingleses e portugueses. Era imperioso identificá-los e neutralizá-los. Já se vira livre do irlandês Burke, muito relacionado com omas O'Gorman, casado com a filha mais nova dos Perichon e amigo de alguns dos rapazes do partido independentista — os irmãos Rodríguez Peña y Castelli —, assim como do vice-rei, a quem dissera ser um oficial prussiano.

Ao longo da sua vida, Blackraven tinha desenvolvido um apurado instinto para detectar aqueles em que podia confiar e os que se vendiam pelo melhor preço. A sua intuição dizia-lhe que Buenos Aires, como terra de oportunidades fáceis que era, se enchera de espiões de segunda categoria, fossem eles ingleses ou franceses. Tinham de desaparecer porque só atrapalhavam. Ele via Buenos Aires como um tabuleiro de xadrez com vários jogadores e centenas de peças cujos movimentos podiam tornar-se devastadores para os adversários.

Analisava a informação fornecida pelo Papá Justicia, ponderava as alternativas, detectava perigos, reconhecia os potenciais aliados. No meio daquela tempestade de dados, o nome de Isaura Maguire imiscuiu-se nos seus pensamentos.

— Soube que receitaste um tônico ao irmão de Miss Melody. — Papá Justicia olhou-o com estranheza. — Ele sofre de alguma doença grave?

— São os pulmões que estão debilitados.

— Tuberculose?

— Não. Miss Melody diz que estão pouco desenvolvidos, como se não conseguissem ventilar todo o corpo. Respira com dificuldade e está sempre doente.

— Vai morrer?

— Às vezes penso — balbuciou Papá Justicia — que Jimmy Maguire ainda está vivo graças à força de vontade da irmã.

Aquela confissão incomodou Blackraven.

— Que podes dizer-me sobre Miss Melody, Justicia?

— É do campo, apesar de muito refinada, como Sua Mercê se terá apercebido. Quando ficou órfã foi obrigada a procurar sustento para ela e para o irmão, por isso veio para a cidade. Não sei muito mais, patrão Roger. Miss Melody é reservada.

Papá Justicia ficou calado e Blackraven desconfiou que o ancião não estava a contar-lhe tudo o que sabia.

— Aqui tens — disse, entregando-lhe um pequeno saco de couro com moedas. — Já é muito tarde. Fica a dormir no barracão com os outros.

Vou mandar que te levem um prato de comida.

— Obrigado, patrão Roger. Vou para o rio dormir com os almocreves.

— O acampamento dos almocreves é longe daqui.

— Está uma noite muito boa para caminhar.

Blackraven dirigiu-se para as traseiras de casa. Na verdade, estava uma bela noite, ainda que um pouco quente. Despiu o casaco e afrouxou o laço, permitindo que uma ténue brisa lhe secasse a pele. Caminhou tranquilo até a casa. Já na cozinha, ouviu passos no pátio. Podia ser qualquer escravo. Ainda assim, pousou o casaco sobre a mesa, sacou da espada que ocultava no estoque e espreitou pela janela. Conseguiu distinguir uma sombra que se movia na sua direção. A porta da cozinha abriu-se e o estranho avançou com o evidente propósito de entrar em casa.

Blackraven agarrou-o por trás, apoiando-lhe o fio da espada no pescoço e abafando um grito do estranho que saiu num débil fio de voz.

— Por favor, não me faça mal!

— Isaura! — exclamou Blackraven pasmado, dando-lhe a volta e empurrando-a contra a parede, onde a manteve apoiando uma mão no seu ombro.

Apesar de ter sido assaltado por muitas ideias antagônicas, enfureceu-o a certeza de que ela fora certamente encontrar-se com um amante.

Uma mulher como Isaura Maguire não podia estar só. Quem seria o homem que lhe abriria as pernas e mergulharia na sua intimidade? Mais uma vez, naquele dia sentiu-se invadido por um intenso desejo. Parecia um adolescente descontrolado e não um homem feito. Sentiu-se ridículo, o que não ajudou a aplacar o mau gênio.

— Que está a fazer fora de casa a uma hora destas?

— Não conseguia dormir. Saí para apanhar ar. — Mas Roger não acreditou e continuou a empurrá-la. — Está a magoar-me. Deixe-me ir para o meu quarto.

— De onde vem? Com quem foi encontrar-se?

— Com ninguém. Já lhe disse que fui apanhar ar fresco. Não conseguia adormecer.

Tentou afastá-lo, mas quando as suas mãos lhe tocaram no peito compreendeu que não iria conseguir. Blackraven era musculoso, pesado, inamovível. Uma sensação de falta de ar apoderou-se dela, emudecendo-a. Mantinha-a imobilizada. Era tão alto que ela não conseguia ver o quer que fosse para além dos seus ombros. Foi tomada de pânico e as pernas fraquejaram, sentindo-se subitamente débil de corpo e alma.

A luz do luar, filtrava-se pelos vidros, banhava-lhe o rosto. “Como é bonita!”, pensou Blackraven, enquanto a observava com interesse, esquecendo a irregularidade da situação. A sua mão soltou o ombro da jovem e passeou-se pelo pescoço até chegar ao queixo. Em seguida, roçou o lábio inferior, tão carnudo como o de uma africana, mas da cor de um morango. “Que boca tão pouco comum numa branca”, pensou ao mesmo tempo que imaginava como seria beijá-la. Tocou-lhe no lábio superior que tinha a forma bem desenhada de um coração. Ela sobressaltou-se, mostrando a brancura dos dentes e deixando escapar o hálito agitado e agradável que ele sentiu contra o queixo.

— Isaura — murmurou.

Ouviu-a soluçar e ficou impressionado ao ver que a sua atitude altiva se transformara em pânico.

— Não tenhas medo — pediu-lhe, mas ela continuou a olhá-lo como se estivesse à espera que ele a matasse.

— Deixe-me! — suplicou num fio de voz.

A Isaura Maguire provocadora e imprevisível de horas antes tinha desaparecido. Agora à sua frente tinha uma garota trêmula, de olhar aflito. Comportava-se como uma virgem quando ele quase apostava que acabava de se encontrar com o amante. Talvez não. Experimentou uma sensação de alívio e deixou-a ir. Melody correu para o quarto.

Blackraven praguejou entre dentes e, num movimento de grande precisão, guardou a espada no estoque. Não só era invadido pela fúria, como persistia num estado de verdadeiro assombro. Uma força superior à da razão tomara conta dele no momento em que passara a mão pelo ombro de Isaura, despertando sensações tão gratas e díspares.

Isaura Maguire era sem dúvida uma mulher bela, mas ele tinha conhecido e amado mulheres mais deslumbrantes e refinadas do que ela e nunca perdera assim a cabeça. Que diabo estaria a acontecer-lhe?

Ainda persistia a ereção que tanto o humilhava. Recriminou-se por não estar a pensar no comodoro Popham, nos defensores da independência, nos franceses jacobinos que infestavam Buenos Aires e na rebelião dos escravos. Enfim, pensou, “deveria estar preocupado com questões importantes”.

— Patrão Roger — ouviu atrás de si.

Não precisou de se voltar. Era Berenice. Perguntou a si próprio há quanto tempo ela ali estaria, a ver e a ouvir. Sentiu as pequenas mãos que lhe subiam pelas costas e se detinham nos seus ombros.

— Como é forte, patrão Roger. Faça-me sua outra vez! Por favor!

Blackraven esboçou um sorriso entre o amargo e o sarcástico. Teria desejado que fosse Isaura Maguire a pronunciar aquelas palavras, na quele tom de voz grave que tanto o atraía.

Voltou-se bruscamente, assustando a garota. Logo a seguir, envolveu-lhe a cintura com um braço e levantou-a sem esforço, sentando-a na beira da mesa. Ela compreendeu e tirou a blusa, enquanto Blackraven desapertava as calças.

VIII

NOTAS DE UM SICÁRIO

Sábado, 16 de Março de 1805

O Escorpião Negro *avança sem deixar traço. E eu,* La Cobra *, capaz de seguir qualquer rasto, estou sem rumo certo. Escorregadio, hábil, brilhante. Começo a respeitá-lo. Suspeito de que tem a seu cargo um exército de espiões que ele move como se fossem peças de xadrez sobre o mapa da Europa. Soubemos que as suas façanhas o levaram até a corte do czar Alexandre e até se diz que participou no golpe de Estado de 18 do Brumário1 disfarçado de marechal-de-campo. Mas não passam de especulações de Rigleau que a troco de algumas moedas recitaria de bom grado o Pai-Nosso em sânscrito.*

Ao contrário dos outros espiões, como a Pimpinela Escarlate *ou a* Rosa Azul *, não há notícia dos seus movimentos nos jornais ingleses.*

O povo não o conhece, ninguém sabe a quem se deve o fato de a Inglaterra não ter sido invadida pelos exércitos napoleônicos ou de Jorge III ainda estar à frente dos destinos da Grã-Bretanha e a sua garganta não ter conhecido por duas vezes o fio de um estilete. Ele não passa de uma lenda nos arredores de Paris, repletos de confabulações e efabuladores que pronunciam o seu nome com um misto de medo e admiração.

A sua ausência total de vaidade ou necessidade de reconhecimento torna a tarefa difícil. Pergunto-me o que o levará a atuar. Ninguém arrisca a pele sem um sólido propósito. Não estou a pensar em dinheiro, imagino-o demasiado excêntrico para procurar vantagens pecuniárias. Não precisa disso e arriscar-me-ia a afirmar que se trata de um homem rico. Um homem? Porque não uma mulher? Existirá alguma mulher desse calibre, dessa inteligência e sagacidade prodigiosa? Vêm-me à mente os nomes de Germaine de Staël e Julie Récamier. Conheço-as. Cultas, sedutoras, distintas. Onde estarão agora? Sei que madame de Staël foi exilada e viaja agora por Itália na companhia de Schlegel e Sismondi. E madame Récamier?

Napoleão ainda a suporta em Paris apesar das suas manifestas simpatias pela ancienne noblesse. *Como de costume, o seu salão continuará a ser o centro da literatura e da filosofia europeias. Seria alguma delas capaz de se desfazer dos seus toucados, vestidos e joias para se transformar no* Escorpião Negro *? Ideais não lhes faltariam.*

Sei que o homem é, por natureza, imprevisível, sei que devo estar preparado para o inesperado, venha de quem vier, até de mim próprio. Porquê então assumir que o Escorpião Negro *é inglês e que é um homem?*

A ida ao Palha e Feno não foi totalmente em vão. O exame do livro de registo de hóspedes, obrigatório desde a Convenção que assim o decretou em 1793, lançou alguma luz. Encontramos três dos nomes da lista fornecida por Fouché: Lord Ridley, Sir Victor Pensomby e Simon Miles. Já podemos descartá-los. O Escorpião Negro *jamais usaria o seu verdadeiro nome. Deve lançar mão a tantas identidades e artifícios para se tornar invisível que não me espantaria nada que a história que o dá com uniforme de marechal no 18 do Brumário fosse verdadeira. Que outros disfarces utilizará?*

Não fui eu e sim Desirée, com a sua paciência infinita e o seu dedo lânguido, que, ao percorrer a coluna das assinaturas, reparou na semelhança entre, pelo menos dez, registadas entre 1803 e 1804. Seria impossível associá-las numa simples espreitadela, mas uma observação mais atenta permitiu-nos detectar certos aspectos comuns entre alguns traços extravagantes e inúteis. "Que sentes?" perguntei-lhe sem disfarçar a minha ansiedade, e Desirée, apoiando a gema do dedo sobre uma das assinaturas, disse após um breve silêncio: "Alvoroço. Demasiadas energias convergem neste papel". Ficou a olhar para a folha, impávida.

Apenas os seus olhos saltavam de uma assinatura para a outra. "É de uma natureza tranquila e reservada", declarou, "ainda que se trate de uma camuflagem. Por dentro é vermelho vivo. Paixão, pura paixão".

Perante tais palavras "paixão, pura paixão", senti-me invadido por uma excitação repentina que me surpreendeu e me amainou. Fechei os olhos e inspirei até encher o peito. "Arde", disse por fim e foram as suas últimas palavras. Em seguida, sentou-se numa cadeira, exausta.

Sem dúvida, o Escorpião Negro *havia estado ali.*

A notícia não surtiu efeito. Fouché continuava impávido, com o olhar fixo na secretária enorme e austera.

— Senhor — insistiu o agente —, *Le Libertin* julga ter encontrado madame Royale.

Referia-se à filha do decapitado Luís XVI. Entre os membros do governo, inclusivamente os monárquicos — os emigrados e os que ainda viviam incógnitos em França —, murmurava-se que a jovem que se apresentava como princesa legítima, descendente em linha direta do grande *Rei Sol*, não passava de uma impostora. Suspeitava-se de que a verdadeira tinha sido substituída por

aquela garota de modos toscos, feições exageradas e pele grosseira e cheia de marcas. Os que tinham partido com os Bourbons nos anos anteriores à revolução recusavam-se a acreditar que aquela fosse madame Royale, filha da delicada Maria Antonieta.

E, com efeito, não era. Algumas técnicas persuasivas dos agentes de Fouché levaram-na a confessar, entre espasmos histéricos e lágrimas, que tinha sido obrigada a assumir aquela nova personalidade. Quanto ao destino da verdadeira princesa, nada sabia. Mais do que isso, nunca a tinha visto. Num dia a sua vida era a de uma camponesa de mãos calejadas e roupas andrajosas e no dia seguinte vestia sedas e brocados e morava, juntamente com alguns criados, numa casa de campo nos arredores de Laon, afastada das vozes mundanas.

— Mostre-me a mensagem — disse subitamente Fouché.

Na mensagem cifrada, o espião *Le Libertin — O Libertino —*, um dos mais astutos e eficazes do regime, garantia ter detectado a verdadeira filha de Luís XVI, mas não dizia mais nada sobre o assunto. Fouché sorriu com um olhar amargo. "Típico do *Libertin*", pensou, "guardar informações só para si para nunca ficar desprotegido". Foi assaltado por uma ideia perturbadora. *Le Libertin* seria o *Escorpião Negro*? Tinham passado várias semanas desde o último contato com *La Cobra* e ainda não obtivera qualquer informação. Começava a impacientar-se.

Bateram à porta. O agente apressou-se a abrir. Era Rigleau, um informador e espião com sólidos contatos nos arredores de Paris. Na verdade Rigleau havia proporcionado o encontro entre *La Cobra* e Fouché, missão que não havia sido nada simples. Rigleau, apesar da sua perna mais curta, do olho vesgo que cobria com uma pala e da voz efeminada, tinha conseguido. Ao vê-lo, Fouché pareceu recuperar o ânimo. Pôs-se de pé e perguntou-lhe: — Estiveste com *La Cobra*?

— Com *La Cobra*, não, senhor. Nunca com ele. Com a sua mensageira.

— Que tens na cara? — interessou-se o ministro da polícia.

Rigleau levou a mão ao corte recém-cosido na face esquerda. O bar-beiro assegurara-lhe que aquela marca nunca mais sairia.

— Fez-mo a mensageira quando tentava segui-la como o senhor me mandou.

— Nesse caso — avançou Fouché —, não sabes onde se escondem.

— Não, senhor — admitiu o informador. — Depois de me ferir, desapareceu na noite. Não voltei a vê-la.

Fouché praguejou em voz baixa.

— Diz-me como foi a conversa com a mensageira. Onde marcou o encontro?

— Numa ruela do bairro de Saint-Honoré. Demasiado escura para eu poder vê-la — adiantou Rigleau. — Sob o capuz usava uma daquelas máscaras de carnaval.

— E então? — impacientou-se Fouché. — Que foi que te disse? Descobriram alguma coisa sobre o *Escorpião Negro*?

— Nada de importância. *La Cobra* descartou três nomes da lista que o senhor lhe entregou, apesar de não ter explicado os motivos em que se baseou para tomar tal decisão. Foram eles: Lord Ridley, Simon Miles e Sir Victor Pensomby, senhor.

Fouché sentiu-se interiormente satisfeito. Ele próprio tempos antes havia posto de parte aqueles três. O fato de a sua intuição coincidir com a de *La Cobra* punha-o de bom humor, na verdade, sentia-se lisonjeado.

— *La Cobra* — prosseguiu Rigleau — abandonará Paris dentro de alguns dias. A sua mensageira não quis avançar para onde ele vai. Seguem uma pista, foi tudo o que me disse.

— Resta-nos esperar — declarou Fouché entre o resignado e o aborrecido.

Despediu-se do informador e do agente e recostou-se na poltrona. Já passava da meia-noite e estava a pé desde muito cedo. Mas ainda não podia permitir-se descansar. Muito em breve chegaria do teatro a imperatriz Josefina e ele tinha de garantir que ela não iria importunar o imperador no seu quarto. Napoleão não estava só. A amante de serviço concedia-lhe os seus favores, na esperança de lhe dar o que a imperatriz não conseguira até então: um herdeiro.

---

1 Segundo mês do calendário revolucionário francês. Esta data corresponde a 9 de Novembro de 1799 do calendário gregoriano. (*N. do E.*)

IX

Melody selou *Fuoco* e conduziu-o para fora do estábulo. Ainda não começara a atividade em El Retiro e a calma e o silêncio deram um pouco de paz ao seu espírito. Na véspera, depois do encontro na cozinha com o senhor Blackraven, tinha chorado, com o rosto enterrado no travesseiro, até adormecer vencida pelo cansaço. Não foi um sono tranquilo, mas um dormitar perturbado pelo pesadelo que regressava, de tempos a tempos. Acordou de madrugada, triste e molhou várias vezes o rosto para acordar bem.

Já sobre a garupa de *Fuoco*, o sol e o vento devolveram-lhe a segurança e fizeram-na sorrir. Gostava do céu ao amanhecer, do aroma da umidade que a natureza mantinha depois de uma noite de orvalho que brilhava nas ervas e nas folhas. À direita, a imponência do rio da Prata recordou-lhe a força dos braços que poucas horas antes a tinham agarrado. Em vão sacudiu a cabeça para afastar aquelas imagens. Não conseguia esquecê-las. O que acontecera na noite anterior agitava as memórias de uma parte da sua vida que desejava enterrar para sempre e fingir que nunca tinha existido. Tudo em vão, pois o passado abria caminho e impunha-se como se do presente se tratasse.

A voz de Blackraven ficara gravada em si. Apesar do tom autoritário, a paixão com que pronunciara o seu nome surpreendeu-a inicialmente e deixou-a muda e estática, depois. Tocara-lhe e, ainda que a princípio apenas tivesse ficado em pânico, depois, ao vê-lo tão atento à sua boca, uma sensação totalmente nova fizera-a sentir paralisada. A mão enorme de Blackraven tocara-lhe nos lábios com uma suavidade inesperada. Nunca os beijos e carícias de Pablo tinham causado o efeito daquela mão sobre o seu pescoço, na face e na boca. Nas ocasiões em que Pablo a beijara, ela havia permanecido consciente, nunca perdera a noção do tempo e do lugar e, apesar da sua ignorância, percebera que a agitação que o dominava a ele nada tinha a ver com o que ela experimentava. Na véspera, apesar de tudo aquilo não ter passado de um breve instante, o mundo tinha parado e o seu coração deixara de bater.

— É inglês! — disse entre dentes e lembrou-se também de que jurara não ceder a homem algum, nunca revelar a marca da sua vergonha.

Ainda lhe restava orgulho para poder resistir.

Avistou ao longe a casa ocre, com telhas vermelhas e sentiu-se apaziguada, como se voltasse ao lar, ao abrigo dos seres amados. Limpou as lágrimas com as costas da mão e espicaçou *Fuoco* que galopou até o último troço. A casa de madame Odile situava-se a caminho de Los Olivos, afastada da cidade e do olhar

reprovador das pessoas decentes. Era um bordel, o mais requintado de Buenos Aires. As suas garotas gabavam-se de falar pelo menos dois idiomas, de conhecer música, pintura e literatura e de estarem limpas e saudáveis como freiras de clausura, apesar de possuírem mestria nas artes do amor como cortesãs sofisticadas que eram.

Melody saltou do cavalo e entrou pela porta das traseiras, tendo o cuidado de não chocar com algum cliente que tivesse ficado ali até de manhã e fosse conhecido de dom Alcides ou de dom Diogo, incluindo o próprio doutor Covarrubias. Foi recebida pela cozinheira, a negra Cleofé que a abraçou e beijou, começando a chamar as outras aos gritos. Logo a seguir, apareceu Miora que trazia nas mãos um pano que estava a costurar e que lançou sobre a mesa para poder dar-lhe um abraço. Havia semanas que Melody não vinha vê-la.

— Foi a madame que te trouxe cá com a força do pensamento — declarou Ana Rita, a preferida de um alto funcionário do Cabildo. — Ainda ontem disse que precisava de falar contigo. Parece que andou a estudar a posição dos teus planetas. Nada animado — acrescentou, com um olhar expressivo. — Despeço-me, querida. Vou dormir. Esta foi uma noite de muitíssimo trabalho.

— Como está o pequeno Jimmy? — perguntou Jimena, a mais bonita de todas na opinião de Melody.

— Com os seus ataques do costume, sabes como é.

— Estás muito atraente de calças e botas de homem — comentou Apolonia, pondo-lhe as mãos na cintura como se lhe tirasse as medidas.

— Deixa-a em paz — interveio Arcelia. — Ela só gosta de homens.

— Não gosto de homens — declarou Melody. — Detesto-os.

— E de mulheres? — quis saber Apolonia, acariciando-lhe a face.

— Também não — assegurou Melody, retirando-lhe a mão com delicadeza.

— Queres que te faça a depilação? — perguntou Atalia. — Já há algum tempo que não te tiro os pêlos das pernas.

— Tratei disso há poucos dias. A Siloé aprendeu finalmente a preparar a cera como Cleofé me indicou.

— Ora, ora — surpreendeu-se a garota. — Agora vai deixar de ser um costume das mulheres vulgares para ser um hábito das meninas de bem.

— Eu não sou uma menina de bem — queixou-se Melody.

— Mas estás longe de ser uma rameira — declarou madame Odile da porta, enquanto as outras jovens se voltaram ao ouvir o som da sua voz.

Melody refugiou-se no seu abraço de seios volumosos e mãos rechonchudas com unhas pintadas. Como era mais alta do que madame, inclinou-se sobre ela, apoiou a cabeça no seu ombro e desatou a chorar.

Aquela meretriz francesa, que garantia ter-se destacado entre as cortesãs de

Versalhes, tornara-se numa mãe para Melody.

— O que se passa com a minha querida menina? — perguntou preocupada, enquanto com uma mão fazia sinal às outras para que as deixassem a sós. — Vem, meu anjo, senta-te aqui. Conta-me — pediu-lhe, ao mesmo tempo que lhe secava as lágrimas com a ajuda de um lenço.

— Não madame, certamente está cansada depois de ter trabalhado toda a noite.

— Olha que não. Deixei o negócio a cargo de Lila e fui deitar-me cedo.

Acabo de me levantar. Não imaginas como queria ver-te! Por pouco não mandei Emilio a El Retiro com uma mensagem a pedir-te que viesses cá.

— Miora criou-lhe algum problema?

— Oh, não. Essa garota é um cordeirinho. Costura com mãos de fada. Nunca usamos vestidos tão bonitos.

— Alegra-me saber que a sua presença aqui não veio causar inconvenientes. Foi tão generosa em aceitá-la, madame. Não sabia onde a esconder.

— E onde irias escondê-la a não ser aqui? Por acaso te recusamos ajuda quando trouxeste a mulata Francisca? — Melody negou com um gesto de cabeça. — Bem, nesse caso nunca duvides da minha hospitalidade.

— Nunca — declarou a jovem com veemência, beijando-lhe as mãos.

— Então, então, a que se devem essas lágrimas?

Melody começou a dar-lhe respostas vagas, mas perante o olhar reprovador de madame Odile, acabou por dizer a verdade. Contou-lhe pormenorizadamente os encontros com Blackraven, as discussões, os pontos de vista tão diferentes que tinham, a violência que se desencadeava entre ambos e a maneira descarada como ele a encurralara na cozinha.

— Julguei que ia acontecer outra vez. Quando esta noite começou a tocar-me pensei que iria ter de passar de novo por aquele martírio. Quase morri de pânico. Não sei como vou voltar àquela casa e enfrentá-lo de novo. Tenho medo dele — admitiu. — É um porco inglês.

— E certamente — conjecturou a mulher —, além de porco inglês, é um velho nojento, com nariz de palmo e meio e mau hálito.

— Oh, não, muito pelo contrário. É muito bonito. Não é jovem, mas também não é velho — acrescentou baixando o tom de voz.

— O homem nascido sob a influência do deus Marte — declarou Odile.

— Como diz?

— Não sou eu que o digo, são os meus sonhos. Há dias que ando preocupada contigo. Entraste nos meus sonhos por várias vezes e havia sempre atrás de ti um homem vestido de deus Marte, o guerreiro, enquanto tu arrancavas maçãs da árvore de ouro, que significa amor e prosperidade.

Estudei os teus planetas e agora quero deitar-te as cartas. Vejamos — e pegou no velho baralho que a acompanhava sempre. — Ora corta, minha querida.

Melody sentiu-se inquieta. As sessões de Tarot costumavam demorar e ela tinha de voltar para El Retiro com Miora. Cortou com a mão esquerda e colocou as cartas de acordo com as indicações que lhe foram dadas. Madame Odile voltou a carta principal e lançou um grito de complacência.

— O Imperador — disse —, o Quarto Arcano Maior. Era esta a carta que eu esperava ver.

— Que significa?

— Poder — assegurou Odile. — Força, aqui representada pelos carneiros. Está coberto por uma armadura, símbolo da sua invulnerabilidade.

O Imperador é invencível. A barba e o bigode simbolizam a sua vasta experiência. Vês os seus olhos fixos no horizonte? Denotam uma atitude de reflexão, de quem pensa sempre antes de agir. A lógica e a razão precedem as suas decisões.

— E o cetro?

— Poder, querida, muito poder, assim como o trono. Quanto à águia, representa a soberania que exerce sobre as suas possessões e vassalos. É ele, o Imperador, que decide o destino de todos os seres, mas também, como consequência da responsabilidade do seu poder, é clemente, bondoso e compreensivo. Acima de tudo, o Imperador é justo; representa a ordem perfeita, a harmonia.

Uma por uma, as sete cartas revelaram o seu significado. Apareceram o Louco, como símbolo da insensatez e da imprudência; os Amantes, indício da atração profunda entre os seres; o Enforcado, entendido como sacrifício e renúncia; a Morte, que segundo Odile, não devia ser tomada de modo literal, pois significava também a conclusão de uma situação e a mudança. E assim, madame, falou longamente sobre cada um dos Arcanos e a influência dos planetas, referindo-se a Vénus, a Mercúrio e a um sem-número de questões. Mas quando começou a descrever a personalidade do suposto homem nascido sob a influência de Marte, o deus da guerra, Melody sentiu-se verdadeiramente aliciada.

— Os filhos do grande guerreiro são os melhores amantes de todos os signos solares, e a paixão que exibem na cama, está presente em todos os outros aspectos da vida. Não é qualquer mulher que consegue lidar com eles. São insaciáveis, intensos e podem deixar-te de rastos se não estiveres à altura. Do mesmo modo que são dominados pela paixão, a sua racionalidade é surpreendente, por isso triunfam em quase todas as empresas em que se lançam.

Quando se enfurecem, o melhor é fugir, mas se decidem ser complacentes, conquistam o coração do ser mais endurecido.

— Madame — murmurou Melody —, tenho de levar Miora. O seu dono, o senhor Blackraven assim o exige.

— O nascido sob a influência de Marte?

— Oh, madame, isso não passou de um sonho.

— É ele, eu sei, sinto-o aqui — enfatizou, levando a mão ao coração. — O Imperador — declarou num tom grave. — Leva-a, vá! Não o faças zangar-se. — Arrependeu-se logo a seguir. — Que vai ser dessa pobre garota nas mãos de Valdéz y Inclán? Vicioso, perverso. Sabes que o proibi de cá voltar depois da sova que deu a Ana Rita.

— O senhor Blackraven prometeu que não aconteceria nada de mal a Miora. Julgo que pretende mantê-la afastada de dom Alcides. Sei que não posso confiar na palavra de um inglês, mas não tenho outra alternativa.

Ele é um homem inflexível e ameaçou prender-me se eu não a devolver.

— E o fará, não tenhas dúvida. Nada detém um homem como esse.

Miora, a chorar, empacotou os seus parcos haveres, enquanto Melody lhe explicava que Blackraven tinha jurado protegê-la. Já no pátio das traseiras, montando *Fuoco,* ajudou Miora a subir e esta agarrou-se à sua cintura. Já passava das nove da manhã. Em El Retiro dariam pela sua falta e assustar-se-iam com a sua demora. Transpôs o portão do bordel e alcançou o caminho.

Ali mesmo, em frente à casa de madame Olive, montado num cavalo negro, estava Roger Blackraven. Os seus olhares cruzaram-se e Melody conteve a respiração, alarmada com o desprezo que viu nos seus olhos escuros.

— Isto é um bordel — disse. — E a senhorita, uma rameira.

Esporeou o cavalo e arrancou a galope. Alguns segundos mais tarde só se via uma nuvem de pó no caminho.

Blackraven almoçou em casa do seu vizinho Martín Joseph de Altolaguirre, um homem sensato e de grande influência, sempre impecável com a sua peruca empoada de branco, casaca e calça vermelha e bastão de chefe de administração militar. Simpatizava com Blackraven, até mesmo com a sua ideologia, pois ambos se declaravam fisiocratas. Costumavam tomar xerez, fumar charutos e fazer a interpretação dos parágrafos de *Tableau économique* ou de *Droit naturel,* ambos escritos por François Quesnay, fundador da Escola Fisiocrata. Altolaguirre achava as discussões com Blackraven muito estimulantes e não demorou muito a perceber que tinha na frente um dos homens mais inteligentes que conhecera em toda a sua vida.

Honesto como poucos funcionários do governo espanhol, Altolaguirre

ocupara até há poucos anos o lugar de feitor oficial da Fazenda Real, tendo a seu cargo o registo e a administração dos rendimentos em espécie. O órgão que controlava a Fazenda Real era a Tesouraria Fiscal, cuja autoridade máxima, o contador-mor, trabalhava sob a influência de Blackraven. Numa altura em que, devido a uma questão de contrabando foi posta em dúvida a impoluta conduta de Altolaguirre, Blackraven deu ordem a Juan Bravo de Turdillo, o contador-mor, para que abandonasse tal causa e arquivasse o processo. Altolaguirre veio a saber da intervenção do seu vizinho de El Retiro e, grato pela ajuda, devolvia-lhe frequentemente o favor.

Por esse motivo, organizou um almoço para o qual convidou um grupo de portenhos com quem Blackraven parecia interessado em se relacionar. Pelo menos fora o que lhe dera a entender no bilhete que lhe enviara dias antes informando-o da sua presença no Rio da Prata. Concepción Cabrera, esposa de Altolaguirre, e outras mulheres partilhariam a mesma mesa. Uma delas, a que se sentava à frente de Roger, muito graciosa, lançava-lhe olhares lascivos ao mesmo tempo que lhe sorria.

Chamava-se Melchora Sarratea e era sobrinha do anfitrião.

Blackraven devolvia-lhe os olhares e os sorrisos e pensava em Isaura Maguire. Nessa manhã, com receio dos assaltantes e dos almocreves, decidira segui-la. O assombro que lhe causou vê-la entrar na casa ocre — Alcides tinha-lhe contado que era esse o nome pelo qual era conhecido o bordel que ficava no caminho de Los Olivos — quase o fez cair do cavalo.

”É claro que só uma puta possui tal descaramento”, pensara. Estava dominado pela raiva, mas logo a seguir sentiu uma imensa tristeza.

Quando é que aquela mulher deixaria de o surpreender? Na verdade, já pouco lhe importava. Perdera a admiração que sentia por ela. Mas se Isaura Maguire não lhe interessava, por que motivo não conseguia deixar de pensar nela?

— A verdade — queixava-se Manuel Belgrano, secretário do consulado — é que enquanto Espanha nos espreme para encher os seus barcos com o nosso ouro, França enriquece à nossa custa para derrubar todas as monarquias da Europa.

— Ao entregar uma parte do ouro americano a França, o rei não faz mais do que honrar o Tratado de Santo Ildefonso — referiu Blackraven.

— Mas diga-me, Excelência — argumentou Altolaguirre —, segundo esse mesmo tratado, Espanha não deve pôr à disposição de França quinze barcos de guerra e não sei quantos homens todos os anos? Não me lembro de que tenham sido mencionados pagamentos em ouro.

Blackraven sorriu com presunção antes de responder: — Essa cláusula do

ano 96 foi secretamente substituída, a pedido de Bonaparte, em Outubro de 1803, por outra que estabelece que, em vez de barcos e homens, Espanha deve entregar a França um subsídio anual de cerca de três milhões de libras.

Os presentes guardaram silêncio e ninguém se atreveu a perguntar como conseguira Sua Excelência estar na posse da dita informação.

— Como podem ver — prosseguiu Blackraven —, Espanha é escrava de Napoleão, enquanto os franceses ficam todos os anos com uma parte do seu ouro americano.

— Uma parte… — queixou-se Juan José Castelli, primo de Manuel Belgrano. — Vemos muito bem que são três quartos, senhor! É isso que entregamos a Bonaparte. Quem precisa de inimigos se tem compatriotas como os que referendaram o Tratado de Santo Ildefonso?

— Ao referendar esse tratado — opinou Blackraven —, o chanceler espanhol esqueceu-se de uma máxima fundamental da política: "Aquele que propicia o poder ao outro, lavra a sua própria ruína." Com efeito — acrescentou, de modo sarcástico — tratou-se de um esquecimento imperdoável.

— Vejo que aprecia Maquiavel — interveio Mariano Moreno, o jovem advogado de quem Papá Justicia lhe falara.

— A pobreza em que Espanha está a mergulhar — comentou Saturnino Rodríguez Peña — deixa-nos indefesos. Reparo nas sucessivas cartas que Sobremonte escreve ao primeiro-ministro Godoy, pedindo-lhe mais tropas e mais munições. Na penosa situação atual, somos presa fácil dos ingleses — acrescentou, pedindo logo a seguir desculpas a Blackraven.

— Senhores — disse este —, eu sou um cidadão do mundo. Nas minhas veias corre sangue italiano, espanhol, austríaco e inglês. A que nação pertenço? Poderia dizer-se que sou inglês porque é inglês o meu nome. Na verdade, amo a Inglaterra por ser o país que é e não por ser o berço do meu pai.

— Sua Excelência não parece inglês — comentou Melchora com audácia. — Os ingleses são, regra geral, louros de olhos claros.

— Nasceu em França, não é verdade, excelência? — interessou-se Altolaguirre para calar a sobrinha.

— Exatamente, senhor. Foi em França que passei os doze primeiros anos da minha vida.

Ninguém fez perguntas sobre as circunstâncias que rodeavam o nascimento de Blackraven porque todos, mesmo aqueles que o viam pela primeira vez, tinham ouvido dizer que ele era filho bastardo.

— Temos algo em comum — declarou Manuel Belgrano —, pois nas minhas veias também corre sangue italiano. O meu pai era genovês.

— A Ligúria — disse Blackraven —, terra de grandes comerciantes e

navegadores. A caminho de Ceilão, lanço sempre a âncora no porto de Gênova. É aí que se encontram os melhores calafates do mundo. Não estou a exagerar.

— De que cidade italiana procedem os seus antepassados? — interessou-se Belgrano.

— A minha avó era siciliana, nascida na cidade de Palermo. A minha mãe, essa, já nasceu em Nápoles.

— E o senhor em França — surpreendeu-se Nicolás Rodríguez Peña, irmão mais novo de Saturnino. — Ninguém pode negar a sua natureza cosmopolita, Excelência.

— Ah, a França... — suspirou Altolaguirre. — Há mais de quinze anos que essa bendita nação tem vindo a agitar o mundo com as suas ideias, decisões e acontecimentos.

— O mundo civilizado contra a França? — perguntou-se Martín de Compson, o marido de Marica Sánchez. — Ou deverei dizer: a França Iluminada contra o mundo corrupto da aristocracia?

— Nem um nem outro — declarou Blackraven. — Quando há guerras, meus senhores, não são os ideais que as motivam mas sim as questões económicas. Os conceitos filosóficos desaparecem quando se pronuncia a palavra "dinheiro". Há um velho provérbio francês que diz: *L'argent c'est le nerf de la guerre.* E o dinheiro, senhores, é necessário para sustentar o poder. Os verdadeiros mentores de uma guerra são, portanto, os poderosos que desejam consolidar esse poder. Os políticos e os militares transformam-se em... como se diz em castelhano? *Puppets.*

– Fantoches — traduziu Hipólito Vieytes.

— Obrigado. Fantoches — retomou Blackraven. — Aqueles que realmente mantêm o poder.

— Mas Excelência — surpreendeu-se Nicolás Rodríguez Peña —, não é Napoleão Bonaparte militar e político e ao mesmo tempo o homem mais poderoso da Europa?

— Napoleão Bonaparte é o homem mais ambicioso da Europa, não o mais poderoso. Julgo que depois de Trafalgar ficou bastante claro que ele não é tão invencível como deseja que o mundo o considere. *Quer* ser poderoso, mas ainda não o conseguiu. Trata-se de uma luta estéril — acrescentou —, os poderosos de Inglaterra não o permitirão.

E mais do que um dos comensais se perguntou se Roger Blackraven, futuro duque de Guermeaux, não faria parte desse grupo seleto de "os poderosos de Inglaterra". As suas riquezas e a sua influência eram lendárias.

— Chegou-nos aqui a notícia de que a armada franco-espanhola afundou onze barcos ingleses durante a batalha de Trafalgar — disse Saturnino Rodríguez

Peña.

— Senhores — declarou Blackraven —, posso assegurar-vos, porque estava lá, que nem um único barco inglês se perdeu. Pelo contrário, vinte dos comandados por Villeneuve conhecem hoje o fundo do mar.

Blackraven contou detalhadamente os pormenores da batalha, explicando a estratégia magistral do almirante Horatio Nelson que, comandando uma armada menor do que a franco-espanhola, destruiu a intenção de Napoleão Bonaparte de invadir a Inglaterra.

— Villeneuve — explicou Roger — mandou que os seus navios se formassem numa única linha de ataque, de norte para sul, enquanto Nelson o surpreendeu, agrupando os seus em duas pequenas frotas que atravessaram a linha de Villeneuve, demolindo-a.

Os comensais fizeram-lhe diversas perguntas, interessados que estavam numa batalha que já começava a ser considerada "estrategicamente perfeita".

— Bonaparte — queixou-se Vieytes — pode ter desistido de atacar a Inglaterra, mas mantém os sonhos de grandeza, ao passo que nós empobrecemos a olhos vistos, como dizia há pouco o meu amigo Manuel.

Com alguma malícia, Blackraven disse: — Recordo-me do ano de 83 e da Paz de Versalhes. — Fez-se um silêncio, pois os outros recearam o que viria a seguir. — Que pensastes vós, naturais de uma colônia espanhola, quando a sua Pátria Mãe apoiou os Estados Unidos da América para estes conseguirem tornar-se independentes de Inglaterra?

Seguiu-se uma polêmica, durante a qual Blackraven se entreteve a estudar os convidados de Altolaguirre. Não tardou a compreender que estava entre os líderes do partido independentista, nem lhe foi difícil compreender que Manuel Belgrano, apesar da sua voz efeminada e da sua natureza sensível, era o homem capaz de levar os criollos à vitória, não pelos seus dotes de estratega militar, de que visivelmente carecia em pleno, mas sim pela clareza dos seus ideais e propósitos. A segurança e a eloquência com que se expressava eram realmente invejáveis. Magro e pálido, a sua erudição destacava-se de entre os presentes. Poucas vezes, Blackraven encontrara um homem tão culto. As suas sólidas teorias acerca da riqueza e do desenvolvimento econômico baseavam-se na conjugação de diversas correntes que imperavam na Europa desde os princípios do século XVIII. No seu discurso era possível identificar a influência de Adam Smith, Quesnay, Dupont de Nemours, Turgot e Gournay. Citou *El Informe en el expediente de la ley agraria* de Jovellanos, e reproduziu parágrafos do *Contrato Social* de Rousseau. Falou de estender a educação primária aos lavradores e de lhes ensinar as modernas técnicas de cultivo. Condenou o governo espanhol por manter terras incultas e propôs a alienação dos terrenos baldios por venda ou por

arrendamento, objetivo que pretendia levar a cabo a partir do seu lugar no consulado.

Blackraven compreendeu também que, naquele grupo de jovens conspiradores, a outra face da moeda era composta por Mariano Moreno, o advogado que no ano anterior havia chegado de Chuquisaca, cidade que teve de abandonar devido às ameaças que sofreu por enfrentar as autoridades espanholas, em especial devido à prática da mita, o trabalho escravo dos índios, à qual se opunha.

Assim como Belgrano se destacava pela sua vasta cultura, Moreno brilhava à luz da sua inteligência. Depois de se ter comportado como uma efígie durante a primeira parte do almoço, quando falou notou-se a contundência dos seus comentários bem como um certo fanatismo semelhante ao dos jacobinos. Queixava-se da indolência e da corrupção dos funcionários espanhóis.

— É preciso pôr fim aos abusos da administração — disse. — E desenvolver uma atitude totalmente nova nestas questões. Há que transformar a sociedade aplicando a razão e a inteligência que são inerentes à nossa natureza. Há que conseguir motivar o espírito de cidadania, tão em baixo nos dias que correm, e orientá-lo para a ideia de uma terra livre, não acorrentada. Educar o povo, como diz o doutor Belgrano, tem uma importância vital. Não chegaremos a lugar algum com seguidores ignorantes e selvagens.

A esposa de Altolaguirre, cansada de ouvir falar de política, fez um comentário sobre o incidente ocorrido na Real Companhia das Filipinas.

— Há quem assegure — disse Melchora Sarratea — que foi o *Anjo Negro* que levou a cabo o ataque ao armazém da Real Companhia.

— O *Anjo Negro*? — interessou-se Blackraven, a quem aquela denominação pareceu familiar.

— Acho muito estranho, Excelência — prosseguiu a jovem. — O *Anjo Negro* é a preceptora do seu afilhado, o menino Víctor.

Altolaguirre interveio de imediato: — Que estás a dizer, menina! O fato de Miss Melody se preocupar com o bem-estar dos escravos não faz dela uma delinquente. É uma dama!

— Uma dama — disse Melchora com um sentimento de rivalidade — que monta como um homem.

— Que foi que aconteceu ao certo na Real Companhia? — Quis saber Roger. — E quando foi?

— Sua Mercê não leu no meu jornal? — perguntou Vieytes referindo-se ao *Semanário de Agricultura, Indústria e Comércio.*

– Lamento — desculpou-se Blackraven. — Cheguei há poucos dias e não tive ainda tempo para ler os jornais.

— Quinta-feira à noite — explicou Altolaguirre —, ou melhor, sexta de madrugada, um grupo de delinquentes invadiu a Real Companhia que fica junto ao Riachuelo, roubaram os ferretes e incendiaram um armazém, deixando fugir vários escravos que iam ser vendidos no dia seguinte. Os guardas estavam atentos e controlaram rapidamente o incêndio. De qualquer modo, os atacantes foram muito hábeis e conseguiram fazer alguns estragos antes de fugir.

Blackraven ouvia, mas metade da sua atenção estava presa à lembrança do ágil cavaleiro que, na véspera, admirara do caminho régio e que acabara por revelar-se ser uma mulher: Isaura Maguire. Parecia-lhe que tinha decorrido imenso tempo desde essa manhã e que entre os dois se sedimentara uma sólida relação de muitos anos. "Além de rameira, é cabecilha de escravos", disse para si mesmo.

Antes de se despedir, Blackraven conseguiu que Nicolás Rodríguez Peña o convidasse para sua casa na calle de Las Torres, onde se reuniam os defensores da independência, e que Mariano Moreno lhe pedisse para o visitar na sua herdade de El Retiro.

— Estou a traduzir *Du contrat social* — explicou o jovem — e, como imagino que Sua Mercê deve ter um conhecimento impecável do francês, atrevo-me a pedir a sua ajuda nalguns parágrafos um pouco complexos.

— Terei o maior prazer em o receber amanhã — assegurou Roger. — Mas prefiro que seja em minha casa, na calle de San José, número 59. A hora do almoço está bem para si? Depois poderíamos rever esses parágrafos.

Blackraven guiou o cavalo para El Retiro que confinava com as terras de Altolaguirre. Atravessou o portão principal a trote, e a poucos passos da entrada, deu as rédeas a um escravo e entrou. Foi recebido pelo som do piano e, à medida que se aproximava, vozes e risos somavam-se à música.

Manteve-se em silêncio à porta da sala, enquanto observava Melody, Víctor e Jimmy, os três ao piano, que tentavam executar uma rápida melodia da ópera *Salomão*, de Händel. Melody, sentada entre os garotos, ria-se com os erros dos seus alunos e dava-lhes indicações sem deixar de tocar. Víctor ocupava-se das notas graves e Jimmy das agudas, enquanto os dedos de Melody voavam sobre as teclas do meio.

— Vá lá, desde o princípio — incentivava-os, e começavam a alegre peça mais uma vez.

— Agora foi o Jimmy que se enganou! — queixou-se Víctor.

— Não, foste tu — defendeu-se o primeiro.

Chegaram à coda, que executaram sem erros, e a melodia terminou de modo impecável. Blackraven, do lugar onde se encontrava, não via quem os aplaudia, mas identificou uma voz masculina, a de Bruno Covarrubias. No instante a

seguir, o jovem advogado surgiu perante os seus olhos, enquanto se dirigia ao piano, onde aplaudiu um pouco mais.

Melody parecia inquieta e ruborizada. Os miúdos riam-se. Béatrice e Leonilda continuavam a bater palmas.

— Foi uma interpretação requintada de *A Chegada da Rainha de Sabá*, Miss Melody — comentou o advogado. — Felicito-vos — disse, ao mesmo tempo que apoiava as mãos sobre as cabecinhas de Víctor e Jimmy. — A senhorita Leonilda disse que ninguém canta tão bem a ária *Voi, che sapete* como a senhorita . Poderia dar-nos o prazer de a ouvirmos, por favor? Seria uma honra para mim.

Melody inclinou a cabeça em sinal de assentimento e os garotos saíram do banco. Soaram as primeiras notas e, quase de imediato, Melody começou a cantar. Nesse momento, Blackraven compreendeu por que a chamavam "melodia". A sua voz produziu nele uma onda de emoção. Ao longo da vida tivera oportunidade de ouvir os melhores cantores líricos, mas nada se comparava à raridade daquela voz, de um grave cativante. Sem dúvida, Isaura Maguire teria triunfado em qualquer palco europeu.

— Boas-tardes — disse, enquanto os presentes aplaudiam.

A sua entrada produziu um efeito que o incomodou.

— Roger, querido — disse Béatrice, que veio ao seu encontro para o receber.

— Excelência — cumprimentou Covarrubias com algum nervosismo, abandonando o seu lugar ao lado de Melody. — É um prazer poder cumprimentá-lo.

— Teria gostado de saber da sua visita com antecedência, doutor — declarou Blackraven. — Se assim fosse não teria aceitado nenhum compromisso para esta tarde.

— O doutor Covarrubias é visita assídua de El Retiro desde que aqui estamos instaladas — explicou Béatrice. — Por favor, Roger, senta-te. Vou mandar vir um café para ti.

Blackraven seguia Melody com o olhar. Ela abandonara a sua cadeira e recolhia as partituras, disposta a sair da sala.

— Vamos, meninos — ouviu-a murmurar.

— Quero que fiquem — ordenou Blackraven.

Melody levantou o rosto e olhou para ele. Não havia medo nem timidez nos seus olhos, pelo contrário, mostravam provocação e orgulho.

— O Víctor tem de continuar as lições, senhor — argumentou num tom diplomático que desmentia o peso do seu olhar.

— Mais tarde. Desejo que agora fique aqui.

— Muito bem — cedeu. — Vá, querido, senta ao lado do teu padrinho. Vamos Jimmy — acrescentou, empurrando-o em direção à porta.

— Vocês fiquem também — insistiu Blackraven.

Melody sentou-se junto de Leonilda. O ambiente tinha-se transformado por completo. Ninguém falava e parecia inoportuno que o piano voltasse a tocar.

— Acabo de saber da sua chegada, Excelência — disse Covarrubias.

— Valdéz y Inclán não lhe enviou o aviso?

— Não. Há vários dias que não vejo dom Alcides.

— Nesse caso foi muito oportuna a sua visita — comentou Black raven.

— Tenho de tratar de algumas questões consigo. Mais tarde, no meu escritório.

Béatrice falou a Covarrubias do sarau que iriam dar dentro de poucas semanas em El Retiro e perguntou-lhe para onde deveria enviar o convite para a sua família, pois, em geral, durante a época estival, os portenhos deixavam a cidade e iam para as suas quintas em San Isidro ou em San José de Flores. Covarrubias informou-a do destino da maioria das famílias importantes e deu-lhe mais alguns pormenores importantes como as preferências gastronômicas das senhoras mais destacadas. Sugeriu-lhe que servisse chá-mate doce a Cirila Martínez de Hoz, amargo com um pouco de verbena das Índias a dona Edelmira Otárola e com uma colherada de café à esposa do funcionário representante do vice-rei, Cornelio Saavedra.

Aconselhou-a ainda a contratar a orquestra do maestro Corelli e sugeriu que as velas fossem de dom Ponce, feitas com a melhor cera de abelhas.

Os ânimos acalmaram e a conversa tomou um rumo ameno e dinâmico. Blackraven, que guardava silêncio, estava atento aos olhares lânguidos que, de vez em quando, Covarrubias lançava a Melody. A jovem devolvia-os com um sorriso tímido, o olhar fugidio. “Que bem desempenha o papel da virgem!”, pensou, furioso.

Estava dominado por um intenso ciúme. “Ciúme do diabo”, lamentou-se, mas não havia como deixar de sentir. Tinha vontade de apertar seu pescoço até que o brilho azul-turquesa de seus olhos se extinguisse e o ar escapasse daqueles lábios obscenos. Por que olhava com tanta doçura para um palerma como Covarrubias e não para ele, um homem capaz de a fazer experimentar níveis de prazer que não atingiria com nenhum outro? A pergunta o deixou de mau humor. Levantou-se.

— Covarrubias, vamos para o meu escritório, por favor.

O advogado instalou-se em frente a Blackraven, do lado oposto da secretária, consciente da hostilidade do seu patrão. Logo a seguir compreendeu o motivo.

— Que assuntos o relacionam com a preceptora de Víctor?

— Assuntos, Excelência?

— Valdéz y Inclán informou-me de que tem ajudado Isaura Maguire em

certas questões relacionadas aos escravos.

— Sim — admitiu Bruno, e a sua desenvoltura incomodou Roger. De repente, não parecia o indolente do costume. — Ela veio me consultar sobre o destino de uma escrava maltratada pela dona. Desde então tenho ajudado no que posso.

— Vejamos, doutor Covarrubias, em que está a ajudá-la de mo mento? — ironizou.

— Em duas causas.

Blackraven arqueou as sobrancelhas, surpreendido.

— Duas causas? E que causas são?

— Uma delas refere-se à compra de uma casa no bairro do Tambor por parte de um escravo. Como nunca fez a escritura, o antigo dono quer pô-lo fora e recuperar a propriedade. O outro caso é o de uma jovem escrava, Felipa, que acusou o patrão de a obrigar a oferecer o seu corpo a amigos e parentes a troco de dinheiro.

— Como consegue a senhorita Maguire ficar a par dessas situações? Ou deverei chamar-lhe o *Anjo Negro*?

Covarrubias sorriu.

— Foi o nome que os escravos lhe deram. A princípio chamavam-lhe O *Anjo de Negro*, mas a denominação foi mudando. Agora conhecem-na como *Anjo Negro*. Quanto à sua pergunta, Excelência, devo dizer-lhe que a bondade de Miss Melody é conhecida de todos eles. Vêm vê-la a propósito de qualquer problema. Abordam-na à saída da igreja, no mercado ou simplesmente batem à porta de casa de dom Alcides e pedem para ter uma palavra com ela. Às vezes, por volta das três da tarde, quando se sabe que a família Valdéz y Inclán está a fazer a sesta, juntam-se às dezenas nas traseiras da casa, onde Miss Melody os atende.

— Não posso acreditar! — indignou-se Blackraven, pondo-se de pé.

— A casa do meu sócio transformada em hospital. E esta também! Ainda ontem o estábulo estava cheio de negrinhos.

— Miss Melody ensina-os a ler e a escrever.

— O senhor parece saber tudo acerca de Miss Melody — referiu Blackraven. — Agora quero que me diga tudo sobre as duas causas que tem entre mãos. Nomes das partes envolvidas, circunstâncias, tudo.

Covarrubias deu-lhe todos os detalhes, enquanto Blackraven to mava notas e fazia perguntas.

— De agora em diante, tomarei a meu cargo estas causas e qualquer outra do gênero que se apresente.

— Excelência — protestou o advogado —, a ajuda que tenho oferecido a Miss Melody não tem sido em prejuízo dos assuntos de Sua Mercê.

Tenho-o feito nos meus tempos livres e sem deixar para trás nenhuma das minhas responsabilidades.

— Não duvido, doutor.

— Posso tratar de ambas as coisas.

— Não. Não será assim. Este assunto do *Anjo Negro* já foi longe de mais e não posso permitir um escândalo. Eu tratarei disto — concluiu.

— Poderei continuar a visitar Miss Melody nesta casa? As minhas intenções são sérias, Excelência. Desejo fazer dela minha mulher — acrescentou, com um ânimo que Blackraven vislumbrava pela primeira vez.

— O que o senhor e a senhorita Maguire desejam fazer com as suas vidas não me diz respeito. A única coisa que vos digo é o seguinte: não continuarei a permitir que o meu nome ou o da minha família se relacione de modo algum com os escândalos nos quais a senhorita Maguire se envolve. E agora, Covarrubias, vamos às nossas coisas. Já perdi tempo de mais com disparates.

Nessa noite, Blackraven convocou Somar ao seu escritório. O servo turco foi dar com ele estendido sobre o sofá, enquanto Trinaghanta, a jovem cingalesa, que desde há anos se encarregava dos seus cuidados pessoais, lhe massajava os pés.

— Trouxe a escrava? — perguntou Blackraven sem abrir os olhos.

— Sim, hoje de manhã. Chama-se Miora.

— Esteve com os negrinhos no estábulo?

— Não. Ela foi até o rio.

— Suponho que não terá tido problemas com as lavadeiras.

— Não. Parecem gostar muito dela — admitiu Somar, e Blackraven riu de modo irônico.

— Claro, o *Anjo Negro*, cabecilha de escravos.

— É assim que lhe chamam?

— É assim que lhe chamam. Asseguraste-te de que os miúdos tomavam o copo de leite?

— Sim.

— Vais ter dois assuntos para tratar — referiu Blackraven. — Dentro do meu cartapácio encontrarás o papel com as indicações. — Somar aproximou-se da secretária e leu-o. — Ao primeiro, o que está a tentar tirar a propriedade ao escravo, far-lhe-ás uma visita. Leva contigo Milton ou Shackle, mas não se esqueçam do Luís na pousada.

— Não, claro que não.

— Obriga-o a assinar a escritura que está também aí e depois segues para o escritório de Covarrubias para que ele a legalize. Quanto ao segundo caso, vais oferecer duzentos pesos pela escrava Felipa. Se ele não a quiser vender, terás de

o convencer por outros meios, mas neste caso não lhe darás nem um centavo. Quero que estas duas questões fiquem resolvidas em quatro dias no máximo. Agora prepara o meu cavalo. Dentro de duas horas vou encontrar-me com O'Marley e Zorrilla.

— Não queres que te acompanhe?

— Não. Começa pelo primeiro assunto. Faz uma visita ao homem esta mesma noite. Não voltarei a dormir aqui, vou ficar na casa de San José — informou.

Blackraven, ajudado por Trinaghanta, tomou um banho rápido e vestiu peças cômodas para montar. No corredor avistou a silhueta de Melody que deslizava no quarto de Víctor seguida por *Sansão*. Conseguiu vê-la por uma fresta da porta, sentada à beira da cama. O menino soluçava agarrado ao seu pescoço. Era óbvio que tinha tido um pesadelo.

Melody falava-lhe e passava-lhe a mão pelos ombros. Mais calmo, Víctor aceitou voltar a deitar-se e a preceptora aconchegou-lhe a roupa da cama.

Cantou-lhe uma canção em gaélico e esperou que ele voltasse a adormecer para sair do quarto. Blackraven saiu-lhe ao caminho.

— Sai daqui, *Sansão* — ordenou em voz baixa.

— Vai fazer companhia ao Víctor — disse Melody, dando-lhe uma palmadinha na cabeça enorme.

Blackraven lançou um olhar atordoado ora para a jovem, ora para o cão que, com o focinho, empurrou a porta do quarto do garoto e entrou.

— Com base nos acontecimentos desta manhã, julgo que me deve uma explicação, senhorita Isaura?

— Não me parece, senhor. Deixou bem claro que sou uma rameira. Que mais posso acrescentar? Se assim o desejar, amanhã mesmo deixarei esta casa.

Blackraven encurralou-a contra a parede.

— Diga-me, o que fazia naquele lugar?

— Pois não sou uma rameira? Que haveria de fazer num bordel se não o fosse?

— A senhorita *não pode* ser uma prostituta!

— Claro que não sou! — exclamou Melody, cerrando os dentes para não gritar. — Mas gostaria que algumas das mulheres mais requintadas de Buenos Aires fossem tão generosas como aquelas rameiras que nos acolheram, a mim e ao Jimmy, quando estávamos quase a morrer de fome e de frio. Agora deixe-me passar. É tarde e estou cansada.

— Por favor — suplicou Blackraven, agarrando-a pelos braços.

O contato físico afectou-os a ambos. Presos na intensidade daquele momento, olharam-se nos olhos, mas a agressividade havia desaparecido.

O tecido fino do espartilho permitia-lhe sentir a pele macia da jovem.

Trémula, ela parecia tão pequena e desprotegida que despertava nele as forças primitivas de um macho no cio. Precisava de lhe mostrar a sua força, queria marcá-la como propriedade sua e ao mesmo tempo sonhava protegê-la, afastá-la do mundo que tanto mal poderia fazer-lhe e de todos aqueles que exigiam a sua presença — os escravos, Víctor, Covarrubias —, porque Isaura Maguire pertencia-lhe a ele.

Sim, mas também ele queria pertencer a Isaura Maguire. Queria que ela o acolhesse nesse mundo de alegria que se formava à sua volta e que ele destruía pelo simples fato de dizer "Boas-tardes". A sua força e o seu império transformavam-no num homem desajeitado na relação com a única mulher bondosa que conhecia. Enquanto os outros o lisonjeavam, fazendo com que se sentisse um Adônis, ela reduzia-o à dimensão da escória. Não suportava o desprezo e a condenação que via nos seus olhos. Se alguma vez ela chegasse a admirá-lo, sentir-se-ia um homem completo.

Tudo estava a acontecer a uma velocidade demasiado rápida. Aqueles sentimentos eram tão súbitos e tão novos que o deixavam sem palavras. A ansiedade que experimentava — de a dominar, de a proteger, de lhe pertencer, de conseguir a sua aprovação —, sentimentos tão díspares e alheios ao seu temperamento, expunham-no em carne viva a uma mulher que o apoucava. Isaura não sabia, mas tinha em si o poder de o ferir. Tal certeza inquietou-o. "Porque me está a acontecer uma coisa destas?", e fez um esforço por se libertar da prisão daqueles olhos azul-turquesa.

O seu olhar pousou na boca de Melody e interrogou-se como era possível que um anjo tivesse boca de puta. A sua excitação começou a elevar-lhe as pulsações.

Melody percebeu que Blackraven queria dizer-lhe alguma coisa, mas que não encontrava as palavras certas. Não tencionava desviar os olhos dele. Tinha a sensação de que, se o fizesse, algo se despedaçaria. As mãos de Blackraven continuavam a agarrá-la com firmeza, sem no entanto a magoarem. Pablo tinha-lhe tocado muitas vezes e nunca a fizera sentir o quer que fosse. Deixara-se envolver pelos seus braços, pensando que era assim mesmo, que não era suposto sentir nada. Compreendia agora o quanto se enganara. As mãos daquele inglês pareciam queimá-la, ao mesmo tempo que agitavam uma corrente, ora quente, ora fria, que lhe atravessava o corpo.

Ao ver que ele se inclinava, no intuito de a beijar, conseguiu murmurar um "não", mas quando ele lhe suplicou ao ouvido: "Não me odeies", sentiu uma espécie de relaxamento, inclinou a cabeça para trás até encontrar a parede e fechou os olhos. Teria deslizado até o chão se os braços de Blackraven não lhe

tivessem rodeado a cintura, impedindo-a de cair. “Que sensação tão agradável!”, pensou, já totalmente descontraída e distanciada dos problemas. Aqueles braços e a força que transmitiam haviam conseguido expulsar os seus demônios. Pela primeira vez em muito tempo sentia-se segura e a proximidade de um homem não a aterrorizava.

Lançou um gemido ao sentir os lábios de Blackraven sobre os seus.

Teria gostado de ficar assim toda a noite, em silêncio, os braços caídos ao longo do corpo, adormecida pela carícia daquela respiração contra o seu decote, envolta no seu aroma masculino. De qualquer modo, tinha deixado que ele a beijasse, que os seus lábios se apoiassem contra a sua boca e que a acariciassem. Bruscamente, deu-se conta de que havia cometido um erro. Blackraven começou a agitar-se, e as mãos que lhe apertavam a cintura, deram testemunho do alvoroço que se apoderava dele. Assustou-se. Agora os lábios de Roger Blackraven devoravam os dela e, com a língua tentava entrar na sua boca. Mordia-a, lambia-a. Não ia conseguir travar aquele homem que tinha a estrutura de um gladiador.

Blackraven afastou subitamente os lábios dos de Melody e passou-os sobre o seu rosto. Só então se apercebeu de que ela chorava. Recuou e, continuando a abraçá-la, observou a sua expressão. Tinha os olhos contraídos, mas as lágrimas continuavam a brotar-lhe por entre as pálpebras.

Tremia como na noite anterior.

— Não, Isaura, por favor — suplicou-lhe.

Levou-a em braços até o quarto. Pousou-a sobre a cama e cobriu-a com uma manta. Ela tinha-se enrolado e continuava a tremer e a soluçar em silêncio, certamente para não acordar Jimmy que dormia numa pequena cama junto à janela. Sentiu-se invadido por um sentimento de compaixão. Ter-se-ia deitado ao seu lado, colando o corpo ao seu se não receasse que esse fosse precisamente o motivo daquele quebranto.

Saiu do quarto. Segundos antes sentira-se pleno e feliz. Na quele momento deparava-se com um vazio perturbador.

X

Em silêncio, Alcides Valdéz y Inclán libertou o seu membro ereto, acariciando-o. O corpo nu de Bernabela exercia sempre aquele feito em si, independentemente do passar dos anos. O seu cabelo longo banhava-lhe os ombros e espalhava-se sobre as pernas de Blackraven, ao mesmo tempo que ela, gemendo, atirava a cabeça para trás. As mãos enormes e escuras do seu sócio acariciavam-lhe os seios claros, enquanto os quadris de Bela dançavam sobre a pélvis de Blackraven. Admirava o domínio que Roger conservava até o momento final. Os seus olhos intensos seguiam-na, mediam as suas reações, estudavam os seus gestos. Conhecia-a bem, sabia quando e onde tocar-lhe, a posição que mais prazer lhe dava, o momento exato em que sentiria o orgasmo.

Nunca esqueceria a primeira vez em que os tinha visto juntos, durante a anterior visita de Blackraven, em finais de 1804. O atordoa-mento em que se viu mergulhado salvou-o de se precipitar para dentro do quarto e de o desafiar para um duelo. A sua vida teria terminado nessa mesma noite, qualquer que fosse a arma escolhida. Poucas vezes encontrara um homem tão hábil com a espada e a navalha, para não falar da sua infalível pontaria. “Tenho de pensar”, dissera para consigo, sem afastar os olhos da cena composta pela sua mulher sob as vigorosas investidas de Blackraven. Lentamente, à sua volta, o ar começara a viciar-se de ódio. Aquela mulher que gemia e cujas pernas envolviam os quadris de Blackraven não parecia a sua Bela, sempre tão evasiva e recatada na cama.

Depressa percebeu que gostava de os observar, que a excitação que atingia depois, entre os quadris de uma escrava qualquer, lhe proporcionava os mais intensos orgasmos. Assim, noite após noite, enquanto aceitava a farsa de fingir que se deixava drogar com a infusão de Cunegunda, esgueirava-se na escuridão da sua casa até chegar à janela do quarto de Blackraven que tivera o cuidado de deixar encostada. E enquanto se mas-turbava pensava na maneira de o destruir.

Nessa noite, seguira Bela e Cunegunda que, como todos os dias, desde que Blackraven voltara de El Retiro, se aventuravam na escuridão da cidade até a casa da calle de San José. Não lhe era difícil entrar, tinha um jogo de chaves. Felizmente Somar, Trinaghanta e *Sansão*, o assustador terra-nova, tinham ficado na quinta. Movimentava-se à vontade, sem receio de que os poucos escravos o descobrissem, pois dormiam afastados, ao fundo da casa. Quanto a Cunegunda, essa, ficava à espera na cozinha.

Durante os últimos encontros dera-se uma mudança imperceptível em Blackraven. Bela também notara e o mau humor que a havia atacado durante a

sua ausência, não melhorou quando ele regressou do campo.

Alcides perguntou-se se haveria outra mulher, se Miss Melody teria alguma coisa a ver com a mudança do seu sócio. Sabas, que diariamente trazia notícias de El Retiro, assegurara-lhe que a relação deste com a preceptora não decorrera nos melhores termos. Ele sabia bem que Miss Melody era capaz de fazer perder a cabeça a qualquer um, mesmo ao imperturbável Blackraven, mas ficara ainda mais interessado depois de saber que uma das escravas, Berenice, jurara tê-los visto uma noite, na cozinha, numa atitude comprometedora. Segundo ela, Miss Melody fugira, deixando Blackraven como uma brasa.

Ficou deslumbrado com o magnífico som que Bela produzia ao atingir o orgasmo. Agitou a mão sobre o seu membro e segundos depois conseguiu o orgasmo. Erguendo os olhos, percebeu que Blackraven já havia deixado a cama e se passeava despido pelo quarto, enquanto Bela permanecia deitada, de olhos fechados. Alcides percebeu que o seu sócio não conseguira ter satisfação e compreendia a humilhação e amargura da sua mulher. Certamente pressagiava o mesmo que ele: muito em breve seria posta de lado.

Pouco importava. Dentro de algum tempo morreria. Tivera dificuldade em escolher o modo de o eliminar. Roger Blackraven não era homem para ser apanhado desprevenido. Treinado para encontrar a morte a cada esquina, vivia com essa realidade. Por muito que lhe custasse admiti-lo, admirava-o. Sentia por ele um misto de ódio, inveja e admiração.

Pela primeira vez em muitos anos deu-se conta de que o medo que tinha de Blackraven se diluía. Ao fim e ao cabo, não se tratava de um ser invencível e ele não estava destituído de armas para o ataque. O calcanhar de Aquiles de Blackraven estava bem à vista, sempre estivera, mas só depois de descobrir a infidelidade de Bela havia reunido forças e encontrado justificação para o atacar. Havia tempo que começara a accionar o mecanismo que acabaria com a vida do homem que lhe tinha tirado o seu tesouro mais precioso.

Orgulhava-se da sagacidade com que se movimentara para obter uma combinação mortal de informações secretas e de ódio que iriam deixar Blackraven indefeso. Os seus inimigos não tardariam a cair-lhe em cima. “É apenas uma questão de tempo”, pensou, “até que a mensagem chegue aos ouvidos das pessoas certas, se é que não chegou já.” Ansiava pela morte de Blackraven, não só por uma questão de vingança, mas também porque passaria a ser um homem muito rico, visto que a maior parte das propriedades do sócio, assim como os negócios no Rio da Prata estavam no nome do seu testa-de-ferro, ele: Alcides Valdéz y Inclán.

Ajeitou a camisa dentro das calças, pôs a capa aos ombros e saiu da casa da calle de San José, envolto no mesmo sigilo com que se movera nas noites

anteriores.

Havia uma semana que Blackraven deixara a propriedade de El Retiro e não tinham voltado a ter notícias suas. Melody dizia para consigo mesma que era melhor assim. Sem ele, a vida agradável que levavam até a sua chegada voltaria a decorrer em paz. Apesar disso, Víctor sentia a sua falta e perguntava a Somar quando regressaria Blackraven. O turco limitava-se a encolher os ombros e a acenar negativamente.

— O seu padrinho é imprevisível, menino Víctor.

Melody selou *Fuoco* e sorriu a *Sansão* que se mantinha aos saltos perto dos cascos do alazão. Olhou para o rio, onde o sol começava a assomar no horizonte.

Na verdade, também ela sentia a falta de Blackraven. O último encontro no andar de cima, a coberto da escuridão e do silêncio da noite, vinha-lhe com frequência à memória. "Não me odeies", suplicara-lhe e ela sentiu-o triste. Seria uma tristeza genuína? Poderia confiar nele, um perfeito sedutor? Sabia que ele se deitava com a escrava Berenice e murmurava-se que entre ele e dona Bela existia um romance. Seduziria também a sua serva, a tal Trinaghanta? Beijá-la-ia como a beijara a ela?

Acariciou os lábios, tentando reviver a sensação que a boca dele lhe provocara. A suavidade do primeiro contato transformara-se num ardor que a assustou e lhe trouxe más recordações. Receava a força dos homens, que a submetiam sem que ela pudesse defender-se. Por isso tinha chorado. Nesse momento, ele suplicara-lhe: "Não, Isaura, não, por favor."

Insistia em chamar-lhe Isaura, o nome que lhe fora dado pela sua mãe e do qual o pai nunca gostara, por isso, impondo como sempre a sua vontade, a apelidara de Melody, devido à sua voz. "Isaura" A voz de Blackraven voltava a perturbar-lhe os pensamentos.

A visita de Covarrubias na véspera à tarde tinha-a deixado perplexa.

— Nepomuceno já tem na sua posse a escritura que o dá como proprietário da casa no Tambor.

— Oh, doutor! — exclamou Melody emocionada. — Que coisa boa! Não sabe como lhe agradeço.

— Não me agradeça a mim — declarou Covarrubias, num tom amargo.

Em seguida, movido por um proverbial sentido de honra, acrescentou: — Sua Excelência, o conde de Stoneville tomou o assunto a seu cargo e ficou tudo resolvido em poucos dias. — Sem lhe dar tempo a reagir, prosseguiu: — Quanto à sorte da escrava Felipa, recebi ontem uma carta da madre superiora do convento das Clarissas, na qual me dizia que a garota lhes foi anonimamente entregue, e ficará lá a trabalhar no claustro.

Não preciso de lhe recordar, Miss Melody, que esse era o maior desejo de

Felipa desde o dia em que a sua patroa tomou os votos nessa congregação.

— Lembro-me, sim. Sua Excelência, outra vez? — perguntou. Covarrubias assentiu.

Voltou a olhar na direção do rio e pareceu-lhe avistar, afastado da margem, um nadador. Inquietou-se. Ninguém na região desconhecia o perigo das correntes do rio da Prata. Braçada após braçada, o nadador embrenhou-se no rio, tornando-se cada vez mais pequeno. Por vezes desaparecia do seu campo de visão atrás de uma onda. Interrogou-se se seria Pablo, sempre tão imprudente, mas pôs rapidamente de parte a ideia: o acampamento dos almocreves era muito longe dali.

Desmontou e, pondo a mão na testa em jeito de pala, tentou não perder de vista o destemido que daquele modo desafiava o rio. Apesar de não saber nadar ficaria ali até o ver a salvo na margem. Deu-se conta de que quando regressasse com a ajuda necessária já ele teria desaparecido da superfície. Mesmo assim ficou à beira do barranco, atenta. Percebeu que o nadador avançara mais de duas milhas, pois ultrapassou o molhe onde atracavam os barcos e houve um momento em que Melody deixou de o ver. Impacientou-se, andava de um lado para o outro, concentrou a visão. *Fuoco* e *Sansão* partilhavam o seu desassossego.

Estava quase a ir pedir socorro quando distinguiu a diminuta cabeça.

Percebia-se que nadava em direção à margem. O alívio levou-a a correr, barranco abaixo, seguida por *Sansão*, disposta a alertar o intrépido da perigosidade daquelas águas. Por um momento voltou a recear que se tratasse de Pablo e sentiu-se um pouco apreensiva. Não queria encontrar-se com ele a sós.

O nadador aproximava-se da margem ao mesmo tempo que ela ganhava terreno. A poucos passos do lugar onde as pequenas ondas arrebentavam, Melody percebeu que era Blackraven. “Voltou”, pensou não podendo evitar uma genuína satisfação. *Sansão* latiu e sacudiu a cauda, precipitando-se para cumprimentar o dono. Melody manteve-se a uma certa distância, sem decidir o que fazer. Por lógica e educação deveria cumprimentá-lo, pensou, mas como nem a lógica nem a educação haviam caracterizado os seus prévios encontros, ele não acharia estranho se ela em vez disso voltasse para trás e se afastasse a grande velocidade.

Blackraven parou de nadar e pôs-se de pé para alcançar a margem.

Logo a seguir avistou Melody. Continuou a andar. O rio recuava, revelando o seu corpo nu. Os olhos de Blackraven estavam fixos nos dela.

Melody ficou parada, sem desviar o olhar. Blackraven era perfeito. Isso agradava-lhe e ao mesmo tempo deixava-a incomodada porque evidenciava a imperfeição do seu próprio corpo.

A água escorria-lhe pelo cabelo, longo e solto, e pelo rosto, delineando-lhe os contornos. Tinha o peito coberto por uma penugem escura. Gostou das suas pernas grossas e sólidas, e os braços de ferro que tinham vencido o rio e as suas ciladas. Várias cicatrizes sulcavam-lhe o dorso e os membros e distinguiu-lhe uma tatuagem no braço esquerdo.

A pele em volta da cintura era mais clara e, entre uma espessa mata de penugem negra, assomava um membro longo que cresceu e endureceu perante os seus olhos. Era a primeira vez que via um homem despido e não conseguia decidir se o achava atraente ou repugnante. Aquele órgão deveria supostamente penetrar o corpo da mulher. "É demasiado grande, quem conseguirá acolhê-lo." Foi surpreendida por uma sensação semelhante à que sentira na noite em que ele a havia beijado. "Como consegue ele afectar-me tanto?", interrogou-se.

Nenhum dos dois ouvia os latidos de *Sansão*, nem o grito das gaivo-tas, nem o som das ondas a lamber as pedras da margem. Dominados pelas suas emoções, olhavam um para o outro com intensidade. Blackraven aproximou-se e Melody recuou, levantou a mão e balbuciou um lânguido "não". Correu costa acima, saltou para a garupa de *Fuoco* que galopou até se perder no denso olival.

Jimmy e Víctor brincavam ao pião junto da porta principal, enquanto Béatrice e Leonilda observavam a evolução de umas estacas de roseiras que ele tinha trazido da Holanda. Procurou Melody ali por perto. Receava que ela tivesse fugido depois do encontro dessa manhã na praia, embora a presença de Jimmy o tivesse tranquilizado.

Durante aqueles sete dias pensara constantemente nela, como se se tratasse de uma presença que o acompanhava a todos os lugares e o distraía de assuntos de importância capital.

Tinha passado as tardes com Luis na pousada Los Tres Reyes, procurando nesse rapaz de quase vinte e um anos a chave de um mistério que não conseguia resolver. Como Luis se mostrou aborrecido, propôs-lhe que colaborasse com o doutor Moreno na tradução de *Du contrat social.*

Combinaram também uma visita a El Retiro na semana seguinte.

O'Maley e Zorrilla, seus espiões e com quem se encontrara várias vezes, confirmaram-lhe a existência de uma loja jacobina em Buenos Aires que, contra a vontade do movimento independentista criollo, pugnava pela liberdade do Rio da Prata com os auspícios da França. O'Maley seguira também o pretendente de Béatrice, o escocês William Traver. Era tido como comerciante, viajava muitas vezes para Montevideu e para o Rio de Janeiro. Era preocupante o fato de ter visitado em várias ocasiões a casa do que se supunha ser o cabecilha da loja francesa e que frequentasse também amiúde uma livraria frente à calle de San Francisco, dirigida por um francês que vendia livros sem o *nihil obstat*

concedido pela Igreja.

Tinha recebido um convite de Nicolás Rodríguez Peña para ir jantar a sua casa na calle de las Torres. De modo prudente, Blackraven começara a expor as suas ideias de liberdade para conquistar a confiança dos criollos, tarefa nada fácil, visto que estes se sabiam perseguidos pelo vice-rei e receavam os traidores. Com Mariano Moreno foi diferente. Tinha ido à casa de San José em três ocasiões diferentes, sempre a pretexto da tradução do livro de Rousseau. O rapaz confessara-lhe o seu desejo de romper com Espanha, a que chamou nação retrógrada, povoada de gente mesquinha e corrupta. O seu discurso, despojado de rodeios, deixou bem claro o que Blackraven vislumbrara em casa de Altolaguirre: que a paixão de Moreno, com laivos extremistas, devia ser manobrada com todo o cuidado. Podia ser útil, mas quando descontrolada, tornar-se-ia fatal.

Apesar de não ter voltado a estar com Papá Justicia, Somar, que fora à cidade uma ou duas vezes, mantinha-o informado acerca da rebelião dos escravos. Pretendia-se levar adiante o ataque simultâneo aos principais negreiros — Álzaga, Sarratea e Basavilbaso — durante a madrugada da Quinta-Feira Santa. Faltavam meses. As armas tinham sido entregues e os escravos eram treinados durante a noite no bairro do Tambor.

Juntamente com Valdéz y Inclán, inspeccionava diariamente as obras da fábrica de curtume. Lá perto situava-se a sede da Real Companhia das Filipinas e aproveitou para visitar Sarratea que o pôs a par do ataque sofrido dias antes.

— Estávamos à espera que algo do gênero acontecesse, Excelência.

— Por quê? Alguém o preveniu?

— Não, ninguém — respondeu mas Roger não acreditou. — Intuíamos porque a negralhada anda muito revoltosa e não é de admirar, com tantos franceses revolucionários à solta em Buenos Aires. Que praga! Além do mais, chegou um barco com negros haitianos que lhes encheram a cabeça com ideias estranhas.

— Estou a ver que a influência de Toussaint Louverture chegou a estas costas — comentou, mas Sarratea não sabia a quem ele se referia. — Conhece a identidade dos atacantes?

— Não. Só sabemos que eram três, todos com bons cavalos.

Por um lado tranquilizou-o o não ter cito citado o nome do *Anjo Negro*; mas por outro preocupou-o o fato de saber que os responsáveis pelo ato de vandalismo tinham sido três cavaleiros. Não tinha a menor dúvida de que Isaura Maguire era um deles, mas ficou louco de ciúmes ao pensar nos outros dois. Por um qualquer motivo inexplicável recusava-se a mandá-la seguir, não queria investigá-la, ou porque receava descobrir algum segredo que destruísse o que os

seus instintos não se cansavam de repetir: “Nunca conheceste nem conhecerás nenhum outro ser mais puro do que essa garota.”

Às suas preocupações vinha juntar-se o nome que Papá Justicia deixara escapar durante a conversa que tinham tido: Popham. Conhecia um comodoro inglês, Sir Home Riggs Popham, amigo do venezuelano Francisco de Miranda. Este último, durante anos mendigara por toda a Europa o apoio para uma incursão que libertasse a Venezuela do domínio espanhol. Blackraven conhecia-os bem a ambos e não estranhava que eles tivessem planeado um ataque a Montevideu ou a Buenos Aires.

Tinha de se livrar deles.

A grande diversidade de assuntos e responsabilidades mantinha-o acordado até de madrugada. A correspondência ocupava-lhe bastante tempo, e havia sempre a visita de Bela, que chegava por volta das doze na companhia de Cunegunda. Acabara por lhe dar uma chave da porta principal para que não tivesse de usar a aldraba. Era importante que os escravos se mantivessem afastados da questão. Cada vez lhe era mais difícil satisfazê-la, e ela dava por isso. A sua obsessão por Isaura Maguire estava a afectá-lo como nunca acontecera antes. Nenhuma outra mulher em toda a sua vida lhe provocara tamanha reação.

Avistou-a ao longe. Conversava com Servando, o escravo que Valdéz y Inclán adquirira como reprodutor e que, durante o dia, desempenhava funções de magarefe, o ofício mais humilhante entre os negros. Reparou nele pela primeira vez: tratava-se de um homem jovem — vinte e cinco anos, um pouco mais talvez — de excelente constituição, magro, musculoso, muito alto e de aspecto saudável. Provavam-no as quatro escravas grávidas que deixara na casa da calle de Santiago. Pensou se já teria coberto alguma das de El Retiro.

Avançou para eles decidido a afastá-lo de Melody. De que se estariam a rir? Que cumplicidade era aquela que os unia? Que tinha a ver um negro como aquele, sujo de sangue e que tresandava a tripas de vaca, com Isaura? A suspeita fê-lo aproximar-se a passos largos. Servando viu-o vir e ficou mudo. Melody deu meia-volta para ver de quem se tratava.

— Está bem, Babá, eu tratarei disso — ouviu-a dizer. — Agora volta para o matadouro.

— Bons-dias, patrão Roger — disse Servando, sem mostrar medo.

— Que está a fazer aqui? — perguntou a Isaura de modo brusco. — E tu, não tens trabalho no matadouro?

— Foi culpa minha, senhor — explicou Melody, sem o olhar de frente.

— Fui eu que lhe pedi que me fizesse um serviço.

— E que tipo de serviço, pode saber-se?

— É pessoal. Vai, Babá, não percas mais tempo por minha causa.

— Com licença, patrão Roger — disse o escravo, desaparecendo após uma ligeira inclinação.

Melody fez menção de se dirigir para casa, mas Blackraven, agarrou-a por um braço.

— Como lhe chamou?

— Babá.

— Olhe para mim. Porque não olha para mim?

— Não posso.

— Por quê?

Melody ficou calada.

— Pelo que aconteceu esta manhã no rio? Porque se recusa a admitir que me acha atraente e que o seu corpo a traiu com uma série de sensações quando me viu despido?

— Por favor, não me humilhe.

— Por que a chamou Babá? — perguntou com arrogância, temendo que se tratasse de um nome que usavam na intimidade.

— Porque é o nome dele.

— O nome dele é Servando.

— Não — contrapôs Melody, erguendo os olhos. — Esse é o nome que lhe puseram no dia em que o embarcaram na África. Seu nome é Babá. E assim o chamarei sempre. Diga-me, senhor Blackraven, gostaria que, de um dia para o outro lhe mudassem o nome e sem mais nem menos lhe alterassem a vida, arrancando-o ao seio da sua família e o levassem para um lugar distante com pessoas que nunca tinha visto e que não lhe dedicavam qualquer tipo de carinho?

A pergunta pareceu afetá-lo. Desviou os olhos e olhou o horizonte, como se meditasse na resposta a dar.

— Não, claro que não — admitiu, segundos mais tarde. — A senhorita preocupar-se-ia comigo e dispensar-me-ia o tratamento afectuoso que reserva a Babá se eu tivesse passado por uma situação semelhante?

— Senhor Blackraven, não consigo imaginar uma situação em que me provocasse compaixão.

Para grande assombro de Melody, a resposta ofendeu-o.

— Despreza-me. Por ser inglês e por ter escravos.

— Não, não o desprezo — e não se atreveu a acrescentar: “Embora devesse. Por ser inglês e por ter escravos.”

— O que foi que encomendou a Babá? — Perante a reserva de Melody, insistiu: — Se se trata do destino de algum dos meus escravos, exijo tomar conhecimento. Eu mesmo resolverei o problema.

— Não se trata do destino de nenhum dos seus escravos.

— Mesmo que se trate da sorte de outro escravo qualquer — disse, impaciente —, de hoje em diante, virá ter comigo para resolver esses assuntos.

— O doutor Covarrubias...

— O doutor Covarrubias já não tem nada a ver com esta questão. O famoso *Anjo Negro* — disse, e Melody ergueu rapidamente os olhos — está a provocar uma inquietação que eu não estou disposto a tolerar. Há quem o associe a um ataque que ocorreu há dias à Real Companhia das Filipinas, no mesmo dia em que eu a vi atravessar os campos a cavalo como se fugisse de alguém. Não admitirei escândalos relacionados com o meu nome, e a senhorita Isaura mesmo contra a sua vontade está relacionada comigo.

A desilusão deixou-a muda e triste.

— Que se passa? — perguntou Blackraven num tom ríspido. — Por acaso a proibi de continuar com esse despropósito de se considerar defensora dos escravos? Ofereci-lhe a minha ajuda. Asseguro-lhe, senhorita Isaura, de que será muito mais eficaz do que a do doutor Cavarrubias. E mais discreta também.

— Imaginei... — disse Melody num tom de voz tão baixo que Blackraven teve de se curvar para a ouvir —, imaginei estar oferecendo ajuda por se compadecer dos africanos. Fui ingênua ao pensar que o senhor era bom. Tudo o que faz prende-se a suas próprias conveniências.

— Talvez não seja magnânimo, Isaura, mas também não sou um monstro — defendeu-se.

— Roger, querido! — exclamou ao longe Béatrice, e Melody fez menção de se afastar em direção à casa.

— Fique aqui — ordenou Blackraven, voltando a pegar seu braço.

As senhoritas Béatrice e Leonilda aproximaram-se com Jimmy e Víctor atrás.

— Pensávamos que não chegaria a tempo de cumprir a promessa, senhor — disse Víctor, e Melody sentiu-se orgulhosa de sua atitude de correção.

— A que promessa te referes, rapaz?

— Levar-nos à praça de touros para ver a corrida. Hoje é domingo — recordou-lhe.

Apesar de Melody detestar aquele espetáculo, não se oporia a que Blackraven levasse os garotos. Havia muito tempo que não via Jimmy com aquela alegria ansiosa nos olhos. Ultimamente, sua saúde tinha piorado sem que ela soubesse o que fazer. Duas noites antes, sofrera um novo desmaio e o seu semblante ainda exibia um matiz azulado.

— Sério, Roger? — perguntou Béatrice. — Será uma distração muito diferente.

Blackraven respondeu com picardia: — Iremos, se a senhorita Isaura nos acompanhar.

— Vai nos acompanhar, não vai, Miss Melody? — perguntou Víctor, impaciente.

— Vem conosco, Melody — pediu o irmão.

— Sim, vou com vocês.

Ficou decidido que, depois de ouvirem missa na igreja do Pilar e a seguir ao almoço, partiriam a pé para a praça de touros, que confinava com o extremo sul de El Retiro.

Como partira do princípio de que Blackraven não iria à missa, Melody ficou francamente surpreendida quando o viu lá. Tinha um aspecto demasiado profano para não sobressair na igreja. Homens e mulheres concentraram nele a sua atenção, enquanto ele avançava pela nave principal, dando o braço à senhorita Béatrice. Levava a cabeça descoberta, o cabelo penteado para trás, preso numa trança, brilhante como o mármore negro devido ao óleo de Macassar.

Uma onda de calor subiu às faces de Melody ao recordar o encontro embaraçoso dessa manhã, na margem do rio. Agarrou o rosário com mais força. Achava tão escandaloso acolher tais pensamentos numa igreja como o ter ficado parada a olhar para o seu sexo. Ainda não entendia o que a levara a ter aquela atitude. Queria pedir perdão a Deus e esquecer, mas o momento de silêncio e intimidade partilhado com aquele homem era a única coisa em que conseguia pensar. Cada instante vivido com Roger Blackraven continha em si um segredo, algo que só ele e ela conheciam.

Sentiu o peso do olhar dele durante toda a missa como advertência de que as questões entre ambos não tinham terminado. Faltava ainda resolver a questão dos escravos. Ele tinha-lhe oferecido ajuda e dado provas ao conseguir a escritura de Nepomuceno e fazer com que a negra Felipa fosse aceite no convento das Clarissas. Aqueles favores deviam ter-lhe custado uma fortuna, mas como o considerava um homem incapaz de mexer uma palha se não fosse para obter algum benefício pessoal, não podia deixar de pensar, que de uma maneira ou de outra, aquilo lhe conviera.

Terminada a cerimônia, esperou que o templo ficasse vazio para se dirigir à capela do Sagrado Coração. Estavam lá algumas mulheres, as mesmas com quem tinha rezado o terço antes da missa. Ajeitou o véu e instalou-se no genuflexório. Sabia que quando levantasse os olhos e o seu olhar se cruzasse com o de Cristo, iria chorar. Pedir-lhe-ia por Jimmy, que não lho levasse, em troca oferecer-lhe-ia a sua saúde.

Blackraven procurou-a no átrio, entre os paroquianos. Avistou os Valdéz y Inclán que iriam almoçar com eles para depois se lhes juntarem na praça de

touros. Viu Béatrice a conversar com Concepción, a mulher de Altolaguirre; viu Víctor e Jimmy que continuavam a jogar ao pião; o padre Mauro, grande amigo de Melody, segundo lhe dissera Somar; Covarrubias, Diogo Coutinho, os vizinhos, um grupo de escravos, todos menos ela.

Preocupado, voltou à igreja. Foi dar com ela de joelhos frente a um oratório próximo do altar-mor. O ar, sulcado por fios de luz, cheirava a velas e a incenso, aromas agradáveis que acentuavam o ambiente de recolhimento, obrigando-o a mover-se em silêncio. Melody estava tão absorta que não deu pela sua presença, apesar do jogo de luzes e sombras que produziu.

Blackraven era um iconoclasta, incapaz de crer em alguém superior a si, demasiado orgulhoso para pedir ajuda. Repetia que, sempre que precisou de uma mão, a encontrou no extremo do seu outro braço. Há muito que afastara Deus da sua vida e zombava dos que faziam apelo à enteléquia para solucionar os problemas. Considerava-os covardes. Em Isaura Maguire, pelo contrário, nada lhe evocava a palavra covardia, nem mesmo nesse momento em que, como num transe, com o olhar fixo na imagem do Sagrado Coração, parecia obediente e débil, submetida à vontade do Ser Supremo. A sua devoção, pelo contrário, inspirou-lhe respeito.

Reparou nas lágrimas que lhe molhavam as faces. A sua palidez assustou-o. Uma luz de alabastro transfigurava-lhe o rosto. Blackraven não conseguia articular uma única palavra. Tornara-se prisioneiro do silêncio e da solenidade que a piedade de Isaura infundia. Teria direito à pureza daquela mulher?

Melody cobriu o rosto com ambas as mãos. Blackraven caiu de joelhos ao seu lado e ela apercebeu-se de uma mão na sua cintura, do calor de um hálito agradável que brincava junto ao seu ouvido. As palavras que se seguiram pareceram-lhe parte de um sonho.

— Faria qualquer coisa por ti.

Olhou-o nos olhos e tentou descobrir a armadilha. Não confiava naquele homem. Bonito, rico, vaidoso, mulherengo, sedutor, inglês, frio, calculista, sem escrúpulos. Uma angustiante sensação de solidão e vulnerabilidade levou-a a confessar: — É pelo Jimmy.

— Eu sei — disse ele, enquanto lhe passava um lenço pelo rosto.

— Anteontem desmaiou. Pensei que tinha morrido. Não conseguia reanimá-lo — recordou, com desespero.

— Eu sei. Somar mandou-me um bilhete a dizer. Foi por isso que voltei.

Olharam-se, muito perto um do outro. Nunca tinha experimentado uma ternura como a que aquela mulher lhe inspirava, com o seu pequenino nariz avermelhado e o olhar a brilhar de lágrimas.

— Amanhã de manhã, virão dois médicos, os melhores da cidade para

tratarem do Jimmy.

— Mais médicos não. Para me dizerem o quê? Que não lhe resta muito tempo de vida? Não suportarei ouvir isso outra vez. É o que me têm vindo a dizer desde que ele nasceu. Não não quero médicos. O Jimmy tem medo deles.

— Isaura, tens de ser razoável. — Roger começara a tratá-la por tu, e para ela era extremamente natural. — Trata-se dos melhores. Talvez haja alguma esperança.

— Vai custar muito caro e eu não tenho dinheiro.

— Eu tratarei disso.

— Não.

— Não sejas obstinada — retorquiu com paciência. — Um inglês é tão bom para te ajudar a salvar a vida do teu irmão como um homem de qualquer outra nacionalidade. Vais impedir que o Jimmy seja assistido por dois catedráticos só por uma questão de orgulho estúpido?

Ela baixou os olhos, angustiada e nada mais disse. Limpou as lágrimas e pôs-se de pé. Blackraven ajudou-a.

Bernabela viu-o sair da igreja com Miss Melody. Não se tocavam, mas envolvia-os um ambiente de intimidade e cumplicidade. O que a escrava Berenice contara a Sabas não era tão despropositado à luz daquela imagem. Tinha feito bem em pedir que investigasse o passado da preceptora. Fosse como fosse ver-se-ia livre dela. Os feitiços de Cunegunda não surtiam efeito e a escrava recusava-se a voltar a praticar magia negra.

— Miss Melody tem um espírito muito poderoso que a protege.

Tudo o que faço, volta-se contra mim. Tenho a certeza de que Justicia a protege e eu não quero ser morta, patroa Bela.

— Envenena-a.

— Eu não sei nada dessas coisas — mentiu.

Papá Justicia tinha ameaçado matá-la se descobrisse que ela andava outra vez a mexer em venenos.

Lá estava Diogo a cumprimentá-la com aquele ar de carneirinho que reservava para a sua adorada Miss Melody. Se ao menos a pedisse em casamento e a levasse para longe. Sugerir-lhe-ia isso mesmo, outra possibilidade seria raptá-la. Blackraven não permitiu que Diogo a demorasse, e continuou a avançar com ela na direção da saída. Agora a sua mão apoiava-se um pouco abaixo do ombro de Miss Melody e abria-lhe caminho como se se tratasse de um lictor. Um grupo de escravos tentou aproximar-se e Blackraven, de mão no ar, ordenou: — Agora não, mais tarde, na porta das traseiras de El Retiro.

Perante tal postura, Bela ficou atônita. Ele protegia-a com um zelo que nunca teria julgado possível num homem tão frio. Subiu-lhe pela garganta um riso

histérico que disfarçou com o leque. Roger Blackraven apaixonado por uma criatura anódina como Miss Melody? Roger Blackraven apaixonado? A ironia parecia-lhe absurda.

Lembrou-se da última vez na casa de San José e sentiu-se deprimida.

Tinha-o sentido distante, excitara-se com dificuldade. Pensou, magoada, que talvez estivesse a pensar em Miss Melody enquanto fazia amor com ela. Um sentimento obscuro invadiu-a e detestou-a com uma intensidade superior à que lhe despertava o próprio Valdéz y Inclán.

Diogo Coutinho veio colocar-se ao seu lado.

— Estou a ver que a relação de Miss Melody com Blackraven não é tão difícil como mencionavam as coscuvilhices.

— Se não tiveres cuidado — instigou Bernabela —, um outro vai morder o fruto que tanto te tenta. — Diogo assentiu.

— Porque não a seduzes? És um homem cheio de artimanhas com as mulheres, não sei por que esperas.

— Há alguns meses pedi-a em casamento.

— Não me tinhas dito nada — admirou-se Bela.

— Recusou.

— Como é pretensiosa!

— Assegurou-me que nunca se casaria.

Bela observou o irmão de soslaio e leu nos seus olhos a cobiça e o ciúme que se mesclavam com a sua expressão despreocupada.

— Rapta-a, Diogo. Depois disso não terá outra opção a não ser casar contigo.

Coutinho soltou uma gargalhada vazia e artificial.

— Desejo-a, sim, Bela, mas não arriscaria a minha pele por ela.

Conheço Blackraven e jamais me interporia no seu caminho. Ao contrário de ti, sei quando chegou o momento de me retirar da contenda. Acho que vou ter de me contentar com as meninas de madame Odile e com a negra Gabina. Tu, minha querida irmã, deverias procurar outro amante, em vez de despertar o lado feroz de Blackraven.

O grupo entrou em El Retiro, uns a pé, outros de carruagem. Os Valdéz y Inclán atravessaram o portão principal no seu coche e assomaram para elogiar a mansão, famosa por possuir quase quarenta quartos. Enquanto as filhas elogiavam a magnífica casa, Bela jurava a si mesma: “Um dia tudo isto será meu.”

Estava uma multidão reunida à entrada. Podiam ouvir as suas vozes à distância. Via-se *Sansão* que corria de um lado para o outro, abocanhando e ladrando. Blackraven dirigiu a sua atenção para o grupo e percebeu que se tratava de uma rixa. Largou o braço de Béatrice e correu em direção a casa.

— Não corras — ordenou Melody a Jimmy, lançando-se atrás de Blackraven.

Tratava-se de Servando e Sabas, engalfinhados numa luta. Melody abafou um grito ao ver a navalha que Sabas esgrimia com destreza frente ao seu adversário. Nunca gostara de Sabas e naquele momento teve medo dele. O esgar do seu rosto, habitualmente desdenhoso e astuto, havia-se transfigurado e apresentava agora uma máscara cruel: os seus olhos injetados de sangue e mostrava os dentes como se fosse um cão.

Não só o castigariam pela luta como também pela navalha que ostentava. Os escravos estavam proibidos de usar qualquer tipo de arma, nem sequer lhes era permitido comer com talheres de metal, pelo que fabricavam os seus próprios talheres em madeira ou em osso. Mesmo que quisesse, Melody não poderia salvá-lo do castigo de Blackraven.

Viu-o tirar o saco e entregá-lo ao servo turco, que acabava de se juntar ao grupo de espetadores.

— Sabas! — vociferou. — Entrega-me essa navalha.

Sabas e Servando continuavam indiferentes ao tumulto que se gerava à sua volta, e nem mesmo a voz de Blackraven conseguiu arrancá-los do abismo de ódio em que estavam submersos. Melody não reconhecia aquele olhar de Servando. Naquele momento via o caçador africano e teve a impressão de que o negro se comprazia na luta.

— Vou matar-te — vociferou Sabas — para que nunca mais voltes a tocar-lhe. Ela é minha.

Era uma questão de saias. Servando avançou, tendo apenas a sua ira como arma. Rebolaram no chão e a gritaria aumentou. Sabas conseguiu pôr Servando no chão, de costas e aproximou a navalha de um dos seus olhos. O yolof estendia a mão e afastava-a com dificuldade.

Blackraven puxou Sabas pelo cós das calças e atirou-o para longe sem qualquer esforço. O negro agitou-se no chão e pôs-se de pé. Estava embriagado, insultava e brandia a navalha. Com um pontapé, Blackraven fez com que ele soltasse a arma e, quando o escravo tentou agredi-lo com os punhos, aplicou-lhe um soco no estômago que o pôs de joelhos, Melody concluiu que Blackraven era o tipo de homem que, no fim de uma briga, ficava sempre de pé. Os seus braços tinham-se dilatado sob a camisa e um rasgão no tecido à altura dos abdominais mostrava a tensão dos seus músculos.

— Babá! — disse Blackraven. — De pé!

Do chão, semi erguido, o escravo olhou-o com uma expressão de espanto. Acabava de se dar conta da presença do patrão Roger e de que ele o chamara pelo seu verdadeiro nome. Olhou em volta e viu o círculo de gente que o

rodeava. O seu olhar confuso cruzou-se com o da senhorita Elisea que, junto da mãe e da irmã mais nova, soluçava. Baixou a cabeça, destroçado.

— Somar — chamou Blackraven —, prende o Servando e segue-me até a abegoaria.

Melody abafou um grito. A abegoaria era uma pequena cabana nos confins da propriedade onde se guardavam os arados e outros instrumentos de lavoura, o tronco e os chicotes.

— Excelência — interveio dom Alcides —, deixe este assunto penoso nas mãos de dom Diogo e de Somar. Eles aplicarão o castigo. Não há necessidade de ser Sua Mercê a incomodar-se.

— Não quero disputas nem armas entre os meus escravos — declarou Blackraven, enfrentando o grupo. — Eu mesmo castigarei quem infringir alguma destas regras. Dou-vos a minha palavra de honra.

Melody correu para junto de Blackraven e tocou-lhe no braço para lhe pedir clemência, mas quando este se voltou e a olhou de frente, a jovem recuou assustada. Olharam-se fixamente durante alguns segundos até que Blackraven lhe voltou as costas , afastando-se em direção à abegoaria.

Anoitecia. Muito em breve seria servido o jantar. Melody tinha de mudar de roupa, pentear o cabelo que lhe fugira das travessas e dos ganchos e que lhe cobria agora os ombros num desalinho selvagem. Gostaria que o seu cabelo fosse como o da senhorita Elisea, tão escuro e dócil, ou como o de Angelita com lindos caracóis dourados. O seu, pelo contrário parecia o de uma bruxa. Pelo menos fora o que lhe dissera Paddy e ela acreditava. Detestava o seu cabelo crespo e indomável, de uma tonalidade indefinida entre o louro e o ruivo, mais ruivo que louro. Também detestava os seus lábios tão grossos, seus quadris tão largos e os seios tão proeminentes. Na verdade, detestava todo o seu corpo.

Acabava de passar alguns minutos com Servando na abegoaria, depois de ter conseguido evitar algumas dificuldades para abandonar a sala da mansão. Fora encontrá-lo no tronco, exausto e dorido.

— Não se preocupe comigo, Miss Melody — pedira-lhe ele —, que não foi grave. Devia ter visto Sabas, com as oitenta chicotadas que o patrão Roger lhe deu. A mim não me deu nenhuma.

Sem trocarem mais uma palavra, Melody tratou-lhe uma ferida no peito, deu-lhe de comer e de beber e colocou um óleo nas zonas do corpo que o tronco apertava.

A caminho de casa, enquanto apressava o passo, pensava no estranho dia que estava prestes a terminar, nas situações que haviam ameaçado os seus nervos ao longo do dia. O encontro com Blackraven despido na praia, a conversa que tiveram depois da missa e a luta entre Servando e Sabas teriam sido o suficiente

para deixar de rastos o ser mais equilibrado.

Mas não foi tudo. O almoço com os Valdéz e Inclán veio juntar-se aos momentos do dia que a puseram à prova.

Esquecendo as boas maneiras, dom Alcides fez referência à briga, o que levou a uma discussão acerca na natureza selvagem dos negros.

Melody, que sabia que dom Diogo tinha lutas de galo em cada bar e antro que frequentava, esteve tentada a perguntar se nas suas veias correria sangue africano. Decidiu manter-se em silêncio, mas a sua prudência esfumou-se quando dona Bela declarou que os escravos eram seres sem alma, menos do que animais.

— Interessante ponto de vista — disse, e Bernabela ficou a olhá-la surpreendida por ela se atrever a dirigir-lhe a palavra. — Se os africanos são seres sem alma, menos do que animais, porque será que a Igreja se mostra tão interessada em os evangelizar? A menos que, dentro de algum tempo, o bispo Lué nos mande ir à missa com os nossos cães e os nossos cavalos.

Ouviram-se risos contidos, até mesmo dos escravos que serviam à mesa.

— Melody, por favor — interveio o padre Mauro.

— É muito desagradável, Excelência — queixou-se dona Bela —, partilhar a mesa com os criados.

— A senhorita Isaura não faz parte do serviço doméstico — esclareceu Blackraven. — Desculpe se o escandalizo padre Mauro — disse em seguida —, mas concordo com a senhorita Isaura. Se consideramos que os escravos não têm alma para quê preocuparmo-nos em catequizá-los? Os meus perdem duas horas de trabalho todos os domingos para irem à missa.

— Não são seres sem alma, Excelência. Viveram em estado selvagem, mas não carecem de alma É dever da Igreja mostrar-lhes a verdade de Cristo e guiá-los pelo caminho da salvação.

— Desculpe, padre, mas não me parece que a Igreja lhes esteja a mostrar Cristo.

Com exceção do padre Mauro que já conhecia Melody, todos os outros ficaram expectantes e tensos.

— Como é possível — prosseguiu — que os africanos consigam respeitar e crer numa religião que apregoa que todos os seres humanos são iguais e que, ao mesmo tempo, permite que eles sejam tratados como bestas? As próprias ordens religiosas e os seus sacerdotes os escravizam de forma particular.

— A senhorita está blasfemando — declarou dom Alcides.

— Herege! — acrescentou dona Bela.

— Já discutimos este assunto, Melody — intercedeu o sacerdote com tolerância —, e expliquei-te que é uma bênção para os escravos poderem

conviver com os cristãos que lhes ensinam as boas maneiras e lhes transmitem a única e verdadeira fé, a católica.

— Ensinamo-lhes a verdadeira fé e as boas maneiras retirando-lhes a liberdade e castigando-os duramente, marcando-os como se fossem gado? Não me parece que Cristo aprovasse tal comportamento — insistiu.

— Isto é escandaloso! — gritou dona Bela. — Não suportarei outro comentário como este que acabo de ouvir.

— Se desejar, dona Bela — disse Roger —, tem a minha autorização para se retirar. Pode repousar um pouco no quarto que a senhorita Leo ocupa. Agora diga-me, Miss Melody, qual é a sua proposta em relação ao destino dos escravos?

— O que eu proponho — declarou consciente de que Blackraven lhe estendia uma rasteira — é uma utopia.

— Alguém disse que as utopias de ontem são as realidades de hoje. Diga-me o que propõe que seja feito com os escravos?

— Proponho que sejam alforriados, Excelência, todos eles. Que os deixem regressar a África se assim o desejarem ou que os contratem com um pagamento digno para que efetuem as tarefas que agora não lhes rendem nem um centavo.

Levantou-se um murmúrio. Melody notou que só Blackraven estava calado e a observava com uma expressão inexplicável.

— Se querem a liberdade — interveio Valdéz y Inclán —, deverão comprá-la.

— Gostaria de saber, dom Alcides, como poderão os africanos comprar a sua liberdade se o senhor fica com a totalidade do que eles ganham a trabalhar?

— Isto é inadmissível! — explodiu dona Bela, e Blackraven intercedeu de novo para evitar que a polêmica aumentasse.

— Temos de nos preparar para sair — disse. — Caso contrário chegaremos tarde à corrida de touros.

Melody suspirou e preparou-se para a última parte. O crepúsculo chegava lentamente e a noite apoderava-se do céu. Tinha ainda pela frente o jantar, embora esse fosse decerto tolerável sem o casal Valdéz y Inclán.

Tinham partido havia algumas horas deixando como hóspedes as suas duas filhas, Elisea e Angelita. Embora dona Bela desejasse passar uma temporada em El Retiro, o marido não lho permitiu e de nada valeu a pequena cena de choro nem a expressão amuada que fez a seguir.

Melody entrou na cavalariça para ver *Fuoco* e reparou que ele estava inquieto, assim como o resto dos animais. O cavalo de Blackraven batia com as patas no chão e relinchava.

Agarraram-na por trás e taparam-lhe a boca. Melody contorceu-se e tentou libertar os braços.

— Melody, fica quieta! Sou eu, o Tommy.

— Quase me matavas de susto! — protestou, furiosa enquanto ajeitava a blusa e afastava o cabelo da cara. — Que estás a fazer aqui? Se Bustillo te descobre não hesitará em dar-te um tiro.

— Vim buscar o *Fuoco*.

— Olá, Melody.

Pablo surgiu da penumbra e parou à sua frente. Dirigiu-lhe aquele olhar de desolação que tanta pena lhe dava. Melody gostava dele como de um irmão, conheciam-se desde crianças e tinham sido criados juntos.

Ao contrário de Lastenia, a mãe de Melody, Fidelis Maguire não se importava nada que os filhos se relacionassem com Pablo, filho do seu capataz, homem de confiança e grande amigo. Andavam juntos a maior parte do dia, a cavalo ou numa qualquer brincadeira travessa. Desde pequeno que Pablo nutria um sentimento especial em relação a Melody.

Ao princípio gostava da sua maneira de rir, tão genuína e contagiosa, e achava muito bonitas as sardas avermelhadas do seu nariz. Depois ouviu-a cantar, e a doçura da sua voz deixou-o mudo e sereno. Com o tempo veio a reparar na bela mulher em que ela se transformara e cresceu nele um forte desejo de a possuir. Namoraram às escondidas. Dona Lastenia nunca teria dado o seu consentimento. Ele beijava-a e abraçava-a sempre que podia mas nunca ultrapassara esse limite. Para satisfazer os seus instintos havia outras mulheres. Melody seria a sua mulher e chegaria virgem ao casamento. Era um anjo que ele nunca se atreveria a manchar.

Nada aconteceu de acordo com os seus planos. Após a morte de Fidelis, ele e Tommy foram obrigados a fugir para não caírem nas mãos da justiça que os acusava de roubo de gado com a conivência de Paddy Maguire, sobrinho de Fidelis. De qualquer modo, Pablo pouco se importava com o seu destino. Melody já lhe tinha dito que não o amava e tinha terminado o namoro.

Desde a fuga, voltaram a ver-se algumas vezes, com Tommy sempre presente. Eram momentos incômodos, caracterizados pela frieza e o distanciamento que Melody impunha. Ele continuava a amá-la e sofria com a sua indiferença.

— Olá Pablo — respondeu, desviando logo o olhar. — Dizes que vens buscar o *Fuoco*? Nem penses, Tommy.

— Preciso dele. O meu cavalo perdeu uma ferradura e estou com pressa.

— Que andam vocês a fazer? Para que precisam do meu cavalo?

— Temos de ir à cidade buscar provisões.

— Não me mintas, Pablo.

— Então não faças perguntas — impacientou-se Tommy. — É por uma causa justa. A mesma pela qual atacamos no outro dia a Real Companhia das Filipinas.

— Soube que houve um incêndio. Não era isso que tínhamos combinado. Roubávamos os ferretes e vínhamos embora.

— Tu preocupas-te de mais — declarou Tommy, com um sorriso.

— E tu não te preocupas o suficiente — disse Melody num tom ríspido.

— Não perguntaste pelo Jimmy. És um egoísta, sempre embrenhado nos teus assuntos, pouco te preocupas conosco. O Jimmy não tem estado nada bem, Tommy. Desmaiou há alguns dias e eu já não sei o que fazer — acrescentou com a voz embargada.

Pablo afastou-se para esconder as lágrimas e Tommy abraçou Melody. A familiaridade daquele contato tranquilizou-a e permitiu-lhe imaginar que não estava só no mundo, que Tommy e Pablo a acompanhavam como quando eram crianças.

— Tire já as mãos de cima dela. Imediatamente.

Reconheceu a voz de Blackraven, que ribombou nos seus ouvidos, alvoroçando os cavalos. Quase desfaleceu e teve de se agarrar a Tommy, mas recuperou o ânimo e enfrentou-o. Blackraven estava assustador. A expressão da linha escura das suas sobrancelhas realçavam o olhar sinistro. Ignorava-a. Parecia apenas interessado no estranho que lhe passava o braço sobre os ombros.

— Quem é você?

Blackraven percebeu que Melody se interpunha entre ele e o rapaz, atitude que não ajudou de modo algum a refrear o seu ciúme.

— Que faz na minha propriedade?

— O senhor deve ser o inglês — disse Tommy, e cuspiu para o chão, junto das botas de Roger.

— Tommy! — gritou Melody zangada, empurrando-o para a porta da saída. Sai daqui, vai-te embora.

Blackraven apanhou-o em duas passadas, agarrou-o pelas abas do casaco e levantou-o ao ar. Tommy tentou esquivar-se, mas quase de imediato deixou de se debater, pois deu-se conta de que os seus pés já não tocavam o chão. A força daquele homem manteve-o quieto, entre o assustado e o perplexo. Apesar de viver com os almocreves, criaturas rústicas, habituadas a derramar sangue com facilidade, acreditava que poucas vezes encontrara pela frente uma fisionomia que lhe causasse tanto medo.

— Quem é você? — impacientou-se Blackraven. — O que o liga a Isaura?

— Por amor de Deus! — suplicou Melody, batendo nas costas de Roger, à beira de um ataque de nervos. — Largue-o, está a magoá-lo! Largue-o! É meu

irmão! Meu irmão! Tomás Maguire.

As palavras de Melody deixaram-no perplexo. Abrandou a força com que agarrava Tomás e pousou-o no chão, sem no entanto o soltar por completo. Voltou a cabeça para Melody e viu que os seus olhos e maçãs do rosto brilhavam na penumbra devido às lágrimas.

— Seu irmão?

Ouviu um barulho e ao mesmo tempo uma dor lancinante nas costas do lado direito que o fez dobrar-se sobre o ventre. Caiu ao chão e instintivamente levou a mão às costas. Logo sentiu a textura pegajosa e quente do sangue nos seus dedos. Não conseguia respirar, a dor tornava-se insuportável a cada nova tentativa de respirar. Percebeu que tinha sido ferido à traição com uma arma branca e receou que lhe tivessem perfurado o pulmão. Bem o merecia, por ter permitido que os ciúmes lhe toldassem o espírito levando-o a descuidar a retaguarda. Noutros tempos jamais teria desprezado esse pormenor, mas quando se tratava de Isaura Maguire, começava a agir como um estúpido.

— Pablo, o que foi que tu fizeste?

Reconheceu a voz angustiada de Melody e concentrou-se na sua imagem, enquanto as silhuetas que o rodeavam se desvaneciam em estranhos contornos. Fechou os olhos e respirou fundo apesar de a dor o per-furar como uma espada. Pôs-se de pé e percebeu que alguém o ajudava.

Era Melody.

— Onde está o traidor que me atacou pelas costas?

— Fugiu. Foram embora.

Bustillo apareceu, alertado pelo ruído.

— Que aconteceu, patrão? Está sangrando! — Horrorizou-se ao ver os dedos manchados de sangue que Blackraven apertava contra as costas.

— Bustillo, ajude-me a chegar ao meu quarto. E a senhorita Isaura vá chamar Somar e Trinaghanta.

— Vai conseguir subir as escadas, patrão?

— Vou.

Somar e Trinaghanta entraram no quarto. Melody, essa, ficou sob o lintel. Blackraven estava só, recostado na enorme cama, apenas tinha vestidas as calças sujas de sangue. O seu peito subia e descia a um ritmo aceitável, enquanto um dos braços repousava sobre a testa. Trinaghanta observou o ferimento e declarou num inglês tosco: — Vai precisar de ser cosido, patrão Roger. Somar traz-me o láudano.

— Sabes muito bem que não deixarei que me anestesies com ópio. Alguma vez precisaram me pôr a dormir para me costurar?

— É para não doer, não seja teimoso.

— Nada de ópio. Somar, serve-me um *uísque*. Vá, Trinaghanta, limpa a ferida e costura-a.

Melody acobardou-se. Não era capaz de ver a agulha mergulhar na carne sabendo que Blackraven iria sofrer por sua culpa. Sentiu-se infelicíssima e preferiu sair do quarto.

— Isaura — chamou Roger —, anda cá, aproxima-te.

Chegou junto da cama e encostou-se ao poste do dossel, os olhos baixos, percebendo que os olhos azuis de Blackraven não a abandonavam.

— Quem foi que me feriu? — Ela não respondeu. — Diz-me — exigiu com suavidade.

— Pablo.

— Outro dos teus irmãos?

— Pablo não é meu irmão. O pai dele era capataz da nossa herdade.

Ele e Tommy são grandes amigos.

Agora sabia quem a acompanhara na noite do assalto à Real Companhia das Filipinas.

— Tommy — repetiu. — O teu irmão pareceu-me um rapaz um pouco precipitado.

Melody assentiu e veio-lhe à mente a sessão de Tarot em que madame Odile lhe falara do Arcano Zero, o Louco, símbolo da insensatez e da imprudência, e lhe perguntara se se trataria de Tommy. E lembrou-se também do Imperador, o Quarto Arcano, a carta principal do lançamento, e pensou em Blackraven. Lastenia, a mãe, teria ficado escandalizada se soubesse que ela começava a dar algum crédito àquele tipo de superstição.

— Que idade tem ele?

— Dezanove.

— Que estava a fazer na minha propriedade?

— Tinha vindo buscar o *Fuoco*. Vai denunciá-los?

— É o que merecem — disse, com uma entoação carente de severidade. — Não achas? Olha para mim, Isaura. Vá, quero ver o teu rosto.

Melody levantou lentamente os olhos.

— Que devo fazer, Isaura?

A jovem lançou-lhe um olhar desesperado e Blackraven foi tomado pela compaixão. Estava muito pálida e o cabelo solto e desalinhado revelava bem o mau momento por que acabava de passar.

— Eles...

— Eles, o quê? — insistiu Blackraven.

— Eles sofreram tanto desde a morte dos nossos pais. A vida não tem sido fácil para nenhum de nós.

Detestava fazer apelo à compaixão alheia, mas não tinha forças para se agigantar e, apesar de fazer um grande esforço para não chorar, as lágrimas banharam-lhe o rosto.

— Lamento muito o que aconteceu — declarou. — Estou muito envergonhada. Agora o senhor tem de passar por tudo isto por minha culpa...

— Isaura — interrompeu Blackraven —, anda cá.

Aproximou-se, à altura da cabeceira da cama. Trinaghanta limpava a ferida. A manga da sua vestimenta peculiar tombava sobre os peitorais de Blackraven, enquanto os seus dedos escuros revoluteavam sobre o corte com uma perícia que transmitia segurança. Melody estudou-lhe o perfil de feições arredondadas e pouco comuns. Também ela tinha lábios grossos e pomos salientes e os seus olhos enormes e rasgados, de um negro impenetrável, pareciam abarcar tudo. Olharam-se e a estranha mulher sorriu-lhe.

— Não quero que te preocupes — disse Blackraven —, isto não é nada, apenas um corte superficial. Trinaghanta saberá tratá-lo, está habituada.

E fica tranquila que não vou denunciar Pablo e muito menos o teu irmão.

O sorriso de Melody mitigou-lhe a dor e Blackraven pensou: “É a primeira vez que me sorri.”

Depois de Melody ter saído do quarto, Somar aproximou-se da cama e dirigiu-lhe um olhar sombrio.

— Pensaste que esse tal Tommy era o amante de Miss Melody e permitiste que os ciúmes te deixassem cego, menosprezando a tua segurança. Desconheço-te, Roger.

— Também eu me desconheço, meu amigo — e, como se o cansaço o vencesse, fechou os olhos e suspirou.

Elisea Valdéz y Inclán afastou o lençol e saiu da cama. Já vestida, calçada com os chapins e envolta na mantilha, acendeu a vela do castiçal e saiu do quarto. Dirigir-se-ia para a escada que conduzia ao pátio principal e daí iria até as traseiras. Queria ver Servando ou acabaria por morrer de angústia. Blackraven mandara-o para o tronco havia horas. Faria uma paragem na cozinha para pegar em comida e água.

Ao ouvir o ranger da porta, Servando levantou a cabeça. Qualquer movimento provocava-lhe uma forte dor que se multiplicava por todo o corpo. Só a reconheceu quando ela chegou mesmo junto de si.

— Bebe — disse Elisea, aproximando-lhe da boca um grande copo de água.

Havia alturas em que Servando chegava à conclusão de que tinha atravessado o oceano na sentina de um barco e sofrido intermináveis dias de tormento só para conhecer a única mulher que lhe arrebatara o coração, Elisea Valdéz y Inclán. A beleza daquela jovem amargurava-o, a sua perfeição

conseguia fazê-lo sentir-se ainda menos digno do que a escravatura e os maus tratos. O seu porte distinto, os seus vestidos caros e aquele olhar altivo que lhe dirigia de soslaio, deixavam-no de rastos. Ele não era ninguém, apenas um negro magarefe. Ela, em contra-partida, era uma mulher de extremo requinte.

Levado pela máxima de S. Paulo “Quem não trabalha, não come”, dom Alcides obrigava os escravos a ganharem o seu sustento e a aprenderem um ofício. Com excepção dos que se destinavam ao serviço doméstico, todos os outros saíam diariamente para trabalhar e, na volta, entregavam a jorna a dom Alcides, que deste modo engrossava bastante as algibeiras. Havia sapateiros, padeiros, alfaiates, correeiros, carpinteiros, vendedores de rua e costureiras. Devido ao seu temperamento brando e à rapidez com que aprendiam, os negros tornavam-se aprendizes muito requeridos. Quanto a Servando, além de engravidar escravas, tarefa na qual havia granjeado uma notável reputação, apenas sabia caçar. Demonstrou grande habilidade para esquartejar e esfolar animais.

Conseguia fazê-lo em minutos, sem desperdiçar sequer a gordura, pelo que dom Diogo não teve qualquer dúvida em fazer dele magarefe. Mandou-o trabalhar para o matadouro de El Retiro, a fim de o preparar para a fábrica de curtume que Blackraven e Valdéz y Inclán tencionavam inaugurar dentro de meses, e onde o poria a ensinar outros escravos menos hábeis com a faca.

Apesar de lhe agradar a tarefa — em parte lembrava-lhe os seus tempos de caçador na savana —, não deixava de se sentir inconsolável, pois sabia que, entre os escravos, o ofício de magarefe era considerado o mais baixo na escala de ofícios. Os escravos que o faziam eram considerados sujos e hediondos, e que não deixava de ser verdade. À sua passagem emanava, um cheiro a sangue decomposto e a carne putrefacta que obrigava os outros a levarem um lenço ao nariz. Era uma cena desagradável, vê-los com as suas roupas andrajosas, curvados sob o peso dos cestos carregados de vísceras e cabeças de vacas e sempre perseguidos por um enxame de moscas.

Servando não permitia que a senhorita Elisea o visse nessa situação.

No final do dia, ia tomar banho ao rio, mesmo no Inverno, e lavava-se com um sabão que ele mesmo aprendera a fabricar com gordura, e vestia uma roupa que tinha ganho a Tomás Maguire num jogo de cartas. Assim, ia até a cidade e entrava na casa da calle de Santiago, desmentindo os estigmas da classe. Podia aceitar que ela soubesse que ele era magarefe, mas jamais aceitaria que ela tapasse o nariz na sua presença.

Para Elisea, o ofício de Servando não tinha a menor importância.

Fora a sua fama de amante que a seduzira. Tinha sabido que as escravas o disputavam e que os gemidos se ouviam desde o primeiro pátio. Ficara intrigada.

Um dia, ao entardecer, esgueirou-se para a zona de serviço e ficou a aguardar o seu regresso. Acocorou-se junto ao galinheiro e fingiu interessar-se por uma ninhada de pintainhos. Viu-o entrar e aproximar-se e levantou-se de um salto. O livro que repousava sobre o seu colo caiu junto aos pés nus de Servando. Em silêncio, ele baixou-se e apanhou-o.

— Que é isto?

— Um livro.

— Para que serve?

— Aqui estão escritas muitas histórias.

— Na minha tribo as histórias contam-se.

— Eu poderia contar-te esta história — propôs Elisea.

Servando olhou-a, desconfiado, ao mesmo tempo que lhe devolvia o livro que ela recebeu das suas mãos, sem afastar os olhos.

— Chama-se *A Ilíada*. É fascinante. Poderíamos começar esta noite mesmo.

— Esta noite — concordou o escravo. — Espero por si no telheiro, junto à cavalariça.

Em poucos dias, Elisea deu-se conta de que Servando era brilhante.

Perguntava com acutilância e ensaiava interpretações engenhosas de alguns parágrafos que ela própria não entendia. Uma noite, além do volume de *A Ilíada*, levou papel e lápis e decidiu ensiná-lo a ler e a escrever.

— Para que quer que eu aprenda a contar com os olhos? — disse o yolof aborrecido. — De que me servirá quando eu voltar para junto dos meus, lá não há livros.

— Enquanto aqui estiver — declarou Elisea —, poderá ser-lhe útil.

— A verdade é que a senhorita não suporta que eu seja um negro ignorante, não é? Envergonha-se de mim por eu ser o que sou, não é verdade?

— Que está a dizer?

— Claro, eu não sou como esse presunçoso com cara de metediço que a vem visitar.

Os ciúmes de Servando deram-lhe vontade de rir.

— De que se ri? — impacientou-se.

— Rio-me de si, por ter ciúmes de Ramiro Otárola.

— Sim, muitos ciúmes — e o tom profundo da sua voz assustou Elisea que atirou o pescoço para trás, no momento em que Servando a agarrava pela cintura e a cingia ao seu corpo. Olharam-se, ele com olhos de hábil predador, ela, dominada pelo pânico de uma presa encurralada. Os lábios grossos e escuros de Servando lançaram-se sobre os dela. Pensou que ia morrer de asfixia, mas ele fez uma pausa antes de voltar a saquear-lhe os lábios. Desvirginou-a ali mesmo, no alpendre e Elisea compreendeu por que motivo as outras mulheres gemiam.

Passaram a encontrar-se todas as noites. Faziam amor e liam *A Ilíada*, à qual se seguiram vários outros livros. Perante o assombro de Elisea, Servando aprendeu a ler e a escrever, e deu-se conta de que o escravo fazia um esforço por falar corretamente quando estava com ela. Com os da sua casta, continuava a usar o mesmo palavreado. Elisea escondia tudo aquilo de Miss Melody, porque Servando a venerava, e tinha o cuidado de não a criticar para não o aborrecer. Ela podia ser sua amante, mas Miss Melody era a sua deusa. Tentou imitá-la e fingiu interessar-se pelo destino dos negros, mas sem grande êxito, pois, como não tinham confiança nela não aceitavam a sua falsa compaixão.

Servando amava Elisea, tanto que já não pensava em regressar a África nem em vingar-se. Quando a tinha debaixo do seu corpo, excitada e cheia de desejo, julgava-se capaz de ultrapassar qualquer obstáculo.

Depois, quando amanhecia tudo mudava e lá tinha de se vestir de magarefe e carregar com os cabazes malcheirosos e cheios de sangue, confrontando-se com a verdade. O seu sonho dissolvia-se à luz do sol. Ele não passava de um escravo, ela era a filha do seu patrão e, antes de permitir que tivessem uma vida juntos, matá-los-ia aos dois.

Por Elisea, arranjaria coragem para acabar com aquele amor que seria considerado contranatura. Preocupava-o que começassem a correr falatórios. Reparava que Sabas andava nervoso, e à espreita, e nalgumas ocasiões, quando tinha bebido de mais, mostrava-se violento. Como Servando estava a descuidar o seu papel de reprodutor, corriam rumores sobre a sua nova amante. No dia em que Miss Melody lhe propôs mudar-se durante os meses de verão para El Retiro soube que a sua oportunidade tinha chegado.

— É muito conveniente para ti, Babá. Sabes bem que o matadouro faz parte da propriedade do senhor Blackraven.

— Irei, Miss Melody.

Escreveu uma mensagem a Elisea, deixou-a no lugar onde escondiam o livro que estavam a ler e foi-se embora. Os dias tornaram-se num verdadeiro suplício comparáveis aos que vivera no barco negreiro. O seu corpo ansiava pelo contato com a pele de Elisea, precisava de ouvir os seus suspiros, as suas palavras sussurradas, ansiava pela cumplicidade que os unia, pelas horas de leitura e pelas despedidas cheias de promessas. Julgou que enlouquecia de angústia quando soube da estranha doença que a consumia e à qual nenhum médico conseguia dar nome. Decidiu então escrever-lhe uma carta e explicar-lhe o motivo da sua fuga. No fim da carta pedia-lhe: “Quero que vivas por mim e prometo-te que, mesmo que não seja nesta vida, estaremos sempre juntos num lugar onde a cor da pele não tenha importância.”

Em jeito de promessa recordava-lhe um parágrafo de *A Eneida* de profundo

significado para ambos: “Seguir-te-ei ausente, com tochas sombrias, e logo que a fria morte tiver separado meus membros da minha alma, minha sombra te cercará em todos os lugares.”

Soube da convalescença de Elisea e dos preparativos levados a cabo para o seu casamento com Ramiro Otárola. Acalmava os ardores do seu corpo com as escravas de El Retiro, mas o que antes lhe bastava era agora insuficiente. Afundava-se em tristeza e aceitava embriagar-se com os seus novos amigos, os almocreves. Lamentava causar aborrecimentos a Miss Melody, feroz inimiga das bebidas alcoólicas.

Tinha a certeza de que Elisea o amava. Podia lê-lo na ansiedade dos seus olhos, ali, ajoelhada junto ao tronco, com o cabelo solto e o corpete ajustado ao seu lindo corpo.

— Vai-te embora, não quero que me vejas assim. Estou sujo e cheiro mal.

— Servando, por amor de Deus — suplicou Elisea, apoiando a testa sobre a dele e envolvendo-lhe o rosto com as mãos. — Nada disso tem importância para mim. Devias saber.

— Por que vieste aqui? Disse-te que não voltaríamos a nos ver.

— Não consegui deixar de pensar em ti, Servando. Por isso, quando o doutor Argerich afirmou que o ar puro me faria bem, aceitei sem hesitar o convite do senhor Blackraven para passar uma temporada em El Retiro. Amo-te, Servando e não aceitarei não poder partilhar esta vida contigo. Amo-te aqui, agora, não me interessa o Além.

— Eu também te amo, Elisea — admitiu, vencido, indiferente aos remorsos. — Amo-te aqui e agora e não me preocupa o Além.

Falaram durante algum tempo, como nas noites do alpendre. Uma serenidade, que provinha de terem ganho coragem para aceitar o inevitável, sobrevoava os seus espíritos concedendo-lhes um momento de paz. Apesar de Miss Melody lhe ter levado comida e o ter tratado, Servando preferiu não dizer nada e permitiu que Elisea lhe desse de comer e de beber.

— Por que lutavam hoje de manhã, tu e Sabas?

— Ele sabe tudo a nosso respeito.

— Oh, meu Deus! — espantou-se. — Como é possível? Não contei a ninguém, nem mesmo ao meu confessor.

— Leu a carta que te mandei. Não a queimaste como eu te pedia?

— Não fui capaz. Guardei-a entre a minha roupa interior.

— Pois o traidor, vasculhou a tua roupa interior e leu-a.

— Sabas não sabe ler — argumentou Elisea.

— Levou-a a alguém que sabe, evidentemente. Talvez a Papá Justicia.

O silêncio reinou após aquelas últimas palavras. A paz e a serenidade haviam

sido destronadas.

— Vai certamente contar ao meu pai.

— Não o fará. Está louco por ti e, para te proteger da ira de Valdéz y Inclán, ficará calado.

— Vamos fugir — propôs Elisea.

— Não posso. Ainda não — foi a resposta de Servando. — Mas muito em breve o faremos. Só te peço que te mantenhas afastada de Sabas. É um verdadeiro demônio, Elisea e fará tudo o que estiver ao seu alcance para nos separar. Promete-me! Diz-me que terás cuidado com ele, que nunca estarás só. Promete-me!

— Prometo.

Olharam-se intimamente e beijaram-se nos lábios.

— Quero ver-te todos os dias — exigiu ela.

— É perigoso — declarou ele sem convicção.

— Pouco me importa. Ver-te-ei todos os dias.

— No campanário — acedeu Servando —, ao cair do dia, no meu regresso do matadouro. Dá-me tempo para me lavar e lá estarei sem falta.

XI

Napoleão Bonaparte disse a Fouché, seu ministro da Polícia: — Vocês os dois, meu caro Fouché, tu com os teus espiões e Josefina com os seus vestidos, vão acabar por me levar à falência.

Fouché fingiu achar graça da piada, apesar de esta lhe ter caído mal.

Não gostava que o imperador pusesse ao mesmo nível o seu trabalho e a frivolidade da imperatriz. O poder que Napoleão ostentava devia-o, em grande parte, à sua rede de espionagem.

— As informações são caras, Majestade — argumentou.

— Está bem — concedeu Bonaparte. — De que se trata desta vez?

— Novamente o *Escorpião Negro*.

O imperador levantou-se, impaciente. Achava inconcebível que esse espião inglês continuasse vivo.

— Já há algum tempo que te autorizei a entregar uma fortuna a um sicário para o liquidar. Por que motivo volto a ouvir o seu nome?

— *La Cobra* (é como se chama o assassino) — explicou — ainda anda à procura dele. Localizá-lo tem sido mais difícil do que havíamos imaginado. Tem estado inativo durante os últimos tempos, o que complica bastante as coisas.

— De que se trata então? — impacientou-se o imperador.

— Alguém afirma saber quem é o *Escorpião Negro* e exige uma soma considerável por essa informação.

— Quanto?

— Trinta mil libras.

— Trinta mil libras! — escandalizou-se Bonaparte. — Com esse dinheiro poderia alimentar toda a milícia durante um ano. Que disparate!

— Majestade — contemporizou Fouché —, não preciso de vos recordar os contratempos que o *Escorpião Negro* nos causou no passado.

Bonaparte assumiu uma expressão reflexiva que os seus subalternos conheciam bem e durante a qual preferiam ficar em silêncio. Convencido de que, uma vez destruída a monarquia britânica, a Europa estaria aos seus pés, o imperador analisou as vantagens de contar com um homem que, no coração de Whitehall, o ajudaria a derrotar o poderio inglês.

— Às vezes penso que seria mais conveniente para a França aliar-se ao *Escorpião Negro*. O maldito parece invencível.

Fouché manteve-se numa posição de grande rigidez. Ninguém negava a mestria do *Escorpião Negro*, e talvez no passado, lhe tivesse agradado a ideia de

o transformar em formador de espiões franceses, mas desde há algum tempo a questão entre ambos atingira um plano pessoal.

Nunca esqueceria a noite em que foi acordado por uma respiração ofegante. “Fouché”, ouviu adormecido. Endireitou-se na cama a acendeu a vela. Um terror como nunca havia experimentado antes impediu-o de se mexer. Ficou ali, sentado, com ar de tolo e nem sequer foi capaz de endireitar o barrete de dormir que lhe tinha tombado para a testa. Alguém, a uma altura talvez excessiva devido à sua posição de desvantagem, vestido de negro, com o rosto oculto por uma máscara de couro, mostrava-lhe uns papéis que ele identificou de imediato como sendo os documentos secretos que deveria entregar no dia seguinte a Bonaparte no campo de batalha. Como os tinha encontrado? Como abrira o cofre? Como evitara os guardas que protegiam a sua casa e as redondezas? Pretendia resolver essas incógnitas quando a voz do assaltante o perturbou.

— *Je suis le* Scorpion Noir. O senhor desilude-me, senhor ministro — e Fouché deu-se conta de que, devido ao seu sotaque, poderia ser to ma do por parisiense. — Estou a ficar farto dos seus ardis. São tão fáceis de destruir.

Conseguiu tatear em busca da arma que deixava sempre sobre a mesa-de-cabeceira, ao que o espião declarou: — Poderá encontrá-la na retrete — e mergulhou na escuridão da casa, sem provocar o mais leve ruído nas tábuas do chão.

Fouché deu voz de alerta, mas os guardas não viram o espião e nunca chegaram a perceber que direção ele havia tomado.

E Bonaparte a dizer-lhe que o queria entre as suas fileiras.

— Nunca poderíamos confiar nele — opinou.

— Todos temos um preço — estabeleceu o imperador. — Alguns se oferecem por menos, outros são muito caros, mas no fim todos pomos um preço a nós próprios. Qual é o preço do *Escorpião Negro*?

— É difícil fazer conjecturas quando nada sabemos sobre o homem. Há quem o considere um patriota, um herói nacional, enquanto outros o acusam de ser um homem de negócios sem escrúpulos.

— Ninguém é patriota, Fouché. As pessoas não movem um dedo a não ser que seja para obterem um benefício pessoal.

Vindo de Napoleão Bonaparte, aquele comentário era deveras intrigante, pensou Fouché. Guardou silêncio e limitou-se a esperar. A única coisa que queria eram as trinta mil libras e poder sair dali para continuar o seu trabalho.

— Que sabes desse sicário que contrataste para liquidar o *Escorpião Negro*? — interessou-se o imperador. — *La Cobra*, foi o que disseste, não foi?

— Exatamente, Majestade.

— Que te conseguiu até agora? Há meses que o contrataste! — queixou-se.

— até o momento, não obtive nada de importante. Julgamos que está em Londres a fazer investigações. Informou-nos que estava atrás de uma pista. Não sei mais nada — admitiu. — Ele tem uma maneira peculiar de trabalhar, mas dizem que é infalível.

— Que segurança temos de que a informação que nos vendem rela-tiva ao nome de *Escorpião Negro* é verdadeira?

— Nenhuma até haver provas. De qualquer modo, a fonte é fidedigna. Trata-se de uma pessoa supostamente próxima do espião que, por um motivo qualquer, pretende vingar-se dele.

— Até poderia dizer que é o Papa Pio VII para nos convencer.

— Qualquer pessoa pensaria duas vezes antes de me vender uma informação falsa — disse Fouché e Bonaparte fez um sorriso explícito antes de perguntar: — Por que devemos comprar a informação? Por que não prendê-lo e tirar à força?

— O homem não é estúpido — admitiu o ministro da Polícia — e já tomou as suas precauções.

Bonaparte voltou a fechar-se em si mesmo. Andava de um lado para o outro com uma mão no queixo, o braço esquerdo apoiado na parte de trás das costas e os olhos postos no chão. Fouché começava a inquietar-se. Intuía, por experiência, que iria haver mudanças nos planos e isso não lhe agradava.

— Vou dar-te trinta mil libras e obterás o nome do *Escorpião Negro*.

Contactarás *La Cobra* e entregar-lhe-ás a identidade do espião, mas dar-lhe-ás ordem para que o traga vivo. Trata-se de um homem demasiado valioso para ser morto sem lhe dar a oportunidade de servir o imperador de França.

— Há um inconveniente — confessou Fouché. — Não é fácil localizar *La Cobra*. Talvez neste momento já tenha matado o *Escorpião Negro*.

— Nesse caso — declarou Bonaparte —, terei perdido trinta mil libras e um potencial aliado. Passemos a outra questão. Que sabes dos filhos de Luís XVI? Informaram-me que o conde da Provença sabe que o seu sobrinho, Luís XVII, saiu com vida da prisão do Temple e contratou um assassino para o matar.

— Assim é, Majestade. Já tomei medidas a esse respeito. Um dos meus melhores espiões, *Le Libertin*, diz ter localizado a verdadeira madame Royale que, segundo espera, poderá guiá-lo até o irmão.

— Não quero erros neste assunto, Fouché — advertiu o imperador. — Entre — disse, ao ouvir bater à porta. — Ah, é o senhor, monsieur Talleyrand. Entre. Pode ir, Fouché.

— Obrigado, Majestade. Com sua licença.

Recuou ao mesmo tempo que executava breves inclinações até sair da sala. Dirigiu-se rapidamente para o escritório, enquanto revia os procedimentos que teria de seguir. Se conseguisse a identidade do *Escorpião Negro*, enviaria a

mensagem a *La Cobra*, mas estava bem longe das suas intenções dizer-lhe que o trouxesse com vida.

NOTAS DE UM SICÁRIO

Quarta-feira, 22 de Maio de 1805

Viajamos para os lugares onde nos conduz a pista do Escorpião Negro *, mas é em Paris que ele é mais conhecido, entre os manhosos dos bairros centrais. Diz-se que domina várias línguas, sem sotaque, que é um mestre do disfarce, que manobra com destreza qualquer arma, branca ou de fogo. Grande efabulador, astuto chefe, os seus planos nunca falham, os seus espiões veneram-no. Em círculos muito exclusivos é tido como um herói quase mitológico. À medida que vamos conhecendo os seus passos, aumentam o meu respeito e a minha admiração por ele. A sua mente é rápida, não perde um pormenor, tira conclusões de fatos que passariam despercebidos a alguém menos conhecedor. Estuda os costumes dos lugares onde se movimenta até os dominar e passar por um habitante local, vantagem que o mantém longe dos olhares da autoridade. Não deixa nada ao acaso, é escrupulosamente meticuloso. Posso sentir que a paixão que o consome quando empreende uma missão, é a mesma que me consome a mim que estou na sua pista.*

Atravessamos o canal. Estamos em Londres. Antes de embarcarmos em Calais, voltamos à pensão Palha e Feno. Durante a nossa pesquisa anterior tínhamos arrancado as páginas do livro de registo de hóspedes que continham as assinaturas com traços semelhantes. Em Paris submetemos à análise de um perito em caligrafia que confirmou as nossas suspeitas: pertencem à pena da mesma pessoa. Infelizmente, não foi possível determinar se as assinaturas do livro eram compatíveis com os restos do bilhete chamuscado do Escorpião Negro *, que Fouché me entregou tempos atrás de má vontade; o fogo deixou apenas alguns traços insuficientes para a comparação.*

Se, como supomos, o Escorpião Negro *se tiver hospedado no Palha e Feno em várias ocasiões e com diferentes nomes, certamente o terá feito sob um disfarce, a menos que o estalajadeiro, M. Randieu, o proteja. Admitindo que este estivesse ligado ao* Escorpião Negro*, poderíamos tê-lo obrigado a falar, eliminando-o em seguida, mas correríamos o risco de a sua morte pôr o* Escorpião Negro *de sobreaviso de que alguém o procurava. Ora essa é a última coisa que nos interessa, por isso decidimos usar um método menos drástico para saber até que ponto o homem estava envolvido nesta guerra silenciosa.*

Na véspera de embarcarmos para Dover alugamos quartos na Palha e Feno e Desirée conseguiu meter-se na cama de Mr. Randieu. Conheço as suas mãos, o poder da sua língua, o ardor da sua pele, a maneira como a sua lascívia excita e conduz, por fim, a um orgasmo que corta a respiração e endurece os membros. Saciado e bêbado, Mr. Randieu tornou-se presa fácil.

Mostrou sem reservas a sua fidelidade à causa da Revolução e a sua admiração pelo imperador Bonaparte. Disse o quanto se orgulhava de saber que a sua hospedaria era um ninho de espiões, tanto ingleses como franceses, e que havia anos que colaborava com os subalternos de Mr. Fouché. Graças à sua intervenção, assegurou, muitos traidores tinham sido apanhados. Desirée incentivava-o a beber, deitava-lhe incessantemente genebra no copo, obrigando-o a mergulhar numa névoa de álcool que iria evaporar-se ao romper do dia, juntamente com as confissões que este lhe havia feito.

Em relação ao Escorpião Negro *, expôs a sua própria teoria: era um inglês, Simon Miles, que tempos antes havíamos eliminado da lista. "Porque achas que Simon Miles é...?" Como disseste que se chamava esse espião tão especial?". Desirée fingiu não se lembrar. "* Escorpião Negro *", repetiu o estalajadeiro com um trejeito solenemente ridículo e acrescentou: "Simon Miles faz-se passar por um estudioso da literatura francesa e corre Ceca e Meca sem dificuldade. É amigo de meia Paris, frequenta o salão literário dessa traidora, a Récamier, e, usando o seu trabalho como desculpa, traz consigo enormes arcas carregadas de livros às quais ninguém presta atenção. Tenho a certeza de que as usa para traficar mensagens em código. Ninguém acredita em mim", concluiu, mergulhando naquela melancolia patética dos bêbados.*

Simon Miles. Será que poderemos encontrá-lo em Londres? Será fácil chegar a ele? Não, não será se na verdade, for o Escorpião Negro *. Um homem (insisto: porque não uma mulher?) como o* Escorpião Negro *mantém-se alerta as vinte e quatro horas do dia. Vejo-o a colocar uma faca debaixo da almofada, com uma pistola na mesa-de-cabeceira e outras quantas em lugares estratégicos. Deve ter o sono leve, facilmente interrompido por qualquer ruído que o seu instinto não reconheça como habitual.*

Ah, o que eu daria para ter uma conversa com tão extraordinária criatura!

Quem conseguiria vencer-nos se estivéssemos unidos?

Londres. Adoro Londres. Cidade cruel e magnífica. Alugamos quartos num luxuoso edifício de Belgravia, no coração da cidade. Rupert e Peter voltam a estar ao nosso serviço, são uns ladrõezinhos com dedos de prestidigitador, capazes de sacar a carteira a qualquer cavalheiro. São hábeis perseguidores, com uma capacidade assombrosa de se manterem a passos da vítima, misturados na multidão, dissimulados no ambiente em que se movem.

Indicamos-lhes que seguissem os dois homens que sobram da lista: Frederick Musgrove e Conrad Phillips, e também Simon Miles, que voltou a ocupar o lugar de suspeito depois do comentário de Mr. Randieu.

Estamos visitando papelarias e tabacarias, as mais famosas de Londres e as menores dos arredores — chegamos inclusivamente a Hampstead —, onde perguntamos pela possível origem do lacre com o qual estava selado o bilhete do Escorpião Negro. *É uma massa peculiar, com uma tonalidade invulgar, um vermelho profundo, difícil de definir entre o cor de vinho e o azul-escuro. Quanto ao papel é pardo, desse que pode comprar-se em qualquer lugar. Os lojistas olham-nos com desconfiança, formamos uma estranha dupla, perguntando onde é possível obter um lacre tão invulgar.*

Intriga-nos também a chancela do escorpião. Poderá tratar-se da obra de um artista. Sabe-se que os nobres solicitam a criação de selos e joias a certos ourives, nos quais depositam confiança para evitar o roubo do metal e a substituição das pedras preciosas.

É imperioso que Desirée recupere a sua vida social em Londres. Frequentará os salões de Almack, os jardins de Vauxhall e o mercado de cavalos de Tattersall. Preciso que a convidem para um serão onde possa privar com o que há de mais seleto em Whitehall. É fundamental que se encontre com Lord Bartleby, chefe do Departamento do Exterior. Deixará o seu cartão em casa de Lady Sommers, avisando-a da sua estadia na cidade para que a velha aristocracia se ocupe de lhe organizar a agenda em troca do pagamento de algumas dívidas avultadas.

Rupert e Peter não perdem tempo. Já sabem onde moram os três indivíduos. Simon Miles é amigo de Lord Bartleby, embora nunca o visite nos escritórios do Departamento do Exterior. Conversam no clube de Saint James Street, nas tertúlias, Miles convida-o muitas vezes para jantar no seu apartamento de Cockspur Street. Ao que parece, o seu relacionamento é apenas uma amizade entre cavalheiros, em nada vinculada às atividades de Bartleby como chefe dos espiões ingleses. Quanto a Musgrove e Philips, esses compareceram em Whitehall em diversas ocasiões, ao longo de dez dias. Parecem partilhar uma amizade fecunda, já que pelas suas residências desfilam não só Bartleby e outros membros do Departamento do Exterior como também o próprio primeiro-ministro, William Pitt, o Jovem .

Ora bem, esta noite e nas noites que se seguirão, transformar-me-ei em La Cobra *para deslizar até as suas mansões e ver o que consigo encontrar. O instinto diz-me que nenhum deles é o* Escorpião Negro . *Mas pressinto também que estou muito perto.*

XII

O ferimento de Blackraven não voltou a ser mencionado e ele com-portava-se como se o mesmo não existisse. Melody ficou surpreendida ao encontrá-lo no dia seguinte, à hora do pequeno-almoço, acabado de tomar banho e vestido de modo formal. Embora tivesse um aspecto sereno e de bom humor, viam-se nas suas feições as marcas de uma noite mal dormida.

Blackraven não conseguira pregar olho, apesar da infusão de erva-cidreira e valeriana que Trinaghanta lhe havia preparado. Uma excitação desconhecida, misto de angústia e ansiedade, manteve-o acordado, sentado na cama, demasiado grande e vazia. “Isaura, Isaura”, repetia mentalmente com uma insistência exasperante. Queria arrancá-la dos seus pensamentos, apagá-la, mas quanto maior era essa obsessão, mais se lembrava dela. Não parava de se censurar por, sendo um homem adulto, com responsabilidades sérias, estar assim preso a uma órfã desamparada.

— Maldita garota — praguejou em voz alta. — Maldita sejas!, o que me estás a fazer?

Ainda estava incomodado com a cena do estábulo com Tomás Maguire. Não se importava com o corte que lhe provocava uma dor forte nas costas mas sim com a advertência que Somar lhe havia feito: a armadilha em que caíra por causa dos ciúmes. Poderia ter-lhe custado a vida. “Que diabo!” bradou. “Se eu nem sequer perdi as estribeiras quando soube da traição de Vitória.”

Não lhe servira de nada afastar-se de El Retiro, levar outra mulher para a cama, embrenhar-se nas questões que o tinham trazido à costa do Rio da Prata. Isaura instalara-se no seu espírito, só pensava nela, não conseguia esquecer aquele beijo partilhado noites antes no corredor.

Quem era Isaura Maguire? Aquela garota desconcertava-o; ele que nunca se deixava perturbar pelas mulheres, pelo contrário, encarava-as como criaturas previsíveis que por dinheiro e posição vendiam o corpo ao melhor candidato. Isaura era diferente, e por isso o dominava.

A princípio fora atraído pela sua inteligência, depois cativara-o a doçura com que ela tratava as crianças, a compaixão que demonstrava pelos escravos, a fidelidade ao pai que sempre odiara os ingleses, a sua autoestima. Gostava de a ver fingir-se forte apesar de, na verdade, ter os seus momentos de fraqueza. Confundia-o o fato de ela amar de forma tão plena e generosa. Respeitava-a. Admirava-a. Queria-a para si.

Mal acabaram o pequeno-almoço, uma escrava veio anunciar a chegada do

doutor Argerich, secretário do tribunal do Protomedicato.

A pedido de Blackraven vinha acompanhado de outro colega, um tal Agustín Fabre. Melody ficou escandalizada ao pensar no custo daquela visita. Primeiro, ocuparam-se de Víctor que consideraram estar em excelente forma e deram indicações a Melody para que ele continuasse com o tratamento de brometo que revelava grande eficácia no controle dos ataques epilépticos. Em seguida, dedicaram grande parte do seu tempo a Jimmy. Terminado o exame, os médicos conversaram com Blackraven à porta fechada.

— Parece-nos altamente improvável — diagnosticou Argerich — que o paciente Maguire atinja a idade adulta. Apresenta uma insuficiência coronária irreversível. Os pulmões parecem vítimas de um fraco desenvolvimento, consequência muito provavelmente da insuficiência coronária.

— Há alguma coisa que se possa fazer? — perguntou Roger. — Qualquer coisa, independentemente dos gastos.

— Nada, Excelência — declarou Fabre. — Teríamos de lhe tirar o coração e colocar-lhe um novo, o que é impossível.

— Devo confessar que me surpreende que o paciente tenha chegado a esta idade — comentou Argerich e Blackraven lembrou-se das palavras do Papá Justicia — "Às vezes penso que Jimmy Maguire continua vivo graças à força de vontade da irmã."

— Excelência — disse Fabre —, tanto eu como o meu colega, o doutor Argerich somos de opinião que seria conveniente medicar o paciente com uma dose de digitalina que tonificará o coração e manterá o seu ritmo estável. Já entregamos a prescrição à senhorita Maguire. É um medicamento caro — advertiu. Blackraven, fez um gesto confirmando que isso não seria um problema.

Nem Blackraven nem Melody abordaram o assunto da visita dos médicos. Mandaram preparar a prescrição no melhor boticário e Jimmy começou a tomar o tônico que pareceu fazer-lhe bem. Desapareceu a tonalidade azulada dos lábios e as maçãs do seu rosto recuperaram alguma da sua cor natural. Siloé preparava-lhe as refeições de acordo com a indicação dos médicos e em poucas semanas ganhou peso. Como lhe fazia bem respirar ar puro e apanhar sol, Béatrice teve a ideia de organizar piqueniques na alameda. Estendiam as toalhas sobre a relva, tiravam os sapatos e caminhavam até o rio para molhar os pés, comiam com as mãos e riam-se quando os dedos ficavam lambuzados de doce.

Blackraven acompanhou-os uma vez e, embora tivessem receado que a sua presença tirasse todo o encanto ao passeio, no fim do dia tinham mudado completamente de opinião, principalmente Jimmy, Víctor e Angelita. Blackraven construiu-lhes barquinhos de papel que guiaram com galhos de salgueiro, ensinou-os a atirar pedras para a superfície da água, para o que foi necessário

passarem um bom bocado à procura das pedras mais adequadas, evocaram a tarde na praça de touros e Blackraven prometeu levá-los lá outra vez. Depois disso contou-lhes a lenda de Ícaro e Víctor lembrou-se de ir até o galinheiro buscar as penas maiores e pedir à negra Siloé que as colasse com cera. Disse que ia atirar-se da torre do campanário e sobrevoar o rio. Apesar de os mais pequenos terem achado uma boa ideia, os mais velhos só se riram. Entre os últimos espasmos de riso, Melody e Blackraven trocaram um olhar. Ela sorriu timidamente e ele pensou que queria fazê-la feliz.

Uns negrinhos que conheciam Melody aproximaram-se do grupo e Jimmy, Víctor e Angelita pediram permissão para brincar com eles.

— Tomem — disse Melody, embrulhando os restos do almoço em guardanapos. — Aqui vai um pouco de frango e sonhos.

Béatrice e Roger trocaram entre si um sorriso condescendente.

A senhorita Leonilda e Elisea pediram licença e retiraram-se, dando o braço na sua caminhada habitual pela alameda.

— Roger — disse Béatrice —, pouco depois de teres chegado, disseste que tinhas viajado com um amigo e que tencionavas apresentar-mo. Quando o conheceremos, querido?

— Se não tiveres qualquer objecção, pensei em convidá-lo para vir a El Retiro depois de amanhã.

— Sim, claro que sim. Podemos convidar também o senhor Traver?

Quero que o conheças.

— Podes convidá-lo — consentiu, acrescentando em seguida: — Já marquei a data para a tertúlia. Quando chegarmos a casa dar-te-ei os pormenores para que prepares os convites.

— Com certeza — disse Béatrice.

Blackraven dirigiu-se a Melody.

— Acho, senhorita Isaura, que *Fuoco* gostaria de se exercitar num bom galope, assim como o meu *Black Jack* — disse, referindo-se ao seu cavalo. — Gostaria muito que me acompanhasse numa cavalgada pela alameda.

Melody argumentou dizendo que não queria sobrecarregar a senhorita Béatrice, deixando-a sozinha a cuidar das crianças.

— Não te preocupes, querida — interveio Béatrice. — Eu trato deles com muito gosto. Além disso a Leonilda e a Elisea não devem demorar.

Melody e Blackraven caminharam em silêncio até o pequeno bosque onde pastavam os cavalos.

— Quero que montes escarranchada — declarou Roger, tratando-a naturalmente por tu —, como naquela manhã em que te vi pela primeira vez, a manhã em que saltaste a sebe das figueiras-da-índia.

Melody voltou-lhe as costas, fingindo ocupar-se da cilha de *Fuoco*.

— Porque devo montar escarranchada?

— Porque vou desafiar-te para uma corrida e ficarias em franca desvantagem se montasses de lado.

— Ficarei em franca desvantagem, de qualquer modo. Já o vi montar e sei que não poderei ganhar-lhe. E não gosto de perder — admitiu.

— Não te desafiaria se soubesse que era fácil ganhar-te — disse Blackraven num tom ofendido.

Melody montou o cavalo como Blackraven lhe pedira. Levantou um pouco a saia, deixando a descoberto os botins e a perna sem chegar ao joelho. Trocaram olhares de desafio até que ela fez sinal com a cabeça de que aceitava a corrida.

— até aqueles agapantos — estabeleceu Blackraven —, depois da curva do rio. Só ida.

— Qual é o prêmio para o vencedor? — perguntou Melody com ar travesso.

— Se tu ganhares poderás pedir-me o que quiseres.

— E se ganhar o senhor?

— Tocarás para mim todas as noites, piano e harpa.

— Não há harpa — objetou Melody.

— Encomendei uma mal a minha prima me confidenciou que a tocas com dedos de anjo. Agora! — gritou, surpreendendo-a, ao mesmo tempo que os cavalos se lançavam a galope.

Havia muito tempo que Melody não fazia uma corrida, e sentiu-se entusiasmada. Ouvia os cascos de *Black Jack*, mas não conseguia vê-lo.

Intrigada, voltou a cabeça e avistou-o a pouca distância, atrás de *Fuoco*.

Apercebeu-se de que Blackraven prendia as rédeas e refreava o animal.

No instante seguinte cruzavam a meta. Melody era a vencedora.

— Deixou-me ganhar! — acusou-o quase sem fôlego. — Ainda é mais indigno do que ter perdido.

Blackraven saltou do cavalo e aproximou-se de *Fuoco*. Agarrou-a pela cintura e obrigou-a a desmontar.

— A tua cabeleira tinha-se soltado e era um espetáculo que eu queria voltar a ver, muito mais tentador do que chegar primeiro à meta.

Não lhe deu tempo de reagir. Aprisionou-a contra o tronco de um álamo e apoderou-se da sua boca com uma determinação que não admitia resistência. Melody apoiou as mãos nos seus braços e, ao perceber a sensação que começava a experimentar, fincou as unhas nos braços musculados de Blackraven e soltou um soluço.

Sentiu-se mal ao ver que a tinha assustado, mas não conseguia deter o que fora desencadeado. Movia a cabeça de um lado para o outro, esfregando os seus

lábios, procurando-os avidamente, comprazendo-se na sua inexperiência, porque seria ele, e nenhum outro, que lhe ensinaria a arte do amor.

— Não tenhas medo — implorou-lhe.

Roger provocava a agitação de Melody, enchia os seus pulmões com o aroma que se desprendia do seu corpo suado, tentava absorver o seu medo e a sua confusão, queria dar-lhe prazer, ansiava por lhe devolver o prazer que ela lhe dava. Esse sentimento era novo: querer dar prazer. Na verdade, procurara sempre agradar às mulheres movido pelo desejo mesquinho de afirmar a sua imagem de homem hábil e conhecedor.

Com Isaura era diferente, queria fazê-la feliz.

Melody entreabriu os lábios e aquela entrega inocente encheu-o de alegria. Segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos e beijou-a com ansiedade. Ela não sabia como proceder, a surpresa deixou-a inerte, os braços caídos ao longo do corpo. Os seus sentidos pareciam ter-se aguçado, teve noção da rugosidade do tronco em contato com a ponta dos seus dedos, da dureza com que ele lhe empurrava a pélvis contra a árvore, da aspereza do buço de Blackraven, do ruído agitado da sua respiração e da loção de lavanda que usava depois de se barbear. Enredou os seus dedos no cabelo dele e colou-se ao seu corpo gemendo de modo entrecortado, tomada pelo desejo, atormentada pela culpa de ter prazer com um homem que deveria odiar.

Um aviso de prudência acendeu-se em Blackraven, impondo calma. O seu olhar fixou-se nos lábios de Melody ainda entreabertos, vermelhos e inchados do ardor. Ela continuava de olhos fechados, o que permitiu que ele observasse a pele delicada das suas pálpebras, sulcada por intrincadas e diminutas veias de cor violeta. Beijou-lhe a ponta do nariz e cada uma das maçãs do rosto, e afastou-lhe os caracóis da testa.

— Oh, Isaura — sussurrou, sobre os lábios de Melody. — Minha doce Isaura.

Melody ergueu as pálpebras e demorou alguns segundos até conseguir ver com nitidez. Sentia uma debilidade agradável, como se convalescesse de uma febre muito alta. Olhou Blackraven nos olhos e voltou a pensar: “Meu Deus, como é bonito!” Talvez fosse aquele ar um pouco cigano que deixava as mulheres loucas. Ele sorriu e os seus dentes brancos e harmoniosos brilharam em contraste com o bronzeado da pele. Parecia que tinha a pálpebra inferior delineada como se lhe tivesse passado um lápis de carvão, o que destacava ainda mais o azul da íris. Era um personagem ambíguo e obscuro, havia algo nele que levava a que não inspirasse confiança. Ela já o vira sob o poder da ira e impiedoso e agora descobria-o brando e sedutor. Não queria cair sob a sua influência.

— O senhor conhece o poder que exerce nas mulheres. Não o utilize comigo, por favor.

A sua fama precedia-o. Talvez Melody tivesse sabido da sua história com a escrava Berenice ou do romance com Bernabela e com algumas mulheres da alta sociedade portenha. A sua discrição era proverbial, contudo aquelas questões acabavam sempre por se saber. Consideravam-no mulherengo e era verdade, mas teria preferido que Isaura não o soubesse.

A todos os seus defeitos vinha agora somar-se o de conquistador, e isso provocava medo e desconfiança numa mulher decente. Como explicar-lhe que havia dias que não tocava em nenhuma outra mulher porque o seu corpo só respondia ao dela? Que Berenice se lhe tinha oferecido e que ele a recusara? Que da última vez que estivera com Bernabela tinha tido dificuldade em excitar-se e que só conseguiu imaginando que era ela, Isaura, que ali estava, debaixo dele?

Rodeou-lhe o rosto com as mãos e disse-lhe: — Não percebes que és tu que tens o poder? Não te dás conta de que faria qualquer coisa por ti, tudo o que me pedisses se com isso pudesse ter-te?

Voltou a beijá-la de modo impetuoso. Estava muito excitado. O seu membro crescia dentro das calças, fazendo-o pensar no quanto desejava estar dentro dela. Deveria parar ou fazê-la sua ali, ao pé da árvore em plena luz do dia?

Melody agarrou-se aos seus ombros e permitiu que ele a beijasse de um modo brutal, entregando-se a esse impulso primitivo que a levava a abrir a boca e a encostar o seu corpo ao dele. Parecia-lhe uma hipocrisia fingir que não tinha prazer. Desejava Blackraven, apesar da sua reputação duvidosa e da sua nacionalidade. A entrega dele parecia-lhe sincera, mas o que mais a surpreendia era a sua própria vontade de se abrir e de o deixar entrar no seu pequeno mundo, o mundo que tinha construído com Jimmy, o refúgio que por vezes lhe parecia indefeso e que a fazia sentir-se frágil e só.

A intimidade daquele beijo inundava-a de sensações que jamais havia experimentado. Era um misto de felicidade, excitação e um estranho anseio de que Blackraven a despisse e lhe tocasse nas partes mais íntimas.

Iria compará-la às outras? Dona Bela era lindíssima, perfeita. Repararia nos seus defeitos? Paddy tinha-lhe dito que ela tinha as ancas e as tetas de uma vaca, que era uma ruiva feia a quem ninguém alguma vez daria atenção. E aquelas terríveis cicatrizes. Afastou-se dele num gesto brusco.

— Que foi? Que se passa?

— Porque quer brincar comigo? Porquê eu? Há muitas mulheres dispostas a isso, deixe-me a mim em paz. Acha que sou estúpida ao ponto de acreditar que um homem como o senhor poderia interessar-se por alguém como eu?

— Alguém como tu? — estranhou. — De que estás a falar, Isaura?

— Eu não sou ninguém. E o senhor... o senhor é um conde inglês.

Além disso é rico e... bem-parecido. Eu sou pobre e feia! Não brinque comigo. Deixe-me! — e debateu-se, sem conseguir libertar-se. — Deixe-me, maldito inglês aldrabão!

— Isaura! Que estás a dizer? Acalma-te, por favor. — Envolveu-a com os seus braços. — Tu és melhor do que eu, muito melhor.

— Não — murmurou ela.

— És, sim. És a criatura mais delicada e com mais valor que conheci, Isaura Maguire. Como podes dizer que és feia? És linda. Perfeita — sussurrou-lhe sobre os lábios.

Melody queria continuar a sentir a intimidade daquele mo mento, mesmo que fosse apenas uma ilusão que mais tarde ou mais cedo, tivesse de acabar, porque nunca se entregaria por muito que o desejasse. A opinião de Blackraven era importante para ela e não suportaria a sua rejeição ou o seu desprezo. Tinha-o visto nu e conhecia a perfeição do seu corpo.

Jamais mostraria a sua intimidade a um homem como ele.

— Deixe-me ir.

— É por eu ser inglês que me rejeitas?

— Sim — mentiu. — Não poderia atraiçoar o meu pai que sofreu horrores às mãos desses...

— Lamento muito o que aconteceu ao teu pai — respondeu ele, com enfado —, mas isso não tem nada a ver conosco. Não tem nada a ver comigo, disso podes ter a certeza. Não me podes culpar. É um capricho e uma infantilidade da tua parte. E uma covardia quando tentas negar o que sentes por mim, negar o que os meus beijos te fazem sentir.

— Com que direito me fala e me trata dessa maneira?

— Com o direito que me concede o ter-te escolhido para seres a minha mulher.

Melody correu para *Fuoco* e afastou-se em direção a Béatrice e às crianças. Depois de a ver desaparecer na curva, Blackraven montou *Black Jack* e galopou em sentido contrário. Comparou Isaura a uma dríade, a ninfa dos bosques que brincava e serpenteava sem se deixar apanhar.

”A primeira mulher que realmente desejo e que não posso ter”, pensou incrédulo e amargurado.

Voltou ao entardecer, quando as badaladas anunciavam aos escravos o fim da jornada. Viu-os abandonar em grupos os seus locais de trabalho e recolherem aos barracões onde decerto fariam uma festa para dançar o *candombe* até ficarem exaustos. A dança era proibida, sob pena de várias chicotadas, ameaça que não fazia mossa nos negros que se aventuravam sempre que pudessem sacudir o

corpo ao som dos tambores, como em África.

Entrou pelas traseiras e entregou as rédeas a Bustillo. Quando chegou ao pátio principal parou, avistando no outro extremo, sentados sob as glicínias, Melody e Covarrubias. O advogado pegava-lhe na mão e retinha-a junto dos lábios, ao mesmo tempo que lhe falava em voz baixa. Ela mantinha uma expressão indefinida. Interrompeu sem a menor consideração pelas normas de urbanidade.

— Boa-tarde, Covarrubias — cumprimentou, e o susto fez com que ambos se levantassem. — Espero-o no meu escritório.

Passou sem olhar para ela, odiando-a. Covarrubias seguiu-o numa atitude obediente que marcou a diferença entre um e outro.

Horas mais tarde, terminado o jantar, Melody estava profundamente angustiada. Blackraven tinha-se retirado, alegando que tinha assuntos urgentes a tratar no escritório, onde se encerrou. Nem sequer os acompanhou enquanto tomavam o café. Para o atrair, tocou piano e, apesar de não ter vontade, cantou também, mas sem qualquer resultado.

Deixou as mulheres na sala e dirigiu-se ao andar de cima para pôr as crianças na cama. Cumprida a tarefa, pensou ir deitar-se também, mas uma excitação angustiante impedia-a de dormir. Voltou ao andar de baixo e, como as mulheres já se haviam retirado, regressou ao quarto muito pouco animada.

Pelo caminho, deparou com Trinaghanta que levava a garrafa de *brandy* vazia. Os olhares das duas mulheres cruzaram-se, a jovem envolta naquela excêntrica peça cor de laranja sorriu-lhe de novo. Melody voltou a perguntar a si própria se se trataria de outra das amantes de Blackraven.

Às vezes tinha essa impressão quando os via juntos. A garota conhecia bem o patrão, e este dava-lhe a entender o que pretendia com um olhar ou um simples gesto.

Ao passar frente ao escritório, viu um raio de luz que se filtrava por debaixo da porta. “Ainda lá está”, pensou, aliviada, pois imaginou que poderia ter partido para Buenos Aires. Apoiou a mão na aldraba e ficou a pensar na insensatez que estava à beira de cometer.

Abriu. Apesar de estar iluminada, não havia ninguém naquela divisão. Foi encontrá-lo na sala contígua, a da mesa enorme forrada com o pano verde. Inclinado sobre a mesma, Blackraven bateu numa das bolas com a vara, produzindo um ruído seco e agradável. Outra bola recebeu o impacto e desapareceu num orifício no canto.

Estava despenteado, o cabelo solto, e tinha a camisa desabotoada e fora das calças. Como se tivesse dado pela sua presença, voltou-se rapidamente e Melody sobressaltou-se. Apercebeu-se de que a ferocidade da sua atitude a assustara e

isso agradou-lhe. Se não a amasse tanto, daria cabo dela com as suas próprias mãos.

— Que deseja, senhorita Maguire? — perguntou, e ela baixou o rosto para que ele não percebesse que tivera pena que não a tivesse tratado por tu nem por Isaura.

— Eu... Não sei, senhor — admitiu, e a sua sinceridade apaziguou um pouco Blackraven que pousou o bastão sobre a mesa e avançou para ela.

— O seu namoradinho de meia-tijela já se foi embora, calculo.

— O doutor Cavarrubias não é meu namorado — murmurou.

— Pois olhe que faziam um quadro encantador hoje à tarde, sentados um ao lado do outro, junto à trepadeira, de mãos dadas.

— O doutor Covarrubias e eu somos apenas amigos — insistiu em voz baixa.

— Nesse caso — disse ele, sacudindo-a pelos braços e cravando-lhe os dedos na carne —, porque permitiste que os seus olhos te olhassem com cobiça, que tocasse na tua mão e a beijasse quando só eu tenho esse direito? És minha, Isaura, vê se compreendes. Minha — repetiu, voltando a sacudi-la agora mais ao de leve. — Covarrubias não é homem para ti e nunca te conseguirá dar o prazer que encontrarás nos meus braços, nos meus beijos — e a sua boca arrebatou a dela com fúria, revelando o quanto se sentia ainda ressentido e magoado.

Deixou que ele a beijasse para que se sentisse apaziguado.

— Por que me resistes? — perguntou-lhe mais com tristeza que desgosto. — Por eu ser inglês? Não tenho culpa disso, Isaura. Nem eu nem ninguém da minha família torturou o teu pai. Lamento, acredita que lamento, mas não é justo que me culpes pelo que os outros fizeram, ainda que fossem meus compatriotas.

Nesse momento, ela tinha vontade de lhe confessar que não lhe importava nem um pouco que ele fosse inglês, que na verdade se tratava dela.

— Eu não sou nada — disse com a voz entrecortada.

— Tu és tudo.

Melody ergueu os olhos e ele percebeu a sua dúvida.

— Isaura, concede-me a tua confiança.

Ao ouvir aquelas palavras, sentiu-se invadida por uma sensação de paz profunda e como se fosse natural e prudente, decidiu dar a sua confiança àquele homem de quem tanto desconfiara. O seu corpo foi tomado de uma onda de tranquilidade que a fez sentir-se mais leve e mais pequena. Apoiou a face sobre o peito nu de Blackraven e acariciou com as mãos os pêlos escuros que o cobriam.

— Serei suficiente para ti? — duvidou.

— Serás tudo para mim — disse, reconfortando-a.

— Roger — murmurou, e abrindo-lhe a camisa, beijou-o no peito.

— Sim, chama-me Roger, sempre.

Beijaram-se e a entrega de Melody comoveu Blackraven. Ainda detectava o receio dela e a sua vulnerabilidade, mas confiava na natureza corajosa, a mesma natureza que o tinha cativado, e que, ao fim e ao cabo acabou por vencer os medos e as dúvidas fazendo com que o aceitasse.

A porta que dava para o corredor abriu-se. Era Trinaghanta que voltava com a garrafa cheia de *brandy*.

— É melhor que eu me retire para ir descansar — disse Melody, afastando-se antes que a serva entrasse na sala de bilhar.

— Sim vai descansar — acedeu, apesar de se afastar com pena das suas mãos.

Horas mais tarde, Roger Blackraven ainda não conseguira conciliar o sono. Da varanda da galeria superior para onde davam os quartos principais, sentado no chão, as pernas dobradas e o corpo encostado à parede, apreciava a serena noite de Verão que não estava em sintonia com o seu estado de espírito. Inquieto e preocupado pensava nas mudanças que haviam ocorrido em tão pouco tempo. Levou a ocarina aos lábios e arrancou-lhe algumas notas melancólicas.

Deitado ao seu lado, *Sansão*, pôs-se de pé e rosnou. Logo a seguir apareceu Jimmy que ficou ali a olhar para eles. Blackraven pasmado largou a ocarina.

— Rapaz, não te ouvi aproximar.

— Ouvi a música — justificou-se o menino.

— Não voltes a aparecer assim tão em silêncio a meio da noite. Eu poderia ter-te magoado.

— Por quê? — surpreendeu-se Jimmy.

— Porque pensaria que eras um ladrão e podia ter-te batido.

Jimmy riu-se e Blackraven sentiu uma grande simpatia por aquele garoto que se parecia tanto com a sua Isaura.

— Que fazes aqui? Porque não estás a dormir? Se a tua irmã acorda e não te vê na cama vai ficar muito assustada.

— A minha irmã está a chorar — disse Jimmy —, e eu não gosto nada quando ela chora. Por isso afasto-me.

Blackraven pôs-se de pé.

— Vai para o quarto do Víctor — ordenou-lhe. — Mete-te na cama dele e dorme lá. Vamos.

Jimmy obedeceu, seguido de *Sansão*, enquanto Blackraven corria ao quarto de Melody. Antes de atravessar a porta, já conseguia ouvir os seus lamentos de angústia. Estava a ter um pesadelo e devia ser dos grandes a julgar pelo esgar do seu rosto. Tinha as faces úmidas de lágrimas.

Sentou-se na beira da cama, tomou-a nos braços e encostou-lhe a cabeça ao seu peito nu.

— Vá, meu amor, acorda. É só um pesadelo. Não há nada a temer, eu estou aqui.

Melody acordou, confusa. Ainda tremia e soluçava. Levantou os olhos e, ao reconhecer Blackraven, lançou-lhe os braços ao pescoço e desatou a chorar.

— Oh, Roger!

— Acalma-te, Isaura, foi só um pesadelo. Estou aqui, que mal poderá suceder-te?

Em tempos aquele pesadelo fora realidade, uma realidade que nunca poderia abandoná-la, os seus estigmas acompanhá-la-iam para sempre. Quis contar-lhe tudo, mas a vergonha e o desânimo foram mais fortes. Preferia continuar encolhida contra o seu peito, em silêncio.

— Queres contar-me o teu sonho? — Como ela fizesse um aceno negativo, propôs-lhe: — Vá, encosta-te para trás, tenta dormir. Olha.

— Que é isso?

— Um instrumento musical. Chama-se ocarina. Vou tocar um pouco para ti.

A doçura da melodia fê-la sorrir. Voltou a lembrar-se do Quarto Arcano, o Imperador, e o deus Marte, o guerreiro, e convenceu-se de que madame Odile não se enganara. Blackraven era um imperador, um guerreiro, mas reservava para ela uma suavidade que ocultava dos outros, talvez para se preservar. Ela própria, quando o conheceu, tinha achado que ele era pura prepotência e ferocidade. Sabia agora que no seu interior coa-bitavam a paixão e a razão, e perguntou a si mesma como conseguiria equilibrá-las. Era verdadeiramente admirável que a sua natureza se regesse tanto pela razão como pelas emoções. Havia alturas em que imperava a tormenta, outras a calma.

Melody compreendeu que o que sentia por Roger Blackraven ia muito além da admiração e do fascínio. Amava-o profundamente, com as suas facetas terríveis e o seu lado suave, e convenceu-se de que a vida sem ele seria incompatível com a felicidade.

Adormeceu ao som da ocarina. O ritmo da sua respiração mudou.

Estava tranquila e bonita, ali deitada na cama, com a fina cambraia colada ao corpo. Ele passou-lhe uma mão pelo braço nu pois a camisa de noite não tinha mangas e afastou a gola até lhe descobrir um dos ombros. Não queria acordá-la, mas o desejo levou-o a inclinar-se sobre o ombro da jovem e a beijá-lo. Melody continuou imóvel e isso incentivou-o. Afastou-lhe a cabeleira dos ombros e, ao fazê-lo, os seus dedos roçaram, à altura da omoplata, numa depressão de textura diferente, mais tensa ainda que irregular.

A única luz era a da lua e Roger não conseguia ver bem. De uma coisa estava certo: tratava-se de uma cicatriz. Acendeu uma vela e ocultou o pavio atrás da mão quando o passou perto do rosto de Melody. Aproximou-o dos seus ombros.

Uma cicatriz, como suspeitara, uma queimadura. Muito peculiar, em boa verdade. Roger sentiu um nó no estômago e uma secura dolorosa na garganta ao compreender que se tratava da marca de um ferrete, o ferro em brasa com que se marcavam os escravos.

E além daquela marca, a meio do ombro, havia outra igual. Isaura tinha sido marcada três vezes no ombro com aquele ferrete.

Mordeu o punho para não gritar de raiva e de dor e pousou o castiçal sobre a mesa-de-cabeceira porque sentia que as mãos lhe tremiam.

Os seus olhos tinham ficado nublados e doíam-lhe os músculos da cara de conter as lágrimas. Pôs-se de pé com dificuldade. O sangue latejava-lhe nas frontes e sentia-se agoniado. Deixou o quarto de Melody e dirigiu-se com passos incertos ao seu quarto. Foi até a varanda em busca de ar fresco e apoiou as mãos sobre a balaustrada, a cabeça entre os braços.

O corpo ainda tremia e ainda mordia os lábios para resistir. Em seguida, deslizou ao longo da parede e sentou-se no chão a chorar como um menino.

XIII

Lastenia Castañeda y Cazón ficou órfã de pai quando era muito pequena e pouco tempo depois perdeu também a mãe, não porque esta tivesse falecido mas sim porque a senhora de Castañeda Y Cazón, cumprindo uma promessa feita ao seu esposo moribundo, decidiu ingressar no Convento de Santa Teresa de Jesus, usando todo o dinheiro da herança para pagar o dote de admissão.

Lastenia, órfã e pobre, foi viver com a madrinha, a senhora María Josefa Basurco y Herrera, uma dama influente e rica de Buenos Aires, alta, morena, direita como uma vara e de expressão imperturbável. Lastenia tinha medo dela, por isso passava todo o tempo no quarto, rodeada dos seus melhores amigos: os livros.

A única atração da casa de dona María eram as visitas diárias de um advogado e cónego, Juan Baltazar Maziel, a quem a senhora dona María chamava “filho” e a quem confiava todos os seus assuntos, materiais e espirituais. O cónego Maziel, um dos homens mais cultos do Rio da Prata, com uma biblioteca considerada completa, pediu autorização a dona María para fazer de Lastênia sua pupila. Ofereceu-lhe uma educação esmerada, daquelas que eram geralmente reservadas aos filhos varões destinados a ocupar lugares na hierarquia e não às meninas, a quem, na época era negada a possibilidade de aprenderem a ler e a escrever para evitar que se correspondessem com algum homem.

Lastenia aprendeu latim e grego, história e geografia, literatura e teologia. Recitava de cor parágrafos inteiros da *Divina Comédia* e de *Dom Quixote de la Mancha*, declamava versos dos clássicos — Ovidio, Virgílio, Lucano —, ainda que o seu preferido fosse Gongora, e também Francisco de Medrano. Revelou-se talentosa na música, e de tarde fazia companhia à sua madrinha e ao seu tutor deleitando-os com as peças de piano e harpa que executava.

Lastenia não gostava nada que a sua protetora afirmasse diante do cónego Maziel: “A minha querida Lastenita não vai ter dificuldade nenhuma em arranjar marido, apesar de não ter um único cêntimo de dote. Qual é a menina de categoria que recebeu uma instrução mais completa do que ela? Nenhuma, tenho a certeza de que nenhuma. Além disso, é virtuosa e pia.” Certo dia o cónego Maziel acrescentou: “E muito bonita”, comentário que fez com que dona María franzisse o sobrolho e agitasse o coração de Lastenia que morria de amores pelo seu mestre.

Uma manhã, dona María disse-lhe: — Pediram a tua mão, Lastenita, e eu

resolvi aceitar. Conheceste o cavalheiro a semana passada na tertúlia das Escalante. Não exige dote e parece ser um bom católico, trabalhador e sem vícios. É irlandês e dono de uma fazenda próspera em Capilla del Señor, a algumas léguas a norte daqui. Chama-se Fidelis Maguire.

Lastenia fechou-se no quarto a chorar. Nessa mesma tarde, quando Maziel se apresentou lá em casa, alegou um mal-estar e não o recebeu.

No dia seguinte, às escondidas de todos, correu até o seu escritório na catedral. Maziel ficou surpreendido ao vê-la.

— Que fazes aqui, menina? E sozinha? — disse contrariado. — Porque não vens acompanhada de uma das escravas?

— Decidiram casar-me, senhor. Mas eu não quero.

— Deves obediência aos mais velhos, Lastenia.

— Não o farei — teimou a jovem. — Não o farei porque estou apaixonada por Sua Mercê.

Maziel recebeu um forte impacto e deixou-se cair na poltrona. A natureza delicada e prudente de Lastenia tinha desaparecido. Aquela jovem decidida que agia como louca era uma estranha para ele.

— Vai para casa. Imediatamente — ordenou-lhe com rispidez. — O que acabas de dizer é pecado. Deverás confessar-te antes de domingo.

Nesse mesmo dia à tarde, Maziel conferenciou longamente com dona María. Lastenia nunca chegou a conhecer os pormenores da conversa, mas sofreu as consequências. Poucos dias mais tarde, conheceu o noivo, um ruivo alto como Golias, de enormes olhos azul-turquesa, aspecto temível e maneiras toscas, que dificilmente conseguia falar o castelhano e que, segundo se dizia, sofria de ataques demoníacos que o lançavam ao chão e o faziam revirar os olhos.

No fim do mês já estava casada e a caminho do seu novo lar. Não voltou a ver o cónego Maziel.

Lastenia e Fidelis não se deram bem. Ela achava-o demasiado grosseiro e ele, achava-a demasiado afectada. Lastenia não gostava que ele fizesse ruídos a comer, que não lavasse as mãos antes de se sentar à mesa, que entrasse na sala com as botas sujas e que desse aos trabalhadores, em especial ao capataz um tratamento de amigo. Não sabia ler nem escrever em castelhano e ela tinha dúvidas que ele o soubesse fazer em alguma língua. Recusava-se a comprar-lhe escravos, o que ela considerava inaceitável.

— Jamais haverá escravos nesta casa. A senhora, que é tão culta e requintada, admite uma prática selvagem, pois saiba que selvagem é quem priva o seu semelhante da liberdade.

— Os escravos não são nossos semelhantes — defendia-se Lastenia.

— Isso é exatamente o que os ingleses dizem dos irlandeses — argumentava

Fidelis.

Também não estavam de acordo na educação dos filhos. Maguire defendia que os livros eram uma perda de tempo e que o mais importante era aprender os assuntos da Bella Esmeralda, a fazenda. Mesmo Isaura — Melody para ele — deveria fazê-lo.

— Vai transformar a minha única filha numa selvagem igual a si — censurava-o.

— Farei da sua filha uma mulher útil que saberá defender-se e nunca morrerá de fome.

Melody passava a maior parte do dia em cima do cavalo, a percorrer a quinta juntamente com o pai e o seu irmão Tommy que tinha desenvolvido um temperamento muito "irlandês", na opinião de Lastenia e que, muitas vezes, se tornava intratável, mesmo em relação a Fidelis com quem discutia frequentemente.

O gosto de Melody pela música e pelo canto forneceram a Lastenia a única arma para conseguir atraí-la para os livros.

— Queres que te ensine a tocar piano e harpa? — dizia-lhe. — A moldar a voz e a cantar? Então, primeiro deverás aprender a ler e a escrever.

Só James, o menor, a quem chamavam Jimmy, passava o dia agarrado às saias da mãe, devido a uma saúde débil. Ao contrário dos seus irmãos mais velhos, Jimmy era uma criança tranquila e dócil que gostava das histórias que Lastenia lhe lia ou de brincar no pátio com bonecos de madeira.

Melody tinha treze anos quando a sua tia Enda Feelham e o seu único filho, Patrick "Paddy" Maguire, de vinte anos de idade, chegaram a Bella Esmeralda para ficar. Jimmy Maguire, irmão de Fidelis tinha morrido no ano anterior com uma doença desconhecida, deixando a mulher e o filho na pobreza. Fidelis enviou-lhes uma carta através de um comerciante que viajou para Dublim na qual assegurava que os receberia de braços abertos, e onde lhes enviava a quantia necessária para as viagens até o Rio da Prata.

Fidelis sentia-se em dívida para com a cunhada que, anos antes, o tinha encontrado meio morto no bosque do vale de Glendalough, na Ir -

landa, consequência das torturas sofridas às mãos dos ingleses, e que lhe tinha salvado a vida após esmerados cuidados. Apesar de o povo murmurar que Enda Feelham praticava bruxaria, Fidelis garantia que ela era uma boa mulher, excêntrica, solitária, mas de coração nobre.

Enda e Paddy vieram somar-se ao círculo familiar e rapidamente se adaptaram aos costumes e às atividades da fazenda. Paddy afeiçoou-se a Fidelis, de quem a mãe tanto lhe tinha falado, e ao demonstrar grande habilidade para lidar com o gado e com as culturas, conquistou o afecto do tio, provocando os

ciúmes de Tommy.

Enda, essa, sempre calada e sisuda, desaparecia a maior parte do tempo e só se apresentava à hora das refeições. Lastenia antipatizava com ela e receava-a, porque ia encontrá-la frequentemente em transe e com estranhas ferramentas nas mãos. Ninguém lhe tirava da cabeça que, desde a chegada de Enda e Paddy, haviam ocorrido coisas muito estranhas na fazenda: barulhos durante a noite, mortes inexplicáveis de animais, casos de gravidezes interrompidas, bezerros que tinham nascido com malformações, tempestades súbitas e violentas, colheitas destruídas, mal-estares e doenças.

Melody perdeu a mãe aos quinze anos e, embora nunca tivessem tido uma boa relação, custou-lhe aceitar a sua morte, principalmente porque Lastenia sofreu uma agonia lenta e dolorosa, vítima de uma indigestão provocada por um cogumelo. Após uma noite de chuva, o campo amanheceu povoado de cogumelos, que a cozinheira e Lastenia apanharam para preparar um saboroso estufado como era habitual. Ambas eram dotadas de uma grande perícia a distinguir os inofensivos dos venenosos.

Uma das duas deve ter falhado nesse dia, lançando para dentro do cesto um fatal que acabou por ir parar ao prato de Lastenia. Depois da morte da mulher, Fidelis proibiu o consumo de cogumelos em sua casa.

Habituado à companhia da mãe, Jimmy foi o mais afectado e, a partir desse momento, Melody largou as atividades do campo para se ocupar da educação e tratar do seu irmão mais novo. A princípio não deu muita importância aos comentários de Tommy e de Pablo acerca do comportamento ardiloso do seu primo Paddy. Segundo os rapazes, o irlandês mostrava a Fidelis uma faceta que em nada correspondia à sua verdadeira natureza. Era cruel com os trabalhadores, apalpava as mulheres e tinha prazer em torturar os animais. Pegou fogo ao cão de Pablo, que ficou em muito mau estado e teve de ser abatido. Gostava de embebedar as galinhas, fazer guinchar os porquinhos, dava pontapés aos gatos e queimava insectos com a ponta do cigarro. Tinha-se tornado amigo do comissário da polícia de Capilla del Señor, Gotardo Guzmán, personagem sombrio que controlava um grupo de ladrões de gado que assolava os campos da região.

Paddy gostava de apostar nas lutas de cães e de galos e de se embriagar na taberna da aldeia, indo acabar na cama com uma mulher qualquer.

Intriguista hábil, conseguiu pôr Fidelis contra o próprio filho, Tommy, passando assim a ocupar o lugar preponderante na administração da fazenda. Já nem Domingo, o capataz, tinha sobre Fidelis o mesmo ascendente.

A morte de Lastenia pareceu dar jeito a Enda. De silenciosa e distante passou a faladora e participativa, até mesmo coquete. Melody desconfiava que ela

pretendia levar o seu pai ao altar. Com o passar dos anos, ficou bastante claro que Fidelis não tinha a mesma intenção. Acolhera-a no seio da sua família, protegia-a e sustentava-a, a ela e ao filho, movido pela gratidão, mas apenas isso. O casamento estava fora de questão.

O trabalho da quinta era pesado e Fidelis começava a delegar certas responsabilidades e decisões em Paddy. Melody sentia-se assustada ao ver que o pai, outrora forte como um touro, de saúde inquebrantável, passava agora dias inteiros em casa, apático e desanimado. Montava com dificuldade, por causa das dores reumáticas nas articulações e cansava-se muito facilmente. Tinha mau aspecto, uma palidez doentia e comia muito pouco, apesar de pouco tempo antes devorar a comida com a avidez de um jovem. O médico receitou-lhe um tônico e uma dieta especial, que pareceram piorar mais ainda o seu estado.

Uma manhã em que não conseguiu levantar-se da cama, pensou: "Acho que chegou a minha hora", e como não queria morrer *ab intestato*, mandou chamar o notário da aldeia e pediu-lhe que redigisse a sua última vontade. Os bens seriam divididos em partes iguais entre os seus três filhos e o seu sobrinho, Paddy Maguire, a quem, além do mais, nomeava como testamenteiro e tutor de Melody, Tommy e Jimmy. Dias mais tarde, morreu.

Melody não se recuperava do estado de apoplexia em que mergulhara. O seu pai não podia estar morto. Os primeiros dias a seguir ao enterro, passou-os a vaguear pela casa, à procura dele, julgando ouvir a sua voz, sempre à espera de ir encontrá-lo no quarto ao lado. Não teve muito tempo para o chorar, visto que as circunstâncias a chamaram bruscamente à realidade quando o comissário amigo de Paddy veio buscar Tommy e Pablo. Pesava sobre eles uma denúncia por roubo de gado.

Teriam de aguardar o julgamento na prisão e, no melhor dos casos, acabariam na fronteira condenados a trabalhos forçados.

Melody correu a avisar o irmão e o seu antigo namorado da situação. Depois de uma reunião à pressa, Domingo e os outros peões que suspeitavam que dom Patrício, como chamavam a Paddy, mexia os cordões por detrás do pano, decidiram que o melhor seria os dois rapazes fugirem.

— Os dois, o comissário e dom Patrício — disse Domingo —, conseguiram perder o respeito de muita gente por estas bandas. Mais do que um jurou vingar-se. Não faltará muito até que se tornem almas do demônio graças à coragem de um valente qualquer.

A vida para Melody tornou-se um inferno, dividida entre o desânimo pela fuga do irmão e o assédio do primo, que queria casar com ela.

Há muito tempo que Paddy se fixara em Melody. Quando chegara à quinta, ela parecera-lhe uma ruiva feia e deselegante, com corpo e modos masculinos.

Depois, ao ocupar o lugar de Lastenia e ao começar a usar vestidos, Melody revelou-se uma mulher muito bonita, de formas generosas e apetecíveis. Paddy começou a ficar preocupado porque de cada vez que levava uma prostituta para a cama, pensava na prima. Espiava-a quando ela tomava banho, quando lia na sala, quando brincava com Jimmy, quando andava a pé pelos campos. Melody tornou-se uma obsessão para ele.

— Casa-te com ela — aconselhou Enda — e tudo isto será teu. O Jimmy não vai durar muito e o Tommy não vai voltar mais. Eu me encarregarei disso.

Mas Melody rejeitou-o. Disse que não o amava. Paddy, que não se caracterizava pela paciência, fez-lhe uma corte digna do mais polido cavalheiro, mas não lhe serviu de nada, pois Melody manteve-se firme na sua decisão.

— Se não fores minha mulher, farei de ti minha escrava.

— Terás de me matar primeiro! — resistiu Melody.

— Não, és demasiado valiosa para mim. Não te matarei. Mas matarei Jimmy, e não será difícil.

Mandou queimar as roupas dela e obrigou-a a vestir peças de serva, a comer na cozinha dos peões, a lavar e a esfregar, a tirar-lhe as botas quando chegava ao fim do dia, a massajar-lhe os dedos dos pés e as costas, a ler para ele depois do jantar. Às vezes, depois da refeição, mandava-a sentar no chão e atirava-lhe bocados de comida que a obrigava a comer.

Gostava de a apalpar e insultar, de lhe chamar ruiva feia, vaca mamalhuda e outros epítetos do mesmo estilo.

— Quem vai querer-te com esse cabelo de puta e essas ancas de vaca? — e batia-lhe nas nádegas. — Estás toda suja e vestida de farrapos. Achas mesmo que alguém vai pedir a tua mão? Tens sorte de eu te querer, devido à promessa que fiz ao teu pai de que cuidaria de ti e dos teus irmãos.

Enda adoptava uma atitude de indiferença, como se aquele espetáculo não decorresse mesmo debaixo do seu nariz. De vez em quando, chamava a sobrinha à parte e prevenia-a: — Paddy não vai desistir de te escravizar. É teimoso e obstinado como uma mula. O melhor é aceitares e casares-te com ele.

— Nunca! Eu também posso ser teimosa e obstinada como uma mula.

As forças estavam a abandoná-la. O estado a que Paddy a reduzira e o medo constante de que ele fizesse mal a Jimmy começavam a afectá-la física e mentalmente. Dormia mal e com uma faca debaixo do travesseiro. Tinha perdido peso e vivacidade. O cabelo estava opaco e o rosto abatido. Tremiam-lhe as mãos e por vezes tinha dificuldade em articular as palavras.

Um dia, enquanto molhava o chão do pátio com baldes de água, uma serva sobressaltou-a.

— Quase me mataste de susto, Brunilda. Que se passa?

— É dom Patrício. Acaba de chegar da cidade e vem com uma fila de escravos. Negros como o carvão, menina.

Melody pensou em muitas coisas: que o seu pai jurara que nunca compraria escravos; na sua própria condição de serva; no tratamento desumano que Paddy iria dar-lhes e no ódio que, de dia para dia, se multiplicava dentro de si.

Correu para o celeiro para onde, segundo Brunilda, tinham sido conduzidos os infelizes. Lá estavam, formados em fila, tremendo de frio e de fome, seminus, infelizes e fracos. Levou a mão à boca ao dar-se conta do que estava a acontecer: Paddy, com a ajuda dos seus peões e de um ferro em brasa marcava os escravos como ela tantas vezes vira fazer ao gado. Louca de fúria, lançou-se sobre ele, apanhando-o de surpresa.

— Besta maldita! Monstro asqueroso! Filho da mãe! — bradou, ao mesmo tempo que lhe batia no peito.

Paddy não teve qualquer dificuldade em dominá-la. Agarrou-a pelos pulsos com uma mão e obrigou-a a ajoelhar-se à sua frente, dando-lhe uma bofetada que lhe rasgou o lábio. Meio estonteada, Melody ficou incapaz de se defender, enquanto o primo lhe rasgava a blusa e lhe desnudava o ombro.

— Estou cansado de ti! — ouviu-o vociferar. — Agora vais perceber que durante todo este tempo tive uma paciência a que tu não deste valor. Tens de entender que me pertences, que és minha, tal como estes negros nojentos. Minha, minha, minha! — repetiu com fúria e, a cada exclamação, marcou-a no ombro com o ferro em brasa.

Melody lançou um grito, curvou-se e caiu sem sentidos. Acordou na cama, de barriga para baixo e despida. Apercebeu-se da presença da sua tia Enda, que lhe punha panos frios e emplastros para acalmar a dor das queimaduras. Tratou-a durante dias, alimentou-a com uma colher e deu-lhe de beber por uma pequena cana de sorver, sem trocar com ela uma única palavra.

Depois do selvático ataque, Paddy caiu numa forte depressão ao mesmo tempo que as garrafas de genebra e aguardente se esvaziavam todas as noites. Melody receava-o mais agora do que antes, certa de que, na sua demência, acabaria por descarregar sobre ela todos os seus remorsos. Evitava-o, mas ele procurava-a para a insultar e lhe bater. Não havia dúvida de que a sua natureza perversa eclodira por completo e não faltaria muito até que aquela situação resultasse numa tragédia. Sozinha sem dinheiro e com uma criança doente a seu cargo, apesar de apavorada com a ideia, a fuga começou a parecer-lhe a única solução para continuar a viver.

Uma noite, Paddy, muito bêbado, entrou no seu quarto com a fúria de um touro tresmalhado. Num gesto brusco, arrancou o cobertor que a cobria e arrastou-a pelos tornozelos para fora da cama. Melody caiu ao chão e bateu com

a cabeça. Atordoada começou a gritar e a pedir auxílio até que Paddy lhe meteu um trapo na boca. Rasgou-lhe a camisa de noite com a faca que trazia consigo e começou a apalpar-lhe os seios, o ventre, entre as pernas. O seu hálito a genebra agrediu-lhe o rosto quando lhe disse: — Isto era o que eu devia ter feito logo desde o princípio. Tu precisas é que eu trate de ti e que te deixe tranquila e mansa. É assim que vocês são todas, umas putas. Vou ter-te na cama vários dias, possuir-te uma e outra vez até que grites de prazer e me peças que volte a possuir-te.

Melody agitava os braços e as pernas, sacudia a cabeça de um lado para o outro, contorcia o corpo sem conseguir afastar Paddy. Ele era robusto, pesado e muito forte. Lembrou-se da faca que tinha ficado debaixo do travesseiro e pelas maçãs do seu rosto rolaram lágrimas de frustração. Pensou: "Senhor, porque me abandonaste?" e apaziguando-se, as convulsões acalmaram e permaneceu inerte.

Perante a desistência da luta da sua prima e como estava ansioso por a beijar nos lábios, Paddy tirou-lhe o trapo da boca. Foi um erro, porque Melody atacou-o à dentada arrancando-lhe um bocado do queixo.

O homem gritou e caiu para trás agarrando a cara com ambas as mãos.

Melody arrastou-se até sair de debaixo dele e pôs-se de pé. Precipitando-se para o travesseiro pegou na faca, lançou-se sobre Paddy e espetou-lhe o fio afiado no lado esquerdo das costas. Ele conseguiu levantar a cara e olhar para ela com uma expressão incrédula que, a partir desse momento, a perseguiria em sonhos quase todas as noites. Em seguida, caiu morto.

Melody ficou de pé junto ao cadáver, meio despida, a boca cheia de sangue e a faca ainda na mão. Não conseguia afastar os olhos daquele corpo sem vida, aturdida com a sua própria fúria: tinha tirado a vida a um ser humano. Recordou o ruído da faca a enterrar-se na carne de Paddy, a resistência que encontrou e a textura espessa e quente do sangue que envolveu os seus dedos. Largou a faca e dobrou-se com um vômito.

Entre a névoa das suas emoções confusas, ouviu a voz de Jimmy que gritava o seu nome e chorava. Decerto o barulho da porta e os gritos de Melody acordara-o. Foi rápida. Despiu a camisa de dormir e enfiou um robe. Antes de ir a correr ao quarto de Jimmy, lavou a boca e limpou das faces e do queixo os vestígios de sangue. O silêncio e a calma da casa deram-lhe a entender que a criadagem não tinha dado pelo ataque de que fora vítima e que a sua tia Enda não estava em casa; fizera mais uma das suas escapadas noturnas.

— Jimmy — disse-lhe —, temos de fugir. Imediatamente.

— Que se passa?

— Não temos tempo para explicações. Preciso que te vistas sozinho e que ponhas em cima do lençol a tua roupa, especialmente a de lã e dês um nó ao

lençol. Vamos, depressa.

De volta ao seu quarto, Melody vestiu-se e amarrou o cabelo. Abriu a arca onde guardava os seus pertences e fez o mesmo que dissera a Jimmy.

Tinham de se abrigar porque lá fora estava um frio severo. Antes de se dirigirem ao estábulo, passaram pela cozinha e arranjaram algumas provisões. Montados em *Fuoco*, o magnífico alazão que Fidelis lhe oferecera no dia em que completara quinze anos, fugiram a corta-mato para um lugar qualquer, o mais importante era que fosse longe de Bella Esmeralda.

Vaguearam pelos campos durante dias, evitando as aldeias, temendo ser interceptados e presos pela quadrilha do comissário da polícia de Capilla del Señor. As provisões acabaram, tinham sede e frio, estavam sujos e cheiravam mal. Jimmy revelava indícios alarmantes de desidratação e Melody lutava para não perder a consciência e cair do cavalo.

Na noite do quinto dia rebentou uma tempestade com ventos que os arrastavam e uma chuva intensa que os encharcou em poucos segundos.

Fuoco movimentava-se com dificuldade, correndo o risco de cair num pântano que os engoliria. Jimmy tinha desmaiado e Melody não tinha forças para o segurar. Ergueu os olhos ao céu pedindo ajuda e, quando olhou em frente, viu uma luz muito distante. Pensou que nunca conseguiriam lá chegar, era como uma miragem, até que, através da cortina de água, distinguiu uma casa solitária que se erguia à beira do caminho.

Desmontou. As pernas e os braços tremiam-lhe, batia os dentes e tinha as mãos dormentes. Apoiou a cabeça no lombo de *Fuoco* para recuperar o equilíbrio. Pegou em Jimmy ao colo e caminhou até a entrada. Bateu várias vezes à porta até que apareceu um homem que logo a agarrou, impedindo-a de cair.

Dias mais tarde, quando saía para apanhar sol e inspirar ar fresco, Melody apercebeu-se de que a casa estava pintada de uma cor particular: ocre.

XIV

Na manhã seguinte, Melody levantou-se de madrugada, sentindo-se entre insegura e exultante. Precisava de falar com madame Odile. Na cozinha, a negra Siloé acendia já o fogão e preparava o pequeno-almoço.

Miora bebia o chá-mate e remendava umas meias.

— Coma qualquer coisa, menina — disse Siloé, estendendo-lhe uma xícara de café com leite e uns biscoitos.

— Vou visitar madame Odile, Miora. Queres que lhe dê algum recado?

— Poderia levar umas peças para as meninas, Miss Melody? Acabei esta noite de as costurar.

A caminho da casa de madame Odile, não parou de pensar, nem um instante, em Roger Blackraven. Ainda lhe custava a acreditar que ele se interessasse por ela e, apesar de ser dolorosa a desconfiança, perguntava-se se ele não a teria escolhido para ser a próxima vítima da sua sedução.

Embora na noite anterior não tivesse sido capaz de lhe resistir, naquele momento sentia-se pronta a enfrentá-lo. Madame Odile iria dar-lhe uma resposta.

Avistou a casa ocre e espicaçou o passo de *Fuoco*. Como de costume, entrou pela porta das traseiras, onde se estacionava a carruagem e se guardavam os bois. Quem lhe abriu a porta foi Valdemar, marido da negra Cleofé e protetor das mulheres. Valdéz y Inclán podia confirmar a potência do punho daquele cafuzo. Cleofé recebeu-a com o afecto habitual e convidou-a a tomar um chá-mate. Pouco depois, apareceu Emilio, o atraente e robusto mulato que fazia de maioral e mensageiro, que mantinha os clientes na linha e que, segundo se dizia, era amante de madame Odile.

Conversaram com afabilidade e Melody sentiu alguma nostalgia do tempo que ali passara com eles.

— Madame diz que espera no quarto. Acaba de acordar — informou Emilio.

Melody tinha entrado vezes sem conta no quarto de madame Odile, cujo ambiente era descontraído e aparatoso como a sua dona, de cores estridentes ainda que femininas, carregado de adornos e ornamentos e inundado com a sua fragrância. Melody afastou a gaze do dossel e foi encontrá-la recostada entre duas almofadas de cetim, aguardando que lhe levassem o pequeno-almoço. A jovem inclinou-se e beijou-a em ambas as faces e madame ordenou-lhe que se sentasse ao seu lado.

— Que se passa contigo? — perguntou Odile. — Estás diferente, há qualquer

coisa no teu olhar, não sei o quê, parece-me mais brilhante. E esse sorriso que trazes preso aos lábios. É tão raro ver-te sorrir, querida!

Pergunto a mim própria se o Imperador terá alguma coisa a ver com essa mudança.

Melody abriu um pouco mais o sorriso. Para madame Odile, Roger Blackraven seria sempre o Imperador.

— Beijou-me, madame. Nos lábios. — acrescentou, enquanto lhes tocava. — Nunca tinha sentido nada assim. Com Pablo era diferente.

— É claro que o beijo do guerreiro é diferente! Não há nada que se lhe compare. Por favor, preciso que me dês pormenores. Vá, fala, não me deixes na expectativa.

— De madrugada, acordei a chorar por causa de um pesadelo e ele estava ali, a abraçar-me e a consolar-me. Senti-me tão segura e reconfortada nos seus braços...

— Os braços do Imperador — precisou madame Odile.

Melody contou-lhe tudo não só acerca do beijo na alameda e no escritório mas também o que experimentara, o que ele lhe tinha dito, a forma como a tinha olhado e tocado e a estranha sensação de bem-estar que a tinha levado a confiar nele sem receio das consequências.

— Nunca poderei despir-me em frente de Blackraven — assegurou Melody, ocultando o rosto num dos almofadões. — Madame, eu já o vi despido. É perfeito, magnífico. Pelo contrário, eu... E as minhas cicatrizes, madame? Que dirá quando as vir? Vai desprezar-me. Nunca me entregarei a ele!

— Então, então — insistiu madame Odile. — Acalma-te e vamos examinar a situação por partes. Diz-me uma coisa, gostas do Imperador, não gostas? — Melody assentiu. — E, como acabas de me confessar, gostas quando ele te beija. Ora bem, levanta-te e dá-me o *deshabillé.*

Madame Odile vestiu a peça de *lingerie,* pegou no braço de Melody e conduziu-a até um espelho de vestir com três faces, onde se refletiram as suas figuras tão díspares.

— Despe essa roupa de homem. Ninguém pode apreciar o teu corpo se te vestires como uma maria-rapaz. Vamos, menina, nada de esquisitices comigo, o que vou ver não é novo para mim. Para que saibas, ao longo da minha vida vi muito mais mulheres e homens despidos do que com roupa.

— Nunca me despi à frente de ninguém, madame.

— Pois olha, menina, tens aos teus pés um homem pelo qual nós daríamos todo o ouro do mundo. Um homem como o Imperador vai manter-te na cama a maior parte do tempo porque, como já uma vez te disse, a sua natureza é insaciável. Por isso, é bom que comeces a habituar-te a olhar para o teu corpo

despido.

Melody tirou as peças e cobriu o triângulo do púbis com a mão e os seios com o braço. Madame afastou-os docemente e olhou em perspectiva, afastando-se um pouco do espelho. O espelho devolvia-lhe a imagem de um corpo adorável de uma jovem, bem desenvolvida, com as proporções certas e as curvas pronunciadas.

— Como é possível que não percebas que tens um corpo magnífico?

Serias a rainha desta casa, os clientes bater-se-iam por ti. O que acontece é que não sabes realçar a tua beleza nem tirar partido dos teus encantos.

Admira os teus seios, minha querida. Ainda se mantêm firmes apesar de serem grandes.

— Parecem os de uma vaca.

— *Mon Dieu!* – exclamou madame, que costumava clamar em francês quando se zangava ou se impressionava. — Tens vergonha de ter seios grandes? Permite que te explique uma coisa: os homens ficam loucos com a generosidade dos seios de uma mulher. Para eles são símbolos de luxúria e fertilidade. A curva do teu ventre é perfeita e a tonalidade do teu monte de Vénus, adorável. É bom que conserves o hábito de tirar os pêlos das pernas — comentou, enquanto lhe passava uma mão pelas coxas. — Tens uns joelhos muito bonitos, Melody, assim como os calcanhares, e as tuas pernas são muito bem modeladas. — Obrigou-a a dar uma volta. — Olha para este cabelo. Vê como cai, abundante, até a cintura. E essa cor tão peculiar que contrasta tão bem com a tua pele clara.

— É ruivo — queixou-se.

— Não, não é, mas qual seria o problema se fosse?

— Não gosto do cabelo ruivo.

— A tua cor não é ruiva, Melody querida. É uma estranha mistura de um castanho avermelhado e de louro. Difícil de definir — admitiu. — Alguma vez olhaste com atenção para as tuas feições? — e pegou-lhe no queixo.

— Quero dizer, enquanto andas preocupada a salvar os escravos de todo o vice-reinado, alguma vez paraste para admirar as tuas feições e perceber como são bonitas? — Melody riu-se, divertida. — O teu corpo tem a forma de uma pêra. Repara, és fina na cintura e generosa e arredondada na zona das nádegas.

Melody deu meia-volta, afastou os caracóis, afastando-os do ombro esquerdo e as cicatrizes surgiram refletidas no espelho. Ficaram ambas caladas, a observá-las.

— O desejo que o Imperador mostra em relação a ti não vai mudar por causa disso.

— São um símbolo da escravatura.

— Tu não és uma escrava.

— Sou, sim, sou escrava destas marcas e das recordações que lhes estão associadas.

— Se o Imperador é o homem com que sonhei, fará esquecer essas queimaduras.

Madame Odile agitou a campainha e apareceu a sua criada, a quem deu ordem para preparar o banho para Melody e escolher, entre as roupas das garotas um traje de montar e roupa interior. Melody nunca tinha entrado no toucador de madame, uma divisão pequena, forrada a tapetes, com uma tina de cobre no meio, espelhos por todo o lado, inclusivamente no tecto, e prateleiras a abarrotar de frascos que continham grande variedade de cremes e pomadas, enfeites, perfumes e loções. Havia pentes, escovas, rolos de cabelo e travessas e ainda postiços, perucas e peças de roupa delicada espalhadas sobre um divã e um biombo.

Enquanto Melody tomava banho, Odile, estendida no divã, contava-lhe "segredos". Apesar das impudicas confidências, Melody alimentava uma indecorosa necessidade de ser instruída por madame nas artes do amor e nos mistérios do corpo masculino.

— Não te direi mais nada — disse madame, pondo-se de pé. — Não permitirei que os meus relatos te privem da tua inocência, um néctar que o Imperador apreciará imensamente e que beberá com lentidão. Ele será o teu mestre e mentor. E acredita, minha querida, ninguém te ensinará melhor do que ele.

De volta ao quarto, e antes de a pentear, a criada ajudou-a a vestir a roupa interior. A suavidade do fino algodão de Holanda acariciou-lhe as pernas, e as barbas de baleia do espartilho reduziram-lhe a cintura e subiram-lhe os seios. Madame Odile indicou o penteado e escolheu um pequeno chapéu de pano cinzento, com penas de avestruz. O fato, com posto de um saiote e de um corpete de tafetá azul-marinho com botões de bronze, assentava-lhe como se tivesse sido feito por medida.

— Olha como conseguimos reduzir a cintura com o espartilho — salientou madame. — Até consigo abarcá-la com as minhas mãos.

— Não conseguirei montar tão apertada — queixou-se Melody.

— Ninguém disse que beleza e elegância eram cômodas, minha querida. E agora o toque final: o perfume. Uma mulher jamais deverá aparecer ao seu amante sem perfume. Nunca te esqueças disto.

Ouviu-se a campainha da porta da rua e, pouco depois, um rebuliço no andar de baixo. Algumas das garotas tinham-se levantado e o alvoroço era enorme.

— Deve ter chegado o presente que o alcaide prometeu à Ana Rita — conjecturou madame.

Ouviram-se risos, enquanto subiam a escada. A porta do quarto abriu-se. Era Arcelia.

— Melody está aqui com madame — disse, dirigindo-se às outras.

— Por aqui, Excelência — indicou Apolonia.

— Muito obrigado — disse Blackraven, e Melody ficou paralisada ao ouvir a sua voz.

Pronta a esconder-se no toucador, Odile agarrou-a pela cintura e obrigou-a a ficar ao seu lado. Melody só teve tempo de tirar o chapéu antes de Blackraven chegar à porta.

— Deixa-o ficar — pediu-lhe. — Ficas linda com ele.

Durante um breve instante, Odile manteve-se em silêncio, com uma expressão atordoada.

— *L'Empereur* – disse. — O nascido sob a influência do deus Marte — e avançou para Blackraven de mão estendida.

— Enchanté — disse Roger, inclinando-se para a beijar. — Roger Blackraven aos seus pés, senhora.

Continuaram a conversar em francês, trataram-se com cordialidade e riram-se até que as outras se queixaram porque não estavam a perceber nada. Melody não afastava os olhos de Blackraven que se mostrava desenvolto e natural, com maneiras impecáveis apesar da situação comprometedora. Percebeu a cobiça das garotas, a forma como o estudavam e as fantasias que faziam. Sentiu ciúme e teve vontade de o tirar dali do bordel.

— É muito bonito o anel que tem na mão, Excelência — comentou Odile, pegando na mão de Blackraven para o ver de perto.

Tratava-se de um desenho simples, em forma de trevo de quatro folhas, sem caule, que Blackraven usava no anelar da mão direita.

— Tem um estranho engaste, um pouco proeminente, diria eu. É uma opala, não é verdade?

— Assim é, madame.

— Dizem que a opala muda de tonalidade de acordo com o estado de espírito de quem a usa. A julgar por esse trevo, Sua Mercê encontra-se de muito bom humor.

— Não se enganou, madame. Agora que encontrei Isaura, estou, sim.

— Deveríamos ir andando, Excelência — interveio Melody.

— Vamos descer, então — propôs madame Odile, pondo-lhe o braço em volta da cintura para que ela descesse ao seu lado.

— Diga-me, Excelência, nasceu no mês de Novembro?

— Com efeito — surpreendeu-se Roger. — A dez de Novembro para ser mais exato. Como soube?

— Tudo indicava que Sua Mercê tivesse nascido sob o signo solar do Escorpião. O seu signo é regido pelo deus da guerra, o deus Marte, o que vos torna...

— Os melhores amantes — interrompeu Jimena, enquanto as outras soltavam uma gargalhada. Blackraven riu-se também.

— Oh, Melody! — exclamou madame Odile. — Não estejas com esse ar tão triste. Deus abençoou-te, pondo no teu caminho um homem nascido sob o signo do Escorpião.

— A minha mãe — disse Blackraven — conhece bem os signos do Zodíaco. Também ela é Escorpião.

— Pobre do homem que casa com uma mulher do Escorpião! — declarou madame Odile. — Terá nascido para a obediência e submissão.

— Talvez seja por isso que a minha mãe nunca encontrou marido — comentou Blackraven.

— Já Sua Mercê — prosseguiu madame Odile de imediato, não se detendo no comentário e atenta ao estremecimento de Melody —, tem muita sorte, pois a nossa querida menina é uma leoa mansa, com o maior coração que encontrei em toda a minha vida.

Blackraven pegou na mão de Melody e beijou-a, sem afastar por um momento os olhos dos dela.

— Tenho de voltar para El Retiro, Excelência. Os meninos já devem estar levantados.

— Sim, temos de ir — concordou Blackraven —, mas não para casa, Isaura. Hoje vou levar-te à cidade, às compras.

As garotas cercaram Melody, aconselhando-a sobre o que estava mais na moda, os melhores colares e outros enfeites, os perfumes mais sedutores, as lojas mais bem fornecidas, dando opiniões sobre se seria melhor escolher um creme esbranquiçado ou um de arroz e se era mais elegante um leque de penas ou um de renda.

Madame Odile puxou Blackraven à parte e disse-lhe em francês: — Excelência, isto é um bordel e eu sou a pessoa que o dirige. Sei que não é lugar para uma jovem como Melody. Talvez Sua Mercê não a deixe continuar a vir visitar-nos. Compreenderei. Só lhe peço que, de vez em quando, me autorize a mandar-lhe uma carta por um mensageiro e que, por sua vez, deixe Melody responder. As meninas e eu afeiçoamo-nos muito a ela e a Jimmy e gostaria de ir tendo notícias dela.

— Madame, agrada-me a sua franqueza, por isso vou responder-lhe do mesmo modo. É verdade: não permitirei que Isaura volte aqui, mas será uma honra para mim receber a sua visita em El Retiro.

— Excelência, a sua amabilidade me comove.

— Foram a sua generosidade e bondade para com Isaura que me comoveram. Será sempre bem recebida em minha casa. Ela contou-me que os recebeu, a ela e a Jimmy, nas piores condições.

— Nunca esquecerei essa noite — evocou madame. — Era uma noite de tempestade e vendaval e a casa não tinha um único cliente. Estávamos sozinhas, com a criadagem. Alguém bateu à porta de modo insistente e alarmante, e lá estavam eles, encharcados como dois pequeninos gansos, a tremer, os lábios roxos de frio. Como ia pô-los fora? Que cristã seria eu se fizesse tal coisa? O Jimmy não estava nada bem, porque é de natureza enfermiça. Mandei chamar o médico, mas ele só veio na manhã seguinte.

Com o passar dos dias, o Jimmy recuperou a saúde e não tive coragem de os mandar embora. Todos gostávamos dos nossos novos hóspedes e tínhamos nos afeiçoado a eles. Melody era muito trabalhadora e disposta a ajudar. Por isso ficaram largos meses, quase um ano, até que a contrataram como preceptora do seu afilhado.

Roger foi assaltado por uma dor semelhante à que experimentara na véspera ao ver as marcas do ferrete no ombro de Melody. O profundo amor que ela lhe inspirava mergulhava-o numa intricada rede de sentimentos que durante anos se recusara a acalentar para não ter de sofrer.

Voltou-se para olhar para ela e percebeu que as prioridades da sua vida, ambiciosas e transcendentes, desapareciam perante o brilho daquela jovem.

Valdemar atou uma arreata ao carro para prender *Fuoco* e, enquanto Blackraven dava indicações a Somar e a Trinaghanta, ambos sentados na boleia, Melody abraçou madame Odile.

— Minha querida — disse a mulher —, o Imperador permitiu que vos visitasse na sua casa em El Retiro. Mas não quero que voltes aqui, não é bom para a tua reputação. Faz o que te digo, minha linda, e não discutas este aspecto. Sê feliz. Não tenhas medo. Deus quis compensar-te por tanto sofrimento, pondo-te nas mãos de um homem como Roger Blackraven.

Que os teus medos e preconceitos não te impeçam de ser feliz. Vai, minha linda, vai. Que Deus te abençoe, meu amor.

Já na carruagem, Melody assomou à janela e acenou até que as silhuetas de madame Odile e das garotas desapareceram. Mesmo depois disso, manteve-se voltada para trás, tensa e envergonhada. Sobressaltou-se quando Blackraven correu a cortina e disse:

— Tens uns ombros adoráveis, meu amor, mas agora sinto uma necessidade premente dos teus lábios.

Melody fechou os olhos e susteve a respiração ao sentir que as mãos dele

deslizavam pela sua cintura e se colavam ao seu ventre. Puxou-a para si, afastou-lhe a trança e beijou-lhe a nuca. Melody deixou escapar um gemido, e Blackraven sorriu, feliz.

— Como cheiras bem! — disse, obrigando-a a voltar-se. — Olha para mim, Isaura.

Blackraven contemplava-a com uma paixão que lhe ruborizou as faces. Ele voltou a sorrir enternecido com a sua candura. Afastou-lhe uma madeixa da testa e, enquanto a observava com intensidade, perguntava a si próprio: "Que sofrimentos te couberam na vida, meu amor? Quem se atreveu a fazer-te mal e a causar-te sofrimento? Destruí-lo-ei com as minhas próprias mãos. É um juramento."

— Por que me olha assim?

— Quero recordar-te sempre como neste momento, tão bonita, tão fresca. Tão pura e tão distante das baixezas do mundo a que eu pertenço. És como uma brisa que afasta o ar doentio da minha vida. És especial, diferente de todos os que conheço. A tua frescura consegue sempre surpreender-me, o que não é fácil para um incrédulo como eu. Quem és tu, Isaura Maguire?

— Não sou ninguém, já lhe disse ontem. O senhor não quer acreditar.

— De agora em diante, sempre que alguém te perguntar: "Quem és, Isaura Maguire?", responderás: "A mulher que tirou a paz a Blackraven, aquela que ele deseja como a mais ninguém neste mundo, a que o deixa louco." — Melody riu-se incomodada com a lisonja.

— Não rias. Julguei que enlouquecia hoje de manhã quando não te encontrei em casa. Porque foste ver madame Odile?

— Falar com madame devolve-me a paz.

— E tinha-la perdido? — Melody baixou o rosto e assentiu.

— Por minha culpa?

Olhou novamente para ele. Blackraven era um homem forte e belo, com uma cova no queixo e feições poderosas. Acariciou-lhe a linha áspera do maxilar e do queixo, e, com a ponta do dedo desenhou-lhe o contorno do nariz e a grossa linha das sobrancelhas. Tocou-lhe nos lábios e reparou que ele tinha fechado os olhos e que da sua expressão desaparecera por completo toda a picardia.

O calor na cabina aumentara e o suor ensopava-lhe o corpete. Blackraven encostou mais o braço à volta da sua cintura e inclinou a cabeça até que os seus lábios acariciaram os dela, roçando muito ao de leve, tentando-a, excitando-a.

— Isaura... os teus lábios... nunca me cansarei deles — confessou-lhe e, como se a paciência se tivesse esfumado, agarrou-lhe a nuca e beijou-lhe a boca com sofreguidão como se fosse um marinheiro tosco, sabendo que iria arrepender-se de a ter tratado como se fosse uma mulher qualquer e não a jovem

assustada e inexperiente que era. Que era aquilo? Por amor de Deus! Não podia parar, um impulso irracional tomara conta dele, dele que jamais abandonava o seu cinismo e que era agora vítima de uma paixão como nunca havia experimentado nem mesmo nos seus anos de juventude.

Era um beijo quente e úmido, no qual respirava a anarquia de Blackraven e o atrevimento das suas mãos enormes, que pareciam não se ajustar, pois percorriam-na da nuca à cintura e voltavam a subir, e apertavam-na, unindo-a ao seu peito como se fosse possível fundirem-se num só. Melody sentia estimulante o ranger do couro do assento, os suspiros entrecortados de ambos, o fru-fru da sua saia, a fricção das mãos de Roger sobre sua casaquinha, o aroma do seu hálito e a suavidade dos cabelos dele entre os seus dedos.

— Não — gemeu, assustada, quando Blackraven a sentou.

— Nunca mais voltes a desaparecer de casa sem me avisar — ordenou-lhe, muito agitado, encostando a testa à dela. — Julguei que enlouquecia quando não te encontrei. Ninguém sabia dizer onde estavas. Retiro é uma zona de bandidos e errantes, Isaura. Se alguma coisa te acontecesse! — disse com veemência, acariciando-lhe o rosto com uma mão. — Comporto-me como um idiota quando se trata de ti. Maldita sejas, garota, que foi que me fizeste?

— Lamento, senhor.

— Não voltes a me chamar senhor, não depois de teres gemido com os meus beijos. Para ti, sou Roger, e promete-me que não te afastarás nunca de mim.

Melody que prezava a sua liberdade acima de tudo, naquele momento não se atreveu a contrariá-lo.

— Prometo, Roger.

Blackraven abriu ambas as janelas para que o ar se renovasse dentro da cabina. A brisa secou-lhes o suor e ajudou a sossegar os seus ânimos.

Melody tentou voltar para o seu assento, mas Blackraven impediu-a.

— Lembra-te — sussurrou-lhe ao ouvido — de que estou em dívida para contigo. Ontem ganhaste a corrida e tens direito a pedir-me o que quiseres.

— Não preciso de nada, a sério.

— Estás a mentir. Ontem ouvi muito bem a Béatrice dizer-te que andas praticamente despida, que não tens roupa. Não que a ideia de te ver sem roupa me desagrade, mas isso será apenas na nossa intimidade. Durante o resto do tempo quero-te bem protegida — Melody corou. — Meu amor, adoro a tua candura, mas terás de começar a aceitar a ideia de que, num futuro próximo, te despirás para mim. Na verdade serei *eu* a despir-te.

— Talvez precise de umas blusas — balbuciou.

— Está bem, mas isso não conta para o prêmio. Iremos às compras porque quero que tenhas o guarda-roupa mais completo e mais elegante do Rio da Prata.

Mas tens de me pedir outra coisa, o que quiseres. Não há nada que queiras pedir-me?

— Na verdade, há sim, Roger, Há uma coisa que desejo.

— Pede-me o que quiseres.

— Dentro de alguns dias — disse Melody, com alguma hesitação —, o senhor Warnes rematará uma família de escravos e não...

Roger soltou uma gargalhada.

— Isaura, quero que me peças uma coisa para ti, não para os escravos.

— Isto que vou pedir é para mim, me fará feliz. Porque o senhor Warnes não se importa de vender a família separadamente, e acho muito cruel que arranquem as crianças do seio das suas mães, cruel e pouco cristão, como se essa gente não tivesse sentimentos, como se fossem animais, que não são, Roger, não são e ninguém tem compaixão deles.

— Tens tu. Tu compadeces-te deles — disse, enquanto lhe acariciava a maçã do rosto com as costas da mão. — Enviarei por escrito a minha oferta a Warnes para que me venda a família completa.

— Roger, obrigada! Fazes-me muito feliz!

— Amo-te, Isaura. — O sorriso desvaneceu-se dos lábios de Melody que ficou a olhá-lo. — Amo-te como nunca amei ninguém.

Ela baixou o rosto para ocultar as lágrimas.

— Tenho medo.

— Não tenhas, por amor de Deus, não tenhas medo — suplicou ele.

— Não é de ti que tenho medo, é desta felicidade. Tenho medo que acabe, como acabam todos os sonhos.

— Isaura — disse Blackraven com uma solenidade que a obrigou a levantar os olhos. — Não achas que sou suficientemente forte para te proteger e proteger o nosso amor?

— Eu não sou uma mulher à tua altura, Roger. Tu não sabes nada da minha vida.

— Isaura, não existe nada na tua vida ou no teu passado que possa mudar o meu amor por ti. Quero que sejas feliz, *eu* quero fazer-te feliz. Esquece que alguma vez a tristeza fez parte da tua vida. Confia em mim. Eu tomarei conta de tudo, e nada nem ninguém destruirá a nossa felicidade.

Bernabela entrou na casa da calle de Santiago e atirou as luvas e a mantilha para as mãos de Éfren. Aos gritos pediu a Cunegunda que fosse chamar o seu irmão Diogo.

— Se não estiver em casa procura-o seja onde for. Pouco importa que tenhas de o arrancar da cama de Gabina ou de outra rameira qualquer. Estou à espera dele no meu quarto.

Diogo apareceu poucos minutos mais tarde e aproximou-se de Bela com aquele ar descontraído que costumava ostentar sempre que os assuntos o incomodavam.

— Precisas de alguma coisa, querida Bela?

— Sim. Vou encarregar-te de um trabalho de grande importância.

— Em troca de quê?

— Não achas suficiente viveres à sombra do meu marido? Ainda queres mais?

— Trabalho para ganhar o que recebo — respondeu o homem.

— Sim, claro.

Como Diogo fizesse menção de abandonar o quarto, Bela levantou-se a agarrou-o.

— Está bem — concordou. — Dar-te-ei o dinheiro que me pediste ontem para saldares as tuas dívidas de jogo.

— Não tens um cêntimo.

— Venderei a joia de rubis.

— É assim tão importante esse trabalho de que me queres encarregar?

— Trata-se de Miss Melody.

— Deixa-a em paz, por favor — interveio Diogo. — É uma pobre garota, que mal pode fazer-te?

— Cala-te! Não a defendas. Eu já faria qualquer coisa só para me vingar de ela ter aberto a gaiola dos meus pássaros, o que não farei para a afastar de Roger!

— São meras conjecturas e boatos — arriscou Diogo. — Nada é certo.

Não podes acreditar em tudo o que Sabas diz. É um negro manhoso e aldrabão.

— Sim, meras conjecturas e boatos — zombou. — Pois fica a saber que é tudo verdade. Acabo de vir de casa de Marica Compson e sabes qual é o falatório do momento? Que esta manhã viram Miss Melody e Roger a fazer compras. Dizem que traziam medas de embrulhos e caixas.

Diogo mudou de expressão e acariciou o queixo.

— Estavam só os dois?

— Não — respondeu Bela. — Trinaghanta, a serva de Roger, acompanhava-os.

— Talvez estivessem a comprar roupa para as crianças.

— Por favor! — exclamou Bela, exasperada.

— Que queres que eu faça?

— Quero que averigúes tudo acerca do passado de Miss Melody. Sabas soube que ela vivia em Capilla del Señor, a norte de Buenos Aires. Quero que

vás até lá e obtenhas mais informações. O meu instinto diz-me que há algo escuro no passado dessa rapariguinha.

— Vou precisar de dinheiro para a viagem.

Bela meteu a mão na bolsa e retirou lá de dentro algumas moedas.

— Isto será o suficiente.

— Quando eu voltar — disse Diogo — terás vendido os rubis e me darás a quantia que te pedi ontem. Caso contrário, a informação que eu tenha conseguido em Capilla del Señor vai comigo para a cova.

O jovem Manuel Belgrano e o seu primo, Juan José Castelli, subiam calmamente em direção à casa de Roger Blackraven, na calle de San José.

— Não sabia que o conde de Stoneville tinha voltado de El Retiro — comentou Castelli.

— Os meus irmãos viram-no esta manhã no bazar de Infiestas. Logo a seguir enviei-lhe uma nota pedindo que nos recebesse e ele concordou.

— Manuel Belgrano tirou o relógio do casaco. — Já são quatro horas, a hora do encontro. É melhor apressarmos o passo.

— Confias nele? — perguntou Juan José.

— Confio que os interesses dele e os nossos não são incompatíveis. Em todos os encontros que tivemos, o conde de Stoneville deu-nos a entender que está de acordo com os ideais do partido independentista e que estaria disposto a apoiar-nos economicamente.

— Que quer ele em troca?

— O que querem todos os ingleses: livre comércio.

— Só isso?

— Propôs a construção de um porto em Buenos Aires — continuou Belgrano —, um porto onde barcos de grande porte possam fundear sem dificuldade. Desse modo poríamos fim à supremacia de Montevideu — explicou. — Exigiu para si o direito de cobrar os direitos de uso do referido porto até recuperar a totalidade do capital investido na obra.

— Não me agrada ver um estrangeiro a imiscuir-se em questões que pertencem à organização interna do governo — opinou Castelli.

— Juan, tens de ver que, para levar a cabo o plano que traçamos, vamos precisar de muito dinheiro. Caso contrário, não passamos de um grupo de homens de ideais nobres, nada mais. Para a concretização do nosso sonho de liberdade, necessitamos do vil metal, por muito abjecto que isso nos pareça. Com homens como Álzaga contra os nossos planos, não temos outra alternativa a não ser associarmo-nos a alguém como Blackraven.

— Dizem que o conde de Stoneville é um homem muito poderoso — comentou Castelli, mais com desconfiança do que com admiração — e que, com

a morte do pai herdará um título muito importante.

— Compreendo a tua apreensão, mas não te serviria de nada estabelecer uma aliança com um homem fraco.

— Segundo dom Martín José — Castelli referia-se a Altolaguirre, vizinho de Roger — Blackraven é um fisiocrata interessado na exploração dos recursos naturais do vice-reinado. Diz que ele até já falou em organizar expedições a lugares virgens.

— Só com homens engenhosos e empreendedores que trabalhem para o bem comum poderemos construir um país com cidadãos felizes e prósperos, Juan. Já se diz que a produção agrícola de El Retiro vai ser excelente, que a sua colheita de azeitonas e linho será a maior das fazendas da zona. E sabes bem que a propriedade, aqui há alguns anos, estava num abandono absoluto.

Blackraven recebeu-os na sala e ofereceu-lhes café e bebidas fortes.

Notou de imediato que Manuel Belgrano estava mais à vontade do que o seu primo, mas como sabia da influência do secretário do consulado sobre os outros, não se preocupou demasiado com o preconceito de Castelli. No processo de independência do Rio da Prata, Belgrano era a cabeça pensante e o iniciador da ideia de liberdade, provavelmente instilada pelas leituras dos autores proibidos, nascidos da Revolução Francesa.

— Soube da sugestão que o administrador da alfândega de Buenos Aires, o senhor Giménez de Mesa, fez ao rei D. Carlos — referiu Blackraven, e percebeu a expressão fugidia dos seus interlocutores. — Imagino que o consulado não esteja de acordo — prosseguiu.

— Não, claro que não — replicou Belgrano, um pouco surpreendido porque a proposta feita ao rei por Giménez de Mesa não era do conhecimento público. — Fechar a alfândega de Buenos Aires, ficando apenas a funcionar uma em Montevideu é absolutamente ridículo.

— Estou de acordo — disse Blackraven —, mas temos de admitir que as cargas e descargas de mercadorias são efetuadas nessa cidade devido à incapacidade do porto de Buenos Aires de receber barcos de grande envergadura. O senhor Giménez de Mesa tem um argumento bastante forte a seu favor — salientou — e é provável que o rei D. Carlos aceite o seu pedido porque, além do mais, sabe que Montevideu lhe será mais fiel.

Continuaram a conversar. A admiração e a surpresa dos criollos ia aumentando à medida que Blackraven lhes revelava os segredos de que estava a par e as suas estratégias.

— Não se tratará de um protetorado inglês — disse em resposta ao comentário de Castelli. — Eu não falo em nome do governo do meu país.

Julgo que o vice-reinado do Rio da Prata conta com homens suficientemente

esclarecidos para formarem o seu próprio governo, sem intervenção da metrópole, e para trazerem prosperidade a esta região. Eu estarei disposto a apoiar a revolução de ideias que desejem implantar aqui a troco de certas condições bastante acessíveis.

— O importante neste ponto — referiu Castelli — é definir que tipo de governo queremos, uma vez conseguida a independência.

— Uma monarquia parlamentar — propôs Belgrano —, como a que rege a Inglaterra.

Depois de Belgrano e Castelli, Blackraven recebeu dois comerciantes interessados em adquirir os frutos da sua quinta em Retiro. Tratou de pôr a correspondência em dia e não se esqueceu de enviar por escrito a sua oferta ao senhor Warnes pela família completa de escravos. Recebeu Alcides Valdéz y Inclán e visitou Luis na estalagem, reiterando o convite para o dia seguinte. O jovem mostrou-se muito entusiasmado perante a ideia de conhecer El Retiro. Começava a sentir-se farto da clausura, pois apesar de ajudar o doutor Moreno na tradução de *Du contrat social*, as horas pareciam-lhe eternas.

Blackraven despediu-se de Luis por volta das oito da noite, ansioso por regressar a casa. Isaura estaria à sua espera. Tinham passado juntos a manhã e as primeiras horas da tarde, e ele não se lembrava de um momento de maior prazer e mais divertido. Tinha-lhe comprado roupa, sapatos, chapéus, luvas, leques e cosméticos e, apesar de a ter obsequiado como a muitas das suas amantes, a experiência foi para ele inteiramente nova. Um sorriso de Melody fazia a diferença. A satisfação que era visível nos seus olhos valia bem as horas passadas de loja em loja. Queria que ela soubesse que ele poderia dar-lhe tudo, que nunca mais teria de passar necessidades.

— Estas lojas estão mal fornecidas — comentou. — Quando formos a Paris, deitaremos a baixo as mais famosas da rue de Rivoli.

— Paris? — surpreendeu-se Melody.

— Sim, Paris. Vais adorar Paris, Isaura, verás.

Blackraven entrou na casa de San José pelas traseiras, onde deu com Somar que ajustava os correões da carruagem. O turco agarrou nas rédeas de *Black Jack* e comentou: — Não vamos poder voltar a El Retiro esta noite. Dizem que vai haver tempestade. É perigoso aventurarmo-nos.

— É verdade — disse Blackraven —, acabo de ver as enormes nuvens que se estendem para norte. Ficaremos aqui esta noite e, se os caminhos não estiverem encharcados, partiremos de manhã cedo para El Retiro. O Luis virá conosco. Onde está Isaura?

— Na sala. Chegou há pouco a harpa que encomendaste.

Os acordes chegaram-lhe do pátio principal. Deslizou até a sala, e nem

Melody nem Trinaghanta o ouviram. Manteve-se a uma certa distância, de olhos fechados, enquanto a música o envolvia e serenava. Quando acabou de tocar, Melody viu-o e correu para ele.

— Roger! — exclamou. — É magnífica! A harpa mais bela que vi até hoje!

Blackraven abraçou-a e apoiou-lhe a face sobre a cabeça.

— É tua, comprei-a para ti.

— Obrigada. Deste-me tanto que não sei o que dizer.

— Beija-me só.

Trinaghanta desapareceu no momento em que Blackraven procurava os lábios de Melody e começava a beijá-la de modo apaixonado.

— Senti tanto a tua falta esta tarde — disse ele.

— Eu, pelo contrário — brincou ela —, nem me lembrei de ti — e riu perante a careta de Blackraven. — Culpa sua, Excelência, por me ter comprado tantas coisas bonitas com que me entreter. O dia passou num ápice. Acabo de me dar conta de que já escureceu e temos de voltar para El Retiro.

— Não voltaremos para El Retiro. Vamos passar a noite aqui.

— Não — opôs-se Melody, afastando-se.

— Isaura, logo teremos uma forte tempestade e não é conveniente que nos aventuremos. Voltamos amanhã quando o tempo abrir.

— Jimmy nunca passou uma noite longe de mim. Vai ter medo e ficar aflito, não saberá o que fazer. Pensará que me aconteceu alguma coisa de mal. Já deve ter achado estranho eu ausentar-me durante todo o dia.

— Meu amor, não quero que te preocupes. Jimmy vai ficar bem. Béatrice e os meninos vão entender que a tempestade nos impediu de voltar.

— Não vou ficar tranquila, Roger. Se Jimmy tiver alguma crise durante a noite ninguém vai dar por nada. Eu vou voltar agora mesmo.

— Isaura — disse Blackraven, agarrando-a pelo braço —, tu confias em mim? — ela assentiu sem o olhar nos olhos. — Olha para mim e diz-me se confias.

— Sim, confio em ti.

— Nesse caso, acredita quando te digo que nada de mal vai acontecer ao teu irmão. Amanhã vais encontrá-lo melhor do que o deixaste. Béatrice é uma mulher sensata e vai saber tratar de tudo.

Melody abraçou Blackraven e escondeu o rosto no seu peito. Apesar de se sentir profundamente inquieta não queria trair o seu voto de confiança. Proferiu uma rápida oração, encomendando Jimmy à Virgem e afastou-se de Blackraven, sorrindo-lhe.

— Quero ver-te sempre assim, com um sorriso nos lábios.

Durante o jantar, Melody foi quem falou mais. Contou-lhe que os seus

amigos tinham vindo visitá-la, e Blackraven não precisou que ela explicasse que se tratava de um grupo de escravos cheios de maleitas e problemas. Ela mostrava-se tão satisfeita, enquanto contava as pequenas histórias, que ele se sentia igualmente gratificado. Depois da sobremesa, Blackraven pousou sobre a mesa uma pequena caixa e um estojo azul.

Melody olhou atentamente antes de perguntar.

— São para mim?

— São o teu prêmio por teres ganho a corrida de ontem.

— Já me deste o prêmio, prometendo-me que irias impedir que o senhor Warnes separasse aquela família.

— E cumpri a minha promessa. Enviei-lhe hoje à tarde a minha oferta por escrito. Mas isso não conta como prêmio. Sabia que tu não mo pedirias por isso comprei-o por ti. Abre primeiro — e apontou para a caixa.

Continha um pequeno frasco com essência de perfume. Blackraven tirou-lhe da mão e abriu-o.

— É extrato de frangipani — disse —, uma das minhas fragrâncias preferidas — e aproximou a abertura do frasco do nariz de Melody.

— É muito requintado, sim. Obrigada.

— Sabia que irias gostar.

Passou-lhe a rolha pelos pulsos e pela base do pescoço.

— Um dia, só usarás este perfume para mim.

Melody baixou os olhos como se pudesse impedir aquele pensamento e Blackraven, pondo-lhe a mão no queixo, levantou-lhe o rosto.

— Abre o outro presente, meu amor.

Melody abriu-o e ficou a olhar para o conteúdo do pequeno estojo com uma expressão de perplexidade. Tratava-se de um solitário. O diamante, do tamanho de um grão-de-bico, cintilava à luz da vela.

— Gostaria de te ter comprado um melhor — declarou Roger —, mas este foi o mais adequado que consegui encontrar, dada a escassez do que encontrei. De qualquer modo, encomendei ao ourives um colar de safiras e diamantes que te ficará lindamente. Vais poder usá-lo durante a tertúlia.

— Roger — murmurou Melody —, é lindíssimo. Lindíssimo — repetiu. — Mas não posso aceitar.

Blackraven retirou o anel do estojo e fê-lo deslizar pelo dedo de Melody.

— Isaura — disse. — Dar-me-ias a honra de ser minha mulher?

As lágrimas banharam as faces de Melody. Os seus olhos toldaram-se, ao mesmo tempo que o brilho do diamante, sob o efeito da luz, a encandeava. Blackraven levantou-se e tomou-a nos braços.

— Não vais responder? — perguntou-lhe ao ouvido.

— Eu não sou ninguém — conseguiu articular.

— Já te disse que és tudo para mim.

— A senhorita Béatrice diz que quem casar contigo virá um dia a ser duquesa. — Ele franziu o sobrolho e assentiu. — E eu não saberei comportar-me como uma duquesa. Sabes bem como sou. A minha mãe dizia sempre que eu era uma selvagem. Menina selvagem, era como me chamava. Olha para mim! Qual era a duquesa que teria este cabelo e estas feições tão pouco delicadas, e este corpo desengraçado? Não suportaria a ideia de te envergonhar, Roger! Não saberia como comportar-me entre os teus nem como vestir-me, e menos ainda como preparar uma mesa ou...

Blackraven abraçou-a com paixão e calou-a com um beijo. Sem afastar os lábios exigiu-lhe: — Responde-me, Isaura. Dá-me a resposta que eu quero ouvir. Diz que serás minha mulher para sempre, que o jurarás perante Deus. Diz.

— Vais envergonhar-te de mim.

— Tonta! — pronunciou com um ímpeto que a assustou. — Será que não te dás conta de que estou louco de amor por ti? Que não vivo desde que te conheci? Que me transtornaste por completo? Que só penso em ti, noite e dia e que nem eu mesmo entendo a profundidade deste amor?

Responde-me! — exigiu.

— Sim, serei tua mulher. Tua para sempre.

— Isaura, meu amor. Meu amor! — repetiu, enquanto lhe cobria o rosto de beijos.

Horas mais tarde, Blackraven continuava no seu escritório, reclinado sobre a secretária, a cabeça apoiada em ambas as mãos. Pensava em Melody, a dormir num quarto afastado. Poucas vezes precisou tanto da sua força de vontade para a deixar ir quando tudo o que desejava era tê-la entre os seus braços, levá-la para o quarto e amá-la até o amanhecer. Mas ela não estava preparada para o receber.

Escutou o que lhe dizia o vento: meia-noite com céu nublado. Vestiu a jaqueta, pegou no estoque e dirigiu-se às traseiras da casa. Abriu o portão da cocheira e saiu. Desceu pela calle de Santiago e, perto da alameda, de acordo com o combinado, encontrou-se com O'Maley, o seu espião, o que se misturava com as classes baixas. Zorrilla, o seu outro informador, mantinha-se a par das atividades da alta sociedade e dos funcionários do governo.

O irlandês O'Maley falou durante alguns minutos naquele inglês tosco que Blackraven costumava ouvir entre os seus marinheiros.

— Buenos Aires amanheceu com este pasquim nas ruas — disse o espião, entregando-o.

De conteúdo revolucionário, o libelo exigia o fim do domínio espanhol e a liberdade para a região do Prata. Blackraven leu-o mais do que uma vez e

concluiu que os independentistas não tinham nada a ver com aquela mensagem.

— Isto foi um grupo de jacobinos — opinou O'Maley.

— Sabes onde os imprimem?

— Não sei ao certo — admitiu o irlandês. — Creio que contam com uma imprensa na cave da casa onde se reúnem.

— Voltaste a ver Traver nessa casa? — referia-se ao pretendente de Béatrice.

O'Maley falou-lhe sobre as atividades do comerciante escocês. Um comentário, algo que teria passado despercebido a qualquer outro, chamou a atenção de Blackraven.

— Dizes-me que Traver começou a frequentar Los Tres Reyes? — o espião assentiu. — Que faz ele lá?

— Aparece todos os dias à mesma hora: quatro da tarde. Senta-se à mesma mesa, toma café, às vezes chocolate, lê o *Telégrafo Mercantil*, conversa com um ou outro cliente. Não mais do que isso.

Embora não existisse qualquer motivo válido para desconfiar daquela conduta, Blackraven não acreditava em coincidências. Era ali que Luis estava hospedado e isso bastava para o alarmar. Perguntou-se o que levaria um homem que não costumava frequentar Los Tres Reyes a começar a fazê-lo naquele momento, e o que era pior, às quatro da tarde, hora em que Luis se encontrava com Mariano Moreno para trabalharem na tradução do livro de Rousseau. Voltou à questão da loja jacobina e do libelo.

— Tenho ainda de me livrar desses franceses — declarou Blackraven.

— Estão a atrapalhar. Vais enviar um bilhete anônimo ao vice-rei, sugerindo as possíveis atividades dos franceses. Indicar-lhe-ás o lugar onde se reúnem. Veremos o que acontece.

Entregou ao espião algumas moedas e afastou-se em direção à zona do Mondongo, o bairro que os negros ocupavam na margem do rio. Perdeu pouco tempo a pensar que aquele lugar era escuro e tenebroso e embrenhou-se nas suas ruas de terra batida. Não sabia onde ficava a casa de Papá Justicia e caminhou sem rumo na esperança de encontrar alguém que lha indicasse. Não era noite de *candombe* e o silêncio tornava aquele subúrbio de pequenas casas de adobe e junco ainda mais lúgubre e repleto de cheiros nauseabundos.

Um ruído quase imperceptível chamou-lhe a atenção. Podia tratar-se de um animal, embora não tivesse posto de parte a possibilidade de serem assaltantes. Continuou a andar, ao mesmo tempo que tentava identificar a origem do som. Poucos segundos mais tarde, uma figura corpulenta cortou-lhe a passagem e ele percebeu que tinha pelo menos outro homem atrás de si. Avaliou as possibilidades e manteve-se imóvel no meio da rua.

O homem avançou para ele. Se não usasse uma camisa branca se confundiria

com a noite. Era um negro de estatura média, mas de porte sólido. Brandia uma arma aguçada na mão direita, provavelmente de osso.

— Vamos — disse —, dê-me tudo o que tem.

— Diz-me onde posso encontrar o Papá Justicia — respondeu Blackraven — e não será ainda esta noite que morres.

Ouviram-se gargalhadas e percebeu que, a pouca distância atrás de si, havia, na verdade, dois ou mais homens. O corpulento começou a aproximar-se e Blackraven a recuar. Foi rodeado pelos três salteadores que faziam fintas com as suas rudimentares armas brancas, enquanto o que parecia ser o chefe repetia a sua exigência.

— Dou-vos o meu relógio de ouro — ofereceu Blackraven, e meteu a mão dentro da jaqueta.

Apanhou-os de surpresa. Sem se voltar, lançou para trás a faca que trazia à cintura, que espetou no peito de um dos ladrões. Em seguida, desembainhou a espada oculta no seu bastão e, com movimentos rápidos, dominou os outros dois. Um deles, ferido no estômago, fugiu aos zigue-zagues até desaparecer no escuro. O outro, o chefe, permaneceu no chão com a bota de Blackraven sobre a sua garganta.

— Diz-me onde é a casa de Papá Justicia e te deixarei viver — exigiu, enquanto apoiava a ponta do estoque na sua bochecha.

O negro, atrapalhado, deu-lhe as indicações necessárias. Blackraven retirou a espada e dirigiu-se ao outro que ainda estava estendido no chão.

Com um gesto brusco desenterrou a arma e limpou o fio da navalha à camisa do homem. Ao passar junto do chefe do grupo, apontou para o companheiro e aconselhou: — Será melhor que o leves a um curandeiro qualquer ou vai esvair-se em sangue — e afastou-se sem voltar a olhar para trás.

A casa de Papá Justicia era das poucas construídas com argamassa e telhas. Bateu à porta e teve de esperar alguns minutos até ouvir alguém que se aproximava. Papá Justicia manifestou grande surpresa ao vê-lo e sem dizer palavra, chegou-se para o lado fazendo-lhe sinal para que entrasse.

— Patrão Roger, que honra — disse. — Julguei que iríamos comunicar através de Somar.

Indicou-lhe uma cadeira e ofereceu-lhe um pouco de pão *casabe*.

— Não vim fazer perguntas sobre a revolta dos escravos, o que me traz aqui é outra questão.

— Pergunte à vontade, patrão Roger.

— Que sabes de Isaura Maguire?

— Já lhe disse tudo o que sabia, patrão Roger.

— Que sabes do seu irmão Tomás Maguire?

— Conheço-o — admitiu o ancião. — É almocreve, dos que acampam nas margens do rio.

— E o seu amigo Pablo, também o conheces? — Justicia assentiu. — Que podes dizer-me a seu respeito? Em que andam metidos esses dois?

Papá Justicia pensou um pouco antes de confessar: — O Tomás e o Pablo estão comigo na revolta, patrão Roger.

Blackraven levantou-se num gesto súbito.

— Que têm esses dois imberbes a ver com uma revolta de escravos?

— Tommy diz que não se trata apenas de uma revolta de escravos. Segundo ele é uma revolta pela liberdade de todos, dos escravos e dos criollos. É um bom rapaz, patrão Roger, um pouco exaltado, cheio de ideias de igualdade e liberdade. Diz que odeia quem subjuga outros seres.

Falaram sobre os progressos da revolta, os preparativos, a estratégia e, sobretudo, sobre a participação do jovem Maguire. Embora Blackraven conhecesse os pormenores, o fato de o irmão de Melody fazer parte da conspiração lançava uma luz inesperada nas informações.

— Continua a manter-me informado como tens feito até agora, através do Somar — disse enquanto se dirigia para a porta. — Boa-noite, Justicia.

— Boa-noite, patrão Roger.

Sabas agachou-se atrás de uns vasos de barro à espera que Blackraven se despedisse e saísse da casa de Papá Justicia. Teria gostado de o surpreender por trás e de o degolar para se vingar das oitenta chicotadas que ainda lhe marcavam as costas. Mas não tinha coragem para tanto. Vira como aquele homem sozinho se desenvencilhara quase sem esforço dos três salteadores. Bastava-lhe a conversa que o ouvira ter com Papá Justicia.

Já sabia como tirar partido disso.

Começavam a cair as primeiras gotas de chuva quando Blackraven chegou a casa. Eram cerca de três horas da manhã. Não costumava dormir muitas horas e o seu sono nunca era profundo, mas nessa noite queria descansar. Estava muito calor, por isso, enquanto atravessava o pátio e a sala, ia tirando a jaqueta e desapertando o laço. Quando entrou no quarto já levava a camisa na mão.

— Muito me alegra esse teu desejo de te despires — disse Bela, da cama. — Vem cá, querido, eu tiro-te as calças.

Envolvido num silêncio abjecto, Blackraven saiu do quarto e, a passos largos dirigiu-se ao quarto onde Melody dormia. Aproximou-se da cama e correu a gaze do dossel. A jovem dormia serenamente com a mão esquerda cruzada sobre o peito. Não retirara a joia que ele lhe oferecera, o que lhe agradou bastante. Queria beijar-lhe os lábios, mas não se atreveu, não fosse ela acordar.

No corredor, Bela esperava-o, apenas coberta por um robe transparente.

— Por que não me perguntaste como estava Miss Melody? Mal cheguei, eu mesma fui ao seu quarto certificar-me de que dormia como um anjo.

Blackraven arrastou-a até o quarto. Fechou a porta antes de falar.

— Dá-me a chave desta casa — exigiu.

— Roger querido...

— Não voltes a entrar aqui sem a minha autorização.

— É por causa dessa garota, não é? É por ela que me afastas de ti.

— Bela, sabes bem que não sou um homem paciente. Dá-me a chave e vai-te embora.

— Não. Sou a tua mulher e tenho direito de entrar aqui quantas vezes me apetecer.

— O que havia entre nós terminou — declarou Blackraven, e Bela ficou a olhar para ele com uma expressão de espanto. — Não posso continuar a arriscar. Mais tarde ou mais cedo, Valdéz y Inclán acabará por saber o que há entre nós e isso não me convêm. Vamos, dá-me a chave e vai-te embora. Vou acordar Somar para que te acompanhe a casa.

— Não. Não quero ir. Quero ficar contigo. Quero que faças amor comigo.

— Bela, por favor, tens de entender. Se o teu marido fica a saber do que há entre nós...

— Antes não parecias incomodado por eu ser casada.

— Foi um erro envolver-me com a mulher do meu sócio. Não quero ter problemas com ele.

— Valdéz y Inclán não viverá para sempre, Roger. Está velho e doente.

Não lhe resta muito tempo. Depois disso nós os dois poderemos casar e ser felizes. — Blackraven olhou para ela alarmado.

— Pensas que sou estúpida? Pensas que não percebo que me deixas por Miss Melody? Pouco te importa Valdéz y Inclán. É por ela que estás a pôr-me de parte. *Eu* sou tua mulher, não essa selvagem protetora dos negros. Que pode ela dar-te? Não tem refinamento algum, é uma *criolla* sem classe nem estilo. Nunca permitirei que me deixes por alguém tão vulgar! Antes de te ver com ela, destruí-la-ei.

Blackraven precipitou-se sobre Bela, agarrou-a pelos braços e sacudiu-a com violência.

— Nunca bati numa mulher, Bernabela, mas neste momento sinto-me muito tentado a fazê-lo. Esquece-me. O que houve entre nós foi uma aventura. Eu não te amo e nunca me casaria contigo. Quanto a Isaura, não te atrevas a chegar perto dela ou ficarás a saber do que eu sou capaz.

— *Tu* é que vais saber do que eu sou capaz. Vou mostrar-te que a tua doce Miss Melody não é o anjo que te traz enfeitiçado.

— Vá, veste-te — ordenou, enquanto lhe entregava o vestido. — Quero-te fora daqui. A chave — exigiu de novo.

Bela retirou-a da bolsinha e jogou-a. Pouco importava; já tinha mandado fazer uma cópia.

XIV

Apesar de a tempestade da noite anterior não se ter abatido sobre Buenos Aires de acordo com os prognósticos, Blackraven não pôde partir para El Retiro logo de manhã cedo. Por volta das sete horas, enquanto tomavam o pequeno-almoço, um grupo de escravas apresentou-se na casa de San José pedindo para falar com o *Anjo Negro*. Melody sentou-as à volta da mesa da cozinha para que lhe explicassem o problema.

Na noite anterior, em casa dos Cañarte, tinham falecido duas crianças, o filho mais novo do patrão e o bebé de Palmira, uma das escravas. As crianças não tinham nem uma semana de idade e, pela descrição dos sintomas, Melody deduziu que tinham sido vítimas do mal dos sete dias, uma espécie de epilepsia que atacava os recém-nascidos e que podia evitar-se pondo óleo de copaíba no cordão umbilical.

A senhora Cañarte culpava o bebé de Palmira pela morte do seu filho.

Dizia que este o havia contagiado com a sua peste. Mandou que vestissem o seu filho de São Miguel Arcanjo e o negrito de diabo. Palmira suplicava e chorava, mas a patroa mostrava-se inabalável. No salão principal, repleto de velas e crucifixos, colocaram os dois pequenos caixões, um branco e outro preto, e neles, um anjo e um diabo.

— Isaura — tentou demovê-la Blackraven —, esse pequeno, por muito morto que esteja, é propriedade da família Cañarte e não há nada que tu possas fazer. Se os patrões decidiram vesti-lo de diabo, estão no seu pleno direito.

— Por amor de Deus, Roger, não digas isso. Não tens pena dessa pobre mãe duplamente massacrada com a morte do filho e a desonra de o ver vestido de diabo? Vou a casa dos Cañarte tirá-lo dali.

— Isaura, não farás tal coisa! — zangou-se Blackraven. — Com que direito vais irromper pela casa dentro e retirar o cadáver? Vais acabar numa masmorra do Cabildo.

— Roger, ajuda-me, por favor.

Duas horas mais tarde, Blackraven voltava a casa acompanhado do procurador do Cabildo, dom Benito de Iglesias, que, comovido com a história do negrinho mascarado de diabo, emitiu uma ordem para que lhe tirassem imediatamente a infame vestimenta. O funcionário convocou o comissário do bairro de Monserrat, onde decorria o velório, a fim de os escoltar para o caso de oferecerem resistência.

Melody, Blackraven, o procurador Iglesias e o comissário apresentaram-se na

sala da família Cañarte. O espetáculo era tão grosseiro e grotesco que Melody teve de reprimir o impulso de desatar aos gritos, abandonando todo o decoro. O ar, viciado devido ao calor, às pessoas e às velas, tornava-se irrespirável com o incenso que os turibulários agitavam sobre os caixões, enquanto um sacerdote, indiferente ao disfarce da criança e às súplicas de Palmira, oficiava o responso. A voz monótona do padre, misturava-se com os gemidos das carpideiras que, contratadas para a ocasião, com os seus lenços cheios de cebola para provocar as lágrimas, fingiam uma dor que não sentiam. Algumas senhoras disputavam o corpo do anjinho, porque antes do enterro, queriam que visitasse as suas casas para as benzer. Melody observava tudo à sua volta e perguntava-se se ninguém se daria conta de que a miséria humana se havia espalhado naquela sala.

Após a ordem do procurador Iglesias, a senhora Cañarte desatou aos gritos, chorando até que o marido interveio.

— Proceda — indicou ao comissário, arrastando a mulher para o interior da casa.

Os presentes calaram-se, as próprias carpideiras emudeceram quando uma garota alta, de estranho cabelo arruivado e envolta num xale preto, se aproximou do caixão do filho de Palmira e tomou-o nos braços. Um murmúrio percorreu a sala. Algumas pessoas perguntaram-se se não se trataria do *Anjo Negro*, esse paladino dos escravos que muitos julgavam não passar de uma lenda. Todos acompanhavam com o olhar os movimentos da jovem que pousou o bebé sobre uma mesa e que, antes de começar a despir-lhe a roupa de diabo, lhe beijou a testa.

A negra Palmira, ao seu lado, chorava em silêncio.

Tal como os outros, também Blackraven se sentiu cativado com a paz de Melody. Via-a serena e bela com o menino nos braços. Colocou-o sobre a peça de brocado branco que ele lhe tinha oferecido na véspera e envolveu-o. Algumas mulheres comentaram que aquele tecido se pagava a peso de ouro, outras referiram o magnífico solitário que ela usava na mão esquerda e nenhuma deixou de reparar que chegara escoltada pelo conde de Stoneville.

Roger Blackraven, por seu turno, pensava: “Quero que esta mulher seja a mãe dos meus filhos. Que se alimentem dos seus seios e herdem a sua nobreza e coragem.” Tal pensamento apanhou-o de surpresa. Nunca desejara ter filhos, pelo contrário, assim como Victoria, sempre os considerara um aborrecimento. Mas com Isaura tudo era diferente.

— Aqui tens o teu filho, Palmira — disse Melody, falando pela primeira vez, pondo-lhe o menino nos braços.

A escrava lançou-se ao chão e beijou-lhe os pés. Melody acocorou-se frente a ela e insistiu para que pegasse na criança.

— A senhorita é um anjo — disse a mulher entre lágrimas. — O anjo dos escravos.

Melody parou frente ao caixão do filho dos Cañarte, beijou-o na testa e partiu com Blackraven, o procurador e o comissário. Já na carruagem, desfez-se em pranto, encostada ao peito de Roger, num desalento físico e espiritual. Ele tomou-a nos braços e sussurrou: — Não quero que voltes a sofrer assim. Acabou-se o *Anjo Negro*.

Durante o caminho para El Retiro, os ânimos melhoraram graças à presença de um amigo de Blackraven, um jovem chamado Pierre Désoite, de personalidade alegre. Melody animou-se com a conversa culta dos dois. Ele gostava de geografia e fez inúmeras perguntas a Blackraven sobre o Médio Oriente. Tal como o senhor Désoite, Melody ficou boquiaberta ao ouvi-lo descrever o porto de Macassar, o reino de Sião, as ilhas da Sonda, o Mekong e o Menam como se tivesse nascido lá.

— Como foi que Vossa Excelência conheceu essas regiões distantes do planeta? — perguntou intrigada.

— Antes de mais, senhorita Isaura — disse Blackraven —, sou um navegador. Fiz-me ao mar quando era ainda muito jovem e é ao mar que devo tudo o que hoje tenho.

Estava um magnífico dia de Verão, de temperatura moderada e céu limpo que fazia sobressair a paisagem, cuja fertilidade fora exacerbada pela chuva da noite anterior. Da beira do barranco, assomado à janela, Pierre Désoite admirou a harmonia arquitetônica de El Retiro e, uma vez dentro da propriedade, elogiou a beleza do jardim.

— A senhorita Béatrice — explicou Melody —, prima da Sua Excelência, é quem tem a seu cargo o jardim. Ninguém como ela para fazer florescer a espécie mais obstinada. As plantas parecem render-se às suas mãos extraordinárias.

— A minha mãe — comentou Désoite — possuía o mesmo dom. Na Primavera, o seu jardim tornava-se tão exuberante que ela costumava dizer: “É quase vulgar.”

Melody sorriu ao avistar Jimmy que, juntamente com Víctor e Angelita, jogavam berlinda na entrada. Leonilda, Elisea e Béatrice estavam reunidas junto de um canteiro de buganvílias, onde algumas estacas se tinham soltado com a tempestade. Acompanhava-as um cavalheiro que levantou os olhos ao ouvir o som da carruagem. Era William Traver.

Somar retirou a pequena escada e ajudou Melody a descer. Esta correu para os garotos, enquanto Blackraven apresentava Désoite.

— Estimado Pierre — disse Roger —, apresento-lhe a minha prima, senhorita Béatrice Laurent. Béatrice, querida, este é o senhor Pierre Désoite, o

amigo de que te falei.

Désoite inclinou-se frente à mão estendida de Béatrice e beijou-a com delicadeza.

— É um prazer conhecê-la, senhorita — declarou em francês.

Béatrice não pronunciou uma única palavra, limitou-se a contemplá-lo com alguma perplexidade que fez Traver tossicar.

— Roger — disse Béatrice —, este é o senhor William Traver. Senhor William Traver — disse por sua vez —, permita que lhe apresente o meu primo, Roger Blackraven, conde de Stoneville.

Apertaram as mãos ao estilo inglês e inclinaram levemente o corpo.

— É uma honra conhecê-lo, Excelência — manifestou Traver, com um pronunciado sotaque escocês. — Agradeço muito o seu convite. É um dia magnífico num lugar magnífico.

— Chegou há pouco a harpa — anunciou Béatrice, dando o braço a Blackraven, enquanto se dirigiam para casa — e não sabíamos se deveríamos esperar-vos para o almoço — acrescentou. — Estávamos quase a começar sem vós.

— Um problema de última hora reteve-nos na cidade.

— Nada grave, espero — preocupou-se Béatrice.

— Nada de grave, querida — assegurou Blackraven.

Trocaram um olhar significativo antes de Béatrice sussurrar: — Preciso de falar contigo.

— Mais tarde.

Durante o almoço, Traver mostrou-se tão eloquente quanto a senhorita Béatrice se mostrou taciturna. Melody atribuiu o fato à irregularidade da sua conduta e à escandalosa chegada com Blackraven. De qualquer modo, percebeu que não era para ela que olhava e sim para o jovem Pierre Désoite, que parecia muito bem-disposto, comia com satisfação e falava tanto como o escocês. Blackraven, esse, mantinha-se calado e atento. De vez em quando lançava-lhe uns olhares que a faziam corar.

Mais tarde, na sala, Melody deleitou-os com a harpa, enquanto tomavam o café e a sobremesa. Béatrice pensou que a paixão com que o seu primo olhava para a preceptora mostrava claramente que a reclamava como propriedade sua.

— Miss Melody — disse-lhe Víctor ao ouvido —, cante a minha canção favorita, por favor.

Tratava-se de uma canção em gaélico que o seu pai lhe ensinara em menina e que relatava as aventuras de um duende e uma fada. A voz de Melody encantou os convidados com aquele matiz grave e tão peculiar.

Abstraído como estava, Blackraven ouviu Traver sussurrar a Béatrice: — Em

que língua está Miss Melody a cantar?

Manteve-se sereno, e ninguém se teria apercebido do vendaval que aquela pergunta provocou no seu interior. Que escocês era Traver que não identificava o gaélico, língua da Escócia e da Irlanda? Embora, na verdade, a de cada país apresentasse grandes diferenças, parecia-lhe impossível que um escocês não reconhecesse o gaélico, qualquer que fosse a sua origem.

Ele próprio, sendo inglês, tê-lo-ia distinguido entre milhares de idiomas.

— Está um dia maravilhoso para ficar em casa — declarou Béatrice. — Porque não mostramos o moinho e a nora ao senhor Désoite, Roger?

Traver e Désoite, juntamente com a senhorita Leonilda e Elisea, foram à frente em direção ao moinho, enquanto Melody seguia atrás com os garotos e *Sansão* mais devagar por causa de Jimmy. Béatrice deu o braço a Blackraven e aproveitou aquele momento a sós.

— Tu e Miss Melody deixaram-me aflitíssima, querido — protestou. — Embora ontem me tivesses dito que só vinhas ao anoitecer, nunca imaginei que fosses passar a noite na cidade.

— A tempestade reteve-nos.

— Que se passa entre ti e Miss Melody? — perguntou muito baixinho.

— Que te parece?

— Roger, por amor de Deus. Vejo-vos chegar aos dois juntos depois de terem desaparecido durante todo o dia de ontem. Que queres que eu pense? Isto é muito irregular.

— Ontem à noite pedi à senhorita Maguire que fosse minha esposa.

Ela aceitou.

Béatrice parou e ficou a olhar para ele.

— Assim, de um modo tão súbito? Roger, conheceste-a apenas há algumas semanas. — Ele fez um trejeito despreocupado, e ela admitiu: — Sim, já sei que estes argumentos não têm peso para ti. Fazes sempre o que queres, quando queres. De qualquer modo, Roger, pensaste que... — calou-se, como se medisse com prudência cada uma das suas palavras. — Miss Melody, a próxima duquesa de Guermeaux? — arriscou-se a perguntar.

— Deixas-me espantado, Marie. Tempos atrás disseste-me que esses problemas não te preocupavam.

— Não me preocupam — assegurou. — Penso em Miss Melody e em tudo o que terá de enfrentar para se tornar na tua duquesa. Ela não está preparada para ocupar esse lugar.

— O título do meu pai não tem a mais pequena importância para mim. Só me interessa que Isaura seja feliz.

— Desconheço-te.

— Achas-me assim tão vil a ponto de ser incapaz de amar sincera-mente uma mulher?

— Sabes muito bem que não te acho vil, mas nunca pensei que as mulheres tivessem relevância para ti, Roger.

— Na verdade, nunca tiveram até Isaura aparecer na minha vida.

— Ama-a tanto assim? — Blackraven olhou-a com a expressão séria de quem não brinca. — Nesse caso só me resta desejar-te felicidade e prosperidade ao seu lado — e beijou-lhe a face. — Deus premiou-te pela tua caridade para comigo e Víctor, pondo no teu caminho uma jovem como Miss Melody. Acredita, querido, nunca conheci criatura mais pura e bondosa.

— Acredito, Marie.

Reiniciaram a marcha.

— O solitário que Miss Melody tem no dedo é o anel de noivado?

— Não consegui nada melhor.

— Oh, mas é magnífico. Além disso, reparei na quantidade de embrulhos e caixas que Trinaghanta retirou da carruagem. Não estou enga-nada ao pensar que são para ela?

— Bem sabes que não tinha praticamente nada para vestir. Foi muito difícil conseguir que aceitasse o que lhe comprei.

— Fizeste bem em presenteá-la com abundância, por muito que ela tenha resistido. Não deveriam viver debaixo do mesmo teto agora que vão casar — acrescentou rapidamente como se pensasse em voz alta.

— Isaura é minha, Marie — disse Blackraven com uma calma estudada. — Não me separarei dela até o dia do casamento só para satisfazer as regras de uma sociedade de que sempre escarneci.

— É por ela que te peço, Roger. Vão destroçá-la.

— Estou aqui eu para a proteger. Ninguém lhe fará mal. Nunca. — Blackraven olhou para a prima de soslaio e comentou: — Ainda te acho pensativa. Há alguma coisa que te inquieta? Trata-se do senhor Traver?

— Não, não. Na verdade, estava a pensar no teu amigo, o senhor Désoite.

— Não te agradou?

— Muito pelo contrário. Pareceu-me um jovem extremamente simpático e animado. Acontece que, quando o vi, senti-me um pouco triste.

Sabes, Roger, os seus grandes olhos azuis e os caracóis dourados agitaram em mim a memória do meu querido irmão. Até a maneira de se expressar, a maneira de sorrir, aquelas covinhas que se formam junto às comissuras dos lábios. Enfim, era como se o meu irmão estivesse de novo aqui, à minha frente.

— Talvez o ser francês tenha tido alguma influência.

— Talvez — admitiu Béatrice. — O meu irmão morreu há muitos anos e

ainda não me resignei. Pensar que uma criança tão saudável, viva e inteligente como ele era, acabou escrofuloso e aleijado numa prisão como a do Temple é demasiado doloroso para mim.

— Dizem que o teu irmão não morreu no Temple, Marie.

— Sim, sim, já me disseste que corre o boato de que saiu com vida dessa pavorosa prisão. Mas já se passaram tantos anos que as minhas esperanças enfraqueceram. Hoje, ao conhecer o teu amigo, voltaram-me todas as recordações daqueles anos felizes. Sabes, Roger, penso muitas vezes em como seria o meu irmão Luis Carlos se tivesse chegado à idade adulta. Separaram-nos quando ele tinha oito anos e nunca mais voltei a vê-lo. Como estava na cela debaixo, eu e a minha tia Elizabeth costumávamos ouvi-lo. Os guardas e aquele grosseirão do Simón, o seu tutor, incentivavam-no a beber, a blasfemar e a insultar. Nós chorávamos e dávamos graças por a minha mãe não assistir à decadência do filho.

Blackraven passou-lhe um braço pelos ombros e puxou-a para si.

— Vamos, querida, não quero que te entristeças num dia como o de hoje. Esqueçamos o passado que é tão doloroso para nós os dois.

— Também não me esqueço de que, tal como nós, também tu sofreste terrivelmente. Mas tu és mais forte. Nunca te vi ir abaixo.

— Tu és uma mulher forte, Marie. Passaste por tanto e aqui estás, incólume e saudável com um sorriso para mim.

— Meu querido Roger! — exclamou abraçando-o pela cintura.

Foram interrompidos por uma gritaria que vinha do moinho. Alguns escravos saíram de rompante como que espantados por uma aparição. Ouviram-se latidos e exclamações, entre as quais predominava a voz de Bustillo. Blackraven apercebeu-se de que Traver e Désoite não estavam à vista e correu para lá sem perder tempo.

— Que se passa? — inquietou-se Melody quando chegou junto de Béatrice.

— Não sei. Ouvimos uma gritaria — e apontou para o moinho. — Roger foi ver o que está a acontecer.

— Fiquem aqui com a senhorita Béatrice — ordenou às crianças.

Espreitou o moinho e avistou Bustillo que agarrava o seu cão pela coleira, enquanto Blackraven lhe dava uma repreensão. Sentado num fardo de forragem, com Traver, Leonilda e Elisea à sua volta, estava Pierre Désoite, que agarrava o braço esquerdo. Tinha a camisa rasgada e, por entre os dedos, escorria sangue de uma ferida.

— Que foi que aconteceu? — perguntou.

— Este cão malvado atacou-o — explicou Leonilda.

— Será que ele tem raiva? — perguntou William Traver.

— Pode ficar tranquilo, senhor Désoite — afirmou Melody —, o cão não sofre de raiva. É um animal arisco, só isso. Já mordeu vários trabalhadores e nenhum teve sintomas de raiva.

— Deviam abatê-lo — lançou Traver.

— É um grande caçador de ratos, mantém este lugar limpo. A culpa é do Bustillo que o solta durante o dia para amedrontar os trabalhadores.

— Vamos para casa — indicou Blackraven contrariado. — Lá, Trinaghanta saberá como curar essa ferida.

Na sala, Blackraven, com um gesto brusco, abriu em dois a manga da camisa de Désoite, pondo-lhe o braço a descoberto. As várias cabeças inclinaram-se para observar o ferimento. Apesar de se tratar de cortes insignificantes, via-se bem onde o cão tinha fincado os dentes. Béatrice soltou um pequeno grito e endireitou-se recuando alguns passos.

— Que se passa, senhorita Laurent? — preocupou-se Traver. — Ficou muito pálida.

— O ferimento impressionou-me, só isso — murmurou. — Vou até o quarto descansar um pouco.

A seguir aos curativos, o grupo permaneceu na sala, onde se entretiveram a jogar ao voltarete. Melody que não gostava de jogos de cartas, tocou piano. Na véspera tinha comprado várias partituras que desejava ensaiar.

Antes do jantar, Blackraven pediu licença e foi para o seu escritório.

Poucos segundos mais tarde Somar bateu à porta.

— Esta noite, quando todos se tiverem deitado irei até a cidade. Preciso que prepares o *Black Jack*.

— Que se passa? — inquietou-se o turco. — Estás preocupado.

— É por causa de William Traver. Convidei-o para passar aqui a noite em El Retiro e ele aceitou. Por isso, vou aproveitar para ir a casa dele e investigar quem ele é na realidade. Certamente não é escocês como diz ser. Na minha ausência quero que, te mantenhas de olho vivo e montes guarda perto dos quartos. Se precisares dizes a Servando que te dê uma ajuda.

— Vais ficar na casa de San José?

— Não, voltarei mal termine a investigação. — Somar preparava-se para sair do escritório, quando Blackraven lhe ordenou: — Diz a Isaura que quero vê-la.

Melody foi encontrá-lo na sala de bilhar, com a perna esquerda apoiada numa esquina da mesa verde, enquanto atirava as bolas com a mão. Parecia absorto e ela não o chamou. Ao vê-la, na ombreira da porta, Blackraven dirigiu-se para ela.

— Somar disse que me querias ver.

Agarrou-a pela cintura e fechou a porta. Sem trocarem uma única palavra,

encostou-a à parede e começou a beijá-la. Melody lançou-lhe os braços ao pescoço e abandonou-se a esse momento apaixonado. Blackraven lançou o peso do seu corpo sobre ela e aprisionou-a contra a parede.

Logo a seguir, Melody apercebeu-se do volume que crescia à altura do seu ventre.

— Sim, queria ver-te — disse Roger. — Queria tocar-te. Foi um tormento estar perto de ti durante todo o dia sem te poder estreitar nos meus braços. Sabes às cerejas do rosolio. És tão doce, tão minha.

— Roger — suplicou Melody quando Blackraven afastou a boca da dela e lhe passou os lábios pelo decote. — Não — murmurou sem firmeza, ao perceber o rumo das suas mãos.

Atirou a cabeça para trás, oferecendo-se, censurando-se por não se mostrar escandalizada, enquanto os dedos de Blackraven lhe tocavam nos mamilos que assomavam através da fina musselina do corpete. Não era capaz de o travar. Perdera o domínio da sua própria vontade e, por estranho que parecesse, não sentia pudor. Blackraven atuava à vontade. Ela tornara-se pura e simplesmente vítima do feitiço que as suas mãos e a sua boca haviam lançado sobre a sensatez que lhe restava. Compreendeu a emoção que ele induzia nas outras mulheres e não se atreveu a julgá-las.

Era a primeira vez que acariciava os seios de Isaura, a primeira vez que apreciava a generosidade de uma fêmea jovem e fértil. Imaginou-os cheios de leite, e os seus filhos a saciarem-se e a ereção intensificou-se de um modo doloroso. Pronunciou um insulto em inglês e ficou quieto, quase a perder o controle. Nunca tal lhe havia acontecido, nem mesmo quando era um rapaz. As imagens que lhe vinham à mente não o ajudavam em nada a conservar o precário equilíbrio, e se continuasse a pensar no quanto desejava penetrar no mais profundo do seu corpo, sairia humilhado.

Melody abriu os olhos e travou as mãos de Blackraven quando este tentava tirar-lhe o corpete.

— Não — disse, com um desespero súbito. — Não quero que me vejas nua. Nunca.

— O teu corpo agora é meu — declarou ele. — Ver-te-ei nua e gozarei quando e onde quiser, quantas vezes quiser.

— Não — repetiu. — Estás a fazer-me sofrer com o que dizes.

— Ai estou a fazer-te sofrer — disse Roger ríspido e, de um modo autoritário, obrigou-a a voltar-se.

Melody sentiu o painel de madeira polida contra as faces e apoiou ambas as mãos à altura do rosto para se segurar, embora, na verdade, fosse o corpo de Blackraven que a mantinha contra a parede, com um braço em volta da sua

cintura. Beijava-a na nuca, mordiscava-lhe o pescoço e chupava o lóbulo da sua orelha, enquanto com a mão lhe acariciava a curva das nádegas, um gesto que, pela surpresa, a deixou muda.

Sem se preocupar com a sua perturbação, Blackraven insistia em que ela lhe pertencia e em que muito em breve seria sua mulher e que, com as mãos e a língua a conquistaria palmo a palmo. Que ninguém teria direito a ela a não ser ele e que mataria quem quer que se atrevesse a olhá-la com luxúria.

— Mato-o! Juro que o mato! — assegurou, enquanto lhe levantava a saia e lhe passava os dedos pelas pernas com a mesma veemência da sua declaração.

Melody susteve a respiração, quando Blackraven abriu a braguilha das calças e se encostou a ela, acariciando-lhe as nádegas, procurando o sexo, embrenhando-se com delicadeza.

— Não, por favor!

— Cala-te! — ordenou ele, acrescentando logo a seguir de modo gentil: — És suave aqui em baixo. E estás úmida. Preparada para mim.

— Roger, por favor!

Depois daquela súplica desesperada, Melody não conseguiu articular nem mais uma palavra. Mordeu o lábio e cerrou os olhos. Os seus sentidos haviam-se fechado, não via, não ouvia, não cheirava, apenas o tato parecia ter-se aguçado até o ponto de a fazer acreditar que o seu corpo se reduzia àquele órgão pequeno e volumoso que os dedos de Blackraven manipulavam como se o conhecessem havia muito tempo.

— Diz-me — sussurrou-lhe ao ouvido com ironia —, estou a fazer-te sofrer?

Melody reconhecia que, às vezes, quando andava a cavalo, havia experimentado uma pequena e intrigante sensação. As carícias de Blackraven transformavam essa sensação em impetuosos espasmos que se mesclavam com uma dor aguda.

Por que agitava os quadris? Por que gemia? As suas mãos agarraram-se à moldura do painel em busca de apoio, falhavam-lhe as pernas e as articulações, era o caos que lhe governava o corpo, a mão de Blackraven agitando-se a um ritmo crescente, à volta daquele vulto secreto que ela acabava de descobrir. De certo modo intuía que aquele ritual pressagiava um fim apoteótico.

Aconteceu ao mesmo tempo: sentiu a boca seca, um grito morreu-lhe na garganta e o corpo sofreu uma convulsão, fruto de uma descarga do mais fino e puro prazer que se propagou em ondas circulares pelas suas extremidades. Começou a gemer como se fosse alvo de uma dor aguda e não percebeu totalmente o que Blackraven lhe sussurrava ao ouvido.

— Isaura, que magnífico ouvir os teus gemidos! Nunca me cansarei de te dar prazer. Um dia, os teus gemidos e os meus se confundirão. Nessa altura o teu

corpo e o meu serão só um.

Melody mantinha os olhos fechados e a cabeça para trás sobre o peito de Blackraven, enquanto os seus seios agitados batiam na parede.

Com os últimos espasmos, a tensão dos seus membros foi-se reduzindo.

Largou a moldura de madeira e as suas mãos deslizaram pela parede até ficarem soltas e lassas junto ao corpo. Apenas a força de Blackraven a mantinha de pé.

Roger voltou-a e assustou-se ao vê-la tão pálida. Até os seus lábios tinham perdido a cor. A cabeça pesava-lhe e tinha o corpo bambo.

— Isaura, abre os olhos — ordenou-lhe, mas ela limitou-se a erguer as comissuras dos lábios num sorriso lânguido.

Tomou-a nos braços e levou-a até o sofá. Aproximou-lhe da boca um copo e obrigou-a a beber um gole de *brandy* que lhe queimou a garganta. Tossiu e recostou-se no sofá. Levou a mão ao sexo onde uma sensação que a enfraquecia era o último rasto daquilo que a havia deixado semi-inconsciente.

Blackraven sentou-se junto dela, aconchegou-a sobre o seu peito e beijou-lhe a fronte.

— Que foi que me aconteceu, Roger? O que foi que senti?

— O teu primeiro orgasmo, algo que se repetirá muitas outras vezes quando eu estiver dentro de ti. Isto é apenas uma antecipação para que nunca duvides de que, comigo, nunca irás sofrer, apenas ter prazer.

A arrogância e a desenvoltura de Blackraven fizeram-na estremecer.

Soergueu-se e observou-o como se estudasse os seus traços para lhe fazer o retrato.

— Foi maravilhoso o que acabamos de partilhar — disse ele. — És tão apaixonada. Permitiste-te sentir prazer livremente e deste-me tudo o que eu queria de ti.

Melody afastou o olhar, afectada por aquele momento de intimidade, escandalizada com as palavras de Blackraven, um pouco insegura e envergonhada. Passou-lhe a ponta do dedo pela cova do queixo e pela linha dos robustos maxilares, descobrindo que o nariz, direito e um pouco alongado à altura das fossas nasais, dava um ar primitivo ao conjunto das suas feições. Acariciou-lhe os lábios e notou que o superior era fino em comparação com a generosidade do inferior. Já estava a crescer-lhe a barba, conferindo às faces aquele tom azulado que ela achava tão atraente. Lembrou-se do dia em que o vira despido na praia. Bastava-lhe fechar os olhos e voltava a tê-lo à sua frente, a pele brilhante da água, os músculos tensos sob a pele bronzeada, os ombros largos, as pernas grossas, a tatuagem.

— Que se passa?

— Nada — respondeu Melody.

Sobre eles voltou a instalar-se o silêncio. Os olhos de Blackraven tinham ficado negros e seguiam-na com uma atenção que ela não ousava enfrentar. Disse-lhe, sem olhar para ele: — Está certo um homem tocar numa mulher ali, onde tu me tocaste?

— Sim — respondeu ele —, aí e onde mais te der prazer.

— Ah — murmurou, apressando-se a dizer: — As tuas sobrancelhas não se separam uma da outra. Formam uma linha única, muito escura, por cima dos teus olhos.

— Deve ser o legado de algum antepassado siciliano — disse ele.

— Siciliano?

— Não deverias odiar-me tanto por eu seu inglês, meu amor, só um pouco, pois nas minhas veias corre igualmente sangue de sicilianos, espanhóis e austríacos.

— Não te odeio. Tu és maravilhoso para mim.

— Sério, Isaura? — disse num tom de expectativa inocente que a fez sorrir.

— A sério, Roger. Gosto muito, muitíssimo de ti. És o homem mais bonito que conheço. Mas não era nisso que pensava e sim no que fizeste hoje de manhã pela Palmira e pelo seu bebé.

— Fi-lo por ti.

— Pouco importa. Foram eles, coitados, que lucraram com o teu gesto de bondade.

— Graças a ti não irei para o Inferno, onde certamente iria parar se não te tivesse conhecido.

— Não — ripostou Melody num ímpeto —, tu nunca irias para o Inferno.

Blackraven passou-lhe a mão pela nuca e puxou-a para si, beijando com delicadeza os lábios, as pálpebras, as maçãs do rosto. Isaura havia-lhe entregado a sua confiança e amava-o apesar dos seus defeitos, redimia-o das sombras do seu passado e do seu presente.

Olharam-se intensamente. Blackraven pretendia voltar para junto dos seus convidados, mas não fez menção de se levantar do sofá. Não conseguia afastar-se do olhar de Melody e reparou que os seus olhos passavam de uma tonalidade azul, quase turquesa, para um profundo verde-esmeralda.

— A cor dos teus olhos lembra os matizes do Mediterrâneo num dia de sol. — Acariciou-lhe o rosto com as costas da mão, e Melody procurou-a com os lábios e beijou-a.

— Vamos ser sempre assim felizes?

— Sempre — respondeu Blackraven. — Amo-te, Isaura. Não imaginas o quanto.

— Roger, meu amor.

Melody voltou a repousar sobre o peito de Blackraven, pensando que nunca em toda a sua vida se sentira tão segura e tão protegida, nem mesmo quando Fidelis era vivo. Os seus fantasmas desvaneciam-se nas brumas do passado, e o futuro já não lhe surgia como um monstro invencível.

— Falaste de nós à senhorita Béatrice? — Blackraven disse que sim.

— Ela está aborrecida comigo.

— Por quê?

— Porque acha que eu não estou a sua altura.

— Não acha nada. E se achasse, que importância tinha? Só deves preocupar-te com o que eu penso. Os outros não existem, está entendido? — Melody assentiu. — Isaura, sei que não vais gostar do que vou dizer, mas gostaria que compreendesses porque o digo para o teu bem. Não quero que voltes a exporte como fizeste hoje em casa dos Cañarte. É verdade que te ajudei a conseguir que tirassem a máscara ao bebé e que tratei do assunto porque te vi muito afectada. Futuramente não voltarei a fazê-lo. Houve pessoas naquele salão que consideraram a tua ousadia uma afronta. És demasiado inocente para entender a baixeza humana. Mas deves saber que, quando alguém vê a sua posição ameaçada, reage de modo inesperado. Tu, ao ajudares os escravos, estás a pôr em evidência algo que ninguém quer ver nem mudar. E acabarão por te fazer mal. É claro que ninguém te tocará num cabelo porque eu não permitirei, mas não quero que te exponhas desnecessariamente.

— Não me exponho desnecessariamente. Faço-o pelos africanos que estão a sofrer tanto.

— E não pensas no que eu sofreria se te acontecesse alguma coisa?

Blackraven conhecia bem a natureza humana e sabia que quando estoirasse a rebelião dos escravos, a maioria das pessoas se voltaria contra o *Anjo Negro*. Diriam que os tinha sublevado, que lhes enchera a cabeça de ideias de igualdade, liberdade e justiça.

— Que poderá acontecer-me? — perguntou Melody.

— Nada de bom, certamente.

— Não serei capaz de os mandar embora se vierem ter comigo com algum problema.

— Fá-lo-ás por mim. Por Jimmy, se por mim não for suficiente.

— És tão forte — disse Melody, enquanto deixava deslizar as suas mãos sob as mangas da camisa e lhe acariciava os braços —, é-me impossível acreditar que alguma coisa pudesse enfraquecer-te o espírito. Na verdade, tu és invencível.

— Mas tu és a minha fraqueza — e pousou as mãos nos seus ombros ao mesmo tempo que lhe dizia: — Se alguma coisa te acontecesse! Não quero nem

pensar nisso, porque acho que enlouqueceria.

— Não vai acontecer-me nada de mal. Estás a exagerar.

— Não sou um homem de natureza alarmista, Isaura. O que te digo tem fundamento. Quero que me obedeças nisto.

— Essa pobre gente não tem nada. Tu, pelo contrário, tens tudo. É egoísmo da tua parte pedires-me que os abandone.

— Sou conhecido por ser egoísta — disse num tom duro. — Tu não sabes como sou possessivo com o que me pertence. E tu és minha, és o maior valor que eu possuo.

— Não sou propriedade tua. Farei o que melhor entender. Não tenho medo dessa gente pacata da cidade. Vou continuar a ajudar os meus amigos africanos.

— Não o farás — disse Blackraven com determinação, pondo-se de pé.

Bateram à porta. Era Trinaghanta. O jantar estaria servido dentro de poucos minutos. Melody dirigiu-se ao seu quarto para mudar de roupa e Blackraven ficou no escritório, aborrecido.

Elisea esgueirou-se até a torre, subiu a escada de caracol que já conhecia de cor e precipitou-se para o campanário. Servando tomou-a nos braços e beijou-a.

— Só tenho uns momentos até o jantar — advertiu a jovem.

Servando deitou-a no enxergão que servia para os seus encontros e tirou-lhe a roupa com mãos impacientes. Embora fizessem amor todos os dias, a paixão imperiosa que se desencadeava nele sempre que via Elisea era como se vinte e quatro horas antes não se tivessem amado com o mesmo ímpeto. A seguir ficavam deitados, os corpos muito juntos, a olharem para o badalo do sino, imóvel e a ouvirem os pombos arrulhar.

Elisea trazia-lhe os restos do almoço que conseguia recolher quando Siloé se fechava no quarto a fumar o cachimbo, apesar de Servando lhe assegurar que em El Retiro se comia bem, ao contrário da casa de Valdéz e Inclán, onde davam aos escravos o bucho e as vísceras que os brancos não queriam comer.

— Quando fugimos? — perguntou Elisea. — Não suporto mais esta situação.

— Há coisas que tenho de fazer antes — explicou Servando, com toda a paciência.

— Que coisas? Respondes-me sempre o mesmo e nunca me dizes que coisas são essas.

— Talvez porque é melhor para ti não as saberes.

Elisea levantou-se, amuada e Servando obrigou-a a voltar para o seu lado.

— Não te vás ainda embora, não quero separar-me de ti. Conta-me alguma coisa agradável. O que fizeste hoje, por exemplo.

— Não vais gostar do que tenho para te contar. Trata-se da tua adorada Miss Melody.

— Que se passa com ela?

— Diz-se que é amante do senhor Blackraven.

— Que dizes? Isso é uma calúnia!

— Não é calúnia, não. Ontem desapareceram durante todo o dia e passaram a noite na cidade. Voltaram esta manhã, os dois juntos na carruagem, com imensos embrulhos e caixas. Ela trazia na mão esquerda, com todo o descaramento, um solitário que deve ter custado uma fortuna. A Angelita contou-me que o Jimmy perguntou à irmã quem lho tinha oferecido.

— E?

— Miss Melody respondeu que tinha sido o senhor Blackraven.

— Porra!

— E que importância tem isso para ti?

— Não percebes que ele está a forçá-la?

— Como sabes? Olha que ela hoje parecia muito feliz.

— Está a forçá-la, digo-to eu. É impossível que Miss Melody tenha aceitado como amante um homem que, além de possuir escravos, é inglês.

— Sabes muito pouco da natureza das mulheres. Quem acreditaria que uma jovem como eu se apaixonasse por um negro como tu? E aqui me tens todos os dias, entregando-me a ti e a ver-te preocupares-te com Miss Melody mais do que te preocupas comigo.

Separaram-se. Elisea foi-se embora e Servando continuou deitado no enxergão, a cabeça apoiada nas mãos. Meditava. Teria preferido não saber daquela intriga de Miss Melody com o patrão Roger. Agora debatia-se entre ocultar o fato do seu amigo Tommy Maguire, para seu bem, ou confessar-lhe o que sabia.

Pierre Désoite, um pouco sonolento devido à infusão de dormideira de Trinaghanta, pediu licença para se retirar logo a seguir ao jantar.

Blackraven chamou uma escrava e deu-lhe ordem para que o acompanhasse e o ajudasse. Todos os outros permaneceram na sala, ouvindo as interpretações de Melody na harpa.

Blackraven seguia-a com um olhar insistente. A dada altura ela levantou a cabeça e os seus olhares cruzaram-se. A expressão de tristeza no rosto da jovem afectou-o e teve de controlar o impulso de a tomar nos braços e de lhe murmurar que esquecesse o que lhe tinha ordenado, embora soubesse que com a sublevação que estava à porta, as atividades do *Anjo Negro* deveriam terminar. Talvez fosse demasiado tarde e não se livrasse já das suspeitas. As autoridades e os homens importantes começavam a impacientar-se, desde que ganhara força o boato de que o *Anjo Negro* tinha participado no incêndio da Real Companhia das Filipinas.

Eram as indicações que lhe tinha dado o seu espião Zorrilla.

Achava-a frágil e etérea, ali de perfil junto à harpa, os dedos acariciando as cordas, arrancando-lhes sons de grande limpidez, a magnífica cabeleira solta até a cintura. Desejou-a e teve a certeza de que não só reclamava o seu corpo como também a sua alma. A indiferença a que o conde-nara nessa noite demonstrou bem a influência que exercia sobre o seu espírito e pensou em tratar de todos os preparativos para que a boda se realizasse dentro de um mês. Além disso, não demoraria muito até a levar para a cama.

Melody e crianças foram deitar-se e os outros não tardaram a fazer o mesmo. As escravas acabaram de fechar as janelas e os postigos e, aos poucos, El Retiro foi ficando silencioso. Blackraven saiu do seu quarto, dirigiu-se ao rés-do-chão e daí seguiu até a zona das cavalariças, onde Somar segurava as rédeas de *Black Jack*.

— Destinei ao Traver o último quarto da ala Este — informou-o —, bem longe de Isaura, de Marie e de Luis. Não saias do primeiro andar, mantém-te por perto.

Montou de um salto e aventurou-se na noite. Se não houvesse nenhum contratempo e *Black Jack* mantivesse um bom ritmo, chegaria ao centro da cidade dentro de meia hora. De acordo com as informações fornecidas por O'Maley, Traver alugava dois quartos na residência de uma viúva na calle de la Piedad, por trás da catedral. Não teve dificuldade em encontrar a casa, na esquina com a calle de la Santísima Trinidad, para onde davam as traseiras. Com a mesma agilidade com que trepava aos mastros das suas embarcações até atingir o cesto da gávea, subiu a uma árvore cujos ramos invadiam a propriedade da viúva. De pé sobre o muro saltou no vazio e foi cair num leito de plantas macias. Sacou do punhal que levava na bota e dirigiu-se para a casa que apresentava um aspecto de lúgubre abandono.

Apesar de há muito tempo não se dedicar a irromper pelas propriedades alheias, invadia-o a mesma excitação de outras épocas. Acendeu a mecha. Movimentava-se de modo austero e silencioso e avançava com a elegância de um gato negro. Não lhe foi difícil ultrapassar a primeira porta, cuja fechadura cedeu facilmente à gazua. Sabia que Traver ocupava os dois quartos que davam para a calle de la Piedad, por isso decidiu atravessar a casa.

Uma vez nos domínios de Traver, arriscou-se a acender várias velas. Se a viúva ou algum criado se levantasse, pensaria que se tratava do inquilino.

Demorou vários minutos a memorizar a disposição dos móveis e outros elementos. As duas divisões, tanto o quarto como a saleta estavam mobiladas com sobriedade e apresentavam um aspecto absolutamente inocente. Uma pesquisa cuidadosa depressa lhe revelou que Traver não era comerciante.

Os poucos volumes da sua biblioteca estavam escritos em francês, e não havia um único livro de contabilidade. Não encontrou notas de crédito nem recibos ou facturas, nada que indicasse que o homem exercia algum tipo de atividade comercial. Revistou-lhe as roupas, a maior parte de alfaiates parisienses. A certa altura, chamou-lhe a atenção uma arca que se encontrava aos pés da cama e não se enganou ao suspeitar de que devia ter um fundo falso, onde foi encontrar uma grande quantidade de armas de fogo.

Ainda que as intenções de Traver de ocultar a sua verdadeira origem e identidade pudessem ser muitas, algumas inofensivas, Blackraven, por experiência, soube que se relacionavam com a sua prima Marie. Precisava absolutamente de uma prova irrefutável para poder atuar. Voltou a olhar em volta, procurando o sítio onde ele poderia ter escondido os seus segredos mais perigosos. Sem quadros no quarto nem na saleta, apenas crucifixos, as possibilidades reduziam-se. Nenhuma das tábuas do chão apresentava marcas ou se mostrava frouxa. Examinou a secretária e as gavetas, o roupeiro, voltou a ver a arca, o colchão com enchimento de lã, até que os seus olhos pousaram na ornamentada cabeceira da cama, coroada por duas esferas de sólida madeira de jacarandá. Nesse momento, soube onde Traver guardava os seus segredos: na parte de trás da esfera da esquerda, um cabelo colado com saliva servia de testemunha. Levantou a esfera, oca *ex profeso* e encontrou um rolo de papéis: quatro mensagens onde se aliavam palavras em francês e números, sem dúvida, numa linguagem cifrada. A caligrafia era a mesma do bilhete que Traver enviara a Béatrice aceitando o convite para El Retiro.

Iria demorar dias a decifrar aquele criptograma. Leu os bilhetes até os memorizar e voltou a enrolá-los, colocando-os com precisão na esfera que acomodou na cabeceira da cama, voltando a colar o cabelo com saliva.

Antes de abandonar os aposentos de Traver, percorreu-o com um olhar atento. “Está tudo no seu lugar”, concluiu. Apagou as velas, meteu-as na algibeira e voltou a embrenhar-se na escuridão da casa.

Havia dias que não dormia horas suficientes. O cansaço e as emoções começavam a fazer mossa no seu corpo e na sua mente. Pensou que poderia passar a noite na casa de San José, a alguns quarteirões da pensão da viúva. De qualquer modo, continuou o seu caminho até El Retiro. Não se tratava de Traver, confiava na mestria de Somar para o manter à distância.

Voltava por Isaura. Uma urgência dominante conduzia-o até junto dela, apesar de recusar a ideia de precisar assim tanto dela. Estava a expor-se o que era inaceitável.

Entregou-se à análise dos motivos de Traver. A nacionalidade do sujeito estava fora de causa: era francês, provavelmente espião de Bonaparte. Até ali a

sua intervenção parecia-lhe inócua, nenhuma surpresa.

Sabia muito bem que, desde há vários anos, Buenos Aires e Montevideu, sendo pontos cobiçados por Inglaterra e por França, se encontravam pejadas de espiões.

Neste caso, o olfato indicava-lhe que as pretensões do falso escocês iam para além da espionagem. Por que motivo quereria aproximar-se de Marie quando existiam garotas tão graciosas em Puerto Rico? Marie não era bonita, consideravam-na um peso que carecia de dote e que vivia às custas de um parente. É claro que podia alegar-se o amor, apesar de ele não acreditar facilmente em coincidências. Uma ideia sombria atravessou-lhe a mente, afastando-lhe a sonolência: o seu pior inimigo conhecia a verdadeira identidade de Marie visto que participara no seu resgate.

Tentou convencer-se de que Simon Miles respeitaria o severo código que determinava que as questões de saias não se misturavam com o trabalho.

Aquele nome e as recordações que a ele vinham ligar-se levaram-no a espicaçar *Black Jack*. Encontrou-se com Somar no primeiro andar.

— Nada de novo — informou o turco. — Embora Miss Melody tenha tido uma noite agitada.

— Que aconteceu? — perguntou alarmado, enquanto se dirigia para o quarto de Melody.

— Calma, ela está bem — disse Somar, passando-lhe para a mão um candelabro. — Foi o Jimmy que teve um ataque a meio da noite.

— Maldição!

— Agora está a dormir. Miss Melody fez tudo o que os médicos tinham indicado para situações como esta. Deu-lhe o medicamento e conseguiu tranquilizá-lo. E tu, como te correram as coisas?

— Confirmaram-se as minhas suspeitas. Amanhã explicar-te-ei tudo. Agora vai descansar.

Blackraven abriu a porta do quarto de Melody sem fazer o mínimo ruído. Levantou o candelabro e a cena que se lhe deparou emocionou-o profundamente: Melody, sentada no chão, junto à cabeceira, dormia com os braços apoiados na cama de Jimmy. Quando se aproximou viu que os dois irmãos tinham as mãos dadas e as cabeças muito unidas. Sentiu ciúme, certo de que Isaura faria qualquer coisa pelo irmão, enquanto que por ele se recusara a abandonar os "seus amigos africanos".

Ajoelhou-se junto dela e afastou-lhe as madeixas que lhe cobriam a testa. A jovem mexeu-se sem no entanto despertar. Pegou nela ao colo e levou-a até a sua cama, acomodou-a e cobriu-a com o lençol. Em seguida, inclinou-se e beijou-a por várias vezes.

— Roger — murmurou Melody sem abrir as pálpebras, reconhecendo o seu perfume.

— Estou aqui, meu amor. Estou aqui.

— O Jimmy — disse, e começou a soluçar, alheada pelo sono e pela dor.

— Não chores. O Jimmy está a dormir e está bem. Descansa agora, meu amor. Estás exausta.

— Roger, não penses mal de mim. Não fiques zangado comigo, por favor.

Blackraven mordeu o punho, enquanto sentia um nó na garganta.

Apoiou os lábios contra os dela num beijo suave. Sentiu que as mãos tépidas de Melody buscavam o seu rosto.

— Não estou aborrecido contigo. Amo-te de mais para isso. És a minha vida, Isaura, o que há de mais importante para mim. Só quero que sejas feliz.

— *Tu* fazes-me feliz, Roger.

— Isaura — sussurrou, a testa apoiada na de Melody, os olhos fechados, subitamente tomado pelo cansaço e pelos desgostos da sua vida. — Ama-me, Isaura. Ama-me sempre.

— Sim — murmurou ela, quase a dormir.

Blackraven ficou mais alguns minutos a olhá-la. Parecia uma criança, simples, ingênua. “És um mistério para mim, Isaura Maguire. Como conseguiste que um cínico como eu, mundano e inveterado, albergasse um sentimento tão puro a que alguns chamariam amor? Nem sequer compreendo o que me acontece quando estou contigo.” Tempos antes, Victoria tinha-lhe dito que o amor não era bonito e sim poderoso, capaz de quebrar a vontade mais férrea, de torcer a moral de um calvinista e suavizar a natureza de um ser maléfico. Nesse momento ele rira-se. Compreendia agora que Victoria tinha tido toda a razão.

XVI

Béatrice não conseguiu conciliar o sono durante toda a noite. Farta de estar deitada, pôs um roupão sobre os ombros e foi até a varanda.

Desde pequena que gostava do amanhecer. Lembrou-se dos jardins da casa paterna onde gostava de esperar que o sol nascesse, juntamente com Roger, o seu primo mais querido. Eram apenas duas crianças que fugiam da vigilância das criadas e corriam de mãos dadas pelos labirintos desenhados pelos arbustos.

Suspirou e voltou para o quarto. Esses anos felizes e distantes pertenciam a um passado que muitas vezes parecia fruto da sua imaginação.

Sacudiu a cabeça para afastar a nostalgia e concentrou-se no presente, que lhe dava uma oportunidade junto de William Traver. Vestiu-se de modo coquete para descer e tomar o pequeno-almoço.

Os únicos presentes na casa de jantar, William Traver e Pierre Désoite, puseram-se de pé quando ela entrou. Béatrice presidiu à mesa, já que Blackraven avisara que se ia ausentar. Miss Melody também não estava presente e uma escrava informou que os meninos tomavam o pequeno-almoço na sala de estudos com Elisea e a senhorita Leonilda.

— É provável que Sua Excelência tenha ido percorrer a propriedade e algum contratempo o tenha retido — justificou Béatrice. — Espero que o seu braço não o tenha impedido de dormir, senhor Désoite — declarou, referindo-se à dentada do cão.

— De modo algum. Dormi muito bem.

— Dá-me licença que veja a ferida? — pediu Béatrice, num gesto de atrevimento que surpreendeu e depois incomodou Traver.

Como não tinha casaco vestido, apenas um colete sobre a camisa, Désoite levantou a manga e mostrou os ferimentos que Trinaghanta não ligara a fim de permitir uma melhor cicatrização. Eram quatro pequenos cortes.

— Agora só resta esperar que não infectem — comentou Béatrice.

— Oh, não — exclamou Désoite —, sou um homem saudável. Nunca tive uma ferida que infectasse.

Béatrice sorriu e sacudiu a cabeça com elegância, dirigindo-se a Traver: — O café está ao seu gosto, senhor Traver?

— Está muito bom — respondeu amuado.

— É da plantação de Sua Excelência em Antígua.

— É reconfortante encontrar umas *madeleines* tão requintadas como estas — comentou Désoite. — Lembram-me as da minha infância.

— Sério? — interessou-se Béatrice. — Como compatriotas, senhor Désoite, não temos trocado impressões sobre a Pátria Mãe. Diga-me, se não for impertinência da minha parte, onde foi que nasceu?

— Nos arredores de Paris — respondeu.

— Cidade lindíssima — declarou Traver.

— Sim — disse Béatrice, mas a sua expressão de apatia desmentiu a afirmação.

— Como todas as grandes cidades — opinou Désoite — tem as suas luzes e as suas sombras.

Falaram acerca dos aspectos positivos e negativos de cidades como Londres e Paris. Traver descreveu as belezas de Edimburgo, e Béatrice manifestou desejo de a conhecer um dia, o que suscitou olhares cúmplices entre os dois.

— Está pensando radicar-se em Buenos Aires, senhor Désoite? — interessou-se Traver.

— É uma cidade muito ao meu gosto, mas ainda não tomei nenhuma decisão.

— Qual é o seu ofício? — insistiu.

— Sou desenhista e tenho noções de arquitetura.

— Oh! — admirou-se Béatrice.

— Sua Excelência comentava ainda ontem que um membro do consulado, o doutor Manuel Belgrano, se bem me lembro...

— Exatamente — ratificou Traver.

— Ora, o doutor Belgrano proporcionou há anos a abertura de uma escola de Geometria, Arquitetura e Desenho. Embora esta tenha deixado de funcionar em 1800 por falta de apoio econômico das autoridades, Sua Excelência assegura que o doutor Belgrano nunca pôs de parte a ideia de a reabrir. Prometeu fazer a sua apresentação na tertúlia. Uma escola de Desenho é um projeto ambicioso do qual eu gostaria de participar. Sua Excelência garantiu-me que se oferecerá para pagar ao doutor Belgrano os custos da reabertura e facultar um montante anual para a escola a título de doação.

— É maravilhoso! — exclamou Béatrice entusiasmada. — Além disso estou pensando que seria muito bom se o senhor Désoite pudesse dar aulas de desenho às crianças. Por que não fica uma temporada em El Retiro? Miss Melody agradeceria muito se iniciasse Víctor e Jimmy nas noções de geometria também.

— Não sei se devo... — hesitou Désoite.

— É claro que sim! — insistiu Béatrice com um entusiasmo que Traver não conhecia.

O homem tossiu, incomodado e com ciúmes. Depois disso o ambiente ficou tenso e trocaram poucas palavras até o fim do pequeno-almoço. Traver bebeu o

último gole de café e referiu um compromisso na cidade que o impedia de permanecer por mais tempo em El Retiro.

Blackraven apresentou-se na sala quando o escocês se preparava para sair, e reiterou o convite para a tertúlia no primeiro domingo de Fevereiro. Acompanhou-o até a entrada principal, onde um escravo segurava as rédeas do seu cavalo.

— Obrigado pela hospitalidade, Excelência.

— É sempre bem-vindo. Apareça quando quiser — disse Blackraven.

— Um bom-dia, senhorita Béatrice.

— Vemo-nos na tertúlia, senhor Traver.

— Espero que reserve para mim as primeiras danças.

— Será um prazer.

Novamente em casa, Béatrice sugeriu a Blackraven que Pierre Désoite passasse uma temporada em El Retiro.

— Hoje mesmo iremos à cidade buscar as suas coisas — declarou Roger, dirigindo-se ao jovem — e anunciar ao doutor Moreno que vai completar a tradução aqui em El Retiro.

Melody acordou ao meio-dia. Não se lembrava de ter acordado tão tarde em toda a sua vida. Doíam-lhe os músculos e uma sonolência impedia-a de abrir as pálpebras. Ficou mais tranquila ao constatar que Jimmy ainda descansava na cama. Limitou-se afastar a pesada cortina e viu o céu limpo e o sol.

Sobre a cômoda encontrava-se o jarro que Trinaghanta havia enchido e no qual tinha deitado algumas gotas de essência de flor de laranjeira.

Deitou a água na bacia e lavou o rosto várias vezes, enquanto pensava nos seus afazeres. Bateram à porta com uma suavidade que identificou como sendo Trinaghanta. Abriu e disse-lhe para entrar. Em voz baixa, censurou-a por não a ter acordado mais cedo.

— O patrão Roger — justificou-se a garota — deu-me ordens para que não o fizesse. Para a deixarmos dormir, à senhorita e ao seu irmão. Lamento.

— Sua Excelência está em casa?

— Não, foi à cidade. Volta esta tarde.

Melody sentiu-se decepcionada, embora logo a seguir tivesse decidido que começar a movimentar-se era a melhor maneira não só de passar as horas até que Blackraven voltasse, mas também de não pensar mais na doença de Jimmy.

Foi à missa e manteve-se ocupada a tratar do irmão convalescente, dando aulas a Víctor e decidindo com Miora qual o destino a dar a cada peça adquirida na cidade: tinham de terminar o traje para a tertúlia.

De vez em quando deitava uma vista de olhos ao solitário que tinha na mão esquerda. Por que motivo um homem como Black raven gostaria dela? Dela que

o enfrentara e desafiara. Também não podia esquecer o encontro violento com Tommy, na cavalariça, e o ataque à traição de Pablo. Ele devia odiá-la. No entanto, Black raven dizia que a amava, e ela acreditava e, de certo modo, já não dava atenção ao fato de ele ser tido como libertino e mulherengo.

Na verdade, Isaura Maguire era o seu próprio obstáculo. Por vezes reunia coragem e sentia-se capaz de falar a Blackraven nos seus medos e conflitos. Poucos minutos mais tarde, caía em si e resolvia pôr fim à relação. Durante aqueles dias vertiginosos, passara várias vezes da euforia ao abatimento. Resumindo: estava em pânico.

Béatrice entrou no quarto da costura, onde Miora e Melody decidiam o modelo do vestido para o sarau.

— Que tecido magnífico! — exclamou, tomando-o entre os dedos. — É uma seda de qualidade superior! E que cor! Que azul tão intenso! Lembra-me as capas dos reis franceses. Imagino que vais usá-lo na tertúlia. Já sabes o modelo do vestido?

Melody fez um aceno negativo, ao mesmo tempo que tentava perceber se havia ironia ou aborrecimento na atitude de Béatrice.

— Aceitas algumas sugestões?

— Nada me agradaria mais — respondeu Melody com um sorriso.

Béatrice pegou-lhe na mão.

— Estou muito feliz por vocês os dois — disse, e não lhe deu tempo de responder, porque acrescentou logo a seguir: — O azul vai ficar-te às mil maravilhas, querida. Acentua o turquesa dos teus olhos e a brancura da tua pele.

— A cor do meu cabelo é que estraga tudo, não é verdade? — lamentou-se Melody.

— Tolice! Esse avermelhado tão peculiar vai ser extraordinariamente realçado pelo azul da seda.

Béatrice marcou os contornos de um modelo ao qual madame Odile não teria feito reparos. Melody achou-o muito decotado.

— A única coisa que importa — assegurou Béatrice — é que Roger esteja de acordo com a minha escolha. Vais ver. — E saiu em busca do senhor Désoite.

— Como Trinaghanta está com o Jimmy — disse Melody a Miora —, irei ter com as lavadeiras.

— Talvez agora que Sua Mercê vai ser a senhora da casa, o patrão Roger não goste que se misture conosco — murmurou a escrava.

— Como soubeste isso? — perguntou Melody sem se zangar.

— Diz-se por aí, Miss Melody, que a senhorita e o patrão Roger andam de amores.

— Pois fica a saber que nada impedirá que eu continue a ser sua amiga —

assegurou.

— Isso é bom — gaguejou Miora, inclinando-se sobre a mesa para observar o corte de tecido.

Eram cinco da tarde. Siloé devia estar a encher a panela de leite para distribuir pelos filhos das lavadeiras. Havia muito tempo que não participava naquele ritual, desde que Blackraven proibira que fosse levado a cabo na sua propriedade. Vestiu um avental e ajudou a transportar a panela pelo barranco abaixo. Avistaram o sítio ocupado pelas lavadeiras, onde os lençóis, as toalhas e as outras peças de vestuário jaziam estendidas sobre rochas cobertas de limos. As mulheres cantavam e conversavam, por vezes faziam rodas e dançavam. Nunca lhes faltava chá-mate e cachimbos. Eram robustas e tinham mãos grandes, estragadas pela lixívia, e um temperamento forte. Não admitiam a presença de brancos no seu império nas margens do rio da Prata, com excepção do *Anjo Negro*, que recebiam sempre com alegria.

Melody, que conhecia muitas delas, interessou-se pelas famílias e pelos respetivos problemas. Falou com Polina, uma jovem de cujo patrão engravidara e que, apesar do seu estado avançado de gravidez continuava a mandá-la lavar roupa. Muitas dessas mulheres davam à luz nas margens do rio, assistidas pelas companheiras. Ultrapassada a parte pior do parto, deixavam o bebé sobre um pano e continuavam a sua tarefa. Regra geral, essas crianças não chegavam a ter uma semana de vida.

— Até quando vais continuar a vir aqui, Polina? — perguntou apreensiva Melody. — Esse teu patrão não tem coração?

— Não, não tem, Miss Melody. Para ele a única coisa que importa é o dinheiro que eu faço a lavar.

— Por amor de Deus, Polina.

Melody calou-se ao ouvir gritos. Distinguiu ao longe, um grupo de rapazes que se divertiam a atormentar as lavadeiras. Pisavam-lhes os lençóis lavados, atiravam-lhes pedras, imitavam-nas a falar e a dançar, cuspiam-lhes em cima.

— Outra vez os mandingas — lamentou-se Polina.

— Vamos embora, Miss Melody — apressou-a Siloé. — Se esses rapazes a veem aqui, vai haver problemas.

A cabeleira de Melody chamou a atenção de um dos arruaceiros que a apontou aos outros. Lançaram impropérios e aproximaram-se quase a correr. Fizeram um círculo em volta delas. Melody colocou-se à frente de Polina para lhe proteger o ventre.

— Como é que uma flor tão branca e bonita se deixa sujar por tanto lodo — disse um deles.

— Deixem-nos passar! — vociferou Siloé.

— Sim, claro — respondeu um dos outros, fazendo uma reverência e aplicando-lhe logo a seguir uma bofetada em pleno rosto. — Eu não recebo ordens de negras sujas!

— Filho da mãe! — murmurou Melody, abraçando Siloé.

Um outro agarrou Polina que começou a chorar. As outras lavadeiras, assim como as crianças, tinham-se aproximado para os insultar e atirar-lhes bolas de lama.

— Malditos arruaceiros! — exclamou Melody, furiosa. — Será que nem respeitam uma mulher grávida?

— Isto não é uma mulher — declarou o cabecilha. — É uma escrava com um escravo na barriga. E tu és uma joiazinha que eu gostaria de fazer gritar não de dor mas sim de prazer.

O grupo aclamou a piada vulgar com gargalhadas que se silenciaram bruscamente quando Melody, movendo-se com a rapidez de uma serpente, se aproximou dele e lhe deu uma bofetada. O rapaz ficou perplexo, levando a mão ao rosto. Com uma lentidão deliberada, voltou-se para Melody.

Blackraven avistou a cena no preciso momento em que, com um murro, o escroque atirava Melody ao chão. Lançou um berro áspero, desumano, profundo. A multidão de lavadeiras e brigões dispersou numa corrida desordenada perante a visão daquela criatura com olhos de demônio que se lançava sobre eles. O que tinha batido em Melody, um rapaz alto, de estrutura vigorosa, ficou imóvel, os braços estendidos, os punhos fechados, aguardando-o com um esgar de arrogância.

— Conheço-o — disse quando Blackraven se colocou à sua frente. — É o conde de Stoneville, e esta aqui — disse, apontando para Melody — deve ser a sua puta, a quem dão o nome de *Anjo Negro*.

Tentou dar-lhe um murro, mas Blackraven interceptou-o com a mão esquerda, torcendo-lhe o braço até o obrigar a cair de joelhos. *Ipso fato*, descarregou a potência do seu punho no estômago e no queixo do jovem que, de imediato, caiu inconsciente. Dois dos seus amigos precipitaram-se para o vingar e, segundos mais tarde, acabaram por fugir com o nariz partido e um lábio rachado. Os outros mantiveram-se à distância, atônitos perante aquele desenrolar dos acontecimentos.

— Tirem este lixo daqui — ordenou-lhes ao mesmo tempo que limpava a bota no peito do que havia agredido Melody.

Voltou para junto dela. Siloé obrigava-a a pôr a cabeça para trás, enquanto lhe cobria o nariz a sangrar com o seu avental.

— Patrão Roger — balbuciou a cozinheira.

— Está bem, Siloé. Eu trato dela agora. Pressiona-o contra o teu nariz —

disse a Melody, entregando-lhe o seu lenço.

Tomou-a nos braços e levou-a até casa.

— Põe-me no chão — queixou-se ela. — Eu consigo andar. — Não obtendo resposta, insistiu: — Põe-me no chão! Sou demasiado pesada. Não vais poder subir o barranco comigo às costas.

— Cala-te! Conseguiste enfurecer-me, Isaura. — Num tom menos incisivo, indicou-lhe: — Cobre o nariz e agarra-te ao meu pescoço.

Melody fez o que ele lhe mandava e fechou os olhos. Queria sentir a força daqueles braços que a rodeavam e esquecer que ele estava furioso.

— Roger...

— Agora não, Isaura. Falaremos depois.

Subiu o barranco com agilidade e entrou pelas traseiras, indo até a cozinha. Quando os viu, Miora soltou uma exclamação.

— Vai chamar Trinaghanta — pediu Blackraven, enquanto sentava Melody numa cadeira e a obrigava a apoiar a cabeça no espaldar.

Apareceram outras escravas e, seguindo indicações, trouxeram água e panos limpos. Trinaghanta entrou na cozinha, afastou o lenço e tateando, observou-lhe o nariz.

— Está partido? — perguntou Blackraven com uma nota de ansiedade na voz.

— Está só a sangrar.

— Acaba de tratar dela e depois traga-a ao meu escritório.

— Está furioso — lamentou-se Melody.

— Não — disse Trinaghanta. — Está angustiado porque gosta demasiado de si.

Melody ficou perplexa. Trinaghanta nunca se havia mostrado tão eloquente, e muito menos referindo-se a Blackraven.

— Tenho medo que esteja zangado — confessou.

— O patrão Roger zangado é de meter medo. Mas consigo, Miss Melody... consigo ele é outra pessoa.

— Outra pessoa?

— Desde que a ama, ele é um homem feliz.

Melody tentou descobrir ciúme na expressão imperturbável de Trinaghanta. Tinha vontade de lhe fazer perguntas sobre Blackraven, sobre a sua vida, o seu trabalho e as suas mulheres. Ninguém o conhecia tão bem como aquela estranha asiática. Calou-se. Por um lado o instinto dizia-lhe que Trinaghanta não lhe revelaria o que quer que fosse, por outro, não tinha a certeza de querer saber.

Debruçado sobre a secretária, Blackraven escrevia com traços rápidos. Trinaghanta deixou Melody junto da porta e abandonou a sala sem uma palavra.

Ele continuava concentrado no documento que redigia como se ela ali não estivesse. Que escreveria? Quem seriam as pessoas que o visitavam? Quais eram os seus negócios? Que sabia daquele homem?

Blackraven pôs-se de pé e olhou-a como se a estudasse, antes de falar.

— Nunca mais, ouves bem? *Nunca mais* voltes a expor-te como fizeste hoje na praia.

— Roger... — interrompeu ao vê-lo avançar.

— Que julgas tu que teria acontecido se eu não tivesse chegado a tempo? Não percebes que aquele maldito covarde te poderia ter feito muito mal? Valha-me Deus! — exclamou, agarrando-a com força pelos braços. — Não quero nem pensar nessa possibilidade! Vê como te magoou. Vê como o sangue manchou o teu casaco. Senti que algo maléfico se apoderava de mim quando ele te bateu. Não compreendes que fico louco de ansiedade só de pensar que a qualquer momento poderá acontecer-te uma desgraça por causa da tua falta de cuidado?

Apesar de estar de cabeça baixa, Melody conseguia ver as suas sobrancelhas franzidas numa expressão implacável.

— Não te tinha ordenado esta noite que deixasses de uma vez por todas de tomar conta dos escravos?

— Sim, ordenaste — admitiu Melody.

— Então?

— Eu não disse que iria obedecer-te.

Blackraven conteve um sorriso e, como nos primeiros encontros, admirou a coragem de Melody.

— Por que te preocupas tanto com essa gente, Isaura?

— Porque sei o que sentem, sei como sofrem. Conheço a desolação que a escravatura causa na alma de uma pessoa.

— Tu não sabes nada da escravatura.

— Tu é que não sabes nada de mim.

— Pois então quero saber! — disse de modo apaixonado, e voltou a agarrá-la pelos ombros. — Conta-me!

— Não, não! — assustou-se ela, tentando libertar-se.

— Por que não? Que há para saber?

— Deixa-me!

— O que é que eu não sei, Isaura?

— Nada, nada! Deixa-me ir embora!

— Está bem, está bem — tranquilizou-a Blackraven, abraçando-a. — Não chores, meu amor. Se não quiseres, não me digas nada. Não chores, por favor. Não sou capaz de te ver chorar.

Conduziu-a até uma poltrona e sentou-a sobre as suas pernas. Um hematoma

começava a ganhar cor no maxilar da jovem, junto ao queixo.

Beijou-a aí e os seus lábios procuraram a boca de Isaura, beijando-a com suavidade.

— Vê se entendes, amor — pediu. — Diz-me que compreendes o meu desespero. Preciso de ter a certeza de que estás a salvo, que não te arriscas. Já te expliquei ontem: se me faltasses, eu não suportaria a dor. Diz-me que sentes o mesmo por mim. Diz-me que se eu te faltasse, a tua vida deixaria de ter sentido.

— Claro — murmurou ela. — Mas também ficaria muito infeliz se te prejudicasse por ser quem sou. Penso muitas vezes que este amor que sinto por ti é sincero e imenso, mas poderá prejudicar-te. E amo-te de mais para deixar que tal aconteça.

— Então me amas? — perguntou ele, enquanto lhe beijava o pescoço e lhe passava as mãos pelos seios.

— Sim, te amo.

— Diz outra vez.

— Eu te amo, Roger.

— Essa é a única coisa que conta. Tu nunca me prejudicarás. Quero que compreendas de uma vez por todas: não te afastarás de mim.

Beijou-a com a urgência que mantivera sob controle e que se diluíra na angústia que sentira ao vê-la levar a bofetada. Passou-lhe uma mão pela nuca e empurrou-a para penetrar a sua boca. Ouvia-lhe a respiração agitada que revelava bem a sua excitação e abandono. Melody sentiu a ereção de Blackraven. Ele abriu-lhe o casaco e com os dedos tocou os mamilos apenas cobertos pelo tecido da almilha.

— Roger, por favor — suplicou —, não me toques assim. Quando o fazes não consigo pensar nem falar. E preciso te dizer uma coisa.

— Fala — disse ele.

— Decidi que não deixarei de ajudar os meus amigos africanos.

Ele levantou a cabeça e Melody aproveitou para se pôr de pé e apertar os colchetes do casaco.

— Não posso pô-los de lado agora. Não seria correto da minha parte.

Olharam-se nos olhos. Blackraven respirou fundo e, apoiando as mãos nos joelhos, abandonou a poltrona numa atitude de cansaço.

— Escolhe a eles, portanto?

— Não vejo por que tenho de escolher entre ti e eles.

— Pelo teu bem deves deixar de lado as tuas atividades com os escravos.

— Não.

— Estou a pedir-te, Isaura. Pelo teu bem — insistiu.

— Envergonhas-te por eu ser amiga dos africanos.

— Não me conheces. Se me conhecesses não dirias semelhante coisa.

— Então por que não posso continuar a ajudá-los?

— Porque é perigoso.

— Não tenho medo do perigo.

— Eu sei. Eu também não. Mas desde que entraste na minha vida, comecei a ter medo de uma coisa: de te perder. Não estou disposto a permitir que te arrisques por um sonho vão que não levará a nada. E que nem sequer salvará os escravos da situação em que se encontram.

Os olhos de Melody encheram-se de lágrimas.

— Não escolho entre eles e tu, Roger. Escolho entre ti e a minha liberdade — acrescentou. — Considero-a primordial. Sem ela, nunca poderia ser feliz, nem mesmo ao teu lado.

Retirou o anel.

— Se é isso que queres — disse Blackraven —, não serei eu a insistir para que mudes de ideias.

Melody entregou-lhe o anel e deixou o escritório contendo as lágrimas que transbordaram na solidão do pátio.

Enda Feelham entrou na cozinha a arrastar os pés. O silêncio da casa pesava-lhe. Atirou-se para uma banqueta e soltou um suspiro. Como de costume, pensava naquilo que nunca iria conseguir, por exemplo, o amor de Fidelis Maguire em vez do do seu irmão James. Ao mais velho dos irmãos Maguire ela não conseguira inspirar mais do que carinho e gratidão. Lembrou-se do que a levara a aceitar a proposta de casamento de Jimmy que, mesmo muitos anos depois, continuara a parecer-lhe uma decisão acertada: ainda que fosse apenas como sua cunhada, preferia manter-se perto de Fidelis, convencida de que mais tarde ou mais cedo ele se apaixonaria por ela.

O seu plano correu perigo quando Fidelis falou em abandonar a Irlanda. Depois do sofrimento de que fora alvo na prisão, o jovem perdera a paz, e a sua amada Glendalough não o confortava como no passado.

Vivia escondido, à espera de que, a qualquer momento, alguém o denunciasse — as autoridades inglesas davam-no como morto — e os soldados viessem buscá-lo. Na altura, Enda estava grávida e não conseguiu convencer o marido, Jimmy Maguire, a irem todos para o novo continente. Enda chorou às escondidas na manhã em que Fidelis abandonou o porto de Cork para entrar no primeiro barco que o levaria aos Estados Unidos.

Os Maguire julgaram que Fidelis tinha morrido no naufrágio do *Saint Bridget*, o único navio que nesses dias zarpara rumo à América do Norte. Ignoravam que, no último momento, Fidelis tinha conhecido um espanhol que lhe falou da abundância do vice-reinado do Rio da Prata e o convenceu a

acompanhá-lo em busca de fortuna nessas terras do Sul.

Passariam anos até que os Maguire viessem a ter notícias do seu filho mais velho, que partira dali pobre, levando consigo como únicos bens a esperança e a vontade de se tornar num homem de posição e dinheiro nas terras espanholas dos confins do mundo.

Enda chorou às escondidas, agora de felicidade. A sua vida voltava a ter sentido porque, apesar de adorar o seu filho Paddy, sem Fidelis nunca mais se sentira completa. Apesar de a sua sogra insistir em que o aparecimento do primogênito se devia a um milagre de São Patrício, ela sabia que o patrono da Irlanda não tinha tido nada a ver com o assunto, que tudo fora o resultado da sua magia, uma força milenar, transmitida de geração em geração, que remontava aos tempos do grande sacerdote druida, Frísio.

Jimmy deixou bem claro que, embora o seu irmão prosperasse noutras terras, ele jamais abandonaria o vale de Glendalough. Enda não era mulher de polêmicas nem discussões. Quando o marido a contrariava, limitava-se a invocar as forças que a acompanhavam, pedindo a sua intervenção.

O filho mais novo dos Maguire adoeceu dias mais tarde e, apesar dos esmerados cuidados da esposa, piorava a olhos vistos. Sem dinheiro para mandarem chamar o único médico da aldeia, consultaram as curandeiras. Nenhuma beberagem nem ritual parecia conjurar o mal de Jimmy que continuava a vomitar e a retorcer-se no seu catre com colchão de palha.

A gente da aldeia desconfiava de Enda Feelham que, até o dia do casamento com James Maguire, tinha levado a vida de uma asceta no bosque. Voltaram os comentários que a davam como bruxa e houve quem assegurasse que ela sabia tudo sobre venenos. Seamus Maguire e a mulher não deram ouvidos aos falatórios. Enda era uma boa mulher, que tinha salvado a vida de Fidelis e que agora tentava salvar a de Jimmy. Mas Jimmy morreu.

Finalmente livre, Enda não perdeu tempo e enviou uma carta ao seu cunhado Fidelis pedindo-lhe ajuda. “Depois da morte do meu adorado James, Paddy e eu ficamos mergulhados na maior das misérias. Por isso te suplico, querido irmão, que nos acolhas a mim e ao teu sobrinho no seio do teu lar, onde te seremos de grande utilidade.” Quase um ano mais tarde, chegou a resposta de Fidelis juntamente com um montante em dinheiro que falava da sua riqueza.

Enda chegou a Bella Esmeralda, a fazenda de Maguire em Capilla del Señor, e sofreu logo o primeiro choque ao conhecer a esposa de Fidelis, Lastenia Castañeda y Cazón, uma *criolla* de beleza extraordinária e maneiras de princesa.

— Nas poucas cartas que nos enviaste — comentou Enda —, nunca nos disseste que te tinhas casado e que tinhas três filhos.

— Os meus pais esperavam que eu regressasse à Irlanda para arranjar lá uma

esposa — justificou-se Maguire. — Nunca me teriam perdoado por ter casado com uma mulher daqui. Por isso lhes ocultei a verdade e continuarei a fazê-lo.

Enda descobriu, afastado da zona da quinta, um pequeno bosque onde durante a noite ia convocar os espíritos para que a ajudassem.

Esgueirava-se com os seus utensílios e beberagens e amanhecia em transe, repetindo maldições contra Lastenia que parecia ter um espírito forte e voluntarioso, pois os seus feitiços não o quebravam. Faziam ricochete e transformavam-se em colheitas perdidas, tempestades violentas, partos malogrados, bezerros disformes.

Uma manhã muito cedo, Enda cobriu o rosto e saiu de casa para caminhar. Precisava de estar só para meditar. Nenhum conjuro resultava para se livrar de Lastenia e começava a perder a paciência. Embrenhou-se no bosque e sentou-se num toco. Frustrada e à beira do desespero, fechou os olhos e convocou com tal devoção o espírito de Frísio que, ao voltar a si, não sabia onde estava. Ergueu as pálpebras e olhou à sua volta maravilhada, perante o espetáculo do chão coberto de cogumelos que momentos antes não existiam. O coração deu-lhe um salto ao lembrar-se que Lastenia e a cozinheira costumavam apanhá-los muitas vezes para os seus guisados.

Enda conhecia bem os cogumelos e sabia distinguir os bons dos maus.

Nessa manhã, no bosque, a maior parte dos cogumelos eram inofensivos.

Quase a perder as esperanças, avistou junto de um tronco, escondido sob uma folha, um *muscaria,* com alcaloides tão poderosos que davam para matar um cavalo. Escondeu-o no seu avental e voltou para casa.

Tal como previra, Lastenia e a cozinheira tinham andado a apanhar cogumelos e estavam maravilhadas com a abundante colheita. Lavaram-nos, partiram-nos e prepararam um guisado que serviram ao almoço.

Num momento de distração, enquanto a cozinheira servia os pratos, Enda deixou cair minúsculos pedaços do *muscaria* num dos pratos de guisado.

— Deixa-me ajudar, Cândida — sugeriu à cozinheira. — Eu ponho os pratos na mesa.

— Obrigada, senhora Enda — respondeu a mulher, surpreendida.

Poucas horas mais tarde. Lastenia foi-se deitar com uma indigestão e pediu um chá de boldo para a má disposição.

— A senhora não deveria comer melancia. Tem um estômago demasiado frágil — censurou Fidelis.

A indigestão piorava e Lastenia começava a apresentar sinais de desidratação. O médico demorou poucos minutos a fazer o seu diagnóstico: intoxicação por ingestão de cogumelo venenoso. Prescreveu-lhe purgantes e laxantes e uma sangria que só vieram agravar o quadro.

Vítima de dolorosos espasmos, Lastenia morreu ainda muito jovem.

Fidelis expressou a sua dor com um acesso de raiva durante o qual lançou pelos ares todos os frascos com cogumelos, proibindo-os para sempre aos gritos.

Dois anos mais tarde, Enda não conseguira ainda os seus propósitos.

Fidelis, prisioneiro da memória de Lastenia, ignorava os seus esforços por conquistá-lo, apesar de estes se terem tornado tão evidentes que acabou por ter de dizer, à cunhada, com todas as letras que não tencionava voltar a casar. Enda sentiu aquela recusa como um insulto e o amor que havia preenchido toda a sua vida transformou-se em ódio. Restava-lhe apenas Paddy, para quem iria orientar os seus esforços a fim de fazer dele o dono de Bella Esmeralda. Pensou: "Com Fidelis morto, não será nada difícil manipular os seus três filhos."

Com a proibição de cozinhar cogumelos, Enda teve de aguçar a imaginação e os conhecimentos que tinha de venenos para eliminar o seu cunhado. "Se ao menos tivesse um pouco de arsênico!", lamentava-se, um veneno semelhante ao açúcar, ou à farinha que, em doses pequenas e constantes, mata a vítima sem deixar vestígios. Não olhou a meios para o conseguir, nem sequer a deteve o fato de o boticário ser um velho desagradável e grosseiro, quando o seduziu para ter acesso livre aos seus frascos cheios de pós e ervas.

Quase todos pensaram que a dor devido à perda de Lastenia debilitara a saúde de Fidelis, um homem que muitos conheciam por *Touro*, devido à sua estrutura sólida. Apesar de alguns terem suspeitado, entre eles Domingo, o capataz, de que uma mão negra atuara contra a família Maguire, Fidelis foi enterrado sem que houvesse denúncias ou intervenções oficiais. Não teria servido de nada, convencia-se Domingo, pois o comissário e o juiz de paz eram desonestos, companheiros de farra e de delitos de Paddy Maguire.

Enda não contou que o filho se apaixonasse por Melody e, apesar de não aprovar a relação, acabou por aceitar que simplificaria o seu plano. Já se tinham visto livres de Tommy denunciando-o como ladrão de gado e pouco faltava para que Jimmy fosse fazer companhia aos pais. Uma vez casados, Melody e todos os seus bens ficariam sob a tutela de Paddy. O plano era perfeito.

Mas Enda também não contou com a obstinação e intrepidez de Melody Maguire que numa noite destruiu os sonhos de felicidade do seu filho, atacando-o com uma navalha e fugindo com Jimmy. Que seria feito dela? Onde teria ido parar? Teriam morrido às mãos de algum grupo de salteadores ou nas garras de alguma fera? Os seus sentimentos eram contraditórios pois, por um lado, desejava-lhe todos os tormentos do mundo e por outro gostaria que ainda estivesse viva.

Ergueu os olhos e viu que a cozinha tinha ficado escura. A noite caíra sem que ela se desse conta. Levantou-se da cadeira como se o corpo lhe pesasse e

cobriu a cabeça e o rosto com uma mantilha negra. Tinham-lhe assegurado que um senhor da cidade que dizia chamar-se Diogo Coutinho, alugara um quarto na pensão de dona Novela e que, antes de se ir deitar gostava de beber uns copos de genebra e jogar às cartas na taberna de Sixto. Não seria difícil encontrá-lo. Tinha chegado a Capilla del Señor poucos dias antes e vagueava por ali a perguntar por Melody.

Enda instalou-se perto da taberna, tendo o cuidado de ficar distante da luz de uma lanterna e esperou. O trapo que servia de porta abriu-se uma e outra vez para dar passagem aos fregueses até que saiu um homem alto e corpulento que ela nunca tinha visto antes. Era ele, com roupas finas, elegante apesar de a bebida lhe provocar algum desequilíbrio.

— Senhor Coutinho?

Diogo semicerrou os olhos e não conseguiu ver quem o chamava.

A pequena figura de negro avançou até a luz, tirou a mantilha e mostrou o rosto.

— Senhor Coutinho? — insistiu.

— Diogo Coutinho aos seus pés, minha senhora — respondeu, ao mesmo tempo que se inclinava.

— O meu nome é Enda Maguire. Sou tia de Melody. Ouvi dizer que sua graça anda a perguntar por ela.

— É verdade, senhora.

— O senhor conhece-a?

— Claro que a conheço.

— Ela está bem?

— Muito bem, senhora.

— Poderíamos falar num lugar mais apropriado, senhor Coutinho?

— Com todo o prazer, senhora! Dona Novela não verá decerto inconveniente em que ocupemos durante alguns momentos a sua sala. Por favor, acompanhe-me.

XVII

Depois de romper com Melody, Blackraven manteve-se afastado de El Retiro, em parte por orgulho, se bem que também por covardia, pois não seria capaz de voltar a vê-la e saber que não tinha o direito de lhe tocar, de a sentir sua. A perda de Melody deixara-o confuso e, apesar de estar ocupado a tratar dos seus assuntos, não conseguia tirá-la por completo da cabeça. Dava por si a pensar nela, enquanto os independentistas lhe confessavam as suas inquietações ou quando visitava as obras da fábrica do curtume, ou uma dama de sociedade qualquer lhe servia chá e o adulava.

De noite, na solidão da casa de San José, ruminava a sua ira e odiava-a, enquanto esvaziava copos de vinho Clarete, uns atrás dos outros. Ébrio, arrastava-se até a cama, onde sonhava com ela, acordando sobressaltado, agitado e coberto de suor. Recriminava-se por se ter deixado dominar por um sentimento tão perigoso que o expunha daquele modo, retirando-lhe as forças quando mais necessitava delas. Ele sabia bem como aquela dor podia ser profunda e duradoura. Experimentara-a no passado, consequência de outra separação.

A atitude de Melody deixava-o desconcertado, enfurecido e cheio de ciúmes. Dava mais importância à sua liberdade do que a ele. As mulheres não amavam a liberdade, pelo contrário, temiam-na. A liberdade podia significar desproteção. As mulheres procuravam abrigo no homem e no seu dinheiro. Nesse aspecto, ele era perfeito e qualquer mulher teria vendido a alma ao diabo para se tornar sua amante, quanto mais sua esposa.

A *carte blanche* do conde de Stoneville era das mais cobiçadas entre as mulheres da sociedade londrina e parisiense, embora muitas se tivessem entregado nos seus braços só para tocar naquele corpo de marinheiro e gozar as suas técnicas na cama que, segundo se dizia, aprendera num harém turco.

Mas ele sabia que essas questões não tinham a menor importância para Isaura Maguire. Não ligava muito ao dinheiro e nada à posição social.

Deixava-o sem artifícios para a reconquistar, não sabia a que artes lançar mão quando uma gargantilha de diamantes fazia tanta mossa no seu coração como uma réstia de alhos. Oh, Deus, amava-a tanto! Em certos momentos, o desespero transformava-se numa dor física, uma pontada no peito, um nó no estômago. “Maldita garota!”, exclamava com frequência, batendo com o punho sobre o que estivesse mais próximo. Torturava-se, perguntando a si próprio como estaria Melody naqueles dias de separação e entristecia-se ao concluir que, enquanto pudesse ajudar os seus amigos africanos, estaria certamente feliz. Ele

valia menos do que um escravo. Que tipo de criatura era Isaura Maguire? De onde tinha vindo?

Não se conformava com o tê-la perdido. Não admitia a derrota, que não fazia parte da sua vida. Recuperá-la-ia fosse como fosse. Uma jovenzinha de vinte e um anos não o mergulharia num estado assim. Ninguém tinha tanto poder sobre o seu temperamento. Isaura Maguire podia ir-se esquecendo da sua liberdade, dos seus negros e dos seus caprichos. Pertencer-lhe-ia porque era essa a sua vontade.

No sábado, ao meio-dia, enquanto almoçava, um escravo de El Retiro apresentou-se na casa de San José com uma mensagem da senhorita Béatrice. “A tua ausência de tantos dias e a falta de notícias inquietam-me. Interrogo-me se terão alguma coisa a ver com a falta do solitário na mão de Miss Melody. De qualquer modo venho lembrar-te que amanhã às cinco da tarde chegarão os nossos convidados para a tertúlia. Seria uma afronta grave se o conde de Stoneville não estivesse presente para os receber.”

O bilhete proporcionava-lhe a desculpa para voltar. De qualquer modo, não o faria de imediato, ainda tinha questões a tratar na cidade.

Em menos de uma hora deveria comparecer no Forte, a residência do vice-rei, onde o marquês de Sobremonte o aguardava. Tinham-se encontrado na véspera na casa de Santa Coloma e o marquês mostrara-se interessado em trocar opiniões em privado com o enigmático conde de Stoneville, de quem tinha obtido as mais variadas impressões.

O próprio Sobremonte veio dar-lhe as boas-vindas à antecâmara solicitando que se pusesse à vontade no seu escritório.

— Bebe um xerez? É da melhor qualidade — assegurou o funcionário espanhol.

— Com todo o prazer, Excelência.

Rafael de Sobremonte era um homem simpático, mais à vontade a socializar do que a administrar uma colônia, com algum talento para as questões militares, talento esse demonstrado durante os seus anos de subinspector de tropas e milícias dos vice-reis Avilés e del Pino.

Blackraven achou-o ansioso, quase angustiado. Falaram de assuntos banais apesar dos esforços do vice-rei para abordar um que lhe tirava o sono: a possibilidade de uma invasão inglesa.

— Em Dezembro do ano passado — comentou —, navios do seu país ancoraram na costa do Brasil. Os meus informadores asseguram que era um tal Popham que tinha a frota a seu cargo. Conheceis o indivíduo, Excelência?

Blackraven conhecia-o muito bem.

— Já ouvi falar dele — respondeu.

Não tinha Sir Home Riggs Popham em grande conta. Na sua opinião era um aventureiro com alma de pirata que se escudava na respeitabilidade que lhe conferia o fato de ocupar um cargo da Marinha Britânica. A sua amizade com outro personagem obscuro, o venezuelano Francisco de Miranda, confirmava ainda mais as suas suspeitas. Havia cerca de um ano, em Outubro de 1804, enquanto Blackraven passava uns dias em Wimbledon na mansão do seu amigo Henry Dundas de Melville e primeiro lorde do almirantado, Popham e Miranda juntamente com o primeiro-ministro Pitt, o *Jovem*, vieram de Londres para jantar com eles. Miranda e Popham tentaram disfarçar as suas verdadeiras intenções — ficar com uma parte do ouro das colônias como despojo de guerra —, ao exporem os seus planos para atacar a Venezuela e as costas do Prata. No estilo rebuscado de Miranda, ficou bem clara a necessidade de uma intervenção da Inglaterra para evitar que as colônias da América do Sul continuassem a financiar Bonaparte. Também não passou em branco o perigo de uma invasão francesa a essas terras, totalmente apinhadas de espiões de Fouché.

— Soubemos — acrescentou o venezuelano — que as colônias da América do Sul exportam para a metrópole metais preciosos num valor de vinte milhões de libras anuais. — Guardou um silêncio deliberado e passeou os olhos pelos rostos atônitos de Melville e Pitt. Blackraven não parecia impressionado. — Desses vinte milhões — prosseguiu —, dois terços vão parar aos bolsos de Napoleão.

Pitt, desfavorável às colônias depois da experiência com os Estados Unidos, interessou-se por saber que tipo de intervenção britânica poderia esperar-se.

— Os meus informadores asseguram — disse novamente Miranda — que os povos americanos, o venezuelano em especial, esperam ansiosamente a ajuda da Inglaterra. O jugo espanhol tornou-se insuportável. Não se importam de passar a ser colônia inglesa se desse modo puderem libertar-se dos espanhóis.

— Tem a certeza disso, senhor? — interveio Blackraven.

— Absoluta, Excelência.

Blackraven ensaiou uma expressão de eloquência que manifestava o seu desacordo.

— Permita-me que lhe dê a minha opinião — disse Roger, voltando-se para Pitt, como se Miranda não fosse um digno destinatário das suas explicações. — Por questões de negócios, mantenho estreitos contatos em várias das colônias americanas e pude conhecer muito bem a idiossincrasia destes povos. É verdade que são submissos nas palavras, mas renitentes e contrafeitos nas obras. Engana-se e demonstra conhecer mal esta gente aquele que espera colaboração da sua parte para levar a cabo os seus próprios desejos. Para fazer deles seus aliados, deverá assegurar-lhes a independência absoluta. Caso contrário, serão sempre

seus inimigos.

Popham e Miranda mostraram-se incomodados e Melville, como anfitrião fez de mediador para apaziguar os ânimos e propôs que se redigisse um memorando no qual se expusessem os prós e os contras de uma intervenção na América espanhola. Dias mais tarde, Blackraven teve nas mãos uma cópia do referido documento, embora não voltasse a saber dos seus autores. E agora Sobremonte ratificava aquilo que Papá Justicia lhe confiara tempos antes, que Popham, comandando uma frota de navios ingleses, tinha deambulado pelas costas do Brasil.

— Suponho — disse o vice-rei — que é um pouco ousado da minha parte perguntar-vos, Excelência, se o seu país tem planos para invadir estas terras.

Blackraven deixou escapar uma gargalhada aberta e franca.

— Na verdade, muito ousado. De qualquer modo, não estou em posição de vos dizer quais são as intenções do governo do meu país, pois desconheço-as. — Com um sorriso, Sobremonte deixou bastante claro que não acreditava. — No entanto — prosseguiu Roger —, estando as nossas nações em guerra, seria pouco prudente não pensar na possibilidade de um ataque.

— Certamente — concordou o vice-rei. — Eu estou atado de pés e mãos já que nada posso fazer além de meditar sobre essa possibilidade, a de um ata que. Godoy — o vice-rei referia-se ao primeiro-ministro do rei D. Carlos IV — não compreende a situação premente em que me encontro. Não tenho soldados, nem armas, nem munições — lamentou-se. — A invasão que sofremos em 1801 por parte do Brasil, aquando da guerra com Portugal, parece não ter servido de nada. Não ganhamos experiência. Parece surpreendido, Excelência, por estar a confiar-vos estas questões de Estado, não é verdade?

— Realmente — admitiu Blackraven.

— Acha que é possível ocultar o estado calamitoso da minha infanta-ria quando deambulam pelas ruas em uniformes que parecem farrapos?

Para mudar de assunto, Blackraven interessou-se pelo libelo que, dias antes, havia enchido as ruas portenhas, o mesmo que O’Maley lhe mostrara na noite em que decidiu enviar um anônimo ao vice-rei com os dados do lugar onde se reuniam os jacobinos.

— Ah, isso — disse Sobremonte com ar lúgubre. — Graças ao meu trabalho de espionagem — salientou —, ficamos a saber onde se escondiam essas sanguessugas francesas. Na cave da propriedade onde tinham instalado uma tipografia. Prendemos três, embora houvesse mais, e confiscamos panfletos do mesmo teor que pensavam distribuir em breve.

— E já conhecem os nomes dos que se encontram em liberdade? — interessou-se Blackraven. — Suspeitam de alguém?

— Os prisioneiros não tardarão a confessar — respondeu de modo evasivo, ocultando que os três tinham morrido devido às torturas sem ceder, fato que Blackraven já conhecia.

Conversaram durante alguns minutos, antes de Roger se pôr de pé para se despedir.

— Volto a reiterar o convite para a tertúlia que a minha prima Béatrice está a organizar para amanhã às cinco da tarde em El Retiro.

— Lá estaremos, Excelência — disse Sobremonte —, a senhora vice-rainha e eu.

”Outro dia sem Roger”, pensou Melody, metendo-se na cama. Rezou e preparou-se em vão para dormir, embora devesse sentir-se exausta, pois havia várias noites que tinha dificuldade em conciliar o sono.

Agradecia a presença do senhor Désoite porque estava sem cabeça para se ocupar da educação de Víctor. Também não a entusiasmavam as lições aos filhos das lavadeiras e delegara por completo em Siloé e Trinaghanta a tarefa de distribuir o copo de leite à tarde. Estava a acontecer o que tanto receara: a vida sem Roger era incompatível com a felicidade.

Nesse dia ficara angustiada, quando a senhorita Béatrice comentara que receava que Blackraven tivesse abandonado Buenos Aires.

— Sem se despedir? — estranhou a senhorita Leo.

— Não conhece Sua Excelência — replicou Béatrice. — Ele é imprevisível.

— Talvez esteja em Montevideu — conjecturou Elisea — numa viagem de poucos dias. Costumava fazê-las muito no passado.

— A tertúlia é amanhã — preocupou-se Béatrice. — Vou enviar-lhe um bilhete a San José. Com a ajuda de Deus, talvez o tenhamos aqui. Direi que regresse imediatamente.

Melody manteve o silêncio durante aquela troca de impressões, esforçando-se por manter a calma e mostrar-se indiferente e desinteressada. Mais tarde, não teve coragem de perguntar à senhorita Béatrice se tinha recebido alguma resposta.

Saltou da cama ao ouvir Víctor que a chamava. Sem dúvida, outro pesadelo. Atravessou à pressa o corredor que separava os quartos voltados para a varanda dos que davam para a parte de trás da propriedade.

Blackraven, recém-chegado da cidade, despia-se no quarto quando ouviu a voz do menino. Assomou-se à porta entreaberta do quarto de Víctor e viu-os a conversar.

— Era um cão gigante que me queria comer, mãe — dizia Víctor.

— Aposto que não era tão grande como o *Sansão*.

— Sim, muito maior. O *Sansão* não poderia com ele. Eu tinha muito medo,

mãe.

— Foi só um sonho e tu sabes que os sonhos não são verdadeiros. Estão dentro da tua cabecinha, nada mais. Vamos — insistiu —, vamos dormir agora.

Melody inclinou-se para o beijar e Víctor lançou-lhe os braços ao pescoço e abraçou-a com força.

— Gosto muito de si, mãe.

— Também eu, meu filho.

Melody ajeitou a roupa ao menino, soprou a chama da vela e saiu do quarto. Blackraven aguardava-a no corredor. O susto foi tal que levou a mão à boca e deu um passo à retaguarda. Descalça como estava, teve a impressão de que ele era ainda mais alto. Tinha o cabelo solto sobre os ombros e o corpete apenas atado na cintura e aberto à altura do peito.

— Por que permites que te chame de "mãe"?

— Quando me pediu não tive coragem de lhe dizer não.

— Nunca tens coragem para dizer não a ninguém, a não ser a mim.

Melody baixou o rosto, mas Blackraven obrigou-a a olhá-lo nos olhos.

— Por que choras? — perguntou com frieza.

— Choro porque estou feliz com o teu regresso. Estes dias sem ti foram um tormento.

— Não fui eu quem se afastou de ti. A decisão foi *tua*.

— Já não estou certa de ter tomado a decisão correta. Oh, Roger! Não quero pensar que sem ti a minha vida não tem sentido.

— Por que não? — enfureceu-se e, agarrando-lhe os braços sacudiu-a de modo rude. — Por que não se eu sinto o mesmo? Como diabo achas que foram os meus dias desde que me disseste que não me querias mais ao teu lado? Um inferno é pouco. Ah, Isaura! Maldigo o dia em que te conheci, pois com a tua indiferença vais fazer-me mergulhar em algo pior do que o inferno!

— Não amaldiçoes esse dia! Eu te amo, Roger. Amo-te tanto que às vezes penso que nem serei capaz de respirar se não te vir.

— Então porque me fizeste sofrer assim? — A exaltação com que pronunciava cada palavra deixava transparecer o rancor que ainda o dominava. — Por que me obrigaste a passar estes dias de amargura, a pensar que te tinha perdido? Tenho vontade de te matar só por isso.

— Perdoa-me. Fui covarde. Covarde! — e começou a chorar.

Ele levou uma mão ao seu rosto e fechou-lhe os olhos com a ponta dos dedos.

— Anda — disse-lhe. — Vamos conversar no meu quarto. Aqui vamos acabar por acordar os miúdos.

Melody avançou sem dizer palavra, desejando que ele a abraçasse ou que,

pelo menos, lhe pousasse a mão sobre o ombro. Blackraven fechou a porta atrás de si e indicou-lhe uma cadeira, arrastando outra e sentando-se à frente dela.

— Isaura — disse, e a sua voz máscula e profunda eriçou-lhe a pele. — Isaura, olha para mim. — Obedeceu. — Diz-me porque rompeste o nosso compromisso. Quero a verdade. Se não tens coragem para me dizer a verdade, então não digas nada.

Melody passou a manga pelo nariz e ele, logo a seguir, entregou-lhe um lenço.

— Obrigada — murmurou.

— Queres tomar alguma coisa?

— Não, obrigada. Estou só a reunir forças para te contar a verdade.

— Isaura — repetiu ele, e a ternura com que pronunciou o seu nome fê-la erguer os olhos. — Isaura, meu amor, diz-me. Sou eu, o homem que te ama para além da razão, aquele que um dia te pediu o dom da tua confiança. Não mo vais conceder? Achas que não serei capaz de compreender qualquer coisa que tu tenhas para me dizer? Isaura, já vivi tempo suficiente neste mundo para conhecer todas as misérias humanas. Testemunhei situações que me retiraram por completo a capacidade de me surpreender. Nada do que disseres irá escandalizar-me ou fará com que te ame menos.

— Prometes? — quis saber ela e a expressão de menina assustada atingiu-o no coração.

— Tens a minha palavra.

— Sabes, Roger, a minha liberdade é muito importante para mim. E não menti quando te disse que sem liberdade não posso ser feliz. Mas não foi isso que me levou a romper o nosso compromisso. Essa foi uma desculpa na qual eu mesma me esforcei por acreditar, até ganhar coragem para enfrentar os meus fantasmas e compreender que são eles que me separam de ti. Os fantasmas do meu passado. Quero partilhá-los contigo, Roger. Preciso da tua força para os arrancar da minha vida. Já não suporto mais a dor, os remorsos, a humilhação. Quero que me ajudes, por favor.

— Ofereço-te toda a força que eu tiver. Daria a minha vida por ti e sabes bem que é verdade.

Melody acariciou-lhe a face. Ele beijou-lhe a mão e sorriu. Depois, sem o olhar, desatou o cinto do roupão e fê-lo deslizar até a cintura.

Afastou a trança, baixou a alça da camisa e voltou-se de costas, mostrando-lhe os ombros.

— Olha, Roger. Chamo de estigmas da minha vergonha.

Ele aproximou o castiçal e fingiu observar pela primeira vez as marcas do ferrete. Tentou tocá-las, mas ela afastou-se.

— Quem te fez isto?

— Nem acredito que esteja mostrando. Não sei de onde me veio a coragem.

— Do nosso amor, Isaura. Confia nele. Agora diz-me, quem te fez isto?

— O meu primo Paddy Maguire.

— Diz-me onde ele mora. Voui agora mesmo procurá-lo. Esse maldito, infame não verá um novo dia.

— Não, Roger.

— Pedes-me que não acabe com ele depois do que te fez?!

— Paddy está morto. Eu o matei.

Blackraven ficou calado, a olhá-la.

— Quero contar tudo desde o princípio. Sei que partilhando contigo esta carga será mais leve daqui em diante.

Durante o relato, Blackraven levantou-se por várias vezes da cadeira.

Mas Melody precisava que ele estivesse perto, por isso, estendia a mão e ele voltava a sentar-se à sua frente. As infâmias de Paddy Maguire arrancaram-lhe insultos e lágrimas, e ao ver o desgosto e a impotência refletidos nos seus olhos azuis, Melody perguntou-se se aquela necessidade de aliviar a sua consciência não seria, na verdade, um grande ato de egoísmo. No fim, abraçaram-se e choraram como duas crianças.

— Isaura, meu amor — repetia Blackraven, incapaz de encontrar as palavras certas, acabrunhado perante aquela sórdida confissão. Era intolerável que a mulher que ele tanto amava tivesse sido vítima de um ser tão vil. A dor ameaçava quebrá-lo. A sua doce e frágil Isaura nas mãos de um patife como Paddy Maguire. Blackraven deu-se conta de que, nem nos piores momentos da sua vida, havia experimentado tamanha dor.

— Receava que depois de te revelar a verdade me desprezasses, que deixasses de gostar de mim.

— Amo-te mais ainda, se possível — embora, na verdade, o que aumentara nele tivesse sido o sentido de posse e de proteção que ela lhe inspirava.

Melody aconchegou-se nos braços de Roger, as faces úmidas coladas ao seu peito. Ele acariciava-lhe os cabelos e beijava-a no alto da cabeça. Num gesto suave obrigou-a a levantar-se. Olharam-se fixamente e os olhos de Melody voltaram a encher-se de lágrimas.

— Isaura, quero absorver a tua dor. Quero torná-la minha e libertar-te dela.

— Já o fizeste, Roger, Pela primeira vez em muito tempo sinto-me realmente livre.

— Ao meu lado vais ser feliz, Isaura. — Falava com o tom incisivo de quem está habituado a mandar e a ser obedecido. — Vais esquecer o passado e desfrutar do presente. Do futuro, eu me encarregarei. Não voltarás a sofrer

qualquer necessidade. Dar-te-ei de tudo, a ti e o Jimmy. Viverás protegida e cuidada como uma rainha. Serás a dona da minha vida e eu, o dono da tua.

— Senti tanto a tua falta durante estes dias! — soluçou Melody. — Julguei que ia enlouquecer de angústia e tristeza.

— Não chores. Já aqui estou e nada me afastará de ti.

— Perdoa-me por não ter sido sincera contigo, por ter-te feito sofrer devido à minha covardia.

— À luz da tua história compreendo tantas coisas — disse Blackraven pensativo. — O pânico que via nos teus olhos sempre que tentava tocar-te, os teus pesadelos, a tua ânsia de liberdade, o teu compromisso com os escravos, a coragem que fazes questão de aparentar, quando na verdade morres de medo. Não és covarde, meu amor, pelo contrário, és muito corajosa. — Ficou calado, como que num transe. De repente exclamou: — Como és linda! Como se a pureza e a bondade da tua alma se refletissem na nobreza das tuas feições. Que fiz eu para te merecer? Nada, certamente. Por uma alguma razão oculta, Deus me premiou, fazendo-te chegar à minha vida. — Melody sorriu. — Anda cá — disse-lhe, e obrigou-a a sentar-se nos seus joelhos.

Afastou as madeixas de cabelo dela e beijou sua testa, as têmporas, a face, o queixo, acariciou-lhe os ombros passando os dedos pela parte mais fina da sua cintura e segurou-lhe a nuca para a beijar nos lábios, de um modo urgente, tentando extinguir o desejo e a angústia dos dias anteriores. Ela enrolou os dedos nos cabelos de Blackraven e respondeu abrindo-se por completo, procurando a sua língua, primeiro com timidez, mas à medida que a paixão se intensificava e que Blackraven a estreitava com mais força, deixando-se levar pelo erotismo e pela luxúria, permitindo que ele invadisse a sua boca. As respirações agitadas de ambos, assim como o roçar das mãos de Blackraven sobre o roupão eram os únicos sons audíveis. Melody gemeu, entre o assustada e o excitada. O desejo de Roger aumentava, aterrando-a. Blackraven afastou-se e ela aproveitou para esconder o rosto no seu ombro.

— Estou tão cansada — mentiu.

— Levo-te para o quarto para que descanses.

Apagou a vela do candelabro, pegou-lhe ao colo e depositou-a sobre a cama. Ela pôs-se de pé de um salto, ao ver que ele tirava o roupão e ficava despido.

— Não — disse.

O quarto estava às escuras, iluminado apenas pelo luar. Uma sombra banhava o corpo de Blackraven, tornando-o mais escuro. Melody ficou a olhá-lo com a mesma ousadia da manhã em que o avistara a nadar no rio. Blackraven puxou-a para si.

— Estou em desvantagem, amor — sussurrou-lhe sobre os seus lábios.

— É a segunda vez que me vês despido e eu não conheço senão os teus ombros.

— Não! — protestou Melody, desesperada, quando o roupão caiu aos seus pés. — Por amor de Deus não me dispas.

— Isaura, por favor, acalma-te. Não vou fazer nada que não desejes, mas preciso de saber o que se passa contigo.

Blackraven permitiu que ela se afastasse.

— Não quero que me vejas nua — e continuou a recuar até a porta.

— Por quê? És a minha mulher, tenho esse direito — disse, avançando para ela.

— O teu corpo é perfeito e eu detesto o meu. Não quero que tu o detestes também. Não suportaria a vergonha — assegurou ao mesmo tempo que tentava escapar, mas Blackraven fechou a porta com o pé e obrigou-a a regressar aos seus braços.

— Ouve bem, Isaura Maguire: pouco me importa o que *tu* pensas do teu corpo. Para mim ele é magnífico e tentador como um doce. Desejei-te desde o primeiro momento em que te vi, quando ainda não sabia que eras tu, naquela manhã em que montavas *Fuoco* e saltaste a cerca, a tua gloriosa cabeleira a ondular ao vento. Agora, definitivamente, o desejo tornou-se uma obsessão e se não fores minha este noite sairei para a varanda e começarei a uivar como um lobo, compreendes?

Apesar da sua aflição, Melody riu, o rosto novamente escondido no peito de Blackraven. Ele fez deslizar os dedos pelos braços da jovem até atingirem as alças da camisa. Demorou alguns segundos até lhe desnudar os ombros. Inclinou-se para beijar um deles, depois o outro, demorando-se langorosamente, enquanto com as mãos fazia descer a camisa ao longo do corpo. Melody tinha fechado os olhos para melhor identificar cada sensação, cada carícia, a dos lábios, a dos dedos, a da sua respiração. A cambraia roçou-lhe a cintura, depois as pernas até cair no chão. “Estou nua”, pensou, colando-se a Blackraven até sentir os pêlos do peito dele sobre os seus seios. Aquele contato dominou-a e pareceu-lhe que resumia na perfeição a masculinidade possante dele e a sua tímida feminilidade.

— Compreendo os teus receios, meu amor, mas são infundados. És perfeita.

— Está muito escuro e não consegues ver-me — teimou Melody.

— Vejo-te com as minhas mãos. Não sentes a paixão com que te percorrem? A forma do teu corpo lembra-me um relógio de areia.

— Nunca vi um relógio de areia.

— Um relógio de areia — sussurrou Blackraven — é assim — e passou-lhe as mãos pelo corpo. — Muito estreito aqui — e apertou-lhe a cin tura —, muito

generoso nas outras zonas — e pôs as mãos em concha para conterem as nádegas. — Quero que desfrutemos deste momento, Isaura. Por favor, imploro-te, põe de lado os teus medos. Vamos nos amar sem que nada mais conte, a não ser nós dois.

Em sinal de concordância, Melody passou-lhe os lábios pelo peito, enquanto as mãos percorriam os seus braços, apertavam-lhe os músculos, acompanhando a linha dos seus tendões. A força que sentia em Blackraven era semelhante à de um poder animal e primitivo que a desestabilizava. Pouco depois deu-se conta de que se apoderava dele uma energia que transformava o homem lógico que todos conheciam num ser irracional. Tremia de excitação e os seus gemidos impunham-se. Mordiscava seus ombros e molhava a pele, passando os lábios pela base do pescoço. Segurava-lhe os seios com as mãos e acariciava-lhe os mamilos.

Melody não o travou. Receava aquele momento.

— Pões-me louco — disse ele com voz rouca. — Estou louco por ti. Que estás a fazer-me, meu amor? És como uma feiticeira, tens-me à tua mercê. Ansiava pelo teu corpo dolorosamente e agora é meu. Meus Deus, *tu* és minha!

Caiu de joelhos sobre o tapete de lã, e os seus lábios apoderaram-se de um dos seios. Melody, atordoada, via-o chupar com prazer. Pareceu-lhe a cena mais íntima que poderiam viver. O estômago distendeu-se e sentiu uma dor aguda entre as pernas que a obrigou a agarrar a cabeça de Blackraven.

Soltando o peito, Roger percorreu o ventre de Melody, beijando-o, mordiscando-o, tocando-lhe no umbigo com a língua. As suas mãos acariciavam-lhe as nádegas e desciam ao lugar recôndito que já lhe havia mostrado.

— Estás tão úmida e quente — ouviu-o sussurrar ofegante, enquanto os seus dedos desvendavam essa parte secreta. — Desejo-te tanto que tenho medo de te magoar.

Melody implorou: — Basta, Roger. Não me aguento mais de pé.

— Deixa-te cair — disse, obrigando-a a deitar-se no tapete.

Recostou-se sobre ela, evitando sobrecarregá-la com todo o peso do seu corpo e voltou a beijá-la nos lábios com urgência.

— Roger, amo-te tanto.

— Sabias que é fascinante a entoação da tua voz quando estás excitada? Torna-se grave, profunda.

A sua boca procurou de novo a dela, enquanto com os dedos friccionava o pequeno vulto entre as suas pernas. Era tão bela a maneira como se tocavam, como os seus corpos se moldavam mutuamente. Já não conseguia pensar nem ter

medo. Lançava a cabeça para trás, arqueava as costas, oferecia-lhe todo o seu corpo que de repente lhe parecia bonito.

— Isaura, ouve — pediu ele enquanto lhe afastava o cabelo do rosto. — Vou fazer-te coisas esta noite que te escandalizarão. Mas quero que te descontraias e me permitas que te prepare. O que vou fazer será para que tenhas o mínimo possível de dor.

— Vai doer?

— Só desta vez. Depois, asseguro-te que tudo será prazer.

— Tu és muito grande. Lembro-me do dia em que te vi na praia.

— Eu sei, amor. Vou tentar fazer doer o menos possível.

— Confio em ti, Roger.

A luz do luar banhava a pele de Melody, acentuando a sua brancura.

Ele pensou no quanto a amava, em como ela era inexperiente, preocupava-o ter de magoá-la. Sem afastar os olhos dos seus, acariciou-a com os dedos até a penetrar. Sentiu-a estremecer e viu o seu trejeito de inquietação. Melody empurrou-lhe os ombros num gesto inconsciente para afastá-lo.

— Calma — disse ele, e enquanto os seus dedos continuavam a penetrá-la, com o polegar acariciava-a onde a fizera gemer e deleitar-se. — Isso mesmo — murmurou —, fecha os olhos e sente-me.

Melody entreabriu a boca e deixou escapar um suspiro, em seguida arfou e depois gemeu. Aquela resposta encheu-o de satisfação e inspirou cada uma das suas carícias. Deu-se conta do momento em que Melody mergulhava numa onda de prazer inconsciente. Sabia-o pelo movimento das suas mãos que lhe apertavam a carne e lhe cravavam as unhas, pelo modo como agitava os quadris, como abanava a cabeça e pela sua ruidosa agitação.

Ouviu-a suplicar: “Por favor, Roger!” ao mesmo tempo que a sua vagina se distendia à volta dos seus dedos prevendo o orgasmo iminente. Quando por fim, a tensão explodiu no corpo de Melody e ela expressou o seu clímax entre lascivos gemidos de prazer, Blackraven ficou a olhá-la, suspenso.

Ainda continuava agitada, de olhos fechados quando Blackraven lhe pegou na mão e a guiou até o seu membro. Os dedos de Melody fecharam-se em volta de algo suave e duro, e Blackraven tremeu e produziu um som rouco e abafado. Acomodou-se sobre ela e, com delicadeza indicou-lhe que afastasse as pernas. Penetrou-a milímetro a milímetro, esforçando-se por se conter, embora não fosse nada fácil, pois ela era muito estreita e ele estava muito excitado.

— Não, não te mexas — pediu-lhe.

Blackraven contraiu os olhos e parou. A ideia de estar a mergulhar na úmida tepidez daquela mulher, a mais desejada, a mais amada, dominava-lhe o corpo e a mente e o controle tornava-se quase impossível.

Continuou a penetrá-la até encontrar a barreira esperada. Nesse momento recuou para regressar com uma estocada surda e firme que a despojou da virgindade com um rasgão que o fez estremecer como se experimentasse a sua dor. Melody gritou e cravou as unhas e os dentes nos ombros até ficar tensa e quieta, com a cabeça para trás. Blackraven manteve-se imóvel, receando magoá-la mais.

— Ainda me amas?

— Sim — murmurou ela com dificuldade.

— És tão estreita — justificou-se. — Mas a partir de agora tudo será mais fácil.

— Sinto um pulsar aí onde tu estás.

— Eu também sinto. Tenta acalmar-te que já vai passar. Pensa nalguma coisa bonita.

— Em ti.

Blackraven riu, evitando mexer-se demasiado e beijou-lhe a testa.

— Lembras-te do dia do piquenique com os miúdos?

— O dia em que me desafiaste para uma corrida — evocou ela, mantendo os olhos fechados.

— Só queria que te afastasses dali para me apoderar desses lábios que tanto me tentavam. Que tanto me tentam — e desenhou-lhe o contorno da boca com a ponta da língua. — Ah, a tua boca, Isaura... Ainda continuas a ser um mistério para mim. O teu corpo sugere luxúria quando, na verdade, és uma menina no íntimo. A minha menina doce — disse com um toque de emoção.

— Mas já sou uma mulher. Tu acabas de me fazer mulher.

— Acabo de te fazer *minha* mulher, não te esqueças.

Vendo-a mais descontraída, inclinou-se sobre a sua boca e penetrou-a com a língua. O beijo tornou-se apaixonado à medida que as investidas recomeçavam. A sua boca desceu e encontrou um mamilo que sugou com volúpia. Aquele gesto pareceu enlouquecê-la.

Queria que ela esquecesse o sofrimento e conseguia. A vagina de Melody sofria espasmos em volta do seu membro, apertando-o, contendo-o, incitando-o. Os seus corpos moviam-se a um ritmo selvagem. Melody agarrava-se aos ombros de Blackraven como se receasse despenhar-se num abismo. Ainda com dor e estremecimento não conseguia travar o movimento de seus quadris e evitar os lamentos que brotavam de seus lábios.

— Rodeia-me a cintura com as pernas — ordenou, ofegante.

Algo nele mudou. Melody ergueu as pálpebras e olhou-o. Blackraven afastara-se e, de braços esticados continuava a mover os quadris, investindo, empurrando-a cada vez com mais ímpeto e velocidade. Melody estremecia,

Blackraven movia-a a cada nova investida. Pôs os braços atrás das costas e agarrou-se aos pés da mesa de cabeceira como que preparando-se para um desenlace perigoso. Blackraven parecia concentrado, os olhos contraídos num trejeito de dor. Melody pensou que nunca o sentira tão seu. Uma emoção oprimiu-lhe o peito. A intimidade que partilhavam deixava-a perplexa, ele dentro dela, os seus corpos nus a tocarem-se, a doçura do contato da sua pele com a pele de Roger. Já era a sua mulher.

Como esse pensamento a perturbava! Levantou a cabeça e dirigiu o olhar para o ponto onde os seus corpos se uniam, ali onde os pêlos negros de Blackraven se enroscavam no ruivo dos seus, onde o seu ventre suado esmagava a sua agitação, uma e outra vez. Fechou os olhos e levantou ainda mais as pernas.

Blackraven esticou-se, arqueou as costas e lançou a cabeça para trás.

Tinha o pescoço avermelhado e os tendões inchados. A maçã de Adão estava saliente e movia-se com rapidez. Começou então a gritar e a agitar-se como se estivesse em convulsão. Pareceu a Melody um longo período de gemidos e estremecimentos e receou que a voz rouca dele despertasse todos em El Retiro. Por fim, Blackraven caiu, ofegante, como se estivesse a afogar-se e exclamou em inglês: “Oh, Meu Deus!”

”Que foi isto?”, interrogou-se, sem se aperceber que o seu corpo estava a pesar sobre o de Melody. Seria possível que tivesse vivido uma experiência nova em matéria de sexo? Ele que já conhecia tudo? Porque o que acabava de sentir era indubitavelmente novo. À luz do amor de Isaura, tudo o resto empalidecia. Teve medo de a perder e não estava preparado para enfrentar esse temor. Abraçou-a de modo possessivo, cobriu-lhe o rosto de beijos e pensou: “Que nunca me faltes porque já nada teria valor.”

Sabas contou as moedas e escondeu-as no lugar onde costumava guardar os seus tesouros. Tinham-lhe prometido cinquenta pesos pelo trabalho que estava prestes a realizar, acabavam de lhe entregar metade e dar-lhe-iam o restante uma vez cumprida a missão. Colocou a boina, empunhou o cajado para espantar as matilhas de cães e dirigiu-se para norte, a parte da costa ocupada pelos almocreves. Ainda não amanhecera.

Era uma hora conveniente para efetuar a tarefa e nem sequer parou para pensar no modo como iria levá-la a cabo, pois parecia-lhe bastante fácil, quase uma brincadeira de crianças.

Dedicou-se, em vez disso, a pensar no dia em que ele e a mãe iriam conseguir os papéis que lhes dariam a liberdade. Faltavam-lhe cerca de

quatrocentos pesos, uma quantia fabulosa, que muito em breve reuniria visto que a informação que tinha consigo valia bem essa fortuna, ainda que precisasse de obter dados mais precisos como o dia e a hora exata da revolta.

Voltou à questão da alforria. Não se tratava apenas de se libertar do jugo da escravatura. Havia também de ter em conta questões fundamentais como o lugar onde iriam viver e o trabalho que teriam a partir desse momento. Já vira demasiados escravos libertos implorarem o abrigo dos seus antigos amos, porque não podiam manter-se e não tinham onde viver. Sabia até de muitos escravos que morriam como cães na rua, famintos e sem roupa para vestir, porque os seus antigos patrões não os admitiam de volta. Ninguém se ocupava desses pobres infelizes. A liberdade podia, sem dúvida, transformar-se numa armadilha mais perigosa do que a escravatura.

Iria ter com Papá Justicia. Ele ceder-lhe-ia um lugar em sua casa, a melhor do bairro do Mondongo. Sabia que Justicia e a sua mãe Cunegunda tinham sido amantes no passado. Chegava a imaginar ser ele próprio o fruto desse amor apesar de Cunegunda o negar. Pouco importava, Sabas idolatrava Papá Justicia e sentia-o como se fosse seu pai. Que coisas não poderiam conseguir juntos, Cunegunda e Justicia, os feiticeiros mais temidos de Buenos Aires?

Incomodava-o que Papá Justicia se tivesse unido aos cabecilhas da revolta dos escravos. Na verdade, tinha ciúmes, não só da amizade dele com Tomás Maguire mas também da consideração e afecto que demonstrava pelo yolof Servando. Afinal de contas, Servando ficava com tudo aquilo de que ele mais gostava na vida: Papá Justicia e a menina Elisea.

Mas o tempo da vingança havia de chegar e ele cobraria uma a uma todas as afrontas.

O acampamento dos almocreves estava em silêncio. Avançou com cautela por entre as tendas. Como tinha calculado, a carroça de Tomás Maguire e de Pablo estava vazia, pois aquela era a hora em que os rapazes costumavam tomar banho no rio. Levantou o couro e esgueirou-se lá para dentro. Esperou que os seus olhos se habituassem à escuridão antes de começar a busca naquele espaço reduzido e caótico. Quando estava quase a perder as esperanças, algo brilhante chamou-lhe a atenção.

Aproximou-se e sorriu aliviado e satisfeito ao descobrir a corrente e a medalha de ouro de Tomás Maguire pendurada num gancho junto à cabeceira da cama. O jovem nunca se separava dela a não ser para tomar banho. Sabas retirou-a e escondeu-a na orla da sua boina. Antes de abandonar a carroça, certificou-se de que ninguém o via.

XVIII

NOTAS DE UM SICÁRIO

Quarta-feira, 14 de agosto de 1805

As averiguações avançam lentamente. Regressei a Paris por duas vezes, sem êxito de maior nas minhas pesquisas. Das minhas incursões noturnas em Londres não surgiu qualquer dado revelador. Definitivamente, o lacre tão peculiar do bilhete do Escorpião Negro *não está disponível em nenhuma loja londrina. Um comerciante disse-nos que há cavalheiros com aspiração a alquimistas que fabricam as suas próprias massas. Adquirem a goma arábica, a resina e a tinta que condiz por exemplo com a cor dos seus escudos, para obterem uma chancela que os distinga. À luz deste comentário, a pista do lacre deixa de funcionar. Parece evidente que o* Escorpião Negro *é um desses indivíduos, ainda que pense que não o faz movido por questões de vaidade e sim para despistar. Desirée sugeriu que investigássemos quem compra goma arábica e resina, mas acabamos por abandonar a ideia quando nos apercebemos de que tais substâncias são vastamente requisitadas, em especial para efeitos medicinais. Todos os médicos e boticários de Londres se tornariam suspeitos, o que seria inadmissível.*

Concentramo-nos na pista do selo do Escorpião. *Deve ser uma peça de joalheria muito fina, visto que, apesar da pequena dimensão da figura, os seus traços e perfis estão claramente talhados e delineados.*

É assombroso como se distinguem as patas, as tenazes, o próprio ferrão venenoso da cauda. Inspira medo e admiração. Durante os últimos meses visitamos muitos joalheiros da cidade sem qualquer resultado, embora ontem, um judeu da Strand chamado Isaac Lienzo nos tenha assegurado ter visto essa figura ainda que não se lembrasse do local. Com o estímulo de uma recompensa, o judeu prometeu esforçar a memória. Desirée deixou-lhe o seu cartão de visita.

Esta noite, enquanto escrevo, Desirée está a jantar na mansão dos Musgrove, pais de Frederick Musgrove, o tal da lista de Fouché. Finalmente, depois de tanto tempo de espera, Lady Sommers, que trata da vida social dos forasteiros e dos novos-ricos, conseguiu que a convidassem, a troco de uma generosa quantia em libras. Trata-se de uma oportunidade única, pois estarão

também presentes Conrad Phillips, Simon Miles — os outros da lista — e Lord Bartleby, chefe do Departamento do Exterior que se ocupa dos espiões ingleses.

Sou obrigado a reconhecer: Desirée é a mulher mais bonita que conheço. Desde pequena que era prometedora e o tempo acabou por fazer com que as minhas expectativas fossem ultrapassadas. Possui uma beleza agressiva e exuberante, como a natureza e o clima do lugar que a viu nascer.

Quando solta a sua cabeleira loira, esta toca-lhe na cintura. Em público costuma amarrá-la com fitas de tecido. Por vezes, utilizando pinças quentes, enche-a de caracóis. Quando me permito algum prazer, peço-lhe que se dispa e passeie à minha frente com o cabelo caído sobre os seios rotundos.

Em seguida, levanto-me e faço deslizar as minhas mãos sobre esse espesso manto, enquanto procuro os seus mamilos ávidos e duros.

Para o jantar em casa dos Musgrove, resolveu levar um vestido de seda azul-índigo que o costureiro Worth nos cobrou a peso de ouro. Admito que vale cada uma das libras desembolsadas, pois poucas vezes a vi tão arrebatadora. Usou a gargantilha de pórfiro com brincos a condizer. Quando a ajudei a calçar as luvas pretas senti um intenso desejo, mas consegui reprimir os meus instintos. Esta noite, se tudo correr bem, Desirée acabará na cama com um dos suspeitos.

Como de costume, com o meu disfarce de cocheiro, dirigi-me às traseiras para aprontar a carruagem que havíamos alugado. Aí encontrei os nossos colaboradores, Rupert e Peter que traziam uma novidade surpreendente. Esta tarde, nas profundezas de Hyde Park, Peter descobriu Simon Miles com um homenzinho coxo, o olho esquerdo tapado por uma pala escura. Rigleau, o informador de Fouché. Não tinha conseguido ouvir o que diziam. Terminada a reunião secreta, o francês dirigiu-se para Blackfriars e Peter seguiu-o. A poucos quarteirões de distância deixou bem claro por que motivo é o homem de confiança de Fouché, pois, descobrindo que o seguiam, perdeu-se sem o menor esforço nas hediondas ruelas. Peter, habilíssimo rastreador não teve outra alternativa a não ser admitir o fracasso.

Fomos para o jantar com novas expectativas. Tendo estado à beira de eliminar Simon Miles da nossa lista de suspeitos, descobríamos agora que o inglês passara a ocupar o primeiro lugar. À semelhança de Musgrove e Phillips, nós o havíamos investigado em profundidade sem encontrar pistas que de algum modo o relacionassem com a rede de espiões inglesa ou francesa. É um homem de alta linhagem ainda que a fortuna da sua família já tenha conhecido tempos melhores. Com efeito, trabalha para aumentar o seu magro rendimento. De aspecto intelectual, dedica o seu tempo livre e o seu dinheiro à literatura. A francesa é o seu ponto fraco, o que explica as viagens a Paris, as estreitas relações com homens de letras franceses e as assíduas visitas ao salão literário

de madame Recanier. Originário da Cornualha, é solteiro e leva uma vida agradável, sem excessos. Aluga um apartamento no primeiro andar de uma pensão da Cockspur Street, não tem noiva e a sua vida sexual limita-se a uma visita semanal ao bordel de St. Giles-in-the-fields. Dizem que não conseguiu recuperar de um amor contrariado na adolescência. A dama em questão ter-se-ia casado com um amigo seu o que o deixou muito infeliz, tornando-se numa adúltera ao sucumbir aos rasgos amorosos de Miles. Desconhece-se o final da história, embora se calcule que não tenha sido brilhante, visto que o nosso suspeito se mudou para Londres para a esquecer. Que tipo de personalidade terá, realmente, Simon Miles?

Com aquele ar intelectual e distraído parece absolutamente inócuo.

Manhã de quinta-feira, 15 de agosto de 1805

Esta noite, Desirée conseguiu captar a atenção do sofredor amante da Cornualha ao recordar-lhe no mais perfeito francês, passagens inteiras de L'École des Femmes *de Molière. Miles revelou-lhe que as suas obras preferidas são* Le mariage forcé , Le Tartuffe *e* Le Sicilien , *ao que ela respondeu com uma declamação dos diálogos mais inventivos das referidas obras.*

Miles estava verdadeiramente assombrado. Conversaram durante todo o jantar. Depois disso, enquanto os cavalheiros se afastavam para fumar os seus Vegueros e beber um cálice de Porto, Miles incorreu na grande falta protocolar de preferir a companhia daquela exótica mulher que, de Moliére, sabia talvez mais do que ele.

Os benefícios obtidos com o convite dos Musgrove não se limitaram à conversa com Simon Miles. Como era de esperar, na presença de Lord Bartleby, chefe dos espiões ingleses, as damas fizeram-lhe bastantes perguntas sobre os famosos Pimpinela Escarlate *e* Rosa Azul , *dois heróis à altura de Horatio Nelson. Uma declarou que achava a espionagem o mais "romântico" dos ofícios. Lord Bartleby, talvez já um pouco entrado nos copos, ou para se dar ares frente a um auditório feminino, assegurou que esses não eram os espiões mais famosos de Inglaterra. Desirée sentiu um calafrio e o seu coração bateu com mais força ao ouvir as palavras que Bartleby pronunciou em seguida: "Ninguém conhece o* Escorpião Negro *e as suas proezas são secretas. Mas é a ele que devemos a salvação e glória atual do nosso reino." Um murmúrio atônito atravessou a sala. Era a primeira vez que o nome do* Escorpião Negro *era proferido num lugar diferente dos bairros centrais de Paris.*

“Oh, sim”, declarou Sir Musgove, o anfitrião, “o senhor aludiu ao Escorpião Negro *tempos atrás no clube”. Vários cavalheiros assentiram. Bartleby, que apenas queria exibir-se para as damas, prosseguiu: “Boney — é assim que os ingleses chamam a Bonaparte — ter-nos-ia invadido várias vezes, e com êxito devo acrescentar, se o* Escorpião Negro *não o tivesse impedido.” Logo a seguir, as senhoras quiseram conhecer a identidade do espião, ao que Bartleby respondeu com solenidade: “Se eu soubesse, não o diria. Embora deva confessar-lhes que a identidade do* Escorpião Negro *e a dos cinco espiões que trabalham sob as suas ordens, foram para o túmulo com o meu antecessor. É claro que, como é norma deste ofício, não ficaram registos de qualquer tipo.”*

Seguiu-se um prolongado relato das façanhas solitárias do Escorpião Negro *.*

As damas abanavam vigorosamente os seus leques e suspiravam de vez em quando, enquanto os cavalheiros bebiam e ouviam com a maior atenção.

Frederick Musgrove fez uma sugestão: “Face às dificuldades que estamos a atravessar com França e com as ameaças que nos espreitam, não seria oportuno encontrar e convocar o Escorpião Negro *para se reintegrar nas nossas fileiras? A sua experiência seria de um valor incomensurável.”*

“Estamos a tratar disso” foi a enigmática resposta de Lord Bartleby.

Qual seria a recompensa que o Departamento do Exterior daria a quem lhe revelasse a identidade do Escorpião Negro *?*

Ouve-se a campainha da porta da rua. Vou abrir. Um mensageiro.

Recebo o envelope e deixo cair na sua mão alguns xelins. É para Desirée.

Abro-o sem perder tempo. “Encantadora senhora, seria tão amável que se dignasse acompanhar-me no jantar desta noite, às sete, na minha residência, número 8 da Cockspur Street? Estou ansioso por lhe mostrar a minha biblioteca. Prometo que poderá escolher o livro que mais desejar. O seu humilde servo, Simon Miles.”

XIX

Na manhã seguinte, a do dia da tertúlia, Melody acordou na cama de Blackraven e reparou logo a seguir que o solitário tinha voltado à sua mão. Tapou a boca para conter uma pequena gargalhada ao evocar o que tinha vivido naquele quarto. Nem um laivo de culpa ou aflição toldava a sua felicidade, nem mesmo quando pensava que Lastenia ficaria bastante escandalizada se soubesse que a sua filha se tinha entregado a um homem antes do casamento.

Depois daquele grito profundo e plangente e o ter ficado esgotado sobre ela, Blackraven levantou-se e levou-a para a cama. Protegidos pelo dossel, apenas o contato da pele de ambos os advertia da intimidade partilhada. Um aroma peculiar emanava dos seus corpos, aroma esse que Melody também identificou com essa intimidade. Aninhou-se contra o peito de Blackraven e percorreu-o com beijos, ao mesmo tempo que, com a ponta dos dedos, lhe marcava o contorno dos músculos.

Pouco depois, sentiu os lábios dele percorrendo-lhe todo o seu corpo.

Os seus dedos lentos e inquiridores tocavam-lhe as pernas, os braços, o pescoço, as faces. Enrolava nos dedos o seu cabelo, assim como os caracóis da púbis. Blackraven empenhava-se em silêncio e a sua boca só se abria para lhe lamber os mamilos, para brincar com o seu umbigo. Ouvia-se o roçar da pele de um no outro e a agitação dele. Num sussurro impaciente perguntou-lhe: — Como te sentes? Poderíamos repetir?

Embora soubesse que Melody tinha sofrido e que aquela experiência, por momentos a tinha assustado e escandalizado, Blackraven não conseguia dominar a sua excitação, e sentiu-se infame.

— Acho que sim — ouviu-a dizer.

Abraçou-a de modo apaixonado e implorou-lhe ao ouvido: — Perdoa-me! Não deveria ter-te falado na possibilidade de tentar outra vez esta noite. Sei que te doeu.

Melody colocou-lhe uma mão sobre a boca.

— Fizeste-me tua mulher, Roger. E senti-me muito feliz. Sou muito feliz. Graças a ti.

— Sim — disse ele, apaixonadamente —, fiz-te minha mulher. A minha doce Isaura — murmurou subitamente abatido. — Ainda te dói?

— Sinto um incômodo, nada mais.

Blackraven abandonou a cama. Parecia moldado em bronze escuro e a sua pele brilhava devido à transpiração. As nádegas contraíam-se a cada passo,

marcando uma depressão nas costas. À luz mortiça da noite, apreciou melhor o vigor que emanava da sua figura. Um estranho sentimento, um misto de orgulho, felicidade e desejo, acentuou-lhe a volúpia.

Blackraven voltou trazendo uma bacia e uma esponja. Pousou-as sobre a mesa-de-cabeceira e sentou-se à beira da cama. Olharam-se, ele sorriu-lhe e passou-lhe a mão por uma das pernas.

— Tens a pele tão suave — admirou-se. — Costumas tirar os pêlos?

— Não se passa um ano num bordel em vão — brincou Melody. — Sim, tiro os pêlos, como me ensinaram as meninas de madame Odile. É escandaloso, não é?

Blackraven inclinou-se e depositou-lhe uma fileira de beijos, desde o joelho até o monte de Vénus.

— Sim, muito escandaloso, mas agrada-me que sigas o costume dessas garotas sábias. Acho-o um costume muito sedutor. Agora abre as per nas.

Melody obedeceu. Blackraven era o tipo de homem a quem, por instinto, não se desejava contrariar. Viu-o embeber a esponja e espremê-la para retirar o excesso de água. A sensualidade pairava no ar e, apesar de tu do aquilo ser novo para ela, teve a impressão de que a partilhara com ele centenas de vezes. A escuridão que dissimulava a nudez dos seus corpos, resguardava-a de exibir a sua nudez e perguntou-se como teriam sido as coisas se as velas estivessem acesas, mostrando as suas imperfeições a um ser tão perfeito como ele.

Blackraven passou-lhe a esponja entre as pernas com extrema suavidade, levantando um cheiro ferruginoso que ela identificou como sendo o seu sangue virginal.

— Espero não ter manchado o tapete — disse, aflita.

— Oxalá o tenhas feito — contradisse ele. — Conservá-lo-ia manchado, como recordação desta noite.

A operação com a esponja úmida repetiu-se várias vezes, até a sentir fresca e limpa. Pesavam-lhe as pálpebras e apesar de ter feito um esforço para se levantar e ir para o seu quarto, acabou por adormecer ali mesmo.

Quando acordou, ficou na cama a preguiçar, admirando o anel que tinha na mão esquerda, revivendo a noite anterior.

Trinaghanta deslizou pelo quarto em bicos de pés dirigindo-se ao toucador. Melody procurou rapidamente a camisa entre os lençóis e vestiu-a. Quando a mulher voltou a aparecer, disse-lhe da cama num tom absolutamente natural: — Bom-dia.

— Bom-dia, Miss Melody. Deseja tomar um banho?

— Nada me agradaria mais.

Enquanto Trinaghanta preparava a tina, Melody quis saber das crianças.

— Estão com o senhor Désoite, a desenhar o campanário.

”Bendito senhor Désoite!”, que durante aqueles dias incertos a ali-viara daquela tarefa.

— E sua Excelência?

— A trabalhar no escritório.

Blackraven tinha passado as primeiras horas da manhã tão agitado que mal conseguiu concentrar-se nas mensagens cifradas que havia encontrado no quarto de Traver. Queria voltar à cama onde Melody continuava a dormir, mas impôs-se terminar a tarefa e obrigou-se a não a incomodar nesse dia.

A sua decisão durou pouco. Quando Trinaghanta se assomou à porta e o informou de que Miss Melody acabava de tomar um banho, subiu as escadas a dois e dois. Foi encontrá-la no toucador, cantarolando naquele tom de voz grave que o havia deixado sem fôlego ao dizer que o amava. Estava frente ao espelho de pé a acabar de ajeitar o corpete.

O banho conferia ao quarto um ambiente íntimo, pouco iluminado, quente e fragrante devido ao vapor de água e ao perfume dos óleos e do sabão.

Colocou-se atrás dela, a poucos centímetros de distância, mas não lhe tocou. Olharam-se no espelho.

— Não te importas que esteja a usar o teu roupão, não? — perguntou Melody nervosa, fingindo concentrar-se no penteado. — Trinaghanta disse que não fazia mal.

Retirou os grampos que seguravam o coque e a cabeleira espalhou-se com a força do seu peso, ocultando as costas até a cintura. Blackraven admirou a exuberância leonina daqueles caracóis avermelhados e, sem que ela desse por isso, acariciou um entre os seus dedos.

— Tudo o que eu tenho é teu — disse, e o tom sério da sua voz impressionou-a.

— E tudo o que eu tenho é teu, Roger. Embora não tenhas feito um bom negócio porque não tenho nada. Só *Fuoco*, que é teu se assim o desejares.

A intensidade de Blackraven, por vezes, chegava a assustá-la. Madame Odile advertira-a acerca da natureza insaciável dos filhos de Marte, o deus da guerra. Nesse momento, exibia uma expressão de guerreiro, dura, severa, atemorizante. Colou o corpo às costas da jovem e rodeou-lhe o ventre com os braços.

— *Tu* és a única coisa que quero de ti — exigiu-lhe ao ouvido. — Quero-te toda, o teu corpo, a tua alma, o teu coração — São meus, Isaura? Entregaste-os a mim?

— Sim, sim — afirmou ela, enquanto ele lhe beijava o pescoço e lhe tomava os seios nas suas mãos em concha.

O roupão não conseguia preservá-la da dureza que pulsava e crescia na

entreperna de Blackraven. O calor das suas mãos trespassava a seda; não paravam e percorriam-lhe o corpo conquistando-o com suavidade.

Um impulso desconhecido fez com que ela levasse o braço atrás e lhe acariciasse o pequeno vulto. Ele sofreu um espasmo violento e soltou um gemido. Melody percebeu que os seus dedos lhe apertavam a cintura para se equilibrar. Não estava à espera de um gesto tão audacioso da parte dela.

— Não! — exclamou Melody, ao ver que Blackraven lhe desatava o cinto do roupão.

— Quero ver-te — suspirou ele. — Por amor de Deus, *preciso* te ver.

— Não, por favor — implorou.

Ele não se deteve. O roupão abriu-se revelando um mamilo. Blackraven pegou no candelabro e colocou-o frente ao espelho, enquanto a pequena divisão se enchia de luz. Melody contraiu os olhos como se com essa atitude conseguisse escapar ao exame. A seda lambeu-lhe os ombros e as costas antes de cair aos seus pés. Finalmente nua, em frente dele, pensou: “Vamos acabar com isto.”

Era mais bela do que ele imaginara. Mais completa, mais mulher, mais deliciosa, lembrava uma modelo do Renascimento.

Isaura Maguire apresentava contrastes brutais, toda ela era um mistério porque a Natureza a modelara para ser cortesã ao mesmo tempo que um anjo lhe havia dado o coração. Teve nesse momento a certeza de que jamais se cansaria dela, como se se tratasse de uma infusão que lhe acalmava a sede, atiçando-a no momento seguinte.

Envolveu-lhe o pescoço com a mão e percebeu que as suas pulsação aumentava quando lhe acariciava o mamilo. Fascinava-o a suavidade e a palidez rosada daquela pele. A sua mão escura, grande e grosseira sobre o níveo ventre de Melody deu-lhe a medida do quão diferentes eram, a fragilidade da jovem contrastando com a rudeza dele. Afastou-lhe o cabelo e ficou a examinar as marcas do ferrete. Ao dar-se conta de que Melody estava incomodada, inclinou-se e beijou-as uma a uma.

— Se estas cicatrizes são tuas, então são minhas também. Não as tenho no corpo, mas tenho-as no coração. Sejamos um, Isaura. Dá-me a tua dor e liberta-te dela.

Nunca tinha visto uma púbis daquela tonalidade, avermelhada, escura, uma cor que o fez pensar no mercúrio. Enrolou nele os seus dedos até alcançar o ponto em que Melody teve um estremecimento.

— Estás dolorida, meu amor?

— Não.

— Desejo-te tanto. Esta noite fizeste de mim o homem mais feliz do mundo.

— E agora, Roger? Agora estou a fazer-te feliz?

— Sim — respondeu sem a mais leve hesitação. — Desejo tanto fazer amor contigo. Depende de ti. Não sei como te sentes hoje de manhã.

— Agora? De dia?

— De dia, de noite, à hora e no lugar que tu quiseres.

— Então que seja, Roger, por favor.

Tomou-a nos braços e levou-a para a cama. Começou a despi-la com alvoroço. Melody tentou tapar-se com um lençol, mas Blackraven arrancou-o da cama e atirou-o ao chão. Desprotegida, enroscou-se sobre o ventre, voltando-lhe as costas. Blackraven continuou a tirar a roupa sem deixar de a olhar.

— Tens o rabo mais tentador que alguma vez vi.

— Roger, por favor.

— É verdade, meu amor. Nunca tinha visto nada tão delicioso.

A cama desceu um pouco com o peso de Blackraven. Melody mantinha-se quieta. Ele instalou-se ao seu lado e escondeu o rosto nos seus ca belos.

— Lembro-me que no dia em que te conheci desejei ver o teu cabelo espalhado sobre o teu corpo nu.

— Levas sempre a tua vontade avante, não é?

— Sempre. Embora nunca tivesse imaginado que seria tão difícil convencer-te. Ainda me lembro daquele primeiro dia em que me puseste fora de mim por causa de Miora. Acreditas nisto? Surpreendias-me, deixavas-me sem palavras, enfurecias-me e segundos depois obrigavas-me a baixar a guarda.

— Eu tinha imenso medo de ti.

— Sim, eu lembro-me. Já não tens, não é? — Pousou o seu corpo sobre o dela e, com a ponta da língua, desenhou-lhe o contorno da orelha, do maxilar, do pescoço, do ombro arredondado. Deixou que as mãos deslizassem entre Melody e o colchão até encontrar os seus mamilos.

— Não tens medo, não? — insistiu.

— Às vezes. — A resposta escapou sob a forma de um gemido.

— Farei com que isso não volte a acontecer. Quero que sejamos um só.

Melody ocultou o rosto na almofada, sufocando um grito de prazer quando Blackraven a penetrou com o dedo. Arqueou-se como um autômato, sem consciência de que se esfregava contra a sua ereta virilidade.

Blackraven ajeitou-se sobre ela, abriu-lhe as pernas e, em seguida, embrenhou-se na sua suavidade tépida.

Melody voltou a arquear o corpo, lançando a cabeça para trás, mordendo-se para sufocar um protesto. Era assaltada por sensações contraditórias e não saberia dizer se experimentava felicidade ou medo. Doía-lhe, latejava, escandalizava-se e vivia momentos de intenso prazer. Blackraven investia como se quisesse alcançar o centro do seu ser. Ela pensou que, para muita gente, o que

estava a fazer era pecado. O rosto da sua mãe, que por vezes se desenhava na sua memória, voltou a surgir-lhe com nitidez e pensou que nunca poderia contar aquilo ao seu confessor, o padre Mauro.

Blackraven, como se lhe lesse os pensamentos, disse: — Pensa apenas em mim, neste mundo que estamos a criar os dois. Este mundo é nosso, só nosso, Isaura.

— Roger — murmurou, mas não conseguiu dizer mais nada e começou a gemer como se tivesse dores.

— Isaura! — exclamou Blackraven, sentindo um violento orgasmo.

O bramido de Blackraven atenuava os lânguidos gemidos de Melody e ia diminuindo ao ritmo das suas investidas. Ao abrir os olhos a jovem descobriu o braço de Blackraven ainda estendido junto do seu rosto, com os músculos em rígida tensão. Gostava tanto daquele homem, até o mais pequeno detalhe. Aquele braço, peludo, bronzeado e forte. Sentiu-se feliz, como se fosse dona de um grande tesouro. E ela, que não tivera nem esperara ter nada, pensou que era a mulher mais rica do mundo.

Blackraven caiu sobre os ombros de Melody e voltou a mergulhar o rosto no seu cabelo, apreciando o aroma agradável dos seus caracóis a cada nova inspiração agitada. Afastou as madeixas que lhe ocultavam o rosto e beijou-a na fronte. Sabia que estava a cansá-la com o seu peso, mas não conseguia afastar-se dela. Observou-lhe o perfil, de olhos fechados e lábios entreabertos e sentiu-se tão feliz que quase deu uma gargalhada.

— Com que então era aqui, nos confins do mundo que te escondias, meu tesouro?

Vários escravos fortes, entre os quais se contava Servando, arredaram a mesa de carvalho para vinte e quatro pessoas para um dos cantos da sala, e duas escravas cobriram-na com uma toalha de linho branco. As servas tinham descido os lustres e colocavam-lhes velas novas, enquanto outro grupo se encarregava dos candelabros de prata. Se tudo corresse bem só seriam acesos no final da tertúlia, quando os convidados iniciassem o lento regresso à cidade. Isso ajudaria a manter a sala fresca num dia de calor.

Béatrice dava ordens a uns e outros, revelando bem a sua natureza minuciosa e obsessiva. Blackraven observava-a da ombreira da porta com um sorriso. Tinham tomado o pequeno-almoço juntos nessa manhã e sabia que estava nervosa e de mau humor.

— Vá lá — disse —, finalmente dignas-te a aparecer. Precisava da tua opinião em várias questões e tive de tratar de tudo sozinha. Depois não te queixes.

— Nunca faria reparos às tuas decisões, Marie.

— Onde está Miss Melody? — perguntou com ar sério. Não a vi durante toda a manhã.

— No primeiro andar, imagino.

— Pergunto a mim própria se esta noite veremos na sua mão esquerda o belo solitário que lhe ofereceste. Não o usou durante os últimos dias — disse, mais para si do que para Blackraven.

— Vê-lo-ás, sim, como deve ser. Ela será minha mulher muito em breve.

— Roger, querido — disse Béatrice mudando o registo de voz —, seria conveniente que durante o noivado, Miss Melody e tu vivessem em lugares separados. É péssimo para a reputação dela ficar a dormir debaixo do mesmo tecto que tu.

— Já tocamos nesse assunto — declarou, e Béatrice surpreendeu-se, pois ele não costumava falar-lhe naquele tom.

— Que pensas dizer aos convidados? Verão o anel no seu dedo, vão querer saber.

— Marie, preocupas-te demasiado em dar explicações às pessoas.

Deixa-as pensar o que quiserem. Seja como for, vão sempre tirar as suas conclusões que nada têm a ver com a realidade.

Como era domingo, foram à missa e em seguida almoçaram na casa de jantar de todos os dias, de modo frugal visto que um banquete os aguardava dentro de poucas horas. Os garotos explicaram a Melody que o senhor Blackraven os tinha autorizado a assistirem à tertúlia, até o início do baile. Angelita preocupava-se com o vestido, enquanto Víctor e Jimmy pensavam nas comidas e nas brincadeiras que iriam fazer às jovens solteiras.

Retiraram-se durante uma hora para descansar um pouco antes de se prepararem para a festa. Melody, ao ver Servando entre os escravos que arrastavam os móveis e ajeitavam as cadeiras, aproximou-se para o cumprimentar.

— Babá — chamou.

— Miss Melody — disse o yolof, sem olhar para ela, retorcendo a boina entre as mãos.

— Que se passa?

— Nada, Miss Melody. Que deseja?

— Nada de especial. Saber como estás, se há alguma novidade, se alguém precisa de alguma coisa. Não sei, Babá, nunca tive de justificar por que desejo falar contigo.

— Mas agora que pertence ao patrão Roger, talvez não deva falar comigo.

Melody ficou em silêncio, entre o surpreendida e o incomodada.

— Eu não pertenço a ninguém, Babá. Sabes muito bem isso.

— Dizem que agora pertence ao patrão Roger.

— Vamos nos casar.

Servando levantou os olhos, e um olhar receoso cruzou-se com o de Melody.

— Quer dizer que não vai nos abandonar?

— Nunca! — assegurou, com uma rapidez excessiva porque, em boa verdade, não voltara a abordar a questão dos escravos com Blackraven. — Disseste alguma coisa ao meu irmão Tomás?

— Não.

— Não lhe digas nada, por favor. Quero ser eu a dizer.

— Vai ficar furioso. Tem o patrão Roger atravessado.

— Eu sei, por isso te peço prudência. Eu vou falar com ele.

— Como mandar, Miss Melody. A minha primeira fidelidade é para consigo.

Melody apoiou a mão na mão escura do escravo e apertou-a em sinal de reconhecimento. Despediram-se sem palavras. Melody dirigiu-se ao pátio principal, onde o calor era tão sufocante que decidiu buscar abrigo no seu quarto. Na verdade, precisava de falar com Roger, mas ele tinha-lhe dito que ia até o escritório a fim de resolver alguns problemas pendentes e não desejava importuná-lo.

Não queria participar na tertúlia. Não pertencia àquele meio, sabia que não gostavam dela. Desprezavam-na por se ocupar dos escravos e desprezá-la-iam ainda mais quando ficassem a saber que se envolvera com o conde de Stoneville. Parecia-lhe que o belo vestido azul que Miora, na véspera, acabara de costurar não era adequado, que os seios lhe iam fugir ao primeiro movimento brusco. E ela costumava ser brusca, era o que a mãe sempre lhe dissera. Por outro lado, não sabia dançar, não se lembrava das aulas de Lastenia. Iria provocar a risota geral, seria alvo dos gracejos e das críticas dos amigos de Blackraven.

Estendeu-se na cama e tentou descansar. Acordou ao sentir uma carícia na testa.

— Isaura — disse Blackraven, enquanto Trinaghanta corria as cortinas, deixando entrar a luz.

— Roger, meu amor — suspirou, fechando novamente as pálpebras. — E os meninos? Tenho de tratar da roupa deles e penteá-los.

— Acalma-te, a senhorita Leo está a tratar deles. Olha quem veio fazer uma visita.

— Vejo que está mimando-a demais, Excelência. Tornou-se uma preguiçosa.

— Madame! — exclamou Melody e abandonou a cama.

— Minha menina!

— Deixo-vos a sós — anunciou Blackraven e, com um simples gesto fez

sinal a Trinaghanta para que o acompanhasse.

Melody aproximou a cadeira do toucador para Odile. Ela sentou-se na borda da cama.

— Que magnífico solitário! Deve ter-lhe custado uma pequena fortuna.

— Ainda bem que veio visitar-me — alegrou-se Melody. — Preciso muito de si no dia de hoje.

— O Imperador é da mesma opinião. Foi ele que me mandou chamar. — Melody arqueou as sobrancelhas. — Enviou-me este bilhete a casa, hoje de manhã. Vou ler porque está em francês.

— Deixe-me pelo menos espiar a caligrafia dele.

E os traços nítidos e grandes, um pouco inclinados para a direita, denotavam a firmeza e a decisão do seu autor. No selo de lacre, distinguiu a águia bicéfala do escudo pendurado no escritório. Madame pegou o papel e leu.

”Minha estimada senhora, espero que ao receber os meus cumprimentos se encontre de perfeita saúde. Escrevo para lhe pedir, se não considerar demasiado inoportuno, que venha esta tarde fazer-nos uma visita a El Retiro. A minha adorada Isaura precisa de si. Aos seus pés, Blackraven.

P.S. A minha carruagem irá buscá-la às três da tarde e levá-la à a casa no regresso.”

Madame Odile dobrou o bilhete e devolveu-o à sua bolsinha de mão. — Ah, querida — suspirou —, foste muito afortunada em encontrar um homem como o Imperador. Diz-me, porque precisas de mim? Que aconteceu? — Olhou-a com intensidade, semicerrando os olhos. — Já és mulher. A mulher do Imperador.

— Nota-se assim tanto? — preocupou-se Melody, cobrindo as maçãs do rosto ruborizadas.

— Só uma mulher como eu daria por sutilezas como essa. Ninguém mais perceberá. Estás bem? Como te sentes?

— Muito estranha, madame. Fez-me coisas que nem a senhora, com os poucos preconceitos que tem, aprovaria.

— Duvido — declarou com um aceno desinteressado. — Eu aprovaria qualquer coisa que o Imperador me fizesse. Querida, tens de perceber que entre um homem e uma mulher tudo é permitido desde que os dois o desejem e ninguém se sinta mal.

— A minha mãe nunca me teria dito isso.

— Já conversamos sobre a tua mãe. Era uma mulher triste e amarga. Agora diz-me, esquecendo a tua mãe e todos os outros, como te sentiste? Foste feliz nos seus braços?

O rubor de Melody acentuou-se e os seus olhos iluminaram-se.

— Muito feliz, madame. Oh, claro que houve muita dor.

— É natural nas primeiras vezes. A pouco e pouco irás ganhando confiança e não voltará a doer. Deves entregar-te a esse homem com uma fé cega. Ele adora-te, Melody. Olha que poucas vezes vi um homem da classe do Imperador olhar para uma mulher com a reverência com que ele olha para ti. Arriscar-me-ia a dizer que és a primeira mulher que Blackraven ama de verdade.

Melody ficou a pensar naquelas palavras e interrogou-se como se -

riam, não as amantes que sabia terem sido muitas, mas as mulheres que ele amara. Embora lhe tivesse dito que nunca amara ninguém assim, pareceu-lhe inverosímil que um homem como ele, nalgumas ocasiões, não tivesse amado com a mesma intensidade.

— Hoje à tarde vai haver uma tertúlia em El Retiro.

— O Imperador informou-me disso enquanto subíamos. disse que era seu desejo que te animasse e te ajudasse a arranjares-te.

— Não quero ir.

— Deves fazê-lo. É teu dever como anfitriã. Não me olhes com essa cara. O Imperador considera-te sua mulher e conta contigo para desempenhar o papel de senhora da casa.

— A senhora da casa é a senhorita Béatrice.

— Tu também o és. Vá lá, levanta-te.

No fim, Melody acabou por se divertir. Com as suas escandalosas sutilezas, madame Odile fê-la rir e esquecer os seus temores. Colocou sobre o toucador todos os frascos e acessórios que Blackraven lhe tinha comprado. Convidou-a a tirar a roupa e a sentar-se em frente do espelho, com o roupão vestido. Soltou-lhe o cabelo e observou-a atentamente.

Começou por lhe untar as mãos, os braços, o pescoço e o colo com uma mescla de cânfora, óleo de amêndoas doces e cera de abelhas que suavizou e umidificou a pele. O frio da cânfora refrescou-a, enquanto a delicadeza de madame Odile conseguia serená-la. Embebeu um pano numa loção de *hamamélide* com o qual lhe limpou o rosto, usando em seguida uma loção de rosas para lhe devolver o brilho às maçãs do rosto.

— Não vai ser necessário o pó de arroz — declarou madame Odile. — A tua brancura natural é adorável. Além disso, o Imperador não gosta de te ver excessivamente maquilhada. Delinearemos esses teus olhos enormes e os lábios, só isso. Nem sequer vou acrescentar carmim às tuas faces.

Melody gostou muito do penteado, um rolete no alto enfeitado com uma tira de pérolas, com alguns caracóis a tombarem-lhe sobre as frontes.

Madame Odile resolveu deixá-los assim mesmo, pois, na sua opinião,

davam-lhe um ar fresco e juvenil. Ajudou-a a vestir os calçotes, as meias de seda, as anáguas, o merinaque, os chapins de pano, a almilha, o corpetinho justo e finalmente o vestido. Não lhe disse nada, mas pensou que uma gargantilha e uns brincos teriam completado a figura magnífica de Melody.

— Tenho o meu perfume aqui no bolso. Vamos, minha querida, vou pôr-te um pouco.

— Roger comprou-me um perfume — e mostrou.

— Frangipani, que adequado! — perfumou-a generosamente sem esquecer a fenda dos seios apertados.

Blackraven entrou no quarto e contemplou-a em silêncio com uma expressão difícil de decifrar. Na verdade, estava pasmo perante a transformação de Melody, e a severidade do seu trejeito devia-se ao não ter vontade de a partilhar com uma caterva de homens que não afastariam os olhos do seu voluptuoso decote.

— A minha menina não está adorável, Excelência? — perguntou madame Odile. — Vai ser a mais bonita da tertúlia.

— Esse é o meu receio — murmurou.

— Excelência — exclamou a mulher, fingindo-se surpreendida —, não me diga que é ciumento e possessivo?

— Sou, sim, madame.

Madame Odile riu e deu o braço a Blackraven. Com dissimulação, disse-lhe: — Não olhe assim para ela, Excelência. Está a assustá-la.

— Estás linda, meu amor. Fiquei surpreso quando te vi.

— Compreendo-te, Roger. Nem eu me reconheci no espelho. Que desejas que mude? Talvez seja melhor tirar a cor dos lábios? Estão muito brilhantes por causa da manteiga de cacau. Também não devia ter delineado os olhos, não é verdade? O vestido é escandaloso.

Blackraven pegou-lhe pela cintura delicada que coube inteira nas suas mãos. Observou-a de perto e afastou-se um pouco para admirar o corte do vestido que lhe acentuava as curvas. Inclinou-se e beijou-lhe a pele junto ao decote.

— Estás a usar o perfume que te comprei.

— Para ti.

— Se não tiveres cuidado, devorarei os teus lábios como se fossem um morango.

Melody pôs-se em bicos de pés e beijou-lhe o pescoço, embriagando-se com o perfume de almíscar que Blackraven costumava usar depois de fazer a barba.

— Vim trazer-te isto — disse, retirando um estojo de dentro da jaqueta.

— Ontem, antes de voltar para El Retiro, fui buscá-lo à joalheria.

Melody acariciou o veludo verde antes de levantar a tampa. Era o colar de brilhantes e safiras que lhe havia prometido tempos antes.

Ela achou-o demasiado caro e pensou em todos os que nada tinham, nos escravos, alimentados a vísceras e bucho e nas crianças do orfanato que costumava visitar na companhia do padre Mauro. A expressão de expectativa de Blackraven, que parecia um menino ansioso, impediu-a de mencionar os seus escrúpulos.

— É lindíssimo, Roger — e voltou a pôr-se em bicos de pés para o beijar nos lábios. — Obrigada, meu amor. Nunca tive nada tão bonito.

— Excelência! — disse madame Odile, estupefata — Que colar tão belo! Parece ter sido comprado de propósito para este vestido.

Blackraven pôs-lhe a gargantilha no pescoço e madame Odile ajudou-a a colocar os brincos.

— Fez um excelente trabalho, madame. Isaura será, sem dúvida, a mulher mais cobiçada da tertúlia, e eu vou passar todo o tempo a espantar os asnos que vão querer roubar-ma.

— Não se queixe, Excelência, que tem com que fazer-lhes frente — declarou madame Odile, beliscando-lhe o músculo do braço.

Blackraven pediu licença para se retirar. Muito em breve começariam a chegar os convidados. Trinaghanta apareceu pouco depois com o chá.

— Madame — suspirou Melody, enquanto lhe passava uma xícara —, sentir-me-ia muito mais tranquila se ficasse esta tarde. Seria um grande consolo para mim tê-la por perto. Poderia dar-me indicações sobre a maneira de me conduzir, como dançar. É a primeira vez que participo numa reunião com gente desta classe.

— Nada me daria maior prazer do que acompanhar-te, minha querida, mas é impossível. A maior parte dos homens que estarão hoje presentes em El Retiro são clientes do meu bordel. Imaginas a cara deles se me vissem entre os convidados? Não te preocupes, ainda temos meia hora. Será o suficiente para relembrarmos esses passos de dança que a tua mãe em tempos te ensinou.

Satisfeita, Béatrice passeou os olhos pela sala. A chegada do vice-rei e da vice-rainha havia marcado o momento de maior esplendor da tertúlia.

A grande sala de El Retiro achava-se apinhada de gente de posição e categoria que conversava em grupos, alguns deles à volta da mesa, outros tomando chá-mate, mais afastados, ou uma bebida da grande variedade que tinham à sua disposição. A orquestra do maestro Corelli executava adágios e melodias suaves, prelúdio do baile. As criadas entravam e saíam com bandejas, enquanto alguns escravos abanavam com grandes leques as senhoras de maior destaque.

Béatrice pensou que era possível adivinhar a tendência ideológica de cada convidado pelo modo como se vestia. Os jovens criollos que, secretamente,

lutavam pela liberdade vestiam-se ao estilo bourbon ou francês, mais sobrecarregado e cuidado, com calções brancos até o joelho, também chamados *culottes*, casacas de cores vivas que faziam uma aba atrás, camisas com rendas no peitilho, punhos também rendilhados conhecidos como *llorones*, por se derramarem sobre a mão, e sapatos de tacão alto e grandes fivelas douradas. Era o estilo de Manuel Belgrano, o rapaz pálido e de feições delicadas que conversava com Roger no pátio principal.

Contrastando com eles, os acérrimos defensores da Coroa Espanhola — Manuel de Anchorena, Gaspar de Santa Coloma e Juan Larrea — vestiam de modo severo com longos casacos pretos fechados até o colarinho, onde apenas assomava uma gola branca, e calções ocultos pelas meias. Regra geral usavam um chapéu redondo de aba larga. "Só de olhar para eles", pensou Béatrice "fico cheia de calores". Outras personagens ostentavam fatos específicos dos seus respetivos ofícios: os médicos empunhavam bastões amarelos com borlas pretas, os militares apresentavam as suas fardas com insígnias e medalhas. D. Francisco de Lezica e D. Anselmo Sáenz Valiente, os alcaides de primeiro e segundo voto empunhavam as suas varas de justiça em jeito de lanças ao mesmo tempo que expressavam as suas opiniões. Os juízes da Audiência Real destacavam-se pelas suas capas curtas e vermelhas que traziam ao ombro, além do esgar de superioridade inerente ao cargo que ocupavam.

Blackraven, de fraque preto, com camisa branca de popelina, era de todos o mais elegante. "Devido à sua estatura", comentou Béatrice, "esse traje é a melhor escolha", e ocultou um sorriso atrás do leque, tentando imaginá-lo num traje de Bourbon, as pernas grossas apertadas nos *culottes* e as duras feições de cigano entre uma nuvem de rendas. Continuava no pátio principal, agora rodeado de uma plêiade que o ouvia respeitosamente. Apesar de ouvir os convidados com toda a atenção, alguém mais atento repararia que ele procurava com frequência no meio de toda aquela gente, o objeto do seu maior interesse: Miss Melody.

Béatrice viu que ele a observava nesse preciso instante. A jovem repreendia Jimmy e Víctor num dos cantos do pátio. Estava muito bonita naquele vestido de seda azul. Era certo que a sua beleza desconcertava.

Muitos teriam considerado que os seus traços marcantes — o arco escuro das sobrancelhas, os pomos salientes, os grandes olhos rasgados, os lábios grossos e o queixo decidido — se assemelhavam aos de uma mulher rude. Mas ela achava-os harmoniosos e delicados. Ficava muitas vezes a admirá-la, em especial quando tocava harpa. Na verdade, apesar de Miss Melody ter lábios de negra — como costumava dizer dona Bela —, a alvura do seu rosto revelava a beleza imperecível de uma princesa austríaca.

Parecer-se-ia com a mãe? Teria alguma coisa do pai, o irlandês? A tonalidade do cabelo, certamente. Que mistura de sangues lhe teria dado aqueles contornos tão peculiares, transformando-a naquela mulher tão atraente e cheia de contrastes? Ao vê-la com um vestido como aquele, joias e o adorável penteado, admitiu que era surpreendente que, por trás daquela garota de roupas toscas e cabelos desalinhados, se tivesse escondido uma beldade que deixava boquiaberta a maior parte dos cavalheiros da tertúlia.

Não iria enganar-se: sentia ciúmes de Miss Melody, não da sua beleza, e sim do amor que ela inspirava a Roger. “Ah Roger!”, exclamou para si mesma, Roger que ela sempre julgara um incurável libertino, incapaz de levar uma mulher a sério, a não ser ela, a sua adorada Marie.

Sempre pensara que para o primo, ela era a única, a mais importante.

Arriscara a pele para a libertar da realidade sórdida a que os acontecimentos históricos a haviam condenado, proclamara-se seu protetor, escondia-a no fim do mundo, dava-lhe tudo o que lhe fazia falta, permitia-lhe tudo. Não se resignava a ter de partilhar o coração de Roger, e apesar de os unir um amor fraterno, invadia-a um sentimento de inveja e ciúme do qual teria gostado de poder libertar-se. Vieram-lhe à mente as palavras de Shakespeare: “A felicidade fere profundamente uma alma torturada”, e sentiu-se abatida.

Os seus olhos cruzaram-se com os de William Traver que a contemplava com uma intensidade capaz de lhe aquecer o sangue, obrigando-a a corar. Esboçou um sorriso tímido, fugindo ao seu olhar, sentindo-se bonita, desejada e amada. Nesse momento, alguém dirigiu-se a Traver e Béatrice aproveitou para dar meia-volta e agitar o leque sobre o seu rosto encalorado. Nunca pensara que, naquela idade, julgando ter se consagrado como solteirona, um homem a desejasse, menos ainda que a amasse. A vida dava-lhe uma oportunidade com William Traver e pouco lhe importava os receios do seu primo.

Não soube ao certo se foi fruto da audácia que o sentimento de Traver imprimiu no seu espírito ou de uma certeza resultante de vários dias a pensar no assunto, mas decidiu fixar-se no senhor Désoite, aproximando-se e tratando-o pelo seu primeiro nome.

— Luís Carlos — disse num sussurro quase inaudível.

O senhor Désoite voltou-se rapidamente.

— Luís Carlos — insistiu Béatrice, com um olhar acetinado.

O jovem olhou-a com uma seriedade que não transmitia estranheza e sim desconfiança. Béatrice fechou o leque, ensaiou uma expressão eloquente e dirigiu-se para o interior da casa. Désoite hesitou um momento antes de a seguir. No outro extremo do pátio, William Traver observava-os com atenção.

Como Blackraven nunca amava ou odiava ninguém, julgando sempre as

pessoas do ponto de vista da utilidade, não se sentia confortável com aquele sentimento de profunda antipatia que experimentava em relação a Bruno Covarrubias. Ao fim e ao cabo, tinha vontade de lhe apagar do rosto aquele sorriso e de lhe fazer voar todos os dentes. Tinha passado a tarde a cirandar à volta de Melody. Se não estivesse tão furioso, ter-se-ia rido ao lembrar-se da expressão imbecil de Covarrubias quando a encontrou na sala. O escravo pedia-lhe as luvas e o chapéu e o jovem advogado continuava a olhar para ela com aqueles olhos de carneiro mal morto.

Naquele momento, nada lhe parecia ter graça, pois Covarrubias, ao som da primeira música, apoderara-se de Melody e conduzira-a para o meio do salão para dançar um minuete. Alguém apertou a cintura de Blackraven com familiaridade. Voltou-se, meio incomodado e deu de ca ras com Bernabela.

— Não me convida para dançar, Excelência?

— Será um prazer, dona Bela — respondeu, movido pelo ciúme.

Deu-se conta de que Melody o observava e inclinou-se para ouvir um comentário da sua companheira e rir. Bela, que percebera perfeitamente a intenção de Blackraven, declarou: — Acho que Miss Melody ficou ofendida comigo. — Roger arqueou uma sobrancelha. — Embora não perceba por quê. Eu só lhe perguntei a quantos escravos poderia comprar a liberdade com aquele colar que tu lhe ofereceste?

— Bela, previno-te, deixa-a em paz.

— Por que o faria? — respondeu incomodada. — Ela me roubou o que mais amo neste mundo.

— Não sabes o que dizes.

— Claro que sei. Não posso admitir que uma jovenzinha feia, vulgar e de uma classe inferior me tire o meu homem.

— Fala baixo!

— Que sabes dela, Roger? — impacientou-se. — Ignoras tudo do seu passado. Pode ser uma delinquente. Algo me diz que não é flor que se cheire.

Blackraven manteve-se imperturbável, apesar de um persistente pulsar das suas fossas nasais e a linha das sobrancelhas que se tornara mais escura e mais grossa a terem prevenido: não era prudente brincar com o leão.

Melody já suportara demais naquela festa: os olhares ominosos, os cochichos, os bruscos gestos de fechar o leque, os comentários dissimulados e as faltas de sutileza, mas nada a incomodara mais do que ver Roger e dona Bela dançando. De que estariam falando? A raiva agitava-se dentro de si, tornando-a desajeitada. Não conseguia lembrar-se das indicações de madame Odile, esquecia-se dos pormenores dos passos, das entradas e das saídas e já tinha pisado três vezes o pobre Bruno.

— Miss Melody — disse Covarrubias —, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Sim, Bruno, diga.

— É verdade o que se diz sobre o seu compromisso com o senhor Blackraven?

— É verdade, sim.

Covarrubias apertou-lhe a mão com tanta força que a magoou.

— Como é possível, Miss Melody! A senhorita e Blackraven? Ele não a merece, de modo algum. Não vê que é um mulherengo e um libertino. Sabe com quantas das damas que estão hoje presentes em El Retiro esse senhor já teve casos? Com várias, posso assegurar-lhe.

Melody tentou afastar-se, mas Covarrubias não lhe largou a mão e continuou a conduzi-la pelo salão.

— A senhorita é um anjo, enquanto ele é um homem corrupto e sem escrúpulos, capaz de chegar a qualquer extremo por um pouco mais de poder ou de dinheiro. É insaciável. É um bastardo, filho de uma rameira! — disse com brusquidão, depois calou-se, ficando numa grande agitação.

Melody libertou a mão da do seu companheiro e afastou-se do grupo que dançava. Covarrubias seguiu-a com uma expressão aflita e agarrou seu pulso. Blackraven largou Bela e dirigiu-se pela orla da pista com a atitude de um predador, fixo na mão do advogado que se atrevia a tocar em Isaura.

— Melody — disse Bruno num tom de súplica.

— Largue-me.

— Peço-lhe que me perdoe o arrebatamento de há pouco. Sabe que a amo loucamente e a dor de a saber nas mãos de um homem como Blackraven me mata.

— O que lamento é que o senhor se tenha revelado um preconceituoso. Se o senhor Blackraven é um bastardo pouco me importa. Por outro lado, não acredito nas acusações que lhe faz com tanta leviandade.

— Queira perdoar, voltemos à pista de dança.

— Lamento, Covarrubias — disse Blackraven, e o advogado afastou-se sobressaltado —, a minha noiva dançará a valsa apenas comigo.

Conduziu Melody até o meio do salão. Até aí mantivera-se afastado dela e os falatórios acerca da relação de ambos pareciam carecer de fundamento. Uma das senhoras, dona Rosario de Lavardén, fazendo apelo à autoridade que os seus muitos anos lhe concediam, perguntou-lhe baixinho se tinha pedido Miss Melody em casamento. Blackraven brindara-a com um sorriso entre o condescendente e o irônico, ao mesmo tempo que lhe perguntava: — Sua Mercê desaprovaria?

— Bem — balbuciara a senhora —, eu não a conheço... É uma bela jovem,

sem dúvida. De qualquer modo, não sei... Enfim, que quer que lhe diga?

— Divirta-se na tertúlia, dona Rosario — sugeriu Blackraven, afastando-se após uma inclinação.

Naquele momento os falatórios tomaram uma nova forma. Até os menos perspicazes se aperceberam do ambiente de sensualidade que envolvia o par, entendendo o sentido de posse que representava a mão de Blackraven sobre a cintura da jovem.

— Estás angustiada — disse Blackraven. — Que te disse Covarrubias para te deixar nesse estado?

— Nada. É que tu queres que eu dance a valsa e eu não sei. Não quero envergonhar-te diante dos teus amigos.

— Estas pessoas não são minhas amigas. E não me envergonharás. Descontrai-te e deixa-te conduzir por mim. A palavra valsa vem do alemão *walsen* que significa rodar. Esta dança não é mais do que isso, Isaura, rodar e rodar em torno de nós mesmos.

Aos mais velhos, em especial, incomodava-os aquela "dança de abraço". Consideravam-na indecente por ser demasiado intimista. As gerações mais jovens, pelo contrário, gostavam muito dela e começavam a impô-la. Entre os braços de Blackraven, enquanto dançavam ao compasso daquela música delicada, Melody sentiu-se etérea. "Um, dois, três, um, dois, três", repetia e rodava. Blackraven conduzia-a com uma extrema habilidade. As valsas prosseguiam e eles continuavam a dançar, sem ligar aos olhares e aos cochichos por detrás dos leques. O olhar de Blackraven nunca se afastava do de Melody e, à medida que a jovem ganhava confiança o seu corpo relaxava.

A seguir ao pátio principal, em direção à área da criadagem, havia um pequeno quarto onde Béatrice costumava recolher-se a ler ou a costurar. Foi aí que o senhor Désoite a foi encontrar, sentada na sua cadeira de balanço, o olhar fixo numa miniatura de ouro e pedras preciosas. Entrou e fechou a porta. Béatrice ergueu os olhos e sorriu.

— Como sabe o meu primeiro nome? — perguntou em francês — Foi o senhor conde que lhe disse?

Béatrice abandonou a cadeira de balouço e aproximou-se dele.

— Lembras-te disto? — e entregou-lhe a miniatura com o retrato de uma mulher loira.

Désoite colocou-a na palma da mão e observou-a durante alguns segundos. As lágrimas banhavam-lhe o rosto quando disse: — Tal como os outros pertences da minha mãe, julgava que tinha sido perdida durante os anos da Revolução.

— Lembras-te do segredo que esta miniatura guarda?

Sem hesitar, o jovem voltou a joia, encontrando o mecanismo que, uma vez accionado, erguia uma tampa ovalada. Lá dentro havia três madeixas de um louro platinado.

— Ela me entregou antes de a terem isolado — explicou Béatrice —, antes de a terem julgado.

— Por acaso teve acesso à cela onde a mantinham prisioneira? — inquiriu Désoite. — Diga-me, por favor! — suplicou, a voz carregada de um desespero co movedor.

— Eu não tinha acesso à cela. Eu *vivia* na cela, junto com ela e com a minha tia, madame Elisabeth.

Apesar de a tertúlia decorrer a poucos metros de onde estavam, o silêncio que se fez assemelhava-se a um descampado no Inverno. Dé soite tinha deixado de respirar, continha o ar, assim como a pergunta que não se atrevia a formular. Béatrice voltou a sorrir-lhe, acariciando-lhe a face magra e úmida.

— Meu adorado irmão Luís, meu pequeno e doce Luis. Sou eu, a tua irmã mais velha, Marie Teresse Charlotte, aquela a quem chamavam madame Royale. Tu e eu somos os filhos de Luís XVI, rei de França e Navarra e de Maria Antonieta Josefa Joana de Habsburgo-Lorena, arquiduquesa da Áustria e rainha de França e Navarra.

A palidez acentuou-se no rosto de Pierre Désoite refletindo a sua perturbação. Soltou um suspiro, uma exclamação e deixou-se cair sobre a cadeira de balouço. Cobriu o rosto com as mãos e chorou com uma profunda amargura. Béatrice precipitou-se para ele e embalou-o. Mais tranquilo, o jovem levantou os olhos e, enquanto observava aquela mulher, as memórias de infância, dos anos felizes, atordoavam-no.

— Como foi que não te reconheci, Marie? — perguntou.

— Eras muito pequeno quando nos separaram na prisão do Temple e eu mudei.

— Não, agora que te vejo melhor reparo que continuas a mesma. Diz-me, o conde falou-te de quem eu era?

— O nosso primo Roger não me disse uma palavra. Calculo que te tenha trazido aqui para que eu te reconhecesse, o que não foi difícil.

— O conde ainda tem dúvidas de que eu seja Luís XVII.

— Não podes culpá-lo, Luís. Os impostores tornaram a tua busca muito difícil. Trouxe-te aqui para te proteger porque acha que é muito possível que sejas o filho de Luís XVI.

— Como me reconheceste, Marie?

— Mal te vi, senti uma emoção muito profunda. E não foi por seres francês, pormenor que Roger de modo deliberado ocultou quando me disse que muito em

breve nos visitaria um amigo. Calculo que não quisesse influenciar a minha imaginação. Mas, há dias, ao ver-te descer da carruagem, ainda antes de ouvir a tua voz, o meu coração deu um salto porque pensei: “Este é o meu irmão Luís Carlos.” Calei-me por uma questão de prudência. Decidi sufocar as minhas expectativas e aguardar. Mais tarde, quando o cão te mordeu o braço e pude ver esse sinal de nascença que tens perto do pulso, desapareceram todas as dúvidas.

— O sinal que parece uma flor-de-lis.

— Era o que a nossa mãe dizia cheia de orgulho, lembras-te? — O rapaz baixou os olhos. — Os dias na tua companhia só serviram para... Luis, que tens? Porque choras, querido? Não, por favor, mais lágrimas, não.

— Perdoa-me, Marie! — soluçou. — A nossa mãe morreu por minha culpa.

— Que dizes, Luís? Tu não tens culpa alguma, querido. Acalma-te.

— A culpa persegue-me desde muito cedo — lamentou-se. — Sim, foi por causa daquela confissão que Hébert me fez escrever e assinar, onde difamava injustamente a nossa mãe, que ela morreu na guilhotina. Fui um covarde! — exclamou, cerrando os dentes e batendo com o punho na mesa. — Ameaçaram-me com o cadafalso e eu cedi. Queria estar morto.

— Não digas isso! Não te dás conta de que me devolveste a alegria de viver? Só quero que vivas e que vivas para sempre comigo. Não vamos voltar a separar-nos, Luís! Tantos anos de infelicidade! Roger propiciou o nosso reencontro. A partir de agora vamos viver felizes.

Béatrice abraçou-o com força, como se ao agarrar-se ao irmão mais novo, se agarrasse à própria vida. Ouviu-se uma pancada; era a porta que batia contra a parede. William Traver olhava para aquela cena com os olhos injetados de ódio. Tivera dificuldade em encontrá-los, perdera-se por várias vezes nos corredores labirínticos da mansão, mas finalmente conseguira dar com eles para descobrir o que já suspeitava: que eram amantes.

— Senhorita! — exclamou cego de raiva.

— William! — exclamou impetuosamente Béatrice. — Não é o que parece. Espere! Posso explicar.

Luís ficou sozinho, com a miniatura na mão. Accionou o mecanismo e voltou a abrir a tampa. Passou o dedo pelas delicadas madeixas loiras que pertenciam aos três filhos de Luís XVI e Maria Antonieta: Madame Royale, Luis José, morto aos oito anos e Luís Carlos, ou Luís XVII, rei de França e Navarra.

Melody ouviu Blackraven e alguns homens que falavam com o comerciante basco Martín de Álzaga.

— A recente morte do sobrinho impediu-o de comparecer esta tarde em El Retiro — informou Manuel de Anchorena.

— Segundo entendo, tratou-se de um assassinato — comentou Blackraven.

— Sim — replicou Gaspar de Santa Coloma, ligeiramente incomodado e surpreendido, visto que o seu amigo Martín desejava que o assunto não se tornasse público.

— Oxalá prendam o culpado — desejou Roger e os outros assentiram.

— De qualquer modo — declarou Juan Larrea —, o senhor de Álzaga pede a Vossa Excelência que o receba na sua casa de San José quando nos visitar na cidade.

— Muito bem — disse Blackraven —, amanhã pretendo ir à cidade. Eu mesmo visitarei o senhor Álzaga se não for inoportuno.

— Claro que não! — assegurou Santa Coloma, e o seu entusiasmo demonstrava claramente que, qualquer que fosse o negócio que o seu amigo Álzaga tivesse entre mãos, uma parte iria parar à sua algibeira.

Com alguma apreensão, Melody viu-os afastarem-se. Não gostava de Martín de Álzaga. Para falar verdade, desprezava-o. Tinha feito fortuna, que alguns consideravam enorme, graças ao contrabando e ao comércio de escravos. Era tido como homem de vontade férrea, inteligência rápida e objetivos claros, capaz de ultrapassar todos os escrúpulos para os atingir.

Tempos antes, Papá Justicia contara-lhe que *El Joaquín*, um barco negreiro, propriedade de Álzaga, tinha partido de Moçambique em direção às costas do Prata com um carregamento de trezentos africanos. Ao chegar perto de Montevideu restavam apenas trinta. As autoridades da Junta de Saúde, lideradas pelo doutor Juan Cayetano Molina, com o apoio do governador Ruiz Huidobro, puseram o navio de quarentena até descartarem a possibilidade de peste. Álzaga, que lutava pela libertação do barco e do resto da carga, alegava que os negros não tinham morrido de peste mas de sede. Melody sentia-se horrorizada com a leviandade com que o comerciante admitia que a sua carga havia perecido torturada pelo racionamento de água, situação que ocorria com frequência, pois nos portos de África, carregavam os barcos com menos pipas de água doce para deixar espaço para os produtos que iriam ser contrabandeados em Buenos Aires. Não queria que Roger tivesse negócios com Álzaga, pois o dinheiro deste estava manchado com o sangue dos africanos.

Melody despiu o vestido com a ajuda de Trinaghanta. Apesar da almilha, ficou com as marcas das barbas de baleia do corpete impressas sobre a pele. Contemplou ao espelho a gargantilha de brilhantes e safiras, admirando a perfeição das gemas e admirando-se por ficar tão bonita com aquela joia. Dona Bela tinha-lhe perguntado a quantos escravos iria comprar a liberdade quando a vendesse. Agarrou as pedras, decepcionada consigo, pois percebeu de imediato que nunca poderia desfazer-se daquela oferta de Roger, nem mesmo para

comprar a liberdade daqueles com quem tanto se preocupava.

Estava uma noite quente, por isso aceitou de boa vontade que a cingalesa a ajudasse com um banho rápido de esponja. Sentia-se bem na companhia da exótica serva, não a incomodava que ela a visse nua nem que lhe desse o tratamento destinado a uma princesa. Fazia-o sem servilismo e sem exageros. Entre as duas havia-se estabelecido um tácito acordo de confiança e era espantoso que se conhecessem havia apenas poucas semanas. Há dias que não pensava se ela teria ou não sido amante de Blackraven e desejava ganhar a sua amizade.

Confortável e limpa, sentada frente ao espelho, Melody deixou que Trinaghanta lhe desfizesse o penteado e lhe entrançasse o cabelo. Fechou os olhos, numa letargia que as mãos da serva provocavam e que se somava ao som da sua respiração e ao cansaço que começava a retirar-lhe as forças.

Os últimos convidados, os irmãos Rodríguez Peña, tinham-se ido embora por volta das nove da noite, uma hora perigosa para enfrentar o caminho que os separava da cidade. Blackraven ofereceu-lhes alojamento em El Retiro, mas dom Saturnino, afirmou que o seu cocheiro era um gaúcho grande , conhecedor da zona e que não havia qualquer perigo.

Melody sentiu-se grata quando a porta se fechou atrás deles. Teria preferido que Béatrice assumisse o lugar de anfitriã, ela e a senhorita Leo eram as duas muito inexperientes.

— E a minha prima senhorita Béatrice? — perguntara Blackraven a Trinaghanta, depois de se despedir dos Rodríguez Peña. A garota respondeu que não sabia dela. — Vai procurá-la. Diz-lhe que desejo vê-la no meu escritório. — Em seguida, dirigiu-se a Somar: — Certifica-te de que está tudo em ordem e depois vai descansar.

Melody foi até a varanda. Ainda ouvia Trinaghanta que, no quarto, arrumava as peças de vestuário e arrumava o toucador com cuidado para não acordar Jimmy. Desapertou o roupão, esticou os braços e respirou fundo. Tinha começado a soprar uma brisa que se enredava na cambraia da sua camisa de dormir e agitava o robe. Olhou para o rio e a imponência daquela paisagem escura, com o brilho da lua cheia, assustou-a e cativou-a, sensações antagônicas como as que lhe provocava Roger Black raven.

Covarrubias acusara-o de ser libertino, um don Juan, chamara-o de desonesto e pouco escrupuloso. Como gostava de Bruno, sentia-se inquieta por um homem de sólidos valores se referir a Blackraven naqueles termos. Convenceu-se de que fora motivado pelos ciúmes. Assustava-a igualmente acalentar dúvidas e desconfianças. As palavras de Covarrubias estavam a afectá-la mais do que se atrevia a admitir. Precisava de ver Blackraven para que as suas hesitações se

esfumassem. Voltou para o quarto e perguntou em voz baixa a Trinaghanta: — Sabes se sua Excelência está no quarto?

— Não me parece, Miss Melody. Ainda deve estar na biblioteca.

Com efeito, não o encontrou no quarto. Dirigiu-se ao andar de baixo, atravessou o pátio principal e entrou na casa escura e silenciosa.

Os escravos, depois de terem posto ordem na sala, tinham-se retirado para descansar. Abriu a porta do escritório e *Sansão* veio ter com ela. — Vai ter com Jimmy — disse-lhe, fechando a porta atrás do terra-nova.

Ouviu o golpe seco do taco contra a bola e dirigiu-se à sala contígua.

Blackraven andava à volta da mesa, estudando a próxima jogada. Tinha o dorso nu e o cabelo solto. Apesar da intimidade partilhada, a sua semi-nudez e corpulência perturbaram-na e teve de fazer um esforço para manter o equilíbrio. A tatuagem que podia ver no seu braço esquerdo levou-a a pensar no modo como Covarrubias o definira. Havia algo sórdido naquele desenho, como se se tratasse da expressão visível do seu lado escuro.

Blackraven ergueu os olhos e viu-a parada junto à porta. Sorriu-lhe com um calor reconfortante. Deixou o taco sobre a mesa e aproximou-se. Envolveu-a com os braços e apertou-a contra o peito, embriagando-se no aroma de *frangipani* e sabonete, percebendo a sua vulnerabilidade e receios.

A tertúlia a tinha afetado.

— Desejava-te tanto. Mas não queria incomodar-te esta noite. Calculei que estivesses muito cansada.

— Estou muito cansada, mas precisava te ver. Também eu te desejo — admitiu em voz baixa.

Blackraven voltou a abraçá-la, sorrindo, feliz. Afastando-a um pouco tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Minha doce Isaura. Tudo o que tiveste de suportar esta tarde por minha causa. Perdoa-me, não deveria ter-te exposto a esta feira de hipocrisia.

— Nada me incomoda quando tu dizes que me amas, quando me fazes sentir que sou importante para ti.

— Isaura — disse Blackraven emocionado. — Amo-te tanto que eu próprio fico assombrado. Tinha perdido a capacidade de me surpreender e desde que te conheci não deixo de me sentir vivo. Reconheço que sou um homem frio e calculista, evito os vícios porque não quero que nada domine o meu corpo ou a minha mente. Gosto de ter controle sobre tudo. E agora tu tens controle sobre mim e, no entanto, sinto-me feliz.

— Eu não desejo dominar-te, Roger. Quero apenas fazer-te feliz.

— E fazes, meu amor. Talvez por seres tão jovem não compreendas o valor que tem para mim a tua entrega. Deste-me tudo ao confiar-me a tua inocência, ao

tornares-te minha mulher. Sou um homem de grandes riquezas, Isaura, mas quando penso no meu tesouro mais precioso, só o teu nome me vem à cabeça. Isaura, Isaura... poderia repetir o teu nome mil vezes.

Beijou-a com paixão. Ela precisava da sua intensidade e urgência porque desse modo acreditava ser tudo para aquele homem tão poderoso e isso bastava-lhe. Pouco importava a sua origem, os seus negócios, as suas ambições. As dúvidas dissipavam-se, as suas palavras pareciam-lhe sinceras e apagavam as outras, que Covarrubias pronunciara naquela tarde.

— Que jogo é este? — quis saber Melody. — Sempre tive vontade de te perguntar.

Blackraven levantou a cabeça e olhou para a mesa de bilhar. A ideia de lhe ensinar, agradou-lhe de imediato.

— Em inglês é *billiard.* Nós chamamos de bilhar.

— É muito difícil?

— Eu costumo dizer — declarou Blackraven — que no bilhar se aliam duas destrezas: a pontaria necessária para o arco e a flecha e a rapidez mental do xadrez. Gostarias de aprender?

Melody assentiu. Blackraven entregou-lhe um taco e explicou-lhe como usá-lo, como colocar os dedos, como e onde colocar a bola branca.

Melody inclinou-se sobre a mesa. Blackraven, situado atrás dela, indicava-lhe ao ouvido qual a bola à qual deveria fazer pontaria.

A lição durou pouco. Logo a seguir, Melody sentiu o membro endurecido de Roger contra as suas nádegas e a lascívia dos seus dedos.

Fechou os olhos e mordeu o lábio. Muito quieta, inclinada, com o taco na mão, indefesa perante aquele desejo perturbador que nascia, sentia-se inebriada pelo erotismo daquele homem a quem nessa noite tanto precisava de agradar. Queria ser a melhor para ele, a única.

Blackraven, agarrando os seios de Melody, sussurrou-lhe ao ouvido: — Sabia que o *frangipani* era o teu perfume. — Afastou-lhe os cabelos e procurou a nuca para a mordiscar com delicadeza. — É como tu, doce e provocador. — Agarrou-lhe o pescoço e obrigou-a a voltar o rosto para a beijar nos lábios. — Eras a mais bela esta tarde. Não conseguia afastar os olhos de ti.

— A mais bonita era Anita Perichon — contrapôs Melody, movida pelo ciúme, pois ouvira Melchora Sarratea mencionar que Black raven e a mulher de omas O’Gorman tinham sido amantes.

— Não tem a tua figura nem a tua cabeleira de deusa pagã. Nenhuma das mulheres que conheço se compara a ti. Tu és única. Percorri o mundo e visitei lugares exóticos, vi fenômenos incríveis e conheci pessoas muito interessantes. No entanto, no dia em que te vi pela primeira vez fiquei boquiaberto. Tu és única

— repetiu, enquanto lhe beijava os ombros.

Melody sorriu, embora os seus lábios depressa abandonassem o sorriso para se entreabrir e deixar escapar um gemido, ao sentir os dedos de Blackraven que lhe apertavam os mamilos, ao mesmo tempo que se roçava contra as suas nádegas.

— Sabes — disse ele. — Estava ansioso pelo fim da tertúlia, pois só pensava em ti. Tornaste-te a minha obsessão.

— Sou o teu vício — recordou-lhe Melody.

— O meu vício, sim, és o meu vício, algo de que não posso prescindir para viver.

Começou a tirar-lhe o robe e ela ajeitou-se para lhe facilitar a tarefa.

Com uma mão impaciente, Blackraven empurrou as bolas de bilhar para o outro extremo da mesa e obrigou-a a deitar-se sobre o pano verde.

Ainda tinha vestida a fina camisa de cambraia que ele lhe comprara na cidade. Fez deslizar a mão pela parte interior da coxa de Melody até atingir a tepidez morna do seu sexo.

— Roger — balbuciou, assaltada por uma inesperada onda de prazer.

Blackraven despiu-lhe a camisa, deixando-a nua sobre a mesa. Guardou um silêncio reverente, enquanto lhe admirava a pele sulcada de veias azuis e a nívea cútis em profundo contraste com o vermelho dos lábios.

Não a assustou a gravidade daquele olhar, pois havia uma vivacidade nos seus olhos azuis, um brilho peculiar que mostrava bem o quanto estava extasiado. Blackraven segurou-lhe os tornozelos, obrigando-a a levantar as pernas e a apoiar os pés sobre o rebordo de madeira.

— Afasta os calcanhares — indicou-lhe.

Primeiro sentiu-o no seu ventre, depois pareceu-lhe que ele lhe beijava a púbis e lhe cheirava os pelos. Soergueu-se, assustada e escandalizada, ao sentir a boca de Blackraven entre as suas pernas. A cabeleira negra de Roger banhava-lhe as coxas. Emudeceu, confusa, tentando compreender o que estava se passando. Aquela prática devia ser pecado. Estava envergonhada.

— Roger, não — e, com uma mão, tentou impedi-lo.

Ele ignorou o seu protesto e continuou a desbravá-la com a língua.

Um espasmo fê-la agitar-se sobre a mesa, quando os lábios de Blackraven envolveram e sugaram o pequeno vulto que a fazia gritar. Louca de prazer, Melody gemia, agarrando-se à mesa e movia a cabeça de um lado para o outro, o cabelo ocultando-lhe o rosto. “Quer enlouquecer-me”, pensou e imaginou-se sobre a mesa de bilhar, naquela posição humilhante, a cabeça de Blackraven mergulhada entre as suas pernas, os seus gemidos e os ruídos que ele fazia com a boca, e teve vontade de rir ao pensar na cara da senhorita Béatrice se por acaso

entrasse naquele momento.

Ele abria-a com os dedos e penetrava-a com a língua, lambia-lhe as pregas da carne e voltava a sugar. O prazer era tão intenso que depressa se libertou de todo e qualquer pensamento que não fosse a intimidade com aquele homem. Dobrou-se, como se lhe oferecesse os seios, e agarrou a cabeça de Blackraven tentando aumentar mais ainda aquela confluência de energias poderosas. Respondendo ao seu ímpeto, as mãos dele deslizaram pelas suas nádegas a fim de a puxar para si e aprofundar a penetração.

Melody mordeu o punho quando foi envolvida por aquela devastadora onda de prazer e logo a seguir sentiu o peso de Blackraven que se inclinava sobre ela, afastando-lhe a mão da boca e beijando-a com lábios quentes e molhados, partilhando com ela o seu próprio sabor. Ficou parada, a boca entreaberta, os punhos ainda fechados. As pernas resvalaram-lhe até ficarem penduradas da mesa, repousou os braços em cruz sobre o pano e deixou cair a cabeça de lado. Juntamente com o seu próprio gemido, pareceu-lhe ouvir o som da fivela do cinto de Roger bater na madeira e o roçar do tecido das calças quando as despia. Sentiu depois a força das suas mãos que a agarraram pelos quadris e a acomodaram à beira da mesa. Penetrou-a com gentileza e as palavras que proferiu foram entrecortadas devido às breves agitações que o assaltavam.

— É assim — disse-lhe —, relaxa para poder entrar completamente dentro de ti. Estás tão morna e tensa. Como é difícil controlar-me contigo! — Conteve a respiração e contraiu os olhos até conseguir o domínio. — Nunca desejei tão intensamente uma mulher. Isaura, meu amor. — Parou, soltou o ar e falou de novo. — Sentes-me? Sentes-me entrar dentro de ti, Isaura, quero chegar ao mais fundo dentro de ti. Diz-me se estiver a magoar-te.

Ela não participava. Enfraquecida, deixava-se tomar e beijar. Blackraven levantava-lhe as pernas, apertava-lhe a carne das coxas, fundia-se dentro dela, preenchendo-a.

— Isaura, olha para mim.

Melody abriu os olhos e acariciou as suas faces ásperas.

— Estás a tremer.

— Sim — admitiu Roger. — Já te disse que me pões louco.

Levantou as pernas, pousou os pés nos ombros de Blackraven e começou a movimentar-se de acordo com as investidas dele, que adquiriram um ritmo selvagem, como se nunca conseguisse penetrá-la o suficiente.

— Isaura — exclamou, repetindo o seu nome até que as palavras se transformaram em gemidos que se misturaram com os de Melody.

Depois daquele orgasmo, não houve relaxamento. Ficaram ambos parados, tensos, presos ao corpo um do outro, ele ainda dentro dela, as respirações

agitadas contra as suas peles úmidas, as pernas de Melody cruzadas nas costas de Roger e os braços cingidos à volta do seu pescoço.

— Não consigo sair de ti agora. Ainda não.

— Não o faças — pediu ela. — Não suporto a ideia de nos separarmos. — Passou-lhe os lábios pela face e sussurrou-lhe ao ouvido: — Amo-te, Roger Blackraven.

— Fizeste-me sentir um orgasmo pelo qual qualquer homem daria metade dos bens.

Blackraven riu de alegria e beijou-a nas faces, nas pálpebras, nos lábios.

— Poucas vezes te vi rir. E gosto tanto. És tão bonito. Custa-me a crer que sejas meu.

Blackraven pareceu dar pouca importância ao seu comentário. Levantou-se e ajudou-a a levantar-se também. Melody ficou sentada à beira da mesa, enquanto ele apertava as calças.

— És meu, Roger? Só meu? — insistiu, corando em seguida. — As tuas convidadas hoje à tarde... Essas senhoras... Bem, algumas delas desejavam-te que eu sei. Ana Perichon é muito delicada, não achas? Parece uma boneca.

Blackraven atirou a cabeça para trás e explodiu numa gargalhada.

— Lembro-me de como conseguia pôr-te fora de ti quando nos conhecemos. Agora és tu quem me aborrece. De que ris?

— Estás com ciúmes e isso me agrada. Diz, quem foi que andou te contando coisas a meu respeito? O pateta do Covarrubias? Que foi que te disse para te pôr contra mim? Falou-te outra vez de amor? Atreveu-se a isso depois de saber que és minha noiva?

— Não — mentiu-lhe. — Limitou-se a dizer que eras um mulherengo e um libertino, mas isso já eu sabia. Eu não acho graça nenhuma a ouvir Melchora Sarratea, que te contempla com cara de tola e pestanejar de cada vez que olhas para ela... Sim é verdade, não te faças de tonto. Enfim, ouvi dizer que tu e Ana Perichon foram amantes.

Apesar de não ter feito qualquer censura ao romance de Blackraven com a esposa de O'Gorman, ao pensar em dona Bela sentiu-se incomodada e soube que não se referiria a ela, pois o assunto era demasiado perverso para ser tratado com leveza. Instintivamente concluiu que assim como o devaneio com Ana Perichon carecia de importância, o romance com a mulher de Valdéz y Inclán se revestia de um caráter bem distinto.

Blackraven apanhou do chão o robe e a camisa e vestiu-os como se ela fosse uma menina.

— És demasiado jovem e inocente — declarou — para compreender que o que existe entre nós, isto que é tão profundo e verdadeiro, vai muito além das

frivolidades que mencionas. Aqui não conta nem a beleza, nem a educação nem a posição social. Nem sequer o meu passado. Contamos apenas nós, tu e eu, Isaura e Roger, despidos em corpo e alma, partilhando uma intimidade plena que poucos tiveram a felicidade de conhecer. Não vês que o meu amor por ti é um tesouro de valor incomensurável que eu não arriscaria por nada nem por ninguém?

Melody levantou os olhos e encontrou os de Blackraven. Não havia dureza na sua expressão, simplesmente tristeza.

— Desculpa, Roger.

— Não voltes a duvidar de mim.

Calçou-a antes de a ajudar a descer da mesa. A sua expressão mudou, acariciou-lhe os ombros e inclinou-se para lhe dizer: — O ar está pesado nesta sala e está um calor opressivo. Apetece-me um banho no rio. Vem comigo.

— Não sei nadar.

— Não faz mal. Eu sou um bom nadador. Aprendi nas águas turbulentas. Confia em mim, Isaura, ao meu lado não te acontecerá nada de mal.

Embora se sentisse muito pouco atraída pela ideia de mergulhar nas águas lodosas do Prata, assentiu e caminhou ao lado dele nessa noite de lua cheia. Enquanto se dirigiam para o barranco, de mãos dadas, conversando com tranquilidade, Melody teve a impressão de que sempre conhecera aquele homem. Olhou-o de soslaio e apercebeu-se de que a força dele a fazia sentir-se confiante no meio daquele triste descampado.

— Quero que saibas — disse Blackraven — que além de trocar olhares lânguidos com Melchora Sarratea, esta tarde satisfiz um dos teus desejos. Finalmente cheguei a acordo com Warnes e comprei-lhe a família de escravos.

Melody parou e lançou-lhe os braços ao pescoço. Ele ergueu-a no ar e rodopiou.

— Quer então dizer que vou ter de comprar metade da população negra de Buenos Aires para que a minha mulher me demonstre um pouco de carinho?

— Obrigada, meu amor! Quando vais trazê-los? Quando chegarão?

— Dentro de alguns dias, espero, quando a papelada estiver toda tratada. Vão ficar a morar na casa de San José, onde muito em breve serão feitas algumas reformas. Warnes diz que Ovidio, o escravo, é um bom estucador. Será útil em San José.

Chegaram junto à água e molharam os pés. Melody concordou que a água estava deliciosa e despiu o robe e a camisa, enquanto Blackraven descalçava as botas e tirava as calças. Quando ficaram ambos nus, ele puxou-a pelos ombros e estreitou-a junto ao peito.

— Adoro o contato das nossas peles e o cheiro que elas exalam depois de nos termos amado.

Tomou-a nos braços e avançou com ela pelo rio adentro. Nas partes mais profundas, Melody trepava para as costas de Blackraven e agarrada ao seu pescoço, chapinhava para o ajudar com o peso. Onde tinha pé, brincavam e atiravam água um ao outro, abraçavam-se e beijavam-se. Ele desaparecia da superfície e assustava-a, acariciando-lhe as nádegas ou segurando-a pelos braços, as pernas dela presas à sua cintura e ele rodando, rodando como se dançassem a valsa.

— Estás com frio — disse Blackraven. — Vamos, já é hora de sair.

Melody correu, desafiando-o a apanhá-la. Ele alcançou-a em duas passadas e rolaram sobre o terreno encharcado como se fossem um único corpo. Melody disse-lhe ao ouvido: — Quero fazer-te o mesmo que me fizeste na mesa de bilhar. Quero sentir-te na minha boca, conhecer o teu sabor. Isso é possível ou é uma prática que só os homens fazem às mulheres?

— Tu me deixarias louco de excitação se o fizesses, mas quero saber se é mesmo esse o teu desejo. Não te sintas obrigada a agradar-me desse modo.

— Desejo fazê-lo de todo o coração, embora receie não saber como. E se não conseguir dar-te prazer?

Blackraven pegou-lhe na mão e guiou-a até seu sexo.

— Toca. Vê como está. Só dizeres que desejas satisfazer-me desse modo conseguiu pôr-me assim. O que não conseguirias com a tua língua e os teus lábios?

Pablo abandonou a tenda que partilhava com Tommy Maguire e caminhou para se afastar do ruído e do calor do acampamento de almocreves.

Na pressa de alcançar a paz da noite, gaguejou várias vezes e proferiu insultos, algo que não costumava fazer. Nesse dia, sentia-se totalmente alterado e o rapaz simpático e calado tornara-se intratável, capaz de bater em quem se atravessasse no seu caminho. Em Tommy Maguire, por exemplo, que desde que lhe desaparecera a medalha e a corrente de ouro, o incomodava com um humor de cão. Tommy insistia em que não se tratava do valor material da joia e sim do seu valor sentimental, pois era o único bem que lhe restava de Lastenia, sua mãe. Um tanto ou quanto supersticioso, considerava aquilo um mau presságio e falava em adiar o ataque aos acampamentos negreiros.

Perante tal ideia, Pablo opusera-se-lhe pela primeira vez em muitos anos. Havia meses que planejavam o golpe, não iriam deitar a perder semanas de treino e de planos devido ao roubo de uma simples medalha que em nada se

relacionava com os acontecimentos vindouros. Levariam a cabo o ataque e conseguiriam um bom despojo que os ajudaria a sair da pobreza. Não suportava mais continuar a levar aquela vida de nômade, cheia de miséria e carências de todo o tipo. Além disso, havia Melody que ele tencionava recuperar. Não o conseguiria se continuasse a vestir farrapos e a conduzir uma carroça.

Alcançou as imediações de El Retiro, a propriedade onde ela trabalhava. Subiu ao barranco e contemplou a mansão. Por detrás de uma daquelas janelas, repousava Melody. Foi surpreendido por um sentimento de saudade que lhe encheu os olhos de lágrimas. Voltou-se para o rio, na tentativa de apagar as imagens de Bella Esmeralda.

Avistou alguém na praia. Na verdade, eram duas pessoas, um par de escravos amantes, deitados sobre o chão molhado. Deu um estalido com a língua, disposto a retirar-se. Nem mesmo em pequeno gostara de espreitar a intimidade alheia. No entanto, voltou a olhar. Havia algo naquela mulher que lhe chamava a atenção. Em silêncio, procurando esconder-se na escuridão, desceu o barranco até achar uma moita para se esconder.

A mulher estava encavalitada no seu amante e com o dorso inclinado parecia deleitá-lo ao lamber-lhe os mamilos. O homem contorcia-se e gemia e apoiava as mãos sobre os seus ombros. A mulher endireitou-se e, ao lançar a cabeça para trás, a sua longa e espessa cabeleira espalhou-se sobre as pernas do homem. A luz da lua incidiu sobre os caracóis acobreados que Pablo teria reconhecido entre milhares.

Caiu de joelhos e cobriu o rosto com as mãos, subitamente agoniado e abatido. Proferiu entre soluços o nome de Melody, agitando a cabeça e fechando os olhos. Não queria voltar a olhar, sabia que, para seu bem, não deveria fazê-lo. Uma curiosidade mórbida levou-o a retirar as mãos do rosto e a observar de novo aquele espetáculo. A sua delicada Melody submetida à lascívia daquele aristocrata inglês, decadente e corrupto que a obrigava a lamber-lhe as suas partes mais íntimas. Aquilo era coisa de putas. Notava-se bem a sua falta de perícia. Ele, no entanto, estava louco de excitação. Como teria conseguido chantageá-la? Com que ameaça a forçara àquele ato aberrante? Tinha sido um idiota ao não reparar no desejo de Blackraven em relação a Melody, na noite do estábulo e lamentou não o ter matado com a facada que lhe dera.

Devia intervir e libertá-la das garras daquele inglês nojento, mas faltava-lhe a coragem. Blackraven parecia-lhe um adversário invencível.

Pablo vira-o apenas naquela ocasião, a do estábulo, escondido atrás da meda de feno, mas lembrava-se bem de como ele o havia impressionado.

O inglês parecia envolto numa aura inatingível de perigo e violência.

À dor veio somar-se a humilhação de se sentir covarde. Louco de raiva e

impotência, começou a reavaliar as suas possibilidades: Blackraven estava despido e inerme. Ele, pelo contrário, tinha um punhal no cinto.

Talvez não ficasse em desvantagem se conseguisse apanhá-lo de surpresa.

Pôs-se de pé e desembainhou a arma quando a ordem de Blackraven lhe chegou nitidamente aos ouvidos.

— Isaura, para, Não quero ejacular na tua boca.

Agarrou-a pelos quadris, levantou-a ao ar e fê-la deslizar pelo seu membro ereto com um gemido rouco. Melody soltou um queixume que não lhe pareceu de dor e em seguida pronunciou as palavras que se cravaram como espadas no peito de Pablo.

— Roger, meu amor!

A imagem daquela magnífica e desconhecida mulher que se agitava sobre aquele homem, num balanço que parecia possuída por um demônio, deixou-o boquiaberto. Aquela não era a sua doce e pura Melody.

Blackraven tocava-lhe o corpo todo, o frenesi das suas mãos enormes, refletindo o delírio que o dominava. Esmagado pela dor, Pablo ficou ali, de joelhos, a cabeça caída para a frente, o punhal ainda nas mãos, a chorar.

XX

A seguir ao pequeno-almoço, Blackraven disse a Béatrice que desejava falar com ela a sós. Béatrice limitou-se a assentir, dando algumas ordens às escravas e seguindo-o com uma expressão de grande dignidade. Melody reparou que ela tinha cara de quem não dormira bem, os bonitos olhos de um azul-celeste, marcados por olheiras cor de violeta.

Ela que também não dormira muito, sentia-se cheia de vitalidade e vontade de retomar os seus afazeres.

— Passa, Marie — indicou Blackraven. — Estás com um ar cansado.

Não dormiste bem?

— Estava demasiado calor — justificou-se.

— Ontem desapareceste da tertúlia. Depois mandei chamar-te — disse em tom de censura. — Precisava de falar contigo.

— A Trinaghanta não te explicou que eu me tinha ido deitar com uma enorme enxaqueca?

Blackraven assentiu e indicou-lhe o sofá. Sentou-se ao seu lado e pousou-lhe o braço sobre os ombros.

— Quando foi que deixaste de confiar em mim, Marie?

— Que queres dizer com isso, Roger?

— Quero dizer que alguma coisa te perturba e inquieta e tu hesitas em falar comigo. Ou tencionarás ocultar-me?

Béatrice baixou a cabeça e negou.

— Pensava dizer hoje mesmo. Roger querido, encontraste o meu irmão. Encontraste Luís XVII, rei de França.

A comoção de Roger era bem visível. Embora estivesse à espera daquele momento — tinha poucas dúvidas sobre a identidade do jovem Désoite —, a confirmação da sua prima Marie era o culminar com êxito de um processo iniciado anos antes quando, de certo modo, reencontrar os primos, para além da política e dos interesses da coroa britânica, significava recuperar parte do seu passado.

— Tens certeza?

— Absoluta. Acho que tu também a tens tido durante todo este tempo.

— Sabes que quando me separaram de vocês — recordou-lhe Blackraven — o Luís Carlos ainda nem era nascido. Contava apenas com as tuas memórias, precisava da tua confirmação.

— Já a tens, querido. Recuperamos Luís Carlos.

Abraçaram-se em silêncio.

— Marie — disse Blackraven —, tens de me perdoar por te ter ocultado as minhas suspeitas sobre a verdadeira identidade de Désoite. Como compreenderás não queria influenciar-te. Eras a única pessoa em quem podia confiar.

— Compreendo perfeitamente, Roger. Não tens de me pedir desculpa.

Tu, não, querido, que és o nosso salvador, meu e do Luís. — Acariciou-lhe a face experimentando a mesma sensação de abandono e ciúme da véspera. — Como o encontraste? Como suspeitaste de que Désoite era o meu irmão?

— Ah, Marie, essa é uma longa história cheia de dificuldades, idas e vindas, mal-entendidos, impostores, decepções e traições. Mas um meticuloso trabalho de espionagem foi fechando o cerco à volta de Désoite, o verdadeiro Luís. E tu, como soubeste que Désoite era o teu irmão?

— Lembras-te que quando o vi experimentei uma sensação muito forte. Chama-lhe instinto, não sei, uma voz interior sussurrou-me que já tinha visto aqueles olhos azul-celeste e aqueles caracóis louros noutra altura. Demorei alguns dias até ganhar confiança para lhe pedir que me fa lasse de si e do seu passado. Gosta de desenhar, habilidade que tinha desde criança. O seu caráter bondoso e alegre não mudou com o tempo, assim como a sua saúde e bom apetite. A marca que tem no braço esquerdo, um sinal de nascença semelhante a uma flor-de-lis, confirmou-me que tinha na frente o meu irmão desaparecido. Ontem, durante a tertúlia, estava num estado de espírito muito peculiar e julguei que era altura de lhe dizer que conhecia a sua verdadeira identidade.

— Qual foi a reação dele?

— Ficou muito comovido. Não esperava encontrar-se comigo. Ao con frontá-lo, submeti-o a uma prova final: mostrei-lhe isto. — Abriu a mão e mostrou a miniatura de Maria Antonieta. — A seguir perguntei-lhe se se lembrava do segredo que esta miniatura tinha. Sem a mais leve hesitação, ele voltou-a, accionou este mecanismo e abriu-a.

— A quem pertencem? — interessou-se Blackraven ao ver as três madeixas de cabelo.

— Aos meus irmãos e a mim. A minha mãe nunca se separava desta miniatura. Usava-a presa ao espartilho, sempre. No dia em que a levaram para outra cela, em que a afastaram de mim e da tia Elisabeth no Temple, quando começou aquele infame processo que culminou na sua execução, ela entregou-ma. Sempre a guardei como o meu bem mais precioso.

— Compreendo.

Ficaram em silêncio, ao mesmo tempo em que contemplavam o pequeno retrato. Blackraven pensava também na mãe e no quanto desejara, durante os anos soturnos da infância e da primeira juventude, ter uma imagem dela. A dor

havia deixado uma marca profunda em seu coração e em seu caráter.

— Diz-me, Roger, porque demoraste tanto até trazer o Luís aqui a casa?

— Ele precisava se habituar ao novo destino. Além disso, não me pareceu que o momento fosse o mais adequado. Quando cheguei a Buenos Aires, a situação era ostensivamente diferente da que eu esperava encontrar. Isaura e tu tinham tomado as rédeas e haviam--se rebelado contra as minhas indicações. Por outro lado, precisava ter certeza de que Buenos Aires seria um lugar seguro para ele.

— E é?

Blackraven assumiu uma um expressão eloquente que deixou Béatrice cheia de medo.

— Sim, julgo que sim — mentiu para a tranquilizar. — Comentaste com alguém acerca da verdadeira identidade de Désoite? — Béatrice fez um gesto negativo com a cabeça. — Tens de ser prudente, Marie, e prosseguir com a farsa de que Luís é Désoite, um amigo meu.

— Estou a ver que sim — murmurou, não se atrevendo a dizer-lhe que, nessa tarde, depois da missa, tencionava falar com William Traver, que se recusara a ouvi-la na véspera.

— Que futuro aguarda o meu irmão, Roger? Que pode ele esperar da vida?

— Isso depende dele. Se o seu grande desejo for recuperar o trono de França, ajudarei, eu e um grupo de monárquicos franceses e políticos ingleses interessados em apoiar a tua família. Não será fácil. Arrisco-me a dizer que será uma luta sangrenta que teremos de travar não apenas com o atual imperador mas também com o teu tio, o conde de Provence, que se socorrerá de qualquer aldrabice para impedir que o teu irmão apareça. Deves saber que ele aspira a vir a ser Luís XVIII.

— Abutre! Ele e o traidor Filipe Igualdade. — Béatrice referia-se ao primo do seu pai, o duque de Orleans, a quem os revolucionários chamavam Filipe Igualdade e que em 1793 votara a favor da execução de Luís XVI. — A minha mãe costumava prevenir o meu pai acerca da verdadeira natureza desses dois escórias, mas ele era demasiado benévolo e nunca os pôs no lugar.

— Seria do teu agrado, tu e o teu irmão recuperarem o lugar que vos é devido como Bourbons de França? — Ela encolheu os ombros, num gesto que continha algum ressentimento. — Deves saber, Marie, que Luís Carlos sofreu muito. Esse sofrimento acabou por lhe moldar o temperamento levando-o mesmo a pensar que não é digno de ocupar o lugar deixado pelo teu pai.

Béatrice tapou o rosto com as mãos e deixou escapar um soluço.

— Meu pobre irmão! A que crueldades o terão submetido? Que sofrimentos terá passado? Era tão pequeno e teve de suportar todo o tipo de maus-tratos!

— Com o tempo — consolou-a Blackraven — vai esquecendo. Tu poderás ajudá-lo. Ficará aqui conosco, em El Retiro, desfrutando desta vida que parece agradá-lo. Os meus homens o guardarão como têm feito até agora e não lhe acontecerá nada de mal.

— Achas que alguém poderá atentar contra a vida dele?

— Não descarto essa possibilidade, Marie. Como já te disse, há muita gente interessada em que o teu irmão não volte a aparecer. Assim como eu contratei gente para o encontrar e proteger, outros terão contratado gente para o matar. — Béatrice levou a mão à garganta numa expressão de espanto. — Acalma-te, Marie. Estou a falar-te com sinceridade porque te considero demasiado inteligente para te enganar com mentiras piedosas.

De qualquer modo, é meu desejo que não te preocupes com a segurança de Luís. Os meus homens, como te disse, protegem-no dia e noite.

— Obrigada, querido — disse, beijando-lhe a face.

Blackraven decidiu ir até Buenos Aires sem se despedir de Melody.

Sabia que se o fizesse acabaria por levá-la para a cama, esquecendo as obrigações na cidade. Chamou Somar antes de sair.

— Preciso me encontrar com Justicia numa das próximas noites, aqui, no quarto pátio, à hora do costume. — O turco assentiu. — Que se passa com Milton e Shackle? — Blackraven perguntava pelos marinheiros que guardavam Luís.

— Revezam-se na vigilância.

— Quero que envies uma mensagem à enseada de Barragán. Vou precisar de alguns dos meus homens aqui, a maior quantidade de que o contramestre possa prescindir. Este lugar é enorme e temos de redobrar a guarda. Onde está Isaura?

— Na sala de estudo com as crianças e com Luís.

— Diz-lhe que voltarei à ao fim da tarde.

Chegado a Buenos Aires, dirigiu-se a casa do seu sócio, Alcides Valdéz y Inclán. Foi encontrá-lo de cama.

— O’Gorman — disse Alcides, referindo-se ao médico — assegura que se trata de uma indigestão devido ao que comi e bebi ontem em El Retiro.

Blackraven assentiu e informou-o de que iria visitar as obras da fá -

brica de curtume.

— Se tiver tempo antes de voltar para El Retiro — acrescentou —, voltarei para te contar como vão as coisas. Quero que envies Diogo a casa de Warnes para tratar dos últimos pormenores da compra da família de escravos de que te falei ontem. Deverá levá-los para a casa de San José. Agora vou-me embora.

Quando a porta se fechou atrás de Blackraven, Alcides praguejou e encostou-

se para trás nas almofadas. Tinha de reconhecer que durante os anos que haviam passado juntos, o seu sócio se enganara uma única vez: na noite em que se deitara com a sua mulher.

Bela aguardava Blackraven na sala. Sorriu-lhe e logo a seguir acariciou-lhe a lapela do casaco. Tentou beijá-lo, mas ele afastou o rosto.

— Quando vais devolver-me a minha filha mais velha e a minha irmã?

— Não perguntas pela tua filha mais nova? Ela também está em El Retiro.

— Não. Quero saber de Elisea e Leonilda.

Blackraven encolheu os ombros.

— Ambas são livres de virem embora quando desejarem, embora saibam que podem ficar o tempo que quiserem. Julgo que Elisea se sente muito bem com o ar puro do campo. Ajuda-a na convalescência.

— Não atrapalham nas tuas questões com a preceptora?

Afastou-a para seguir seu caminho. Bela acompanhou-o até a porta principal.

— Era magnífica a joia que Miss Melody usou ontem na tertúlia, se bem que a considere demasiado vistosa para uma simplória como ela. A mim nunca me deste um colar tão caro, querido.

— Porque nunca pensei em casar contigo. Boa-tarde, Bela — e saiu.

— Isso é o que veremos — disse ela em voz baixa.

Ouviu os passos inconfundíveis de Cunegunda e, sem se voltar, ordenou-lhe: — Diz ao Sabas que o siga. Quero conhecer todos os seus movimentos.

Blackraven seguiu a cavalo pela calle Larga, a que conduzia à zona dos armazéns, nas margens do Riachuelo, onde se situava a sua nova fábrica de curtume. Como as obras estavam demoradas tinham-se contratado mais pedreiros e havia ali uma multidão. Trocou impressões com o capataz e convocou-o para o dia seguinte na casa de San José. Estava ansioso por dar um novo aspecto àquilo. A seguir ao casamento e mal se fizesse sentir o primeiro frio do Inverno, deixariam em El Retiro e instalar-se-iam na cidade. Havia dias que estudava a conveniência de passar o ano inteiro no Rio da Prata, não só para evitar desenraizar Melody e Jimmy de modo prematuro, mas também devido aos seus negócios e interesses. A questão de Luís XVII vinha somar-se às circunstâncias que o impeliam a tomar aquela decisão tão inesperada. Ele era, sobretudo, um corsário e, como tal, nunca ficava durante muito tempo no mesmo porto.

Por volta das duas da tarde, almoçou em casa de Manuel Belgrano, frente ao convento dos Dominicanos. Os homens da família Belgrano Peri pertenciam à Ordem Terceira de São Domingos e exigiam nos seus testamentos que os enterrassem com o hábito da mesma.

À semelhança das outras colônias espanholas, em Buenos Aires respirava-se catolicismo e as suas festividades e comemorações pautavam a vida dos portenhos, acompanhando as estações do ano. As mulheres assistiam diariamente à missa, a do meio-dia, já que a das seis da manhã era para as classes baixas e para os escravos, e dedicavam grande parte do dia às diversas preces, de acordo com as badaladas dos conventos que marcavam as horas canônicas: Matinas, Laudes, a Terça, a Sexta —, em seguida o Angelus, a Noa, as Vésperas, as Completas e o toque, pelas almas do Purgatório. Os sinos faziam-se também ouvir para anunciar os funerais de algum notável membro do clero ou em caso de incêndio ou invasão. Apesar de a princípio o carrilhão representar um atrativo muito agradável, com o tempo chegava a tornar-se cansativo.

Blackraven pensava que, de acordo com a devoção cristã dos portenhos, Buenos Aires deveria ser um exemplo de moralidade e boa conduta.

Paradoxalmente, reinava na cidade a mordacidade com que se referiam a Isaura, que apenas queria ajudar os mais fracos.

Nesse dia, pelas doze horas, sentaram-se também à mesa dos Belgrano os Rodríguez Peña, o dono do *Semanário de Agricultura, Indústria e Comércio,* Hipólito Bieytes, e o imprescindível Juan José Castelli.

Enquanto durou o almoço, com uma grande variedade de pratos, desde coelho, a carne de vaca, passando por uma grande variedade de peixes de rio, acompanhados de vinhos da região de Cuya, não mencionaram as intenções independentistas. Teceram comentários sobre a tertúlia da véspera e, quase no fim, referiram-se ao atrevimento de um grupo de franceses com tendências jacobinas que conspiravam contra a autoridade espanhola. Blackraven achou a palavra “atrevimento” aparatosa e, apesar de cada comensal descrever uma versão diferente, simulou desconhecimento e limitou-se a ouvir.

A seguir ao almoço, já na sala, enquanto fumavam e tomavam digestivos, foram direitos ao assunto: a criação de uma milícia surgia como uma ação primordial no plano de expulsar os espanhóis do Rio da Prata.

— Criar um exército vai ser uma empresa titânica — declarou pouco esperançoso Nicolás Rodríguez Peña que pensava em quantos pesos teria de desembolsar para o financiar.

— Embora não seja uma tarefa fácil — concordou Blackraven —, acho que as circunstâncias não podem ser mais favoráveis para pensar no assunto agora que a Espanha atravessa uma das crises econômicas mais profundas em séculos e não envia um real para sustentar os seus exércitos coloniais. Não é segredo que Sobremonte se sente inquieto com a falta de armamento e de soldados disciplinados.

— Ficar livres do vice-rei não vai ser muito difícil — declarou Belgrano. — Com uma pequena milícia conseguiremos. De qualquer modo — prosseguiu —, logo no início desta revolução é preciso criar um braço militar forte e numeroso visto que a reação do rei poderá ser violenta. Talvez uma revolução o obrigue a sair do marasmo em que se encontra e o faça atuar com todas as suas forças.

— É um ponto de vista interessante — admitiu Blackraven —, embora eu tenha as minhas dúvidas. Os conflitos internos da corte espanhola vão mantê-lo ocupado e não dará grande importância a um levantamento.

Por enquanto, Carlos IV tem de lidar com Godoy e com o príncipe das Astúrias que não lhe dão tréguas. Haverá naturalmente uma reação, mas não será desmesurada. Bem organizados temos condições para a abafar.

Insisto, senhores, este é o melhor momento. A conjuntura é ideal. Não nos esqueçamos — acrescentou — de que a construção do por to será igualmente inadiável.

Falaram da forma de governo que sucederia à expulsão do vice-rei.

Belgrano voltou a manifestar-se partidário de uma monarquia parlamentar como a de Inglaterra, e embora Blackraven estivesse de acordo com ele, em que se tratava da melhor forma de governo, perguntou a si próprio quem, entre tantos criollos brutos, poderia ser o rei e quem ocuparia as bancadas de um parlamento. Quanto ao aspecto econômico, Bel grano repetiu os princípios que defendia desde o seu regresso de Espanha: comércio livre e um forte impulso à agricultura e às indústrias. Nesse aspecto, Blackraven não levantou qualquer objecção.

— Que sabeis das outras intendências do vice-reinado? — perguntou, e o desconhecimento era geral.

Belgrano e Castelli balbuciaram alguns comentários que, ao fim e ao cabo serviram apenas para demonstrar a sua ignorância acerca do interior, pois não se preocupavam com o assunto. Castelli arriscou: — Vão nos seguir mal se dê o golpe em Buenos Aires — e os outros concordaram.

— Duvido muito — comentou Blackraven.

— Duvida? — admirou-se Vieytes.

— De acordo com as informações que tenho a esse respeito, a produção do interior é vendida quase na totalidade aos portenhos. Logo, as intendências vivem de Buenos Aires. Apesar de competirem com o contrabando, conseguem fazer dinheiro para subsistir. Reagirão de modo semelhante aos contrabandistas, opondo-se à independência por necessitarem do monopólio para continuar a abastecer Buenos Aires.

— Poderão abastecer Buenos Aires da mesma maneira — argumentou Castelli.

— Não, eles sabem que as suas mercadorias são de qualidade inferior às

europeias e às asiáticas. Conhecem também a preferência dos portenhos pelos produtos ultramarinos. Se o comércio livre for decretado, é igualmente decretada a sua sentença de morte.

— Que vamos fazer então? — inquiriu Nicolás, impaciente.

— Armar um exército suficientemente forte para controlar não só Buenos Aires e Montevideu mas também as principais cidades do interior.

Antes de se despedirem, marcaram uma nova reunião para breve. Na altura, Blackraven, baseando-se na sua experiência militar, teria elaborado um documento sobre a milícia e a marinha ideais. Nicolás Rodríguez Peña, membro do Regimento Fixo de Cavalaria desde 1795, faria o mesmo. Compariam os projetos antes de tomarem qualquer decisão.

O seu último compromisso da tarde ocupou-lhe mais de uma hora.

Martín de Álzaga recebeu-o na sua casa que se situava na calle de la Santísima Trinidad no bairro de Monserrat, a poucos quarteirões da sua loja, uma mercearia bem fornecida e com vários empregados.

Apesar de no passado ter expressado por várias vezes o contrário, Blackraven sabia que Álzaga não se interessava pela produção de El Retiro. Na verdade, o que o atraía era a sua frota, capaz de transportar mercadoria dos mais ricos portos europeus, asiáticos e africanos. Suspeitava inclusive da cobiça do basco pela localização geográfica estratégica de El Retiro, nas margens do Prata, longe do controle da alfândega. Saberia ele que a propriedade contava com passagens secretas que, por debaixo da terra, uniam vastos depósitos à margem do rio. Depósitos esses, capazes de albergar caixotes e barricas e até pessoas?

A relação incipiente com Martín de Álzaga tinha vantagens e desvantagens. Entre as primeiras contava-se a possibilidade de enriquecer graças às operações que o basco realizava diariamente, quanto às desvantagens, podia perder a confiança que, com trabalho, havia conquistado entre os criollos independentistas e que era para ele de importância capital. Ninguém desconhecia a antipatia que nutriam um pelo outro.

Álzaga indicou-lhe uma poltrona, enquanto servia dois copos de Porto.

— Obrigado — disse Roger. — Excelente qualidade — admitiu.

Perguntava-se qual dos assuntos ele abordaria primeiro, o dos criollos independentistas, o do *Anjo Negro* ou o do negócio marítimo.

— A senhora Magdalena — Álzaga referia-se à sua mulher — e eu lamentamos não ter podido estar presentes ontem à tarde em El Retiro. Agradeço-lhe muito o seu convite, Excelência. Mas questões de natureza familiar impediram-nos de comparecer.

Blackraven assentiu e continuou a beber.

— Tratou-se de uma reunião pouco usual nesta época do ano, mas muito

agradável segundo comentaram os meus amigos. — Álzaga pigarreou. — Se os boatos corresponderem à verdade, Excelência, não gostaria de deixar passar esta oportunidade sem o felicitar pelo seu compromisso com a senhorita Maguire. — Blackraven inclinou a cabeça em sinal de agradecimento. — A senhora Magdalena considera-a uma boa garota, muito caridosa.

— A opinião da sua esposa é muito valiosa para mim.

— Obrigado, Excelência. — Fez uma pausa, como se procurasse as palavras certas antes de prosseguir: — Julgo que a juventude da senhorita Maguire a leva a agir, em certas ocasiões, de um modo um tanto... digamos... imprudente. — Blackraven arqueou as sobrancelhas e compôs uma expressão de espanto. — Sabe, Excelência, trata-se desta questão incômoda: a do *Anjo Negro*. Tenho a certeza de que a senhorita Maguire procede com a melhor das intenções. De qualquer modo, o seu comportamento subleva a negralhada, torna-os ariscos e brigões. Alguns foram irreverentes com os seus patrões e...

— O senhor acha mesmo que as atitudes da senhorita Maguire estão a provocar esse efeito nos escravos? — o tom de Blackraven, entre o ameaçador, o incrédulo e o divertido, alterou o estado de espírito de Álzaga fazendo com que este se sentisse estúpido.

— Bem... A verdade, Excelência, é que alguma coisa está a alvoroçar a negralhada. Os lamentáveis acontecimentos ocorridos há semanas na Real Companhia das Filipinas demonstram-no bem.

— Não creio que se tenha tratado de um ataque perpetrado pelos escravos — argumentou Blackraven. — Um ajuste de contas com Sarratea, talvez. Segundo me disseram, os atacantes tinham cavalos e armas, algo que os escravos estão longe de possuir.

Álzaga tornou o olhar mais suave. Estava interessado em fazer negócios com aquele inglês e não queria aborrecê-lo.

— Pode ser — admitiu. — Chegaram-me comentários alarmantes sobre escravos que se rebelam contra os seus donos e os desafiam.

— Será porque os donos os tratam como animais. Todos nós conhecemos a natureza mansa e submissa da maior parte dos africanos, mas tudo tem limites. Qualquer criatura se rebela contra tratamentos vexatórios.

— Claro, mesmo assim...

Blackraven levantou-se e Álzaga calou-se, impressionado com a robustez daquele homem. “Não tem pinta de inglês”, pensou, pondo-se de pé.

— Olhe, Álzaga, a minha noiva, a senhorita Maguire, quando se mostra benevolente com os negros, manifesta apenas uma coisa: que é uma boa cristã, com um coração sensível e piedoso. Em todo o tempo que passei em Buenos Aires nunca a ouvi falar aos escravos em liberdade ou rebelião. Limita-se a

ajudá-los, a tornar a vida deles um pouco mais suportável. Nada mais — declarou. — Irrita-me que numa sociedade onde o catolicismo é levado ao extremo como é o caso da portenha, não saiba apreciar uma cristã que, à semelhança do bom samaritano da parábola de Jesus Cristo, se preocupa com o bem-estar dos outros, independentemente da sua nacionalidade ou da cor da sua pele. Ora, se entre a negralhada há grupos de agitadores vai ter de os procurar noutro lado. A senhorita Maguire passa todo o dia entre os meus escravos, a ajudá-los e a ouvi-los, e eu não dei por qualquer sinal de rebelião ou insubordinação. Julgo que isso é prova suficiente para deitar abaixo a sua teoria.

— A contundência das suas palavras convenceu-me — admitiu Álzaga, e Blackraven preferiu secundar a farsa pacifista. — Peço-lhe que deixemos este assunto de parte. Na verdade, interessa-me discutir uma questão mais importante convosco, Excelência, se me conceder mais cinco minutos.

— Venha ela — disse Blackraven, voltando a sentar-se.

— Trata-se da sua nova fábrica de curtume. Estou interessado em comprar grande parte da sua produção.

Demoraram mais algum tempo a tratar de negócios.

Nos dias que se seguiram, Blackraven precisou de passar a maior parte do tempo na cidade, embora à tardinha voltasse a El Retiro para estar com Melody. Nessa quinta-feira, tivera um dia duro, com complicações nas obras da fábrica que acabaram numa discussão com o arquiteto, e uma visita inesperada de Álzaga e Santa Coloma para lhe propor um negócio de importação de móveis.

No caminho de regresso, voltou a pensar nas mensagens em código de Traver, que estavam a dar-lhe problemas. Talvez tivesse perdido a habilidade para os decifrar ou tratar-se-ia de uma nova técnica à prova de espionagem. Pensou em Marie e no afecto sincero que a ligava àquele homem. Desde pequena, sofrera tantas decepções que não se atrevia a proibi-la de continuar a ver Traver. Mas William Traver não era William Traver nem era escocês. Não havia como evitar que Marie saísse magoada.

Entrou na sua propriedade e avistou ao longe, perto do campanário, Luís e os garotos e aproximou-se num trote ligeiro.

— Excelência — disse Luís, inclinando-se.

”Pensar que és rei de França e te inclinas à minha frente”, pensava Blackraven enquanto desmontava. Inclinou-se por sua vez e, com um olhar, deu-lhe a entender o respeito que lhe dedicava. Luís sorriu-lhe calorosamente.

Os garotos mostraram-lhe as suas aguarelas. Jimmy possuía um grande talento. Revolveu-lhe o cabelo numa carícia embaraçada, e o rosto do rapaz ruborizou-se.

— Senhor, quando vai ensinar-me a montar a cavalo? — quis saber Víctor.

— Miss Melody poderia ensinar-me, mas não quer fazê-lo sem a sua autorização.

— Eu também gostaria muito de aprender — declarou Angelita.

Blackraven observou a atitude de Jimmy pelo canto do olho. Montar era uma das atividades que ele nunca poderia exercer sem pôr a vida em risco.

— Veremos — disse.

— A minha irmã podia ensiná-los com o *Fuoco* se sua Excelência não tiver tempo — sugeriu Jimmy. — Ela é uma grande cavaleira.

— Eu sei, Jimmy. Falarei com a senhorita Isaura e trataremos da questão das aulas de equitação. — Os garotos manifestaram a sua alegria. — Agora continuem com as lições de desenho. Não façam o senhor Désoite perder seu tempo.

Enquanto se dirigia a casa, passou por Milton que, em cima de uma árvore, montava guarda vigiando Luís. Blackraven cumprimentou-o e o marinheiro tirou a boina.

— Capitão Black — disse. — Prazer em vê-lo.

— Igualmente, Milton. Aqui há dias mandei vir mais homens para a vigilância.

— Esta manhã, Somar pôs-nos a par da sua decisão, a mim e a Shackle.

Agradecemos, capitão, isto é muito extenso.

Quando entrou em casa, a sua ansiedade começou a transformar-se em raiva pois, ao perguntar por Melody, a negra Siloé informou-o que ela fora até o rio ter com as lavadeiras. Miora, que tinha tanto medo dele que quase ficava sem voz, ficou a olhá-lo sem pestanejar.

— Que sabes tu para estares a olhar-me dessa maneira?

— Miss Melody não foi ao rio por vontade própria — gaguejou. — Vieram chamá-la.

— Como assim? Explica-te.

— Uma das lavadeiras está em dificuldades — interveio Siloé — e chamou Miss Melody. Por isso vieram buscá-la, patrão Roger.

Blackraven murmurou um insulto em inglês, tirou o casaco e atirou-o para cima de uma cadeira. Saiu, dirigindo-se em grandes passadas para o rio, um pouco inclinado para a frente, os olhos postos no chão. Os escravos que estavam a acabar o trabalho do dia, afastavam-se e olhavam-no com medo. Estava dominado pela ira e pensamentos negros ocupavam-lhe a mente. O amor extremo que lhe dedicara na noite anterior transformara-se em vontade de a matar. Tinha-a proibido de voltar àquele lugar, e ela ousava desobedecer-lhe, pondo mais uma vez em risco a sua vida.

As lavadeiras tinham deixado os seus tabuleiros e as suas tábuas e haviam-se

reunido junto de umas pedras cobertas por lençóis. Esticavam o pescoço e cochichavam. À medida que Blackraven se aproximava chegavam-lhe gemidos de dor. Abriu caminho por entre as fileiras de escravas.

— Isaura! — vociferou ao vê-la acocorada junto à negra em sofrimento.

Melody levantou-se de um salto e olhou-o com uma expressão de pânico e desconcerto. Blackraven observou-a da cabeça aos pés. Toda ela era sangue, nas maçãs do rosto, na testa, o seu avental estava ensopado, e tinha a saia toda manchada.

— Isaura — repetiu quase num murmúrio.

Melody chegou-se para o lado e indicou-lhe a parturiente que estava deitada no chão. A imagem apanhou-o de surpresa. A mulher, deitada no chão, com as pernas abertas, esvaía-se em sangue. Uma lembrança que sempre tentara esquecer, atingiu-o como uma marretada. Ficou tenso e cerrou os punhos.

— Roger — choramingou Melody —, por amor de Deus, ajuda-a.

Levantou a garota do chão sem esforço, pois apesar da gravidez não pesava muito. “Meu Deus!”, exclamou. “É ainda uma menina”. Não tinha mais de quinze ou dezesseis anos.

— Miss Melody! — gritou a rapariguita, estendendo a mão.

Melody agarrou-a, acompanhando, em passos rápidos, Blackraven que se dirigia já para o barranco. Para trás ficavam as lavadeiras desorientadas.

— Calma, Polina, estou aqui ao teu lado. Fica tranquila. Ele só quer ajudar-te.

Blackraven sabia que se não estancassem a hemorragia, muito em breve a jovem ficaria exangue. A vida escorria do seu corpo como uma umidade quente que lhe molhava os braços, empapando-lhe a camisa branca. Trinaghanta não saberia que fazer. Tinha de tomar uma decisão antes de chegar a casa. Perguntou-se a que médico deveria dirigir-se visto que a maioria se recusava a tratar dos escravos. Para isso existiam os curandeiros ou quimbotos. “Samuel Redhead!”, exclamou para si mesmo, e um novo impulso fê-lo correr o último troço.

Gritou o nome de Siloé, que assomou à porta e, sem fazer perguntas, indicou-lhe o caminho do seu quarto. Blackraven acomodou a garota, já inconsciente, no catre da cozinheira e em seguida deu ordem a Miora para que fosse buscar Trinaghanta. Foi até o pátio e chamou Servando.

— Diga, patrão Roger — prontificou-se o yolof.

— Vem comigo.

Entraram em casa. Era raro Servando fazê-lo. Estava proibido a não ser que lho indicassem. No corredor, quando se dirigia para o escritório de Blackraven encontrou Elisea e a senhorita Leonilda.

— Vão até o quarto de Siloé — disse Roger sem se deter. — A sua ajuda pode ser muito necessária. Entra, rapaz — disse em seguida.

Não havia tempo a perder. Pegou uma folha de papel, acendeu a mecha, derreteu um pouco de lacre e imprimiu o seu selo, o da águia bicéfala, símbolo dos Guermeaux.

— Vais pegar o meu cavalo que é o mais rápido e voas até a casa da viúva de Olazábal, na calle da la Santísima Trinidad.

— Sei onde é, patrão Roger. — Costumava ir a essa casa onde compravam bucho e peças de carne.

— Muito bem, mandas chamar o doutor Samuel Redhead que está lá hospedado e entregas-lhe isto. Diz-lhe que é um caso de vida ou morte.

O escravo retirava-se quando Blackraven o deteve.

— Leva o *Fuoco* para o doutor Redhead.

Servando correu ao estábulo. Enquanto isso, Blackraven tomou um copo de *brandy* antes de voltar ao quarto da cozinheira.

— Que aconteceu? — perguntou Somar, ao vê-lo beber daquela maneira.

— Trouxe uma das lavadeiras ao colo até o quarto de Siloé. Estava a esvair-se em sangue na praia, enquanto dava à luz. Havia sangue por todo o lado.

— Isso percebe-se — comentou o turco, apontando para a camisa e para as calças de Blackraven. — Calculo que Miss Melody esteja por trás de tudo isso.

— Sim. Fui buscá-la na praia com vontade de a estrangular por ter ido lá outra vez e encontrei-a rodeada de lavadeiras, de joelhos agarrando a mão da pobre desgraçada que dava à luz, desesperada como se se tratasse da sua própria irmã.

Tal loquacidade não era habitual em Roger. Somar apercebeu-se de que o espetáculo o afectara mais do que pretendia admitir. Certamente, a garota em trabalho de parto trouxera-lhe à lembrança velhas memórias.

— Vou ver como Isaura e Trinaghanta estão a sair-se. Tu fica junto da entrada principal. Samuel deve chegar dentro em breve. Mandei Servando buscá-lo.

— Samuel Redhead? — Blackraven assentiu. — Quer dizer então que há alguma esperança para a garota?

De volta ao quarto, pareceu-lhe que estava lá gente a mais. Ordenou a Miora, Elisea e Leonilda que saíssem. A escrava tinha recuperado os sentidos. Tinha um péssimo aspecto, a pele do rosto ganhara uma tonalidade acinzentada, tal como os lábios e a respiração era apenas um silvo. Trinaghanta olhou para ele, dando-lhe a entender que não podia fazer mais nada.

— Já mandei chamar um médico — informou.

Melody segurava o baixo ventre de Polina fazendo um verdadeiro torniquete

e Blackraven reparou que as mãos dela tremiam.

— Siloé — disse —, ajuda a senhorita Isaura que já não tem forças para continuar a apertar.

Pousou o seu olhar em Polina, que mordia os lábios para não gritar de dor, envergonhada com a presença daquele homem.

— Dentro em breve vais melhorar, garota. Vem aí um médico — animou-a antes de sair do quarto.

Estava a escurecer. Blackraven ficou junto da janela do seu escritório a observar o parque de El Retiro, entregue aos seus pensamentos. Uma hora mais tarde, Somar veio dizer-lhe que se aproximavam os cavaleiros.

Ele mesmo foi abrir a porta principal. Redhead, de pé, na entrada, alarmou-se ao ver a sua camisa ensanguentada.

— Roger!

— Não sou eu o ferido — esclareceu de mão no ar.

— Que diabo é isto tudo?

— É melhor que vejas com os teus próprios olhos, Samuel.

Sem pronunciarem palavra, limitaram-se a apressar o passo. Quando seguiam em direção à cozinha cruzaram-se com algumas escravas que acendiam os candelabros de parede. Embora Blackraven não tivesse vontade de entrar no quarto de Siloé, fê-lo atrás de Redhead. O médico passeou os olhos pelo pequeno quarto e parou em Melody que segurava a mão de Polina, na altura novamente inconsciente.

Não precisou de explicações. Lavou as mãos no alguidar, pôs os óculos de aros redondos e começou a dar ordens. À negra de lenço vermelho na cabeça pediu que fervesse água e trouxesse lençóis e toalhas limpas.

Dirigiu-se a Trinaghanta, a exótica escrava de Blackraven, que, em silêncio, ia executando de modo desenvolto as suas indicações. Compreendia bem por que motivo Roger a mantinha ao seu serviço. Entregou-lhe algumas ervas para um emplastro eficaz contra as hemorragias e disse-lhe também que preparasse uma infusão com uma estranha raiz.

— Vai devolver-lhe a energia para fazer força — explicou em inglês.

Melody sentia-se reconfortada e segura na presença daquele médico ruivo, cujas lentes lhe atenuavam a gravidade da expressão.

Polina despertou graças aos sais que Redhead lhe passou sob as fossas nasais, bebeu a infusão e recuperou algumas forças. Chegou mesmo a sorver algumas colheradas de água com mel.

— Ânimo, garota — disse-lhe o médico.

— Quando acabares, Samuel — expressou Blackraven —, estarei à tua espera na sala de jantar, vais cear conosco.

”Samuel”, repetiu Melody. Devia tratar-se de Samuel Redhead, o médico de quem Papá Justicia tanto lhe tinha falado, “o da cabeça de fogo”. Simpatizou com aquele homem que, por ocasião do acidente com o barco negreiro de Álzaga, *El Joaquín*, fora destacado para inspecioná-lo em nome do *Protomedicato*, arriscando-se a levantar a voz a favor dos escravos contra o tratamento vexatório que lhes era imposto. Nesse dia, ganhara decerto um inimigo influente.

O parto foi longo e penoso. A lavadeira agarrava-se a Melody com ambas as mãos com tal vigor que lhe cravava as unhas. Havia sangue por todo o lado, os lençóis tinham ficado encharcados, até as lentes dos óculos do médico tinham salpicos. Ninguém tinha esperança de salvar a criança ou a mãe, ainda que uma certa determinação no semblante de Redhead transmitisse a Melody uma sensação de paz.

Com um profundo grito de dor, Polina deu à luz um menino que emitiu um gemido semelhante ao de um gatinho. Ambos, a mãe e o recém-nascido, estavam exaustos. Redhead aproximou o bebé da mãe, que o beijou na testa suja e viscosa antes de desmaiar.

Melody e Trinaghanta ocuparam-se de dar banho ao pequeno envolvendo-o em seguida em fraldas e mantas improvisadas. Não tinha bom aspecto. Melody aninhou-o junto ao peito e beijou-lhe a testa.

— Receio, senhorita — disse Redhead — que nem a criança nem a mãe passem desta noite.

Os olhos de Melody encheram-se de lágrimas.

— Obrigada, doutor.

Redhead abandonou o quarto. Na divisão contígua, encontrou Béatrice que lhe deu o que ele necessidade para se limpar.

— Quando Sua Mercê terminar, acompanhá-lo-ei à sala de jantar.

Sua Excelência está à sua espera.

— Obrigado — respondeu Redhead, num tom cortante.

Enquanto isso, Melody pensava: “Deveria baptizá-lo.” Acomodou-o junto à mãe, ainda adormecida e ajeitou-lhes a roupa.

— Chamar-te-ás Rogelio, por Roger, a quem, se Deus quiser, ficarás a dever a vida.

Em seguida, ajoelhou-se junto ao catre, fez o sinal da cruz e mergulhou a mão no alguidar. Derramando algumas gotas sobre a testa do bebé, murmurou:
— Rogelio, eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que Deus e a Virgem te abençoem, a ti e à tua mãe.

Miora e Trinaghanta ofereceram-se para tratar de Polina e do bebé.

Melody dirigiu-se ao quarto pátio para apanhar um pouco de ar. Estavam ali

reunidos os escravos, em volta de Papá Justicia, que agitava o seu bastão de quimboto e recitava uma cantilena numa língua estranha. Na outra mão, segurava uma boneca de trapos envolta num pedaço do xale que Polina tinha deixado na praia.

Não era a primeira vez que Melody presenciava aqueles rituais tão peculiares, que por momentos assumiam um ritmo frenético. Estavam proibidos, assim como os *candombes* e perguntou-se o que diria Blackraven se os apanhasse a executá-los. Apesar de mostrar alguma inclinação pela fé católica, a sua incredulidade era bem marcada, pelo que Melody concluiu que Roger deixaria os africanos praticarem o seu ritual em paz.

Ficou calada, o olhar perdido, pensando que se a raptassem e a obrigas-sem a professar outro credo, ela continuaria a sentir-se cristã.

Terminada a cerimônia, os escravos reuniram-se em volta de Papá Justicia para lhe fazerem pedidos e para lhe tocarem. O quimboto ouvia-os com toda a paciência e dirigia-lhes algumas palavras antes de os mandar embora. Um a um, os negros voltaram para a barraca. Papá Justicia e Melody trocaram um olhar.

— Papá Justicia.

O velho beijou-lhe a testa.

— Minha menina querida — disse.

— Que bom teres aparecido esta noite! Queres ver a Polina?

— Não, o quimboto de cabelos de fogo já fez tudo o que podia por ela e pelo pequenino. Agora está nas mãos de Deus e da Virgem — declarou, como se fosse um católico piedoso.

— O sangue era tanto... — confessou Melody.

— Polina sofreu muito decerto. Mas graças a ti foi tratada por um dos melhores médicos da cidade.

— Graças ao senhor Blackraven — esclareceu Melody.

— Ele o fez porque tu pediste.

— Teria feito sem que eu pedisse. Roger — disse caindo no tratamento familiar — tem um coração enorme.

— Claro que sim — concordou o ancião —, por isso conseguiu o teu, que é de ouro puro.

— Não quero que Polina regresse a casa do seu dono, Papá Justicia. É um homem cruel.

— Melody, não podes salvar todos os escravos da cidade. Polina terá de voltar para casa do seu dono.

— Pedirei a Roger que a compre.

— O patrão Roger tem sido mais do que bom contigo e já te ajudou a salvar muitos dos meus. Mas não pode tornar-se odiado pelos portenhos, minha querida

menina, tens de entender isso. Tem assuntos importantes a tratar aqui e não pode permitir-se a ter toda a cidade contra ele.

— Que assuntos, Papá? Com o senhor Álzaga?

— Eu não sei nada dos seus assuntos, minha querida menina! Só sei que o patrão Roger é um homem muito importante e os homens como ele têm sempre assuntos muito importantes.

Redhead olhou fixamente para o aspecto senhorial da mulher que o conduzia à sala. Chamou-lhe a atenção o seu sotaque afrancesado e a tonalidade do seu cabelo, de um louro pouco comum entre as portenhas.

Mal entraram na sala, Blackraven abandonou a poltrona e veio ao encontro dos dois. Apesar de ter mudado de camisa e passado um pente pela sua longa cabeleira negra, não tinha um aspecto particularmente limpo: a barba começava já a crescer-lhe e parecia exausto.

— Precisas de alguma coisa, Roger?

— Não, obrigado. — Béatrice fez uma leve reverência e saiu. — Entra, Samuel, por favor. O teu jantar está servido. Mandei preparar um dos quartos de hóspedes. Esta noite vais ficar aqui e amanhã de manhã te levo de volta à cidade.

— Ficarei, sim, mas no quarto da minha paciente. Receio bem que ela não passe desta noite.

Blackraven assentiu. Sentaram-se à mesa.

— E a criança?

— Provavelmente terá a mesma sorte da mãe.

Apesar do cansaço, Redhead tinha um apetite voraz e lançou um olhar guloso à tortilha e às duas perdizes que exalavam um sugestivo aroma a alecrim. O vinho, de Bordéus, não o surpreendeu, acostumado que estava a encontrar sempre a melhor bebida à mesa do conde de Stoneville.

Havia anos que conhecia aquele excêntrico aristocrata inglês e a sua companhia era sempre interessante. Tinham-se confrontado no passado, cada um conhecia os segredos do outro, e no presente a sua relação desenvolvia-se em termos amáveis. Não eram amigos mas respeitavam-se e admiravam-se mutuamente. Tal como Blackraven, o médico não era homem de fazer amigos com facilidade e perguntou-se se, além de Somar, o seu servo turco, Blackraven se teria aberto alguma vez a uma amizade.

— Que assuntos te trazem assim tão ensimesmado?

— O costume, sabes como é — respondeu Redhead. — Os meus pacientes, os compromissos com o *Protomedicato*, Elisa... E um assassinato.

— Uma coisa é certa, Samuel: ninguém pode dizer que fujas às tuas obrigações.

Redhead explicou-lhe o que Blackraven já sabia: que tinham degolado o

sobrinho de Martín de Álzaga, Manuel Balbastro y Álzaga, filho da sua prima. O cadáver tinha sido encontrado dias antes frente à igreja de São Francisco.

— E qual é a tua opinião a esse respeito? — interessou-se Blackraven, e teceram conjecturas durante um bom bocado até que Roger disse: — Talvez se trate de uma vingança dos escravos.

— Que relação pode haver entre um jovem janota como Balbastro e os escravos?

— *El Joaquín,* não te esqueças.

O médico olhou para o amigo sem pestanejar.

— Não estou a ver...

— Não fujas, Samuel, a quem pertence esse barco negreiro?

— A Álzaga — respondeu Redhead. — Eu também pensei na vingança como um bom motivo.

— Os escravos andam agitados. As ideias do haitiano L'Ouverture chegaram a estas paragens e, somadas às ideias da Revolução, estão a ter um forte efeito sobre os nossos negros.

Ficaram em silêncio. Gostava que Redhead fosse capaz de ficar calado sem que isso o incomodasse. Havia gente que, mesmo sem ter nada interessante para dizer, continuava a falar e a dizer banalidades.

— Sabes, Samuel — retomou Blackraven —, podes contar comigo. — Redhead mostrou-se surpreendido e lisonjeado. — Tem cuidado, o Rio da Prata não é tão manso como parece. Que me contas de Willie? — perguntou rapidamente, saltando de um assunto para o outro sem qualquer pausa.

— A última vez que tive notícias dele, dirigia-se para o Cabo.

— Continua no *71 de Highlanders*?

— Julgo que sim — hesitou Redhead.

— Às ordens de?

— De um tal comodoro Popham.

— Ah, esse verme.

Blackraven acompanhou o médico ao quarto de Siloé. Trinaghanta estava a dar de beber a Polina a infusão prescrita por Redhead, enquanto Melody tinha nos braços o bebé. Olhava-o com ternura, tocava-lhe na testa com os lábios e havia tanta compaixão e doçura nos seus olhos que ficaram os dois à entrada da porta a admirá-la em silêncio.

— Isaura — murmurou Blackraven —, vamos, meu amor, agora tens de ir descansar. Entrega o menino a Siloé. Ela tomará conta dele.

Aquele tratamento familiar apanhou Redhead tão desprevenido que teve de se apoiar na sua habitual discrição para ocultar as suas impressões.

Devia ter calculado: uma velha raposa como Blackraven não perdia as

manhas, ainda que uma certa reverência no modo como tratara a jovem o levasse a concluir não se tratar de um devaneio. Tinha-o visto atuar em Londres, com soberba, seguro do fascínio que provocava no sexo fraco a ponto de se tornar irônico e displicente, em algumas ocasiões. Com aquela jovem era o contrário, como se, dos dois, fosse ela a ter a vontade mais determinante.

— Permita que fique esta noite junto dele, Excelência. Sofreu tanto, pobre anjinho, precisa de muito amor. Deve estar apavorado e a mãe não pode fazer nada por ele.

— Siloé ficará com ele nos braços toda a noite e o encherá de mimos, não é verdade, linda?

— Claro que sim, patrão Roger!

— Vamos, meu amor, pareces exausta. É melhor que durmas esta noite. Amanhã poderás ser útil de novo. Além disso, Samuel ficará aqui a zelar por Polina e pelo seu filho.

— Sério, doutor Redhead? — o médico assentiu, esboçando um sorriso. — Oh, como é amável da sua parte! Não sei o que faríamos sem o senhor. Obrigado por tudo.

— Miora — disse Roger —, certifica-te de que o doutor Redhead tem tudo o que precisa. Boas-noites.

Subiram em silêncio até o primeiro andar. Blackraven passou-lhe a mão pelo ombro e Melody apoiou a cabeça no seu peito. Logo a seguir lembrou-se dos garotos.

— A senhorita Leo ficou a tratar deles. Adormeceram já há um bocado. Anda, vem até o meu quarto. Espera-nos uma tina com água fresca para nos relaxarmos depois de toda esta tensão.

— Esta noite quero dormir no meu quarto — disse Melody.

Blackraven arqueou as sobrancelhas como se tivesse ouvido um disparate.

— Roger, tenta compreender. Que pensarão de mim a senhorita Leo e a senhorita Béatrice? Que sou uma sem-vergonha. Tenho certeza de que já sabem que dormi contigo. Vão dizer que...

— Que tu e eu nos amamos apaixonadamente e que passarmos a noite separados constitui um verdadeiro suplício?

— Não pensarão isso, o que dirão é que eu não tenho vergonha.

— Sentes-te assim sendo minha mulher, Isaura?

— Não — declarou abruptamente.

— Isaura — disse Blackraven, de modo paciente —, durante o dia não pensei noutra coisa senão em voltar para casa para estar contigo. Quando finalmente consigo libertar-me dos meus compromissos e obrigações, chego a El Retiro e encontro uma situação bem diferente da que esperava encontrar. Está

certo, era preciso ajudar aquela pobre garota. Ajudamos. Mas agora só peço um momento de paz ao teu lado, amor, só isso. É demais? — Melody baixou os olhos, envergonhada. — Não vou privar-me de te ter só pelo que os outros possam dizer. Não oriento a minha vida de acordo com os outros, Isaura.

— É pecado. Não estamos casados — alegou sem olhar para ele.

— Eu casei contigo na noite em que te tornei minha. És minha mulher. O ritual que muito em breve iremos celebrar será um ato formal do meu ponto de vista, para satisfazer os outros. Meu amor, o que importa é o que tu pensas de ti própria.

Melody pôs-se de pé e beijou-o nos lábios. Blackraven passou-lhe os braços pela cintura e puxou-a para si até os lábios de ambos se encontrarem plenamente. Ele estivera a beber conhaque e a sua boca tinha um sabor agradável. Continuou a beijá-la no pescoço e o toque áspero da sua barba provocou-lhe um arrepio.

— Deixa-me ver o Jimmy e já vou.

— Não demores.

Ao entrar no quarto de Blackraven viu-o despido sobre a cama. Ele levantou-se de um salto e veio ao seu encontro. Despojou-a das roupas sujas, desfez-lhe a trança e soltou-lhe o cabelo ao longo das costas. A tina de cobre, redonda e enorme, coberta por uma tela, exalava aromas que apenas Trinaghanta sabia combinar e Melody interrogou-se em que momento teria ela saído do quarto de Siloé para preparar o banho. Acomodaram-se na água tépida, Blackraven apoiado na banheira e Melody apoiada nele, e por momentos fecharam ambos os olhos e deixaram-se conquistar pelo poder calmante das águas. Blackraven gostava de sentir a suavidade do cabelo de Melody sobre o peito e a leveza das suas mãos nos joelhos. Quebrou o silêncio apenas para lhe dizer: — Amo-te, Isaura. Não sabes o quanto te amo.

— Por que me amas, Roger? Que foi que te atraiu em mim?

— O fato de me rejeitares, claro. Foste a única que se atreveu a tal.

— Vaidoso!

— Já não sou — sussurrou ele. — Agora sou um escravo aos teus pés.

— Eu não sei por que te amo — admitiu Melody, deixando-se acariciar por ele. — Só sei que quando te vejo me falta o ar, que quando me tocas sinto latejar o meu coração e que quando me amas me fazes esquecer de todo o resto.

— Quero amar-te agora.

Melody voltou-se para permitir que ele a rodeasse com as pernas.

— Obrigada por teres ajudado Polina. — Blackraven assentiu e continuou a beijar-lhe os ombros. — Batizei o menino, talvez não esteja vivo amanhã. Chamei-o Rogelio, o teu nome em espanhol.

— Que terei eu feito de tão bom para te merecer? — perguntou.

— Sabes porque te amo, Roger? Porque me fizeste sentir livre e completa de novo. Uma verdadeira mulher. Foi isso o que fizeste de bom.

— Sinto ciúmes dessa escrava que acaba de parir, e de Jimmy e de Víctor e até de Covarrubias e dos outros escravos, de todos aqueles que obtêm as tuas atenções e te ocupam o pensamento. Sinto que todos eles estão antes de mim. Por vezes penso que, dos dois, sou eu quem mais precisa do outro.

— Se é assim, Excelência, deveria ter ciúmes loucos do senhor Blackraven pois é ele que ocupa os meus pensamentos dia e noite. É nele que eu penso constantemente e embora não diga para não envaidecê-lo demais, confesso, Excelência: o senhor Blackraven é o centro da minha vida e não seria capaz de viver sem ele. — Roger olhou-a com desconfiança. — Oh, Roger, meu amor. Será que não consigo transmitir o que me vai no coração?

— Precisas de mim, Isaura? Às vezes penso que prescindirias de mim com toda a facilidade.

— Preciso de ti, Roger. Hoje saíste sem te despedir e quase chorei. Por que voltaste a fazê-lo? Por que foste embora sem me prevenir?

— Para te fazer sofrer — mentiu.

— Conseguiste. Não vês que quando não estás ao meu lado me mergulhas num grande desassossego? Preciso de ti.

— Sim? Precisas de mim?

— Sim.

— Precisas disto, não é verdade? — e começou a esfregar sobre ela o seu membro ereto.

— Sim — gemeu.

— E disto? — e excitou-lhe o mamilo com a língua.

— Sim, de tudo. Preciso de tudo em ti.

Não faria amor enquanto ela não o implorasse. Ainda continuava aborrecido por ela ter voltado para junto das lavadeiras.

— Sou tão feliz por seres meu.

— És feliz quanto?

— Imensamente feliz — admitiu, entre gemidos.

Blackraven havia decidido enlouquecê-la de excitação. Embora no quotidiano a dividisse com todos, na intimidade iria mostrar-lhe que ela era apenas sua. Queria também que ela lhe confessasse, ainda que fosse apenas com movimentos e gemidos, o quanto precisava dele.

Melody agitou os quadris contra o ventre de Blackraven, numa febre louca de desejo. Ele sabia onde tocar-lhe. As carícias e as provocações prolongavam-se e ela tinha dificuldade em respirar. Procurou entre as suas pernas e viu que Blackraven estava pronto. Perante aquele contato, ele lançou um suspiro e

mordeu-lhe o ombro.

— Roger, quero ser tua!

Fez amor com ela na tina e em seguida, sem se afastar dela, ergueu-a no ar, a escorrer água e depositou-a na cama, onde ensoparam o cobertor.

Continuaram a fazer amor ali, acabando e recomeçando uma e outra vez.

Blackraven sabia por experiência própria que não era a paixão que sentiam um pelo outro que fazia da sua relação com Isaura única, e sim a outra, a que permanecia latente mesmo depois de saciados. Um toque, um olhar, um suspiro, um gesto seu e ele ficava imediatamente com água na boca.

Ainda continuava a apertá-la contra o seu corpo quando sussurrou: — Sabes que sou filho bastardo?

— Sim.

— E então? — afastou-se para lhe ver o rosto.

— Então o quê?

— Não te importas?

Melody riu.

— O importante é o que pensas de ti próprio.

— O que importa é que tu pensas de mim — respondeu ele.

— Penso que não me preocupo nem um pouco de quem és filho, quais as circunstâncias do teu nascimento ou se os teus pais estavam ou não casados quando te conceberam.

— Há muita gente que considera um filho nascido fora do casamento como um fruto maldito.

— E tu dás crédito a essas idiotices?

— Durante alguns anos dei, e muito.

— Madame diz que Deus me compensou de tantas dores colocando-te no meu caminho. Tu és um presente do Senhor, sem dúvida. E um presente do Senhor nunca seria maldito.

Blackraven parecia reconfortado e um pouco sonolento.

— Gostaria que me falasses dos teus pais — pediu Melody — e da tua vida antes de me conheceres.

— Um dia — murmurou.

XXI

Blackraven chamou Somar ao seu escritório.

— Hoje, muito cedo — declarou o turco —, chegaram os homens da enseada de Barragán.

— Já não era sem tempo — disse Roger.

— São oito, dez se contarmos com Shackle e Milton, um número suficiente para manter a propriedade sob vigilância. — Blackraven assentiu. — Estiveste ontem à noite com o Papá Justicia?

— Decidi adiar por causa da questão da lavadeira — explicou.

Somar ficou calado e o seu olhar levou Blackraven a insistir: — Vá lá, fala, diz-me o que se passa.

— Decidiste ficar mais tempo do que o habitual no Rio da Prata, certo?

— Tu querias partir para outro lugar? — perguntou-lhe com sarcasmo.

— Não. Sabes que vou para onde me mandares ir. Estou a pensar em Amy, que atracará dentro de algumas semanas em Saint John's para passar uma temporada contigo na fazenda de Antígua, como é habitual.

— Não voltarei a passar temporadas com Amy nem com nenhuma outra mulher, Somar. Sabes bem. — O turco assentiu com ar grave. — Com efeito, para que vejas que não sou um insensível para com a tua querida Amy, já escrevi para a fazenda de Antígua a explicar-lhe que permanece-rei no Rio da Prata durante mais alguns meses.

Somar admirava e gostava de Amy Bodrugan como se ela fosse sua filha. Blackraven e a jovem, também natural da Cornualha, conheciam-se desde a infância e haviam partilhado situações extremas. Na opinião de Somar, Amy era a única mulher à altura de Roger. Conhecia e amava o mar como ele e levava a mesma vida errante. Na verdade, Amy capitaneava um bergantim da frota de Blackraven. Os seus homens chamavam-lhe *Captain Black Cat* (capitã Gata Negra) por ela ter o hábito de se vestir dessa cor, pela sua habilidade para trepar pelos amantilhos até o cesto da gávea e devido às piruetas que executava nos enfrechates. Alguns mais maliciosos insistiam em que o *Black* vinha de ser a mulher de Blackraven.

Durante o almoço reinou um ambiente alegre. Ao contrário de outras casas portenhas, Blackraven admitia que se falasse à mesa. As mulheres e as crianças admiravam-se com o milagre de Polina e Rogerito terem resistido àquela noite. Antes de se ir embora, Redhead tinha-os deixado esperançosos. Os garotos, em especial, festejavam a presença de um bebé em El Retiro e Angelita pediu

licença para lhe mudar as fraldas. Todos se dirigiam a Melody, observou Blackraven: era ela o centro de todas as atenções.

— Decidi — anunciou — que começarei a dar-vos lições de equitação — e apontou para Víctor e Angelita.

Os garotos ficaram quietos e limitaram-se a sorrir, pois apesar de poderem falar estavam proibidos de se manifestar ruidosamente durante as refeições. A seguir olharam para Melody, como que a solicitar a sua aprovação.

— Será maravilhoso que aprendam a montar — disse ela.

Blackraven pensou: "Eu sou o senhor desta fazenda e é ela que os tenta a verdadeira autoridade. Ganhou-a por mérito próprio, pois não a temem, veneram-na." Aquele pensamento, destituído de aborrecimento ou inveja, encheu-o de orgulho e levou-o a refletir sobre como era agradável partilhar a mesa com tantas pessoas. De qualquer modo, admitiu, sem a presença de Isaura, o conjunto não passaria de um adorno.

Passaram para a sala de música e enquanto esperavam por Elisea que tinha ido buscar umas partituras, Blackraven voltou a dirigir-se ao seu pupilo.

— Víctor, se quiseres frequentar mais tarde as cortes europeias vais ter de ter também aulas de esgrima e de dança.

— Claro, senhor! Sim, senhor!

Elisea, que estava na primeira sala, junto da porta principal, à procura das partituras de *A Marcha Turca,* ouviu batidas fortes e grosseiras na porta e correu a abri-la. Tomás Maguire ficou parado a olhar para ela debaixo do lintel. Ela devolveu-lhe o olhar, afastando-se para não ser atropelada.

— Senhor — escandalizou-se. — Onde pensa que vai? Quem é o senhor?

Tomás Maguire tinha conseguido passar a vigilância de Shackle, dizendo a verdade.

— Sou o irmão de Miss Melody. — A semelhança com Jimmy falava por si.

Disposto a cumprir a promessa que fizera a si mesmo, Tommy entrou na mansão, gritando pela irmã. Irrompeu pela sala de música, antes que os presentes tivessem tido tempo de reagir.

— Tommy! — exclamou Jimmy, feliz, embora o sorriso se esfumasse pouco depois ao reparar na expressão do irmão.

— Senhorita Leo — disse Blackraven —, leve os meninos para a sala de estudo. Deixem-nos a sós com o senhor Maguire.

Tommy esperou que os outros saíssem para insultar Melody.

— Rameira! — exclamou, dando-lhe uma bofetada de lado que a atirou ao chão.

Embora a atitude de Maguire o tivesse apanhado desprevenido, Blackraven agiu com rapidez: precipitou-se sobre Tommy e deu-lhe um murro no maxilar

que o fez cair perto de Melody. Ela cobriu-o com o corpo, abraçando-o.

— Não, Roger, por amor de Deus! Não lhe batas mais que o matas.

Furioso, Blackraven puxou Melody pelo braço e, com brusquidão, obrigou-a levantar-se e a largar o irmão. Observou-lhe o rosto. Felizmente não havia cortes nem sangue, apenas um hematoma que iria decerto ficar roxo.

— De pé, maldito covarde! — gritou a Maguire, dando-lhe um pontapé na bota. — De pé! Vamos ver se te portas como um homem.

Com uma mão, levantou-o pelas bandas do casaco, enquanto com a outra lhe retirava a faca que ele trazia à cintura.

— Infeliz — disse-lhe muito perto da cara. — Se voltares a tocar na tua irmã, não atenderei as suas súplicas e degolar-te-ei.

Blackraven ouvia atrás de si os soluços e as palavras entrecortadas de Melody.

— Não voltarei a bater na minha irmã — disse Maguire —, matá-la-ei.

Prefiro vê-la morta a transformada na puta de um inglês.

Com um forte empurrão, Roger lançou-o de novo ao chão.

— Ela não é a minha puta, imbecil. É a minha noiva. Muito em breve será minha mulher.

— Só por cima do meu cadáver! — jurou Maguire, cuspindo para o chão para junto dos pés de Blackraven.

Melody ajoelhou-se ao pé do irmão.

— Tommy, por favor.

— Fora! — praguejou, rejeitando-a. — Sai da minha frente.

— Eu queria contar-te, há dias que pretendia fazê-lo. Teria preferido que não o soubesses por terceiros. Eu queria explicar-te. Foi Babá, não foi? Foi ele quem te contou?

— Servando não disse uma palavra. Foi Pablo que, depois de passar vários dias embriagado, a dizer disparates, me confessou que te viu na praia a rebolar no chão com este inglês. Valha-me Deus, Melody! Como pudeste atraiçoar o nosso pai desta maneira?

— Tommy — suplicou ela, cobrindo o rosto.

— Casarás com Pablo — ordenou-lhe. — Apesar de tudo, o pobre diabo continua a gostar de ti.

— Não o farei. Não o amo.

— Farás o que eu te disser.

— O nosso pai teria querido que eu me casasse por amor.

— O nosso pai teria te assassinado antes de te ver transformada na rameira de um inglês. Casarás com Pablo.

— Basta! — vociferou Blackraven. — Estou espantado com a minha

paciência, Maguire, que se deve certamente à consideração que tenho pela tua irmã. Peço-te que saias neste momento ou garanto-te que não vais gostar dos métodos que usarei para te expulsar da minha propriedade.

— Os meus irmãos vêm comigo — provocou Tommy.

Blackraven deu uma falsa gargalhada, carregada de desprezo, e Melody pensou que ele era mais perigoso naquele momento do que quando se mostrava claramente irritado.

— E para onde pensas levá-los? Para debaixo do toldo de uma velha carroça? Com que dinheiro pretendes alimentá-los, vesti-los e pagar os medicamentos do Jimmy?

— São meus irmãos. Eu responderei por eles.

— É um pouco tarde para te lembrares das tuas obrigações.

— Tommy, por favor, vai embora — soluçou Melody, tentando tocá-lo.

— Larga-me. Não percas tempo, vai arrumar as tuas coisas e as de Jimmy. Vens comigo.

Blackraven fez menção de o agarrar à força.

— Não, Roger! Não faças mal a ele. Vai embora, Tommy. Pelo amor de Deus, vai embora.

— Seu filho da mãe — acusou Maguire —, responderá pela honra da minha irmã, amanhã às cinco da manhã na alameda.

Melody soltou um grito e agarrou-se às bandas do casaco de Blackraven, suplicando-lhe com o olhar para que não aceitasse.

— Qualquer que fosse a arma que escolhesses para te bateres em duelo comigo, eu ganharia. Desse modo perderias a vida, o que me preocupa bem pouco, e eu ganharia o ódio eterno da tua irmã, que é a única coisa que me importa. Por isso, deixa-te de fanfarronices. Não aceitarei o duelo. Isaura vai se casar comigo e será minha mulher. Agora vai embora — e arremessou-lhe a navalha aos pés.

O tom de voz de Blackraven ganhara uma nota de perversidade, ou talvez fosse a sobrancelha arqueada tornando-lhe o semblante mais ameaçador que fez com que Tommy retrocedesse, como se, subitamente, houvesse tomado consciência de que lidava com um monstro de sete cabeças. Pegou na navalha e devolveu-a à cintura, deu alguns passos à retaguarda, levantou o punho em direção a Blackraven e saiu correndo.

Béatrice, que tinha ficado na sala contígua, entrou e abraçou Melody.

Apesar dos sentimentos contraditórios que a jovem lhe provocara nos últimos dias, naquele momento inspirou-lhe compaixão.

Blackraven alisou o cabelo, enquanto as via afastarem-se, mergulhadas numa profunda tristeza. Queria ser ele a consolá-la, a tomá-la nos braços e a levá-la

para um refúgio onde juntos curassem as feridas.

Mas não se atrevia com receio de ouvir uma recusa.

Tinha de travar Maguire ou este acabaria morto, o que seria um golpe fatal para Melody. O levantamento dos escravos era uma empresa demasiado arriscada para um indivíduo exaltado que punha a paixão à frente da razão. Prescindiria das vantagens que aquele levantamento poderia trazer aos seus planos de desgastar o governo do vice-rei e os monárquicos e acabaria com o plano de Maguire. Na noite anterior, devido ao incidente da lavadeira, não tinha podido falar com Papá Justicia. Iria vê-lo nesse mesmo dia.

Acabava de violar outra ordem de Blackraven: voltara a casa de madame Odile. A seguir à luta com Tommy, a perfeita harmonia de Melody quebrou-se e a alegria do seu temperamento desapareceu. El Retiro parecia-lhe agora mergulhado em sombras.

Melody questionava tudo, em especial o seu amor por Blackraven.

Não tinha dúvidas sobre a sinceridade desse amor — só Deus sabia o quanto o amava — mas sim sobre a prudência de o amar. Se casasse com ele perderia o afecto do irmão e o respeito do seu pai, e carregaria na consciência o peso de ter traído e destruído a sua família. No passado sofrera muito ao assistir à dispersão dos Maguire, após a morte de Fidelis, e não aceitaria uma nova separação.

Precisava desabafar com a única pessoa a quem se atrevia a contar tudo. Poderia confessar-lhe a angústia que as palavras de Tommy haviam provocado. O irmão tinha razão, ela era uma rameira e atraiçoara o pai. Sentia tanta vergonha que não era capaz de olhar nos olhos as senhoritas Béatrice e Leo, pois elas conheciam a sua natureza dissoluta e censurava-se por comungar na missa sem se ter confessado ao padre Mauro. Iria para o Inferno. Ao ouvir tal afirmação, madame Odile soltou uma gargalhada.

Evitava Blackraven, passava horas absorvida nas lições de Víctor, nas suas atividades com os escravos, a ajudar as criadas, qualquer desculpa servia para não ter de vê-lo. A confusão aumentava quando os seus olhares se cruzavam. Blackraven suportava aquela frieza durante o dia, mas à noite, com o roupão sobre o corpo nu, esperava que ela acabasse de aconchegar a roupa em Víctor. Nesse momento, punha-lhe a mão sobre o braço e ela estremecia como a urgência da primeira vez. A distância que se impunha ao longo do dia transformava-se numa intensa paixão.

Ele a envolvia com os braços, inclinava-a para a beijar e em seguida, arrastava-a para a cama onde faziam amor. As suas investidas assustavam-na muitas vezes, magoavam-na e ela sentia prazer. Havia um sentimento perverso de prazer associado a dor e à força com que Blackraven a penetrava nesses

encontros sem palavras nem confissões ardentes. Mudos, envolvidos pelos sons dos seus corpos, entregavam-se àquele delírio onde o desejo era mais forte do que a dor.

Mas Melody não passava a noite com Roger. Abandonava a cama, vestia-se apressadamente e ia dormir no seu quarto. Algumas vezes, deitava-se ao lado de Jimmy e, enquanto o abraçava e o ouvia respirar, chorava.

Uma noite, ao sair do quarto de Víctor, Blackraven em vez de tocá-la, disse-lhe ao ouvido: — Ainda não percebeste que tu e eu agora somos uma família?

Melody não reparou na tristeza de Blackraven nem na ansiedade infantil com que ele esperava uma resposta. Pensou apenas que Tommy e Jimmy eram a sua verdadeira família e que era a eles que devia lealdade.

Roger nunca lhe inspirara um sentimento de família e não o imaginava no papel de pai. Sem responder, voltou-se para se dirigir ao quarto, mas Blackraven agarrou-a pela cintura e beijou-a. Ela afastou o rosto e tirou-lhe as mãos de cima.

— Nunca te recuses — disse, irritado, empurrando-a contra a parede.

Fez amor com ela ali, de pé, enquanto a beijava deixando-a sem ar.

Melody resistiu e tentou afastá-lo até que Blackraven a levantou no ar e ela o envolveu nas suas pernas para o receber. Ele tremia devido à excitação e ao esforço que fazia, as pernas tensas, ao mesmo tempo que com a bacia executava acometidas curtas e violentas. Melody encostou a cabeça à parede e estendeu os braços procurando agarrar alguma coisa. A sua mão encontrou a moldura da porta e centrou nos dedos a rigidez que antecedeu o clímax.

Madame Odile ouviu-a atentamente até terem sido derramadas todas as lágrimas. Surpreendeu-a quando lhe disse: — Não é tão grave assim. Julguei que me ias dizer que o Imperador tinha ido para a cama com outra. Deixa o teu pai repousar em paz e o teu irmão seguir a vida dele. Agora volta para El Retiro antes que o Imperador comece a fazer perguntas e descubra onde vieste. E para de o torturar com a tua indiferença — ordenou-lhe à despedida.

O conselho de madame não a deixou satisfeita. Continuavam a persegui-la os mesmos receios e não conseguia libertar-se da culpa. Ergueu os olhos. A passo lento, ela e *Fuoco* tinham chegado à zona do matadouro. Nenhuma garota de bem se teria atrevido a ir àquele lugar, menos ainda admitido a possibilidade de se embrenhar num mundo tão sórdido. Melody, pelo contrário, considerou aquela uma excelente oportunidade para falar com Servando e saber de Tommy.

Deu-se conta demasiado tarde de que se aproximavam dois homens a cavalo. Como não os conhecia, apressou o passo até o edifício do matadouro e quase de

imediato, parou ao ouvir uma voz familiar que a chamava pelo nome. Ficou parada a olhar. Quando os reconheceu o coração deu-lhe um salto no peito. Ficou imóvel, atordoada pela surpresa.

— Paddy — disse quando ele se colocou à sua frente.

— Sim, Paddy.

Continuava a olhá-lo, atônita, o que levou Paddy a começar a rir.

Quem o acompanhava era Gotardo Guzmán, o comissário de Capilla del Señor, que se juntou a ele na risota.

— Achas que sou uma alma penada? Nada disso, prima. Sou de carne e osso — assegurou, dando várias palmadas no braço.

— Naquela noite — balbuciou Melody —, eu...

— Feriste-me — completou Paddy —, gravemente, mas a minha mãe me salvou. E deixaste-me a tua marca — e apontou para o queixo mutilado, onde Melody lhe dera uma forte dentada.

— Como me encontraste?

— Ah, prima, essa é uma longa história. Contar-ta-ei no regresso a casa.

Vamos, é preciso voltar. Não quero que a noite nos apanhe no caminho.

Melody raciocinou. Fincou as esporas no seu cavalo *Fuoco* e puxou as rédeas para o obrigar a dar a volta. O comissário arrancou-as da mão e, logo a seguir, Paddy obrigou-a a desmontar e sentou-a à sua frente.

Melody agitou-se e gritou, mas a força do primo conseguiu vencê-la. Tapou-lhe a boca e aproximou um objeto à altura dos seus olhos.

— Quieta — disse-lhe ao ouvido. — Olha para isto. — Era uma corrente e uma medalha de ouro. — Reconhece-as, não é verdade? — Os gritos abafados da jovem deram-lhe a entender que sim. — A tua dedução está certa: tenho Tommy comigo e o matarei se não me acompanhares até Bella Esmeralda.

Nesse momento, com a vista turva, Melody pensou apenas em Blackraven. Uma profunda tristeza deixou-a quieta e calada. Condenara-o a um tratamento infame devido às suas hesitações e receios e amaldiçoou-se por não lhe ter dito o quanto o amava e como queria continuar a seu lado.

Elisea avistou Miss Melody quando se aproximava do matadouro a passo lento. Praguejou entre dentes e bateu com a mão na perna. Aquele era um mau dia. Não conseguira encontrar Servando no matadouro.

Estava vazio, os magarefes já tinham enchido os seus cabazes e partido para a venda das mercadorias. Andavam muito provavelmente para os lados do convento dos Recoletos, que forneciam diariamente. Tinha tempo para se dirigir até aquela zona e voltar a El Retiro antes de a sua tia Leo dar pela sua ausência e lhe pregar um sermão. O aparecimento de Miss Melody não a ajudava em nada. Tinha de se esconder e esperar que ela se afastasse para poder seguir caminho.

Do lugar onde se encontrava, acocorada atrás de um muro, testemunhou o assalto de que fora alvo a preceptora. Aterraram-na os semblantes horrorosos dos dois homens e a sua maneira de rir e teve de tapar a boca para não gritar quando o mais jovem, que a chamava “prima”, sentou-a à sua frente no cavalo. Baixou a cabeça, contraiu os olhos e repetiu a oração do anjo-da-guarda até lhe parecer que o ruído dos cascos dos cavalos se desvanecia. Só então se levantou, e soltou um grito: Sabas observava-a com olhos divertidos como se tivesse estado a vê-la durante um grande bocado.

— Negro estúpido! — insultou-o, dissimulando o medo com a raiva. — Ias me matando de susto.

O escravo continuava a olhá-la, nas comissuras dos seus lábios despontava um sorriso de malícia.

— Baixa os olhos, negro desavergonhado! Nunca te ensinaram que não deves olhar os teus patrões nos olhos?

— Servando olha-a nos olhos — objetou Sabas — e noutras partes do corpo também — acrescentou, roçando-lhe um seio.

Elisea aplicou-lhe uma bofetada à qual ele respondeu com um trejeito entre o divertido e o diabólico que fez com que ela compreendesse que de nada serviriam as ameaças de chibatadas ou outro tipo de castigo. O escravo mostrava claramente a decisão de a violentar. Recuou, em direção ao matadouro, ao mesmo tempo que avaliava as suas possibilidades. No prédio encontraria uma arma qualquer, embora se tivesse lembrado que dom Bustillo, o capataz, costumava entregá-las aos magarefes durante as horas de trabalho, fechando-as à chave mal eles acabavam de as usar. Restava-lhe a hipótese de fugir e de se esconder. Perguntou a si própria se Sabas, coxo e robusto, caminhando com dificuldade, conseguiria apanhá-la.

O escravo adivinhou-lhe a intenção mal a viu levantar a orla da saia.

Numa reação felina, saltou o pequeno muro e agarrou-a pelos ombros.

Acabaram os dois no chão, onde Sabas começou a beijá-la e a pôr-lhe as mãos em cima. Elisea esticou o braço, pegou uma pedra e bateu-lhe com ela na fronte. O escravo, mais surpreso do que ferido, pôs-se de pé agarrando a cabeça, enquanto Elisea aproveitava para fugir. Correu até o matadouro, onde se refugiou numa pequena divisão onde se guardavam cestos e canastas cuja porta de madeira se confundia com a parede.

Tinha visto Servando abri-la, caso contrário, nunca a teria distinguido.

Ficou ali alerta e tensa, contendo a respiração. Sabas entrou poucos minutos mais tarde, com uma expressão alucinada que a fez estremecer.

Se a encontrasse, decerto a mataria. Encostou a cara aos joelhos e rezou um

Pai-Nosso atrás do outro, uma Avé-Maria atrás da outra, sem se aperceber do tempo em que permanecera naquele transe.

Levantou os olhos, um pouco manchados e espreitou por entre as madeiras. Não se via nem ouvia ninguém. Pensou que Sabas poderia estar escondido à espera que ela saísse e esperou torturada por saber que estava a perder um tempo precioso durante o qual os raptores se afastariam com Miss Melody. Empurrou ao de leve a porta e observou pela fresta. Havia vários lugares onde o escravo poderia ter-se escondido, mas tinha de arriscar. Deu um nó à saia à altura dos joelhos e saiu a correr em direção a El Retiro, sem olhar para trás como se Sabas a seguisse de perto.

Quando entrou no quarto pátio, Siloé e Miora, que davam milho às aves do galinheiro, chamaram-na, mas Elisea continuou a correr em direção ao escritório do senhor Blackraven repetindo de si para consigo: "Oxalá esteja lá! Oxalá não tenha ido à cidade!" Abriu a porta e, enquanto normalizava a respiração para poder falar, avistou Blackraven sentado à secretária. O senhor Désoite e a senhorita Béatrice faziam-lhe companhia.

Os três olharam para ela desconcertados.

— Miss Melody foi raptada!

Blackraven deu um salto imediato, agarrou-a pelos ombros e ordenou-lhe que se explicasse. Elisea à beira de uma crise de nervos, desatou a chorar. Béatrice afastou Roger e conduziu-a até a poltrona onde Luís lhe entregou um copo com *brandy*. Obrigaram-na a beber alguns goles, enquanto lhe dirigiam palavras de ânimo. Blackraven, com as mãos na cabeça, observava Elisea com vontade de estrangulá-la.

— Fala, garota! — explodiu por fim.

Elisea explicou-lhes o que tinha visto e ouvido. Miss Melody tinha sido raptada por um homem a quem chamou "Paddy".

— Paddy? — repetiu Blackraven, alarmado. — Tens certeza?

— Sim — assegurou sem a mais leve hesitação, contando-lhes pormenorizadamente o resto do diálogo.

Deixara de ser a mesma pessoa de momentos antes. Com a notícia do rapto de Melody tudo se esfumara, o seu poder, as suas riquezas de nada lhe valiam. Restava apenas o amor que sentia por ela e a angústia de a recuperar. Nunca tinha experimentado aquele medo. Se lhe pedissem para explicar o que sentia teria de dizer que não suportava estar confinado ao seu próprio corpo. Sofria física e emocionalmente. Parecia-lhe que os cavalos não andavam suficientemente depressa, que os seus homens não os espicaçavam o suficiente. Queria poder voar.

Na verdade, odiava o medo. Em criança experimentara-o demasiadas vezes,

por isso o incomodava esse sentimento que o humilhava e ao qual associava os anos mais escuros da sua existência. A sua força física e a sua lucidez haviam sido a chave para o erradicar. Já não receava pela sua vida e, quando se lançava na abordagem de barcos inimigos com o punhal na boca, o estoque na mão direita e uma pistola na esquerda, sentia-se invencível. Gostava de se colocar frente ao inimigo com uma postura mais intimidatória do que as próprias armas que empunhava. Gostava de o ver tremer. A sua destreza e ferocidade na luta haviam feito dele um corsário temido. O *Captain Black* era uma lenda, e as suas façanhas começavam a ser cantadas nas tabernas dos portos.

Mas nesse momento, era de Isaura que se tratava, por isso tinha medo. Nunca o sentira por outra pessoa, talvez porque nunca tinha amado daquele modo tão inexplicável. Um misto de impotência e raiva ameaçava enlouquecê-lo. Imaginar o sofrimento de Isaura ou pensar que iria chegar tarde para a salvar era a pior tortura que já sofrera.

Lançou um grito e *Black Jack* galopou mais veloz, deixando para trás Somar e o grupo de marinheiros que o escoltavam até Capilla del Señor.

Apesar de a noite estar quase a cair, decidira continuar. Arriscar-se-ia a que os cavalos ficassem coxos ou mesmo a que um gradal engolisse todos os cavalos. Com a lua cheia tinham possibilidades e ele não deixaria de as aproveitar.

Somar conseguiu alcançá-lo e galopou ao seu lado em silêncio. De vez em quando olhava-o de soslaio. Poucas vezes o tinha visto tão preocupado.

— Que disse o *baqueano*? — quis saber Blackraven. — Quanto falta para Capilla del Señor?

— São catorze léguas para norte — informou o turco. — Ele garante que a este ritmo chegaremos a meio da manhã, talvez ao meio-dia. Mas julgo que os cavalos não resistirão.

— Resistirão, sim — assegurou com voz cavernosa sem olhar para ele.

O silêncio voltou a instalar-se entre ambos. Blackraven avaliava as alternativas e traçava planos. Não sabia quem iria encontrar em Bella Esmeralda. Havia a possibilidade de terem de enfrentar um grupo de peões armados. Felizmente tomara a decisão oportuna de mandar chamar vários dos seus marinheiros a El Retiro, caso contrário, naquele momento, ele e Somar teriam de enfrentar sozinhos Paddy e a sua gente, pois teria recusado a oferta dos escravos para o ajudarem a resgatar o *Anjo Negro*.

Antes de abandonar El Retiro, enquanto aparelhavam os cavalos, os negros haviam-no convocado ao quarto pátio, onde, com Servando como chefe, lhe comunicaram a sua decisão de os acompanharem a Capilla del Señor.

— Miss Melody merece que demos a vida por ela — declarou Servando, e os

outros secundaram-no com murmúrios de aprovação.

Blackraven passeou o olhar pelos seus escravos. Estavam bem alimentados e o seu aspecto não podia ser melhor. Os músculos do corpo destacavam-se quando brandiam as ferramentas com que trabalhavam a terra.

Outros estavam munidos de paus e pedras. Avistou algumas mulheres, entre elas Polina, ainda macilenta e enfraquecida, com Rogerito nos braços.

— Agradeço-vos a oferta, mas os meus homens e eu, que estamos habituados à luta, traremos a senhorita Isaura sã e salva. Não tereis de esperar muito até voltar a vê-la. Pelo bem de Jimmy, não digais a ninguém que foi raptada. É preferível apoiar a versão de que foi passar alguns dias em casa da sua amiga, madame Odile.

Somar interrompeu as suas recordações, perguntando-lhe o que sabia sobre Paddy Maguire. Blackraven respondeu-lhe de modo lacônico e passado um momento disse:

— Quase me alegro por esse infeliz estar vivo. Sempre tive vontade de o fazer pagar por todo o sofrimento que causou a Isaura.

— É um homem morto — sentenciou Somar.

Chegaram a Bella Esmeralda antes do amanhecer. Tinham cavalgado como foragidos, evitando as aldeias e os caminhos com trânsito.

Gotardo Guzmán, o comissário que já não ocupava o cargo, conhecia bem a zona e conduziu-o por atalhos. *Fuoco* chegou à quinta ensopado e a espumar pela boca. Melody foi direita ao estábulo para tratar do seu cavalo. Paddy viu-a afastar-se e não disse palavra.

Bella Esmeralda estava num total abandono. A casa estava totalmente coberta por uma vegetação exuberante. Ninguém apanhava as folhas do jardim e a fruta apodrecia no chão junto das árvores. Já não se percebiam os limites da horta que a sua mãe cuidara com tanto esmero. Galinhas, gansos e perus perambulavam por ali, bicando até dentro da sala, enquanto cães esqueléticos, envoltos em nuvens de moscas, se andavam por todo lado, sacudindo a cauda e mordendo as pulgas. Ao longe, avistavam-se as cavalariças com poucos animais.

Enquanto caminhava, Melody contemplava tudo em volta com absoluto desapego. Não sentia nada, nem bom nem mau, e teve a impressão de que via aquele lugar pela primeira vez. Lembrou-se de El Retiro, da ordem que lá reinava desde que ela assumira as rédeas da fazenda e mordeu o lábio para controlar as lágrimas.

— Roger — precisou de murmurar. — Roger, vem me buscar...

Cruzou com Enda quando se dirigia ao seu antigo quarto. Olharam-se nos olhos e Melody viu claramente, na expressão amarga da tia, o ódio e a inveja que a haviam dominado desde que pusera os pés naquela casa. Deviam ter acreditado

em Lastenia. Dois demônios haviam-se apoderado de Bella Esmeralda e acabado com a família.

Enda agarrou-a por um braço e Melody, num movimento inesperado, empurrou-a contra a parede e apertou-lhe o pescoço.

— Nunca mais — advertiu-a —, nunca mais volte a tocar-me nem com um dedo. Não tenho nada a perder. Mato-a se voltar a fazê-lo. Mantenha-se longe de mim se quiser evitar problemas.

No quarto, encontrou Brunilda, do serviço doméstico que estava ocupada a armar a cama. Abraçaram-se e contaram uma à outra o que lhes tinha acontecido. Brunilda disse-lhe que o senhor Patricio tinha estado entre a vida e a morte durante vários dias. Na aldeia, dizia-se que a senhora Enda fizera um pato com o próprio Lúcifer para salvar a vida do seu único filho. Tinham-na visto no monte, na noite a seguir à fuga da menina Melody, toda nua, à frente de uma fogueira, proferindo uma lengalenga numa língua estranha, ao mesmo tempo que degolava e estripava galinhas e fazia montículos com as suas vísceras. Os mais imaginativos relacionavam esse ritual com o desaparecimento do bebé de um peão.

”Ofereceu a criança ao coisa ruim em troca da vida do senhor Patricio”, afirmou Brunilda.

Enda esperou que o filho estivesse fora de perigo para lhe comunicar o desaparecimento de Melody e Jimmy. Paddy gritou e arremessou objetos até que a fraqueza o venceu, obrigando-o a ficar deitado sobre a almofada, a soluçar com a boca entreaberta e a saliva a escorrer-lhe pelos cantos dos lábios. Quando recuperou a saúde, começou a beber, a fazer apostas e a frequentar prostitutas, desinteressando-se totalmente da quinta. Para cobrir as dívidas de jogo, assim como os outros vícios, tiveram de vender os móveis, as pratas, os cristais, as toalhas de linho e as joias. Delapidada essa pequena fortuna, começaram a desbaratar os animais, as carroças, os arneses e as albardas, as ferramentas agrícolas e os escravos. Naquela altura já não restava nada de valor.

Brunilda foi até a cozinha e Melody deitou-se um pouco em cima da cama. Não queria adormecer com medo que Paddy a atacasse como fizera da última vez, mas acabou por ser vencida pelo cansaço. Acordou com um pesadelo e, ao soerguer-se, viu-o sentado à cabeceira. Deu um grito e fugiu para o outro lado da cama. Aflita e com o coração na garganta, ficou a olhá-lo à espera que a atacasse e a desrespeitasse. Paddy tinha perdido a frescura da juventude e na ampla papada assim como no nariz avermelhado estavam bem patentes os vícios e a vida desregrada que levava.

Tinha engordado, usava o cabelo comprido e sujo e, apesar de ter mudado de roupa, não parecia mais limpo do que antes.

— É bom que te habitues a ver-me todas as manhãs — disse naquele inglês duro e cadenciado dos irlandeses. — Vai ser assim de agora em diante.

— Liberta o Tommy — exigiu Melody. — Já aqui estou, como desejavas. Agora quero vê-lo em liberdade.

— Não, enquanto não proferires os votos perante o sacerdote.

— De que estás a falar?

— Vamos casar-nos. Muito em breve chegará o pároco de Exaltación de la Cruz.

— Prefiro morrer a casar-me contigo.

— Não vais morrer. Tommy é que morre. Ou casas comigo ou o rapaz morre.

Contornou a cama e aproximou-se dela. Trocaram um olhar colérico e Melody reparou que nos pomos e no nariz de Paddy havia pequenas veias azuis e violáceas que denotavam seu gosto pela bebida.

Sentiu nojo daquele homem.

— Deveria castigar-te por me teres deixado meio morto naquela noite — disse, num tom benévolo.

O seu hálito tresandava a álcool.

— Só tenho pena de não ter cravado o punhal com mais força.

O ódio de Melody ainda o magoava. As maçãs do rosto ficaram vermelhas e os olhos, injetados de raiva.

— Tem cuidado com a língua, minha querida prima. Não estás em posição de me insultar.

Agarrou-a pela cintura e tentou beijá-la, mas Melody afastou o rosto.

Obrigou-a a voltar-se e forçou a sua boca sobre a dela. A excitação surpreendeu-o. Havia tempo que não se excitava com uma mulher. A bebida e as noites mal dormidas faziam com que caísse a dormir. Tinha dificuldade em consumar o ato. As prostitutas riam-se dele, assim como os outros homens da aldeia.

— O que pretendes tomar pela força — declarou Melody — já eu o entreguei a outro por minha própria vontade. Ele é um homem, não um covarde como tu, e eu amo-o com todas as minhas forças.

Paddy demorou a reagir e fê-lo de modo violento, esbofeteando-a repetidamente e atirando-a ao chão.

— Sim! — exclamou Melody, limpando com a manga o sangue do nariz. — Entreguei-me a Roger Blackraven porque o amo. E de cada vez que me tomares pela força será nele que estarei a pensar. Roger é o amor da minha vida.

— Cala-te, cadela! — gritou, dando-lhe um pontapé no estômago.

Melody julgou que ia morrer. Sentiu um vazio à sua volta, escuro e estreito, sem ar, luz ou qualquer sensação. Ficou enrolada no chão, agarrando o ventre e

escondendo o rosto nos joelhos. Não deu pela entrada de Enda e de Guzmán no quarto, afastando Paddy que continuava a dar-lhe pontapés nas costas.

— para com isso, animal! — advertiu-o Guzmán. — Ou vais ficar viúvo antes de te casares.

Enda deu-lhe ordem para que levasse o filho para a sala e o tranquilizasse com algo forte enquanto ela se ocupava de Melody. Tratou-a o melhor que pode, lamentando que o padre León tivesse de a ver tão mal tratada.

— Usarás o meu véu de renda para te cobrir.

A cerimônia decorreu no local que outrora fora o escritório de Fidelis.

Não havia móveis nem livros. O candeeiro de bronze havia desaparecido assim como o de prata e os quadros. Melody derramou amargas lágrimas ocultas pelo espesso véu de renda e murmurou um sim quando o sacerdote lhe enunciou os votos. Assinaram o livro paroquial juntamente com as testemunhas, Gotardo Guzmán e Brunilda.

Mal o padre León e Guzmán se retiraram, Melody abandonou o seu mutismo para exigir: — Quero ver Tommy agora.

— Vê-lo-ás quando eu achar conveniente.

— Agora! — insistiu, obstinada.

— Agora — disse Paddy — tenho outra coisa em mente. Tu e eu vamos ter a nossa noite de núpcias apesar de ser dia.

Melody recuou, mas alguém a agarrou pelos ombros.

— Como sua esposa — disse Enda — deves cumprir com as tuas obrigações conjugais.

Paddy agarrou Melody pela cintura e pô-la ao ombro como se ela fosse um saco. Abriu a porta do quarto com um pontapé e lançou-a sobre o colchão. De gatas, Melody fugiu para o extremo oposto e tentou aproximar-se da porta. Paddy interceptou-a e a fez rolar no colchão, escarranchando-se sobre ela enquanto acabava de se despir.

— Quanto mais resistes, mais me excitas. — Cobriu-a com o seu corpo.

— Não sabes como sonhei com este momento! — exclamou e, enquanto a beijava, ia-lhe arrancando a blusa, a saia, o corpete. A cada rasgão, ela sentia que morria um pouco.

Paddy começou a lamber-lhe os seios, e Melody gritou até sentir o sabor do sangue na boca. Ele tocava-a em todo o corpo e remexia na sua intimidade, tentava separar-lhe as pernas para introduzir o seu membro. Não ouvia os próprios gritos nem se percebia que lutava como um felino. Na verdade, parecia que estava quieta afogando-se num mar de desespero e nojo.

Nem ela nem Paddy deram pela gritaria na entrada da casa, pelas botas que fustigavam as tábuas de madeira do chão, nem pelo estrondo da porta a bater

contra a parede. Alguém agarrou Paddy pelos cabelos atirando-o ao chão. O homem ergueu os olhos e encontrou o rosto bronzeado e brutal de um colosso que parecia medir dois metros. Aqueles olhos negros produziram nele uma forte impressão. Observavam-no com uma calma fria e falavam do domínio daquele homem e da sua natureza inquebrável. Recuou, deslizando sobre o traseiro, ao mesmo tempo que implorava por clemência.

Blackraven aproximou-se da sua vítima e aplicou-lhe um pontapé nas costas. Paddy soltou um gemido e não teve tempo de recuperar o alento, pois recebeu outro e outro e outro e outro ainda. O silêncio em que Roger atuava era terrível, ouvia-se apenas a sua respiração agitada, o ruído dos ossos partidos e os gemidos de Maguire que, de gatas, chegou junto da mesa-de-cabeceira de onde tirou a faca que aí costumava guardar. Blackraven avançou para ele, deu-lhe um pontapé na mão e o punhal foi pelos ares até desaparecer debaixo da cama. Logo a seguir, agarrou-o por trás e, voltando as costas a Melody, segurou-o pelos cabelos, dizendo-lhe em voz baixa, junto ao ouvido: — Agora vais pagar com a vida os tormentos que infligiste a minha mulher. Vais desejar não ter nascido. Maldita seja a rameira que te pôs neste mundo!

Degolou-o com o punhal que escondia na bota. O corpo de Paddy, de bruços no chão, sofreu várias convulsões e encharcou-se em sangue.

Somar, que se tinha mantido a distância, interveio para tomar conta do cadáver, enquanto Blackraven tratava de Melody que, dobrada sobre si mesma, na cama, os joelhos junto ao queixo e as mãos entrelaçadas nas pernas, não parava de gemer. Ao perceber que a tocavam, gritou e agitou as mãos e as pernas. Blackraven chegou-se junto dela e segurou-a, enquanto ela continuava a gritar e a sacudir a cabeça.

— Calma, meu amor, sou eu, Roger. O teu Roger. Não reconheces a minha voz? Será possível que já a tenhas esquecido? Estás salva, nada de mal te vai acontecer. Eu estou aqui agora. O perigo já passou. — De modo resoluto, disse-lhe: — Vou tirar-te daqui.

Tomou-a nos braços e viu que Somar já havia retirado o corpo e restava apenas uma mancha escura sobre as tábuas. Saiu para o corredor e deu com Brunilda que, sem palavras, lhe fez sinal para que a seguisse.

— Este era o quarto de dom Fidelis e dona Lastenia.

— Põe água a ferver — ordenou Blackraven, fechando a porta com o pé.

Acomodou Melody na cama e deitou-se ao seu lado. A jovem continuava a tremer entre os seus braços. Um soluço abafado fez-se ouvir em seguida. Blackraven apertava-a contra o seu peito, beijava-lhe a cabeça e sussurrava-lhe palavras de amor. Aos poucos emoção foi cedendo e o choro abrandou até se transformar num suspiro. Melody estava agora em silêncio, o olhar perdido no

vazio. Sabia, por instinto, que estava a salvo, de algum modo conhecia aqueles braços que a seguravam e a voz que lhe falava baixinho.

Blackraven tirou-lhe a roupa esfarrapada e os botins. Estava muito ferida, a pele do rosto e do corpo com manchas negras. Invadido por um sentimento de impotência e ódio, mordeu o pulso, ao mesmo tempo que os olhos avermelhados continuavam a observá-la através de um véu de lágrimas.

A dor de Blackraven tocou Melody, resgatando-a daquela letargia.

Viu-o com a expressão contraída, um trejeito de amargura, quebrado pela dor e pelo cansaço. Reparou na delicadeza com que a segurava para despi-la e deu-se conta dos esforços que fazia para não começar a chorar.

A maçã de Adão subia e descia e fazia ruído ao engolir a sua emoção.

Melody estendeu a mão e limpou-lhe as lágrimas com uma carícia.

— Oh, Roger — murmurou.

— Isaura, meu amor — e inclinou-se para lhe beijar os lábios.

— Estou suja e tenho nojo de mim.

Com o banho pronto, Blackraven levou Melody nos braços e sentou-a na tina. Deu ordem à criada para que fosse buscar roupa limpa e em seguida ajoelhou-se para lhe ensaboar o corpo. Melody ficou calada durante largos momentos. A ação da esponja sobre o seu corpo purificava-a e trazia-lhe serenidade.

— Ele tem o Tommy — disse, incapaz de pronunciar-lhe o nome. — disse que o tinha raptado. Mostrou-me a corrente e a medalha de ouro do meu irmão, que eram da minha mãe. Tommy nunca se separa dessa corrente. Obrigou-me a casar com ele, ameaçou matá-lo.

Tal confissão deixou Blackraven furioso, no entanto, pelo bem de Isaura, conseguiu controlar os seus impulsos.

— Esse casamento não é válido, Isaura.

— Onde está o meu irmão? Onde o tem ele guardado?

— Somar e os meus homens estão neste momento a percorrer a propriedade e a casa. Se estiver preso aqui, nós o encontraremos. Tenta esquecer, meu amor.

Mas Melody precisava de falar.

— Ele pretendia exercer os seus direitos maritais sobre mim quando tu chegaste. Que teria acontecido se não aparecesses? — Chorou, perseguida pelas imagens que recentemente havia vivido. — Disse-lhe que sempre que ele me forçasse seria em ti que eu estaria a pensar; que eras o amor da minha vida e ele ficou louco de fúria.

— Julguei que morria quando Elisea nos disse que te tinham raptado.

Ela viu tudo e graças a Deus, correu para casa para nos contar. Só agora que te recuperei volto a sentir-me vivo. Valha-me Deus, Isaura! Não sei o que seria

capaz de fazer se alguma coisa de mal te tivesse acontecido. Senti tanto medo.

Melody compreendeu que o tormento que aquele homem sofrera era semelhante ao seu. Acabava de lhe confessar que tinha sentido medo e isso, para um homem como ele, não devia ser fácil.

— Roger, durante estas horas de martírio, só pensava em ti. É estranho, mas nem o Jimmy nem o Tommy ocupavam a minha mente. Só o teu nome ecoava repetidamente na minha cabeça. Roger, perdoa-me. Perdoa-me por ter posto os meus antes de ti. Compreendo agora que és tu o centro da minha vida e que sem ti ela não faz qualquer sentido. Estás a ver a falta que me fazes?

— Isaura...

Beijaram-se, mas Melody ainda pensava naqueles últimos minutos com Paddy, e a memória daquelas cenas com o primo tornavam-na fria.

— Ele morreu, não é verdade?

— Sim.

— Mataste-o?

— Sim. Devia tê-lo feito no dia em que me mostraste as cicatrizes que tens nos ombros.

— Nessa altura julgávamos que ele estava morto.

— Eu devia ter-me certificado. A minha negligência é imperdoável.

Poderia ter-te custado a vida.

— Não consigo deixar de pensar no Tommy. Onde estará?

— Vamos encontrá-lo, não te preocupes.

— Quero que a minha tia Enda abandone esta casa. Hoje mesmo. Agora.

— Assim será feito.

Embrulhou-a numa toalha e tirou-a da água.

— Vou mandar chamar um médico para te observar. Estás muito magoada.

— Só quero descansar.

Brunilda emprestou-lhe algumas das suas roupas. Estavam limpas e cheiravam bem. Melody, com a ajuda de Black raven, enfiou uma camisa pela cabeça e meteu-se na cama. Em seguida fechou os olhos e suspirou.

— Trouxe-lhe um chá de valeriana para dormir melhor.

Melody bebeu a infusão e sentiu-se reconfortada. Blackraven deitou-se a seu lado e, com a cabeça apoiada numa mão ficou a vê-la dormir.

Não se arriscava a deixá-la, apesar de o aguardarem várias decisões antes de empreender a viagem de regresso. Calçou-se sem vontade e foi ter com a criada.

— Fica ao lado dela e não saias de lá. Se acordar, chamas-me. — Deu ordem a um dos homens para montar guarda junto à porta. — Ninguém pode entrar neste quarto a não ser eu.

Pelo lado de fora certificou-se da fiabilidade dos fechos da janela.

Dois dos seus homens acabavam de abrir uma cova bastante funda junto de um carvalho que havia a pouca distância da casa. O cadáver de Paddy Maguire, envolto num lençol, aguardava ali ao lado.

— Procuramos por todo o lado — informou Somar. — Há um conjunto de casotas a norte, que pertencem aos peões. Foram-se quase todos embora. Segundo Brunilda, a criada, só ficaram ela e Braulio, um escravo, mas não encontramos Tommy em lugar algum. Não há animais, nem vacas nem cavalos. Está tudo numa grande desordem.

— Há tempo que ninguém trata de pôr esta terra a produzir. Vai ser preciso muito dinheiro para lhe devolver o seu estado de esplendor, além dos impostos que devem estar por pagar.

— Pensas tomar isso a teu cargo?

— Falarei com Isaura mais tarde. Ela diz que Maguire raptou o seu irmão Tomás e que, conseguiu trazê-la de volta a Bella Esmeralda com a ameaça de que o mataria se ela não aceitasse acompanhá-lo.

— O rapaz não está aqui — assegurou Somar. — Eu mesmo revistei a casa e as imediações. Não te esqueças de que Maguire tinha um cúmplice. Elisea falou de dois homens. Talvez esteja com ele.

Blackraven assentiu, ao mesmo tempo que afagava o queixo com ar preocupado.

— Interrogaremos Brunilda. Talvez ela saiba quem é esse outro.

— Agora — disse Somar — gostaria que me acompanhasses até casa, há uma coisa que quero mostrar-te.

Na cozinha, atrás das prateleiras de uma despensa, Somar descobrira a porta que dava para a cave. Usaram uma candeia de azeite para descerem pela precária escada e Blackraven receou que esta não suportasse o seu peso. O lugar estava arrumado, vazio, com excepção de uma mesa e de um armário situados no extremo mais distante da entrada. Na primeira inspeção, Somar forçara a fechadura do armário. Abriu as portas e, com a candeia, iluminou as prateleiras. Havia frascos dos mais diversos tamanhos, livros, cadernos, plantas secas, pequenos animais dissecados — sapos, rãs, ratos — e outros embalsamados. Ao aproximar a candeia de um frasco, descobriram o feto de uma cabra a boiar num líquido ambarino. Os outros continham partes de animais, vísceras, olhos, línguas, corações. Blackraven afastou o olhar, enojado.

— Alguém pratica bruxaria nesta casa. É certamente a velha que encontramos na entrada. Onde estará ela neste momento?

— Desapareceu — disse Somar.

— Merda!

Blackraven revistou os cadernos, escritos à mão em gaélico. Os livros, com

ilustrações de figuras diabólicas e símbolos exóticos estavam em inglês e explicavam detalhadamente conjuros e rituais druidas, fórmulas e rezas.

— Não se trata de uma bruxa qualquer — opinou Somar. — É uma mulher culta, sabe ler e escrever. Também conhece venenos — acrescentou. — Olha, isto é uma raiz de acônito, extremamente venenosa. Estas sementes são de dedaleira. Em doses certas matam em poucos segundos.

Julgo que isto é cicuta, e neste frasco há arsênico em pó. E este, que cheira a amêndoas é cianeto.

— Onde aprendeste *tu* tanto sobre venenos? — perguntou Roger, pasmo.

— Não subsistes durante muito tempo num harém se não aprenderes estas coisas. Aqui — prosseguiu Somar — guarda cogumelos, que pelas características dos *himenium* — referia-se à parte inferior da copa —, são tóxicos.

Estás a ver? Têm vulva, outra característica dos cogumelos venenosos.

— A mãe de Isaura morreu em consequência de ter ingerido um guisado de cogumelos. E o pai teve uma morte pouco clara, uma doença gástrica que o matou no espaço de poucas semanas. Num dia era um homem saudável e forte, no outro já não conseguia levantar-se, acometido de uma fraqueza enorme.

Os seus olhares cruzaram-se e uma sombra de inquietação perpassou pela expressão de Blackraven.

— Poderia ter-se tratado de um envenenamento por arsênico — especulou Somar. — Em pequenas doses, fornecidas com regularidade, provoca um quadro semelhante ao de uma doença gastro-intestinal.

— Não tenho dúvidas, Somar. Os pais de Isaura foram envenenados pela mãe de Maguire.

— Vais contar-lhe?

— Não sei. Não quero que sofra mais. Ainda está alterada pelo que este verme lhe fez. Cheguei a temer pela sua saúde mental — disse.

Brunilda pô-los no encalço de Gotardo Guzmán, a quem definiu como “um satanás, companheiro de ordinarices do senhor Patricio”.

— Onde pode encontrá-lo? — repetiu a garota, com desprezo — Onde havia de ser? Na casa de prostituição da aldeia, com uma dessas mulheres.

— Esta noite — disse Blackraven a Somar, ao sair da cozinha — farás uma visita a Guzmán. Pede ao Peters que te acompanhe, ele é hábil com o torniquete. Tortura-o até ele confessar onde está Tommy. Antes de o mandares para o Inferno ter com Maguire, diz-lhe que vais da minha parte, por ter ousado meter-se com a minha mulher.

Ao relâmpago seguiu-se um som aterrador. Blackraven afastou um pouco a cortina e olhou para o céu. Um novo raio iluminou as nuvens cinzentas,

recortando a silhueta da paisagem, conferindo-lhe um aspecto fantasmagórico. Dali podia ver-se o carvalho junto do qual haviam sepultado Paddy Maguire. As primeiras gotas atingiram o vidro e em poucos segundos desencadeava-se uma chuva torrencial.

Blackraven desviou o olhar por um instante para vigiar Melody que dormia. Horas antes, tinham jantado no quarto e ele tivera de a obrigar a levar algumas colheradas de guisado à boca. Mantinha-se em silêncio e não pensava noutra coisa a não ser nos seus irmãos. Tommy era a sua maior preocupação.

Voltou o olhar para fora. As trovoadas sempre o tinham fascinado, em especial quando as contemplava do alto dos penhascos da Cornualha e via os raios tombarem sobre o mar. Subitamente foi assaltado por uma estranha melancolia. Queria fazer-se ao mar com Isaura, afastá-la das suas dores e recordações, levá-la para longe dos lugares que a entristeciam. Seria feliz na Cornualha? Talvez preferisse Londres, certamente lhe agradaria passear pelas ruas de Paris. De qualquer modo, não era a melhor altura para partir.

Um raio de particular intensidade iluminou o céu, desenhando, na noite, os contornos de um carvalho. Estava alguém ali de pé, debaixo da árvore, alguém que foi subitamente tragado pela escuridão, mal aquela luz fugaz se consumiu. Caiu outro raio, e desta vez Blackraven não teve qualquer dúvida: era a mãe de Maguire, junto ao túmulo do filho. Ela olhava na direção da janela, como se soubesse que estavam a vê-la. Os seus olhos brilhavam como os de um gato e exerceram um efeito hipnótico sobre Roger.

O trovão retirou-o do transe. Vestiu rapidamente uma camisa e saiu para o exterior, mas a mulher tinha desaparecido. Deu ordem aos seus homens para que revistassem a propriedade, ela não podia estar longe.

Regressou ao quarto, ensopado e furioso. Melody dormia na mesma posição. Lavou os pés enlameados, secou o cabelo e tirou a roupa. Estendido de costas na cama, apesar da atividade da sua mente, adormeceu. Horas mais tarde foi acordado por fortes pancadas na porta.

— Capitão Black! — Era um dos seus homens.

— Que queres — respondeu em voz baixa.

— É melhor vir até a sala, capitão. Está aqui o irmão de Miss Melody.

Vestiu-se correndo e passou os dedos pelo cabelo para o alisar. Nunca pensara poder vir a sentir-se feliz só por voltar a ver aquele rapaz imprudente.

Tommy estava fora de si. Dois homens agarravam-no pelos braços, assim como a Pablo. Quando Blackraven apareceu, de dorso nu e cabelos soltos, Tommy sentiu-se intimidado e reconheceu que em nenhum dos encontros anteriores o inglês fizera uso da sua potência física.

— Inglês filho do demônio! — disse mesmo assim. — Que raio está a fazer

na casa do meu pai? Como se atreveu a pôr o pé nas minhas terras?

— Vim resgatar a tua irmã, pois caso não saibas, o teu primo raptou-a ontem por volta do meio-dia.

— É por isso que aqui estamos. Servando avisou-nos e viemos salvá-la.

— Terias chegado tarde, Maguire. Eu arranquei-a dos braços daquele filho da puta quando ele tentava violá-la.

Tommy ficou calado, o olhar fixo em Blackraven.

— Diga aos seus homens que me soltem — vociferou.

— Não, enquanto não mostrares alguma sensatez. Para de gritar que a tua irmã está dormindo. Quando estiveres disposto a falar como uma pessoa civilizada, direi aos meus homens para te soltarem.

— Esta é a minha casa, maldito pirata inglês! Não pode dar-me ordens na minha própria casa! Solte-me!

Melody, embrulhada numa manta, descalça, com ar sonolento e o cabelo em desalinho, apareceu à entrada da sala.

— Tommy! — exclamou cheia de alegria, e correu para o abraçar. — Estás a salvo! Graças a Deus! Receei que algo de terrível te tivesse acontecido.

Com um aceno, Blackraven fez sinal aos seus homens para que soltassem os dois jovens.

— Vão aparelhando os cavalos — indicou-lhes. — Vamos tomar uma refeição rápida e partir logo a seguir para El Retiro. Os cavalos já tiveram tempo de se recuperar.

Os irmãos sentaram-se conversaram longamente. Blackraven manteve-se aparte, assim como Pablo, e limitou-se a ouvir.

— Como foi que Paddy soube onde encontrar-nos? — perguntou Tommy.

— Não sei — admitiu Melody.

— Talvez tenha sabido de ti como eu soube, devido à tua fama como *Anjo Negro,* o protetor dos escravos.

— Talvez.

— Uma coisa boa surgiu de todos estes dramáticos acontecimentos — declarou Tommy. — Recuperamos Bella Esmeralda e vimo-nos livres do execrável Paddy. Agora poderemos recomeçar. Vamos buscar o Jimmy e vimos viver para aqui, com Pablo, como antes.

— Eu volto com Roger para El Retiro. E o Jimmy ficará comigo.

Tommy reagiu de um modo violento que afectou bastante Melody.

Blackraven interveio.

— Maguire, sê razoável. Este sítio precisa que se gaste aqui muito dinheiro e muito trabalho até começar a dar frutos, isto sem contar com a fortuna que se deve ter de pagar de impostos, porque tenho a certeza de que o teu primo Paddy

nunca cumpriu essa obrigação. Compreendo que queiras recuperar a tua terra e vê-la produzir novamente, mas os teus irmãos não têm de sofrer necessidades até Bella Esmeralda vir a dar algum lucro.

— Deixe de se meter onde não é chamado, inglês. Ninguém pediu a sua opinião. E quero que antes do meio-dia o senhor e os seus assassinos abandonem as minhas terras.

— Partiremos mal tenhamos acabado de aparelhar os cavalos. Agora, se me permites, gostaria de falar contigo em particular.

Tommy olhou-o com desconfiança e um pouco surpreendido, ainda assim seguiu-o até o escritório de Fidelis.

— Onde estão os móveis? — perguntou. — E os livros da minha mãe?

E os candelabros?

— O teu primo vendeu-os para financiar os seus vícios, segundo me informaram. Deves saber também que a tua tia Enda desapareceu.

— Bah! Que apodreça longe! É uma mulher inútil que sempre apoiou o miserável do filho.

— Eu não faria um juízo tão rápido sobre ela. Na despensa da cozinha descobrimos uma porta que conduz à cave. Lá em baixo existe todo tipo de veneno. Calculamos que lhe pertençam, pois encontramos cadernos com anotações em gaélico. Suspeito que foi tua tia que envenenou teus pais.

— O quê? Essa mulher não mataria um pássaro.

— Como queiras — declarou Blackraven num tom contrariado. — Achei que deverias conhecer as minhas desconfianças para tua própria segurança. A meu ver, essa mulher é perigosa e continua solta. Previno-te que Isaura não sabe das minhas suspeitas sobre a morte dos teus pais e não as saberá pelo menos durante algum tempo, até ultrapassar tudo o que acaba de viver. Vim encontrá-la muito ferida e num estado de grande agitação.

— Oxalá ardas no Inferno, Paddy!

— Antes de abandonar as tuas terras — disse Roger —, queria fazer-te uma proposta. — Tommy olhou-o com impaciência, fazendo um leve aceno de consentimento. — Desejaria comprar-te Bella Esmeralda. — Levantou uma mão para interromper a reação abrupta de Maguire. — Percorri a propriedade e, acredita, o teu primo fez um ótimo trabalho se o que pretendia era destruí-la. Não há animais nem ferramentas, nem peões. Eu, pelo contrário, tenho dinheiro para voltar a tornar este lugar florescente.

Serias tu o administrador e a propriedade ficaria em nome da tua irmã.

— Malditos ingleses! — praguejou Maguire — Na Irlanda roubaram a terra ao meu pai. Não permitirei que voltem a roubá-la aqui. Fora da minha propriedade! Fora, maldito pirata ladrão!

XXII

NOTAS DE UM SICÁRIO

Domingo, 22 de setembro de 1805

Nem Simon Miles nem Frederick Musgrove nem Conrad Phillips, os três restantes da lista de Fouché. Nenhum deles é o Escorpião Negro *, como eu já calculava. O dilema agora está entre dois nomes, quando muito três.*

Uma semana depois de lhe termos feito uma visita, recebemos um bilhete do joalheiro da Strand, Isaac Lienzo, que nos informava de que havia visto o selo do escorpião. "Tenho informações que a ajudarão na sua busca. Venha ter comigo hoje à tarde com aquilo que prometeu. Seu humilde servidor, Isaac Lienzo."

Recebeu-nos na loja, na divisão das traseiras, um sítio escuro e caótico que combinava com o ar pouco cuidado do joalheiro. Convidou-a a sentar-se, enquanto eu ficava de pé atrás dela. Apresentou-lhe um livro que levantou uma nuvem de pó quando o pousou sobre a secretária.

Abriu-o na marca que tinha feito, dobrando a extremidade superior de uma página. "Trata-se de um catálogo de joias italianas do Renascimento", explicou. "Adquiri-o há algum tempo num leilão para copiar modelos. Aqui está o selo que procuravam", disse satisfeito. Nós nos inclinamos sobre o desenho. Senti uma emoção tão forte que sentia latejar a veia do meu pescoço. Era indubitavelmente o mesmo. Conhecíamos o selo de cor, cada detalhe, a precisão de cada parte e a proporção exata das suas medidas. Teríamos reconhecido entre milhares.

Junto ao desenho do escorpião havia um trevo de quatro folhas de uma tonalidade escura. "E este trevo?", perguntou Desirée. "Não é um trevo", assegurou o judeu, e contou-lhe uma interessante história.

Benvenuto Cellini, o conhecido escultor e ourives do Renascimento, viveu dos quarenta e cinco anos até o final dos seus dias do mecenato de Cósimo de Medicis, em Florença, onde ganhou os favores do seu protetor, passando a fazer parte de uma loja secreta de livre pensadores fundada pelo próprio Cósimo. O conselho supremo da loja, composto por doze pessoas, tal como os doze signos solares do Zodíaco, pediu a Cellini que desenhasse e confeccionasse doze anéis que os representassem e distinguissem, como símbolo secreto que apenas os membros soubessem reconhecer. Pegando as quatro virtudes que, segundo a loja, todo o homem de bem deveria possuir — sabedoria, temperança,

conhecimento e sentido estético —, Cellini esboçou quatro círculos entrelaçados para os talhar em opala negra.

Os contornos salientes dos referidos círculos constituíam um trevo de quatro folhas, embora um olhar mais atento deixasse perceber, sobre o matiz da pedra, que os contornos se completavam no interior, formando uma flor: a simplicidade do desenho não teria honrado o bom nome de Cellini se não fosse pelo que o trevo, ou melhor, os quatro círculos intersectados ocultavam.

Ao accionar uma diminuta e precisa dobradiça, o trevo levantava-se, deixando ver um signo do Zodíaco. Era aí, no desenho desse signo, talhado a ouro, que Cellini desenvolvera a sua extraordinária habilidade de ourives.

Lienzo folheou várias páginas do catálogo e mostrou-nos os onze anéis restantes. Carneiro, Touro, Gémeos, Capricórnio, Leão, cada signo tinha um desenho meticuloso e perfeito. Segundo nos referiu Lienzo, os anéis tinham sido entregues aos doze membros de hierarquia mais elevada dentro da loja numa cerimônia que se repetiu, de geração em geração, à medida que os filhos e netos dos confrades assumiam as dignidades superiores. Cada família tinha conservado durante séculos o anel recebido naquele dia de Dezembro de 1548.

Desirée formulou a pergunta que me pairava nos lábios: "Quem ficou com o anel do Escorpião?"

"Diz aqui que o Escorpião foi destinado a Vittorio Quirino di Bravante, um nobre siciliano amigo de Cósimo de Médicis. Apesar de a loja ter sido dissolvida em finais do século XVII, o anel, segundo este livro, ainda se encontra em poder dos Bravante, ainda que este exemplar já tenha muitos anos", declarou o joalheiro "e possa estar hoje em qualquer parte, no seio de qualquer família ou nas mãos de um colecionador. Ultimamente surgiu um grande interesse pela obra de Cellini"

Precisávamos de encontrar os descendentes de Vittorio Quirino di Bravante, tínhamos de fazer a árvore genealógica dessa família. O instinto dizia-me que estávamos perante uma pista fiável. Pela primeira vez sentia que estava a aproximar-me do Escorpião Negro *e a excitação aquecia-me o sangue e alterava-me a ponto de me transtornar o sono, o que era pouco frequente em mim. Mas este espião conseguiu meter-se na minha cabeça, no meu corpo, na minha alma e não terei paz enquanto não o encontrar.*

Desirée recordou-me que Lady Sommers conhece de cor o pedigree *da maior parte dos membros da nobreza inglesa e francesa e quando a sua memória proverbial lhe falha, consulta um dos seus livros, como o* Barotenage , *se se tratar de um barão ou* e Book of Earldom *se for um* earl *ou um conde e assim sucessivamente para cada condição na escala social. Possui inclusivamente um livro que trata da oficialidade das forças militares da Grã-Bretanha.*

Lady Sommers confessou-nos que não sabe nada acerca da nobreza siciliana. Para solucionar a questão, organizou um serão na sua casa de Mayfair e convidou um diplomata napolitano que depressa se tornou presa dos olhares insinuantes que Desirée lhe lançava do outro lado da mesa. Tomasso Dapassano representa na Inglaterra sua majestade o rei Fernando IV, soberano do reino de Nápoles. Encantado por uma mulher que falava a sua língua natal se mostrar interessada pela sua pessoa, Dapassano acabou por se sentir a figura central do serão. Alentado pelo excelente vinho francês e por uma verborreia que lhe era natural, falou de si mesmo e das suas predileções. A história e a vida dos homens ilustres do seu reino constituíam o seu interesse principal. "Os Bravante?" repetiu com um sorriso presunçoso.

"Claro que sim! Originários de Palermo, na Sicília e pertencentes à casa de Bourbon, mas não pelo lado certo da cama", esclareceu com uma piscadela de olho. "Poderei ser indiscreto ao ponto de vos perguntar o motivo do seu interesse por essa nobre família siciliana?" Desirée respondeu-lhe que havia tomado conhecimento de que eles possuíam uma peça de arte que há muito desejava adquirir. "Estou disposta a ser muito generosa", acrescentou.

Há anos que Tomasso Dapassano vive em Londres, casou inclusivamente com uma inglesa que morreu há dois anos com tifo. Sem filhos, agarra-se ao trabalho e cumpre alguns compromissos sociais, dedicando o resto do seu tempo ao seu entretenimento favorito: ler livros e documentos históricos e colecionar árvores genealógicas das mais antigas famílias da península italiana.

O seu convite não tardou a chegar. Dois dias depois do jantar em casa de Lady Sommers, Dapassano enviou a Desirée um bilhete onde lhe pedia que lhe fizesse companhia num chá. Ocupava o andar superior de uma elegante mansão a pouca distância da Abadia de Westminster, que contava com uma sala cujas paredes estavam cobertas de árvores genealógicas das famílias patrícias da sua península natal, algumas muito ornamentadas com escudos de armas e retratos dos membros importantes. O dos Bravante não sobressaía particularmente, mas lá estava e remontava à época medieval, quando Roger du Brabante, um comerciante de escravos varego *chegou às costas do mar Tirreno oriundo da Escandinávia.*

Dapassano fez uma revisão geral à referida família, destacando três dos seus membros: um general, grande amigo de Cósimo de Médicis, que, juntamente com a Santa Liga, se distinguiu na batalha de Lepanto; um pintor renascentista que, se não tivesse morrido num duelo aos vinte e dois anos, teria alcançado grande renome e um cardeal famoso pelo seu poder e vida dissoluta.

"É aqui que os Bravante se ligam familiarmente aos Bourbons, a família reinante nas Duas Sicílias", e apontou o dedo quase para o final do gráfico,

para o nome de uma mulher: Fedora di Bravante (1732-1752).

O seu nome passava a ideia de paixão e beleza e a sua juventude ao morrer falava de uma vida trágica.

Dapassano assegura que Fedora di Bravante foi uma beldade, admirada pelos seus traços suaves e pela graciosidade dos seus gestos. Um ar de grande dignidade, carente de afectação faziam com que se destacasse dos seus pares, que a copiavam e invejavam. Casada desde os doze anos com um aristocrata da Toscana, o conde di Cavalcanti, Fedora vivia em Florença embora viajasse com frequência para Palermo a fim de visitar a sua família. Em 1751, os Bravante passavam em uma temporada em Portici, residência da corte de Nápoles, quando Fedora se lhes juntou para o seu encontro anual.

Dizem que ao vê-la, o rei das Duas Sicílias, Carlos VII, ficou mudo a meio de uma alocução que proferia em homenagem ao novo bispo.

A atração terá sido mútua, pois embora Carlos VII tivesse o aspecto de um Bourbon da cabeça aos pés, com o nariz longo e os olhos vivos, era um progressista amante da arte, de personalidade cálida e simples, qualidades que exerceram uma atração irreprimível na idealista Fedora, magoada com o desamor do conde, cujos únicos interesses eram a caça e o jogo. Em poucas semanas, Fedora tornou-se amante de Carlos VII, e a corte de Nápoles ficou estupefata, transformando-se um ninho de mexericos e falatórios, pois era a primeira vez que o rei atraiçoava a rainha, Maria Amália da Saxônia.

Conta-se que Carlos confessou certo dia a um seu ministro de confiança, referindo-se à jovem siciliana: "Por mais que lute contra mim próprio não consigo resistir-lhe, simplesmente não consigo." Calogero di Bravente, pai de Fedora, orgulhoso com o favoritismo do rei pela sua filha, escreveu ao conde di Cavalcanti, para lhe anunciar que a jovem passaria outra temporada com eles.

O romance continuou, mesmo depois de Fedora ter informado o rei de que estava grávida. Quando os Bravante manifestaram interesse que a sua filha se retirasse para a Sicília, para a casa de campo que a família possuía nos arredores de Palermo, o rei assegurou que não poderia viver sem ela e ordenou-lhe que permanecesse em Nápoles.

Isabella di Bravante nasceu num quarto do palácio real a 5 de Novembro de 1752. O próprio rei assistiu ao parto e deu o nome à menina, em honra da sua mãe, Isabella di Farnesio. Fedora, que não tivera complicações durante o parto, amanheceu com febre no dia seguinte. Julgaram que se tratava do leite que não descia e as parteiras receitaram o que era habitual em situações semelhantes. O leite desceu, mas a febre continuou a subir até a levar a delirar. Carlos VII mandou chamar os médicos mais famosos da cidade que nada puderam fazer. Fedora morreu dez dias mais tarde devido a uma infecção.

Devastado, o monarca encerrou-se no quarto com o corpo da sua amante e chorou agarrado à sua mão. Mandou-a enterrar no cemitério real, com todas as honras apesar das queixas e do descontentamento de Maria Amália. Nessa altura, os Bravante acharam que tinha chegado o momento de voltarem a Palermo com a pequena Isabella, a cargo da sua ama-de-leite Michela. "É minha filha", declarou o rei, impondo a sua vontade, "é comigo que irá viver". Os Bravante deixaram Nápoles, visitando ocasionalmente Isabella até que em 1759 esta foi com a família do pai a Madrid, onde Carlos VII, rei das Duas Sicílias, se tornaria Carlos III, rei de Espanha.

"Quer dizer", declarou Desirée, um tanto ou quanto admirada "que Isabella di Bravante é meia-irmã do atual rei de Espanha, Carlos IV".

Dapassano assentiu com solenidade, acrescentando: "E meia-irmã de Fernando IV, atual rei de Nápoles. Sei pouco acerca do que se passou depois disso com Isabella, apenas que viveu desde muito jovem em França, onde teve um filho ilegítimo, a quem deu o nome de Alejandro, Alejandro di Bravante."

"Isabella ainda não morreu", constatou Desirée, apontando para o espaço vazio junto ao ano do seu nascimento. Dapassano admitiu não saber ao certo, "mas o mais provável é que a guilhotina a tenha atingido como a tantos outros aristocratas durante o período do Terror".

Quanto a Alejandro di Bravante, nada se sabia do seu paradeiro; era como se a terra o tivesse tragado, assim como à sua mãe. Teria o selo do Escorpião passado para as mãos de Alejandro di Bravante? Seria Alejandro di Bravante o Escorpião Negro *, ou a sua mãe, Isabella?*

Desirée perguntou usando a lógica: "Esta é a única linha de sucessão dos Bravante?" "Isabella e Alexandre são os últimos desta linhagem?"

Dapassano respondeu: "Os Bravante foram uma família dizimada pelas doenças e pela guerra. Os homens desta família morriam jovens sem deixar descendência. Em Palermo, uma cidade de gente supersticiosa, começou a falar-se da 'maldição dos Bravante'. Pode dizer-se que esta é a última descendência desta família, pelo menos é o que concluo das minhas investigações, que julgo serem bastante rigorosas". Fez uma pausa, durante a qual demorou o olhar sobre a árvore genealógica colada à parede. "Sim, Alejandro seria o último dos Bravante, isso se a maldição não o atingiu e não está morto", disse por fim.

É o que temos quanto aos Bravante. O nosso segundo possível Escorpião Negro *surgiu de uma maneira incrível, por mero acaso, e veio de Simon Miles.*

Desirée não precisou de partilhar muitas vezes a cama com Miles para concluir que ele não reunia as características do Escorpião Negro . *Atormentado pelas recordações, o ódio e o medo, era um indivíduo romântico, inseguro e previsível que apenas encontrava prazer na literatura francesa; uma*

via de escape patética para os seus males. Decidimos que continuasse a encontrar-se com ele porque não podíamos ignorar o estranho encontro que, tempos antes, Peter testemunhara em Hyde Park entre Miles e Rigleau.

Ele ocultava alguma coisa, tinha entre mãos um qualquer negócio peculiar, dizia que muito em breve iria sair da pobreza, que nunca mais voltaria a mendigar nem a trabalhar e fazia-o com uma insólita paixão, o olhar subitamente brilhante, não de felicidade e sim de ódio.

Uma manhã em que Miles estava mais melancólico do que o habitual e bastante embriagado, confessou-lhe a sua triste história de amor. Referia-se a ela como "a minha amada Victoria". Nenhum adjectivo era suficiente para a descrever; tinha uma beleza inigualável; a sua nobreza fazia-a um anjo, a sua inteligência e graça tornavam-na a companheira perfeita. Membro de uma das famílias mais conhecidas da região, não vivia de acordo com o seu estatuto devido às dificuldades financeiras consequência dos atos imprudentes do seu pai. Sofria com os seus velhos vestidos e os seus sapatos esburacados, com a comida escassa e má, com o estado de deterioração da velha mansão da família e com a falta de carruagens e cavalos.

Victoria e Simon gostavam um do outro desde crianças, levados pelos ternos sentimentos da infância. Anos mais tarde, quando começaram a tomar consciência do seu próprio sexo e do sexo oposto, reconheceram nessa afinidade da meninice um amor apaixonado que os prendia com fortes rédeas, que os atraía para os braços um do outro. Miles vivia só para ela e ela apenas para ele.

Até o dia em que o Bastardo *pousou os olhos em Victoria, como um caçador que elege a sua presa. O* Bastardo *, como Miles chamava ao seu adversário, um vizinho da região, de posição elevada e vastíssima fortuna, com o qual, anos antes, ele havia travado uma sincera amizade, regressou depois de ter vagabundeado pelo mundo durante muito tempo, mais rico e mais homem do que quando partira. Roger Blackraven era o seu nome, ostentava o título de conde e era herdeiro do ducado de Guermeaux.*

A amada, que no passado desprezara o Bastardo *por essa sua condição, ficou deslumbrada com a sua riqueza e deixou-se levar pela sedução inerente a um libertino como ele. Deslumbrada com todo aquele esplendor e exibição de virilidade, aceitou ser sua esposa. Simon Miles intuía que o* Bastardo *não a amava, que havia mais vingança e ódio na sua proposta matrimonial do que afeto.*

Não se enganava. O Bastardo *, um homem sem princípios, acabou por revelar a sua verdadeira natureza, prosseguindo com a vida de libertinagem à qual estava habituado. Viajava com muita frequência, negligenciava a esposa,*

tratava-a com desprezo e ria-se dos seus ciúmes e cenas quando ela lhe arrebatava as cartas que as amantes lhe enviavam para a sua própria casa. "Tu que antes me desprezavas pela minha condição de filho ilegítimo, vanglorias-te agora por contares com a minha fortuna para satisfazer todos os teus caprichos. Admite, Victoria, eras uma puta que se vendeu pela melhor oferta, sem considerar aquilo que tanto de desagradava no passado: que eu fosse filho ilegítimo do duque de Guermeaux." Victoria sofria porque julgava amá-lo.

Simon Miles abordou-a uma tarde, no fim de uma celebração dominical. Ela estava só, como de costume, e permitiu que ele a acompanhasse de volta ao seu enorme palácio vazio, de estilo isabelino. Convidou-o para tomar um chá, tocou algumas peças ao piano e jogaram ao whist *, e quando chegou a hora do jantar, ele aceitou partilhar a mesa com ela.*

Passaram um serão agradável. À despedida, Miles beijou-a nos lábios.

Victoria sucumbiu ao desejo havia tanto adiado e entregou-se a ele.

Tornaram-se amantes e as pálidas maçãs do rosto da amada voltaram a ganhar um tom rosado. As olheiras desapareceram, ganhou peso, o que devolveu a harmonia e a graça à sua figura. Os boatos começaram a correr entre as famílias da região. Não a condenavam tanto pelo seu adultério quanto por se ter casado com um homem como Blackraven, bastardo, libertino e filho de uma rameira.

Encontravam-se em casa de Victoria e faziam amor durante toda a noite, até que os primeiros raios de sol lhes anunciavam que deveriam separar-se antes de os criados se levantarem. Era cada vez mais difícil para Miles deixar a sua amada e procurava desculpas durante o dia para estar presente nos lugares onde ela ia, uma reunião da Sociedade de Beneficência no templo, uma tarde de chá e canasta, durante as visitas aos rendeiros.

Enfim, pensava apenas na sua amada e tudo o que fazia era por ela.

Fugiriam juntos. Victoria abandonaria o Bastardo *, deixaria tudo e começaria de novo a vida num sítio distante, como a senhora de Simon Miles. O plano apresentava dificuldades que pareciam inultrapassáveis; a afronta que seria para os pais de Victoria e a falta de dinheiro eram os mais importantes. A reação do* Bastardo *não os intimidava menos. Era um homem poderoso, com vastos recursos; encontrá-los-ia, acusá-la-ia de adúltera e bígama; Victoria acabaria repudiada e na prisão.*

Miles disse para si mesmo: "Chantageá-lo-ei se necessário for para que nos deixe em paz." Tempos antes, na época em que ele e o Bastardo *eram amigos, Miles tinha-o ajudado a resgatar uma familiar da guilhotina da Revolução Francesa. Devido aos seus conhecimentos de literatura daquele país, ao seu excelente domínio do idioma e ao seu aspecto anódino, Blackraven considerou*

que era a pessoa ideal para levar a cabo a empresa. A sua participação limitou-se a viajar num carro particular, de uma casa de campo nos arredores de Laon até Paris e dessa cidade para Calais, com a familiar de Blackraven, com salvo-condutos falsos e fazendo-se passar por seu marido. Em todas as estalagens onde paravam para comer ou dormir, Blackraven aparecia com um disfarce diferente, arranjando maneira de trocar algumas palavras com a fugitiva.

Uma noite, quase no fim da missão, enquanto Miles se preparava para se deitar no quarto de uma pousada de Calais, a conhecida Palha e Feno, ouviu através da porta uma conversa que Blackraven e a garota mantinham no quarto contíguo. A ele tinham-lhe dito que o nome da sua suposta esposa era Béatrice Solange Laurent. Mas Blackraven chamava-lhe Marie.

Receoso, Miles decidiu ocultar do seu amigo o conhecimento daquele segredo. Blackraven entrou no quarto e, ao ver a expressão alterada e as mãos trêmulas de Miles, lançou-lhe um olhar interrogativo voltando-se em seguida para a porta comum. Soube nesse momento que o amigo tinha ouvido tudo. "Para tua segurança tinha preferido que não ficasses a saber", declarou. "Doute a minha palavra de honra", jurou Miles, "que nunca revelarei este segredo".

Nesse ponto, Miles mostrou-se inflexível, e por mais que Desirée insistisse, não conseguiu sacar-lhe o que ele ouvira nessa noite através da porta, mas devia tratar-se de uma revelação de extrema gravidade.

No entanto, por Victoria, ele tinha estado disposto a faltar à sua palavra, apesar de se tratar de uma ação vil, onde os justos iriam pagar pelos pecadores. Que culpa tinha aquela pobre garota de ser parente de um ser abjecto como o Bastardo *? De qualquer modo, o mal poderia ser evitado desde que Blackraven aceitasse deixá-los em paz.*

Não teve oportunidade de o chantagear. Os acontecimentos precipitaram-se e, em pouco tempo, tudo chegou ao fim.

Supunha-se que Blackraven não iria a casa no Natal. Miles e Victoria, esquecidos do que os rodeava, entregues a momentos de amor, soergueram-se na cama com uma exclamação, tapando-se com os lençóis, ao ver que Blackraven os observava da sua altura de quase um metro e noventa. Victoria começou a chorar, enquanto Miles, na pressa de vestir a calça, tropeçou e caiu no chão. Blackraven soltou uma gargalhada antes de dizer: "Quando fores capaz de te vestir, sai da minha casa. Depois ajustaremos contas nós dois." Miles sabia que morreria decerto se o amigo o desafiasse para um duelo. Lançou um olhar de compaixão a Victoria, pegouo casaco e as botas e foi embora.

"Portei-me como um covarde! Um covarde! Um maldito covarde!", declarou, libertando-se da melancolia e da embriaguez, dando lugar a um ser furioso, desconhecido, ávido de vingança, presa do mais aceso ódio. "Nunca

devia tê-la deixado a sós com aquele animal", disse mais para si do que para os outros "mas o medo paralisou-me e fugi como um covarde. Nunca soube o que aconteceu entre eles, nunca saberei. No dia seguinte tomei conhecimento de que Victoria tinha desaparecido. Formaram-se grupos para a procurar, homens, mulheres e até as crianças a procuravam, pois era muito querida entre os rendeiros de Blackraven. Ao entardecer, antes de o sol se pôr, encontraram as suas roupas no alto de um penhasco e uma carta para o marido.

Tinha-se suicidado. Não encontraram o corpo, o mar nunca o devolveu. Foi o que disseram as autoridades, mas eu sei que Victoria nunca se suicidaria, era temente a Deus e às suas leis", declarou. "Blackraven matou-a e desfez-se do cadáver, montando toda aquela farsa para despistar as autoridades."

Desirée, usando a lógica, referiu a existência da tal carta. "Bah!", exclamou Miles. "Podia muito bem tê-la obrigado a escrevê-la antes de a matar. Ou pode tê-la escrito ele próprio, imitando a sua caligrafia."

Ontem à noite, Miles disse a Desirée: "Dentro de poucas horas tornar-me-ei num homem rico. Casaremos e viveremos felizes, livres de preocupações." Ela pediu-lhe que lhe contasse de que se tratava. "Chegou a hora da vingança longamente adiada. Agora é a mim que a sorte sorri e, de uma só penada, ver-me-ei livre do meu pior inimigo e encherei os bolsos de libras."

Não era preciso esclarecer que a vingança seria contra Roger Blackraven.

Desirée disse-lhe que desejava acompanhá-lo, que temia pela sua segurança. "A tua segurança estaria em jogo e eu seria totalmente louco se te levasse à Piscina de Londres para fazer um trato com um espião francês".

Deu-lhe um beijo apaixonado e conduziu-a até a saída. Ela envolveu-se na sua capa com capuz e subiu para o carro. Duas ruas adiante, deu-me indicações para que parasse. "Tenho a certeza de que o encontro com Rigleau vai ser esta noite no porto, na Piscina de Londres", disse.

Escondi o carro em Saint James's Park e fui a pé até a pensão de Miles na Cockspur Street. A porta continuava aberta para os inquilinos que ainda não tinham chegado. Um silêncio sepulcral rodeava os meus passos à medida que ia subindo as escadas. Miles estava ainda lá dentro, ouvia-o andar de uma divisão para a outra, aparentemente apressado. Utilizei a chave que ele tinha entregado a Desirée. Fui dar com ele na biblioteca, a abrir uma caixa de ferro que estava sobre a secretária. Levantou a tampa e procurou no meio dos papéis até encontrar um envelope que retirou lá de dentro. Voltou a fechar a carta e a guardá-la na biblioteca, escondendo-a atrás de alguns volumes. Quando se voltou, viu-me. Eu escondia-me na máscara de La Cobra *, e o meu aspecto devia ser aterrador.*

— Quem é o senhor? Como entrou nos meus aposentos? — gaguejou,

pegando num canivete. "Não se aproxime", e intimidou-me com a arma.

"Dê-me esse sobrescrito", ordenei-lhe à medida que me aproximava. Miles fez uma finta e agarrei-o pelo pulso até o obrigar a abrir a mão e a deixar cair a arma. Peguei no meu punhal e coloquei-o sob o queixo. Entregou-me o envelopes em que eu tivesse de lho pedir de novo. Estava aberto e não tive dificuldade em retirar a carta e em lê-la, enquanto mantinha a arma junto à garganta de Miles.

O bilhete, escrito em inglês, dizia assim: "Simon, o teu ódio e o meu têm um mesmo destinatário, por motivos semelhantes. Da posição em que me encontro nada posso fazer para me vingar, mas tu poderás consegui-lo com a informação que irei dar-te e que deverás confiar aos franceses. Eles se encarregarão do resto. Procurarás Thiers, o estalajadeiro de ϵe King and the Lady e dirás que precisas de ver Rigleau. Por algumas libras, ele arranjará um encontro com o espião número um de Fouché. O encontro deverá ocorrer num lugar público e irás armado. Toma atenção para não seres seguido e usa um nome falso. Confiarás a Rigleau o que em seguida irei revelar-te." Em letras maiores e mais destacadas, prosseguia: "O corvo negro é, na verdade, o escorpião negro."

Li várias vezes a frase: "The black raven is, in fact, the black scorpion."

Roger Blackraven o Escorpião Negro *? Admito que foi um momento de grande confusão. Tinha entrado naquele quarto na certeza de que Miles me proporcionaria algum elemento para chantagear Rigleau no futuro, caso as circunstâncias assim o exigissem, e topava por mero acaso com a possível solução do meu enigma. Olhei para o final do bilhete. A assinatura do emissor era composta por quatro letras, três delas em maiúsculas: A. V. e I.*

"Vá, diga qualquer coisa", intimei-o. "Que sabe acerca do Escorpião Negro*?" "Nada, nada", espantou-se Miles, "Sei apenas o que ouvi dizer a Lord Bartleby". Referia-se ao chefe do Departamento do Exterior responsável pela espionagem britânica. "Que sabe do* Escorpião Negro*?" insisti, infligindo-lhe outro corte no pescoço, à altura da jugular. "Nada, nada! Soube pelos comentários que circularam no clube que é um espião muito escorregadio, extremamente hábil e que Lord Bartleby o quer de regresso para que treine os seus homens." "O senhor acha que Roger Blackraven é o* Escorpião Negro*?" Miles arqueou as sobrancelhas, muito surpreendido. Ficou calado a olhar para mim e insisti para que me respondesse pressionando a navalha contra a sua carne. "Como conhece Blackraven? Quem é o senhor?", perguntou-me. "Não sou eu quem irá responder esta noite às suas perguntas", disse-lhe, e insisti. "Sim, Blackraven poderá ser o* Escorpião Negro *", admitiu, "mas pouco me importa se é ou não. Este bilhete deu-me um motivo para me vingar desse bastardo e é o que tenciono fazer, quer seja verdade ou mentira o que aí está*

dito. Lançarei sobre ele todos os espiões franceses. Eles saberão tratar da saúde a esse maldito bastardo.

Apunhalei-o no pescoço. Morreu poucos minutos mais tarde esvaído em sangue.

Quem será na verdade o Escorpião Negro, *Alejandro di Bravante ou Roger Blackraven? Por que não Isabella di Bravante? O enigma parece não ter fim.*

Fouché impacientou-se.

— Como foi que a missão fracassou? Deverias ter conseguido o encontro em Paris, não em Londres. Nada teria falhado se assim fosse. Teríamos até prendido o sujeito para lhe retirar a informação à força, poupando uma fortuna.

— Foram as indicações de Mr. King — justificou-se Rigleau.

Fouché não gostava daquele assunto. O tal Mr. King — um nome falso, certamente — assegurava conhecer a identidade do *Escorpião Negro* e oferecia a informação a troco de uma quantia escandalosa. Não tinha sido fácil conseguir que o imperador aprovasse aquele gasto e Fouché sabia que se o dinheiro se perdesse, era a sua cabeça que iria rolar.

– Quando estiveste em Londres — disse Fouché —, encontraste-te com Mr. King?

— Não. Ele nunca se apresentou ao encontro.

— E o dinheiro? Onde está o maldito dinheiro?

— Não quis arriscar-me a atravessar o canal com um montante tão elevado. Depositei-o numa conta na Casa Tellson, com correspondência em Paris. Amanhã mesmo irei levantá-lo.

Fouché experimentou um grande alívio e voltou a sentar-se na poltrona.

— O dinheiro está a salvo — declarou —, mas não temos o nome do *Escorpião Negro*. Que foi que aconteceu?

— Como lhe disse, Mr. King nunca compareceu — explicou Rigleau.

— Quem o fez foi a ajudante de *La Cobra*.

— A quem te referes? E é só agora que me dizes!

— Desculpai, senhor, mas de certo modo, *La Cobra* soube do meu encontro marcado com Mr. King. Na noite em que deveríamos encontrar-nos perto da Piscina de Londres, quem compareceu foi a sua intermediária. Pediu-me que lhe transmitisse a si uma mensagem de *La Cobra*. A mulher disse textualmente: “Diga a Fouché que não se interponha no caminho de *La Cobra*. O *Escorpião Negro* é nosso.”

— Sabes, Rigleau? — declarou Fouché num tom incomum de confidência. — Acho que nunca deitaremos a mão ao maldito *Escorpião Negro*. E talvez seja

melhor assim. O imperador voltou a manifestar o desejo de o integrar nas nossas hostes. E eu nunca o poderia consentir.

— Tenho novidades de *Le Libertin*, senhor — informou Rigleau. — A última mensagem data de dois meses atrás. Ele insiste ter encontrado madame Royale.

— Isso já nós sabíamos. Quantas vezes repetirá o mesmo. Que mais acrescenta? Nada em relação ao seu irmão Luís?

— Nada, senhor, embora assegure que se encontra sobre uma pista firme.

— É claro que não diz onde está.

— Não, senhor, como é seu costume, trabalha na sombra.

— Pergunto-me o que o levará a garantir com tanto optimismo ter encontrado madame Royale quando poucas pessoas poderiam reconhecê-la.

XXIII

Deixaram Bella Esmeralda já passava do meio-dia e mantiveram um ritmo de andamento regular. Blackraven decidiu que passariam a noite ao relento, numa clareira que se avistava do caminho. Somar e os marinheiros encarregaram-se de acender uma fogueira e de cozinhar as provisões que haviam comprado em Capilla del Señor, além do tatu que caçaram e assaram dentro da própria carapaça, como Melody lhes indicou.

Com exceção dessa intervenção, a jovem manteve-se afastada, tratando de *Fuoco*, enquanto o cavalo pastava as folhas das árvores. Ouvia a voz grave de Blackraven dando ordens e as dos seus homens que as cumpriam de imediato. Sentia uma tristeza que a enfraquecia e pensou deitar-se sobre as ervas e dormir um pouco. Ainda ecoavam na sua cabeça as palavras duras que Blackraven e o seu irmão haviam trocado antes de abandonar a quinta. Tommy estava consumido pelo ódio e não conseguia pensar com sensatez, pelo menos era o que dizia Roger.

Blackraven apanhou-a de surpresa. Aproximara-se sem fazer barulho e ela só se apercebeu quando ele lhe passou os braços em volta da cintura e a beijou.

— Não estejas triste por causa do teu irmão, Isaura. É jovem e arrebatado. Muito em breve cairá em si e pedirá ajuda.

— Não conheces Tommy. É muito obstinado e orgulhoso, como era o meu pai.

— A realidade trará a razão. A quinta está em ruínas e ele, sem dinheiro, não poderá fazer o quer que seja.

— Não devias ter-te oferecido para comprar Bella Esmeralda — disse num tom de censura. — Sabias que ele iria ficar furioso.

— A terra é o que há de mais importante para um irlandês, não é verdade? — Melody assentiu. — Então que deveria ter feito? Oferecer-lhe um empréstimo?

— Talvez.

— Não confio na cabeça do teu irmão, meu amor. Duvido que esse dinheiro fosse investido na quinta.

— E onde iria ele investi-lo? — impacientou-se Melody.

Blackraven que conhecia a fundo as atividades do seu futuro cunhado, limitou-se a encolher os ombros.

— Vamos mudar de assunto — propôs. — Estes dias foram muito difíceis para todos. Tentemos libertar-nos dos maus pensamentos e passar um momento agradável. Estou feliz por te ter recuperado — e puxou o corpo dela para junto

de si. — Quase morri de angústia quando Elisea me disse que te tinham raptado. Nunca tinha sentido uma angústia tão grande.

Comeram à volta da fogueira e por momentos, Melody esqueceu-se dos seus problemas e até se riu a ouvir as histórias dos homens de Blackraven. Mostraram-lhe o *Captain Black*, um homem diferente, igualmente forte e imponente, mas despojado das maneiras inerentes às pessoas elegantes. No meio dos marinheiros, Blackraven tornava-se um *privateer,* um corsário, que não era outra coisa senão um pirata com licença do governo inglês para assaltar barcos de países inimigos. Melody suspeitava que, além do título de conde e das suas maneiras de nobre, os marinheiros lhe estavam a mostrar a verdadeira natureza do homem que ela amava, a de um pirata astucioso e imprevisível. Talvez devesse ter aceitado Bruno Covarrubias, sensato e tranquilo. Mas descartou de imediato tal possibilidade. Não conseguia imaginar outras mãos sobre o seu corpo que não as de Roger, nem se via a abrir-se e a mostrar-se a outro que não fosse ele.

Avistaram os telhados de El Retiro no dia seguinte a meio da manhã.

Ao ver os escravos a trabalhar com afinco, Bustillo montado no seu alazão e as criadas a arejar os tapetes, pareceu a Melody que nada de mal tinha acontecido. Saltou de *Fuoco* e precipitou-se para dentro da mansão.

Jimmy e Víctor soltaram gritos de felicidade. Béatrice abraçou-a em silêncio e beijou-a no rosto.

— Obrigada por ter tomado conta dos meninos — balbuciou Melody, limpando desajeitadamente os olhos. — Vou mudar de roupa.

Jimmy não lhe largava a mão, enquanto perguntava de modo insistente porque se fora embora sem lhe dizer nada. Pensando nele, Melody subia os degraus lentamente e mentia-lhe, inventando motivos em que Jimmy parecia não acreditar.

— Tomaste o teu medicamento? — perguntou-lhe, pois não o achou com boa cara.

— Sim, a senhorita Leo deu-mo.

— Dormiste bem?

— Mais ou menos. Estava preocupado contigo.

— Esta noite vais dormir melhor pois já aqui estou. Agora vai até a sala de estudo onde está o Víctor. Eu já lá vou ter com vocês.

Jimmy encontrou Blackraven, que lhe apertou a mão e lhe deu uma palmadinha na bochecha.

— Obrigado por tê-la trazido para casa — disse o menino.

— O prazer foi meu — respondeu Roger.

— Agora vai casar com a minha irmã, senhor? — Blackraven olhou para ele,

divertido. — Eu não me importo nada — apressou-se a declarar —, pelo contrário, ficaria muito contente. Não me importo nada que o senhor seja inglês.

— Nesse caso, uma vez que me concedeste a sua mão, rapaz, só falta pedir à tua irmã para marcar a data.

Entrou no quarto de Melody. Trinaghanta já estava a preparar o banho e arrumava as toalhas.

— Preparo também a sua tina, senhor?

— Não será necessário, partilharei o banho com Isaura.

Melody sentiu-se envergonhada e lançou-lhe um olhar de censura.

Trinaghanta abandonou o quarto e Blackraven seguiu-a até a porta para a fechar à chave. Quando se voltou recebeu a resposta de Melody.

— Sem vergonha! — disse, contendo o riso. — Descarado! Deitas a minha reputação por terra sem te importares nem um pouco.

Blackraven agarrou-a pela cintura e levou-a para a cama, onde lhe levantou a saia, baixando apenas as calças antes de a penetrar. Melody queixou-se levemente com a brusca arremetida. Blackraven beijava-a sem a deixar respirar e tentava brincar com a sua língua.

— Quero que marques a data do casamento e quero que seja o mais depressa possível.

Melody abriu os olhos e deparou com o olhar intenso de Blackraven.

As suas pálpebras escuras faziam sobressair o branco dos olhos de uma maneira assombrosa e as pupilas dilatadas tornavam-nos verdadeiramente insondáveis. Ficou calada a pensar que aquele homem era capaz de qualquer façanha. Não tinha degolado Paddy sem a menor hesitação?

— Unirei a ti e a mim para sempre — insistiu ele —, e te farei jurar perante Deus que serás minha para o resto da vida. Fala, diz-me quando queres que seja o casamento.

— Roger, não sei.

— Será dentro de uma semana — declarou. — Hoje mesmo falarei com o padre Mauro. — Ficou a olhar para ela, reparando naquela expressão confusa que tão bem lhe ficava, salientando o ar inocente que ele achava tão sugestivo. Mais calmo, confessou-lhe: — Receei que quisesses ficar em Bella Esmeralda. Receei perder-te.

— Não — murmurou ela.

Guadalupe Cuenca, a mulher do doutor Mariano Moreno, pousou os talheres sobre o prato, limpou os cantos dos lábios com o guardanapo e dirigiu-se a Melody, que estava sentada ao seu lado: — Admiro-a, senhorita Maguire. — Melody dirigiu-lhe um olhar de interrogação e surpresa. — A senhorita é um exemplo de bondade cristã.

Conheço as suas atividades entre os escravos — explicou —, faz muito por eles. Tomei conhecimento do que fez por aquela escrava cujo filho foi mascarado de diabinho, e o nosso vizinho, o senhor Bustamante contou-nos o que fez por sua escrava Polina.

— Não fui eu e sim o senhor Blackraven que salvou a vida de Polina e do seu filho. Sua Excelência levou-a em braços até a casa e mandou chamar o doutor Redhead para que a tratasse. Caso contrário, teriam morrido os dois na margem do rio. E foi também ele que pediu a intervenção das autoridades para tirarem a máscara ao bebé de Palmira.

— O senhor conde é realmente generoso — concordou a senhora Moreno. — De qualquer modo, sou levada a pensar que a influência do *Anjo Negro* terá sido significativa. — Sorriu, Melody também. — O senhor Bustamante — prosseguiu — assegura que, mal Polina e o seu filho puderem sair de casa, virá buscá-los na sua carruagem. Está arrependido de ter mandado a pobre garota trabalhar no estado em que estava.

— Essa é uma boa notícia — disse Melody.

— Sabe uma coisa senhorita Maguire?

— Chame-me Melody, por favor.

— Muito bem — disse Guadalupe. — Nesse caso, trate-me por Lupe.

Sabe Melody, quando estávamos em Chuquisaca, o meu marido atreveu-se uma vez a levantar a voz a favor dos índios *yanaconas*, que eram utilizados como escravos nas minas.

— Mas de acordo com as leis índias — interessou-se Melody — não é proibido escravizar os índios?

— Sim, é proibido. Mas os *encomenderos* e as autoridades fizeram uma leitura dessa lei muito favorável às suas algibeiras. A *mita* é moeda corrente no Alto Peru. Imagino que um coração tão sensível e humano como o seu decerto sofreria ao ver a condição degradante a que foram condenados os índios do Potosí.

— Tenho dificuldade em compreender — declarou Melody — o que leva uma pessoa a retirar a dignidade a outra só para encher os bolsos.

Não sabem que morremos sem nada?

No seu rosto brilhava a bondade, no seu jeito suave, assim como na graça impassível, adivinhava-se a sua boa origem. Não era de admirar que o conde de Stoneville se tivesse rendido aos seus encantos. Guadalupe sentiu-se bem ao lado daquela jovem polêmica.

— Devido ao confronto com os corregedores e com os *encomenderos* — prosseguiu —, o meu marido, o meu filho pequeno e eu fomos obrigados a abandonar Chuquisaca.

— Lamento muito — disse Melody.

— Não se preocupe. Sinto-me feliz aqui. Contar com a sua amizade contribuirá largamente para essa felicidade.

— Será para mim uma grande honra — assegurou Melody, sentindo uma genuína alegria.

Sentado à cabeceira da mesa, Blackraven passeou os olhos pelos seus convidados. Marie ouvia William Traver; Luís dirigia-se a Manuel Belgrano, falando da reabertura da escola de desenho; Moreno e Vieytes discutiam a intenção de uma disposição real; Altolaguirre, o seu vizinho, cochichava com o padre Mauro, enquanto a sua esposa, Concepción, perguntava a Leonilda pela saúde do seu cunhado, Valdéz y Inclán.

Tinha ouvido dizer que ele não estava nada bem. Reparou também em Castelli e nos irmãos Rodríguez Peña que falavam de vinhos.

Os seus olhos detiveram-se no extremo oposto da mesa, onde Melody ocupava o lugar de anfitriã. Não tinha sido fácil convencê-la a sentar-se ali. “A senhorita Béatrice é que deveria ocupar esse lugar”, disse por diversas vezes. Receava que os convidados a censurassem por viver sob o mesmo tecto com Roger, não sendo ainda casada com ele. “Disparates!”, disse Blackraven. Dias antes, o desaparecimento de Melody obrigara-o a sofrer uma angústia tão visceral que desde então apenas importava a felicidade de a ver ali sentada à sua frente. Não lhe interessavam as questões sociais. O importante tinha-se reduzido ao autêntico, à simplicidade dos atos quotidianos, por exemplo, a vê-la sorrir perante um comentário da jovem Guadalupe Moreno, a levar à boca um pedaço de fruta, ou passar a língua pelos lábios para recolher a calda açucarada da abóbora.

Na sala de música, pediu-lhe que tocasse um pouco de harpa. Aplaudiram-na com admiração e, enquanto teciam comentários, Blackraven aproximou-se entregando-lhe uma taça de hidromel. Ergueu bem alto a sua e declarou: — Amigos, quero que vos junteis a mim neste brinde pela minha noiva, a senhorita Isaura Maguire, que dentro de três dias será minha mulher. — Um murmúrio percorreu toda a sala. — A ti, Isaura. — Ergueu a taça e sorriu, emocionado pelas lágrimas que viu nos olhos de Melody.

Pigarreando, acrescentou: — No próximo domingo, a seguir à cerimônia, que terá lugar aqui em El Retiro e que será celebrada pelo padre Mauro, estais todos convidados a partilhar um almoço conosco.

Béatrice não encontrava uma posição cômoda na cama, tinha os olhos tão abertos como a meio da manhã e sentia o pulsar do seu coração.

Pensou em Melody e em Blackraven, nus na cama. Suspeitava que eles mantinham relações carnais ainda antes da entrada abrupta de Tomás Maguire lá

em casa, naquele dia em que chamara a irmã de rameira.

Ela nunca tinha feito amor e tinha dificuldade em imaginar uma cena de paixão como as que Roger e Miss Melody partilhariam. O seu primo era o tipo de homem que fazia com que até uma virgem pensasse nas partes pecaminosas do corpo e imaginou os mamilos delicados de Melody a roçarem o peito áspero de Blackraven. Contraiu os olhos e sacudiu a cabeça na almofada para se libertar daquelas imagens.

A notícia do casamento de Roger e Miss Melody não a deixara feliz.

Sentia-se invadida por sentimentos obscuros de ciúme e inveja. Arrependia-se de ter aceitado acompanhá-la, na manhã seguinte, nas compras para o enxoval. Roger tinha pedido ao mesmo tempo que lhe entregava uma avultada quantia em dinheiro. Aproveitaria a viagem para falar com o senhor Traver. Embora o escocês tivesse aceitado a explicação daquela cena comprometedora entre ela e Luís no dia da tertúlia, a relação não voltara a ser a mesma e ele deixara de lhe falar em casamento.

Respeitando a promessa que fizera a Blackraven, Béatrice absteve-se de lhe confessar as verdadeiras identidades de ambos e mentiu-lhe, dizendo que o senhor Désoite era seu primo. Mas não voltaria a calar-se. Se Roger tinha decidido unir-se a Miss Melody, ela tinha todo o direito de fazer o mesmo com o senhor Traver e não chegaria ao casamento sem que o seu futuro marido soubesse quem ela era na realidade.

Doíam-lhe os pés dentro dos botins de couro curtido. Na companhia da senhorita Béatrice e escoltadas por Somar e Anita, a moleca, tinham percorrido as lojas de Buenos Aires para adquirir o enxoval. *Trousseau,* como lhe chamava a senhorita Béatrice com a sua requintada pronúncia francesa.

Tinham também andado pela Recova, um edifício de tijolo ainda por terminar, que se erguia num dos extremos da Plaza Mayor, frente ao Cabildo. Depois da Recova, na direção do rio, ficava o Forte, a residência do vice-rei.

Na Recova desenvolviam-se as atividades comerciais da cidade, em especial a venda de alimentos. Na fachada sul reuniam-se as mercearias e as tabernas, e na zona Este estavam os açougues. Os carros com peixe situavam-se entre o mercado de carnes e o Forte. Os legumes, frutas e hortaliças eram vendidos frente às tabernas, debaixo da galeria, enquanto os vendedores de aves e ovos erguiam as suas tendas numa linha que ia do ângulo norte até o sul.

Nenhuma mulher de boas famílias se aventurava na Recova, por isso a senhorita Béatrice alterou-se quando Miss Melody manifestou vontade de passear pelo meio dos vendedores. Queixava-se da lama nas ruas, dos cheiros, do lixo, do barulho, dos cães , das moscas e, sobretudo dos escravos que, ao reconhecerem o *Anjo Negro*, as seguiam como um enxame, pedindo favores,

agradecendo os que haviam recebido. Cheia de paciência, Melody parava, ouvia-os, comprava-lhes os seus trabalhos ou confeitos, dava-lhes dinheiro, dirigia-lhes uma palavra carinhosa ou de consolo e despedia-se deles. Comprou pêssegos para Blackraven — Trinaghanta assegurava que era a sua fruta preferida — e figos e batatas para caramelizar porque Jimmy e Víctor adoravam.

Quando entrou na casa de San José, silenciosa e fresca, Melody sentiu um alívio. Disse a Somar que levasse os embrulhos para o seu quarto, enquanto ela ia até a cozinha comer alguma coisa. A senhorita Béatrice almoçaria em casa de Marica Compson e só voltaria de tarde.

Na cozinha, encontrou a escrava que Blackraven tinha comprado a Warnes. A mulher soube de imediato que estava em frente do *Anjo Negro*.

Caiu de joelhos, pegou-lhe nas mãos e beijou-as várias vezes ao mesmo tempo que lhe agradecia. Melody obrigou-a a levantar-se e disse-lhe que nunca mais voltasse a ajoelhar-se diante dela.

— Só diante de Deus. Como te chamas?

— Gilberta, senhorita.

— Estás feliz nesta casa, Gilberta?

— Oh, claro que sim, muito feliz.

— Ainda bem.

Do interior da casa chegou-lhe o ruído de um martelo e o som constante de um serrote.

— É o meu marido, Ovidio — explicou a escrava. — Ele ajeita-se com a madeira e é bom com a escaiola. O patrão Roger pediu-lhe para fazer alguns arranjos. A casa vai ficar muito bonita para Sua Mercê — e inclinou-se numa reverência.

— Tenho a certeza de que sim. O senhor Blackraven está em casa?

— Está no escritório com um senhor. Fui eu que o anunciei, o senhor Álzaga.

A porta estava entreaberta e as vozes dos dois homens, a de Roger forte e contida, a de Álzaga um pouco mais aguda e entusiástica, escapavam pela abertura. Falavam do comércio negreiro.

— Vossa Excelência sabe perfeitamente — dizia o basco — que por ser filho de Espanha conto com certas facilidades nesta atividade que não são concedidas nem aos estrangeiros nem aos naturais destas terras. Ou seja, eu não só posso introduzir negros no vice-reinado como também ferramentas de lavoura e elementos para os engenhos, além de borracha, marfim, especiarias, ébano, sagu e cristal de rocha. O negócio promete um lucro substancial e é evidente que está assegurado.

— E Sua Mercê precisa dos meus barcos para o levar a cabo — completou Blackraven de um modo tão direto que incomodou Álzaga.

— Naturalmente, contar com uma frota de tal envergadura seria muito auspicioso para o negócio. Como decerto, Vossa Excelência, concordará, o comércio de escravos oferece vantagens que o distinguem de todos os outros, já sem falar na isenção de direitos de entrada e tributação.

— Sua Mercê está a esquecer-se — referiu Blackraven — que pela Disposição Real de 1793 é estabelecido que as embarcações que se dedicam a este comércio têm de ser espanholas.

— Isso poderá ser arranjado — declarou Álzaga, dando pouca importância à questão.

— De qualquer modo, não estou interessado no comércio negreiro nem em nenhum dos seus derivados. Os negócios que tenho atualmente mantêm-me muito ocupado e não me parece que esta seja a melhor altura para me lançar numa nova atividade.

Álzaga pigarreou para disfarçar a sua frustração.

— O seu sócio, o senhor Valdéz y Inclán disse que pensam inaugurar muito em breve uma fábrica de curtume. — Blackraven assentiu. — Quando será ao certo? Como Sua Excelência sabe, estou interessado em comprar a sua produção.

— Em boa verdade, não sei ainda — admitiu Roger. — As obras sofreram alguns atrasos, mas a data deverá rondar o próximo mês de Julho.

— Julgo que se tratará de uma fábrica de grande envergadura, onde se realizará um aproveitamento total do couro.

— Será um dos maiores, sim. Vamos contar com mais de cem tanques especiais. — Álzaga arqueou as sobrancelhas. — Pensamos ultrapassar as produções atuais de solas, cordovão e vamos introduzir uma inovação: o couro de vitelo curtido. Será tudo da melhor qualidade. Pretendo atingir o mesmo nível dos couros do meu país, flexíveis, finos e resistentes.

— Quem irá fornecer-lhe o gado para abastecer uma produção tão ambiciosa? Eu tenho contatos que poderão estar interessados em ceder-lhe a melhor das matérias-primas.

— Agradeço-lhe, dom Martín. A sua intervenção nesse sentido será de grande utilidade, se bem que eu esteja a tentar adquirir algumas fazendas para não depender, pelo menos na maior parte, de gado alheio. Há duas que me interessam, uma em Capilla del Señor, outra nas imediações de Luján.

— Se eu souber de alguma que se encontre à venda, dar-lhe-ei conhecimento de imediato. — Blackraven inclinou a cabeça em sinal de agradecimento. — Imagino que as substâncias de curtume sejam outro problema a resolver — comentou Álzaga.

— Utilizarei os melhores, os que se extraem da casca do *cebil.* Tenho conhecimento de que são mais ricos em taninos do que os que se extraem das

outras árvores.

Melody afastou-se em direção ao seu quarto. Tinha perdido a fome.

Sentia um peso desagradável no estômago. Não gostava que Blackraven tivesse assuntos com um homem como Álzaga. Seriam assim tão diferentes Álzaga e o seu futuro marido? Melody intuía que, se achasse que lhe era conveniente, Blackraven não hesitaria em deitar mão ao basco para alcançar os seus objetivos, como tentara fazer com Bella Esmeralda.

Compreendia agora que a sua oferta para a comprar nada tinha de altruísta. Era, isso sim, oportunista.

Durante a tarde, Blackraven saiu para ir visitar o seu sócio, Valdéz y Inclán que ainda estava de cama durante a maior parte do dia devido a uma infecção gástrica. Melody recebeu Guadalupe e Marianito, o seu filho de quase um ano de idade. A recente amizade com a mulher do doutor Moreno estava a tornar-se num grande consolo para ela.

— É mais nova do que eu — surpreendeu-se, ao saber que Guadalupe tinha dezasseis anos. — E já com um filho. E como ele é bonito e simpático!

Sentou-o ao colo e olhou-o de perto, espantada com o tamanho dos seus olhos castanhos e com a beleza das suas pestanas. Beijou-lhe a fronte, e um delicado aroma a almíscar encheu-a de uma alegria pura e simples. Queria dar um filho a Blackraven, uma criança tão adorável como aquela que tivesse o melhor deles os dois. Esse pensamento apagou a tristeza que a invadia desde que ouvira a conversa entre Roger e Álzaga porque, apesar de tudo, amava-o loucamente, embora intuísse que ele não lhe mostrava o seu lado obscuro, que ela receava ser feroz e mortal.

Blackraven decidiu passar a noite em Buenos Aires. Terminado o jantar, Béatrice e Melody não foram tomar café nem tocar piano. Tinham-se mantido distantes durante a refeição e limitaram-se a trocar frases curtas para responder às perguntas e comentários de Blackraven. Despediram-se e foram juntas para dentro.

— Gilberta — disse ele à escrava —, leva-me o café ao escritório e diz a Somar que preciso de falar com ele.

Uma carta de Nicolás Rodríguez Peña acabava de ser entregue em mãos e nela o militar fornecia pormenores sobre o seu projecto para a criação de um exército de criollos. Blackraven rasgou o selo com impaciência, leu a carta rapidamente e pousou-a ao seu lado junto de outros documentos. Em seguida, abriu a gaveta da secretária e retirou lá de dentro as folhas onde tinha escrito as criptografias encontradas em poder de William Traver. Era urgente decifrá-las. Durante o período do Terror e do Grande Terror, os agentes franceses haviam desenvolvido vários códigos.

Novas chaves surgiram no tempo de Napoleão que iam mudando de quando em quando a fim de despistar os ingleses.

Levantou-se e começou a deambular pelo escritório com os olhos no chão e as mãos atrás das costas. Por momentos, pôs de parte as mensagens cifradas e pensou em Marie. Porque teria chegado tão tarde? Devido à sua demora não tinham podido voltar a El Retiro. Exigiu-lhe uma explicação e obteve respostas vagas.

— Mandaste-me chamar? — disse Somar, entrando no escritório.

— Marcaste o encontro com Justicia? — Uma vez que era obrigado a ficar na cidade decidira aproveitar o tempo para ter uma conversa há muito adiada com o quimboto.

— Estará aqui dentro de pouco tempo — assegurou o turco — vem pelas traseiras. Avisar-te-ei mal ele chegue.

Blackraven recomeçou a sua caminhada e parou frente às caixas de livros que ainda não tivera tempo de arrumar. Levantou a tampa da maior e viu *Candide* de Voltaire. Destacava-se dos outros, como se uma luz incidisse sobre a capa. Aquele livro, considerado a obra prima do escritor francês, tinha servido para criar o código secreto mais utilizado durante os primeiros anos da Revolução.

Retirou-o da caixa, sacudiu-lhe o pó com um sopro e abriu-o. Como se lembrava de cor das mensagens, aplicou ali mesmo o método para interpretar as notas, e as palavras começaram a fazer sentido. *Sigo pista firme. Julgo ter dado com madame Royale. Ela me conduzirá a seu irmão. Le Libertin.*

Apesar de se manter impávido, com o livro na mão, o seu espírito era dominado por um turbilhão. "*Le Libertin*", murmurou com opressão e incrédulo. Tratava-se de um dos mais antigos e astutos agentes de França, com habilidades que haviam tornado impossível que o serviço secreto inglês lhe deitasse a mão. Conhecido pela sua capacidade para imitar qualquer sotaque e pela sua destreza nos disfarces, ocultara-se atrás de diversos personagens, os mais famosos dos quais eram um sultão turco, um cardeal veneziano, um aristocrata sueco e um capitão genovês.

O seu desempenho como comerciante escocês havia sido soberbo e ele nunca o teria apanhado não fora o desconhecimento de *Le Libertin* do gaélico. Blackraven começara a seguir-lhe a pista em 96, depois de o espião francês ter aniquilado, no porto de Bordéus, a entrega de um carregamento de armas para os monárquicos, ou seja, os defensores da monarquia em França. Tinha sido um massacre, e as vítimas dividiam-se entre os ingleses que comandavam o navio e os franceses que aguardavam o armamento. Naquela ocasião, em que Blackraven conseguira milagrosamente salvar a pele, jurara acabar com *Le Libertin*.

Bateram à porta. Era Somar. Papá Justicia tinha chegado.

— Depressa — disse Blackraven —, traz-me O'Maley. Procura-o onde ele estiver. Não voltes sem ele.

Quando apertou a mão a Papá Justicia, Blackraven, já concentrado nas questões que pretendia tratar com ele, foi direito ao assunto.

— É fundamental que detenhas a revolta dos escravos.

— Patrão Roger! — surpreendeu-se Justicia.

— Tens de convencer os cabecilhas de que este não é o mo mento propício e que têm de cancelar a missão.

— Não vai ser fácil. Que motivos lhes darei?

— Depois do ataque à Real Companhia das Filipinas, os negreiros ficaram muito alerta. Sabem que os escravos estão a ser influenciados por ideias de liberdade e igualdade. De certo modo, esperam um ataque a qualquer momento e estão preparados. Um confronto agora resultaria numa verdadeira carnificina.

— Não me parece que esses motivos detenham Tomás Maguire. É obstinado e voluntarioso.

— Eu sei — admitiu Roger. — Desde que me confessaste que ele era o cabecilha desta desvairada empresa, pensei que ela não deveria efetuar-se. Maguire é um jovenzinho precipitado que atua movido pelas paixões, próprias do sangue que lhe corre nas veias.

— Não será fácil detê-lo — insistiu o negro. — Esta manhã apareceu em minha casa para me comunicar que tinha decidido antecipar o ataque.

Pretende levá-lo a cabo muito em breve, talvez logo a seguir ao Carnaval.

Embora Tomás não mo tenha dito, sei que ele pensa conseguir uma boa vantagem econômica desta revolta. E agora que recuperou a propriedade do pai, precisa de dinheiro com urgência. Contou-me que se não pagar os impostos que estão acham em dívida antes do mês de Abril, a Real Audiência ordenará que a quinta seja leiloada. Os seus negócios com Álzaga, Excelência — disse Justicia numa provocação velada — serão decerto prejudicados se vier a saber-se que é o seu cunhado que está por trás dos ataques aos acampamentos negreiros. — O quimboto aguentou o olhar de Blackraven com uma altivez que denunciava bem a sua coragem.

— Os meus negócios com Álzaga não têm nada a ver com a decisão de deter a revolta — declarou, não se mostrando ofendido.

— Nesse caso a decisão tem a ver com Miss Melody. — Blackraven assentiu e Justicia disse: — Ao proteger o irmão da sua própria insensatez, procura protegê-la do sofrimento, estou a compreender.

— Mantém-me informado, Justicia.

— Assim farei — e despediu-se com uma inclinação de cabeça.

Pouco depois chegou Somar com O'Maley. Blackraven convidou-o a tomar um *brandy* antes de lhe perguntar: — Que fez hoje William Traver?

— Não me preocupa tanto o que fez Traver — admitiu o espião — como o que fez a sua prima, Excelência.

— Explica-te.

— Durante a tarde, quando a viúva de Avilés saiu para visitar a filha — O'Maley referia-se à dona da casa onde Traver alugava dois quartos —, o escocês fez entrar a sua prima pela porta das traseiras, o portão que dá para a calle de la Santísima Trinidad. Estiveram lá um bom bocado. Depois saíram pelo mesmo sítio. A senhorita Laurent ia disfarçada e ninguém a teria reconhecido. Traver acompanhou-a a casa e despediram-se antes de chegar à porta principal.

— A minha prima não ia acompanhada? Nem mesmo da sua moleca? — O'Maley fez um sinal negativo com a cabeça. — Que fez Traver depois de se ter despedido dela?

— Regressou a casa da viúva de Avilés e não voltou a sair. Montei guarda até que Somar me foi dizer que Vossa Excelência me convocava com urgência.

Blackraven conhecia O'Maley havia muitos anos. O irlandês era um homem de inteligência aguda e discrição proverbial. Trabalhavam juntos desde o princípio e ele havia demonstrado a sua destreza em missões complicadas.

— Nunca te disse — declarou Blackraven —, mas aqui há tempos, revistei os quartos que o Traver ocupa em casa da viúva de Avilés. Traver não é escocês. Traver é *Le Libertin*. — O nome perturbou de imediato tanto O'Maley quanto Somar. — Acabo de decifrar este bilhete que encontrei no seu quarto. — Estendeu-o ao irlandês, que por sua vez o entregou a Somar depois de o ler. — *Le Libertin* não tardará a concluir que o senhor Désoite é Luís XVII. O mais provável é que já o saiba e esteja a enviar mensagens a quem o contratou.

— Quem o terá contratado? — impacientou-se Somar.

— Não sei. Poderá tratar-se de Napoleão, do conde de Provence — referia-se ao tio de Luís XVII —, do próprio governo inglês. Seja quem for, não posso correr riscos. *Le Libertin* tem de desaparecer depois de nos confessar para quem trabalha.

Uma hora mais tarde, O'Maley regressou à casa de San José com más notícias: *Le Libertin* havia desaparecido, os seus quartos em casa da viúva Avilés estavam vazios com exceção de um envelope com dinheiro que deixara em cima da mesa junto de um bilhete onde indicava que este se destinava a cobrir um mês de aluguel.

— O'Maley, começa esta noite mesmo a busca. Pede a Zorrilla que te ajude. *Le Libertin* não pode estar muito longe. Revistem as pousadas, em especial Los Tres Reyes, e mantenham as casas dos jacobinos sob vigia.

Somar — disse, voltando-se para olhar o turco de frente —, vais percorrer o Bajo até chegar ao Riachuelo. Se *Le Libertin* tiver resolvido atravessar Colonia e Montevideu irá precisar de apanhar um barco.

Blackraven despediu-se dos seus homens e, depois de guardar e fechar à chave alguns papéis, estendeu-se no sofá e cobriu o rosto com um braço. Era visível a tensão de cada músculo, de cada membro. Pouco depois, decidiu que não fazia sentido ficar à espera naquele sofá e foi até o quarto, onde Gilberta acendera duas velas. Sobre a mesinha de cabeceira encontrou um prato com três pêssegos e um bilhete que dizia: *Comprei-os para ti com amor. Tua Isaura.*

Levou um ao nariz. Poucas vezes um presente o havia comovido tanto. Agora que pensava no assunto, nunca lhe tinham oferecido uma coisa com tanto amor, procurando apenas a sua satisfação, e não por uma devoção falsa. Não devia ser fácil obsequiar o conde de Stoneville, um homem que tinha tudo. Isaura, na sua encantadora simplicidade, surpreendia-o uma vez mais.

Encontrou-a a dormir, apenas coberta pela camisa de noite, com aquela paz que experimentam os que são puros no coração. Havia anos que ele não dormia tão profundamente nem uma noite inteira, habituara-se a um estoico regime de quatro ou cinco horas.

Observou-a sem se atrever a tocá-la, constatando como a calma e a doçura de Isaura acalmavam sua mente e relaxavam seu corpo. A sua respiração tornou-se mais lenta e compassada e sentiu uma inesperada sonolência nas pálpebras e nos membros. Descalçou as botas, tirou a calça e deitou-se a seu lado. Ela moveu-se ligeiramente quando ele a envolveu e a tomou nos braços.

Na manhã seguinte, antes de partirem para El Retiro, Blackraven mandou dizer a Béatrice que a esperava no seu escritório. Apesar das preocupações e dos acontecimentos da véspera, dormira como poucas vezes durante os últimos anos, submerso numa profunda inconsciência de que saiu já quase a meio da manhã, quando Melody o beijou várias vezes na boca. Quis fazer amor com ela, cheio de energia e desejo, mas uma escrava abriu a porta e quebrou a magia. Blackraven juntou as suas coisas e dirigiu-se ao pátio. A noite de descanso ajudá-lo-ia a enfrentar Béatrice com imparcialidade.

— Ontem chegaste muito tarde — disse num tom de recriminação.

— Sei que foi por minha causa que não pudemos voltar para El Retiro — admitiu ela. — Lamento.

— Com quem passaste a tarde?

— Em casa de Marica Compson — assegurou —, com algumas das suas amigas. O tempo passou num ápice. Quando dei por mim já era quase de noite.

Blackraven abandonou a sua poltrona e aproximou-se de Béatrice que se manteve quieta e não se voltou quando o primo, atrás dela, lhe colocou uma mão

sobre o ombro.

— Por que me mentes, Marie? Por que não me dizes a verdade?

— Que queres dizer com isso, Roger? — Voltou-se, lançando-lhe um olhar impaciente.

— Que não passaste toda a tarde de ontem na companhia da senhora Compson e das suas amigas.

— Agora mandas-me seguir?

— A ti, não.

— Então a quem?

— A William Traver.

Béatrice pôs-se de pé num movimento brusco.

— Eu me imiscuo por acaso nos teus assuntos com Miss Melody?

A pergunta não o surpreendeu, embora estranhasse ver naquela expressão ofendida e desconcertada um mero disfarce dos sentimentos de Béatrice. Sentiu-se incomodado e preferiu ser mais direto.

— Onde estiveste?

— Sabes que não aprovo o teu casamento com ela — continuou Béatrice —, considero que não está à tua altura e decerto já percebeste que me incomoda o modo escandaloso como vocês se têm comportado. Contudo, a minha opinião não tem qualquer valor para ti. Muito bem, aceito. Guardo os meus pensamentos e não interfiro, porque te respeito. — Mais calma, prosseguiu: — Não vejo por que tens de mandar seguir o senhor Traver.

— Porque teu irmão e tu são a minha maior preocupação.

— Miss Melody é a tua maior preocupação!

— Marie — Blackraven disse num tom severo —, estás a ser insensata. Isto não tem nada a ver com Isaura, nada — salientou —, tem a ver com Traver.

— William me ama, é isso que te incomoda tanto?

— William Traver não é William Traver — assegurou Blackraven —, nem sequer é escocês. — Béatrice ficou imóvel, sem pestanejar, a boca entreaberta. — Lamento — acrescentou —, mas é a mais pura verdade. Não sei qual é seu verdadeiro nome, sei apenas que é um espião francês a quem chamam *Le Libertin*.

Béatrice soltou uma gargalhada e deixou-se cair na cadeira, onde apertou as mãos sobre a saia, a cabeça baixa, numa tentativa de impedir que o seu riso se transformasse em pranto.

— Deve ser um engano — arriscou —, certamente estás enganado. Como podes fazer uma afirmação tão comprometedora como essa, com tanta leviandade? Se não for verdade estarás a destruir a reputação de um homem que é tão importante para mim.

— Não estou enganado — respondeu Blackraven com frieza.

— És tão arrogante! Que provas tens para acusar William? Como sabes essas coisas? Como descobriste tudo isso?

— Não vou dar-te explicações, Marie. Não costumo dá-las a ninguém, nem mesmo a ti. Direi apenas que, embora desconfiasse dele há algum tempo, só esta noite tive a confirmação das minhas suspeitas. *Le Libertin* sabe que tu és madame Royale e talvez, neste momento, suspeite de que o senhor Désoite é, na verdade, Luís XVII.

— Não existe a possibilidade de estares a confundi-lo com outra pessoa?

A tristeza que lhe ensombrava o semblante comoveu Blackraven.

— Marie — murmurou, ajoelhando-se junto a ela. — Minha querida Marie — e pegou-lhe nas mãos. — Não sabes como lamento. Não penses que foi fácil para mim dizer-te isto. Sei que estou a causar-te sofrimento ao revelar-te a verdade sobre Traver, mas não tenho outra alternativa.

Béatrice baixou o rosto e rompeu num pranto amargo. Blackraven envolveu-a nos braços e tentou consolá-la. Como se evocasse os da sua estirpe e o respeito que lhes devia, Béatrice levantou-se, secou as lágrimas a um lenço e declarou: — Não suspeita.

— Que estás a dizer?

— William Traver não suspeita de que o senhor Désoite seja Luís XVII. Ele sabe. Eu mesma confessei ontem.

Blackraven mordeu o lábio inferior para não explodir em insultos o que, naquele momento, não valeria de nada. Deambulou pela sala enquanto Béatrice se mantinha imóvel e calada, atenta aos passos fortes de Blackraven. Pela primeira vez teve medo dele.

— Vais buscar Traver agora? — arriscou-se a perguntar.

— Traver desapareceu. Ontem à noite enviei um dos meus homens a casa da viúva de Avilés e ele encontrou os seus aposentos vazios.

— Como conseguiu dar com o meu paradeiro? Foste muito cauteloso ao retirar-me do país e trazer-me para cá.

— Em operações como a que levamos a cabo para te tirar de França, muita gente é envolvida, algumas pessoas estão conscientes do que estão a fazer, outras totalmente ignorantes. Ambos os tipos são perigosos. Os primeiros porque podem vender a informação que possuem, os segundos porque, sem o saber, podem dar informações que nos prejudiquem. É assim este jogo, Marie. Há que contar com o risco.

— Que vamos fazer? — perguntou, e o seu tom de voz denunciava o pânico.

— Por enquanto, redobrar as precauções.

Béatrice baixou os olhos porque sabia o que aquilo significava: perder a

pouca liberdade que tinha.

— Ainda não refleti sobre os passos a dar — admitiu Blackraven.

— Tudo isto está a acontecer num momento muito inconveniente. Espero que não transtorne o teu casamento com Miss Melody — acrescentou, sem má intenção.

— O meu casamento com Isaura será realizado e acordo com o previsto, não te preocupes.

XXIV

No dia do casamento, Miora acordou para dar os últimos retoques no vestido de Melody, uma confecção em brocado branco, cujas linhas, traçadas por madame Odile estavam de acordo com a moda de Versalhes anterior à Revolução, um estilo que destacava a cintura e levantava os seios, com um saiote proeminente destinado a dar mais roda à saia e a tornar as formas mais contrastantes. O decote era ornamentado por um minucioso bordado com pérolas de cultivo que desenhavam uma grinalda de pequenas rosas. Quanto ao penteado, Odile prendeu a cabeleira de Melody ao estilo madame Récamier e, com uma pinça quente, acentuou-lhe os caracóis em volta do rosto. Miora e Siloé confeccionaram uma coroa de flores de laranjeira que lhe colocaram sobre a cabeça e sobre a testa.

— Estás lindíssima — comentou madame Odile. — O Imperador vai morrer de amores por ti.

— Já morre, madame — declarou Siloé. — Nunca vi homem mais apaixonado do que o meu patrão Roger.

Desde manhã muito cedo, El Retiro agitava-se com escravos que iam e vinham, com ordens vociferadas, conversas contínuas, risos, ruído de talheres, louça e copos, barulho de móveis a serem arrastados e aromas que se misturavam: o da cera de abelha para dar lustro às madeiras e o dos bolos que eram confeccionados lá longe, na cozinha. Blackraven deambulava pelas diversas salas com ar de grande satisfação. Tinha posto de lado as preocupações e nem sequer o pensamento que dedicou ao duque de Guermeaux — era o dia do seu aniversário — conseguiu incomodá-lo.

Dentro de poucos meses, o seu pai tomaria conhecimento do inconveniente casamento do filho e o fosso que os separava seria ainda maior. Sabê-lo-ia pela boca do seu irmão mais novo, Bruce Blackraven, mal este recebesse a carta que lhe enviara no dia anterior.

A sala de música tinha sido preparada para a cerimônia. Logo a seguir seria servido um almoço aos poucos convidados. Isaura assim o determinara e ele, naquele momento, pensava apenas em satisfazer-lhe os desejos. Elisea prometera cantar e tocar para animar a festa. Uma agitação semelhante à de uma criança prestes a receber um presente mantinha-o ativo, dando ordens e detectando falhas. Não estava a ser nada fácil controlar a sua ansiedade, tanto mais que a noiva só abandonaria o quarto quando chegasse o padre Mauro para celebrar o casamento. Decidiu montar *Black Jack* para passar o tempo.

Não estava preparado para a impressão que sentiu ao vê-la. Confiando no seu autodomínio, não imaginou que iria sentir um nó na garganta e que os olhos lhe ficariam turvos de lágrimas. A jovem pareceu-lhe a criatura mais delicada e mais perfeita que já vira, envolta num brilho sobrenatural, uma aura que se projetava da sua pele diáfana e do seu vestido branco, mergulhando na penumbra tudo o que a rodeava, como se se tratasse de um jogo de luzes e sombras de um quadro de Rembrandt.

Com um sorriso tranquilo nos lábios, Isaura apresentava maior domínio do que Roger. Tinha as mãos firmes segurando o rosário de madre-pérola e o braço do seu irmão Jimmy, enquanto percorria a distância que a separava do altar improvisado. Nem por um momento desviou o olhar do de Blackraven. Queria que ele pudesse ler-lhe os pensamentos, que o amava, que colocava a sua vida e a de Jimmy nas suas mãos.

A senhorita Leonilda e Martín Joseph de Altolaguirre serviram de testemunhas e assinaram, com os noivos, o livro paroquial, onde ficou registrado o casamento. Estiveram igualmente presentes à cerimônia Béatrice, Luís XVII, dona Concepción, Elisea, Angelita e Víctor, este último pálido e muito sério. Madame Odile tinha preferido ver o casamento da porta de entrada, junto com Trinaghanta, Miora e Siloé, e recusou-se a partilhar o almoço com receio de que algum dos convidados a reconhecesse.

Sentada à cabeceira da grande mesa, frente a Blackraven, Melody passeou os olhos pelos comensais e pareceu-lhe que estava acompanhada das pessoas certas. Apesar de a intimidarem por serem circunspectos e cultos, intuía que eram boa gente. Via pela primeira vez o senhor Feliciano Chiclana, que conversava havia algum tempo com o doutor Belgrano, assim como o seu amigo Antonio Ezquerrenea, embora na verdade não conhecesse profundamente nenhum dos outros convidados. Perguntava-se por que motivo Blackraven se rodeava daqueles homens e não de vizinhos como Álzaga, Sarratea, Basavilbaso e Santa Coloma, muito considerados na sociedade de Buenos Aires. Por sorte, os Valdéz y Inclán haviam recusado o convite, com base no estado de saúde de dom Alcides, que enviou como presente uma pequena carruagem puxada por dois magníficos cavalos malhados, um presente sumptuoso que surpreendeu o próprio Blackraven.

Melody admirou o à vontade e a segurança com que o marido se conduzia com os convidados. Ela mantinha-se calada, com receio de cometer algum deslize. Sabia que aqueles portenhos a conheciam como *Anjo Negro* e que, com excepção dos Moreno, desaprovavam as suas atividades. As lavadeiras tinham-lhe dito que a notícia do casamento do conde de Stoneville era o falatório do momento e que muitas das senhoras da sociedade ansiavam por ser convidadas.

Ficou também a saber que o doutor Covarrubias partira de viagem para Colonia del Sacramento, onde iria passar uma temporada de acordo com a licença solicitada à Real Audiência.

— Melody — disse o padre Mauro —, o que a senhora Moreno está aqui a dizer é muito interessante.

— De que se trata, Lupe?

— Dizia ao padre Mauro que é inaceitável o estado calamitoso de alguns escravos que por serem velhos ou doentes, são expulsos das suas casas e vagueiam pelas ruas da cidade como almas penadas. Quando amanhece, vê-se por vezes, cadáveres no passeio e o Cabildo limita-se a recolhê-los (muitas vezes após vários dias, quando o cheiro se torna insuportável) e a lançá-los na vala comum.

— Julgava que os Barbones se ocupavam deles — interpôs o sacerdote, referindo-se aos membros da ordem religiosa que dirigiam o único hospital de Buenos Aires. Chamavam-lhes Barbones devido ao seu costume de deixar crescer longas barbas.

— Não chegam para tudo, padre! Veja bem, o hospital de Belém foi projectado para quinze camas e hoje em dia atende entre cem e cento e cinquenta.

— Daí a sua proposta de abrir uma casa que recolha estes infelizes — deduziu o padre Mauro.

— Sei que talvez a minha ideia possa parecer um pouco disparatada.

— De modo algum, Lupe — declarou Melody. — É, na verdade, uma ideia maravilhosa, e estou a pensar que essa casa poderia recolher também os alforriados que não têm onde viver, até que tenham condições de assegurar a sua subsistência. Seria um excelente serviço para os africanos! — declarou, entusiasmada. — Quando começamos a trabalhar?

— Melody — estranhou a esposa do doutor Moreno —, não vai seguir hoje mesmo de viagem de núpcias?

Melody corou antes de admitir: — É verdade. Sua Excelência tem planos para passar alguns dias em Colonia, falou mesmo em ir até São Filipe de Montevideu. — aproximou-se para sussurrar: — Mas eu não quero ir para tão longe, não quero ficar durante muito tempo longe do meu irmão. Ele sofre do coração e o seu estado é sempre muito precário.

— Melody — interveio o padre Mauro —, sabes que estamos todos atentos, que Jimmy terá os melhores cuidados.

— Eu sei. Todos gostam muito dele e tratam-no talvez até melhor do que eu, mas ele não está habituado a separar-se de mim. Fica cheio de ansiedade, o que é prejudicial à sua saúde.

No momento em que o almoço estava a chegar ao fim, o senhor Désoite propôs um brinde em honra dos noivos. Em seguida reuniram-se na sala de música, onde Elisea tocou piano e Melody cantou várias canções, algumas em gaélico.

Sabas esgueirou-se pelo acampamentos de almocreves, acenando com a cabeça aos que levantavam ao ar a xícara de mate ou a garrafa de aguardente. Tinha ouvido dizer que Tomás Maguire e o seu amigo Pablo estavam de volta, notícia que o animou, pois com o desaparecimento dos dois, receara que a revolta acabasse por não se concretizar.

Tinha de ganhar a confiança daquela dupla, caso contrário jamais ficaria a par dos pormenores. Não contaria com a mesma sorte da vez anterior em que, por mero acaso, ouvira uma conversa entre Pablo e Tomás acerca do ataque à Real Companhia das Filipinas para roubar os ferretes. Álzaga e Sarratea tinham-no compensado bem nessa ocasião, se conseguisse saber a data e hora do próximo ataque, dariam o montante que lhe faltava para comprar a sua liberdade e a da mãe.

A carroça de Tommy e Pablo ocupava o lugar do costume. Foi encontrá-los a esfolarem umas lebres.

— Sabas — disse Tommy, com alegria. — Comes conosco, amigo?

— Não, dom Tomás, hoje tenho *condombe*. Dizem que vai haver comida e bebida grátis.

— Ah sim? Como é isso? Não nos convidas?

— Não me parece que Sua Mercê queira ir. — Tomás e Pablo lançaram-lhe um olhar entre o risonho e o curioso. — É em El Retiro — explicou o escravo —, hoje há lá festa, pelo casamento do *Anjo Negro* com o patrão Roger. O casório foi hoje de manhã.

Cada um deles reagiu de acordo com os seus temperamentos. Tommy esfaqueou a lebre entre insultos e blasfêmias, enquanto Pablo se dirigiu em silêncio ao rio.

— Maldito inglês! Levou tudo adiante, o grande filho da puta! Vais pagar, mal nascido!

— Dizem que Miss Melody gosta dele — interpôs Sabas.

— Não gosta nada! — precipitou-se Tommy. — Uma Maguire jamais gostaria de um inglês nojento. Casou-se por causa do dinheiro dele, pela segurança que representa ter um homem forte ao seu lado. Casou-se com ele pelo Jimmy, para que nada lhe falte.

— Não sei, dom Tomás — fingiu Sabas —, parece-me que não é nada conveniente o senhor andar de mal com o seu cunhado. Ele é um homem muito rico e poderoso, amigo dos homens mais importantes da cidade.

Calcule que até é amigo de dom Álzaga!

— Que sabes tu de Blackraven e Álzaga? Em que andam esses dois envolvidos?

— Quer que eu averigúe, dom Tomás?

— Sim, faz isso.

Os convidados tinham deixado El Retiro havia mais de uma hora.

Na opinião de Blackraven fora uma reunião agradável e calorosa, certamente muito diferente da aparatosa festa que dera por ocasião do seu casamento com Victoria Trewartha, na qual haviam estado presentes os grandes aristocratas ingleses, incluindo o próprio príncipe de Gales.

Desse dia recordava apenas o aborrecimento ao fim de três dias de celebrações e o desagrado que lhe provocara, poucas horas depois do casamento, que a sua mulher mudasse de indumentária três vezes por dia.

Agora, pensava apenas em Isaura e no quanto desejava ficar a sós com ela.

Percorreu a propriedade com *Sansão* para verificar se os guardas se achavam nos seus postos, visto que depois do desaparecimento de *Le Libertin*, se tornara obsessivo com a vigilância da casa. As buscas não jogavam qualquer luz sobre o destino do agente francês e a cada dia que passava sem notícias, confrontava-se com uma decisão que não desejava tomar: tirar Luís XVII e madame Royale do Rio da Prata.

Antes de chegar à entrada, avistou os escravos que chegavam para a festa do *Anjo Negro*. Aceitara o pedido de Melody, permitindo que organizasse uma celebração para os africanos, com comida e bebida em abundância, e *candombe*, naturalmente, embora o mesmo fosse proibido. Não só participariam os escravos da casa de Valdéz y Inclán e os de El Retiro, como também os de várias confrarias e nacionalidades.

Entrou em casa e procurou-a por todo o lado, nos quartos, no rés-do-chão, no pátio, na sala de estudo e no seu quarto, onde encontrou uma escrava que colocava roupa dentro de uma mala de couro. A garota ficou imóvel ao vê-lo assomar à porta. Blackraven reparou que o vestido de noiva estava estendido sobre a cama.

— Onde está a senhora condessa? — perguntou simulando a contrariedade.

— No quarto pátio, patrão Roger, com os escravos.

— Que estás a fazer?

— Preparo a muda para Miss Melody, quero dizer, para a senhora condessa, para a viagem.

— A senhora já deu ordem para transferirem o resto das suas coisas para o meu quarto? — A garota disse que não. — Então, trata disso — ordenou Blackraven — e prepara o quarto contíguo ao meu para o menino Jimmy.

Nos fundos da casa, chegaram-lhe as primeiras notas do rufar dos tambores: tinha começado o *candombe*. Na cozinha, Siloé, apoiada por Miora e um grupo de escravas, servia a comida para a festa. Embora em El Retiro, assim como os escravos da casa de Santiago estivessem habituados a comer bem, os das outras confrarias surpreendiam-se ao saborear manjares como frango, carne de vaca e legumes que só os brancos costumavam levar à boca. A negra mostrava-se entusiasmada, enquanto ia enchendo as caçarolas de barro.

— Esta noite, graças ao patrão Roger não comem morcela, vísceras nem bucho — disse a Blackraven quando o viu aparecer na cozinha.

— Agradece ao teu *Anjo Negro* — comentou ele com ironia, e sorriu. — Onde está ela?

— Lá fora, patrão, com a nossa gente.

O quarto pátio e os armazéns tinham sido tomados de assalto e Blackraven teve a impressão de que toda a negralhada portenha estava ali para festejar o seu casamento. O constante rufar dos tambores e dos pratos misturava-se com os cânticos em línguas estranhas. As chamas das tochas e da fogueira davam à pele dos escravos uma tonalidade oleosa e dourada. Descalços e sujos, alguns deles vestiam fraques e roupas dos seus donos, incluindo luvas brancas e cartolas, numa tentativa de se assemelharem a essa casta tão superior a eles, mas um observador atento tinha podido descobrir uma nota de amarga ironia naquela exibição, uma forma de desrespeitar de modo sutil aqueles que lhes haviam roubado a liberdade. As mulheres tinham amarrado em volta da cabeça lenços colo-ridos que se combinavam com os longos colares de contas que lhes enfeitavam o colo.

Viu-a logo a seguir. Isaura destacava-se como uma pérola sobre um pano negro, com a sua cabeleira avermelhada solta e o brilho azul-turquesa dos seus olhos. Vestia uma saia de pano azul, grosseiro, e uma peliça justa. A sua beleza deixou-o boquiaberto. Era a rainha do *candombe*, sentada no trono da Confraria de São Baltasar, com cetro e coroa, presidindo à entronização da imagem do santo antes do início da dança. Sorria e inclinava-se para Papá Justicia, que estava de pé, junto ao trono, para fazer um ou outro comentário.

Não queria que o vissem. Sabia que, se isso acontecesse, a festa acabaria e perderia todo o encanto. Escondeu-se nas sombras, a sua sobrecasaca negra ajudava-o a disfarçar-se na escuridão que o rodeava.

Terminada a entronização, formaram-se duas alas, uma de homens, outra de mulheres, para iniciar a primeira etapa do *candombe*, conhecida como rua e umbigada, a fileira das mulheres dirigida por uma escrava velha e robusta, chamada Avó Negra e a dos homens, por Papá Justicia, que faria de bastonário e vassoureiro, ou seja, marcaria o passo com o seu bastão serpenteante com um

punho giratório para poder girar no ar.

Papá Justicia, antes de mais, deu a mão a Melody para a escoltar até a fileira das mulheres. Partilharia o baile com ele. Blackraven deu-se conta de que não era a primeira vez que Melody participava numa festa daquelas, pois conduzia-se com grande segurança. Voltaram a ouvir-se os tambores e outros instrumentos artesanais, como a queixada de um burro que se esfregava com outro osso e o berimbau, uma ferradura com lingueta que se fazia vibrar com um dedo. O negro tocava-o com mestria e, como o segurava com os dentes, a melodia mudava, de acordo com o modo de ele abrir a boca. Os cânticos pareciam gritos que alvoroçavam os passos de dança. Os dançarinos, ao som frenético dos tambores, avançavam e recuavam após um contato fugaz dos seus ventres. Agitavam as cabeças, sacudiam os ombros e moviam os quadris, enquanto desenhavam com os pés figuras coordenadas. Era verdadeiramente assombrosa a agilidade de Papá Justicia no seu papel de bastonário, mantendo em constante movimento a tanga que lhe cobria as calças.

Melody levantava o folho da saia para mexer mais livremente os pés.

Atirava os ombros para a frente e agitava-os, os seios, delicadamente confinados à peliça, agitando-se em sintonia com o resto do corpo que ondulava como quando os dois faziam amor. Sentiu raiva, ciúme e desejo. A abstinência a que Melody o havia submetido antes do casamento tornara-se insuportável.

Avistou Anita, a moleca de Béatrice que saía da cozinha, dirigindo-se para o baile. Fez-lhe sinal com o dedo na boca para que se mantivesse em silêncio e a menina deu um grito ao ver o brilho dos seus olhos no escuro.

— Chiu, menina — ralhou entre dentes. — Sou o teu patrão, anda cá. — A menina avançou com alguma desconfiança. — Vai dizer a Miss Melody que *Fuoco* teve uma queda e que está muito mal. Não digas que fui eu que te mandei.

A garota correu até o *candombe* e deslizou por entre as filas de dançarinos.

— Miss Melody — chamou —, o *Fuoco* teve uma queda e está muito doente.

Deveria ter estranhado que houvesse luz no estábulo, mas Melody só pensou no cavalo.

— Fecha o portão e põe a tranca — ouviu dizer.

Era a voz de Blackraven.

— O teu cavalo está bem — disse, aparecendo no meio do estábulo, onde brilhava uma lanterna. — Atraí-te até aqui com uma mentira.

Melody fez o que lhe era dito, apercebendo-se da urgência e do desejo de Blackraven que crescia à sua volta, encurralando-a. Apoiou-se nas tábuas da porta, trêmula e suada, enquanto ele se aproximava. A um palmo de distância, Blackraven parou e pousou sobre ela um olhar ardente que transmitia a ira e a

excitação que o alteravam. Viu como o sangue pulsava na garganta da jovem e percebeu o quanto ela estava atemorizada.

Passou-lhe o dedo pelos limites do rosto.

— Que terei de fazer para que me obedeças? Será que tenho de te amarrar a mim?

— Mandaram-me chamar — justificou-se Melody rapidamente —, queriam felicitar-me e a ti também, mas tu não estavas em lugar nenhum. Tentei...

— Cala-te — ordenou, inclinando-se sobre ela, passando-lhe uma mão pelas nádegas, puxando-a contra a sua ereção. — Vê só como fiquei só de te ver dançar.

A sensualidade de Blackraven fê-la esquecer os festejos que tinham lugar lá fora, o receio da sua irritação e o lugar inadequado em que se encontravam. Em bicos dos pés, passou-lhe a mão pela nuca e atraiu-o para os seus lábios com uma avidez que lhe arrancou um gemido de prazer.

— Que vou fazer contigo que me abandonas na nossa noite de núpcias? Serão os escravos mais importantes do que o teu marido?

O coração de Melody estava cheio de palavras por pronunciar, todas aquelas em que pensara durante o dia, mas que a sua boca se empenhava em reter. Era o seu corpo que podia agora expressar-se, esfregando-se contra o dele, a sua língua procurando-o, os dedos enlaçados nos seus cabelos, apertando-o contra os seus lábios.

Louco de ciúmes e ferido no seu amor próprio, Blackraven afastou-se, exigindo-lhe: — Diz-me que me desejas tanto quanto eu te desejo a ti!

— Sim, sim, desejo-te. Desejo-te tanto — confessou-lhe num momento de arrebatamento. — Desejo-te de dia e de noite, de cada vez que penso em ti. Sempre. Faz amor comigo, Roger!

Tomou-a nos braços e levou-a até um pequeno monte de palha e, enquanto se despia viu que Melody levantava a saia, dobrava os joelhos e afastava as pernas.

— Olha para mim — ouviu-a dizer naquela voz grave, que ela usava para lhe sussurrar depois do orgasmo.

Melody tirou as cuecas e começou a acariciar-se onde Blackraven lhe havia mostrado. Os seus dedos desapareceram na tepidez úmida da sua vagina, provocando-lhe uma fugaz descarga de prazer que fez com que contraísse os olhos e mordesse o lábio. Ele viu que os seus mamilos endureciam e elevavam o fino algodão da peliça. Inclinou-se sobre ela e agarrou-lhe a mão.

— Não — disse, apertando-lhe os dedos com brutalidade. — Nem sequer suporto que tu mesma obtenhas prazer. Só eu, entendes? Só eu te posso dar.

— Então me dá.

Blackraven ajoelhou-se diante dela; as mãos percorriam-lhe as pernas,

deixando-lhe marcas avermelhadas. Melody respirava, agitada, os seus seios pareciam transbordar a cada nova inspiração. Ele, numa atitude voraz, puxou-lhe o decote a fim de os desnudar. Sem afastar o seu olhar do dela, abriu a mão enorme e passou várias vezes a palma calosa sobre um mamilo. A pele grossa e dura daquela mão sobre a delicadeza do mamilo fez Melody estremecer, mo vendo-se para lhe oferecer o outro. Blackraven continuou a tocar-lhe e a dar-lhe prazer, nunca se cansava das suas expressões lânguidas e dos seus gemidos. Apoiou ambas as mãos na nuca de Melody, inclinou-se sobre um dos seus seios e mordiscou-o ao de leve. Ela respondeu de imediato, gemendo, soerguendo-se, abraçando-o, puxando-o para si, envolvendo-o com as pernas.

Os animais inquietaram-se nas boxes, os cavalos resfolegavam e esfregavam os cascos no chão, os tambores e os cânticos africanos continuavam a soar lá fora, mas nem Roger nem Melody os ouviam, entregues que estavam àquela paixão indomável que os isolava da realidade exterior.

Blackraven acalmou o seu ímpeto e penetrou-a com suavidade, procurando prolongar o encontro e saborear cada instante dentro do seu corpo. Recordá-la-ia assim para sempre, jovem e fresca, vestida de plebeia, gemendo sobre a palha do estábulo, essa seria uma imagem que o acompanharia até a morte.

— Oh, Deus, já és minha mulher — gemeu em inglês, como costumava fazer quando fazia amor, com voz rouca. — Não sabes o que isso significa para mim. És minha, Isaura!

— E tu, meu marido, meu tudo!

”Meu tudo”, repetiu Blackraven, sentindo-se poderoso ao ser amado por aquela mulher, e pouco importava que Isaura amasse muitos outros, quando ele só tinha coração para ela, porque ele amava-a precisamente por ela ser assim, diferente e desconcertante.

Os seus olhos não a abandonaram. Excitava-a, tentando perpetuar o gozo, detendo-se quando o seu membro ameaçava explodir dentro dela.

Havia sempre alguma dor naquele ato, para Isaura também. Retirou-se e voltou-a ao contrário. Ela deixava-se mover com docilidade, a confiança cega que depositava nele, agradava-lhe mais do que qualquer outra coisa, conferia-lhe o domínio que tanto gostava de experimentar com ela. Ele forte e autoritário, perante a sua fragilidade e dependência.

Melody sentia a palha roçar-lhe nos seios, e os lábios e dentes de Roger vaguearem pelo interior das suas coxas. Ele afastou-lhe as nádegas, tocou-lhe com a mão e esfregou o seu membro ereto. Melody tremeu de excitação e gemeu ao dar-se conta de que ele a acariciava com a língua.

Abriu um pouco as pernas, incentivando-o e, pondo o braço para trás, tateou às cegas até agarrar o seu membro duro e grosso. Blackraven estremeceu ao

mesmo tempo que soltava um gemido gutural, como o lamento de uma fera, que deixou Melody em êxtase.

— Não me toques — suplicou ele.

Levantou-a pelos quadris e obrigou-a a pôr-se de quatro. Ele erguia-se de joelhos atrás dela. Nunca a havia possuído daquela maneira, como os animais, pensou e comprimiu-se contra a sua ereção para o provocar.

Sentiu as mãos dele nas suas nádegas e na cintura e soube que ele ia penetrá-la com a mais selvagem das paixões.

Roger segurou o pênis para conduzir a penetração com um impulso enérgico, que provocou a Melody uma corrente fria nas costas e no ventre.

Ajeitou-se para o acomodar dentro de si, para o receber mais profundamente e, perante aquele movimento, ele mergulhou os dedos na sua carne e começou fazer investidas até se tornarem violentas e rápidas. Antes que o orgasmo o devastasse, colou o dorso às costas de Melody e encheu as mãos com os seus seios, gritando o nome dela.

Os cânticos ululantes dos africanos, assim como o rufar dos tambores, ocultaram os gemidos roucos de Blackraven. Melody nunca o ouvira gozar daquele modo e parecia-lhe que ele nunca mais acabava de investir e gritar. Por fim, deixaram-se cair sobre a palha.

— Amo-te tanto — ouviu-o dizer.

Blackraven rodou sobre o feno, arrastando-a com ele até a colocar sobre seu corpo. Melody contemplou-o e passou-lhe a mão pelo rosto ainda contraído num trejeito de dor e de prazer. Subitamente exausta, apoiou a cabeça no queixo dele e fechou os olhos.

— Que noite de núpcias tão peculiar! — declarou Blackraven. — O conde e a condessa de Stoneville fazendo amor num estábulo, sobre um monte de palha.

— Pois a mim pareceu-me que o conde de Stoneville se sentiu maravilhosamente bem neste estábulo sobre o monte de palha.

Blackraven levantou-se e aninhou-a nos seus braços.

— A única coisa de que o conde de Stoneville precisa é da sua condessa. Vamos para o quarto, ainda não acabamos por esta noite.

Sabas não dançava o *candombe* porque era mau dançarino e os outros faziam pouco dele. Gostava de observar. Por algumas *cuartillas* tinha comprado uma garrafa de aguardente e, enquanto assistia ao espetáculo, ia bebendo. Pensava também em muitas coisas, na menina Elisea, a dormir num quarto qualquer daquela casa, em Servando, que dançava ali perto, em como iria ganhar a confiança de Tomás Maguire e na missão que lhe havia sido confiada.

Servando fez uma reverência à sua companheira de dança e entregou-a a outro escravo. Tirou o cabeção e enxugou o suor da cara e do pescoço. Sorridente, ficou a ver as danças, acompanhando o ritmo com um pé. Em seguida, dirigiu-se às traseiras com uma atitude vigilante até que as tochas deixaram de o iluminar. Sabas levantou-se e seguiu-o.

Servando abriu a porta da torre e desapareceu lá dentro. Decerto subiu a correr, pois quando Sabas parou junto da escada e olhou para cima já não o viu. O ruído dos festejos ajudou a amortecer o rangido dos degraus enquanto subia. Ficou desiludido ao constatar que a porta de acesso ao campanário tinha chave. Encostou o ouvido, mas os tambores e os cânticos impediram-no de escutar. Voltou ao andar de baixo e escondeu-se atrás de um canteiro de azáleas.

A urgência do desejo dominava-os e impedia-os de falar, despiram-se um ao outro e amaram-se sobre o enxergão de palha até que, saciados, partilharam longos diálogos. Apesar de se encontrarem todos os dias havia várias semanas, o ardor não diminuía.

Servando estava maravilhado e surpreso.

— Ouve o que li no livro de Petrarca que me deste ontem — e recitou de memória: — “Será que projetas as tuas empresas para os longos anos vindouros? Oh, cegos, deixamos grandes projetos para depois da morte. Pois conhecendo como conhecemos o rápido curso desta vida, a nossa vida, acaso poderemos tecer longas esperanças e confiar no tempo futuro? Ou será que vamos fazê-lo quando formos pó, quando um abutre ávido nos devorar os membros e os asquerosos vermes nos corroerem as entranhas? Antes agora, agora é o momento, enquanto pudermos mover os membros e travar o espírito, enquanto tivermos liberdade (a melhor de todas as coisas) e vida, coisas essas que nos podem ser retiradas num momento.” A liberdade — repetiu Servando —, a melhor de todas as coisas.

— Não me agrada o que acabas de recitar — disse Elisea —, fazes como se com essas palavras justificasses alguma ideia com a qual suspeito que não estarei de acordo. De há dias para cá tenho tido um mau pressentimento e tenho andado angustiada. Sinto que estás prestes a levar a cabo uma empresa à qual eu certamente me oporia. Noto-te misterioso.

Sei que me escondes alguma coisa. De que se trata, Servando?

O yolof pôs-se de pé e vestiu as calças.

— Assim como sou, um miserável escravo, nunca teremos possibilidade de estar juntos à luz do dia. Teremos sempre de nos esconder como dois criminosos. Tenho de lutar para recuperar a minha liberdade, Elisea.

Tenho de lutar para que os teus aceitem que eu também sou um homem.

— Servando, estou a ficar assustada! Que queres dizer com “lutar”? Não gosto desse teu olhar, estás a esconder-me alguma coisa. Diz-me, pelo amor de Deus, em que te meteste? Eu morreria se te acontecesse alguma coisa!

Servando agarrou-lhe os ombros, aproximou-a do seu rosto e contemplou-a com um trejeito de raiva antes de dizer: — O que existe entre nós os dois está condenado a morrer. — Elisea começou a chorar. — Não temos futuro, e tu sabes que é verdade. Temos de encarar esse destino ou fazer alguma coisa para o mudar. E eu estou disposto a mudá-lo porque não quero perder-te.

— Que irás fazer? — perguntou Elisea, desesperada. — Não quero que faças o que planeias. Sei que a tua vida vai correr perigo. Eu sei, sinto-o.

— Tenho de o fazer! Por favor, Elisea, compreende-me.

— Não, não! — obstinou-se a jovem. — Não quero que me deixes, não agora que vou ter um filho teu.

Ficou calado, sem ar, se bem que a notícia não devesse tê-lo apanhado de surpresa, após as incontáveis tardes de encontros no campanário. Elisea olhava-o, expectante, aguardando uma frase que mudasse as suas vidas ou os tirasse daquela situação embaraçosa. Ele sentiu medo e o seu único impulso foi abraçá-la.

Não os distinguiu bem no momento em que abandonaram a torre do campanário. Teve de esperar um momento até que os seus olhos se habituassem à penumbra e só então reconheceu Servando e a menina Elisea. A impressão que sentiu fê-lo recuar e por pouco não caiu de costas.

Apoiou-se no cajado e manteve-se muito quieto até recuperar o equilíbrio. Era capaz de jurar que o yolof andava metido com uma das escravas de Valdéz y Inclán, com Visitación, por exemplo que fora uma das suas favoritas no passado. Mas nunca imaginaria que a senhorita Elisea fosse afoita a ponto de se aventurar àquela hora da noite.

O seu assombro transformou-se em cólera, mas conseguiu evitar que saíssem da sua boca os insultos que se dirigiam a Servando, à menina Elisea e a meio mundo. Seguiu-os e viu-os despedirem-se junto do quarto pátio. Servando não voltou para a festa, dirigiu-se à barraca, enquanto a menina Elisea deslizava pelas traseiras para entrar na sala de música. Atirou a garrafa de aguardente vazia e atacou-a por trás. Caíram ao chão. Elisea soltou um grito e debateu-se como uma gata até que Sabas lhe tapou a boca com uma das mãos.

— Agora é justo que seja a minha vez.

Elisea abriu desmesuradamente os olhos e, desesperada, tentou libertar-se do peso de Sabas. O escravo libertou-lhe a boca para lhe levantar a saia e, apesar de Elisea ter gritado bem alto, o rufar dos tambores abafou seus brados e súplicas.

XXV

Como a escuna atracada na enseada de Barragán tinha ficado com poucos marinheiros — a maior parte guardava El Retiro —, Blackraven mandou reservar dois lugares num chalão que diariamente atravessava o rio em direção a Colonia del Sacramento. Seria muito inconveniente, teriam de subir para uma carroça de rodas gigantes, daquelas que, por dois reais se embrenhavam no rio até a embarcação ancorada a uma milha ou mais da costa, algures num ponto livre dos baixios. Teriam de ir a pé, apertados e molhariam os sapatos com a ondulação que entrava por entre as madeiras da carroça. A viagem de lancha também não seria cômoda e talvez Isaura sofresse de *mal du mer.*

Pensou que uma verdadeira lua-de-mel deveria ter tido como cenário as paisagens rurais francesas ou da Toscana italiana ou os Alpes da Suíça ou as cidades do Sul de Espanha, não as costas do Prata, mas não podiam afastar-se muito com *Le Libertin* por ali à espreita e ele precisava de se afastar de tudo e de todos com Isaura, nem sequer levariam com eles Trinaghanta.

Partiriam ao princípio da tarde e chegariam ao anoitecer à pousada de um catalão ao qual, dias antes, enviara uma carta. Apesar das limitações de Colonia, seduzia-o a ideia de caminhar com Isaura pelas ruas empedradas, comprar bugigangas, sentar-se num café e admirar o rio. Depois disso viajariam por terra até Montevideu, e poderiam ir até o teatro.

Os seus planos, apesar de pouco ambiciosos, ruíram quando ao meio-dia, enquanto ele e Melody almoçavam na casa de San José, um escravo de Valdéz y Inclán se apresentou com um bilhete. Blackraven leu: *Dom Alcides agoniza e pede a tua presença. Suplico-te que venhas quanto antes. Bernabela.* Não diria nada a Isaura até ter a certeza de que não se tratava de uma artimanha. Guardou a missiva no envelope e meteu-a no bolso.

— Algum problema, Roger?

— Nada, meu amor. — Pôs-se de pé. — Valdéz y Inclán precisa de me ver. Ainda está de cama com a infecção, por isso irei visitá-lo.

— Claro.

— Estarei de volta às três. Deves ter tudo pronto para essa hora.

— Gilberta e eu já acabamos de encher os baús. É só esperar por ti.

— Então deita e descansa um pouco, será bom para a viagem.

Gilberta — disse, dirigindo-se à escrava que estava junto à cabeceira da cama —, diz a Ovidio que não faça barulho com as ferramentas que a senhora condessa vai descansar.

— Sim, patrão Roger.

Com um sentimento premonitório, acelerou o passo através das estreitas veredas, evitando os transeuntes. Efrén veio abrir-lhe a porta e no seu estilo lacônico informou-o de que o doutor O'Gorman acabava de sair dali e que um sacerdote tomara o seu lugar à cabeceira do patrão Alcides. Entrou na sala e deparou com Bela e duas das suas filhas, a segunda e a terceira, Marcelina e María Virtudes, recém-chegadas dos seus retiros de férias em casa de famílias amigas. Levantaram-se em uníssono.

— Excelência! — declarou Bela. — Que amável da sua parte ter vindo tão depressa! Meninas, deixem-nos a sós.

As jovens abandonaram a sala.

— Oh Roger! — choramingou Bela. — O'Gorman acaba de me dizer que é uma questão de horas, que dificilmente passará desta noite. Valdéz y Inclán vai morrer e que vai ser de nós? Se não contarmos com a tua generosidade e proteção acabaremos na rua. Sabemos muito bem que tudo isto — e estendeu os braços para abarcar o espaço que a rodeava — é teu.

— Bela, acalma-te, por favor — disse Blackraven. — Tu e as tuas filhas não irão ficar na rua. Nada vos faltará.

— Obrigada, meu querido! — e abraçou-o.

O sacerdote pigarreou para denunciar a sua presença. Bela deu a volta, escondeu o rosto num lenço e começou a chorar.

— Resignação, dona Bela — pediu o sacerdote. — dom Alcides já se confessou e dei-lhe a extrema unção. Quando chegar a hora, partirá na graça de Nosso Senhor. — Dirigiu-se a Blackraven: — Excelência, dom Alcides pede para o ver.

— Obrigado, padre.

O ambiente no quarto de Valdéz y Inclán achava-se mergulhado em sombras e invadido por um cheiro intenso que se misturava com as cascas de alcanforeira que ferviam ao lado da cama. Roger aproximou-se da janela para a abrir.

— Não faças isso, a luz fere-me os olhos — explicou Alcides.

— O ar aqui está irrespirável.

— É o cheiro da morte, meu amigo.

Blackraven sentou-se junto à cabeceira. Ainda se via a cruz do santo óleo que o sacerdote tinha traçado sobre a testa de Alcides. Este levantou as pálpebras e olhou o seu sócio nos olhos. Em seguida falou pausada-mente, como se soletrasse e numa voz tão baixa que Blackraven teve de aproximar o ouvido.

— Não pareces impressionado com o meu aspecto. As minhas filhas fugiram quando olharam para mim.

— Mandaste-me chamar — recordou-lhe Blackraven, e Alcides soltou uma

débil gargalhada.

— Um homem de negócios até o fim, não é? — Blackraven não respondeu e continuou a observá-lo.

— Sim, mandei te chamar, assim como mandei chamar padre Celestino. Havia tantas coisas que precisava confessar.

— Isso não parece teu — declarou Blackraven. — Confessar-te? Para quê?

— Ah, Roger, o hálito da morte muda tudo. As imagens começam a dançar à nossa frente e mostram-nos o lado que não soubemos ou não quisemos ver no passado. Ultimamente dá-me para pensar em Almudena — referia-se à jovem que tinha violentado em Madrid décadas antes — e é como se o terror e o desespero dela se apoderassem de mim. E a seguir vêm-me à mente as outras. Miora... — balbuciou e fechou os olhos exausto e sem ar. — Não mereço esta paz. Esta paz é própria das criaturas como Miss Melody, não como eu. Tiveste sorte em encontrá-la, amigo. — Abriu os olhos e o seu olhar fez Blackraven estremecer. — Nada de bom ganharias se te unisses a uma mulher como a minha Bela. Ela e eu somos da mesma fibra, movidos pela mesquinhez. Tu, apesar de não seres um santo, és diferente, ainda te resta um pouco de decência.

— Há quanto tempo sabias?

— Quase desde o princípio. Ah, como te odiei! Bela era o meu bem mais precioso e tu me tinhas tirado. Mas tinha medo de ti e a minha única alternativa era tramar em silêncio a minha vingança.

— Que vingança? — Pensou a seguir em *Le Libertin*. — Revelaste a identidade de Marie Carpet?

— Não. A minha vingança era contra ti, não contra ela. — Deixou passar um momento até recuperar e com uma voz que transmitia angústia pediu-lhe: — Tens de me prometer uma coisa e jurar pela vida de Miss Melody que a cumprirás.

— Diz.

— Tomarás conta das minhas filhas como se fossem tuas. Pelo menos isso, tu deves-me.

— Fá-lo-ei.

— Jura pela vida de Miss Melody.

— Dou-te a minha palavra. É o suficiente.

— Não! Jura por ela, ela é a única coisa que conta para ti.

— Alcides, acalma-te.

Um acesso de tosse escureceu-lhe a testa e os contornos dos olhos.

Blackraven ajudou-o a soerguer-se e ficou impressionado: ele pesava muito pouco. Entre espasmos, Alcides balbuciou a palavra “sede”. Blackraven foi até a cômoda, onde encontrou uma grande desordem de frascos com líquidos e pós e,

sobre um prato, vários grãos de calomelanos. Havia um jarro com *orchata* que desprendeu um agradável aroma a amêndoas quando ele a deitou no copo. Vieram-lhe à mente as palavras que Somar havia proferido na cave de Bella Esmeralda. “E este, com cheiro a amêndoas, é cianeto.” A seguir lembrou-se da noite na casa de San José em que Bernabela lhe dissera: “Valdéz y Inclán não viverá para sempre, Roger.

Está velho e doente. Não lhe resta muito tempo. Então, tu e eu poderemos casar e ser felizes.”

— Tenho sede — insistiu Valdéz y Inclán.

Blackraven ajudou-o a sorver o líquido. A operação deixou-o extenuado. Mergulhou nos almofadões e deixou cair as pálpebras.

— Alcides, que te disse O’Gorman? Do que é que sofres?

Valdéz y Inclán moveu os lábios e Blackraven curvou-se para o ouvir.

— Simon...

— Simon?

— Simon Miles... — a sua garganta retesou-se, proferiu um som afônico e Blackraven identificou os estertores da morte. Pôs-lhe as mãos sobre os ombros e sacudiu-o.

— Alcides, diz-me! Que querias dizer-me sobre Simon Miles?

Valdéz y Inclán abriu os olhos de modo desorbitado, manteve-se inquieto até que conseguiu exclamar: — As minhas filhas! — e morreu.

Fecharam as janelas e cobriram os espelhos e os quadros com panos pretos. Colocaram um laço de crepom na porta principal e mandaram comprar tinta preta para tingir os vestidos. Contrataram as carpideiras, encheram a sala de velas e empurraram os móveis para criar espaço para o caixão e para as pessoas que viriam assistir ao velório. Não havia tempo para distribuir convites, o corpo deveria ser velado e sepultado quanto antes, pois começava a cheirar mal. Blackraven deu ordem para que fosse velado de caixão fechado, contrariando o protocolo, e para que o ar circulasse naquele fim de tarde abafadiço. Enquanto isso, a senhorita Leonilda, acabada de chegar de El Retiro com as sobrinhas, mandou acender os piveteiros e queimar essência de lima. Como Bernabela se tinha deixado cair num sofá a lamentar-se, foi ela que tomou as rédeas da casa, com firmeza e sensatez.

Melody foi buscar o vestido que tinha usado durante o luto do seu pai, aquele que lhe valera o nome de *Anjo Negro* e cobriu-se com um véu de renda que mandou comprar mal tomou conhecimento da morte de dom Alcides. Entrou na sala dos Valdéz y Inclán pelo braço do marido e apercebeu-se da hostilidade que provocava em dona Bela e em alguns dos seus convidados. Cumprimentou a viúva e deu-lhe os sentimentos em voz baixa.

Angelita manteve-se de mão dada com ela, reprimindo as lágrimas, pois Bela proibira-a de chorar.

— Gostaria que Víctor e Jimmy estivessem aqui — disse a menina.

— Eu sei — respondeu Melody. — Muito em breve voltarás para El Retiro.

— Acho que a minha mãe não me vai deixar voltar.

— Agora o senhor Blackraven é o teu tutor, foi essa a última vontade do teu pai, por isso é ele que decide o que deves ou não fazer.

— E a senhorita, Miss Melody, vai pedir a Sua Excelência que me deixe voltar?

— Claro que sim, não te preocupes.

— Obrigada, Miss Melody. A minha irmã Elisea está muito doente, não acha? Vou fazer-lhe companhia.

Melody observou a mais velha dos Valdéz y Inclán, afastada das irmãs e escoltada pelo seu noivo, Ramiro Otárola, e achou excessiva a sua angústia a julgar pelo pouco afecto que dom Alcides lhe inspirara em vida. Não conseguia determinar se prevaleciam os círculos escuros à volta dos olhos, a palidez do seu rosto, ou o contraste entre ambos. Deu com ela a olhar para o lugar onde estavam reunidos os escravos. Na verdade, Elisea contemplava Servando, que lhe devolvia o olhar com um descaramento que se dom Diogo se tivesse apercebido, certamente o teria mandado para o tronco. Elisea levou um lenço ao rosto para abafar as lá grimas, e Otárola inclinou-se para lhe dizer qualquer coisa ao ouvido. Não passou despercebido a Melody, o esforço que o yolof teve de fazer para se manter no seu lugar e não se aventurar para dentro da sala.

Mariano Moreno e a mulher cumprimentaram a viúva, e enquanto o advogado se entretinha a conversar com os seus amigos, Guadalupe dirigiu-se para o lugar onde estava Melody.

— Melody, que bom encontrá-la!

— Também é um prazer para mim, Lupe. E agradeço que não me tenha chamado condessa. — Lupe sorriu. — Aqui todos o fizeram e senti-me muito incomodada.

— Mariano e eu pensávamos que estivessem em viagem de núpcias, tendo partido logo a seguir à cerimônia.

— Era essa a nossa intenção, sim, partir às três da tarde. A notícia da morte de dom Alcides, por volta da uma hora apanhou-nos ainda na cidade. De certo modo é um alívio que não tivéssemos chegado a partir para Colonia. Como seria de esperar, o senhor Blackraven tratou de tudo.

— E o cunhado do senhor Valdéz y Inclán?

— Dom Diogo só sabe receber ordens — foi a resposta de Melody.

— Não estou a ver a senhorita Béatrice — mencionou Guadalupe depois de

lançar uma vista de olhos a sala.

— Ficou em El Retiro a tomar conta do meu irmão Jimmy e de Víctor. Não os confiaria a mais ninguém.

Uma escrava aproximou-se com uma bandeja de bebidas e procuraram um lugar afastado para se sentarem.

— Foi tão repentina a morte do senhor Valdéz y Inclán! — comentou Lupe. — Sabíamos que sofria de uma infecção séria, mas nunca imaginamos que pudesse ser mortal.

— Nós também não. Apanhou-nos totalmente de surpresa. Até ontem julgávamos que dom Alcides estava em franca convalescença.

— Lamento que isto tenha acontecido no dia a seguir ao seu casamento, mas dentro de algum tempo podereis voltar a pensar na sua viagem. — Melody assentiu. — O senhor Blackraven parece muito preocupado — comentou Lupe. — Segundo sei a amizade com Valdéz y Inclán vinha de há muitos anos.

— Sim, muitos anos, não sei quantos — admitiu —, mas eram efetivamente muitos.

Seguiu com o olhar a figura do marido que se deslocava de uma sala para a outra, conversando com as várias pessoas presentes. Agora que Guadalupe reparava melhor nele apercebia-se da severidade do seu semblante escuro. Estaria irritado com a morte inoportuna do seu sócio ou comovido com o seu desaparecimento? Viu-o afastar-se com Bela para outra sala e regressar muito incomodado.

— Continuo a pensar na construção de uma casa para abrigar os escravos velhos e doentes — declarou Guadalupe.

— Oh, sim, é uma ideia maravilhosa.

Conversaram sobre a viabilidade de levar a cabo uma empresa daquela envergadura, as possíveis dificuldades, analisaram com quem poderiam contar, em quem encontrariam oposição, qual a melhor localização geográfica da instituição, os serviços que iria prestar, quantos indigentes poderia acolher. Melody entusiasmou-se tanto com o projecto que se esqueceu que estavam num velório.

— Desculpe, senhora Moreno — interrompeu Blackraven, num tom cortante. — Despede-te, Isaura. Já é tarde, vou levar-te a casa.

Anoitecera havia pouco. Caminharam em passo rápido e em silêncio, com uma tempestade que os ameaçou até a porta de casa. Aí chegados, as primeiras gotas fustigavam os ladrilhos do caminho de entrada, Blackraven abraçou-a e começou a beijá-la. Melody percebeu a tristeza de Roger nos seus lábios e nas suas mãos, e soube por instinto que não estava triste mas aborrecido.

— Eras a única pessoa autêntica naquela sala — disse-lhe ao ouvido,

arrastando-a até o quarto.

Duas horas mais tarde, Blackraven dormia despido e Melody dedicava-se a observar cada detalhe do seu corpo. Bateram à porta. Era Gilberta com o jantar.

— Obrigada — sussurrou Melody, pegando na bandeja. — É muito tarde, vai dormir.

Colocou os pratos sobre uma pequena mesa, serviu porções de sável e legumes fritos e encheu os copos com vinho tinto. Ouviu Blackraven sair da cama e aproximar-se. Esperou por ele sem se voltar, contendo a respiração até sentir que as suas mãos lhe apertavam a cintura e os seus lábios lhe tocavam no pescoço.

— Boa ideia — disse ele, naquela sua voz baixa e rouca. — O ímpeto como te amei abriu-me o apetite.

— Não comeste nada durante todo o dia — queixou-se Melody — e, com tantas andanças, calculei que deverias estar esfomeado.

Sentiu-o mais descontraído enquanto comia, mas de repente, pousou os talheres sobre o prato.

— Não sabes como lamento tudo isto, meu amor. Que tenha estragado a nossa lua-de-mel. Queria afastar-me daqui contigo durante uns dias, só pensava que íamos ficar sozinhos.

— Agora estamos os dois sozinhos, Roger. Partilhar esta refeição contigo, aqui no nosso quarto, é tão maravilhoso para mim como a mais sumptuosa viagem de lua-de-mel.

Blackraven ficou calado, a olhá-la, as palavras de Alcides ressoando na cabeça: “Tiveste sorte em encontrá-la, amigo.” Estendeu a mão, agarrou Melody e obrigou-a a sentar-se nas suas pernas.

— Sentes-te bem? — quis saber ela.

— Muito bem, porque estou contigo.

— A morte de dom Alcides afetou-te, não é verdade?

— Apanhou-me de surpresa — admitiu, acrescentando de seguida: — É claro que sentirei a sua falta. Aquele pobretanas fazia parte da minha vida havia anos.

— Claro.

— Depois do enterro — disse Blackraven —, voltarás para El Retiro com Somar. Eu vou ficar aqui para tratar de alguns assuntos.

— Poderei levar a Angelita comigo? Pobre menina, não quer ficar em sua casa.

— Tratarei disso.

Depois de uma missa de corpo presente em São Domingo, efetuou-se o enterro no cemitério da mesma igreja, de acordo com as indicações do próprio

Valdéz y Inclán. Dias antes, tinha mandado comprar um hábito dos Dominicanos para ser usado como mortalha e efetuara um donativo ao convento que constituía a maior parte das suas poupanças. Ambas as atitudes abalaram Blackraven. O seu sócio havia sofrido uma profunda transformação às portas da morte que o libertara das suas misérias morais, levando-o a confessar os seus atos mais mesquinhos.

Não conseguia tirar da cabeça o nome de Simon Miles. Se a vingança não envolvia *Le Libertin*, quem então? Não conseguia resolver aquele quebra-cabeças. Por outro lado, parecia-lhe que aquele aroma a amêndoas da bebida de Alcides havia impregnado as suas fossas nasais.

Depois do enterro, trocaria algumas palavras com O'Gorman para tirar algumas dúvidas. O instinto dizia-lhe que o seu sócio tinha sido assassinado e não lhe agradava a insistência com que lhe vinha à memória o nome de Bernabela sempre que pensava no assunto.

De pé, ao seu lado, Isaura ouvia o sermão com o olhar ausente. Em que pensaria? Em Jimmy, provavelmente, na tristeza de Angelita ou na petição de algum escravo, em Víctor talvez ou em Rogerito a quem se havia afeiçoado. Em qualquer pessoa menos em si própria. Perguntou-lhe ao ouvido: — Em que pensas?

— Em Elisea. A Angelita disse-me que ela acordou maldisposta, com uma febre muito alta.

Felizmente, Isaura sairia dali dentro de poucas horas, levada por Somar, afastando-se das misérias humanas que ele teria de enfrentar de novo mal chegasse ao fim aquela farsa a que assistiam.

Se alguma vez tinham chegado aos ouvidos do doutor O'Gorman comentários sobre o *affaire* do conde de Stoneville com Anita Perichon, esposa do seu sobrinho omas, o médico não o deixou transparece quando Blackraven lhe fez perguntas sobre as circunstâncias da morte de Valdéz y Inclán. As suas respostas não trouxeram grande luz, o médico parecia desorientado e não conseguia explicar como dom Alcides, que não era homem de grandes abusos, desenvolvera uma gastrite tão grave.

Havia-lhe prescrito o tratamento habitual em casos semelhantes, sais de Edlitz, um tônico para lhe repor as forças e uma dieta rigorosa. No final da doença lançou mão a uma sangria.

— Mandou-o tomar calomelanos?

— Não — estranhou O'Gorman. — Dom Alcides tomou? Seria sem dúvida inconveniente pois indica-se em casos de obstrução.

— Doutor — disse Blackraven antes de se despedir dele —, poderei contar com a sua amabilidade para fazer uma visita à senhorita Valdéz y Inclán?

Informaram-me que está de cama com febre muito alta.

— Achei estranho não a ver durante as exéquias — comentou O'Gorman. — Claro que irei, em menos de uma hora passarei por lá.

Blackraven voltou ao túmulo de Alcides, onde um mestiço, escravo dos Dominicanos, lançava terra sobre a sepultura. Quando o viu, o rapaz interrompeu o trabalho, pôs os olhos no chão e guardou silêncio, retorcendo as mão sobre o cabo da pá.

— Como te chamas?

— Siberio, senhor.

— Toma — disse Roger, estendendo-lhe um dobrão para o qual o rapaz ficou a olhar. — Vá, toma. Receberás outro igual esta noite se me abrires o portão do cemitério por volta da meia-noite.

Para Siberio, aquele pedido não era particularmente incomum, já lhe ocorrera lidar com pessoas que adoptavam condutas extravagantes em relação aos mortos. O que era insólito era a generosa quantia que aquele homem de sotaque estranho lhe oferecia. Era a primeira vez que tinha na mão um dobrão.

— Está bem, senhor — murmurou. — Esta noite, por volta das doze.

— Vais arranjar mais duas pás e ajudarás a desenterrar o caixão. Está entendido?

— Perfeitamente, senhor.

Na casa da calle de Santiago, Blackraven voltou ao quarto de Alcides e descobriu que a cômoda estava vazia de frascos. Os calomelanos tinham igualmente desaparecido. Chamou Bernabela ao escritório.

— Decidi que amanhã de manhã. Covarrubias procederá à leitura do testamento de Alcides. Como sabes, antes de morrer, ele fez um donativo mais do que generoso aos Dominicanos, quase a totalidade do que tinha. Doou, inclusivamente, as pratas.

— Como se isso pudesse comprar-lhe um lugar no Paraíso, o imbecil — lançou Bela.

— Decerto deixou escrito no testamento que eu passarei a ser o tutor das suas filhas. Também mo pediu antes de morrer. Por isso elas passam a estar a meu cargo a partir deste momento. Nada lhes faltará e cada uma delas chegará ao casamento com um dote digno de uma Valdéz y Inclán.

— Obrigado, querido.

— Quanto a ti e à tua irmã, senhorita Leo, podeis ficar tranquilas.

Vivereis sob a minha proteção e não vos faltarão as comodidades a que estais habituadas. Naturalmente, tudo isso mudará se voltares a casar-te.

— Nunca voltarei a casar-me! Se não for contigo, não será com mais ninguém! Que ironia! Agora que eu estou livre e que poderíamos iniciar uma

vida juntos, estás tu amarrado.

Blackraven continuou a falar com uma expressão de enfado.

— Quanto ao teu irmão Diogo, terá de ganhar o alojamento e o que leva à boca. Previno-te, Bela, não quero interferências neste sentido. Diogo demonstrou habilidade para lidar com os escravos e será útil na fábrica de curtume. Trabalhará de sol a sol ou será forçado a abandonar esta casa.

— Como quiseres, Roger.

Bernabela acompanhou-o ao vestíbulo.

— De que falavas com O'Gorman depois do enterro?

— Das estranhas circunstâncias que rodearam a morte do teu marido — respondeu Blackraven.

— Estranhas circunstâncias? — estranhou, um pouco incomodada. — Muito estranhas, de fato. Foi de admirar que não tivesse morrido antes com a quantidade de *brandy* que metia no bucho.

— Alcides bebia moderadamente, sabes isso muito bem. A única vez em que o vi embriagado foi naquela noite em Londres, quando o conheci.

— Pois alguma coisa lhe fez mal. Alguma coisa lhe desfez as tripas e o estômago porque a única coisa que fazia era vomitar e defecar. Bendita a hora em que morreu. Já não lhe suportava o cheiro, que náusea.

Ficou com os punhos fechados, junto ao corpo e os olhos avermelhados fixos nos de Blackraven.

— Boa-tarde — disse Roger, enojado.

Meteu pela calle de la Santísima Trinidad, em direção à casa da viúva de Olazábal, onde o doutor Samuel Redhead tinha uns aposentos alugados.

Como não o encontrou, pediu o necessário para lhe escrever um bilhete.

Espero que os dias em que te dedicavas a dissecar corpos em Londres, estejam frescos na tua memória. Vir-te-ei buscar esta noite por volta das doze.

Não assinou a mensagem, o selo com a águia bicéfala, símbolo dos Guermeaux seria suficiente para Samuel.

Parou a carruagem frente à casa da viuva de Olazábal à hora marcada, numa noite sem lua. Levantou a lamparina de sebo e moveu-a três vezes em círculos. Ouviu-se o chiar dos gonzos e o som de passos regulares. A figura embuçada que emergiu das sombras subiu para a boleia sem proferir palavra e acomodou a sua maleta debaixo do assento. Redhead só falou ao fim de alguns quarteirões.

– Soube que enterraram o teu sócio, Valdéz y Inclán. Será vã presunção minha ou esta excursão noturna tem algo a ver com o fato?

— Não é presunção vã — confirmou Blackraven. — Enterramos no cemitério dos Dominicanos. É para lá que vamos agora.

— Alguma suspeita fundamentada que justifique perturbar o eterno descanso

do bom homem ou simplesmente perdeste o pouco juízo que te restava e vais arrastar-me na tua loucura?

Blackraven riu-se baixinho.

— Nunca fui um homem sensato, como sabes. — Redhead emitiu um som ininteligível em jeito de anuência. — Mas julgo que esta noite esclareceremos uma suspeita: Valdéz y Inclán foi envenenado. Desejo apenas prevenir-te de uma coisa: o cadáver está em muito mau estado.

— Posso imaginar. O calor que tem estado não deve ter ajudado — comentou o médico.

O portão do cemitério dava para a calle del Rosario, por detrás do convento, solitária e com fraca iluminação assim como a maioria das ruas do bairro de Monserrat. O mestiço, cumprindo a sua parte do acordo, facilitou-lhes o acesso. Avançaram pelo meio das lápides e estátuas de anjos até vislumbrarem no chão uma lamparina que iluminava um sector de terra removida. Siberio já tinha começado a cavar.

Não houve qualquer troca de palavras. O escravo entregou-lhes as pás e continuou o seu trabalho, enquanto Redhead e Blackraven tiravam os casacos, arregaçavam as mangas e se lançavam ao trabalho. Não tardou muito até ouvirem o ruído da pá na madeira. Retiraram o caixão com ajuda das mesmas cordas que o haviam feito descer. Estavam ambos exaustos, principalmente Redhead. Armado de maça e escopro, Blackraven bateu até abrir a tampa. O fedor obrigou-o a cambalear e a cobrir o rosto com o braço.

— Toma — indicou Samuel — passa isto debaixo das fossas nasais — e entregou-lhe uma barra transparente de cânfora.

Envolveram o cadáver num pano preto e levaram-no até a parte de trás da carroça.

— Bom trabalho — disse Blackraven, lançando a Siberio outro dobrão.

— Devolveremos antes do amanhecer.

A rua estava mergulhada num silêncio lúgubre, apenas quebrado pelo chiar das rodas. Blackraven meteu a mão dentro do casaco e retirou um envelope com o qual tocou no braço de Redhead para lhe chamar a atenção.

— Que é isto?

— Toma — indicou Roger. — Contém dados valiosos. Considera-o parte do pagamento pelos serviços que estás a prestar-me esta noite.

Redhead soltou uma risadinha breve e irônica antes de perguntar: — E que tipo de dados são esses que tu consideras “valiosos”?

— Tens aí informação detalhada sobre um grupo de franceses de ascendência jacobina que pode muito bem estar relacionado com o que investigas. Soube do novo assassinato — referiu.

— Por que não acho estranho que saibas? — perguntou Redhead, acrescentando em seguida: — Como vês, mantenho-me ocupado.

Na casa de San José levaram uma mesa para o pátio principal, onde a brisa dissiparia os maus cheiros e cobriram-na com um oleado antes de acomodar o corpo de Valdéz y Inclán.

— E os criados? — preocupou-se Redhead, enquanto organizava os instrumentos.

— São poucos e dormem longe desta zona. Não há riscos. Estas duas lamparinas serão o suficiente?

— Sim. Vou precisar de lavar as mãos. Além disso, quero que me tragas uma bacia e uma esponja para limpar o corpo.

Além de médico, Redhead era um hábil cirurgião, daí a destreza com que efetuou pequenas incisões no baixo ventre a fim de libertar os gases acumulados.

— Afasta-te — ordenou. — Não estás habituado a estes cheiros nem a estas imagens.

Blackraven sentou-se a alguma distância de onde ficou a contemplar o trabalho do seu amigo. Saltava à vista que seguia um método. Começou por examinar o corpo por fora, da cabeça até os pés, inclusive dentro da boca, nos ouvidos, entre os dedos, debaixo das unhas, levantou-lhe as pálpebras e os genitais. Acabado esse meticuloso exame externo, injetou um líquido na veia do braço direito e aguardou alguns minutos antes de começar a utilizar a série de instrumentos, alguns mais delicados, outros de maior envergadura para exercer pressão ou levar a cabo trabalhos mais grosseiros. De vez em quando, limpava as mãos e fazia algumas anotações.

Duas horas mais tarde, Redhead devolveu os órgãos ao corpo e fechou-o com uma costura tosca. Lavou as mãos e os braços com uma barra de sabão que retirou da sua maleta. Vinha a secar-se quando se aproximou de Blackraven.

— Entre outros indícios exteriores, como o avermelhado da pele, a dissecção revelou uma profunda corrosão da parede estomacal e uma importante inflamação do músculo do piloro.

— Que significa isso? — inquiriu Roger.

— Disseste-me que ele tinha bebido horchata e que calculas que lhe tenham dado grãos de calomelanos. — Blackraven assentiu. — Isso explicaria o estado do seu aparelho digestivo. É assim: o calomelano contém cloreto de mercúrio e a orchata de amêndoas amargas, ácido cianídrico ou ácido prússico. Ao misturá-los, combinam-se no estômago e trans-formam-se em cianeto de mercúrio, mortal para qualquer pessoa. Existe outra possibilidade: a de que lhe tenham fornecido o veneno diretamente, dissolvido na orchata e que a ação do calomelano tenha servido apenas para acelerar o processo.

— Nesse caso — concluiu Blackraven —, o meu sócio morreu envenenado.

— Pelo estado do estômago e por outras particularidades, eu diria que sim. O cianeto é um dos venenos que atuam com maior rapidez.

Sob a forma de ácido cianídrico e nos seus sais sódico e potássico é de uma toxicidade elevadíssima. Numa dose muito forte poderia matar em poucas horas. — Redhead fez uma pausa antes de declarar: — A pessoa que determinou o envenenamento do teu sócio é uma perita na matéria.

Amanhecia. Cansado, sujo e de mau humor, Blackraven dirigiu-se a casa de Valdéz y Inclán. Entrou pelas traseiras e assustou as escravas que procuravam lenha para acender o fogo da cozinha.

— Onde está Cunegunda? — inquiriu com maus modos.

— No quarto dela, patrão Roger — respondeu Gabina.

Como a porta estava fechada à chave, Blackraven abriu-a com um pontapé. A escrava não se alterou e permaneceu sentada no seu catre com um pintinho que se revolvia entre as suas mãos. Tinha as patas atadas com uma fita vermelha, enquanto Cunegunda se preparava para lhe amarrar o bico.

— Solta esse animal, velha bruxa. Imediatamente!

Blackraven empurrou o pintinho pelo chão com a biqueira da bota e fechou a porta. O espaço pareceu-lhe menor. Sem se mexer, passeou o olhar, examinando os frascos, as ervas secas e os sacos pendurados na parede. Cunegunda persistia no seu mutismo. A cabeça baixa e as mãos unidas e apertadas. Tinha medo do patrão Roger porque este possuía uma vontade de ferro.

— Dá-me essa caixa que tens debaixo da cama.

— Que procura, patrão Roger?

— Dá-me a caixa.

Despejou o conteúdo em cima do enxergão: um sapo seco com a boca e os olhos costurados, uma lagartixa com várias agulhas espetadas nas costas, maços de ervas atados, conchas, búzios, pedras coloridas, pedaços de tecido, bonecas com enchimento de palha com alfinetes espetados em diversas partes do corpo, tudo menos um frasco com cianeto ou grãos de calomelano.

Retirou os sacos da parede e lançou-os sobre a cama. Cunegunda chorava. Blackraven deu um nó à manta e, aos gritos, chamou por Gabina.

— Diga, patrão Roger.

— Acende uma fogueira no meio do pátio e queima tudo isto, já. Vá, garota, não fiques aí parada a olhar para mim.

— Não, patrão Roger — suplicou Cunegunda.

— Cala-te, bruxa! — e voltou a fechar a porta. — Se não queres acabar os teus dias na fogueira por praticar bruxaria, começa já a falar. Diz-me onde escondes o cianeto com que assassinaste Valdéz y Inclán.

Cunegunda experimentou um momento de terror. Ajoelhou-se e ergueu as mãos como se invocasse a Deus.

— Estou inocente!

— Inocente como o demônio, velha manhosa! Fala, estou a começar a perder a paciência. Diz-me onde escondeste o cianeto. Fala! — e agarrando-a por um braço, obrigou-a a pôr-se de pé.

Sabas abriu a porta e ficou pasmado. A sua mãe chorava porque o patrão Roger a sacudia com brutalidade.

— Se nesta casa alguém morreu envenenado, tu tens a ver com isso. Será melhor que me confesses a verdade a mim e não aos guardas do Cabildo. Eles têm métodos tão eficazes quanto dolorosos.

— Largue-a! — gritou Sabas, ganhando coragem para intervir.

Blackraven voltou-se, lançou-lhe um olhar sinistro e empurrou-o para fora do quarto, voltando a fechar a porta com o pé.

— Tu e o teu filho vão terminar os dois nas masmorras do Cabildo, pois decerto tramaram isto juntos. Vamos, vou levar-vos para lá agora mesmo, para que enfrentem a autoridade.

O grito de Cunegunda foi aterrador, tanto que Sabas se atreveu a entrar de novo. A mãe lançara-se aos pés do patrão Roger e, agarrada às suas pernas implorava piedade.

— Não fui eu! — insistia, lavada em lágrimas. — Eu não envenenei o patrão Alcides!

— Diz-me então quem foi que o envenenou. Diz-me ou tu e o teu filho irão apodrecer na prisão.

— A senhora Enda! — confessou, lançando um grito estridente depois de proferir a confissão. — Foi ela, a senhora Enda, a tia de Miss Melody — e pôs os olhos no chão.

Aquela revelação teve em Blackraven o efeito de um soco. Começou por se sentir extremamente confuso, ofuscado pelo clarão de um relâmpago e voltou a ver a mulher debaixo do carvalho de Bella Esmeralda, encharcada e com os olhos postos na janela. Havia algo de maléfico naquele olhar, algo poderoso e perverso que arrepiava. A confissão de Cunegunda deixou-o arrasado. A escrava voltou a falar com o modo sereno de quem já não tem nada a perder.

— A senhora Enda tinha fama de envenenadora. Então, dona Bela prometeu dizer-lhe onde poderia encontrar Miss Melody se em troca ela a ajudasse a livrar-se do marido.

Bernabela dormia tranquilamente. Na noite anterior havia recuperado a liberdade depois de muitos anos. Agora, com o marido debaixo da terra e a certeza de que nada lhe faltaria, experimentava uma sensação de bem-estar e

segurança que a faziam sentir-se invencível e, apesar de lhe faltar o que mais desejava, dizia de si para consigo que, mais tarde ou mais cedo, Blackraven voltaria para os seus braços.

Acordou com um estrondo e levantou-se soltando um grito. Blackraven avançava para ela a passos rápidos. Alegrou-se ao vê-lo e esteve quase a lançar-se nos seus braços, chamando-o "querido", quando percebeu seu semblante ameaçador. Sentiu a boca seca, ao mesmo tempo que as palavras morriam na sua garganta. Paralisava-a, sobretudo, o silêncio com que se aproximava dela. Puxou-lhe os lençóis num gesto de grande brusquidão e arrastou-a para fora da cama, levando-a para o toucador onde lhe mergulhou a cabeça por diversas vezes na bacia. Empurrou-a para uma cadeira e atirou-lhe uma toalha à cara.

— Agora que já estás bem acordada vamos ter uma conversa. Antes de mais, é bom que saibas que acabo de estar com a bruxa negra que tens como aliada. A confissão dela foi muito esclarecedora.

Bela deu-se conta de que se negasse ele ficaria ainda mais furioso.

Cunegunda tinha falado e voltaria a fazê-lo frente às autoridades se necessário fosse para salvar a pele. Não tinha dúvidas a esse respeito.

Também não podia confiar em Diogo, pois ele não hesitaria em denunciá-la para se livrar de apuros. Reviu as suas possibilidades e percebeu que estava encurralada. De uma forma ou outra, a morte do marido constituía para ela uma acusação. Contou-lhe tudo, certa de que ele jamais a mandaria para a prisão, quer fosse por um ato de piedade ou para preservar o seu bom nome que estava associado ao de Valdéz y Inclán.

— Soubemos que Miss Melody era de Capilla del Señor.

— Quem te deu essa informação?

— Cunegunda ouvi-a entre os escravos.

— Isaura nunca disse a ninguém de onde era. Ninguém sabia. Diz-me como obtiveste essa informação! — torceu-lhe o braço, obrigando-a a gritar.

— Do irmão de Miss Melody — admitiu. — Ele não se mostrava tão renitente em ocultar a sua origem. Comentou diante de Sabas e este contou a Cunegunda.

Se tivesse o cunhado na frente, Blackraven ter-lhe ia batido naquele momento.

— Continua.

— Pedi a Diogo que fosse investigar porque tinha um palpite de que havia algo oculto na vida de Miss Melody, algo que poderia servir-me para te afastar dela. Diogo foi até lá e conheceu Enda Feelham. Primeiro, conversando com os habitantes da terra, ficou a saber da sua reputação de louca. Houve até quem lhe tivesse dito que era uma bruxa e uma hábil envenenadora. Quando a conheceu,

Enda mostrou-se muito interessada em saber qual tinha sido o destino da sobrinha, mas Diogo nada lhe disse. Apareceu dias mais tarde em Buenos Aires e apresentou-se aqui em casa. O resto não é difícil de imaginar. Eu tinha uma informação que Enda Feelham pretendia, ela, por sua vez, poderia ajudar-me a desfazer-me do homem que eu já não conseguia suportar.

— Podia ajudar-te a matar dois coelhos de uma cajadada — declarou Blackraven. — Isaura e Alcides. Com um golpe de mestre, desfazias-te das duas pessoas que te atrapalhavam os planos.

— Sim — admitiu Bela.

— Diz-me onde se esconde Enda Feelham.

— Não sei. É a pura verdade. Vi-a pela última vez há algum tempo, quando me trouxe o veneno e me deu todas as explicações. Depois disso não voltei a ter notícias dela.

Blackraven deambulou pela sala, os olhos postos no chão.

— Que vais fazer comigo? — aventurou-se Bela a perguntar. — Vais mandar-me para a prisão?

— E arruinar a reputação das tuas filhas?

— Que farás então? Vais perdoar-me em nome dos bons velhos tempos?

Blackraven soltou uma gargalhada fria. Ela sabia que aquele homem podia ser impiedoso — Alcides dizia-o muitas vezes —, mas só nesse momento acreditou plenamente.

— Perdoar-te? Poderia ter compreendido que desejasses ver-te livre de um marido ao qual te venderam quando eras pouco mais velha do que a mais nova das tuas filhas, um homem velho que detestaste desde o primeiro momento, mas nunca compreenderei e menos ainda perdoarei que tenhas causado dor a quem mais amo neste mundo movida por um capricho. Pagarás caro pela tua ousadia.

Bernabela pôs-se de pé em silêncio e avançou até se deter frente a Blackraven. Suportou o seu olhar, aguardando a sentença.

— Entrarás para um convento de clausura onde permanecerás até o dia da tua morte. Diremos que foi uma jura que fizeste a Alcides no momento do seu último suspiro. Talvez nesse lugar emendes a tua alma e expies as tuas atrocidades.

— Maldito sejas, Roger Blackraven, tu e a tua descendência! Passarei os anos que me restam de vida a maldizer-te!

Blackraven fechou a porta à chave e mandou pôr grades na janela.

XXVI

Miss Melody desejava vê-lo na sua sala particular. Acabou de se vestir e correu à cozinha.

— Posso entrar, Siloé?

— Claro que sim, Servando. Há tempo que a senhora te mandou chamar.

”A senhora condessa”, repetiu, também ele intimidado pelo luxo daquela mansão onde não gostava de entrar. Tirou o lenço da cabeça e avançou até a parte principal. Encontrou os meninos que o cumprimentaram afectuosamente e esteve quase a perguntar a Angelita pela sua irmã Elisea.

— Entra, Babá, e fecha a porta.

Ficou parado junto da entrada, esperando que Miss Melody, muito bonita e muito elegante, sentada junto à secretária que o patrão Roger lhe tinha comprado depois do casamento, acabasse de escrever. A luz do crepúsculo delineava o seu perfil suave e banhava-lhe a cabeleira arrancando raios de ouro e cobre aos seus caracóis. Os traços elegantes da pena e o aroma do patchouli que ardia num fumeiro acentuavam a paz da pequena sala. Miss Melody deixou secar a tinta, da carta, sacudindo-a. Em seguida, dobrou-a e meteu-a no envelope.

— Anda, Babá, vem sentar-te ao meu lado.

— Não está certo um escravo sentar-se nos móveis dos senhores.

— Anda cá, imediatamente e senta-te ao meu lado. E não te atrevas a chamar-me “senhora condessa”. — Servando esboçou um sorriso sincero. — Vamos, anda lá que eu sou a mesma pessoa de sempre.

O yolof sentou-se à beira de uma cadeira.

— Toma — disse Melody, entregando-lhe um sobrescrito. — Preciso que o entregues ao meu irmão.

Melody serviu café em duas xícaras e entregou uma ao escravo.

Este nunca bebera café e menos ainda numa xícara tão requintada.

— É muito saboroso — declarou Melody, apresentando também um prato com argolas doces e filhós. — Vá, come, deves estar esfomeado. É bom, não é verdade? — disse, referindo-se ao café. — O senhor Blackraven traz do Haiti, da fazenda de um amigo. Ele diz que essa ilha do Caribe tem o melhor clima para o cultivo do café. Já ouviste falar do Haiti? — Servando sacudiu a cabeça, mas sabia perfeitamente onde era o Haiti. Há uns meses, uns marinheiros negros tinham-lhe falado dessa ilha, pois ali havia insurreição e lutas.

— O senhor Blackraven diz que é um lugar paradisíaco, com vegetação exuberante e um clima temperado durante todo o ano. Gostaria de o conhecer um

dia. — Fez uma pausa para beber o café. — Acabo de voltar da cidade — disse subitamente. — Não queres saber notícias de ninguém?

Servando levantou os olhos. Pensou que Melody se referia a alguma das escravas da casa da calle de Santiago, que ele deixara grávida, por isso ficou bastante abalado quando Melody lhe falou de Elisea. Tremeram-lhe as mãos e a xícara tilintou sobre o pires.

Como a saúde de Elisea decaía desde a morte de dom Alcides e nenhum esforço parecia suficiente para a restabelecer, Melody, depois de cumprir os rituais de Quarta-Feira de Cinzas, decidiu ir visitá-la. Entrou no quarto sem bater à porta e encontrou Maria Virtudes, a terceira filha de dom Alcides atarefada a dar um nó a uns trapos que lhe pareceu estarem cheios de sangue.

— Mostra-me isso — ordenou-lhe, e a jovem, subitamente pálida, voltou-se para a doente como que pedindo-lhe instruções. — Deixa-me ver isso, María Virtudes.

Estavam efetivamente empapados em sangue, demasiado sangue para se tratar do período. Elisea sofrera uma hemorragia que, com a cumplicidade da irmã, ocultara do doutor O'Gorman.

— Por favor, María Virtudes, queima isto — e passou-lhe os trapos — agora mesmo.

— Sim, senhora condessa.

Melody sentou-se junto à cama e estudou o semblante de Elisea que já não apresentava aquela expressão altiva tão semelhante à da mãe.

Tinha perdido peso, nada restava do seu viço.

— Conta-me a verdade — pediu-lhe — prometo ajudar-te. — A jovem ficou tensa e mordeu o lábio para não chorar. — Que há entre ti e Servando?

A surpresa deixou-a paralisada. Entreabriu os lábios e as mãos. O azul-turquesa dos olhos de Miss Melody tornou-se resplandecente, ultra-passando a órbita dos seus olhos, encobrindo-lhe as feições e dominando tudo à sua volta. Sentiu muita paz. Contou-lhe, precisava de o fazer, não parou para pensar nas consequências nem se interrogou se poderia ou não confiar nela. Tranquilamente, em voz baixa, devido à sua debilidade, começou a narrar-lhe a sua história e a de Servando, uma bela história de amor, disse, ainda que com um final de tragédia grega.

— Vou buscar-te um chá.

Melody voltou com uma infusão de lúpulo que lhe deu a beber sem uma palavra. No final, informou-a: — Mandei chamar Papá Justicia para que te trate. Ele saberá o que fazer.

— Miss Melody, eu não quero tratar-me, só quero morrer. Deixe-me morrer.

— Elisea, compreendo que estes tenham sido tempos muito duros para ti,

mas não percas a esperança. Quando estiveres boa, virás de novo para El Retiro, onde a tua convalescência será rápida. Agora pensa só em deixares esta cama. Vamos encontrar uma solução.

— Miss Melody — protestou, sem forças —, não está a compreender. Eu não quero viver.

— Terás outros filhos — objetou, mas vendo como Elisea se alterava, mudou de assunto.

Pouco depois apareceu Justicia que tomou o lugar de Melody junto da cama. Olhou para os olhos da paciente, afastou-lhe a pálpebra inferior, observou-lhe a língua e as gengivas, palpou-lhe a barriga e o baixo ventre, ouviu-lhe o coração e fez-lhe várias perguntas. Receitou duas beberagens e chamou Melody à parte.

— Esta criatura não tem um mal físico. O mal está-lhe no coração.

Está a deixar-se morrer de tristeza e desespero.

— Miss Melody — chamou Elisea antes que ela se fosse embora —, como foi que soube? Como soube da minha relação com Servando? Foi ele que lhe disse ou já há murmúrios a respeito de nós?

— Ele não me disse nada e ninguém murmura. Reparei na maneira como vocês se olhavam no dia do velório do teu pai, e, de repente, algumas coisas fizeram sentido dentro da minha cabeça, os teus desaparecimentos de El Retiro, por exemplo, que deixavam a tua tia tão preocupada.

Servando, cabisbaixo, ouvia Miss Melody e passava a mão pelos olhos.

— Lamento o que aconteceu ao menino, Babá. Segundo o Papá Justicia, perdeu-o devido ao seu estado de debilidade. Sabes que convalescia de uma infecção. As emoções que sofreu com a perda do pai e a entrada da mãe para um convento não ajudaram nada. Achei que deverias saber.

— Obrigado, Miss Melody.

— Babá, tu és a única pessoa que pode tirar Elisea daquele estado.

Papá Justicia diz que ela se está a deixar morrer, que perdeu a esperança.

— Sei o que isso é — afirmou o yolof. — No barco, quando me trouxeram para o Rio da Prata, vi morrer muitos dos meus dessa maneira. Um pouco mais cada dia, não comiam, não bebiam, não falavam, apenas dormiam e olhavam um ponto fixo. Muitos deles morreram assim, de tristeza.

— Vou arranjar tudo para que possas vê-la. Deixa-me pensar na melhor maneira que eu depois comunico-ta. O senhor Blackraven quer que Elisea se case com Ramiro Otárola mal atinja o período do meio luto. Tratarei de o convencer a desistir dessa ideia.

— Talvez seja melhor que Elisea case com alguém da sua condição, Miss Melody. Que futuro teria uma jovem como ela junto de um negro como eu?

— Não me venhas agora com esses disparates. Deverias ter pensado nisso

antes de teres feito com que a pobre garota se apaixonasse por ti.

Será infeliz se casar com Otárola ou morrerá de desgosto.

— Não há lugar neste mundo para um amor como o nosso.

— Eu sei, mas não me massacres com o teu pessimismo.

— Vai contar ao patrão Roger?

— O senhor Blackraven tem demasiadas preocupações para eu ir incomodá-lo com mais uma. O importante agora é ajudar Elisea a recuperar a saúde. Depois veremos qual é a melhor solução.

Nessa noite, Servando fez uma visita ao acampamento dos almocreves. Cumprimentou Tomás e Pablo e sentou-se com eles à volta da fogueira. Comiam carne assada com a mão, tendo apenas o facão como ajuda. Esperou que eles terminassem para lhes anunciar: — Eu abandono a revolta.

— Que dizes? — disse Tommy num tom aborrecido.

— Servando, faltam só algumas semanas para o ataque — declarou Pablo —, não podes abandonar-nos agora.

— Abandono — asseverou. — até o dia de ontem esta revolta era a coisa mais importante para mim. Pensava em vingar-me, em matar brancos, era só nisso que pensava. Mas hoje... Hoje tudo mudou e a revolta não me interessa mais. Tenho coisas mais importantes a fazer.

— Que pode haver mais importante do que a tua liberdade — vociferou Tommy, mas Servando não lhe deu resposta.

— Isto é para si, dom Tomás — disse, entregando-lhe o sobrescrito. — De Miss Melody. Agora vou-me embora.

— Sim, vai-te embora, negro covarde! — vociferou Tommy, arrancando-lhe a carta das mãos.

— Adeus Servando — disse Pablo.

— Adeus.

Melody vestiu o robe e foi até a varanda. El Retiro estava guardado e iluminado com centenas de archotes que ardiam durante a noite. Vários homens armados percorriam todo o espaço nos quatro pontos cardeais.

Blackraven falara-lhe dos ladrões e desocupados que assolavam a região, mas mesmo assim aquilo parecia-lhe um pouco exagerado.

Julgou ouvir o som das suas botas nas tábuas do corredor e voltou ao quarto. Aguardou-o expectante, receando que se tratasse de Somar que costumava deambular pelo andar de cima quando Blackraven passava a noite na cidade. A porta abriu-se e lá estava ele. Melody correu para os seus braços.

— Voltaste! Já tinha perdido a esperança de te ver esta noite.

— Teria sido sensato ficar em Buenos Aires — admitiu ele —, mas só pensava em estar contigo. Cavalguei como um demônio até aqui.

Beijaram-se e Blackraven deu-se conta de que a ansiedade o tornava brusco e exigente.

— Desejo-te tanto — justificou-se, levando-a ao colo para a cama.

Melody pensou que talvez ele tivesse fome; que poderia ir até a cozinha buscar-lhe qualquer coisa para comer, ou talvez preparar-lhe um banho e passar-lhe a esponja pelo corpo para o tranquilizar. Mas pôs a ideia de parte mal ele a deitou sobre o colchão e começou a despi-la.

Nesse momento a urgência dele, tornou-se também sua. Fizeram amor com premência, Blackraven nem sequer tirou as calças, encostou-a à beira da cama, levantou-lhe as pernas, apoiando-as nos seus ombros e penetrou-a.

Havia tantas questões que costumavam roubar-lhe o sono. Só Isaura possuía o talento de fazer esquecer, como se fosse uma espécie de narcótico de que ele se tornara dependente. Caso contrário, depois da reunião com O'Maley não teria montado a cavalo, arriscando a pele e galopando a meio da noite como um louco só para sentir os seus lábios e estar dentro dela.

Mais sereno, permitiu que ela lhe trouxesse comida e o lavasse, enquanto lhe contava as cenas do dia. Nunca no passado, imaginara que aquela doce vida conjugal pudesse agradar-lhe, teria rido daqueles que a elogiassem. Teria considerado anormal que um homem se conformasse com uma mulher apenas.

— Hoje fui visitar Elisea. Somar acompanhou-me — apressou-se a dizer.

— O fato de eu ser tutor das filhas de Valdéz y Inclán não significa que tenhas de te sentir responsável por elas — comentou Blackraven. — Sei que Elisea não foi muito simpática contigo no passado.

— Tudo isso mudou — disse de modo casual, acrescentando logo a seguir: — Fui encontrá-la doente, Roger. A sua saúde está muito debilitada assim como o seu estado de espírito. Irei visitá-la mais vezes.

— Será inconveniente para ti.

— Pelo contrário. Aproveitarei para vigiar as obras na casa de San José.

— De modo algum — disse Blackraven com brusquidão — Eu mesmo tratarei disso.

— Roger, sei que o desaparecimento de dom Alcides te lançou uma tremenda carga sobre os ombros. Deixa-me ajudar-te na medida do possível. Eu tratarei da casa de San José. Uma demora nas obras iria obrigar-nos a ficar em El Retiro durante os meses de frio, o que seria prejudicial para Jimmy. Por outro lado, que cor de tinta escolherias? Com que tecido mandarias forrar as cadeiras da sala de jantar? Qual usarias para os cortinados? Essas coisas competem às mulheres.

— Ocupar-te-ás desses pormenores se assim o desejas — concordou Blackraven —, mas não quero que lides com os mestres-de-obras, os

carpinteiros e os pintores. Isso está fora de questão, Isaura. Poderás ir a Buenos Aires para visitar Elisea e fazer o que te apetecer, mas Somar será a tua sombra e não farás nada sem ele.

— Pedirei ajuda à senhorita Béatrice, ela tem muito bom gosto.

— Preferia que Béatrice não abandonasse El Retiro. — Como Melody esboçou uma expressão de curiosidade, Blackraven explicou: — Enquanto estiveres fora, faço questão que seja ela a tomar conta desta casa. Trarás para El Retiro as amostras de tecido e tudo o resto, para que te dê os seus conselhos.

— Achas que podes prescindir do Babá por alguns dias no matadouro? Quero que ele me acompanhe e me assista.

— Não te basta Somar?

— Roger, Somar é o teu homem de confiança, o teu amigo. Uma coisa é tomar conta de mim (o que eu posso perfeitamente fazer sozinha), e outra muito diferente seria usá-lo como carregador das minhas compras.

— Ele fará o que eu lhe mandar, mesmo que seja correr atrás de ti carregado de embrulhos.

— Tu poderás dizer-lhe o que quiseres, mas eu não o humilharei dessa maneira.

— Quando ficas zangada, sobe o melhor do teu sangue irlandês. E isso me excita.

Ajoelhou-se à frente dela, abriu-lhe o roupão e levantou-lhe a camisa até os joelhos. Acariciou-os e beijou-os, enquanto Melody continuava a falar das suas atividades na cidade. Dizia qualquer coisa sobre Guadalupe Moreno, sobre um albergue. A sua voz e o modo como mexia as mãos denotavam o seu entusiasmo. “É feliz com tão pouco!”, pensou.

Olhou para ela, fingindo prestar-lhe atenção. Na verdade, pensava que já conseguira tudo nesta vida.

No dia seguinte, trocou algumas palavras com Somar antes de partir para Buenos Aires.

— Isaura quer que tu e Servando a acompanhem à cidade várias vezes. Já sabes, não tires os olhos dela. Com Enda Feelham à solta, não consigo ficar tranquilo.

— Ainda não lhe disseste que suspeitas de que essa mulher tenha matado os pais dela?

— Não é uma suspeita, Somar, é uma certeza. Depois da morte de Alcides, que poderia pensar? De qualquer modo, ainda não falei no assunto a Isaura. Ontem à noite estive com O’Maley — acrescentou sem interromper o discurso.

— Acaba de voltar de Montevideu. Nem rastro de *Le Libertin*.

— Que pensas fazer?

— Tirar Marie e Luís do Rio da Prata. Deixou de ser um lugar seguro para eles.

— Poderias esperar algum tempo, pode ser que O'Maley e Zorrilla deem com *Le Libertin*.

— Mesmo que lhe deitassem a mão — argumentou Blackraven —, nunca saberia se estaria a dizer-me a verdade sobre a identidade de quem o contratou para liquidar Luís XVII. Também não poderia saber ao certo quem lhe dera a informação sobre o paradeiro deles. Não há outra possibilidade: tenho de procurar outro esconderijo.

— Por que esperas, então? Por que não zarpas já amanhã?

— A morte de Alcides veio complicar tudo — justificou-se, e logo a seguir deu um estalido com a língua e virou a cabeça. — A ti, posso confessar-te a verdade, não tenho coragem de abandonar Isaura por muito tempo. Se o fantasma de Enda Feelham não nos assombrasse seria mais fácil partir. Além disso, não te esqueças do irmão que ela tem, com aquelas manias de abolicionista. Receio que se meta em sarilhos. Justicia não conseguiu convencê-lo a desistir da rebelião. E pensar que fui eu que pus as armas nas mãos desses imprudentes! — Lamentou-se.

— Como poderias imaginar que um dos cabecilhas era o irmão de Miss Melody? Na altura consideraste oportuno para os teus planos e agiste em consonância.

— Sim, sim — disse Blackraven —, mas agora desejava poder tirar-lhe as armas, dar-lhe uma boa sova e pô-lo a trabalhar.

Tomás Maguire pôs o chapéu e saltou da carroça. Pablo despediu-se dele com aquele trejeito entre o amargo e o infantil que costumava ostentar sempre que se tratava de Melody. Sabia que ia encontrar-se com ela.

Tinham passado quase vinte dias desde a manhã em Bella Esmeralda e tinha jurado que não voltaria a vê-la depois do casamento com o inglês.

Não ia lá por Melody e sim por Jimmy que perguntava diariamente por ele, pelo menos era o que dizia a carta que Servando lhe havia entregado no dia anterior. Não dirigiria a palavra à irmã. Agora era tarde de mais para a fazer ver a razão. Além disso, parecia cega. Como era possível que não se desse conta de que se unira a um pirata da pior espécie?

Sabas dizia que Blackraven andava a fazer negócios com Álzaga e com outros negreiros, que se encontrava com Manuel Belgrano e com os irmãos

Rodríguez Peña, que visitava o vice-rei no Forte, que tinha influências em todos os lugares e que dormia com muitas mulheres, incluindo a mulher do seu sócio. Era um homem de vários mundos, um homem dos que querem estar de bem com Deus e com o Diabo. Cuspiu para o lado e proferiu um insulto.

Pensou em Sabas, no seu bom trabalho como informador e considerou a possibilidade de o convocar para a revolta. Agora que Servando se desligara, precisavam de um substituto e Sabas parecia a alternativa adequada. O seu treino deveria começar quanto antes e, apesar de não poder igualar a destreza de Servando, era melhor do que nada. Falava apaixonadamente de obter a liberdade, ao mesmo tempo que guardava um forte ressentimento contra os brancos. Isso deveria bastar. Em boa verdade, não podia dar-se ao luxo de ser exigente, a revolta deveria efetuar-se o mais depressa possível, antes que a Real Audiência decidisse arrematar Bella Esmeralda devido aos impostos há muito em dívida. Precisava de trezentos pesos, quantia essa que tencionava obter com o assalto à loja de Álzaga. Pablo ficaria com outro tanto da Real Companhia das Filipinas, o suficiente para porem a fazenda a funcionar. Preocupava-o que Papá Justicia falasse em adiar a conjura. O velho quimboto justificava o fato com argumentos sólidos que começavam a convencer alguns dos sublevados.

Dizia que ainda não era a altura, que os negreiros estavam inquietos depois do ataque ao acampamento de Sarratea e que tinham redobrado a vigilância. Que estaria Papá Justicia a esconder? De onde lhe vinham aquelas informações que ele apenas partilhava pela metade?

Viu-os ao longe quando chegavam aos limites da propriedade de Blackraven, junto ao rio. Andavam devagar por causa de Jimmy que parecia agitado e que se curvava para respirar. Correu ao seu encontro e abraçou-o de modo efusivo, mentindo-lhe ao dizer que tinha crescido muito desde a última vez que o vira e que muito em breve estaria da sua altura. Melody mantinha-se afastada e observava-os com um sorriso.

— Tenho de regressar ao acampamento — disse Tommy por fim, e Jimmy lançou-lhe os braços ao pescoço.

— Por que temos de viver afastados? — queixou-se entre lágrimas.

— Muito em breve regressarei a Bella Esmeralda e tu virás comigo.

— E Melody?

— Ela escolheu o seu destino.

— Por que voltaste? — perguntou Melody, falando pela primeira vez. — Por que não ficaste em Bella Esmeralda?

— Porque tal como o teu marido disse, está destruída e precisamos de dinheiro para a reerguer. Vim buscar dinheiro.

— Eu poderia conseguir-te esse dinheiro.

— Nunca aceitaria o dinheiro de um pirata inglês.

— Não sejas tolo, Tommy. O dinheiro de Roger é tão bom como o de qualquer outra pessoa se for para salvar Bella Esmeralda.

— E trair a memória do meu pai? Nunca! Tu te vendeste como uma rameira. Eu não.

Melody deu-lhe uma bofetada, de que logo se arrependeu. Jimmy desatou a chorar.

— És uma cadela! Não voltes a tocar-me ou desfaço-te à pancada. Tu já não és minha irmã, não tens direitos sobre mim.

— Tommy, perdoa-me — suplicou, tentando agarrá-lo por um braço, mas ele levantou a mão, ameaçando-a.

— Nunca te perdoarei por teres te unido a esse inglês. Por que o fizeste? Por dinheiro? Por essas roupas bonitas que estás a usar?

— Porque o amo!

— Como podes amar um homem como aquele? Se não o desprezas por ser inglês, deverias desprezá-lo por ser um libertino, um mulherengo e um ladrão.

— O senhor Blackraven é bom!

— Jimmy — disse Melody, ajoelhando-se à frente dele —, não te exaltes, meu amor. Vá, despede-te de Tommy, temos de voltar.

— Sim, o senhor Blackraven é *muito* bom — zombou Tommy —, tão bom que anda em negócios com o principal negreiro de Buenos Aires, o homem com menos escrúpulos: Álzaga.

— Isso é mentira! — exclamou Melody, furiosa.

— És cega! Não vês porque não queres. Blackraven é inglês até o tutano e, por um pouco mais de poder e dinheiro venderia a própria mãe.

Todas as noites, enquanto Melody se preparava para se deitar, ele tocava a ocarina. Gostava de a ver entrançar o cabelo, costume que repetia com ar ausente e habilidade nata, como parte da rotina matrimonial, de que estava a tornar-se tão devoto. Gostava do movimento rápido dos seus dedos quando, no fim, atava a trança e do modo como dispunha sobre o toucador a escova de marfim que ele lhe tinha oferecido. Via-se que nunca tinha tido “coisas bonitas”, porque guardava tudo como se de joias se tratasse. Dava gosto obsequiá-la. Os seus olhos ganhavam o brilho dos de uma menina pequena e as maçãs do rosto coravam, enquanto abria o embrulho. Não havia bagatelas. Qualquer objeto que lhe desse, parecia valer ouro.

Nesse ritual noturno, à trança seguia-se a loção de madressilva que primeiro friccionava nas mãos e que emanava um aroma que chegava até a cama. Logo a seguir, com o pé na borda da cadeira, levantava a camisa e passava o creme nas pernas. Os seus seios sacudiam ao movimento das mãos e fazia um trejeito com

a boca como se se preparasse para atirar um beijo.

Aquele prazer em partilhar o quarto e os costumes da esposa eram uma novidade. Nunca o havia permitido com Victoria, que empilhava os vestidos de qualquer maneira, regava o chão com galochas e chapins e esquecia os acessórios debaixo dos lençóis. Chegara uma vez a picar-se num alfinete de uma pregadeira de rubis. Melody, quer fosse por consideração pelos criados ou por tratar bem as suas coisas bonitas era muito cuidadosa, tratando ela mesma das roupas sempre que as tirava à noite. De qualquer modo, ele nunca teria consentido que dormissem em quartos separados. Na verdade, a simples ideia parecia-lhe insuportável.

Saiu da cama e aproximou-se do toucador. Melody voltara a sentar-se frente ao espelho. Apercebeu-se de uma leve hesitação nos seus lábios, de um olhar fugaz que encontrou o seu e que, de seguida evitou. Ajoelhou-se junto dela e envolveu-lhe a cintura com as mãos.

— Deixa-me pôr-te algumas gotas de *frangipani*. Quero que cheires a *frangipani* quando fazemos amor.

Melody tirou o frasco do estojo e entregou-o. Blackraven usou a tampa de vidro para lhe levantar a camisa e deixando um sulco de perfume na sua pele. Ao sentir o frio do vidro nas pernas, Melody agarrou-se às costas da cadeira e, de os olhos fechados e os lábios contraídos, esforçou-se por resistir à excitação como se a desejasse esconder. Não recusaria, ele não tolerava que tal acontecesse, achava-se dono do seu corpo e, de certo modo, era-o, pois quando lhe tocava, ela deixava de ser ela própria e só pensava tornar a sua carne e a dele numa só. Tinha consciência de tudo, mas não podia fazer nada para evitar sentir-se desse modo. O vidro entre as suas pernas, abrindo-lhe as partes ocultas, desenhando-as, e ela tentando não sentir. A bem da verdade, tentava apenas não mostrar o que estava a sentir.

Ele conhecia bem a origem do seu silêncio e da sua fingida indiferença. Somar tinha-lhe contado como decorrera o encontro com Maguire e dissera-lhe que tanto ela como Jimmy tinham regressado a chorar. Incomodava-o que ela se expusesse à estupidez de Maguire, que permitisse que o irmão a incomodasse quando ele fazia tudo para a proteger, que consentisse que Tommy se interpusesse entre ambos, quebrando a harmonia perfeita que haviam conseguido. Magoava-o que ela duvidasse dele, sentia-se francamente ofendido. Ela tinha de compreender que não era possessivo e dominador com qualquer pessoa. Já tinham tentado tirá-la dele uma vez e havia gente que queria fazer-lhes mal. Aborrecia-o que ela não se preocupasse o bastante. Se naquele momento não a desejasse tanto, teria ido dormir noutro lugar. Desejava-a apesar da passividade dela comparada com a sua atividade febril, pois era na

complementação de ambas que mais se excitava.

Depois de a ter subjugado à força de carícias e beijos, ficou a observá-la enquanto ela dormia. Melody não fez qualquer referência à discussão com o irmão nem mesmo quando ficou nos seus braços depois do orgasmo. Ainda agitada, limitou-se a acariciá-lo e beijá-lo, e ele que não afastava os olhos dos dela, pôde ler os seus pensamentos cheios de dúvidas e as perguntas que morriam antes de nascer.

Encostou a cabeça à almofada e, muito perto dos lábios de Melody, pediu num sussurro: — Isaura, confia em mim. Preciso que confies em mim.

Durante essa semana, visitara-a três vezes. Miss Melody fazia-o entrar pela porta principal, quando dona Leo, Marcelina e María Virtudes assistiam à missa da uma na igreja de Santo Inácio. Quanto a dom Diogo, passava todo o tempo na obra do nova fábrica de curtume, às ordens do patrão Roger. A casa da calle de Santiago, com os escravos ocupados nas traseiras, era a única testemunha daqueles encontros que seriam considerados inaceitáveis.

Na primeira visita ficou mal impressionado, em parte devido ao estado de Elisea, mas sobretudo pelo desprezo com que ela o tratou, não permitindo que ele lhe tocasse. Colocou-se junto à cabeceira da cama e ficou ali calado, observando-lhe o perfil que ela fazia questão de lhe mostrar depois de lhe ter exigido num fio de voz que se fosse embora. Mas Miss Melody tinha-lhe feito sinal para que se sentasse e tivesse paciência.

E era o que ele fazia, tinha paciência.

Durante o segundo encontro trocaram poucas palavras. Ela disse-lhe “obrigada” quando ele apanhou um lenço do chão e também quando abriu as cortinas para deixar entrar a luz. Cansado do silêncio, Servando começou a falar, contou-lhe que agora ajudava Miss Melody nas reformas da casa de San José, que gostava muito de ver trabalhar o estofador e que tinha vontade de aprender aquele ofício, porque estava cansado de ser magarefe. Elisea não disse uma palavra, embora voltasse a cabeça para o olhar de frente.

— Ela costumava gostar que eu lhe lesse — comentou Servando.

— Tu sabes ler? — espantou-se Melody.

— Ela me ensinou.

— Estou a ver. Sua Excelência tem dezenas de livros no escritório. Vem, acompanha-me. Estão nessas caixas. Tira o que quiseres. De momento, ele não dará pela sua falta.

Quando o viu entrar no quarto com o livro na mão, Elisea, subitamente animada, fez menção de se soerguer e Servando correu a ajudá-la.

Era a primeira vez que a tocava e o roçar de pele afetou-os. Leu-lhe os

primeiros capítulos de *A princesa da Babilônia* de Voltaire, e embora ela fechasse os olhos, não perdia pitada.

— “Tudo o que me dizes é verdade — declarou Formosanta —, mas será possível que o maior dos homens, e talvez também o mais amável, seja um escravo?”

Servando ajoelhou-se junto à cama, pegou-lhe na mão e levou-a à boca.

— Minha Elisea — disse, com a voz entrecortada —, ainda me amas?

— Sim.

— Então, por mim, peço-te que vivas.

Inclinou-se para a beijar, mas ela afastou o rosto.

— Não — limitou-se a protestar —, não sou digna, sou uma pecadora.

XXVII

O fim do Carnaval e o início da Quaresma marcavam uma transformação na cidade que ganhava vida com o regresso das famílias dos seus retiros estivais. Podia dizer-se que na Quarta-Feira de Cinzas já estavam todos em Buenos Aires. Na Recova havia mais animação, mais carroças, mais lojistas, mais cães e mais imundície. Desde as primeiras horas da manhã, filtrava-se pelas janelas o pregão dos pequenos leiteiros, hábeis cavaleiros com menos de dez anos de idade, que com as suas vasilhas em jeito de alforjes, vendiam o leite recolhido ao amanhecer nas quintas da vizinhança. Algumas badaladas anunciavam o aguadeiro que, com uma junta de bois, conduzia o carro cujo contentor acabara de encher nas margens do Prata. Os vendedores ambulantes, os mendigos, as crianças e os cães contribuíam para o ruído geral, cortado de vez em quando pelos sinos das igrejas.

As senhoras voltavam às ruas. Quando se vestiam de preto era sinal de que iam à missa, a não ser que estivessem de luto. Durante o resto do dia usavam cores vivas e nunca tinham a cabeça descoberta. Os dias eram agora mais curtos e os ventos mais frescos. Os vestidos e os casacos, assim como as mantilhas, começavam a ser mais grossos ou de lã, e os cavalheiros voltavam a pôr as suas sobrecasacas e capas de fazenda. A vida social florescia e não havia tarde da semana em que não tivesse lugar uma tertúlia onde se referia muito o último *on dit*, o escandaloso casamento do conde de Stoneville com o *Anjo Negro*. Algumas mulheres escondiam o rosto por trás dos leques para cochichar que era pouco provável que ela tivesse mantido a virgindade até o dia do casamento.

— Impossível — declarava Melchora Sarratea. — Impossível, vivendo debaixo do mesmo tecto com um Don Juan como o conde de Stoneville.

Na opinião da maioria, Isaura Maguire não sabia comportar-se como uma condessa, pois continuava a tratar das pragas e infelicidades dos escravos — até planejava criar um albergue —, não se vestia de acordo com a sua posição e andava na rua, levando atrás de si aquele ímpio de turbante e um escravo alto em vez do habitual moleque . Raramente aceitava convites e não marcara ainda um dia para receber em El Retiro. Casilda Igarzábal, a mulher de Nicolás Rodríguez Peña, vinha em sua defesa.

— A senhora condessa espera que as obras da casa de San José estejam terminadas para nos convidar. Foi o que disse Sua Excelência ao meu Nicolás, que é o seu grande amigo.

Ainda que a princípio se tivesse tratado de uma desculpa, a verdade é que

ocupar-se da remodelação da casa acabou por interessar Melody.

Gostava de ver como a ordem substituía o caos e a beleza a decrepitude.

Os operários nunca lhe dirigiam a palavra e baixavam sempre os olhos quando a viam aparecer. Melody movimentava-se por entre andaimes e escombros com Somar e Servando atrás dela, atenta aos pormenores, apontando as dúvidas que lhe surgiam e as observações que discutia com Blackraven a seguir ao jantar. Durante esses dias em San José, apercebera-se de que aquela iria ser a sua casa, a casa que partilharia com Roger e com os filhos que tivessem. Um sentido de posse alheio ao seu temperamento tornou-a exigente e minuciosa. Foi o que disse uma noite a Blackraven e poucas vezes o vira tão feliz.

— Essa não será a única casa de que serás ama e senhora — informou-a, passando a enumerar as fazendas de Antígua e de Ceilão, a mansão na Cornualha e a de Londres. Falou-lhe também dos seus apartamentos de Paris e da casa na Sardenha.

Guadalupe Moreno era a sua grande amiga. Acompanhava-a muitas vezes a comprar roupa, a visitar o estofador, o marceneiro especialista em ébano ou o pintor a quem, além de algumas águas-fortes e óleos encomendou uma miniatura com o seu retrato para Blackraven. O joalheiro de confiança de Lupe transformá-lo-ia num medalhão de abrir com engaste de ouro.

Falavam muitas vezes do albergue para escravos e analisavam o lugar onde ele iria situar-se. Visitaram uma propriedade de Marica Compson perto da praça de touros de Los Olivos, para venda havia algum tempo, e que, pelo seu estado ruinoso, afugentava todos os possíveis compradores.

Guadalupe achou que seria muito conveniente devido ao seu baixo custo e Melody entusiasmou-se com a ideia de a remodelar. A quem iriam pedir dinheiro para a comprar e arranjar continuava a ser motivo de debate.

As melhoras de Elisea deixavam Melody muito feliz. No princípio da convalescença agoniava-se quando saía da cama, mas dias mais tarde o seu estado estabilizou e começou a preferir a cadeira de balouço junto à janela.

Quando o doutor O’Gorman lhe assegurou que, a não ser que houvesse uma recaída, ela estava fora de perigo, Melody teve vontade de ir a correr contar a Servando.

— Com prudência, aproveitando a hora da sesta — prescreveu o doutor O’Gorman —, seria conveniente que Elisea passeasse um pouco pela alameda, todos os dias.

Melody levava-a consigo sempre que visitava a cidade. Servando estendia uma manta sobre a relva, sobre o qual Melody ajudava Elisea a acomodar-se. Passavam uma hora, por vezes um pouco mais, a beber hidromel e a ouvir a

leitura de Servando que, nos últimos tempos, se apegara a algumas obras de Shakespeare. Eram momentos muito agradáveis para os três, com o rio à sua frente e o sussurro das folhas das árvores sobre a cabeça. Elisea nem pestanejava, ficava imóvel e Melody pensava que, por um qualquer motivo secreto, a jovem tinha a alma partida. Deixara-se curar pelo amor e pela companhia de Servando, mas algo muito profundo continuava doente. Cansada de conjecturar, Melody voltava o olhar para o rio e tentava esquecer os seus problemas, pensando em Roger.

Precisava dele. Podia passar bem o dia sem o ver, mas à noite queria-o ao seu lado. Ele era um homem cheio de defeitos, possessivo, quantas vezes lhe recordara que ela lhe pertencia? Chegava a ter a sensação de que ele a ameaçava. Apesar de se mostrar renitente em falar de si mesmo, exigia-lhe detalhes pormenorizados das suas atividades, que mais tarde ia confirmar com Somar e Servando. Era ciumento e intransigente, como na tarde em que foi encontrá-la na sala dos Valdéz y Inclán com Covarrubias que acabara de chegar de Montevideu. Apresentava também um lado suave, quase parecendo uma criança grande e muitas vezes surpreendia-a pedindo-lhe com um olhar: “Ama-me.” Por vezes, depois de fazerem amor, sentia-o vulnerável. Tratava-se de uma percepção fugaz e ela tinha vontade de lhe perguntar “Nunca ninguém te amou antes, meu amor?”, mas calava-se sempre. Blackraven tinha sofrido, não havia dúvidas a esse respeito. A dor assustara-o, ensinando-o a ser cínico e frio, daí a couraça com que se protegia.

Nos dias em que não ia à cidade, Melody ocupava-se da educação dos garotos — nessa altura totalmente nas mãos do senhor Désoite —, organizava as tarefas do serviço doméstico, passava algum tempo com Miora a desenhar o seu vestuário ou com a confecção das cortinas para a casa de San José, montava *Fuoco*, tratava dos escravos e respondia aos convites que chegavam diariamente. Gostava de acompanhar a senhorita Béatrice, enquanto ela fazia jardinagem. Pensava que se a observasse e a imitasse acabaria por adquirir aquele ar de nobreza que tanto lhe faltava. Havia ocasiões em que a cobria de perguntas acerca do que era esperado de uma duquesa. Noutras, tratava a terra de algumas das flores ou retirava as ervas daninhas, punha-lhe à frente dos olhos as amostras de damasco de seda para os canapés ou o veludo para os cortinados e aguardava pelo veredicto.

A senhorita Béatrice abandonava o lugar de anfitriã de um modo sutil e natural, pois já não se mostrava meticulosa nem exigente, como se os aspectos da vida doméstica tivessem deixado de a interessar. Ope-rara-se uma mudança no seu estado de espírito: falava menos, expressava-se num tom de voz baixo e parecia encontrar apenas consolo no seu jardim e nas longas conversas que

travava com o senhor Désoite. Não se falava de Traver desde a sua intempestiva viagem à Europa e Melody coibia-se de perguntar se o comerciante escocês voltaria para casar com ela.

As visitas de madame Odile a El Retiro, uma vez por semana, haviam-se tornado parte da rotina. Costumavam ficar na sala particular de Melody, a divisão que Blackraven destinara para ela, com um guarda-vento na entrada, de onde se via o parque. Tomavam chá e conversavam e não havia assunto que Melody se envergonhasse de abordar com ela. Essa era a grande diferença em relação a Guadalupe Moreno, com quem, por pudor e outras vezes por medo de a escandalizar evitava abordar certos temas. Com madame Odile transformava-se num ser transparente e livre.

Muitas vezes dava-se conta de que agia de modo diverso segundo a pessoa com quem se relacionava. Perante alguns executava o papel de "senhora condessa", perante outros tornava-se o *Anjo Negro* e com os da casa era Miss Melody. Sabia que, de acordo com o ambiente, devia atuar com maior ou menor dose de protocolo. Em rigor, o que a aborrecia era constatar que ultimamente procurava agradar. Do mesmo modo que tentava impressionar os amigos de Blackraven, demonstrando-lhes que viria a ser uma grande duquesa, procurava a aceitação dos escravos, convencendo-os de que, para ela, o título de nobreza não tinha a menor importância.

— Madame, por que não consigo experimentar esta liberdade que sinto com a senhora quando estou com Roger? Há coisas que escondo dele, e sinto-me mal por isso, mas não posso evitar.

— Porque o amas demasiado e tens medo de o perder. Sabes que eu nunca me aborreceria com qualquer coisa que me dissesses. Nunca me perderás, pois entre nós existe amizade, nada de paixões nem arrebatamentos como os da tua relação com ele. A paixão é o sal do amor, mas pode também tornar-se na sua ruína.

Uma tarde, no fim do mês de Março, madame Odile chegou a El Retiro bastante inquieta. Cumprimentou Melody e disse-lhe logo a seguir: — Tenho de te lançar as cartas — e sacou do baralho. — Baralha-as e corta com a mão esquerda.

Melody não precisou que ela lhe dissesse como colocá-las sobre a mesa. Sem as virar, pousou uma na posição horizontal e seis à vertical.

— Agora tira mais uma — declarou madame Odile — e põe-na a seguir às outras seis, mas um pouco mais afastada. Essa será a resposta aos teus problemas.

A carta horizontal era o Arcano Zero, o Louco. Madame Odile recordou que ele significava insensatez e imprudência.

— É o tipo de pessoa — explicou — que adquire experiência à custa de golpes, à força de desgostos. Costumam trazer problemas aos que os rodeiam e a si próprios.

— Isso faz-me pensar no meu irmão Tommy — admitiu Melody.

A primeira das verticais era a Sacerdotisa, misteriosa e secreta. Com ela nada se movia à superfície e sim na escuridão. Pressagiava também mudanças importantes.

— Certamente se concretizarão durante a próxima lua — profetizou madame Odile. — Vá, volta esta carta. Oh, a Imperatriz!

— Que significa? — inquietou-se Melody.

— É sobretudo o Arcano do verdadeiro amor, o que produz frutos. — Pousou-lhe a mão sobre o ventre, e Melody negou com a cabeça.

Seguiram-se os Amantes, embora naquele caso, madame tivesse dito que lhes chamaria os Rivais, pois simbolizavam a ruptura. “A roda da fortuna” falava das mudanças, da passagem da felicidade para a tristeza, da abundância para a pobreza.

— Anuncia uma mudança que implica escolha.

Apareceu o Diabo, a malícia, as paixões perversas, a tentação de utilizar malas-artes para obter proveito, e depois seguiu-se a Torre, a carta de pior augúrio entre os vinte e dois Arcanos, pois representava a desgraça que surgiria de modo imprevisto.

— Antes de voltares a carta que escolheste no fim, vamos rever o que temos aqui. Sem dúvida, avizinha-se uma mudança, algo que vai mudar muito em breve a tua vida. Haverá dúvidas, receios, mistérios, e serás compelida a fazer uma escolha. Por um lado há insensatez e imprudência, vejo também maldade, muita maldade, e não sei se provêm da mesma fonte, mas posso dizer-te, com efeito, que atuam em conjunto para promover a mudança a que me refiro.

Receosa, Melody voltou a última carta. Era o Quarto Arcano, o Imperador.

— Bem — declarou madame Odile, soltando um suspiro —, sem dúvida, ele é o teu destino, a resposta a todas as tuas perguntas.

Martín de Álzaga tinha por hábito ir ao café dos Catalães aos domingos depois da missa. Partilhava esse costume com os seus amigos mais íntimos, Sarratea, Basavilbaso e Santa Coloma. Por vezes eram se cundados por Larrea e Manuel de Anchorena. Terminada a missa, encontravam-se no átrio da igreja de Santo Inácio, conversavam com os seus conhecidos e saíam de lá quando o lugar começava a ficar vazio.

Nesse dia, Sarratea inclinou-se junto ao ouvido do seu *tocaio* e comentou: —

Está ali fora aquele negro a quem chamam Sabas, o que pertencia a Valdéz y Inclán.

— A Blackraven queres tu dizer — esclareceu Álzaga, e Sarratea com um sorriso irônico assentiu.

— Já há algum tempo que está a olhar para nós através dos vidros.

— Vi-o no átrio, atrás da grade. Procurava-nos com o olhar, eu fiz-me de desinteressado.

— Não te esqueças — instou Sarratea — que foi ele que nos vendeu a informação acerca do ataque que sofreu o meu acampamento negreiro no princípio do ano.

— Não acreditaste.

— É verdade, mas apesar disso pus lá uns guardas.

— Contudo custou-te uns quantos reais toda aquela mercadoria queimada.

— Oitocentos pesos, foi quanto me custou. Nem me lembres disso! — Sarratea bebeu um trago do que restava no copo e perguntou: — Esse negro terá alguma coisa para nos dizer?

— Depois do ataque à tua companhia — manifestou Álzaga —, fiz algumas averiguações acerca dele. É um escravo sem eira nem beira. Goza de certas prerrogativas em casa de Valdéz y Inclán por ser filho da escrava favorita de dona Bernabela. Agora que esta entrou para o convento, imagino que a sua situação se tenha alterado. Como não tem nada que fazer, passa todo o tempo a percorrer a cidade, conhece o Tambor e o Mondongo como a palma da sua mão, dá-se com os almocreves e pertence à Confraria de São Baltasar. Sabe de cor a vida de todos. Há algum tempo que ando a pensar que talvez fosse vantajoso tê-lo como espião.

Álzaga estendeu o seu bastão e bateu na barriga da perna de um rapazinho que estava de plantão junto da sua cadeira.

— Diga, patrão Martín.

— Remigio, vai ver o que quer aquele negro que está ali fora.

A ordem foi executada em poucos segundos.

— Sabas pergunta se Sua Mercê teria a amabilidade de lhe dispensar alguns minutos. Diz que tem uma coisa importante para dizer a Sua Graça.

— Vai dizer-lhe que o espero dentro de uma hora na minha loja.

Sabas caminhou desde a esquina do café pela calle de la Santisima Trinidad, a que alguns chamavam Plaza Mayor. Ali perto situava-se a loja de mercearias de Álzaga. Esperou por ele, sentado à porta de uma taberna, procurando passar despercebido. Havia vários fregueses a beber aguardente de cana e a jogar às cartas. Alguém dedilhava as cordas de uma guitarra e cantava, que se mesclava com o pregão dos índios pampas que expunham peles de jaguar, ponchos de lã e

plumas de avestruz.

Sabas deixou passar alguns minutos depois de Álzaga ter entrado na loja e deu várias voltas antes de se aproximar da porta e bater. Foi Remigio, o pretinho, que a abriu, dizendo-lhe que o patrão Martín o receberia no seu escritório.

— Tens então uma coisa importante para me dizer — declarou Álzaga.

— Assim é, Excelência, muito importante.

— Então fala. — Como Sabas não o fizesse, Álzaga insistiu: — Que se passa? Porque não falas?

— É muito importante.

— Já me disseste isso.

— Tão importante, que Sua Mercê vai ficar muito agradecido.

— Quanto queres?

— Quatrocentos pesos.

Álzaga pôs-se de pé de um salto.

— Negro ordinário e impertinente! Que podes tu saber que valha tanto? Fora daqui antes que te mande prender como vigarista.

Sabas lançou-lhe um olhar altivo e Álzaga devolveu-o, atônito, surpreso com o sangue-frio do homem.

— Admito que tens coragem ao vires ter comigo, com esse ar, e pedir-me uma quantia em dinheiro. — O negro continuava mudo, com uma expressão de idiota. — Diz-me o que vieste contar-me e eu verei se a informação vale alguma coisa.

— Há gente a tramar uma conjura contra Sua Mercê. E também contra o senhor Sarratea e o senhor Basavilbaso. Tencionam atacar os três no mesmo dia e à mesma hora.

— Quem? — Sabas manteve-se em silêncio. — Quando? — perguntou Álzaga, exasperado.

— Ainda não sei, mas muito em breve terei essa informação. Isto se Sua Mercê estiver interessado em que eu averigúe.

O basco decidiu que, mal o negro obtivesse a informação, o tortura-ria até a obter a troco de nada. Contava com peritos que o fariam falar em poucos minutos. Já o fizera em 95, por ocasião da chamada “conspiração dos franceses”, quando mandou triturar os ossos e lacerar a carne do mestiço José Díaz porque ele não queria dizer-lhes nada.

— Sim, estou interessado em que averigúes. Quando souberes alguma coisa, voltas aqui e dar-te-ei o que pediste.

— Sua Mercê também gostará de saber — acrescentou o escravo. Impassível — que conheço a senhora Amelia Câmara e o seu filho, o menino Martín.

— Negro maldito — murmurou, descontrolado de raiva.

— Não se preocupe. A minha boca está selada. Mas se alguma coisa me acontecesse, como por exemplo, desaparecer no dia em que vier trazer-lhe a informação, nesse caso haverá alguém que irá ter com a sua esposa, dona Magdalena para lhe contar tudo sobre as suas visitas à casa dessa senhora. Dirá também como o menino Martín se parece com Sua Mercê. — A expressão de ingenuidade desvaneceu-se do seu rosto quando afirmou: — Eu sou negro, mas não sou idiota. Agora tenho de ir, se Sua Mercê mo permite. Regressarei dentro de alguns dias.

Sabas abandonara já o escritório e Álzaga continuava com o olhar fixo na porta.

Transpôs o portão de El Retiro montado em *Black Jack* e certificou-se de que os guardas estavam nos seus postos. Perto do jardim, debaixo de uma grande tília, Béatrice e Luís tomavam chá, enquanto a poucos metros, Melody e os garotos saltavam à corda. Víctor e Melody seguravam-na e Angelita saltava. Jimmy e *Sansão* observavam-nos da relva. Blackraven pensou que só Melody conseguiria que uma menina de luto se risse e cantasse a lengalenga que acompanhava o jogo. Entregou o cavalo a um palafreneiro e aproximou-se da mesa.

— Pensamos que seria boa ideia tomar chá no jardim — explicou Béatrice —, como costumávamos fazer em Versalhes, lembras-te? — Blackraven assentiu. — Muito em breve começará a escurecer mais cedo e nessa altura não será conveniente. Vem, meu querido, senta-te. Vou servir-te um café.

— Vou lavar-me e já volto.

De volta ao jardim, viu que as crianças se tinham sentado à mesa e comiam as empadas e os doces da negra Siloé.

— Boa-tarde — cumprimentou, indo sentar-se junto de Melody.

— Que bom teres voltado tão cedo — murmurou-lhe ela ao ouvido.
O coração ainda lhe saltava no peito sempre que o via aparecer.

A boa disposição prosseguiu durante o jantar. Désoite falou de Mariano Moreno e da sua tradução de *Du contrat social*, e Blackraven, por seu turno, comentou que tinha estado com Manuel Belgrano, que ainda se manifestara interessado na reabertura da escola de desenho.

Falaram também de Guadalupe Moreno e da sua ideia do albergue, de Elisea e das suas melhoras e das obras na casa de San José.

Por um instante, Blackraven afastou-se daquela cena e um pensamento triste ensombrou a sua felicidade. Toda aquela harmonia terminaria quando levasse Marie e Luís para longe e deixasse Isaura por muito tempo.

Aquela mesa cheia de gente, de vozes e de risos, compunha a imagem do que

ele ansiara em criança: viver rodeado das pessoas que o amavam.

Mais tarde, no quarto, Melody acomodou-se sobre as suas pernas e deu-lhe uma massagem nos ombros com um óleo de Trinaghanta. Ele estava relaxado, quase a dormir, quando sentiu a respiração dela no seu pescoço e, em seguida, os seus lábios e a ponta da língua nos contornos das orelhas. Nunca pensou que pudesse ficar tão feliz por Melody tomar a iniciativa e ficou muito quieto e em silêncio para a deixar atuar à vontade. Ouviu-a tirar o roupão e a camisa de dormir e suspirou ao dar-se conta de que ela esfregava os mamilos contra as suas costas. Tremeu quando Melody meteu as mãos entre o seu corpo e o lençol para lhe desapertar as calças e puxá-las para baixo. Beijou-lhe as nádegas, mordeu-as e abriu-lhe as pernas para lamber seus testículos. Podia imaginá-la, despida, encavalitada sobre ele, inclinada sobre as suas costas, o cabelo solto, os mamilos escurecidos pela excitação e o ventre palpitante.

Voltou-se e num gesto rápido passou-a para debaixo do seu corpo.

— Que surpresa tão agradável, meu amor.

— Fizeste de mim uma mulher cheia de luxúria. Pensei nisto durante todo o dia.

— Não imaginas como me alegro com isso — declarou ele.

Um ligeiro franzir de testa alterou-lhe a expressão.

— Que se passa?

Blackraven fez-lhe sinal para que se calasse e soergueu-se da cama.

Melody não ouvia qualquer som além do dos insectos e do coaxar dos sapos anunciando chuva, até que ouviu arranhar a porta.

— Que é isto? — assustou-se.

— O *Sansão*. Quer entrar. Alguma coisa o inquieta.

— Como a ti.

Blackraven deixou entrar o terra-nova, que foi direito ao guarda-vento onde começou a ladrar com o pelo eriçado.

— Que se passa, rapaz? — perguntou-lhe, enquanto se vestia.

Ouviu-se um tiro e os guardas começaram a vociferar.

— Roger! — espantou-se Melody.

— Calma, deve tratar-se de um ladrãozinho qualquer. Eu já volto. Fica aqui e não saias por nada, entendido?

Viu-o tirar uma arma de fogo da caixa que ficava sempre fechada à chave e pegar no seu estoque. Abandonou o quarto com *Sansão* atrás dele sem voltar a falar com ela, deixando-a angustiada. Vestiu a camisa de dormir, o robe e calçou os chapins de cetim. Apagou as velas e correu o cortinado. Lá em baixo percebia-se uma grande agitação e Melody deduziu que os guardas corriam de um lado para o outro, pois via os archotes que iam e vinham. A ansiedade levou-

a a abrir o guarda-vento e a sair para a varanda. Entrou logo a seguir porque lhe pareceu ouvir o choro de Víctor.

Estava tudo tranquilo. Víctor dormia placidamente, assim como Jimmy e Angelita. Com excepção dela e de Blackraven ninguém notava o alvoroço que tinha lugar lá fora. Voltou para o quarto sem saber o que fazer. Acendeu as velas e começou a andar em círculos, apertando as mãos e repetindo: "Meu Deus, protegei-o!" Voltou ao guarda-vento e, ao afastar o cortinado deparou com William Traver. Soltou um grito e deu vários passos à retaguarda.

— Senhor Traver, quase me matou de susto!

— Lamento, Miss Melody. Estava a sair do seu quarto quando a ouvi entrar.

— Não faz mal.

Naquele momento compreendeu que tudo aquilo era muito irregular e, de certo modo, absurdo. Aquela breve troca de palavras fez com que se sentisse ridícula.

— Que faz aqui? — arriscou-se a perguntar.

— Onde fica o quarto do senhor Désoite? — perguntou, avançando para ela.

Ficou muda, mais pelo tom que ele adoptara do que pela pergunta.

Em definitivo, havia algo errado em tudo aquilo. Ouviram-se passos rápidos no corredor e as vozes de Blackraven e Somar confundidas com o ladrar de *Sansão*. Melody voltou-se para fugir, mas Traver lançou-se sobre ela e agarrou-a pelo pescoço.

— Fique quieta ou enterrarei este punhal em suas costas.

A porta abriu-se e Blackraven ficou estupefato na ombreira. Somar manteve o seu lugar atrás dele, enquanto *Sansão* se precipitava arreganhando os caninos.

— Diga a essa fera que saia daqui ou a matarei!

— *Sansão*, vem cá, já!

O cão voltou para junto do dono que o agarrou pela coleira.

— Largue-a. Darei o que quiser, mas largue-a.

— Agarro-me a ela como a uma tábua no meio do oceano — advertiu *Le Libertin*. — Ela é o meu salvo-conduto para obter aquilo que vim buscar. Sua Excelência poderá começar por largar a arma que tem na mão, assim como esse bastão.

Blackraven retirou a pistola da cintura e colocou-a no chão, assim como o estoque. Víctor e Jimmy apareceram, descalços e ensonados, seguidos de Béatrice e Luís, que perceberam imediatamente a gravidade da situação.

— Vamos, meninos — disse Béatrice, com uma altivez que deixou Blackraven admirado. — Voltem para a cama. Esta reunião é de adultos. O seu lugar não é aqui.

A vozinha de Víctor e a de Béatrice foram-se perdendo até se desvanecerem,

mergulhando a divisão num mutismo carregado de tensão.

— Deixe-a ir — insistiu Blackraven. — Peça-me o que quiser.

— Faremos uma troca: Miss Melody pelo senhor Désoite.

Luís avançou para *Le Libertin* e, ao passar junto de Blackraven, este impediu-o de continuar, ordenando-lhe em francês que ficasse no lugar onde estava.

— Quem o mandou?

— Não está em posição de fazer perguntas, Excelência.

— Diga-me quanto lhe ofereceram. Duplicarei essa quantia. Triplicarei!

Sansão agitou-se e voltou a ladrar. Só o vigor de Blackraven o impedia de se lançar sobre o espião.

— Não farei negócios consigo, Excelência — esclareceu *Le Libertin*. — Não confio na sua palavra. Entregue-me Désoite e eu devolverei a garota sã e salva. Mande calar esse cão! — gritou furioso.

Blackraven ignorou a ordem e continuou a falar, criando mais barulho na tentativa de amortecer o chiar do guarda-vento que se abria para dar passagem a Shackle. O marinheiro deslizou por trás de *Le Libertin*, anavalhando-o pelas costas. Melody sentiu que o braço de Traver se apertava à volta de seu pescoço e que a navalha a feria nas costelas. Um segundo mais tarde, algo desabou atrás dela com um gemido. Estava livre.

Blackraven agarrou-a quando as pernas falharam.

— Tirem daqui o cadáver! Imediatamente! Somar, que os outros revistem toda a propriedade. Não sabemos se ele tinha algum cúmplice. Anda, meu amor — disse, conduzindo-a até a cama.

Béatrice voltou ao quarto quando Shackle e Somar transportavam o corpo. Não sabia o que sentir. Viu-o passar entre perplexa e impávida.

Durante todo aquele tempo, o seu coração recusara-se a aceitar a teoria de Blackraven e, contra toda a lógica, acreditou na inocência daquele homem a que se havia entregado. A realidade caiu sobre ela de modo contundente, demonstrando-lhe que uma vez mais, Blackraven não se enganara, William Traver não era outro senão *Le Libertin*, um assassino contratado por um dos seus inúmeros inimigos. Ao começar a aperceber-se das dimensões do ocorrido, baixou a cabeça e fechou os olhos, vencida pela dor.

— Estás bem? — perguntou-lhe Luís Carlos.

— Sim, estou bem. Como está Miss Melody?

— Um pouco perturbada.

— Vou buscar Trinaghanta — propôs Béatrice.

— Sim — disse Roger —, vai chamá-la. — Voltando-se para Luís, indicou-lhe: — Por favor, convoca meus homens. Já vou ao escritório.

Blackraven só se afastou de Melody quando esta lhe pareceu mais tranquila, depois de tomar o xarope de dormideira que Trinaghanta lhe deu.

— Roger, não vás embora — suplicou-lhe quando ele se inclinou para lhe beijar a testa. — Explica-me o que aconteceu aqui esta noite. É tudo tão confuso.

— Falaremos mais tarde. Agora descansa. Trinaghanta vai ficar aqui contigo até eu voltar.

No escritório, Blackraven mostrou-se furioso com seus homens.

— Que raio de guarda montavam vocês que permitiu que Traver chegasse até meu quarto no andar de cima? A minha mulher podia ter morrido nas mãos daquele miserável!

Foram dadas muitas explicações e teceram-se conjeturas durante um bom bocado. Em seguida, Blackraven levantou a mão e mandou-os calar.

— Amanhã mesmo partiremos para a cidade. Lá a vigilância será mais estreita e, portanto, mais segura. Vá, vão preparar tudo.

XXVIII

A princípio não foi fácil adaptar-se a uma casa onde havia várias divisões por concluir, com mestres-de-obras, estucadores e carpinteiros que invadiam até as zonas terminadas, com andaimes de estabilidade duvidosa, recipientes com tinta e argamassa obstruindo os corredores e entradas, e montes de escombros e madeiras que tornavam o cenário verdadeiramente caótico. As plantas do pátio principal, cobertas de uma camada de pó branco, estavam a morrer e Gilberta não tinha mãos a medir lavando-as e tentando ressuscitá-las. A poeira avançava como uma neblina e cobria tudo, ressequia a pele dos lábios e dificultava a respiração a Jimmy que tinha de estar confinado a uma sala na parte da frente, onde o postigo da porta era coberto por um pano úmido.

Apesar de todos esses inconvenientes, Melody estava feliz. Aquela era a sua casa, a casa de que, pela primeira vez, em muitos anos, se sentia dona. Os dias passavam e a anarquia que parecia impossível de dominar ia dando lugar a uma ordem incipiente com cheiro a tinta e a madeiras.

No fim de cada dia, partilhava emocionada as novidades com Blackraven, as cadeiras acabadas de estofar, os soalhos de carvalho novo, os cortinados de veludo, os óleos e as águas-fortes ou os tecidos com que cobriam as paredes. Tinha sido uma ideia ousada da senhorita Béatrice, a de forrar a sala principal com um brocado de seda dourada, que irradiava luz sob o efeito de centenas de velas, algumas dispostas em imponentes lustres de cristal, as restantes em candelabros de parede.

Após a tertúlia de inauguração, Marica Sánchez de Compson declarou que havia conhecido o mais fulgurante salão do vice-reinado e que tivera de fazer sombra com o leque para não ficar encandeada. Melchora Sarratea comentou que tudo aquilo era um “escandaloso excesso” durante a Quaresma.

Como o *Anjo Negro* voltara a reunir-se com os escravos à hora da sesta, as traseiras da casa de San José tinham-se tornado uma confraria ao domingo. Às vezes não pediam nada, agradeciam apenas, e assim a casa encheu-se de aves de capoeira, cabritos, porquinhos, ovos, marmitas com estufado de bucho, frascos com doces, compotas e conservas, utensílios de osso e de madeira, peças de tear ou longos colares de contas de vidro ou cerâmica e, apesar de saber que para aquela gente constituía um grande sacrifício desfazer-se das suas coisas, Melody aceitava-as, pois o Papá Justicia explicara-lhe que a recusa seria sentida como um insulto. De certo modo, aqueles presentes voltavam a eles, os pobres, pois ela doava-os ao padre Mauro para o seu orfanato, com excepção de uma

cabrinha à qual Jimmy se afeiçoou. Deu-lhe o nome de *Goaty*, por significar cabrinha em inglês. Os escravos pronunciavam *Goti* e foi esse o nome que ficou.

Muitas vezes sentia saudades de El Retiro, da sua solidão e distância, do rio e das lavadeiras, dos escravos, até do casal Bustillo, das suas cavalgadas matinais e da cama onde Blackraven fizera amor com ela pela primeira vez. Fora naquele lugar que ela mudara para sempre e cada um dos seus quartos encerrava um segredo que guardaria para sempre no seu coração. Era também verdade que o regresso à cidade lhe trouxera algumas vantagens, como por exemplo ter um médico à mão caso Jimmy ou Víctor tivessem uma crise — estas tinham praticamente desaparecido –; poder visitar Elisea e levá-la à alameda todos os dias, supervisionar os trabalhos da casa e as encomendas aos estofadores, carpinteiros, modistas e outros; caminhar poucos quarteirões e encontrar uma quantidade muito aceitável de lojas e ver quase diariamente a sua amiga Guadalupe Moreno e o seu filho Marianito.

Do lugar que ocupava, presidindo à mesa, Blackraven observava-a cheio de orgulho e adoração. Ela não mudara de modo significativo. Ainda usava o cabelo amarrado e peças de vestuário simples. Gostava de aparecer nas tertúlias com Isaura pelo braço e de causar uma impressão profunda nos portenhos, ela tão diáfana e inocente, ele tão soturno e enigmático.

Desde que usava a miniatura de Isaura no bolso do casaco, olhava para ela várias vezes ao dia. O artista soubera capturar a essência da sua esposa, o ar angelical que se manifestava na tonalidade das maçãs do rosto e nas linhas suaves e arredondadas, assim como a sua determinação e coragem, refletidas no olhar inteligente e vivo. O embutido era pobre, mas bastava.

— É um guarda-cabelo — explicara-lhe ela ao mesmo tempo que o abria. — Queres que te dê uma madeixa do meu cabelo? — e rira quando ela lhe afastou as pernas e lhe cortou um caracol do púbis.

A passagem do tempo tornava-se uma tortura e marcava a proximidade do momento em que deveria abandonar Buenos Aires. Não sabia como iria sobreviver sem Isaura e tinha medo. Aquela viagem traria decerto outras sequelas, entre elas o adiamento da organização das forças independentistas. Segundo as últimas conversas com Belgrano e os seus camaradas, Blackraven propusera-se destituir o vice-rei e substituí-lo por um governo de criollos antes do fim desse ano. As condições eram propícias e lamentava não poder aproveitá-las.

A revolta dos escravos roubava-lhe o sono e não queria ir-se embora sem terminar essa questão. A princípio deveria ser levada a cabo na Sexta-Feira Santa; depois Maguire decidiu antecipá-la, mas o tempo aproximava-se e nada acontecia. Papá Justicia assegurava que as partes ainda não tinham chegado a um

acordo. “Que líderes!”, pensava, furioso. “Nem sequer foram capazes de marcar uma data.”

Preocupava-o também o destino dos seus primos e perguntava-se qual o melhor lugar para os esconder. Antígua, Ceilão e Londres, lugares que ele tão bem conhecia, estavam proibidos. O fato de não conhecer o rosto do seu inimigo fazia com que o mundo inteiro se tornasse um lugar inseguro.

Uma tarde, o patrão Roger chamou-o à biblioteca. Tirou o lenço da ca beça antes de entrar. Em seguida viu que Somar também estava presente, de pé a um canto da sala.

— Entra, Babá. — O patrão Roger só o tratava pelo seu nome quando estavam sozinhos.

— Diga, patrão Roger.

— Sentes um grande afeto pela tua senhora, não é verdade? — O escravo disse que sim. — Por quê?

— Porque Miss... Porque a senhora condessa me respeita. Ela diz que eu sou um bom homem.

— A tua senhora pediu-me para te tirar do matadouro, não quer que continues magarefe. Deseja que aprendas o ofício de estofador. Achas bem?

— Muito bem, patrão Roger.

— Deverás ensinar a outro escravo o teu ofício de magarefe para que ele possa substituir-te no matadouro. Escolherás um e comunicar-me-ás a tua escolha. Ele deverá ser tão bom como tu, entendido?

— Sim, patrão Roger.

— Parece que és um homem inteligente, Babá. Sei que andaste a ler os meus livros — e apontou para a biblioteca.

Blackraven gostou de ver que ele se mantinha em silêncio e que não se justificava dizendo que a senhora condessa o tinha autorizado. Era uma prova de afecto verdadeira, pois preferia arcar com um castigo a comprometê-la.

— Desculpe, patrão Roger.

— Não faz mal. Podes pegar em qualquer dos meus livros desde que o deixes depois no mesmo sítio.

— Obrigado, patrão Roger.

— O que vou dizer-te em seguida, não poderás repetir nem ao próprio Deus. Se o fizesses, pagarias com a tua vida, entendeste? — O escravo assentiu. — Muito em breve vou abandonar Buenos Aires durante alguns meses e a senhora condessa não irá comigo. Somar será o responsável pela sua segurança e tu estarás às suas ordens. Obedecerás como se fosse a mim e nunca questionarás qualquer das suas ordens.

— Sim, patrão Roger.

— Agora Somar vai levar-te a um sítio do qual nunca poderás falar. Caso a senhora condessa ou os meninos corressem perigo e Somar, por qualquer motivo, não estivesse presente para os socorrer, tu os levarias para esse refúgio, onde deveriam permanecer até que eu viesse pessoalmente buscá-los. Aí encontrariam o necessário para sobreviver durante uma longa temporada. Se esta situação viesse a ocorrer, irias também ter com um homem que é da minha inteira confiança e contarias o ocorrido. Antes de falar com ele, darás uma contra-senha. Sabes o que é uma contra-senha?

— Sim, patrão Roger.

— Bom, nesse caso, depois da contra-senha contarias o sucedido e ele entraria em contato comigo.

Estendeu-lhe um papel que dizia: *Eddie O'Maley, calle de la Concepción n° 78. Contra-senha: "O rei mandou destruir o queimadouro de Ben-Hinnon."*

Resposta: "Para que ninguém volte a sacrificar os seus filhos em honra de Moloc."

Blackraven retirou-lhe o papel e, enquanto lhe pegava fogo, exigiu ao escravo que repetisse o que tinha lido.

— De vez em quando, Somar pedirá que lhe repitas o que leste para se certificar que não te esqueceste. Agora vai. Somar vai mostrar-te o lugar de que te falei. — Blackraven deteve-se antes de ele sair: — Babá, se fizeres um bom trabalho e me fores totalmente fiel, dentro de três anos a partir do dia de hoje farei de ti um homem livre.

Dirigiam-se para El Retiro pela calle Larga. Somar montava em silêncio ao seu lado. Habituara-se àquele homem excêntrico que vestia como louco e de quem as pessoas tinham medo. Apesar dos seus traços de demônio, diziam que era bom porque ninguém podia acusá-lo de alguma vez ter maltratado ou castigado um escravo. Murmurava-se que estava apaixonado por Miora. Siloé surpreendera-o por diversas vezes a observá-lo com olhos mansos enquanto a garota costurava. Falava mal o castelhano embora conseguisse fazer-se entender.

Quando atravessaram a ponte de Matorras, Somar disse: — Deves saber que a senhora condessa corre perigo. Há uma mulher algures por aí que quer fazer-lhe mal. O seu nome é Enda Feelham e é a tia da minha senhora. Se estiveres atento conseguirás reconhecê-la porque é bem diferente de todas as mulheres desta cidade. Tem o cabelo louro e a pele tão branca que parece transparente.

— Como a da senhora condessa?

— Ainda mais branca. Os seus olhos são de um verde tão claro que lembram os de um réptil. São vivos. É baixinha e apesar de ter o aspecto de uma pobre coitada, é pérfida e cruel como uma serpente. Nunca permitas que ela se aproxime da minha senhora.

O yolof assentiu e Somar voltou a encerrar-se no seu mutismo. Pensou que iam entrar em El Retiro, mas em vez disso, seguiram em direção à costa. Com a chegada do Outono, anoitecia mais cedo, por isso, ao chegarem à praia, a escuridão começava a desenhar os perfis. Ainda à distância, erguida sobre o outeiro que descia a pique, podia adivinhar-se a silhueta de El Retiro.

Servando nunca tinha visitado aquela parte da costa, bastante afastada do próprio matadouro. Era a parte mais distante para norte da propriedade. Aproximaram-se do barranco, coberto de mato e de uma trepadeira compacta que se espalhava até a praia. Somar parou e apontou para algumas pedras na margem do rio.

— Lembra-te deste rochedo. A esta altura, sobre o barranco, fica a entrada para o lugar secreto.

Com a ajuda da sua cimitarra, sem cortar a hera, o turco afastou-a, revelando uma abertura por onde os dois passaram, curvados. Tratava-se de um túnel de aspecto bastante sólido, com ladrilhos e escoras de madeira. Não podiam erguer-se por completo, tinham de avançar de cabeça baixa. Havia um cheiro desagradável no ar, um cheiro a decomposição e umidade. O chão era lamacento e os sons que se propagavam como um eco, anunciavam a presença de animais. Somar indicou-lhe vários archotes que estavam apoiados na parede.

— De vez em quando — disse o turco — virás certificar-te de que as tochas não se estragaram. Sem elas não poderás avançar na escuridão.

Aquele trajeto pareceu infinito a Servando e o ambiente asfixiante.

Recordava-lhe a sentina do barco onde viajara desde África e começou a experimentar suores frios. Desejava não ter de voltar a percorrer aquele lugar horrendo. Começava a sentir-se agoniado quando reparou que o ar se tornava fresco e menos denso. Alguns passos mais tarde, entraram num recinto quadrado de enormes dimensões e tecto abobadado. Ali dentro poderia caber um exército com cavalos e tudo. Somar ergueu o archote sobre vários fardos e enxergões que estavam empilhados sobre a parede da esquerda.

— Há aqui víveres para várias semanas — explicou. — Carne seca salgada, biscoitos, frascos de conservas, cebolas, peixe seco, legumes, enfim, tudo o que se come nos barcos. A água deverás trazê-la do rio. Assim como com os archotes, deverás de vez em quando vir confirmar que nada está com bichos ou estragado. Vamos fazer isso agora, já cá não venho há algumas semanas. Aí nesse caixote de madeira há combustível, lâmpadas de azeite, pastilhas de quinino para purificar a água, ataduras para ferimentos, odres, *brandy*, sei lá… depois dás uma vista de olhos.

— Onde vai dar essa abertura? — apontou para uma porta de madeira na parede que se achava frente ao túnel.

— Estamos debaixo dos armazéns de El Retiro.

— Ah, por isso andamos tanto.

— Essa porta conduz ao estábulo. Toma, aqui tens as chaves. Só em caso de necessidade absoluta deverás entrar na casa.

Examinaram as provisões e deitaram fora algumas cebolas podres e biscoitos amolecidos. Durante o caminho até a cidade não trocaram uma única palavra.

Como nesse dia se havia levantado um vento sul, Melody decidiu não ir à alameda. Em vez disso, mandou buscar Elisea para tomarem chá na casa de San José. As suas irmãs e a senhorita Leonilda a acompanharam. Não conheciam a casa, embora já tivessem ouvido falar das obras sumptuosas que a tinham colocado entre as melhores de Buenos Aires.

Melody reparou que, enquanto Marcelina, María Virtudes e a senhorita Leo soltavam exclamações e se espantavam com os pormenores, Elisea caminhava atrás delas, de olhos postos no chão.

Depois de terem tomado chá, a senhorita Béatrice sugeriu uma partida de bacará, enquanto Marcelina tocava algumas melodias ao piano.

Melody aproximou-se de Gilberta que levantava os pratos da mesa e murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido. Voltou à sala e sentou-se junto de Elisea. Passado alguns minutos, perguntou-lhe: — Acompanhas-me à biblioteca? Sua Excelência possui um incunábulo que gostaria de te mostrar.

Servando estava lá. Elisea parou na ombreira da porta e avançou quando Melody a empurrou suavemente.

— Deixo-vos a sós. Estarei aqui fora a vigiar.

Servando não se arriscava a tocar-lhe. A atitude dela não o permitia e custava-lhe a crer que poucas semanas antes se tivessem amado loucamente na torre do campanário.

— Como te sentes?

— Bem.

— Senta-te. Não deves ficar de pé. Continuas muito fraca. Ainda choras o teu pai? — Elisea assentiu. — As tuas irmãs aceitaram a morte dele muito melhor do que tu, parecem já estar resignadas. — A jovem encolheu os ombros. — Tens saudades da tua mãe?

— Às vezes.

Servando tentou acariciar-lhe a face e Elisea pôs-se de pé numa atitude exagerada.

— Não! Não voltes a tocar-me!

— Elisea, que se passa? Deixaste de gostar de mim?

— Não.

O escravo levou as mãos à cabeça num gesto de absoluta confusão.

— Estás ressentida comigo por causa da criança? Culpas-me pela perda do nosso bebé?

— Não! — gritou desesperada, fazendo menção de lhe tocar e arrependendo-se.

— Diz-me o que se passa contigo! Vejo-te mergulhada nessa tristeza e dor e ando tão angustiado. Não sei o que fazer para te ajudar.

— Já o fizeste. Não morri graças a ti. Ver-te todos os dias, mesmo que nunca possa ter-te foi o suficiente para me devolver a vontade de viver.

— Ter-me-ás sempre.

— Não, nunca mais voltaremos a estar juntos. Não quero ver-te mais, Servando, já não. A tua companhia faz-me mal.

Deixou-o só na biblioteca, perplexo e confuso.

Remigio, o moleque de Álzaga, bateu à porta e esperou que lhe dessem autorização para entrar no escritório do seu patrão.

— Que queres?

— Está lá fora o Sabas, patrão Martín. Diz que tem algo para o senhor.

— Ele que espere aí fora.

Fechou o cartapácio, guardou os documentos na gaveta e empilhou os livros a um dos cantos da secretária. Retirou do seu pequeno cofre os quatrocentos pesos e, ao sentir o frio das moedas na mão, ficou incomodado. Era humilhante ter de admitir que aquele escravo o tinha tramado.

Os seus homens não tinham conseguido descobrir quem era o seu cúmplice, quem iria ter com dona Magdalena caso lhe acontecesse algum mal. Pensaram na negra Cunegunda, sua mãe, mas a hipótese caiu por terra quando souberam que esta havia ingressado no Convento das Filhas do Divino Salvador como parte do dote da sua ama. Não lhe conheciam amigos, pior do que isso, ninguém da negralhada o queria por perto. Álzaga suspeitava que o tal cúmplice não existia, mas não podia arriscar e pagar-lhe-ia o combinado. Mandou-o chamar.

— Já tens a informação?

— Sim, Excelência.

— Fala, então.

— Vão ser atacados na segunda-feira a seguir ao Domingo de Ramos, ao pôr-do-sol. O senhor será atacado aqui, na sua loja e entrarão pelas traseiras, as que dão para o depósito. O senhor Sarratea, será na Real Companhia das Filipinas e o senhor Basavilbaso no seu posto, o da calle de Santo Cristo, esquina com a de Santo Domingo. Irão armados.

— Que tipo de armas?

— De fogo.

Álzaga disfarçou a surpresa e o desagrado. Imaginara que se trataria de um

grupo de infelizes armados com paus e canivetes.

— Como estão organizados?

— Em três grupos de quinze homens cada.

— Quem encabeça a conjura?

— Vários. Os principais são Tomás Maguire e um tal Pablo, não sei o seu apelido. Fazem também parte o mulato Pedro, que é escravo de dona Filomena Azcuénaga, o mulato Cristo, que é livre, e o negro Milcíades, o seu cocheiro.

— Estou a ver. — Álzaga embebeu a pena no tinteiro. — E esse tal negro a quem chamam Papá Justicia? Não faz parte da conjura? Anda sempre por aí a espalhar as suas ideias.

— Ele. Não — inquietou-se Sabas —, ele não tem nada a ver com tudo isto. Posso jurar-lhe — e fez o sinal da cruz entre os lábios.

— Diz-me outra vez os nomes.

Sabas assim fez e Álzaga tomou nota.

— Maguire? — perguntou. — É parente de Miss Melody?

— É irmão, Excelência.

”Bom, bom”, repetiu Álzaga para si mesmo.

Mais tarde, em casa dos Escalada, aproximou-se para cumprimentar o casal Blackraven. Sempre que se encontrava, na presença do conde de Stoneville era invadido por uma sensação de pequenez e de incômodo que nada tinha a ver com o seu grandioso título nobiliárquico — isso pouco lhe importava — nem com o tamanho do seu galeote, mas com o seu imenso poder econômico que ele tanto cobiçava.

Pretendia duas coisas de Blackraven: primeiro, contar com a sua célebre frota para infiltrar mercadorias e negros, não só no Rio da Prata, como em todos os portos americanos, desde Veracruz ao Callao; segundo, obter acesso à ampla costa de El Retiro, onde poderiam desembarcar com tranquilidade. Ainda que muitos acreditassem tratar-se de uma lenda, ele não punha de parte a possibilidade de haver túneis a ligar as margens com o interior da propriedade.

até aquele momento, Blackraven recusara-se a proporcionar-lhe ambos os favores. A sua disposição certamente mudaria depois dessa segunda-feira, a seguir ao Domingo de Ramos, quando a vida de Tomás Maguire estivesse em jogo.

XXIX

Fouché sustentava que *Le Libertin* tinha vendido a informação do paradeiro de Luís XVII aos Bourbons no exílio, enquanto Rigleau preferia a hipótese de que o sicário estava muito longe — daí a demora das suas mensagens —, ou então que tinha sido assassinado e posto fora de jogo.

Não admitia a possibilidade de traição. Havia uma coisa em que ambos coincidiam: nem o conde de Provence nem o seu irmão, o conde de Artois, possuíam dinheiro capaz de tentar *Le Libertin*.

— Eu confio em *Le Libertin* — assegurou o espião. — Além disso, os homens que vigiam os Bourbons na Bélgica não notaram qualquer comportamento estranho. Ninguém fora do seu círculo mais íntimo os abordou durante os últimos tempos.

— Essa informação não vale de nada — teimou Fouché. — Poderiam perfeitamente ter feito um acordo com *Le Libertin* usando uma das criadas. E nós nunca ficaríamos a saber.

— Todas as pessoas que hoje vivem debaixo do tecto dos Bourbons estão sob vigilância — declarou Rigleau, com uma expressão entre o impaciente e o ofendido.

— De qualquer modo, temos falhado tanto nos últimos tempos que não sei se estou rodeado de incapazes ou se os meus inimigos são invencíveis.

O imperador Napoleão entrou na sala sem se fazer anunciar, como era seu costume, de modo espontâneo, o mesmo que usava em campanha, onde entrava e saía das tendas como se fosse um simples soldado.

— Imperador! — exclamou Fouché e, com um sinal, despediu Rigleau.

— Ouvi que falavas dos Bourbons — comentou Napoleão. — Calculo que já saibas onde se encontra o filho de Luís XVI.

— Precisamente, Majestade. Comentávamos que desapareceu sem deixar rasto o sicário contratado para o encontrar.

O olhar faiscante de Napoleão ensombrou-se e o seu silêncio agitou a respiração do ministro.

— Achas que o conde de Provence terá encontrado o sobrinho?

— Não me parece — opinou Fouché. — Aqui há tempos comentava-se que ele tinha contratado um assassino para o matar, mas não passava de um boato. Para contratar esse tipo de trabalho é preciso muito dinheiro e sabemos bem que os Bourbons não o têm.

— Que me dizes acerca do *Escorpião Negro*? Ou será que o famoso sicário

que contrataste por uma fortuna também desapareceu?

— Muito em breve será encontrado — aventurou-se a dizer. — É só uma questão de tempo.

— Começo a ficar cansado das tuas esperas, Fouché. Há quase dois anos que contrataste *La Cobra* e ainda nada sabemos. Fui capaz de vencer um exército cujas forças ultrapassavam largamente as minhas em Austerlitz e não consigo agarrar esse homem, mesmo contratando os melhores assassinos a soldo. Será esse maldito espião inglês assim tão omnipotente? — perguntou num tom de voz que evidenciava bem a sua cólera. — Quero o *Escorpião Negro* à minha frente antes do começo do Verão. Se ele se tivesse encarregado do assunto de Luís XVII já o teria em meu poder para o entregar ao seu primo Francisco I como prova da minha boa vontade para com ele e o seu povo.

— Compreendo, Majestade — balbuciou Fouché, inclinando-se para acompanhar o imperador.

Rigleau apresentou-se poucos segundos mais tarde e encontrou o seu chefe prostrado num cadeirão, segurando a cabeça com as mãos.

— Procura *La Cobra*.

— Mas, senhor…

— Pouco importa se tens de levantar cada uma das pedras de Paris ou de Londres para dar com esse maldito assassino! Quero que o encontres e lhe dês ordens para trazer o *Escorpião Negro* com vida.

NOTAS DE UM SICÁRIO

Quarta-feira, 25 de Setembro de 1805

Uma vez que nos encontramos em Londres, consideramos sensato começar a busca de Roger Blackraven. Eliminada essa possibilidade, viajaremos para a Itália a fim de continuar com a busca de Isabella e Alejandro di Bravante. Pressentimos que o Escorpião Negro *é um deles.*

Depois de consultada, Lady Sommers explicou que a sua influência não atingia círculos tão elevados como os que eram frequentados pelos Guermeaux e que não tinha como ajudar Desirée a relacionar-se com essa gente, embora pudesse contar-lhe a história da família, uma das mais influentes de Inglaterra, já que, à semelhança do que fazia Tomasso Dapassano com a nobreza italiana, também ela ocupava os seus tempos livres a estudar as famílias inglesas e francesas.

” É vulgarmente aceite”, disse a senhora “que os Guermeaux chegaram à Grã-Bretanha em 1066, juntamente com Guillerme, duque da Norman-dia, mais

conhecido por Guilherme, o Conquistador . *Bruno de Guermeaux destacou-se na batalha de Hastings e, pelos seus leais serviços, obteve o título de duque e extensas propriedades no condado da Cornualha, onde se impuseram como senhores desde essa altura. Aqui", disse, assinalando um ponto no diagrama, "começaram a chamar-lhes Corvos Negros porque alguns dos seus membros mudaram os seus cabelos louros para cabelos cor de azeviche ao misturarem o sangue dos Guermeaux com os da filha do primeiro duque de Alba, da mais antiga estirpe espanhola, em finais do século XV. Mas vamos a quem nos interessa.*

O atual duque é um dos nobres de maior poder e ascendente na Grã-Bretanha, dono de vários assentos no Parlamento. As suas decisões são respeitadas e aguardadas com expectativa já que podem abalar os alicerces da débil monarquia de Jorge III. Casou há trinta e cinco anos com a mulher mais cobiçada da sua época, Lady Patricia Kent. As riquezas do seu pai que ela herdaria por inteiro, visto ser filha única — não teriam sido necessárias para lhe dar o primeiro lugar nas preferências porque sua beleza teria bastado. Diz-se que durante a primeira temporada em Londres recebeu quarenta e oito propostas de casamento que recusou sem qualquer hesitação.

Acontece que Lady Patricia depositava os seus anseios no jovem conde, futuro duque de Guermeaux, que meses antes visitara a casa de campo dos seus pais. Alexander Blackraven, que na altura se encontrava no continente, no seu Grand Tour, soube do interesse da rica e bela herdeira ao voltar de Paris. Mal a temporada londrina se iniciou, propôs-lhe casamento, o que Patrícia aceitou sem demora. O matrimônio realizou-se meses mais tarde.

À medida que passavam os anos, a tristeza apoderava-se do jovem casal, pois Patricia não concebia um filho e os médicos não conseguiam descobrir a causa. Em 1783, Alexander, receando tornar-se no primeiro duque de Guermeaux a não ter herdeiro para a dinastia, partiu em viagem durante várias semanas, regressando com um menino de doze anos que reconheceu como seu filho e que nomeou herdeiro do seu título e fortuna.

Dizem que a duquesa passou meses sem lhe dirigir a palavra e que foi viver para casa dos seus pais. Alexander, em parte porque a amava e também para evitar o escândalo, foi buscá-la e, depois de aceitar várias condições, conseguiu trazê-la de volta.

Essas condições prendiam-se com o ódio que a duquesa sentia em relação ao filho bastardo do seu marido e estabeleciam, por exemplo, que nunca se poderiam ver. O menino estava portanto proibido de visitar as propriedades onde Patricia gostava de passar longas temporadas. Como não suportava o clima da Cornualha, a duquesa aceitou que o menino ficasse recolhido no velho

castelo familiar situado à beira de uma falésia, a sete milhas da cidade de Penzance. Exigiu também que, caso ela viesse a ter um filho, o bastardo fosse destituído do título e da fortuna, que passariam para o legítimo.

A duquesa nunca teve filhos, portanto o bastardo, chamado Roger, em homenagem ao avô paterno — era uma tradição entre os Guermeaux que quem herdasse o ducado tivesse o nome do avô paterno —, tornar-se-ia duque por morte de Alexander Blackraven. Atualmente Roger ostenta o título de conde de Stoneville. De acordo com os conhecimentos de Lady Sommers, Roger Blackraven tornou-se, desde muito cedo, um rapazinho selvagem, embora ela desconheça pormenores da sua vida. "Mantém-se afastado de Londres", referiu, "e há quem comente que leva uma vida de pirata desprezando o título que um dia virá a herdar do pai."

Na árvore genealógica, ao lado do conde de Stoneville, aparece uma moldura com a seguinte legenda: "c. com Victoria Trewartha (1773-1801)".

O nome coincide com o que foi fornecido por Simon Miles. Ao perguntar-lhe qual o motivo de uma morte tão prematura, Lady Sommers assegurou desconhecer os pormenores, o que é bastante estranho. Talvez o duque de Guermeaux tenha feito apelo às suas influências para abafar a suspeita obscura que recai sobre o seu herdeiro: ter assassinado a mulher num arroubo de ciúmes.

O discurso de Lady Sommers foi interrompido por um criado com uma notícia de morte acabada de chegar. A senhora mostrou-se espantada ao ler as primeiras linhas. "Que horror! Já sabes disto, querida? O pobre Sir Miles foi assassinado. Na sua própria casa. Oh, meu Deus! Já ninguém está seguro. O funeral será amanhã às dez e meia no cemitério de St. George na Uxbridge Street." Desirée ofereceu-se para passar por lá para ir consigo.

Quinta-feira, 26 de Setembro de 1805

Decorreram hoje as exéquias de Simon Miles. Chegamos ao cemitério, situado junto da parte Norte de Hyde Park. Eu fiquei na boleia a ver o cortejo afastar-se até o lugar onde tinham aberto uma cova. Distingui algumas caras conhecidas: os nossos antigos suspeitos, Conrad Phillips e Frederick Musgrove, os pais deste, em casa dos quais Desirée jantou tempos atrás e Lord Bartleby, chefe do Departamento do Exterior, que é movido por um desejo semelhante ao nosso: saber quem é o Escorpião Negro .

Volto a perguntar-me quanto estaria o governo britânico disposto a dar-nos por essa informação?

Lady Sommers, de pé junto de Desirée, com os seus olhos pequeninos sob o

véu de tule perscrutava o cortejo com a perícia dos detectives da Bow Street. Desirée apercebeu-se de como o corpo pequeno e rechonchudo da senhora deu um salto ao avistar um cavalheiro que se destacava pela sua altura, num traje severo no corte e na cor. Não usava postiço e tinha o cabelo grisalho curto na nuca. As feições eram duras, uma dureza que falava da nobreza do seu sangue. "O cavalheiro que está de pé junto da senhora Musgrove", sussurrou Lady Sommers, "aquele alto e charmoso é Sir Bruce Blackraven, tio do conde de Stoneville, por quem ontem mesmo me perguntou". O homem lançou um punhado de terra quando chegou a sua vez e, sem cumprimentar ninguém, afastou-se em direção a uma carruagem com pajens de libré azul e galões de cordões prateados. Talhada na portinhola da carruagem podia ver-se o escudo da águia bicéfala.

Felizmente, Lady Sommers aceitou o convite de uma amiga para a levar a casa, o que permitiu que seguíssemos Bruce Blackraven. Da boleia da carruagem, enquanto o cortejo se separava, o túmulo ainda aberto e só, vi emergir de entre as estátuas e lápides, uma mulher alta e magra, vestida de negro, o rosto coberto por um véu escuro. Parou diante do túmulo de Simon Miles, lançou ao féretro uma rosa e ficou ali, o corpo agitando-se sob o impulso de um soluço reprimido. Teria abandonado o meu posto para me aproximar e averiguar de quem se tratava se Desirée não me tivesse explicado, apressada e com uma certa agitação, que tínhamos de sair dali depressa, pois a carruagem com o escudo da águia que pertencia ao tio do nosso suspeito acabava de arrancar.

Nós o seguimos durante todo o dia, primeiro até o seu clube na St. James Street, o mais exclusivo, o Albion, onde se demorou algumas horas, caminhando em seguida — a carruagem seguia, a passo, ao seu lado — até uma mansão da Birdcage Street, frente ao lago de St. James Park que, calculamos lhe pertença pois entrou com chave. De volta ao nosso apartamento de Belgravia, convocamos Rupert e Peter e os encarregamos de uma missão

.

Sábado, 28 de Setembro de 1805

Ontem, por volta do meio-dia, os ladrõezinhos tinham levado a carteira de Sir Blackraven e, assim, depois do almoço, Desirée preparou-se com todo o esmero para comparecer na casa de Birdcage Street. Escolheu um fato sóbrio, num tom verde Nilo, com gola alta de renda. Quem lhe abriu a porta foi um mordomo de fraque, com as mesmas cores das librés dos lacaios: azul e prateado. Desirée entregou-lhe o seu cartão, dizendo que precisava de ver Sir Blackraven. "Qual é o assunto, senhorita?", perguntou olhando-a da cabeça

aos pés. Preparava-se para protestar quando ouviu uma voz feminina que vinha da sala de entrada: "Quem é, Duncan?" O mordomo, lendo o cartão, respondeu-lhe, acrescentando que a recém-chegada pretendia ver o senhor. "Manda entrar."

Não se tratava da esposa de Sir Blackraven. Chamava-se Constance Trewartha e apresentou-se como uma velha amiga da família. Desirée não deixou de notar que o seu apelido era o mesmo da defunta Victoria. Constance convidou-a a sentar-se. É uma mulher graciosa e afável, de traços se não belos, pelo menos agradáveis e sorriso acolhedor, em cuja presença é fácil alguém sentir-se reconfortado.

"Sir Blackraven não está em casa. Acaba de sair", esclareceu. "Será que posso ser-lhe útil de algum modo?" Desirée tirou a carteira da mala.

"Oh, a carteira de Bruce!", disse com familiaridade. "Com efeito, ele saiu para a procurar. Julgou que poderia estar no clube."

Desirée explicou que a tinha encontrado na rua, à porta de um clube de St. James Street, o Albion. Ao falar com o porteiro do referido clube ficara a saber que a mesma poderia pertencer a Sir Bruce Blackraven pois tinha sido o último a sair. O jovem ofereceu-se para lha devolver, mas Desirée insistira em fazê-lo pessoalmente e conseguiu que lhe dessem a morada.

"Que gentil da sua parte!", alegrou-se Constance. "Incomodar-se a vir aqui quando podia ter mandado recado para que fossemos buscá-la.

Tenho a certeza de que Sir Bruce quererá conhecê-la e agradecer-lhe. Porque não vem jantar conosco esta noite?" Desirée mostrou-se honrada com o convite.

"Vejo que olha muito para esse retrato", constatou Constance. "Compreendo-a. O sobrinho de Sir Blackraven é um homem muito atraente.

Esse quadro mede dois metros e quarenta e seis centímetros e é apenas quinze centímetros mais alto do que o modelo." A mulher parecia muito bem informada sobre os assuntos da família e Desirée, simulando embaraço pelo seu atrevimento, perguntou-lhe o nome do cavalheiro."É Roger Blackraven, conde de Stoneville e futuro duque de Guermeaux. Com efeito, esta é a casa dele de Londres." "E Sua Excelência encontra-se em casa?", foi a pergunta que fez Constance sorrir e assegurar: "Oh, não. Isso seria um verdadeiro milagre."

Pelo que vira até aquele momento, a casa era tudo o que a sua fachada prometia. Espantosamente luxuosa, talvez um pouco carregada, de um estilo eclético e desordenado, com peças de arte muito variadas, da Antiga Grécia, chinesas, máscaras de ébano da África e de ouro do Peru. Sobre a lareira destacava-se um conjunto de vasos egípcios que bem podiam conter as vísceras de algum faraó. À entrada da sala de jantar, onde comeram nessa noite havia

duas enormes jarras de porcelana azul e branca com um metro e oitenta de altura, colocadas sobre bases de mogno, da dinastia Qing, que, segundo esclareceu Sir Bruce, haviam sido um presente do imperador Qianlong para o seu sobrinho, a quem devia um grande favor.

A decoração no interior da casa não era menos faustosa. Havia, por exemplo uma vitrina onde estava exposto um serviço completo de jaspe de Josiah Wedgwood num tom pastel entre o azul e o lavanda com relevos a branco. A ornamentação do escaparate era ainda composta por peças originárias de Del.

Sir Bruce Blackraven não é empertigado como os homens da sua posição social. Pelo contrário, é acessível e possui um grande senso de humor.

Mal Constance fez as apresentações e Sir Bruce expressou o seu agradecimento pela devolução da carteira que continha com muitas libras, Desirée comentou que o havia visto na véspera, no cemitério, durante as exéquias de Sir Simon Miles. A referência ao nome entristeceu-o e falou do seu "querido rapaz" com afecto, dizendo conhecê-lo desde pequeno e referindo que Miles costumava frequentar a sua casa na Cornualha para brincar com Roger. "É, por acaso parente do pobre Simon?", ao que Desirée respondeu que a sua amizade com ele era bastante recente.

Terminado o jantar, de acordo com a exuberância da casa, Sir Burce convidou-a a percorrer a galeria de quadros, um corredor no primeiro andar onde, de um lado e de outro, se conservavam os retratos dos duques de Guermeaux e de alguns dos seus parentes mais destacados. Acrescentou, a rir, que não encontraria ali o seu. Saltava à vista o contraste entre os membros da família que conservavam os traços fisionômicos normandos – maçãs do rosto pálidas, cabelos claros e olhos azul-celeste — e aquele de fortes feições latinas.

"E este é o meu sobrinho, atual conde de Stoneville, futuro duque de Guermeaux", disse, visivelmente orgulhoso, sem afastar os olhos do retrato.

"Que jovem tão bonita!", exclamou Desirée ao reparar no quadro contíguo ao de Roger Blackraven. "Essa era a mulher do meu sobrinho, Victoria Blackraven. Morreu há alguns anos num acidente." Mudou de assunto.

Apesar de Desirée ser uma verdadeira mestra na arte da simulação, não pode deixar de se sobressaltar com o que aconteceu a seguir. O sobressalto foi de tal modo notório que Constance a segurou por um braço e Sir Bruce a obrigou a sentar-se. Tudo aconteceu de modo casual e inesperado ao reparar que não existia a mais pequena parecença entre Roger Blackraven e o seu pai. "Não, claro que não", confirmou Sir Bruce. "O que se passa é que no meu sobrinho é mais forte o sangue da família da mãe, os di Bravante."

Constance abanou-a com o seu leque enquanto não chegavam os sais.

“Não devia ter bebido vinho do Porto”, justificou-se Desirée, “não estou habituada”. Ao passar perto do retrato de Blackraven, certa de que os seus anfitriões não a viam, tirou a luva e tocou com a mão na tela. Foi ofuscada por uma imagem: um homem, Blackraven, que ao contrário da figura do quadro, usava o cabelo solto. Estremeceu, atônita com tanta paixão, energia e força de vontade. O homem emergia da água, inteiramente nu, a robustez e perfeição do seu corpo refletia a vaidade do seu espírito.

Hoje passamos o dia a tecer conjecturas, sem chegar a nada. Na certeza de que Constance conhece a história de fio a pavio, propusemo-nos ganhar a sua amizade como meio de deslindar o mistério. Felizmente, a sua situação peculiar — de amante de Sir Bruce, cuja esposa permanece no Devonshire — mantém-na à margem das atividades sociais em que Sir Bruce participa com frequência. Sozinha e sem amigas, aceitou de imediato o convite para tomar chá.

Sábado, 2 de Novembro de 1805

Foi hoje o dia. Constance Trewartha acaba de se ir embora. Esclarecemos finalmente o mistério. Ficamos a saber tudo, com nomes, datas e lugares. Poucas vezes durante um trabalho, senti tanta ansiedade, admiração, raiva e contentamento como na procura do Escorpião Negro . *Houve ocasiões em que pensei que nunca viríamos a saber de quem se tratava, mas isso foi um erro pois nunca deveria ter-me esquecido de que sou* La Cobra .

Sabíamos por Tomasso Dapassano que, em 1759, Carlos VII havia abandonado a corte napolitana e partido para Madrid a fim de se tornar Carlos III, rei de Espanha. A sua filha ilegítima, Isabella, nascida da siciliana Fedora di Bravante acompanhara-o apesar da oposição dos avós maternos. Foi o que soubemos por Dapassano.

Não foi muito difícil conquistar a confiança de Constance Trewartha, pois possui um temperamento confiante. As tardes de chá no nosso apartamento do bairro de Belgravia ou na mansão de Birdcage Street tornaram-se no seu melhor passatempo, mostrando-se sempre disposta a abrir o coração e a revelar os seus segredos. Casada desde os quinze anos com um velho amigo do pai, entregou-se pela primeira vez a Sir Bruce quando ainda não era viúva e este ainda estava casado. O affaire *tinha trinta e oito anos e não eram apenas amantes, mas também confidentes e amigos. Por isso, Constance Trewartha pôde contar-nos tudo o que referirei de seguida.*

Do seu avô Calogero di Bravante, a pequena Isabella herdou apenas o anel que tinha permanecido na família durante séculos e que nunca tirava do anelar da mão esquerda. No dia da despedida, ele chamou-a à parte e entregou-o. Durante anos, até poder colocá-lo no dedo médio, Isabella usou-o ao pescoço, sem que ninguém conseguisse entender a devoção que a menina sentia por

aquela peça tão tosca.

Isabella, de quase sete anos de idade, começou a viver no palácio de Madrid, protegida pela sua ama-de-leite, a napolitana Michela, e mimada pelo pai e pelos irmãos. Costumava visitar o rei Carlos III no seu enorme escritório de paredes altas, cobertas por alegorias em tons pastel, e tectos abobadados com cupidos, anjos e carros celestiais nos quais fixava os olhos até ficar agoniada. Uma miríade de ministros e assessores rodeavam o seu pai durante a maior parte do tempo, e Isabella habituara-se aos rostos de Esquilache, Grimaldi, Wall e Devreux e havia-se familiarizado com as referências à Junta do Cadastro, ao Conselho de Castela e à Mesta. Gostava de acompanhar o rei enquanto o senhor Mengs pintava o seu retrato, e também de brincar com os seus mastins.

No Inverno de 1766, a poucos dias do início da Primavera, Carlos III mandou chamar Isabella e, pegando-lhe no rosto com ambas as mãos, contemplou-a com um sorriso débil antes de lhe dizer: "Felizmente, herdaste a beleza da tua mãe." Em seguida explicou-lhe: "Irás passar uma temporada em França com o meu primo, o rei Luís XV", que desde algum tempo gozava de estabilidade e prosperidade após a calamitosa guerra dos Sete Anos. Carlos III, pelo contrário, enfrentava uma crise que acabaria por rebentar no Domingo de Ramos desse mesmo ano e que resultaria na destituição de Esquilache. Carlos precisava de pôr a salvo a sua adorada Isabella, pois sabia que, se morresse, a sua esposa a deixaria desamparada.

Enviou-a, portanto, para Versalhes, com Michela, uma carta para o seu par Luís XV e um dote que tentava esconder a sua origem obscura.

Apesar de perceber que estava a ser exilada e que a "temporada" se prolongaria para sempre, Isabella, que tinha uma disposição optimista, conformou-se com o seu destino e foi feliz em Versalhes, onde parecia viver-se uma eterna festa. Despendia o seu tempo a passear pelos jardins do palácio, a ler os livros proibidos que circulavam entre as cortesãs, a ouvir histórias sobre a falecida marquesa de Pompadour e a escrever um diário e cartas ao pai e aos irmãos de quem sentia imensa falta.

Em 1770 chegaria ao palácio a futura delfina de França, Maria Antonieta, filha de Francisco, Imperador do Sacro Império, que, com o tempo se tornaria amiga e confidente de Isabella. A comitiva da princesa austríaca era composta, entre outros, por um jovem conde inglês, primo de Maria Antonieta (as mães de ambos eram primas direitas), chamado Alexander Blackraven, que ficou louco por Isabella mal a viu. Aquela era a primeira vez que um homem provocava na jovem de dezassete anos, sentimentos de que tanto ouvira falar, aquele aperto no estômago, as palpitações quando o via aparecer e o inevitável rubor. Alexander

Blackraven estava presente na mente de Isabella dia e noite, que acordava todas as manhãs ansiosa por vê-lo.

O conde lamentou que aquela jovem de beleza arrebatadora e disposição doce fosse a filha ilegítima do rei Carlos de Espanha, pois ele, como futuro duque de Guermeaux não poderia desposá-la sem correr o risco de o pai o deserdar e entregar o título ao seu irmão Bruce. Seduziu-a e amou-a enquanto durou a sua estadia em Versalhes, e amaldiçoou-se sempre por lhe ter prometido aquilo que jamais poderia dar-lhe: o seu nome. Quando abandonou o palácio ignorava que Isabella já transportava um filho seu no ventre.

Com apenas catorze anos de idade, a própria Maria Antonieta escreveu para Londres pedindo-lhe que voltasse. O conde, na altura compro-metido com Lady Patricia Kent, ofereceu-se para se ocupar do futuro do filho ou filha quando atingisse uma certa idade, ao que Isabella se opôs, furiosa. "Apesar de saber que vou amá-lo para sempre, não quero voltar a ouvir o seu nome, Alteza", assegurou a Maria Antonieta, que a tomou sob a sua proteção a partir desse momento. Com efeito, a futura rainha de França, veio a ser madrinha do menino que nasceu num quarto de Versalhes a 10 de Novembro de 1770 e a quem foi dado o nome do pai em castelhano, Alejandro, e tendo por apelido, o da sua mãe, di Bravante.

Rodeado de carinho por Isabella, Michela e pelos seus padrinhos, Maria Antonieta e o seu marido, o Delfim Luís, Alejandro cresceu num mundo de moral desregrada onde a sua bastardia nunca era referida nem condenada. Ele amava acima de todos a sua mãe e admirava a figura do avô, Carlos III, que no seu quinto aniversário lhe enviou de presente um estoque de aço de Toledo "para que comeces as tuas aulas de esgrima", apesar de ter de esperar vários anos para o poder empunhar, pois era da sua altura. Brincava com as outras crianças do palácio e sentia predileção pela pequena princesa madame Royale.

O seu professor de latim, assim como os outros professores maravilhava-se com a inteligência de Alejandro e, ainda que indisciplinado, elogiavam-no à frente da mãe e da madrinha, o que lhe causava uma imensa satisfação. O professor de esgrima, surpreendeu-se quando, aos doze anos, Alejandro o desarmou do florete. Era certo que Alejandro não parecia ter doze e sim quinze. Só a falta de buço revelava a sua idade, pois até a voz se lhe tinha tornado grave.

"No dia em que Bruce soube do modo como o irmão se tinha apoderado daquela criatura acabaram à pancada", explicou Constance. O duque de Guermeaux, desgostoso com a falta de um herdeiro, viajou até Paris e daí para Versalhes, onde a sua prima María Antonieta o recebeu com afecto apesar do seu mau comportamento no passado. Viu o seu filho de longe, a praticar esgrima

com uma companheiro e ficou estupefato perante tamanha destreza em alguém ainda tão jovem. Depois disso, ao conversar com ele, usando artimanhas para não lhe dizer o seu verdadeiro nome, apercebeu-se de que o rapaz era tudo o que ele sempre tinha desejado num filho.

Ao contrário de Maria Antonieta, Isabella di Bravante não esquecera o abandono nem a falta de nobreza daquele que era agora um duque inglês, e recusou-se a conceder-lhe uma audiência, acedendo apenas depois da intervenção da rainha. Mostrou-se fria e distante enquanto Alexander lhe apresentava desculpas que chegavam com doze anos de atraso e reagiu com toda a força do seu temperamento à menção que ele fez de levar o filho consigo para Inglaterra. "Nunca to darei. Nem às portas da morte te entregaria o meu filho, pois se isso chegar a acontecer, quem pretende educá-lo e protegê-lo é o seu avô, Carlos III. Fizeste esta viagem debalde", disse, e recolhendo o folho do vestido abandonou a sala. Veio a saber mais tarde que o duque de Guermeaux havia deixado o palácio.

Com o correr dos dias, Isabella recuperou a compostura e voltou aos seus velhos costumes, entre eles passear pelos jardins com Michela e Alejandro, sentar-se entre muguets *— a sua flor preferida — e ler-lhes um livro ou conversar com eles. Alejandro, com a sua disposição natural para se manter vigilante e observar tudo o que acontecia à sua volta, foi o primeiro a avistar uma carruagem que se aproximava pelo caminho e parava junto deles. Viu que a portinhola se abria e que desciam dois homens vestidos com fatos elegantes e finos tricórnios na cabeça. Sorriram enquanto se aproximavam e, a alguns metros de distância, um deles fez-lhe uma pergunta que não conseguiram entender. Isabella reagiu demasiado tarde.*

Quando se apercebeu da armadilha já os homens tinham agarrado Alejandro. Michela deu voz de alarme, enquanto Isabella, agarrada aos braços do filho, tentava arrancá-lo aos sequestradores, puxando-o para si. As suas mãos escorregadias ficaram durante alguns segundos presas às do filho antes de os separarem. Dias mais tarde, repararia na ausência do anel de opala de Calogero di Bravante, e desejaria com todas as suas forças que este tivesse ficado na pequena mão de Alejandro. Correu atrás dos homens que lho levavam e pendurou-se ao pescoço de um deles. O outro deu-lhe um encontrão que a deixou estendida no solo.

Seguiu-se um verdadeiro pandemônio que quase se transformou num assunto de Estado para os dois reinos. Luís XVI enviou soldados para fiscalizarem os caminhos e mandar parar as carruagens com características semelhantes à dos sequestradores. Encheu os portos de vigilância e mandou revistar os navios. Ordenou que se imprimissem éditos a oferecer uma recompensa a quem

fornecesse dados e emitiu uma ordem proibindo o duque de Guermeaux de entrar em França. Por seu turno, o rei de Inglaterra protegeu o seu nobre mais influente, manifestou-se a favor dos seus direitos como pai e proibiu a emissão de um salvo-conduto para a senhora di Bravante quando esta tentou atravessar o Canal da Mancha.

Quanto a Alejandro, continuou a debater-se e a proferir insultos, ao mesmo tempo que era empurrado para dentro da carruagem e se dava conta de que as suas possibilidades se extinguiam enquanto se afastavam do palácio a uma velocidade vertiginosa. Gritou e esperneou até que alguém lhe deu um carolo e, apertando-lhe os ombros, vociferou: "Sou o teu pai!"

Sem mais rodeios, comunicou-lhe que passaria a usar o nome do seu avô, Roger Blackraven, que viveria em Inglaterra e que seria educado como nobre inglês que era. "Serás conde de Stoneville até a minha morte, após o que passarás a ser o novo duque de Guermeaux."

Confinaram-no a um castelo à beira de um penhasco que parecia marcar o fim do mundo. Não percebia nada quando falavam com ele porque, embora dominasse vários idiomas, a sua mãe não quisera que ele aprendesse inglês. Não gostava da comida e o pai preocupava-se ao vê-lo perder peso a olhos vistos. Não respeitava Mr. Simmons, o seu preceptor que era a única pessoa com quem podia comunicar porque falava francês.

Obrigavam-no a participar na escola dominical de uma igreja que não era católica, situação que o aterrava, certo de que iria parar ao Inferno; os outros garotos olhavam-no de soslaio e repetiam entre dentes uma palavra, a primeira que aprendeu na língua inglesa: bastard . *Umas meninas muito engomadas, lideradas pela belíssima Victoria Trewartha, massa-cravam-no com particular ódio: além de lhe recordarem a sua situação de filho ilegítimo, chamavam-no "* gipsy *" (cigano) ou "* darkie *" (negro).*

Segundo Constance houve três pessoas que salvaram a vida de Alejandro, ou Roger, evitando que vivesse mergulhado na dor: o seu tio Bruce e os seus amigos Amy Bodrugan — tão desprezado na Cornualha, como Roger, por ter um pai alcoólico e violento e uma mãe que havia fugido com um palafreneiro — e Simon Miles.

Após uma disputa com o seu irmão mais velho, Bruce viajou para a Cornualha a fim de conhecer o sobrinho, e o preceptor, Mr. Simmons, informou-o de que havia dois dias que este não metia nada na boca. Na verdade, Roger estava pálido e de cama e de nada valiam as ameaças de castigo: parecia determinado a morrer, e firmeza e teimosia não lhe faltavam. Sir Bruce entrou no quarto e falou-lhe em francês, dizendo-lhe quem era e sentando-se na cama. "Sei o que mais desejas", disse. O menino nem sequer olhou para ele. "Voltar a

ver tua mãe.” Os olhos azuis lançaram chispas, mas não disse palavra. “Levo-te para vê-la se me prometeres comer tuas refeições.” “Quando?” Perguntou o menino pela primeira vez. “Quando teu pai for à Áustria em agosto.

Mas este será um segredo só nosso”, e estendeu-lhe a mão para selar o acordo.

Viajaram os três para Paris, Bruce, Roger e Constance e daí para Versalhes. Até Bruce se emocionou ao presenciar o reencontro de Isabella e Roger, que se precipitou para os braços da mãe, desatando a chorar sem qualquer problema de orgulho. Isabella, lavada em lágrimas, só conseguia dizer “Meu Alejandro!” e apertá-lo contra o peito como se receasse que voltassem a tirá-lo dela. Um pouco mais serenos, olharam-se nos olhos, e Isabella descobriu que seu menino era já um homem. “Olhe, mãe”, disse Roger, mostrando-lhe o anel em forma de trevo. “Nunca, nem por um momento que fosse, me separei dele.” Isabella respirou fundo para aclarar a voz, e perguntou: “Descobriste o segredo?” Roger levantou a tampa de opala e a mãe sorriu orgulhosa. “Este anel do Escorpião pertence aos Bravante há séculos. E não é por acaso que tu e eu, meu querido filho, nascemos ambos sob o seu signo. Somos os mais fortes do Zodíaco e só Deus pode nos dobrar, ninguém mais. Nunca te esqueças disto.”

Ali, no palácio onde nascera, Roger reencontrou o que ele sentia como a sua família, a corte do rei Luís XVI. A despedida deu-se semanas mais tarde e, embora Isabella sentisse que o seu coração ficava novamente partido ao separar-se dele, havia compreendido que o destino de duque de Guermeaux era o melhor que podia acontecer ao seu querido Alejandro.

Nas mesmas circunstâncias (aproveitando uma viagem prolongada de Alexander), Roger e a mãe voltaram a encontrar-se em Versalhes, até que o duque de Guermeaux descobriu o esquema do irmão e o ameaçou com todo o tipo de calamidades, incluindo a pior de todas: proibi-lo de ver o sobrinho.

Pouco tempo mais tarde, com dezasseis anos de idade, Roger partiu para Estrasburgo onde, por influência paterna, ingressou na exclusiva Escola Militar. Gostava de aprender a arte da guerra, a manejar armas e a travar lutas corpo a corpo. O seu desempenho granjeou-lhe os seus primeiros galões de alferes antes do resto dos seus pares, mas, apesar de mestres e instrutores lhe preconizarem e prognosticarem um futuro brilhante como militar, um belo dia, fugiu.

Amy Bodrugan, sua companheira de aventuras na Cornualha, farta de apanhar sovas e das bebedeiras do pai abandonou a casa paterna, e viajou, disfarçada de rapaz, até Estrasburgo, para ir ter com o seu único amigo. Roger sentiu-se tentado pela liberdade de espírito de Amy e pelo seu temperamento imprudente e pela primeira vez sentiu-se farto da disciplina implacável da academia e do severo regime imposto.

“O pai procurou-o por terra e por mar”, explicou Constance, “e, na opinião de Bruce, o duque, na sua tristeza e desespero, mostrou o amor que sentia pelo seu único filho. Roger voltou a Inglaterra dez anos mais tarde, transformado no homem mais forte e charmoso que conheço, rico como Creso e vaidoso como Lúcifer. Considera-se realmente invencível.

Constance falou-nos do casamento de Roger com a sua sobrinha, Victoria Trewartha, de vinte e cinco anos que ficaria solteirona, pois, em consequência da péssima situação econômica da família, não conseguia um candidato digno. Sabia-se que Simon Miles, seu amigo de infância, lhe fazia a corte, mas o senhor Trewartha recusava-se a dar o seu consentimento devido à pobreza do rapaz. A única proposta de casamento viável foi a do dono do banco de Truro — um judeu convertido ao anglicanismo —, que Victoria recusou sem a menor hesitação, apesar da insistência do pai. “Pela parte de Roger”, admitiu Constance, “havia muito de luxúria e de sentimento de vingança naquela união. Quanto a Victoria, apesar da sua petulância e caprichos, julgo que estava apaixonada por ele. Tudo acabou da pior maneira, mas não gostaria de falar nisso agora”.

Nem mesmo depois do casamento, Roger Blackraven abandonou a vida nômade que levava desde há anos. Como tem patente de corsário, dedica-se a sulcar os mares em busca de barcos de nações inimigas. Possui uma plantação em Ceilão, a seis milhas do porto de Colombo onde se cultiva chá, canela, cravinho e tabaco. Essa propriedade possui extensos territórios repletos de árvores de madeira comercial — ébano e satin, *de fruta e resinosas, especialmente as que produzem borracha para fabricar oleados. Dada a profusão de coqueiros, abriu nos arredores da capital, onde a mão de obra é mais acessível, uma fábrica para processar os derivados do coco, da copra às fibras para cordoaria.*

A sua plantação em Antígua não é menos próspera. Ali cultiva-se principalmente a cana-de-açúcar, embora haja sectores com plantações de café. O rum produzido nos alambiques de La Isabella é considerado da melhor qualidade. Constance assegura que é também dono de uma propriedade numa cidade da América do Sul, cuja envergadura não se compara com as de Antígua e Ceilão.

“O seu tio Bruce”, disse Constance, “confessou-me há tempos que Roger conseguiu tirar da França revolucionária a mãe e a ama-de-leite disfarçadas de aldeãs e que salvou muitos outros da guilhotina, não só nobres do Antigo Regime, e membros do clero, mas também pessoas comuns acu-sadas de serem contra-revolucionárias”. Sorriu antes de dizer: “Às vezes perguntamo-nos, eu e Bruce, se Roger não será o Pimpinela Escarlate *ou a* Rosa Azul *“.*

Não. É o Escorpião Negro.″

XXX

Naquele Domingo de Ramos, de sol e céu limpo, Melody organizou um dia de campo em El Retiro. Convidaram o padre Mauro, as Valdéz y Inclán, a senhorita Leonilda e até dom Diogo. A mesa foi colocada debaixo da tília junto ao jardim de Béatrice. A seguir ao almoço, o padre Mauro propôs uma caminhada à beira rio. Blackraven e Somar demoraram-se conversando.

— Papá Justicia confirmou-me ontem à noite — disse o turco — que será amanhã ao pôr-do-sol.

Blackraven ergueu os olhos para Melody. Ia de braço dado com a senhorita Leonilda, parecia alegre e feliz, a conversar e a rir.

— Desconfio que alguém nos entregou.

— A quem te referes?

— A Maguire e à sua corja de imbecis — respondeu Blackraven. — Há dias pedi a Zorrilla que vigiasse os acampamentos de Sarratea e Basavilbaso e que os visitasse nas suas casas e tentasse averiguar se estão a par de alguma coisa, apenas como medida de precaução. Ontem à noite disse que, embora não tenha conseguido tirar nada a limpo nas conversas que teve com os negreiros, viu efetivamente um grande movimento de homens armados em ambos os acampamentos. Veio até gente dos campos para guardar as casas. Uma coincidência demasiado grande na minha opinião.

— Sim, demasiado. Que pensas fazer?

Blackraven soltou um suspiro e virou a cabeça com resignação.

— Vou fazer a única coisa que há a fazer. Amanhã à noite irei fazer de guarda-costas a esse imbecil de cunhado que tenho.

A princípio, Elisea recusou-se a voltar a El Retiro. Nem as irmãs nem a senhorita Leo compreendiam o motivo. Ela limitava-se a dizer: “Não voltarei lá.” Evitava fechar os olhos, pois quando o fazia, via a cara repugnante de Sabas e sentia o toque das suas mãos e dos seus lábios no seu corpo. Ficou na sala a ouvir a agitação das pessoas antes de partir.

Pela sua memória deslizou uma imagem daquele lugar, a torre do campanário, e o frio que se havia apoderado do seu peito cedeu a uma súbita tepidez. Apesar de não poder ser feliz, ansiou por voltar ao lugar onde sentira uma felicidade transbordante, onde os problemas nunca a haviam angustiado e onde apenas sentira o prazer que Servando lhe proporcionava. “Está bem, irei.”, disse de modo inesperado.

Servando fazia parte do grupo de escravos que trabalhavam no campo nesse

dia. Conduziu a carroça dos alimentos e das bebidas e ajudou a transportar a mesa para debaixo da árvore. De pois disso, desapareceu. “Melhor assim”, concluiu Elisea. Pediu autorização para permanecer debaixo da tília, tendo Miora e Siloé como companhia. Melody insistiu em que uma caminhada à beira-rio traria cor ao seu rosto, mas Elisea alegou um súbito cansaço. O grupo avançou em direção ao barranco e as escravas, dirigiram-se à cozinha com uma pilha de pratos e talheres. Elisea deixou passar alguns minutos antes de se esgueirar até o campanário. Caminhou veloz e chegou muito agitada à base da torre. A ansiedade tornou-a imprudente e subiu a correr. Estava quase sem fôlego quando chegou à porta do campanário e uma náusea e vontade de vomitar o almoço. Antes de cair, alguém a agarrou.

— Servando!

— Que fizeste? Estás muito pálida. Vem sentar-te aqui, em cima do enxergão.

— Não! — murmurou ela, mas Servando proferiu um insulto e obrigou-a a sentar-se.

— Que fizeste? — insistiu. — Subiste a escada a correr? Fraca como estás? Tenho vontade de... — mordeu o lábio. Logo a seguir encheu-se de compaixão e tentou tocar-lhe.

— Que estás a ler? — perguntou Elisea, evitando a carícia.

Ele deixou escapar um suspiro antes de responder.

— Ainda não sei pronunciar o seu nome.

— Shakespeare?

— Sim, esse mesmo.

— Que obra lês?

— *A Violação de Lucrécia.*

”Violação”, repetiu Elisea, a palavra mais sórdida e mais feia que conhecia.

— Que se passa? — assustou-se Servando. — Estás outra vez pálida! Por que fechaste os olhos? Porque te agitas? Que se passa contigo, Elisea, diz-me.

— Nada, nada — sussurrou. — Já estou a ficar calma, não vês? Vá, lê-me um pouco.

Servando, desorientado, ficou a olhar para ela. Às vezes pensava que as febres altas lhe tinham tirado o juízo. Não a reconhecia, aquela não era a sua Elisea, a jovem arrogante por quem se havia apaixonado; a que tomara o seu lugar era medrosa e insegura.

— Lê — ordenou-lhe de novo.

— “Dito isto, põe o pé sobre a tocha, pois a luz e a luxúria são inimigas mortais: o crime, envolto na noite cega, é tanto mais tirânico quanto menos visível. O lobo agarrou a sua presa, a pobre cordeira grita, até que a voz se apaga

com a sua própria lã branca, os gritos sepultados nas pregas doces dos seus lábios.”

Elisea ouvia no mais absoluto silêncio, os olhos fechados, as mãos sobre o regaço e a cabeça apoiada na parede. Acompanhava Lucrécia em cada momento do ataque que esta sofria às mãos de Tarquino, era capaz de descrever tudo o que Shakespeare ocultara. Em parte, aqueles versos reconfortavam-na, como se a solidão que a esmagara se esfumasse. Lucrécia parecia-lhe amiga na amargura, alguém que a tinha compreendido. Já não era a única manchada nem a única condenada à desonra.

— “Como o pobre veado que, assustado, espreita selvagem, sem saber por que caminho fugir, ou como quem, desorientado por entre o espesso emaranhado não consegue ver claramente o caminho, também Lucrécia se debate interiormente sobre o se será melhor viver ou morrer, quando a vida é vergonhosa e a morte devedora da desonra.” — Por que choras? — interrompeu Servando. — Que tens?

As lágrimas deslizavam por entre as suas pestanas e banhavam-lhe o rosto. Sem levantar as pálpebras, murmurou: — Naquela noite, a do casamento do senhor Blackraven e Miss Melody, também eu me debati entre se seria melhor viver ou morrer.

— Elisea! Que dizes?

— Sentia nojo. Muito nojo do meu corpo, queria libertar-me dele.

— Explica-me, não compreendo. Estás a enlouquecer-me com os teus rodeios! Tinhas nojo de mim?

Elisea abriu os olhos e deparou com o rosto de Servando, muito próximo do seu, alterado e confuso.

— Meu Servando! Também tu foste vítima da mesma infâmia a que eu fui submetida, porque sei que te tenho feito sofrer com a minha recusa e o meu silêncio.

— Valha-me Deus, Elisea! — bradou o yolof, pondo-se de pé. — Explica-te ou julgarei que não estás boa da cabeça.

— Naquela noite, a do casamento, a véspera da morte do meu pai, depois de nos despedirmos à porta da torre, corri para casa, disposta a entrar pela sala de música. Durante a tarde, quando ninguém me via, tinha tirado a tranca para poder entrar mais tarde, depois do nosso encontro. Nunca cheguei à sala. Antes disso, fui vítima do mais horrendo ataque. — Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Elisea! — Servando caiu de joelhos e abraçou-a.

— Não me obrigues a explicar-te! Compreende, por piedade. A vergonha e o nojo impedem-me de te contar o que aconteceu sem que o meu coração se

despedace mais uma vez.

— Diz-me só o nome dele.

— Sabas.

Na manhã seguinte, quando acordou, Melody deu-se conta de que Blackraven já havia abandonado a cama. Colocou um penteador sobre os ombros e sentou-se frente ao toucador para se arranjar. Os seus olhos deram com um envelope junto aos frascos de cremes e loções. Abriu-o, julgando tratar-se de uma mensagem de Roger.

"Miss Melody, suplico-lhe que venha ver-me no Convento das Filhas do Divino Salvador, hoje ao meio-dia, depois do Angelus.

Bernabela Valdéz y Inclán."

Gilberta assegurou-lhe que não tinha recebido aquele envelope e, apesar de terem perguntado a todos os criados, não descobriram a pessoa que o tinha deixado em cima do toucador. Melody sabia que tinha de ir só e que não podia falar da carta a Blackraven, pois ele certamente a proibiria de ir ao convento. Tal como com a questão do senhor Traver, Roger mostrava-se renitente em explicar os motivos que haviam levado uma mulher tão frívola como dona Bela a ingressar num convento de clausura. A versão de que se tratava de uma promessa que fizera a Valdéz y Inclán não a convencera. Custava-lhe ter de desconfiar do marido, mas também a magoava que ele desconfiasse dela e não lhe abrisse o seu coração.

Quando se aproximou a hora do encontro, disfarçou-se com uma mantilha de escrava, tosca e grosseira, e saiu sem que Somar desse por isso. Quanto a Blackraven, continuava fora e era muito pouco provável que viesse almoçar. Caminhou em passos rápidos, sem levantar os olhos do chão.

Enda Feelham, que a seguiu mal a viu sair de casa, caminhava ao mesmo ritmo para não a perder de vista. Não lhe tinha sido difícil entrar na casa de San José para deixar a carta sobre o toucador — Bernabela tinha lhe dado uma chave. Aproximara-se inclusivamente da cama onde Melody dormia e tocara-lhe nos cabelos. Poderia tê-la matado, o marido saíra cedo e não se ouviam os criados nem o resto da família. Afastou a mão antes que a tentação a levasse a alterar os seus planos. A filha de Lastenia deveria sofrer antes de morrer, tal como Paddy havia sofrido.

Melody chegou agitada e cheia de calor e esperou alguns minutos antes de tocar à campainha do convento. Mandaram-na entrar para o locutório, uma pequena divisão sem janelas, com uma lamparina de azeite pendurada do tecto e

uma banqueta ao longo de uma grade muito espessa. Fechou um olho para espreitar por um buraco. A divisão contígua era pequena e lúgubre. Não conseguia entender como dona Bela aceitara encerrar-se em vida num lugar como aquele a pedido de um homem que detestava.

O roçar de um hábito sobre o piso de pedra alertou-a para a presença de alguém. Inclinou-se sobre a grade e viu-a. Tanta beleza desperdiçada atrás do tecido grosso do véu. Apesar do contexto e das vestes, o seu olhar continuava a ser o mesmo, frio e ressentido.

Mais do que tudo, Bernabela invejava Melody, não tanto pelo homem que a amava, mas pela liberdade de que gozava, a liberdade que ela cobiçara desde o dia em que a casaram com Valdéz y Inclán, que recuperara com a sua morte e que voltara a perder um dia depois. O motivo por que não fizera antes o que agora se preparava para levar a cabo desvanecera-se no dia em que pusera o pé naquele fosso do Inferno: já não precisava de preservar a amizade de Blackraven para, depois da morte de Valdéz y Inclán ele as manter, a ela, às filhas e aos irmãos. Lembrou-se de um provérbio que Roger lhe referira tempos antes — a vingança é um prato que se serve frio — e disse: — Agradeço-lhe que tenha vindo, Miss Melody.

Ao contrário do que exigia aos outros, naquele caso, incomodou-a que ela não a tivesse tratado por “senhora condessa”.

— Está bem, dona Bela. Vim sem hesitar porque calculei que quisesse saber da saúde e do estado das suas filhas.

— Não. Das minhas filhas ocupa-se Leonilda. Consigo desejava falar sobre Roger.

Os ciúmes fizeram vir à tona o que de pior havia nela e objetou: — Preferia que se referisse ao meu marido pelo seu título.

— Miss Melody — declarou, num tom obsequioso, depois de me ter deitado tantas vezes com ele, não consigo tratá-lo a não ser por Roger.

Melody pôs-se de pé no intuito de se ir embora. Bela ergueu-se também agarrando-se à grade, exigiu-lhe: — Não se retire. Tenho questões importantes a tratar consigo.

— Nada do que queira dizer-me me interessa. Boa-tarde.

— Tenho a certeza de que Roger não lhe disse que já foi casado, ou disse? — Melody parou. — Há pormenores escabrosos que deveria conhecer.

Ainda de costas, Melody debatia-se entre sair e ficar. Uma voz insistia para que se sentasse, a outra aconselhava: “Não te sujeites à malícia desta mulher.”

— Fale depressa — disse, sentando-se. — Não tenho muito tempo.

— Um homem como Roger não é para si. Covarrubias teria sido um marido à sua medida. Dócil e de caráter aprazível. Só uma mulher como eu teria estado

à altura de Roger Blackraven.

— Não ficarei aqui a ouvi-la insultar-me. Fale-me desse suposto casamento do senhor Blackraven ou irei embora.

— Suposto casamento? Foi o casamento de que falou toda a sociedade londrina naquela altura. Teve lugar há alguns anos. Ela chamava-se Victoria Trewartha e era de uma família nobre, ainda que empobrecida. Devo reconhecer que, poucas vezes na vida vi uma mulher tão bonita como ela.

Vindo de dona Bela aquele comentário afetou-a sobremaneira. Não queria chorar, mas já sentia a garganta tensa e um ardor no nariz.

— O casamento não foi bem-sucedido. Roger não suportou seu mau gênio e retomou a vida de aventureiro e libertino a que estava e está habituado. Victoria, por seu lado, arranjou um amante para se entreter durante as longas travessias do seu esposo infiel. Um certo Natal, Roger apareceu de surpresa e encontrou os dois na cama.

— Oh!

— Dizem as más-línguas que desatou a rir e eu considero-o bem capaz disso. Mas, o que aconteceu a seguir não tem graça nenhuma. Victoria desapareceu. Foram à sua procura, Roger e muitos outros. Horas mais tarde, encontraram, no alto de um penhasco, uma carta juntamente com as suas roupas. Suicidara-se, atirando-se ao mar. O corpo nunca foi encontrado e, apesar de nada ter sido provado, as suspeitas recaíram sobre Roger. Segundo os boatos, foi ele que a empurrou para que se espatifasse contra os rochedos.

Melody irrompeu num pranto infantil. Pouco importava que dona Bela a visse sofrer, precisava de exteriorizar a dor que tal confissão lhe havia causado.

— Por que me conta isso?

— Porque quero vê-la sofrer. Desejo fazê-lo desde o dia em que libertou os meus pássaros. Mas isso não foi suficiente para si, teve de me roubar Roger. Ele era meu. Não devia tê-lo roubado.

Melody tentou pôr-se de pé e fugir daquele lugar viciado pelo ódio.

Agarrou-se às grades, buscando apoio para se levantar. Bela entrelaçou os seus dedos nos dela e apertou-os.

— Largue-me, deixe-me ir embora. Está a magoar-me!

— É o que mais desejo, Miss Melody. Magoá-la. Fazer-lhe mal, muito mal. Quem me dera poder vê-la agonizar à minha frente.

— Deixe-me ir embora. Já me fez muito mal, pode sentir-se satisfeita.

— Não, ainda há algumas questões por revelar. Sabe, Miss Melody? Sempre me intrigou saber o que diria o *Anjo Negro* se soubesse que está casada com um homem que fez grande parte da sua fortuna como negreiro. Por que ele certamente não lhe disse?

— Isso é uma calúnia! Roger nunca faria tráfego de seres humanos. Não acredito nisso.

Levantou-se com brusquidão.

— Confronte-o — sugeriu Bela —, peça-lhe que jure pela sua vida que não foi negreiro no passado. Mas foi, sim, posso assegurar-lhe. E ganhou muitíssimo dinheiro com isso.

Melody correu até a porta.

— As coisas não acabam aqui, Miss Melody! — ameaçou Bela, batendo com o punho na grade.

— Sente-se bem? — estranhou a freira que lhe abriu a porta.

Melody não respondeu e chegou à rua a cambalear e a chorar debaixo da mantilha. Seguiu sem rumo. Queria afastar-se. Caminhou à deriva e deu por si em frente da igreja de São Francisco. Lá dentro estava fresco e vazio, pouco iluminado. Ajoelhada perante o Sagrado Coração, um sentimento de paz permitiu-lhe respirar com normalidade. Não rezou nem chorou. Limitou-se a contemplar a imagem de Cristo. Vinham-lhe à mente, imagens diversas de modo intermitente e desordenado.

Pensava no que iria destinar para o jantar e um segundo mais tarde imaginava Roger a empurrar a mulher do alto de um penhasco.

— Senhora! — exclamou Somar ao vê-la chegar da rua — Até que enfim! Estava a ficar louco de aflição.

Melody não parou e correu para o seu quarto. Blackraven entrou quando ela vomitava numa bacia.

— Isaura, o que tens? — precipitou-se para junto dela e segurou-a pelos ombros. — O que sentes? Que se passa? Onde estavas? Quase morri de angústia quando Somar me disse que não dava contigo.,

Melody limpou-se a uma toalha e deitou-se na cama onde desatou novamente a chorar. Blackraven sentou-se à cabeceira e retirou-lhe o cabelo do rosto.,

— Não me toques.

— Isaura! Que te aconteceu? Diz! De onde vens? Com quem estiveste?

— Com dona Bela! Enviou-me um bilhete, pedindo que fosse vê-la no convento. E aí fiquei sabendo de coisas que me torturam.

— Não acredites em nada do que essa mulher pérfida tenha dito. É uma serpente que apenas quer nos separar.

— Por que quereria? Por ter sido tua amante e estar despeitada?

— Proíbo-te de a voltares a ver. — Blackraven pôs-se de pé. — Mantém-te longe dessa mulher. É perigosa, compreendes. Não voltes a chegar perto dela.

— É mentira que foste casado com uma mulher chamada Victoria? Diz-me, é

mentira?

— Não, não é.

— Por que não me contaste?

— Porque faz parte de um passado que quero esquecer.

— Queres esquecer que a mataste?

— Não sabes o que dizes! Ou jamais repetirias.

Melody enfiou o rosto na almofada e recomeçou a chorar. Blackraven sentou-se de novo à beira da cama.

— Sempre suspeitei de que me escondias coisas, que não me contavas tudo da tua vida. Hoje tive a prova de que as minhas suspeitas não eram em vão. Eu abri-te o meu coração, Roger. Tu não fizeste o mesmo.

— Tu precisavas te abrir, meu amor. Precisavas pôr cá fora toda essa dor e partilhá-la comigo.

— E tu não? Serás assim tão todo-poderoso que não precises de mim?

Ele voltou-a com brusquidão e, agarrando-a pelos ombros, encostou-a ao colchão.

— Preciso de ti como do ar que respiro — disse, muito próximo, apertando-a ao mesmo tempo que falava. — És a única coisa de que necessito para viver, compreendes? Não sei como conseguiste, mas cravaste-te no meu coração e não há nada que eu possa fazer para o evitar.

— Preferia que me tivesses falado sobre a tua esposa e sobre as suspeitas que caíram sobre ti. Foi humilhante ter ficado sabendo por dona Bela.

— Não vale a pena falar do passado.

— Mas eu quero que me fales dela — teimou —, quero saber de Victoria.

— Para que queres saber, Isaura? Não faz sentido.

— Amava-a?

— Não.

— Então por que casaste?

— Porque ela era bonita e pertencia à nobreza da Cornualha, de onde é originária a minha família, os Guermeaux. Os Trewartha, à semelhança de outras famílias da região, desprezavam-me em criança por eu ser bastardo. Anos mais tarde, regressei rico, e os Trewartha, nessa altura, estavam pobres. Casei-me por despeito e ela, por dinheiro. Não podia acabar bem.

— Dona Bela diz que a encontraste com o amante.

— Sim, é verdade.

— Foi por isso que se suicidou?

— Atirou-se ao mar. Não sei por que o fez.

— Sofreste com isso?

— Sim, sobretudo pelo sentimento de culpa. Ela era muito jovem e bonita,

merecia outro destino. A culpa da sua morte vive comigo.

Melody abandonou a cama, agoniada e abatida. Tinha na boca um sabor amargo e sentia-se suja e transpirada. Chamaria Trinaghanta para que lhe preparasse um banho. Queria ficar só e em silêncio.

— Em que pensas?

— Foste negreiro, Roger? — Blackraven ficou calado, olhando-a com frieza. — Jura-me que não foste.

— Fui, sim.

Uma profunda tristeza retirou a Melody as poucas forças que lhe restavam. Recostou-se sobre um canapé e fechou os olhos.

— Isaura, permite que te explique.

Melody levantou uma mão e Blackraven parou.

— Deixa-me sozinha. Preciso ficar sozinha.

Nesse dia, o da revolta, Sabas tinha de fazer duas coisas. A primeira era tirar do caminho Papá Justicia, para que ele não participasse. A segunda era sair também ele do meio para justificar a sua ausência durante o ataque. Para a primeira foi visitar a sua mãe ao Convento das Filhas do Divino Salvador, àquela hora encontrá-la-ia a voltar do mercado.

— Não vamos ficar muito tempo neste lugar, meu filho. A senhora Enda vai ajudar-nos a fugir.

— Não fuja, minha mãe, porque se tornaria uma escrava fugitiva. Faltam-me poucos reais para comprar a liberdade. Muito em breve irei consegui-los. Tem o que lhe pedi?

— Aqui está — e entregou-lhe um saquinho de tecido. — Presta atenção, meu filho. Não lhe dês mais do que dois punhadinhos, assim, olha. Se for mais do que isto vão despacha-lo para o outro mundo. Entendeste?

— Sim, mãe, entendi.

— E para que Justicia precisa dormir?

— É uma longa explicação, minha mãe, e agora não há tempo. Contarei mais tarde. Basta que saiba isto: hoje vou vingar-me do patrão Roger, pelo que fez a si e pelas oitenta chibatadas que me deu.

— Vai com cuidado, meu filho.

Nada poderia deter a fúria de Maguire quando lhe dissesse que tinha sido Blackraven o traidor que os havia vendido a Álzaga e, naturalmente, a traição começaria por Servando. Entrou no bairro do Mondongo, ensaiando as frases e os gestos que iria utilizar para convencer o irmão de Miss Melody, embora pressentisse que não seria fácil consegui-lo. Bateu à porta de Papá Justicia.

— Sabas! Que fazes aqui?

— Vim visitá-lo, Papá.

— Vá, entra. Espera um momento. Vou tirar a panela do fogo.

Como de costume, o jarro com que preparava o chá-mate estava em cima da mesa. Mediu os dois punhados de pó, lançou-os na água e mexeu com o dedo. Logo a seguir apareceu Papá Justicia com uma prato de cozido.

— Queres?

— Cheira bem — disse Sabas, sentando-se a comer.

Papá Justicia preparou o chá-mate e estendeu-o.

— Não, obrigado, ando com as tripas um pouco soltas.

A caminho de casa, na calle de Santiago, parou numa taberna e bebeu três copos de Genebra. Chegou alegre a casa de Valdéz y Inclán e começou a apalpar Visitación, a preferida de Servando antes da senhorita Elisea. A escrava gritou e insultou-o até que dom Diogo apareceu com o seu chicote e o agarrou por uma orelha.

— Estás embriagado, negro ordinário! Para o tronco. És um vadio, sem remédio. — Amarrou-o ao tronco enquanto lhe imobilizava a cabeça e as mãos. — Vou arranjar-te um ofício ou dizer a Blackraven que te venda pelos dois pesos que vales.

Servando deitou-se no enxergão, os olhos fixos no tecto. Correndo o risco de apanhar algumas chibatadas, não se apresentara nesse dia na oficina de estofador para se dedicar a procurar Sabas. Quando finalmente deu com ele em casa dos Valdéz y Inclán disseram-lhe que dom Diogo acabara de o pôr no tronco por apalpar Visitación. Não o mataria naquela situação, teria portanto de esperar talvez até o dia seguinte porque dom Diogo costumava levantar os castigos de manhã. Seria uma longa noite de insônia como a anterior, atormentada por imagens incríveis de Elisea e Sabas, e asfixiado por um sentimento de impotência superior ao que havia sentido quando Pangu lhe lançara a rede, caçando-o como se fosse um macaco. Não suportava estar deitado, as lágrimas cortavam-lhe a respiração. Adormecia de vez em quando e um pesadelo sobressaltava-o e recomeçar a chorar. Recriminou-se por não a ter acompanhado até a entrada, assegurando-se de que entrava em casa e bateu com a cabeça na parede até a testa sangrar.

Somar entrou.

— Levanta-te — ordenou. — O patrão Roger mandou-te chamar.

Devia ter sabido que ele faltara à oficina e teria sorte se saísse de lá com as costas intactas. Seguiu o turco até a biblioteca e, mal entrou, deu-se conta de que este não usava o turbante nem as roupas exóticas e sim um *chiripá* e um poncho de flanela. Apesar de a casa estar na penumbra, percebeu que o patrão Roger também usava roupa de camponês, que soltara o cabelo e que usava um chapéu

caído nas costas com a presilha no pescoço.

— Babá — disse Blackraven —, precisamos da tua ajuda esta noite. O que ouvires hoje vai contigo para a tumba, entendido?

— Sim, patrão Roger.

Uma hora mais tarde, saíram os três a cavalo, rumo à plaza Mayor, onde seguiriam diferentes caminhos. Somar trataria de Basavilbaso para guardar Pablo, Blackraven e Servando protegeriam Maguire e Papá Justicia, que haviam procurado para o alertar da suspeita de uma emboscada, mas que não encontraram em lugar algum.

Ataram as rédeas ao palanque e ocuparam uma mesa na taberna que se situava frente à loja de Álzaga, onde já não havia fregueses, mas onde podia ver-se a luz e o movimento dos empregados a arrumar as mercadorias.

— Ouve bem, Babá, nós vamos ficar ocultos e atentos. Se tudo decorrer como o meu cunhado planejou, sem inconvenientes, não vamos intervir. Mas se virmos problemas, tratas do Papá Justicia e eu de Maguire. Nós os esconderemos por algum tempo naquele lugar onde Somar te levou no outro dia. Lembras-te do caminho?

— Sim, patrão Roger.

Blackraven distinguiu Tomás Maguire entre os poucos transeuntes que restavam, apesar de ele estar disfarçado com um chapéu de aba larga que lhe tombava sobre a testa. Traíram-no algumas madeixas de uma tonalidade peculiar, entre o louro e o ruivo que lhe escapavam à altura da nuca. Três escravos passaram junto a Maguire e olharam-no de soslaio.

— Entraremos pelas traseiras — indicou Blackraven. — É lá o depósito, uma espécie de celeiro cheio de caixotes, sacas e barricas. Não faltará lugar para nos escondermos.

— Sim, patrão Roger.

— Prepara a tua arma. Vamos.

Blackraven subiu a uma árvore com uma agilidade que deixou Servando boquiaberto, e desse lugar examinou o panorama. Ainda havia luzes acesas dentro da loja e uma calma e uma escuridão suspeitas dominavam o depósito. Desceu da árvore.

— Não vamos entrar. Há aqui alguma coisa que não me agrada. Esperaremos aqui fora.

Esconderam-se atrás das alfenas da casa do lado e aguardaram um quarto de hora até ouvirem passos e sussurros. Era uma noite sem lua, e a rua estava desprovida de iluminação pública. Alguém acendeu uma candeia junto da divisória de Álzaga. Blackraven e Servando avistaram o grupo de insurrectos que, aproveitando as sinuosidades do muro, trepavam todos ao mesmo tempo.

Não demorou muito até ouvirem alguns tiros. Como Blackraven sus peitara, havia alguns guardas escondidos no depósito.

— Vamos! — ordenou.

Atravessaram a rua e lançaram-se dentro da propriedade. Mais tarde, meditando sobre aquela proeza, Servando perguntar-se-ia como conseguira transpor a parede de dois metros de altura e penetrar no meio daquela barafunda sem que as mãos lhe tremessem, brandindo as suas armas e gritando como um louco.

O patrão Roger, pelo contrário, parecia mais sereno, como se aquele espetáculo lhe fosse familiar e soubesse exatamente como deveria conduzir-se. Era surpreendente a economia dos seus gestos de ataque, com a culatra da arma ou com os golpes certeiros do seu estoque, sem abrir a boca e com movimentos austeros e precisos. Definira bem o seu objetivo e investia contra tudo o que se interpusesse. Servando, por outro lado, não encontrava Papá Justicia no meio daquele emaranhado de corpos, gritos e tiros, e doía-lhe o braço direito de um ferimento junto ao ombro.

Blackraven derrubava guardas e insurrectos indiscriminadamente.

Sabia que, embora os escravos mostrassem grande desenvoltura e coragem, os homens de Álzaga estavam a dizimá-los e que a escaramuça terminaria muito em breve. Deu uma última corrida e parou atrás de Tommy que se debatia numa luta de navalhas. Fez pontaria por cima da cabeça do cunhado e o guarda caiu de costas com um tiro no peito. Tommy, surpreendido voltou-se, recebendo um murro na cara que o deixou estendido e inconsciente.

— Babá! — gritou Blackraven, com Tommy aos ombros. — Retirar!

— Não dei com o Papá Justicia! Não consigo encontrá-lo em lugar nenhum!

— Deixa-o. Não temos mais tempo!

Nessa noite, Servando apercebeu-se da força física de Blackraven, ao vê-lo carregar às costas aquele peso morto, enquanto corria, evitando obstáculos para chegar às traseiras da propriedade. Um guarda que se afastou da barafunda, seguiu-os, ordenando-lhes que parassem. Blackraven que já usara a única bala da sua pistola, pegou na de Servando, fez pontaria e deitou-o abaixo com um tiro na perna. Encostaram uma barrica ao muro para conseguirem trepar.

— Salta tu primeiro e fica perto para agarrar o Maguire.

— Mas, patrão Roger, como vai depois conseguir subir?

— Deixa-te de perguntas e faz o que te digo!

Saltou, como lhe havia sido ordenado e ficou encostado à parede.

Blackraven encostou Tommy à beira do tapume e em seguida sentou-o.

— Agarra-lhe as pernas que eu seguro pelos braços.

Por fim, Roger saltou para fora e voltou a pôr Tommy aos ombros.

— Vai buscar os cavalos, mas tem cuidado. Há certamente guardas na parte da frente.

Com efeito, o comissário e os seus agentes, precipitavam-se pela rua da taberna, alertados pelos tiros e pelo escândalo. Os vizinhos e os fregueses amontoavam-se à entrada da loja, permitindo a Servando que desa-marrasse os cavalos do palanque e fugisse.

Blackraven deitou Tommy atravessado sobre o cavalo de Servando e prendeu-o ao arção com um cabresto.

— Leva-o para a caverna. Depressa! — E atiçou o animal que galopou em direção ao Bajo.

Montou *Black Jack* e dirigiu-se à outra rua, a da entrada principal da loja de Álzaga. Da esquina viu alguns guardas que apontavam as armas a quatro negros algemados, dispostos em fila. O comissário e alguns agentes, retiravam os outros, mortos ou feridos, arrastando-os pelo chão. Aos sobreviventes, aguardava-os a tortura. Não viu Álzaga e calculou que o basco se tivesse mantido à distância durante o ataque.

Cansado, conduziu *Black Jack* para a zona da Plaza Mayor. Ao chegar a casa, constatou que Somar ainda não havia chegado. Despiu aquelas roupas e bebeu um pouco de *brandy*. Encostado na poltrona, pensou em Isaura e no escândalo que iria rebentar quando os negros confessassem o nome do seu irmão e de Papá Justicia. “Se ao menos pudesse protegê-la de tudo o que aí vem”, desejou.

Nesse dia, depois da maldita conversa de Bernabela, Melody fechou-se no quarto e nem sequer permitiu que Siloé entrasse com a comida.

Embora por momentos tivesse pensado em pôr a porta abaixo, Blackraven respeitou sua decisão e manteve-se afastado.

Ouviu os passos tranquilos de Somar no corredor e veio até a porta.

— Até que enfim, amigo. Começava a ficar preocupado. — Somar mostrou uma expressão de assombro e Blackraven justificou-se: — Estava impaciente para saber o que te tinha acontecido.

— Estou inteiro, apesar de aquilo ter sido um massacre. Esperava-os um pequeno batalhão armado.

— Que se passou com Pablo?

— Deixei-o na caverna. Foi aí que me encontrei com Servando e com o teu cunhado que continuava inconsciente. Quanto ao Pablo, está muito mal, muito ferido.

— Irei buscar Redhead e levá-lo-ei à caverna. Ele é de confiança.

— Não há nada que Redhead possa fazer por ele, Roger. Tem metade do intestino fora do corpo. Já deve ter morrido.

— Viste o Papá Justicia? — Somar negou com um gesto de cabeça. — É estranho, nós também não o encontramos. Não creio que tenha participado no ataque da Companhia das Filipinas. Ele mesmo te disse que estaria com Maguire.

— Estás a pensar o mesmo que eu?

— Não — disse Blackraven com firmeza. — Papá Justicia não é o traidor.

Antes de se acomodar num quarto de hóspedes, decidiu ir até o seu.

A porta estava aberta. Aproximou-se da cama, onde Melody dormia, de lado, encolhida, com as pernas coladas ao peito e as mãos no pescoço como se tivesse frio. Blackraven ajeitou o lençol e tapou-a. Melody agitou-se sem acordar.

— Amo-te — sussurrou e beijou-lhe a fronte.

Tomás Maguire sentiu um gosto a sangue na boca e abriu os olhos.

Identificou cada pontada e mal-estar, e apercebeu-se de que todo o seu corpo estava dolorido, como se um exército inteiro o tivesse espancado.

Sentiu no rosto o frio e a aspereza do solo e ao virar a cabeça, descobriu uma fonte de luz, a palmos de distância, uma candeia de azeite sobre um caixote de madeira. Viu uns pés descalços e umas pernas fortes e escuras.

Voltou um pouco mais a cabeça até descobrir Servando que se dirigia para uma pessoa que estava deitada no chão.

O esforço aumentou-lhe as pontadas na cabeça e acelerou-lhe a respiração. Contraiu os olhos para afugentar a dor. Queria perceber que lugar era aquele onde estava e como ali tinha chegado. Lembrava-se de um homem de feições horrendas e faca na mão que se lançava sobre ele.

Lembrou-se também de o ver cair de costas com um tiro no peito. Depois tudo ficara escuro.

Servando pôs-se de pé com panos que pingavam sangue. Quem seria o pobre infeliz? E pela primeira vez, Tommy perguntou a si próprio o que estaria Servando a fazer ali. Tentou em vão pronunciar o seu nome, mas não conseguiu emitir qualquer som, nem sequer mover-se e sentiu-se desesperado ao ver o escravo sair por um buraco aberto na terra com a candeia na mão. Deviam ter passado longos minutos antes de conseguir endireitar-se. Mal se levantou, vomitou e avançou como um ébrio até um odre com água.

Aproximou-se do homem que estava no chão e olhou-o de cima enquanto bebia. Caiu de joelhos ao dar-se conta de que se tratava de Pablo.

— Pablo! Pablo! Acorda!

Como uma derrocada de pedras, as recordações chegavam à sua memória.

— Tommy — murmurou Pablo.

— Sim, sou eu.

O rapaz lançou um queixume e tentou levar a mão ao baixo ventre, onde tinha uma atadura ensopada em sangue.

— Não toques aí. Tens um arranhão, só isso, mas deve doer.

— Onde estamos? — Tommy percorreu o espaço com o olhar. — Que aconteceu? Lembro-me... creio que estavam...

— Fica calado, não deves falar. Poupa as tuas forças. Tens de te recuperar. Tens sede?

— Sim.

Ajudou-o a levantar a cabeça e a beber alguns goles de água.

— Tommy, ouve. — Pablo agarrou-o pelo colarinho e, com um vigor inesperado, obrigou-o a agachar-se. — Foi Blackraven que nos traiu.

— Que dizes? Como poderia ele saber da revolta?

— O seu escravo, aquele a quem chamam Somar, esteve aqui. Tinha a cara tapada, mas quando aqui chegou, julgando que eu estava inconsciente, tirou o lenço e eu o reconheci.

— Oh, meu Deus! — A voz tremeu-lhe, assim como a mão ao mesmo tempo que se dissipava a confusão inicial. — Foi Servando que confessou tudo a Blackraven. Maldito negro traidor! Maldito pirata inglês! Que terá acontecido aos outros? Que faremos nós aqui?

— Blackraven quis nos salvar para evitar o ódio de Melody, por isso nos trouxeram para este lugar.

— Faz sentido — concordou Tommy, o olhar nublado. — É um maldito filho da puta! Vai pagar por isto o cabrão! Juro pela memória do meu pai que mas vai pagar!

— Tommy...

— Basta, não fales mais. Descansa.

— Tommy, diz a Melody... — Ficou rígido, conteve o ar e em seguida soltou o último suspiro.

— Pablo, Pablo, vá, abre os olhos, fala comigo. Porque não falas? — Sacudiu-o com força e, apesar de saber que ele já estava morto, continuou a chamá-lo: — Pablo, não me deixes, amigo! Não me deixes, tu também! — até que se deu por vencido, soltou um grito e chorou com rosto sobre o peito de Pablo.

Servando montou a cavalo, oculto pela espessura da vegetação das margens do rio e galopou até a cidade. Tinha de se ocupar de Sabas e pouco lhe importava que ainda fosse noite cerrada e que o esperassem longas horas de espera até que dom Diogo o libertasse do tronco. Espera-ria escondido nas traseiras da casa de Valdéz y Inclán. Não sairia dali até estar com ele, espreitá-lo-ia como costumava

espreitar as feras durante os seus tempos de caçador. Apesar de não pregar olho havia várias noites, mantinha-se firme e atento sobre o cavalo, com as rédeas numa mão e o facão na outra.

Quando chegou à cidade, deixou o cavalo na casa de San José e foi a pé até a calle de Santiago. Trepou pelo muro e caiu no pátio da criadagem. Dentro de algumas horas começaria o movimento, pelo que decidiu esconder-se no tecto da cavalariça. Dali teria uma visão perfeita da situação. Por volta das seis, apareceu dom Diogo, entrou na divisão onde estava o tronco e saiu com Sabas a cambalear atrás de si.

— Hoje mesmo falarei com Blackraven a teu respeito — disse-lhe. — Agora vai lavar-te que tresandas, negro sujo, e é bom que eu não receba mais nenhuma queixa, ou dou cabo de ti à paulada.

— Sim, dom Diogo.

Sabas mal conseguia aguentar-se de pé. Com a ajuda de Gabina, tirou agua da cisterna e lavou-se ali mesmo sem sabão nem cuidado.

— Vou buscar-te alguma coisa para comeres — disse a escrava, entrando na cozinha.

Sabas deitou-se sobre uns fardos e adormeceu durante alguns minutos, até que Gabina voltou com um chá-mate e uma côdea de pão duro.

Servando notou que ele não parecia incomodado com as horas de castigo nem com a ameaça de dom Diogo, pelo contrário, parecia que estava satisfeito. Ouviu-se a campainha. Elodia, a cozinheira saiu com uma panela para comprar leite.

— Sabe lá, Elodia! — disse o rapazinho do leite, desmontando de um salto. — Houve a maior das confusões!

Os escravos reuniram-se junto ao portão das mulas para ouvir o garoto que relatava o que acontecera na véspera à noite nas casas de Álzaga, Sarratea e Basavilbaso. As suas palavras eram intercaladas com exclamações e lágrimas, pois as vítimas entre os negros eram muitas. Servando, que não afastava os olhos de Sabas, viu-o estremecer quando o pequeno leiteiro assegurou que Papá Justicia estava preso.

— Dizem que os soldados do vice-rei entraram na casa dele do Mondongo e o encontraram a dormir. Levaram-no de rastos até o Forte.

Sabas não ficou para ouvir o fim da história. A notícia da revolta tornara-se pública e era visível a comoção das pessoas que se juntavam às esquinas a falar do assunto. Servando surpreendeu-se ao ver Sabas entrar em casa do comerciante Martín de Álzaga, na calle de la Santísima Trinidad. Saiu pouco depois e dirigiu-se à Plaza Mayor, parando junto à porta do Cabildo a falar com um moleque . Servando conhecia-o, chamava-se Remigio, pertencia a Álzaga e

acompanhava-o a todo o lado. O pretinho entrou no edifício e voltou pouco depois.

— Podes vir. O patrão Martín vai receber-te no pátio.

Embora Sevando não tivesse podido aproximar-se para ouvir o que Sabas dizia, começava a ter um mau presságio. Via a severidade e o desprezo com que Álzaga olhava Sabas, a princípio, e a fúria que o tomou a seguir, não porque gritasse, pois tinha o cuidado de não levantar a voz, mas porque o seu rosto, de uma palidez doentia, se tornara avermelhado. O basco deu meia-volta numa atitude airosa e petulante e entrou no Cabildo.

Sabas e Remigio saíram por trás.

— Dizem que um negro o traiu quando o ameaçaram com a tenaz.

— Papá Justicia não participou na revolta — gritou Sabas encolerizado. — Eu sei porque o deixei em casa a dormir. Não estava a dormir quando os soldados foram buscá-lo?

— Não te preocupes. O patrão Martín vai libertá-lo porque tu o ameaças de contar o que sabes a dona Magdalena.

Sabas dirigiu-se para o Bajo e seguiu o curso do rio em direção a sul até chegar à altura do bairro do Mondongo. Passou pela zona das lavadeiras e embrenhou-se num pequeno bosque solitário. Notava-se que o conhecia de cor, pois deslocava-se com grande segurança. Chegado junto de um eucalipto, sentou-se sobre uma raiz que emergia da terra. Meteu a mão no tronco e retirou uma lata que, Servando reconheceu, tinha desaparecido da senhorita Leonilda.

— Sabas — chamou.

— Ei, que fazes tu aqui? Andas a seguir-me?

— Sim. Vim matar-te pelo que fizeste a minha mulher.

— Afasta-te de mim. Eu não fiz nada!

O escravo tirou da lata um saco volumoso, apertou-o contra o peito e recuou vários passos. Caiu de costas ao tropeçar num tronco caído.

— Afasta-te de mim.

— Foste tu, não foste? Contaste a Álzaga da revolta dos escravos. Tu enviaste para a morte a nossa gente e estou a ver que o fizeste por dinheiro.

— Mentira! Este dinheiro ganhei-o a trabalhar. E não sei nada de revoltas.

— A trabalhar? Mentira, Sabas! És o ser mais desprezível que conheci. Não há ninguém tão reles como tu. Alegra-me saber que vou ser eu a mandar-te para o Inferno.

Sabas tentou pôr-se de pé, mas voltou a cair quando Servando se lançou sobre ele agarrando-o pelos tornozelos. Sacudiu-lhe as pernas sem conseguir afastá-lo e deixou cair a bolsa cheia de moedas quando segurou o queixo depois

de ter levado um valente murro. Ouviu o tecido das suas calças a rasgarem-se e apercebeu-se de que Servando segurava uma navalha junto aos seus genitais.

— Por Elisea — disse o yolof, e castrou-o.

Os gritos de Sabas ressoaram nas árvores. O sangue jorrava aos bor-botões por entre as suas pernas. Servando, com o membro e os testículos de Sabas na mão, olhava-o sem compaixão, testemunhando a rápida mudança que se dava nas suas feições escuras que adquiriam agora uma tonalidade acinzentada. Lançou para longe os genitais, como se fossem lixo, e acocorou-se para consumar a vingança, espetando-lhe várias vezes a faca no peito e no ventre. Antes de abandonar aquele lugar, limpou as mãos às calças de Sabas e levou a bolsa com o dinheiro.

Melody acordou e voltou a sentir-se triste. Roger Blackraven tinha sido um negreiro, na sua opinião a pior ralé, o que havia de mais desumano e perverso. O luxo e o dinheiro de que gozavam deviam-se em parte ao tráfico de escravos e para ela seria insuportável usar os vestidos e os ornamentos que ele lhe oferecera. Como teria tratado os africanos que transportava no paiol do barco? Tê-los-ia deixado morrer à sede como Álzaga? À fome?

Era-lhe doloroso pensar que ele mantivera aquele segredo e teria preferido que ele lhe tivesse confessado a verdade sobre o seu passado. Saber por dona Bela aumentava o seu rancor e os seus maus pensamentos. O que haveria de verdade na morte da sua primeira mulher? Custava-lhe a crer que Roger a tivesse assassinado, mas tinha a princípio também duvidado que ele tivesse sido negreiro e ele próprio acabara por admiti-lo. Ninguém ignorava que Blackraven era um homem implacável, cuja cólera poderia fazer tremer os alicerces e muito cioso de tudo o que considerava propriedade sua. Não podia esquecer-se da indignação dele na tarde em que a encontrara a conversar com Covarrubias na sala da casa de Valdéz y Inclán. Encontrar a sua mulher na cama com outro decerto fizera vir à tona o que de pior havia em si, e bem poderia tê-la empurrado do penhasco.

— Oh, meu Deus, não! — soluçou, tapando o rosto.

Melody dirigiu-se à sala de jantar para tomar o pequeno-almoço.

Não sabia como iria enfrentá-lo, a sua única certeza era que não continuaria a esconder-se no quarto. Blackraven e o senhor Désoite levantaram-se quando ela entrou.

— Bom-dia — disse em voz baixa sentando-se no seu lugar de sempre.

— Pareces abatida, querida — notou Béatrice. — Não dormiste bem?

— Não muito bem.

Melody apercebia-se do olhar do marido que não a abandonava por um segundo. Bebeu o café com muito esforço.

— Come alguma coisa, Isaura — ouviu-o dizer. — Desde ontem que não comes nada.

— Não me apetece, senhor — respondeu sem levantar os olhos.

— Sentes-te enjoada? — interessou-se Béatrice. — Bem, é que isso poderia significar que muito em breve haveria uma criança. — Calou-se ao deparar com o olhar severo e irado de Melody. — Desculpa — disse, e continuou a comer.

Ovidio, o marido de Gilberta, entrou na sala de jantar.

— Patrão Roger, o senhor de Álzaga quer vê-lo. Diz que é urgente. Pergunta se a senhora condessa o pode acompanhar.

— Ele que entre.

Álzaga não vinha só. Escoltavam-no o alcaide dom Francisco de Lezica, o procurador do Cabildo, dom Benito de Iglesias — que tinha intervindo por ocasião do bebé mascarado de diabinho —, e dois guardas da zona, o de Monserrat e o do Alto. O alcaide e o procurador não pareciam tão tranquilos como Álzaga. O primeiro passava o seu bastão branco, característico do cargo que ocupava, de uma mão para a outra e pigarreava, enquanto o segundo limpava a testa com um lenço e abanava-o à frente do rosto.

— Cavalheiros — disse Blackraven —, queiram fazer o favor de se sentar. Desejam um café?

— Não, obrigado, Excelência — declarou Álzaga. — Infelizmente, esta não é uma visita de cortesia.

— Não, imagino que não — concordou Roger. — Sentai-vos de qualquer modo.

— Nós retiramo-nos, Excelência — declarou Luís, ao mesmo tempo que abandonava a mesa acompanhado da irmã.

— Excelência — começou Álzaga —, não são boas notícias as que trago esta manhã.

— Sem rodeios, dom Martín — instou-o Blackraven.

— Sabe, ontem à noite teve lugar um episódio muito infeliz. Sarratea, Basavilbaso e eu próprio fomos atacados, os três por um grupo de revoltosos, na maioria escravos, que pretendia não só ficar com parte do nosso patrimônio como executar-nos.

— Lamento muito — disse Roger. — Vejo que Sua Mercê se encontra bem. Desejo o mesmo a dom Martín e a dom Manuel.

Álzaga inclinou a cabeça em sinal de agradecimento.

— É com gosto que o informo que eles estão bem e o nosso patrimônio a salvo. Tivemos sorte de sermos avisados a tempo.

— Perdoe, dom Martín, mas tratando-se de um incidente tão triste — assinalou Blackraven — preferia que a minha mulher se retirasse. Não vejo em que este assunto possa dizer-lhe respeito.

— Acontece que viemos justamente ver a sua senhora. Excelência — explicou Álzaga.

— Excelência — manifestou o procurador, o senhor Iglesias —, é muito penoso para nós ter de vos incomodar, mas deu-se uma contingência que a isso nos obriga.

— Que contingência, senhores? — perguntou Blackraven já aborrecido.

— Um dos revoltosos, um escravo de nome Milcíades, que sobreviveu ao ataque à Companhia das Filipinas e foi feito prisioneiro, confessou que um dos cabecilhas da conjura é um tal Tomás Maguire. Sabemos que é irmão da senhora condessa.

Melody levantou-se e levou a mão à boca. Blackraven precipitou-se para junto dela e agarrou-a pela cintura. Os outros puseram-se de pé.

— Lamento, senhora condessa — disse Iglesias —, gostaríamos de poder evitar-lhe este sobressalto, mas...

— Precisamos saber onde está escondido o seu irmão — disparou Álzaga.

— Álzaga — vociferou Blackraven. — Um pouco de decoro em minha casa, senhor. A minha esposa está visivelmente emocionada. É claro que ela nada sabe sobre esse assunto. Digo-lhe mais, há muito tempo que a senhora condessa e o irmão se afastaram devido a divergências em questões de família.

— Tommy — balbuciou Melody. — Roger... Tommy… O que se passa?

— Meu amor — sussurrou-lhe junto à fronte —, acalma-te. Vá, volta para a tua cadeira. Tenho a certeza de que nada de mal aconteceu a Tommy.

— Lembro-lhe, Excelência — interveio o senhor de Lezica, o alcaide —, que o seu cunhado é um fugitivo da justiça.

— Discordo de Sua Mercê. A participação do meu cunhado na revolta não é um fato provado, e considero inadmissível que se aceite a confissão de um escravo sob tortura como única prova para incriminar um homem de bem. Qualquer advogado apoiará este raciocínio. Acho muito estranho que o senhor, um perito na matéria, não o tenha considerado.

— Peço-lhe que me perdoe, Excelência — declarou Lezica —, mas...

— É igualmente fundamental — pressionou Álzaga — que o encontremos. Precisamos que venha apresentar as suas declarações, que apresente provas das suas atividades durante a noite de ontem. Se estiver inocente não terá dificuldade em prová-lo.

— Poderá ser fundamental — anuiu Roger — que o meu cunhado se apresente para fazer declarações, senhor Álzaga, mas isso nada tem a ver comigo

ou com a minha mulher. Como já lhe disse, não sabemos do seu paradeiro. Agora, se me permitem, acompanho-os à porta — e estendeu a mão na direção do vestíbulo.

— A senhora condessa, pelo menos — obstinou-se Álzaga —, poderia indicar-nos a que se dedica o seu irmão e onde costuma residir, ou melhor, onde o fazia antes do distanciamento que Sua Mercê nos referiu.

— O meu cunhado herdou do pai uma propriedade em Capilla del Señor. Poderão começar por procurá-lo lá, senhores. É tudo quanto sabemos. Agora insisto em que me acompanhem.

Blackraven encontrou Melody dobrada sobre a mesa, a chorar.

— Isaura, meu amor! — ajudou-a a pôr-se de pé e conduziu-a até a poltrona. — Vá tranquiliza-te. — Entregou-lhe um lenço. — Não chores, meu amor, não consigo ver-te sofrer.

— Oh, Roger! Não vou suportar esta angústia por muito tempo.

Tenho de saber o que é feito de Tommy, preciso de ter a certeza de que está bem e de que não está ligado a essa revolta.

— Não deves angustiar-te. Sabes pelo menos que ele está em liberdade.

— Se for verdade o que Milcíades afirma, que ele fazia parte da revolta, poderá estar ferido, sozinho, sem ninguém para o tratar. Não quero pensar numa coisa dessas, que agonia!

— Vamos encontrá-lo e eu tratarei de tudo. Agora quero que te acalmes. Vá lá, para de chorar.

A força e a autoridade de Blackraven bastariam para solucionar o caos em que se tornara a vida do seu irmão. Muitas vezes detestava aquele absolutismo do seu marido, como se todos os que estavam na sua esfera não pudessem agir sem o seu consentimento. Mas havia momentos, como aquele, por exemplo, em que contar com a supremacia de Blackraven a fazia sentir que pisava chão seguro.

— Tommy já teve problemas com a justiça no passado. Paddy e o comissário de Capilla del Señor acusaram-nos, a ele e a Pablo, de roubo de gado e eles tiveram de fugir para escapar da prisão. Agora vai recomeçar tudo. Nunca mais terão paz.

— Vamos para o nosso quarto. Quero que te deites. Estás muito pálida e tens as mãos a tremer. Tens as mãos geladas! Vou pedir a Trinaghanta que te prepare um chá. Não deves ficar preocupada, eu tratarei desta situação.

Beijou-a nos lábios e Melody vibrou como da primeira vez. Queria lembrar-se que estava zangada com ele e não desejá-lo daquele modo, quase animal.

Blackraven ajudou-a a deitar-se e ajeitou-lhe as almofadas debaixo da cintura e tirou-lhe os chapins. Entregou-lhe um copo de água e saiu para chamar

Trinaghanta.

— Sentes-te melhor? — perguntou ao regressar.

— Continuo muito angustiada, Roger. Não suporto estar aqui sem fazer nada quando o meu irmão pode estar a precisar de mim. Vamos procurá-lo!

— Isaura, volta a deitar-te — e empurrou-a suavemente. — Sê sensata, meu amor, onde iríamos?

— Ao acampamento dos almocreves, para começar.

— Vou mandar lá o Servando.

— Obrigada.

Trinaghanta bateu à porta e entrou com um chá de camomila. Estava quente e doce e Melody sentiu-se muito melhor depois dos primeiros goles.

— Vamos, Isaura, come um pouco de maçapão — insistiu Blackraven.

— Preciso de te ver comer.

Melody mordiscou a massa sem entusiasmo.

— Trinaghanta, diz ao Servando que quero vê-lo.

— Servando não está, senhora. Não o vemos desde ontem à noite.

A princípio não perceberam se eram gargalhadas ou gritos, pensaram que um escravo qualquer estava a pregar uma partida a alguém, ou que se teria gerado uma briga. Mas depressa distinguiram gritos de medo e insultos que estavam cada vez mais perto da área principal da casa.

Blackraven pôs-se de pé no momento em que a porta se abria e entrava Tomás Maguire. Melody olhava-o sem compreender o sentido da sua presença ali e não parecia aperceber-se de que o irmão tinha na mão uma arma que apontava a Blackraven. Reparou apenas na nódoa negra que lhe cobria o olho esquerdo.

— Vou matar-te, filho da puta — ouviu-o dizer, e ela num ato reflexo, saltou da cama e pôs-se à frente de Roger, protegendo-o com o seu corpo.

Blackraven atirou-se ao chão, arrastando Melody que ficou imobilizada sob o peso do seu corpo. A bala acabou por atingir a parede. Maguire, olhava com ar ausente a extremidade fumegante da pistola.

— Isaura! — gritou Blackraven desesperado, tomando-a nos braços e passando-lhe a mão pelo ventre. — Estás bem? Estás ferida?

— Não, acho que não. Estou bem.

— Por que cometeste esta loucura? Por que te puseste à minha frente? Ele poderia ter-te matado! Infeliz, miserável, filho da mãe! — Voltou-se para Maguire e agarrou-o pelo pescoço. — Podias ter matado a tua irmã e eu a seguir te degolaria.

— Queria matá-lo! — respondeu Tommy. — A si, miserável inglês que matou o Pablo e tantos outros!

— Pablo! — exclamou Melody. — Pablo morreu?

— Sim, morreu! E o seu último pensamento foi para ti, sua infeliz. E tu aqui, na cama com este traidor. Metes-me nojo.

— De que falas, Tommy? — exasperou-se Melody. — Que estás tu a dizer? Explica-me.

— O teu marido é um traidor. Soube de uma revolta que planeávamos contra os principais negreiros e foi prevenir o seu sócio e cupincha, Martín de Álzaga. Quando atacamos ontem à noite, os homens dele estavam à nossa espera. Foi um massacre. Morreram quase todos. E teria sido melhor para os que ficaram vivos terem morrido também, porque hoje devem estar a sofrer as piores torturas.

— Roger — balbuciou Melody, gaguejando e caindo sobre a beira da cama. — Roger, o que é que o Tommy está a dizer? Tu sabias?

— É claro que sabia. Servando conta-lhe tudo. Outro traidor que esquartejarei quando aparecer à minha frente. Também nos vendeu naquela altura em que roubamos os ferretes da Companhia das Filipinas. Além de Pablo e de nós os dois, ele era o único que sabia.

— Estás a delirar, Maguire. Não sabes o que dizes.

— Antes de morrer, Pablo disse que foi Somar que o tirou da propriedade de Basavilbaso. E eu vi o Servando na maldita caverna para onde nos levaram. Agora atreva-se a jurar que não sabia da revolta! — Tirou um punhal que trazia à cintura e apontou-o a Blackraven.

— Roger, tu sabias?

— Sim, sabia. — O semblante de Melody contraiu-se num trejeito de choro. — Isaura, por favor, não vais pensar que fui eu quem atraiçoou o teu irmão?

Tommy Maguire precipitou-se para ele com a arma na mão e Blackraven afastou-se com agilidade.

— Para, Maguire. Não quero fazer-te mal.

— Não descansarei enquanto não te vir morto. Pagarás pela vida de Pablo e pelas dos outros escravos.

— Se me matasses, o traidor continuaria vivo. — Tommy fez uma finta, mas Blackraven escapou-lhe, chegando-se para o lado. Com rapidez agarrou o braço de Maguire pelo pulso e torceu-o até o prender contra as suas costas, ao mesmo tempo que o agarrava pela parte de trás do pescoço, controlando-o e obrigando-o a largar a faca quando a dor se intensificou.

— Eu não sei quem é o traidor. Enviei Somar e Servando para vos proteger, a ti e ao Pablo, correndo o risco de vocês os reconhecerem e tirarem as piores conclusões, mas pouco me importou porque as suas vidas estavam em primeiro lugar. Se hoje te encontras vivo, é graças a Servando. Quanto a Pablo, Somar chegou tarde demais. Lamento. Procura o traidor entre os da tua gente. Algum

deles te vendeu por um par de dobrões. Agora quero que te vás embora e te escondas porque tens a polícia toda atrás de ti. Podes contar comigo se assim o desejares.

— Preferia pedir ajuda ao próprio demônio!

Trinaghanta tinha ido buscar Shackle e Milton, que não intervieram senão quando Blackraven lhes fez um sinal de cabeça para que se encarregassem de Maguire.

— Deem-lhe um cavalo e provisões — ordenou.

— Não aceitarei nada seu, maldito assassino traidor.

— Tommy! — exclamou Melody, agarrando-se ao pescoço do irmão para impedir que os marinheiros o levassem dali.

— Larga-me! Tu também és uma traidora. Traíste o nosso pai no dia em que te casaste com esse verme. Maldita sejas!

Melody estremeceu ao ver o irmão desaparecer pela porta. Blackraven tentou abraçá-la, mas ela tirou-lhe as mãos de cima.

— Podias ter-lhe pedido para ficar conosco. Só aqui ele estaria a salvo. Sob a tua proteção.

— Isaura, o teu irmão nunca teria aceitado a minha hospitalidade. Além disso, ele sabe onde deve se esconder. Se o mantivéssemos aqui, certamente o encontrariam. Não sabemos quem é o traidor, poderia estar entre nós e delatá-lo.

Melody enfrentou-o. Foi um rude golpe para Blackraven vê-la transformada pela ira e pela dor, afectou-o sobretudo o seu olhar, enraivecido e sinistro.

— Tu és o traidor! Foste tu quem os denunciou a Álzaga! Ah, todo o espetáculo que montaste hoje de manhã. Como eu tenho sido estúpida e incrédula!

— Isaura! — enfureceu-se Blackraven. — Que estás aí a dizer? Não sabes o que dizes!

— Tu és um mentiroso, um homem frio e calculista. Ergueste o teu império sobre o sangue dos africanos. Nada te detém, és ambicioso e não tens coração.

— Cala-te, ou arrepender-te-ás de tudo o que dizes!

— Mentiste-me, desde o princípio. Nunca tiveste coragem para me dizer que tinhas sido negreiro. E nunca me falaste da tua primeira mulher que morreu em circunstâncias estranhas. Não acredito e não confio em ti.

— Compreendo as tuas apreensões. E peço-te perdão por não ter sido sincero, mas isso nada tem a ver com esta acusação que o teu irmão formula contra mim. Eu não o atraiçoei. Se neste momento ele está vivo, a mim o deve pois carreguei com ele para fora da loja de Álzaga onde iam massacrá-lo.

— Estiveste lá! — disse Melody emocionada.

— Sim, estive lá e foi por ti que o fiz. Porque não teria suportado ver-te

sofrer pela morte do teu irmão.

— Como soubeste da revolta? Quem te deu a informação?

— Não direi, Isaura. Não atraiçoarei uma pessoa que respeito só para ganhar a tua confiança.

— Se sabias da revolta porque não os travaste? Tu tens poder para isso.

— Sobrestimas-me, Isaura. Além disso, quem sou eu para impedir um homem de fazer aquilo que ele tenciona fazer? O teu irmão não é nenhuma criança.

— É uma criança, sim. Uma criança descontrolada e desajeitada. E tu sabias muito bem. Contudo deixaste-o avançar para uma morte certa. Foste tu quem os atraiçoou. — Insistiu, quase sem ar, num fio de voz.

— Não, não fui. Tens de acreditar em mim.

— Não posso, não posso confiar em ti — disse desencorajada. — Olho para ti e sei que mentes, sei que não me dizes toda a verdade. Talvez não os tenhas traído, mas sabias da emboscada que os esperava e deixaste-os avançar.

— Suspeitava apenas da emboscada, não tinha a certeza absoluta. Pensa bem, Isaura. Por que motivo faria semelhante coisa, deixá-los serem vítimas de uma emboscada?

Melody ergueu os olhos. Tinha as faces entre o branco e o púrpura e os olhos semicerrados e endurecidos. Blackraven não encontrava nem um vestígio da sua doce Isaura naquela mulher tomada pelo ódio. Teve medo, porque pressentiu que ela desejava feri-lo, e tinha o poder necessário para o fazer.

— Porque com Tommy fora do caminho, poderias apoderar-te de Bella Esmeralda.

Blackraven deu um passo para trás, enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas. Com a mão no ar, disse apenas: — Sai da minha vista para o teu bem.

E Melody fugiu do quarto.

Servando acocorou-se e esperou que a senhorita Leo, Marcelina e María Virtudes se afastassem em direção à igreja de Santo Inácio para a missa do meio-dia. Felizmente, Elisea tinha decidido permanecer em casa. Entrou pelos fundos, onde as escravas o cumprimentaram afetuosamente. Algumas aproximaram-se com gestos provocatórios.

— Alguém viu Sabas? — perguntou Gabina.

— Deve andar a vadiar como de costume — assegurou Elodia, a cozinheira.

— Qual é a preocupação? Deve ter ido visitar a mãezinha no convento — zombou Visitación e as outras riram em coro.

— Foi o patrão Roger quem me enviou — explicou Servando. — Para procurar uns papéis de dom Alcides no escritório.

— Então entra — disse-lhe Elodia e cada uma voltou aos seus afazeres.

Abriu com toda a cautela a porta do quarto de Elisea. Ela estava sentada na cadeira de balouço, frente à janela que dava para o pátio.

— Não tenho fome, Elodia — disse. — Comerei mais tarde.

— Não é Elodia.

— Servando! — exclamou, pondo-se bruscamente de pé. — Que fazes aqui? O tio Diogo está a chegar. Se te encontrasse...

— Já me vou embora. Vim dizer-te uma coisa e já vou.

— Entra e fecha a porta.

Elisea fechou os cortinados e voltou à cadeira de balouço. Servando ajoelhou-se junto dela. Pegou-lhe na mão enfraquecida e pálida e beijou-a, satisfeito por ver que a jovem não a retirava como fizera no passado.

— Já não tens nada a recear, minha Elisea. Agora podes viver em paz.

— De que falas, Servando?

— Falo do demônio que te fez viver aquele inferno. Já não existe. Morreu.

— Morreu? Por acaso...?

— Sim, eu mesmo o fiz, por ti, por mim, mas sobretudo por ti. Quero que saibas que sofreu muito mais do que te fez sofrer a ti. Sofreu horrivelmente.

Elisea começou a chorar. A tristeza que a invadia nada tinha a ver com o regozijo de imaginar a morte lenta e dolorosa de Sabas, mas com a culpa por ser a causadora daquele pecado. Por ela, Servando havia manchado as mãos com o sangue de uma criatura desprezível e por isso, o seu amado poderia ir para o Inferno.

Ele não se aborreceu por a ver chorar. Preferia as suas lágrimas àquela atitude apática que Elisea adoptara durante as últimas semanas. Era uma reação evidente, e pensou que, assim como voltava a derramar lágrimas, talvez no futuro pudesse obsequiá-lo com um sorriso. Abraçou-a, ao fim de tanto tempo, sentindo-se parte daquela garota frágil.

— Um dia esqueceremos o que aconteceu e seremos felizes — disse, tentando animá-la.

— Nunca poderei esquecer.

— Esqueceremos, sim.

Elisea não se afastou de Servando, limpou os olhos com a manga do vestido e olhou-o com intensidade, como se tentasse desvendar um mistério. Ficaram a olhar-se durante longos segundos. Elisea meditava sobre se deveria dizer-lhe que se fosse embora e que não voltasse nunca mais.

Que esperança havia para eles? Procurou forças para o fazer mas não as encontrou. O seu coração partido precisava daquele homem e apenas conseguiu pronunciar meia dúzia de palavras: — Amo-te, Servando, de todo o meu

coração.

— Elisea, meu amor — disse ele.

— Mas estou destroçada por dentro e nunca mais serei a mesma. Duvido que alguma vez possa voltar a ser tua.

— Não me importo. Basta que me deixes pegar-te a mão, como agora, e passar um momento a sós contigo, a conversar e a ler e eu serei feliz.

— Sim? Achas que isso te bastará?

— Nunca voltarei a tocar-te se isso te magoa, mas não me afastes de ti. Dedicarei a minha vida a ti, Elisea, se permitires, e serei teu escravo até a morte. Nunca te abandonarei.

E recordou-lhe o parágrafo de *Eneida* que para eles tinha o valor de um juramento: *“ Seguir-te-ei ausente com as sombrias tochas, e logo que a morte tiver separado meus membros da minha alma, minha sombra te cercará em todos os lugares.”*

Somar entrou em El Retiro pelos fundos, usando o caminho que ladeava o rio, o que ia para norte. Encontrou Blackraven na biblioteca, sentado na poltrona, com um braço cruzado sobre a testa e um copo de *brandy* na mão. *Sansão* levantou-se e aproximou-se para o receber, ladrando amigavelmente e abanando a cauda.

— Onde está ela? — perguntou Roger sem abandonar a poltrona.

— Como calculavas, em casa de madame Odile.

— Viste-a?

— Não. Estava a dormir. Falei com a madame.

— Que te disse?

— Que ela chegou muito angustiada, a chorar. Que conversaram durante muito tempo e que depois Miss Melody ficou a dormir. Madame achou conveniente que ela passasse lá a noite.

— Não! — opôs-se Blackraven, lançando um olhar ameaçador ao seu assistente.

— Madame assegura que não abrirá o bordel esta noite em atenção a ela.

— Não me importa.

— Roger, por favor, tens de compreender os motivos. É melhor que ela se mantenha afastada pelo menos até amanhã. Está confusa e ferida. Foram demasiadas revelações, todas ao mesmo tempo. Só a da tua atividade como negreiro seria o suficiente para a enfurecer, somada à questão de Victoria...

— Não preciso que me enumeres os desacertos que cometi. — Pôs-se de pé. — Ela também não deveria ter duvidado de mim, acusar-me daquela maneira! De querer apoderar-me de Bella Esmeralda! É inadmissível! — Estilhaçou o

copo na lareira. — Que espécie de monstro acha ela que tem como marido? Se eu tivesse deixado que os emboscassem e me tivesse mantido à margem de todo este escândalo não teria agora este problema.

— Sabes bem que não é verdade — referiu Somar. — Se ontem à noite não tivesses intervindo, Miss Melody estaria hoje quebrada pela dor e tu, sofrendo por a ver sofrer, sentindo-te culpado também. Fizeste o que era correto e isso deve ser o suficiente para te acalmares. Miss Melody é uma das poucas mulheres razoáveis que conheço.

— Razoável! Muito razoável!

— Tens de a entender, Roger.

Blackraven deixou-se cair na poltrona e soltou um suspiro. Não, não podia entendê-la, o ferimento que ela lhe provocara com aquela acusação infame estava a deixá-lo louco de dor e cegava-o por completo.

Sempre soubera sempre que não deveria amá-la daquela maneira, que estava a cometer um erro grave, pois esse sentimento enfraquecia-o.

— Dentro de poucos dias zarparei para o Rio com Marie e Luis.

— Embarcarei contigo?

— Não. Tu vais ficar a tomar conta dela. Tem uma habilidade assombrosa para se meter em problemas. — Abandonou a poltrona e caminhou pela sala, parando junto a Somar e pondo-lhe uma mão no ombro. — És o único a quem posso confiá-la. — Como se lamentasse aquele momento de fraqueza, usou um tom casual para continuar: — Sei que não é a melhor altura para me afastar, com Enda Feelham solta por aí e Maguire fugido, mas preciso de tempo para pensar. Não estou preparado para voltar a vê-la. Além disso, já é altura de pôr os meus primos a salvo. Negligenciei-os de um modo imperdoável.

— Onde irás depois do Rio?

— Não sei.

Com o correr das horas, Melody começou a questionar-se acerca da origem da revolta, sobre o que teria levado o seu irmão a embarcar numa contenda de loucos. Culpava-se ao pensar que ela, enquanto *Anjo Negro*, poderia ter influenciado a sua conduta, assim como a de Pablo. Não deveria ter-lhes pedido ajuda para roubarem os ferretes da Real Companhia das Filipinas. Acabou por questionar a sua própria ação, se ajudaria os africanos por caridade ou como vingança pelo que sofrera às mãos de Paddy. Às vezes parecia-lhe que todos os proprietários de escravos eram tão perversos como o seu primo, o que era sem dúvida um preconceito sem fundamento.

Quanto mais analisava o impulso de Tommy ao conspirar contra os negreiros, menos entendia as suas motivações. Amor pela liberdade ou compaixão pelos escravos? Não lhe pareciam sentimentos próprios do seu irmão.

De natureza imprudente e desatinada desde muito pequeno, Tommy carecera sempre de bom senso, complicando o que era simples e ignorando o relevante. De qualquer modo já não o conhecia, havia algo de obscuro e pouco nobre nele. Madame Odile recordara-lhe o Ar cano Zero, o Louco, associado ao tipo de pessoa que ganhava experiência à custa de desgostos, acarretando complicações não só para si, mas para todos os que o rodeiam.

— Sabíamos pelas cartas — referiu madame — que se avizinhava uma mudança com a lua nova. Suspeitei sempre que não se tratava de nada de bom quando apareceu a Torre.

— E o Diabo — disse Melody, angustiada. — As cartas predizem os acontecimentos que irão cair sobre nós, arruinando-nos a vida, e não nos ensinam a evitá-los.

— Lembra-te — disse madame — que as cartas te indicaram o caminho quando te apresentaram o Quarto Arcano como solução para os teus problemas.

”O Quarto Arcano!”, pensou Melody. Odiava-o por vários motivos, especialmente por ter permitido que o seu irmão levasse adiante aquela empresa sem pés nem cabeça. E também por a ter marginalizado como se ela fosse um estorvo, incapaz de sugerir uma solução viável. Ele era sobretudo um grande mentiroso! Como podia jurar-lhe que eram uma só carne quando mantinha uma vida paralela que não tencionava partilhar? Mas o pior era que continuava a perguntar a si própria se ele teria delatado os conjurados. Se queria estar em bons termos com Álzaga, preveni-lo de uma revolta liderada pelo seu cunhado, essa seria a atitude mais lógica. A solidez daquele raciocínio sobrepunha-se a todos os outros em que tentava desculpá-lo. De todos os aspectos obscuros, a conduta de Blackraven era o mais difícil de esclarecer.

Melody formulava uma pergunta atrás da outra e não tinha qualquer resposta satisfatória.

— Vou enlouquecer com tantas conjecturas!

— Então deixa de as fazer — repreendeu-a madame Odile. — Acusaste injustamente o Imperador, quando foi o teu irmão que causou todo este problema.

— A senhora defende-o sempre.

— Defendo-o porque estás a exagerar. Dizes-me que o Imperador deveria ter travado o teu irmão. Talvez tenha tentado fazê-lo e não tenha conseguido. Tanto quanto sei, o teu irmão quando quer é muito voluntarioso. Além disso, porque deveria interferir nas atitudes de um rapaz que já suficientemente crescido para tomar as suas próprias decisões?

— Isso é o que ele diz — admitiu Melody. — Mas deveria ter-me dito a mim, eu impediria que Tommy avançasse.

— Melody, querida, sabes que não possuis qualquer ascendente sobre o teu irmão. Não terias conseguido coisa alguma. Além do mais, tens de levar em conta as razões do Imperador para te ocultar os fatos relativos à revolta: impedir que sofresses uma grande preocupação.

— Estou igualmente preocupada. Muito preocupada.

— Mais uma vez — referiu madame Odile —, graças à imprudência do teu irmão.

— Convinha ao Roger que Tommy embarcasse na revolta. — Madame Odile fez uma expressão de estranheza. — Sim, e convinha-lhe também que as coisas corressem mal como correram.

— De que estás a falar?

— Era preciso tirar Tommy do caminho porque ele queria a propriedade do meu pai, Bella Esmeralda. Eu sei porque o ouvi quando ele falava com Álzaga.

— Melody! — exclamou Madame Odile escandalizada. — Por amor de Deus, não vais pensar isso do Imperador? Se não confias na sua natureza, pelo menos usa o raciocínio: um homem com a fortuna que ele tem não sujaria as mãos dessa maneira por Bella Esmeralda. Estás a ser muito insensata.

— Não há assim tantas propriedades com as dimensões da do meu pai. E Roger para abastecer o seu novo curtume vai precisar de muitas cabeças de gado. Já não sei o que pensar! — declarou, abatida. — Não posso confiar nele. Bem gostaria, madame, mas não posso.

Começou a chorar, a cabeça apoiada no regaço de madame Odile.

— Minha menina, estás confusa e é natural. Ontem ficaste a saber pela boca dessa pérfida mulher alguns aspectos do passado do teu marido que te deixaram furiosa e cheia de ciúmes. E hoje rebenta este escândalo. Não penses mais, deixa que as coisas se acalmem e muito em breve verás tudo claramente. Quando as paixões nos dominam não devemos emitir juízos.

Odile quis lançar-lhe as cartas, mas Melody recusou, pois receava o que elas pudessem dizer-lhe. Ficou a dormir na cama de madame Odile e acordou muito antes do amanhecer. Demorou alguns segundos a perceber onde estava e quem era a pessoa deitada ao seu lado. Sentiu uma imensa saudade da sua casa, do seu marido e da harmonia partilhada por ambos até o momento em que a maldade e a insensatez a haviam afectado.

Ficou quieta para não perturbar madame, enquanto a sua mente voltava a cair nas conjecturas da véspera. Estava cansada de dar voltas e voltas ao assunto e queria acabar com as dúvidas.

Voltou à casa de San José por volta do meio-dia, receando enfrentar o marido. Gilberta seguiu-a até o quarto e, depois de lhe contar uma sucessão de trivialidades, informou-a de que Blackraven tinha ido para El Retiro. Melody

que abria o guarda-fatos para tirar uma muda de roupa, viu que faltavam os casacos e as calças do marido. Primeiro sentiu medo e em seguida raiva. “Muito bem”, disse para si mesma, “se se vai armar em ofendido o problema será dele”. Não tinha dúvidas de que, mais tarde ou mais cedo, Blackraven regressaria para lhe pedir perdão, afinal, a ofendida e injuriada era ela.

Durante o almoço, deu-se conta de que Jimmy tinha ouvido a discussão do dia anterior, devido ao seu semblante taciturno e aos seus olhinhos tristes. Quem primeiro falou foi o senhor Désoite, tentando animar um pouco os ânimos, apesar ninguém se mostrasse disposto a acompanhá-lo. A senhorita Béatrice parecia também muito inquieta. Terminada a refeição, os garotos foram dormir a sesta, deixando os adultos no incômodo silêncio.

— Se me perdoam — declarou Luís —, retiro-me e vou terminar umas traduções para o senhor Moreno. Tenciono entregar antes de partir.

— Partir? — surpreendeu-se Melody.

— Vou explicar-lhe, senhora condessa. — Béatrice esperou que Luís saísse da sala de jantar para tomar a palavra: — Sabes, Melody, é fundamental que eu e o senhor Désoite deixemos Buenos Aires.

— Não compreendo.

— Calculo. Julgo que o melhor será explicar-te tudo desde o princípio. Mereces a minha sinceridade.

”Pelo menos há alguém que pensa assim”, cogitou Melody por entre a raiva.

— O senhor Désoite e eu somos irmãos. Sim, compreendo a tua surpresa. E lamento ter tido de to ocultar. Fomos separados em crianças, na altura da Revolução em França. Os nossos pais, à semelhança de muitos membros da nobreza, foram guilhotinados.

— Oh, lamento ouvir isso.

— A partir desse momento, tanto a minha vida como a do meu irmão se tornaram num martírio, sempre a fugir de um lugar para outro, a mudar de nome e de casa, a suportar a mais extrema pobreza. até o dia em que Sua Excelência me encontrou e me trouxe para viver aqui, pondo-me a salvo, pois ainda há quem queira fazer-nos mal, em especial ao meu irmão, pelo que foi muito difícil encontrá-lo. Finalmente, Sua Excelência, conseguiu-o e voltou a reunir-nos treze anos depois.

— Posso imaginar a sua felicidade, embora não esteja a ver por que motivo têm de abandonar Buenos Aires de maneira tão peremptória.

— O senhor William Traver não era quem dizia ser, certamente te lembras daquela noite fatídica em que a tua vida correu perigo. Na verdade, Traver chegou ao Rio da Prata seguindo o nosso rasto, disposto a matar o meu irmão. Não sabemos se, antes de morrer, teve tempo de passar a informação aos que o

enviaram para investigar os nossos destinos. Por muito que me custe, abandonar Buenos Aires é uma medida prudente.

Melody achava estranho que um homem tão jovem e de aspecto tão inofensivo como o senhor Désoite suscitasse semelhante proeza e interesse e interrogou-se quem seria ele na realidade. Certamente, o seu nome era falso. Por momentos, a curiosidade quase a levou a se precipitar e perguntar à senhorita Béatrice. Mas se Blackraven, uma vez mais, decidira deixá-la à margem dos seus assuntos, não seria ela que mostraria interesse, investigando nas suas costas.

— Espero que encontrem um lugar onde se sintam confortáveis e a salvo — disse por fim.

Béatrice estendeu a mão e apertou a de Melody. Num fio de voz, murmurou: — Foi uma grande alegria para mim poder contar com a tua amizade, Melody. Ficar-te-ei sempre grata pelo que fizeste pelo meu pequeno Víctor de quem irei ter tantas saudades.

— O meu eterno agradecimento para si, senhorita Béatrice, que me acolheu, a mim e ao meu irmão quando mais precisávamos. Tenho a certeza de que voltaremos a ver-nos.

— Tudo isto é muito triste — soluçou Béatrice.

— Quando partem?

— Sua Excelência ainda não decidiu. Disse que tem de tratar de algumas questões antes de poder ausentar-se por tanto tempo.

O comentário deixou-a sem respiração, embora Béatrice não se tivesse apercebido da sua mudança e continuasse a falar.

— Hoje à tarde deveremos ir ter com ele a El Retiro, de onde partiremos diretos para a enseada de Barragán. É aí que se encontra o barco que nos levará.

Melody não queria continuar a ouvir. Reiterou os seus votos de boa sorte e pediu licença para abandonar a sala. Fechou-se no quarto e adormeceu a chorar. Acordou já o sol se punha. Deambulou pela casa, recordando o entusiasmo com que decorara as diferentes divisões, agora silenciosas e mergulhadas na penumbra. Entrou na cozinha, onde foi encontrar os garotos a comer doces. Olhou atentamente para ambos e pensou que, sem o senhor Désoite, teria de voltar a ocupar-se da sua educação. Mandou-os lavarem-se e mudarem de roupa para o jantar. Jimmy ficou para trás para lhe perguntar: — Quando voltará o senhor Blackraven?

Estranhou que ele não se interessasse pela sorte de Tommy.

— Não sei — respondeu.

— O senhor Désoite e a senhorita Béatrice despediram-se esta tarde e disseram-nos que vão embora com o senhor Blackraven.

— Sim, eu sei. Com certeza ele virá despedir-se antes de partir de viagem.

— Ontem esteve aqui o Tommy — disse —, mas a senhorita Béatrice não me deixou ir a teu quarto. Veio outra vez brigar com o senhor Blackraven? — Melody assentiu. — É por isso que ele vai embora. Porque Tommy o cansou com todos estes gritos. A mim também — declarou, saindo.

Melody estupefata ficou ali imóvel relembrando as ocasiões em que Tommy irrompera naquela casa para alterar as suas existências depois daquela vez no estábulo em que Blackraven ficara ferido, até a última, na véspera, em que tentara matá-lo.

— Senhora — sobressaltou-a Gilberta — que deseja que preparemos para o jantar? Siloé diz que podemos fazer sopa de peixe para aproveitar aquela cabeça de peixe-rei...

A escrava continuou a falar, mas Melody não a ouvia, exasperada perante a ideia de ter de tratar dos assuntos domésticos.

— Sim, sim, a sopa está bem — disse, dirigindo-se para o quarto.

Já tinham acendido as cornucópias do toucador e aberto a cama. Sobre a almofada, Melody distinguiu um saco bem robusto e um bilhete redigido numa caligrafia deficiente e cheio de erros ortográficos. *“ Anjo Negro: este dinheiro é para os pobres.”* Não tinha assinatura. Numa breve contagem percebeu que se tratava de uma quantia astronômica. Pensou no albergue e decidiu visitar Guadalupe Moreno no dia seguinte.

Somar chegou tarde, depois do jantar e encontrou Melody na sala, a ler. Na verdade, fingia ler enquanto esperava pela chegada de Blackraven.

Apesar de não possuir uma natureza orgulhosa, aquela situação fizera vir ao de cima o que de pior havia nela, tornando-a dura e obstinada, por isso não perguntou pelo marido. O servo turco também não disse nada e, vendo que a senhora não precisava dos seus serviços, retirou-se.

No dia seguinte, o encontro com Guadalupe Moreno revelou-se um grato interlúdio.

— Mais de oitocentos pesos! — Exclamou a jovem ao conhecer o montante a que ascendia o donativo anônimo. — É fantástico poder contar com uma soma dessas no início dos nossos projetos. A tua fama como *Anjo Negro* foi muito benéfica. — Tinham começado a tratar-se por tu poucos dias antes.

— Não o será quando tivermos de nos movimentar por entre as senhoras de Buenos Aires para reunir o que nos falta. Elas detestam o *Anjo Negro*.

— Teremos de pensar num artifício qualquer. Achas que vamos encontrar alguma propriedade por este montante?

— Talvez nos arredores da cidade — conjecturou Melody. — Vamos ter mais algum dinheiro muito em breve pois tenciono vender a carruagem e os cavalos

que os Valdéz y Inclán nos ofereceram como presente de casamento. Poderemos fazer uma boa quantia com eles.

— É um carro magnífico. Queres mesmo desfazer-te dele?

— Quero, sim — respondeu Melody, com uma firmeza que impressionou Lupe.

— Tens alguma suspeita sobre quem poderá ter deixado esse dinheiro em cima da tua cama?

— Não, não faço ideia — embora desejasse que tivesse sido Blackraven.

Por muito que lhe custasse admiti-lo, desejava que ele chegasse no meio da noite e a despertasse com as suas carícias para fazerem amor. Após dois dias de ausência, sem ter qualquer notícia, a angustiante incerteza tinha-lhe alterado não só o sono como também o temperamento. Estava sem paciência para os garotos e sem vontade de pensar nas coisas da casa, constantemente atenta ao mais pequeno ruído de cascos ou de fortes passadas.

Somar desaparecia durante o dia e aparecia à noite, e depois de se certificar de que não houvera qualquer problema, cumprimentava-a com uma leve inclinação e recolhia-se. Não falava do seu patrão e ela nada lhe perguntava.

A ansiedade transformou-se em ressentimento e, como no quarto dia se prolongava a ausência total de notícias, resolveu selar *Fuoco* e partir em direção a El Retiro. Apesar de Blackraven a ter proibido de sair sem escolta, não estava disposta a cumprir ordens e fustigou o alazão que galopou em direção ao Bajo. Reduziu a marcha para atravessar a ponte sobre o Matorras, retomando-a mal chegou ao outro lado. Poucos minutos mais tarde, transpunha a entrada de El Retiro.

— Senhora! — sobressaltou-se o senescal Bustillo.

— Onde está o senhor Blackraven? — e após um silêncio, ficou impaciente com ele. — Que se passa, Bustillo? Por que não respondes? Por que estás a olhar-me com essa cara?

— Senhora — balbuciou o homem —, eu pensava que... É que...

— Fala!

— O patrão foi-se embora ontem à tarde, senhora. Dirigia-se para a enseada de Barragán. Segundo me disse, far-se-ia ao mar hoje de manhã cedo.

Ficou apática, em cima do cavalo, os ombros caídos e os olhos fixos no senescal. Apercebeu-se de que chorava porque as silhuetas começaram a ficar baças.

— Senhora, quer que a ajude a desmontar?

— Não.

Segurou as rédeas e apertou a ilharga de *Fuoco* que galopou em direção ao

barranco. Aturdida pelo ruído dos cascos e pelo som do seu próprio choro, deixou-se levar até a praia, onde desceu de um salto, correndo para o rio e embrenhando-se nas águas, a gritar o nome de Roger até sentir uma dor na garganta. O Rio da Prata estava imóvel. Nem uma brisa lhe agitava a superfície. A claridade do horizonte devolvia-lhe uma imagem imponente e solitária. A grande massa de água abria-se à sua frente e engolia os seus gritos e o seu desespero sem lhe devolver o quer que fosse.

— Roger! Volta para mim! — suplicou, avançando até onde a água lhe dava pelo pescoço. — Não me deixes, Roger! Leva-me contigo!

Calou-se ao sentir que flutuava. A suavidade da corrente envolvia-a na sua densa frescura. Imaginava que chegava ao horizonte, estendia a mão e alcançava o ponto em que o céu e a água se tocavam. Manteve os olhos abertos, rasos de lágrimas, fixos no esplendor celeste que a embalava. Depois, pareceu-lhe que abandonava a água e se elevava.

Somar tirou-a do rio, deitou-a na praia e cobriu-a com a sua capa.

— Senhora! Minha senhora! Que estava a tentar fazer? Como é que eu poderia apresentar-me depois ao meu senhor se lhe tivesse acontecido alguma desgraça?

Melody virou a cabeça e encontrou o rosto do turco muito próximo do seu. Nunca lhe vira as feições tão de perto. Apresentava uma tonalidade olivácea, com grandes olhos negros e profundos, nariz fino e rosto magro. Reparou nas tatuagens que ele apresentava nos pomos, estranhos símbolos de tinta negra. Usava um bigode fino e abundante e a barba cobria-lhe o queixo. Nunca lhe vira o cabelo pois usava sempre turbante. Siloé dizia que ele estava apaixonado por Miora, e corria entre os escravos que ele era castrado.

— Foi-se embora, Somar — disse entre lágrimas. — Foi-se embora sem mim.

Somar tomou-a nos braços e sentou-a sobre a sela de *Fuoco*. Pegou nas rédeas e conduziu-os pelo barranco acima. Melody soluçava sem forças, inclinada sobre o dorso do cavalo. Chegada a casa, Somar levou-a até o quarto principal e deitou-a em cima da cama. Deixou-a só. Pouco depois entrou uma escrava que, em silêncio, a ajudou a mudar de roupa.

— Tome, senhora.

Somar tinha voltado e estendia-lhe um copo. O líquido ambarino cheirava muito bem e recordou-lhe o hálito de Roger quando a beijava depois de ter bebido. Deu um pequeno sorvo.

— Está melhor? — Melody assentiu. — Muito bem, agora deite-se e procure descansar.

— Quando é que ele volta?

— Não sei, senhora.

Melody baixou o rosto e começou a chorar.

— Eu disse coisas horríveis. Estava aborrecida e disse-lhe coisas de que me arrependo.

O turco olhava-a num silêncio meditativo em que Melody não detectou o mais leve sinal de censura. Passou as mãos pelos olhos e respirou fundo tentando acalmar-se. Viu que Somar tencionava ir-se embora.

— Somar, não te vás, não me deixes sozinha.

— A senhora precisa descansar.

— Não vou conseguir. Conta-me como conheceste o Roger. Fala-me dele, Somar, por favor, estou a precisar disso.

— Conheci-o num navio negreiro.

Naquele momento não a enfurecia o fato de o seu marido ter traficado escravos.

— Ele era muito novo — prosseguiu o turco — muito corajoso e um pouco louco. Não teve uma infância feliz, o meu menino. E sofreu muito com isso. — Melody voltou-se para o olhar, emocionada com a ternura com que ele se referira a Roger. — Tinha deixado a família para encontrar o seu próprio caminho e acabou num navio de piratas que negociavam escravos. Não embarcou por vontade própria, mas obrigado. A senhora não imagina como é a vida naqueles portos do Caribe. É preciso estar atento ou partem-nos alguma coisa na cabeça e quando damos por nós estamos em alto mar. Foi o que aconteceu a Roger. — Era a primeira vez que se referia a ele pelo seu nome de batismo e Melody sentiu-se reconfortada com a presença daquele servo com quem partilhava o amor por Blackraven. — Os outros marinheiros respeitavam-no porque, além da sua corpulência, depressa perceberam que era bom na luta. A minha situação no barco do capitão Ciro Bandor era difícil visto que eu fazia parte de um despojo. Mal chegássemos a um qualquer porto da Ásia onde um homem como eu fosse apreciado para trabalhar num harém seria certamente vendido ao primeiro sultão que se mostrasse interessado.

— Como foste feito prisioneiro dos piratas?

— Atacaram o nosso navio no Mediterrâneo. Eu acompanhava a minha senhora, a irmã do sultão Mustafá IV, que desposaria um rico califa do mar Vermelho. Fizeram-nos prisioneiros juntamente com o dote, que eram três cofres cheios de joias e moedas de ouro.

— A tua senhora ficou também prisioneira?

— Não, ela não — disse. — Matei-a antes que os piratas pudessem tocá-la.

Melody, comovida, ficou a olhar para o turco que prosseguiu como se a resposta que acabava de dar fosse tão lógica e racional que não admitia

comentários. Acrescentou que, no barco pirata, ele e os seus compatriotas foram reduzidos a escravos. O tratamento era cruel, o trabalho muito duro e a comida péssima. Tinham medo deles por serem muçulmanos e achavam que todas as calamidades se abateriam sobre eles se os mantivessem por muito mais tempo no barco. Só o cigano inglês (era assim que chamavam Roger) os tratava com consideração. Descia ao porão e oferecia-lhes alimentos em bom estado e água, arriscando a sua vida, pois tocar nas provisões era um dos piores delitos. Somar e Blackraven se comunicavam em francês, pois a mãe do turco tinha-lhe ensinado essa língua. O capitão Ciro Bandor nutria um especial ódio por Somar, por este ter assassinado a princesa turca, privando-o de um pouco de prazer e de uma grande recompensa em ouro. Tratava-o de modo impiedoso, com o maior desprezo, e não demoraria muito a reclamar a sua vida. Certa manhã, Somar deu-lhe o motivo ideal quando deixou cair um balde de água do mar suja molhando as botas com que o capitão se pavoneava há algum tempo. A fúria de Ciro Bandor desencadeou-se de imediato, começando a castigá-lo com pontapés que não arrancaram ao turco um único queixume, o que o deixava ainda mais furioso. Até para o resto da tripulação, aquela era uma medida exagerada e começaram a murmurar entre si. Havia muito que os piratas andavam descontentes devido aos despropósitos do capitão, ao seu caráter violento e às suas decisões pouco acertadas. Suspeitavam que ele ficava com uma porção maior dos despojos, o que era imperdoável.

— Basta, já chega, capitão.

Alguém agarrou o braço de Ciro Bandor e interpôs-se para que ele não continuasse a espancar o turco. O capitão levantou a cabeça e deu com os olhos azuis, que às vezes pareciam negros, do jovem cigano inglês. Gostava daquele rapaz, porque, tal como ele, não tinha medo de nada, principalmente da autoridade. Ficava, muitas vezes perplexo com a sua inteligência e a sensatez de alguns dos seus planos havia-o conduzido à vitória em mais de uma ocasião. Contudo, não admitiria que o humilhasse publicamente.

— Quem és tu, cigano, para me dizer quando devo terminar um castigo?

— Já chega, capitão. Vai acabar por matá-lo.

Quando Ciro Bandor deu ordem para que o prendessem, ninguém mexeu um dedo. Surpreendido e desorientado, desembainhou o seu sabre e o seu punhal e tentou ferir Blackraven que evitou o golpe dando um salto e pendurando-se num amantilho. De seguida lançou-se para a coberta do navio, empunhou a sua faca e avançou para o capitão numa atitude de quem aceita o desafio. A luta foi longa e sangrenta, pois o capitão era um homem hábil e estava mais bem armado, mas Blackraven era movido por uma fúria que jazia sob a sua aparência reservada e não perdoava a Ciro Bandor que o ti vesse feito entrar na vida de pirata daquela

maneira. Não renegava tal destino, pois o mesmo estava a proporcionar-lhe a fortuna por que tanto havia ansiado, mas não admitia que aquela vida lhe tivesse sido imposta. Por fim, cansados e feridos, Roger e Ciro Bandor envolveram-se numa luta corpo a corpo onde a agilidade e juventude de Blackraven se impuseram. Os piratas ovacionaram-no quando ele deu a estocada final no ventre do capitão.

— Desde esse dia — disse Somar, num tom grave — jurei a Roger eterna amizade e fidelidade. Dediquei-lhe a minha vida a partir desse momento.

A partir de certo ponto do relato, Melody começara a ouvir com a ansiedade de uma menina pequena, despojada de preconceitos e apaixonada pelo protagonista, esse excêntrico e soturno cigano inglês.

— O resto — continuou Somar — é fácil imaginar. Roger, apesar da sua juventude, ficou a comandar o barco e prosseguiu com a sua atividade principal: o tráfego de escravos. Se serve de alguma coisa — declarou após um silêncio —, os nossos africanos nunca morreram de fome nem de sede. Vou agora deixá-la para que descanse. Quando desejar, voltaremos à cidade.

— Somar?

— Senhora?

— Diz-me a verdade. Há algum barco da frota de Roger que se dedique ainda ao comércio de africanos?

— Não, senhora, nenhum.

— Juras?

— Eu nunca minto — disse Somar ofendido.

— Desculpa. É que tenho dificuldade em acreditar que ele tenha desistido de um negócio tão rentável.

— Compreendo. Se me permite contarei como foi que ele decidiu abandonar essa prática. — Voltou ao seu tom confidente e demorou algum tempo a começar, como se procurasse a melhor maneira de o fazer. — Havia dias que tínhamos deixado o golfo do Benim, em África. Levávamos mais de cem negros no porão. Roger dava ordem para que os levássemos diariamente até o convés. Uma manhã, estava ele na serviola, de onde tinha uma boa perspectiva do barco, quando se deteve a observar uma africana que, afastada do grupo, se havia aproximado demasiado da borda. Apesar de lhes darmos bastante liberdade no convés, ficávamos atentos porque muitas vezes se jogavam no mar. Naquele caso, Roger percebeu que a garota não tencionava fazê-lo e sim agarrar-se com ambas as mãos como se procurasse um apoio para não ir parar ao chão, certamente atacada pelo *mal du mer.* Ficou ali, com ambas as mãos sobre o parapeito, o dorso inclinado, a cabeça para a frente e as pernas um pouco afastadas. Pouco depois, Roger confessou-me que nunca sentira uma emoção tão

forte ao perceber que, entre as pernas da garota, assomava um bebé.

— Oh, meu Deus! — exclamou Melody.

— A pobre garota pariu sem um queixume. O menino caiu na coberta e mal teve tempo de chorar. Continuava ligado à mãe quando esta o apanhou do chão, subiu a uma das aduchas dos cabos e se precipitou no mar.

Melody levou as mãos ao rosto e entreabriu os lábios, sem palavras, os olhos rasos de água e muito pálida.

— Roger precipitou-se para a coberta e lançou-se à água, mas era demasiado tarde, o mar havia-os tragado. Fechou-se no seu camarote e não voltamos a vê-lo a não ser no dia seguinte quando chegou ao porão e deu ordem ao timoneiro para que voltasse o barco em direção a África. Como o marinheiro o olhasse sem conseguir compreender, Roger apoderou-se do leme e começou a dar ordens para mudar de rumo. Ancoramos no delta do Níger, longe de Cotonou e de Ouida, os principais portos negreiros do golfo do Benim. Aí libertou os africanos com provisões. Para evitar um motim, pagou à tripulação mais do que aquilo que teríamos obtido por aquele carregamento no Rio de Janeiro. Comandou o barco até Bristol, onde anunciou à tripulação que aquela havia sido a sua última viagem como negreiro.

Ficaram em silêncio, sem olhar um para o outro. Melody mordia o lá bio e torcia as mãos. Nunca havia sentido uma tristeza tão profunda.

— Quando aconteceu aquilo com a lavadeira Polina — disse rapidamente Somar —, no dia em que nasceu o Rogerito, sei que Roger pensava naquela infeliz que se atirou ao mar com o seu bebé recém-nascido. Foi muito duro para ele remexer naquelas memórias.

— Compreendo.

Talvez Roger Blackraven nunca mais regressasse e ela nunca mais tivesse oportunidade de lhe dizer que o amaria para sempre, não importava quanto tempo decorresse nem que acontecimentos tivesse de experimentar. Roger Blackraven era e seria sempre o amor da sua vida, o maior e o mais verdadeiro.

Durante um breve instante, o seu olhar cruzou-se com o do turco, e o seu coração encheu-se de reconhecimento e esperança. Sorriu-lhe, os lábios trêmulos e apertou-lhe a mão ao mesmo tempo que pensava que ninguém conhecia Blackraven tão bem como aquele estranho de turbante.

— Roger voltará — disse — porque tu estás aqui.

— Voltará, senhora, mas não por mim.

EPÍLOGO DA PRIMEIRA PARTE

Rigleau pagou o café e saiu sem dar atenção ao olhar curioso do empregado, habituado que estava a que o seu aspecto excêntrico — a pala no olho esquerdo e uma perna mais curta do que a outra — provocasse aquele tipo de preconceitos. Com efeito, enquanto caminhava pela rue d'Enfer, ia concentrado a pensar em *La Cobra*.

Como sempre, tinha tido dificuldade em chegar até junto do assassino, e na verdade ainda não sabia se iria conseguir entregar-lhe a mensagem de Fouché. Procedeu como de costume: publicou um aviso no diário *Le Journal de l'Empire*, deixou passar cinco dias e às sete da tarde do sexto dia sentou-se a tomar um café em *L'ami Bertrand* (deveria ocupar uma mesa na esplanada), aguardando que alguém, geralmente um miúdo de rua ou um mendigo se aproximasse fingindo pedir esmola e lhe fizesse deslizar para a mão um papel com a indicação do local do encontro. Dessa vez seria nas traseiras de Notre-Dame.

Abandonou a rue d'Enfer e seguiu pela de St. Jacques, apressando o passo. À distância viam-se as torres da catedral gótica recortadas no céu noturno cheio de nuvens. Avançou pelo caminho do Sena e, chegado à parte da abside, atravessou a rua deserta. Apoiou-se num contraforte e, para simular à-vontade, acendeu um cigarro. Com a outra mão segurava o cabo do punhal.

— Para que me convocou?

Não conseguiu determinar de onde vinha a voz, que parecia fazer eco e surgir de todos os lados, nem sequer podia ter a certeza se era de *La Cobra* ou da sua intermediária.

— Trago uma mensagem de Fouché. Já encontrou o *Escorpião Negro*?

— Qual é a mensagem?

Um certo tom imperioso na pergunta deu-lhe a entender que não se tratava da ajudante e sim do próprio assassino, e a mão com que segurava o cigarro começou a tremer-lhe.

— Fouché diz que deverá trazer o *Escorpião Negro* com vida. — Seguiu-se um prolongado silêncio que levou Rigleau a perguntar: — Ainda aí está?

— A que se deve a alteração de planos?

— Não estou autorizado a dizer-lhe.

Rigleau apercebeu-se de que *La Cobra* estava mais próximo do que ele imaginara quando, num abrir e fechar de olhos, estava dominado pelas costas e com o fio de uma navalha encostado ao pescoço.

— Reitero a pergunta: a que se deve a mudança de planos?

— O imperador Napoleão assim o ordenou.

— Por quê?

— Pretende usá-lo para comandar os nossos espiões.

— Diga a Fouché o seguinte: já sei quem é o *Escorpião Negro*. Trazê-lo com vida custará mais cinco mil libras. E outra coisa: suspeito de que não será fácil convencê-lo a comandar os espiões franceses. Se conseguisse tal proeza, o imperador teria de ser muito generoso comigo.

Obrigou-o a pôr-se de joelhos e a inclinar o dorso até tocar com o queixo no chão. Rigleau não teria podido indicar sequer a direção que *La Cobra* tomou, pois nem o som dos seus passos sobre os ladrilhos conseguiu ouvir. Foi como se uma serpente se tivesse afastado, deslizando sobre o seu próprio ventre.

Quinta-feira, 1 de Maio de 1806, Ilha de Santa Helena, latitude 15° 54' sul, longitude 5° 43' oeste.

O comodoro Sir Home Riggs Popham abandonou a pena no tinteiro e refastelou-se na cadeira com um ar satisfeito. Nada tinha sido fácil no seu plano para invadir Buenos Aires. De qualquer modo, no dia seguinte, zarparia com a sua frota rumo àquela cidade do Prata.

Se quisesse definir uma data em que a travessia tinha começado a ganhar forma, para finalmente se concretizar, seria o 12 de Outubro de 1804, pois nesse dia ele e o venezuelano Miranda tinham jantado com o primeiro-ministro Pitt, em casa do chefe do almirantado, visconde de Melville, para falarem sobre as questões da América do Sul. Estava também presente o filho bastardo do duque de Guermeaux, Roger Blackraven, que ele preferia esquecer, pois, com os seus comentários mordazes, havia posto em risco o objetivo da referida reunião: conseguir o apoio do governo inglês para se lançarem na conquista das principais cidades das colônias espanholas.

Como consequência desse jantar, Popham e o seu amigo Miranda redigiram um memorando com várias folhas datado de 14 de Outubro, no qual se expunham as razões para invadir os territórios ocidentais do reino Espanhol. Não figuravam neste documento os motivos pessoais que tinham a ver mais com o despojo do que com a glória de Inglaterra. O memorando foi aprovado por Pitt a 22 de Outubro com a ressalva de que, enquanto não houvesse uma declaração formal de guerra com a Espanha, o ataque às cidades americanas estaria adiado, embora todos soubessem que a neutralidade da Coroa Espanhola no conflito de

Inglaterra com a França era meramente formal.

A declaração formal de guerra chegou pouco tempo depois, a 11 de Janeiro de 1805, e, apesar desta ocorrência, não foi possível empreender a expedição pois o aliado czar da Rússia, Alexandre I Pavlovich, pediu prudência ao albergar esperanças de atrair os espanhóis para os retirar da influência de *Boney*, nome que os ingleses davam a Napoleão Bonaparte.

Depois disso chegou a ordem para escoltar a expedição confiada ao major-general Sir David Baird para recuperar o cabo da Boa Esperança (à época em mãos holandesas, que era o mesmo que dizer francesas) e Popham viu uma nova oportunidade de se dirigir para Buenos Aires. Após a to mada do cabo, a 18 de Janeiro de 1806, já instalados como autoridade, Popham dedicou-se a convencer o general Baird a fornecer-lhe homens e munições para a conquista do Rio da Prata, tendo levado consigo o memorando referendado por Pitt para atingir o seu objetivo.

— Aqui o primeiro-ministro Pitt estabeleceu que não se faria nada contra as colônias espanholas, enquanto houver esperanças de recuperar o apoio de Espanha — persistia Baird.

— Major — disse Popham —, depois de receber as notícias das batalhas de Trafalgar, Ulm e Austerlitz, pensa que deveremos esperar que a Espanha apóie a causa inglesa contra Napoleão?

— Não — balbuciou Baird —, na verdade não. Creio também que deveremos pedir instruções e aguardar.

— Vão ser meses de espera! E segundo os meus informadores, o momento é este. Asseguraram-me que Montevideu e Buenos Aires cairiam perante uma força de seiscentos homens. É o que afirma Wayne — referiam-se ao comandante de um barco negreiro que acabava de chegar ao cabo, vindo do Rio da Prata — e confirma-o esta carta do meu amigo, o senhor William White, um americano radicado há vários anos em Buenos Aires. ouça, major — disse, lendo um parágrafo da carta: — “Então, querido amigo, este é o momento certo. Os tesouros provenientes de Lima encontram-se no desguarnecido Forte de Buenos Aires à espera de um comboio que os transportará para Espanha, o que pode acontecer de um dia para o outro.”

Popham interrompeu a leitura, pois o parágrafo seguinte revelava que a generosa provisão de informações por parte de White ia além de um impulso amigável: o norte-americano precisava que Popham deitasse a mão a uma parte dessas riquezas para depois poder exigir-lhe o pagamento de uma dívida de longa data originada em negócios comuns na Índia. Havia quem afirmasse que tal dívida ascendia a vinte mil libras, outros, a noventa mil.

Em boa verdade, Baird acabou por convencê-lo do considerável lucro, pois

era do conhecimento geral que as arcas do tesouro de Buenos Aires estavam a abarrotar de ouro. Contrariando o entusiasmo dos seus colegas, o contra-almirante Beresford discordava, apesar de saber que não tinha outra alternativa a não ser cumprir as ordens do seu superior.

Com ventos favoráveis, zarparam até o Rio da Prata a 14 de Abril de 1806, estando o contra-almirante William Carr Beresford ao comando, segundo indicação de Baird, e sendo o regimento 71 de Highlanders a única força de linha. Dias mais tarde, devido a uma tempestade, deram por perdido o navio *Ocean* que transportava duzentos homens e, tanto Popham como Beresford, concordaram ser necessário desviarem-se para a ilha de Santa Helena a fim de conseguirem reabastecer-se de provisões. O que Beresford ignorava era que Popham, tempos antes, planejara fingir a perda do *Ocean* assegurando assim uma desculpa válida que justificava a requisição de tropa e artilharia às autoridades de Santa Helena.

Com o governador da ilha, o senhor Patten, mais uma vez foi posta à prova a capacidade persuasiva do comodoro que conseguiu obter cento e oitenta homens, artilharia e um navio mercante de nome *Justinia*.

Rearmados, abandonariam Santa Helena na manhã seguinte se os ventos assim o permitissem, para navegarem sem escalas até as costas do Rio da Prata. Beresford já tinha comunicado a sua intenção de primeiro se apoderar do porto de São Felipe de Montevideu e depois de Buenos Aires, sede do vice-reinado. Essa ideia contrariava aos planos de Popham, pois receava que o vice-rei, mal fosse avisado da queda do porto, partisse com o tesouro da coroa para o interior do continente. Por esse motivo, atacariam primeiro Buenos Aires.

Nota final

Isabella di Bravante dissera um dia ao filho um velho provérbio italiano: “O amor faz passar o tempo. O tempo faz passar o amor.”

De pé, junto ao parapeito do navio que o afastava da mulher, com o olhar nublado, fixo na imensidão do Atlântico, Roger Blackraven interrogou-se se aquelas palavras seriam certas. “O amor não é eterno”, zombava a sua alma incrédula, “mais tarde ou mais cedo morrerá.”

“Se morrer”, respondeu seu coração, “é porque não era amor.”

E nesse momento, Roger teve certeza de que sua história com Melody ainda não tinha terminado.

FIM DA PRIMEIRA PARTE


FLORENCIA
BONELLI
O quarto
Arcano
O PORTO DAS
TORMENTAS
PORTO EDITORA

SEGUNDA PARTE



O Quarto Arcano – O Porto das Tormentas
Florencia Bonelli

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
El Quarto Arcano – El Puerto de Las Tomentas
© 2007, Florencia Bonelli

Capa: © Eduardo Ruiz, com uma ilustração de Crlos Pellegrini, 1832
Fotografia da capa: © Alan Ayres

1.ª edição: Fevereiro de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

PORTO EDITORA Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO • PORTUGAL
www.portoeditora.pt Telefone (351) 22 608 83 00 Fax (351) 22 608 83 01

DEP. LEGAL 000000/09 ISBN 978-972-0-00000-0

Este livro foi produzido na unidade industrial do Bloco Gráfico, Lda., cujo **Sistema de Gestão Ambiental** está certificado pela APCER, com o n.º 2006/AMB.258
Produção de livros escolares e não escolares e outros materiais impressos.

I

Palácio do vice-rei, Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de Maio de 1806

A baronesa Ágata de Ibar curvou-se sobre a velha senhora ao seu lado e, procurando alguma intimidade atrás do leque, perguntou: —Senhora Barros, quem é aquele cavalheiro?

— Qual?

— O que está agitando a luva.

— Roger Blackraven, o conde de Stoneville.

A velha senhora percebeu que a baronesa apreciava o conde inglês como um picador aprecia um puro-sangue.

— E a mulher ao lado dele? A sua esposa, quem sabe?

— Oh, não, apresentou-a como prima. Chama-se Éloïse Letrand. Francesa, segundo pude entender. E o jovem de caracóis louros é o irmão dela, Prosper Letrand.

Ágata de Ibar batia no queixo com o leque fechado, sem afastar o olhar de Blackraven, que, nesse momento, arqueava a comissura dos lábios num sorriso irônico, perante um comentário da sua prima. Aquela expressão cativou a baronesa e levou-a a esboçar um sorriso idêntico, abrindo o leque com um golpe seco e agitando-o junto do rosto.

— Atraente, não acha? — murmurou a senhora Barros. — Apesar deter chegado há muito pouco tempo ao Rio de Janeiro, tecem-se à sua volta todo o tipo de conjecturas. Há quem insinue que é pirata. — Ágata de Ibar voltou-se bruscamente e a senhora Barros assentiu. — Dois dos seus barcos encontram-se ancorados na baía da Guanabara e diz-se que a sua frota é composta por mais de vinte. Outros asseguram que se trata de um espião inglês e há quem garanta que é, sim, mas do imperador Napoleão. Não se sabe nada ao certo, apenas que é imensamente rico. E, se é rico, é poderoso.

— Apresente-o, senhora Barros — pediu Ágata, e a velha senhora soltou um risinho.

O barão João Nivaldo de Ibar abordou-as nesse preciso momento e,

delicadamente, agarrou a mulher pelo braço. Destacavam-se pelas suas figuras altas e magras, apesar de ela apresentar curvas voluptuosas. Ambos vestiam com elegância, sem mostrar os excessos de alguns convidados daquele serão oferecido pelo vice-rei em honra do aniversário do príncipe D. João, regente de Portugal, desde a declaração de insanidade da sua mãe, a rainha D. Maria I.

— Retiramo-nos, baronesa? Já é tarde — disse Ibar.

— Senhor, a senhora Barros ofereceu-se para me apresentar a uma amiga, a senhorita Eloïse Letrand — e apontou discretamente para ela. —Sua Mercê sabe bem a falta que me fazem amigas. Desde que abandonei Lisboa, com exceção da encantadora senhora Barros, ainda não tive oportunidade de conversar com pessoas interessantes. Poderia Sua Mercê aguardar que se fizessem as apresentações? O barão assentiu e acompanhou-as até junto dos irmãos Letrand e do conde de Stoneville. A senhora Barros fez as apresentações, e falaram em francês. A baronesa olhava de soslaio para Roger Blackraven que de perto lhe parecia impressionante, um homem com classe, disso não havia dúvida, para além da sua corpulência e daquele olhar escuro e hipnótico sob umas sobrancelhas densas. Movimentava-se com grande à-vontade, e nada nos seus modos denotava uma natureza egocêntrica como acontecia com a maior parte dos homens da sua classe. Observou que ele não usava peruca e pensou que nenhum homem sensato o faria se possuísse um cabelo tão preto, tão abundante e vistoso como o dele. A sua atitude arrogante, que ofuscava todos os outros homens do salão, não era chocante e revelava um atributo natural que o fazia parecer um homem brilhante e um sedutor inato. “Apesar de tudo, sinto que pode 11 chegar a ser cruel como um dos cavalos de Diomedes”, pensou Ágata, com um leve rubor de excitação. Emanava dele uma tal força e segurança, um cinismo que o teria levado a condescender com várias pessoas nessa noite, com o seu marido, sem dúvida, que se ria de uma piada qualquer, emitindo um som semelhante ao grasnar de um ganso.

Sim, Roger Blackraven tinha todo o aspecto de um cavalheiro. Mas ao mesmo tempo algo no seu semblante, no seu modo de se expressar e de olhar validava os boatos que o davam por flibusteiro. “No fundo”, pensou a baronesa, “este homem acha-se Deus”.

O barão de Ibar estendeu a mão a Eloïse e solicitou-lhe a dança seguinte, uma valsa. Blackraven fez o mesmo com a baronesa e Prosper teve de se conformar com a senhora Barros, que se recusou, afirmando não aprovar essa dança moderna.

As suas mãos eram grandes e fortes, como as de um camponês. Surpreendeu-a a mestria com que deslizava, fazendo-a sentir-se leve, parecendo também ele sê-lo, apesar do seu corpo maciço e pesado, que ela sentia ao agarrar-lhe o braço.

Deviam fazer um par ridículo, ela muito magra, ele robusto e, no entanto, Ágata sentia-se bem nos braços daquele homem.

Segundo as regras da dança, Blackraven olhava a sua companheira nos olhos e sorria, embora os seus pensamentos segurassem outra mão e enlaçassem outra cintura. Subitamente dançava na tertúlia da sua quinta El Retiro, no calor daquele domingo, dia 2 de Fevereiro, e no seu espírito ecoavam as palavras que lhe murmurara para a tranquilizar: "Descontrai-te e deixa-te conduzir por mim. A palavra valsa vem do alemão wälzen, que significa rodar. Esta dança não é mais do que isso, Isaura, rodar e rodar sobre nós mesmos." Confiante, ela permitira que ele a guiasse pelo salão. Rodaram e rodaram, e ele, que nunca deixou de a olhar, foi testemunha de como as maçãs do seu rosto se ruborizaram, de como os seus olhos brilharam e de como o seu peito agitado lutou por transbordar o decote. Mais tarde, já de noite, loucos de desejo, embrenharam-se no rio da Prata e rodaram novamente, agora dentro de água, as pernas de Isaura entrelaçadas na sua cintura e os braços no seu pescoço, acabando por fazer amor na praia.

— Não me olhe dessa maneira, Excelência — pediu Ágata.

— Incomoda-a? — A baronesa sorriu numa atitude de quem admite a sua hipocrisia e Blackraven murmurou: — Era o que eu suspeitava.

— Para um conde inglês, Excelência, a sua educação deixa muito a desejar. Sou bem capaz de dar crédito aos rumores que o dão como pirata.— Blackraven riu, atirando a cabeça para trás, e Ágata conteve a respiração, fascinada.

— Nem parece inglês — disse.

— A minha mãe é italiana. Talvez isso explique o meu aspecto pouco anglo-saxônico.

— Na verdade, explica. Diga-me uma coisa, Excelência, é realmente um flibusteiro, sim ou não?

— Não — Blackraven arqueou uma sobrancelha. — Desiludida?

— Teria sido uma experiência diferente conversar com um rufião dos mares, quase uma aventura. Reconheço que poderia ter sido também uma boa aprendizagem. Não sei nada do mar e de seus mistérios.

Blackraven sorriu com indulgência e continuou a dançar.

— E que me diz dos mexericos que referem a existência de dois navios propriedade sua ancorados na baía da Guanabara?

— Digo que é verdade.

— Como se chamam?

— Sonzogno e White Hawk.

— Hum… Sonzogno e White Hawk.

A valsa chegou ao fim e Ágata de Ibar ficou bastante decepcionada quando o

seu par lhe pegou na mão para a devolver ao marido.

Ocupavam os melhores quartos do famoso Hotel Faria-Lima, a poucos quarteirões da residência real. Eloïse subia as escadas pelo braço de Blackraven, ao mesmo tempo que comentava o serão em honra do príncipe D. João.

— Não achas, querido? Roger, estás a ouvir-me?

— Desculpa, Marie — escusou-se o conde, tratando-a pelo seu verdadeiro nome. — Estava distraído.

Marie e o seu irmão Luís Carlos — que era apresentado como Prosper — trocaram um olhar. Desde a saída de Buenos Aires, o seu primo Roger não era a mesma pessoa, parecia ausente e melancólico, distraído e desinteressado. Ambos conheciam a causa da sua melancolia.

— Estava a perguntar-te se concordavas comigo acerca do barão de Ibar. Achei-o um homem encantador.

— Tiveste mais oportunidade do que eu de falar com ele. Confio no teu julgamento — declarou Blackraven, e a jovem baixou os olhos. Pouco tempo antes, a sua falta de critério em relação ao senhor William Traver quase custara a vida a Isaura Maguire, a mulher do primo.

— A senhora Barros convidou-nos para irmos a sua casa amanhã à tarde — comentou Luís Carlos. — Garantiu-me que iria estar lá a nata da sociedade carioca.

— Podemos ir? — entusiasmou-se Marie.

Tinham chegado à porta do quarto. Blackraven olhou-a nos olhos e, antes de lhe beijar a testa, sorriu e anuiu. O único motivo que o levava a conviver com aquela gente era tornar um pouco mais agradável a estadia dos seus primos. Antes de abandonar o Rio de Janeiro, precisava de se certificar de que ficariam rodeados de gente séria.

— Amanhã às dez da manhã — disse Blackraven —, iremos ver a tal casa no bairro de São Cristóvão. Tomaremos o pequeno-almoço na minha antecâmara às nove e meia.

Despediu-se também de Luís e dirigiu-se ao seu quarto, no mesmo andar, cumprimentando com um aceno um dos seus homens que montava guarda disfarçado de pajem.

— O criado passou uma mensagem debaixo da sua porta, capitão.

— Obrigado, Shackle. Tudo calmo?

— Tudo calmo, senhor.

Abriu a porta e baixou-se para apanhar o envelope lacrado. Identificou o selo e não teria sido necessário ler o seu conteúdo para saber que iria encontrar lá dentro uma mensagem codificada de Adriano Távora, um dos espiões que, juntamente com Gabriel Malagrida (capitão do Sonzogno), Amy Bodrugan,

Ribaldo Alberighi e Edward O'Maley, formava um grupo de cinco homens, sob as ordens do Escorpião Negro. Na verdade, restavam quatro. Dois anos antes, Ribaldo Alberighi tinha morrido em Paris, às mãos dos torturadores de Joseph Fouché, sem dar com a língua nos dentes.

À semelhança de Roger Blackraven, Adriano Távora transportava consigo o estigma de ser filho bastardo repudiado pelo pai. Filho natural de D. José I de Portugal e de D. Teresa Leonor Távora, nascera numa prisão nos arredores de Lisboa enquanto a mãe, acusada com o resto da família Távora de tentativa de assassinato do rei, aguardava a execução. Tinha poucos dias de vida quando o primeiro-ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, que ficaria mais tarde conhecido como marquês de Pombal, exigiu também a pena de morte para a criança. A própria rainha Mariana, mulher de D. José I, se opôs a tal aberração, determinando que o menino fosse entregue à corte espanhola, sob a proteção da mãe, a bela e intrigante rainha Isabella di Farnesio.

A chegada de Adriano de Távora, com poucos meses, ao palácio de Madrid coincidiu com a do novo soberano de Espanha, Carlos III, que abdicara de um reinado em Nápoles para ocupar o trono de uma das nações mais poderosas da Terra. O novo monarca chegou com a mulher, Maria Amália da Saxônia, e uma caterva de filhos, entre os quais se contava uma ilegítima, a preferida do rei, Isabella di Bravante.

Comovido com a história do menino Távora, Carlos III permitiu que este fosse educado com os seus filhos, a quem Adriano acabou por considerar como irmãos, e talvez por partilharem o mesmo destino, Isabella, a ilegítima, era aquela de quem mais gostava. Adriano chorou e sofreu quando a jovem foi enviada para o palácio de Versalhes. Nunca deixaram de se escrever e Adriano conseguiu que o seu tio Carlos, assim chamava ao rei, o autorizasse a visitá-la uma vez. Foi assim que conheceu o filho da sua querida Isabella, Alejandro di Bravante, ou Roger Blackraven, como lhe chamavam desde os doze anos, altura em que o seu pai, o duque de Guermeaux, o retirou a Isabella, tomando-o sob a sua custódia.

Quando acabou de ler a mensagem cifrada de Távora, Roger Blackraven vestiu uma roupa mais confortável e por cima um casaco leve. O porteiro do hotel, foi buscar Black Jack, o seu cavalo. Atravessou a galope a Praça Quinze e seguiu pela Rua do Cano até a zona das tabernas dos marinheiros. Parou à porta de O Amigo do Diabo, uma taberna tão sórdida como o nome. Conduziu Black Jack pelas rédeas até o estábulo. O gemido chegou-lhe mal atravessou o portão mas continuou como se não tivesse ouvido nada. Acomodou o animal, colocou-lhe junto aos cascos uma bacia com água e saiu. Voltou a entrar quase de imediato e deparou com um menino negro muito maltratado. Tinha o olho

esquerdo oculto por um tremendo inchaço e um lábio rasgado de onde jorrava sangue. Percebeu que ele tremia.

— Não vou te fazer mal — disse em português, com um forte sotaque. — Anda. — O menino continuou a olhar para ele com ansiedade e surpresa, sem intenção de se aproximar.

"Que faria Isaura numa circunstância como esta?", perguntou-se Blackraven. "Como ganharia sua confiança?" Acabou por se ajoelhar a alguns passos de distância do negrinho e estendeu-lhe um lenço.

— Vá, toma. Limpa o sangue do lábio.

O menino aproximou-se a coxear e, por entre os farrapos sujos que vestia, Blackraven detectou vergões nos membros e no peito. "Oh, Isaura, se pudesses ver isto", lamentou-se.

— Quem foi que te bateu?

— O meu amo — balbuciou o menino cujos dentes batiam como se fossem castanholas.

— Quem é o teu amo?

— Dom Elsio. — Blackraven conhecia-o, era o proprietário de O Amigo do Diabo. — Zangou-se porque quebrei uma garrafa de rum. Mas eu não tive culpa! — assegurou entre lágrimas. — Dois homens brigavam até que me empurraram e a garrafa caiu da minha mão.

— Onde estão os teus pais?

— Não sei, nunca os conheci.

— Vá lá, não chores mais. Hoje é o teu dia de sorte. Vou comprar-te de dom Elsio para que sirvas a minha mulher.

O menino levantou o rosto e lançou um olhar cheio de receio. A ele não enganavam, as mulheres também podiam ser más, a de dom Elisio era uma peste.

— A sua mulher vai me bater se eu estragar alguma coisa?

Blackraven sorriu e pousou uma mão sobre o ombro pequeno e ossudo. Devido à má alimentação aparentava ter cinco ou seis anos apesar de ser mais velho.

— A minha mulher é um anjo e podes crer que, para ti, será como se fosse uma mãe. Como te chamas?

O negrinho encolheu os ombros.

— Chamam-me de Rato.

— Isso não é um nome. — O menino não fez comentários a esse respeito e continuou a olhá-lo nos olhos, o que era proibido aos escravos.— Bem — disse Blackraven —, enquanto eu não volto, fica aqui junto do meu cavalo e toma conta dele. E vai pensando num nome de que gostes.

— Senhor — disse Rato, estendendo-lhe o lenço sujo —, está a esquecer-se disto.

— Fica com ele — disse Blackraven e o menino abriu desmesuradamente os olhos. Era a primeira coisa que lhe ofereciam.

O Amigo do Diabo recebeu-o com o mesmo bulício e aroma fétido do costume. O fumo dos cachimbos, dos cigarros e da chaminé de fraca tiragem não permitia ver com nitidez as silhuetas. Apoiou-se ao balcão e bateu duas vezes com o seu estoque. Dom Elsio cumprimentou-o com um entusiasmo excessivo.

— Capitão Black! Bem-vindo, capitão!

— Leva lá para cima uma garrafa das melhores que tiveres.

— Às ordens, capitão.

Subiu os degraus dois a dois até o primeiro andar e abriu a porta no fundo do corredor sem bater. De um salto, Adriano Távora levantou-se da cadeira e veio ao seu encontro. Abraçaram-se e deram um aperto de mão.

— Que bom ver-te, Roger! — declarou Távora no seu jeito franco.

— O mesmo digo eu, meu amigo.

— Por onde tens andado? Tenho seguido o teu rastro desde Ceilão.

Bateram à porta. Dom Elsio entrou com uma garrafa e duas canecas de latão.

— Brandy, capitão Black, do melhor — gabou-se o taberneiro. — Os senhores desejam mais alguma coisa?

— Quanto queres pelo negrinho que quase mataste de pancada esta noite? — perguntou Blackraven da sua cadeira, voltando-lhe as costas.

— Onde se meteu esse diabo? Por acaso esteve a incomodá-lo, capitão?

A negociação demorou apenas alguns minutos porque dom Elsio queria agradar Blackraven. Távora fechou a porta à chave e voltou-se com uma expressão irônica. — Desde quando te preocupas com o destino dos garotos maltratados?

— Lamento que tu, um dos meus melhores amigos, tenhas tão má opinião a meu respeito. Não sou São Francisco, Adriano, mas também tenho coração.

— Ah, sim, coração!

Távora passou-lhe uma das canecas de brandy e sentou-se à sua frente. Trazia muitas notícias do Velho Mundo, por isso começou a falar. William Pitt, o Jovem, tinha morrido em Janeiro desse ano. Com o desaparecimento do primeiro-ministro tory, o cargo tinha passado para as mãos de William Wyndham Grenville, do partido da oposição, o Whig. Era apoiado por um grupo de homens notáveis que havia granjeado o título de “Ministério de todos os Talentos”. Blackraven esboçou um sorriso de ironia e perguntou-se o que diria Isaura ao saber que Lord Grenville pugnava pela abolição do comércio de escravos. Mudaria a sua opinião acerca dos ingleses? — Quem é o novo lorde do

almirantado? — quis saber.

— O conde de Howick.

Blackraven assentiu. O conde devia-lhe alguns favores e não lhe criaria dificuldades na renovação da carta de corso e represália dos seus barcos. Távora demorou alguns minutos a pormenorizar as questões da política europeia, isto é, os últimos movimentos do imperador de França, que já se proclamava dono do continente. Quando falou de Espanha, disse: — Estive com o teu tio Carlos — referindo-se ao rei Carlos IV, com quem Távora fora criado como irmão.

— E que me contas dele? — interessou-se Blackraven. — Está bem?

— Não muito bem. Entre Bonaparte, o seu primeiro-ministro, e a rainha Maria Luísa anda muito inquieto, para já não falar do imbecil do teu primo, o príncipe Fernando, que, instigado pelo preceptor, Juan Escoiquiz, quer dar cabo da mãe e de Godoy. — Após uma pausa, Távora suavizou a expressão para dizer: — Carlos aceitou tuas letras de câmbio. Ficou agradavelmente surpreso quando viu a quantia que lhe enviavas. "Esse bom rapaz!", disse um pouco emocionado. Deve estar com dificuldades financeiras. Trocou as letras no dia seguinte.

Távora pegou um envelope e entregou-o a Blackraven. O selo pertencia à coroa de Espanha. Tratava-se de uma carta do rei D. Carlos para o sobrinho Roger Blackraven juntamente com um salvo-conduto onde lhe era conferida total liberdade para transitar pelas colônias espanholas do mundo e efetuar operações comerciais.

— Calculo que este documento seja de extrema conveniência para os teus planos de tornar a América do Sul independente. — Blackraven continuou a ler e Távora referiu: — Carlos expressou também o seu desejo de te conceder um título de nobreza.

Blackraven soltou uma gargalhada e levantou-se.

— Para que preciso eu de outro título, Adriano? Sabes o que me faz falta? Homens de mar capazes que não se amedrontem na abordagem de uma nau inimiga. Dentro de poucos meses terá lugar o bota-fora de um novo barco no estaleiro de Liverpool e ainda não consegui contratar nem um terço da tripulação.

— A tua mãe não vai gostar nada de saber que recusaste um título nobiliárquico oferecido pelo seu irmão, o rei de Espanha.

— Estiveste com ela em Madrid? — Não. Dizem os boatos que a tua mãe se zangou com a rainha Maria Luísa e que voltou para Inglaterra. Quando cheguei a Londres fui até a tua casa de Birdcage Street, mas não estava lá ninguém.

— E o meu tio Bruce? E Constance? — estranhou Blackraven.

— O teu mordomo informou-me de que todos, o teu tio Bruce,Constance e a tua mãe, tinham ido para a Cornualha.

— Para a Cornualha? A minha mãe odeia a Cornualha. Duncan disse quando tinham partido? — Tinham acabado de partir. Na véspera da minha chegada tinham recebido uma carta e, nesse mesmo dia, à tarde, metiam-se a caminho. Deve ter sido aqui há um mês. Pouco depois, embarquei e rumei para aqui, para o Rio de Janeiro.

— Por que ancoraste em Londres? — interessou-se Blackraven.

— Vimos um barco turco a caminho de Ceilão e o abordamos. Regressei a Londres para me apresentar no Tribunal de Presas . Correu tudo bem. Foi um espólio magnífico, Roger. O porão desse barco devia ir cheio até o teto. Especiarias, metais, tecidos, couros, louça, móveis. Depositei a tua parte no Lloyd's, dez mil e setenta libras.

— Na verdade, uma excelente presa.

— Toma, aqui tens a sentença do Tribunal de Presas, na qual se estabelece a partição — e indicou-lhe a linha com o montante destinado ao dono do barco. — O senhor Spencer — Távora referia-se a um funcionário da casa Lloyd's — perguntou se desejavas que enviassem para algum lugar e eu tomei a liberdade de lhe dizer que o fizesse para o Rio de Janeiro. Se não te tivesse encontrado aqui, teria feito valer os poderes que me conferiste e o levaria aonde estivesses.

— Fizeste bem — concordou, recebendo o documento. — Preciso de dinheiro para acabar a fábrica de curtume em Buenos Aires, e aí não há correspondentes nem bancos. Que navio comandavas quando abordaste os turcos? — interessou-se subitamente com aquele seu hábito de saltar de um assunto para o outro sem preâmbulos nem pausas.

— O Minerva — um dos barcos de maior porte da esquadra de Blackraven.

— O Minerva está aqui, no Rio?

— Oh, não. Precisava de velocidade. Era urgente encontrar-te. Por isso deixei-o no porto de Londres e zarpei na Wings. Quando fundeei na baía da Guanabara, vi o Sonzogno e o White Hawk e soube logo que estavas perto. Gabriel Malagrida — Távora referia-se ao capitão do Sonzogno — disse onde te encontravas hospedado. disse também que estás com os teus primos, o rei Luís XVII e madame Royale. Que foi que se passou? Porque saíram de Buenos Aires? — Contar-te-ei mais tarde. Agora quero que me expliques por que tinhas assim tanta urgência em encontrar-me? Távora voltou a encher as canecas com brandy.

— É uma notícia má, Roger. — Ergueu os olhos e disse: — Simon Miles está morto. Foi assassinado.

Blackraven olhou-o com uma expressão impassível, os olhos endurecidos e fixos, os lábios e as fossas nasais tensos. Távora apercebeu-se de que ele apertava a caneca pela tonalidade esbranquiçada dos nós dos seus dedos.

— Como foi que isso aconteceu? — Apunhalaram-no na garganta, em sua casa. Tinha aposentos alugados em Cockspur Street, em Londres. Foi a governanta quem o encontrou.

Pousou a caneca, apoiou as mãos na beira da mesa e inclinou a cabeça para a frente. “Simon”, evocou, embargado pela emoção.

— Lamento, Roger. As coisas não acabaram bem entre vocês, mas sei também que lhe dedicavas um grande afeto.

— Era um irmão para mim — confessou. — Teve uma morte horrível.

Acomodou-se na cadeira como um peso morto. Pouco depois, Távora constatou uma alteração no estado de espírito de Blackraven, quando o viu erguer-se contra o espaldar e fixar o olhar num ponto longínquo, o punho sobre a boca.

— Valdéz y Inclán também está morto. — Távora soltou um suspiro.

— Sim — enfatizou —, envenenado por Bernabela.

— A mulher dele? — Sim, a mulher dele. Alcides quis confessar-me alguma coisa antes de morrer. Parecia muito angustiado, mas só conseguiu murmurar algumas palavras sem sentido.

— Quais foram? — Simon Miles. E agora dizes que ele está morto. Assassinado.

— Talvez um acontecimento não tenha nada a ver com o outro –conjecturou Távora. — Sim, sim, eu sei — admitiu, perante o trejeito do inglês —, são demasiadas coincidências.

— Simon conhecia o paradeiro de Marie — disse Blackraven após uma pausa.

— Sabia que madame Royale estava no Rio da Prata? — Sim, e tive de tirá-la de lá, a ela e a Luís, porque um sicário, Le Libertin, tentou assassiná-los.

— Le Libertin! Le Libertin em Buenos Aires! Távora lembrava-se do espião francês. Anos antes, por causa dele, fora frustrada uma entrega de armamento aos monárquicos franceses no porto de Bordéus, com uma grande quantidade de mortos.

— Achas que Simon terá vendido a informação a Le Libertin? — Ele me odiava — referiu Blackraven. — Acusava-me da morte de Victoria.

— Mesmo assim — opinou Távora —, Simon era um nobre. Duvido que quisesse prejudicar madame Royale só para te fazer mal. Além disso –comentou, pensativo —, Simon não tinha acesso a pessoas como Le Libertin. Um cidadão comum, como ele era, não entra em conversações com um indivíduo como esse maldito espião francês. Por outro lado, que tem Valdéz y Inclán a ver com Simon Miles? Colocaram uma hipótese atrás da outra durante mais de uma hora e Blackraven satisfez a curiosidade do amigo, contando-lhe todos os acontecimentos ocorridos à volta de William Traver ou Le Libertin, assim como

a morte do seu sócio, Valdéz y Inclán.

— Nada disto me parece fazer sentido — concluiu Távora, permanecendo em silêncio. — Roger — disse bruscamente —, na verdade a notícia da morte de Simon Miles não era a mais urgente que tinha para te dar. — Com um gesto de mão, Blackraven encorajou-o a falar. — Sabes, antes de zarpar para aqui, estive em Paris, no intuito de obter notícias frescas. E aí tomei conhecimento de algo que me deixou verdadeiramente consternado. Segundo o meu informador, Fouché — Távora referia-se ao ministro da polícia de Napoleão — contratou um sicário, o melhor de todos, para matar o Escorpião Negro. Chamam-lhe La Cobra e dizem que nunca falha.

— Já ouvi falar nisso. Que mais sabes? — Não muito. Corre que ele o contratou por uma fortuna, já há algum tempo, talvez em 1804, depois de ter apanhado Ribaldo. Terá conseguido sacar-lhe alguma informação e com ela pôr La Cobra no caminho certo? — Duvido — afirmou Blackraven. Conhecia bem os seus homens, ele próprio os treinara.

— Os carrascos de Fouché podem ser muito persuasivos — alegou Távora.

— Ribaldo não disse palavra, fica tranquilo. Pede a dom Elsio papel,uma pena e tinta, e um pouco de lacre.

Távora regressou após alguns minutos e Blackraven sentou-se a escrever. Duas mensagens, poucas linhas. Aqueceu a barra de lacre no pavio da vela e selou o sobrescrito. Antes que o lacre arrefecesse, levantou a tampa em forma de trevo do anel que usava no dedo anelar da mão direita e estampou-o sobre o lacre, onde ficou moldada a figura de um escorpião. Távora pegou nas mensagens, leu os nomes dos destinatários e guardou-as no bolso interior do casaco.

— Para Fouché? Para o conde de Provence? — declarou alarmado –Que lhes dizes? — Que Le Libertin serve de pasto aos peixes e que Luís XVII continua com vida.

— Roger, tu não sabes ao certo quem enviou Le Libertin! Poderá ter sido outro grupo interessado em eliminar o verdadeiro rei de França. Além disso, vais pô-los de sobreaviso de que quem tem Luís XVII é o Escorpião Negro.

— Pode ser que assim ponham de lado a ideia de o assassinar. Por outro lado, interessa-me que Fouché saiba que o seu sicário, até o momento, falhou.

— Tens a certeza de que os Bourbons e Fouché sabem que Luís XVII não morreu na prisão do Temple quando era criança? Poderás estardando informação que eles desconhecem.

— Sabem, sim, sabem muito bem. Não te preocupes, tenho certeza absoluta.

— E se Fouché sabe, Napoleão também sabe — matutou Távora.

— Tanto a Napoleão como ao conde de Provence convém que Luís Carlos

morra ou permaneça na sombra. No caso de Napoleão, para preservar o seu lugar como imperador da França, e no do conde de Provence, porque aspira a ser rei um dia.

— Maldito seja esse conde de Provence! — explodiu Távora. — Supostamente deveria estar a proteger o seu sobrinho Luís Carlos, e não a caçá-lo como se este fosse um animal.

— Qual é a surpresa? — perguntou Blackraven com ar irritado — Não viveste o suficiente para saber como um ser humano se pode transformar num animal selvagem quando é movido pela cobiça? — O poder e o dinheiro mudam qualquer pessoa.

— Qualquer pessoa, não — objetou Blackraven —, a maioria.

— Não conheço uma única pessoa — argumentou Távora — que, por dinheiro ou poder, não venda a sua alma ao diabo.

— Pois eu conheço — afirmou em voz baixa. — Eu conheço — repetiu um segundo mais tarde.

— Então, gostaria muito de saber quem é, pois só conheci dos outros. O marquês de Pombal é um bom exemplo da espécie de infames que habitam este mundo. Mandou matar toda a minha família, incluindo as crianças e as mulheres, para assegurar o seu domínio sobre o meu pai e conseguir perpetuar o seu poder.

— Não te esqueças de que a tua irmã, a rainha Maria, o repudiou e o mandou para o exílio, onde morreu confinado às suas propriedades.

— Deveria ter acabado com a sua vida — lamentou-se Távora. –Deveria ter sido eu a matá-lo pelas minhas próprias mãos — disse entre dentes.

Blackraven pousou a mão sobre o seu ombro, dando-lhe uma leve palmada. Olharam-se; os dois conheciam os seus rancores e más me mórias.

— Deixa isso.

— O quê?! — ofendeu-se Távora. — Perdoaste por acaso ao teu pai? Esqueceste alguma vez que ele te raptou e te separou da tua mãe quando eras ainda uma criança? — Não, não esqueci nem perdoei, mas já não me magoa como antes— admitiu. — Preciso que essas mensagens— declarou de modo repentino — cheguem aos seus destinatários. Trata disso.

— Fica tranquilo. Partirei na Wings, mal acabe de carregar as provisões necessárias para a viagem.

— Logo que cumpras essa missão, precisarei que regresses ao Rio da Prata.

— Pensas voltar para lá? — surpreendeu-se Távora. — Não vais visitaras tuas propriedades no ultramar?

— Já te disse que tenho de voltar para terminar a fábrica de curtume. Sem Valdéz y Inclán, recai tudo sobre mim.

Távora ficou a olhar para ele. Blackraven, sem dar por isso, bebeu o brandy

até a última gota e vestiu o casaco.

— Claro. Onde está Somar? — perguntou, referindo-se ao criado turco de Blackraven.

— Ficou em Buenos Aires.

— Viajaste sem ele? — pasmou-se Távora, mas não obteve resposta. — Quando pensas regressar ao Rio da Prata?

— Ainda não sei, dentro de um ou dois meses talvez.

Blackraven guardou os documentos e a carta de Carlos IV e empunhou o seu estoque. Preparava-se para abandonar a sala quando Távora o reteve, agarrando-o por um braço.

— Roger — disse —, soube que Lord Bartleby, o novo chefe do Departamento do Exterior, quer entrar em contato com o Escorpião Negro.

O Departamento do Exterior, situado no velho palácio de Whitehall, no coração de Londres, ocupava-se da organização das forças secretas do governo britânico na luta por destruir o inimigo francês. Embora no início a história do Escorpião Negro não se associasse a esse organismo, nos últimos tempos aquele levara a cabo algumas missões por mandado direto de Sir Hughes Fulham, o chefe anterior que acabara por se tornar num grande amigo do Escorpião Negro, ou de Roger Blackraven, levando para o túmulo a sua identidade, a dos seus cinco espiões e a do resto dos homens que compunham a rede. Poucas semanas após a morte de Sir Fulham, Ribaldo Alberighi fora capturado pelos agentes de Fouché na taberna Palha e Feno, levado para Paris e torturado até a morte.

Blackraven não podia lembrar-se daquele episódio sem sentir uma profunda amargura. Culpava-se de ter dado pouca atenção a um dos seus companheiros, pensava que, de certo modo, o defraudara. Era atormentado pelas dúvidas, e o fato não ser capaz de determinar de onde surgira o golpe traidor roubava-lhe o sono. A culpa que sentia pela morte de Ribaldo levou-o à obsessão com o destino dos quatro espiões sobreviventes, assim como com o dos outros agentes ao seu serviço. Decidiu manter-se na sombra e esperar, embora soubesse bem que os seus colaboradores precisavam de voltar ao circuito de espionagem europeu, pois só aí se sentiam plenamente úteis.

— Como sabes que Lord Bartleby quer falar com o Escorpião Negro? — disse Bodrugan.

— Estiveste com Amy?

— Sim, em Ceilão. Ela também anda à tua procura. disse que de lá seguiria para a tua propriedade na Antígua.

Blackraven assentiu e dirigiu-se para a porta.

— Que decides? — perguntou Távora, detendo-o. — Vamos voltar a trabalhar para Whitehall?

— Não.
— Por que não?
— Porque não confio em Bartleby.

II

Quando saíam do hotel para se dirigir ao bairro de São Cristóvão, Blackraven e os seus primos Marie e Luís Carlos, seguidos pela moleca Anita e por Rato, foram encontrar no vestíbulo o casal de Ibar. A baronesa tomou a palavra e informou-os de que a partir desse dia ficariam alojados no Faria-Lima.

— Mal chegamos, tentamos marcar quartos neste hotel — declarou —, mas hoje avisaram que vão vagar dois no segundo andar. O Hotel Imperial não oferece as comodidades a que estou habituada —, acrescentou.

Marie percebeu que Blackraven se mantinha em silêncio numa atitude impaciente.

— É uma notícia muito agradável saber que se encontram entre os hóspedes do hotel — declarou Luís. — Nos Veremos hoje à tarde em casa da senhora Barros?

— Assim será — interveio o barão. — Agora vamos deixar que prossigam com seus assuntos. Perdoai a interrupção.

Despediram-se com inclinações e reverências, e cada grupo seguiu seu caminho. Já no carro, Marie deu o braço ao primo e tocou-o de leve na mão com o leque.

— Que pensas fazer com esse menino? — apontou para a boleia, onde Rato se acomodara com Anita e o cocheiro. — De onde saiu ele? Parece tão magoado.

— Encontrei-o ontem à noite na rua e decidi tomá-lo sob minha proteção.

— Estou vendo que a influência de Miss Melody tocou teu coração— afirmou Marie, risonha, mas um olhar do irmão toldou-lhe o semblante.

Desde a saída de Buenos Aires, tinham estabelecido um acordo: não fariam referência a Isaura ou a Miss Melody, nome pelo qual era conhecida. No entanto, a declaração de Marie fora o fruto espontâneo da surpresa, face à conduta do conde de Stoneville, mais própria da sua jovem mulher, protetora dos escravos de Buenos Aires, do que de um homem como ele.

— Marie — disse Blackraven —, em relação ao garoto, queria pedir-te se o poderias levar contigo e comprar-lhe algumas roupas. Está praticamente despido. Essa camisa e essas calças pertencem ao filho de uma criada do hotel.

— Claro que sim, querido — respondeu, enquanto recebia os cruzados que Blackraven depositava na sua mão enluvada.

A casa no bairro de São Cristóvão necessitava de alguns melhoramentos.

Tinha a seu favor a dimensão, umas paredes sólidas, janelas gradeadas e muros altos, encimados por vidros partidos, que protegiam o edifício. Blackraven acabou por a arrendar ao descobrir o brilho no olhar azul-celeste de Marie, perante um jardim com estufa nas traseiras.

— Vou passar aqui a maior parte do meu tempo — declarou com um entusiasmo que não demonstrava há meses, desde o embuste do pretendente William Traver, na realidade um espião francês, Le Libertin. — Neste clima tão ameno — assegurou —, o meu jardim será um paraíso semelhante ao da minha mãe em Versalhes.

— A rainha Maria Antonieta dispunha de um dos melhores jardineiros da Europa e recebia estacas das plantas mais exóticas. Duvido que consigas atingir o nível dos seus jardins — opinou Blackraven.

— Espera e verás — desafiou Marie. — Anita e eu tornaremos este lugar um vergel. Não é verdade, Anita?

— Sim, ama Marie.

Mais tarde, enquanto os primos tratavam de vestir Rato, Blackraven dirigiu-se ao porto para visitar seus barcos.

— Convido-o para almoçar — disse a Gabriel Malagrida, capitão do Sonzogno. — A cozinha do Faria-Lima é uma das melhores da cidade e tem uma excelente variedade de vinhos.

Gabriel Malagrida, homem de uns sessenta e cinco anos, usava o cabelo curto, totalmente grisalho e um bigode fino e longo, cujas pontas costumava cofiar com ar ausente. Quase tão alto como Blackraven, soberbo no casaco de algodão fino de lapelas bem cortadas e echarpe de seda branca, o seu aspecto era superior e admirável. Tinha um passo enérgico e o salto das suas botas ressoava nas tábuas de madeira do chão. Em batalha, gritava as ordens com voz forte e ameaçadora, amedrontando os homens com a sua expressão endurecida. Fora isso, mostrava-se tranquilo e afável, atitude mais condizente com a sua qualidade de religioso do que de corsário. Gabriel Malagrida era jesuíta.

Acusados de incentivar o motim de Esquilache, os membros da Companhia de Jesus ou Societas Iesu — os de Espanha e os do ultramar —foram expulsos em princípios de 1767 por ordem de Carlos III. Pese embora, em 1764, os terem expulsado igualmente de França e sem levar em consideração o convite de Catarina, a Grande, Malagrida atravessou os Pirenéus e dirigiu-se a Estrasburgo, em cuja prestigiada Escola Militar estudara até os dezasseis anos, idade em que se decidiu pelo hábito. Graças ao seu talento com o florete, ao seu grego e ao latim perfeitos e aos amplos conhecimentos de História e Geografia que possuía, Jean-Paul Fressac, o seu velho mestre de esgrima, conseguiu-lhe um lugar de professor de Latim. Assim conheceu o cadete Roger Blackraven, filho ilegítimo

do poderoso duque de Guermeaux. Malagrida apercebeu-se de imediato da magnífica natureza daquele rapaz, que, apesar da sua aptidão para a vida militar, um dia fugiu, no mesmo ano em que estalou a Revolução Francesa. Voltou a vê-lo cinco anos mais tarde, em Paris, durante o período do Terror, e foi com dificuldade que o reconheceu, por causa do seu tamanho, do longo cabelo e do tom bronzeado da pele.

Nessa altura, a vida de Malagrida mudara drasticamente. Tendo perdido o emprego na Escola Militar, meses depois da tomada da Bastilha, seguiu para Paris, onde começou a trabalhar para um homem que acabaria por ser deputado na Convenção pelo partido dos girondinos. Em 1793, quando os jacobinos chegaram ao poder, e Robespierre, à frente do Comité de Salvação Pública, declarou "O terror não é mais do que a justiça rápida, severa, inflexível", Malagrida soube que os seus dias, assim como os do seu chefe, estavam contados. Uma noite, no início de 1794, a sua casa foi invadida e, depois de se terem apoderado de documentos e cartas destinados aos girondinos de Caen, foi feito prisioneiro e encarcerado na Conciergerie, prisão também conhecida como "a antecâmara da morte".

Blackraven encontrou-o por mero acaso quando averiguava o paradeiro da mãe, uma cortesã famosa pela sua amizade com a rainha Maria Antonieta. Apoderara-se das listas de prisioneiros das prisões de Paris e, embora não tivesse encontrado o nome de Isabella di Bravante, deu com o do seu professor da Escola Militar de Estrasburgo, Gabriel Malagrida.

Para o jovem Blackraven, o professor Malagrida fora uma surpresa. Convencido da natureza dura e despótica dos mestres — o seu preceptor da Cornualha, Mr. Simmons, socorria-se muitas vezes da palmatória —, desconfiou inicialmente, chegando a sentir-se pouco à vontade com o caráter agradável, de riso fácil, e com a descontração daquele homem, que expressava como verdades conceitos que o Santo Ofício teria considerado heréticos. Atrevia-se a criticar a conduta dos reis, a assegurar que um plebeu tinha os mesmos direitos que um nobre e que as mulheres eram melhores do que os homens. Roger gostava da sua firmeza benevolente, da sua compaixão e daquele extraordinário talento para ensinar. Esperava sempre com grande entusiasmo pela aula de Latim. Grande admirador de Caio Júlio César, Malagrida pronunciava a frase Alea jacta est — a sorte está lançada — antes de começar um exame, frase essa que, paradoxalmente, acalmava Blackraven. Do mesmo modo, a sua devoção pelo professor nasceu no dia em que este mentiu, arriscando o seu lugar por ele.

O reitor da academia mandara chamar Malagrida ao seu escritório para discutir com ele a nova disciplina de Grego que pensava oferecer-lhe. Malagrida, no seu severo traje de professor de Latim, com um cartapácio sobre os joelhos,

aguardava sentado na antecâmara. O escrivão não estava por perto. Os sons que vinham do escritório alertaram-no para o fato de o reitor não estar só. Era impossível identificar o que diziam. Passados escassos minutos, uma voz feminina elevou-se, perturbada.

— Permita pelo menos que o veja aqui, no seu escritório, por um momento.

Era pouco natural imaginar uma mulher naquele recinto. O fato de elevar a voz ao superior da escola militar só podia ser entendido como uma estupidez. O reitor proferiu algumas palavras ininteligíveis.

— Sou a mãe dele! — insistiu a mulher.

— E o duque de Guermeaux é o pai! — Pelo ruído dissonante que se seguiu, Malagrida deduziu que o reitor se pusera de pé, num movimento brusco.

"Duque de Guermeaux", repetiu para si próprio. "O pai do aspirante Roger Blackraven".

— Não me comprometa, senhora, foi o próprio duque quem estipulou que a única visita que o filho pode receber é a dele.

— Senhor Barère — declarou a mulher, num tom conciliador, embora não menos firme —, veja se me entende. Viajei de Versalhes até aqui para estar um momento com o meu filho. Se não puder fazê-lo dentro desta academia, pelo menos escolte-o até o hotel onde estou hospedada. Estou no Régent Hôtel.

— Sua Senhoria estipulou também — explicou o diretor da escola –que o filho só poderia abandonar o edifício da academia acompanhado por ele próprio.

— Por acaso o meu filho é um prisioneiro neste lugar? — Senhora! — ofendeu-se o reitor. — O seu filho não é um prisioneiro. Mas é menor de idade e eu sou responsável por ele perante o pai, o duque de Guermeaux.

A porta abriu-se de repente, dando passagem à mulher que fez Malagrida saltar da cadeira. Os seus olhares cruzaram-se por um segundo, antes de ela prosseguir a marcha rápida em direção à saída. A beleza das suas feições deixou-o boquiaberto, ali de pé, na antecâmara, sem sequer se aperceber de que o reitor o chamava.

No dia seguinte, depois da aula de Latim, enquanto os alunos abandonavam a sala, Malagrida anunciou ao aspirante Blackraven que o esperava às cinco da tarde nos seus aposentos para que o ajudasse na tradução de um capítulo de As Geórgicas de Virgílio. Lisonjeado com o convite, o jovem Roger nem se apercebeu de como este era pouco usual. Caminhou a passos largos, com o dicionário de latim debaixo do braço até a ala onde viviam os professores e bateu à porta.

— Entra, Blackraven — disse Malagrida, chegando-se para o lado.

Ali, no meio da pequena divisão a abarrotar de livros e móveis, deu com uma mulher muito bela que se parecia com a sua mãe. Sem afastar os olhos, foi

entrando, até que largou o dicionário e correu para os braços de Isabella, mal esta exclamou “Meu querido Alejandro”. Entre lágrimas, Isabella explicou a situação a um confuso Roger cujos enormes olhos azuis saltavam da sua mãe para o professor. Estava também presente a ama-de-leite de Isabella di Bravante que o beijou e lhe chamou “mio bambino” sem se importar que ele tivesse mais uma cabeça de altura do que ela.

— O teu tio Bruce avisou-me de que estavas a estudar aqui e, mal pude libertar-me dos meus compromissos em Versalhes, vim ver-te. Ontem fui procurar o senhor Barère, que me explicou que só o teu pai te pode visitar, mais ninguém. Por sorte, o senhor Malagrida estava presente quando eu falei com o reitor. Enviou-me um bilhete ao hotel. Teve de me fazer entrar aqui incógnita, pois o senhor Barère deu ordens para me impedirem o acesso Deverás ficar sempre grato ao professor Malagrida, Alejandro, pois ele arriscou tudo para nos propiciar este encontro. Tenho de voltar depois de amanhã a Versalhes, visto que a tua madrinha precisa de mim para organizar os festejos do seu próximo aniversário, a 2 de Novembro. — Mãe, porque não pedes ao meu padrinho para que dê ordem ao senhor Barère para poderes visitar-me sempre que quiseres? Ele é o rei deste país, pode fazer o que muito bem entender. O senhor Barère será obrigado a obedecer. O duque de Guermeaux nada poderá contra uma ordem de Luís XVI.

— Não quero fazê-lo, meu filho — explicou Isabella —, em primeiro lugar, porque não pretendo importunar o teu padrinho com questões menores, Deus sabe os problemas que ele já tem. Por outro lado, não vou pôr o teu pai contra ti. Se uma das suas ordens for violada, pode acontecer que ele exerça represálias sobre ti.

Nesse dia, o encontro prolongou-se até que a sineta anunciou ao jovem Roger a hora do jantar. Se não se apresentassem na sala de jantar para a revista, seriam duramente castigados. Voltou a ver Isabella e Michela mais uma vez, no dia seguinte, nos aposentos de Malagrida, onde lhe levaram presentes, principalmente guloseimas, pães doces, chocolates e frascos com geleias e compotas. Para o professor, Michela preparara uma alcofa igualmente recheada.

Foi uma das tardes mais felizes de Roger. Malagrida e a sua mãe eram semelhantes naquela desenvoltura própria dos espíritos livres. Riram e comeram pão com nozes e beberam chocolate quente e, embora mãe e filho não tivessem falado de modo aberto, ambos sabiam que, sem a presença do professor de Latim, aquele encontro não teria sido tão agradável.

— Um dia — declarou Blackraven, naquele tom de voz dissonante que por momentos adquiria matizes profundos e graves — pagarei a Vossa Senhoria o que fez pela minha mãe e por mim — e estendeu a mão ao mestre, que a apertou

com força.

Foi disso que Blackraven se lembrou quando, ao examinar as listas de prisioneiros da Conciergerie, à procura do nome da sua mãe, deparou com o de Gabriel Malagrida. “O plano que Roger congeminou para me retirar daquele inferno poderia ser considerado suicida se tivesse sido levado a cabo por outro mortal”, afirmava o jesuíta ao relatar a proeza que lhe salvou a vida.

Uma tarde foi alertado por uma mensagem não assinada, escrita em latim, que uma empregada da limpeza fez deslizar por entre as grades da Côte des Douze, um recinto adjacente ao jardim, onde os prisioneiros gozavam de alguma liberdade. “Tempus promissi mei solvendi advenit. Accingete, in duabus diebus illinc te educam. Alea jacta est” (É chegado o tempo de cumprir a minha promessa. Prepare-se, dentro de dois dias, tirá-lo-ei daí. A sorte está lançada). Depois de ler a mensagem, à falta de fogo para a queimar, Malagrida comeu-a.

Na noite da fuga, Roger Blackraven apresentou-se no posto da guarda da Conciergerie com um salvo-conduto falso em nome de Georges-Jacques Rinaud assinado por Jean Grandpré, supervisor das prisões de Paris. Pediu para ser conduzido à cela do prisioneiro número 307, acrescentou que era enviado pelo próprio Grandpré. Os guardas manifestaram alguma inquietação devido ao avançado da hora. O superior, depois de lançar uma nova vista de olhos ao salvo-conduto, deu ordem para que revistassem o indivíduo para ver se trazia armas. Encontraram apenas uma garrafa de bolso dentro de uma das algibeiras do seu casaco.

Com um sorriso, Blackraven estendeu-a ao chefe.

— Não, obrigado, cidadão. Não bebo em serviço. Malreaux — disse,dirigindo-se a um dos subordinados —, acompanha o cidadão Rinaud à cela do 307 — e entregou-lhe uma chave.

Malreaux serviria os propósitos do plano, pensou Blackraven, enquanto seguia mentalmente o mapa da Conciergerie e memorizava o itinerário, optimista, pois o guarda conduzia-o pelos caminhos previstos. Antes de chegar ao recinto dos calabouços dos homens, atravessaram três portas de grades vigiadas por uma sentinela. Cada uma abria com uma chave diferente. Tal como Blackraven supusera, Malreaux não o acompanhou para dentro da cela e trancou o ferrolho por fora.

Malagrida, alertado pela mensagem, pôs-se de pé, desperto e expectante. Apurou o olhar no escuro e sussurrou: — Quem és tu? — Sou Roger Blackraven, o seu pupilo da escola de Estrasburgo.

Malagrida avançou dois passos e colocou-se frente àquele homem moreno e alto, observando-o em silêncio.

— Mudaste muito, rapaz.

— Eu sei — disse Blackraven. — ouça, professor — e colocou uma bota sobre um saco, arregaçando os calções e mostrando-lhe a barriga da perna, a que estava atado com um cordel um pequeno frasco. — Vai ter de beber este revulsivo que provoca um vômito para conseguir que o guarda entre e se distraia.

— Posso fingir um mal-estar sem necessidade do revulsivo — propôs o jesuíta. — Posso atirar-me para o chão e gemer.

— Eles não são parvos — alegou Blackraven. — Só entrarão se virem que se passa alguma coisa de grave.

Face às imprecações de Blackraven, que sacudia as mangas e as lapelas do casaco enquanto Malagrida vomitava, Malreaux espreitou pelo postigo da porta e entrou de imediato, perguntando que diabo se estava a passar. Caiu inconsciente quando um braço poderoso se abateu sobre a sua nuca. Blackraven ofereceu a Malagrida o seu lenço e entregou-lhe a pequena garrafa com um vinho revigorante, a fim de o reanimar.

Enquanto isso, retirou o uniforme ao guarda.

— Vá, vista-o. Tivemos sorte, ele é mais ou menos da sua estatura. O guarda ficará com as suas roupas. — Os calções ficam-me curtos.

— Ninguém vai reparar.

Blackraven e Malagrida, de uniforme e espingarda a tiracolo, avançaram até a primeira porta. Malagrida ria-se enquanto Blackraven lhe contava uma piada de girondinos. Passaram à pressa, aproveitando a pouca luz e evitando o olhar do guarda. Na segunda porta, o guarda perguntou do outro lado o que tinha acontecido. Aproximaram-se numa atitude afável e Malagrida balbuciou algumas palavras em jeito de explicação. Blackraven não quis correr riscos: veloz como uma serpente, passou o braço por entre os barrotes, agarrou o guarda pelo pescoço e comprimiu-lhe a cara contra as grades. Usaram a espingarda de Malreaux para retirar a chave pendurada na parede.

— Depressa — ordenou Blackraven. — A ronda vai encontrá-lo inconsciente e dará voz de alerta. Temos de nos livrar da terceira porta antes de isso acontecer. Ouvi chamarem François ao guarda.

François dormia numa cadeira.

— Levanta-te, François! — gritou Malagrida. — O cidadão Rinaud está com pressa.

— Por aqui! — disse Blackraven a Malagrida quando já estavam fora do alcance do guarda.

Felizmente para eles, durante a noite, eram poucos os guardas nas galerias. Correram até abandonar a ala dos prisioneiros, conhecida como Sala da Guarda, e, quando estavam quase a terminar a travessia dos jardins, ouviram gritos e vozes de alerta: os guardas que faziam a ronda tinham descoberto a fuga. Ao

chegar à Côte des Douze, Malagrida avistou duas cordas penduradas do alto do taipal que dava para o exterior da prisão.

— Olha, rapaz! — Foi a minha gente que as pôs aí — explicou Blackraven —, para despistar — acrescentou, descalçando a bota e retirando lá de dentro uma chave com a qual abriu uma porta que lhes deu entrada na ala das mulheres.

As correrias e os gritos dos guardas continuavam e foram obrigados a esconder-se várias vezes antes de chegarem a uma espécie de refeitório onde os aguardava Elodie, a empregada da limpeza que, dois dias antes, tinha entregado a mensagem em latim a Malagrida.

— Venham depressa! — murmurou entre dentes. — Há meia hora que acabou o meu turno. Se me encontram aqui, suspeitarão de alguma coisa. — Abriu uma porta e disse: — Tende cuidado, a escada que conduz à cave está em más condições.

— Deixaste a janela aberta? — quis certificar-se Blackraven.

— Sim, sim — afirmou a garota, entregando uma vela a cada um. — Deixei lá a roupa para Sua Mercê. Empilhei umas gavetas para que possais chegar à janela.

A porta fechou-se à chave atrás deles. Permaneceram em silêncio no alto da escada, a respiração ofegante, tendo as socas de Elodie sobre o empedrado como único ruído. Seguiu-se o estrondo de ordens vociferadas e o ruído dos soldados, e desapareceu toda a calma. Malagrida deu um salto, face ao típico estalido da mecha.

— Dê-me a sua vela — pediu Blackraven —, vou acendê-la — e aproximou a mecha do pavio. — Tenha cuidado — insistiu enquanto desciam os degraus.

— Que sítio é este? — perguntou Malagrida.

— A cave onde guardam os utensílios de limpeza. Tem uma janela oblonga perto do tecto que fica ao nível da rua das traseiras. Não podemos perder tempo.

Ficaram paralisados ao perceber que alguém tentava abrir a porta, agitando a tranqueta de modo insistente.

— Deixa isso, André. — A voz do outro lado era imperiosa. — Não vês que está fechada por fora? Eles devem ter fugido pelo jardim, treparam pelo taipal por aquelas cordas.

— Aquelas cordas estavam ali para nos despistar — referiu André. — Se as tivessem usado, estariam penduradas do lado de fora. Como terão eles conseguido chegar ao exterior? — Devem ter saltado — sugeriu o outro, com impaciência.

— Uma parede de três metros? — Deixa lá isso! De uma coisa podemos estar certos, não se esconderam nesta cave.

Os soldados afastaram-se. Malagrida respirou fundo e cambaleou.

— Professor — inquietou-se Blackraven. — Sente-se bem? — Sim, sim, rapaz, muito, bem. Vamos, dá-me a roupa que tenho de vestir.

As gavetas de madeira estalaram sob o peso de Blackraven, que entreabriu a janela — que era mais uma claraboia do que outra coisa — para dar uma espreitadela lá para fora. Malagrida perguntou-se como iriam passar por ali. Blackraven meteu a cabeça para dentro num movimento brusco e ágil antes de várias botas de soldados passarem a correr.

— Cercaram o edifício — anunciou.

— Que vamos fazer? — Esperar que abandonem a zona. Sente-se nessa gaveta e descanse.

Malagrida não soube quanto tempo decorreu. Talvez apenas quinze minutos, mas que lhe pareceram horas. As suas mãos tremiam, não conseguia normalizar a respiração e tinha a certeza de que, quando se pusesse de pé, os seus joelhos cederiam. Blackraven passou-lhe a pequena garrafa e insistiu para que bebesse o vinho revigorante em pequenos goles.

— O senhor vai sair primeiro.

— Está bem — aceitou o jesuíta.

O esforço deixou-os exaustos, principalmente Malagrida que tomou Blackraven nos braços e o puxou para o ajudar a passar pela claraboia. Ainda tinham de correr um pouco, os cavalos estavam a alguma distância dali.

— Alto, parem! — A ordem do guarda ressoou nos muros da passagem escura.

A explosão da espingarda instigou-os a correr rua abaixo. Não olharam sequer para trás, limitaram-se a correr pela rua paralela ao rio, com um piquete a persegui-los. Atravessaram o Sena pela ponte Saint-Michel, expostos aos tiros disparados de joelho em terra a partir da Île de la Cité. Ouviam os silvos das balas que quase lhes roçavam o corpo. Afastados da ilha, tentaram escapar pelas ruelas vazias e escuras até a Place Saint-André des Arts.

— Capitão Black! — exclamou um homem ao vê-los dobrar a esquina.— Depressa, Milton! Perseguem-nos! Antes de saltarem para os cavalos, Milton e Blackraven ajudaram Malagrida a subir para o seu. Incitaram os animais com gritos e chicotes e precipitaram-se a todo o galope até a rue du Bac, onde se situava a sede da embaixada sueca, onde passaram a noite reconfortados por um jantar e um banho.

— Como me conseguiste este passaporte sueco? — Com a ajuda da minha amiga, madame de Staël, que tratou de tudo a partir da Suíça. O marido dela é embaixador da Suécia.

— Sim, sim, eu sei. Estou a ver, meu rapaz — referiu Malagrida, com ironia —, que as tuas ligações e influências não conhecem limites.

— Claro que conhecem limites — e contou-lhe que, no ano anterior,não pudera salvar a Conciergerie, da mesma prisão, a sua madrinha, a rainha Maria Antonieta. — Depois da tentativa fracassada de Gonsse de Rougeville para a resgatar, a vigilância em torno dela apertou-se mais ainda.

— Diz-se — declarou Malagrida— que vivia com os guardas dentro da cela, separada deles apenas por um biombo.

— Não teria podido salvá-la. Seria um suicídio — manifestou Blackraven, com visível vergonha e pesar. — Mas salvarei os seus filhos, a qualquer custo. Salvarei madame Royale e o rei Luís XVII das garras desses assassinos. Devo pelo menos isso à sua mãe. — Não será fácil —comentou Malagrida.

Abandonaram a embaixada sueca em plena luz do dia, de peruca empoada e vestes faustosas. Apesar da guarda montada em todas as portas da cidade, o soldado que examinou os seus documentos não manifestou a menor sombra de dúvida ao fazer sinal ao cocheiro para que continuasse o caminho. Chegaram a Calais sem contratempos e, depois disso, no barco, a meio do canal da Mancha, Malagrida sentiu-se a salvo. Abraçou Blackraven e agradeceu-lhe de modo efusivo.

— Devo-te a vida, rapaz. Nunca viverei o suficiente para te pagar oque fizeste por mim. És um homem de grande nobreza.

— Não pensará o mesmo — objetou Blackraven— quando lhe disser que me tornei pirata e mercador de escravos.

Malagrida passou a fazer parte da tripulação do capitão Black, como lhe chamavam os seus homens, comportando-se em tudo como um flibusteiro, com excepção dos momentos em que celebrava missa no paiol das provisões.

Passavam uma temporada entre as costas de África e os portos americanos, comerciando escravos e assaltando navios, e o resto do tempo na França revolucionária. Parte dos despojos era destinada a subornar funcionários, a comprar documentos falsos, a pagar a cúmplices, a adquirir armas, a executar planos. O hábito de Blackraven de assinar as suas mensagens codificadas com o anel de escorpião sobre um lacre cor de abrunho que Schegel, um marinheiro alemão com espírito de alquimista, lhe preparara granjeou-lhe o nome de Escorpião Negro, um contra-revolucionário que muito incomodava as autoridades francesas, que não conseguiam sequer determinar ao certo o número de traidores salvos da guilhotina pelo escorregadio espião.

A princípio, pensou-se que seria inglês, mas os testemunhos daqueles que afirmavam ter-lhe ouvido a voz, davam-no como francês. Outros discordavam, dizendo tratar-se de um cigano, o seu aspecto assim o revelava. Por isso, foram revistadas as comunidades de ciganos que transumavam de região para região. Nos arredores de Paris, multiplicaram-se as lendas sobre o Escorpião Negro,

algumas delas com laivos de histórias mitológicas.

As autoridades julgaram que, uma vez passados os períodos do Terror e do Grande Terror, os atos do vilão sem nação nem rosto terminariam. Enganaram-se redondamente: persistiu nas suas façanhas, colaborando com os países aliados para vencer primeiro aqueles que deturpavam o sentido da Revolução e, mais tarde, Napoleão Bonaparte. Com o passar dos anos, o Escorpião Negro tornou-se num dos inimigos mais procurados pelo estado francês, embora agora já não o quisessem morto e sim vivo. Desejavam que ele trabalhasse para a glória de França.

O almoço com Malagrida no Faria-Lima terminou de modo abrupto, quando Blackraven se lembrou de que, dentro de meia hora, deveria estar com os primos, em casa da senhora Barros. Acompanhou o jesuíta ao vestíbulo do hotel e encarregou um criado de lhe arranjar um carro ou uma cadeirinha-de-mão. Malagrida estranhou quando Blackraven lhe confessou que planejava voltar ao Rio da Prata no Sonzogno.

— Quando? — interessou-se.

— Ainda não sei.

— E que projetos tens para o White Hawk?

— Sairá muito em breve na sua missão de corsário, mal acabe de recolher as provisões para a viagem. Tivemos notícia de que alguns barcos holandeses carregados de mercadorias se encaminham para Timor. Flaherty — Blackraven referia-se ao comandante do White Hawk —vai interceptá-los antes de atingirem o cabo da Boa Esperança.

— E onde está o teu bravo herege? — perguntou de repente. A denominação de “bravo herege” distinguia Somar, o criado turco de Blackraven.

— Ficou no Rio da Prata. — Malagrida olhou-o em silêncio. — Deixei--o tomando conta de um assunto que não confiaria a mais ninguém.

— Pergunto-me que assunto será esse para aceitares separar-te do teu mais fiel lacaio.

A tertúlia em casa da senhora Barros decorreu num ambiente muito ameno. Apesar do aborrecimento inicial de Blackraven, o barão João Nivaldo de Ibar revelou-se uma companhia muito simpática, de trato simples e agradável. A sua conversa erudita manteve-os entretidos durante todo o serão. Pertencendo a uma família fisiocrata, tal como Blackraven, dedicava-se ao estudo de novas técnicas para desenvolver as culturas e preservá-las das pestes e das pragas. Viajava pelo mundo recolhendo informações e classificando novas espécies dos reinos vegetal e animal e acompanhava as suas anotações com desenhos, pois era muito hábil

com o lápis de carvão.

Blackraven falou-lhe dos seus receios em relação à traça do couro, que provocava grandes estragos nos curtumes do Rio da Prata, assim como em relação ao piolho e à ferrugem dos cereais na cultura do trigo e do milho. Mencionou igualmente os olivais que abasteciam o lagar da sua propriedade El Retiro, e o barão de Ibar preveniu-o sobre os males mais habituais em Espanha e em Portugal, a azeitona gafada, o escudete e a Saissetia oleae, embora admitisse desconhecer se as mesmas infectavam as culturas dos territórios ultramarinos.

— A senhora minha esposa e eu viajaremos para o Rio da Prata dentro de poucas semanas — anunciou Ibar. — Somos aguardados pelo meu colega, o naturalista Thaddäus Haenke. Estou muito interessado no estudo dessas terras, pois Haenke falou-me delas nos termos mais elogiosos.

— Poderão ficar hospedados em minha casa — ofereceu Blackraven –durante o tempo que quiserem.

— Sua Excelência é realmente magnânimo, mas não desejo incomodar.

— Não incomoda nada — insistiu. — Sou conhecido por ter mesa franca. Por outro lado, aproveitarei os seus conhecimentos para os aplicar aos meus negócios. Como vê — acrescentou com um sorriso —, o meu convite não deixa de ser interesseiro.

— Será um prazer poder visitar as suas plantações e a sua fábrica de curtume — assegurou de Ibar, levantando a taça.

Blackraven repetiu o gesto, consciente do olhar que a baronesa Ágata lhe lançava do outro lado do salão. Na verdade, não deixara de olhar para ele durante todo o tempo que durara a tertúlia.

No regresso ao hotel, cansado e um pouco ébrio, Blackraven pensou que o dia tinha acabado até que ouviu baterem-lhe à porta. Era Luís Carlos. Aceitou trocar algumas palavras com ele.

Apesar de jovem — acabava de completar vinte e um anos —, de caráter tranquilo e feições de querubim, Luís XVII mostrava na sua firmeza e temperança os traços que eram de esperar num descendente em linha direta de Luís XIV, o Rei Sol.

O rapaz preferiu não se sentar e, inclinando a cabeça um pouco para trás, de modo a fixar os olhos claros nos do seu primo, anunciou que não desejava ser rei de França. A confissão, inopinada e enérgica, espantou um pouco Blackraven que, após uma interjeição, pousou ambas as mãos sobre os ombros de Luís Carlos.

— Tens a certeza de querer renunciar ao trono do teu país? Ele pertence-te por direito.

O jovem expôs as suas razões e era bastante óbvio que refletia sobre o assunto

há algum tempo. Em primeiro lugar, disse, não tinha boas recordações nem de França nem do seu povo, que classificou de “regicida”.

— Os meus pais eram indulgentes, assim como a minha irmã –admitiu —, embora não tenha a certeza de que essa virtude prevaleça em mim, pois há anos que recordo com grande rancor as vilanias e as humilhações a que fomos sujeitos. Não consigo esquecer aqueles últimos anos no Temple nem o documento que Hébert me obrigou a redigir e assinar, o documento onde acusava a minha mãe do crime mais execrável de que pode ser acusada uma mulher honrada, o documento que, por fim, a conduziu àquela morte tão indigna.

— Isso não é verdade. Ninguém acreditou que a tua mãe tivesse abu-sado de ti. Digo-te mais, depois desse episódio, no qual a rainha se de fendeu com tanto brio e dignidade, muitas mãos que, antes disso, se levantavam para a condenar fizeram-no para a salvar.

— Oh, meu Deus — suspirou Luís, como se não tivesse sequer ouvido o que o primo acabara de dizer —, a minha mãe, a minha querida mãe guilhotinada como se fosse uma criminosa.

— Nunca te esqueças das palavras de Corneille — disse Blackraven: — “Só o crime desonra, não o cadafalso.” — É indiferente, Roger. A minha mãe morreu, e pesa-me na consciência o ter-lhe causado essa última amargura antes de ela enfrentar o terrível fim.

— A tua mãe perdoou-te na sua carta de despedida. Afirmou saber que não foras tu o autor de tal documento.

— Decepcionei-a — obstinou-se o jovem rei. — Não posso governar um povo pelo qual tenho tamanho rancor. Pode ser que os anos mitiguem este sentimento terrível, mas agora parece-me impossível. Além disso, ninguém me preparou para ser um bom monarca. Bem sabes que desde muito cedo me encarceraram numa prisão onde os revolucionários fizeram questão de me perverter, de me transformar num sans-culotte. Embriagavam-me quando eu tinha apenas oito anos, ensinavam-se palavras e cantigas ordinárias, iniciaram-me no jogo e nas apostas, e contavam-me histórias dos meus pais que, por momentos, me levavam a odiá-los. Depois acabei por compreender as intenções daquelas malvadas criaturas e chorei amargamente. Só madame Simon, mulher do meu guarda, mostrou compaixão por mim, mas pouco podia fazer frente a Hébert, a Chaumette e aos outros. Tudo isso aconteceu, Roger, aconteceu mesmo e deixou uma profunda marca no meu espírito.

— Como foi que se deu a substituição pelo garoto ulceroso? — A primeira medida que Hébert e Chaumette tomaram foi despedir o meu guarda Simon e a sua mulher e mudar os restantes guardas. No dia seguinte, começaram a chegar à minha cela serralheiros, vidraceiros, carpinteiros, pedreiros e outros, para

modificarem por completo o local. Terminadas as obras, eu fiquei isolado num quarto ínfimo, com uma única janela pequena e por onde mal podia ver o céu. Nem sequer lá entravam para me dar a comida. Introduziam-na por um buraco onde eu colocava também a malga e o bacio. Não tinha água para me lavar, não podia ir até o jardim, não falava com ninguém e ninguém podia falar comigo. Vivia como um cão.

— Oh, valha-me Deus — lamentou-se Blackraven, perturbado.

— Precisavam de me isolar para levarem a cabo a substituição sem correr riscos.

— Por que motivo decidiram Hébert e Chaumette substituir-te? — Não sei — admitiu Luís. — Devem ter achado que poderiam, de algum modo, tirar proveito econômico, pedindo dinheiro ao meu tio, o conde de Provence, ou ao meu primo Francisco de Áustria. Talvez vislumbrassem alguma vantagem política.

— Que foi que aconteceu depois de te tirarem do Temple? — Levaram-me para o campo, onde me entregaram a um casal sem filhos, os Désoite. Gente de boa posição que me recebeu sem saber quem eu era. Chamavam-me Pierre. Vinte e três dias depois de me terem retirado do Temple, Hébert e Chaumette foram guilhotinados, levando para o túmulo o segredo da minha substituição.

— Não, confessaram-no antes de morrer. Por isso, anos mais tarde,foi-me possível encontrar-te. É verdade que não disseram para onde te tinham levado, mas admitiram efetivamente ter-te substituído por um rapaz doente e mais velho do que tu.

Luís Carlos assentiu e baixou os olhos. Como não tinha vontade de prosseguir com aquele assunto tão penoso, Blackraven declarou num tom menos lúgubre: — Disseste-me que a família que te acolheu te deu uma boa educação. És um homem preparado, dotado de uma inteligência excepcional, melhoraremos os teus conhecimentos acadêmicos e políticos para assegurar a tua confiança em ti próprio.

— Se tu, Roger, a única pessoa que manifestou uma sincera bondade e carinho pela minha irmã e por mim, me disseres que precisas que eu ocupe o meu lugar como rei de França, porque disso dependem certos interesses que consideras importantes, fá-lo-ei, pelo grande afecto e gratidão que sinto por ti. Essa seria a única razão por que o faria, nenhuma outra.

— Pensas que te protejo a ti e à tua irmã para conseguir algum tipo de benefício? — pasmou-se Blackraven sem parecer aborrecido.

— De modo algum — foi a resposta simples e precisa do rapaz.— Só digo que, se o fato de eu voltar ao trono pudesse beneficiar-te, eu estaria disposto a fazê-lo. Caso contrário, não, pois ocupar o lugar do meu pai seria ocupar uma posição em tudo alheia às minhas aptidões.

— Tu e Marie são como dois irmãos para mim e faria qualquer coisa para vos poupar todo o sofrimento. Não quero nada em troca. Se desejas renunciar ao trono de França sem luta, se é essa a tua vontade, assim será.

Blackraven dirigiu-se a um móvel com bebidas espirituosas e encheu dois copos de brandy. Estendeu um ao primo.

— Como sabes ao certo que sou o verdadeiro filho de Luís XVI? Blackraven ficou perplexo com aquela pergunta e afastou o copo dos lábios.

— Encontrei-te depois de te ter procurado durante anos. A princípio,por volta de noventa e três, não contava com a rede de agentes e espiões que, com o tempo, me viria a servir. A história da tua busca é muito longa, Luís, e cheguei mesmo a acreditar que tinhas morrido, pois os dois rapazes que poderiam ser Luís XVII rapidamente demonstraram que estavam a mentir. A primeira pessoa a dar-me esperanças de que não estavas morto, pelo menos de que não estavas no Temple, foi a mulher de Simon, o teu guarda, que fui visitar a um hospício. Foi ela quem me pôs na primeira pista correta, a que me conduziu até junto de ti. — Com um olhar penetrante, Blackraven afirmou: — Sei que és Luís XVII, principalmente porque Marie mo confirmou.

— Sim, Marie confirmou-o, mas como farias para provar a minha identidade perante os outros? Ninguém sabe que a verdadeira Marie está contigo. Pensam que essa substituta que agora vive com o meu tio é a verdadeira madame Royale; por isso, o teu testemunho nunca seria fiável.

— O teu sinal de nascença, esse que tens aí no antebraço, em forma de flor-de-lis, pelo qual Marie te reconheceu — tentou Blackraven.

— Poucos sabiam da sua existência: os meus pais, a minha ama-de--leite, a minha aia, a minha tia Elizabeth. Estão todos mortos.

— Se quisesses demonstrar ao mundo quem eras, encontraríamos maneira de o fazer. Não será fácil, eu sei, mas também não é impossível. Poderíamos recorrer ao governo britânico, pois eles estavam interessados em encontrar-te, e esse seria um poderoso aliado.

Luís Carlos retirou do bolso do casaco um canudo de metal, semelhante aos que as mulheres usavam para guardar o leque. Destapou-o e virou-o, deixando cair um rolo de papel grosso.

— Quero que guardes este documento.

Blackraven pegou no pergaminho e desenrolou-o. À medida que avançava nos seus parágrafos, a surpresa deixava-o mudo.

— Onde obtiveste isto? — Foi-me entregue pelo sacerdote Edgeworth de Firmont, que assistiu o meu pai durante as suas últimas horas de vida, o mesmo que o acompanhou ao cadafalso. Foi visitar-nos no dia a seguir à sua execução e pôs-me nas mãos este documento, juntamente com esta miniatura — e mostrou-

a.

— Quem é? — perguntou Blackraven, referindo-se ao diminuto retrato.

— Era madame de Ventadour, a preceptora do meu bisavô, Luís XV.Ele queria-lhe mais do que à sua própria mãe. Dizem que nunca se separava desta miniatura, que era conhecido o seu amor pelo pequeno retrato e que, quando se viu às portas da morte, o entregou ao meu pai, que lhe prometeu que o traria sempre consigo. O meu pai quis que ficasse para mim. É meu desejo que guardes ambos, Roger, o documento e a miniatura. Com eles poderás demonstrar que sou Luís XVII. Este documento resistirá às provas mais severas e meticulosas dos maiores peritos em caligrafia. Trata-se da letra do meu pai, é a sua assinatura e o seu selo, e esta — apontou para a base do documento —, a assinatura de Edgeworth de Firmont que serviu de testemunha.

Blackraven voltou a reler o parágrafo principal: “Portanto, eu, Luís XVI, rei de França e Navarra, tendo sido condenado à morte hoje, 17 de Janeiro de 1793, e encontrando-me na prisão do Temple, na cidade de Paris, e perante uma testemunha, o cidadão Henry Essex Edgeworth de Firmont, abdico do trono de França e Navarra a favor do meu filho, Luís Carlos, que adoptará o nome de Luís XVII…” — No íntimo, o teu pai nunca aceitou a república. — O rapaz assentiu, sério, pensativo. — Como conseguiste ocultar este documento durante tantos anos? — A mulher de Simon ficou com ele. Entreguei-o quando a mandaram embora do Temple. Há alguns anos fui visitá-la ao mesmo hospício onde tu a viste e ela devolveu-mo juntamente com a miniatura.

— Reconheceu-te? — De imediato, mal me viu — foi a resposta veemente do jovem. — Chamou-me “meu Carlos”, como costumava fazer no passado, e eu chamei de Bêtasse, como antes. Reconheço que o fato de possuir este documento, para além do seu valor, não prova de modo fidedigno que eu seja Luís XVII. Os meus inimigos poderão contrapor que o roubei ao verdadeiro rei de França.

— É verdade — admitiu Blackraven —, no entanto, muitos estremece-riam perante o portador deste pedaço de papel. Submeter-vos-iam, a ti e ao papel, a centenas de provas, das quais tu sairias airosamente, assim como o papel. Não o subestimes — disse, passado um breve silêncio—, este documento é uma peça-chave.

Blackraven devolveu o rolo de papel ao canudo e estendeu-o a Luís Carlos, juntamente com a miniatura.

— Acho que deves ser tu a conservar estes objetos — declarou —, não te separes deles. Um dia, quando assim decidires, servirão para provares quem és.

— Sei quem sou — retorquiu Luís, com uma confiança admirável,sem pegar no que Blackraven lhe restituía. — Não preciso de o demonstrar a ninguém.

Recuperei a minha irmã e ganhei a tua amizade. Agora só necessito de iniciar uma vida que me satisfaça. Só quero paz. Guarda a abdicação do meu pai, Roger. É um favor que te peço. Além de Marie, és a única pessoa em quem confio.

Blackraven assentiu e dirigiu-se a um cofre de ferro, onde guardava notas de crédito, ordens de pagamento, letras de câmbio, patentes de navegação e outros documentos relativos aos seus barcos. Abriu-o com uma chave que trazia pendurada ao pescoço e depositou os dois objetos, o canudo e a miniatura, dentro do cofre. Quando se voltou, o seu olhar cruzou-se com o olhar sereno do primo.

— Ainda estás interessado em estudar Arquitetura? — É o que mais desejo. Mas deixemos esse assunto para amanhã. Já abusei da tua boa vontade.

Depois de se despedir de Luís Carlos, Blackraven foi até a varanda, para fugir do calor do quarto. "Os inimigos do rei de França", pensou, "são muitos e muito poderosos para pensar que poderei mantê-lo com vida se ele desejar revelar a sua identidade ao mundo." De momento, nem sequer poderia afirmar com segurança que quem enviara Le Libertin para matar Luís XVII não soubesse onde encontrá-lo. Teria enviado algum bilhete ao seu mandante, quem quer que ele fosse, a informá-lo de que o jovem Pierre Désoite, hospedado em casa do conde de Stoneville, no Rio da Prata, era, na verdade, o filho de Luís XVI? Essa dúvida obrigara Blackraven a tirar os primos de Buenos Aires, a mudar-lhes os nomes e a inventar para eles uma nova vida. Talvez a decisão do jovem monarca de se desligar do trono de França não fosse precipitada nem despropositada. Iria também ocupar-se da busca do padre Edgeworth de Firmont, única testemunha da abdicação de Luís XVI a favor do seu filho e de madame Simon que conservara o documento durante tantos anos. Urgia pô-los a salvo.

Contemplou o medalhão que apertava na mão. "Isaura", sussurrou. Precisava de repetir o seu nome. Desde que a deixara em Buenos Aires, várias semanas antes, não passara um momento em que não pensasse nela. E àquela hora, já noite cerrada, na solidão do seu quarto, tentando disfarçar a nostalgia à força de brandy, as recordações de Isaura invadiam o seu espaço, impedindo-o de se concentrar, de dormir, de se tranquilizar. E assim decorriam as horas da madrugada, olhando para o pequeno retrato, desejando-a, amando-a, até que se obrigava a deitar-se em cima da cama e a conciliar o sono e, ainda assim, era com ela que sonhava, e ela era a primeira coisa a vir-lhe à mente no momento de despertar. Não conseguia esquecer os seus olhos azul-turquesa.

Desejou perder a memória, como solução, farto que estava de sofrer com a recordação daqueles últimos momentos na manhã em que ela o acusara de ser traidor, mentiroso e assassino. O fato de a sua doce Isaura pensar tão mal dele tinha um sabor amargo. Abriu o medalhão. Lá dentro guardava um caracol do

seu púbis e sorriu ao lembrar-se da noite em que o cortara, fazendo-a rir porque demorava na procura do mais avermelhado, do mais denso e retorcido. Tomou-o entre os dedos. O passar do tempo varria os vestígios do frangipani, o perfume que escolhera para ela, o perfume com que todas as noites a perfumava antes de fazerem amor.

Nada mais fazia sentido. Desde o princípio, desde a noite em que a fizera sua mulher, suspeitara de que, sem Isaura, tudo o resto perderiavalor e, apesar de se ter esforçado esforçado para não se sentir dominado por aquele sentimento, a verdade é que o esforço fora totalmente em vão, pois amava-a com insensatez. Odiava aquela necessidade de a possuir quando ela parecia tão etérea e inatingível. A frustração provocava nele um vazio de alma, uma sensação de desolação, antítese do paraíso que Isaura lhe oferecera ao aceitá-lo. Retirara-lhe as forças como Dalila fizera com Sansão, não com uma tesoura e sim com o olhar de desprezo que acompanhara a dureza daquelas palavras: “Não posso acreditar em ti. Não confio em ti.” Oh, Deus, como continuavam a magoá-lo! Como era doloroso amá-la tanto sem que ela o amasse com o mesmo ardor. Ele era apenas seu, um súbdito deslumbrado aos pés da sua deusa. Ela, pelo contrário, não lhe pertencia, era de todos os que dela precisavam.

— Basta — murmurou, apertando o punho em volta do medalhão, furioso por fraquejar assim, de modo tão contrário à sua natureza. Quando atingia aquele ponto, a melancolia transformava-se em raiva e o amor em ódio.

Nos seus barcos encontrava um pouco de sossego. Passava horas e horas no meio dos homens, a bradar ordens, a estudar mapas, a desembarcar fardos, a trepar até o cesto da gávea. Só então voltava a ser ele próprio. Gostava particularmente do Sonzogno, um navio soberbo de grandes dimensões e porte, construído na Holanda — daí ter São Nicolau como figura de proa —, com os seus cinquenta canhões de vinte e quatro libras cada um, sempre impecável, os ferros bem tratados, primorosamente calafetado, as velas e os engalanados irrepreensíveis. Sentia-se ali, no navio, a mão de um jesuíta.

O sol começava a aquecer. Por isso, tirou a camisa e continuou a pendurar os baldes com areia nas cavilhas de ferro. Avistou Rato na ponte de comando, que perseguia Malagrida com perguntas. Era um garoto esperto, aprendia com facilidade, já balbuciava algumas frases em castelhano. A tripulação começava a afeiçoar-se a ele, mas a sua avidez de conhecimento fazia com que muitas vezes se tornasse num estorvo. Malagrida, de momento, não parecia nada incomodado.

— Amo Roger! — exclamou e, saltando para a coberta, dirigiu-se a ele correndo.

— O que houve, Rato? — perguntou sem parar o que fazia.

— Amo Roger, já não precisa de me chamar de Rato. O capitão Malagrida

acaba de me batizar. A partir de agora passo a me chamar Estevanico. — Blackraven fez um trejeito simulando admiração.

— Então, Estevanico será! — O capitão Malagrida diz que Estevanico era um escravo do Norte da África que se tornou num importante explorador, muito conhecido e respeitado. Viajou pelo golfo de Ximeco e…

— Golfo do México.

— Sim, do Mé-xi-co. E também…

O garoto continuou com o seu falatório, correndo de um lado para o outro, enquanto Blackraven carregava baldes e os pendurava. De vez em quando assentia ou olhava para ele com o olhar ausente. Foi assim que o encontrou o casal de Ibar quando subiu a bordo pela ponte levadiça que repousava sobre o cais.

— Capitão Black! — chamou um dos marinheiros. — Estão a sua procura, capitão.

O barão vislumbrou um laivo de impaciência no semblante de Blackraven, enquanto este vestia à pressa uma camisa e se aproximava com um sorriso um pouco forçado. A baronesa chegara primeiro à coberta e avistara Blackraven antes de serem anunciados, pelo que contou com alguns segundos para o admirar despido, com o cabelo solto e a levantar baldes que, pelo modo como lhe dilatavam os músculos, deveriam ser bastante pesados. Seria aquela mancha no braço esquerdo uma tatuagem? Não conseguia ver bem. Ao observá-lo naquele preparo, Ágata orgulhou-se do seu instinto, pois na noite em que o tinha conhecido, adivinhara que, por detrás daquela máscara de cavalheiro, se escondia um selvagem.

Blackraven cumprimentou os barões de Ibar com um aceno e pediu desculpa pelo seu aspecto.

— O atrevimento foi nosso, Excelência — manifestou Ibar —, subir abordo do seu barco sem convite. Mas, quando andávamos às voltas pelo cais, a minha mulher reconheceu o nome do navio que Vossa Senhoria mencionou naquela noite, no baile por ocasião do aniversário do príncipe D. João.

Blackraven e Ágata trocaram entre si um olhar fugaz.

— Serão sempre bem-vindos a qualquer dos meus navios — declarou Blackraven e, com um aceno, indicou-lhes que se sentassem. — Estevanico, vai dizer ao capitão Malagrida que quero apresentar-lhe uns amigos.

Caminharam pela coberta fazendo conversa de circunstância. Em silêncio e atrás deles, Ágata apercebia-se da mudança que se dava ao nível das suas emoções na presença de Blackraven, o qual não parecia de todo incomodado com o seu traje impróprio, sentindo-se, muito pelo contrário, maravilhosamente bem no seu ambiente natural de pirata. Surpreendeu-a a limpeza do barco e

agradou-lhe o cheiro a resina do verniz azulado com que um marinheiro pincelava a amurada de estibordo. Agradava-lhe aquele rasto pouco comum num mundo onde os maus odores eram lei. Os esquifes estavam cobertos com impecáveis panos azuis. A madeira das coronhas onde repousavam os canhões refulgia. A tripulação era muito variada, composta de homens de todas as nacionalidades, igualmente limpos, e, para sua surpresa, de cabelo curto, certamente para manter os piolhos à distância. Vários marinheiros arrumavam sacos de forragem e fardos de lã e algodão. Outro colocava o batoque numa barrica, provavelmente cheia de rum, base da bebida típica dos marinheiros, o grogue. Apesar de se acharem atulhados em trabalho, reinava um ambiente cordial. Eram, sem dúvida, homens corajosos, pelo menos assim o ditavam as suas expressões, bem como os sabres e adagas que traziam presos à cintura.

Pelo afã podia ver-se que se preparavam para zarpar dentro de muito pouco tempo. A grua não parava de levantar volumes pesados e de os colocar no convés. Vários tripulantes transportavam os mantimentos para o paiol das provisões. Um grupo carregava um barril com couves, e o barão de Ibar perguntou se as consumiam para evitar o escorbuto, o que Blackraven confirmou.

— Nunca perdemos um único homem devido a qualquer tipo de peste — assegurou o capitão Malagrida em jeito de saudação.

Blackraven fez as apresentações. Quando terminaram a visita ao convés, dirigiram-se para o camarote do capitão para tomarem uma bebida fresca.

Quando acabou de jantar com os primos e o casal de Ibar no Faria-Lima, Blackraven montou no seu cavalo e dirigiu-se aos arredores perto do cais da baía da Guanabara, onde se situava a taberna O Amigo do Diabo. Távora aguardava-o no mesmo aposento.

— Fui procurar-te à Wings. Não te encontrei — comentou Blackraven.

— Tinha saído. Esta manhã vendi um carregamento de rum que veio de La Isabella — Távora referia-se à propriedade da Antígua — e precisava de depositar o dinheiro. Não te consultei porque o preço não poderia ser melhor e o comprador zarpava às primeiras horas da tarde.

— Está bem, sabes perfeitamente que confio no teu jeito para os negócios.

— Toma, aqui está o comprovativo.

— Deduziste a tua comissão? — Sim. Já a depositei.

Dos seus espiões, Távora, além da rapidez com os números, demonstrava uma habilidade rara para reunir informação e, uma vez tratado o assunto do dinheiro, referiu que tinha conhecido um antigo guarda da marinha inglesa, da tripulação do HMS Margaret, que assegurava ter visto um sicário de nome La Cobra enviar desta para melhor o seu almirante, emboscando-o numa ruela de Nicósia e

trespassando-lhe o coração com um punhal.

— O homem diz que nunca tinha visto ninguém movimentar-se tão depressa nem com tamanha habilidade. — Blackraven continuou a beber, pensativo. — Estás a ouvir-me? — Sim, estou. Se esse sicário é um modelo de virtudes, não poderemos fazer nada. Tu dizes que em Paris te garantiram que Fouché o contratou para matar o Escorpião Negro. Sendo assim, primeiro ele terá de descobrir quem é o Escorpião Negro.

— Ribaldo pode ter confessado a Fouché antes de morrer.

— Já te disse que o Ribaldo não abriu a boca. Estou mais inclinado apensar que pode ter sido Valdéz y Inclán e que foi isso que tentou dizer-me antes de morrer.

— Se bem me lembro — mencionou Távora —, disseste-me que tinha pronunciado o nome de Simon Miles. Que relação poderia haver entre Simon Miles e o Escorpião Negro? — Não sei — admitiu. — Não passa de uma conjectura.

— Estiveste com Eddie no Rio da Prata? — Távora perguntava pelo quinto espião, o irlandês Edward O'Maley.

Blackraven pô-lo a par das atividades de O'Maley, que, depois de ter abandonado o circuito europeu, passou a trabalhar em Buenos Aires ao serviço da Southern Secret League, a Liga Secreta do Sul, uma sociedade fundada por Blackraven e por outros poderosos de Inglaterra, cujo objetivo consistia em dominar o Hemisfério Sul para explorar os recursos naturais com os quais pretendia abastecer as indústrias inglesas. Assim sendo, a independência das Índias Ocidentais era considerada uma peça-chave do plano.

Távora comentou algo sobre um projecto do governo britânico que ameaçava os propósitos da referida liga.

— Soube que o conde de Montferrand tenciona apresentar um plano ao primeiro-ministro no sentido de tornar o México independente e que sugere nesse plano pôr no trono um qualquer príncipe Bourbon francês.

Fala-se do duque de Orleans.

Conversaram longamente sobre o assunto até que Blackraven concluiu: — Montferrand retirará o seu plano — e declarou-o com a segurança que lhe dava o tê-lo salvado da guilhotina em 94. — Que sabes de Popham? — interessou-se subitamente, sem pausa. — Continua pelos corredores de Saint James e de Whitehall juntamente com o venezuelano Miranda? Ainda não desistiu da ideia de tornar independente as Índias Ocidentais? — Soube que zarpou rumo ao cabo da Boa Esperança com ordens de expulsar os holandeses.

Blackraven bebeu em silêncio, o olhar fixo na mesa.

— Isso fica na rota de Buenos Aires, a umas três mil e setecentas milhas —

disse, pouco depois. — Em que data partiram? — Távora respondeu que fora nos últimos dias de Agosto do ano anterior, do porto de Cork. — Nesse caso, há meses que chegaram à Cidade do Cabo —deduziu Blackraven, pondo-se de pé.

Távora imitou-o.

— Sabes, Roger? Descobri um prostíbulo muito limpo e respeitável. **As garotas são um primor. Não queres acompanhar-me?**

— Não — respondeu, enquanto vestia o casaco.

— Não?

— Não. Nos vemos amanhã. Passa pelo hotel bem cedo com esses contratos de carga que eu tenho de rever.

Até essa culpa tinha de lhe atribuir: o tê-lo transformado num eunuco. Passara muito tempo desde que tocara pela última vez numa mulher e, por estranho que parecesse, não desejava fazê-lo. Se não podia ter Isaura, não queria mais ninguém. Aquela disposição era tão estranha à sua natureza que Távora e Malagrida haviam desatado a rir às gargalhadas.

Preparou Black Jack e atravessou a Praça Quinze até chegar à porta do Faria-Lima. Apesar da hora, um palafreneiro veio recebê-lo e ocupar-se do cavalo. Antes de subir as escadas dois a dois, deu ordem para que lhe preparassem um banho. No primeiro andar, encontrou Radama, um malgache, homem da sua confiança, que há anos servia nos seus barcos e que, por diversas ocasiões, colaborara com o Escorpião Negro. Com Shackle, Milton e outros, constituía o exército particular do espião e, à semelhança da restante tripulação, venerava o capitão Black, não tanto pela sua proverbial generosidade na distribuição da presa, como por lhe ter restituído a liberdade após anos a servir como escravo de uns turcos extremamente cruéis.

— Boa-noite, Radama.

— Capitão Black — disse o homem e, levantando ao de leve o tricórnio, inclinou a cabeça.

— Tudo calmo?

— Assim é, senhor. Os seus primos retiraram-se para dormir e esse garoto, o escravo, meteu-se no quarto do senhor. A senhorita Marie assegura que o senhor o autorizou.

Rato — agora Estevanico — dormia no chão, sobre uma esteira. Observou-o do alto dos seus quase dois metros de altura, antes de pegá-lo e levá-lo para o sofá. Apesar de já terem decorrido várias semanas desde a sova que dom Elsio lhe dera, ainda conservava as marcas nos braços e nas pernas. Logo a seguir pensou em Isaura e interrogou-se sobre o que estaria ela fazendo. Retirou o medalhão do bolso e contemplou a miniatura. Oxalá estivesse dormindo, tranquilamente, na cama que tinham partilhado até meados de abril, a cama onde

a amara de modo incansável. Continuaria com o hábito de tocar piano e cantar depois do jantar? Para quem o faria? Talvez aceitasse os elogios de Covarrubias, ou os desse estouvado do Diogo Coutinho. Cerrou o punho e fechou os olhos. Será que se atreveriam a cortejá-la? Abanou a cabeça.

Somar não o permitiria.

Bateram à porta, e lembrou-se da água quente para o banho. A baronesa de Ibar ensaiou uma expressão sedutora que ele já conhecia bem, aquele olhar sem pestanejar, os lábios levemente erguidos num semi-sorriso de boca entreaberta.

— Não me convida a entrar, Excelência? — Blackraven continuou a observá-la com uma expressão indecifrável. — Desejo apenas trocar algumas palavras — alegou.

— Certamente o que tem para dizer pode esperar até amanhã.

— É algo que me inquieta e que gostaria de resolver agora mesmo.

Blackraven chegou-se para o lado, dando-lhe entrada. Ágata avistou o pequeno escravo que se soerguia no sofá com olhos sonolentos.

— Dorme — disse Blackraven em castelhano e o menino acomodou-se, voltando-lhes as costas.

A baronesa pediu explicações com um olhar de assombro. Não só a presença do negrinho chocava-se com a ostentação do quarto, como a atitude de Blackraven colidia com a imagem que tinha dele. “Frívolo demais para um ato de caridade cristã”, pensou. “Ou é um homem perverso?”, especulação que pôs rapidamente de parte.

— Surpreende-me, Excelência, que permita que este escravo durma nos seus aposentos. Não há lugar para ele nas acomodações do hotel? A minha escrava ainda está no meu quarto e pode levá-lo para dormir com ela.

— Agradeço, baronesa, mas não será necessário. Disse que queria falar-me. Queira fazer o favor de passar à sala contígua — e estendeu a mão para uma porta entreaberta, onde Ágata viu o perfil de uma cama de dossel.

A desculpa da baronesa era ridícula: queria perguntar-lhe se algum dos seus barcos zarparia em breve para o Rio da Prata. Não queria viajar no navio português Cleópatra.

— E era isso que não podia esperar até amanhã?

— Os seus barcos são tão limpos — argumentou — e a sua tripulação tão correta...

— Senhora, os meus barcos são limpos e a minha tripulação correta, mas não transportamos passageiros. Com efeito, carecemos das comodidades que uma dama requereria para viajar com conforto, além de que meus homens considerariam mau agouro navegar com mulher a bordo.

— Suplico, Excelência. — De um modo sutil, pôs a mão no peito de Roger. —

Além disso, Sua Senhoria é tão forte que eu me sentiria sempre a salvo. Costumo viajar com o credo na boca, pensando que poderemos ser abordados por piratas. Que seria de mim se tal acontecesse?

— Senhora — disse, afastando-lhe a mão—, duvido de que num trajeto como o que liga o Rio de Janeiro ao Rio da Prata seu navio encontre uma embarcação de piratas. De corsários, talvez, mas nesse caso nada de mal sucederia. Agora, se me permite…

—Excelência, por favor, não me diga que não! — e deteve-o com as mãos. — Permita que façamos a viagem no seu navio.

— Baronesa, por que pensa que pretendo viajar para o Rio da Prata?— Ágata mostrou-se desconcertada. — Agora, queira perdoar-me, estou cansado. O dia de hoje foi muito longo e amanhã tenho de me levantar muito cedo.

A mulher ergueu os olhos e libertou-se de todos os artifícios. Blackraven percebeu que ela ia direita ao ponto.

— Não lhe agrado, Excelência? — Ele continuou a olhá-la, com ar sério, impenetrável. — Não me acha uma mulher bonita? — E abriu-lhe os primeiros botões da camisa. — Permita que veja essa tatuagem que tem no braço esquerdo. Intriga-me: tudo acerca de Vossa Senhoria me intriga.

Blackraven agarrou-a pelos pulsos e conduziu-a para fora do quarto.

— Baronesa, tenho apreço pelo seu marido e não desejo ser grosseiro com ele. Peço, portanto, para considerar esta conversa concluída e regresse ao seu quarto. Prometo investigar se nos tempos mais próximos algum navio com melhores condições do que o Cleópatra zarpará para o Rio da Prata. É tudo o que posso fazer.

Abriu a porta, mas Ágata não manifestou a menor intenção de sair. Ficou a poucos passos do umbral. O seu olhar era malévolo. Finalmente disse: — Suponho que toda essa coragem — e com uma mão fez um gesto que aludia ao tamanho de Roger — terá um motivo.

— Supõe bem, senhora.

— Não me acha atraente?

— Não, não me parece.

Após um leve momento de perturbação, a baronesa desatou a rir.

— Não acredito. A sua recusa tem outro motivo. Uma mulher. A sua esposa, talvez, a que ficou em Buenos Aires?

Acertara em cheio, pois, apesar de a expressão de Blackraven se ter mantido imperturbável, Ágata teve a impressão de que uma sombra lhe perpassava pelos olhos.

— A sua prima falou-me dela. Sabe, ficamos boas amigas e contou que ela é muito jovem e bonita.

— A minha prima não mentiu. Até amanhã, baronesa. Desejo-lhe uma noite repousante — e fechou a porta.

Dirigiu-se à poltrona e verificou que Estevanico continuava a dormir.

III

Melody suspirou e voltou uma página do livro. Desde que o marido partira, habituara-se a ler todas as noites. A princípio, o desgosto fazia com que se deitasse na cama a chorar. Mas, com o passar do tempo, adquiriu uma calma, uma temperança triste, cheia de nostalgia, que a levava a procurar a companhia do turco Somar, o melhor amigo de Blackraven, para se sentir mais perto dele.

Por vezes a sua fé fraquejava e pensava: "Nunca voltará, perdi-o para sempre." Roger, que ela amava loucamente e que ferira sem dó nem piedade, de modo tão injusto. Longe e em silêncio, Blackraven castigava-a por aquelas acusações que ela lhe lançara de modo imponderado. Merecia aquele tormento, talvez até um pior, pois bastaram alguns dias para compreender o quanto as suas suspeitas estavam longe da verdade. Arrependida e envergonhada, cobria o rosto e desatava a chorar. Por isso, quando, após um mês de ausência, Papá Justicia apareceu e lhe contou como tinham acontecido as coisas na revolta dos escravos, Melody não ficou surpreendida. Já chegara à conclusão de que o marido não tinha traído o grupo que, naquela segunda-feira a seguir ao Domingo de Ramos, tomou de assalto os principais acampamentos negreiros de Buenos Aires, grupo esse do qual o seu irmão, Tomás Maguire, era cabecilha. Nem sequer ficara por averiguar quem tinha sido o traidor, isso já Servando lhe dissera.

Suspirou de novo e fechou o livro. Não valia a pena insistir. Perdera o interesse por Tirso de Molina. Estava inquieta com a demora de Somar, que costumava acompanhá-los durante o jantar. Jimmy, Víctor e Angelita adoravam-no e, sentados a seus pés sobre o tapete da sala, emudeciam quando o turco lhes contava as aventuras do capitão Black naquela divertida mistura de castelhano e inglês. Foi assim que Melody ficou a conhecer aspectos insuspeitos do marido, que lhe revelavam um homem diferente, igualmente cavalheiro e corajoso, mas mais pirata do que conde. Esses aspectos não a surpreendiam, sempre intuíra que Blackraven era um homem de várias facetas, algumas delas antagônicas, que ele sabia equilibrar de modo prodigioso. Magoava-a também aquele espaço impenetrável e reservado de Roger, porque lho ocultara e ela queria possuí-lo por inteiro.

Depois das façanhas do capitão Black, quando os garotos iam dormir, Somar revelava-lhe outros momentos da vida de Roger Blackraven menos afortunados e heróicos, como o dia em que o pai mandara raptá-lo de Versalhes para o educar como futuro duque de Guermeaux, na Cornualha, Inglaterra. "De um dia para o outro", explicou Somar, "mudaram-lhe o nome, o idioma, o país, os amigos, os

parentes. Ele nunca fala disso", esclareceu, "eu fiquei a saber pela senhora Isabella, sua mãe, que também sofreu imenso". Somar pediu licença para se retirar e ela limitou-se a assentir, imóvel na poltrona, a costura esquecida no cesto, apenas uma imagem na sua mente, a daquela manhã em El Retiro em que o tratara com rudeza ao dizer-lhe que o verdadeiro nome do escravo Servando era Babá. "Porque lhe chamou Babá?", perguntara-lhe com ciúmes e de um modo agressivo. "Porque esse é o seu nome." "O nome dele é Servando." "Não. Esse foi o nome que lhe puseram no dia em que o embarcaram em África. O seu nome é Babá. E é assim que lhe chamarei sempre. Diga-me, senhor Blackraven, gostaria de que um dia, de um momento para o outro, lhe mudassem o nome e lhe alterassem a vida, que o arrancassem do seio da sua família e o levassem para um lugar distante, com pessoas que não conhece e que não mostram nenhum carinho por si?" "Não, claro que não", respondeu ele, subitamente contristado. "A senhorita preocupar-se-ia comigo e dispensar-me-ia o tratamento afectuoso que reserva a Babá se eu tivesse passado por uma situação semelhante?" "Senhor Blackraven, não consigo imaginar uma situação em que o senhor me provocasse compaixão." À luz das confidências de Somar, a sua resposta parecia-lhe agora pedante e estúpida e sentia-se envergonhada por lha ter dado.

Abandonou a cadeira, devolveu o livro à estante e foi até o quarto.

Encontrou o turco no primeiro andar.

— Somar, graças a Deus! Começava a preocupar-me com a tua demora.

— Entre depressa, senhora. Está muito frio e Sua Mercê, como de costume, pouco agasalhada. Jantei na casa da calle Santiago — justificou-se, mal acabou de entrar. — Dom Diogo pediu-me que o acompanhasse para falar da fábrica de curtume.

— Alguma novidade? — Era uma pergunta habitual entre eles e Somar não precisava que ela explicasse a que se referia. De modo invariável, negava com um gesto de cabeça, evitando olhá-la, pois era-lhe penoso ver a dor que perpassava pelos seus olhos azuis-turquesa.

— Passaste pelo correio? Nenhuma carta dele? — Roger não é dado a escrever, senhora.

Uma noite, mais deprimida do que era habitual, com a voz embargada, arriscou-se a confiar-lhe os seus receios.

— E se Roger te escrevesse a pedir que fosses ter com ele a um lugar qualquer? Abandonar-nos-ias, Somar? — Há três coisas de que tenho a certeza, senhora: que Alá é o único Deus e Maomé é o seu profeta, que um dia morrerei e que Roger Blackraven nunca me ordenará que me afaste de Buenos Aires, enquanto ele não estiver aqui para proteger Sua Mercê. Dias antes de se ir

embora, chamou-me a El Retiro e pediu-me para que tomasse conta de vós. “És o único a quem posso confiá-la” foi o que me disse.

— Sério? Disse isso? — Eu nunca minto, senhora.

Regra geral, era assim que terminava os seus dias, na companhia de Somar, que nutria a esperança de que a angústia nascida do silêncio de Blackraven e do sentimento de culpa acabassem por desaparecer. Du rante o dia, não tinha tempo para pensar nem para se aborrecer. A casa, a educação das três crianças, a preocupação com o bem-estar das filhas mais velhas de Valdéz y Inclán e, sobretudo, do seu irmão Tommy, mantinham-na ocupada e ativa. Os escravos continuavam a chamar-lhe Anjo Negro e a solicitar a sua presença à hora da sesta, no portão das traseiras da casa de San José para lhe apresentar uma infinidade de petições.

Ao contrário do que acontecera durante os primeiros tempos de casada, quando Blackraven ainda estava na cidade e lhe chamavam“senhora condessa”, a sua vida social desaparecera e não era só o fato de não receber convites para tertúlias, serões ou bailes, a verdade é que a evitavam na rua, não a cumprimentavam no adro da igreja e espalhavam calúnias a seu respeito. Embora os portenhos de antiga linhagem nunca tivessem gostado dela, a partir da trágica noite da revolta dos escravos, repudiavam-na claramente e não havia quem os convencesse de que o Anjo Negro não fora responsável pelo ataque a Álzaga, Sarratea e Basavilbaso, por muito envolvido que o irmão, Tomás Maguire, estivesse na questão.

Tommy era a sua maior fonte de desvelo. Inconsciente e idealista, não se apercebia de todo da ameaça que pesava sobre a sua cabeça. Aventurava-se pela cidade, saía de noite, embriagava-se com um novo grupo de vadios e continuava a odiar o cunhado, a quem chamava “o pirata inglês” ou “o traidor”.

Um belo dia, à hora da sesta, semanas após o ataque aos negreiros, quando Melody o julgava a várias léguas de Buenos Aires, escondendo-se para não cair nas mãos de Martín de Álzaga, Tommy misturou-se com os escravos que a visitavam nas traseiras da casa de San José e, afastando um pouco o capuz, mostrou-lhe o rosto sem dizer palavra. Melody julgou que ia desmaiar. Ao vê-la pálida, Trinaghanta agarrou-a pela cintura e deu por terminada a audiência do Anjo Negro.

— Manda chamar o homem encapuzado que me abordou nas traseiras — ordenou à serva cingalesa. — Manda-o entrar para o meu quarto.

Tommy desmaiou junto à ombreira da porta do quarto e, quando lhe retirou a capa, Melody percebeu que ele tinha a camisa ensanguentada à altura do ventre. Abriram-na com uma tesoura. Tinha um golpe. Melody mandou buscar toalhas limpas e compressas, água quente e pó de basilicão.

— Não podemos chamar o médico — declarou Melody. — Achas que consegues tratar disto? Trinaghanta estudou o ferimento em silêncio e por fim assentiu.

— É profunda e requer cuidados — disse. — Vou buscar a minha agulha de ouro e fio.

Tommy bebeu uma medida de láudano antes de a cingalesa limpar e coser a ferida, soltando o último ponto para que os humores infectados pudessem drenar.

— Que foi que aconteceu? — quis saber Melody horas mais tarde,quando já passara o efeito do ópio.

Depois da revolta e de tentar assassinar o cunhado, Tommy não fugiu da cidade. Escondeu-se na cripta para onde Servando o tinha levado, uma espécie de galeria subterrânea, escorada com duros barrotes, que estabelecia a ligação entre a margem do rio da Prata e a propriedade de Blackraven El Retiro. Quando as provisões começaram a escassear, passou a sair à noite para roubar vegetais, fruta, pequenos animais nas quintas, incluindo em El Retiro. Por vezes, se tinha sorte, pescava um sável ou um suru. Passou umas semanas em paz, à espera que o escândalo do ataque aos negreiros amainasse, até que deparou com Servando na caverna. O escravo cumpria a ordem de manter o lugar limpo e as provisões frescas. Por isso, aparecia uma vez por mês. Ao se encontrarem cara a cara depois de tanto tempo, Tommy acusou-o de o ter vendido juntamente com o seu cunhado “o pirata inglês”.

— Eu não sou traidor — enfureceu-se Servando. — Não falei da conspiração, a ninguém.

— Tu contaste a Blackraven, e ele e o sócio Martín de Álzaga venderam-nos. Já nos tinhas atraiçoado antes, quando decidimos roubar os ferretes da Companhia das Filipinas. Maldito negro! Judas! Vais pagar caro pela tua traição. Envolveram-se numa briga de facas na qual Tommy ficou a perder.

— Tommy, não podes ficar aqui — opinou Melody. — Ainda não sabemos quem foi o traidor. Pode bem ser alguém desta casa que vá a correr dizer às autoridades que estás aqui.

— Os traidores são Blackraven e Servando.

— Caluda! — A fúria de Melody surpreendeu o rapaz. — para de dizer disparates. Estou farta de ti, das tuas acusações e fúrias. Ou ficas calado e me deixas fazer as coisas à minha maneira, ou ponho-te fora desta casa e que Deus te ajude. Conseguiste que me fartasse de ti.

Tommy tinha demasiadas dores na ferida e sentia-se febril para ficar ofendido e sair dali. Ficou quieto e calado naquela cama que cheirava tão bem e que tinha almofadas delicadas.

— Vais ficar escondido na casa de Valdéz y Inclán — comunicou Melody à

noite. — Só a senhorita Leonilda e a sobrinha Elisea sabem que lá estás. Vão criar-te todas as condições no quarto de dom Alcides, que ninguém usa e que está fechado à chave.

De madrugada, envolto num cobertor, a tremer devido à febre, Tommy subiu para uma carruagem que Somar conduziu até a calle Santiago, onde Leonilda e Elisea o aguardavam para lhe dar apoio.

No dia seguinte, antes de Servando se dirigir à oficina de estofador, o seu novo ofício, Melody mandou-o chamar.

— Ontem, feriste o meu irmão? — Acusou o amo Roger de traidor e a mim também.

— Alguém vendeu a informação a Álzaga. Alguém o preveniu de que os acampamentos negreiros iam ser atacados.

— Eu não fui — assegurou Servando, com a altivez e o porte de um yolof.

— Sei que não foste tu — respondeu Melody, com igual firmeza —,mas temos de averiguar quem foi, não podemos continuar na dúvida. O traidor poderá estar entre nós.

— Há muito tempo que o traidor já não está entre nós — declarou o escravo. — Eu mesmo o matei. Era Sabas.

— Sabas! — exclamou Melody, emocionada. — Não fugiu como imaginávamos. Queres então dizer que está morto.

Compreendeu que Servando estava incapaz de pronunciar palavra ou de formular qualquer pergunta.

— Dirigi-me ao bosque disposto a matá-lo por ter violado Elisea,mas encontrei-o com uma enorme quantia de dinheiro, mais de oitocentos pesos, o pagamento que Álzaga lhe fizera pela informação. Esse foi o dinheiro que encontrou em cima da sua cama. Eu mesmo o deixei aí para o lar que pretende abrir.

Melody deixou-se cair numa poltrona e olhou para o escravo com verdadeiro espanto.

— Talvez esse dinheiro fosse fruto do seu trabalho. — Embora logo a seguir tenha posto a ideia de parte: Sabas nunca trabalhara, prerrogativade ser o filho de Cunegunda, a escrava preferida de dona Bela. — Como sabes que foi Martín de Álzaga quem lhe deu essa quantia? Pode ter sido Sarratea ou Basavilbaso.

— Penso que Sabas tinha ligações a dom Martín. Antes de se dirigir ao bosque para guardar o dinheiro que costumava esconder no tronco de uma árvore, parou à porta do Cabildo e trocou algumas palavras com o escravo pessoal de Álzaga, o próprio Martín veio até a rua para falar com ele. Depois disso compreendi que Sabas lhe fora pedir que deixassem em liberdade Papá Justicia. Ameaçou-o com alguma coisa.

— A Álzaga? — perguntou Melody, incrédula.

— Todos temos o nosso lado obscuro, Miss Melody. Talvez Sabas tivesse descoberto o de dom Martín e por isso pudesse fazer o que fez. Caso contrário, dom Martín não lhe teria dado tanto dinheiro, nem teria libertado Papá Justicia sem o torturar para que falasse.

— Estou a ver.

— O dinheiro serviu para uma boa causa — alegou o escravo, sem semostrar arrependido. — Sua Mercê e dona Lupe compraram a casa para o lar.

— Com dinheiro manchado de sangue.

— Sabas merecia morrer, Miss Melody.

— Seria em vão pedir-te que confessasses o teu pecado ao padre Mauro, pois vejo que não te arrependes.

— Não me arrependo e voltaria a fazê-lo.

— Enterraste o corpo? — Servando negou com a cabeça. — Deveríamos ir a sua procura e dar-lhe uma sepultura cristã.

— Duvido que os animais tenham deixado alguma coisa.

Dias mais tarde, as lavadeiras encontraram na praia os restos mortais do que parecia ser um homem negro; os cães selvagens tinham-no arrastado até ali. O comissário do bairro de Merced mandou chamar à sua presença Diogo Coutinho, que semanas antes denunciara a fuga do escravo Sabas.

— Sim, é ele — confirmou, pegando na medalha com a imagem da Virgem de Monserrat de que Sabas nunca se separava.

— Embora não tenha participado em nenhum dos ataques — declarou dona Magdalena, esposa de Martín de Álzaga —, foi ela quem engendrouesse plano diabólico para atacar o meu marido e outros dignos súbditos de Sua Majestade. Quando prenderem o tal Tomás Maguire, ele confessará a participação da irmã. Até hoje, nenhum dos escravos que sobreviveram ao ataque a delatou, por muito que tenham sido interrogados e torturados. Veneram-na. Chamam-lhe o Anjo Negro. Até parece uma heresia. Deveríamos pedir a intervenção do Santo Ofício.

— Sob que acusação a prenderam hoje? — interessou-se María del Pilar Montes, uma catalã muito bela, mulher do barão de Pontevedra.

— Foi acusada de furto — respondeu Marica de Thompson.

“De dia para dia escurece mais cedo”, pensou Melody, espreitando pela pequena janela da cela, onde estava enclausurada. Os dois alcaides, de Lezica e Sáenz Valiente, tinham acabado de sair, incomodados e receosos. Face à acusação de furto de quatro escravos — três homens e uma mulher —, Melody olhara para eles com calma, primeiro para um, depois para o outro e dissera: — Senhores, sabeis bem que se trata de uma calúnia.

Na verdade, os quatro escravos, todos recém-chegados de África, eram

propriedade da Real Companhia das Filipinas, administrada pelo senhor Sarratea. Terminado o leilão, aqueles quatro africanos continuavam na tarimba sem comprador, devido ao seu estado deplorável. Tratá-los das doenças que traziam e alimentá-los durante vários dias representava um custo que a companhia não estava disposta a assumir, tinham-nos, portanto, abandonado. Quase despidos, doentes, sem falar castelhano, perdidos e confusos, os pobres miseráveis teriam morrido na rua se Papá Justicia não os tivesse levado a Miss Melody que os mandou conduzir à casa que muito em breve começaria a funcionar como o novo albergue. Aí chegados deram-lhes banho, vestiram-nos e alimentaram-nos.

Na manhã seguinte, o alcaide de primeiro voto, o senhor de Lezica, o procurador do Cabildo, Sáenz Valiente e o comissário-geral apresentaram-se na casa de San José, perguntaram pela senhora Blackraven, leram-lhe as acusações e algemaram-na. Trinaghanta agarrou-se à sua ama e, numa algaraviada de inglês, cingalês e gritos, suplicou que a prendessem juntamente com Melody. Somar, que aparecera entretanto, desembainhou o sabre e encostou-o à garganta do comissário. Atrás dele vieram os escravos da casa e as crianças — Jimmy, Angelita e Víctor —,com Perla e Jaime, o casal de Biscaia que, desde alguns dias, se ocupava da sua instrução.

— Jimmy — disse Melody —, tem calma, meu amor, não te assustes. Não vai acontecer-me nada de mau. Vou acompanhar estes senhores e estarei de volta dentro de muito pouco tempo. Perla, Jaime, por favor, levem as crianças para a sala de estudo. Somar, peço-te, baixa a tua espada. Procura o doutor Covarrubias e explica-lhe a situação. Meus senhores — disse com grande dignidade —, estou pronta para vos acompanhar.

Melody suspirou e sentou-se no catre imundo. Aquele lugar cheirava mal, a urina e a comida podre, tinha apenas uma pequena janela que dava para o pátio do Cabildo. Teria sido bem pior se a tivessem encerrado nas masmorras. Talvez em consideração ao seu título e à influência do marido, lhe tivessem poupado essa pena. “Roger”, murmurou, com voz trêmula, ao mesmo tempo que acariciava o ventre. Já não tinha dúvidas. Desde há algumas semanas que sabia que ali crescia o filho de ambos e a felicidade que tal certeza lhe dava desaparecia logo a seguir quando se interrogava se Blackraven viria alguma vez a conhecer aquele filho. Era-lhe dolorosa aquela solidão. Ansiava por poder partilhar com ele a notícia da sua gravidez, queria ver a sua expressão quando lhe anunciasse que o amor de ambos tinha dado frutos.

Os gritos dos outros presos devolveram-na à realidade. Suspeitava de que tudo aquilo tivesse sido orquestrado por Martín de Álzaga. Caso contrário, de Lezica não lhe teria dito que, se revelasse o paradeiro de Tommy, veria atenuado o

castigo pelo roubo dos escravos.

Somar explicou a Covarrubias o sucedido e este pediu licença ao seu chefe no tribunal para ir até o Cabildo, onde solicitou a libertação imediata da condessa de Stoneville. Sem tempo para preparar a sua argumentação, esta não surtiu o efeito desejado. Em absoluto desespero, disse ao procurador que aquele ato de encarceramento constituía um abuso e que excedia as capacidades do alcaide de primeiro voto, devido à categoria da senhora condessa, que deveria ter sido acusada pela Real Audiência. Abandonou o recinto muito nervoso e agitado. Acompanhado de Somar, foi buscar o doutor Mariano Moreno. O turco já tinha decidido que, se Moreno não conseguisse libertar Miss Melody, ele mesmo o faria pela força. A sua senhora não passaria a noite naquele lugar.

De regresso ao escritório do alcaide de primeiro voto, Covarrubias, Moreno e Somar encontraram-se com Martín de Álzaga que os recebeu com um trejeito de satisfação. Moreno dirigiu-se a de Lezica: — Exijo a libertação imediata da condessa de Stoneville. Trata-se de uma injustiça aberrante, não só tendo em conta a respeitabilidade da senhora, esposa de um ilustre nobre inglês, como também porque a acusação de roubo não passa de uma falácia. Quero lembrar aos homens de leis aqui presentes o que vem definido no corpo normativo de Las Siete Partidas como furto: “Furto é a malfeitoria levada a cabo por homens que tomam para si alguma coisa alheia, de modo encoberto, contra a vontade do seu legítimo dono, a fim de ganhar o direito ou a posse ou o uso da mesma.” Se, como julgo entender, o senhor Sarratea tinha ordenado a expulsão desses quatro escravos dos limites da Real Companhia (prática muito frequente, segundo sei) não é possível verificar-se furto, visto que não é cumprido um dos requisitos da definição do delito em questão: isto é “contra a vontade do seu legítimo dono”. Tinha sido o próprio dono quem pusera os escravos fora para se ver livre deles — sublinhou. — Portanto, a não ser que o senhor Sarratea demonstre cabalmente que esses escravos foram efetivamente roubados (o que me parece muito difícil de provar), a condessa de Stoneville, dona Isaura Blackraven, deverá ser imediatamente libertada. E o senhor Sarratea fica informado de que iremos dar início a ações legais por calúnias e injúrias graves contra a minha cliente.

Falou durante mais de meia hora, citando de cor parágrafos das Leis das Índias e das Siete Partidas, das normativas do Conselho de Castela e até das Leis de Burgos. Covarrubias admirava-o em silêncio, pois contara apenas com os poucos minutos que separavam a casa de Moreno, na calle Piedad, do Cabildo para pôr tudo aquilo em autos. “É brilhante”, admitiu.

Várias testemunhas foram chamadas a depor, entre elas Papá Justicia, que afiançou que os escravos estavam fora do edifício da companhia, visto que o

funcionário Ramón Guasca os havia expulsado pelo portão que dava para o rio, mas, como a palavra de um alforriado com fama de bruxo não ajudava muito, Somar foi em busca do padre Mauro que condenou a atitude desumana do senhor Sarratea e enalteceu as virtudes cristãs da senhora condessa de Stoneville, cuja decência e honradez assegurava.

— Onde devo assinar esta declaração? — perguntou o sacerdote, passeando o olhar pelos funcionários.

Antes das sete da tarde, Melody foi posta em liberdade, na condição de devolver os escravos à Real Companhia. Teve ainda de pagar uma multa de dez pesos por ter posto em funcionamento um albergue sem as devidas autorizações e habilitações.

— Foi impossível conseguir a habilitação — queixou-se Covarrubias.— A Irmandade da Caridade e o Cabildo recusaram repetidamente as solicitações das mesmas, com argumentos verdadeiramente inverossímeis.

"Álzaga nunca permitirá a abertura de um albergue desde o mo mento em que saiba que sou eu a fundá-lo", pensou Melody.

Somar pegou-lhe no braço e conduziu-a até o exterior, onde um grupo de africanos — alforriados e escravos — saudou a libertação do Anjo Negro. Trinaghanta e Miora, a escrava pessoal de Melody, choravam e abraçavam-na.

— Nem uma palavra disto a Roger — sussurrou Melody.

— A senhora não sabe o que me está a pedir — lamentou-se Somar.

Nesse mesmo dia, esperou que Martín de Álzaga saísse da sua loja na calle da Santísima Trinidad e abordou-o na escuridão da noite, sem se apear do cavalo. O basco deu um grito e levou a mão à cintura para agarrar a pistola, mas foi tarde de mais: Somar tinha desembainhado o sabre e colocara-o debaixo do queixo.

— Sua Mercê conhecerá a ira do meu senhor — disse o turco.

De sabre no ar, esporeou o alazão e desapareceu rua abaixo. Só alguns segundos mais tarde, Álzaga largou a arma. Olhou assustado para a mão que continuava a tremer.

Ao pôr-do-sol, Guadalupe, a mulher de Mariano Moreno, costumava passar pela casa de Melody e juntas, com as crianças — Lupe tinha um filho de um ano, Marianito —, caminhavam um pouco até a Plaza Mayor. Aí, frente ao arco central do Forte, ouviam a banda de soldados tocar a retirada. Algumas vezes as Valdéz y Inclán, assim como a sua tia, a senhorita Leonilda, vinham juntar-se a elas. Nessas ocasiões aparecia o escravo Servando, que se esgueirava da oficina de estofador (nas proximidades do Forte) para ficar perto da senhorita Elisea, a luz dos seus olhos. Ninguém se apercebia dos olhares e sorrisos subtis, com excepção de Melody, que nos últimos tempos reparara numa certa inquietação agressiva em Servando, como se lançasse um apelo com os seus

olhares e expressões de lábios franzidos. Perguntava-se muitas vezes o que se passaria entre aqueles dois, presos num amor impossível e, na opinião da maioria das pessoas, antinatural. Talvez tivesse cometido um erro ao apoiar Elisea na sua decisão de romper o noivado com Ramiro Otárola, já que não só avivara as esperanças de Servando como assumira um poder que realmente não tinha, pois era Roger, e não ela, o tutor das Valdéz y Inclán. Os portenhos não falavam mal de Elisea mas sim de Miss Melody, convencidos de que tinha instigado a ruptura devido à amizade dos Álzaga com a família do noivo.

Outro passeio que entusiasmava as crianças, principalmente Víctor, consistia em atravessar a alameda e, seguindo pelo barranco abaixo, ir dar à margem do rio no lugar onde os pescadores lançavam as redes à água para depois as arrastarem carregadas de peixe. Enquanto as crianças observavam fascinados as redes cheias, Melody fixava o olhar no horizonte e perguntava-se: "Voltarei alguma vez a vê-lo? Será que acabou tudo entre nós?" A escrava Miora, que nunca abandonava a sua ama, passava-lhe a mão pelas faces molhadas e dizia: "Muito em breve, Miss Melody, muito em breve. É o que me diz o coração." Refazia-se, de imediato, para que as crianças não a vissem abatida, em especial Jimmy, cuja natureza débil não permitia sobressaltos nem angústias. Nos últimos tempos, o seu coração enfraquecera e o Inverno que estava à porta —o pior período do ano para a sua constituição — era um monstro que Melody receava mais do que tudo.

Foi assim que a encontrou uma tarde María del Pilar Montes, o olhar fixo no horizonte, alheia ao barulho das crianças e às vozes dos pescadores. Tocou-lhe no antebraço numa prova de estranha familiaridade e perguntou-lhe: — Sua Mercê é a condessa de Stoneville? — Sim, sou eu — disse e sentiu-se de imediato cativada pela doçura daqueles olhos cinzentos.

— O meu nome é María del Pilar Montes, baronesa de Pontevedra.Desculpe abordá-la deste modo tão pouco ortodoxo, mas têm-me falado tanto de Sua Mercê que gostaria muito de a conhecer. Identifiquei-a pelo cabelo — acrescentou com uma franqueza que deixou Melody sem palavras. Havia um tom de admiração na voz daquela mulher que também a intrigou.

— Calculo que não lhe tenham falado bem de mim — disse após um breve momento, lamentando o seu registo amargo.

— Não, na verdade não, por isso queria conhecê-la. Quem defende esses pobres infelizes — disse, apontando para três escravas que estavam a poucos passos de distância — não pode ser uma pessoa má. Além do mais, comove-me a sua abnegação em relação aos africanos. Sei do albergue que está a tentar fundar. Admiro-a — declarou, após uma breve pausa.

Seria de esperar que uma mulher, casada ou solteira, levasse uma vida

dedicada à casa, ao marido e aos filhos, ou aos pais e irmãos na falta dos primeiros, que frequentasse a igreja, alguns saraus e se entregasse a coser, a bordar e a tocar piano. Também seria de supor que entretivesse os homens com um discurso irrelevante mas vivo, que dançasse música espanhola e francesa e que soubesse recitar. María del Pilar Montes — Pilarita para os amigos e familiares — não só cumpria estes requisitos como sobressaía pela sua beleza e bom gosto. Ser a filha do duque de Montalvo, um influente nobre catalão, granjeava-lhe o afecto das mulheres dos mais importantes comerciantes.

Melody, com os seus ideais e projetos, não tendo chegado virgem ao casamento, sendo venerada pelos negros e pelos pobres e irmã de um fugitivo da Justiça, encarnava o modelo oposto, o inaceitável. A princípio desconfiou da amizade de Pilarita, mas acabou por aceitar os seus convites, em parte porque a rejeição de que era vítima começava a ser-lhe pesada e também porque os três filhos mais velhos de Pilarita, Leopoldo, Tito e Francisco, gostavam de Jimmy, Víctor e Angelita. A mais pequena, Carolina, que ainda era bebê, costumava brincar com Marianito, o filho de Lupe.

Na tarde em que chegou a mensagem do Convento das Filhas do Divino Salvador, Melody estava a tomar chá com as amigas na antecâmara do seu quarto, longe das crianças, a cargo do casal de professores, Perla e Jaime.

— Ficaste desfigurada, minha querida — notou María del Pilar.

— Más notícias? — inquietou-se Lupe.

— Pelo menos desconcertantes. A madre superiora do convento informa-me de que dona Bernabela, viúva de Valdéz y Inclán, desapareceu. Não sabem nada dela desde ontem. Não está na sua cela nem em nenhum outro lugar. Também se desconhece o paradeiro da escrava Cunegunda, entregue à congregação como parte do dote de dona Bela.

Fizeram algumas conjecturas. Melody admitiu nunca ter ficado muito convencida do súbito fervor religioso da viúva de Valdéz y Inclán. Lupe acrescentou que o que lhe parecera menos credível fora o ela ter ingressado no convento por forma a cumprir um desejo do marido na hora da morte, quando todos sabiam que ela não o suportava. Pilarita, no seu jeito prudente e conciliador, opinou que talvez dona Bela tivesse abandonado o convento contra a sua vontade.

Melody deu indicações a Trinaghanta para mandar chamar Servando à oficina do senhor Cagigas, o mestre estofador.

— Queres que peça ao Mariano — sugeriu Lupe — que vá falar com a madre superiora e se encarregue deste contratempo? “Como desejaria que Roger aqui estivesse”, pensou Melody. Ele saberia como agir, que medidas tomar, bastaria a sua presença para a deixar tranquila. Ele era tão forte e tão seguro.

– Antes de incomodar o teu marido, Lupe, gostaria de tirar uma dúvida.

Servando bateu à porta e, depois de tirar a boina, deu um passo em frente.

— Mandou chamar-me, senhora? — Sim. Preciso que vás a casa de Valdéz y Inclán e, com a maior reserva e prudência, verifiques se dona Bela lá está. Desapareceu do convento — explicou —, não sei para onde foi nem onde se encontra. Como desculpa, pede à senhorita Leonilda o tecido de algodão fino que ela me prometeu.

— Confias assim tanto nesse yolof? — surpreendeu-se Lupe, e Melody limitou-se a assentir.

Ninguém estranhava as visitas de Servando à casa da calle Santiago. Faziam parte da rotina. Supunha-se que visitasse os filhos, os que tinha concebido com as quatro escravas que lá moravam, visto que fora comprado para essa função: procriar. Estranho era que ele não coabitasse com nenhuma delas, nem mesmo com Visitación, a sua favorita, por muito que as garotas o desejassem. Embora o yolof nunca tivesse sido de natureza risonha, ultimamente apresentava um semblante hostil, quase grosseiro que chegava a meter medo.

Nesse dia, entrou na casa de Valdéz y Inclán não só para procurar dona Bela, mas também Tomás Maguire, que, já refeito do ferimento que ele mesmo lhe infligira, abandonava por vezes o seu esconderijo na cripta de El Retiro e se aventurava até a casa da calle Santiago para ver Elisea.

Não havia sinal de dona Bela nem da sua escrava Cunegunda. A casa, assim como os seus habitantes, movia-se ao ritmo habitual e ninguém parecia alterado ou inquieto. Elisea não estava junto das irmãs que bordavam na sala. Foi encontrá-la na horta, de lenço na cabeça, ajoelhada a remexer na terra. Tomás Maguire, sentado junto dela, falava e fazia-a rir.

— Que faz aqui? — interpelou-o Servando, e Elisea soltou um grito.

— Não é assunto teu, negro traidor — respondeu Maguire, pondo-sede pé.

— Miss Melody disse mais de mil vezes que não deve voltar à cidade. Tem um exército atrás de si. Vá-se já embora! — Era só o que me faltava. Receber ordens de um escravo.

— Antigamente afirmava que éramos todos iguais — recordou-lhe Servando. — Para o senhor, nós, os escravos, éramos tão dignos de respeito como o homem mais importante.

— Tu não és digno de nada, não passas de um traidor.

— Por favor, senhor Maguire, é melhor que se vá embora. Servando tem razão, podem descobri-lo aqui… — E isso seria péssimo para si, não é verdade, menina Elisea? — o escravo olhou-a fixamente, obrigando-a a baixar os olhos. — Teria um grande desgosto se acontecesse alguma coisa de mal ao senhor Maguire, ou estarei enganado?

— Como te atreves a dirigir-lhe a palavra? — vociferou Tommy, desconfiado.

— O senhor está a comprometê-la, a ela e a todos os Valdéz y Inclán,entrando nesta casa. Se o comissário o encontrasse aqui, eles seriam seus cúmplices e iriam parar na prisão. Vá embora de uma vez por todas.

— Tu é que vais. Sai imediatamente se não queres sentir o meu punhal nas tripas.

Servando esboçou um sorriso irônico que encolerizou Tommy. Elisea agarrou-o por um braço quando este ameaçou precipitar-se sobre o escravo.

— Por favor, senhor Maguire, vá embora. Está correndo um risco muito grande sempre que vem à cidade. Miss Melody tem razão, vá embora, por favor.

— Irei, senhorita Elisea, pois não desejo ver Sua Mercê contrariada. Mas fique certa de que voltarei para vê-la.

Perante aquelas palavras, Elisea baixou a cabeça, incapaz de enfrentar a expressão alterada e colérica de Servando, e nem sequer voltou a olhá-lo quando soube que Tommy tinha deixado a propriedade, saltando o taipal. Ficou imóvel, entre as couves-flores, enquanto Servando se acocorava ao seu lado.

— É teu novo amante?

Num movimento rápido e inopinado, Elisea olhou-o nos olhos e deu-lhe uma bofetada.

— Como te atreves a fazer semelhante pergunta?

— Que queres que pense? Venho encontrar-te aqui com ele, sem ninguém por perto, os dois com as cabeças coladas, rindo sabe-se lá de quê. Que devo pensar, Elisea? — Cravou-lhe os dedos nos braços e sacudiu-a sem avaliar bem sua força. — Estou ficando louco com tua indiferença. Há meses que não permites que te ame.

— Sabes bem por quê. Sabe melhor do que ninguém, por que me torturas? Servando tomou-a nos braços e abraçou-a enquanto ela chorava.

— Estou ficando louco — disse mais uma vez. — Tenho tanto medo de te perder.

Elisea limpou os olhos com o avental e olhou para ele com uma expressão serena. Acariciou-lhe a face escura e roçou muito ao de leve oslábios dele com a sua boca pequena e úmida. Servando passou-lhe os braços pela cintura e levou mais longe aquele beijo, com uma avidez que revelava bem aquele tempo de abstinência. Caíram sobre a terra macia da horta.

— Deixa-me te amar. Entrega-te confiante ao teu Servando, que te ama mais do que a própria vida. Lembra-te dos dias felizes do campanário, quando fazíamos amor sem limites nem recordações nefastas. Pensa, Elisea! Lembra-te. Lançavas-te nos meus braços e eras minha uma e outra vez. Parecia que nunca me saciaria de ti. Ainda estou sedento de ti. Tão sedento — e, dizendo isto,

mergulhou o rosto no pescoço da jovem.

— Servando… — murmurou ela, de olhos fechados.

Deixou-se amar e foi como um milagre para Elisea, pois, tendo-se julgado morta e seca, o amor daquele escravo yolof devolveu-a à vida.

O negro Braulio afastou a cortina que cobria a porta e meteu a cabeça na cabana.

— Aqui estão elas, dona Enda.

A mulher levantou os olhos do livro. Por detrás da estrutura maciça e intimidatória do seu escravo, único sobrevivente do leilão que fizera para saldar as dívidas de jogo do seu filho Paddy, adivinhavam-se as figuras de Bela e Cunegunda.

— Entrem — convidou Enda, pondo-se de pé.

Tinham um aspecto cansado e nas suas feições refletiam-se bem as horas de inquietação e insônia. Indicou-lhes dois pequenos bancos. Bela sentou-se com um suspiro e, depois de afastar o cabelo dos olhos, olhou em volta. Cunegunda manteve-se de pé, junto à ama. Aquele era o lugar mais humilde em que Bela alguma vez estivera. O mobiliário era escasso e barato. Chamou-lhe a atenção um aparador bem construído, com portas de vidro — pormenor pouco usual — e prateleiras a abarrotar de frascos com poções, pequenos feixes de ervas, latas, frascos e livros.

— Senta-te, Cunegunda — ofereceu Enda. — Deves estar exausta.

— Obrigada, senhora Enda.

Passaram alguns minutos durante os quais ninguém quebrou o silêncio. Enda preparou pão de milho e carne fria para comerem. Braulio voltou. Parecia ocupar todo o espaço do pequeno recinto. Tinha de andar com a cabeça inclinada para não bater no tecto de colmo. Trazia na mão um jarro com leite e encheu duas canecas de barro que colocou à frente de Bela e de Cunegunda.

— Imagino que esta cabana te deva parecer um lugar inaceitável –conjecturou Enda.

— Prefiro-a mil vezes à cela daquele convento. Aqui, pelo menos,terei liberdade.

— Não tanta quanto isso — objetou a irlandesa. — A madre superiora já deve ter dado pela tua fuga, assim como pela da tua escrava, que, na verdade, pertence agora ao convento. Portanto, terão de ser muito cautelosas. Diremos que és minha filha e que acabas de ficar viúva. O meu nome agora é Gálata e se, devido ao meu sotaque, alguém perguntar se sou inglesa, diremos que sim. Muito pouca gente em Buenos Aires é capaz de diferenciar o sotaque inglês do irlandês. Tu,

chamar-te-ás Rosalba e a tua escrava, Melchora.

Bela assentiu.

— Onde estamos? Como se chama este lugar? — Estamos a uma légua de San José de Flores.

— Sim, sei onde é — disse Bela. Várias amigas minhas tinham quintas neste lugar e costumavam passar aqui os meses de Verão.

— A quem será preciso dizer que sou tua filha? Este lugar parece tão isolado, não se vê ninguém por perto.

— Vêm pessoas procurar-me — foi a resposta.

— Pessoas? Que pessoas? — insistiu Bela, num tom sarcástico.

— Pessoas que me dão de comer, que nos darão de comer de agora em diante.

— E porque vêm? — Vêm pelo meu dom. — Enda respondia pacientemente e sem abandonar os seus afazeres.

— O teu dom? — A senhora Enda — disse Braulio, com uma voz trovejante, muito de acordo com a sua corpulência — é uma grande curandeira. Os seus trabalhos são conhecidos em toda a região. Até vêm senhoras da cidade.

"Bruxa, além de envenenadora", pensou Bela, lançando um novo olhar ao conteúdo do aparador.

— Porque nos ajudaste a fugir, Enda? Porque nos tiraste do convento? — Porque mo pediste naquele dia em que fui ver-te, no dia em que me deste a chave da casa de San José para que eu levasse o teu bilhete à minha sobrinha Melody. Nesse momento dei-te a minha palavra de que te ajudaria. — Perante a expressão incrédula de Bela, acrescentou: — Estamos ligadas por um mesmo ódio a Blackraven e a Melody. Preciso de uma aliada para levar a cabo o meu plano.

— Quero vê-la morta! — declarou Bela, pondo-se de pé.

— Será quando eu disser — explicitou a irlandesa em jeito de advertência, e cravou nela os olhos verdes e penetrantes, obrigando-a a voltar a sentar-se. — Ela está grávida e não faremos nada por enquanto.

— Como sabes que está grávida? Enda encolheu os ombros, declarando: — Vi-a várias vezes na cidade. Apesar de a barriga ainda não se notar,sei muito bem reconhecer os sinais de uma mulher grávida. Vá, acabem a sua merenda. Aquela é a tua cama, Bela. Para Cunegunda poremos um enxergão acolchoado ao teu lado. Podem descansar umas horas, se desejarem. Mas depois ajudam-me nos meus trabalhos.

Lá fora, alguém bateu palmas. Braulio saiu para ver quem era. Ouviu-se uma voz feminina, culta e suave que perguntava se aquela era a casa da curandeira que dava pelo nome de Gálata.

IV

Blackraven aproximou-se da amurada do Sonzogno e contemplou o horizonte, imponente e eterno. Inspirou fundo e reteve um pouco o ar com cheiro a iodo. Adorava a navegação. O mar era o seu ambiente natural, o aliado que o tornara rico e que dera fama ao nome de capitão Black, a quem eram atribuídas façanhas mais adequadas a Ulisses do que a um simples mortal, todas elas nascidas em grande parte do excesso de rum e da índole exagerada dos marinheiros.

Olhou o céu do final da tarde, com tons avermelhados que eram prenúncio de um amanhecer límpido. até aquele momento, os ventos tinham-nos acompanhado e nesses cinco dias de singradura tinham percorrido mais milhas do que o que esperavam. Se as condições se mantivessem, chegariam ao Rio da Prata antes do previsto. Suspirou. Talvez devesse seguir o conselho de Malagrida e Távora, que haviam insistido para que passasse por Antígua para visitar a sua propriedade La Isabella, onde se encontraria com Amy Bodrugan, a única capaz de tirá-lo daquele estado. Depois, de Antígua, seguiriam para Londres, onde alguns assuntos de importância capital necessitavam da sua intervenção, como deter o conde de Montferrand que tencionava apresentar ao primeiro-ministro um projecto para colonizar o vice-reinado da Nova Espanha. De Londres zarparia para Ceilão e depois para a Índia, para a China, para o reino de Sião, a grande ilha de Austrália e Bornéu, sem ficar nunca muito tempo no mesmo lugar.

Na noite antes da sua partida, enquanto jantavam no camarote do Sonzogno, Malagrida olhou-o nos olhos e perguntou-lhe: — Roger, que vamos fazer ao Rio da Prata? A inauguração do curtume cheira a desculpa.

Dado que tanto Malagrida como Távora, assim como os restantes espiões do Escorpião Negro, conheciam as suas atividades na Liga Secreta do Sul e, mais do que isso, colaboravam com ele, pensou em alegar motivos de ordem política. Mas, após um breve momento de reflexão, ergueu os olhos e declarou: — Volto para ver a minha mulher.

Discreto como era, Malagrida ficou em silêncio, imóvel e admirado.

Adriano Távora soltou uma gargalhada e deu um murro na mesa.

— Tu, casado? Tu, com mulher? A princípio contou-lhes em traços largos como conhecera Melody e as circunstâncias que haviam precipitado o casamento. Depois, à medida que os amigos se entusiasmavam e lhe iam fazendo perguntas, deixou-se levar e, mostrando-se eloquente e generoso, desabafou, falando-lhes dos seus dias de angústia. Tal atitude surpreendeu os seus amigos

que nada disseram.

Blackraven deu-se conta de que gostava de falar dela, precisava de o fazer, como se pelo simples fato de a mencionar a sentisse mais perto, mais palpável. Receava o que poderia encontrar em Buenos Aires e aquela maneira alegre e descontraída de evocar Melody afastava-o das más recordações, retirava-lhes importância. Ver a mesma situação de um outro ângulo fazia com que não lhe parecesse tão negra. Malagrida e Távora riram-se quando souberam do desprezo inicial de Melody e insistiam em que deveria ter sido a primeira mulher a dizer-lhe que não. Ainda continuavam a rir quando Blackraven tirou da algibeira a miniatura com imagem de Melody. Adriano soltou um assobio e arqueou as sobrancelhas, ao mesmo tempo que pensava: “Não é tão bonita como Victoria.” Malagrida foi da opinião de que se tratava de uma jovem de rara beleza. Elevaram os copos e brindaram a Isaura Blackraven, o Anjo Negro.

Blackraven sorriu ao recordar a conversa de poucas noites antes. Com as mãos sobre a amurada, sentiu-se subitamente cansado. Fechou os olhos e agarrou-se à imagem de Isaura para não se deixar cair num estado de melancolia. Imaginou o seu riso na noite em que haviam feito amor sobre as areias úmidas da beira-rio e a doçura com que ela o olhara depois de terem feito amor; pensou nos momentos em que ela entreabria a boca, deixando escapar curtos gemidos, enquanto ele a tocava e a provocava. E nos seus olhos! Deus! Os seus olhos de um azul - turquesa tão fora do comum, tão penetrantes e suaves ao mesmo tempo! Como esquecer o seu cabelo, a primeira coisa que o enfeitiçara naquela manhã de Verão em El Retiro.

Apesar de a ter submetido a práticas sexuais que teriam perturbado qualquer outra garota da sua condição, Isaura mostrara-se sempre disposta a satisfazê-lo. Deus era testemunha de que não tivera contemplações para com ela, para com a sua religião ou para com a sua juventude. Isaura enlouquecera-o e ele possuíra-a com o descaramento que teria tido com uma mulher qualquer e o mais extraordinário era que, apesar do modo escandaloso como iniciara a sua vida sexual, ela continuava a manter aquele halo de inocência que brilhava no seu olhar, nos seus movimentos e na sua voz. Era assombroso que o seu coração continuasse a ser o de uma menina. Jamais alguém poderia saber o que significara para ele, um pecador impenitente, a entrega de Isaura, a oferta da sua inocência e sobretudo da sua confiança. “Por ela, tornei-me numa pessoa melhor.” Perguntou-se o que iria encontrar à sua chegada a Buenos Aires. Em parte, a decisão iria depender da atitude que Isaura decidisse adoptar. “Não é de natureza rancorosa”, pensou esperançado. Só queria abraçá-la e beijá-la, levá-la para a cama, fazer amor com ela. Não pretendia que ela lhe pedisse perdão por o ter acusado sem provas, nem que lhe desse explicações, queria apenas recuperá-

la, senti-la sua, cobri-la com todas as joias e demais presentes que lhe havia comprado no Rio de Janeiro: topázios, águas-marinhas, crisólitos, citrinos e ametistas; as sedas, os brocados, os veludos e a boneca belga com o seu fatinho de renda de Bruges e longos caracóis avermelhados que lembravam o seu cabelo. “Quero que se passeie nua à minha frente, com este camafeu ao pescoço e o cabelo solto sobre as costas”, pensou enquanto admirava a joia que tinha mandado talhar em madrepérola, com um engaste de coral rosa e armação de ouro. Começou a notar uma sensação dolorosa no sexo, podia quase tocar a nudez do seu corpo, mergulhar os dedos nos seus seios generosos, quase podia sentir o sabor dos seus mamilos.

Para combater a excitação, começou a fazer planos. Havia algum tempo que matutava no futuro. Talvez tivesse chegado o momento de abandonar a vida do mar. A ideia de criar raízes num lugar tranquilo, talvez na Cornualha, tentava-o agora tanto como anteriormente o haviam tentado os barcos. Sorriu e abanou a cabeça. Só ela poderia conseguir que o capitão Black considerasse a possibilidade de abandonar a sua vida de homem do mar e tornar-se num terratenente.

O sorriso imobilizou-se, acentuando o cenho que tanta dureza conferia às suas feições. Enquanto não pusesse fim à ameaça do sicário conhecido como La Cobra, Isaura continuaria no Rio da Prata. Embora considerasse muito pouco provável que o seu nome fosse associado ao do Escorpião Negro, havia demasiado em jogo para arriscar, pois, se tal associação se desse, a sua mulher tornar-se-ia num alvo dos seus inimigos. É claro que em Buenos Aires também não estava totalmente a salvo e pensava em Enda Feelham, sedenta de vingança, devido à morte do seu único filho, Paddy. Apesar de terem passado muitos meses, continuava a vê-la com espantosa nitidez, debaixo do carvalho de Bella Esmeralda, o olhar fixo nele, como se o adivinhasse por detrás do cortinado espesso. Aqueles olhos duros haviam expressado a sua determinação melhor do que mil palavras.

Questionou-se se Somar ou O’Maley teriam dado com o seu paradeiro. Adriano Távora, hábil investigador, teria certamente sido de grande utilidade na busca. Mas, naquela viagem, o português não os escoltava com a Wings, pois navegava de volta ao Velho Continente, com várias incumbências, entre elas averiguar mais sobre La Cobra e descobrir qualquer informação que os conduzisse a ele. A prioridade era eliminá-lo, mas antes o espião deveria confessar quem o enviava.

Adriano localizaria também o sacerdote Edgeworth de Firmont, testemunha da abdicação de Luís XVI a favor do seu filho Luís Carlos, peça-chave para demonstrar a autenticidade do documento, e tentaria a mesma sorte com madame

Simon, a quem Luís Carlos chamara carinhosamente Bêtasse e a quem havia confiado o documento, que, de outro modo, teria acabado por ir parar às mãos dos jacobinos Hébert e Chaumette. Precisava de os pôr a salvo desse mundo de espionagem e contra-espionagem, em que a informação mais oculta ou guardada com o maior zelo poderia ser descoberta e cair nas mãos erradas. Era por isso que o inquietava que um sicário, considerado o melhor da Europa, andasse atrás do Escorpião Negro, não por si, que estava habituado a viver no limite, mas por Isaura.

Embora nem Távora nem Malagrida aprovassem a sua decisão, fora bastante acertado enviar aquelas cartas tanto aos Bourbons no exílio quanto ao ministro Fouché, a fim de que ambos ficassem a saber que Le Libertin morrera, que o Escorpião Negro continuava com vida e que Luís XVII estava sob a sua proteção. Sorriu ao imaginar as expressões do conde de Provence e de Fouché quando lessem aquelas breves linhas. Quanto a Napoleão, conhecendo-o como o conhecia, deduziu que a sua reação fosse diferente. Não o surpreenderia a informação sobre o filho de Luís XVII, mas ficaria evidentemente perturbado. Precisava de um herdeiro para assegurar a sua sucessão no trono e, até o momento, a imperatriz Josefina mostrara-se incapaz de lho dar.

Apesar de não ser muito dado a questionar a vileza dos homens nem a injustiça que reinava no mundo (pareciam-lhe coisas de tolos), a situação dos seus primos, madame Royale e Luís XVII, deixava-o incomodado. Ainda crianças quando rebentou a revolução no seu país, vi viam desde essa altura receosos, sempre a fugir e a esconder-se. Marie tinha chorado na noite em que ele fora à casa do bairro de São Cristóvão para se despedir e nem mesmo a promessa de que voltaria muito em breve a consolara. A memória daquela despedida era dolorosa, até porque foram em vão todos os argumentos a que recorreu para a convencer de que o Rio de Janeiro era um bom lugar para viver, aquela bonita casa de São Cristóvão, o jardim de que cuidava com tanto esmero, a estufa, a sua amizade com a baronesa de Ibar… — Não sou amiga da baronesa de Ibar — declarou, aborrecida. — Achas que não percebi que só procura a minha companhia para saber de ti? Agora que abandonas o Rio, verás que nunca mais lhe ponho a vista em cima.

A baronesa de Ibar tornara-se num estorvo. O seu descaramento incomodava-o, principalmente porque simpatizava bastante com João Nivaldo de Ibar. Pouco lhe importou que naquela primeira noite ele tivesse sido bem claro quanto ao seu pouco, senão inexistente, interesse por ela que demonstrou não ter um temperamento orgulhoso quando se tratava de conseguir um objetivo, pois voltou a bater à sua porta várias vezes, tendo mesmo, em certa ocasião, ido encontrá-la nua na sua cama (Estevanico havia-a deixado entrar). Preocupava-o

o fato de o casal de Ibar insistir em fazer-lhe uma visita ao Rio da Prata muito em breve.

Não queria problemas com Isaura.

Ouviu os passos de Malagrida e de Estevanico que se aproximavam. Tinham ficado bons amigos, aqueles dois. O jesuíta desenvolvia os seus dotes de professor, enquanto o pequeno escravo revelava aptidão para assimilar tudo o que lhe ensinavam. Blackraven deu a volta e olhou-os de soslaio. O afecto e a boa comida haviam operado maravilhas na estrutura e no semblante do garoto. A maneira de andar, a forma da cabeça e certos traços do seu rosto lembravam-lhe Servando. Talvez Estevanico fosse filho de yolofes.

— Amo Roger! — Diz — respondeu, sem se voltar.

— Ganhei às damas ao capitão Malagrida.

— Sim, sim — disse Blackraven, enquanto ouvia Gabriel Malagrida rindo entre dentes.

— Prometeu que amanhã vai ensinar-me a jogar xadrez, aquele jogo que o senhor jogava com o seu primo, o senhor Letrand.

— Já não sei se te vou ensinar, Estevanico — objetou o jesuíta. — Não quero ser vencido também no xadrez.

— Mas Sua Mercê prometeu — entristeceu-se o escravo.

— Depois se vê. Tudo depende dos teus resultados na aula de castelhano.

— Ah, se é por isso, capitão, vai ter de me ensinar a jogar xadrez, pois eu falo muito bem. Amo Roger — disse, puxando-lhe pela manga para chamar a atenção dele —, como se chama a minha nova ama? — Chamar-lhe-ás Miss Melody, como os outros.

Estevanico assentiu e repetiu o apelido sem emitir qualquer som, num simples movimento de lábios.

— Mas é esse o seu verdadeiro nome? — O seu nome é Isaura, mas só eu a trato assim. E agora vai juntar-te aos outros e depois dormir, que eu te chamo antes de amanhecer.

— Está bem, amo Roger. Até amanhã, capitão Malagrida.

— Descansa bem, Estevanico.

A noite caíra e a lua refletia-se no mar, iluminando uma faixa que parecia de prata. A mezena do Sonzogno inflava com a brisa, empurrando o grande navio para sul. O cata-vento flamejava e açoitava o mastro mais alto e esse som ia juntar-se às vozes dos marinheiros na coberta e ao bulício amortecido que provinha do paiol onde os outros se preparavam para o jantar.

— Mas a tua mulher não quer que o pessoal a trate por “senhora condessa”? — perguntou Malagrida.

Blackraven sorriu, sem o fitar diretamente, o olhar cravado no brilho da lua.

— Não, incomoda-a que a tratem assim.

— Que peculiar — opinou o jesuíta, e Blackraven voltou a sorrir, sem fazer mais nenhum comentário. — Convido-te para vires ao meu camarote degustar um Lacryma Christi, despojo da minha última presa. Engarrafado e envelhecido em tonéis de Jumilla. É uma verdadeira bênção.

Degustaram o vinho doce em silêncio, enquanto Blackraven, curvado sobre a mesa, estudava os traçados do mapa. Pouco depois, Malagrida ajeitou a desordem de sextantes, astrolábios e compassos, mapas e cartas geográficas e de navegação e indicou ao seu assistente que lhes servisse o jantar. Não falaram durante a refeição. A amizade e a confiança cimentada entre ambos libertavam-nos de preencher os espaços de silêncio que tanto teriam incomodado outros.

— Que sabes da tua mãe? — interessou-se subitamente Malagrida.

"Talvez", pensou Blackraven, "desde há semanas sinta vontade de me perguntar por ela". Acontecia o mesmo a Isabella, sempre que queria conhecer a sorte do capitão Malagrida, fazia rodeios e mais rodeios.

— O Adriano disse que foi para a Cornualha com o meu tio Bruce e Constance.

— Para a Cornualha? Mas ela detesta a Cornualha.

Blackraven ergueu os olhos e perguntou-lhe com o olhar o que os seus lábios não pronunciaram: "Desde quando conhece os gostos da minha mãe?" — Pois, por muito que deteste a Cornualha, foi para lá que foi.

Durante longos minutos, voltaram a encerrar-se no seu mutismo. Blackraven mantinha o olhar fixo no mesmo ponto da mesa, enquanto Malagrida o observava numa atitude reflexiva de quem estuda um objeto que lhe desperta admiração e curiosidade.

— Tu, Roger Blackraven — disse com o seu acento profundo e calmo —,possuis a sabedoria de um homem que pertence aos dois mundos. —Citou em seguida: — "…porque assim como aqueles que desenham a paisagem se colocam no ponto mais baixo da planície para estudar a natureza das montanhas e dos locais elevados, e para estudar a das planícies baixas ascendem ao ponto mais elevado dos montes…" E Blackraven completou: — "…do mesmo modo para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe e para conhecer bem a dos príncipes é necessário fazer parte do povo." — Ergueu os olhos e sorriu ao seu velho professor de Latim. — O Príncipe, a sua obra favorita —declarou. — A que devo este pensamento? — O que te inquieta? — perguntou, como resposta, Malagrida. — Sei que tens responsabilidades infindáveis, mas foi sempre assim. Agora noto que algo de uma natureza peculiar te preocupa.

— É bem verdade, sempre tive responsabilidades e problemas que nunca mais

acabam e, longe de me sentir angustiado com isso, foram sempre para mim um desafio que me enchia de energia. No entanto, agora sinto-me vulnerável devido aos mesmos. — Após um silêncio, confessou: — É por Isaura. Ela tornou-me vulnerável. Ao unir o seu destino ao de um homem como eu, expôs-se aos perigos que me rodeiam, perigos que nunca me amedrontaram, mas que agora temo, por ela.

— Ama-la assim tanto? — Blackraven olhou-o nos olhos e não respondeu. — "Como lírio entre os cardos, assim é a minha amada entre as jovens" — declamou o jesuíta.

— Agora tornou-se poeta? Malagrida negou com um sorriso.

— Pertence ao Cântico dos Cânticos.

— Deus nos ajude! — exclamou o guarda de serviço no Forte de Santa Teresa na Banda Oriental.

— Que se passa? — inquietou-se o seu camarada, tirando-lhe o óculo da mão. — Ingleses — disse em voz baixa, e o tom em que o fez revelou o medo que aquela palavra lhe infundia.

Eram os primeiros a avistar a fragata Leda, que o almirante Sir Home Riggs Popham ordenara que se afastasse da esquadra, a fim de explorar o rio, conhecido pelos seus bancos de areia e correntes.

A notícia da embarcação inglesa a vaguear pelas costas da Banda Oriental alarmou, apesar de não surpreender, a população — esperavam o ataque há meses —, especialmente devido à atitude indolente do vice-rei Sobremonte, que se limitara a dispor o aquartelamento de alguns batalhões, indisciplinados e mal apetrechados, no Forte de Buenos Aires e a enviar um reforço de tropa para Montevideu, convencido de que os ingleses tentariam apoderar-se daquela praça em primeiro lugar.

Na verdade, era essa a intenção do brigadeiro-general William Carr Beresford, que, com a gola da jaqueta bem levantada para se proteger do frio, se preparava para abordar a fragata Narcisus, onde se realizaria o conselho de guerra, no qual seria decidido se atacariam primeiro Buenos Aires ou o porto de São Filipe de Montevideu.

Beresford e Popham apertaram as mãos de modo displicente e, logo a seguir, escoltados por outros oficiais, dirigiram-se ao camarote do capitão Donelly. Beberam à saúde de Sua Majestade, o rei Jorge III, para mergulharem logo de seguida numa acalorada discussão sobre os prós e contras de se apoderarem de uma ou de outra cidade.

— Sou de opinião — declarou Beresford no seu jeito prudente e cavalheiresco — de que devemos atacar primeiro Montevideu e assegurar essa praça que julgo ser a chave do Rio da Prata e, depois disso, atacar Buenos Aires.

— Sabemos que Montevideu está mais bem apetrechada do que Buenos Aires — interpôs o capitão Honeyman, outro dos oficiais a cargo da missão —, o próprio vice-rei enviou mais tropas de linha de Buenos Aires, deixando-a praticamente desguarnecida.

— Precisamente por esse motivo — disse Beresford — deveremos atacar primeiro Montevideu. Tenho perfeita consciência de que tal medida exigirá um esforço bélico maior, mas armas e munições não nos faltam e com elas cairemos sobre Buenos Aires e conquistaremos a cidade muito facilmente. Por outro lado, se tomarmos Buenos Aires primeiro, que está desguarnecida, será mais difícil depois tomar Montevideu e sustentar a ocupação de Buenos Aires.

Popham pôs-se de pé e declarou: — Compreendo a sua posição, brigadeiro-general, mas não creio que,nas circunstâncias em que nos encontramos, seja a mais conveniente. Tomar a capital do vice-reinado provocará um efeito estarrecedor sobre as autoridades e a população em geral, efeito esse que, mais tarde ou mais cedo, nos servirá para nos podermos apoderar das outras regiões, incluindo Montevideu. Por outro lado, os nossos barcos estão mal apetrechados, as tropas carecem de tudo. Se atacarmos Buenos Aires, desguarnecida como está, será uma vitória segura e então poderemos abastecer-nos sem demora. Atacar Montevideu, bem armada e fortificada, implica um risco, como todos sabemos. Como nos abasteceríamos se não conseguíssemos conquistá-la? Ver-nos-íamos numa situação francamente penosa.

Aquele argumento pareceu acalmar os ânimos dos restantes oficiais que começaram a assentir e a murmurar. Beresford percebeu que tinha perdido. Olhou receoso para Popham na certeza de que os motivos que o levavam a defender tal posição eram outros bem diversos. Em primeiro lugar, deitar mão aos tesouros que havia na capital do vice-reinado antes que as autoridades os pusessem a salvo e, em segundo, obter o respeito e a admiração da corte de Saint James com a magnífica vitória e o envio de vários cofres cheios de ouro e prata.

Segundo os cálculos de Malagrida, se os ventos se mantivessem favoráveis, chegariam à nascente do rio da Prata dentro de cinco dias, pelo que, acrescentou, não precisariam de racionar a água nem os alimentos. As dimensões do Sonzogno proporcionavam grande autonomia, o que lhes permitia navegar sem se aproximarem de qualquer porto durante semanas, não pondo em risco a saúde e a higiene da tripulação.

Blackraven, situado no castelo da popa, observava a destreza de Schegel no manejo do leme. A seguir passeou os olhos pelo convés, onde vários marinheiros mergulhavam as grossas escovas em baldes cheios de saponaria e esfregavam vigorosamente as tábuas da coxia. Outros, inclinados sobre grandes barricas, revistavam as couves retirando as folhas em mau estado e pondo de parte as que

estavam podres. Mais além, junto ao mastro maior, Milton e Peters remendavam a bujarrona.

Sentia-se orgulhoso dos seus barcos e dos seus homens, meticulosamente selecionados, que ele submetia a treinos intensos e rigorosos nãosó com o propósito de desenvolver a força física, a habilidade nas questões de náutica e o uso das armas, mas também de modo a aumentar o respeito pela disciplina, a higiene e a honra. Eles não eram flibusteiros, eram corsários, e, como tal, tinham um código a que obedeciam. A bor do, as rixas, as bebedeiras e o incumprimento das tarefas eram corrigidos com cinquenta chibatadas. A sodomia era punida com a morte.

Estevanico aproximou-se com cautela, procurando não alertar o amo Roger. Perto dele, o menino reparou que o crepúsculo iluminava em contraluz metade do rosto de Blackraven, acentuando a sua expressão firme e meditativa, sempre dura devido ao cenho escuro e pronunciado. Mesmo assim, não o receava, muito pelo contrário, aquele homem branco era-lhe simpático, emanava dele uma essência nobre.

— Fizeste o que te mandei? Estevanico riu-se.

— Aproximei-me muito devagarinho, amo Roger. Como soube que eu estava aqui? — Não te queiras armar em esperto com o capitão Black —advertiu Radama, o malgache que içava uma verga a poucos palmos de distância. — Não é fácil apanhá-lo de surpresa, sabes? — Senti-te o cheiro — zombou Blackraven. — Parece que há dias que não te lavas. Vá, pede água quente na cozinha e à hora do jantar quero-te mais limpo do que um altar.
Radama — disse, sem afastar os olhos do horizonte, fazendo sombra com a mão —, chega-me aí o óculo.

Antes que o malgache tivesse tempo de cumprir a ordem, ouviu-se a voz de Shackle que, a vários pés de altura, bradou da gávea que avistava um barco a bombordo. Radama passou-lhe a lente e Blackraven confirmou o anúncio e a sua suspeita. Malagrida abandonou a ponte de comando e aproximou-se com grandes passadas. Mantiveram-se ambos em silêncio, enquanto analisavam a situação.

— É uma fragata magnífica — comentou Blackraven, sem baixar o óculo.

— Soberba — concordou o jesuíta. — Largaram a todo o pano e aproximam-se de nós a grande velocidade.

— Dada a sua posição, avistaram-nos primeiro.

— Achas que vão abrir fogo? — Sim.

— Consegues ver-lhes o estandarte? — Estão a descer a insígnia espanhola e erguem a Jolly Roger — informou Blackraven, referindo-se ao estandarte dos piratas, a bandeira negra com a caveira e as duas tíbias cruzadas.

Malagrida baixou o óculo e contemplou o perfil do amigo.

— A Jolly Roger! A Jolly Roger! — vociferaram com entusiasmo os marinheiros que se tinham reunido em redor deles.

— Piratas? — murmurou o jesuíta.

— Sim, e da pior espécie.

— Conhece-los? — Conheço aquela fragata, a Butanna. Pertence ao filho de Ciro Bandor.

— Ciro Bandor? O flibusteiro que tu mataste? — Blackraven assentiu. — Conheces o filho dele? — Conheço. Chama-se Galo Bandor. Quem muito gostaria de estar aqui esta tarde era Amy Bodrugan.

Malagrida apercebeu-se de que Blackraven se sentia verdadeiramente enfurecido. Conhecia bem aquela expressão de lábios contraídos e narinas dilatadas.

— Galo Bandor sabe que o Sonzogno é meu. Atacará com toda a artilharia que tem. Há anos que tenta vingar a morte do pai. Quando souber que estou neste navio, dirá que hoje é seu dia de sorte. Shackle! — vociferou, voltando-se para cima. —Consegues ver o armamento de que dispõem? — Catorze seteiras a estibordo! Dois morteiros na proa, capitão! “Nada mal”, admitiu Blackraven, embora eles estivessem mais bem apetrechados. Mesmo assim, a sorte poderia estar do lado da Butanna se um artilheiro hábil lhes conseguisse fazer ir pelos ares o mastro maior ou fazer-lhes um buraco na amurada abaixo da linha de flutuação que os fizesse ir a pique numa questão de minutos.

— Zagros — chamou Blackraven, dirigindo-se ao contramestre. — Mande preparar a artilharia para o combate.

O contramestre grego afastou-se vociferando ordens, apesar de cada membro da tripulação saber perfeitamente como deveria proceder e que posto ocupar caso avistassem uma presa. Um grupo ia buscar os cabos e as tábuas de abordagem; os artilheiros abriam as seteiras, pegavam nas carretas dos canhões e desamarravam-nos, enquanto os ajudantes verificavam as mechas e os bota-fogos, certificando-se de que o rastilho não estava úmido. Abriu-se o santa-bárbara para retirar barricas com pólvora e munições e alinharam-se os bombeiros, isto é, os marinheiros que tinham a seu cargo apagar incêndios com os baldes de areia; preparavam-se as armas ligeiras — mosquetes e espingardas — e ninguém se esquecia de verificar se tinha os seus sabres e punhais à cintura. Alguns, sem qualquer embaraço, persignavam-se e encomendavam-se ao deus do seu credo ou ao santo da sua devoção.

Blackraven desapareceu pela escotilha. Entrou no seu camarote, onde Estevanico se lavava de pé num alguidar. Procurou na arca até encontrar um lenço preto que amarrou à cabeça. Verificou as pistolas e colocou o estoque e

uma espada larga e curta no talim. Estevanico olhava-o sem pestanejar. Antes de sair, Blackraven disse por cima do ombro: — Se saíres do camarote atiro-te borda fora.

— Eu não sei nadar, amo Roger.

— Então fica aqui e não saias a não ser que eu to ordene.

De volta ao convés, estudou o cata-vento antes de ordenar as manobras. Com o capitão Black a bordo, Malagrida mantinha-se à margem, apesar de se orgulhar de as decisões de Roger coincidirem com as que teria tomado. Blackraven indicou a Schegel, ainda no comando do leme, que inclinasse a proa para a esquerda, na direção do vento, e o navio firmou-se na posição desejada para em seguida navegar de sotavento em direção à Butanna.

— Virem a bombordo! Vamos usar o esporão em jeito de aríete!Desçam o traquete! Subam a mezena! Os dois navios pararam e, a poucas braças de distância, começaram a disparar com ferocidade as armas ligeiras e a artilharia. Poucos minutos mais tarde seria impossível, com o fumo, ver a Butanna, avistavam-se apenas as extremidades dos seus mastros que continuavam intatos. Tratava-se de uma manobra de altíssimo risco: avançar às cegas até chocar com um navio inimigo, mas os homens do capitão Black estavam habituados à sua temeridade. O Sonzogno continuou a aproximar-se até que se ouviu e se sentiu que o esporão se cravava no casco do inimigo. Ao distinguir a silhueta da fragata inimiga, em alguns pontos muito estilhaçada, Blackraven deu ordem para que lançassem os cabos de abordagem e que colocassem as tábuas para a passagem. A tripulação escolhida para o ataque lançou-se sobre a Butanna, gritando bem alto. “Morte! Morte! Morte!” Os homens de Galo Bandor sabiam que, se tivessem a sorte de se cruzar nessa tarde com o capitão Black, deveriam evitá-lo, pois a sua morte era prerrogativa de Galo Bandor. Blackraven deixou vários homens estendidos sobre o convés, enquanto avançava para a torre de comando, onde avistara o filho do seu antigo capitão. “Por ti, Amy. Por ti”, dizia de dentes cerrados, ao mesmo tempo que as suas cutiladas ceifavam mãos, abriam ventres, tiravam olhos e quebravam narizes. Precisou de passar a manga da camisa pelo rosto muitas vezes para limpar o sangue que esguichava das vítimas.

Bandor viu-o da ponte. Blackraven aproximava-se, um lenço preto amarrado à cabeça, a camisa empapada em sangue, um trejeito cruel, e escondeu o medo por trás de um sorriso convencido. Intimidava-o o ar destemido daquele homem.

Estava quase a anoitecer quando Blackraven chegou à ponte, de onde pôde apreciar a contenda que chegava ao fim. A vitória era sua.

— Capitão Black! Hoje é o meu dia de sorte! — exclamou Bandor.

— És tão previsível! — zombou Roger.

— Vou mandar-te para os infernos, maldito cigano inglês! — Para fazer

companhia ao teu pai? Não, obrigado.

Bandor reagiu irado. Soltando um grito feroz, lançou-se sobre o inimigo. Envolveram-se num combate de espadas. Não era a primeira vez, e ambos sabiam que tinham à sua frente um soberbo espadachim. Olhando para as suas expressões, parecia que desfrutavam a luta. Havia paixão nos seus avanços e estocadas, e os sorrisos desprovidos de humor, claramente arrogantes, davam-lhes um aspecto sinistro. Haviam infligido vários cortes um ao outro, nenhum verdadeiramente grave, e o seu sangue misturava-se agora com o das vítimas. Malagrida calculou que estivessem a lutar há mais de vinte minutos e imaginou que deveria doer-lhes o ombro direito devido ao peso da espada, assim como as pernas, pelos saltos e movimentos bruscos a que eram obrigados. Não se tratava de uma luta com estilo e sim de uma questão de vida ou de morte.

A contenda mantinha-se muito equilibrada, não se avizinhava um fim e era difícil determinar quem levava vantagem, até o momento em que Bandor recebeu um corte na face esquerda, junto do olho, que o desorientou. Blackraven aproveitou para lhe colocar a ponta do estoque junto da jugular. Ficaram perplexos, olhando-se intensamente.

— Que foi? — inquiriu Bandor. — Não vais matar-me? — Não — admitiu Blackraven. — Esse direito cabe a outra pessoa, que o fará com muito prazer, depois de te castrar.

— Amy Bodrugan — declarou o pirata espanhol e os seus olhos verdes brilharam.

V

Era 24 de Junho e, apesar de as janelas que davam para a calle de San José estarem fechadas, o ruído dos festejos do dia de São João Baptista chegava ao interior da casa. Melody não lhe prestava atenção. Inclinada sobre o irmão, pensava que ainda não tinham passado três dias desde o começo do Inverno e já Jimmy estava de cama, tão doente. Com efeito, já recebera a extrema-unção.

Três noites antes, Melody deitara-se com uma forte dor de cabeça, sentindo-se deprimida e infeliz ao concluir que, enquanto para ela o amor de Roger era tudo, para Roger ela representava menos do que um episódio agradável. Talvez a ausência e o silêncio prolongado do marido a levassem a tais conclusões. Trinaghanta era de opinião que o seu abatimento se devia à gravidez, pois, segundo a cingalesa, as mulheres grávidas tornam-se muito sensíveis. Miora achava que ninguém poderia sentir-se bem, comendo tão pouco e que talvez a referência a Ana Perichon durante o encontro dessa tarde com Lupe e Pilarita a tivesse desencorajado, pois ficou a imaginar as mulheres bonitas que o marido poderia conhecer no estrangeiro e levar para a cama. Ficou com os olhos cheios de lágrimas e mordeu o lábio inferior. Como gostaria de o amar um pouco menos.

Adormeceu e, como acontecia com grande frequência nos últimos tempos, acordou a meio da noite, excitada, a transpirar, cheia de palpitações devido às cenas vívidas de um encontro entre ela e Blackraven. Aninhou-se, colocando ambas as mãos entre as pernas numa tentativa de acalmar a batida do seu coração e a dor que sentia. “Meu Deus”, suplicou, “faz com que eu o esqueça!” Sansão, o enorme terranova de Blackraven, empurrou a porta e entrou a ganir. Melody soergueu-se alarmada e, enquanto vestia o robe, perguntou-lhe: — Que se passa, Sansão? Que foi, meu lindo? Acendeu uma vela. O animal olhou-a com os seus olhos tristes e voltou a ganir. Já há alguns dias o sentia inquieto. Não comia com a avidez habitual, nem brincava com os garotos, embora passasse todo o dia com eles, mesmo durante as horas das aulas, e isto apesar de Perla e Jaime, os professores, o desaprovarem. Quando Sansão os acompanhava à alameda ou ao Forte para ouvirem o toque militar, não corria nem ladrava e, em vez de passar as noites junto à cama de Melody, como era seu costume desde a partida de Blackraven, optava por ficar aos pés do leito de Jimmy.

Melody aconchegou o robe ao corpo e seguiu o cão até o quarto do irmão. Logo no corredor ouviu-lhe a tosse seca. Mal entrou, foi assaltada por um

estranho pressentimento que a fez ficar paralisada de medo, na certeza de que algo de muito grave estava para acontecer. Não queria avançar, não tinha forças para enfrentar a realidade e desejou que Blackraven estivesse ali ao seu lado. Passou a mão pelo ventre e ficou parada, na ombreira da porta, a respiração entrecortada e o olhar fixo em Jimmy, até que sentiu a umidade do focinho de Sansão nos dedos e o ouviu gemer. Deu alguns passos em frente e, ao aproximar a vela da cabeceira da cama, abafou um soluço. As faces de Jimmy tinham adquirido uma tonalidade avermelhada que contrastava com a palidez em torno da boca e dos olhos. Além disso, tinha a testa encharcada e os lábios ressequidos. Respirava com dificuldade e agitava-se constantemente, tossindo, mexendo a cabeça de um lado para o outro e pontapeando a colcha.

— Sansão, vai acordar Somar e Trinaghanta.

Deu-se conta de que lhe tremiam as mãos ao apoiar a palmatória com a vela sobre a mesa-de-cabeceira. Mergulhou uma toalha na bacia e a água fria eriçou-lhe a pele. Inclinou-se sobre o irmão e passou-lhe o pano pelo rosto e pelo peito.

— Senhora, que se passa? A voz de Somar reconfortou-a e em seguida viu os dedos escuros de Trinaghanta que lhe tiravam o pano das mãos para tomarem conta daquela tarefa. “Não estou só”, pensou mais animada.

— Está a delirar por causa da febre — explicou à beira das lágrimas. — É preciso fazer descer a temperatura, Somar.

— Irei chamar o doutor Argerich. Não me demoro nada.

— Se não o encontrares, recorre ao doutor Fabre.

A partir dessa madrugada, havia já três dias, a casa da calle de San José tornara-se sombria. Os médicos entravam e saíam, não só Argerich e Fabre, que há vários meses assistiam Jimmy, mas também um clínico recém-chegado a Buenos Aires, o doutor Egidio Constanzó, muito elogiado pelo marido de Pilarita, dom Abelardo Montes, barão de Pontevedra, que assegurava que, após muitos anos de sofrimento, o médico o tinha curado da gota.

Constanzó era um homem alto, muito elegante que não passava dos trinta, embora aparentasse ter mais idade devido à sua circunspecção natural que o fazia economizar palavras e acanhar o sorriso. Melody só o via ter uma expressão de simpatia para Jimmy quando o despertava da sua inconsciência.

— Que me contas, rapaz? — perguntava-lhe.

Apesar da sua fria serenidade, Melody encontrava consolo na presença de Constanzó e sentia-se melhor na sua companhia do que na de Argerich e Fabre. Nos olhos do médico brilhava a inteligência e as suas maneiras hieráticas, despojadas de vaidade, revelavam origem superior. Fora Constanzó quem se opusera a que sangrassem Jimmy para fazer baixar a febre, granjeando a antipatia dos seus colegas. Em vez disso, prescreveu-lhe uma bebida à base de

casca de quina que o manteria fresco durante mais de três horas. Mesmo assim, a doença avançava e, devido ao seu coração fraco, Jimmy definhava a olhos vistos.

Lupe e Pilarita, que iam diariamente à casa de San José, ficaram muito surpreendidas na tarde do dia de São João, ao darem com Melody na sala do piano, dado que era praticamente impossível afastá-la de Jimmy. Abandonada sobre uma poltrona, chorava com uma amargura tal que ambas se sentiram profundamente perturbadas. Miora e Trinaghanta estavam de pé, junto dela, a olhar para o chão.

— Morreu? — perguntou Pilarita ao ouvido de Miora.

— Não, senhora, mas o doutor Constanzó disse que não há esperanças. Vão dar-lhe a extrema-unção.

Constanzó e os seus colegas, Argerich e Fabre, estavam de acordo em que se tratava de um caso de pleurisia grave. Por isso, Jimmy tossia sem parar, tivera taquipneia, o semblante de um tom azulado e queixara-se de uma forte dor nas costas. Era imperativo baixarem-lhe a febre: colocavam-lhe tijolos quentes aos pés e vários cobertores, era submetido a vapor com óleos essenciais de cânfora e com muita dificuldade obrigavam-no a beber infusões de mel e esteva.

Devido ao calor do quarto, e ao seu estado, Melody desmaiara duas vezes. Mal dormia, o que prejudicava o seu sistema nervoso, pouco comia, limitando-se a beber o chá ou o caldo de galinha que a própria Siloé lhe metia na boca às colheradas. Não aceitava que ninguém a substituísse junto de Jimmy, pois acreditava que ninguém o trataria de forma tão suave e meticulosa. Quando, por vezes, se sentia enjoada, apenas permitia a Trinaghanta que lhe desse o chá, que o soerguesse durante a aplicação dos vapores ou lhe despisse as peças de roupa encharcadas de suor. O trabalho era extenuante. Mudavam-se os lençóis três vezes ao dia, assim como o roupa do menino, era um vaivém de tijolos quentes e o processo terminava com os vapores seguidos do medicamento ou da infusão. Apesar do seu temperamento suave, Jimmy queixava-se e revoltava-se porque, sempre que o voltavam, sentia com maior intensidade a dor nas costas.

Nessa tarde do dia de São João, Constanzó apercebeu-se de que todos os esforços eram em vão. A pleurisia dera lugar a uma pneumonia. Melody opôs-se terminantemente à sugestão de Fabre de lhe fazer punções para extrair o líquido dos pulmões, e o médico saiu ofendido. Constanzó e Argerich optaram por sedá-lo com um cordial, conscientes de que, em última instância, o que acabaria por matar Jimmy seria o seu coração doente.

— Agora que ele está mais tranquilo — disse Argerich —, gostaríamos de conversar na sala.

Afastaram-na dali para lhe sugerirem que chamasse um sacerdote, visto que a

condição do menino era irreversível.

— Não! — gritou Melody, descontrolada. — Não é verdade! O Jimmy não vai morrer, não vai me deixar! Ele, não, o meu Jimmy adorado,não! Estão enganados! Deus não me faria uma coisa dessas. Não me tiraria o Jimmy também.

Lançou-se sobre a poltrona a chorar e foi assim que as amigas Lupe e Pilarita a encontraram. Conseguiram com muita dificuldade tranquilizá-la e convencê-la a aceitar que o garoto recebesse o sacramento dos moribundos. Acompanharam-na de volta ao quarto de Jimmy, onde rezaram em conjunto os mistérios dolorosos.

— É evidente que os teus compatriotas se preparam para invadir o Rio da Prata — referiu Malagrida a Blackraven, enquanto ambos observavam com os seus óculos a esquadra onde a Union Jack ondulava no alto da bandeira de cada embarcação.

— Reconheces a insígnia? — Do comodoro Popham — disse Blackraven, e Malagrida adivinhou o desagrado no seu tom de voz.

— Não pareces surpreso.

— Não estou.

— No dia de São João Baptista — declarou o jesuíta —, que ele proteja os habitantes de Buenos Aires.

Depois da vitória sobre a Butanna, cinco dias antes, Blackraven tinha pensado que uma boa estrela o acompanhava. A fragata de Galo Bandor tinha os porões cheios de tesouros (couros, especiarias, sal e marfim) e, embora tivesse sofrido estragos, estes mal conseguiam diminuir a sua beleza. Decidiram rebocá-la até o Rio da Prata, usando as bombas de escoamento que eliminavam constantemente a água. Aquela fora uma magnífica aquisição para a frota de Blackraven. Daria o nome de Isaura e, em Gênova, contrataria um bom escultor para que talhasse uma figura de proa com os traços de sua mulher.

Apesar de haver feridos entre os homens do Sonzogno, von Hohenstaufen, o médico de bordo, garantiu a Blackraven, enquanto lhe lançava pó de enxofre sobre um corte na perna e outro no antebraço direito, que não haveria vítimas mortais. Quanto à tripulação da Butanna, além do comandante, tinham sobrevivido cinco piratas que, com grilhetas nos tornozelos, lhe faziam companhia no paiol dos cabos menores, um local pequeno que exacerbava o caráter atrabiliário que Galo herdara do pai.

A presença da esquadra de Popham no Rio da Prata era um revés na boa sorte de Blackraven que, naquele momento, não pensava na Liga Secreta do Sul — a intromissão dos seus compatriotas era totalmente contra os seus interesses — e sim em Isaura, exposta à ameaça dos canhões. E, apesar de o tranquilizar um

pouco o fato de saber que o marquês de Sobremonte não oporia resistência, sentia que era imperioso chegar antes de a invasão começar.

Para não serem incomodados pelos barcos ingleses, decidiu mandar içar a insígnia portuguesa e dar ordem para que o Sonzogno se afastasse para sul, para além da enseada de Barragán, a fim de ancorar numa pequena baía muito apreciada pelos contrabandistas e flibusteiros, tanto pelo abrigo natural que oferecia, quanto pelas suas águas profundas, desprovidas de bancos de areia. Chamavam-lhe El Cangrejal pela quantidade de caranguejos que se desenvolviam nos seus pântanos.

Apesar das vantagens dessa zona do Rio da Prata, mandou lançar a sonda para verificar a profundidade do rio. Não se podia arriscar a encalhar. Terminadas as manobras e lançada a âncora, Blackraven ordenou a Milton que aparelhasse Black Jack, o seu cavalo negro. Disse a Malagrida: — É imprescindível que chegue ainda esta noite a Buenos Aires. Aí avaliarei a situação e, muito em breve, enviarei indicações. Que Shackle leve Estevanico, amanhã de manhã, para a casa de San José. Atenção a Galo Bandor. Não acredite nos seus sorrisos, é matreiro e astuto como o demônio.

— É uma loucura lançares-te a galope por estes terrenos pantanosos.

Está quase a anoitecer e o tempo ameaça chuva.

— Conheço bem a região — assegurou, ao mesmo tempo que vestia um capote de oleado.

— Vai com cuidado e leva uma lanterna — indicou Malagrida. — E que o Senhor te acompanhe.

Levantara-se um vento sul que trazia consigo o cheiro da chuva. Tomás Maguire aconchegou as lapelas do seu casacão de lã e apressou o passo pelas ruas escuras que levavam à casa de Isaura. Uma ansiedade difícil de controlar quase o obrigava a correr. Ia visitar Jimmy, doente hávários dias, e depois disso, cumpriria a vontade do seu pai, fazendo frente aos ingleses. Alistar-se-ia nas tropas aquarteladas no Forte sob outro nome. Preferia morrer a ver aqueles patifes apoderarem-se da sua terra.

A confusão era geral e dos mentideros surgiam as hipóteses mais incríveis: que mais de trezentos canhões se preparavam para arrasar a cidade; que os invasores já tinham desembarcado na enseada de Barragán; que iriam violar as mulheres e matar as crianças; que o próprio vice-rei se dirigira para o teatro de la Rancheria para assistir a El Si de Las Niñas porque festejava o aniversário do seu futuro genro e o compromisso com a sua filha, Marica; que as tropas aquarteladas não dispunham de armas nem munições e que alguns soldados choravam, ao passo que outros desertavam.

Preocupado, Tommy sobressaltou-se com as badaladas do santo

Viático. “Alguém está para morrer”, pensou ao mesmo tempo que se ajoelhava no passeio e tirava o chapéu, esperando que passasse o carro do sacerdote e do seu ajudante que iam ou vinham de ministrar a extrema-unção. Disparou a correr no último quarteirão que o separava da casa de San José, assaltado por um mau pressentimento. Felizmente não encontrou Servando antes de chegar ao quarto de Jimmy. Melody dormitava sobre uma cadeira com um rosário na mão. Sansão aos seus pés, Somar, ao seu lado. Trinaghanta colocava um pano úmido sobre a testa de Jimmy, enquanto Miora rezava junto da cama.

— Vi passar o santo Viático — sussurrou.

— Era o padre Mauro — confirmou Somar. — Saiu agora mesmo daqui.

— Oh, não — lamentou-se Tommy, com a mão na testa.

Melody acordou sobressaltada e uma forte dor de cabeça obrigou-a a franzir a testa e a cerrar os olhos. Lançou-se nos braços de Tommy, mal o viu.

— Oh, Tommy! — conseguiu dizer, antes que o choro a impedisse de falar.

Controlou-se logo a seguir, explicando-lhe os pormenores da doença e, apesar de lhe tremerem as mãos e de ter a voz embargada, fê-lo com tal meticulosidade, abrindo muito os olhos, justificando-se e procurando ser justificada, que Tommy e todos os outros se aperceberam de queestava a beira de um colapso nervoso. Pediram-lhe que não continuasse e obrigaram-na a sentar-se. Trinaghanta voltou com uma infusão de erva-cidreira e camomila que lhe deu a beber às colheradas.

Mais senhora de si, Melody disse: — Tommy, sei que é perigoso, mas quero que fiques aqui, ao meu lado, até que tudo isto tenha passado.

Sabiam a dor que ela sentira ao expressar daquele modo a aceitação do iminente desenlace. Tommy, ajoelhado junto dela, pegou-lhe nas mãos e beijou-as.

— Não posso, Melody. Tenho de ir.

— Aqui poderemos esconder-te. Não é verdade, Somar? — Claro que sim, senhora.

— Durante alguns dias — suplicou Melody.

— Não é que eu não queira ficar aqui contigo. Existe outro motivo.Os ingleses estão prestes a invadir Buenos Aires, os seus barcos já estão frente às nossas costas. Decidi unir-me à tropa para os combater.

— Não! — Melody pôs-se bruscamente de pé e Maguire cambaleou. — Insensato! Sabes por acaso o que estás a dizer? Insensato! — repetiu tomada de fúria. — Como julgas poder unir-te às tropas? Não és um fugitivo? Nunca permitirei que arrisques a vida. Não o permitirei! — Mudarei de nome.

— Tens os teus sinais, Tomás! — Melody, por favor.

Como Jimmy se mexeu na cama, a discussão continuou no escritório. Melody

agarrou o irmão pelos ombros.

— Ouve bem, Tomás Maguire, vais esconder-te aqui até passar o perigo da invasão. Não te exporás na luta contra os ingleses. Eles são poderosos, Tommy, vê se entendes! — Não sou um covarde! — Não, não és covarde. És insensato! — O nosso pai estaria de acordo comigo.

— Não permitirei que leves adiante tais idiotices.

— Não sei o que pensas fazer para me impedir. Irei, digas tu o que disseres.

Melody esbofeteou-o e logo a seguir desatou a chorar.

— Tommy, estou tão farta de ti e da tua falta de juízo. Será que não compreendes que o nosso irmão está a morrer? Nem isso te comove? Achas que vou suportar perder-te também a ti? — Se não dermos luta aos ingleses, dentro de poucos dias, estaremos todos mortos.

— Se saíres desta casa, deixarei de te considerar meu irmão.

Olharam-se. Melody com os olhos cheios de lágrimas e o queixo a tremer. Tommy com uma expressão de profunda tristeza.

— Tenho de o fazer — disse, saindo.

VI

Não tinha forças para se preocupar com Tommy. Bastava-lhe a agonia de Jimmy. “Não consigo lutar em tantas frentes”, pensou. “Roger seria capaz, mas eu não.” Arrastando os pés, as costas dobradas, voltou ao quarto, onde lhe pareceu sentir o cheiro da morte. Identificaria para sempre aquele aroma tão peculiar, misto de cânfora, velas, vinho cordial e esteva. Não que fosse um cheiro desagradável, mas impregnava-lhe as fossas nasais e, de vez em quando, provocava-lhe náuseas.

— Foi-se embora, Somar — foi tudo o que disse, sentando-se na cadeira à cabeceira da cama.

Após um profundo suspiro, retomou as orações murmuradas que, de vez em quando, se apagavam, como a respiração de Jimmy. Depois, um ruído áspero e estridente recrudescia, quase de imediato, devido ao líquido dos pulmões, tornando-se mais suave e lento, quase imperceptível. Então, Melody precipitava-se sobre ele, chamava-o pelo nome próprio, soerguia-o, abanava-o, obrigava-o a respirar, até que os estertores voltavam e ela ajeitava-o novamente sobre a almofada. Ficava parada a olhá-lo, o rosto muito próximo do seu, adaptando as suas inspirações e expirações às do irmão, acompanhando-o naquele difícil exercício, desejando insuflar-lhe a vida. “Vive, vive por mim!”, murmurava-lhe ao ouvido.

A escrava Gilberta entrou no quarto e disse baixinho que no portão das traseiras se reunira um grupo de escravos, mais de cem, que rezava pelas melhoras de Jimmy. Tinham trazido as imagens dos santos das suas confrarias e várias velas votivas ardiam à sua volta. Melody limitou-se a assentir e continuou a desfiar o rosário.

Blackraven deparou com os negros, os santos e as velas nas traseiras da sua casa. Aquela reunião pouco usual — calculou que deveriam ser três da madrugada — encheu-o de angústia. Saltou de Black Jack e abriu caminho por entre os escravos, perguntando o que se passava, porque rezavam, que faziam na sua casa. As orações pararam e o grupo afastou-se um pouco, deixando-o só.

— Que se passa aqui, Justicia? — interrogou, entre o irado e o aliviado ao avistar o curandeiro.

— Patrão Roger — disse o velho, em jeito de saudação. — Agradeço aos céus a presença de Sua Mercê. Foi o Senhor que o guiou nesta noite de amargura.

Com o desespero refletido no rosto, Blackraven levou o punho à boca e afogou um soluço, ao mesmo tempo que sentia que desfalecia.

— Isaura — disse, quase sem fôlego, cambaleando um pouco. — Não,Meu Deus.

— Não, patrão Roger! — apressou-se Papá Justicia a esclarecer. — Miss Melody está bem. É o seu irmão Jimmy. Ele… ele está morrendo, patrão Roger.

Foi uma confusão na cozinha quando Gilberta, o seu marido Ovidio e Siloé o viram entrar. Não o conheceram à primeira vista. Assustaram-se e gritaram perante o seu aspecto de salteador. Siloé controlou-se logo a seguir e, entre lágrimas, explicou-lhe tudo o que se passava, enquanto Blackraven despia o capote de oleado e se lavava num alguidar.

— Deseja comer alguma coisa, patrão Roger? — perguntou a cozinheira.

— Talvez mais tarde — disse, dirigindo-se rapidamente para a ala dos quartos.

Sansão já o conhecera pelo cheiro. Blackraven conhecia aqueles latidos e o galope das patas sobre as tábuas do chão, enquanto o animal vinha ao seu encontro. Viu-o aparecer no primeiro pátio e um sorriso suavizou-lhe as feições endurecidas pelo cansaço e pela preocupação. O terranova latia e gania, saltava e rolava no chão, enquanto o dono o acariciava e abraçava.

— Tomaste bem conta da minha menina? — perguntou-lhe, enquanto lhe coçava a barriga. — Sim? A sério, amigo? — Não se afastou dela um único instante — interveio Somar, avançando para Blackraven. Abraçaram-se e deram fortes palmadas nas costas um do outro. — Eu e Trinaghanta suspeitávamos de que estavas por perto, pois desde há uma hora que o Sansão não para quieto, como é seu costume quando estás para chegar. Nunca me alegrou tanto ver-te — confessou o turco. — Não poderias ter escolhido melhor altura para voltar. Pior, porque o Jimmy agoniza. Melhor, porque a minha senhora está quase a desistir e precisa de ti.

— Vamos, quero vê-la.

“Preciso de a ver.” — Isaura — chamou da porta com uma voz estranha, mais grave doque o habitual.

Melody reconheceu-a mesmo assim. De um salto, pôs-se de pé, mas demorou a voltar-se. E se não passasse da sua imaginação? E se, ao voltar-se, visse que ele não estava ali? Apoiou a mão nas costas da cadeira, para evitar uma queda.

— Isaura, meu amor.

Voltou apenas a cabeça. “Oh, Meu Deus, é ele? Está diferente. Ou será uma ilusão? Meu Deus, não sejas cruel.” Blackraven entendia-a bem: partilhavam ambos o mesmo sentimento devastador.

Melody contornou a cadeira e olhou-o nos olhos. Quis dizer-lhe de uma vez só que a perdoasse, que sabia que ele não tinha atraiçoado Tommy, que Jimmy estava muito mal e que ela morria de medo, que não permitira que lhe fizessem punções e que se calhar ele ia morrer por causa disso, que já não aguentava mais

vê-lo sofrer. Mas as palavras não lhe saíram da boca e apenas conseguiu murmurar o nome dele.

Miora, que a observava a um canto, contaria mais tarde que o amo se lançara sobre Miss Melody, estreitando-a com tal ímpeto que lhe cortou a respiração, provocando-lhe um desfalecimento. Na verdade, quando Blackraven a conseguiu tomar nos braços já Melody perdera os sentidos. Levou-a ao colo para o seu quarto, seguido de Somar e Trinaghanta.

— Há dias que não come nem dorme — informou o turco. — É impossível afastá-la do menino Jimmy. Desmaiou de cansaço. E já não é a primeira vez.

— Patrão Roger — balbuciou a cingalesa —, a senhora… A senhora está à espera de bebê.

— Raios! — praguejou Blackraven, mais assustado do que aborrecido.

— Porque não me disseste nada? — enfureceu-se Somar.

— A senhora obrigou-me a jurar que não te diria. Ela tinha medo deque escrevesses ao patrão Roger e que ele voltasse por essa razão.

— Maldito orgulho irlandês! — vociferou Blackraven.

— Deverias ter-me dito, Trinaghanta! — Fiz um juramento! — Basta. Calem-se os dois.

Acomodou-a sobre o colchão e afastou-lhe os caracóis da testa. A sua palidez era assustadora, assim como a frieza dos seus lábios. Descalçou-lhe os botins e abriu os primeiros colchetes do corpete, enquanto Trinaghanta a cobria com um cobertor felpudo. Somar saíra para ir buscar o médico e a cingalesa não tardou a segui-lo para cumprir outras ordens de Blackraven, como trazer sais e preparar um banho.

— Eu trato disto — disse Roger, desenroscando a tampa do frasquinho e passando-o sob as narinas de Melody. — Encarrega-te da água quente. Isaura está gelada.

A princípio, como quando voltou a si estava na cama, Melody julgou que tudo não passara de um sonho. Mas, logo a seguir, ao virar a cabeça e ver Blackraven de novo, ajoelhado à cabeceira, levantou a mão para lhe tocar, para se certificar de que era mesmo real. Passou-lhe os dedos pelas faces ásperas e pelos lábios e ele, de olhos fechados, beijou-lhe a ponta dos dedos.

Melody começou a chorar, como uma criança, sem inibições, dando vazão à angústia e ao medo que guardava dentro de si há dias. Blackraven tomou-a nos braços e aconchegou-a com o seu corpo e as suas palavras, pedindo-lhe que se acalmasse, que já ali estava para tratar de tudo, que nada de mau iria acontecer, que daria a sua própria vida para a ver feliz, que a amava.

— Oh Roger, perdoa-me! — suplicou Melody, agarrada ao seu pescoço. E ele, que nos últimos meses se debatera entre o ressentimento e o amor, pensou que

nada justificava a angústia da sua doce Isaura. Nesse momento, não teve a menor dúvida de que a amava de um modo demente, obsessivo, que a amaria sempre, até o fim dos seus dias, porque acabava de compreender que era capaz de lhe perdoar qualquer coisa, a mais vil, a mais baixa.

— Perdoa-me — insistia Melody. E ele, emocionado, nem sequer conseguia articular uma palavra.

— Basta, Isaura, não me peças perdão.

— Preciso de te ouvir dizer que me perdoas. Fui dura contigo. Acu-sei-te injustamente. Desconfiei de ti. Como estou envergonhada! — Escondeu o rosto no peito de Blackraven, agarrando-se a ele com o ímpeto de quem teme o precipício. — Diz que me perdoas! — Perdoo-te —acedeu ele, os lábios pousados sobre a sua cabeça e a voz entrecortada. — Haveria alguma coisa que eu não te perdoasse, meu amor? Ficou tranquila nos braços do marido e ao fim de algum tempo apercebeu-se de que Blackraven lhe acariciava o ventre. Compreendeu que Trinaghanta lhe dissera que ela esperava um filho e não a censurou; a primeira fidelidade da cingalesa era para com o seu amo Roger. Passou-lhe os dedos pelo cabelo e Blackraven voltou-se para a olhar. Pareceu-lhe ver lágrimas nos seus olhos.

— Porque não disseste nada a Somar? Ele ter-me-ia escrito logo.

— Não queria que voltasses só por causa do bebê. Queria que o fizesses por mim. Que o nosso amor te trouxesse de volta.

— Aqui estou, por ti. Foi o teu amor que me trouxe. — Contemplou-a em silêncio, admirando-lhe os olhos azul-turquesa que o tinham atormentado durante todo aquele tempo de separação. — Meu Deus, não sabes a falta que me fizeste! Cheguei a pensar que ia ficar louco de saudades.

— E eu julguei enlouquecer na tarde em que fui a El Retiro e dom Bustillo me disse que te tinhas feito ao mar. Julguei que ia morrer de desgosto— e, como a voz lhe tremeu, Blackraven pediu-lhe para que esquecesse e prometeu que não voltariam a separar-se, que ele não a deixaria mais, que a levaria sempre consigo, que aquele tempo longe dela tinha sido um verdadeiro inferno.

Inclinou a cabeça para acariciar com os lábios a boca de Melody, que soltou um gemido, passando-lhe os braços em volta do pescoço, abrindo-se a ele, convidando-o a aprofundar aquele beijo, o primeiro em muito tempo, talvez não tanto assim, pouco mais de dois meses, mas que a ambos tinha parecido séculos. Desejava-a com uma paixão incontrolável e começava a sucumbir quando bateram à porta, anunciando a chegada do doutor Constanzó, que pôs assim termo àquele interlúdio, devolvendo Melody à sua tragédia.

Na manhã de quarta-feira, 25 de Junho, enquanto Jimmy ainda se agarrava à vida, a casa de San José estremeceu ao som dos tambores de chamada das tropas,

seguido de três tiros de canhão, sinal que anunciava um ataque iminente. Tomás Maguire misturou-se com os habitantes da cidade que se reuniram debaixo das arcadas do Forte para se juntarem à milícia e, numa revista sem ordem nem acerto, em que era visível a ignorância e a indisciplina, juntou-se a uma companhia do batalhão de infantaria sob o nome de Pablo Castañeda y Cazón, e às ordens do capitão Manuel Belgrano. Entregaram-lhe um uniforme descolorido e armaram-no com uma espingarda ferrugenta. Só mais tarde se apercebeu de que lhe tinham entregado munições para carabina.

Dentro e fora da fortaleza, a multidão aclamava Espanha e o rei, o que levou Sobremonte a proferir um discurso, de uma das varandas, que lhe valeu vivas e ovações. Dentro do Forte, o ânimo dos oficiais e funcionários refletia a verdadeira situação: os ingleses preparavam-se para desembarcar em Reducción de los Quilmes, nove milhas a sul da cidade, e pouco importava a quantidade de soldados, bastar-lhes-ia a habilidade e disciplina para tomarem a praça. Embora ninguém tivesse a coragem de o dizer em voz alta, era o que todos pensavam, incluindo o vice-rei.

Melody sentiu um leve tremor a cada tiro de canhão e um pensamento fugaz levou-a a fazer uma oração a Deus pelo irmão Tomás, ao mesmo tempo que tratava de Jimmy. Tinha dormido algumas horas nos braços do marido depois de este lhe ter assegurado que ele também não teria dado autorização para fazerem punções a Jimmy. Tê-lo ali, ao seu lado, devolvera-lhe toda a confiança. Ele entrava e saía, ouvia-o falar com os servos, fechar-se no escritório com Somar, encontrar-se com dom Diogo Coutinho e com outros empregados da fábrica de curtume, e Melody sentia que a sua imensa força a envolvia e a mantinha de pé.

O rosto febril de Jimmy iluminou-se pela primeira vez em quatro dias ao vislumbrar Blackraven junto da sua irmã.

— Capitão Black — murmurou.

— Somar tem contado as aventuras de um certo capitão Black — explicou Melody.

Blackraven passou a ponta dos dedos pelo rosto do menino e Melody, comovida, aproximou-se da janela para que não a vissem chorar.

— Gostarias de navegar num dos meus barcos, Jimmy? — O garoto limitou-se a assentir. — Então, mal abandones esta maldita cama, iremos, verás como é divertido.

— Víctor… Angelita — balbuciou.

— Eles também virão, se tu quiseres.

Às primeiras horas da tarde dessa quarta feira, 25 de Junho, enquanto os ingleses desembarcavam em Reducción de los Quilmes, e o coronel Arce, com poucos homens do Esquadrão de Blandengues e da cavalaria da fronteira, se

limitava a contemplá-los do barranco, Jimmy caía numa inconsciência, da qual, na opinião dos médicos, já não sairia. Ao ouvir tais palavras, Melody começou a tremer convulsivamente. Os braços de Blackraven rodearam-na como fortes argolas de ferro, tentando absorver o seu medo e dor.

— Saiam todos — ordenou sobre o ombro até o quarto ficar deserto.

Arrastou Melody para uma cadeira e sentou-a sobre as suas pernas. Ficou angustiado ao ver que o seu ventre endurecia, mas nada disse. Embalou-a como se ela fosse um bebê, ao mesmo tempo que lhe jurava que a amava mais do que à própria vida, que aquele pesadelo iria terminar muito em breve e que ela voltaria a sorrir.

Na manhã do dia 26, tal como os médicos tinham pressagiado, Jimmy continuava inconsciente, coberto de escapulários e pagelas de santos. As mulheres, reunidas à volta da cama, rezavam sem parar com excepção de Melody que, ajoelhada, segurava na mão do irmão, olhando-o fixamente. Como era impossível arrancá-la dali, Blackraven colocou-lhe um almofadão debaixo dos joelhos e sentou-se atrás dela.

Por volta do meio-dia, a respiração de Jimmy alterou-se. Na verdade, não respirava, dobrava as costas e inspirava com ruído, como se estivesse a sufocar. Melody dava-lhe palmadas no peito e gritava: “Respira, Jimmy! Respira! Fá-lo por mim. Não me deixes, por favor!”, até que o menino relaxava e voltava às suas árduas exalações. A cena repetiu-se ao longo da tarde e, perante o desespero de Melody, que agitava Jimmy, incitando-o a viver, Blackraven mordia o punho e fazia um tremendo esforço para se controlar. Quase ao anoitecer, esgotado e com os nervos em franja, agarrou-a pela cintura e afastou-a do menino.

— Somar, segura-a um pouco.

Inclinado sobre a cabeceira da cama, pousou as mãos sobre os ombros de Jimmy até diminuírem as inspirações convulsivas. De joelhos, enquanto passava a mão pela testa do garoto, disse ao ouvido: — Vá, meu anjo, deixa de lutar. Abandona este corpo doente e vaiem paz ter com os teus pais. Eu tomarei conta da tua irmã. Sabes que a amo mais do que à minha vida e que a protegerei sempre. Vai tranquilo, a tua Melody fica bem entregue.

Jimmy mergulhou numa tranquila inconsciência e morreu duas horas mais tarde. Ao saber por Argerich do falecimento, Melody soltou um grito e lançou-se sobre o corpo do menino.

Todas as pessoas que compunham o cortejo que transportava o caixão de Jimmy para o cemitério dos franciscanos naquela manhã chuvosa de 28 de Junho levantaram os olhos no momento em que se erguia a Union Jack no Forte de Buenos Aires, vitória celebrada com salva de artilharia e um tiro de canhão disparado dos navios ingleses ancorados frente à cidade. A cada novo tiro de

canhão, Blackraven sentia o corpo de Melody estremecer, Melody que nunca levantava os olhos do chão. Ia de negro, uma mão enluvada segurava a mantilha de lã debaixo do queixo e a outra um lenço que, de vez em quando, levava aos olhos. Lá atrás, ao fundo do cortejo, também oculta por uma mantilha, Enda Feelham experimentava alguma felicidade ao fim de vários meses e pensava que, apesar de velha e um pouco debilitada, os seus trabalhos continuavam a surtir efeito.

Devido à chuva, o padre Mauro fez um elogio fúnebre breve, antes de os escravos da ordem descerem o caixão, com cordas. Uma dor forte atravessou a garganta de Blackraven ao ver o braço de Melody estendido na direção do ataúde. “Jimmy, Jimmy”, ouviu-a sussurrar. Teve a impressão de que se não a segurasse, ela se lançaria na cova.

De regresso à casa de San José, os convidados reuniram-se na sala do piano e na sala de jantar, onde as escravas lhes serviram chocolate quente, mate de leite com canela, café e conhaque. Blackraven enlaçou Melody pela cintura e obrigou-a a ir para dentro. Quando ficaram longe da vista de todos, passou-lhe um braço pela curva das pernas e levou-a ao colo até o quarto, onde Trinaghanta a aguardava com a cama aberta e a braseira acesa. Melody recusou-se a beber o caldo de galinha e sorveu algumas colheradas da infusão de valeriana.

— Quero ver Lupe e Pilarita — pediu, e Blackraven aproveitou que elas lhe fariam companhia para se ocupar das outras pessoas.

Os portenhos não falavam de mais nada a não ser das invasões, e censuravam particularmente a decisão de Sobremonte, que mandara carregar algumas carroças com os tesouros do vice-reinado e que fugira para Córdova com a família. covarde era o insulto mais suave que lhe era atribuído. Segundo o relato de Mariano Moreno, perante o avanço do exército inglês sobre Riachuelo, o marquês de Sobremonte convocou o seu padrinho político, o brigadeiro José Ignacio de la Quintana, para lhe comunicar a sua intenção.

— Com efeito, tenciono partir imediatamente. A cidade fica nas vos-sas mãos — disse a de la Quintana. — Disponde dos termos de capitulação e que seja enviado um correio extraordinário a Córdova anunciando a minha chegada. Constituirei essa cidade como capital interina do vice-reinado. Ali, poderei rearmar-me e voltarei para reconquistar a praça que hoje deixo nas suas mãos, brigadeiro.

Blackraven soube também por Moreno de outros pormenores da invasão, como a reação do povo que, face à ameaça inglesa, se reuniu no Forte para se alistar. Soube também que cegaram os poços, turvaram as águas dos regatos, enchendo-as de imundícies, queimaram pontes, dispersaram o gado e tomaram várias outras medidas que tinham como finalidade dificultar a marcha do

invasor. Tudo em vão, pois os ingleses, com excepção de alguns tiros por parte das tropas do vice-rei e da chuva que lhes entorpeceu a marcha, apoderaram-se de Buenos Aires sem a mais pequena dificuldade.

Covarrubias aproximou-se para lhe dar os sentimentos e Blackraven aproveitou para fazer algumas perguntas relacionadas com os seus negócios. O advogado falou-lhe de uma questão como se ele estivesse a par.

— Que me está a dizer? — Ah, então o senhor Somar não disse nada a Sua Mercê? — Dizer-me o quê? — impacientou-se Blackraven.

— Bem, Excelência, que… Bem, que…— Diga de uma vez, homem.

— É que, no mês passado, a senhora condessa foi presa e levada para o Cabildo, acusada de roubar uns escravos da Real Companhia das Filipinas.

À medida que revelava os pormenores, Covarrubias verificava a mudança que ocorrera nas feições de Blackraven, e opinando que, segundo ele, fora tudo ideia de Álzaga, ouviu-o praguejar em inglês. A atenção dos dois foi distraída por Pilarita e Lupe que se aproximaram para dizer que Melody tinha adormecido.

— Obrigado por lhe terem feito companhia.

— De nada, Excelência — respondeu Pilar Montes.

— Infelizmente — disse Lupe —, não poderemos vê-la durante vários meses. — Perante o olhar inquisidor de Blackraven, a jovem esclareceu:— O luto proíbe as visitas e as saídas, a não ser para ir à igreja, claro.

— Com certeza arranjaremos maneira de poderem ver Isaura. Ela precisará de vós. Ficou devastada com a morte do irmão.

Lupe e Pilarita trocaram entre si sorrisos velados e assentiram.

— Excelência — disse Pilar, aproximando-se do marido —, permita que lhe apresente o meu marido, Abelardo Montes, barão de Pontevedra.

Cumprimentaram-se com um baixar de cabeça. Blackraven simpatizou logo com Montes, com aquele acentuado sotaque de Toledo e um discurso desprovido de afectação que dava a imagem de um homem prático, mais aventureiro do que nobre, com coragem para falar diretamente daquilo que ninguém se teria atrevido a mencionar naquela sala: que a tomada de Buenos Aires por parte dos ingleses o beneficiava. Blackraven sorriu.

— Não sou a favor das ocupações militares — disse. — Nenhum exército pode ser eficaz se estiver dividido por todas as costas do mundo. Trata-se de um método antieconômico que acabará por se tornar obsoleto.

— Enquanto isso não acontece — atalhou Montes —, espero poder fazer bons negócios com os seus compatriotas, Excelência.

— Que assim seja — apoiou Blackraven.

Continuou a conversar, atento ao doutor Constanzó, que o observava de modo insistente. Mantinha-se afastado, acompanhado de uma mulher muito jovem,

baixa e de rosto agradável. Mais tarde, quando a sala começou finalmente a ficar vazia, Blackraven chamou Somar ao seu escritório.

— Quem era a mulher que acompanhava o doutor Constanzó? — A irmã, segundo creio.

— Que sabes dele? — Foi recomendado por dona Pilar Montes, e Miss Melody parecia confiar nele e sentir-se bem na sua presença.

— Sim, sim — disse Blackraven, incomodado —, já sei que Isaura o aprecia. Agora quero que me digas o que sabes a seu respeito. Nunca o tinha visto nem ouvido falar dele.

— Chegou ao Rio da Prata há dois meses para ocupar um cargo no Protomedicato. Sei que é solteiro, natural de Madrid e que vive com a irmã numa quinta nos arredores, perto de La Convalecencia. — Somar referia-se ao Hospital dos Homens, dirigido pelos padres betlemitas, ou“Barbones”.

— Amanhã está marcado um encontro com O’Maley e Zorrilla. Vou pedir que o investiguem.

— Alguma suspeita?

— Desde a minha chegada, ainda não tivemos oportunidade de conversar os dois e é importante que saibas de que tomei conhecimento de várias questões através de Adriano, durante a minha estadia no Rio de Janeiro.

— Távora no Rio de Janeiro? — Sim. Contar-te-ei tudo amanhã. Quando tencionavas cantar que Isaura estava presa no Cabildo? —disse sem pausa, como era seu costume. — Ou não pensavas fazê-lo?

— Miss Melody pediu que não te dissesse nada, não queria preocupar-te.

— Somar! Depois de tantos anos, será preciso recordar que a tua fidelidade é comigo? Principalmente quando se trata dela?

— Ia dizer, Roger. Palavra — enfatizou, incomodado —, depois de tudo isto do Jimmy estar resolvido.

Somar contou-lhe o mesmo que Covarrubias lhe confidenciara e acrescentou que os homens de Álzaga tinham entrado na casa de San José durante o velório, esperando encontrar lá Tomás Maguire.

— Terei de ir amanhã mesmo agradecer a Moreno — declarou Blackraven. — Quanto a Álzaga, vai arrepender-se amargamente de se ter metido com a minha mulher. Que sabes do vadio do meu cunhado?

— Continua tão vadio como sempre — respondeu Somar, pondo-o apar dos movimentos de Tommy.

— Rapaz tramado! — enfureceu-se Blackraven. — Quando o apanhar,dou-lhe uma tareia que nunca mais na vida esquecerá e, depois de lhe soldarem os ossos, ponho-o a trabalhar.

Bebeu o seu brandy, enquanto se punha a par tranquilamente das várias

questões, estabelecendo prioridades.

— Já se soube quem foi o traidor na conspiração dos escravos? Vi o Justicia na noite em que cheguei, mas não tive oportunidade de falar com ele.

— Justicia suspeita de que tenha sido Sabas, o filho da negra Cunegunda. Era amigo de Tomás e de Pablo. Por isso, pode ter sabido do plano para atacar os negreiros. Segundo Justicia, terá vendido a informação por dinheiro a Álzaga.

— Vou dar cabo dele.

— Não será necessário — interveio Somar. — Foi encontrado morto há algumas semanas. O doutor O'Gorman, que analisou o cadáver, foi da opinião de que sofreu uma morte horrível. Mutilaram a genitália dele.

Blackraven evitou olhar o amigo nos olhos. Também com Somar haviam feito o mesmo quando era ainda criança.

— Isaura sabe?

— Sim. De qualquer modo, Miss Melody já sabia que não tinhas sido tu o traidor.

— Como o soube?

— Não soube propriamente. Na verdade, intuiu. Sabes, Roger, sofreu muito durante a tua ausência e sentiu demais a tua falta. Acho que atormentada pela culpa de te ter acusado.

Perante tal declaração, Blackraven voltou-lhe as costas e manteve-se em silêncio durante um bom tempo.

— E sobre a tia de Isaura, Enda Feelham? Sabes alguma coisa dela?

— Nada — admitiu o turco. — O'Maley diz que ela foi embora.

Blackraven fez um sinal negativo com a cabeça.

— Talvez tenha ido — acedeu —, mas voltará para recuperar o que acha que lhe é devido.

Fechou à chave o armário e as gavetas da mesa e bebeu o último gole de brandy. Preparava-se para sair quando reparou na ansiedade que perpassava o olhar de Somar.

— O que há? Diz.

— Trata-se de dona Bela. Fugiu do convento, juntamente com a escrava Cunegunda.

Blackraven fechou os olhos e suspirou.

VII

Depois do funeral de Jimmy, ninguém mais viu Melody chorar. A sua rotina era simples: assistia à missa das seis — a dos escravos e das pessoas de luto — na igreja de São Francisco, visitava o túmulo do irmão e voltava para a casa de San José, onde passava o dia entre a sua sala particular e a cama. Tinha começado a escrever um diário que guardava à chave na secretária, atitude que Blackraven muito lamentava. Permitia que as crianças a visitassem à tarde e Víctor levava consigo Goti, a cabrinha de Jimmy, pela qual Melody sentia um particular carinho. Afeiçoara-se também ao novo escravo, Estevanico, e permitia que este a acompanhasse à missa e lhe transportasse a almofada para se sentar sobre os ladrilhos junto do altar. Ao contrário dos outros pretinhos que permaneciam de pé atrás das suas donas, Estevanico, seguindo as indicações de Melody, sentava-se ao seu lado.

Enquanto Melody adoptava uma atitude de recolhimento que a alheava de tudo à sua volta, o pequeno escravo reparava nos olhares hostis que lhes lançavam. Observava-a de soslaio, tão pálida e etérea, os olhos brilhantes de lágrimas e os lábios trêmulos, e desejava protegê-la. A beleza de Miss Melody surpreendia-o e não se cansava de admirar aquele cabelo de uma cor tão peculiar e aquela pele tão branca que em alguns pontos quase parecia transparente — podia ver-lhe as veias. — Por vezes dava com o patrão Roger a contemplá-la fixamente.

Na verdade, o patrão Roger e Miss Melody não passavam muito tempo juntos, e ele só os vira aos dois no mesmo quarto uma ou duas vezes. Era Sansão, aquele cão gigantesco que o assustava, que a acompanhava sempre, até mesmo à missa, e que ficava à espera no átrio, onde caçava pombos. Segundo a negra Siloé, antes da morte do menino Jimmy, à hora da sesta, Miss Melody ocupava-se das necessidades dos escravos, que a esperavam nas traseiras da casa e lhe chamavam o Anjo Negro. Agora, embora os escravos continuassem a aparecer para pedir ajuda, Miss Melody não se reunia com eles e era Miora e Somar que atendiam aos pedidos.

Somar pediu a Blackraven que lhe falasse em castelhano.

— Falo-o muito mal — justificou-se.

— Para que queres falar castelhano? Não precisas.

— Se insistires em ficar no Rio da Prata, claro que vou precisar. Agora trato de muitos dos assuntos da minha senhora e quero saber falar bem.

— Está bem — concordou Blackraven.

Somar aguardava ansiosamente o momento do dia em que ele e Miora se ocupavam dos escravos de Miss Melody. Gostava também do que se lhe seguia, quando ambos analisavam os pedidos e preparavam as ofertas. Por vezes, a timidez abandonava-a e Miora ria abertamente, enquanto ele ficava a admirá-la em silêncio, feliz ao ver que ela pusera de lado o medo visceral que lhe provocavam as suas tatuagens, o seu turbante e o sabre que usava à cintura. Estava a brincar com o fogo, apaixonando-se por uma mulher jovem, viva e bonita, à qual ele, um eunuco, nada tinha para oferecer. Aquela ideia irritava-o profundamente e então voltava a tratá-la como no princípio, com modos autoritários, para se proteger dos encantos que aquela garota, sem consciência disso, lançava sobre ele.

No dia a seguir ao funeral de Jimmy, à noite, Blackraven encontrou-se com os seus espiões O'Maley e Zorrilla, que abriram sobre a secretária um mapa do Rio da Prata ao mesmo tempo que o punham a par da situação dos ingleses. Os barcos eram doze, Ocean, Triton, Melanthon, Wellington e Walker, escoltados pelo Diadem (navio-almirante), Raisonable, Diomede, Narcisus e Encounter; o Leda errava há tempo pela costa, e o Justinia unira-se ao grupo na ilha de Santa Helena em princípio de Maio. As forças terrestres pertenciam sobretudo à infantaria, ao primeirobatalhão do Regimento escocês 71 de Highlanders, sob as ordens do tenente-coronel Denis Pack e contavam com armamento escasso.

— Nada de cavalaria? — estranhou Blackraven.

— Nada, senhor — confirmou Zorrilla. — No total são pouco mais de mil e quinhentos homens.

— Sei que Popham tem a frota a seu cargo. Quem tem o comando em terra? — O brigadeiro-general William Carr Beresford — disse O'Maley —,governador de Buenos Aires.

Blackraven arqueou as sobrancelhas, surpreendido, mas não fez qualquer comentário e os seus homens não se atreveram a perguntar o que quer que fosse. Continuaram com os pormenores: o vice-rei fugira com o tesouro para Córdova e de la Quintana, por insistência de Beresford, escrevera para Luján, onde aquele pernoitava, exigindo-lhe que o devolvesse; o comerciante William White servia de intérprete; o doutor Belgrano, o secretário do Consulado, partira para a Banda Oriental para não ter de jurar fidelidade a Jorge III; e o doutor Moreno não voltara a ocupar o seu cargo na Audiência. Estas duas últimas notícias assustaram Blackraven, pois, se Belgrano e Moreno voltassem as costas aos ingleses, tal significava que não estavam dispostos a conceder a independência ao vice-reinado do Rio da Prata, o que complicava os planos da Liga Secreta do Sul.

— Qual é a opinião dos comerciantes? — perguntou, dirigindo-se a Zorrilla

que se dava muito bem com a classe poderosa.

— até o momento, nenhum deles expressou abertamente a sua opinião, embora se saiba que homens como Álzaga não apoiarão o regime de comércio livre que Beresford pretende instaurar, com redução nos direitos e nas taxas tributárias.

Blackraven recordou as palavras que anos antes, Richard Wellesley, irmão mais velho de Arthur, o militar, proferira no Parlamento: "A verdadeira grandeza da Grã-Bretanha é o seu intercâmbio, e o trono do comércio mundial é o objeto natural da sua ambição." Essa ambição, pensou Blackraven, tornar-se-ia numa necessidade, visto que o bloqueio continental imposto por Napoleão lhes negava o acesso aos principais portos europeus, ameaçando assim a economia da ilha. De acordo com a sua índole, os ingleses lançar-se-iam à conquista de novos mercados.

— A Igreja apoia-os — declarou Zorrilla.

— O bispo de Lué? — estranhou Blackraven. — Duvido. Deve tratar-sede uma artimanha, daquelas muito ao gosto de Sua Eminência.

— Afirmam que hoje de manhã, numa reunião convocada por Beresford no Forte, o prior dos Predicadores, frei Gregório Torres, lhes deu todo o seu apoio e adesão.

— Frei Gregório — opinou Blackraven — pode dizer missa, mas a Igreja Católica não ficará de braços cruzados, enquanto os hereges anglicanos se apoderam de um dos seus bastiões.

Enquanto alguns criollos de linhagem nobre acalentavam a esperança de que os ingleses os ajudassem a alcançar a independência, informou O'Maley, entre os escravos crescia a certeza de que os invasores iriam conceder-lhes a liberdade.

— Preciso de uma lista — indicou Blackraven a Zorrilla — de todos os comerciantes que apoiam Beresford, os que estão contra ele e os que mantém uma posição neutral. Averigua também quais são os clientes de Álzaga aqui, em Buenos Aires, e nas intendências do vice-reinado. É também urgente conseguir os nomes dos seus provedores em Cádiz. — Zorrilla prometeu tentar. — Além disso, necessito de uma lista com os nomes dos seus barcos e localização atual. Obrigado. Podes retirar-te.

A sós com O'Maley, comunicou-lhe as novidades.

— Fouché contratou um sicário para liquidar o Escorpião Negro. Chamam-lhe La Cobra. — O irlandês declarou não o conhecer. — É provável que não relacione o meu nome com o do espião, ainda assim, quero que te mantenhas bem alerta. Malagrida está em El Cangrejal a aguardar as minhas ordens. Manda-lhe uma mensagem indicando que me envie alguns homens para montarem guarda na casa de San José e que descarreguem a mercadoria durante

a noite, frente a El Retiro, na caverna do rochedo. Diz-lhe também que envie uma embarcação para prevenir Flaherty de que deve fundear o White Hawk junto do Sonzogno. Não quero que ele se aproxime dos limites de Montevideu nem dos de Buenos Aires.

Pesava-lhe o cansaço de várias noites sem dormir. Por isso, bebeu a xícara de café que Trinaghanta lhe oferecia para conseguir levar a cabo a última diligência: visitar Papá Justicia.

— Como está Isaura? — A dormir — respondeu a cingalesa.

— Não saias do pé dela enquanto eu não chegar.

Depois de vários dias de chuva, o bairro do Mondongo mais parecia um chiqueiro, principalmente pelos cheiros. Muito poucos cumpriam as ordens do vice-rei que proibia que se atirasse para a rua lixo e animais mortos. Chamou-lhe a atenção o silêncio àquela hora em que era habitual ouvir-se a música do candombe. Estranhou igualmente a solidão na casa de Papá Justicia, sempre cheia de gente, incluindo senhoras de posição que ali iam em busca de uma poção ou de um feitiço.

— Patrão Roger! — surpreendeu-se o ancião. — Entre, entre. Por que não mandou me avisar? Eu teria ido à casa de San José.

— Precisava muito de te ver. — Blackraven sentou-se e Papá Justicia pôs-lhe uma taça de barro na frente. — Está bom — disse, depois do primeiro gole de café, estranhando que o alforriado se pudesse permitir um tal luxo, apesar de saber bem que ele não era um alforriado comum.

— Como está a minha menina Melody? Na boca de outra pessoa, ter-lhe-ia desagradado aquele tratamento tão familiar.

— Não sei, Justicia. Viste-a ontem no funeral. Parecia inconsolável.

Mas, desde que voltamos para casa, não voltou a derramar uma lágrima.

— Vai ter de ser muito paciente, patrão Roger. Miss Melody nunca aceitou a ideia de que Jimmy pudesse morrer, apesar de lho dizerem desde que o garoto era bem pequenino.

Blackraven assentiu.

— Que dizem as pessoas dos ingleses, Justicia? — Sabe, patrão Roger, as opiniões estão divididas. Os escravos estão alvoroçados porque pensam que serão alforriados, os comerciantes estão furiosos, e os criollos pensam que agora vão finalmente conseguir a independência.

— Segundo me disseram, o doutor Belgrano foi-se embora.

— Como funcionário do Consulado era obrigado a jurar fidelidade ao novo rei, e parece que isso não era muito do seu agrado. Mas é como lhe digo, alguns entusiasmaram-se com os ingleses. Por exemplo, o jovem Juan Martín.

— Que jovem Juan Martín? — Juan Martín de Pueyrredón — explicou o

quimboto —, um rapaz que acaba de chegar da Europa com ideias revolucionárias. Juan Martín, juntamente com o senhor Castelli, assim como dom Saturnino — referia-se a Rodríguez Peña — e o seu irmão Nicolás também estão em crer que os ingleses os apoiarão para conseguirem o sonho da liberdade. Agora quem está furioso é dom Álzaga, contou-me um dos seus escravos. — O velho submeteu o assunto à sua consideração antes de concluir: — É muito cedo para falar, patrão Roger. Teremos de esperar para ver o que dizem os ingleses. Se não estiverem dispostos a dar a independência aos criollos, vai ser um Deus-nos-acuda, pois ficarão todos contra eles.

— Que me contas do meu cunhado? Sabes alguma coisa dele? Papá Justicia revirou os olhos e soprou.

— Esse rapaz precisa de uma mão-de-ferro, patrão Roger, ou nunca mais deixa de fazer disparates. Depois do ataque aos acampamentos negreiros, em vez de fugir, esconde-se por aí, pelos arredores e, de vez em quanto, aparece. Agora deu-lhe para jogar às cartas nas tabernas e beber genebra. No dia em que se avistou a esquadra dos ingleses, enquanto o menino Jimmy agonizava, foi incomodar a sua esposa para lhe dizer que se ia juntar à tropa no Forte.

— Sim, já sabia.

— Patrão Roger, quanto a essa noite, à do ataque aos negreiros, eu… Blackraven levantou uma mão.

— Sei que não és um traidor, Justicia. Nunca duvidei de ti.

— Depois de me terem libertado, afastei-me da cidade e, durante este tempo, estive a pensar e a tentar desenrolar o nó que se armou naquela noite. Acho que o traidor foi o Sabas.

— Eu sei, Justicia. O mais provável é que tenha sido ele. Sabes alguma coisa da sua mãe? — Suponho que Sua Mercê terá sido informado de que Cunegunda e dona Bela fugiram do Convento das Filhas do Divino Salvador. — Blackraven assentiu. — Os escravos do convento asseguram que receberam ajuda exterior para conseguirem escapar.

— Dom Diogo? — inquietou-se Blackraven.

— Não, duvido. Ele depende de Sua Mercê para viver e não é nenhum idiota. Teria o cuidado de não cometer qualquer imprudência que o contrariasse. Deve ter sido outra pessoa.

— Somar, quero que amanhã mesmo mandes mudar as fechaduras das portas, a da porta principal e a do portão da cocheira. Suspeito de que Bela tenha feito uma cópia das chaves — explicou Blackraven.

— Como queiras.

— Que sabemos ao certo do casal que Isaura contratou para tratar da instrução das crianças? — Não muito — admitiu Somar.

Sabia que a pergunta se relacionava com o que Blackraven lhe tinha contado sobre o tal sicário, La Cobra. Mandara igualmente investigar o doutor Constanzó e, apesar de O'Maley não ter encontrado nada de suspeito, não aceitava que ele assistisse Melody e ficava cheio de ciúmes, pois ela obstinava-se em não aceitar outro. Para não a contrariar devido ao seu estado, Blackraven resignava-se a ter de encontrar o médico na casa de San José e, por mais ocupado que estivesse, arranjava sempre tempo para estar presente durante as consultas. Não tinha nada a censurar a Constanzó. O médico comportava-se de modo impecável e com o decoro de um cavalheiro, mas o seu instinto dizia-lhe que ele atendia Melody com especial zelo e que ela, por sua vez, lhe dirigia os únicos sorrisos que esboçara após a morte de Jimmy. Por vezes, parecia que a indiferença de Isaura o estava a deixar louco e obsessivo.

— São de Biscaia — informou Somar, referindo-se a Perla e a Jaime,os professores.

— Sim, isso já eu sei — respondeu Roger, enfastiado. — O que preciso que me digas é como chegaram aqui, indicados por quem.

— Pelo doutor Covarrubias.

— Ah, com que então Covarrubias frequentava esta casa.

— Roger, tem dó! Já te disse que Miss Melody quase morreu no dia em que soube da tua partida, tomada de um terrível desespero, que suspirou e chorou por ti, perguntando-me todos os dias se tinha recebido alguma carta tua. Só eu, Trinaghanta e Miora, que a acompanhamosdurante os meses em que estiveste ausente, sabemos o que ela sofreu. Covarrubias e o próprio príncipe de Gales teriam podido cortejá-la que ela nunca lhes teria dedicado um olhar.

"Por que motivo, então, se afasta de mim desde a morte do Jimmy?", quis perguntar, mas o seu orgulho obrigou-o a manter-se em silêncio. Somar leu a angústia nos seus olhos.

— Dá-lhe tempo, Roger. A perda do Jimmy deixou-a desfeita. Com a vontade de Alá, voltará a ser a mesma de antes.

Por muito que tentasse, perdia com frequência a esperança de recuperar a Isaura do princípio do ano. Nada a comovia, nem mesmo a doação que lhe fez para poder terminar as obras do albergue e mobilá-lo, nem a sua promessa de que, dentro de poucos dias, teria nas mãos o que o inútil do Covarrubias não conseguira em dois meses: a licença para o abrir. É certo que não o fizera apenas para animar Melody, a jogada representava também a primeira vitória contra Álzaga que, como membro da Irmandade da Caridade e comerciante influente de Buenos Aires, apontara todas as suas artilharias para impedir a abertura do albergue.

— Meu amor, farei um donativo para o albergue no valor que desejares, para

que acabes as obras e possas dispor de tudo o que for necessário para a inauguração.

Melody ergueu os olhos do seu diário íntimo e sorriu com esforço para ocultar o quanto a incomodava que ele a incentivasse a levar adiante o albergue quando no passado se havia oposto a que se ocupasse dos escravos, e incomodava-a porque detestava que tivessem pena dela. Nunca gostara e, menos ainda, tratando-se dele.

— Entrega-o a Lupe ou a Pilarita — disse com aquela voz que tinha o som áspero de quem fala pouco. — São elas que estão a tratar de tudo agora.

Também não se entusiasmou quando ele lhe disse que tinha saldado as dívidas que Bella Esmeralda, a quinta dos Maguire, tinha para com o Consulado e outros credores e que, muito em breve, faria uma viagem a Capilla del Señor para a pôr em funcionamento.

— Logo que a questão legal do Tommy ficar resolvida, ele tomará conta da quinta. Que te parece? — Se tu achas bem — respondeu ela, mergulhando de novo na leitura.

Blackraven teria preferido que a mulher chorasse e praguejasse a vê-la naquela atitude apática com que não sabia lidar. Por vezes comiam sozinhos no quarto e ela ficava com o olhar perdido no vazio. Blackraven observava-a admirado porque, apesar da tristeza, a gravidez fazia-a florescer. Tinha o cabelo preso numa trança que lhe tombava sobre o seio esquerdo e parecia-lhe que este estava mais são e abundante. Os seus seios estavam enormes e excitava-o imaginá-los nas suas mãos e os mamilos erguidos na sua boca. Ela deixava que Roger lhe beijasse o ventre e respondia às suas perguntas, embora mantendo sempre uma distância que o feria e afastava.

Não sabia o que fazer. Ele, que nunca mendigara o quer que fosse — nem mesmo ao pai um pouco de atenção, e Deus sabe o quanto a desejara —, dava por si a suplicar àquela jovem de vinte e um anos que mudasse de atitude e reparasse finalmente que ele existia.

VIII

O fato de regressar à cidade, mesmo andrajosa e às escondidas, devolvera-lhe o ânimo. Bela reconheceu que não suportaria por muito mais tempo partilhar a sorte de Enda, que parecia sentir-se bem naquele pardieiro a várias léguas de Buenos Aires, ocupada com as suas ervas, misturas e rituais que tanto a assustavam, principalmente os que ela praticava à noite.

Certificou-se de que Enda continuava embrenhada numa conversa com o homem que vendia o peixe, antes de se afastar até as arcadas do Forte. Agradava-lhe o uniforme vermelho dos soldados ingleses e o som das suas gaitas. Perguntava-se de que modo a mudança da bandeira na torre lhes alteraria a vida quando o coração lhe deu um salto no peito: Roger Blackraven saía do Forte, imponente e encantador. Tinha a pele muito bronzeada e as sobrancelhas muito escuras, o que lhe acentuava o aspecto duro. Caminhava com passo vigoroso, o cabelo preso numa coleta, botas pretas e labita escura elegante.

Sentiu-se subitamente excitada, ao desejá-lo daquele modo exaltado que a possuía como um demônio, mas também com raiva, poderosa como uma vontade, pois não se conformava com a ideia de o perder, não aceitava que aquele homem nunca mais estaria dentro de si. Ansiava pelo seu corpo, pelo seu falo enorme, por ouvir a sua voz junto ao ou vido, incitando-a de modo obsceno, pelas suas investidas ferozes, ouvir os seus rugidos no momento de climax.

— Tapa-te! — murmurou Enda, e Bela deu um salto. — Que queres? Que ele te veja? Acabarias morta antes de o sol se pôr. Não sejas tola —acrescentou num tom velhaco —, daqui de onde estou, sinto o cheiro da tua luxúria. Vais ter de arranjar outro tronco para te coçares, como dizem aqui nesta terra. Blackraven tem o sexo amarrado a uma única mulher: a minha sobrinha e nem tu nem ninguém poderão fazê-lo cair em tentação. É de ferro — declarou.

Embora Enda não lhe revelasse os seus planos, Bela sabia que nada a impediria de levar a cabo o propósito de assassinar Roger Blackraven e, como lhe dissera que não fariam mal a Melody, enquanto ela não desse à luz, suspeitava de que queria ficar com a criança. Tinha a certeza de que, se assim não fosse, já a teria assassinado, por muito grávida que estivesse. Enda não era pessoa para ser travada por esse tipo de escrúpulos.

Por muito que odiasse Roger Blackraven, Bela continuava a amá-lo, e a imagem daquele corpo, que tanto prazer lhe proporcionara, desfeito pelos venenos de Enda ou pelo punhal de Braulio, fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas.

Cunegunda observava-as da horta, enquanto a senhora Enda e a sua ama Bela, encapuzadas, subiam para o carro, que iniciou a marcha, com um safanão quando Braulio chicoteou a mula. O dia acabara de nascer. Chegariam à cidade dentro de poucas horas, calculou Cunegunda. Se se apressasse e tomasse o atalho, poderia ir e voltar sem que dessem pela sua ausência. Correu à cabana, cobriu o rosto com uma mantilha e seguiu a direção que lhe fora indicada pela escrava daquela mulher rica que consultava com frequência o oráculo da bruxa Gálata. “Por ali chegas mais depressa a Buenos Aires”, assegurara-lhe.

Apesar de ter medo — desconhecia aquelas paragens —, Cunegunda caminhava com passo decidido, encorajada pelo desejo de ver o filho Sabas, tentando não pensar que, acaso se perdesse, acabaria por ser comida pelos animais necrófagos. Engendrara já há algum tempo um plano para escapar à custódia da senhora Enda e de Braulio, que nunca a tinham autorizado a entrar em contato com o filho, com receio de serem descobertos. O comentário daquela jovem escrava sobre a existência de um caminho pelo qual se chegava a Buenos Aires em metade do tempo fora uma verdadeira resposta às suas preces.

A cidade pareceu-lhe mudada, apesar de ter estado fora poucos meses. Talvez devido à clausura no convento e àquelas semanas numa paisagem desolada conseguisse apreciar agora alguns aspectos que antes lhe tinham passado despercebidos. A casa da calle Santiago continuava de luto pela morte do patrão Alcides, com o pano de crespão na fachada e as janelas encerradas. Colocou-se atrás de uma árvore, frente à porta das traseiras, e aguardou mais de duas horas até que Gabina, sua amiga e confidente, saiu com uma alcofa em direção à Recova. Fez-lhe sinal de longe. Gabina parou e deu a volta. Cunegunda afastou um pouco a mantilha, mostrando a testa. Sorriu ao ver a expressão de espanto e satisfação da garota.

— Jesus, Maria, José! Não quero acreditar, Cunegunda, tu aqui! Soubemos que tinham fugido do convento, tu e a patroa Bela.

— Onde poderemos conversar sem que nos vejam? Não posso ser vista. Na melhor das hipóteses, levaria uma sova de chibata da ama Bela. Na pior, seria presa de novo.

— Vamos, vamos — insistiu Gabina. — Vamos em direção ao mercado que está cheio de becos onde poderemos falar tranquilamente. Talvez até um amigo nos deixe conversar nas traseiras da sua loja.

— Aquele com quem andavas metida há uns tempos? Como resposta, Gabina deu uma risadinha. O homem, depois de lhe apalpar as nádegas, permitiu que usassem as traseiras da sua loja. A primeira pergunta de Cunegunda foi: — Como está o meu filho? Como está Sabas? Que se passa? Por que me olhas assim? Que foi que aconteceu? — Sabas morreu, Cunegunda. Lamento

muito.

A escrava caiu de joelhos, mordendo o punho para sufocar a dor que lhe queimava a garganta. Gabina agachou-se ao seu lado e abraçou-a.

— Assassinaram-no, segundo disse o comissário.

— Quem pode ter sido? Quem assassinou o meu Sabas? — Ninguém sabe. É um mistério. Foi encontrado na praia vários dias depois da sua morte.

— Quem foi? — repetiu Cunegunda alucinada. — Quem assassinou meu filho? — Disseram-se muitas coisas e não se chegou a conclusão nenhuma.Tens de reconhecer que Sabas não era muito bem aceite por aqui. Havia muita gente que não o podia ver.

— Sobretudo esse demônio do Servando.

— Não creio que tenha sido ele — declarou a jovem, encolhendo os ombros num gesto de indiferença.

As visitas de Blackraven ao Forte tornaram-se habituais. Alguém dissera certamente aos soldados que se tratava do filho do duque de Guermeaux, a avaliar pela grande deferência com que o tratavam. Beresford, por seu turno, desfrutava das longas conversas com o seu amigo de juventude, sobre o tempo em que ambos frequentavam a Escola Militar de Estrasburgo e suspeitava de que, naquela cidade, ele era o único em quem podia confiar, até porque intuía que o conde de Stoneville não aprovava a invasão.

Beresford começava também a achar que aquela missão era um desatino, principalmente depois de Blackraven o ter informado de que o ministro Pitt, o Jovem, tinha morrido e que William Wyndham Grenville, do partido da oposição, ocupava agora o seu cargo. Não podia esquecer que aquela aventura se apoiava num memorando redigido por Popham e pelo venezuelano Miranda e assinado por Pitt em Outubro de 1804, onde eram expostas as vantagens de anexar as colônias espanholas das Índias Ocidentais ao Império Britânico. Sem Pitt, esse apoio desaparecia e a invasão ganhava, de repente, um cariz de empresa privada.

Apesar de ocupar aquele gabinete no Forte há menos de duas semanas, tinha a impressão de que tinham passado meses, dada a intensidade de cada dia, com todo o tipo de dificuldades que lhe roubavam o sono. As suas conversas com Blackraven representavam um consolo apesar de, regra geral, se referirem aos problemas pendentes.

Blackraven trazia com frequência para a mesa citações de O Príncipe, de Maquiavel — obra que o professor Gabriel Malagrida os ensinara a amar — para melhor justificar o seu desacordo, referindo, por exemplo, que não era sensato ocupar militarmente um lugar porque os gastos aumentavam e as tropas consumiam os novos rendimentos. Por outro lado, a população sentia-se vexada,

devido aos distúrbios que a deslocação dos exércitos provocava, e cada cidadão acabava por se tornar num inimigo.

— A América do Sul necessita da genialidade de um estadista, não da força de um militar — declarou.

Recordou-lhe também que "os homens vivem tranquilos se forem mantidos de acordo com as velhas formas de vida", pelo que Beresford obrigou Popham a emitir um decreto, segundo o qual ficasse assegurado que a Real Audiência, o Consulado e o Cabildo continuariam a funcionar como até então e que seriam respeitadas a propriedade privada e as tradições dos portenhos, em especial as religiosas.

Dias antes, quando ainda não dera a ordem para que os soldados acusados de deserção fossem punidos com quinhentas chibatadas, Beresford lembrou-se do comentário de Blackraven da primeira vez em que se viram, relativamente ao disparate de terem trazido tantos soldados irlandeses e católicos para o Rio da Prata. Lembrou-se também de que este o aconselhara a não confiar em Liniers, apesar das suas provas de boa vontade, e de que lhe dissera que o comerciante basco Álzaga, assim como a Igreja, se revelariam o seu grande inimigo; que os portenhos não se interessariam pelo destino do tesouro, pois sabiam bem que este iria parar às mãos de Napoleão, devido ao tratado de Santo Ildefonso; e que a situação do Forte era francamente desvantajosa, com paredes muito baixas e canhões de curto alcance, sendo absolutamente inadmissível que tivesse sido autorizada a construção de casas de mais de um andar à sua volta. Blackraven mostrou-se particularmente surpreendido por o exército inglês não ter assegurado, logo à partida, o porto de São Filipe, em Montevideu.

Beresford conhecia a sensatez e inteligência de Blackraven, por isso se inquietou quando este lhe disse: — Soube que te reuniste com o doutor Castelli. — Beresford assentiu com um sorriso, o encontro deveria ser secreto. — Ouve bem o que te digo, William, se não prometeres aos criollos a emancipação da Espanha, garantindo-lhes que não serão usados como bens de troca, no caso de um acordo de paz com a França, eles se tornarão teus mais acérrimos inimigos. Seja qual for o plano para tornar estes povos independentes, os ingleses não se devem apresentar de outro modo que não o de seus protetores ou auxiliares. Conheço-os bem, William, preferirão unir-se aos espanhóis a admitir o jugo de outro monarca. E tu não contas com tropa nem com armamento suficiente para lhes fazer frente. Sem cavalaria será muito difícil dominá-los.

— Eu sei, Roger, eu sei — respondeu, abatido. — Mas não posso prometer-lhes nada.

— Sob uma máscara de obediência, o povo do Rio da Prata anseia pela

liberdade. Parece submisso, mas na verdade é renitente e voluntarioso. Deverás dar-lhe um sinal de adesão à sua causa para poderes governar em paz.

— Estou a ver — insistiu Beresford —, mas tenho de me limitar a fazer o mínimo possível, tentando ser simpático e sem prometer coisa alguma.

— Estes criollos são tipos de uma inteligência aguda, William. Não os subestimes. Têm ideias próprias e possuem uma grande força de vontade. A sua oposição ao domínio espanhol não se resume a questões de ordem meramente comercial, defendem ideias filosóficas que nascem da sua adesão às teorias de Rousseau e Montesquieu. Não os convencerás baixando as taxas aduaneiras e decretando o comércio livre.

— É a única coisa que lhes darei de momento. Chegamos aqui com instruções muito imprecisas.

— Sem qualquer instrução, diria eu. O teu general Baird deixou-se convencer no Cabo por esse charlatão do Popham, que só pretende obter benefícios pecuniários.

— E vai consegui-los. Anteontem, o capitão Arbuthnot chegou como tesouro que Sobremonte abandonou em Luján.

— O teu amigo William White — comentou Blackraven — também deve estar muito contente. — Face à desorientação de Beresford, Roger fingiu-se surpreendido: — Como? Não me digas que não sabes que Popham deve imenso dinheiro a White desde os anos que passaram juntos na Índia? Diz-se que ascende a noventa mil libras, embora eu me incline para que sejam umas vinte mil. — Desconcertado, Beresford mantinha-se em silêncio. — Acabo de fazer cair do pedestal White, um dos teus homens de confiança, não é assim? Calculo que te restem apenas o teu secretário, o capitão Kennett, e Denis Pack. Que vão vocês fazer com o tesouro? — Enviá-lo de imediato para Inglaterra — explicou Beresford, estranhando a pergunta. — Que imaginavas tu que iríamos fazer? — É claro que Popham está impaciente por ganhar créditos na corte de Saint James. Que melhor maneira do que enviando enormes arcas repletas de ouro americano, não esquecendo, naturalmente, que pretende assegurar a sua parte da presa! Mas agora pergunto-me: Não pensaste no que irá acontecer quando tiveres levado tudo para Inglaterra? Uma vez que entre os dinheiros do reino há os que pertencem a particulares, irás provocar uma tal baixa na liquidez que levará a que o peso seja sobrevalorizado. Quanto vale hoje uma libra? Cerca de quatro xelins, seis pence? Se despojarem os portenhos da totalidade do seu dinheiro prevejo uma subida que poderá atingir os sete xelins. — Beresford propôs a publicação de um decreto onde se limitasse o câmbio a um número conveniente, o que fez rir Blackraven.

— Uma medida de tal natureza estaria em contradição com a sua primeira

expressão de liberalismo econômico e comercial e ias perder o respeito desta gente. Por outro lado, um dia depois da saída desse decreto, teria florescido um mercado negro impossível de controlar ou erradicar.

Beresford refletiu em silêncio sobre a situação.

— Aos homens como nós, William — declarou Blackraven, e não precisou de esclarecer que se referia à condição de bastardos que lhes era comum —, tudo custa muito mais. Sei que esta conquista teve um grande significado na tua carreira militar, mas deixa que te previna, meu amigo, que Popham não é de confiança.

Beresford afastou-se até o bar onde encheu de novo uma generosa quantidade de uísque escocês que bebeu de um trago.

— Como vão as coisas com ele? — Com Popham? Mal. A minha promoção a general foi para ele um murro no estômago.

Blackraven riu-se com sarcasmo e especulou: — Imagino que a notícia não o deve ter incomodado só por ficarcomo subalterno, mas também porque agora, com a tua nova situação hierárquica, terás direito a uma fatia maior dos despojos de guerra.

Beresford assentiu antes de mudar de assunto.

— Daqui a duas horas terei reunião com os funcionários da Audiência e do Cabildo e os farei assinar um juramento de fidelidade ao nosso rei.

Em poucos dias exigirei o mesmo aos comerciantes de maior destaque.

— Não será a assinatura de um juramento que deterá estes homens se, dentro de algum tempo, chegarem à conclusão de que a sua presença no Rio da Prata lhes é prejudicial.

— Assinarão um documento — insistiu Beresford, um pouco escandalizado —, darão a sua palavra.

Blackraven encolheu os ombros e bebeu de uma vez só o último trago. Pôs-se de pé e vestiu o casaco.

— William, o comerciante não conhece outra pátria, outro rei ou outra religião que não seja o seu próprio interesse. Eu não confiaria em ninguém, havendo questões econômicas envolvidas.

O ar taciturno de Beresford entristeceu-o um pouco, mas preferia dizer-lhe a verdade. Beresford também valorizava a sinceridade do amigo.

— Gostava de te convidar para vires até lá a casa, mas sabes como é,não posso por causa do luto.

— Espero que a tua mulher esteja melhor. Hoje de manhã assinei um documento autorizando o albergue Martín de Porres. Foi com surpresa que vi o nome dela entre as responsáveis. Disseram-me que a condessa de Stoneville é muito caridosa para com os indigentes, em especial para os escravos que a

veneram.

— Não te mentiram. — Beresford olhou-o com um trejeito sarcástico. — Compreendo — disse Blackraven —, perguntas-te como é possível que um homem poderoso como eu se tenha casado com uma mulher assim.

— Talvez o Senhor a tenha enviado para que te redimas da tua vida estouvada.

— Julgo que o Senhor já desistiu dos seus planos de redenção para mim.

Blackraven abandonou o Forte por volta do meio-dia, poucos minutos antes de começarem a chegar os funcionários convocados para a assinatura do juramento de fidelidade ao rei D. Jorge III. Estava um dia frio. Estreitou contra o corpo a sobrecasaca de caxemira e atravessou a Plaza Mayor, dando grandes passadas, ao mesmo tempo que observava o ambiente à sua volta e se perguntava se alguma daquelas pessoas seria La Cobra.

Faltava-lhe resolver dois assuntos, fechar um acordo comercial com o barão de Pontevedra e visitar Mariano Moreno. Precisava de conhecera sua postura no novo mapa político do vice-reinado. Tinham tido uma conversa alguns dias antes, quando ele se apresentara na sua casa da calle de la Piedad para lhe agradecer a intervenção no assunto de Melody e dos escravos da Real Companhia das Filipinas. O jovem advogado não quis aceitar o generoso pagamento e limitou-se a comentar os pormenores do caso. Sobre os ingleses, não disse palavra.

Dirigiu-se para casa de Abelardo Montes, barão de Pontevedra, que o recebeu entre eloquentes manifestações de simpatia que demonstraram bem o seu desejo de lhe agradar. “Ótimo”, alegrou-se Blackraven. Montes tornar-se-ia de grande utilidade no seu plano para destruir Álzaga.

Servando abandonou a oficina de estofador no momento em que os sinos tocavam as vésperas, aquele repicar triste muito de acordo com o seu estado de espírito. Dirigiu-se à loja para fazer a encomenda do se nhor Cagigas, que precisava de uns pregos de bronze e de duas varas de brocado de seda. Justificaria o seu atraso com uma desculpa qualquer e passaria pela casa da calle Santiago. Precisava urgentemente de ver Elisea.

Como de costume, àquela hora, foi encontrá-la na horta. O que não esperava era dar de caras mais uma vez com Tomás Maguire, ajoelhado ao lado da sua amada. Ficou imóvel, atrás de uma nogueira, a ouvir Tommy contar-lhe as suas façanhas como soldado. Vestia um uniforme que lhe ficava demasiado grande, de um azul desbotado e com vários remendos. Ainda assim, tinha a postura de um general prussiano.

— Mas se vocês lutaram com tanta intrepidez — comentou Elisea —, é de estranhar que não tenham vencido.

— Ah, é que eles eram quatro mil! Nós mal chegávamos a seiscentos.

— Compreendo. — Sem afastar os olhos do seu trabalho, Elisea opinou: — Acho um disparate esta ideia de se alistar, não só devido à sua situação precária com a justiça, mas também porque o seu irmão mais novo… Enfim, Miss Melody sofreu muito. Já pensou se os ingleses o ferissem, senhor Maguire? — Vossa Senhoria teria tratado de mim. Não o fez quando o velhaco do Servando me atacou à traição? Unidos atrás das costas, os nós dos dedos de Servando, ficaram brancos. “Seria tão fácil dar cabo dele!”, pensou. Uma palavra ao ouvido de Álzaga e Tomás Maguire iria desta para melhor. Observava, atento, as palavras dele, os sorrisos velados dela, até que deu um salto, tão estupefato quanto Elisea, quando Maguire a tomou nos braços e lhe deu um beijo na boca. Esperou em vão pela bofetada da jovem que só conseguiu levar a mão aos lábios avermelhados e olhar para Tommy com estranheza. Entre o colérico e o desmoralizado, Servando deu meia-volta e abandonou a casa de Valdéz y Inclán, sem ouvir sequer as palavras que Elisea pronunciou a seguir.

— Eu aprecio a sua companhia, senhor Maguire, mas peço-lhe por favor que não volte a tomar essa liberdade comigo.

— Por que não? — quis saber, com ar impertinente.

— Porque não o amo.

— Quem ama então Sua Mercê? O bronco do Otárola? — Quem eu amo não é da sua conta, mas saiba que o dono do meu coração não é um bronco e sim o melhor dos homens. Agora vá-se embora, não quero que a minha tia Leo ou o meu tio Diogo o encontrem aqui. Seria comprometedor para mim.

Blackraven caminhava com ar concentrado e ninguém teria podido supor que estava atento a um casal que seguia atrás de si, a uma escrava que, no passeio da frente, atava os atacadores ao seu pequeno amo; ao toque de uma sineta que anunciava a proximidade da carroça do aguadeiro; a umas mulheres que nos andares superiores da casa da ex-vice-rainha, observavam os transeuntes. Por detrás da sua máscara de impassibilidade, escondia-se um espírito sempre alerta.

Matutava também no encontro com o doutor Mariano Moreno, que se mostrara desconfiado, pois acreditava que o conde de Stoneville manobrara nos bastidores a invasão ocorrida dez dias antes.

— Conheço bem Popham — explicou Blackraven. — Trata-se de um aventureiro hábil e convincente. Esta empresa em que agora embarcou não conta com o aval do governo britânico e ele vai ter de dar muitas explicações ao novo gabinete em Whitehall.

— Quando as suas autoridades receberem os despojos que chegaram de Luján anteontem, perdoarão ao comodoro Popham todas as suas fanfarronices — declarou Moreno.

— Será assim se, além de lhes enviar o tesouro, ele conseguir manter a praça.

Moreno limitou-se a olhar para ele com uma serenidade estudada, e Blackraven apercebeu-se de que estava em dúvida entre voltar a confiar nele ou esconder-lhe o que sabia. A atitude do jovem advogado parecia-lhe eloquente e levou-o a concluir que já se falava da reconquista. “É uma boa oportunidade”, opinou. “Se os criollos se organizarem para expulsar os ingleses, nada os deterá nos seus propósitos de expulsarem também os espanhóis.” Entrou, pelas traseiras, na casa de San José, cuja tristeza habitual fora substituída por risos e gritos de crianças, que brincavam às escondidas, e pelas reprimendas de Siloé.

— Que falta de respeito, meninos! — queixava-se a negra entre dentes. — Calai-vos! Não sabeis que esta é uma casa de luto? Respeitai a dor da senhora condessa! — Deixa-os lá, Siloé — interveio Blackraven. — Já é altura de acabarmos com todo este silêncio.

Víctor e Angelita, juntamente com um grupo de pretinhos, aproximaram-se para o cumprimentar.

— Mas, patrão Roger — queixou-se Siloé —, foi há tão poucos dias que o menino Jimmy nos deixou. Deveríamos mostrar-nos todos tristes.

— Cuidado com a tristeza, Siloé. Pode tornar-se num vício. Onde está o Estevanico? — perguntou sem pausa.

— Não conseguimos encontrá-lo — disse Angelita, desmoralizada. — Esconde-se muito bem.

Blackraven avistou uma elevação que emergia da enorme vasilha onde se costumava armazenar a água do rio até que a lama decantasse. Como tinham também a cisterna e nesse ano as chuvas tinham sido copiosas, não precisavam de comprar água e as vasilhas estavam vazias. Sorriu, apercebendo-se da esperteza do miúdo.

— Talvez tenha se metido na minha carruagem. Ai dele se a sujou.

Os meninos correram até a cocheira, enquanto Blackraven se dirigia à vasilha.

— Vá, podes sair daí.

— Deixe-me ir até o couto, amo Roger.

Com uma admirável agilidade, Estevanico saltou do seu esconderijo e correu para a macieira.

— Couto! Couto! — gritou, ao mesmo tempo que batia no tronco.

Os outros apareceram com ar desolado e juntaram-se à volta de Blackraven, que se mostrou interessado em saber como iam as lições de esgrima, de dança e de equitação, se estavam a avançar na aprendizagem do inglês e da aritmética.

— Miss Melody disse hoje que amanhã vou começar a ter aulas com dona Perla e dom Jaime — anunciou Estevanico.

— Fala em castelhano — censurou-o Blackraven.

— Está bem, mas posso falar em português com a Miora? — Está bem.

Ergueu a vista e descobriu vários pares de olhos escuros que o contemplavam num silêncio reverente, um pouco afastados de Víctor, Angelita e Estevanico. Eram os dos filhos de Ovidio e Gilberta e de outras escravas. Ficou satisfeito ao vê-los cheios de saúde, as bochechas rechonchudas e um bom brilho na pele de ébano. Ao contrário dos escravos de outras famílias portenhas, os da casa de San José, assim como os da de Santiago comiam uma variedade de pratos que incluía carne de vaca, peixe, hortaliça e fruta, alimentos esses que, na maior parte dos casos, iam apenas à mesa dos patrões. Levou a mão à algibeira e retirou de lá um punhado de moedas que dividiu entre os garotos, atitude que fez com que as suas expressões de medo e reverência se transformassem em inquietação.

— Gilberta — ordenou —, acompanha-os à loja para comprarem guloseimas.

— Obrigada, patrão Roger — balbuciou a escrava, emocionada.

As crianças saíram pelo portão da cocheira a discutir sobre as qualidades do alcaçuz por oposição às do alfenim, as pequeninas tortas de coco ou os caramelos de leite.

Blackraven entrou animado em casa, principalmente porque o co mentário de Estevanico — de que iria começar a ter aulas por indicação de Miss Melody — significava que a mulher voltava a ocupar-se das questões domésticas. Foi encontrá-la no seu gabinete a ler uma carta. Sorriu ao vê-lo entrar e ele baixou-se para lhe dar um beijo na testa.

— É de madame Odile — explicou Melody. — Escreve-me por causado Jimmy.

Limitou-se a assentir e continuou, tirando a roupa. Entre os dois erguera-se uma muralha e ele não sabia como derrubá-la. O pudor de Melody afugentava-o, nem sequer se lavava despida, voltara a tomar banho de camisa, evitava mudar de roupa na sua frente e fugia de seu olhar. Que saudades ele tinha das noites de verão em que ficava a vê-la colocar creme nas pernas, enquanto os seios se agitavam devido à enérgica massagem! E quando depois ela deslizava sobre o seu torso despido e desenhava um rio de beijos até chegar a seus lábios. Aproximou-se dela, em calções.

Melody corou ao reparar na sua ereção. De pé, junto dela, Blackraven acariciou-lhe os contornos do maxilar, descendo em seguida até o pescoço e abrindo-lhe o decote. Melody saltou da cadeira e afastou-se, cingindo o robe contra o corpo.

— Não, Roger — murmurou.

— Isaura, por favor — disse, furioso.

Vestiu o robe e saiu do quarto, batendo com a porta.

Não soube ao certo o que o acordou. Abriu as pálpebras de modo agradável e logo a seguir viu que Melody não estava deitada ao seu lado. Praguejou entre

dentes por não conseguir acender a vela. Finalmente a chama estabilizou e Blackraven ergueu a palmatória para iluminar o quarto. Não estava nem ali nem na sua salinha particular, nem no toucador. Calçou as pantufas de veludo, vestiu o robe de lã e dirigiu-se ao corredor gelado e silencioso.

Chamou-lhe a atenção a porta encostada do quarto de Jimmy. Entrou. Avistou-a de imediato, sentada no meio da cama onde o irmão tinha morrido, o queixo sobre os joelhos, os braços em volta das pernas. Agitava-se e murmurava de olhos muito abertos, sem pestanejar. Só de pois percebeu que não se tratava de um murmúrio, que cantarolava em gaélico.

Sentiu um nó na garganta, que nascia do medo, da tristeza e da angústia. Aquela visão provocou nele uma impressão intensa e aproximou-se de Melody, inseguro, como se estivesse quase a tocar numa estranha.

— Isaura, estás gelada.

Envolveu-a com o robe que tinha vestido e sentou-a sobre as suas pernas. Melody tiritava e respirava de modo agitado e inconstante.

Blackraven apertou-a contra si, beijou-lhe a cabeça, a testa e chamou-lhe "minha pequenina, meu amor", até que ergueu os olhos ao céu, suplicando: — Meu Deus, devolve-ma.

Há anos que não pedia ajuda a Deus. Fizera-o com uma profunda fé enquanto a carruagem do seu pai se afastava de Versalhes, e não surtira o mais pequeno efeito. Também nada acontecera quando lhe suplicara que fizesse com que o duque de Guermeaux o amasse. Acabara por se tornar descrente. Naquele momento, assustado até o desespero, admitiu a sua incapacidade e, de um modo natural, apelou Àquele que tantas vezes considerara um mito.

— Roger — sussurrou Melody.

— Estou aqui, meu amor.

— Jimmy estava me chamando, chorando — disse angustiada — e eu não conseguia encontrá-lo. Não conseguia. Abandonei-o na escuridão, lá em São Francisco e ele tem medo. Está sozinho.

— Chiu, meu amor. Não digas mais nada. Jimmy não está na escuridão nem está só. Está onde há sempre luz, com os teus pais. Partiu para um lugar muito melhor do que este. Deixa-o ir, Isaura. Deixa-o partir em paz.

— Não posso! Não suporto a ideia de que não voltarei a vê-lo. Não suporto a sua ausência. Sinto tanto a falta dele. Tanto. Queria ouvir a sua voz mais uma vez. Queria voltar a tê-lo nos meus braços.

— Eu sei, meu amor, eu sei.

Melody abandonou-se num choro cheio de amargura. Blackraven cingiu-a contra o peito, sentindo-se impotente e estúpido e também um miserável porque, no meio daquela tempestade de sensações, sentia ciúmes de Jimmy e

perguntava-se se Isaura sofreria assim por ele.

— Meu amor — murmurou angustiado —, será que eu e o meu filho não somos o suficiente para ti? Tu és tudo para mim, Isaura.

Levou-a ao colo até o quarto e pousou-a suavemente na cama. Avivou o fogo na braseira de bronze e voltou para junto dela, que continuava a tiritar embora já não chorasse. Moldou o seu peito às costas de Melody, passou-lhe uma perna sobre a anca e envolveu-a com os braços para lhe dar calor. Uma das suas mãos pousara sobre o ventre da jovem e moveu o polegar para o acariciar. Ficaram em silêncio, sentindodesaparecer o frio e a tensão, enquanto uma agradável sonolência se apoderava deles.

— Já passou, meu amor — disse baixinho, e o aroma familiar do seu hálito, arrepiou a pele de Melody. — Estás a ver? Foi só um sonho. Vê se dormes, agora. Quero que fiques tranquila, que voltes a sorrir, que voltes a ser a minha doce Isaura. Tenho a certeza de que essa seria a vontade de Jimmy. Ele gostava tanto de ti. Só queria ver-te feliz. Farás um esforço, meu amor? Pelo nosso filho? — Ela assentiu. — Prometes? —Fá-lo-ei também por ti — murmurou antes de adormecer.

Blackraven consultou o seu relógio de corrente. Eram quatro e meia da manhã. Foi até o escritório, onde escreveu dois bilhetes que selou com o símbolo da águia bicéfala, o símbolo da casa de Guermeaux. Foi acordar Somar e Trinaghanta e comunicou-lhes que ele e Melody partiriam para El Retiro. Somar ficaria a tomar conta da casa de San José. A cingalesa, essa, acompanhá-los-ia.

— Roger — disse o turco —, deverias levar Miora e também Siloé.Lembra-te de que, durante o Inverno, El Retiro tem uma reserva mínima de empregados domésticos. Os outros escravos ocupam-se dos trabalhos do moinho e do lagar.

–Não te preocupes, vai correr tudo bem. Acorda o Servando para ele levar a mensagem ao Bustillo — o capataz da propriedade El Retiro. —Diz-lhe que aparelhe o Fuoco. Quanto ao regresso, ele que peça ao Bustillo outro cavalo. Mais tarde, envia esta carta a madame Odile. — Voltou-se, dirigindo-se a Trinaghanta: — A tua senhora está a dormir. Por isso, trata de encher os baús sem fazer barulho, movendo-te em silêncio como só tu sabes — declarou com um leve sorriso. — Prepara roupa para três dias. — Consultou novamente o relógio. — São cinco e dez. Partirei quando forem seis e meia. Somar, acorda Ovidio e diz-lhe que prepare a carruagem. Certifica-te de que ele coloca as braseiras na cabina, debaixo dos assentos.

Perto da hora da partida, mandou chamar Somar.

— Quando voltar, não quero encontrar vestígios de luto nesta casa.Retirem os panos pretos dos espelhos, quadros e móveis, abram os postigos e encham as jarras de flores brancas. Quanto ao quarto do Jimmy, quero que seja totalmente

remodelado. Diz a Ovidio que o pinte de outra cor, que mude as molduras e os móveis. Quero que seja transformado num quarto de brincar para as crianças. Ah, Somar, e não te esqueças, vê se o túmulo de Jimmy tem flores frescas todos os dias.

Ainda o sol não nascera quando Blackraven acordou Melody com beijos na testa.

— Meu amor, levanta-te.

— Que se passa? — Nada. Vamos passar alguns dias a El Retiro.

Envolveu-a em duas mantas e conduziu-a até a carruagem, onde Melody se recostou no assento, a cabeça sobre as pernas de Blackraven. Depois de tantas noites em branco, a chorar, a jovem mal conseguia abrir os olhos.

— Dorme — disse ele.

Assim fez, confiante e sem mais perguntas, o que muito lhe agradou. Os seus olhos não a abandonaram por um único instante, não conseguiam afastar-se daquelas feições embelezadas na penumbra do carro por uma tonalidade oleosa. “Meu Deus, pareces uma garotinha”, pensou, admirando-se que aquela mulher dominasse a sua vida. Havia sempre algo de paradoxal e surpreendente na sua relação com Isaura e nem o tempo conseguia que ele se libertasse daquela sensação de insegurança que o fato de a amar assim provocava nele.

Devido à precariedade da ponte, a carruagem agitou-se com violência ao atravessar o desfiladeiro de Matorras e Melody acordou, sem sobressalto, com o rosto inchado e amolecido do sono. Blackraven inclinou-se e beijou-lhe os lábios. Disse-lhe ao ouvido: — Raptei-te, bela princesa. És minha, estás nas minhas mãos. Du -rante algum tempo irei dar-te tanto prazer que esquecerás tudo o resto. Irás gemer nos meus braços até a inconsciência.

Uma sombra de inquietação perpassou pelo semblante de Melody e Blackraven apercebeu-se de que o seu corpo ficava tenso.

— Que se passa? — Olhou-a fixamente. Ela evitou o seu olhar. — Por-que não olhas para mim? Que foi que eu disse? Já não me desejas? Sentes nojo de mim, Isaura? Causo-te repulsa? A jovem virou rapidamente a cabeça e o seu olhar encontrou os olhos azuis, loquazes e exigentes de Blackraven. Não o receava, pelo contrário, sentia uma pena infinita e uma grande culpa por o ter magoado. A tristeza dele era palpável. Oprimia-a e angustiava-a e, como sabia que aquela perplexidade podia transformar-se em raiva, estendeu para ele uma mão indolente e acariciou-lhe a linha do maxilar com a ponta do dedo, desenhando o contorno do lábio inferior, pronunciado e grosso. Ele fechou os olhos. Melody passou-lhe o braço pela nuca e obrigou-o a dobrar-se para lhe sussurrar ao ouvido: — Desejo-te, sim, Roger Blackraven, tanto que por vezes chego a sentir uma dor. Imagino o prazer que teria com o teu corpo sobre o meu

e sinto-me desfalecer. Lembro-me das tuas mãos, de como me tocavam, dos teus beijos em todo o corpo, dos teus dedos em mim e dos meus mamilos entre os teus dentes… Mas logo a seguir pergunto-me se terei o direito de ter todo esse prazer e de ser tão feliz nos teus braços, enquanto o Jimmy sofreu toda aquela agonia antes de morrer.

O seu queixo tremeu e afastou o rosto. Blackraven viu que o seu perfil se tingia de um rubor adorável e que uma lágrima lhe rolava pelo nariz. Fora um discurso sem quebras nem hesitações, a expressão de um sentimento de culpa que transportava consigo há muito tempo e que considerara demasiado íntimo para ser revelado. Naquele momento sentia-se certamente exposta e vulnerável.

— Obrigado, por confiares em mim, Isaura. Havemos de ultrapassar esta dor. Se estivermos juntos conseguiremos. O tempo e o meu amor curarão as tuas feridas.

Melody puxou-o para si e colou-se ao seu corpo em busca da força que ele sempre lhe transmitia, a força que a mantivera de pé durante a agonia de Jimmy e mesmo depois.

— Fui mesquinha — censurou-se —, não me apercebendo da tua dor.Tu também gostavas do Jimmy e também sofreste com a sua perda.

— Claro que gostava do Jimmy, porque ele era teu irmão. Como também gosto já deste filho, não só por ser meu, mas também porque és tu quem mo vai dar, porque será carne da tua carne.

A carruagem parou a poucos palmos de distância da entrada principal de El Retiro.

— Chegamos — anunciou Blackraven, e reparou que a fisionomia de Melody se animava um pouco e que um sorriso lhe aflorava aos lábios.

— Sinto-me exausta — disse. — Gostaria de tomar um banho bem quente.

IX

Já há muito tempo que não se arranjava e tal como no dia anterior teria considerado uma frivolidade em tempo de luto, naquela manhã queria mesmo estar bonita para Roger. Entrou na tina sem camisa e deixou que Trinaghanta tratasse dela e lhe aplicasse vários produtos, incluindo uma mistura de melaço e cera de abelhas para lhe retirar os pêlos das pernas, hábito escandaloso que aprendera no bordel de madame Odile e que tanto agradava a Blackraven. A cingalesa, habitualmente comedida, mostrava-se agora entusiasmada e andava rapidamente de um lado para o outro em busca de frascos, toalhas e roupas, sem deixar de falar. Arriscou-se mesmo a sugerir-lhe que, durante aqueles dias em El Retiro, não usasse luto. Fez sair do baú um vestido de sarja verde-clara com uma renda cor de marfim a debruar o decote e os punhos e mostrou-o num gesto malicioso que Melody lhe desconhecia, alegando que o patrão Roger iria morrer de amores quando a visse. Melody aproximou-se para apreciar a textura do tecido.

— Gostas muito do Roger, não é verdade? — Oh, sim! Ele é tudo para mim.

A declaração não a incomodou, muito pelo contrário, sentiu-se reconfortada com a certeza de que tanto Somar como Trinaghanta teriam dado a vida pelo seu marido.

— Onde o conheceste, Trinaghanta? — Na minha pátria, no Ceilão. Ele tinha chegado, disposto a comprar terras para a sua fazenda, a que tem atualmente a algumas milhas de Colombo. Chamou-a Párvati, em atenção a mim — disse, e a sua pele citrina corou um pouco.

— Párvati? — Pela deusa Párvati — explicou. — Desde o dia do meu nascimento, fui consagrada a essa deusa, se bem que na sua personalidade violenta, chamada Kali, que significa mulher negra. Como escrava da deusa Kali, devo permanecer virgem até o dia da minha morte e jamais devo aceitar marido.

— Mesmo agora, estando tão longe do teu país? — Oh, sim. Kali está em todo o lado.

— Porque abandonaste Ceilão? — O patrão Roger tirou-me de lá porque queriam sacrificar-me para aplacar a ira de Kali e a do seu esposo, o deus Shiva. Assim ficara decidido pelo sacerdote da minha aldeia depois de um sonho. Era suposto que eu me entregasse voluntariamente ao sacrifício, para tal fora consagrada como escrava, mas a verdade é que eu gritei e chorei todo o tempo. O patrão Roger e Somar, que andavam por ali à procura de terras, ouviram os

meus gritos e irromperam pela cerimônia. Brandindo mosquetes e espadas, obrigaram toda a gente a dispersar. O patrão Roger agarrou-me por um braço e fez-me sentar na garupa do Black Jack. Já não pôde comprar terras naquela região —acrescentou. — Teve de as procurar no Sul.

— É uma história triste.

— Tenho sido muito feliz a servi-lo. Desde aquele dia, nunca mais me afastei dele, a não ser quando viaja para Ceilão. Nunca mais quis retornar à minha terra.

Após um silêncio, Melody arriscou-se a perguntar: — Trinaghanta, conheceste a primeira mulher de Roger, Victoria? — Claro que sim.

— Como era ela? — Lindíssima — disse, sem hesitar. — Um pouco caprichosa, mas tinha um bom coração.

— Achas que Roger a amava? — À sua maneira, talvez. É claro que não como ama Sua Mercê, senhora. Desta maneira nunca o vi amar ninguém. Desde que a conheceu, tornou-se noutra pessoa.

— Usarei este vestido — disse Melody num tom decidido —, e passa--me o frangipani.

Agradava-lhe que Blackraven apoiasse uma perna na beira da mesa de bilhar, gostava daquela atitude descontraída. Lia o jornal e bebia de uma xícara, certamente de chocolate quente. Sobre aquela mesa, tinham feito amor e ela acabara com a boca dele entre as pernas. Deu pela sua presença, devido ao ruído da sarja.

— Meu amor — murmurou ao vê-la sem ser de luto e com o cabelo solto.

Melody meteu as mãos debaixo da jaqueta de Blackraven e rodeou-lhe a cintura. Estava tépido e colou o seu corpo ao dele.

— Puseste frangipani.

— Para ti. Beija-me, Roger.

Beijou-a suavemente, numa leve carícia de lábios. Melody pôs-se em bicos de pés e, com ambas as mãos na nuca de Blackraven, saboreou o interior da sua boca com gosto a chocolate, sugando-lhe a língua e o lábio, mordendo-o, deixando-o louco. Ele soltou um gemido e tornou o beijo mais profundo. Melody julgou que ia sufocar.

— Porque me fazes isto? — queixou-se, agitado, encostando a testa à cabeça dela.

— O quê?

— Obrigar-me a perder o controle.

— Perde.

— Não.

— Por quê?

— Pelo bebê.

— O teu filho está seguro dentro da mãe.

— Se me deixasse levar pelo que provocas em mim neste momento, não seria suave, Isaura. Seria mesmo muito brusco. Sinto-me a perder o domínio. Passou tempo de mais e desejo-te assim… Quase não consigo respirar.

Era verdade, fazia-o de um modo descompassado, com intermitências que o faziam arfar.

— Penso no menino — voltou a dizer —, no fato de lhe poder acontecer alguma coisa.

Voltaram para o escritório. Blackraven tirou a jaqueta e deixou-se cair no cadeirão de couro, frente à lareira, onde ardiam vários toros de lenha. Melody aproximou-se da secretária para servir mais chocolate. O corpete decotado apertava-lhe os seios e, quando se inclinava sobre as xícaras, pareciam querer saltar. Blackraven mexeu-se na poltrona e cruzou as pernas. A sua ereção era dolorosa.

Observava-a atentamente, enquanto Melody, como que hipnotizada pelo fogo, dava pequenos sorvos com a graça imperturbável de uma dama. A sua beleza era exaltada por todas aquelas cores: o verde-claro do vestido, o acobreado dos cabelos, o turquesa dos olhos, o castanho escuro das sobrancelhas, o negro das pestanas, o alabastro da pele, o coral dos lábios. Viu-a umedecê-los com a língua e reconheceu que os limites da sua resistência tinham sido ultrapassados. Abandonou a xícara sobre o pires, passou a mão pela nuca de Melody e puxou-a para si até junto da sua boca dando-lhe um beijo intenso. Envolvendo-lhe a cintura sentou-a ao seu colo, as pernas abertas, afastando-lhe o vestido e as anáguas até poder tocar-lhe na pele. Tremia, ofegante, enquanto, com movimentos rápidos e toscos, tentava abrir-lhe o corpete para lhe libertar os seios.

— Estão enormes — disse.

Melody pegou num seio com a mão e encostou-lhe o mamilo aos lábios. A sucção de Blackraven fê-la gritar de prazer e também de dor. Sentiu a cabeça a andar à volta. Com o rosto mergulhado entre os seios de Melody, Roger agarrava-a pela cintura e roçava o seu sexo ereto na vulva dela. Sentia-o pulsar e crescer. Também ela vibrava até que o êxtase chegou com violência, atirando-a para trás, obrigando-a a agarrar-se a Blackraven, enquanto os seus gritos alertavam as escravas que, na sala, riram, trocando olhares entre si. Mais tarde, contariam tudo aquilo a Berenice, a voluptuosa cabrita que, no passado, se metera na cama do patrão Roger.

— Não poderá continuar a dizer que Miss Melody é frígida.

Melody perdera por completo as forças. Nem as pernas, nem os braços respondiam aos seus apelos e tinha dificuldade em abrir as pálpebras.

Blackraven agarrou-a, ao mesmo tempo que lhe tirava as culotes, antes de a colocar de novo sobre o seu corpo.

— Tira-me as calças — disse, levantando a anca para lhe facilitar os movimentos.

Suspirou quando Melody lhe libertou o pênis e o segurou com ambas as mãos. Ficou a olhá-la. Era adorável quando o desejo se refletia no seu rosto, naquele trejeito sem titubear, as faces a arder, os lábios tumefatos e entreabertos. Cerrou os olhos e lançou a cabeça para trás, deixando Melody mais à vontade, enquanto as suas mãos se moviam debaixo da sarja e lhe apalpavam as pernas.

Melody ergueu os olhos e fixou atentamente o marido. Havia nele algo de intenso e imperioso. Agarrou-lhe a nuca e falou-lhe de muito perto, a boca mesmo junto aos seus lábios.

— Estás a ver? Toca — e com a sua mão apertou a dela. — Vês como está duro? — E enorme.

— Por culpa tua, meu amor. — Melody julgou identificar um tom de censura.

Melody procurou os lábios de Blackraven e começou a beijá-lo com a mesma energia com que movia os dedos sobre o seu pênis. Blackraven gemeu e, com um movimento ágil e austero, levantou-a para a penetrar.

— Desejei com tanto desespero este reencontro — confessou. — Que foi que me fizeste, Isaura, que já não sou o mesmo homem? Vais acabar comigo se não me amares como eu te amo, deste modo doentio. Às vezes penso que estás a dar cabo de mim. Será uma vingança? Quero ver-te louca por mim. Louca, louca! Quero que sofras por mim como eu sofri por ti. Como foram estes meses de separação? Um inferno, como os meus? Diz-me! Blackraven levantava-a, fazia-a rodar em círculos, mo via-a para a frente e para trás, para um lado e para o outro, sacudindo-a, enterrando-lhe os dedos nos quadris. Melody ouvia-o sem poder responder. Mal conseguia respirar. Sentia a boca seca e a garganta estrangulada.

— Quero que sofras, que me supliques que te ame, quero que me jures que sou o único, o primeiro e o último.

Blackraven esquecera todos os seus escrúpulos iniciais e, desencadeada a paixão, possuía-a com brutalidade, certo de que mais tarde o lamentaria, mas sem intenção de se deter. Na verdade, pouco lhe importava o que pudesse acontecer depois. Só lhe interessava Isaura, o que ela tinha para lhe dizer.

— Como me sinto pequeno ao teu lado! — exclamou. — Recolho as migalhas que me atiras. Suplica-me, Isaura! Suplica-me.

— Oh, Roger, não pares! Sim, Roger, assim! Oh, acho que vou morrer.

— Pensavas em mim? Pensaste em mim alguma vez? — Todos os minutos de todos os dias durante setenta dias.

— Sofrerias se eu morresse? — Morreria contigo! Soluçou no meio de uma

luxúria histérica, sujeita a espasmos que lhe contraíam e descontraíam a vagina à volta do membro de Blackraven, espasmos que aumentavam à medida que o êxtase se aproximava. Depois, tornavam-se pura tensão, uma tensão parada e expectante que, ao explodir entre as suas pernas, a mergulhava numa agonia que a atordoava e a deixava a tremer. O seu orgasmo fora tão intenso que nem sequer teve consciência do de Blackraven, apesar de no meio dos seus próprios gritos lhe tivesse parecido ouvir os dele, profundos, desesperados, e sentido o aperto das suas mãos enormes que a agarravam com ferocidade. Compreendeu mais tarde, que Blackraven ficara totalmente esgotado, ao vê-lo estendido na poltrona, a cabeça para trás, os braços caídos ao longo do corpo. Tinha os olhos muito abertos, fixos no tecto, não pestanejava e a sua respiração era uma espécie de assobio rouco. O peito, esse, subia e descia ao ritmo enlouquecido do seu coração.

Melody mudou de posição para se ajoelhar, mas Blackraven obrigou-a a voltar à posição inicial.

— Fica quieta. Ainda não quero sair de dentro de ti.

Melody abriu-lhe a camisa e beijou-lhe o peito, deixando um rasto de saliva e lágrimas.

— Amor da minha vida, meu doce amor. Soubeste por acaso que foram exatamente setenta dias? Eu contava-os, sabes? Um por um, dia a dia.

Finalmente pôs-se de joelhos inclinando-se sobre o semblante imperturbável de Blackraven. Melody falava e chorava ao mesmo tempo e as suas lágrimas banhavam as faces barbudas e acabavam por se filtrar por entre os lábios dele.

— Merecia que me deixasses como fizeste, eu sei, mas quando te foste embora… Bem, foi a situação mais difícil de toda a minha vida. A mais dura, entendes? Porque não te tinha ao meu lado para suportar o meu destino. Contigo encaro qualquer desafio, não tenho medo de nada. Nunca imaginei que estar longe de ti pudesse ser tão doloroso. Durante a tua ausência, perguntava-me todas as manhãs: “Será hoje que volto a vê-lo?”E quando Somar voltava para casa, Roger, e eu lhe perguntava com o olhar se havia alguma carta tua, alguma notícia tua e ele abanava negativamente a cabeça, porque não havia nada, o meu coração sangrava de dor. Mais tarde, quando o Jimmy adoeceu, só pensava: “Meu Deus, devolve-me o Roger! Não me faças viver este martírio longe dele.” A misericórdia de Deus existe, Roger. Ele conduziu-te até junto de mim no momento em que as minhas forças estavam a chegar ao fim. Meu amor! Não me deixes nunca mais! Roger, por amor de Deus, não voltes a deixar-me. Ama-me, ama-me sempre. Ama-me loucamente como eu te amo a ti.

Tapou o rosto com as mãos e continuou a chorar. Os braços de Blackraven envolveram-na, quase lhe cortando a respiração. Os seus lábios úmidos

marcaram-lhe sulcos nas faces, no pescoço, nos ombros, nos braços, nos seios. A paixão dele assustava-a, mas não ousou hesitar.

Entregara-se na totalidade àquele homem.

Blackraven tomou-lhe o rosto entre as mãos e disse: — Tu e eu somos um único ser, as duas partes de uma unidade. Não podemos viver separados, não podemos afastar-nos um do outro. Tu não podes excluir-me, nem eu a ti. Seja o que for que tenhamos de viver, viveremos juntos. Do mesmo modo que os nossos corpos se unem quando fazemos amor, o mesmo acontece com os nossos espíritos e corações. Consegues senti-lo? Consegues sentir assim, Isaura? Para mim é tão claro quando te vejo, quando te toco, quando te ouço falar, quando entro no teu corpo. Em ti terminou a minha busca. Sei agora qual o verdadeiro sentido da minha existência: amar-te e ser amado por ti.

Melody ajeitou-se sobre o peito de Blackraven e chorou até que a angústia se transformou numa sucessão de suspiros.

— Olha para mim, Isaura. — Ela assim fez. — Sabes que és o único amor da minha vida? Sabes que não te mereço, meu anjo? — Depois de um silêncio, os olhos azuis de Blackraven encheram-se de lágrimas. — Porque te calhou esta vida tão dura, Isaura? Por que não foste uma menina mimada, criada com todos os cuidados, com vestidos caros e preceptores tolerantes? Não merecias nada do que te aconteceu. Sabes a impotência que isso provoca em mim? Quando penso nesse miserável do teu primo, em tudo o que te fez passar… — Tremeu-lhe a voz. Inspirou bruscamente e afastou o rosto para que ela não o visse. — E, como se não fosse suficiente, perdes o Jimmy… Melody limpava as faces, acariciava-lhe o pescoço e o peito, beijava-lhe o queixo e as pálpebras.

— Chiu, cala-te — pedia-lhe com doçura. — Chiu, não digas nada.Como repudiar a minha vida? Não te dás conta de que cada momento, cada ocorrência, alegre ou triste, me conduzia a ti, me punha um pouco mais perto dos teus braços? Não vês? Ouve, Roger, voltaria a viver aquela vida se tivesse a certeza de que no fim de tudo veria o teu rosto que tanto amo. Tu deste sentido à minha dor, compreendes? Deste sentido a tudo. Deste vida à minha vida. E à do Jimmy também, que descanse em paz. Puseste vida dentro de mim. Só tu poderias dar-me este filho.

— Amas-me, Isaura? — Para além do próprio entendimento. Com todas as forças do meu coração. Em todos os segundos e quando durmo também. Sim, amo-te, Roger Blackraven.

— Porque me amas? — Não sei porque te amo. Posso apenas dizer-te que amar-te me faz sentir feliz.

— Não te arrependes de ter casado comigo? — Nunca.

— Nem mesmo agora que sabes que fui um negreiro? — Não, nem mesmo

sabendo que foste negreiro. No dia em que soube, senti uma grande tristeza, mas não arrependimento. E tu, amas-me? — Sim, sobretudo quando tens estes orgasmos tão escandalosos.

— Não sou escandalosa — ofendeu-se Melody enquanto as maçãs do rosto coravam.

— Ai és, sim, meu amor. Acho que até o Bustillo, no quarto pátio,sabe que estivemos a fazer amor neste escritório.

— Roger, não vou ser capaz de olhar para eles.

A perturbação e o rubor de Melody fizeram-no soltar uma gargalhada.

— Pelo contrário, deverias olhá-los com orgulho. A única coisa que os nossos empregados devem sentir neste momento é inveja. — Ficou muito sério e afastou-lhe uma madeixa de cabelo da testa. — Ou achas que uma paixão como a nossa é normal? Achas que todas as mulheres têm prazer como tu? Que é natural o homem e a mulher terem um orgasmo ao mesmo tempo? Como és inocente, meu amor. Que sabes tu destas coisas!— A sua expressão tornou-se subitamente severa: — Alguma vez tinhas tido um orgasmo com algum outro? — Sabes bem que era virgem quando fizemos amor pela primeira vez.

— Não me refiro a fazer amor, perguntei se algum homem te tocou até te provocar um orgasmo.

— Bem, sim, uma vez. — Melody desatou a rir perante o trejeito furioso e desconcertado do marido. — Foi nesta mesma sala. Exatamente ali, contra aqueles painéis de carvalho. O meu patrão, aproveitando-se da minha inexperiência, provocou-me o primeiro orgasmo, que quase me fez perder a consciência, e fez isso com as carícias mais escandalosas. Nunca o perdoarei.

— Ah, não? Nunca o perdoarás? — Bem… Talvez se ele… Enfim, talvez perdoasse, se ele repetisse a façanha, embora não me pareça que esteja em condições.

Mal acabara de pronunciar aquelas palavras já Blackraven a deitava sobre a poltrona, obrigando-a a abrir as pernas. Agarrou-lhe o pulso e guiou a mão dela até seu pênis ereto. Melody gemeu.

— Vê o estado em que está o teu patrão! Vá, agarra, aperta. Ah!— contorceu-se num movimento convulso. — Será que esta paixão que sinto por ti nunca vai acabar? Acabo de te ter e não penso noutra coisa que não em voltar para dentro de ti.

— Lancei uma maldição, Excelência, para que arda por mim por toda a eternidade.

— Não vais deixar-me em paz nem depois de morto? Olha que me transformo num fantasma e venho te violar todas as noites.

— Sim — suplicou Melody, presa sob o corpo de Blackraven que se elevava

acima dela como o Colosso de Rodes.

Fizeram amor com suavidade, em leves e delicados movimentos. Pela sua expressão de dor e pela forma como respirava, libertando o ar de vez em quando, como se tivesse permanecido demasiado tempo debaixo de água, Melody podia perceber o quanto ele se reprimia. Com uma mão segurava-lhe a coxa, a outra mergulhava no braço da poltrona, acima da sua cabeça. Melody arregaçou-lhe a manga até o cotovelo e beijou-lhe o pulso, mesmo onde se destacavam as veias. Adorava o modo como os tendões se dilatavam sob a superfície peluda e bronzeada do seu corpo. Gostava de ver os seus músculos tremerem devido ao esforço. Blackraven baixou a cabeça e sugou-lhe os mamilos.

— Oh, Roger — gemeu Melody, arqueando-se para lhe oferecer os seios.

Abriu-lhe a camisa e meteu um dos mamilos dele na sua boca.

— Não faças isso, meu amor. Estou a tentar ser suave desta vez.

A comunicação entre ambos era de tal modo intensa que ia muito para além da fusão dos corpos. Melody sentia-se ligada àquele homem como se partilhassem outras partes vitais, o coração, o cérebro, os pulmões, a alma. Blackraven conhecia-a bem. Na verdade, ninguém a conhecia como ele. Melody percebia aquela revelação como um sufoco dentro do peito. Era uma felicidade transbordante e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

— Que se passa? Não chores, não suporto ver-te chorar.

— Choro de felicidade.

— Disse que te daria tanto prazer que te faria esquecer tudo.

— Sim, nunca falas por falar.

— Nunca. Eu te amo, Isaura, como jamais alguém amou neste mundo.

— Roger.

— Poderia ficar dentro de ti para sempre. Sou teu, meu amor, inteiramente. Nem uma única vez te fui infiel, nem física nem mentalmente. Orgulho-me tanto de que sejas a minha mulher. Não imaginas a falta que me fizeste.

Melody levantou as pernas e fincou os pés nas nádegas de Blackraven. Tinha ficado muito abaixo, a boca à altura do peito dele, aninhada no seu torso. Estendendo o braço, acariciou-lhe a linha do pescoço, onde podia sentir-lhe a pulsação. Arqueou-se um pouco para o incitar. Não queria suavidade e sim sentir toda a sua potência. Torturou-o de novo, mordiscando-lhe os mamilos, aventurando os dedos pelo corpo dele e no ponto onde se uniam, provocando nele um movimento ondulante e veloz.

— Isaura, porque me fazes isto? — Quero-te todo, inteiro. Não guardes nada.

— Assim? Ficas satisfeita assim? — As suas investidas aumentaram,tornando-se mais curtas e mais rápidas, quase brutais. — Tu não guardes nada também. Dá-me tudo, Isaura. Geme, geme para mim. Deixa-me sentir o prazer que te dou.

Quero ver até que ponto me amas.

Melody esqueceu-se dos criados e, com um gemido agudo e prolongado, deixou-se arrastar por aquele prazer que se fazia sentir em cada centímetro do corpo. A última investida de Blackraven empurrou-lhe a cabeça contra o braço da poltrona. Percebeu que as nádegas dele se contraíam e logo a seguir ouviu o seu grito como se tivesse sido ferido de morte. Ergueu os olhos, assustada. Ele gritava e mexia-se de modo descontrolado, ao mesmo tempo que se esvaía nela.

— Oh, Deus, vais matar-me! — disse em inglês, e caiu rendido sobre seus seios.

A calma demorou a chegar. Apesar de não se sentir à vontade com o peso de Blackraven sobre o seu corpo, Melody estava satisfeita. Não tinha fome, nem sede, nem frio, nem calor. Antes de se retirar, ele pediu: — Olha para mim.

Gostou da subida ansiosa das suas pestanas, sentiu-se ofuscado pelo peculiar azul-turquesa dos seus olhos e fascinado pela adoração com que ela o olhou. Sentia-se poderoso e triunfante quando se inclinou para lhe falar mesmo junto aos lábios.

— És minha? Diz-me. É só de mim que gostas, não é verdade? É só amim que amas? — Sim, mil vezes sim, sou tua e de mais ninguém. Sim, só tu és importante para mim, só te amo a ti, meu doce marido.

A resposta convenceu-o. Sorriu-lhe de uma forma que fez com que o coração de Melody disparasse de novo. Recostaram-se na poltrona, demasiado pequena para Blackraven, cujas pernas ficavam penduradas no braço de couro. Os minutos passavam e eles não quebravam o silêncio. Algum tempo depois, Melody incitou-o a falar da viagem. Blackraven falou-lhe em voz baixa das belezas do Rio de Janeiro, da casa que alugara para os primos, dos seus amigos, o capitão Malagrida e Adriano Távora, de como tinha conhecido Estevanico, das noites em branco, sentindo a falta dela, dos presentes que lhe comprara e que lhe daria mais tarde. Adormeceram e foram acordados por alguém a bater à porta.

— É Trinaghanta — adivinhou Blackraven.

A cingalesa trazia-lhes uma bandeja com o almoço. Quando se levantou da poltrona, Melody experimentou um misto de dor e de prazer e deu-se conta de que lhe ardia o sexo. A dormência fê-la cambalear. Blackraven, de joelhos à sua frente, levantou-lhe a saia, descobrindo-lhe as coxas e os quadris cheios de manchas roxas de seus dedos que haviam ficado impressos na pele.

— Fui uma besta — admitiu, beijando o sexo dela.

— Roger, não te amargures. A minha pele é assim, sempre foi, basta roçar em qualquer coisa e aparece logo um hematoma. Às vezes nem consigo lembrar de ter batido e acordo de manhã com uma mancha roxa.

— É por seres tão branca e tão magra — disse ele, o rosto encostado à coxa de

Melody. — Veem-se as veias à transparência. Perdoa o meu excesso de ardor.

— Foi bom, meu amor.

— E agora estou a morrer de fome.

— Come tu, eu não tenho apetite.

— Vá lá, meu amor, tens de comer. Prometeste-me que te recomporias pelo bebê.

— Por ti também.

— Anda — ordenou-lhe, enquanto se ajeitava na poltrona, com Melody sentada sobre os seus joelhos. — Não consigo acreditar que não tenhas apetite depois do que te fiz. Ou será que te deixei tão satisfeita que até a fome te tirei? Melody achou graça à pergunta, ao tom e à forma como ele a formulou e soltou uma risada breve e tímida, como se fosse uma criança, o que enterneceu Blackraven. Beijou-lhe a testa e chegou-lhe um pedaço de carne aos lábios.

— Se comeres um pouco vais ver que te abre o apetite.

— Deveria tomar uma colherada do tônico do doutor Constanzó.

— O doutor Constanzó! — repetiu Blackraven irritado. — Que temesse charlatão para merecer a tua confiança cega? Quem me dera que confiasses em mim como confias nesse impostor! — Roger, que estás tu a dizer? O doutor Constanzó é um bom médico,muito humano. Foi delicado e compreensivo com o Jimmy. Foi o único que… — Sim, sim, já sei. O doutor Constanzó é o melhor homem que existe à face da Terra.

— Não. O melhor homem que existe à face da Terra és tu. — Beijou--lhe os lábios. — Como podes ter ciúmes dele? Ou seja de quem for? Não consigo acreditar que tenhas ciúmes.

— Ciúmes ferozes — confirmou, sem hesitar.

— Como poderia eu amar outro homem se o meu marido és tu? — Não quero que o Constanzó volte aqui a casa. Não quero que seja o teu médico.

— Estás a ser injusto.

— Isaura, esse verme olha-te com um ar baboso. Sei muito bem oque digo. Sou homem e identifico bem essas coisas. Não é em vão que tenho mais quinze anos que tu. O idiota deseja-te. Por isso, mantém-no à distância ou ainda acabamos num duelo.

— Está bem — aceitou, pois queria agradar-lhe —, não voltarei a chamá-lo.

— E deixa de tomar esse tônico que ele te receitou. Eu farei com que recuperes o apetite.

Quando chegaram ao quarto, Blackraven entregou-lhe os presentes que lhe tinha comprado no Rio de Janeiro. Nunca imaginara o prazer que sentiria com o entusiasmo de Melody que soltava pequenos gritos, o rosto iluminado ao descobrir o conteúdo de cada embrulho, de cada caixa: as peças de veludo, seda

e brocado, os chapins de pele de carneiro, o leque com varetas de nácar e seda pintada, os brincos de topázio, o colar de águas-marinhas e crisólitos, a pregadeira de citrino, o pequeno anel com ametistas. Lembrou-se do dia do casamento, do mo mento em que a vira entrar no escritório envolta naquela aura diáfana. Tirou-lhe das mãos a boneca belga e abraçou-a num gesto intempestivo, dizendo-lhe apaixonadamente ao ouvido: — Mais tarde, quero que realizes uma fantasia que acalentei durante o tempo que estive no Rio de Janeiro. Mais tarde. Agora gostaria de fazer uma caminhada contigo até a praia.

— Sim, Roger, está um dia lindo para andar a pé. Vou mudar de vestido que este está muito amarrotado.

— Não, deixa estar. Tenciono amarrotá-lo mais ainda. Toma, cobre--te com a tua capa de merino. — Lançou-lhe a capa sobre os ombros e atou-lhe o cordão ao pescoço. — E calça umas luvas, está frio. Anda, vamos lá.

— Estes dias em El Retiro são a nossa viagem de núpcias — comentou Melody, enquanto atravessavam o parque em direção ao barranco —, a viagem que não pudemos ter por causa da morte de dom Alcides.

— Satisfazes-te com tão pouco, minha querida. Tenho em mente uma viagem mais faustosa do que estes dias em El Retiro. Paris, Roma, Veneza, Florença. Importar-te-ias que nos desviássemos alguns minutos? Estou a ver o cavalo do capataz e gostaria de trocar meia dúzia de palavras com ele para saber como vai a ampliação do lagar.

Depois de ouvir os comentários e pedidos do funcionário, o mesmo que tinha a seu cargo a construção da fábrica de curtume, dirigiram-se para a praia. Melody, pelo braço do marido, ouvia-o com verdadeira devoção, enquanto ele lhe contava tudo sobre os seus projetos. De repente, Blackraven parou e beijou-lhe as mãos.

— Isaura, se eu alforriasse os nossos escravos, isso far-te-ia feliz? Melody foi apanhada de surpresa e ficou muda, sem afastar os olhos dos dele.

— Eu faria qualquer coisa por ti, Isaura — recordou-lhe, apoiando atesta na sua —, qualquer coisa, meu amor, só para te ver feliz.

Melody tomou-lhe o rosto entre as mãos em jeito de resposta. Não conseguia pronunciar palavra.

— Eu sei — balbuciou, incitando-o a continuar a andar até a beira do barranco, de onde contemplaram o rio.

— Foram muitas as vezes em que pensei pedir-te que alforriasses os nossos escravos — confessou Melody.

— Porque não o fizeste? Qual era o teu receio? — É que não tenho a certeza de que seja o melhor para eles. Muitas vezes penso que são como crianças, Roger. Crianças que, sem a nossa proteção, decerto morreriam. Vi muitos

africanos alforriados vaguearem pelas ruas, a morrer de fome, esfarrapados, mendigando para sobreviver. O albergue é principalmente para eles.

— Os nossos escravos não teriam tal sorte. Poderiam ficar conoscoe trabalhar por um salário, mas, quando assim o desejassem, poderiam ir-se embora em liberdade.

— Oh, Roger! Farias isso? — Por ti? Sim. Isso e qualquer outra coisa.

Passou-lhe os braços pela cintura e colou-se a ele, encostando o rosto ao toque macio da sobrecasaca de caxemira. Ergueu os olhos e viu que ele olhava novamente o rio absorto.

— Que consequências teria para ti uma atitude dessas? Que diriam as pessoas? Poderia prejudicar-te? — Os portenhos abastados ficariam furiosos, naturalmente. — Sorriu de modo irônico. — De qualquer modo, se os ingleses resolverem ficar com estas terras, o mais provável é que acabem por pôr fim à escravatura. Consegui surpreender-te, não foi? Estás a ver que os meus compatriotas não são tão perversos como tu imaginas? É muito provável que o novo governo de Downing Street comece por abolir o comércio negreiro como primeiro passo para uma medida mais radical: devolver a liberdade aos escravos. Qual é a tua opinião acerca da intervenção inglesa no Rio da Prata? — Apenas isto: ainda bem que o meu pai não está vivo para a ver.Sabes, Roger? — disse com o intuito de pôr fim ao assunto. — Foi exatamente daqui, deste sítio, que te vi nadar naquela manhã de Janeiro.

Lembraste? Ele ensaiou um trejeito que a fez rir.

— Como poderia esquecer? Fiquei duro como uma pedra só por saber que estavas a olhar para mim.

— A princípio não percebi que eras tu. Parei para me certificar deque não acontecia nenhum mal ao imprudente que se aventurava nestas águas. São muito traiçoeiras, sabes? — Deixarás alguma vez de te preocupar com os outros? Correram pelo barranco abaixo e Melody desafiou-o a persegui-la. Blackraven deixou-a fugir. Não demorou muito a apanhá-la. Agarrou-a por trás, deitou-a no chão e obrigou-a a dar algumas voltas. Melody ria e proferia o nome dele aos gritos. Desceram a rolar até a areia da praia e Blackraven recebeu o impacto da queda. Pousou o corpo sobre o dela, beijou-a, primeiro com ansiedade, prendendo-lhe os pulsos acima da cabeça, sugando-lhe os lábios, pressionando-lhe a pélvis. Pouco depois, perante a rendição de Melody, abandonou aquele impulso violento e cobriu-lhe o rosto e o pescoço de beijos suaves.

— E lembraste de quando fizemos amor neste mesmo lugar, na -quela noite de Fevereiro a seguir à tertúlia? — Claro que sim — sussurrou Melody.

Blackraven sentiu o desejo dominá-lo. Rapidamente, quase a correr, levou-a

para junto do barranco, onde o terreno fazia uma curva natural que lhes oferecia um refúgio, ao abrigo do vento frio e da curiosidade de possíveis intrusos.

Voltaram para casa no momento em que os escravos abandonavam os trabalhos do campo e regressavam às barracas. Os mais ousados aproximavam-se para cumprimentar o Anjo Negro. Uma jovem atreveu-se a beijar-lhe as mãos.

— Não, Tecla — disse Melody. — Não sou ninguém para que me beijes as mãos.

— Vossa Senhoria é tudo para nós. Graças a Sua Mercê, temos catres para dormir, cobertores para nos agasalhar e braseiras para nos aquecer. E graças ao patrão Roger — acrescentou, fazendo uma reverência sem levantar os olhos do chão. — Estamos muito confortáveis, Miss Melody, não se preocupe. Além disso, dom Bustillo já não nos põe grilhetas nos tornozelos.

"Gostaria de lhes dar tanto mais." — E a comida? Comem bem? A quantidade é suficiente? — Ninguém come melhor do que os escravos do Anjo Negro — assegurou Tecla.

— Está alguém doente? — A jovem negou com a cabeça. — Graças a Deus — murmurou, pensando no surto de varíola que se espalhara pelo bairro do Tambor. — Se alguém adoecer, Tecla, deverás mandar logo alguém avisar-me, por exemplo o Balkis que leva todos os dias a carne àcasa de San José. E Juan Pedro e Abel como estão? — Melody perguntava pelos filhos da escrava.

— Sentem falta de Sua Mercê. Querem que Vossa Senhoria fique para sempre em El Retiro.

— Eu voltarei — prometeu Melody — e continuarei ensinando-os a ler e a escrever.

Blackraven fê-la entrar em casa. O sol já se tinha posto e a temperatura do ar diminuía.

— Conheces os nomes de todos eles, não é verdade? — Melody assentiu. — E os dos filhos. Numa coisa estou de acordo com Tecla — disse Blackraven, que até aquele dia desconhecia o nome da jovem. — Vossa Senhoria também é tudo para mim.

Mandou preparar a tina grande no quarto e tomaram um banho juntos. Melody adorava a nudez de Roger, o tom bronzeado do torso e o contraste com a palidez dos quadris e das nádegas. Debaixo de água, tocou-lhe nas nádegas e Blackraven soltou um gemido e moveu-se compulsivamente. Sorriu, animada pelo efeito das suas mãos no corpo dele. Gostava também da mata de pêlo escuro que lhe cobria o peito e se tornava mais fina na zona do ventre, terminando numa linha abaixo do umbigo que se embrenhava na sua parte mais íntima. Olhou-o de perto: tinha os olhos fechados, atirara a cabeça para trás e esticara os braços sobre as bordas da tina. A sua postura descontraída exerceu um efeito hipnótico sobre o espírito

inquieto de Melody. Colando as costas ao torso de Blackraven, inspirou profundamente, tentando acalmar as suas pulsações. A água quente e os vapores aromáticos ajudaram-nos a dormitar.

Resolveram jantar ali mesmo, sentados no tapete, encostados aos grandes almofadões, frente à lareira, única fonte de luz. Saltavam de um assunto para outro, alegres, de bom humor e ao mesmo tempo, serenos. Blackraven atiçou os toros de macieira e as chamas avivaram-se.

— Achas que tudo vai correr bem? — perguntou, com a mão sobre o ventre de Melody.

— Claro que sim, meu amor. Que poderia correr mal? — O parto. Por vezes há complicações e muitas mulheres… — Não se atreveu a terminar a frase.

— Eu sou forte, bem sabes.

— Sim, mas se te acontecesse alguma coisa, Isaura, eu… — Não vai acontecer-me nada — interrompeu-o Melody. — Temos de confiar em Deus.

Blackraven aproximou-se ainda mais dela e cobriu-a parcialmente com o seu corpo. Não dizia nada, limitava-se a observá-la, a acariciar-lhe os cabelos, as faces, o pescoço. A urgência das suas carícias e o brilho penetrante do seu olhar falavam bem da natureza possessiva e tirânica do seu marido, dessa índole de imperador que madame Odile descobrira meses antes e devido à qual tudo tinha de ficar sob a sua tutela. Compreendeu também que entrara de rompante na vida dele para lhe provocar sentimentos que, opondo-se a essa índole de ferro, o desorientavam e enfureciam.

Quando por fim falou, Blackraven fê-lo num tom de voz tão grave e profundo que Melody sentiu que lhe tremiam as pernas.

— Sabes que sou um dos homens mais ricos de Inglaterra? Que as minhas riquezas são de perder a conta? Que possuo propriedades por todo o mundo, uma frota de barcos, um estaleiro, ações em várias indústrias, dinheiro nos bancos, joias, obras de arte? A minha fortuna é tal que não consegues sequer imaginá-la. E sabes também que cada maldito tostão me custou muito a ganhar, arriscando a vida em diversas ocasiões. Não deveria dizer-te isto, visto que já tens demasiado poder sobre mim, mas quero que saibas que, se com as minhas riquezas pudesse ter-te sempre ao meu lado, afastar-te da morte, do perigo, da dor, comprar-te a felicidade eterna, as entregaria sem a menor hesitação. Renunciaria a tudo se soubesse que assim teria a minha doce Isaura para sempre ao meu lado.

— Eu vou ficar sempre contigo — disse Melody, agarrada ao seu pescoço.

— Isaura, tenho medo de te perder. Gosto de te amar, mas às vezes tenho tanto medo.

— Quero realizar a fantasia que costumavas acalentar quando te encontravas no Rio de Janeiro — disse Melody, limpando as lágrimas com as costas da mão.

Blackraven precisou de alguns segundos para responder.

— Então deixa que seja eu a despir-te. Quando comprei este camafeu no Rio… — retirou-o da algibeira e entregou-o.

— É lindo, meu amor.

— Quando o comprei — recomeçou —, disse a mim mesmo: "Quero que ela se passeie nua à minha frente, com este camafeu ao pescoço e o cabelo solto sobre as costas." Despiu-a com gestos lentos, enquanto acariciava com os lábios as partes que iam ficando expostas. Acariciou-lhe a delicada curva do ventre, beijou-o, encostou o ouvido, voltou a beijá-lo e aí deixou os lábios durante longos segundos, ele de joelhos, Melody com os dedos perdidos no seu cabelo negro. Levantou-se e voltou a fazê-la sentir-se pequenina como naquela manhã em que tinham feito amor na poltrona e ela recordou o Colosso de Rodes. Blackraven desapertou o laço no extremo da sua trança e a desfez, constatando que o cabelo crescera e que quase lhe cobria as nádegas. Por fim atou-lhe a fita de veludo negro do camafeu à volta do pescoço. Sentou-se na poltrona e cruzou os braços e as pernas. Dava-lhe indicações dali e ela obedecia em silêncio. Havia uma força excitante na inocência dos seus movimentos, no pudor e no modo um pouco tosco com que se mostrava, naquele desejo de o satisfazer apesar da vergonha. Blackraven sentia-se orgulhoso por a sua feminilidade lhe pertencer, sem que ela tivesse sido vista por outros olhos ou tocada por outras mãos. Sem desviar o olhar dela começou a despir-se.

— Deita-te.

Recostou-se sobre o tapete, junto à lareira, com as pernas dobradas e os joelhos para a esquerda. A figura despida de Blackraven projectou-se sobre ela e Melody teve de conter a respiração como reação inconsciente à beleza do corpo daquele homem. "Como é possível que ele seja só meu?", pensou admirada. As chamas projectavam luzes e sombras sobre os músculos de Blackraven, desenhando os contornos do seu ventre plano, dos braços, das pernas longas e grossas, salientando a linha do seu maxilar e a forma aquilina do seu nariz, tornando-lhe o olhar mais profundo. Parecia talhado em pedra negra. O cabelo, solto sobre os ombros, dava-lhe um aspecto primitivo.

— És tão bonito — disse Melody, estendendo o braço até que os dedos roçarem a glande dura e inchada. — Anda fazer amor comigo.

Foi uma longa noite em que dormiram de modo intermitente.

Depois de se amarem sobre o tapete junto à lareira, jogaram despidos uma partida de bilhar que acabou quando Melody se sentou à beira da mesa e passou as pernas em volta dos quadris do marido.

— Estás a ver se me distrais para eu perder o jogo — acusou-a Blackraven, e agarrando-a pelas nádegas, preparou-se para a penetrar. — És muito astuta,

sabes? — Não, astuta, não, Excelência. Insaciável, por sua culpa.

Com as mãos sobre o pano verde, arqueou o corpo para lhe oferecer os seios e, ao ver a cabeça escura de Blackraven perder-se neles, suspirou. “Estes seios que irão alimentar o meu filho, saciam-me agora a mim”, murmurou Blackraven que, instigado por aquele pensamento, a puxou mais para si, a fim de sentir os mamilos úmidos e duros contra a sua pele. No silêncio da casa, os gritos de prazer percorreram todas as divisões como ecos dolentes.

Envoltos nos seus agasalhos, dirigiram-se ao quarto, no andar de cima, onde Trinaghanta já tinha aberto a cama e colocado uma colcha de algodão fino e a braseira de bronze com carvão de lenha junto da portada entreaberta. Deitaram-se, exaustos e despidos, adormecendo pouco depois. A meio da noite, Melody acordou sentindo os dedos de Roger no seu corpo. Gemeu, lutando contra o sono e a excitação e Blackraven foi tentado a deixá-la em paz, precisava de descansar, exigira demasiado dela. Mas continuou. Não era ele e sim aquela paixão demente que o manipulava como se ele fosse um fantoche, como se, tomado de uma fome e de uma sede selvagem, tivesse encontrado um fruto doce, fresco e maduro. Não ficava saciado.

Melody acordou finalmente e logo a seguir voltou a adormecer. Ele era tão hábil quanto viril, conhecia de cor os seus pontos-chave, as suas posições preferidas, conseguia deixá-la enfraquecida, lânguida. O ambiente que os rodeava era propício: a escuridão do quarto, o crepitar do carvão na braseira, o calor dos lençóis, o aroma dos corpos, a respiração pesada dele, os gemidos dela, tudo a excitava. Sentiu-se arrepiada ao ouvi-lo sussurrar: — Vamos fazê-lo assim, é uma maneira de praticar para quando o teu ventre estiver maior e não puder deitar-me sobre ti.

— Achas que vais ter vontade de fazer amor quando eu estiver inchada e gorda? — Podes crer.

Deu-lhe habilmente a volta, obrigando-a a voltar-se de costas, moldada ao torso dele. Com o joelho, Blackraven levantou-lhe a perna. Surpreendeu-a, quando a penetrou de modo certeiro e rápido. Pensava que não conseguiria naquela posição. Melody estendeu o braço para trás, agarrando a nuca de Blackraven.

— Jura-me — sussurrou —, jura-me que entre nós as coisas vão ser sempre assim, que nos amaremos sempre como hoje.

— Juro-te, pelo meu filho que trazes no ventre.

A solenidade daquele juramento e a violência do orgasmo emocionaram-na e não conseguiu adormecer senão de manhã. Acordou já tarde e ao abrir os olhos com alguma dificuldade, viu que Blackraven não estava ao seu lado. Trinaghanta informou-a, enquanto lhe servia o pequeno-almoço, de que ele andava a

inspecionar a propriedade.

Depois de tomar banho e de se vestir, sentou-se na cama a observar melhor os seus presentes, com pena de que Miora não estivesse ali para a ajudar a decidir como os usar. Uma vez que tinha colocado um vestido de organdi amarelo decidiu usar os brincos de topázios e o colar de águas-marinhas e crisólitos. Deixou o cabelo solto e prendeu apenas as madeixas que lhe emolduravam o rosto. Olhou-se ao espelho e achou-se bonita.

O ruído de cascos e de rodas no caminho que conduzia à porta principal prendeu-lhe a atenção. Envolta na mantilha, dirigiu-se à varanda.“Roger, meu amor”, pensou ao vê-lo desmontar Black Jack para ajudar madame Odile e as meninas a descerem da carruagem com a águia bicéfala. Viu como ele se comportava com aquelas prostitutas com os mesmos modos impecáveis com que se teria dirigido a uma rainha e ao seu cortejo.

Desceu a correr e lançou-se nos braços de madame Odile. Lançaram-se as duas num pranto, ao qual vieram juntar-se as outras, que se abraçaram a Melody e a madame Odile formando um círculo à volta delas.

— Todas gostávamos muito dele — soluçou Arcelia.

— Está na glória do Senhor — declarou Apolonia.

— Era um anjinho! — exclamou Jimena.

— Bom, bom! — ressoou a voz de madame que, afastando um pouco as garotas, quebrou o círculo. — Já chega de lágrimas — ordenou, enquanto limpava os olhos com um lenço. — O Jimmy deve estar a rir-se de nós, esteja onde estiver. Ele gostava de desfrutar das coisas boas davida e era isso que desejaria para nós. Vamos, Sua Excelência convidou-nos para passarmos um dia no campo, não um dia de luto. Almoçaram na sala de jantar principal. Era uma algaraviada sem tom nem som. As garotas admiravam a louça — uma raridade naquelas terras —, os talheres de prata maciça de Potosí, a variedade e abundância de pratos, o magnífico Carlón, apreciavam a propriedade, falavam dos seus novos clientes, dos oficiais ingleses e faziam comentários sobre a moda na corte da imperatriz Josefina. Os acontecimentos das suas vidas e as suas opiniões faziam rir Melody, o que fora a intenção de Blackraven. Ele mantinha-se em silêncio, comia, bebia, de vez em quando dava uma gargalhada e quase nunca afastava os olhos de Melody. Madame Odile observava-o e, uma ou duas vezes, ao detectar que o olhar de Blackraven se cruzava com o da sua mulher, apanhou-o a piscar-lhe o olho, o que trouxe alguma cor às maçãs do rosto da jovem. Inclinou-se para lhe dizer ao ouvido: —Apesar de estar claro para mim, devo perguntar-lhe: como vai a minha menina, Excelência? Tenho de lhe confessar que o seu bilhete me assustou um pouco.

— Eu estava também um pouco assustado ontem quando chegamos, madame.

Mas bastou afastá-la daquela casa e das recordações que encerra para que ela voltasse a sentir alegria.

A mulher levantou as pestanas postiças e olhou-o com malícia.

— Claro, não foi mais nada, só isso, Excelência.

A seguir ao café e aos licores, Blackraven foi tratar de um problema relativo à ampliação do lagar. As garotas viram-no afastar-se, montando Black Jack e perderam-se em suspiros deliberados que fizeram Melody rir-se ainda mais.

— É teu, minha linda — animou-a madame, com uma palmadinha na mão. — Só teu.

A tarde esfumou-se entre lançamentos de Tarot, caminhadas pelo parque, visitas à nora e ao moinho, e chocolate com bolos na sala. A conversa descontraída das prostitutas convidava ao riso e foi a rir que Blackraven veio encontrar Melody na casa de jantar.

— Excelência! — exclamou madame Odile ao vê-lo entrar. — Espero que tenha conseguido resolver o problema.

— Assim foi, madame — disse, retirando as luvas de montar. — Obrigado pela sua preocupação — acrescentou com uma ligeira inclinação de cabeça. — Posso saber o que vos fazia rir tanto? — interessou-se, enquanto recebia uma xícara de chocolate quente das mãos da sua mulher.— Daquele dia — disse Apolonia — em que um assessor do Cabildo… — Um jovem muito bem parecido — acrescentou Arcelia.

— É que esse jovem muito bem parecido do Cabildo quando entrou lá em casa avistou os cabelos soltos de Melody quando ela se escapava lá para dentro.

— Melody nunca voltava aos salões depois de terem começado a chegar os clientes — explicou madame Odile.

— O rapaz emperrou como uma mula velha. Queria aquela jovem de caracóis cor de cobre, era assim que os descrevia. Poético, não acha, Excelência? Não aceitou nenhuma das outras e acabou por se ir embora.

Nessa noite, despidos na cama, Blackraven pediu a Melody que lhe acariciasse as costas com os seus “caracóis cor de cobre” e ela ajeitou-se para lhe fazer a vontade. Blackraven gemia à medida que os seus músculos relaxavam e a tensão desaparecia. Voltou-se para receber também no peito aquelas carícias. Melody inclinou-se para arrastar o cabelo, ao mesmo tempo que cobria o peito do marido de pequenos beijos.

— Obrigada por teres convidado madame Odile e as meninas. Foi um dia lindo.

Blackraven soltou um gemido débil em jeito de resposta.

— Estás a gostar? — Outro gemido. — Era grave o problema que foste tratar hoje no lagar? — Não. Vem sentar-te aqui — ordenou —, escarranchada, de

costas para mim — e acomodou-a sobre o seu membro saciado. — Acaricia-me as pernas com os teus cabelos, Isaura. — Ela obedeceu. — Esta é outra posição boa para fazermos amor quando a tua barriga parecer o globo terrestre. A vista daqui não poderia ser melhor— brincou.

— Meu amor, lembraste da nossa noite de núpcias, no estábulo? As mãos de Blackraven responderam-lhe com carícias mais exigentes. Nada se ouvia para além das suas respirações pesadas e do roçar dos corpos no lençol. Excitada, Melody mordeu o lábio inferior. Doíam-lhe os mamilos. De um modo instintivo começou a mover-se formando círculos. Blackraven agarrou-a pela cintura, levantou-a ao ar e fê-la deslizar sobre o seu pênis, arrancando-lhe um grito dolente.

Mais tarde, ainda acordados, confessou-lhe que se havia apaixonado por ela no primeiro dia em que a viu.

— Compreendo o senhor bem parecido, assessor legal do Cabildo.Também eu fiquei enfeitiçado ao ver-te montar o Fuoco com essa tua magnífica cabeleira a esvoaçar ao vento. Poucas vezes uma visão me causou uma impressão tão forte. Fui teu a partir desse momento.

— Ainda antes de me teres visto o rosto? — estranhou Melody.

— Pensei que a Mãe Natureza não teria desperdiçado um cabelo tão magnífico num rosto pouco gracioso. E tinha razão. És linda, lindíssima! Falta-me o ar sempre que te vejo. Quando foi que tu te apaixonaste por mim? Melody refletiu durante alguns segundos.

— Naquele primeiro dia, tal como tu.

— Então disfarçaste muito bem — queixou-se Blackraven.

— Também tu.

— Eu? Isaura, por amor de Deus, tentei beijar-te nessa mesma noite quando te surpreendi na cozinha, não te lembras? — Lembro-me muito bem.

— Não fui capaz de me controlar, como costuma acontecer-me contigo.

— Tive tanto medo que desatei a chorar. Que tola! Blackraven cingiu-a contra o seu corpo e beijou-lhe a fronte. — Dizes que te apaixonaste por mim nesse primeiro dia. Quando?Em que momento? Quando vos encontrei, a ti e aos miúdos à porta do meu escritório? — Não posso negar que foste uma surpresa para mim, tão alto e moreno, mas tinha uma opinião demasiado má a teu respeito para me apaixonar nesse momento.

— Então, quando foi? — Algumas horas mais tarde — admitiu com um sorriso —, quando me encontraste no estábulo, mostrando as tabuadas de multiplicar. Achei -te o homem mais bonito que alguma vez vira. Por mais que tentasse não conseguia afastar os meus olhos de ti. Sabes o que pensei? “Gasta em peças de vestuário o que eu teria dificuldade em ganhar em vários

anos.” — Blackraven riu-se. — E nessa noite, antes do jantar, enquanto enchias os copos de Ratafía, fiz uma coisa que me surpreendeu, pois nunca a havia feito antes.

— O quê? — Admirei o teu rabo.

Blackraven deu outra gargalhada.

No carro, de volta à cidade, Melody mantinha-se calada, ou melhor, deprimida. No assento, em frente a Blackraven, torcia as mãos e mordia o lábio. Tinha voltado a vestir-se de luto. Blackraven não desviava os olhos dela. Subitamente, Melody levantou a cabeça e deu com ele a olhá-la fixamente. Um entendimento tácito instalou-se entre ambos.

— Roger, que fazes quando tens medo? Ou nunca tens medo? — Sim, há momentos em que tenho medo.

— Que fazes então? — Procuro a tua companhia. E, quando te encontro, procuro o teu olhar e provoco-te para que me sorrias. Quando me sorris, tudo se modifica e é como se nada me parecesse tão ameaçador, tão perigoso, tão importante.

— Oh, Roger — soluçou Melody, lançando-se nos seus braços. –Tenho tanto medo de voltar para casa.

— Eu sei, meu amor.

— Receio descer da carruagem, à espera de o ver de mão dada com o Víctor e a Angelita. Tenho medo de ir até o seu quarto para o ver dormir, de o procurar no pátio, entre os vasos grandes de flores, onde ele gostava de se esconder. Tenho medo de… — As suas palavras foram abafadas pelo pranto.

— Estou aqui, Isaura, ao teu lado. Não sentes a minha presença? Sou o teu porto seguro, a tua força. Ultrapassaremos esta perda, meu amor. Juntos iremos conseguir. Viveremos cada momento, os primeiros serão difíceis, mas estarei junto de ti para absorver a tua dor e depois, a pouco e pouco, percorreremos o caminho da resignação. Juntos. Confia em mim, meu amor. Um dia, verás, deixa de doer tanto como agora. Prometo-te.

O corpo de Melody teve um tremor e este não se relacionava com a morte de Jimmy e sim com Blackraven. Havia sabedoria naquela promessa de que um dia deixaria de doer tanto como agora. Era o conhecimento de alguém que já tinha sofrido e sobrevivido. Blackraven, o seu magnífico e omnipotente marido, também já conhecera a dor, o sequestro perpetrado pelo pai, a separação da mãe, a vida forçada entre piratas, a morte da primeira mulher, as suspeitas sobre ele, nada fora fácil na sua vida. Passou-lhe as costas da mão pelos olhos e pelo nariz e soergueu-se para o olhar.

— Sorri, meu amor — pediu-lhe, e ele fez-lhe a vontade. — Tens razão,já nada parece tão ameaçador.

Apoiou a cabeça sob o queixo de Blackraven e procurou entre as suas memórias. Queria evocar as mais felizes, e a seguir, ao recordar a véspera, o último dia em El Retiro, fechou os olhos e sentiu que a tensão no seu peito diminuía, ao mesmo tempo que um sorriso inconsciente lhe despontava nos lábios. A passo lento, tinham conduzido os cavalos até a alameda, lugar onde costumavam almoçar com a senhorita Béatrice e as crianças. Fazendo sombra com a mão, avistaram ao longe as lavadeiras, mergulhadas no brilho do sol que se refletia sobre o rio da Prata. Àquela hora não havia visitantes e o local parecia solitário. Deixaram os cavalos a pastar nas folhas das árvores e dirigiram-se ao álamo onde se tinham beijado, meses atrás, meses esses que lhes pareciam anos. Blackraven encostou-a ao tronco e olhou-a longamente, com um olhar calmo e reverente, ao mesmo tempo que lhe acariciava o rosto com as costas da mão e lhe afastava as madeixas da testa.

— Teria acabado por fazer amor contigo aqui mesmo se não me tivesses impedido — confessou-lhe. — Estava louco de paixão por ti.

— Faz amor comigo agora. Desejo-te tanto, Roger. Não sei o que se passa comigo, porque não me canso de ti? — Nunca te canses de mim, meu amor, nunca.

X

A princípio não foi fácil. Melody não permitiu que fosse retirado o luto da casa e sentiu-se ofendida com as mudanças no quarto de Jimmy. Blackraven insistiu em que eram absolutamente necessárias para curar as feridas. Por fim, concordaram em manter as janelas que davam para a calle de San José fechadas porque Melody queria evitar falatórios. É claro que continuou a vestir-se de preto, o que não impediu que as pessoas murmurassem, visto que, apesar de não frequentar tertúlias nem festas, Melody recomeçou as suas atividades, sendo vista com frequência na rua. Blackraven incentivava-a.

— Podes ir onde quiseres — declarou mal voltaram de El Retiro —, exceto ao Tambor, ao Mondongo e aos hospitais. Poderias apanhar uma doença qualquer.

Comprou-lhe uma berlinda puxada por dois potros, apesar de ela ter preferido duas mulas que considerava menos austeras.

— A condessa de Stoneville — declarou Blackraven — não viajará num carro puxado por mulas. Ponto final.

Decidiu também que Shackle e Milton se revezariam na condução da berlinda. Sairiam armados e nunca perderiam de vista Melody. Estevanico e Sansão segui-la-iam a todos os lugares aonde fosse e o estranho trio, que ia à missa, visitava o cemitério dos franciscanos e as obras do albergue, que percorria inclusivamente as lojas, tornou-se num espetáculo de excentricidade, ainda que bastante frequente nas ruas de Buenos Aires. Começou a murmurar-se que a condessa estava de esperanças e as mulheres não tardaram a fazer contas, levadas pela suspeita de que a mesma não chegara virgem ao casamento.

Além da condessa de Stoneville e das suas extravagâncias, a presença dos ingleses e as intrigas quanto a uma revolta mantinham a efervescência dos mentideros portenhos. As fontes de informação de Blackraven eram unânimes, no que dizia respeito ao fato de se estarem a preparar duas ofensivas, uma preparada por Martín de Álzaga, a outra por Liniers, o qual provavelmente contaria com o apoio do governador de Montevideu, Pascual Ruiz Huidobro, e de Juan Martín de Pueyrredón, filho de um fazendeiro rico que andava pelos campos a recrutar peões. Quanto ao papel da Igreja, Blackraven deduziu que o bispo Lué daria o seu apoio ao grupo liderado por Álzaga.

Urdia-se uma trama complexa, para a qual confluíam forças díspares, que algumas vezes haviam estado em oposição, o que tornava o ambiente político bastante tenso. Pairava no ar uma atividade conspirativa intensa e, andando pelas ruas e frequentando o café dos Catalães, o de Marcó e a pousada de Los Tres

Reyes, Blackraven pudera detectar espiões. Álzaga conseguira introduzir um dos seus homens, um tal Juan de Dios Dozo, no coração da loja maçônica que os oficiais ingleses acabavam de fundar em Buenos Aires: a Southern Cross.

Apesar de ser mais militar do que político, Beresford intuía que estava sobre um barril de pólvora. Mantinha uma aparência calma, assistia aos serões musicais, ia ao teatro, às tertúlias e passeava na alameda, perguntando a si próprio quando explodiria o tumulto. Limitava-se a levar a cabo a administração, a esperar pelos reforços e a tomar medidas que corrigissem parcialmente a precária situação, tais como reforçar as patrulhas e as rondas e ordenar aos particulares que entregassem as suas armas aos alcaides do bairro, sob pena de uma multa de duzentos pesos.

O seu amigo Blackraven mantinha-se à distância e observava. Em certas ocasiões, de modo velado, deixava cair algumas informações e só uma vez lhe falou com franqueza: quando um grupo de catalães planejava matá-lo durante a sua habitual cavalgada até o Riachuelo. Era bastante óbvio que o conde de Stoneville, fossem quais fossem os seus planos, não considerava propícia a intervenção inglesa no Rio da Prata. Ora, a um homem como ele, filho do mundo, era totalmente inútil apelar ao amor pela Pátria e à lealdade para com Jorge III. — Como seria diferente — lamentava-se Beresford —, se contássemos com o apoio de Roger.

Depois daquele intervalo em El Retiro, Blackraven voltara a mergulhar nos seus assuntos. Levantava-se de manhã cedo e, montando Black Jack, percorria os campos em busca de fornecedores de gado para a fábrica de curtume. Queria também conseguir um terreno onde criar as suas próprias vacas para não depender da vontade dos ganadeiros da região. Saldadas as dívidas de Bella Esmeralda, destinara uma avultada quantia para a pôr de pé. Para tal, consultava sempre Melody antes de tomar qualquer decisão e partilhava com ela as suas ideias e os seus planos.

— Sei que há algum tempo te acusei injustamente de quereres apoderar-te das terras do meu pai — declarou Melody. — E sei que é por isso que atuas com tanta prudência. Mas, como já te disse, foi uma acusação disparatada e injusta, da qual me arrependi quase de imediato. Meu amor, confio na tua sensatez e sei que conservarás o patrimônio de Tommy até que ele possa ocupar-se dele. Toma as decisões necessárias sem me consultar, qualquer medida tua estará bem para mim.

Blackraven preocupava-se com Tomás Maguire e, embora o rapaz não lhe inspirasse simpatia, queria protegê-lo por Melody. Tommy levava a vida de um fugitivo e tinha a prudência de um recém-nascido. Por isso, era bem provável que acabasse com a corda ao pescoço. Blackraven estremecia perante tal

possibilidade e perguntava-se se Melody suportaria um segundo golpe.

Anoitecera após um encontro com O'Maley na alameda e Blackraven iniciou o trajeto de regresso à casa de San José pela zona do Bajo, escura e perigosa, cheia de tabernas onde os menos aventurados se reuniam para beber e jogar às cartas apesar da proibição. Uma taberna chamou-lhe a atenção devido ao burburinho de uma briga. Preparava-se para continuar o seu caminho quando uma palavra o deteve: Servando. Alguém tinha gritado "Servando". Certamente existiam centenas de Servandos no Rio da Prata, pensou, mas, mesmo assim, resolveu entrar. Reconheceu-o de imediato, de bruços sobre outro homem, no meio da sala, brandindo o seu punhal.

Com a ajuda do seu estoque, Blackraven abriu caminho entre a multidão e, à medida que a sua figura avançava e se impunha, o ruído ia diminuindo. Atônitos, os homens observavam aquele senhor de roupas finas, moreno, alto e robusto, que olhava para os brigões que nem reparavam que já ninguém os incitava à luta.

— Deve ser forte como um boi — murmurou um camponês. — Olha para o tamanho daquela mão — apontou, quando Blackraven se inclinou para agarrar Servando pelo colarinho.

O yolof debateu-se com força e acabou a um canto, sentado no chão. A sombra de Blackraven cobriu-o por completo. Servando ergueu os olhos e a sua expressão de raiva desapareceu.

— Patrão Roger! — Que estás tu a fazer? — perguntou furioso. — Levanta-te e espera por mim lá fora.

A multidão mantinha-se atenta ao gigante que levantara Servando do chão como se ele não pesasse mais do que uma criança. Alguns sussurros atravessavam a taberna e comentava-se que aquele era Roger Blackraven, o dono de Servando.

Blackraven voltou-se para o outro desordeiro e a surpresa deixou-o imóvel: era Tomás Maguire. Tinha o aspecto de um orate, o cabelo comprido e despenteado, um poncho de flanela andrajoso e um fiozinho de sangue a correr-lhe do lábio. Blackraven avançou para ele e Maguire recuou. Olhavam-se fixamente.

— Tomás, vem comigo.

Tommy cuspiu junto dos pés do cunhado e correu para a rua. Blackraven seguiu-o, mas o rapaz era rápido e a escuridão engolira-o.

— Para onde foi ele? — perguntou a Servando que apontou na direção do rio. — Vamos para casa — decidiu após uma breve reflexão.

Gabriel Malagrida, hóspede dos Blackraven havia dois dias, ouvia absorto Melody que, sentada à sua frente no sofá da sala, contava às crianças uma lenda celta. Estevanico, deitado no tapete, repousava a cabeça nas pernas da jovem e,

de olhos fechados, recebia as suas carícias no rosto. Víctor, o afilhado de Roger, pegava-lhe na mão, examinava-lhe os dedos e beijava-os. Angelita, atrás do sofá, fazia-lhe uma trança grossa e avermelhada.

Não prestava atenção ao que Melody dizia — algo sobre cavalos e água e lagos que nunca congelavam — e sim à sua voz. Mal a conheceu, reparou no seu tom peculiar, um pouco grave, doce, elegante, nas palavras que adquiriam volume ao saírem da sua boca, com uma cadência que o enfeitiçava como se o mergulhasse numa dormência. Deduziu que lhe chamavam "melodia" devido aos seus dotes para o canto e lamentou o período de luto durante o qual era proibida toda e qualquer forma musical. Se não se tratasse da mulher de Blackraven, teria feito tudo para a seduzir. Ele era padre, mas esquecera há tempo os seus votos de castidade.

O encanto foi quebrado com a entrada na sala de Gilberta. O patrão Roger estava a chicotear Servando. Malagrida, surpreendido com a reação de Melody, seguiu-a pela casa fora até o pátio dos servos, onde Blackraven descarregava a chibata sobre as costas nuas do yolof que, sentado sobre os calcanhares, o torso inclinado sobre os ladrilhos, estremecia a cada vergastada sem emitir o mais pequeno som.

— Não vias com quem estavas a brigar? Não tens consideração pela tua senhora? Não imaginaste o que aconteceria se o tivesses matado?Estás bêbedo.

Os gritos de Melody obrigaram Blackraven a parar.

— Roger, não. Por amor de Deus, basta! — Agarrou-lhe um dos pulsos. — Mais não.

— Isaura, não te atrevas a interferir! — vociferou, libertando-se comum movimento brusco. — Entra imediatamente em casa.

— Seja o que for que ele tenha feito, perdoa-lhe, Roger. Por favor,não lhe batas.

— Eu mereço, Miss Melody — reconheceu o yolof.

Malagrida segurou-a pelos ombros e obrigou-a a voltar para dentro de casa. Jantaram em silêncio, Blackraven furioso, Melody triste e de nada valeram as tentativas de Malagrida para os animar. Víctor e Angelita — costume insólito este de partilharem a mesa com os adultos, pensou o jesuíta — comiam sem levantar os olhos do prato. Levantaram-se quando Blackraven lhes deu ordem para que se retirassem e fossem dormir e pediram a bênção a Melody antes de abandonarem a sala. A jovem fez o sinal da cruz, proferiu uma breve oração e beijou-lhes a testa.

Blackraven dirigiu-se a Melody como se Malagrida não estivesse presente.

— Isaura, nunca mais voltes a desautorizar-me diante dos meus criados, entendido? A jovem não levantou os olhos ao responder: — Sim, claro — e

pediu, também ela, licença para se retirar.

Os dois homens levantaram-se quando ela se pôs de pé.

— Boa-noite, capitão Malagrida.

— Uma noite descansada, senhora condessa.

Fumaram charutos e beberam uísque no escritório, enquanto analisavam notas de crédito e autorizações.

— Arrumaram toda a mercadoria na cripta de El Retiro? — quis saber Blackraven.

— Sim, toda. Até mesmo a de Flaherty, que obteve uma boa presa do seu assalto a uma embarcação holandesa.

— Bem, dentro de alguns dias enviarei duas carroças para começar a distribuição dos produtos aqui, em Buenos Aires, e no interior.

— Acho estranho o teu empenho em colocar toda a mercadoria neste porto.

— Estou interessado em tirar do caminho um comerciante, Martín de Álzaga. Informei-me sobre quem são os seus clientes aqui e nas intendências do vice-reinado e quem o fornece em Cádiz. Além disso, tenciono capturar dois dos seus barcos, El Joaquín e El San Francisco de Paula, que estão a caminho, vindos da Europa, transbordando de mercadorias.

— Calculo — conjecturou o jesuíta — que, por um lado, vais encarregar-te de inundar os clientes do tal Álzaga de produtos, oferecendo-os a preços irrecusáveis, e que, por outro, o deixarás sem mercadorias para vender.

— Nem mais. Não só oferecerei os meus produtos a preços imbatíveis como também a crédito. Será uma oferta demasiado tentadora. Por outro lado, farei chegar às mãos dos seus clientes do interior a informação por que mais ambicionam: o nome dos fornecedores de Álzaga em Cádiz. Deste modo, poderão passar a comprar diretamente, sem necessitarem de um intermediário.

— O senhor Álzaga vai ver-se em sérias dificuldades.

— A ideia é essa. Pedirei ainda a Adriano que passe a gerir a comprada dívida que Álzaga mantém com os comerciantes gaditanos.

— A sua ruína vai ser total — vaticinou Malagrida.

— Resta-lhe a atividade de especialista em finanças. Na falta de bancos em Buenos Aires, os comerciantes mais poderosos funcionam como tal, por serem os únicos que contam com liquidez. Álzaga deve ter títulos assinados com vários comerciantes, grossistas e também com alguns retalhistas.

— Pode saber-se por que motivo queres tirá-lo do teu caminho? — Digamos — respondeu Blackraven com lentidão — que se meteu com a pessoa errada.

— Serás tu mesmo a fazer a distribuição dos produtos? — Não. Acabo de me associar a um indivíduo natural de Toledo,Abelardo Montes, barão de

Pontevedra. — perante a expressão de estranheza de Malagrida, Blackraven explicou: — Comprou o título. Apesar de agora ser terratenente, aqui há anos dedicava-se ao comércio e mantém contatos no ramo que serão de grande valor para o meu plano. Ofereci-lhe cinquenta por cento dos lucros se colocasse esses contatos à minha disposição. Aceitou. Tem tão poucos escrúpulos como eu. Vamos entender-nos bem um com o outro.

— Por outro lado, Roger, tu não tens uma variedade tão grande de produtos a oferecer como esse tal Álzaga e, se queres mesmo tirá-lo do caminho, vais precisar de satisfazer os seus clientes em todas as mercadorias que costumam comprar-lhe.

— Também por isso me associei a Montes, não só para que me faculte os meios para efetuar a distribuição, mas também para me fornecer contatos a quem comprar o que nos faz falta. Quanto aos barcos de Álzaga que desejo capturar, vou entregar a atividade de corso ao White Hawk. Que te parece? — perguntou, apontando para o charuto.

— De qualidade imbatível — admitiu Malagrida.

— É tabaco do país — informou —, de uma zona a noroeste, chamada Misiones. Montes diz que há imensas extensões de terra que antigamente pertenciam aos jesuítas, e que são magníficas para o cultivo do tabaco. Julgo que muito em breve levarei a cabo uma viagem para adquirir vários hectares. Queres acompanhar-me? — Por que não? Ouve Roger — disse Malagrida para mudar de as -sunto —, que pensaste fazer com Galo Bandor e com a sua tripulação? Não é fácil manter seis tipos de semelhante envergadura num paiol de cabos.

— Penso entregá-lo a Amy. Ela saberá o que fazer com ele.

— Quando pensas ver a Amy? — Não sei.

Blackraven entrou no quarto e encontrou Melody acordada, a ler. Olharam um para o outro e ela percebeu que ele ainda estava aborrecido. Aproximou-se para o ajudar a despir-se, em silêncio, com gestos suaves e solícitos. Blackraven sentou-se para tirar as botas e arrastou-a sobre as suas pernas.

— Queres saber porque o castiguei? — Melody assentiu. — Porque estava tentando matar teu irmão Tomás. Encontrei-os por acaso a brigarem numa taberna mal frequentada no Bajo. Tentei falar com o teu irmão, mas ele fugiu.

— Que vou fazer com o Tommy, Roger? Adoro-o, mas estou tão cansada dos disparates dele. Às vezes apetecia-me bater-lhe.

— O Tomás acabou com a tua paciência, meu amor, e isso é natural.

Uma noite, alguns dias mais tarde, Blackraven estava recostado na poltrona do seu escritório, a pensar que o dia fora longo e que ainda tinha de enfrentar Isaura, que, furiosa, se entrincheirara no quarto. Na verdade, o dia começara de acordo com o planeado: ao amanhecer, em El Retiro, com a supervisão das

carroças que viajariam para o interior, carregadas de produtos ultramarinos, e dos que iriam para o depósito de Montes, que se encarregaria das negociações com os comerciantes retalhistas de Buenos Aires. Perdeu mais uma hora a controlar as atividades do moinho e do lagar antes de regressar à cidade, onde se encontrou com um fornecedor de taninos para a fábrica de curtume. De tarde, visitou a casa da calle Santiago. Passara já algum tempo desde que não via as suas pupilas. Antes de ir para San José visitou Beresford no Forte. Foi encontrá-lo com um ar cansado e desanimado. Três dias antes, tinham descoberto a existência de um paiol em San José de Flores, não declarado na capitulação, onde Pueyrredón depositava o armamento e outros fornecimentos para a reconquista.

— E pensar que Pueyrredón — lamentou-se o inglês — costumava vir me visitar como amigo.

— Fazia-o — declarou Blackraven — porque pensava que poderias ajudá-lo a pôr em prática o seu sonho de romper com as grilhetas espanholas.

Além disso, Manuel Collantes, um dos espiões de Beresford, acabava de lhe comunicar a notícia da deserção de Liniers, que, apesar de ter manifestado intenção de se afastar da vida militar para se dedicar ao comércio com o seu sogro, Sarratea, fugira para a Banda Oriental.

— O mais provável é que reúna um exército com a ajuda de Ruiz Huidobro — conjecturou Beresford. — Tu tinhas-me prevenido para não confiar nele — recordou. — Devia ter levado isso em conta.

— Popham se encarregará de o prender — referiu Blackraven —, pois certamente atravessará o rio com o seu exército.

— Popham! — queixou-se Beresford.

Blackraven aconchegou o casaco ao atravessar a Plaza Mayor em direção à calle de San José. O vento sul açoitava a cidade e mordia-lhe a pele do rosto. Pensou no calor do corpo de Melody debaixo dos lençóis e acelerou o passo. Foi encontrá-la na sala com as crianças e Malagrida.

— Queres um xerez, Roger? — sugeriu Melody. — O jantar será servido dentro de alguns minutos.

Malagrida e Blackraven afastaram-se um pouco, indo conversar junto da braseira, enquanto Melody contava às crianças outra lenda celta. Bateram à porta e todos se entreolharam, estranhando que alguém se aventurasse assim numa noite de tempestade. Gilberta correu a abrir. Ouviu-se uma breve troca de palavras, um grito agudo semelhante ao toque de um pífaro e uma correria pelo chão de madeira. Logo a seguir, uma figura atlética, com uma criatura peluda pousada num ombro, materializava-se na entrada da sala de jantar, toda vestida de negro. A jaqueta colada ao corpo, as calças justas, as botas altas até o joelho.

Do tahali pendia uma longa espada. Melody deu-se conta, pouco depois, de que se tratava de uma mulher.

— Amy! — exclamaram Blackraven e Malagrida em uníssono.

O rosto da jovem pareceu iluminar-se quando os seus lábios se abriram num sorriso que revelava dentes perfeitos. Deu um pequeno salto, voltou a soltar um grito e correu para Blackraven. Lançando-se-lhe ao pescoço, envolveu-lhe a cintura com as suas longas pernas e beijou-o nos lábios como se estivesse faminta. Melody observava a cena de boca aberta, assim como Víctor, Angelita e Estevanico. Malagrida abanava a cabeça e sorria. Sansão entrou na sala a correr, participando com a sua quota parte de ruído e festas à recém-chegada. A criatura peluda saltoudo ombro da sua dona para cair sobre as costas do terranova. O olhar de Melody saltava do cão para Blackraven e de Blackraven para o cão.

— Amy, valha-me Deus! — queixou-se Roger, depositando-a no chão.

— Comporta-te.

— Meu amor, sempre gostaste das minhas atitudes fogosas! — Amy — interveio Malagrida. — Vê se te controlas.

— Meninos, por favor, venham comigo — disse Melody.

— Isaura — começou Blackraven a dizer, mas um olhar gelado por parte dela deixou-o petrificado. “Não conhecia este olhar”, pensou.

Melody saiu da sala numa atitude de grande dignidade e a última coisa que ouviu antes de se afastar, foi: “Essa garotinha, tua mulher!”Jantou com os garotos e os professores Perla e Jaime na sala de estudo. Não conseguiu comer nada e nem sequer perdeu tempo a tentar obrigar os garotos a não falarem mais daquela mulher excêntrica e do seu insólito animal, ou a insistir para que comessem. Estava demasiado deprimida e cheia de raiva.

Enquanto isso, na sala de jantar, Gilberta servia à mesa de má cara.

— Esperei por ti no Isabella durante semanas — explicou Amy. — Finalmente, quando recebi a tua carta, resolvi vir até o Rio da Prata. Que rio impossível. Por pouco não encalhávamos num banco de areia.

— Fizeste alguma presa nas Caraíbas? A conversa estendeu-se ao longo da refeição e, mais tarde, enquanto tomavam café no escritório. Blackraven comunicou a Amy a notícia da morte de Simon Miles e ela tentou disfarçar, com um trejeito de desprezo, a tristeza que sentiu. Em criança, quando vivia na Cornualha, dera-se muito com ele.

— Traidor — disse.

Malagrida anunciou que tinha de se levantar cedo no dia seguinte e retirou-se para descansar. Amy sentou-se nos joelhos de Blackraven e voltou a beijá-lo.

— Queres fazer o favor de parar de me incomodar? — disse, aborrecido, saltando da poltrona para se libertar dela.

— És-lhe fiel, por acaso? — admirou-se Amy e, como não obtivesse resposta, desatou a rir. — Não acredito, Roger. Não me contes essa história, conheço-te bem demais para isso.

— Nem eu próprio me conheço desde que a encontrei — admitiu, e sua seriedade esfriou a exaltação da mulher.

— Oh, te apaixonaste! — balbuciou.

— Loucamente.

— Roger, não é justo! É uma garota. Que idade tem? Vinte? — Muito em breve completará vinte e dois.

— Que pode ela dar-te? Que sabe ela de ti, dos teus gostos, dos teus costumes? — Aproximou-se numa atitude felina. — Sabe, por acaso, como te enlouquece que te toquem assim? — Basta, Amy! Ou ficas quieta ou a conversa acaba aqui.

Desagradada, Amy enroscou-se no sofá.

— Compreendo a tua decepção.

— Não compreendes nada, Blackraven, nada. Pensei que no dia em que considerasses a possibilidade de te casar (se esse milagre acontecesse alguma vez), eu seria a escolhida. Ninguém te conhece como eu, ninguém. Somos iguais, somos farinha do mesmo saco, fomos feitos um para o outro.

— Eu sei, minha querida, mas esses motivos da razão não contam. O coração manda e é um tirano.

— O teu coração tirano já se meteu numa boa embrulhada quando casaste com aquela frígida da Trewartha.

— Não é a mesma coisa — disse Blackraven, num tom de voz aterrador e Amy soube, nesse momento, que tinha ido longe de mais. — Nunca amei Victoria, pelo menos não da maneira que amo Isaura.

— Ah, sim, gostaria de ver o ataque de fúria do velho duque de Guermeaux quando souber que a futura duquesa será católica, meio *criolla*, meio irlandesa. Foi o que me disseste durante o jantar, não? Que o seu pai era irlandês e sua mãe nativa. “A futura duquesa uma papista!”, exclamará antes de ter uma síncope. Ah, a tua mãe não protestará menos. Dirá — e falou em castelhano, imitando Isabella: — “Querido Alejandro, fizeste um mau casamento”. — Blackraven não pôde evitar dar uma gargalhada. — A nossa querida Isabella é liberal como poucas, ainda que muito consciente da sua origem. Pretende que os privilégios do berço sejam respeitados e que o seu filho, o futuro duque, não se case com uma arrivista. — Olhou de soslaio para Blackraven e sorriu. — Chama-se como, Isaura, não é? — e empregou um tom conciliador.

— Tenho uma coisa importante para te contar.

— Está bem, mudemos de assunto. Que foi, por que ficaste tão sério?

— Amy, alguns dias antes de chegar ao Rio da Prata, abordamos uma fragata e ficamos com ela. O capitão e cinco homens da sua tripulação estão prisioneiros no Sonzogno.

— Até aí nada de anormal — opinou a mulher. — Por que essa cara?

— A fragata era a Butanna. — O efeito foi imediato e o sorriso apagou-se do rosto de Amy. — Tenho Galo Bandor prisioneiro há quase um mês.

— Devias tê-lo matado logo na abordagem. Devias tê-lo feito ao mesmo tempo em que gritavas o meu nome.

— Foi pensando no teu nome que o venci, mas pensei que gostarias de ser tu a acabar com esse verme. Eu o matarei se assim o desejares, mas antes queria dar-te a possibilidade de fazê-lo.

— Compreendo. — Passado um momento de silêncio, respondeu: — Acabarei com esse patife.

Blackraven entregou-lhe um copo de brandy.

— Antes de ir deitar — disse Amy, pondo-se de pé —, queria comentar contigo um fato perturbador. Há três ou quatro meses, andaram a fazer averiguações a teu respeito em Saint John's.

— Quem?

— Não sei. Só me informaram de que perguntaram por ti.

— Poderia ser alguém interessado em comprar os produtos de La Isabella — sugeriu Blackraven, subitamente tenso e preocupado.

— Se tivessem querido saber dos teus produtos ou da tua honestidade como comerciante, poderiam ter-se dirigido primeiro a Jean-Jacques —referia-se ao capataz de La Isabella — ou às autoridades, não às tabernas do porto. Além disso para que oferecer guinéus de ouro em troca de tais informações?

— Então, sabes que tipo de informações procuravam?

— Sobre ti. Em que época do ano visitas Antígua, que fazes, onde vais, com quem te dás. Enfim, o tipo de perguntas que não me agradam.

— Nem a mim — assegurou Blackraven, e falou-lhe de La Cobra.

Amy tinha-se recolhido para descansar e ele ainda continuava no escritório, a beber e a refletir. Se La Cobra tinha chegado a Antígua, jáconhecia a identidade do Escorpião Negro. — Isaura — sussurrou, apertando o copo com força. Bebeu de um trago o que restava e dirigiu-se para o quarto. Deu várias voltas à maçaneta, mas Melody fechara-se à chave. Continuava acordada. Por baixo da porta podia ver-se a luz.

— Isaura, abre. — Não obteve resposta. — Abre a porta.

— Não.

— Abre ou arrombo a porta.

— Não te atreverias.

A porta bateu contra a parede e o estrondo a pôs de pé de um salto. Lançou o livro no canapé e afastou-se um pouco. Como a maçaneta pendia, inutilizada, Blackraven encostou uma cadeira à porta para a manter fechada e voltou-se para ela com uma expressão entre o incrédulo e o irascível.

— Que querias que eu fizesse? Que dormisse no corredor?

— Oh não, meu querido. Pensei que ias dormir com a tua adorada Amy.

— Estás com ciúmes. — Aproximava-se dela, Melody recuava.

— Adoro ver-te com ciúmes. Começava a ficar cansado de ser o único a sentir ciúmes por estas bandas.

— O único que sente ciúmes! — exclamou, exasperada. — Passo a vida sentindo ciúmes de ti ou não sabes que metade das portenhas me quer ver morta por tua causa? Pensas que não sei quantas delas foram tuas amantes?

— Antes de ti tive muitas mulheres. Depois de ti, mais nenhuma, só tu.

— Vai-te embora, não quero dormir contigo esta noite.

— Mas eu quero muito dormir contigo. A tua camisola revela teu corpo com a transparência. Deixas-me louco.

Melody deu alguns passos à retaguarda e escondeu-se atrás das colunas da cama de dossel. Blackraven fez um movimento deliberado na sua direção e ela subiu para a cama, a fim de lhe escapar pelo lado oposto. Gritou quando a mão dele se fechou em volta do seu tornozelo e lançou um queixume abafado quando o peso do seu corpo lhe pesou nas costas, espalmando-a contra o colchão.

— Deixa-me! — Respirava com dificuldade, com o rosto no cobertor, e não conseguia mexer-se. — Deixa-me, não te quero, não depois de essa mulher te ter beijado.

— Não me desejas? — Levantou-lhe a camisa ao mesmo tempo que virava a cabeça para lhe procurar os lábios. Melody escondeu o rosto e impediu-o de realizar o seu desejo. — Nunca imaginei que poderias transformar-te numa gata brava. Excitas-me!

— Em que te transformarias tu se um homem me tomasse nos braços e, à tua frente, me beijasse como essa mulher te beijou?

— Não suporto sequer que coloques semelhante hipótese. Trespassaria esse miserável com a minha espada antes que seus lábios chegassem a te tocar.

— Maldito inglês! Não a impediste. Permitiste que ela te beijasse. Eu te detesto. — Começou a chorar.

— Não chores, meu amor. Amy não significa nada para mim. As coisas são assim entre nós. É a minha amiga mais antiga, a que melhor me conhece.

— Claro que te conhece! Conhece-te muito bem! Tira a mão daí, Roger Blackraven se não queres te arrepender! Não te atrevas a tocar-me. Tenho vontade de te matar — disse entre soluços.

— Mata-me com beijos.

— Não brinques com coisas sérias. Estou sofrendo.

— Minha doçura — enterneceu-se Blackraven.

— Deixa-me. Tira a mão daí.

Penetrou-a com os dedos, provocando-lhe um instante de dor que a fez protestar e levantar a cabeça. Não queria excitar-se.

— Estás embriagado — acusou-o.

— Sim, embriagado de amor.

Blackraven movia a mão com destreza, ao mesmo tempo que lhe beijava a nuca e a resolução de Melody ia-se tornando menos firme. Debateu-se. “Não cedas, não cedas.” Não contava com tanto poder. Não lhe perdoava o episódio com Amy, magoara-a profundamente. Manter-se-ia firme. Os dedos dele entravam e saíam, acariciando aquele ponto que lhe dissera chamar-se clitóris. Não pôde deixar de gemer e a vergonha e a raiva mortificaram-na até as lágrimas.

— Chiu, não chores. Não há motivo para chorar. Tu és a única, Isaura,sabes bem que é verdade. Amy apanhou-me de surpresa. Nunca pensei que se iria precipitar sobre mim daquela maneira.

— Cala-te — disse, sem forças. — Odeio-te.

— Não, não me odeias. Tu não sabes odiar — levantou a anca para desabotoar a calça e libertar o pênis. — Vamos, meu amor, descontrai-te, deixa-me fazer amor contigo. Estou morto por entrar dentro de ti.

Aquela última frase foi pronunciada num tom de voz diferente. Parecia agora rouca, sem a leveza inicial, e Blackraven tremia enquanto a enchia de beijos. Passara uma mão por debaixo dela e apertava-lhe um dos mamilos. Melody fechou os olhos e suspirou. “Odeio este poder que ele tem sobre mim.” As suas pernas começaram a ceder. Entreabriu os lábios e gemeu de modo inconsciente. Blackraven sabia que ela estava preparada para o receber e penetrou-a por detrás. Beijou-lhe a face e a fronte, olhando aquele perfil de nariz pequeno.

— Pensei em ti todo o dia, Isaura. Só queria chegar a casa e fazer amor contigo. Desculpa este contratempo, minha querida. A sério, não sabes como lamento. Não suporto ver-te sofrer, não aguento. Não sofras por uma coisa tão estúpida. Sabes que te amo só a ti, não sabes? Diz que sabes, diz.

— Sim, eu sei que me amas.

— Só a ti. E sabes que nunca deixarei de te amar, não sabes?

— Nunca?

— Nunca — assegurou com veemência, soerguendo-se sobre as mãos.— Não escondas a cara! — declarou num tom de voz contrariado e tenso. — Quero ouvir-te — exigiu —, quero ouvir os teus gemidos. Preciso ter a certeza de que

te satisfaço. Preciso de ti — disse pouco depois, e aquele tom dolente, quase uma súplica, acabou por a desarmar, fazendo com que se desse por vencida e lhe fizesse a vontade, dando-lhe a entender o quanto gostava que ele a possuísse daquela forma, apesar de Amy Bodrugan e das outras, o quanto ansiava pelo calor e pelo peso do seu corpo, pelo ímpeto do seu membro, o descaramento da sua mão, a sua perícia. Abandonara todo o orgulho e gritou, gritou até ficar exausta, agitada e inerte relaxada debaixo dele, enquanto Blackraven desabava, a testa sobre a sua fonte, gemendo junto ao seu rosto como se estivesse a morrer.

Por ordem de Blackraven, Amy Bodrugan foi instalada como hóspede na casa da calle Santiago, embora visitasse com frequência a de San José, em boa verdade, todos os dias. Com a concordância de Roger, decidira passar uma temporada em Buenos Aires, apesar de "aquela aldeia"não despertar o seu interesse. Entre ela e Melody havia uma cortesia fria. Melody tratava-a por "senhorita Bodrugan" e Amy dirigia-se a ela por"senhora condessa", num tom de ironia subjacente.

A pequena criatura que andava sempre sobre o seu ombro era um langur dourado, um macaco originário de Ceilão que, anos antes, Amy tinha encontrado meio morto com poucos dias de vida. O seu nome era Arduino e as crianças achavam que ele tinha cara de velho, devido às rugas da sua pele negra e aos pêlos sobre os olhos que lembravam sobrancelhas muito farfalhudas.

Os ciúmes de Melody não abrandavam, até porque Amy conquistava aos poucos a admiração e o afecto das meninas Valdéz y Inclán, de Víctor e de Estevanico. Melody tinha ciúmes de Somar, que beijava o chão por onde ela passava e até de Sansão que a adorava e que considerava Arduino a sua mascote. Regra geral o langur nunca tocava no chão. Quando não subia para a cabeça ou para o ombro da sua dona, saltava para as costas de Sansão.

— Não tem medo que ele o magoe? — perguntou-lhe Melody num dos dias em que o terranova brincava com o pequeno animal.

— O Sansão fazer mal ao Arduino? Não — disse, rindo-se. — O Sansão é como um pai para ele. Foi graças ao calor do seu corpo que Arduino sobreviveu, pergunte ao Roger. Passou dias aninhado junto ao Sansão que não saiu do mesmo lugar. Tivemos de lhe pôr a comida e a água junto ao focinho, caso contrário ele não se teria levantado para comer nem para beber.

Melody sentia-se incomodada por Amy Bodrugan conhecer tão bem o seu marido e partilharem tantas histórias. Passavam horas a rir e a recordar. Melody lamentava também que, agora que Amy Bodrugan chegara, os murmúrios e boatos sobre eles tivessem aumentado até parecerem não ter fim. A mulher passeava-se pela Plaza Mayor, com Arduino ao ombro, vestida de homem, com

aquelas calças justas, a espada e muitas vezes usando um pano preto na cabeça.

Apesar de manter as janelas da frente fechadas, Amy Bodrugan acabou com o luto na casa de San José. Melody estudava-a atentamente. Gostava da maneira como ela se comportava, com aquele divertimento natural e aquele desapego das convenções, Não parecia dar muitaimportância a quem quer que fosse e, mesmo assim, cativava toda a gente com os seus sorrisos expansivos, as suas histórias sem fim e o seu eterno bom humor. Até o corpo extremamente flexível acompanhava o ritmo do seu temperamento. Gesticulava muito ao falar, tocava constantemente no cabelo, nunca estava quieta. Melody vira-a trepar às árvores com tanta agilidade como o seu macaco.

— Tenho saudades de subir ao cesto da gávea — explicou do alto de um ramo, enquanto Víctor, Angelita e Estevanico a observavam com sorrisos de admiração.

Achava-a bonita. O cabelo negro como uma gema de azeviche, os olhos cinzentos enormes e a pele bronzeada. Invejava-lhe o corpo, atlético, flexível e magro. Era assim que gostaria de ser, de formas não tão generosas e contundentes. Atormentada, perguntava-se muitas vezes se Blackraven, quando a via naquelas calças justas, a desejaria.

— Porque queres que Amy fique? — estranhou Malagrida.

— Neste momento, preciso de ter a minha gente comigo — disse Blackraven. — Quando Adriano chegar, estaremos todos. Bem, todos os que restam — acrescentou, pensando em Ribaldo Alberighi.

— O Escorpião Negro voltará? — Suspeito de que lhe falta travar a sua última batalha.

XI

Pela primeira vez em muito tempo, Roger e Melody jantavam sozinhos. Malagrida tinha viajado para El Cangrejal, a fim de supervisionar os barcos; Amy estava na casa dos Valdéz y Inclán e as crianças com os professores, na sala de estudo. Nesse dia, 22 de Julho, era o aniversário de Melody e, apesar de não haver festa devido ao luto, Roger acordara-a com beijos e enchera-a de presentes, tantos que ocupavam a cama inteira.

— Dá-me a tua mão — disse Melody, colocando-a sobre o ventre.

— Oh, meu Deus! — exclamou Blackraven assombrado. — Dói? – Com um sorriso, Melody abanou negativamente a cabeça. — É como se uma bolha se mexesse dentro de ti. Achas que vai ser um menino?

— Não tenho a menor dúvida. Vai ser rapaz, parecido contigo e Escorpião como tu.

— Sério? Vai nascer em novembro?

— Se os meus cálculos não falharam, será em fins de Novembro.

Gilberta apareceu na sala de jantar e inclinou-se sobre o ouvido de Blackraven.

— Patrão Roger, o Papá Justicia pede para o ver.

— Volto já, meu amor.

O curandeiro aguardava-o na cozinha. Siloé servira-lhe um prato de guisado de lentilhas. Levantou-se ao ver Blackraven e tirou a cartola.

— Patrão Roger, tinha urgência em falar com Sua Mercê. Podemos conversar lá fora? Blackraven concordou e perderam-se os dois na escuridão do pátio de serviço.

— Vamos até a cavalariça. Está um gelo aqui fora.

Ao ouvi-los entrar, Servando escondeu-se no curral de Fuoco, que não se mexeu, pois conhecia-o bem.

— Que se passa, Justicia? Conta-me.

— É o menino Tommy. — Blackraven praguejou em inglês. — Aconteceu uma desgraça. Teve uma discussão com um soldado inglês numa das tabernas do Bajo, envolveram-se numa rixa de navalhas e ele matou o infeliz.

— Merda!

— Agora tem toda a milícia atrás dele. Se o apanham, enforcam-no.

— Sabes onde está escondido?

— Não.

“Eu sei”, pensou Servando.

— Dizem que foi a correr para a zona do rio.

Blackraven era um mestre na dissimulação. Não lhe foi, portanto, difícil voltar para a mesa, sentar-se ao lado de Melody e sorrir. Um problema com Black Jack, foi a explicação que deu. Passou a noite em branco, a vê-la dormir. Estava tranquila, como tanto desejara vê-la desde a morte do irmão mais novo. Encontrava-a muitas vezes a choramingar sobre um retrato de Jimmy que Fermín Gayoso, escravo de Pueyrredón desenhara a carvão. A semelhança era assombrosa. “Esta é a última que me fazes, Tomás Maguire”, disse de si mesmo. “Não permitirei que ela sofra mais por tua causa.” A verdade é que Blackraven sabia que não poderia fazer grande coisa se o rapaz continuasse escondido. Mandou chamar O’Maley e deu-lhe instruções para que, com alguns dos seus homens, partisse à procura de Tommy.

Mas de nada valeu todas as precauções para proteger Melody. Três dias mais tarde, Miora entrou a correr no seu gabinete, descomposta e descontrolada, gritando que os “vermelhos” tinham prendido Tommy e que iam enforcá-lo por assassinato. Melody pôs-se de pé, deixou cair a costura e, logo a seguir, desmaiou. Mandaram chamar Blackraven ao curtume e ele veio encontrá-la desconsolada, na cama, com panos embebidos em vinagre aromático na testa. Tremiam-lhe as mãos e tinha os lábios arroxeados. Blackraven beijou-a.

— Isaura, vou pedir-te apenas uma coisa: que te acalmes pelo teu bem e pelo do nosso filho. O teu ventre está rígido, Vá, respira fundo. Isso mesmo, assim. Outra vez. Eu tratarei de tudo, meu amor — prometeu-lhe. — Vou resolver tudo. Sei como fazê-lo. Eu o alvarei por ti, meu amor, não te preocupes.

Nessa manhã, Servando não se apresentou na oficina do estofador Cagigas. Em vez disso, dirigiu-se a casa dos Valdéz y Inclán. Deslizou pelos pátios e corredores até chegar ao quarto de Elisea e aí esperou que ela voltasse da missa da uma. O rosto da jovem iluminou-se ao vê-lo e Servando pensou que parecia um anjo com a mantilha de renda e o breviário na mão enluvada.

— Por que demoraste tanto? Passaram dias desde a última vez que nos vimos. O que há? Por que me olhas dessa maneira?

— Puta —proferiu o escravo entre dentes, agarrando-a pelos ombros.— É isso que és, uma puta.

— Cheiras a álcool! E que estás a dizer? Perdeste o juízo?

— Achas que isto não é o suficiente? — e obrigou-a a tocar seu pênis. — Precisas também do Maguire?

— Do Maguire? Que estás dizendo?

— Bah! — Empurrou-a para cima da cama. — Vi-te no outro dia na horta. Estavam se beijando.

— Beijando? — choramingou Elisea, levantando-se. — De que estás falando?

— Não te atrevas a negar. Vi com meus próprios olhos. Esse filho da puta te beijou e tu não fizeste nada. Deixaste. Incitaste-o com o olhar. Que aconteceu depois? Foram para a cama?

— Que disparate! Disse que se fosse embora, que não voltasse a me beijar porque eu amava outro homem. Desde esse dia não voltei a vê-lo.

— E não voltarás, eu me encarregarei disso. Há alguns dias matou um casaca-vermelha numa rixa de taberna. Vai ser julgado por assassinato e será enforcado. Eu mesmo o entreguei esta manhã. Foram buscá-lo no esconderijo entre os tropeiros, onde estava como uma menina assustada. É um covarde.

Elisea afastou-se a tremer e levou a mão à boca. Olhou-o com os olhos arregalados. Em seguida, com uma rapidez que apanhou o escravo desprevenido, deu um passo em frente e aplicou-lhe uma bofetada.

— Traidor. Como pudeste cometer semelhante baixeza? Sinto nojo de ti.

— Sofres pelo teu amante, cadela. Não voltarás a tê-lo.

— Sofro pelo meu amante! — exclamou Elisea exasperada. — Cala-te, negro estúpido e traidor. Estou a pensar em Miss Melody a quem devo a minha vida e a quem tu tanto deves. Pensa que perdeu há pouco tempo o irmãozinho e que está prestes a perder o outro por causa de um imbecil como tu. Não és muito diferente do Sabas!

Aquelas palavras fizeram-no cair em si. Cambaleou para trás e caiu sobre uma cadeira.

— Miss Melody — balbuciou.

Dirigiu-se aos tombos para a casa de San José. Entrou usando o portão da cocheira e foi até o alpendre onde se guardavam as ferramentas e as correias.

— Aonde vais, Servando? — estranhou Siloé.

O yolof dirigiu-se ao quarto de Miss Melody arrastando o chicote. Bateu à porta. Uma voz dolente convidou-o a entrar. Por um breve instante, ao ver Miss Melody sentada, o olhar perdido no vazio, uma mão no ventre e na outra um rosário de nácar, Servando julgou que não teria coragem. Quando se aproximou, viu que havia sulcos de lágrimas no seu rosto e que a jovem tinha as pestanas úmidas. Lançou-se por terra, a testa colada ao chão.

— Babá, que se passa? Não me assustes.

— Castigue-me, Miss Melody! — disse, erguendo no ar o látego. — Ainda não cicatrizaram as vergastadas que o patrão Roger me deu e já mereço que Sua Mercê me castigue de novo. Castigue-me até a morte. Entreguei o seu irmão aos casacas-vermelhas. Fui eu quem revelou o esconderijo dele porque estava cheio de ciúmes, porque ele queria roubar minha Elisea. — Servando ouviu Melody pôr-se de pé e sufocar um lamento. — Castigue-me, mate-me, Miss Melody.

Ficou ali, de braço estendido, oferecendo o látego, o rosto colado ao chão e o corpo convulsionado pelo choro. Passaram vários minutos. Miss Melody não dizia nada, aliás, Servando nem sabia se ela ainda ali estava. Levantou a cabeça. Estava ali, sim, de pé, junto às portadas da janela, o olhar perdido no pátio principal.

— Miss Melody — suplicou.

— Se o teu senhor viesse a saber que entregaste o meu irmão te trespassaria com seu estoque, sem que tivesses tempo de pestanejar. Para o teu bem, fica calado e não fales disto a mais ninguém. Agora vai-te embora, não me apetece ver-te. Partiste-me o coração.

— As probabilidades de o resgatar vão ser maiores ou menores,dependendo da prisão para onde foi transportado — arriscou O'Maley. — Se o levaram para a prisão do Forte, será uma sorte para nós, pois ouvi dizer que há passagens subterrâneas que ligam ao Forte a Casa de las Temporalidades, que pertenceu aos jesuítas até 67.

— Mesmo que encontrássemos a entrada para essas passagens — afirmou Malagrida —, seria necessário termos um mapa. Costumam ser labirínticos. Perder-nos-íamos.

— Julgo que poderia consegui-lo — arriscou O'Maley. — O capitão Malagrida seria uma grande ajuda para mim se pudesse acompanhar-me —acrescentou, de modo sibilino.

— Arranja-os — ordenou Blackraven. — Enquanto isso, farei uma pequena visita a Beresford para ver que vantagem tiro dessa informação que acabas de me dar. — Tinha falado com Zorrilla.

— Eu vou com o Edward — declarou Malagrida antes de se despedirem.

Blackraven e Trinaghanta atravessaram uma ponte levadiça sobre o fosso do Forte e caminharam pelo pátio central até o escritório do governador Beresford. A cingalesa transportava uma canastra com roupa, comida e produtos curativos. Não tinha sido fácil convencer Melody a ficar na casa de San José. Só o conseguiu assustando-a com uma grande variedade de doenças próprias dos calabouços e assegurando-lhe que Trinaghanta o acompanharia para tratar de Tommy.

— Roger! — alegrou-se Beresford, apertando-lhe a mão, segundo os costumes ingleses.

— É um assunto delicado que me traz aqui. Hoje de manhã foi preso um rapaz acusado de ter assassinado um dos teus soldados numa briga de taberna. — Beresford assentiu. — Esse rapaz, William, é meu cunhado, irmão da minha mulher. O seu nome é Tomás Maguire.

A expressão de Beresford ganhou laivos de abalo e desolação. Sentou-se e,

com um gesto, convidou Blackraven a fazer o mesmo.

— Não sabes como lamento, Roger.

— Onde o têm? Beresford mandou chamar o capitão Alexander Gillespie, comissário da prisão situada na calle de Santo Cristo. O militar perfilou-se frente ao seu superior e cumprimentou com uma leve inclinação de cabeça o conde de Stoneville. Como resposta à pergunta, informou que o réu Maguire fora levado para as masmorras do Cabildo. Beresford dispensou-o.

— Conheces-me bem, William, não vou andar aqui com rodeios:estou disposto a qualquer coisa para obter a liberdade do meu cunhado.

— Não pretenderás que o solte depois de ter matado um dos meus homens? Tenho de lhe dar um castigo que sirva de exemplo. A populaça está a ficar cada vez mais ousada.

— Foi uma rixa de taberna — declarou Blackraven, retirando importância à questão. — Pode alegar-se legítima defesa.

— Há gente que diz que o teu cunhado trapaceia no jogo.

— Que queres em troca da liberdade dele? — Estás me ofendendo, não quero teu dinheiro.

— Não falei em dinheiro. Conheço-te bem demais para fazer semelhante oferta. Estou propondo outro bem em troca da tua colaboração. Sabes que a tua situação em Buenos Aires é precária. O que te ofereço são informações que poderão salvar-te da catástrofe que está por dias. Que importância tem para ti um rapazinho desatinado comparado com a possibilidade de conhecer a realidade que te ameaça? Acredita em mim, o que eu sei não se pode ignorar.

— Que pretendes que faça? Que tipo de ajuda quer? — Não vou pedir que o ponhas em liberdade e que o rapaz saia pela porta principal do Cabildo. Compreendo que isso não é possível devido a tua posição. Peço apenas certas facilidades para que eu possa preparar a fuga. Prometo tirá-lo do Rio da Prata. Não voltarás a ouvir falar dele.

— Que facilidades são essas? — Direi quando tiver traçado o meu plano.

Enquanto considerava a proposta que acabava de lhe ser feita, Beresford apoiou os cotovelos sobre a secretária e levou as mãos à boca como se rezasse.

— Vou ajudar-te. Tens a minha palavra — declarou o militar inglês, amão direita estendida para Blackraven. — Agora diz-me: que sabes? —Financiado pelo comerciante Álzaga e com o apoio do bispo Lué,foi traçado um plano para fazer ir pelo ar o quartel da la Ranchería, onde está instalado o Regimento 71.

— Que dizes! — Beresford pôs-se de pé.

— Naturalmente pensam fazê-lo quando os teus homens estiverem aquartelados. Será um verdadeiro massacre. O grupo, comandado pelo engenheiro Felipe Sentenach, está a cavar um túnel que começa na casa de dom

José Martinez de Hoz, atravessa a calle de San Carlos e chega até o quartel. Pensam colocar uma grande quantidade de barris de pólvora. Têm quase tudo pronto. Se não for hoje, será amanhã. Para evitarem qualquer surpresa, colocaram sentinelas nos andares de cima do café Marcó e outros dão voltas ao quarteirão disfarçados de vendedores ou de mendigos.

— Valha-me Deus! Não avaliei convenientemente a índole destes sul-americanos — afirmou Beresford.

Blackraven pôs-se de pé para se despedir.

— Da próxima vez que nos virmos vou trazer-te os pormenores da fuga e dar-te-ei mais informações. Agora, por favor, assina uma licença para eu poder ver o meu cunhado.

Tommy estava deitado de barriga para baixo sobre um hediondo monte de palha, inconsciente e em muito mau estado. Blackraven voltou-o e observou-lhe os ferimentos. Tinham-no torturado. Apresentava queimaduras no peito e tinham-lhe arrancado algumas unhas. Além de um corte na testa, provavelmente de uma pancada com a culatra de uma arma, podia ver-se um outro no lábio inferior e tinha o nariz partido. Despiu-lhe a camisa e examinou-o conscientemente, palpando-o, procurando algum osso partido. — Parece um Cristo — disse para si mesmo ao ver os golpes e os cortes. Não detectou ossos partidos, talvez uma ou outra costela com fissuras. Tinha um corte profundo na barriga da perna direita que era preciso limpar e ligar. — É uma ironia — pensou Blackraven — que, tal como o teu pai, também tenhas sido torturado pelos ingleses. — Eu trato-lhe do nariz — disse a Trinaghanta. — Ocupa-te do resto.

O septo nasal foi ao lugar com um ruído seco que fez Tommy acordar. Com um grito, levantou-se para voltar a cair logo a seguir sobre o monte de palha.

— Tomás, meu rapaz — chamou Blackraven.

Tommy afastou a mão do rosto e olhou-o com uns olhos desorbitados e vítreos. Na penumbra teve dificuldade em perceber que se tratava do cunhado.

— Por amor de Deus! — exclamou, agarrando-o pelo colarinho. — Tire-me daqui. Suplico-lhe. Tire-me daqui, por amor de Deus! — Tem calma, Tommy. Vou tirar-te daqui, fica tranquilo. Mas vais ter de ser paciente. Dentro de alguns dias, prometo-te.

— Leve-me agora. Eles vão voltar a torturar-me. Matei um deles, não percebe? Vão matar-me para se vingarem.

— Não, não o farão. Não voltarão a tocar-te, posso garantir-te. Agora deixa que Trinaghanta trate das tuas feridas. Eu encarregar-me-ei de melhorar as condições deste lugar.

Graças às moedas de ouro que Blackraven distribuiu pelos guardas, foi retirada a palha velha e colocado uma nova e limpa. Trouxeram dois baldes com

água limpa e desapareceu o que continha urina e fezes dos prisioneiros anteriores. Retiraram-lhe as grilhetas dos tornozelos e dos pulsos e, por último, deram-lhe a comer um guisado de borrego bastante aceitável acompanhado de legumes.

Antes de regressar à casa de San José, Blackraven foi visitar de novo Beresford.

— Ouve bem, William, se voltarem a tocar num cabelo do meu cunhado, eu mesmo destruirei este Forte. Sabes bem que o posso fazer.

— Sei que não estás a falar por falar — admitiu o governador inglês.

— Como está o Tommy? — Perguntou Melody, precipitando-se sobre Blackraven. — Deixaram-te vê-lo? — Ele está bem, meu amor, queixando-se da comida e insultando os ingleses como poderás imaginar. Têm-no no Cabildo, mas está bem, muito bem.

— Graças a Deus.

— Dentro de poucos dias estará em liberdade.

— A sério? — Não foi o que te prometi? — Sim. — Sorriu e escondeu o rosto no peito do marido.

Não foi preciso pedir que o réu Maguire fosse transferido para a prisão do Forte, pois, graças aos mapas das passagens subterrâneas, descobriram que estas conduziam igualmente ao Cabildo. Conseguir os mapas foi relativamente fácil. Estavam na posse de um jesuíta, Vespaciano Clavius, que tinha escapado à expulsão de 67, refugiando-se nessas mesmas passagens que agora interessavam a Blackraven, e que dava agora pelo nome de Francisco Álvarez, produtor de fruta numa herdade da zona sul, que confinava com o hospital dos betlemitas, chamado La Convalecencia.

O’Maley conhecia Clavius e o seu segredo. Cumprimentou-o com cordialidade. Quando Clavius se voltou para Malagrida, este olhou-o fixamente e, de modo solene, proferiu em latim o voto sagrado dos jesuítas.

— Servir sempre o Senhor e a Igreja, sua Esposa, sob o comando doSumo Pontífice, Vigário de Cristo na Terra — e mostrou-lhe uma reluzente cruz de prata, insígnia da ordem.

— Irmão! — exclamou Clavius antes de lhe dar um abraço.

O arquitecto jesuíta que projectou as edificações e as passagens subterrâneas dava muita importância à planta. Por isso, traçou-a sobre um rico e caro pergaminho de vitela em vez de usar o mais comum em pele de cordeiro. Depois de admirar a precisão e clareza dos mapas, Edward O’Maley inclinou-se sobre eles, estudando-os com uma lupa, enquanto Malagrida e Clavius contavam um ao outro as suas desventuras.

Ficou acordado com Beresford que a fuga teria lugar na madrugada do dia 1

de Agosto. A escolha da data não foi um mero capricho: no dia 31 de Julho à noite, Beresford, em consonância com a informação de Blackraven, partiria disposto a esmagar um exército de peões e índios sob o comando de Pueyrredón, acantonado numa propriedade da família Belgrano, mais conhecida como quinta de Perdriel. Deixaria uma guarda mínima na cidade e certificar-se-ia de que os soldados posicionados no Cabildo o acompanhariam na sua grande maioria. Blackraven exigiu-lhe que deixasse apenas dois a tomar conta da prisão e teve o cuidado de lhes fazer chegar garrafas de uísque escocês. Com a ajuda da mulata Francisca, que Melody salvara da sua dona cruel, Clara Echenique, e que agora trabalhava no Cabildo, conseguiram uma cópia da chave da celade Maguire. Se houvesse mais fechaduras para abrir teriam de se desenvencilhar sozinhos. Conheciam os horários das rondas e o momento em que passariam frente ao Cabildo. Graças às facilidades que Beresford lhe dera, Blackraven movera-se com grande à-vontade dentro da prisão até se familiarizar com as suas oficinas e instalações.

Às onze da noite do dia 31 de Julho, reuniram-se nas traseiras da casa de San José. Vespaciano Clavius acompanhava-os, pois, segundo ele, por muita ajuda que os mapas lhes dessem, não conseguiriam chegar às masmorras do Cabildo a não ser que ele os guiasse.

— Encontrarão ao fim de cinco dias — disse, dando uma forte gargalhada.

Blackraven preparava as pistolas quando Servando apareceu.

— Que fazes aqui, Babá? Volta para a barraca.

— Leve-me consigo, patrão Roger. Quero acompanhá-lo. Já o ajudei uma vez a resgatar o jovem Tomás. Posso voltar a fazê-lo. Devo isso à minha senhora.

— O rapaz é esperto — intercedeu Somar. — Poderá ser-nos útil.

— Está bem — acedeu Blackraven e dirigiu-se a O'Maley. — Dá-lhe uma faca e uma pistola.

— Não me vai dar uma arma a mim, Excelência? — perguntou Clavius.

— Já atirou? — interessou-se Blackraven.

— Não, mas parece fácil.

— Acredite, fica melhor sem ela. Poderia deslocar um ombro com o recuo do disparo. Amy dá um casaco escuro ao Servando. Com esse poncho branco, pareces um candeeiro na noite, Babá.

Prepararam pólvora e mecha para fazer saltar as fechaduras, gravetos curtos para iluminar as passagens escuras e uma serra para o caso de terem deixado Tommy com as grilhetas, embora houvesse esperança de que as moedas de Blackraven tivessem sido suficientes para tornar os guardas um pouco esquecidos.

Antes de partir, Blackraven entrou no quarto para ver Melody. Ela dormia. A

angústia dos últimos dias refletia-se num sono inquieto. Ninguém conseguia convencê-la de que Tommy estava fora de perigo, apesar de ele e Trinaghanta, que o visitavam diariamente, lhe assegurarem que o irmão sairia em liberdade mais gordo e repousado. Levavam-lhe comida, vinho e roupa limpa, até produtos para fazer a barba e a higiene. Trinaghanta limpava-lhe as feridas, untava-lhe os hematomas e ajeitava-lhe a atadura em volta das costelas. Mesmo assim, Tommy parecia deprimido, quase não falava e parecia um ratinho assustado. A tortura quebrara-o por completo.

Blackraven inclinou-se junto à cabeceira da cama e pousou uma mão sobre o ventre de Melody. — Vou trazer-to de volta, meu amor, são e salvo. — Aconchegou-lhe a manta junto ao queixo e saiu.

Como estavam bem informados sobre os trajetos e horários das rondas, chegaram sem dificuldade à Casa de las Temporalidades e, depois de subirem pelas muralhas traseiras, entraram no pátio principal, onde se ocultava a entrada para os túneis, debaixo de uma escada de pedra e tijolo. Clavius introduziu uma chave enorme na porta dissimulada e tentou rodá-la várias vezes. Mal se movia, produzindo um som que denunciava a ferrugem e a poeira dos anos. O jesuíta tirou de dentro do seu gibão um pequeno pacote envolto em couro. O conteúdo parecia uma pequena barra de sabão.

— Vim preparado — disse com um sorriso. — É sebo — explicou. –Preciso de fogo para o aquecer antes de untar a chave.

Blackraven acendeu a sua mecha e passou-a. A camada superior derreteu rapidamente e Clavius empapou a chave no líquido.

— É bom que o teu truque funcione, Clavius — disse Malagrida. –Não podemos fazer esta maldita porta disfarçada ir pelos ares sem despertar meia cidade.

O jesuíta voltou a colocar a chave na fechadura e todos sustiveram a respiração. À terceira tentativa, a chave rodou por completo. Ouviram-se leves suspiros de alívio. Clavius abriu e fez-lhes sinal para que entrassem. Conduzia-os sem a mais pequena hesitação e quase não precisou de consultar os mapas. Embora em alguns sectores as passagens se tornassem mais amplas, formando pequenas câmaras apinhadas de barricas, caixotes de madeira, móveis com bicho e outros trastes, regra geral as passagens eram estreitas e baixas, obrigando Blackraven a caminhar de costas dobradas.

— Chegamos — anunciou Clavius. — A seguir a esta porta, entraremos nas masmorras do Cabildo.

Fizeram a fechadura ir pelos ares e entraram. O ambiente tornara-se subitamente outro. Se antes o ar era úmido e pesado, agora cheirava a urina, fezes e corpos imundos. Aguardaram. Ouviram o ruído de correntes a

arrastarem-se.

— São os presos — conjecturou Amy. — Foram alertados pela explosão.

Nessa altura, os guardas já deviam ter acabado com as garrafas de uísque e dormiam na parte superior do edifício. Avançaram. Os prisioneiros estendiam os braços por trás das grades e faziam súplicas. Um deles, caído no chão, pedia água; Malagrida baixou-se e entregou-lhe a sua pequena garrafa de vinho. Sobressaltou-se quando Blackraven fez saltar outra fechadura.

Na calle da Santísima Trinidad, a do Cabildo, a ronda a cargo de quatro casacas-vermelhas chegou antes do previsto. Sabiam que Carmody, um dos guardas, e o seu companheiro, Ryan, tinham comprado garrafas de um excelente uísque escocês a um contrabandista que lhas vendera ao preço da chuva. Esperavam beber uns goles para combater o frio da noite.

Carmody e Ryan dançavam gigas em cima da secretária do capitão, cada um empunhando uma garrafa. Alternavam estridentes gargalhadas com canções em gaélico. Os soldados estavam decepcionados. Já só havia um fundo em cada garrafa.

— Que foi aquilo? — inquietou-se um dos que faziam a ronda.

— Parecia uma explosão.

— O peido de um preso qualquer! — vociferou Carmody enquanto Ryan ria a bandeiras despregadas! — Silêncio! –Vamos dar uma vista de olhos.

Servando, que estava afastado para montar guarda, viu-os primeiro. Tinham deslizado em silêncio e não se apercebeu a não ser quando estavam a um meio metro de distância.

— Casacas-vermelhas — vociferou.

Disparou um tiro e precipitou-se em direção a Blackraven que empurrou Tommy para trás de si e disparou as suas duas armas, assim como Amy, Somar, Malagrida e O’Maley. Em menos de um segundo, o corredor da masmorra ficou mergulhado numa espessa nuvem de fumo branco e num cheiro a pólvora queimada. Servando caiu de bruços aos pés de Blackraven, atingido por uma bala de mosquete.

— Para trás — ordenou Blackraven, enquanto punha Servando aos ombros e empurrava Tommy para a frente.

O rapaz movimentava-se lentamente devido à ferida na perna e às fissuras nas costelas. Amy e Malagrida cobriam a retirada; Somar e O’Maley carregavam as pistolas. Apesar do pânico, Clavius espantava-se com a destreza do irmão jesuíta com a arma de fogo.

— Vamos! — exclamou Blackraven. — Somar, ajuda o Maguire! Os soldados perseguiram-nos pelas masmorras e chegaram mesmo a embrenhar-se nos túneis, visto que a fechadura estava destruída. Entrincheirados atrás de uns barris de

carvalho, Blackraven e os amigos dispararam uma rajada que atrasou o avanço, permitindo-lhes abrir a brecha com os seus atacantes. De acordo com o previsto, os túneis eram labirínticos e os soldados, desprovidos de tochas, depressa se perderam na escuridão. Quando chegaram ao pátio central da Casa de las Temporalidades, Clavius meteu a chave na poterna.

— Calça essas luvas — ordenou Blackraven, e Tommy assim fez. — Não quero que a tua irmã veja que te faltam algumas unhas. Dirás que te sentes bem e procura não coxear tanto. Não quero que ela fique preocupada. Já sofreu de mais com a morte do seu irmão Jimmy e com as tuas façanhas.

— Sim, senhor.

Blackraven lançou-lhe um olhar de soslaio: o banho, a mudança de roupas, a barba feita e o corte de cabelo que Trinaghanta lhe executara tinham-lhe retirado aquele ar de foragido, deixando à vista de todos o que realmente era: um rapazola corajoso e desorientado. Já não ostentava a soberba nem a fanfarronice anteriores. Parecia triste e envergonhado, não levantando os olhos do chão.

— Muito bem. Espera aqui por mim. Vou acordá-la.

Foi encontrá-la inquieta, voltando a cabeça sobre a almofada, de olhos fechados, as mãos agarradas à colcha. Despertou bruscamente, estremecendo agitada. Blackraven tomou-a nos braços e murmurou-lhe ao ouvido: — Estavas a ter um pesadelo, meu amor.

— Sonhava que iam enforcar Tommy.

— Que pesadelo sem sentido, Isaura. Porque não confias em mim? O teu irmão está aqui, do lado de fora desta porta. Acaba de sair da prisão e quer ver-te.

— Roger — gemeu, desatando a chorar.

Blackraven explicou-lhe que se tratara de uma fuga, que a situação legal de Tommy não lhe deixara outra alternativa, que o rapaz iria ter de abandonar o Rio da Prata e que o faria como grumete num dos seus barcos.

— Assim aprenderá um ofício e a ganhar o pão de cada dia. Se for inteligente, poderá poupar algum dinheiro com os saques.

— É uma vida tão perigosa! — Isaura, por favor — disse Blackraven num tom aborrecido. — Mais perigosa do que a vida de fugitivo e errante que tem levado até agora? Uma vida de desocupado e vadio? –Não, claro que não.

Blackraven fez sinal a Tommy para que entrasse. Melody tinha vontade de o insultar, de lhe bater, de o beijar e de o abraçar. Mas via-o tão deprimido, tão submisso… Recebeu-o nos braços e acariciou-lhe a cabeça. Tommy rompeu num pranto lancinante.

— Perdoa-me! Perdoa-me por tudo! — Chiu, está bem. Eu perdoo-te, não chores.

— Defraudei-vos, a ti e ao Jimmy. Abandonei-vos, deixei-vos sozinhos nas mãos de Paddy. Meu Deus, nunca me perdoarei! — Tiveste de fugir de Bella Esmeralda, teve de ser — recordou-lhe.

— Não, não, eu abandonei-vos. Nunca mais voltei, nunca assumi a obrigação que o nosso pai me legara. E, quando vos encontrei de novo, aqui, em Buenos Aires, deixei-vos entregues à sua sorte.

— Não é verdade, não te culpabilizes, estás a ser demasiado duro contigo próprio. A nossa vida foi difícil, mas agora tudo vai mudar, não é verdade? — Tommy assentiu sem a olhar nos olhos. — Faz tudo o que Roger te disser. Confia nele, entrega-te nas mãos dele. Sei que ele é inglês, mas é também o melhor e o mais generoso homem que conheço.

Farás isso por mim, juras? — Juro pela memória do Jimmy.

— Bateram-te — disse Melody, passando-lhe os dedos pelo corte da testa.

— Não é nada — disse Tommy, retirando importância à questão. — Estou bem, a sério, muito bem.

— Despeçam-se um do outro — interveio Blackraven. — É arriscado continuar mais tempo aqui em casa. Será o primeiro lugar onde virão procurá-lo.

— A Miora esteve a costurar algumas roupas. Já te deu? — Tommy disse que sim. — A Trinaghanta entregou-te as provisões para a viagem?— Ele assentiu. — Adoro-te, Tommy, nunca te esqueças disso. Tem cuidado contigo, tem juízo e pensa sempre em mim. Eu estarei aqui à tua espera. O Roger vai conseguir que retirem as acusações contra ti e depois disso poderás voltar para ocupar o teu lugar em Bella Esmeralda. Não é assim, meu amor? — Assim será — comprometeu-se Blackraven. — Vamos.

Somar e O'Maley arreavam os cavalos para escoltarem o jovem Maguire até El Cangrejal, onde ele iria juntar-se à tripulação do White Hawk, sob o comando do capitão Flaherty.

— Trinaghanta diz que o ferimento de Servando é sério — disse o turco. — Não se atreve a tentar extrair a bala. Será preciso chamar um médico. Pensei em Samuel Redhead.

— Samuel é de confiança — admitiu Blackraven —, mas não quero comprometê-lo. Tragam antes Hohenstaufen. — Referia-se ao médico do Sonzogno. — Ele poderá montar o Fuoco na volta. — Ajudou Tommy a subir para o cavalo. — Entrega esta carta a Flaherty da minha parte — de clarou e Tommy guardou-a num dos bolsos interiores do casaco. — Aqui tens algumas libras para os teus gastos. Espero que não as jogues nem as bebas. Se fores inteligente, como acredito que és, saberás conduzir-te no meu barco e até ganhar um bom dinheiro. Bem, a caminho —ordenou.

– Tommy segurou nas rédeas e fez Fuoco dar a volta.

— Obrigado, senhor Blackraven.

Roger inclinou a cabeça, aceitando a gratidão e aquele velado pedido de desculpas.

XII

Depois da fuga de Tommy, reinou uma certa normalidade na casa de San José, apesar das investigações e buscas por parte das autoridades inglesas, que se mostraram prudentes e não incomodaram os membros da família.

Blackraven passava grande parte do dia fora, absorvido pelos seus diversos negócios. A 3 de Agosto de 1806 foi inscrita nos livros da fábrica de curtume La Cruz del Sur a entrada das primeiras cabeças de gado. Aproveitariam até os ossos, explicou Blackraven a Melody. La Cruz del Sur, situada nas margens do Riachuelo, não só contava com instalações para o longo processo de curtição do couro do gado bovino, como ainda com vastas praias para a secagem da carne. Produzir-se-ia carne seca e salgada, isto é, fatias de carne secas ao sol, e charque, carne seca em barris com sal. Embora o charque fosse mais saboroso e mais tenro do que o tasajo — carne defumada que apresentava a consistência do couro e cheirava mal —, apodrecia frequentemente e era preciso tirar-lhe o sabor do salitre mergulhando-o em vinagre.

Quanto à gordura, muito requisitada para a confecção de velas, sabões e unguentos, seria derretida em fornos de pedra, espremida e moldada em baldes de cobre para ser embalada em tachos de latão.

Blackraven tinha encomendas para a produção do primeiro ano.

— Que tencionas fazer com os ossos? — interessou-se Melody.

— Além do pó para a minha fábrica de porcelana em Truro, venderei aos fabricantes de pentes, botões, copos, tinteiros, pregadeiras. Vais ficar surpreendida com a quantidade de utensílios que se pode obter a partir de osso de boi.

Como Álzaga tinha dito meses antes, Blackraven pretendia atingir a qualidade dos couros ingleses, conseguindo flexibilidade e resistência, em contraste com os do país, que, devido a uma insuficiência no período de fermentação, apresentavam uma textura rígida, destituída de brilho e um pouco fina. Introduziria a pele de vitela curtida, desconhecida entre os produtores da região, além de curtir couros exóticos muito cobiçados na Europa. No Rio de Janeiro tinha contratado quatro mestres curtidores irlandeses que elogiaram o estabelecimento, a qualidade do couro cru e a excelência do tanino proveniente do cebil. Não o conheciam. Contratou os serviços do naturalista checo Thaddäus Haenke, que passou vários dias na fábrica a explicar aos mestres irlandeses como preservar o material das traças. Pascual de Parodi, natural de Montevideu, recomendou-lhes que secassem com cal a parte gordurosa do couro, para evitar

esses insectos.

Blackraven adorava o Rio da Prata. Poucas vezes ancorara numa terra tão ampla e generosa que, como aquela, oferecesse infinitas possibilidades de expansão. Abelardo Montes insistia para que viajassem para Misiones, a fim de comprarem terrenos destinados à cultura do tabaco e da erva-mate. Francisco Martinez de Hoz, outro rico comerciante, propunha que fossem até Catamarca, onde a produção de planta anileira proporcionava bons rendimentos, e dona Rafaela del Pino, a "velha vice-rainha" — como lhe chamava a mulher de Sobremonte —, pretendia que ele explorasse as suas pedreiras de calcário situadas na Banda Oriental. Esta última proposta atraiu a sua atenção.

— Soube que, no fim do mês de Fevereiro — comentou dona Rafaela —, Sua Excelência desposou uma jovem deste país. Espero que seja virtuosa.

— É o sem dúvida — assegurou Blackraven.

— Bem — suspirou a dama — devo confessar que fiquei um pouco decepcionada quando soube, pois sempre ambicionara que Sua Excelência se interessasse por uma das minhas meninas no momento de contrair novas núpcias, visto que elas são extremamente diligentes e bem-educadas.

Blackraven riu. O grande à-vontade de dona Rafaela por detrás da quele verniz de recato e dignidade sempre o divertira. Unia-os umaamizade de muitos anos, desde a época em que o marido, dom Joaquín, ainda era vivo.

— Sem dúvida que o são — concordou —, diligentes e bem-educadas,além de muito bonitas — e passeou os olhos pelos rostos corados das jovens que se fingiam embrenhadas nos bordados como se ninguém lhes tivesse feito qualquer referência.

— Diz-se por aí que a senhora condessa de Stoneville — prosseguiu dona Rafaela — se encontra de esperanças.

— Assim é.

— Gostaria muito de a conhecer. Vou convidá-la para tomar um chocolate quente num dos próximos dias.

— Infelizmente, dona Rafaela, não será possível, pelo menos não por enquanto. A minha mulher está de luto — explicou Blackraven. — O ir mão faleceu no passado dia 26 de Junho.

— Oh, pouco mais de um mês. Como está ela? — Melhor.

— É verdade que pensa fundar um albergue para escravos velhos e alforriados? — É verdade, sim.

— Que obra tão louvável! Gostaria muito de fazer um donativo.

— Será bem-vindo.

— Imagino que Sua Excelência esteja satisfeito com a intervenção dos seus compatriotas em Buenos Aires.

— Não particularmente.

— Ah, não? Soube que Sua Mercê visita regularmente o Forte.

Blackraven moveu os lábios num sorriso deferente.

— O general Beresford e eu somos velhos amigos. Ele conhece bem minha opinião acerca desta intrusão: sou contra.

— Poderei perguntar-lhe porquê, Excelência? — Não acredito nas ocupações militares, senhora. Desgastam e irritam as populações. Acredito, isso sim, na amizade entre os países e nos acordos comerciais que beneficiam ambos.

— Muito interessante. Por falar em acordos comerciais, já ponderou a possibilidade de se associar a mim na exploração da pedreira? Devo dizer-lhe que, adequadamente tratada, poderá tornar-se numa indústria muito lucrativa.

Ter-se-ia sentido incomodado a falar de negócios com qualquer outra mulher, mas dona Rafaela, pragmática e isenta de preconceitos como era, tornava aquele diálogo, para outros inaceitável, numa questão perfeitamente normal.

— Hoje de manhã, estive reunido com o seu advogado, o doutor Ruda y Veja que me explicou os pormenores. Considero a proposta inquestionavelmente tentadora. — Dona Rafaela sorriu. — Compreendo que a sua condição é que seja eu a administrá-la.

— Assim é, Excelência. Já não tenho idade para essas cavalarias e os meus filhos não demonstram a menor inclinação pelas referidas pedreiras, ainda que beneficiem dos seus rendimentos.

— Sinto-me muito honrado com a sua confiança, senhora — disse,baixando levemente a cabeça. — Mas Sua Senhoria deve saber que só poderei encarregar-me pessoalmente da administração quando me encontrar no Rio da Prata. Durante o resto do tempo ficará nas mãos dos meus tabeliães e dos meus empregados.

Acordaram que dona Rafaela lhe venderia quarenta e cinco por cento das pedreiras e que assinaria um documento entregando-lhe sua administração. Em alguns aspectos, como no caso do trato com os empregados, melhoria das condições de trabalho e investimentos em bens de capital, Blackraven exigiu liberdade de decisão. Dona Rafaela del Pino aceitou.

— Os seus compatriotas andam com problemas, Excelência. Diz-se por aí que o capitão Liniers está na Banda Oriental a preparar um exército para se lançar na reconquista. Que sabe Sua Mercê a este respeito? — Tendo em conta a minha nacionalidade, senhora, assim como aconhecida amizade que me liga ao general Beresford, seria muito pouco provável que alguém me confessasse os planos do capitão Liniers. A verdade é que não sei de nada.

Blackraven mentia. Estava perfeitamente a par de cada passo de Liniers, desde a sua passagem para a Banda Oriental a 10 de Julho até a reunião em

Montevideu com o governador Ruiz Huidobro, a 18, em resultado da qual obtivera uma força de seiscentos homens, além de artilharia, munições, alimentos e uniformes, bem como o apoio da frota sob o comando do capitão Gutiérrez de la Concha. O ataque estava iminente.

— Se o ataque ocorrer dentro de pouco tempo — impacientou-se Somar nessa mesma noite depois do jantar — não seria conveniente partirmos? — Não — disse Blackraven. — Nem Liniers nem Beresford darão ordem para atacar a cidade com balas de canhão, a partir do rio. Lutarão, sem dúvida, mas não creio que isso nos afecte. Beresford tentará travar a luta em campo aberto, onde o Regimento 71 esmagará os soldados pouco treinados de Liniers. Este, por seu turno, tentará levar a luta até as ruas da cidade, porque conta com o apoio da população.

— Se a luta for levada a cabo no coração da cidade, nós estaremos nomeio.

— Não passarão de escaramuças. Posicionarei os meus homens no terraço e em ambas as entradas. Ninguém conseguirá entrar nesta casa nem na da calle Santiago, nem em El Retiro. Nunca reparaste nas construções de Buenos Aires? São pequenas fortalezas. Se contarmos com os homens de O'Maley e com as tripulações do Sonzogno e do Afrodita — referia-se ao bergantim sob o comando de Amy Bodrugan —, seremos suficientes e estaremos mais bem armados do que qualquer dos grupos.

— Talvez o povo se volte contra nós por tu seres inglês.

— E acreditas que eles atacavam a casa do Anjo Negro? Duvido muito.

— Quando pensas que Liniers irá empreender a sua reconquista? — Acabo de saber que desembarcou ontem em Las Conchas, a 20milhas daqui.

— Dentro de dois dias estará na cidade.

— Se este temporal se mantiver — opinou Blackraven —, como afirma Justicia (sabes bem que ele nunca se engana em questões de clima), as tropas de Liniers só chegarão dentro de vários dias. Hoje estamos a 5 de Agosto. Duvido que aqui cheguem antes do dia 10. Malagrida e Amy foram hoje até El Cangrejal para trazerem a tripulação com eles. Deixarão lá um reforço mínimo como vigilância.

— Não me agrada. Galo Bandor é um velhaco. Vai certamente tirar partido da situação.

— Dei ordens para que durante estes dias permaneça agrilhoado,assim como os outros cinco, e que não os deixem subir ao convés, nem mesmo com as grilhetas.

— Não sei do que Amy está à espera para lhe cortar a garganta –disse, aborrecido, o turco.

— Deixa-a lá. Está a pensar na melhor maneira de se desfazer dele.

Blackraven pegou num abre-cartas e rasgou um sobrescrito.

— É de Marie e de Luís — disse. — Trouxeram-ma hoje de manhã.

Leu em silêncio. À medida que ia avançando na leitura, franzia a testa.

— Más notícias? — Não sei. Talvez. Trata-se de uma visita muito pouco oportuna.Um casal de barões portugueses que conheci no Rio de Janeiro embarcou há vários dias para cá.

— Suspeitas deles? Refiro-me à questão de La Cobra.

— Não se trata disso — explicou Blackraven. — A baronesa de Ibar pode tornar-se muito incômoda. É uma mulher francamente insistente quando quer alguma coisa.

— Estou a ver.

— Não quero discussões com Isaura. Ela agora está tranquila e quero que as coisas assim continuem.

— Irmos à casa de San José, senhorita Elisea? — pasmou-se Manila. — Mas não estão de luto? — Miss Melody mandou-me chamar —explicou. — Vamos, Manila,despacha-te.

— É para já, menina. Vamos embora. Sua Mercê acha que o turco,aquele que tem os desenhos na cara, vai estar lá na casa de San José? —Somar? Não sei, Manila. Para que o queres ver? — Ah, bem. Parece que ele arrasta a asa à Miora e tenho muita vontade de o ver. Só o vi uma vez, há muito tempo. Lembro-me de que apanhei um susto! Mas a Miora parece muito apaixonada.

— Miora apaixonada por Somar? — estranhou Elisea. — E por que não? — disse para si mesma.

— É que, menina, as más-línguas dizem que o turco Somar… Bem,que ele… Ai, não sei como dizer que… Bem, que ele não tem nada entre as pernas! — Manila! — Sim, sim — resignou-se a escrava—, já sei. É melhor calar-me se não vai mandar açoitar-me.

— Isso mesmo.

Como Melody indicara no bilhete, Elisea bateu na porta das traseiras, embuçada numa mantilha grossa e tosca, semelhante à da sua escrava. Foi Miora quem veio abrir e quem a conduziu até a área da cozinha, vazia e silenciosa.

— Fica aqui, Manila — indicou Miora. — Por favor, menina, acompanhe-me.

Melody estava num dos quartos de serviço, sentada junto a um catre. Trinaghanta, ao seu lado, colocava um pano frio sobre a testa de Servando. Elisea sentiu que as pernas fraquejavam e levou a mão à boca para afogar um lamento.

— Entra, Elisea. Servando chamou muitas vezes por ti. Apesar de arriscado, o melhor era que viesses para o acalmar.

— Que aconteceu? — Foi ferido enquanto ajudava o meu irmão Tomás a fugir

da prisão.

Elisea sentou-se na cadeira de Melody e tocou na testa quente e úmida de Servando. — Meu Deus! — disse, estremecendo. — Está a arder em febre.

— Servando — murmurou Melody. — A Elisea está aqui, veio ver-te.

Na cozinha, Miora serviu uma xícara de leite a Manila, que sorriu, olhando-a de soslaio. Não se viam com muita frequência, mas eram amigas.

— E esse teu herege, não está por cá? — Não é o meu herege — ofendeu-se Miora. E não, não está.

— Vocês os dois continuam a ajudar o Anjo Negro à hora da sesta? — Miora assentiu. — Ah, bem, então estás todos os dias com ele. — Miora assentiu de novo. — Não me lembro bem. Ele é bonito? — disse pela terceira vez, corando. — Recordo-me de que tinha desenhos na cara — disse a negra com desprezo.

— E daí? — respondeu Miora, espevitada. — Tu tens a marca do ferrete na face e não é por isso que deixo de falar contigo.

— Não é a mesma coisa. Eu fui marcada. Ele quis marcar-se.

— É indiferente. Eu gosto dos desenhos.

— Gostas? Ah! E dele, também gostas? — deu-lhe uma cotovelada. –Vá lá, dantes confiavas em mim.

— Gosto, sim. Gosto muitíssimo.

— E achas que ele gosta de ti? — Não, conversa comigo, só isso. Acho que não simpatiza lá muito comigo.

— Melhor assim — declarou Manila. — É melhor não te entusiasmares com uma pessoa que não poderia dar-te satisfação.

— Por quê? — Então, não sabes o que dizem dele? — Miora abanou a cabeça. — Que foi castrado.

Beresford aguardava há algum tempo o desenlace e, nesse domingo, 10 de Agosto de 1806, frente ao ajudante-de-campo de Liniers, o capitão Hilarión de la Quintana, convenceu-se de que havia poucas probabilidades de conservar a praça.

O incompetente do Popham fracassara na detenção da esquadra espanhola sob o comando do capitão Gutiérrez de la Concha. Os espiões inquietavam-no com informações sobre o reconhecimento armado de Liniers, a quem se tinham unido Pueyrredón e Martín Rodriguez. A cavalaria inimiga cercava a cidade, impedindo a entrada de víveres, e o temporal, que se abatia sobre eles sem dar tréguas, continuava a entorpecê-lo. Há cinco dias, quando tentara sair de Buenos Aires para deter Liniers, que se mobilizava a partir de Las Conchas em direção à Chacarita de los Colegiales, pelo caminho da Legua já se sentira aquela indolência. Devido ao mau tempo, Beresford também não pudera retirar e levar

para sul, para a enseada de Barragán, as mulheres, as crianças, os doentes e os equipamentos das tropas. Poucas vezes experimentara tamanha impotência e raiva.

Deteve o passo agitado, de um lado para o outro, diante de de la Quintana e pediu a William White que traduzisse.

— Esta é a minha mensagem para o almirante Liniers. Informe-o deque defenderei o meu posto durante tanto tempo quanto a prudência mo ditar, a fim de salvar esta cidade de possíveis calamidades que ninguém lamentaria mais do que eu, e que não ocorrerão se todos os habitantes atuarem de boa-fé.

Antes de esse domingo, dia 10 de Agosto, chegar ao fim, Beresford tomou medidas de defesa: mandou colocar peças de artilharia nas esquinas da Plaza Mayor e posicionou soldados no alto das casas circundantes, na Recova e no Forte. Foi informado, no dia seguinte, de que o exército de Liniers, após uma penosa marcha — a tempestade tornara os caminhos intransitáveis —, durante a qual o povo o ajudou a rebocar a artilharia, tinha alcançado a zona de Retiro. Bastou à força de vanguarda uma pequena escaramuça para vencer a guarda inglesa e se posicionar no quartel. A seguir, os obuses e os canhões foram colocados junto à praça de touros, apontando para a cidade. Essa artilharia deteve o avanço de Beresford que, com trezentos homens e dois canhões, pretendia recuperar a zona norte. O comodoro Popham também não o conseguiu do rio, pois um tiro de canhão das forças de Liniers lançou pelos ares o mastro de mezena do Justinia. Depois destes confrontos, Beresford convocou Popham para uma reunião no Forte.

— Tendo sido incapazes de evitar o desembarque de Liniers em Las Conchas — disse Beresford sem se preocupar a esconder o desprezo pelo subalterno —, considero que a situação no Rio da Prata é insustentável. Sem reforços, estaremos perdidos. E, se por um acaso do destino, conseguíssemos vencer Liniers, cairíamos, mais tarde ou mais cedo, quando o exército que o vice-rei Sobremonte traz de Córdova cercasse a cidade. Repito que sem os reforços que tão insistentemente pedimos a Londres, não somos nada.

— Deveríamos saquear a cidade e reembarcar sem perda de tempo –sugeriu Popham.

A raiva tingiu de rubro as faces de Beresford, e o seu olho de vidro pareceu ainda mais artificial, devido ao fulgor e à vivacidade que o outro adquiriu.

— Se pensasse como o senhor, comodoro, deixaria de ser um soldado para me tornar num pirata.

Denis Pack, George Kennett e os outros oficiais pigarrearam e mexeram-se na cadeira, ligeiramente incomodados. Beresford retomou o discurso.

— Considerando a situação que acabei de vos expor, cavalheiros,espero que

estejais todos de acordo com a minha proposta, que é a seguinte: escreverei a Pueyrredón, que julgo ser o cerne desta rebelião. Além do mais, ele tem a seu cargo a Cavalaria, a única força capaz de nos deter. Como dizia, farei a seguinte proposta a Pueyrredón: restituirei a praça, devolverei o exército do vice-rei Sobremonte, libertando-o do juramento de não levar a cabo ações bélicas contra nós… — Alguns já o fizeram — notou Popham —, quebraram a palavra dada e uniram-se ao exército de Liniers.

— Resumindo — prosseguiu Beresford —, libertá-los-ei formalmente do juramento e restituirei os saques que fizemos no alto-mar, desde que o avanço das milícias se detenha até o exército inglês ter evacuado a cidade e se encontrar a caminho da enseada de Barragán.

Liniers tinha pouco controle sobre aquele agrupamento de soldados, civis e marinheiros, o que ficou bem claro na noite de 11 de Agosto, quando os elementos da companhia de Miñones, por sua conta e risco, decidiram entrar nas casas, atravessar os terraços e as açoteias até chegar à Plaza Mayor e se apoderarem do quartel da Ranchería, situado na esquina das calle de San Carlos e calle San José. Os ingleses entrincheiraram-se no Forte.

A ordem de Blackraven tinha sido bem clara: atirar a matar a quem tentasse entrar em sua casa, na de El Retiro ou na da calle Santiago, fosse inglês, criollo ou espanhol. Tinha distribuído os seus marinheiros pelos terraços, pátios e janelas, enquanto ele, Malagrida e Amy, correndo risco de vida, iam e vinham de uma propriedade para outra.

Somar considerou um ato suicida a ideia de ir a cavalo até El Retiro, e não se enganava, pois travavam-se escaramuças e tiroteios intensos em todas as esquinas e, várias vezes, sentiram mesmo as balas acariciar-lhes as frontes. Chegaram já de noite, quando um piquete com o próprio Liniers à cabeça se embrenhava na propriedade. O grupo parou ao receber disparos nos cascos dos cavalos desde o campanário. De la Quintana, ajudante-de-campo de Liniers, explicou num tom de voz estridente que precisavam de víveres, água e de um lugar para o capitão e os seus oficiais passarem a noite.

— Boa-noite, capitão Liniers.

— Ah, Excelência. Que agradável surpresa encontrá-lo aqui! À fraca luz das tochas, Blackraven vislumbrou a expressão amigável do francês, embora tensa e cansada, e percebeu que o seu uniforme azul e vermelho de almirante, adornado com flores-de-lis a ouro, que dias antes deveria ter sido verdadeiramente imponente, estava agora sujo e apagado.

Apresentou-lhe Malagrida e Amy Bodrugan que, com um lenço preto na cabeça, calças justas, espada à cinta e um pequeno macaco ao ombro, suscitou olhares de desconfiança entre a tropa, incluindo os oficiais. Trocaram algumas

palavras de cortesia antes de Blackraven os convidar a entrar.

— Desculpe a recepção pouco amistosa dos meus empregados, capitão Liniers. Tinham ordens para disparar contra qualquer estranho. É para evitar os saques e roubos tão habituais em circunstâncias como estas.

— Claro, Excelência, compreendo perfeitamente.

Blackraven mandou chamar Bustillo e deu-lhe ordem para que tratasse dos cavalos, alojasse e alimentasse os soldados do piquete.

— Bustillo — acrescentou —, envia algumas galinhas e dois porcos às tropas que estão no quartel.

— Obrigado, Excelência — interveio Liniers. — Não esquecerei este gesto de generosidade da sua parte.

Depois do jantar, enquanto fumavam e bebiam "o melhor conhaque que já provei", segundo de la Concha, Liniers e Blackraven afastaram-se um pouco para conversar.

— Ainda me pergunto, Excelência — disse Liniers —, como conseguiu chegar aqui com seus amigos, sem um arranhão. Segundo ouvi dizer, a cidade está um caos.

— Saímos de lá quando começou a escurecer. Viemos pelo Bajo e evitamos as ruas principais, visto que nelas as pessoas disparam dos terraços, até mesmo dos conventos, que têm pequenos canhões. Os monges têm uma destreza louvável para o disparo. Quem me dera poder contar nos meus barcos com artilheiros tão certeiros como eles — declarou divertido.

Liniers sorriu.

— Há momentos, chegou ao quartel um emissário de Beresford com uma mensagem para Pueyrredón. Amanhã às nove da manhã, no convento de Santa Catalina, temos uma reunião com William White que deverá transmitir-me uma proposta de Beresford. Imagino que queira negociar a retirada.

— Não me parece que seja fácil a White chegar a esse ponto da cidade,a não ser que Sua Mercê envie um piquete para o proteger da populaça.

Os ânimos estão extremamente exaltados.

Liniers bebeu um trago, enquanto matutava sobre o modo velado que Blackraven escolhera para lhe dizer que a batalha lhe fugira das mãos. Em seguida perguntou-se se Anita Perichon, sua amante, se lembraria ainda do affaire com o excêntrico conde de Stoneville. Parecia-lhe um homem difícil de ser esquecido.

— Sim, estão exaltados — admitiu Liniers. — Esta ocupação foi detestável para todos. Diz-se mesmo que o é também para Sua Mercê, o que me surpreende, sendo Vossa Excelência de origem inglesa.

Blackraven deu uma gargalhada curta e destituída de humor.

— E que sou eu? — perguntou de modo retórico. — Filho de pai inglês,de uma mãe meio italiana, meio espanhola, com antepassados austríacos e nascido em França? Pode alguém dizer ao certo qual é a minha nacionalidade? Sou um cidadão do mundo, almirante. Passei a maior parte da minha vida como corsário, sulcando os mares, conhecendo os lugares mais distantes do globo. — Acabou o discurso com um ar jocoso e acrescentou muito sério: — Na verdade, não estou de acordo com esta intervenção da Inglaterra nos assuntos do Rio da Prata. Não estou de acordo com as conquistas militares; estão fora de moda. A civilização descobriu meios menos despóticos para tirar partido da relação entre dois países. A Inglaterra deveria ter sido cautelosa depois do estrondoso fracasso nas colônias da América do Norte, já para não falar dos graves problemas que existem nas Índias Orientais. No entanto, almirante, o general Beresford é um cavalheiro, meu amigo de juventude e por quem nutro a mais alta estima. Um homem de palavra — sublinhou.

— Certamente que sim.

— Como militar, conhece a arte da guerra, as suas regras e códigos. A população, não. É isso que me preocupa.

— Garanto-lhe, Excelência, que a integridade do general Beresford e dos seus oficiais são de importância primordial para mim.

Blackraven anunciou que regressava à cidade e que deixava os seus convidados na companhia de Malagrida e Amy Bodrugan.

— Estais em sua casa — disse Blackraven. — Os criados têm ordens para vos proporcionar tudo o que necessitardes. Despeço-me, almirante Liniers — e estendeu-lhe a mão à maneira inglesa. — Que a sorte vos acompanhe amanhã.

— Excelência, nunca esquecerei a sua hospitalidade e generosidade. Sua Mercê conta com a minha amizade e profundo respeito.

Blackraven inclinou a cabeça em sinal de gratidão e deferência.

Malagrida e Amy acompanharam-no até o exterior.

— Voltares à cidade é um profundo disparate! — Amy tem razão, Roger. É uma loucura. Fica cá esta noite. Voltaremos mal rompa a manhã.

— Queria ver se El Retiro estava a salvo. Já vi. Agora vou voltar.

— É por causa da tua mulherzinha –lançou Amy. — Mas lembra-te deque ela está com Somar, Milton, Shackle e Radama. Só Deus poderia fazer-lhe algum mal. Fica aqui ou ainda fazes dela viúva aos vinte e dois anos. — Roger deu-lhe uma palmadinha no rosto e Amy afastou-se, exasperada. — Não me trates com condescendência, Blackraven, ou vais acabar por levar com o meu joelho entre as pernas. E, se estás mesmo decidido a enfrentar esse enxame de tiros de canhão, confirma pelo menos se as tuas pistolas estão carregadas.

Com o cair da noite, apoderou-se da cidade uma calma tensa. Ninguém

dormia. Ouviam-se disparos perdidos e gritos. Os cães ladravam, denunciando movimentos fora do habitual. Sombras furtivas deslizavam pelas esquinas e, de vez em quando, o vapor de uma respiração ou o fogo de um cigarro destacavam-se na escuridão gelada, evidenciando a expectativa e o sentido de vigia, no qual estavam mergulhados os portenhos. Blackraven entrou pela porta das traseiras e Radama veio ao seu encontro.

— Pensamos que passaria a noite em El Retiro, capitão.

— Como estão as coisas por aqui? — Sem novidades, capitão. Há duas horas, um grupo de soldados rebeldes atravessou o terraço em direção à praça, mas como não fizeram menção de entrar em casa, permitimos que seguisse.

— Está bem. Sabe-se alguma coisa da casa da calle de Santiago? — Nada. A última notícia recebeu-a Vossa Senhoria antes de partir.

Melody inclinou-se para Sansão e passou-lhe a mão pelas orelhas.

— Que se passa, meu lindo? Porque estás tão inquieto? O animal levantou-se, foi até a porta do quarto e ali ficou, a olhar para ela. Melody encolheu os ombros e voltou para a sua cadeira, onde se aconchegou, tapando os pés com uma pequena manta. Tentou identificar os sons: o crepitar do carvão na braseira, o ganir do terranova, os leves ruídos de Víctor a dormir, a respiração congestionada de Angelita e um ou outro disparo ou grito ocasional que depois da experiência daquele dia tinham deixado de a assustar.

Sansão começou a tremer e a ganir antes de Melody ter ouvido o ruído das botas nas tábuas do chão do corredor. A porta abriu-se, provocando-lhe um sobressalto. Era Blackraven.

— Roger! — exclamou, lançando-se nos seus braços. — Obrigada, meu Deus! És um mau marido. Estava tão preocupada contigo.

— A sério? Muito preocupada? — Ela assentiu com veemência. — Quer então dizer que me amas um pouco? — Um pouco? Infeliz! Sabes bem que te amo como louca e que nem consigo respirar quando sei que estás a correr perigo.

Beijaram-se. O rosto de Blackraven, frio e áspero, fundiu-se no seu pescoço, arrancando-lhe um gemido.

— Que fazem eles aqui? — Oh, Roger, devias tê-los visto. Comportaram-se como verdadeiros adultos, principalmente o Víctor que, apesar de ter medo, se mostrou sereno e não chorou. Mas, quando chegou a hora de irem dormir, foi de mais para ambos e pediram-me para ficar aqui comigo. Como pensei que irias passar a noite em El Retiro, permiti que ficassem.

— Passar a noite em El Retiro, Isaura? E deixar-te sozinha no meio desta barafunda? Será que ainda não me conheces? — Lançou-lhe um olhar incrédulo, enquanto afastava os cobertores que tapavam as crianças. — Vou levá-los para os seus quartos. Quero deitar-me, estou exausto.

Melody pôs água a aquecer na braseira e saiu para ir buscar a garrafa de brandy à sala, onde encontrou Somar que tinha a seu cargo o primeiro turno de guarda.

Blackraven despiu-se e permitiu que a sua mulher o lavasse com água quente e um pano ensaboado, enquanto bebia lentamente o brandy. Um calor agradável subia-lhe dos pés e chegava-lhe ao peito. Fechou os olhos e suspirou, atento às mãos de Melody nas suas costas e ao calor do hálito dela na sua pele.

— Tens fome? — perguntou-lhe em voz baixa.

— Não.

— Tens frio? — e, por trás, acariciou-lhe a perna.

— Não.

— Mas estás com pele de galinha.

Blackraven obrigou-a a colocar-se à sua frente e tirou-lhe o roupão.

— Pensei que estavas exausto — zombou ela, levantando os braços para que ele lhe tirasse a camisola.

— Volto a perguntar, um pouco aborrecido, se não me conheces? Melody riu e deixou-se arrastar para a cama, ao mesmo tempo que dizia:— O mundo desaba e nós dois fazemos amor.

Na manhã, de 12 de agosto, segundo o prognóstico de Blackraven, William White não conseguiu chegar ao convento de Santa Catarina onde, à hora prevista, era aguardado por Pueyrredón e pelo corsário francês Hippolyte Mordeille, dispostos a ouvir a proposta de Beresford.

À semelhança do exército inglês, White ficou confinado à zona da Plaza Mayor, já que os Miñones, sem ordem superior, tinham chegado ao centro da cidade durante a noite e impediam as movimentações. Além disso, dos terraços das casas e dos conventos, mantinha-se um fogo constante de armas e artilharia pesada, o que transformava as ruas em armadilhas mortais para os ingleses.

A meio da manhã, enquanto Liniers aguardava os resultados da reunião no convento de Santa Catarina, os Miñones, aproveitando o nevoeiro, iniciaram o ataque à Plaza Mayor através da esquina da Santísima Trinidad, decididos a quebrar o último bastião inglês e a dominar o Forte. No seu avanço, pediram ajuda à Cavalaria aquartelada em El Retiro, a qual, sem autorização, se lançou pela calle San José. Ultrapassado pelos acontecimentos e incapaz de controlar o exército, Liniers ordenou que o plano de ataque fosse executado, ainda sem conhecer o desenlace da reunião.

— O mais provável — justificou-se perante o seu ajudante-de-campo,de la Concha — é que, tal como disse o conde de Stoneville, White nunca tenha

chegado ao local do encontro. Não faz sentido algum continuarmos à espera. Em marcha.

Munido de um telescópio e agachado na açoteia, Blackraven observava o avanço das três colunas vindas de El Retiro, uma pela calle San Martín de Tours, outra pela Santísima Trinidad e a última que passaria em frente da sua casa, pela calle San José. Não se tratava de uma marcha ordenada e era difícil distinguir os corpos que a compunham. Além disso, os habitantes da cidade juntavam-se às forças armadas, aumentando o caos e o ruído. Era preciso falar aos gritos para se sobrepor a voz ao estrondo do fogo das espingardas e dos canhões, que era descarregado contra as tropas inglesas situadas na praça e nas imediações do Forte.

— Estou a ver ali William Beresford — declarou Malagrida, com o seu telescópio voltado para o arco principal da Recova. — Já deve saber que a vitória está do lado de Liniers.

— Isto tornou-se numa resistência desesperada — referiu Amy Bodrugan. — O teu amigo Beresford terá de se render rapidamente se quiser evitar mais mortes.

— Aí vem a Cavalaria — anunciou Blackraven. — Tudo isto vai acabar muito em breve.

O batalhão de hussardos irrompeu pela praça, seguido das forças terrestres, e avançou para tomar posse do Cabildo e da catedral, provocando a retirada do Regimento 71 de Highlanders para a Recova. Blackraven teve a impressão de que Pueyrredón, à frente do corpo de cavaleiros, adoptava a postura de um demônio, quando, numa manobra arrojada, se abateu sobre o gaiteiro do regimento escocês, arrebatando-lhe a bandeira como se se tratasse de um ato de desagravo pela derrota sofrida onze dias antes em Perdriel.

— Deveríamos enviar uma mensagem a William — sugeriu Malagrida. — Poderia salvar-lhe a vida. Não está a agradar-me nada o comportamento desta horda de selvagens.

— Não conseguirás que mude um centímetro da sua atitude — assegurou Blackraven. — Preferirá morrer às mãos destes pacóvios do que abandonar a sua gente. Para ele a honra é tudo.

— Nunca vi nada assim — comentou Amy, enquanto passeava o seu telescópio sobre os tectos das casas mais próximas. — Até os escravos estão entrincheirados nos telhados, lutando como feras.

— Baixa-te, se fazes o favor — disse Blackraven. — Maldição! — ex - clamou.

— Que se passa? — perguntaram em uníssono Malagrida e Amy Bodrugan. — Acabam de ferir Kennett, o secretário de William. Agora não

consigo vê-lo, talvez se tenha baixado para o ajudar.

Kennett morreu nos braços do seu amigo, o general Beresford, que muito emocionado, embora não perdendo a sua altivez, deu ordem aos homens do Regimento 71 para se retirarem para o Forte, o que estes fizeram numa ordenada formação. Beresford foi o último a atravessar o fosso, fechando atrás de si a ponte levadiça.

— Onde está Liniers? — interessou-se Malagrida.

— Parece-me vê-lo no átrio da igreja de la Merced — disse Blackraven —,rodeado de alguns dos seus oficiais.

— Estão a descer a Union Jack! — exclamou Amy, apontando para o Forte.

Apesar de terem içado a bandeira branca de tréguas, o que suscitou uma grande algazarra entre os habitantes da cidade e soldados, o cessar-fogo só ocorreu quando o ajudante-de-campo de Liniers, Hilarión de la Quintana, entrou no Forte para conferenciar com Beresford.

— Que Deus os ajude — declarou Malagrida, compadecendo-se dos ingleses, perante o espetáculo que decorria na Plaza Mayor.

A populaça tinha abandonado os seus esconderijos e avançava para o Forte com gritos de “cortem-lhes o pescoço”. Amontoados contra os muros da fortificação, tentavam ansiosamente trepar por eles.

— Será que ninguém é capaz de pôr ordem nisto? — encolerizou-se Malagrida.

— Liniers não tem autoridade sobre estas hordas — comentou Blackraven.

Beresford assomou-se ao muro do Forte e, agitando os braços, exclamou: — Cessar fogo! Cessar fogo! — ao mesmo tempo que dava ordem a suas tropas para não dispararem contra a multidão.

A situação tornara-se insustentável e a fúria da multidão não se aplacou nem mesmo quando de la Quintana, em cima do muro, abriu a jaqueta e estendeu os braços em cruz, oferecendo-se como vítima. Por fim, os ingleses foram convidados a descer a bandeira branca de tréguas e a içar o estandarte espanhol como único meio de aplacar os ânimos. A multidão calou-se ao ver que baixavam a bandeira branca. E explodiu em aclamações e vivas perante o aparecimento do estandarte de Espanha.

Liniers, aproveitando a trégua, abandonou a igreja de la Merced e dirigiu-se ao Forte. Beresford foi ao seu encontro, escoltado por de la Quintana, ao qual vieram juntar-se Hippolyte Mordeille e Gutiérrez de la Concha.

— Pena de morte a quem insultar as tropas britânicas! — ameaçou de la Concha, e a multidão abriu alas em silêncio para dar passagem ao general vencido.

XIII

Buenos Aires adquiriu um espírito festivo e anárquico que Melody não conseguia entender, com tantos feridos e mortos a encherem a cidade. Grupos de cidadãos e soldados deitavam-se pelas ruas com garrafões e garrafas de barro nas mãos e, entre um gole e outro, cantavam cuchufletas, riam e bradavam. A genebra e a aguardente desapareceram rapidamente das tabernas, onde a alegria da vitória, misturada com o álcool, acabava muitas vezes com alguém de tripas de fora. Enquanto uns festejavam, outros mantinham-se confinados às suas casas, receosos daquela multidão que ninguém conseguia controlar. Como medida de proteção, Liniers mandou alojar os soldados ingleses no Cabildo e os oficiais em casas de família com portas bem trancadas e postigos fechados, embora estas precauções não tivessem detido os mais exaltados, entre os quais se contavam alguns da companhia dos Miñones, que se lançaram contra os portenhos, conhecidos como simpatizantes dos invasores, dispostos a saqueá-los. Um piquete parou mesmo frente à casa da calle San José e, em resposta ao grito "essa é a casa do conde inglês, vamos dar cabo dela", opôs-se uma outra voz, gritando: "Não se atrevam! Essa é a casa do Anjo Negro!" e assim se evitou uma chacina, pois Blackraven e os seus homens tinham engatilhado os mosquetes, as espingardas e as pistolas.

Como os feridos enchiam os dois estabelecimentos hospitalares da cidade destinados a homens — La Convalecencia e Belén, ambos administrados pelos betlemitas — improvisaram-se hospitais de campanha nas igrejas de Santo Domingo, São Francisco e Santa Catarina de Siena. Enquanto a grande maioria festejava, outros, protegidos por piquetes de soldados, recolhiam as vítimas e transportavam-nas para hospitais e conventos.

Na quarta-feira, 13 de Agosto, à hora do pequeno-almoço, o tanger dolente dos sinos anunciava os funerais das vítimas. Os soldados católicos eram enterrados nos cemitérios das igrejas, os anglicanos, numa fossa do Paseo del Bajo, para a qual era lançada cal como forma de evitar as epidemias.

— De modo algum! — declarou Blackraven indignado. — Como tens coragem de me pedir para te deixar ir tratar dos feridos a São Francisco?
— Roger, tem compaixão dessa pobre gente. Muitos são teus compatriotas e ninguém os entende porque aqui pouca gente fala inglês. Trinaghanta, Somar e eu poderíamos ser de grande ajuda. Por favor, meu amor, deixa-me ir. Vem comigo, se quiseres.

— Ah, Isaura! — enfureceu-se Roger. — Que acontecerá se eu te proibir de

ir? Vais com certeza encontrar uma maneira de lá chegares por outros meios, não é verdade? Vá, vai arranjar-te. Eu mesmo te levarei a São Francisco.

No convento de São Francisco, aguardava-os um panorama desolador, com os feridos alinhados no chão por falta de camas e colchões, feridas por tratar, cheiros intensos a ácido muriático e a enxofre, pilhas de ataduras ensanguentadas, membros mutilados, gemidos frágeis e súplicas que iam e vinham, cirurgiões com aventais ensopados em sangue e instrumentos terríficos nas mãos. No meio de tudo aquilo, Melody avistou o padre Mauro.

— Deus te abençoe, Melody — disse o sacerdote. — Não conseguimos dar vazão a tantos feridos. A tua ajuda é bem-vinda. Que trazes nessa cesta? – Trinaghanta levantou a tampa. — Bem, isso vai ser muito apreciado. Vá, garota — fez sinal à cingalesa —, põe-te ao serviço de frei Benigno, que fala um pouco de inglês. Excelência, será que Sua Mercê e Somar, que são homens fortes, poderiam ajudar-me a retirar estes corpos dos catres? Precisamos de os levar para o cemitério para serem enterrados quanto antes. Tu, Melody, podes ir mudando os lençóis.

Às primeiras horas da tarde, Blackraven conduziu-a a um banco no jardim do convento e obrigou-a a comer pão, queijo, uma fatia de carnefria e a beber água com mel. Melody estava ansiosa por voltar ao refeitório para junto dos feridos.

— Um soldado do Regimento 71 está a ditar-me uma carta para a mãe — comentou Melody. — O doutor O'Gorman disse que não deve passar desta noite.

— Come — insistiu Blackraven.

— Sabes uma coisa, Roger? Não consigo deixar de pensar que, se tu não tivesses tirado o Tommy de Buenos Aires, ele ter-se-ia juntado ao exército de Liniers e hoje poderia ser um destes infelizes.

— Acaba lá essa carta. Depois levar-te-ei para casa. — Blackraven levantou a mão e lançou-lhe um olhar de advertência. — Não discutas comigo sobre este ponto, Isaura. Se tu decidiste esquecer que tens o meu filho no ventre, eu não o esqueci. Estás exausta. Além disso, tenho de tratar de umas quantas questões e não quero deixar-te aqui sozinha.

Tenho de ir à casa dos Valdéz y Inclán.

— Não estou sozinha. Somar e Trinaghanta ficariam comigo — tentou Melody.

— Eles poderão ficar. Tu, não.

— Permites então que te acompanhe à casa dos Valdéz y Inclán? Há tanto tempo que não vejo as garotas.

Na casa da calle Santiago, Diogo Coutinho explicou-lhes que tinham como hóspede o tenente-general Winston Lane, do corpo de Santa Hele na, ferido

frente à sua porta durante a escaramuça do dia anterior. Face à súplica das sobrinhas, Diogo tinha autorizado que dois escravos se arriscassem a ir buscá-lo e o trouxessem para dentro.

— Está no quarto de dom Alcides — acrescentou. — Espero que Sua Mercê não se aborreça com o fato.

— Já foi visto por algum médico? — interessou-se Melody.

— Sim, pelo médico do Regimento 71, o doutor Forbes. Extraiu-lhe abala, embora nos tenha prevenido de que ele perdeu muito sangue, podendo ser-lhe fatal uma infecção no estado em que se encontra.

— Excelência! — alegrou-se a senhorita Leonilda, entrando na sala. — Foi Deus quem guiou os seus passos até esta casa. O meu irmão já o deve ter posto a par da situação do nosso hóspede inglês. O pobre cristão não fala uma palavra de castelhano e nós desconhecemos o seu idioma.

Como a senhorita Bodrugan não está cá, poderia Sua Mercê tranquilizá-lo. Tem estado muito inquieto desde que voltou a si.

María Virtudes e Marcelina afastaram-se da cama para dar passagem a Blackraven. Elisea ficou para trás, junto de Melody.

— Como está Servando? — perguntou num murmúrio.

— Hoje de manhã acordou sem febre — disse, apertando-lhe a mão ao ver o alívio nos olhos de Elisea.

— Obrigada, Miss Melody — sussurrou a jovem. — Quando poderei vê-lo de novo? “Que vou fazer com estes dois?”, pensou angustiada, dando-lhe a entender com um gesto que seria muito em breve.

Acometido de uma extrema fraqueza, o tenente-general Lane limitou-se a balbuciar algumas palavras. Blackraven apresentou-se e o militar inglês deu sinal de o conhecer. Explicou-lhe que o doutor Forbes lhe tinha extraído uma bala, que ficara alojada no peito, e lhe dissera que deveria descansar e ficar em repouso.

— Que aconteceu à minha gente? — murmurou Lane.

— Ontem, por volta do meio-dia, o general Beresford capitulou perante as forças locais. Está agora instalado em casa do ministro da Real Fazenda, dom Félix Casamayor. Quanto ao seu batalhão, encontra-se nas dependências do Cabildo, juntamente com o 71.

— E quais foram os termos da capitulação? — Ainda não chegaram a acordo. — Vendo a confusão de Lane, Blackraven acrescentou: — A rendição foi pouco ortodoxa, tenente. Era preciso contentar a multidão que se mostrava aguerrida. Suponho que na capitulação ficará estipulado o intercâmbio dos prisioneiros do exército de Sobremonte pelos seus, assim como o seu rápido embarque para Inglaterra.

— Em que estado estarão as minhas tropas? — preocupou-se o militar inglês.

— Ignoro — admitiu Blackraven—, mas, se isso o tranquiliza, irei pessoalmente ao Cabildo.

— Obrigado, Excelência — suspirou Lane, adormecendo em seguida.

Blackraven deixou Melody na casa da calle San José e dirigiu-se à de Casamayor. Depois de ter partilhado uma bebida com o anfitrião, ficou a sós com o seu amigo Beresford.

— Espero que estejas bem.

— Casamayor tem sido muito amável e hospitaleiro — reconheceu o militar inglês.

— Lamento muito a morte de Kennett, William — Beresford assentiu. — Qualquer coisa de que precises, basta que me mandes uma mensagem a minha casa.

— Obrigado, Roger, embora eu espere não ter de ficar muito mais tempo nesta cidade. Ontem ficou acordado com Liniers que muito em breve embarcaria com as minhas tropas.

— Já foi assinado o documento da capitulação? — Ainda não. Nos próximos dias.

— A situação de Liniers é precária, William. É importante que compreendas uma coisa: ele não é vice-rei, nem sequer é subinspector de tropas e milícias, nem funcionário da Audiência. Antes dos acontecimentos de ontem, Liniers não passava de um almirante que se dirigia para a enseada de Barragán e que era receado pela sua origem francesa. Tem inimigos poderosos, entre eles o comerciante Álzaga. Calculo que se tenha apressado a prometer-te o regresso imediato a Londres. Enquanto Popham mantiver a sua frota frente a Buenos Aires e a Montevideu, e enquanto os portenhos recearem uma nova invasão por parte dos reforços que vocês mandaram pedir ao Cabo e a Londres, duvido que vos libertem, a ti e às tuas tropas.

Blackraven voltou à casa de San José de mau humor. Suspeitava de que Liniers não convenceria as autoridades do Cabildo nem as da Audiência, e que a estada de Beresford, do seu corpo de oficiais e das tropas no Rio da Prata se prolongaria por muito tempo. A notícia que o esperava ao chegar não melhorou o seu estado de espírito. Mal entrou na sala, e deu de caras com Amy Bodrugan e Malagrida, apercebeu-se de que havia problemas.

— Galo Bandor e os seus homens fugiram — anunciou o jesuíta.Blackraven procurou Amy com o olhar.

— Sim, já sei — disse ela, aborrecida —, deveria tê-lo matado há vá -rios dias.

— Não disse isso — contrapôs Blackraven. — Como foi que aconteceu uma

coisa dessas? — É evidente — comentou Malagrida — que quem quer que tenha orquestrado a fuga sabia que o Sonzogno contaria com uma guarda mínima.

— Sim, mas havia homens suficientes para o impedirem — impacientou-se Roger.

— Essa é que é a parte insólita da questão — explicou o jesuíta. — Sommerson assegura que o assalto foi levado a cabo por um único homem. Abaacha e Van Goyen estão mortos.

— Abaacha! — espantou-se Blackraven. — Posso entender que isso tenha acontecido a Van Goyen, pois nem sabia lutar com armas, mas Abaacha… Poucas vezes conheci alguém com melhor domínio do machete.

— Encontraram-nos ambos degolados — indicou Amy. — Schegel está ferido, mas Hohenstaufen diz que não é nada de grave.

— E Schegel viu alguma coisa que nos possa ajudar a encontrar esse miserável? — Foi apanhado de surpresa — explicou Malagrida. —Garante que só deu pela presença de alguém quando já estavam em cima dele. — Descreveu-o como um homem alto e magro. Não lhe viu a cara porque havia pouca luz.

— Schegel, que, como sabes, Roger, não é fácil de impressionar –disse Amy —, assegura que poucas vezes assistiu a uma tal potência física. Diz que o atacante era forte, mas que era sobretudo hábil e que saltava com a destreza do Arduino.

A seguir ao jantar, Amy fechou-se com Blackraven no escritório e Melody levou as crianças para a cama, angustiada e cheia de ciúmes. Como Amy tinha colaborado na fuga de Tommy, esforçava-se em vão por a aceitar na família, por a considerar uma irmã e não uma rival, mas não era fácil. Invejava o conhecimento que ela tinha de Roger, os anos que tinham partilhado, as aventuras vividas, as pequenas historietas que recordavam, os sorrisos e olhares que trocavam, o seu corpo esbelto e flexível, a sua sabedoria nas questões do mar, o seu à-vontade e a sua coragem. Foi até o quarto e verificou que Blackraven continuava com ela.

— Basta, Amy, não bebas mais — ordenou Roger. — Vais cair do cavalo antes de chegares a casa de Valdéz y Inclán.

— Deixa-me, preciso de mais este gole. Dá-me o copo! — Estás bêbeda. Será melhor ficares aqui esta noite.

— A tua mulherzinha concordará? Ou fará uma birra e tu, que só queres agradar-lhe, acabarás por me pôr na rua? — Que se passa contigo? —disse Blackraven aborrecido.

— Estou com ciúmes, isto passa.

— Na verdade, estás furiosa por ter deixado escapar Galo Bandor.

— Maldito sejas, Roger Blackraven, por não teres acabado com ele em meu

nome. Maldito Galo Bandor! Maldito! Maldito filho da puta! Miserável porco imundo!

Continuou por aí fora, acompanhando os insultos com murros na secretária. O ímpeto inicial foi-se esbatendo e a voz começou a tremer-lhe. Deixou tombar a cabeça e rompeu num pranto. Blackraven pôs-se de pé, contornou a secretária e foi até junto dela.

— Querida — disse, num tom jocoso —, quando bebes demais ficas sempre melancólica.

— Já te disse que não estou bêbada. É esse menino, Roger. Está me deixando louca. Por causa dele não consegui matar o miserável filho de uma cadela. Tinha a impressão de que enfrentar Galo Bandor seria o mesmo que enfrentar o menino. Parece-se tanto com ele. Não consegui arranjar coragem para acabar com esse filho do demo.

— Julguei que não gostavas do Víctor, que não te afetava.

— Finjo que não me incomoda, que seu rosto não me transtorna, mas é mentira. É mentira. Vou perder o juízo e tu, maldito cabrão, vais enfiar-me num hospício.

— Vem cá, minha querida, vamos sentar aqui no sofá, anda. –Ajudou-a a pôr-se de pé. — Não chores, Amy. Choraste tão pouco ao longo da tua vida, incluindo quando eras criança que é um espetáculo raro e perturbador. Não sei o que fazer se começares a chorar.

— Saberias muito bem o que fazer se fosse a tua doce Isaura.

— Amy, por favor, não comeces.

— Se não queres que comece, abraça-me.

Melody foi encontrá-los no sofá, abraçados. O seu olhar incrédulo, antes de bater com a porta e desatar a correr, cruzou-se com o trejeito de confusão no rosto de Blackraven. Roger fechou os olhos, inspirou profundamente e foi atrás dela. Alcançou-a no primeiro pátio, antes de entrar na área dos quartos. Agarrou-a por um braço e Melody tentou libertar-se.

— Larga-me — disse entre dentes.

— Vamos para o quarto. Temos de ter uma longa conversa.

— Esta noite não vais dormir no meu quarto.

— Basta, Isaura!

A ordem, de uma violência fora do habitual, deteve o esforço e as queixas, e a fez sentir vergonha.

— Compreendo que estejas aborrecida — admitiu com firmeza —, mas há uma explicação.

— Que explicação? — balbuciou Melody, sem levantar os olhos do

chão. — Que estás apaixonado por essa mulher?

— Valha-me Deus, Isaura!— disse Blackraven contrariado, conduzindo-a até o quarto. — Senta-te e ouve em silêncio. Não admitirei interrupções.

Despiu o casaco e lançou-o sobre a cama e Melody percebeu nesse gesto, no modo como arremessou o casaco, a saturação que ele sentia em relação aos seus ciúmes e suspeitas. Blackraven puxou uma cadeira e sentou-se em frente dela.

— Víctor é filho de Amy Bodrugan.

Uma emoção violenta alterou a respiração de Melody. Blackraven reparou que a cor lhe abandonava as faces, mas, mesmo assim, continuou a falar. Ela procurou concentrar-se, embora um pensamento recorrente a devolvesse à tarde em que testemunhara uma cena que ganhava todo o sentido à luz da confissão que o marido acabava de lhe fazer, a tarde em que dera com Víctor e Amy a conversarem junto da cisterna. Víctor olhava para ela com o enlevo habitual. Afastada, Melody não conseguia ouvir. Quando Perla o chamou, o menino correu para dentro de casa e deixou Amy sozinha. Esta, apoiada na cisterna, o queixo junto ao peito, olhava para o chão. Melody demorou poucos segundos até perceber que a mulher chorava. Nessa noite, enquanto vestia o pijama de Víctor, perguntou: — De que falavam tu e a senhorita Bodrugan, junto à cisterna?

—Ela perguntou pela minha mãe.

— E tu que respondeste?

— Que, para mim, a minha mãe é a senhora.

— Ela ficou surpresa?

— Não. Insistiu em perguntar o que eu sabia da minha verdadeira mãe.

— E que foi que respondeste?

— Que não sabia nada, mas que nós dois rezávamos por ela todas as noites, para que Deus a protegesse, onde quer que ela estivesse.

— Isaura, estás a ouvir-me? — disse Blackraven irritado.

— Não — admitiu, confessando sua estranha recordação.

— Não deves julgar duramente Amy por ter abandonado o Víctor. Ela teria preferido que o menino não nascesse, mas eu proibia de abortar. São poucos os casos de mulheres que sobrevivem a esse tipo de intervenção.

— Por que queria ela desfazer-se de Víctor? — arriscou-se a perguntar.

— Porque foi o fruto de um estupro,estupro levado a cabo como vingança contra mim.

Graças aos episódios da vida de Blackraven que Somar lhe contara durante a sua ausência, Melody conhecia a história do pirata espanhol Ciro Bandor, que, usando a força, arrastara Roger e Amy para a dura vida do mar. Sabia também que Ciro Bandor tinha morrido nas mãos de Blackraven, mas Somar não fizera

qualquer referência a seu filho, Galo Bandor.

— Galo jurou vingar a morte do pai. A princípio, não conseguiu me pegar e eu não queria matá-lo, pois era apenas um rapazote jovem e impulsivo. Teria sido o mesmo que esmagar um cachorrinho. Não me parecia justo liquidá-lo. Mantinha-me afastado, complicando ainda mais a busca dele e aumentando a raiva e a sede de vingança que tinha. Soube que Amy e eu éramos grandes amigos…

— Que eram amantes —esclareceu Melody.

— Sim — concedeu Blackraven —, que éramos amantes e decidiu fazer dela sua vítima para me obrigar a fazer-lhe frente, para me prejudicar também. Sabia que, fazendo mal a Amy, me aplicaria um rude golpe, não só por ela ser minha amante, mas também por ser, com Somar, as pessoas mais importantes da minha vida. — Melody desviou o rosto, magoada e com ciúmes. — Meu amor, por favor, foi há tantos anos. Conheço Amy desde criança. Crescemos juntos. Eu e ela… Porque diabo podes tu amar tanta gente — disse exaltado —, os teus irmãos, os escravos, Angelita, Víctor, e eu tenho de te amar só a ti? Não me julgarás capaz de sentimentos nobres por outras pessoas? Passado o primeiro momento de surpresa, Melody levantou-se da cadeira e sentou-se sobre as pernas de Blackraven.

— Perdoa-me, Roger — suplicou-lhe. — Como sempre, fui egoísta. Perdoa-me. Tenho sentido muitos ciúmes. Ela é tão bonita e segura de si, tão corajosa. Já eu…

— Tu o que, Isaura? Tu o que, por amor de Deus? Vais dizer-me que não és bonita? Já te confessei que me cortas a respiração sempre que te vejo. Quando usas um vestido novo, quando mudas de penteado, quando pintas os lábios cor de carmim ou destacas os olhos de negro. Meu Deus! Nesses momentos só penso em fazer amor contigo. E vais atrever-te a dizer-me que não és corajosa? Não te conheci numa manhã de Verão, quando fugias porque tinhas assaltado a Companhia das Filipinas para roubar os ferretes? E não foste tu que sequestraste Francisca e a libertaste da sua dona que tão mal a tratava? E não foste tu quem me roubou Miora para que Alcides não voltasse a violá-la? Que chamas a tudo isso, covardia?

— Tu e ela fizeram amor e eu… Às vezes pergunto-me se tu não nos comparas. Ela deve ser muito experiente e eu não sei nada de nada. Sou com certeza muito desajeitada e tu só não dizes para não me envergonhar.

Uma imensa ternura mudou a disposição de Blackraven e a inocência da sua jovem mulher o fez sorrir e levantar os olhos para o céu.

— Isaura, Isaura, quando te entregarás a mim por completo? Quando me concederás a dádiva da tua confiança? Eu te amo, meu amor, te amo desta estranha maneira que me perturba. — Sentiu-se subitamente cansado, apoiou a

testa na face de Melody e suspirou. — Chegaste à minha vida e te apoderaste de tudo, Isaura, deixaste-me sem nada e não me importo porque é só de ti que eu preciso.

— Satisfaço-te na cama?

— Se me satisfazes! Na cama deixas-me louco, mas é além da cama que compreendo que o que existe entre nós os dois é sublime. Porque nunca me canso de te olhar, de te desejar, de sentir a tua falta, de te admirar, de te acarinhar. Nunca me canso de ti, já tinha dito, e isso chega a me causar medo. Ah, Isaura — sussurrou num ímpeto —, eu estava habituado a outra coisa, e tu puseste o meu mundo de pernas para o ar.

— Faço-te feliz, apesar de ter posto o teu mundo de pernas para o ar?

— Sim.

Ficaram abraçados, em silêncio, as testas unidas, enquanto partilhavam aquela paz que sucedia a um dia agitado, usando a força um do outro, sentindo-se vivos graças à vida que vibrava no companheiro.

Blackraven afastou-se um pouco para falar.

— Não sabes que o amor é o melhor afrodisíaco?

— O que é um afrodisíaco? Blackraven soltou uma gargalhada e beijou-a.

— A tua inocência também é um afrodisíaco. Um afrodisíaco — explicou — é uma coisa (uma substância, uma bebida, um alimento, uma droga) que estimula o apetite sexual.

— Eu quero ser o teu afrodisíaco — disse Melody.

— E és, meu amor.

Depois de se terem amado, os corpos ainda febris de paixão, ficaram na cama, Blackraven entre as pernas de Melody, com a cabeça sobre o seu ventre.

— Está aborrecido porque o acordamos?

— Não — respondeu Melody —, está feliz porque os pais se amam.

— Ai! Esse pontapé doeu.

Melody riu.

— Não exageres, Roger. Ainda é pequenino demais para dar pontapés.

— Pois acaba de me dar um. Quer-te só para ele, estou a ver. Vai haver um conflito entre o teu filho e eu.

— Conta-me tudo sobre Amy. O que foi que aconteceu com Galo Bandor?

Blackraven chegou-se mais a ela e tomou-a nos braços antes de falar. Era evidente que lhe custava evocar o episódio, por isso Melody não fez perguntas, limitou-se a ouvir o que ele quis contar-lhe, apesar de o ter feito sem pormenores. Em traços largos, Roger explicou-lhe que, depois de ter sequestrado Amy, Bandor a encerrou no seu camarote de La Butanna, onde a manteve despida durante três dias, com pouco alimento, violando-a tantas vezes quantas

lhe apeteceu. Amy, que tinha apenascomo arma um gancho de cabelo, utilizou-o para abrir a claraboia e lançou-se ao mar.

— Meu Deus, poderia ter-se afogado!

— É uma grande nadadora e, apesar de estar muito fraca devido à falta de alimento, conseguiu chegar ao porto de Marigot, em Domínica.

A Butanna encontrava-se a poucas milhas da costa.

— Achas que, se Amy não tivesse fugido, Bandor a teria assassinado? — Duvido. Acho que o pobre idiota se apaixonou por ela. Quando Amy soube que estava grávida, o pesadelo voltou a abater-se sobre nós. Como já te referi, ela quis desfazer-se do filho de Bandor, mas eu não permiti. Assegurei-lhe que nunca mais teria de ver a criança, que eu tomaria conta dela. “Quero que o entregues a alguém, mal ele nasça. Desfaz-te dele!”, exigiu-me. Mas eu não fui capaz de o dar. Ao fim e ao cabo também era filho de Amy. Durante algum tempo, Víctor viveu na minha propriedade de Antígua, mas dava-se mal com o clima e, como Alcides e a sua família já estavam instalados em Buenos Aires, decidi trazê-lo para aqui.

Com os olhos postos no tecto, mergulhou num mutismo tal que Melody não se atreveu a perturbá-lo. A sua voz tinha outro timbre quando prosseguiu com o relato.

— Víctor nunca foi uma criança feliz a não ser quando tu aqui chegaste. Não eram os achaques, que eram cada vez mais frequentes, mas também dos silêncios, dos olhares, da expressão séria demais para um menino. Ouvi-o rir, pela primeira vez, naquela manhã em El Retiro, quando encontrei-os no corredor, lembras-te?

— Claro que me lembro.

Voltou-se para Melody, soerguido sobre um dos cotovelos. Ela voltou a cabeça para o olhar bem nos olhos. Sentiu-se fascinada com a estranha tonalidade azul que a sua íris adquiria à luz das velas, como se várias cores dançassem, provocando um jogo de iridescências que lhe recordaram uma opala de madame Odile. Acariciou-lhe os cabelos e obrigou-o a inclinar-se um pouco para o beijar.

— Isaura, gostaria muito que tu, com a tua doçura, me ajudasses a curar as feridas que Amy tem por minha causa, do mesmo modo que curaste Víctor.

— Sim. Conta com a minha ajuda.

Blackraven e Melody chegaram a um acordo: ela e Trinaghanta tratariam dos feridos de São Francisco de manhã, enquanto Somar e Miora se ocupariam deles à tarde.

Miora apercebia-se de que, embora o turco se mostrasse afável como sempre com os outros moradores da casa de San José, na sua relação com ela, o seu temperamento sofria mudanças drásticas que iam desde atitudes quase

românticas a insolências roçando o grosseiro. Manila, entendida em assuntos do coração, era da opinião de que Somar estava apaixonado por Miora, mas que, dada a sua condição de castrado, se frustrava e entusiasmava com a mesma intensidade.

— Vê-te e morre de amores por ti. Mas logo a seguir lembra-se deque não poderia satisfazer-te e sofre com isso.

O fato de Somar "não ter nada entre as pernas", como dizia Manila, não preocupava Miora. Depois da sua experiência com dom Alcides, preferia evitar outra semelhante. Para ela era suficiente poder contar com a companhia do turco e com a sua conversa, que se tornava cada vez mais fluente, devido ao empenho em aprender o castelhano. Já nem o patrão Roger nem Miss Melody lhe falavam em inglês e Miora acabou por saber que o faziam a pedido do turco.

— Para que queres tu um homem que não te possa satisfazer na cama? — admirou-se Manila. **— Estás doida?**

— Não quero que me satisfaça na cama — obstinou-se Miora. — Quero que me queira na vida e ponto final. Vais ajudar-me ou não? Não sei o que fazer para que ele me diga que gosta de mim.

— Vais ter de ser tu a dar o primeiro passo, Miora, se queres que ele ganhe coragem para te confessar aquilo por que anseias ouvir.

As ocasiões para conversar com Somar não eram agora muito frequentes, visto que Miss Melody voltara a ocupar-se dos escravos à hora da sesta. Via-o pouco, por vezes nem sequer comia na casa de San José, sempre ocupado com os assuntos do patrão Roger. Mostrara-se atento e preocupado no dia em ela chorara assustada quando as tropas do capitão Liniers enfrentaram os casacas-vermelhas e a cidade parecia vir abaixo com o tiroteio, os gritos e as balas de canhão.

— Então, garota, que é isso? — consolara-a o turco. — De que tens medo? Achas que eu deixaria que alguém te fizesse mal? Miora vivia dessas palavras e da carícia que as acompanhara. Não restavam dúvidas: Somar sentia algo especial por ela, não se comportava assim com as outras. Ajudá-lo-ia a expressar o que o seu coração ocultava. Por isso, quando Miss Melody lhe deu ordem para ir todas as tardes com ele tratar dos feridos de São Francisco, não conseguiu evitar um sorriso.

— Não vais sorrir assim quando vires membros decepados, ataduras cheias de sangue e homens a agonizar — preveniu-a Melody. — Porque estás tão feliz, por poderes ajudar o próximo ou por o fazeres ao lado de Somar? As faces escuras de Miora tingiram-se de púrpura e os seus grandes olhos negros ganharam o brilho das lágrimas. Melody deu-lhe uma palmadinha no rosto e dirigiu-se à rua, onde era aguardada por Trinaghanta e Estevanico, os dois já na carruagem.

— Volta para casa, Estevanico — ordenou Melody. — Não podes

acompanhar-me. Não é espetáculo para uma criança. E leva o Sansão e o Arduino contigo. Assistirei à missa da uma em São Francisco. Se quiseres poderás vir ter comigo e levar o tapete.

— Lá estaremos — disse o rapazinho, acariciando a cabeça do terra--nova.

A rotina estava estabelecida: Melody e a cingalesa subiam para a carruagem mal acabavam de tomar o pequeno-almoço e, conduzidas por Shackle ou Milton, dirigiam-se ao convento. No refeitório mudavam de roupa, trocando o luto e os estranhos fatos de cores berrantes por um avental branco, e prendiam as longas cabeleiras com um lenço. Trabalhavam sem descanso, mudando ataduras, limpando feridas, colocando panos frios na testa dos doentes com febre e ventosas nas costas, davam-lhes de comer e de beber, faziam-lhes a barba e cortavam cabelos, preparavam emplastros e tisanas, cortavam compressas e apoiavam os médicos e cirurgiões. Trinaghanta ocupava-se das tarefas que Melody, devido ao seu estado, não podia executar, como desinfectar o soalho com ácido muriático, ferver lençóis e peças de vestuário dos soldados ou carregar objetos pesados.

Melody sentia a falta de Lupe e Pilarita, ainda ausentes da cidade. Antes de rebentar a luta para expulsar os ingleses, a família Moreno tinha partido para Luján e a de Abelardo Montes para a quinta de San Isidro. Estava cheia de saudades delas, queria partilhar novidades sobre o albergue Martín de Porres e também sobre uma nova amiga, Simonetta Cattaneo, que conhecera em circunstâncias peculiares e que queria muito apresentar-lhes.

Como de costume, por volta da uma da tarde, terminado o trabalho entre os feridos, Melody e Trinaghanta tiravam os aventais e os lenços, lavavam-se e penteavam-se e dirigiam-se para o cemitério. Colocavam flores no túmulo de Jimmy, Melody dava o braço à cingalesa e ficavam um momento em silêncio. Trinaghanta voltava a pé para a casa de San José. Melody entrava na igreja para assistir à missa. Aí encontrava Estevanico que a esperava no adro para a escoltar até o seu lugar, onde desenrolava o pequeno tapete, instalando-se atrás dela. Miss Melody segurava o rosário entre as mãos, baixava o rosto, fechava os olhos e concentrava-se até deixar de ouvir, de ver, de sentir e até de se aperceber dos olhares hostis que as outras mulheres lhe lançavam e que Estevanico não sabia se deveria atribuir ao fato de a sua senhora se apresentar em público em estado de gravidez avançada ou à nacionalidade do seu marido.

A concentração de Melody infundia respeito e Estevanico não se teria atrevido a interrompê-la a não ser no dia em que lhe tocou no braço e, sutilmente lhe fez sinal para que olhasse para a ala central por onde avançava, com ares de rainha, a escrava Polina, seguida de um negrinho de libré verde que transportava um fino tapete e uma mulata que levava ao colo Rogerito, seu filho de poucos

meses, nascido nos primeiros dias de Fevereiro em El Retiro. O menino era afilhado de Melody e tanto a mãe como o filho deviam a vida a Roger Blackraven, motivo pelo qual lhe foi dado o nome de Rogerio.

Melody não prestava atenção às palavras em latim do padre nem conseguia voltar às suas orações. Absolutamente incrédula, via a escrava e o seu cortejo instalarem-se junto ao altar. Não se tratava apenas do descaramento de ir assistir a uma missa para gente decente, mas também do modo como ia vestida. Era suposto as mulheres usarem o preto na igreja e as peças de vestuário de Polina apresentavam toda a gama de cores do arco-íris: o vestido comprido, de organdi violeta, um pouco subido para mostrar as anáguas com renda da Flandres — nada de pano grosseiro —, a blusa de algodão holandês, verde, o corpete em damasco azul-França e o casaco de quatro panos em cetim de uma tonalidade azul-clara. Apesar do frio, não levava a mantilha de algodão típica das da sua casta, e sim uma mantilha de seda verde-esmeralda, que lhe tombava em bico sobre as costas, e que era ornamentada por uma borla que quase tocava o chão. Melody pensou: "Deve estar a morrer de frio com aquela mantilha." Ao ver-lhe os sapatos, de brocado de ouro com saltos altos de prata maciça, abanou levemente a cabeça.

Polina apresentava-se com a ostentação de um pavão-real, a fim de provocar todos aqueles que, nesse momento, julgava seus iguais, na escala social, visto que o seu dono, dom Gervasio Bustamante, reconhecera Rogerito como filho e a alforriara, dando-lhe o lugar de senhora da casa. Polina chegara deliberadamente tarde à missa para se certificar de que todas as mulheres a viam entrar. Melody lançou uma vista de olhos à sua volta e percebeu que o ressentimento fervilhava no ar.

Ninguém prestou atenção às palavras do padre. Todos os paroquianos estavam atentos à "escrava amancebada de dom Gervasio". As expressões de olhares míopes e lábios contraídos revelavam bem a indignação geral. Algumas mulheres sorriram quando o sacerdote passou por Polina e não lhe deu a hóstia. Melody lamentou a atitude, embora reconhecesse que a escrava fora longe de mais. "Talvez se tivesse vindo vestida de preto", pensou.

Como parte do seu teatro, Polina foi a última a sair, deleitando-se antecipadamente a imaginar a sua chegada ao átrio, com os escravos pela arreata e a sua roupa a brilhar ao sol. Melody foi atrás dela. De acordo com os costumes, as senhoras conversavam à porta da igreja.

— Talvez — conjecturava Prudencia Iraola — o Anjo Negro a tenha obrigado a sair pela porta da sacristia para evitar um escândalo maior.

— Duvido muito — contrapôs Melchora Sarratea. — O Anjo Negro é tudo menos sensato.

— Que atrevimento! — queixava-se Saturnina Otárola.

— Onde iremos chegar se estes negros tomam atitudes destas? — contrapôs Filomena Azcuénaga. — É absolutamente inadmissível! — Não consigo entender o que deu a dom Gervasio para dar asas a essa infeliz — perguntou Flora de Santa Coloma.

— Talvez o tenha dominado com uma dessas beberagens que fabrica esse demônio a quem chamam Papá Justicia — opinou Magdalena Carrera e Inda, esposa de Martín de Álzaga —, um dos selvagens que organizou a conjura dos escravos na segunda-feira a seguir ao Domingo de Ramos. Já ouvi dizer que bebem as suas poções para o candombe, para se entregarem mais livremente a essas danças satânicas e lascivas.

A quietude que se seguiu ao aparecimento de Polina no átrio foi quase absoluta e os esporádicos latidos de Sansão, que corria atrás das pombas, assim como a sineta distante do aguadeiro serviram apenas para a intensificar. Melody teve a impressão de que a cidade inteira ficara muda, num silêncio que parecia sufocá-la. Respirou fundo e apertou a mantilha contra o peito, cobrindo o ventre.

Primeiro as mulheres sussurraram insultos à passagem de Polina, depois proferiram-nos em voz alta. Uma, mais atrevida, puxou-lhe a mantilha e gritou: — Rameira negra! — E, em seguida, fecharam um círculo, deixando a escrava no meio. Melody deu ordem à mulata que transportava Rogerito para que voltasse para dentro da igreja e chamasse o sacerdote.

— Miss Melody — pediu Estevanico, assustado —, não se aproxime Sua Mercê, por favor. Podem bater-lhe.

— Diz a Shackle que venha cá.

As mulheres lançaram-se sobre Polina e Melody precipitou-se para a socorrer, embora permanecendo a alguns palmos da multidão com as mãos sobre o ventre. Suplicou por piedade, gritou até lhe doer a garganta, enquanto via, impotente, como aquelas senhoras educadas e católicas se lançavam sobre a escrava como se fossem prostitutas da Recova, lutando por um cliente. Arrancavam-lhe as peças de vestuário, davam-lhe pontapés e bofetadas, cuspiam-lhe em cima e puxavam-lhe os cabelos.

Subitamente, o grupo abriu-se e as mulheres dispersaram, aturdidas e agitadas. Foi então que Melody viu pela primeira vez Simonetta Cattaneo e a sua escrava Ashantí, as duas mulheres que tinham quebrado o círculo e que, com inesperado vigor, afastavam as atacantes. As paroquianas afastaram-se e observavam agora o duo que as mantinha longe de Polina. Pressentia-se na postura de Simonetta, assim como no seu trajar, uma certa superioridade — não era obviamente dali —, o que impedia as mulheres de voltarem a sua ira contra ela ou contra a escrava, tão alta como a dona, com uma atitude que, se não fosse tão autêntica,

poderia ser considerada impertinente.

— Não tendes vergonha! — vociferou Simonetta com um pronunciado sotaque estrangeiro. — Atacar assim uma criatura do Senhor na sua própria casa! — Ela manchou a casa do Senhor ao apresentar-se aqui com essas roupas, ela, a amante do patrão! — explodiu Magdalena de Álzaga.

— E não foi o Senhor quem disse: — recordou Simonetta — "Quem estiver livre de culpa que atire a primeira pedra?" O sacerdote apareceu entretanto e, de um modo áspero, pôs toda a gente fora do adro. Melody ajoelhou-se junto de Polina e pegando-lhe no queixo, levantou-lhe o rosto do chão. A mulher estava quase despida e muito magoada, tinha um corte na sobrancelha, outro no lábio, um olho inchado, tremia e gaguejava. Melody tirou a mantilha para a cobrir. Simonetta ajudou-a a levantar-se enquanto Ashantí recolhia os farrapos e os sapatos.

— Obrigada — disse Melody. — Obrigada pela sua intervenção.

— De nada — respondeu Simonetta, estendendo-lhe a mão num gesto pouco usual no Rio da Prata. — O meu nome é Simonetta Cattaneo. —Melody apertou-lhe a mão com timidez. — Aluguei uns aposentos a pouca distância daqui. Porque não vamos até lá e assim a garota poderá descansar? — Vamos antes para a casa de San José, senhora — propôs Shackle,que acabava de aparecer no adro. — O capitão Black deve estar à sua espera para almoçar. — Será só um momento — retorquiu Melody —, não demoramos. Por favor — disse, dirigindo-se a Simonetta —, acompanhe-me. Iremos na minha carruagem.

Antes de subir, Simonetta parou junto à portinhola e observou o desenho da águia bicéfala. Com uma expressão que Melody não soube detectar se seria displicente ou respeitosa, olhou para ela e sorriu.

— Ah, mas Sua Mercê pertence à nobreza.

— O meu marido é um conde inglês — respondeu Melody de modo desajeitado e pouco à vontade.

— Nesse caso, deverei tratá-la por "senhora condessa".

— Oh, por favor, me chame de Melody como todo mundo.

— Melody? — O meu nome é Isaura Blackraven, mas todos me chamam Melody.

Acomodaram-se na carruagem, um pouco apertados: Melody, com Sansão aos seus pés. Polina, a ama-de-leite com Rogerito, Simonetta e Ashantí. Estevanico e o outro garoto foram para a boleia com Shackle, que não parava de resmungar que o capitão Black lhe iria arrancar o fígado por ter permitido que a sua mulher se relacionasse com uma desconhecida.

— No número trinta e oito desta mesma calle de San Carlos — indicou Simonetta, e todos balançaram um pouco quando a carruagem empreendeu a

marcha. — Aluguei uns aposentos à viúva de Arenales — explicou. — É uma boa mulher. Dará tudo o que for necessário para o tratamento.

Polina, além de chorar, rangia os dentes e agarrava-se à mantilha de Melody como se não conseguisse cobrir por completo a sua nudez.

— Tem calma, Polina — murmurou Melody. — Já passou tudo. Vamos tratar-te e a seguir levo-te a casa.

— Então, garota — interveio Simonetta. — Sabias no que estavas a meter-te, agora há que aceitar as consequências com dignidade. Jogaste um jogo arriscado dentro da igreja, eu estive a observar-te. Provocaste-as e elas reagiram. Admirei a tua coragem, não me decepciones agora, mostrando-te indignada.

Polina respirou de modo ruidoso, limpou as lágrimas com as costas da mão e soergueu-se no assento.

— Agora sou igual a elas — declarou. — Agora sou a mulher de um homem rico e tenho roupas de mulher rica.

— Foste sempre igual a elas — advertiu Melody. — E continuas a sê-lo,não devido a essas peças de vestuário aparatosas e vulgares que puseste em cima, nem por te teres metido na cama do teu dono mas porque és um ser humano, uma criatura de Deus, assim como todas as outras, Hoje denegriste-te.

Polina desatou a chorar com verdadeira amargura. Melody passou-lhe um braço por cima dos ombros e obrigou-a a encostar a cabeça ao seu peito.

— Não chores. Desculpa, não quis ser dura contigo.

— Oh, mas Sua Senhoria tem toda a razão — interveio Simonetta.

A viúva de Arenales forneceu-lhes tudo o que era necessário para o tratamento e enviou um escravo ao Protomedicato, para chamar um médico, pois, a seu ver, a garota tinha uma costela partida que perfuraria o pulmão. Enquanto Ashantí se ocupava de arranjar roupa para Polina, Melody aproveitou para reiterar os seus agradecimentos.

— Oh, estou muito grata a Sua Mercê e a… — fez um gesto assinalando a escrava.

— O nome dela é Ashantí.

— A Sua Mercê e a Ashantí pela sua ajuda tão oportuna. Teria o maior prazer em convidá-la para tomar um chocolate quente amanhã à tarde.

— Sua Mercê está de luto — interpôs a viúva de Arenales, que, como todos os outros, conhecia as vicissitudes do Anjo Negro.

— Pensei que se vestisse de negro — disse Simonetta — por estar na igreja. Soube que é tradição aqui as mulheres irem à missa de preto.

— Sim, é verdade. Aqui ouvimos a missa de preto, mas, no meu caso,a senhora de Arenales tem razão — admitiu Melody —, estou de luto. O meu irmão mais novo, James Maguire, morreu no dia 26 do passado mês de Junho.

— Os meus sentimentos sinceros.

— Obrigada. Gostaria que me visitasse. A verdade é que, devido à atividade do meu marido, os amigos dele entram e saem e a minha casa há muito que abandonou o luto, por muito que isso escandalize toda a cidade.

— Terei o maior prazer.

A viúva de Arenales anunciou a chegada do doutor Constanzó e Melody ficou nervosa só de ouvir o seu nome. O médico mostrou-se igualmente confuso, embora a tenha cumprimentado com discrição, dedicando toda a atenção à sua paciente, que lhe pareceu muito maltratada, mas sem ossos partidos. O ferimento da sobrancelha não precisava de sutura. — Há muito tempo que não a via — declarou Constanzó antes de se despedir.

— Tenho andado muito ocupada — justificou-se Melody. — Todos os dias vou tratar dos feridos da reconquista alojados no convento de São Francisco.

— Encontro-a muito melhor. Já não precisa dos meus conselhos,nem das minhas visitas, o que me alegra muito.

Simonetta Cattaneo era uma mulher muito especial. Veneziana, rica, viúva, de uma beleza que, devido à sua opulência, provocava impressões fortes. Dedicava-se a viajar pelo mundo com a negra Ashantí por companhia. Em algumas ocasiões, o seu recato e observância das convenções sociais posicionavam-na à altura de mulheres como Lupe e Pilarita. Noutras, o seu à-vontade, impertinência e ousadia tornavam-na numa digna rival de madame Odile e das meninas. Em qualquer das situações, Melody sentia-se bem na companhia dela, ainda que a sua presença no Rio da Prata suscitasse comentários e suspeitas. A sua reputação, somada à amizade com o Anjo Negro, não a ajudava em nada.

Como Melody veio a saber mais tarde, Ashantí tinha sido alforriada depois da morte do marido de Simonetta e, apesar de servir a sua senhora de modo obsequioso, mostrava-se altiva para com os outros, em especial para com os da sua raça. Melody sentia grande interesse por aquela mulher. Nunca se cansava de a observar, alta e vigorosa com uns cabelos tão curtos e crespos que deixavam perceber uma cabeça perfeita e umas feições suaves e regulares. Ao contrário da maior parte das africanas, tinha uma pele lisa, sem imperfeições, que deixava adivinhar uma boa alimentação e bons cuidados. Talvez para não fazer sombra a Simonetta, vestia roupas mais simples, pois, se usasse os mesmos brocados, sedas e guipuras, o resultado seria decerto soberbo. Possuía também um guarda-roupa capaz de competir com o da coquete Marica Thompson. Nunca andava descalça, usava chapins de veludo ou de seda bordada. O que mais intrigava Melody era o fato de Ashantí raramente falar, parecia uma esfinge. Dirigia-se apenas à sua senhora, inclinava-se um pouco e, de modo sucinto, fazia-o em francês com uma voz que seduzia pelo seu tom profundo e grave. Nunca se

afastava de Simonetta, mantinha-se de pé ao seu lado durante várias horas. Da primeira vez que foram à casa de San José, Melody perguntou-lhe se gostaria de ir até a cozinha, o que ela recusou de modo altivo.

— Ashantí não é minha escrava, é uma amiga muito querida, minha companheira de vários anos. Se Sua Mercê não se incomoda, gostaria que ficasse aqui, de pé, atrás de mim.

— Claro! — respondeu Melody, entusiasmada. — Mas não de pé. Por favor, Ashantí, sente-se. Vou mandar trazer outra xícara.

— Obrigada, Melody, mas Ashantí ficará de pé e não tomará chocolate.

A expulsão dos ingleses teve consequências benéficas para a Liga Secreta do Sul, visto que começaram a manifestar-se as primeiras atitudes de claro espírito independentista. O povo, encorajado pela vitória e agitado por Pueyrredón, invadiu o Cabildo dois dias após a reconquista, impediu que Sobremonte entrasse na cidade e exigiu que Liniers fosse nomeado governador. Apesar dos seus protestos, Sobremonte entregou o comando das armas a Santiago de Liniers, conservando, no entanto, as suas atribuições de ordem política, tendo, portanto, continuado a assinar e a despachar documentos à distância.

Esta exigência do povo portenho desagradou aos monárquicos, encabeçados por Álzaga, não por se tratar de uma afronta à autoridade espanhola mas porque se tratava de Liniers, um marinheiro de pouca monta, pior ainda, francês. Blackraven suspeitava de que a próxima jogada de Álzaga seria obrigar à demissão de Sobremonte, ficando ele com o cargo de vice-rei. Para o conseguir, precisaria do poder que o dinheiro confere e, nessa altura, talvez já não o tivesse. O seu plano para o destruir economicamente avançava de modo lento, mas satisfatório.

O empregado da loja de Álzaga, que O'Maley subornava a troco de informações, garantia que o patrão começava a estar muito preocupado com a demora das notas de encomenda dos comerciantes do interior, ainda que os acontecimentos políticos dos últimos dias o tivessem afastado um pouco dos negócios, o que contribuíra para que não tivesse tomado consciência de que os retalhistas portenhos também não tinham efetuado as suas compras habituais. Vários desses comerciantes mantinham avultadas dívidas para com Álzaga, que, sem dúvida, os chantagearia até que confessassem a identidade do novo provedor, sob ameaça de mandar executar as promissórias. Embora o nome de Blackraven não surgisse de imediato, o basco juntaria as pontas, iniciaria as suas investigações e chegaria rapidamente à conclusão lógica."Melhor", murmurou Roger. "Quero que ele saiba quem lhe deu o golpe." Nessa manhã, Blackraven tinha recebido uma carta assinada por dom Francisco de Lezica e dom Anselmo Sáenz Valiente, alcaides de primeiro e segundo votos do Cabildo, na qual lhe

solicitavam que abandonasse Rio da Prata num período máximo de dez dias, pedido esse que era fundamentado não só na nacionalidade de Roger, mas também na sua manifesta colaboração com os invasores ingleses. Pressentia-se naquelas linhas a mão de Álzaga, visto que nem o pusilânime de Lezica nem Sáenz Valiente se teriam atrevido a fazer-lhe frente.

Quando acabou de ler a carta, no seu escritório, Blackraven abriu os lábios num sorriso arrogante. Garatujou um bilhete para um velho amigo e aliado, o ouvidor da Real Audiência, doutor dom Juan Manuel de Lavardén, no qual lhe solicitava que o recebesse nessa mesma tarde, e mandou Somar entregar o bilhete.

— Traz-me de volta a resposta — ordenou-lhe.

O turco trouxe-a pouco depois: o funcionário recebê-lo-ia às cinco da tarde. Escreveu uma nota para as autoridades do Cabildo e outra para dom Santiago de Liniers y Bremond, na qual, sem dar explicações, solicitava que fossem ter com ele ao escritório de dom Juan Manuel de Lavardén à hora combinada. Não disse nada a Melody sobre aquele contratempo e dirigiu-se para La Cruz del Sur, a fábrica de curtume, onde passou o resto da manhã a supervisionar os primeiros passos do processo, na companhia dos mestres de curtição irlandeses, que falavam com autoridade e demonstravam grande paixão pelo seu ofício. Referiram a necessidade de contar com pessoal especializado, principalmente no sector onde era salgada ou cortada a carne; os escravos não sabiam como acondicionar as fatias nos barris com sal nem como pendurá-las nas cordas, falhas essas que levavam à decomposição do produto. “Precisamos de um mestre salgador”, disseram.

Quanto às tarefas de esquartejamento, os irlandeses queixaram-se do grande desperdício ocasionado pela falta de perícia dos magarefes.

— Vou enviar-vos Servando — prometeu Blackraven —, um escravo muito hábil a esquartejar qualquer tipo de animal. Está neste momento a convalescer de um ferimento, por isso não deverão destinar-lhe os trabalhos mais pesados, mas poderão mantê-lo aqui o tempo necessário para que ele ensine os outros servos. Depois disso será devolvido.

Dedicou os últimos momentos em La Cruz del Sur a dom Diogo Coutinho, brilhante administrador da fábrica. Para grande surpresa deBlackraven, depois da morte do cunhado, o português tinha deixado de ser o estouvado que sempre fora para tomar as rédeas da casa da calle Santiago, assim como as da sua vida. Já não mandriava nem se dedicava a perseguir as escravas. Mostrava-se meticuloso nas lides administrativas e tinha os livros em dia com uma caligrafia excelente. Mostrou a Blackraven as primeiras notas de encomenda de um comerciante de Montevideu que pretendia cinco quintais de carne cortada, a de um fabricante de

sapatos da calle de San Martín, e a do amigo de Blackraven, Hipólito Vieytes, que queria sebo para a sua fábrica de sabões, recém-inaugurada.

— A dom Vieytes — disse Blackraven— pode baixar o preço do balde de banha. Pode fazer-lhe… digamos, um desconto de quarenta por cento. Diga-lhe que é uma atenção da casa. Quanto ao fabricante de sapatos, não esqueça, dom Diogo, que tenho uma parte da produção de couros comprometida com um fabricante inglês.

— Era sobre isso mesmo que precisava de lhe falar, Excelência. Apesar de matarmos cinquenta cabeças por dia, é importante aumentar este número, devido aos pedidos que já temos.

— Estou a ver — retorquiu Blackraven. — Aumentar a quantidade de gado é a minha prioridade. É também necessário empregar mais pessoal hábil no sector do matadouro. Há algum pedido da empresa de Álzaga? — perguntou sem pausa.

— Nenhum — respondeu dom Diogo. — Embora ontem tenha recebido esta carta de dom Dalmiro Romero, um comerciante que, em algumas ocasiões, se associa a dom Martín. Dizem que é o seu testa-de-ferro em alguns negócios.

— Rejeite o pedido de Romero — ordenou Blackraven, que quis saber logo a seguir: — Como está o tenente Lane? — Ontem foi o primeiro dia em que não teve febre. Na verdade,Excelência, pensamos que a infecção o iria levar. Mas é um homem forte e o doutor Forbes garante que vai ultrapassar isto, embora ainda se encontre muito debilitado. As minhas sobrinhas e a minha irmã Leonilda têm estado a tratar dele. Dedicaram-lhe os maiores cuidados. Contar com a senhorita Bodrugan foi uma grande ajuda nos momentos em que era preciso ultrapassar as dificuldades do idioma.

Blackraven abandonou a fábrica pensando em Amy. Desde a notícia da fuga de Galo Bandor, o seu habitual bom humor tinha desaparecido por completo. Não se mostrava enfurecida mas sim triste. Falava pouco, o que assustava Blackraven e Somar, mais do que qualquer outra mudança no seu estado de espírito. Tinha-se mantido longe da casa de San José e, sempre que lá ia, evitava Melody e as crianças.

Blackraven olhou para o relógio. Era meio-dia. Se o cocheiro apressasse os cavalos, talvez conseguisse chegar ao convento de São Francisco antes de Melody ter entrado para assistir à missa. Bateu com o punho do estoque na janelinha que separava a cabina da carruagem da boleia.

— Ovidio — disse ao escravo—, vai direito à igreja de São Francisco. E apressa os cavalos. Preciso de lá chegar em poucos minutos.

Foi o irmão Casimiro que veio abrir a porta e exclamou “Excelência”, ao mesmo tempo que fazia várias vênias. Tomara conhecimento, poucos dias antes,

do suculento donativo com que o conde de Stoneville agraciara a ordem. Conduziu-o até a sala onde estavam os feridos. Blackraven queria que se curassem ou morressem de pressa para ter de volta a sua Isaura na casa de San José. O irmão Casimiro deu-lhe uma notícia que o deixou esperançoso.

— Hoje de manhã, recebemos ordens do Cabildo para transportar os feridos do exército inglês para as Casas de Oruro. Só ficaremos com os nossos, que já são muito poucos — acrescentou.

— As Casas de Oruro? — Ficam por cima da calle del Correo, ou de San José, na esquina com a de San Carlos. São umas casas de arrendamento que o vice-rei Vértiz mandou construir em 82, no lugar até então ocupado pelos irmãos da Companhia de Jesus, para alugar a particulares. Quando ocorreu a conjura dos criollos e dos mestiços de Oruro, os réus foram encarcerados nessas casas, arranjadas para servir de calabouços. É aí que vão ser albergados os feridos ingleses, os que temos aqui, em São Francisco, e os que estão noutros conventos e hospitais. Ali está a senhora condessa, sempre tão solícita e prestável.

Avistando-a ao fundo do refeitório, Blackraven franziu o sobrolho e os seus lábios desapareceram num trejeito de impaciência. Melody estava com o doutor Constanzó. Ele falava-lhe de um modo íntimo, enquanto ela, sem levantar o rosto, sorria e dobrava as ataduras. Os ciúmes não permitiram que recuperasse o autodomínio.

— Desde quando trabalha convosco o doutor Constanzó? — perguntou ao franciscano.

— Apresentou-se aqui há alguns dias e manifestou o desejo de colaborar. A irmã dele, dona Ingracia — e apontou para a mulher que Blackraven se lembrava de ter visto no velório de Jimmy —, também vem ajudar diariamente. O apoio de ambos é inestimável.

O seu mau humor piorou ao ver que Melody ficara um pouco perturbada ao vê-lo, como se tivesse sido apanhada a cometer um delito.

— Boas-tardes, doutor Constanzó — disse, tomando Melody pelo braço. — Vai mudar de roupa. Vamos para casa — e olhou-a como se lhe dissesse: “Se me desautorizares diante deste imbecil, esfolo-te viva.” — Com licença — balbuciou Melody, fazendo sinal a Trinaghanta para que a seguisse.

Blackraven iniciou uma conversa de circunstância, à qual o médico respondia com monossílabos. Melody regressou minutos mais tarde com a cingalesa.

— Até amanhã, senhora condessa — disse Constanzó, com uma ligeira reverência.

— Receio que Sua Mercê não vá ver a minha mulher amanhã –declarou Blackraven e Melody levantou os olhos num movimento brusco. —Este é o seu último dia aqui.

— Mas… — interrompeu o médico, apanhado desprevenido —, nãovai vir mais? — Não — respondeu Blackraven –. Não vem mais. Muito boas-tardes,doutor.

— Boas-tardes, Excelência.

Como Trinaghanta viajava com eles na cabina, Melody não se atreveu a fazer perguntas ao marido sobre aquela decisão inopinada. Manteve-se em silêncio, o mesmo acontecendo ao almoço, durante o qual Blackraven conversou com Malagrida e com as crianças, ignorando-a por completo. Estava furioso e Melody sentia-se em falta. “Como se eu tivesse tido algum procedimento incorreto!”, indignou-se. Terminada a refeição, Blackraven fechou-se no escritório com Malagrida e Amy, que aparecera na altura da sobremesa, enquanto ela ia atender às necessidades dos escravos. Depois disso, entreteve-se com os filhos de Gilberta e Ovidio, aos quais se juntaram Víctor, Angelita e Estevanico. Soube-lhe bem jogar às escondidas. Sansão, Arduino e Goti, a cabrinha de Jimmy, traíam os esconderijos e acabavam todos a rir com gosto. A própria Siloé abandonou o quarto onde repousava e fumava o seu cachimbo para vir brincar com eles. Quando Melody voltou a entrar, Trinaghanta informou-a de que o patrão Roger tinha saído.

— Deixou algum recado para mim? — Não, senhora.

Blackraven estivera a observá-la, enquanto ela brincava com os garotos e parte dos ciúmes e da raiva, que sentira ao encontrá-la com o doutor Constanzó, esfumara-se. Não a chamou porque sabia que a sua presença quebraria de imediato aquele encanto. Seguiu-a com um olhar ávido, sorriu ao vê-la rir e mordeu os lábios para conter uma gargalhada quando Goti a empurrou para fora do esconderijo. Roger ficou a olhar para ela até que o relógio lhe indicou que estava na altura de ir ter com o ouvidor da Real Audiência.

Liniers e os alcaides de primeiro e segundo votos aguardavam na antecâmara do escritório de dom Juan Manuel de Lavardén. Blackraven cumprimentou-os com uma ligeira reverência e voltou-se para Liniers que lhe perguntava qual o motivo da convocatória.

— Vossa Senhoria já vai saber. Agradeço muito a sua presença e peço desculpa pelo tempo que vos estou a ocupar, mas julgo que esta diligência não durará mais do que alguns minutos — acrescentou.

Pouco depois, o auxiliar do ouvidor pediu-lhes que entrassem. Dom Juan Manuel, de peruca empoada e capa curta de veludo negro, distintivo do seu cargo, recebeu-os com deferência e fez-lhes sinal para que tomassem assento. Todos os olhares recaíram sobre Blackraven.

— Por favor, Excelência — disse o ouvidor —, queira expor o motivo que o levou a marcar esta reunião.

— Agradeço muito a Vossa Senhoria. Hoje de manhã, recebi na minha casa da calle de San José esta comunicação do Cabildo, assinada pelos alcaides aqui presentes. — Entregou-a ao ouvidor, que a passou ao auxiliar para que este a lesse em voz alta.

— … Pelo que, num prazo máximo de dez dias, se exige que Sua Excelência, o senhor Roger Blackraven, conde de Stoneville, abandone os territórios de Sua Majestade, o rei Carlos IV, no vice-reinado do Rio da Prata.

As expressões de Liniers e de dom Juan Manuel não esconderam a impressão que aquelas linhas lhes causaram; de Lezica e Sáenz Valiente faziam um enorme esforço para não baixarem os olhos nem parecerem crianças assustadas, ainda que a cor que lhes tingia o rosto os delatasse inteiramente.

— Excedestes as suas faculdades! — escandalizou-se dom Juan Manuel. — A expulsão de um vassalo do rei ou de um estrangeiro é da exclusiva competência do vice-rei como presidente desta digna Audiência.

— A medida — balbuciou de Lezica — foi tomada considerando apenas a segurança do vice-reinado e, uma vez que Sua Excelência, o vice-rei de Sobremonte, se encontra ausente… — O senhor vice-rei não se encontra ausente! Com data de ontem,isto é, quinta-feira, 28 de Agosto, assinou uma notificação onde nomeia dom Santiago de Liniers y Bremond comandante-geral de armas da praça, conservando ele as faculdades em tudo o que respeita às restantes questões do vice-reinado. Antes de importunar Sua Excelência — e apontou com a mão para Blackraven —, devíeis ter consultado o senhor vice-rei, o qual, como bem sabeis, se encontra em San Nicolás de los Arroyos.

Envolveram-se numa discussão acerca da legitimidade de uma ou outra medida que serviu para deixar clara a confusão que reinava em Buenos Aires após a expulsão dos ingleses. A falta de caráter de Liniers tinha ficado bem patente no dia da derrota dos ingleses, quando, devido à confusão da populaça e dos soldados, a rendição ganhara laivos peculiares e se manifestava agora mais uma vez naquele escritório, onde não abria a boca nem sequer para pedir ordem. Blackraven olhou-o nos olhos e Liniers pigarreou.

— Senhores — interveio —, se o que estamos a discutir aqui é a lealdade de Sua Excelência, o conde de Stoneville, posso dar fé dela. Na tarde de 11 de Agosto, em vésperas do ataque final às tropas inglesas, o senhor conde recebeu-nos, a mim e aos meus oficiais, na sua quinta El Retiro, e enviou víveres para as tropas acantonadas nessa localidade.

Passamos a noite em El Retiro, onde fomos regiamente tratados.

— Todos conhecem a sua amizade com o general Beresford — interpôs de Lezica. — O senhor conde era visita assídua do Forte, enquanto o general desempenhava funções de governador desta praça.

— A amizade do senhor conde com o general Beresford… — disse Liniers, calando-se a um sinal de Blackraven.

— Agradeço a Sua Mercê pelo empenho em defender a minha posição. Pensei que a minha permanência em Buenos Aires poderia ser resolvida apelando ao senso comum e à razão. No entanto, as vontades aqui reunidas não admitem quaisquer contemplações. E, como não desejo fazer-vos perder o seu precioso tempo, fornecer-vos-ei um documento que encerrará a questão em segundos.

Entregou um envelope a Lavardén, que arqueou as sobrancelhas ao reconhecer o selo de Sua Majestade, o rei Carlos IV. O funcionário pegou no documento e fez uma rápida leitura antes de o entregar ao auxiliar.

— Leia-o em voz alta — ordenou.

— … por quanto eu, Carlos IV, soberano de Espanha e demais províncias ultramarinas, concedo absoluta liberdade de trânsito nos territórios nos quais exerço o meu império ao portador da presente, dom Roger Blackraven, conde de Stoneville, de nacionalidade inglesa, que estará igualmente habilitado a realizar todo o tipo de operações comerciais que serão do seu proveito assim como do desta Coroa… Sáenz Valiente depreendeu que tal benesse lhe deveria ter sido concedida com data anterior à invasão do general Beresford, pelo que poderia admitir-se que a opinião do rei se modificasse depois de tomar conhecimento das ocorrências. Perante este pretexto, Blackraven simulou perder a paciência. Pôs-se de pé, e a sua estatura intimidou os alcaides, que se agitaram nas cadeiras. Retirou o documento das mãos do auxiliar e colocou-o em frente de Lezica e de Sáenz Valiente.

— Senhores — declarou —, como podeis constatar, quando Sua Majestade, o rei Carlos IV, assinou esta licença de livre-trânsito, Espanha e Inglaterra já eram inimigas declaradas, como são até os dias de hoje. A invasão por parte do general Beresford não modificou essa situação de um momento para o outro. Portanto, este documento está totalmente em vigor e é inteiramente válido. Se desejais que eu abandone o Rio da Prata, tereis de pedir ao próprio Carlos IV que revogue esta autorização. Enquanto não conseguirdes que assim seja, não volteis a incomodar-me.

Boas-tardes a Sua Mercê — disse, inclinando-se perante o ouvidor. — Boas-tardes, capitão Liniers. E muito obrigado a todos pelo seu tempo.

Pôs o casaco no braço, agarrou o seu estoque e saiu. Ao chegar à rua, o frio apanhou-o de surpresa. Vestiu o capote e calçou as luvas. Estava quase a anoitecer e o vento sul, associado às nuvens negras, pressagiava tempestade. Deu indicação a Ovidio para que o conduzisse a casa do ministro Félix Casamayor. Há dias que não visitava o seu amigo Beresford. Foi encontrá-lo deprimido. Acabara de receber uma carta de Liniers desmentindo os termos da capitulação

acordados no dia 12 de Agosto, quando, para evitar um massacre, Beresford consentira arriar a bandeira branca de rendição e içar a espanhola.

— Como me tinhas advertido mal pus o pé nesta cidade, não deveria ter confiado naquele francês. Liniers já tinha dado provas de ser pouco cavalheiro quando, depois de prometer dedicar-se ao comércio com o sogro, fugiu para a Banda Oriental para organizar o contra-ataque. Não sei se é um pusilânime, um covarde ou um traidor.

— Um pouco de tudo — declarou Blackraven. — Além da falta de caráter, tem um inimigo que se opõe às suas decisões simplesmente para lhe minar o poder: Álzaga. O que não é desculpa, pois, para ficar de bem com as autoridades do Cabildo, com as da Real Audiência e com a populaça, não terá o menor escrúpulo em sacrificar-te a ti e à palavra que te deu. Neste momento, Liniers despiu o uniforme militar para vestir o da política.

— Estou a ver. Por outras palavras, estabelece que não observará a capitulação acordada a 12 de Agosto. Tem inclusivamente o descaramento de afirmar que me rendi sem condições! Valha-me Deus, eu deveria ter permitido que as minhas tropas disparassem contra essa turba de selvagens em vez de aceitar içar o estandarte espanhol. Diz-me também que, por se dar bem comigo, já foi acusado de receber subornos e que, por isso, daqui em diante, a nossa comunicação se fará por escrito. Informa-me de que as tropas irão para o interior e que os oficiais voltarão para Inglaterra se previamente derem a sua palavra de que não pegarão em armas contra Espanha. É claro que ordenarei que não deem a sua palavra se a capitulação não for cumprida! Blackraven suspirou longamente e com uma expressão de cansaço, olhou o seu amigo nos olhos.

— William, duvido muito que os oficiais sejam embarcados para Inglaterra, com palavra dada ou sem ela. Aqui as questões que estão em jogo são outras e nada têm a ver com a honra. Estás no meio de uma contenda política, da qual Liniers, Álzaga, os independentistas e os outros funcionários procuram sacar a fatia mais suculenta. O melhor conselho que posso dar-te é que fujas. Eu poderei tirar-te daqui, a ti e aos teus oficiais, ainda esta noite.

— Agradeço-te, Roger, mas tenho de pensar nas minhas tropas. Não posso partir, abandonando-as à sua sorte, entregues a estes homens sem escrúpulos que nem os uniformes lhes deixaram. Sabias que lhos tinham tirado? Para vestirem os seus próprios soldados! Se é que se pode chamar soldados a esses pacóvios.

— Que sabes de Popham? — Popham — repetiu Beresford, com notória desaprovação. — Não faz nada para nos facilitar a vida. Continua lá com a sua frota, ou o que dela resta, diante do porto de Montevideu, à espera de reforços.

— Isso deve deixar muito nervosos tanto os espanhóis quanto os criollos. — Blackraven pôs-se de pé e Beresford fez o mesmo. — Vou-me

embora, William. Sabes onde encontrar-me. Qualquer urgência ou necessidade que te surja, não hesites em recorrer a mim. Por circunstâncias várias, dois dos meus barcos estão fundeados a poucas milhas a sul. Conta com eles se resolveres fugir.

A tempestade aumentava, vinda de sul, projectando sobre a cidade uma escuridão tenebrosa. Não se via a Lua, nem as estrelas e a rua estava vazia. O vento açoitava a costa do Prata e o frio voltava. Não se avistava o guarda noturno nem se ouvia o seu pregão, e as luzes dos postes continuavam apagadas. Blackraven aconchegou as lapelas do capote e caminhou até a carruagem.

O bramido do vento impediu-o de ouvir os passos furtivos atrás de si, e uma reação mais instintiva do que consciente levou-o a voltar-se no momento em que um mastodonte saltava sobre ele. Sentiu o fio de uma navalha do lado esquerdo das costas. Não era uma sensação dolorosa, mas antes fria, e percebeu que o atacante o tinha ferido. Perdeu o equilíbrio e caiu sobre as pedras afiadas que se lhe cravaram na anca, provocando-lhe uma dor que se expandia até o calcanhar, imobilizando-o e, apesar de sentir que a vista começava a turvar-se, ainda conseguiu levantar a outra perna para se defender daquele homem, quiçá mais forte do que ele.

“Onde está o meu estoque?” perguntou-se, ao mesmo tempo que retirava a adaga da bota e a agarrava com os dentes, antes que o assaltante voltasse à carga, decidido a atingi-lo ali mesmo na rua, com várias punhaladas no peito. Agarrou-o pelos pulsos para afastar a navalha tosca do rosto. “Deve ser um camponês ou um escravo”, pensou, a julgar pela qualidade da arma, que parece ser artesanal. “É o homem mais forte com que alguma vez lutei”, admitiu. Os seus dentes apertavam o punho de marfim da arma e as mãos tremiam-lhe, de aguentar o impulso, enquanto o peso do atacante o empurrava contra as pedras, provocando-lhe pontadas de dor nas costas.

Na escuridão da noite, apenas conseguia distinguir as feições que tinha a poucos centímetros do rosto. Via o brilho da pupila e o branco dos dentes. “É um africano”, deduziu, “um africano enorme”. O brilho da ponta da navalha aproximou-se do seu olho esquerdo. Concentrou-se na força dos músculos dos seus braços, recordou os inúmeros cabos que puxara durante tempestades ferozes em que o vento e o mar se abatiam sobre o seu barco como seres todo-poderosos, capazes de o engolir. Ele submetera-os. Evocou também as abordagens, as batalhas no convés, o peso da sua espada, o ímpeto para abrir caminho, as lutas corpo a corpo. Ele vencia sempre. Confiava no seu vigor, a força dos seus membros nunca o abandonara.

Inspirou profundamente e, cerrando os olhos, tirou de cima aquele peso esmagador. Não teve tempo de se levantar, pois o negro lançara-se de novo sobre

ele com uma rapidez surpreendente num homem de tamanha robustez, mas, nesse momento, Roger tinha a adaga na mão e deu-lhe uma navalhada que o atingiu no pescoço. O homem soltou um gemido e tapou o ferimento, ao mesmo tempo que recuava, desaparecendo na escuridão.

Apoiando-se nos cotovelos, Blackraven soergueu-se e, passados alguns segundos, compreendeu que o pregão do guarda-noturno, que já dobrava a esquina, tinha afugentado o assaltante. Viu que o homem acendia a luz da candeia que se projectava sobre a carruagem com Ovidio na boleia, adormecido e embuçado. Colocou a adaga novamente na bota e pôs-se de pé, apertando os lábios para conseguir suportar a dor que lhe latejava nas costas e no ombro. Guardou o estoque e avançou para a carruagem, respirando levemente.

— Boas-noites, Excelência — cumprimentou o guarda-noturno que avistara o escudo de armas na porta da carruagem. — Pareceu-me ouvir um grito, embora com este vento não se perceba bem. Sua Excelência ouviu alguma coisa? — Não — respondeu, de modo cortante. — Para casa, Ovidio, de pressa! Entrou pelas traseiras e foi encontrar Siloé e as outras escravas, na cozinha a tratar do jantar.

— Trinaghanta que vá ao meu quarto imediatamente.

Melody apareceu no quarto quando a cingalesa ajudava Blackraven a tirar a camisa empapada em sangue. Deu um grito à entrada da porta.

— Não te assustes — tranquilizou-a Blackraven. — Isto não é nada.

— Que aconteceu? — perguntou, avançando rapidamente. — Como te aconteceu isto? — Atacaram-me à saída da residência de Casamayor.

— Meu Deus, vou chamar o doutor Argerich.

— Não é preciso. A Trinaghanta trata disto.

Melody pegou na mão do marido enquanto a garota limpava a ferida e a suturava. Blackraven limitava-se a franzir ligeiramente o so brolho de cada vez que a agulha lhe entrava na carne, embora lhe doesse e as gotas de suor lhe escorressem pela testa. Melody observou-lhe o dorso nu, largo e forte, que tanto gostava de acariciar e beijar e ficou a examinar as inúmeras cicatrizes que ornavam aquela superfície peluda e bronzeada. Ali mesmo, junto da nova ferida, podia ver-se uma outra, a que Pablo lhe infligira meses antes e que agora não passava de uma linha rosada. Cada marca guardava uma pequena história, a história de uma aventura e, embora Melody sofresse por não ter feito parte dessa parcela da vida do marido, sentia-se orgulhosa por pertencer a um homem que se fizera com esforço, correndo riscos que a maioria teria receado. Sentia-se segura e protegida.

Trinaghanta pôs uma atadura à volta do dorso de Blackraven, e Melody ajudou-o a vestir um robe antes de receber no quarto Malagrida e Amy.

— Vou buscar-te o jantar— anunciou, deixando-o a sós com os amigos.

— Quem foi que te atacou — quis saber o jesuíta.

— Estava escuro e não consegui vê-lo bem, mas tenho a certeza deque não o conheço. Era um homem alto como eu, mais corpulento, fortecomo um touro, o condenado. Acho que era negro, muito provavelmente um escravo.

— Terá sido enviado por Galo Bandor? — perguntou Amy.

— Tudo é possível — admitiu Blackraven.

— Poderia tratar-se de La Cobra — opinou Malagrida.

— Desde a expulsão dos ingleses, as classes baixas, principalmente os escravos, têm demonstrado uma atitude hostil para com os oficiais e soldados ingleses. Em Buenos Aires, todos sabem que sou inglês. Talvez se tenha tratado de um ataque sem importância.

Continuaram a especular até que Melody apareceu com uma bandeja. Amy levantou-se da beira da cama e afastou-se um pouco. Malagrida abandonou o lugar onde estava sentado.

— Roger, deverias comer alguma coisa agora e depois descansar – sugeriu Melody.

— Nós estamos de saída — anunciou o jesuíta, despedindo-se.

Ao fechar da porta seguiu-se um silêncio incômodo. O tilintar da louça crispava Melody. O seu olhar cruzou-se com o de Blackraven e teve medo. “Apesar do que acaba de lhe acontecer”, pensou “não se esqueceu ainda de que me encontrou a falar com o doutor Constanzó”. Pousou os pratos sobre a mesa e serviu o empadão de espinafres e o estufado de carne.

— Anda comer — disse, sem olhar para ele, consciente do peso do olhar dele nela.

Blackraven não pronunciou palavra nem se aproximou da mesa.

Melody ergueu os olhos.

— Pedes-me sempre para confiar em ti — lembrou. — Quando me dará o dom da tua confiança?

— Por que estavas com o doutor Constanzó quando te proibi de vê-lo?

— Roger, por favor, não estás sendo razoável. Querias que lhe pedisse para ir embora do convento só porque eu estava ali e tu não queres que eu lhe fale?

Blackraven avançou para ela rapidamente, sem lhe dar tempo de se afastar. Tomou-a nos braços e obrigou-a a pôr-se nas pontas dos pés.

Falou-lhe junto aos lábios.

— Não queiras bancar a espertinha comigo, Isaura. Que fazia esse palhaço falando no ouvido da minha mulher, a fazê-la sorrir, quando havia tantos feridos para tratar? Tinha prevenido de que não o queria perto de ti. Porque desobedeceste às minhas ordens? Nunca falo por falar, Isaura. Deverias sabê-lo.

Não quero Constanzó perto de ti. Esse homem deseja-te. Se não queres que eu resolva a questão à minha maneira, mantém-te longe dele. Não suporto a ideia de que outro homem olhe para ti. Darei cabo dele com as minhas próprias mãos, entendes?

Soltou-a e Melody deixou-se cair numa cadeira.

Blackraven andava pelo quarto com a impaciência de uma fera, murmurando insultos e apertando as costas que lhe doíam horrivelmente.

— Não gosto que me desobedeças!

— Estás a ser insensato. Constanzó não me deseja.

— Deseja, sim! Deseja-te! O filho de uma puta… — Considero a tua desconfiança insultuosa. Porque não confias em mim? Blackraven deteve-se e olhou-a fixamente. Os seus ciúmes e a sua raiva desapareceram perante a emoção de Melody. Tremiam-lhe os lábios e o queixo de tentar controlar o choro, em vão, porque as lágrimas banhavam seu rosto. Ajoelhou-se à sua frente e pegou-lhe as mãos.

— Confio em ti, sim, Isaura. Confiaria minha vida a ti, sem pensar duas vezes.

— Não é verdade. Se confiasses em mim não me julgarias capaz de te trair com o doutor Constanzó nem com nenhum outro.

— Nunca pensaria isso de ti! — impacientou-se. — O problema não é contigo e sim com esse imbecil. Quero apenas que te mantenhas afastada dele porque é um insulto para mim o modo evidente como te deseja.

Melody compreendia aqueles sentimentos que não lhe eram estranhos. Sentia-os, também ela, sempre que uma mulher o admirava. Acariciou-lhe a face.

— Amo-te tanto, Roger.

— Também eu, meu amor.

— Não podes compreender a extensão deste amor. Não há lugar para mais ninguém dentro de mim. Tu ocupas-me por inteiro.

Blackraven inclinou-se e beijou-lhe o ventre.

— Sei que não devia zangar-me contigo, Isaura. Sei que esta cena é um exagero, mas é como se uma fera se erguesse dentro de mim de cada vez que sinto que te observam. E hoje tu sorrias-lhe. Ele sussurrava e tu sorrias-lhe. Tive vontade de o esganar ali mesmo — Repousou a testa no colo de Melody. — Não estou zangado contigo — insistiu. — Perdoa-me por te ter deixado angustiada.

— O que me angustia é a ideia de a tua ferida poder ter-se aberto com toda esta conversa. Deixa-me ver.

XIV

Cidade da Santísima Trinidad e Porto de Santa María del Buen Ayre, 30 de Agosto de 1806.

Querida amiga,

Abandonamos o Rio de Janeiro e viajamos para o Rio da Prata. O barão de Ibar estava muito interessado em conhecer essa parte do continente sul-americano e eu incentivei-o, pois precisava urgentemente de ir a Buenos Aires. Falei-te na minha carta anterior de Roger Blackraven, conde de Stoneville, e se o tivesses conhecido farias o mesmo que eu, deixando a magnífica cidade do Rio de Janeiro para o seguir até este lugar esquecido por Deus, sem teatros (pelo menos sem teatros aos quais possamos dar esse nome) nem lojas, com ruas que mais parecem chiqueiros e veredas estreitas, onde os edifícios que se destacam são as igrejas e os conventos e desses não há poucos. A hotelaria é desprezível e, apesar de termos alugado quartos na melhor hospedaria, parecem uma espelunca. Não vais certamente querer que entre em pormenores e, portanto, não o farei.

Estarás decerto a pensar: "Oxalá o senhor conde valha a pena", mas olha que nem nas classes mais bem instaladas encontras pessoas com requinte e educação. Ontem almoçamos com uma família endinheirada, os Ezcurra. A dona da casa dava-se ares de importância como se presidisse à mesa de Versalhes. Terias ficado horrorizada, querida Gertrudes, quando visses que a mesa não tinha toalha, que a encheram com todos os tipos de alimentos, apresentados em terrinas, das quais se serviam com as mãos, que a louça era escassa e que havia um copo para todos; que a sopa era retirada com uma malga (graças a Deus uma para cada comensal) e que, no fim, quando nos serviram o café com leite, encheram a xícara até acima (explicaram-me que era um sinal de cortesia) e que a medida de açúcar vinha sobre o pires e deveria ser colocada na xícara, antes de lhe deitarem a infusão com leite. Não há aqui açucareiros nem bandejas para o pão, nem molheiras. Não há jarros, apenas umas garrafas toscas de grés. A bem da verdade, direi que o vinho era razoável e que os diversos pratos, no geral, eram saborosos, com excepção da carne de vaca, demasiado em sangue para o meu gosto.

Mal chegamos ao porto ficamos a saber que os habitantes de Buenos Aires acabavam de repelir uma invasão do exército inglês, o qual, durante quarenta e cinco dias, determinou o destino destes miseráveis. Parece-me despropositada a

decisão de se verem livres dos ingleses. Certamente, a influência dos súbditos de Jorge III teria trazido benefícios a esta praça. Pelo menos, ter-lhes-iam ensinado a ter maneiras à mesa e a usar louça.

O conde de Stoneville, como já te referi na minha carta anterior, é inglês. Tem vários negócios por estas bandas e é casado. Bem sei, esse é um obstáculo bastante incômodo, mas a verdade é que a mulher existe, apesar de ser difícil encontrá-la, pois está de luto (morreu-lhe o irmão, segundo me informaram). As opiniões acerca da condessa de Stoneville são divergentes. As senhoras sentem-se incomodadas com a sua modéstia no gastar e com a devoção que manifesta em relação aos pobres, embora eu detecte mais inveja do que verdade nos comentários dessas senhoras. Quem não invejaria a mulher que tem Roger Blackraven ao seu lado? Sinto-me intrigada, desejo muito conhecê-la, deve ser lindíssima para ter conquistado um homem como ele, tão cheio de qualidades e que não só é escandalosamente atraente, mas também rico como Creso. As más-línguas asseguram que é um grande amante.

A prima do conde, que conheci no Rio de Janeiro, mostrava-se um pouco reticente quando se falava da condessa. Limitava-se a dizer-me que é muito jovem (acaba de completar vinte e dois anos) e que tem um grande coração. Dei ordens à minha escrava Joana (uma jovenzinha que o barão de Ibar achou por bem comprar-me quando chegamos ao Brasil) para que tentasse travar amizade com um dos serviçais da casa do conde, de modo a obter informações. A barreira do idioma parece ser a maior dificuldade, visto que Joana só fala português e o idioma oficial aqui é o castelhano.

Mas a sorte está do meu lado, pois todos os dias, a seguir ao almoço, a senhora condessa (a condessa de Stoneville em pessoa) atende as necessidades dos negros. Joana apresentou-se lá ontem e, pelo menos, conseguiu vê-la. Anjo Negro, é como os escravos lhe chamam. E é ruiva. Mas que espécie de rival é esta? Sabes bem que sempre cheguei para todas, porque haveria de intimidar-me uma que suja as mãos com estes animais africanos? Na minha próxima carta, espero poder dar-te notícias suculentas. Sei com que entusiasmo aguardas os meus relatos. Estou ansiosa por me encontrar com o conde de Stoneville nestas terras. Não desistirei, acabaremos por nos encontrar, visto que a nossa agenda está bem recheada e mais tarde ou mais cedo ele terá de honrar os infinitos convites que recebe. Quando o fizer, irá sozinho (já te referi o luto da mulher) e tratarei de atrair a sua atenção. Tenho esperança de que, pelo menos, da próxima vez que nos convidem para jantar, nos forneçam garfos e facas, não gostaria nada de levar os alimentos à boca com as mãos na frente do conde.

Espero que quando receberes a presente te encontres de boa saúde. Toma cuidado contigo.

A tua amiga que muito te estima
Ágata de Ibar
Baronesa de Ibar

Sentada na relva, olhos injetados, Bernabela contemplava o trabalho de Cunegunda na horta, as fileiras de vegetais sem ervas daninhas e a terra removida e aromática.

A escrava esticava o pano sobre as hortaliças e prendia-o com estacas, como lhe ensinara a senhora Enda, para as proteger do frio, ao mesmo tempo que se lamentava: "A minha ama Bela cheirou outra vez aqueles fumos. Tem a expressão de um louco." Roubava à senhora Enda as ervas que esta costumava utilizar quando, de noite, se afastava da cabana, acendia uma fogueira e fazia aquelas invocações horripilantes numa língua estranha que lhe punha os cabelos em pé. Ela era negra e bruta, mas não era parva: a senhora Enda deixava aquela erva à mão para que a sua ama Bela a tomasse. "Aposto a minha vida em como assim é", disse para si mesma, acenando afirmativamente com a cabeça.

"Porque", continuou a resmungar, "guardará ela tão bem as outras ervas e pós, no armário fechado à chave?" Lançou uma olhadela furtiva a Bela. Ainda era uma mulher bonita, apesar de vestir farrapos e de não ter cremes para tratar da pele. Qualquer homem a teria desejado. Na sua opinião, seria muito benéfico para elas libertarem-se da influência da senhora Enda e procurarem levar uma vida nova. Ela tinha algumas poupanças e a sua ama Bela guardara a maior parte das joias ao entrar para o convento. Conseguiriam recomeçar.

Sem dar valor à sabedoria daquela sugestão, a ama Bela recusava-se a ouvir falar disso. "Ainda tenho de vingar tudo o que me fez aquela maldita Miss Melody e só Enda me pode ajudar", era a desculpa. Cunegunda suspeitava de que Bela continuava apaixonada pelo patrão Roger, permanecendo em Buenos Aires, ligada a Enda e ao passado, na esperança de o reconquistar. "Viver com esse rancor no peito", resmungava a escrava, "é mais venenoso do que os pós da senhora Enda. A minha ama Bela deveria seguir o meu exemplo e esquecer, do mesmo modo que eu tento esquecer que o meu filho foi assassinado." Fizesse o que fizesse, a sua ama Bela não conseguiria recuperar o patrão Roger. Gabina, com quem continuava a encontrar-se sempre que conseguia fugir à vigilância de Braulio, declarava que nunca conhecera homem mais devotado à mulher: "Ele beija o chão que ela pisa. Já a engravidou e andam sempre enrolados. Pelo menos é o que diz a Berenice. Lembraste dela, a escrava de El Retiro? Pois ela contou-nos em segredo que eles passaram três dias em El Retiro e que passaram o tempo todo a fazer amor. Os gritos de Miss Melody ouviam-se no último

pátio.” Bela mexeu lentamente a cabeça, olhando para as mãos e para as unhas, negras de terra e estilhaçadas, e perguntou-se quando e como acabaria aquela etapa da sua vida. Sentia as fontes a latejar, consequência desagradável de aspirar o fumo de aroma picante que a fazia voar. Também não lhe agradava aquela sensação de peso no corpo que lhe se cava a boca e lhe trazia um ardor aos olhos, mas, mesmo assim, continuava a roubar a erva e a queimá-la porque lhe oferecia algumas horas durante as quais esquecia a sua existência miserável.

Enda era de opinião de que a altura da vingança ainda não tinha chegado, que a prudência e a vitória eram aliadas, que qualquer movimentoem falso as poderia conduzir à prisão. Estava só, precisava daquela irlandesa excêntrica para subsistir. Tinha tanto medo dela como Cunegunda, não pelo poder da sua bruxaria, poder esse que começava a respeitar, e sim porque a considerava capaz de tudo. Tinha pavor dos seus olhos de feiticeira, os seus olhares sibilinos enfraqueciam-na e tornavam-na cada vez mais covarde. Ainda se revoltava perante a ideia de ela assassinar Roger Blackraven, mas evitava expressá-lo. Muitas vezes, tinha a impressão de que Enda lhe conseguia ler os pensamentos.

— Tens de esquecer esse homem — ordenara-lhe tempos antes. — É por causa dele que estás aqui quando poderias levar a vida de uma princesa. Ele não te ama, nunca te amará. A minha sobrinha cativou-o de uma forma pouco usual, como poucas vezes vi na vida.

— Tu podias dar-me uma poção de amor para eu o ter na mão – disse, mas deu-se logo conta do deslize, pois acabara de revelar seus desejos mais íntimos.

— Nem sequer minhas poções conseguiriam quebrar o que o liga a Melody. Gosto de ti, Bela. Somos feitas da mesma massa. Agrada-me a tua companhia e poderia vir a gostar de ti como de uma filha. Se me fores fiel, obterás tudo o que desejares. Mas se fores contra a minha vontade, te destruirei como a um inseto.

— Não me oporei a tua vontade, Enda — prometeu e, pensando noque não se atreveu a acrescentar, não ousou olhá-la de frente: “Porém, não é por culpa do Roger que vivo neste saguão, contigo e com os escravos, e sim graças à maldita filha da puta da tua sobrinha, Melody Maguire.” O som dos cascos dos cavalos devolveu-a ao presente. Cunegunda fazia sombra com a mão e observava o caminho. Era Braulio, que regressava da cidade montando a égua de Enda. Trazia provisões. Ao passar por elas, o negro lançou um olhar rápido, quase displicente, mas Bela reparou que ele notara seu decote.

— Não gosto da maneira como esse sem-vergonha olha para si, ama Bela — protestou Cunegunda.

— Que aconteceu com ele no pescoço, por que aquela atadura? — Ontem à noite chegou tarde, cambaleando. Devia estar bêbado. Sua Mercê não ouviu porque… Bem, porque não ouviu, mas esse pretinho, filho de Mandinga, armou

um tremendo tumulto. Tenho certeza de que se feriu numa rixa qualquer de taberna.

— Sabes que Braulio não bebe. E Enda curou-lhe a ferida? — Sim, foi a senhora Enda. Disse que baixasse a voz e não consegui ouvir mais nada.

— Parecia aborrecida? — Não, ama Bela, se bem que com a senhora Enda nunca se possa saber.

— Guarda as ferramentas e arruma tudo aqui — disse à escrava. Precisava de dar ordens e sentir que mandava.

— Sim, ama Bela.

Bela dirigiu-se para casa. Braulio, que arrumava uns sacos de farinha, levantou a cabeça ao ouvi-la entrar. Olharam-se e Bela sorriu. O escravo manteve-se impávido, sem afastar os olhos.

— Que te aconteceu ao pescoço, Braulio?

— Nada.

— Mas tens sangue nessa atadura. Deve ter acontecido alguma coisa.

— Nada com que valha a pena preocupar-se.

— Mas eu me preocupo contigo, Braulio. És o único homem da casa,o único que pode defender-nos e não gostaria que te acontecesse algum mal.

Enda saiu da divisão contígua e ficou a olhar para eles. Bela voltou-lhe as costas e foi lavar as mãos no alguidar. A seguir, dedicou-se à costura e, enquanto suspirava, comentou como quem não quer a coisa: — O negócio de curandeira e feiticeira deve ir muito bem. Digo isto com base na égua que compraste há dias. Não é nenhuma pileca, é um animal muito bonito.

Enda não respondeu e continuou perto da trempe, mexendo as zurrapas e beberagens que vendia por bom preço. Bela continuou, sem afastar a sua atenção do trabalho.

— Decidiste ficar com o filho de Miss Melody, não é verdade, Enda?

— Sim.

— Por quê?

— Para o criar como se fosse meu.

— O filho de Blackraven. Recordará sempre o assassino de Paddy.

— Também é neto de Fidelis — argumentou a irlandesa.

Quando precisava pensar ou de tomar uma decisão, Amy Bodrugan procurava sempre os lugares mais altos. No cesto da gávea, perto do céu, com o mar revolto à sua frente a despentear-lhe os cabelos, atingia a paz e um equilíbrio ia ganhando espaço no seu interior, onde minutos antes reinavam o caos e a confusão.

Nesse dia, ao meio-dia em ponto, subiu à tília do jardim dos Valdéz y Inclán e acomodou-se no ramo mais alto, as pernas no vazio e Arduino encavalitado no

seu ombro. Dali podia avistar as cúpulas das igrejas e a torre do Cabildo. Uma brisa fria acariciou-lhe o pescoço e arrepiou-lhe a pele, deixando-a um pouco enervada. Voltou os olhos para o rio, aquele rio sem horizonte, que se parecia com o mar, com excepção da cor, uma tonalidade que lembrava o chá com leite. Queria ir-se embora de Buenos Aires, não gostava daquilo e, no entanto, continuava ali. Era certo que Blackraven precisava dela e da tripulação do Afrodita, com tantas questões que o preocupavam, mas ela teria sabido convencê-lo.

— Ainda não me fiz ao mar por causa desse garoto — admitiu em voz alta e, ao mesmo tempo, o macaco soltava um grito e tocava-lhe na orelha.

A princípio, a semelhança com Galo Bandor perturbara-a. Os mesmos caracóis dourados, os olhos amendoados e verdes, o nariz aquilino, até a sua maneira de andar, metendo os joelhos um pouco para dentro, e as covinhas junto à comissura esquerda, sempre que sorria. Conheceu depois o temperamento de Víctor e as semelhanças com o pai tornaram-se menos manifestas. Também não era com ela, impulsiva e tosca, que ele se parecia mas sim com Miss Melody porque a doçura e a bondade de Víctor eram as da nova condessa de Stoneville, assim como o sorriso franco e frequente, e o coração sensível.

— Vai torná-lo num jovem efeminado — queixou-se, e logo a seguir veio-lhe à memória uma cena que ocorrera dias antes, quando foi encontrá-lo a praticar esgrima no primeiro pátio, com o mestre Jaime. Um orgulho pouco vulgar levou-a a esboçar um sorriso e comoveu-se ao lembrar-se da habilidade do menino e a segurança que manifestava. Pareceu-lhe até um pouco familiar a careta de aborrecimento quando o mestre se mostrava prudente, levando em conta a sua idade. As perninhas avançavam e recuavam com destreza, enquanto o seu braço suportava o florete sem o mais leve sinal de cansaço.

— Foi oferta do meu padrinho — explicou no fim da lição, entregando-o num gesto solene. — Trouxe-me da sua última viagem. Para Jimmy comprou uma coleção de livros muito bonita com as fábulas de Esopo, Iriarte e La Fontaine, mas ele não teve oportunidade de vê-los — acrescentou, e sua dor entristeceu Amy. Para Angelita trouxe uma boneca e muito alcaçuz, seu doce preferido. Agora a coleção de livros que ele deu a Jimmy ficou para mim e Angelita. Acha errado? — Amy fez que não com a cabeça. Não podia falar. —Miss Melody diz que Jimmy está feliz por ela agora ser nossa.

— Miss Melody — murmurou, e Arduino saltou para o ramo da árvore, como que espantado.

Aquela garota tinha lhe tirado Blackraven e também seu filho. Sentiu-se incomodada. Era a primeira vez que pensava em Víctor como seu filho.

— Meu filho — sussurrou, e recordou a tarde em que Víctor nascera e se

separou dele, levada pelo orgulho e pela amargura e não pela repulsa. — Vem, Arduino. — O animal trepou no seu ombro. — Vamos descer.

Amy interrompeu a descida e escondeu-se num dos ramos mais baixos, ao avistar um casal que se beijava debaixo da tília. Fez sinal a Arduino para que se mantivesse em silêncio e afastou as folhas que a impediam de ver. Era um casal de escravos, pelo menos conseguia ver a marca do homem. Esperaria que terminassem para descer. Disse a si própria que não olharia mais, não era curiosa, nunca o fora e pouco lhe importavam as atitudes dos outros. Afastou um pouco mais os ramos e mordeu o lábio para não proferir uma obscenidade. "A senhorita Elisea!"murmurou, assombrada. Ninguém poderia afirmar que o escravo a forçava. Ela abraçava-o e beijava-o com o mesmo arrebatamento.

Amy observava-os como se estivesse hipnotizada. Nunca Roger e ela se tinham beijado assim. Entre eles, os encontros físicos eram mais brincadeiras, formas de luta, competição, do que uma verdadeira paixão nascida do amor.

— Como te sentes? — ouviu Elisea perguntar.

— Bem. O patrão Roger pediu-me para trabalhar uns dias na fábrica para ensinar os escravos a esquartejarem uma vaca.

— Ainda não estás totalmente recuperado, não podes desempenhar uma tarefa tão pesada como essa, a ferida poderá reabrir.

— Já me sinto bem, a sério. Não quero que te preocupes comigo.

— E com quem queres tu que me preocupe? Tu és o meu amor, Servando, o único que tem importância para mim.

— Então já não estás zangada comigo por ter entregado o irmão de Miss Melody?

— Não, já não. Além disso, tu próprio te redimiste ao ajudar o senhor Blackraven a libertá-lo da prisão. Miss Melody perdoou-te?

— Sim, perdoou, embora eu ainda me sinta envergonhado na presença dela.

— Compreendo.

— Ela é uma santa, bem sabes, e sei que me perdoou do fundo do coração, mas o que eu fiz diminuiu-me aos seus olhos e aos teus. A vergonha por me ter comportado como um animal ficará para sempre comigo.

— Não sejas duro, Servando. Os ciúmes e o álcool são maus conselheiros e sabemos que agiste sob a sua influência. O senhor Blackraven ficou a saber que tinhas sido tu a entregar o senhor Maguire? — Duvido. Se soubesse, ter-me-ia pelado o lombo a chicotadas.

— Achas que cumprirá com a sua palavra? De te dar a liberdade dentro de três anos? — Servando encolheu os ombros. — Tenho a certeza de que
sim — animou-se Elisea. — Desse modo poderíamos fugir, ir para longe e casar.

— Mesmo que eu seja um homem livre, não será fácil levar adiante uma vida

juntos. Um negro e uma branca — disse com sarcasmo. — Muitos consideram que é uma união antinatural, obra do demo.

— Não digas isso! O nosso amor é tão puro e nobre como o de qualquer casal de brancos.

Após outro beijo e uma despedida cheia de promessas, o escravo abandonou a casa de Valdéz y Inclán, saltando o muro. Elisea permaneceu encostada ao tronco da tília, suspirando, as mãos no peito, até que um barulho no topo da árvore a fez olhar para cima. Gritou ao avistar alguém no meio dos ramos.

— Não se assuste! — exclamou Amy, saltando para o chão. Os joelhos dobraram-se para suportar a queda, pondo-se logo a seguir de pé.

Elisea recuou, com as mãos na garganta e um trejeito de horror como se acabasse de ver um fantasma. Não pestanejava e mantinha entreabertos os lábios, por entre os quais se escoava a sua agitação.

— Queira desculpar o Arduino, senhorita Elisea. Ele não quis assustá-la, apenas se entusiasmou com um bem-te-vi que está tentando pegar.

— Ouviu tudo — disse, mais para si do que para Amy.

— Tudo — confirmou ela, com ar divertido. — Que acontece nesta casa que o amor paira em cada canto? A sua irmã María Virtudes suspira pelo tenente Lane, o senhor Diogo cada vez mais complacente com a sua irmã Marcelina e a senhorita apaixonada como uma Julieta pelo escravo Servando.

— Vai entregar-nos a Sua Excelência?

— Que ideia? Porque faria semelhante coisa?

— Porque é impróprio.

— Acha mesmo que amar Servando é impróprio? — Elisea abanou a cabeça. — A senhorita acaba de afirmar que o amor que existe entre ambos é tão sublime como o que podem sentir dois seres da mesma raça.

— Ninguém nos julgará assim — disse, desanimada.

— Ninguém? Sou a única a saber do seu amor?

— Miss Melody, a minha irmã María Virtudes e, agora, Sua Mercê.

— Ah, Miss Melody sabe.

— A senhora condessa é a pessoa mais bondosa que conheço.

— Sério?

— Sim, claro que sim — assegurou Elisea, que não captara a ironia de Amy. — Desde que soube, tem-nos ajudado muito, até falou com o meu tio Diogo e com a minha tia Leo para os convencer da necessidade de romper meu noivado com Ramiro Otárola.

— Deve ter sido um escândalo.

— Foi. E todo o peso recaiu sobre os ombros da senhora condessa. Os Otárola culparam-na de ter ficado contra Ramiro por ele ser amigo do filho mais velho

de dom Martín de Álzaga, de quem a senhora condessa não gosta.

— Sim, ouvi alguma coisa a esse respeito.

— Sei que a senhora condessa não se importa nada com quem é amigo de Ramiro Otárola. Estava apenas preocupada comigo. Disse: "Não deves unir-te a um homem que não amas. Serás infeliz durante toda a vida, como a minha mãe foi", e como foi a minha — acrescentou Elisea.

— É verdade o que disseste ao Servando ainda há pouco? Que estarias disposta a fugir para casar com ele?

— Claro que sim! Só penso nesse dia, ainda que sem demasiadas esperanças.

— Eu poderia ajudar-te.

— Sério?

— Claro, ou pensas que só a senhora condessa o pode fazer? — Elisea olhou-a com uma expressão desorientada. — Claro que posso ajudar-te. E, se me permites, ajudarei. Há lugares no Caribe onde vocês poderiam viver como marido e mulher sem terem de enfrentar o escárnio público. Na Jamaica, por exemplo, no Haiti, ou mesmo em Antígua, onde o senhor Blackraven tem uma fazenda. Quando for embora, poderei levá-los comigo, no meu navio, mas antes disso, Servando teria de conseguir sua liberdade, pois não poderia ajudá-lo a fugir como escravo de Sua Excelência.

— Não, claro que não! Deve conseguir a liberdade — repetiu Elisea, em voz baixa e menos entusiasmada.

— A ti poderia ajudar a fugir porque tu és livre.

— Sou?

— Naturalmente que sim! Nós, as mulheres, temos o direito de decidir sobre nosso destino. Suportamos o jugo dos homens durante demasiado tempo. É chegada a hora de nos libertarmos.

— Nunca tinha ouvido uma mulher pronunciar palavras tão ousadas— admitiu Elisea. — Apesar de a senhorita Bodrugan ser uma pessoa muito especial.

— Sim, eu sei que sou — concedeu com uma certa amargura, que Elisea não compreendeu.

— O meu tio Diogo ficaria furioso comigo se eu fugisse com um branco, quanto mais com um negro. E Sua Excelência também.

— Ouvi dizer que o senhor Blackraven prometeu libertar Servando dentro de três anos. É demasiado tempo. Não haverá alguma maneira de antecipar essa alforria? — Oh, sim! Miss Melody poderia convencer Sua Excelência. Ela consegue dele tudo o que quer.

— Estou a ver.

— Falarei com a senhora condessa e pô-la-ei a par do nosso plano.

— Poderemos confiar nela? — Absolutamente.

A caminho da casa de San José, Amy refletia sobre o romance entre Elisea e o negro Servando e voltava a perguntar-se: “Que haverá nesta cidade para que o amor paire no ar?” A maior surpresa tinha sido encontrar Roger, apaixonado, um pinga-amor, na verdade um estúpido. “É-lhe fiel até em pensamento!”, exclamou mais surpreendida do que irritada. Por vezes, dava com ele a observar Miss Melody, absorto, principalmente quando ela tocava piano ou harpa apesar de estar de luto, porque ele insistia tanto e ela, por amor, fazia-lhe a vontade. Sim, amava-o. Não tinha dúvida a esse respeito.

“Será que alguma vez alguém me olhou como Roger olha para Miss Melody?”, perguntou-se e uma torrente de obscenidades brotou dos seus lábios, enquanto tentava eliminar da sua mente o nome de Galo Bandor.

Pensou também na senhorita María Virtudes, dedicada de corpo e alma ao cuidado do tenente Lane, que ficava com cara de palerma sempre que a jovem aparecia no seu quarto. Era bastante divertido ouvi-lo balbuciar frases em castelhano. Sem esquecer Marcelina, que lançava charme ao namorado de uma maneira descarada. A surpresa do romance entre Elisea e Servando vinha apenas reforçar a ideia de que no Rio da Prata convergiam estranhas energias, tornando mais brandos os cérebros e os corações; energias estranhas e traiçoeiras, como estranhas e traiçoeiras eram as águas daquele maldito rio.

Contudo, nada a emocionara mais do que os rumores de que o turco Somar e a escrava Miora estavam perdidamente apaixonados. “Um eunuco apaixonado!” Riu-se, suscitando olhares reprovadores de umas senhoras de preto que caminhavam pela rua atrás dela.

Para Somar, admitir o seu amor por Miora tornara-se numa luta que lhe roubava o sono e lhe azedava o humor. As tardes que partilhavam em São Francisco, ajudando os frades a curar os feridos, e o descaramento de Miora — procurava-lhe o olhar, sorria-lhe, tocava lhe com a mão por acaso, tratava-lhe da roupa, engraxava-lhe as botas e preparava-lhe compotas de coco, gema queimada e figurinhas de maçapão — tinham-no deixado extenuado e ele, que sabia sempre o que queria, naquele momento sentia-se perdido, com os nervos à flor da pele e a mente confusa. Tinha medo, era uma experiência rara e desconcertante.

Os acontecimentos da véspera à noite ameaçavam aniquilar a sua já fraca vontade. Talvez Miora o tivesse surpreendido quando baixara a guarda, depois da notícia do ataque de que Blackraven fora alvo à saída da residência de Casamayor. Meditava no seu quarto sobre a identidade do assaltante quando bateram à porta. “Deve ser Roger”, pensou e abriu sem perguntar.

Miora estava muito bonita, com o cabelo crespo solto sobre os ombros e um vestido vermelho que Miss Melody lhe tinha oferecido e que ela reservava para

usar aos domingos, na confraria de São Baltazar. Pequenina, muito mais baixa do que ele, levantou o queixo e olhou-o fixamente. Somar afastou-se sem falar. Miora entrou e fechou a porta.

— Trouxe-lhe um pouco de pão-de-ló, senhor Somar. Fui eu que o fiz. Barrei-o com doce de figos. Gosta de doce de figos? — Somar assentiu, pegou no pão-de-ló e levou-o à boca numa atitude de menino obediente, sem afastar o olhar de Miora. — Está saboroso? Ainda bem. Fi-lo a pensar em Sua Mercê, pensando se seria do seu agrado, se deveria cobri-lo com creme de açúcar ou com doce de figo. Siloé tinha preparado doce de alperce, por isso fiquei com uma grande dúvida, porque não sabia se Sua Mercê o preferiria ao de figos. Mas como eu gosto mais do de alperce e como sou uma negra inculta, disse para mim que… — Que pretendes de mim, criatura? — Pousou o pão-de-ló no prato como se subitamente tivesse recuperado a sensatez. — Enlouquecer-me? Entre nós não pode existir nada. Eu não sou um homem como os outros, pelo menos não sou o tipo de homem que uma mulher queira ter ao seu lado. Não me obrigues a uma franqueza que poderia raiar a grosseria. Poupa-me a explicações humilhantes. Vai-te embora, sai daqui.

Como a jovem continuava a olhá-lo com aquela expressão cândida e expectante, agarrou-lhe os pulsos e obrigou-a a pôr a mão sobre o seu sexo.

— Não há nada aqui. Consegues entender? Vês que não sou um homem completo? — Mas eu sinto alguma coisa aí, senhor Somar.

A expressão irada do turco transformou-se numa gargalhada seca que perturbou ainda mais Miora.

— Sim, há qualquer coisa, mas não é o suficiente. O que tenho não serve para nada, sem o que me tiraram quando ainda era criança. Não sou um homem completo, compreendes? Não sou um homem completo, não tenho testículos! — Pouco me importa — assegurou a escrava, com domínio e serenidade.

— Não te importas? Pobre mulher. Será que não entendes nada de nada? Somar voltou-lhe as costas e insultou-a na sua língua. Voltou-se, disposto a pô-la fora do quarto nem que tivesse de empurrá-la e, no entanto, ficou tenso ao ver as lágrimas no rosto de Miora. O seu coração encheu-se de pena ao constatar que a garota se esforçava por manter uma expressão digna, evitando romper num choro desenfreado. Obrigou-a a sentar-se, ajoelhou-se à frente dela, pegou-lhe nas mãos e beijou-as.

— Miora — disse, e ambos se sentiram tocados pelo pronunciar daquele nome. até o momento, utilizara sempre outras formas de chamamento, quase sempre “criatura” ou “garota”. — Miora, tens de me esquecer. Tu és tão jovem e tão bonita. Poderás conquistar qualquer homem, o que tu quiseres.

— Eu só quero Sua Mercê — insistiu, trêmula, com uma nota de desespero na voz.

— Que loucura se apoderou de ti? Não compreendes que não poderei satisfazer-te? — Sua Mercê satisfaz-me sempre.

— Não me refiro… — Sei ao que se refere. Não sou parva. — Disse-o com autoridade,num tom de enfado, e o turco Somar ficou calado. —Não me importo que Sua Mercê não possa dar-me prazer na cama, porque sei que é a isso que se tem estado a referir durante todo este tempo. Não quero esse tipo de prazer. Não o desejo. O amo Alcides… — O orgulho diminuiu, baixou os olhos e começou a chorar baixinho.

— Sim, eu sei — afirmou Somar, tomando-a nos braços. — Sei o que o cão do Valdéz y Inclán te fez. E lamento, não sabes quanto o lamento. Mas nem todos são patifes como ele. Um dia acabarás por encontrar um jovem que te ame e te respeite, e a quem tu ames também e ele ensinará o verdadeiro amor. — Enquanto falava, Somar apercebia-se de como lhe era difícil pronunciar aquelas palavras, mas deveria fazê-lo, para bem da garota. Afastou-a de si.

— Senhor Somar, não quero encontrar outro homem, por muitos testículos que tenha. Escolhi Sua Mercê e, se Sua Mercê me privilegiar com o seu amor, fará de mim a mais feliz das mulheres. — Levantou timidamente a mão e apoiou-a na face do turco. — Sua Mercê faz-me feliz sempre que olha para mim, quando me fala, quando é justo com os outros escravos, quando trata com afecto as crianças ou quando o vejo trabalhar e me apercebo de como é forte. Sua Mercê acaba de me fazer muito feliz ao tratar-me pelo meu nome.

— Miora, Miora — sussurrou, permitindo que ela continuasse a acariciá-lo.

“Porque estarei a experimentar esta ventura?”, perguntou-se, pois não se lembrava de o contato com uma mulher lhe ter proporcionado tal plenitude e felicidade. No harém do sultão Mustafá IV, as suas esposas, concubinas e filhas tinham-no procurado desde muito cedo. Com apenas treze anos — ainda que aparentasse vinte —, atraía-as pela sua beleza delicada que contrastava com a robustez do corpo e com o porte altivo e distinto. A habilidade das suas mãos e da sua língua ganhou fama e asseguravam que só ele conhecia o segredo para repetir os orgasmos até a perda dos sentidos.

Entre as mulheres do harém, tratou-se, a princípio, de uma brincadeira, embora, mais tarde, se tivesse instaurado como desafio provocar uma ereção ao eunuco Somar, um dos poucos eunucos imperfeitos do harém — como definiam aqueles a quem não tinham mutilado o membro. Somar salvara o pênis graças às artes da mãe, uma prisioneira francesa que se tornara amante do cirurgião para o convencer a tal. Os eunucos menos afortunados, ou seja, os completos, urinavam por uma cânula de estanho, incômoda e anti-séptica. Uma velha sábia, a favorita

do anterior sultão, afirmava que um eunuco com pênis, podia, em determinadas circunstâncias, obter ereção, adquirindo esta uma dimensão formidável. As mulheres não tardaram a descobrir que, além dos seus encantos e habilidades, as beberagens que o obrigaram a tomar e os unguentos que aplicaram nas suas partes genitais não produziram os efeitos desejados.

O tempo passava e, enquanto Somar abandonava os últimos vestígios da puberdade, as mulheres não perdiam o interesse por ele, empenhando-se na realização do seu propósito, transformado-o no seu passatempo predileto, a que davam quase tanta importância como a de conquistar os favores do sultão. Consultavam feiticeiras, sibilas, bruxos e médicos, gastavam fortunas em filtros, drogas, poções. Embelezavam-se, provocavam-no, aprendiam novas técnicas de sedução, recitavam de cor parágrafos do Kama Sutra e do Jardim Perfumado e, as que tinham jeito para desenhar, copiavam das suas páginas as ilustrações eróticas e punham-nas à frente de Somar enquanto o excitavam. Tudo em vão. Nada ateava aquele apêndice longo e inerte.

Por fim, o sultão resolveu a questão. Conhecedor da obsessão das suas mulheres pelo jovem Somar, mandou castigá-las e decidiu afastar o eunuco do harém. Todos esperavam que o mandasse executar, mas o sultão sentia afeto pelo filho que a prisioneira francesa lhe dera e decidiu salvá-lo, mandando-o para longe, como guardião da sua irmã, a princesa Kaira, que, poucos dias mais tarde, partiria para o Egipto, a fim de desposar um califa, cuja tribo ocupava uma vasta área nas margens do mar Vermelho. No Mediterrâneo, quando faltavam poucas milhas para avistarem Alexandria, a embarcação que transportava a irmã de Mustafá IV sofreu o ataque do pirata espanhol Ciro Bandor, que acabou por ficar com o navio, a tripulação, o dote da princesa turca e os seus servos.

Muitas mulheres tinham acariciado Somar, não com as carícias castas e um pouco desajeitadas de Miora, que lhe passava as mãos pequenas e úmidas pelo rosto, e sim com carícias escandalosas, que o invadiam e lhe exigiam um estado que ele nunca conseguia atingir. Não chegavam a emocioná-lo e menos ainda a proporcionar-lhe a felicidade daquele momento em que Miora, encorajada, lhe tocava os lábios com a ponta dos dedos.

Passou-lhe os braços pela cintura e obrigou-a a ajoelhar-se à sua frente. Puxou-a contra o peito e beijou-a nos lábios. Deu-se conta de que ela nunca tinha sido beijada e essa descoberta encheu-o de orgulho e de um raro sentido de posse. Num ímpeto, colou-a ao seu corpo e com a língua incitou-a a abrir os lábios. Miora soltava leves gemidos.

— Eu também posso dar-te prazer na cama — sussurrou o turco,com os lábios sobre o pescoço de Miora, que cheirava tão bem, parecia a narciso.

— Este momento consigo, senhor Somar, é o mais belo de toda a minha vida.

— Chama-me Somar, apenas Somar.

— Não, o senhor é o meu amo. Apesar de eu ser propriedade do amo Roger, é a si que eu pertenço.

— Miora, que vou fazer contigo? Que procuras? Que pretendes de mim? — Que Sua Mercê me conceda todos os dias um momento ao seu lado. Poderei voltar amanhã à noite? — Vendo que ele hesitava, Miora apressou-se a acrescentar: — Prometo não o incomodar. Ficarei calada, a olhar para si ou a fazer o que Sua Mercê me indicar. Virei sempre limpa e perfumada. Não cheiro bem? — Muito bem.

— É por causa da loção de narcisos que Apolonia, uma das garotas de madame Odile, me ofereceu. Posso voltar amanhã à noite? — Podes voltar, sim. E que Alá me perdoe e te acompanhe.

Com os ingleses fora de cena, Buenos Aires mudou. Os velhos atores misturavam-se com os novos. Enquanto isso, os discursos e as ideias de independência abandonavam os esconderijos e viam a luz do dia, tornando-se os seus defensores ousados.

Blackraven defendia a ideia de que a libertação do vice-reinado poderia vir tanto de Liniers — se se assegurasse a sua autoridade e obtivesse o apoio do governo francês — quanto dos criollos ou dos comerciantes espanhóis do Rio da Prata, com Álzaga a liderar. Das três opções, Blackraven considerava que a última se opunha aos planos da Liga Secreta do Sul e que deveria, portanto, ser neutralizada, o que se conseguiria apoiando o governo interino de Liniers, fortalecendo a sua posição política e tornando-se no seu principal patrocinador, a fim de o afastar da influência napoleônica. O meio mais seguro para atingir os seus propósitos seria patrocinar a organização do exército e da marinha.

Liniers encontrava-se numa posição precária, com as tropas indisciplinadas e uma grande desordem em outras instituições, que frequentemente exerciam os seus direitos e se imiscuíam nos assuntos do vice-rei. Numa situação como aquela, pensou Blackraven, outros considerariam a falta de caráter de Liniers perigosa, podendo acabar por mergulhar a praça num estado anárquico, do qual Álzaga tiraria partido. Mas ele, ao invés disso, apreciava a fraqueza do marinheiro francês, pois esta facilitar-lhe-ia a manipulação. Havia que apressar as coisas e adiantar-se aos movimentos do monárquico basco.

Precisava também de readquirir a confiança do grupo de criollos, junto do qual Juan Martín de Pueyrredón ganhara preponderância, seduzindo-os para que unissem as suas forças às da nova autoridade. Tratava-se de uma jogada complexa, quase um ato de malabarismo, ainda que não fosse mais difícil do que outros levados a cabo no passado. Para Blackraven, a independência do Rio da Prata definir-se-ia como uma partida de xadrez.

— Jantaste ontem à noite com Liniers, não foi? — perguntou ao seu espião Zorrilla.

— Sim, Excelência.

— Mordeille e Duclos estavam também presentes? — Blackraven perguntava pelos corsários franceses cujo desempenho na reconquista granjeara a admiração dos portenhos. Para Blackraven, a presença deles evidenciava a intromissão do imperador Napoleão nos assuntos do Prata.

— Com efeito, Excelência. Jantaram também conosco Fantin e Giraud. Foram convidados muitos oficiais. Uma grande confusão, devo dizer. Quando o ajudante-de-campo entrou com uma carta de Popham, todos insistiram com Liniers para que a abrisse logo naquele momento, apesar de ele querer fazê-lo mais tarde. Finalmente acabou por ler a missiva, ali mesmo, rodeado de todos os outros. Alguns seguravam nas pontas da carta, outros liam-na por cima do seu ombro. Não mencionava nada de importante — acrescentou Zorrilla. — Fazia referência ao preço de umas barricas de vinho que Popham trouxe de um barco de Santa Coloma. Em seguida, desencadeou-se uma grande discussão à mesa e, apesar de Liniers os ter mandado parar, a polêmica prosseguiu e ninguém deu a menor atenção ao seu pedido.

— Falaste com Liniers a sós? — Sim, Excelência. disse que muito em breve passará a ocupar os aposentos do vice-rei no Forte.

— Falaram sobre o exército, como te indiquei? — Sim, Excelência. Liniers espera que os reforços ingleses, que chegarão muito em breve, o encontrem com um exército mais organizado, pois o atual é uma verdadeira calamidade. Não só carece de armamento, como precisa de botas para os soldados, cavalos, comida, uniformes, para já não falar de treino e disciplina. Liniers está consciente de tudo isto.

“Bem”, pensou Blackraven, “tornar-me o primeiro fornecedor do exército do vice-reinado me proporcionará uma posição inultrapassável para manobrar o seu chefe”. Até dinheiro lhe daria através do seu espião. Com Anita Perichon como amante, e uma caterva de filhos, não haveria saco demasiado grande para custear os gastos. Não lho daria de forma demasiado direta, de modo a não levantar suspeitas, visto que também queria tornar-se fornecedor do seu exército.

— Zorrilla — disse Blackraven, enquanto abria um cofre e retirava lá de dentro três bolsas de couro cheias de moedas —, amanhã mesmo pedirás uma audiência com o capitão Liniers e oferecer-lhe-ás um empréstimo de quarenta mil pesos a uma taxa média, digamos, de um por cento anual, a pagar em doze prestações.

— É uma taxa irrisória — arriscou-se a comentar o outro. — Suspeitará certamente da minha generosidade, uma vez que é vox populi que a taxa de juros

normal é de seis por cento ao ano.

— Argumentarás que não és um usurário e sim um fiel servidor do rei. Convencerás Liniers a aceitar o dinheiro como uma ajuda desinteressada para a constituição de um exército que evite uma nova invasão. Dirás que um acontecimento tão lamentável como esse arruinaria por completo os teus negócios. Logo que estejam assinadas essas promissórias, virás aqui entregar-mas.

Blackraven não tinha dúvida de que Liniers aceitaria o empréstimo. Não se destacava pela sua moral, nem ele nem o irmão, o conde. Havia ainda negócios pouco claros no seu passado e o affaire com a Perichon, mantido com tal falta de vergonha, só vinha confirmar a natureza dissoluta do militar francês. "Será como argila mole nas minhas mãos", concluiu Blackraven. Felizmente, a sua relação com Liniers decorria nos melhores termos. Não perderia tempo, iria visitá-lo no dia seguinte para lhe oferecer ajuda. Dispunha de tudo o que fazia falta às tropas: carne -seca e pão sem levedura, couro para botas, cavalos e arreios, peças para uniformes, armas, chumbo para balas, mechas, pólvora e o que não estivesse à mão, como ocorria com cavalos e mulas, canhões e morteiros, consegui-lo-ia.

Quanto ao grupo dos criollos independentistas, Blackraven visitara nessa mesma manhã o doutor Belgrano, o primeiro de quem se aproximava depois da expulsão dos seus compatriotas. Ainda não iria convocá-los a todos, pois suspeitava de que, devido à invasão inglesa, havia desavenças entre eles, por exemplo, em relação a Saturnino Rodríguez Peña, que apoiara abertamente Beresford. O doutor Moreno ainda estava na villa de Luján e de Castelli, não sabia de nada.

Belgrano tinha regressado a Buenos Aires poucos dias após a reconquista, bem-disposto, apesar dos achaques, e cheio de vontade de se entregar à milícia e de se instruir nos assuntos da guerra. A princípio, mostrou-se desconfiado e comentou com bastante tato, que o surpreendia a presença de Blackraven no Rio da Prata.

— As autoridades do Cabildo exigiram-me que abandonasse a cidade — admitiu com um sorriso de satisfação —, mas bastou uma breve reunião com os alcaides de primeiro e segundo votos, com o ouvidor Lavardén e o capitão Liniers, para que se rendessem ao senso comum e entendessem que a minha estada em Buenos Aires acaba por beneficiar o vice-reinado. Sua Mercê conhece a minha opinião acerca das ocupações militares — acrescentou Blackraven num tom intimista. — Sou contra. As ações dos meus compatriotas desgostaram-me e causaram-me muitos problemas. As autoridades do meu país têm de compreender que o mais conveniente para ambas as partes é a independência destas colônias, totalmente abandonadas por Espanha.

— Excelência — disse Belgrano —, nós queremos o antigo amo ou nenhum.

— Compreendo.

— A verdade é que nos falta ainda muito para podermos aspirar a uma empresa que nos conduza à independência, e, mesmo que esta ocorresse sob a proteção de Inglaterra, estou convencido de que os ingleses nos abandonariam acaso lhes fosse oferecido algo mais vantajoso na Europa e então cairíamos novamente sob a influência espanhola.

— Atrevo-me a discordar de Sua Mercê — declarou Blackraven –em ambos os aspectos. Quanto ao faltar muito para poder aspirar à independência, se me permite, a situação indicia bem o contrário. Foi o povo de Buenos Aires, sem qualquer autoridade espanhola, quem expulsou o invasor, tendo conseguido fazê-lo sem o envio de armamento ou de dinheiro. Isso elevou o moral do povo, levando-o a pensar que o sonho independentista está ao seu alcance. Quanto à proteção de Inglaterra, vós não precisais dela, já o disse em inúmeras conversas que tivemos no passado. Podeis e deveis organizar-vos. A criação de um exército é o primeiro passo e para essa tarefa, a experiência e os conhecimentos do capitão Liniers serão de enorme importância.

Zorrilla pigarreou e Blackraven voltou à realidade. Afastou a mão da boca e ergueu os olhos.

— Zorrilla — disse, empurrando as bolsas cheias de moedas para junto do seu informador —, aqui dentro estão quarenta e cinco mil pesos. Deves entregar a quantia indicada ao capitão Liniers e ficar com o resto como compensação por serviços prestados.

— Obrigado, Excelência.

— Como já te disse, amanhã irás ao Forte e pedirás uma audiência com Liniers. Quanto mais depressa concluirmos este assunto, melhor.

— Mal tenha em minha posse as doze promissórias assinadas, fá-las--ei chegar à sua mão, Excelência.

Blackraven assentiu.

— Agora diz-me uma coisa: que novidades há de Álzaga? — No seu círculo íntimo comenta-se que pretende concorrer a alcaide de primeiro voto no ano que vem.

— Quando serão essas eleições? — Logo no primeiro de Janeiro. As novas autoridades são eleitas pelos membros mais destacados do Cabildo, embora seja necessário uma confirmação do vice-rei para que os funcionários eleitos possam assumir os seus postos.

Blackraven recordou-se de que os alcaides ordinários, isto é, os de primeiro e segundo votos, tinham a seu cargo a Justiça do cidadão comum— a da gente sem privilégios, fossem espanhóis, negros ou índios — na sua primeira instância.

Esses alcaides assumiam, por seu turno, questões civis e criminais, e o bastão ou a vara da Justiça que brandiam era o símbolo da sua investidura. Como, regra geral, estes funcionários desconheciam as matérias do Direito, pagavam do seu próprio bolso os serviços de um jurisconsulto, limitando-se, na maior parte dos casos, a assinar as sentenças que estes lhes aconselhavam.

— Quem foi o jurisconsulto de Álzaga quando ele foi alcaide em 95? — quis saber Roger.

— O doutor Manuel Zamudio, mas morreu pouco depois, dizem alguns que devido aos sofrimentos e desgostos que teve enquanto assessor de Álzaga. No ano 95 houve aquele triste assunto, o da conjura dos franceses, em que Álzaga esteve muito envolvido. Dizem que mandou torturar mais de duas vezes os réus, medida que era proibida e muito malvista. Durante esse ano, dom Martín granjeou a antipatia de muita gente.

Blackraven observou o seu informador com um ar pensativo.

— Zorrilla, verifica quais os homens de leis que poderão ser idóneos para ocupar o cargo de jurisconsulto de Álzaga no ano que vem e entrega-me a lista dos seus nomes o mais depressa possível. Que tens sabido sobre os negócios de Álzaga? — perguntou, sem pausa.

— Diz-se que dom Martín está preocupado. Um dos seus agentes viajou para Córdova para visitar o seu cliente mais importante, pois este não tinha efetuado a encomenda habitual. Além disso, enviou o assistente para uma reunião com dom Sixto Parera, um retalhista daqui, de Buenos Aires, que não só é cliente dos armazéns de Álzaga, como ainda lhe deve uma importante quantia em dinheiro. Parece que o bom homem, sob pressão, confessou ter adquirido mercadoria a outro abastecedor. Soube também — referiu Zorrilla — que muito em breve será reclamada uma dívida importante que Álzaga mantém à Casa Ustáriz y Compañia, o seu maior fornecedor gaditano. Anda sem liquidez, o que o traz ainda mais preocupado.

Blackraven manteve-se em silêncio, o olhar fixo num ponto.

— É quase meia-noite — disse subitamente, pondo-se de pé — E retive-te aqui mais do que o tempo necessário. Bom trabalho. Podes ir. Somar! — o turco devia estar atrás da porta, pois apareceu no mesmo instante. — Acompanha o senhor Zorrilla a casa. Leva com ele bastante dinheiro.

— Certamente, milord.

— Boas-noites — despediu-se o informador, abandonando o escritório.

Somar aproveitou para anunciar a Blackraven que O'Maley o aguardava.

— Manda-o entrar — anuiu apesar de se sentir cansado e ansioso por ficar a sós com a mulher.

Era bastante evidente que Edward O'Maley não tinha passado pela sua casa só

para se desembaraçar das marcas de uma longa viagem. Blackraven serviu-lhe um brandy.

— De Galo Bandor, nem rasto, Excelência — informou o irlandês. –Os meus homens e eu cobrimos todas as possíveis vias de escapatória. Ninguém viu nem ouviu falar de um homem com semelhantes características.

— Pode ter passado despercebido.

— É possível, embora um indivíduo com características tão marcadas como as Bandor (louro, de olhos verdes, pele clara e tão alto) não seja fácil de esquecer nestas terras. Além do mais, anda com os seus cinco marinheiros, a não ser que, para nos desorientar, tenham seguido rumos diversos.

— O que te diz a experiência? Bandor já estará no alto-mar ou continuará a rondar Buenos Aires?

— Na minha opinião, Bandor continua em Buenos Aires. Sua Mercê não considerará uma impertinência se lhe perguntar como se encontra a senhorita Bodrugan? Blackraven sabia do afecto que os seus homens, principalmente os espiões do Escorpião Negro, tinham por Amy.

— Sabes, Edward, a tua querida Amy desconcerta-me. Pensei que a fuga desse mal-aventurado do Bandor a deixasse furiosa, em vez disso, vejo-a taciturna, quase deprimida.

— Lamento, senhor.

— Zorrilla acaba de me informar de que Álzaga anda com uma fraca liquidez e que, muito em breve, a Casa Ustáriz lhe exigirá o pagamento de uma dívida avultada. Quero que entres, amanhã mesmo, em contato com o teu informador e lhe peças para ver os livros. Preciso de confirmar ou pôr de parte essa informação. Quanto a Bandor, que os teus homens continuem a procurá-lo.

— Mando-os a El Cangrejal, Excelência?

— Não. Há uma força de guarda poderosa situada em La Butanna. Duvido que se atreva a aproximar-se. Se conseguir fugir do Rio da Prata, será em outro barco.

— Excelência, Somar acaba de me contar que Sua Mercê sofreu um ataque na noite passada. Terá sido gente de Galo Bandor?

— Não sei —admitiu Roger. — Era um africano, com altura acima da média, parecia um titã.

— Mais alto do que Sua Mercê? – perguntou O’Maley, admirado.

— Não me pareceu que fosse mais alto do que eu, mas tinha uma força tremenda.

O irlandês soltou um assobio e abanou a mão.

— Nenhum dos marinheiros de Bandor corresponde a essa descrição, Excelência.

— Nenhum, é verdade.

— Está a pensar nesse assassino a soldo que Fouché contratou?

— Não há como saber. Poderia ser um simples salteador, um escravo ressentido com os ingleses, um enviado de Galo Bandor ou do próprio La Cobra. Neste momento, e com tão pouca informação, é impossível saber ao certo. Agora vai, O'Maley. Não pareces estar em melhor estado que eu. Um bom descanso vai fazer-nos maravilhas.

— É bem verdade, Excelência. Muito boas-noites.

Mal entrou no quarto, Blackraven reparou que Melody escondia o retrato de Jimmy debaixo do lençol e limpava rapidamente as lágrimas com as costas da mão. Em silêncio, evitando olhar diretamente para ela, despiu o casaco que colocou sobre uma cadeira. Foi até a cabeceira da cama e sentou-se, olhando Melody com muita atenção antes de beijá-la na boca.

— Não escondas de mim a tua dor pela morte dele. Não me escondas nada.

— Não se trata de esconder e sim de não me tornar mais um peso para ti. Andas sempre tão preocupado, com tanto trabalho. Hoje andaste todo o dia de um lado para o outro apesar da tua ferida nas costas. — Enquanto falava, Melody acariciava-lhe a testa, tentando que ele relaxasse um pouco. — Penso muitas vezes que as tuas responsabilidades te sobrecarregam e não permitem que sejas feliz.

— Isaura, tu és a minha fonte de alegria, o meu refúgio, a minha única felicidade. Não voltes a pensar que és um peso para mim. Quando o dia me pesa e os problemas me incomodam, basta-me pensar no momento de consolo que partilharei contigo à noite para recuperar o ânimo.

— Sério? Pensas muitas vezes em mim? — interessou-se, num tom divertido e com um ar travesso, enquanto lhe desabotoava a camisa.

— Sabes bem que sim — foi a resposta sussurrada, enquanto lhe beijava o pescoço e passava as mãos pela barriga.

— Está a dormir?

—Depois de dar pontapés na mãe durante toda a tarde, acabou por adormecer. Acho que o seu filho, Excelência, herdou o seu temperamento.

— Ah, então será um grande homem — brincou Blackraven.

— Teimoso como uma mula e com um caráter difícil também. Bem orgulhoso, certamente. E muito ciumento.

Blackraven riu com gosto e beijou-a de novo.

— Pareces a minha mãe quando se queixa de mim. Vá, mostra-me o retrato do Jimmy que escondes debaixo dos lençóis. — Melody entregou num gesto lento. — É de fato uma obra excelente. Quem foi que o fez?

— O escravo de dom Juan Martín. — Melody referia-se a Pueyrredón.— O

seu nome é Fermín Gayoso. É uma excelente pessoa, Roger, e desenha melhor do que qualquer mestre que eu tenha conhecido. Sabes, aqui há tempos, quando o Consulado fundou a Escola de Desenho, proibiram-no de lá entrar por ser negro. Já viste quanta injustiça?

—Minha querida, às vezes parece que não és deste mundo. Porque te surpreendes tanto? Tu, melhor do que ninguém, sabes que os escravos não são considerados pessoas.

— Não aceito isso, Roger, não suporto tal aberração. Sabes o que me contou hoje a Leocadia, uma cabrita do convento das Capuchinhas? —Blackraven, divertido, fez que não com a cabeça. — Que as freiras se revoltaram porque suspeitam que uma das que acabam de professar tem sangue negro. Exigiram que a madre superiora lhes mostrasse o certificado de pureza da pobre infeliz, sob pena de levarem por diante o motim e fazerem um escândalo de todo o tamanho. Acreditas nisto, entre religiosas? Que cristãs são estas?

— O que mais gosto em ti é não teres perdido a capacidade de te surpreender com a maldade deste mundo. Gosto do modo como te enfureces, como abres os olhos, como mexes as mãos. Excitas-me de qualquer maneira, mas quando estás zangada deixas-me louco.

Apertou-lhe a cintura alargada pela gravidez, puxou-a para si e mergulhou o rosto entre as pregas que lhe cobriam o peito e que cheiravam a frangipani.

— Gostas a sério do retrato que o Fermín desenhou?

— Gosto, sim. Porque será que pressinto que estás a aproveitar-te do meu estado de debilidade para conseguires alguma coisa?

Como uma menina travessa, Melody tapou a boca para disfarçar o riso brincalhão. Blackraven agarrou-lhe a cabeça e beijou-a, sugando-lhe os lábios, mordendo-os, chupando-os.

— Vá lá, pede-me o que quiseres. A minha resistência não durará muito mais e depois não terei paciência para te ouvir.

— Poderíamos contratar Fermín Gayoso para pintar os retratos dos garotos e talvez até de nós dois juntos?

— Sim, sim, que Fermín Gayoso pinte também os retratos do Sansão e do Arduino e de todos os escravos se quiseres. Sabes que não consigo recusar-te o quer que seja.

— Se não consegues recusar-me nada, vou continuar a pedir-te coisas.

— Tenho a certeza de que irás pedir-me vestidos faustosos, joias e acessórios a preço de ouro, não é verdade? Como és frívola, minha esposa. Vais conseguir levar-me à bancarrota.

Melody soltou uma gargalhada e acabou abraçada ao pescoço de Blackraven, a rir com gosto.

— Mas eu sou algum boneco para rires de mim dessa maneira?

— Achei graça do que disseste e da tua cara.

— Que queres pedir-me? Vá, diz lá, o que é que desejas assim tanto?

Melody pigarreou e, ainda um pouco agitada, explicou-lhe que precisava de um advogado.

— Em que confusão te meteste? É para o teu albergue?

— Oh, não, não é para mim. É para Antolín, o mulato que vende no Forte e no átrio de San Ignacio e que apregoa: "Biscoitos com mel para quem sofre de fel, biscoitos com açúcar, para a dama pituca." — Blackraven, disse a rir que não o conhecia. — Afinal, o pobre Antolín teve uma condenação injusta e excessiva. O alcaide do bairro de Monserrat vai mandá-lo para a fronteira para servir no exército durante oito anos. Oito anos! E sabes por quê? Por dizer um piropo a Melchora Sarratea! Ela declarou que tinha sido insultuoso. Que nem o merece, a desenxabida! Não te rias, Roger. Isto é sério. É quase impossível sobreviver na condições em que vivem os condenados naquelas terras esquecidas por Deus. Temos de fazer alguma coisa antes que o transfiram para o Sul. Quem achas que poderia ajudá-lo?

— Isaura, meu amor — suspirou, apoiando a testa na da sua esposa. – Vou ajudá-lo por ti, só por ti, para te ver contente. Deixa o assunto nas minhas mãos. E não te preocupes mais. Amanhã mesmo irei a casa do doutor Moreno. Talvez tenha voltado de Luján e decida tirar o teu querido Antolín deste aperto.

— Tenho certeza de que ele aceitará — declarou Melody,e o seu entusiasmo agradou a Roger. — Sabes, a Lupe contou-me que ele em Chuquisaca ajudou os índios que eram explorados devido à prática da mita. É um homem com um grande sentido de justiça.

— Tratarei também de contratar os serviços de Gayoso. Tenho uma visita pendente a casa de Pueyrredón. Vou falar com ele e pedir-lhe que autorize o seu escravo a realizar esse trabalho para ti.

— Obrigada, obrigada, meu amor! O Papá Justicia contou-me
que Fermín… Calou-a com um beijo.

— Basta de falar de escravos. Fala-me agora de ti, enquanto tomo um banho. — Começou a tirar as botas. — Vá, diz-me o que fizeste hoje. Não, não saias da cama que podes apanhar frio.

— Não apanho nada — objetou, enquanto vestia o robe de lã. — Trinaghanta acaba de pôr mais brasas na braseira. A temperatura está muito agradável aqui, não achas? — Melody continuou a falar, enquanto lhe entregava uma barra de sabão de benjoim, as toalhas, a navalha da barba e outros utensílios. — Mas tenho medo de que a água do teu banho tenha arrefecido. — Levantou a manta que cobria a tina e mergulhou a mão.— Ah, bem. Está perfeita, meu amor.

Ergueu os olhos. O seu sorriso desvaneceu-se lentamente à medida que o seu olhar se perdia no corpo nu de Blackraven. Ele observava-a com aquela expressão de desejo, que ainda lhe tirava o fôlego e a fazia sentir-se bela. A nudez do marido ainda a afectava como naquele mo mento no rio, meses antes; deixava-a imóvel; e também como naquela altura em que, apesar de estar vestida, se sentiu incomodada e em desvantagem, talvez devido ao à-vontade que Roger se mostrava, como se estar despido fosse o seu estado natural, como se mostrar-lhe o corpo o enchesse de satisfação.

Demorou o olhar na atadura que ele tinha à volta do dorso. Aproximou-se, sem o olhar e tirou-a. A ferida, cosida com linha de pesca, tinha-se fechado, formando uma linha seca, com uma boa cor. Acariciou-a com a ponta dos dedos e percebeu que ele era percorrido por um ligeiro tremor que lhe eriçava a pele.

— És tão bonito — disse num sussurro, a boca colada a sua pele.

A respiração de Blackraven tornava-se pesada e ruidosa à medida que Melody aprofundava as suas carícias, tocando-lhe, beijando-lhe as marcas do peito e dos braços.

— Nem sequer me ouviste quando te pedi que hoje ficasses sossegado — protestou. — Ainda ontem à noite te fizeram essa ferida nas costas, Roger. Porque és tão duro e tão exigente contigo próprio? Não vês que me angustia ver que não tratas de ti como deverias? Arriscas-te tanto! Que seria de mim e do nosso filho se alguma coisa te acontecesse? Blackraven não respondeu. Melody ajoelhara-se e com o delicado roçar dos seus dedos fazia-lhe umas cócegas enervantes, ao mesmo tempo que examinava as cicatrizes que encontrava ao afastar-lhe os pelos das pernas. “Esta marca é muito recente”, pensou, “assim como esta que acabo de ver no antebraço direito”, e apesar de curiosa, não quis perguntar-lhe nada. Em vez disso, meteu na boca o pênis de Roger que crescera diante dos seus olhos. Ele soltou um gemido profundo e pegou-lhe na cabeça encostando-a à sua pélvis.

Blackraven queria apreciar cada pormenor: os dedos dela mergulhados na carne das suas nádegas, as carícias da sua língua sobre a glande e a delicada fricção dos seus dentes. Tinha-a moldado aos seus desejos e, mesmo assim, notava a inexperiência de Isaura. Porém, se isso noutra mulher o teria deixado impaciente, nela surtia o efeito contrário: excitava-o tremendamente.

— Meu Deus, como me fazes tremer! Levou-a para a cama, levantou-lhe a camisa e despiu-lhe as culotes. Em seguida, acariciou-lhe o corpo demoradamente. Aquela plenitude de Isaura comovia-o. A generosa feminilidade do seu corpo provocava-lhe uma imensa satisfação.

Melody respirava pela boca e mesclava os seus arquejos com gemidos de prazer.

— Roger, por favor — ouviu-a suplicar.

Melody gostava tanto do momento que antecedia o orgasmo como do próprio orgasmo. Ele ia chegar, de um momento para o outro, e essa onda de prazer deixá-la-ia devastada. A certeza de se tratar de uma chama fugaz que podia esfumar-se, dominava-a e fazia-a perder a consciência por completo.

Acabaram entre gritos e exclamações em inglês, que logo a seguir os levariam a perguntar-se se não teriam acordado as crianças. Acontecia sempre o mesmo.

Melody tinha caído de lado sobre a cama, por causa da barriga. Blackraven, colado aos seus ombros, respirava agitadamente com a testa na sua omoplata. Ele conservava ainda a tensão do orgasmo e apertava-lhe os quadris com o mesmo ímpeto, e Melody, que antes não dera por isso, reparava agora que lhe doía um pouco.

— Toca-me na barriga — pediu-lhe, e ele meteu a mão debaixo da camisola.

— Queria senti-lo mexer dentro de ti.

— Às vezes, quando passo muitas horas sem o sentir, fico angustiada — confessou ela. — Receio que lhe tenha acontecido alguma coisa. Nessas alturas, encosto-me assim, desta maneira que lhe desagrada e volto a sentir a alma quando ele recomeça a dar pontapés. Não me importo que ele fique incomodado.

— Como sabes que ele não gosta dessa posição? Melody encolheu os ombros.

— Sei, e pronto.

— Talvez esteja a mexer-se por estar contente.

— Não. Sei que ele não gosta.

Blackraven compreendeu que o elo entre Melody e aquele menino o ultrapassava. Tratava-se de uma ligação que ia para além do seu entendimento e estranhou o fato de, sendo ciumento como era em relação à mulher, em vez de ciúmes, sentir apenas alegria. Para ele, Melody e o bebê constituíam uma única realidade: a sua vida.

Depois daquele silêncio, disse: — Amo-te, Isaura. Não, o que me liga a ti é mais do que amor. Não sei o que é. Não sei como explicá-lo.

Abraçou-a com um ímpeto contido que fazia Melody tremer e ela sentiu um infinito amor naquele gesto, misturado com medo e alguma tensão.

— É um amor muito pouco comum — explicou ela. — É amor eterno. — Voltou-se e abrigou-se no seu corpo. — Nunca terminará, Roger, nem o tempo nem a morte poderão pôr-lhe fim. Roger Blackraven — disse pouco depois —, amor da minha vida, razão única da minha existência.

Sorriu-lhe, e por instantes, ficou a ver como o sorriso lhe chegava aos olhos. Isaura era incapaz de ocultar a alma, cada uma das suas ex pressões refletia a sua verdadeira emoção; ele não lhe conhecia expressões simuladas.

— Minha doce — sussurrou, beijando-lhe a ponta do nariz. — Vens tomar um banho comigo?

Vendo que ela concordava, ajudou-a a despir o robe e a camisa de dormir, desfez-lhe a trança, e o cabelo espalhou-se sobre as suas costas, parecendo-lhe mais liso e abundante do que da última vez que o vira. Já lhe chegava às nádegas.

— O teu cabelo é magnífico, embora me pareça um pouco diferente, mais bonito se é que tal é possível. Nunca o tinhas tido tão comprido.

Blackraven afastou-se, tentando encontrar o melhor ângulo para obter uma perspectiva de onde pudesse apreciá-la — as maçãs do rosto mais cheias, os peitos enormes com mamilos rosados, a barriga de seis meses, as pernas e ancas arredondadas — graças ao espelho de cavalete.

— Se a ideia de que outro homem te pudesse ver despida não me deixasse furioso, mandava-te pintar assim, exatamente como estás agora.

— Poderias ser tu a pintar-me — disse Melody —, não seria muito difícil. Bastava que desenhasses uma bola com cabeleira.

Blackraven riu-se com gosto. Voltou para junto dela, abraçou-a, sem deixar de se rir e mordiscou-lhe o ombro, enquanto lhe garantia que ela estava tão apetitosa que tinha vontade de a comer. Ela agitava-se cheia de cócegas, ria-se e pedia-lhe que parasse. Lentamente, apercebendo-se da sua pequenez e vulnerabilidade, uma emoção terna mudou a atitude de Blackraven que acabou com a brincadeira. Manteve-a cingida contra o peito e foi com dificuldade que se separou dela.

— Vamos para a tina.

Admirou a habilidade com que Melody agarrava o cabelo na base da nuca e o prendia com duas travessas. Ele entrou primeiro e estendeu-lhe a mão para a ajudar a sentar-se, as costas encostadas ao seu peito.

Rodeou-a com as pernas e com os braços e repousou as mãos sobre o seu ventre. O menino não se mexia. Beijou-lhe o ombro e as marcas do ferrete às quais se habituara tanto como a todos os traços do corpo de Melody e sorriu ao constatar que ela não se importava. Parecia que tinham passado muitos anos desde a noite em que lhe confessou que as tinha.

Iniciaram uma conversa serena, entre sussurros.

— Achas que o meu irmão Tommy estará bem, lá longe, no alto-mar? — Há-de estar, se Deus quiser! — Ele foi sempre tão livre, Roger. Penso às vezes, se se habituará à clausura e à disciplina de um barco. O capitão Malagrida contou-me no outro dia que, num barco, a disciplina é tudo. Não sei se o Tommy estará à altura.

— Deixa isso nas mãos do capitão Flaherty. Ele saberá instilar alguma

sensatez na cabeça do teu irmão. O rapaz aprendeu também uma lição nas masmorras do Cabildo e não me parece que se comporte com a mesma leviandade com que se comportou no passado.

— Roger, não sabes como te agradeço por teres ajudado o Tommy,apesar de todos os problemas que ele nos causou.

— Disse-te um dia, há algum tempo, que faria qualquer coisa por ti.Já te esqueceste? — Melody disse que não com um gesto de cabeça. —Qualquer coisa — sublinhou, enquanto a beijava atrás da orelha. — Meu amor, na próxima semana farei uma viagem de negócios à Banda Oriental.

Serão poucos dias.

— Que negócios? — perguntou desanimada.

— Dona Rafaela del Pino…

— A ex-vice-rainha?

— Ela mesma. Ofereceu-me parceria numas pedreiras de cal que possui na Banda Oriental, poucas milhas ao norte de Montevideu.

— Quer dizer que conheces a dona Rafaela?

— Era muito amigo do marido dela.

— O que foi vice-rei antes de Sobremonte?

— O próprio. Dom Joaquín foi dos primeiros amigos que tive quando cheguei a Buenos Aires. Dona Rafaela, que é uma mulher muito afectuosa, gostava muito de mim, e eu dela. disse que gostaria muito de te conhecer.

— Quando voltas?

— Dentro de quinze dias, o mais tardar.

— Quinze dias!

— Passarão num abrir e fechar de olhos.

— Dizem que a frota inglesa está cercando o porto de Montevideu. Como farás para lá chegar? Não quero que te exponhas demais.

— Fica tranquila que não me acontece nada de mal. Confia em mim. –Para lhe desviar a atenção, perguntou: — Foste hoje ao albergue? —Sim. A Simonetta Cattaneo foi comigo. Ficou muito impressionada com a obra e prometeu ajudar-nos. Tenho a impressão de que é uma mulher muito rica.

Blackraven tomou nota mentalmente: pedir a O’Maley para seguir os passos da italiana e para que a investigasse. Melody estava a habituar-se à sua companhia e apesar de nunca sair sozinha — Milton, Shackle ou Somar escoltavam-na —, não ficaria descansado enquanto não afastasse todas as suspeitas. Embora não conhecesse pessoalmente a tal Simonetta Cattaneo, dava crédito aos boatos que a davam como uma mulher peculiar, um tanto ou quanto excêntrica.

— Porque dizes que ela é rica? — Pelas roupas que usa, pelas joias, pelas

coisas que conta da sua vida em Itália. Mas não penses que é fútil ou pedante, muito pelo contrário, é uma pessoa simples e as referências que fez surgiram naturalmente em conversa.

— Voltando à questão do albergue — disse Blackraven —, lembra-te deque deverás deixar nas mãos de Somar as questões dos mestres-de-obras, carpinteiros, pintores e outros. Não quero que trates dos assuntos com eles, Isaura.

— Fica tranquilo, o Somar trata disso.

— Amanhã jantarei em casa dos Montes.

— A Pilarita já voltou? — alegrou-se Melody.

— Sim, chegou ontem de San Isidro com as crianças, mas o barão já está na cidade há alguns dias para tratar de negócios.

— Vou escrever-lhe uma carta e tu poderás levá-la, está bem, meu amor? — Blackraven disse que sim. — Tenho tanta vontade de vê-la. Achas que ficaria escandalizada se a convidasse para vir aqui apesar do luto?

— Não costumas dizer que Pilar Montes é uma mulher sensível e com discernimento?

— Sim, mas ainda assim…

— Eu pedirei que venha visitar-te. Quero que, aos poucos, recomeces a ter a tua vida.

— Oh, mas eu tenho levado uma vida quase normal. Não observei praticamente luto. Devo ser o falatório de todos os salões.

— Não é verdade. Ainda continuas com essas roupas pretas, os postigos da porta da frente mantêm-se fechados, madame Odile não pode vir visitar-te, nem as tuas outras amigas e só sais de casa para ir à missa, ao cemitério ou às obras do albergue. Dentro de poucos meses, esta casa se encherá de alegria com o nascimento do meu primogênito e, quando isso acontecer, não quero vestígios de tristeza por aqui. Era o que o Jimmy teria desejado.

Apesar de ter ficado em silêncio, Blackraven não sentiu que Melody tivesse ficado ofendida ou desanimada.

— Queres que te faça a barba? — ouviu-a dizer, e o seu temperamento alegre tranquilizou-o.

— Não, fica aqui mais um bocadinho ao pé de mim, pelo menos até a água arrefecer. Só entre os meus braços tenho a certeza de que estás segura. O resto do tempo, mergulho num profundo desassossego.

— Eu, então, sinto-me segura desde que estou contigo e não tenho medo de nada. Vivia sempre assustada depois da morte do meu pai. —Ainda não tinha terminado a frase, já Melody se arrependera de ter feito referência ao passado, pois sabia o quanto o entristecia. — Sabes uma coisa? — apressou-se a dizer–.

Suspeito de que Somar está apaixonado por Miora. Ela está apaixonada por ele, confessou-mo aqui há alguns dias.

— Isaura — declarou Roger —, deverias prevenir Miora de que é melhor não ter ilusões.

— Referes-te à condição de Somar? De ser castrado?

— Sabias disso?

— É o que se diz dele.

— Queres dizer que Miora sabe da condição de Somar?

— Sim, e não se importa.

— Bem, isso é mesmo inesperado.

— Gostaria que Somar e Miora se casassem.

Voltou-se para ver a reação do marido que sorriu, enternecido pela simplicidade, pela capacidade que tinha de se alegrar com a felicidade dos outros.

— Desaprovarias, Roger?

— Se Somar e Miora quiserem se casar, o que tenho com isso? Com que fundamento? Além disso, poderia me opor, estando tu a favor deles?

Melody segurou a cabeça de Blackraven com as mãos e beijou-o na boca. Ele ficou imóvel, a atenção presa na textura daqueles lábios sobre a sua boca, que se moviam com uma lentidão deliberada, como se de lânguidas carícias se tratasse. Melody levou as mãos à nuca de Roger e aprofundou o beijo, incitando-o com a língua, passando-a pelo céu da boca dele e pelas gengivas até que ele a dominou, sugando-a por entre gemidos eróticos.

— Oh, meu Deus, Isaura.

Melody adivinhou a ansiedade de Blackraven e a velocidade das suas mãos que a agarraram pela cintura e a levantaram. Naquela posição não conseguia vê-lo, por isso, fechou as pálpebras e imaginou os gestos que lhe acompanhavam os gemidos. Ele costumava fechar os olhos e morder o lábio inferior para evitar ruído. A maçã de Adão subia e descia muito depressa e por vezes proferia um grito silencioso e ficava em suspenso, a boca aberta, sem ar, enquanto as suas investidas se tornavam lentas, ainda que, paradoxalmente, mais bruscas. Terminava com um lamento obscuro e seco, que a fazia sempre estremecer e que a excitava, mas, acima de tudo, que lhe recordava a força do Quarto Arcano, no seu império, aninhando-se logo a seguir no fundo do seu ser um sentimento primitivo de submissão e entrega. Adorava conhecê-lo na intimidade, quando ele se despojava da armadura e lhe mostrava, confiante, as suas fraquezas, o seu amor por ela. Adorava a intimidade que partilhavam.

Com o braço direito, agarrava-se à nuca de Blackraven, enquanto lhe fincava os dedos da mão esquerda no antebraço, notando a tensão nos músculos e nos

tendões devido ao esforço de a levantar e de a penetrar uma e outra vez. Receou que a ferida das costas se abrisse, mas desistiu de falar no assunto, convencida de que Blackraven se entregara àquele impulso frenético e não poderia nem quereria parar. Os seus movimentos de vaivém agitavam a água e formavam pequenas ondas que transbordavam da tina e molhavam as tábuas do chão.

Melody mordeu a mão para não gritar e, sem se dar conta, entrelaçou os dedos no cabelo de Blackraven, puxando-o com força à medida que atingia o auge de um prazer oculto e embriagador. Ouviu-o arquejar e, momentos depois, apercebeu-se de que afastava a mão da boca.

— Isaura, diz-me, quero ouvir da tua boca. Gostas de me ter dentro de ti? — Sim — balbuciou ela, assentindo, de olhos fechados, a boca entreaberta.

— Onde gostas mais que te toque? Aqui? — roçou com a palma da mão nos seus mamilos endurecidos.

— Sim, aí, aí, Roger — acrescentou num fio de voz. — Sai de mim e volta a entrar — pediu-lhe. — Mais fundo desta vez, quero sentir-te mais fundo dentro de mim.

Ele obedeceu e ambos acompanharam a nova penetração com um gemido rouco.

— Sabes? Tens os seios mais bonitos que conheço. — Agarrou-os sem interromper o movimento dos polegares sobre os mamilos, provocando em Melody uma sucessão de pequenos gritos abafados.

Cada uma das palavras de Roger tinha o propósito de a levar de novo ao orgasmo, de o intensificar e prolongar. Melody sacudia a cabeça de um lado para o outro e o bamboleio das suas nádegas sobre a pélvis de Blackraven falava do delírio frenético que a dominava. Como sempre já se esquecera das crianças e dos criados e gemia livremente.

— Diz-me que gostas de mim.

— Sim, Roger, sim!

— Adoro mergulhar em ti, muito fundo. Adoro que me tenhas dentro de ti, que só desejes a mim, que só penses em mim! Vá, diz-me que é assim.

— Só desejo a ti, meu amor, só a ti.

— És minha, o teu corpo é meu — insistia com uma veemência que não ficava atrás da precisão da sua técnica de bom amante.

Blackraven soltou um longo suspiro e não voltou a falar até o momento em que, entre murmúrios lascivos, pronunciou em inglês, com a sua voz tensa: — Isaura, my love! De certo modo, aquela experiência era tão nova para Blackraven como para Melody, pois, apesar de ter ido para a cama com muitas mulheres, a verdade é que Roger nunca experimentara a fusão de corpos e almas que ocorria quando possuía a mulher naquela rendição cega, totalmente liberta

de suspeitas, e aí residia o segredo da grande diferença que tornava novo um ato que lhe era tão familiar. De pois de se retirar do corpo de Melody, continuavam fortemente unidos.

— Só fiz amor contigo — confessou-lhe, dando seguimento à sua linha de pensamento, num tom tão agitado que Melody não entendeu o que queria dizer. — Só contigo fiz amor.

Demoraram a se recuperar e saíram da tina porque começavam a sentir frio. Melody cambaleou, os olhos fechados e a pele eriçada e Blackraven teve de a secar e de lhe vestir a camisa de dormir. Finalmente, apagou as velas e meteu-se na cama. Estreitou o corpo morno de Melody e soltou um suspiro de satisfação. Apesar da escuridão, as brasas lançavam uma luz ambarina sobre as suas feições. Contemplaram-se em silêncio, demasiado emocionados e perplexos para conseguirem falar.

— Fazes-me tão feliz — sussurrou ele.

— Na manhã em que te conheci — disse Melody —, não podia imaginar que Deus me reservasse este presente. Nunca imaginei que Deus me daria tudo.

XV

Uma mão acariciava-lhe a testa e uma voz familiar tentava despertá-la. Melody dava-se conta, mas não conseguia descolar as pálpebras.

— Senhora — insistiu Trinaghanta —, quer que lhe traga o pequeno--almoço? — Que horas são? — Dez e meia.

“Tão tarde!”, pensou enquanto esticava o corpo e a sensação de dor prazenteira, que lhe percorria as pernas, os braços e as costas, lhe trazia à memória a escandalosa noite de paixão com Blackraven.

— E o meu marido? — O patrão Roger também se levantou tarde. Tomou o desjejum e foi a casa do doutor Moreno. Deu-me ordens para que a deixasse dormir.

Por volta do meio-dia, quando Melody estava com as crianças na sala de estudos, Gilberta pediu para falar com ela.

— Trata-se da negra Escolástica — explicou, referindo-se a uma escravas de El Retiro, a quem Melody dedicava um afecto especial. —Está na cozinha, lavada em lágrimas, e pede para falar com Sua Mercê. Apesar de ainda não ser a hora da sesta, Siloé e eu achamos que Sua Mercê era capaz de querer vê-la agora, porque depois com a confusão que se forma em frente ao portão das traseiras, não conseguirão falar em paz.

Melody entrou na cozinha que estava cheia de escravas a cochichar. Ao vê-la, a negra Escolástica pôs-se de pé de um salto e ajoelhou-se à sua frente.

— Sabes que não gosto que te ajoelhes à minha frente — admoestou Melody. — Por favor — disse, dirigindo-se às outras —, deixem-nos a sós.

Voltem aos seus afazeres. Vamos, Escolástica, senta-te aqui e conta-me o que se passa contigo.

A escrava contou-lhe que Florestán, um escravo alforriado que trabalhava num talho na zona de El Retiro, a tinha pedido em casamento.“Deve estar muito apaixonado pela Escolástica”, pensou Melody, pois não são muito frequentes as uniões entre escravos libertos e escravas, visto que os filhos mantêm a condição da mãe, já para não referir que só lhes era permitido coabitarem durante algumas horas aos sábados à noite ou aos domingos. Mas esse não era o problema da garota.

— Mal obtivemos a permissão para casar do patrão Roger — referiu Escolástica —, fomos falar com o padre da igreja do Socorro, o padre Celestino. — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e prosseguiu num fio de voz: — O padre não quer nos casar frente ao altar, Miss Melody. Diz… ele diz

que os cães não são dignos de estar frente ao altar do Santíssimo. Só nos casará na sacristia. Foi o que nos disse.

— Por amor de Deus! — protestou Melody, furiosa.

Pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro, torcendo as mãos.

— Como chegaste à cidade? — Foi o Florestán que me trouxe de burro, Miss Melody. Ele está ali fora, à minha espera.

— Volta para El Retiro, Escolástica. Enviarei uma mensagem mal encontre solução para o teu problema. — Ao ver o trejeito da garota, acrescentou, mais serena: — Não te preocupes que tudo vai correr bem. Tu e Florestán se casarão no altar do Santíssimo.

— Obrigada, Miss Melody. — Inclinou-se, pegou-lhe suas mãos e beijou-as. — Obrigada. Não queria incomodar Sua Mercê, devido a seu estado porque o patrão Roger podia se zangar, mas a verdade é que não sabíamos a quem recorrer.

Melody avaliou as várias alternativas. Descartou quase de imediato uma visita ao bispo Lué y Riega. Considerava-o uma criatura infame que nunca afastava os olhos do seu decote. Além disso, não tinha dúvidas de que ele apoiaria o padre Celestino. Por outro lado, suspeitava de que Lué faria uma cena e de que teria de ouvir um sermão por o ter ido visitar num estado de gravidez tão avançado. Suspirou e levou a mão à testa, cansada dos falatórios. O seu nome estava já demasiado enlameado para continuar a alimentar as conversas que surgiam de todo o lado.

Pedir explicações ao padre Celestino não iria dar em nada. Melody conhecia bem a sua aversão aos africanos e a sua mentalidade estreita e mesquinha. Ameaçá-lo de lhe retirar os donativos que o conde de Stoneville, como vizinho principal da zona de El Retiro, efetuava mensalmente a favor do Socorro, talvez fosse uma solução, mas ela não era capaz de uma atitude tão baixa.

Por fim, sentou-se frente à sua pequena mesa e, sem contemplações pelo luto, escreveu à amiga Pilarita, pedindo-lhe que a fosse visitar nessa mesma tarde, e também ao padre Mauro, para que a recebesse no locutório do convento. A baronesa de Pontevedra apareceu às quatro da tarde, e Melody sentiu um grande alívio ao comprovar que a amiga continuava a gostar dela e que as famosas transgressões da condessa de Stoneville às normas do luto para ela não valiam um caracol.

— Senti muito a tua falta — confessou Pilarita.

— Peço-te desculpa por te ter convocado com tanta premência. Sei que hoje à noite tens convidados em casa e que deves estar muito atarefada.

— Oh, não te preocupes com isso. As minhas garotas — era assim que Pilarita chamava às escravas e às suas protegidas — estão a tratar de tudo. Fiquei muito

contente por me teres convidado. Diz-me, em que posso ajudar-te? Sentaram-se e enquanto Trinaghanta lhes servia um chocolate quente, acompanhado de biscoitos de anis, Melody falou-lhe da atitude do padre Celestino para com Escolástica e o seu noivo.

— É uma crueldade — declarou chocada a delicada baronesa ao mesmo tempo que as maçãs do seu rosto se tingiam de rubor. — Que tipo de sacerdote é esse padre Celestino? Melody expôs-lhe o seu plano com alguma hesitação, pois tratava-se de uma ação ousada: unir pelo matrimônio um casal de africanos na ca pela particular da baronesa de Pontevedra, a casa mais sumptuosa da cidade, era sem dúvida um desatino. Mas Pilarita achou uma boa ideia.

Acrescentou, porém: — Teremos de efetuar o casamento quando Abelardo não estiver em casa.

— Não queria criar-te problemas com o teu marido. Nem que ele ficasse zangado comigo, prejudicando a sua amizade com o Roger. Sabes bem que eles têm negócios juntos. A verdade é que — admitiu Melody — o casamento poderia ser efetuado em qualquer lugar. Falei com o padre Mauro e, apesar de me ter dito que não o celebraria em São Francisco, porque os seus superiores nunca autorizariam (sabes como é, não se entendem bem), aceitou casá-los onde nós decidíssemos. Como te digo, poderíamos casá-los aqui, em San José, ou em El Retiro, mas a pobre Escolástica quer fazê-lo numa igreja, frente ao Santíssimo, e eu não gostaria decepcioná-la. Já sofrem tantas decepções… A cerimônia teve lugar seis dias mais tarde no oratório particular da casa da Santísima Trinidad, consagrado pelo anterior bispo, Azamor y Rodríguez. Foi uma cerimônia cheia de emoção, com muitas lágrimas e sorrisos. Terminado o ritual, Florestán aproximou-se de Melody e agradeceu-lhe, muito emocionado, por ter feito tão feliz a sua querida Escolástica.

— O meu marido — disse Melody — aceitou que Escolástica viva contigo, Florestán, desde que se apresente todas as manhãs ao trabalho no moinho de El Retiro.

— Oh, sim, Miss Melody! Lá estarei — assegurou a escrava, e Melody não se atreveu a dizer-lhe que, talvez muito em breve, conseguisse a liberdade para todos.

— Estás satisfeito com o teu novo trabalho na fábrica de curtume? — perguntou a Florestán.

— Muito satisfeito, senhora. O pagamento é muito bom, muito melhor do que no talho de dom Pintos. Ontem fiz uma demonstração do meu trabalho e o senhor Green — Florestán referia-se a um dos mestres curtidores irlandeses — disse ao senhor Blackraven que eu sou um hábil salgador.

— O que é um salgador? — interessou-se Melody.

— Um salgador é aquele que acomoda as fatias de carne nas barricas com sal para a cecina. É preciso fazer este trabalho com destreza, evitando que alguma parte fique exposta, procurando colocar as fatias bem unidas umas às outras, para que o ar não as faça apodrecer. O senhor Blackraven prometeu-me que, quando Servando, que é muito hábil com a faca, acabar de ensinar os rapazes a esquartejar uma vaca, eu ficarei no seu lugar.

— Conheceste dom Diogo?

— Sim, senhora. O senhor Blackraven apresentou ontem mesmo.

— Ele trata bem os escravos e os outros empregados?

Florestán hesitou um pouco antes de responder.

— Antes era um verdadeiro demônio — declarou Escolástica com espontaneidade. — Perdão, Miss Melody.

— Só vou à fábrica de curtume há dois dias, senhora, e não poderia responder à pergunta. Segundo se comenta, dom Diogo é um homem de personalidade muito forte, ainda que não maltrate ninguém, quer dizer, não usa o chicote. Servando diz que o senhor Blackraven o proibiu de o usar.

Apesar de o casamento de Escolástica e Florestán ter sido planeado com a maior discrição e de só terem estado presentes Melody, Pilarita, Lupe — já de regresso da vila de Luján — e Trinaghanta, a notícia espalhou-se como fogo aceso em palheiro. Durante dias, os sermões do padre Celestino tiveram como tema a afronta feita ao Altíssimo, quer a liturgia falasse do amor ao próximo ou da parábola do bom samaritano. O próprio bispo Lué referiu o tema, recordando a obediência que os paroquianos deveriam ter para com as decisões do clero. Quanto às senhoras de bom-tom, embarcaram numa maré de críticas que durou semanas e que fez com que o nome de Melody voltasse a ser sinônimo de pouca-vergonha e vulgaridade.

— Que quer afinal essa mulher? — perguntou dona Magdalena, a esposa de Álzaga. — Onde pretende chegar? Quererá que os negros sejam tratados de modo igual às pessoas decentes? Que convivamos com eles como se fossem nossos iguais? — Que Deus nos livre e guarde! —exclamou Saturnina Otárola. — Ainda não consegui tirar da cabeça a imagem daquela negra a entrar em São Francisco com aquela roupa de rameira e aquela expressão superior. Onde iríamos parar se uma mulher de virtude valesse o mesmo que uma negra libidinosa? — Seria o fim do mundo — pressagiou Melchora Sarratea, que já sabia que o Anjo Negro tinha contratado um advogado (aquele ateu do Mariano Moreno) para apelar da sentença do alcaide de Monserrat contra o negro Antolín.

De qualquer modo, e embora todas se recusassem a admiti-lo, o que mais as indignava era ver que o Anjo Negro tinha conseguido cair nas boas graças da

baronesa de Pontevedra, uma das mulheres mais admiradas de Buenos Aires.

Melody lamentava o escândalo, não por si, apesar de a magoar, mas principalmente por Roger.

Teria preferido jantar em sua casa, sobretudo porque no dia seguinte partiria para a Banda Oriental. Ia sentir saudades das refeições em família, com Melody e as crianças, Malagrida, Amy Bodrugan e um ou outro convidado ocasional. Não gostava de comer sozinho, trazia-lhe recordações da infância, no castelo de família na Cornualha e, apesar de, em terra ou no mar, sempre fazer questão de se rodear dos seus homens e amigos, só depois do casamento com Melody experimentara o verdadeiro sentido de família e pertença que a comida partilhada poderia dar.

Também em casa de Pueyrredón se respirava uma atmosfera agradável. Não ficara surpreendido com o convite, diria mesmo que o espera va. Dias antes, quando o visitara com a desculpa de contratar os serviços de Fermín Gayoso, tinham tido uma longa conversa, durante a qual Blackraven expusera as suas ideias republicanas e independentistas. Dada a parcimônia com que Pueyrredón acolhera as suas afirmações, ficara bem evidente que conhecia a sua posição. Belgrano, Nicolás Rodríguez Peña ou algum outro já lha teriam transmitido. Pueyrredón sabia também, e assim o manifestou, que Blackraven abasteceria o exército de Liniers, “e a preços que refletem a sua sensibilidade republicana, Excelência”.

Juan Martín de Pueyrredón presidia à mesa, e a sua fisionomia de irlandês, que herdara por parte da mãe, tornava-se mais purpúrea à medida que os escravos serviam sem pausa um excelente vinho do Priorato. De temperamento afável, possuía uma vontade férrea e depreendia-se, pelo modo como se expressava, a paixão que dedicava às questões que mais o tocavam, como a independência do Rio da Prata. A sua tenacidade, assim como o apoio dos irmãos, foi o suficiente para congregar um grupo de peões e gaúchos que se levantou contra o exército inglês na quinta de Perdriel, armado sobretudo de coragem e intrepidez. Nessa ocasião, Pueyrredón salvou-se por milagre e Blackraven pensou que, apesar de agora se sentar à sua mesa e brindar à sua saúde, não hesitara em vender a Beresford a informação sobre o que aquele criollo estava a tramar em Perdriel a troco de ajuda para resgatar Tomás Maguire da prisão.

“A política é mesmo assim”, pensou e, apesar de nunca ter sentido remorsos, sentiu-se de repente velho, como se já tivesse vivido tudo e tivesse cem anos. Esse sentimento de melancolia devia-se, em parte, ao bom vinho e ao ar um pouco pesado, mas poderia também atribuir-se à paixão daquele grupo de jovens que defendia a ideia de libertar a sua terra. “Não posso ficar sentimental”, disse para si mesmo, “no fundo, jogam-se aqui interesses econômicos”. Ao mesmo

tempo, Blackraven estava convencido de que, em rigor, pretendiam separar-se de Espanha, movidos pelo orgulho, por uma natureza arrogante e porque estavam apaixonados pelo seu país. Invejava, de certo modo, aquela pureza de sentimentos que os engrandecia. Ele, pelo contrário, encontrara toda a sua força no ressentimento que nutria pelo pai e fora isso que o impulsionara a fugir da Escola Militar de Estrasburgo e a levar primeiro uma vida de pirata errante e, a seguir, a de corsário, com um único objetivo: magoar o pai. Queria também provar-lhe que não precisava dele, que se bastava a si próprio, que não lhe devia nada de nada, que podia meter o seu dinheiro no ducado e no… Sorriu com tristeza, ao evocar a cena, tão distante no tempo e da sua situação atual.

Depois de Melody, tudo mudara na sua vida, como se ela lhe tivesse lavado o coração com um unguento capaz de acalmar o ardor das antigas feridas ou como se, com os seus beijos, tivesse suavizado as asperezas de uma alma endurecida pelas carências afectivas. Como aquela jovem conseguira apagar anos e anos de cinismo e imoralidade continuava a ser para ele um verdadeiro mistério, embora o mistério maior fosse o fato de Isaura Maguire se ter arriscado a aceitá-lo no seu mundo pequeno e simples para o fazer feliz.

Olhou fixamente o seu anfitrião, que parecia muito animado, co mentando os últimos avanços na formação do seu esquadrão de soldados de cavalaria, e lembrou-se de que dona Rafaela del Pino lhe contara que a sua esposa, uma tal Dolores Pueyrredón, morrera no início do ano, a seguir a um parto prematuro durante uma viagem à Europa. A imagem de Isaura a ter problemas no parto deixava-o sem respiração. Não era capaz de imaginar a sua morte. Ele sempre se vangloriara do seu grande realismo: os homens nascem e morrem, ponto final. A vida continua. Mas como poderia continuar sem Isaura? Tempos houvera em que a dor pela perda da mãe o ferira de um modo tão cruel que o levara a desejar que Isabella nunca tivesse existido. Esforçou-se por a esquecer. Não queria recordar-lhe as feições, nem o tom de voz, nem os momentos partilhados. O seu temperamento moldara-se nessa amargura, o que o ajudou a superar o profundo desgosto, escondendo as feridas por trás de uma máscara de dureza e sarcasmo. Mas intuía que com Isaura tudo seria diferente. Não conseguiria reunir forças para a esquecer, na verdade, não quereria fazê-lo. Ela levaria consigo todas as suas forças e deixá-lo-ia totalmente indefeso. Destruir-lhe-ia a máscara, a armadura, o coração e a alma. Fantasiou a sua imagem e viu-se reduzido a uma sombra.

Felizmente, Pueyrredón levantou-se e convidou-os a acompanhá-lo até a sala. A atmosfera na casa de jantar tinha-se tornado irrespirável, e a sua mente, embotada, estava a pregar-lhe uma partida. Ao fim e ao cabo, ele não tinha uma natureza pessimista.

Sentaram-se nas conversadeiras em forma de poltrona. Os escravos colocaram junto deles as garrafas com conhaque Martell — excelente, muito encorpado, trazido de França pelo anfitrião — e com licor de la ranja e nêspera, produzido na casa. Blackraven servia-se do conhaque, enquanto ouvia e estudava os outros convidados. Tinha a palavra Belgrano que, com uma voz estridente, dotada de matizes femininos, aludia à sua nomeação como major do Regimento de Patrícios, sob as ordens de Cornelio Saavedra, brilhante tenente-coronel desse corpo. Assegurava que, apesar de ser um ignorante nas questões da milícia, se estava a dedicar ao estudo com grande empenho. Hipólito Vieytes, cochichava com Nicolás Rodríguez Peña, sem dúvida acerca da fábrica de sabões que acabavam de inaugurar. Não se fazia referência a Saturnino Rodríguez Peña, pois a sua honra tornara-se um pouco questionável depois de ter dado pleno apoio a William Beresford.

Blackraven aproximou-se de Diego José Pueyrredón, irmão mais velho do dono da casa, e perguntou-lhe: — Porque motivo usam essas fitas azuis e brancas na botoeira? — É um símbolo, Excelência. Os nossos gaúchos, antes de se lançarem na reconquista, usavam-nas como distintivo, em boa verdade uma espécie de amuleto. Chamam-lhes “medidas da Virgem”, pois cortam-nas à dimensão da imagem que existe na povoação de Luján.

— E porquê essas cores? — São as cores do manto e da túnica da Virgem.

— E, para vocês, que significado têm essas fitas? — Sabe, Excelência — disse Diego José —, para nós são o distintivo,que irá distinguir o corpo de cavalaria ligeira que estamos a tentar criar.

Ao ouvir a explicação do irmão, e numa tentativa de pôr fim às conversas paralelas, Pueyrredón declarou em voz alta: — Criação essa que será possível, em grande parte, graças à ajuda de Sua Excelência — e ergueu o copo em direção a Blackraven, que inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento. — Meus amigos, tenho o prazer de vos informar que o conde de Stoneville me entregou um donativo muitíssimo generoso para o nosso corpo de soldados de cavalaria.

Ergueram-se os copos e um murmúrio de aprovação percorreu a sala.

— Senhores — declarou Blackraven —, apesar de não ter nascido aqui,todos vós conheceis o meu profundo afeto por esta terra. Casei-me com uma *criolla* e meu filho primogênito nascerá aqui, pelo que a considero a minha pátria. Investi muito dinheiro no seu progresso e os meus interesses são cada vez mais ambiciosos. O desenvolvimento agrícola e industrial do vice-reinado só poderá acarretar benefícios para todos, sem distinção. Mas estou convencido de que não o conseguiremos enquanto estivermos ligados a um reino fraco e corrupto como é o de Espanha. Se quisermos que o vice-reinado alcance a glória da qual, não

tenho dúvidas, é capaz, teremos de nos libertar das algemas que nos esmagam como bigornas, impedindo-nos de crescer.

Pueyrredón fez um brinde à saúde do conde de Stoneville, da sua mulher e do seu filho primogênito e todos os outros o imitaram. Antonio Beruti, homem de temperamento forte e que desconfiava de Blackraven, interessou-se pelo albergue da senhora condessa.

— Dona Mercedes — disse, referindo-se à sua mulher — diz que Sua Excelência lhe dará o nome Martín de Porres. Quem é Martín de Porres?
— Também eu fiz essa pergunta à senhora condessa — admitiu Blackraven. — Era um dominicano peruano, um dominicano mulato — sublinhou —, nascido em finais do século XVI. É quase contemporâneo de Santa Rosa de Lima. A mãe era uma negra natural da região dos paramos andinos e o pai um funcionário público espanhol. Martín praticava medicina entre os pobres, mas o mais relevante na sua vida são os seus inúmeros milagres. Chamavam-lhe "Martín, o bom".

— Não foi canonizado? — estranhou Belgrano.

— Não.

— Imagino que tenham enviado testemunhos dos seus milagres a Roma? — Não sei — respondeu Blackraven.

— Santa Rosa de Lima foi canonizada em 1671 — impacientou-se o secretário do Consulado.

— Mas Santa Rosa de Lima — interveio Pueyrredón — era branca — e um silêncio, entre o incômodo e o triste, instalou-se em todos eles.

— Também nós podemos gabar-nos de contar com uma santa aqui em Buenos Aires — declarou Belgrano —, ou não concordam que a condessa de Stoneville mereceria chamar-se "A condessa boa"? Apesar de ter pensado "nem todos pensam como Sua Mercê", Blackraven assentiu, em sinal de concordância, dizendo: — Obrigado, doutor Belgrano. Sim, a minha mulher é uma santa.

Melody apoiou o livro sobre as pernas e apurou o ouvido. Não estava enganada, era a voz de Blackraven, que certamente dava ordens a Somar ou a Milton, de guarda nessa noite. Ao experimentar aquele alívio, apercebeu-se da inquietação que a tinha impedido de desfrutar do jantar, do banho e da leitura. Desde o ataque junto à moradia de Casamayor, Melody vivia angustiada, embora evitasse mostrá-lo. Escondia também dele os ciúmes que a dominavam desde que Pilarita lhe falara do comportamento vergonhoso de uma tal baronesa de Ibar durante o jantar em casa dos Montes na semana anterior.

— Não gosto nada de mexericos, minha querida — declarou a baronesa de Pontevedra —, mas a conduta dessa senhora foi tão ostensiva edescarada que não julgo que referi-la possa ser considerado uma calúnia. Além disso, o afecto

que sinto por ti e a nossa amizade obrigam-me a tal. É fundamental que saibas que ela olhou para o senhor conde durante todo o jantar com um despudor que me fez corar. Quando a refeição terminou e passamos para o salão, sentou-se ao lado dele (quando seria de esperar que se sentasse ao lado do marido, o barão de Ibar) e tentou encostar-se e tocar-lhe de um modo escandaloso. Tê-la-ia mandado expulsar se não tivesse tido pena do marido, um bom homem, amigo de Abelardo.

Melody não conseguia articular palavra. Por fim, Pilarita contou-lhe o pior.

— Segundo me foi dado entender, essa senhora e o teu marido conheceram-se tempos atrás, no Rio de Janeiro. Ele esteve no Rio de Janeiro, não foi? — Melody limitou-se a assentir. — Pois bem, julgo que a baronesa está disposta a tudo para conseguir os favores do teu marido. O espetáculo que deu em minha casa, que Deus lhe perdoe, foi bem prova disso.

Melody segurou o livro que tinha sobre a saia, ao lembrar a conversa de Pilar Montes. Não duvidava das boas intenções da amiga, em bora tivesse preferido não saber das transgressões da tal baronesa de Ibar. Os ciúmes faziam-na sofrer horrivelmente. “Não deves desconfiar de Roger”, disse para si mesma. “Enganaste-te uma vez. Ele não tinha culpa de nada e magoaste-o com uma acusação. Se algo de semelhante voltar a acontecer, perdê-lo-ás.” Por isso, quando Blackraven entrou no quarto, sorriu-lhe e foi recebê-lo à porta. Abraçaram-se em silêncio. O seu casaco de caxemira conservava ainda o frio da noite, assim como os cheiros do tabaco e do brandy, com um resto de perfume de almíscar. Aquele abraço e aqueles aromas eram-lhe familiares, fizeram-na sentir-se tão bem que dissiparam a nuvem negra dos ciúmes.

Melody ergueu o rosto e ofereceu-lhe os lábios, que Blackraven aceitou num ímpeto insaciável. Os seus débeis gemidos ficavam presos dentro de Roger que agora mergulhava a sua língua, em investidas suaves, tocando-lhe o palato. Melody tinha a impressão de que esta lhe atingiria a úvula.

— Senti tanto a tua falta — ouviu-o dizer. — Não via a hora de voltar para junto de ti.

— Graças a Deus estás em casa, ao meu lado.

— Estavas inquieta? — perguntou Blackraven, acariciando-lhe a testa e as pálpebras com pequenos beijos.

— Um pouco — disse.

Blackraven afastou-se ligeiramente para despir o casaco, e Melody aproximou-se do toucador para preparar os utensílios do marido — a escova e o pó de bicarbonato para lavar os dentes, o pente de tartaruga, uma barra de sabão de Nápoles e uma toalha — e deitar água quente na bacia. Blackraven falava com ela enquanto se despia.

— Tens um admirador entre os cavalheiros desta cidade. O doutor Belgrano, diante de uma vasta audiência masculina, chamou-te “a condessa boa”.

— Oh! — exclamou Melody, surpreendida, ajudando-o a vestir o robe. — A sério? Não estaria a zombar de mim? — A zombar de ti à minha frente? Ofendes-me, Isaura. Achas que não inspiro respeito? — Claro que sim, claro que inspiras! Que disparate o meu. Desculpa,meu amor. É que esse teu comentário apanhou-me de surpresa. Nunca imaginei poder agradar a alguém da alta sociedade portenha. Por que me deu esse nome? — Porque falamos do teu albergue e quando me perguntaram quem era Martín de Porres, disse que o chamavam “de Martín, o bom”. Foi então que o doutor Belgrano se referiu a ti como “a condessa boa”.

— Nem todos concordam com ele, principalmente as mulheres que me odeiam.

— Manuel Belgrano é um bom homem, Isaura. Muito culto e inteligente. Não me surpreende que aprecie alguém de tanto valor como tu.—Estendeu os braços e fez deslizar as mãos pelo ventre de Melody. — Meu amor, não quero que te preocupes com a opinião de meia dúzia de mulheres sem miolos ou coragem. Fizeste-me sentir muito orgulhoso esta noite. Quando se falou do teu albergue e o doutor Belgrano fez esse comentário, vi a inveja refletida nos olhos de todos os outros convidados. Nunca me sentira tão orgulhoso de alguém — confessou, inclinando-se para beijá-la. — Senti-te muito minha.

— Hoje celebramos o casamento da Escolástica e do Florestán na capela particular na baronesa de Pontevedra. Foi uma grande emoção. A Escolástica está-te muito grata por teres permitido que ela viva em casa do marido, e ele parece muito satisfeito com o seu novo trabalho. Diz que o pagamento é melhor do que o que recebia no talho de El Retiro.

–Terias preferido dar a liberdade à Escolástica como presente de casamento? As maçãs do rosto de Melody tingiram-se de rubor, e um brilho intensificou de imediato o azul-turquesa dos seus olhos. Blackraven adivinhou o entusiasmo que lhe provocara aquela proposta velada.

— Sim. Não é verdade? — Melody assentiu. –Não me esqueci da conversa que tivemos aqui há tempos, em El Retiro, quando te perguntei se gostarias que alforriasse todos os nossos escravos. Tenho andado muito ocupado, com muitas coisas na cabeça, mas não me esqueci da minha promessa. Faremos isso, Isaura. Darás esse presente aos nossos negros.

— Serás tu a dar.

— Não, serás tu, pois eu nunca o teria feito sem a tua influência.No meu regresso da Banda Oriental, delinearei o melhor plano. Quero agradar-te, quero dar-lhes a liberdade, mas tenho de tratar dos meus negócios.

— Sim, claro.

— Neste momento, quase todas as minhas atividades dependem do trabalho dos negros. El Retiro, a fábrica de curtume, os serviços domésticos, até mesmo em Bella Esmeralda pus vários escravos a trabalhar. Não poderia dar-lhes a liberdade e ficar completamente na mão deles, seria uma catástrofe e muitas famílias dependem destas atividades.

— Tenho a certeza de que os africanos quererão continuar a trabalhar para ti, meu amor. Eles receiam tanto a liberdade quanto odeiam a escravatura. Viveram tempo de mais aferrolhados e sentem-se incapazes de ser livres. Mas será justo que, se quiserem ir-se embora, isso lhes seja permitido.

— Naturalmente. Nesse caso, precisaria apenas de tempo para conseguir empregados que os substituíssem.

— Que aconteceria se algum deles quisesse voltar à África? Embora muitos tenham nascido nesta terra e sejam parte dela, a verdade é que há outros que anseiam pela pátria, como Babá.

— Nesse caso, nós os poríamos num dos meus navios e atravessariam de novo o Atlântico, se estiverem dispostos a sofrer a travessia pela segunda vez, ainda que em condições muito diferentes das da viagem que os trouxe até estas paragens.

A porta abriu-se de repente e Víctor entrou chorando com Sansão atrás de si. Blackraven afastou-se de Melody, e praguejou, recriminando-se entre dentes por se ter esquecido de fechar a porta à chave.

— Miss Melody — gritava o menino, e Blackraven pensou como conseguiriam eles manter a boca tão aberta, chorar e gritar pela tutora, tudo ao mesmo tempo.

Víctor agarrou-se à cintura de Melody e escondeu o rosto no seu regaço. Ela arrastou-o até a cadeira do toucador e sentou-o no colo.

— Chiu, meu lindo, não chores. Que se passa? Não deve ser assim tão grave. Chiu, então, Víctor, para de soluçar. Sabes que não te faz bem. —O choro diminuiu. — Foi outra vez aquele pesadelo horrível? Vá, acalma-te e conta-me tudo.

Blackraven começou a falar num inglês tão rápido e furioso que Víctor nunca poderia compreender.

— Tem a ti todo o dia para ele! Estás à sua disposição! Não julgues que não sei que anda agarrado em tuas saias e que te segue por todo lado. Agora também quer a tua presença durante a noite. Achas que estou dormindo e não vejo que vais ao quarto dele, de madrugada, porque te chamou a chorar. Mas eu ouço, sim. Tu tens de descansar, Isaura! Este menino não pode alterar assim as tuas horas de sono.

Melody levantou o queixo em ar de desafio, e Blackraven lembrou-se da advertência que lhe lançara com o olhar na altura em que Amy o beijou. Não continuou a discutir, ainda que mantivesse uma atitude exasperada, resmungando baixinho, até que se calou para ouvir a explicação de Víctor.

— Angelita acaba de ir ao meu quarto para me dizer que a senhorita Bodrugan me quer levar com ela. Para sempre.

— De onde Angelita tirou semelhante ideia? Víctor lançou um olhar a Blackraven e, em seguida, falou ao ouvido de Melody.

— Ouviu a senhorita Bodrugan falar com o senhor Blackraven no escritório. Angelita tinha entrado para tirar o livro das fábulas, aquele que o senhor Blackraven trouxe da viagem para o Jimmy, lembra-se, mãe? — Melody assentiu. — E escondeu-se atrás do sofá, muito quieta. Foi assim que ouviu a senhora Bodrugan dizer ao senhor Blackraven que me levaria com ela no navio.

— Ninguém vai te levar a lugar algum — prometeu Melody —, a não ser que tu queiras ir.

— Eu não quero, mãe! Não quero separar-me de ti. Mas Angelita diz que talvez a mãe queira se separar de mim! — Por que quereria uma coisa dessas, Víctor? — Estevanico diz que o que a Siloé nos contou de ti é mentira.

— E que foi que a Siloé contou de mim? — Ela diz que a mãe tem a barriga inchada de tantos doces que come e figos e damascos e que nós vamos ficar iguais se comermos muitas guloseimas. — Melody e Blackraven fizeram um tremendo esforço para não rir. — Estevanico diz que não é verdade. Ele diz que a sua barriga está muito grande porque tem um bebê lá dentro e que, quando o teu bebê sair não vai gostar mais de nós e vai querer mandar-nos para longe.

— Víctor, meu amor! — exclamou Melody, abraçando-o com força. — Meu amor, como podes pensar que eu te afastaria de mim? Eu te adoro, Víctor, e nunca me separaria de ti.

— É verdade que a sua barriga está inchada porque tem um bebê aí dentro? — Sim, é verdade. Mas a chegada do meu bebê não significa que eu passe a gostar menos de ti. Significa que vais ter um irmãozinho de quem me daria muito prazer que gostasses muito, assim como eu gosto de ti. Achas que isso vai ser possível? — Víctor assentiu e passou a manga do pijama pelo nariz. — Roger, por favor, passa um lenço. Está ali, em cima do toucador. Obrigada. Vá, meu lindo, assoa-te e deixa de pensar em disparates.

— Eu te levo ao quarto — disse Blackraven, tomando-o nos braços.

Melody enrolou-o no seu xale de merino e beijou-lhe suavemente a testa.

— Boa-noite, mãe.

— Boa-noite, filho. Bons sonhos. Vai, tu também — disse, dirigindo--se ao Sansão —, dorme com o Víctor — e o terranova caminhou atrás do dono.

Blackraven deitou Víctor na cama e tapou-o. Já lhe tinha passado a irritação e ficara apenas um estanho sentimento que não conseguia definir, uma mescla de pena, compaixão e amor. Víctor observava-o com aqueles olhos verdes tão parecidos com os do pai. Não pestanejava e parecia conter a respiração, como que à espera de que ele lhe desse um ralhete. Blackraven admirou a sua calma e a expressão de desafio com que assumia as consequências do seu ato. Suspirou e acariciou-lhe a testa. Melody tinha-o ensinado a gostar daquele garoto.

— Está zangado comigo, senhor? — Deverias ter batido à porta antes de entrar. — Víctor baixou a ca -beça e fechou os olhos. — Mas fica tranquilo, não estou zangado contigo. Vi-te a praticar esgrima com o mestre Jaime — comentou. — Os teus progressos são assombrosos.

— A sério, senhor? — A sério. Tens um talento natural para manobrar a espada. Movimentas-te com grande agilidade. Dás-te bem com o florete que te ofereci? — Sim, é magnífico, senhor! Leopoldo, o filho de dona Pilar Montes,diz que é o melhor florete que viu até hoje.

— Fico contente. Amanhã continuarás a praticar. O mestre Jaime é um bom instrutor e conseguirá fazer de ti um grande espadachim.

— Tão bom como Sua Mercê? — Melhor ainda.

— A senhorita Bodrugan quer levar-me no barco dela? Por um instante, Blackraven pensou contar-lhe uma mentira.

–Ela falou-me nisso hoje, Víctor. Não és obrigado a aceitar se não quiseres — acrescentou, logo a seguir, vendo o trejeito do garoto cujos olhos se encheram de lágrimas. — Ouviste o que Miss Melody te disse. Só irás se quiseres. Amy ficou a gostar muito de ti e pensou que seria uma boa ideia passarem uma temporada juntos.

— Apesar de a senhorita Bodrugan ser muito simpática e muito boa comigo e de o Arduino ser meu amigo, eu não me quero separar de Miss Melody, senhor. Não quero.

— Gostas muito dela, não gostas? — Do fundo do meu coração.

“Compreendo-te”, pensou Blackraven, fazendo algo insólito: beijou Víctor na testa.

— Agora dorme. Boas-noites.

— Boas-noites, senhor — respondeu o menino, ainda atarantado.

Blackraven adiou a sua partida para a Banda Oriental para a tarde. Primeiro resolveria a confusão entre Víctor e Amy. Melody não cedia terreno: o menino só iria com a senhorita Bodrugan se assim o desejasse e depois de lhe ter sido dito que ela era sua mãe. Amy, por outro lado, preferia que Víctor passasse algum tempo com ela e que começasse a afeiçoar-se-lhe antes de lhe contar a verdade.

— Senhorita Bodrugan — disse Melody — sabe bem que conta com a admiração de Víctor e com o seu afecto. Para ele, a senhorita é uma espécie de heroína mitológica. Nada do que faça ou diga será incorreto. Está sempre a referir as suas façanhas ou as da sua mascote. Está encantado. Por isso, este momento é tão bom como qualquer outro para lhe contar a verdade.

— Porque não quer que eu lha conte mais tarde? — obstinou-se Amy.

— Não quero que o Víctor fique a saber que é seu filho quando estiver longe de mim. Provocará uma emoção muito forte e poderá ter um ataque daqueles que só eu sei dominar.

— Poderia ensinar-me. Dizer-me como deverei proceder numa situação dessas. Sou capaz de manter na ordem uma tripulação de sessenta homens brutos, acha que não saberei entender-me com um ataque de uma criança? Nesse momento, bateram à porta do escritório. A professora Perla acompanhava Víctor. Blackraven mandara chamá-lo. Mal o viu, Melody teve a certeza de que o menino estava à beira de um ataque. Conhecia aquele tremor de mãos, a cor acinzentada que lhe tingia as bochechas, o modo como os lábios se mostravam gretados e, sobretudo, a transformação que os seus olhos sofriam, perdendo o brilho para adoptar um aspecto vítreo, sem vida.

— Roger, agarra-o! — conseguiu dizer, antes que Víctor caísse ao chão.

Perla e Amy deram um grito e ficaram a olhar, imóveis, com ex pressões de assombro. Blackraven deu um passo em frente e parou, como se não soubesse o que fazer.

— Roger, ajuda-me aqui! — insistiu Melody. — Com esta barriga não consigo agarrá-lo. Ajoelha-te e volta-o de costas. Está bem assim. Não o deixes mexer os braços. Senhorita Bodrugan. Senhorita Bodrugan! — exclamou, pois Amy não reagia —, ajoelhe-se ao lado do Roger e agarre nas pernas do Víctor. Senhora Perla — continuou, enquanto corria até a secretária e pegava no abre-cartas com cabo de couro —, diga à Trinaghanta que Víctor está tendo um ataque. Ela sabe o que tem de trazer.

Depressa, por favor.

Melody apoiou-se no ombro de Blackraven para se ajoelhar e percebeu como o corpo de Víctor tremia, sacudido pelas convulsões. Era incrível como alguém tão pequeno era capaz de um vigor quase sobrenatural. Com dificuldade — o volume do ventre dificultava-lhe os movimentos —, Melody sentou-se sobre os calcanhares. Colocou uma das mãos na testa de Víctor e inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

— Estou aqui, meu amor, a tua Melody está aqui. Ouve a minha voz,Víctor, agarra-te a ela –e, enquanto falava, metia-lhe os dedos na boca e punha-lhe o cabo de couro entre os dentes. — Vamos, tem calma, estou aqui contigo, não te

vou deixar.

— Vai morrer? — soluçou Amy, mas não teve resposta.

Melody começou a cantar a melodia em gaélico, a mesma que lhe cantara naquela primeira vez, quando Víctor desmaiara na loja do senhor Aignasse e que se tinha tornado na sua preferida. Blackraven e Amy ficaram também hipnotizados com aquela voz que, não só controlava as convulsões de Víctor, tornando-lhe a respiração menos áspera, como também apaziguava as palpitações desesperadas de Roger e Amy.

Trinaghanta apareceu pouco depois, seguida de Somar e de Sansão, e entregou a Melody o frasco com amoníaco já aberto. Quando o passou sob as narinas de Víctor, este gemeu debilmente, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Calma, meu amor — murmurou Melody. — Já estás melhor. Abre os olhos devagarinho. Segue a minha voz e abre os olhos.

Estavam ainda injetados e vítreos e movia-os descontrolado, tentando compreender a situação. Não demorou muito até que desatasse a chorar num som rouco e antinatural. Estava, acima de tudo, envergonhado.

Amy não saía do seu assombro. Surpreendia-a a mudança que o ataque de epilepsia havia operado nas feições do filho. Estava diferente.

— Não chores, meu amor — dizia Melody, enquanto lhe retirava o cabo de couro e limpava a saliva ensanguentada que ainda fluía pelas comissuras dos lábios. — Já estás bem. Agora o Somar vai levar-te para a cama e eu ficarei todo o dia ao teu lado a ler-te as fábulas de La Fontaine.

Eram essas as tuas preferidas ou eram as de Iriarte? — As de Iriarte — choramingou.

— Nesse caso, leremos as de Iriarte. Que petisco vais querer comer?Siloé vai cozinhar especialmente para ti.

Amy e Roger não ouviram a resposta. Somar, com o menino nos braços, já se afastava pelo pátio principal, em direção à zona dos quartos de dormir.

— Oh Roger! — exclamou Amy, totalmente abatida. — Foi tudo culpa minha. Ele estava em pânico, com medo que o afastem da tua mulher, por isso teve este terrível ataque. Meu pobre filho! — e rompeu num imenso pranto, comovida com o que acabara de presenciar e porque, de modo inconsciente, chamara “meu filho” ao filho de Galo Bandor.

Blackraven obrigou-a pôr-se de pé e conduziu-a até o sofá. Serviu dois copos de uísque irlandês. Entregou um a Amy e sentou-se a beber ao seu lado.

— Ela é que é a mãe dele, não eu — declarou Amy. — Ele a adora, não a mim.

— Tu poderias conseguir o afeto do teu filho, se te propusesses a tal. Melody não conhece Víctor desde o nascimento, apenas desde o ano passado. Quando

chegou à casa da calle Santiago, estava nas mesmas condições em que tu estás. E agora Víctor sente por ela uma autêntica veneração.

— Por muito que me custe admiti-lo, essa tua mulherzinha é, definitivamente, muito especial. Por vezes não parece ser deste mundo, parece uma criatura celestial à qual, de um momento para o outro, vão crescer duas asas, antes de começar a voar. E tu conheces-me melhor do queninguém, Roger. Eu não sou assim, careço desse dom. Todos gostam dela, não sei como consegue, raios, mas não há quem não desse a vida por ela, a começar por ti, maldita seja. Achas então que o Víctor poderia vir a gostar de mim como gosta dela?

— Se Melody te ajudasse, Víctor te adoraria.

— Reparaste bem no sangue-frio com que agiu? — exclamou, surda às palavras de Blackraven. — Viste a habilidade com que o tirou do transe? Eu que não hesito perante uma horda de argelinos, tremia como varas verdes e não conseguia fazer nada.

— Melody podia ensinar-te a tratar dele. Viste como é, não é assim tão complicado.

— Será que não compreendes, Roger? Só ela é capaz de fazer aquilo.Foram a sua voz, a sua presença que o aquietaram, como se o Víctor, mesmo desmaiado, conseguisse ouvi-la. Ele sentia a sua presença, Roger. Ela irradia um halo de bondade e harmonia do qual é difícil escapar. Se até eu já gosto dela! Blackraven sorriu e passou-lhe um braço por cima dos ombros.

— Fico contente por saber que gostas dela.

— Também não tenhas ilusões, não a adoro. Disse que sinto uma espécie de carinho, nascido talvez da admiração que me inspira. Essa rapariguita conquistou o coração dos homens que, por direito natural, me pertencem: tu, porque nos conhecemos desde a infância, e o Víctor, porque o pari com dor.

— Amas Víctor, Amy?

— É meu filho, não?

— Também é filho de Galo Bandor.

— Bah! Já nem odeio esse desgraçado como antigamente. Devo estar ficando velha e estúpida. Ou então, é a influência da tua Miss Melody.

XVI

Para grande surpresa de Bela, Braulio revelou-se um excelente amante e, quando cheirava o fumo da erva mágica antes de ir com ele para a cama, chegava mesmo a sentir que era Blackraven que lhe pesava sobre o corpo. Da primeira vez, Braulio tomou-a pela força. É verdade que o provocara de modo descarado, procurando levá-lo a expor os planos de Enda. Havia algum tempo que suspeitava de que a irlandesa a pusera fora de jogo. Precisava de um aliado e Braulio parecia-lhe ser a única opção.

Resistiu, a princípio, embora a semelhança com Blackraven na queles ombros largos e na potência das investidas a tivesse levado a ficar quieta e a silenciar os seus protestos. De olhos fechados, sentia o seu amado. Atingiu o clímax com rapidez e o orgasmo deixou-a satisfeita como poucas vezes. O tempo que passara no convento e naquele lugar desolado tinham-na tornado inerte, só se tendo dado conta da falta que um homem lhe fazia depois de ter gozado tão intensamente. Além do mais, ninguém ficaria a saber que se tinha deitado com um escravo.

Censurava-se muitas vezes por ter descido tão baixo, deprimia-se e sentia-se enojada consigo própria. Amava Roger Blackraven, não aquele negro, por muito bom que fosse na cama. Ao mesmo tempo, o modo como se comportava com Braulio evidenciava os seus magníficos dotes de atriz, o pobre idiota tinha acabado por se apaixonar por ela e estava convencido de que iam fugir os dois.

Bela soube esconder muito bem o seu pânico no dia em que Braulio lhe confessou que dona Enda o tinha mandado assassinar o indivíduo que degolara o seu filho Paddy.

— O infeliz — acrescentou — é mais forte que uma junta de bois.

— Não é certamente mais forte do que tu, querido — disse, lisonjeando-o.

— Não é mais forte, mas é tão forte como eu, e eu não ia à espera disso. Dona Enda não me tinha prevenido. Por isso fiquei com este corte.

— Pois eu acho-o muito sugestivo, muito másculo. Diz-me uma coisa, querido. Enda voltou a pedir-te para matares esse homem? — disse que iríamos esperar. Que o homem é um espertalhão eque depois do ataque falhado, iria andar atento como um sarraceno.

— Braulio, peço-te, por favor, não enfrentes de novo esse homem. O que seria de mim se te acontecesse alguma coisa? Certamente ele irá andar armado e, por muito forte que tu sejas, não poderás fazer nada se te der um tiro. Vá, promete-me que não voltarás a atacar esse homem.

— E que direi a dona Enda? — Não sei. Inventaremos uma mentira, mas

promete, jura que não voltarás a pôr a tua vida em perigo.

— Juro-te, Bela.

Braulio não só era um bom amante como também um perfeito vassalo, submisso e obediente. “Como é fácil manipulá-lo!”, gabou-se no dia em que o convenceu de que a sobrinha de Enda, Melody Maguire, teria de morrer.

Encontravam-se sempre no mesmo lugar. Enquanto Enda atendia as clientes ou desaparecia para tratar dos seus assuntos, os dois fugiam para o monte. Nessa tarde, Bela chegou antes da hora marcada. Estava deprimida, porque lhe tinha passado o efeito do fumo e tudo se lhe apresentava mais lúgubre. Não foi difícil começar a chorar. Ao vê-la assim, a soluçar, o rosto encostado às ervas, Braulio sentiu-se desesperado, tanto que Bela chegou a ter pena dele.

— Choro porque a minha vida tem sido muito dura, Braulio. Fui sempre infeliz. Só agora que te tenho a ti sei o que é a felicidade. Ainda que nunca possa ser totalmente feliz porque a amargura que sinto é imensa. Eu estou aqui a sofrer, enquanto a pessoa que me tirou tudo goza como uma imperatriz.

E contou-lhe uma mentira, na qual Braulio não teve a menor dificuldade em acreditar. Melody, a sobrinha de dona Enda, tinha assassinado o seu marido, Alcides Valdéz y Inclán, para lançar as culpas sobre ela, ficando assim com a sua casa, o seu dinheiro e as suas quatro filhas.

— Sou uma fugitiva, agora já sabes. Por isso, dizemos às clientes de Enda que o meu nome é Rosalda e que sou filha dela. Vê bem como confio em ti. Depois da morte do meu marido, fui mandada para um convento para salvaguardar a reputação das minhas filhas, mas foi como se me tivessem mandado para a prisão. Enda teve pena de mim e ajudou-me a fugir. Bem, tu ajudaste-nos a fugir, meu amor, por ordem de Enda.

— Sim — retorquiu o escravo, com um olhar reverente. — Quando te vi pela primeira vez pensei: “É a mulher mais bonita que existe.” Bela sorriu com tristeza e voltou a ficar em lágrimas.

— Enda não quer ouvir falar em dar um corretivo a Melody Maguire porque é sua sobrinha e gosta dela apesar de saber que é uma mulher pérfida. Foi casada com o seu filho Paddy e ela acha que é seu dever respeitá-la. Mas tu conheces Melody do tempo em que vivia em Bella Esmeralda e sabes que ela tentou assassinar o filho de Enda. É uma mulher perversa.

— Sim, é verdade. Deu-lhe uma navalhada e deixou-o meio morto.Embora seja de toda a justiça dizer que o patrão Paddy a tratava muito mal, como se ela fosse um cão. Até a marcou com um ferrete. Aqui — disse, levando a mão às costas, à altura das omoplatas.

— A sério? — refez-se rapidamente do assombro. — Tu não sabes como era a Melody, meu amor. Paddy tratava-a mal porque conhecia a sua natureza cruel.

— É certo que não a conheci bem porque ela fugiu, pouco depois da minha chegada a Bella Esmeralda.

— Essa mulher arruinou a minha vida, Braulio, e possui tudo o que é meu e, embora saiba que nunca mais poderei recuperar o que me pertence, não me parece justo que ela viva feliz.

— Não, não é justo, Bela.

— Deveria morrer — declarou no meio de um quebranto.

— Sim, deveria morrer.

A negra Cunegunda não aprovava a sua relação com Braulio e transformara-se de repente numa pessoa sensata, na voz da sua consciência. Depois da notícia da morte de Sabas, a negra era outra, até tinha dado em rezar o terço, um terço de fabrico caseiro, feito de lentilhas, ela que meses antes se dedicava à magia negra.

— Essa erva má leva-a a cometer loucuras, ama Bela.

— Concordavas quando eu me deitava com Roger.

— E fazia mal. De qualquer modo, o patrão Roger era o patrão Roger, um senhor. Braulio é um escravo. Não vou ajudá-la agora — preveniu-a— Quanto tempo demorará Enda a descobrir que Sua Mercê anda metida com o escravo dela? Isto vai ser pior do que a noite de São Bartolomeu! — Não descobrirá. Nós somos cautelosos.

— Descobrirá, sim, ama Bela! Essa mulher lê os pensamentos das pessoas.

— Não compreendes que eu preciso do Braulio para levar a cabo a minha vingança? É evidente que a Enda e eu já não somos aliadas.

— Ama Bela, esqueça essa vingança! Vamos embora daqui. Com o que temos, com os meus cuartillos e as suas joias conseguiremos ir em frente. Eu posso trabalhar. — Ah, não me aborreças, negra! Joana, a jovem escrava da baronesa de Ibar, atravessou o parque cheio de árvores e chegou à margem do rio. A água gelada lambia-lhe os pés e o vento sul entrava pelos buracos da mantilha e pela saia. Não sentia frio, a dor tinha-a tornado indiferente. Sentia saudades da sua terra e da sua antiga patroa, que Deus a tivesse na sua divina glória, e lamentava-se da sua sorte. Além disso, doíam-lhe as vergastadas dadas pela sua ama Ágata. Se o barão não tivesse intervindo, certamente teria acabado por lhe partir um osso. Não fora por causa do frasco de loção que deixara cair. O seu humor irascível devia-se ao fato de o conde de Stoneville não reparar nela.

Para Joana, a situação era muito pouco comum, e o casamento dos Ibar muito peculiar, tanto que chegava a causar-lhe medo. A baronesa dedicava-se a perseguir abertamente o conde Stoneville, enquanto o barão se entregava às suas investigações sobre plantas e animais daregião, aos seus desenhos e leituras, como se a esposa fosse, na verdade, uma irmã mais nova, uma irmã inquieta e rebelde, a quem fazia as vontades para que ela não o incomodasse nos seus

trabalhos. Não dormiam juntos, apesar de Joana ter visto o barão entrar, de noite, no quarto da sua ama. No dia seguinte, e embora a baronesa estivesse descontraída e mais afável, não desistia do seu capricho de agarrar o conde inglês.

Usava a escrava para obter informações, enviando-a à casa de San José. A seguir ao almoço, enquanto as famílias decentes dormiam a ses ta, a condessa de Stoneville abria a porta das traseiras da sua casa e ouvia os pedidos dos escravos. Havia alturas em que se reunia ali muita gente, noutras apenas meia dúzia, mas nunca faltava um necessitado que se lançava aos seus pés. Mal aparecia, Joana não conseguia afastar os olhos dela e, como não entendia o que dizia, concentrava-se nas suas feições e nos seus modos. Nunca tinha visto pele tão branca, nem olhos tão celestes — eram ainda mais do que celestes, tal a sua luz — nem cabeleira de tão insólita tonalidade. Parecia que tinha sido pintada com cobre líquido. Era muito jovem e, pelos seus gestos simples, isentos de afectação, não parecia pertencer à nobreza. Estava sempre a sorrir e, por vezes, emocionava-se. Nesses momentos, brotavam lágrimas dos seus olhos. Apesar de continuar elegante, envolta na sua mantilha negra, percebia-se que estava grávida.

Joana correu barranco acima, atravessou o parque e chegou, agitada e desgrenhada à casa de San José. Felizmente, a condessa ainda lá estava. “Talvez hoje tenha sorte”, animou-se, pois na véspera fizera uma descoberta excepcional: uma das escravas da casa de San José, uma garota muito bonita, talvez da sua idade, falava português com um garoto negro de aspecto familiar, que andava sempre agarrado às saias da condessa. Se conseguisse obter alguma informação de valor, a condessa ficaria satisfeita e deixá-la-ia em paz. Começava a cansar-se das tentativas falhadas.

Pôs-se em bicos de pés e esticou o pescoço. A mocinha estava, como de costume, à esquerda da ama. À direita, uma mulher de aspecto pouco comum, vestida com uma túnica verde berrante, por trás um homem com cara de poucos amigos. Joana abriu caminho e parou em frente da escrava.

— Boa-tarde, o meu nome é Joana. Sou do Rio de Janeiro. De onde és? Miora demorou algum tempo a compreender que ela lhe falava na sua língua mãe, e ficou a olhá-la.

— Compreendes o que estou dizendo, não é verdade? — Sim.

— Gostaria que fôssemos amigas. Sinto-me muito só por aqui. Não sei falar a língua deste lugar. — Miora encolheu os ombros. — Posso voltar amanhã para falar contigo? — Está bem.

Nessa noite, Miora contou aquela troca de palavras a Somar, que lhe fez uma série interminável de perguntas, às quais ela não soube responder. O turco

insistia numa em particular: que fazia uma escrava estrangeira, que não falava uma palavra de castelhano, no portão do Anjo Negro? — Amanhã vou sair para acompanhar Miss Melody e tu apontar--me-ás essa mulher. — Miora assentiu, com uma expressão pesarosa. —Anda cá — disse o turco, puxando-a mais para si. — Sentiste muito a minha falta hoje? Miora voltou a assentir e Somar sorriu e ao ver o rubor que lhe tingia aos poucos as maçãs do rosto morenas. "É tão adorável", pensou. Sentia-se feliz sempre que ela aparecia à noite. O seu coração disparava enlouquecido ao som das delicadas pancadinhas que ela dava na porta do quarto. Miora transpunha a ombreira da porta e ficava ali, sem levantar os olhos, banhada, perfumada, linda no seu vestido vermelho, aguardando que ele lhe desse a mão e a obrigasse a entrar.

— Esta noite tenho um presente para ti.

Somar levantou a tampa de uma arca e retirou lá de dentro um vestido.

— Oh! — O rosto de Miora se desfigurou e não se atreveu a pegar.

— Quero que o experimentes — disse Somar. — Não sei se te fica bem.Anda, despe o vestido vermelho e põe este. — Miora levantou os olhos num movimento rápido. — Quero ver-te nua — admitiu o turco. — Não te vás embora! — Pegou-lhe no antebraço. — Não tenhas medo. Achas que te farei mal? — Miora negou, sem convicção. — Confias em mim? — Sim — limitou-se a dizer.

— Sabes, Miora — declarou Somar, num tom grave e pausado, enquanto desatava o laço do espartilho —, há muito tempo que desejo conhecer o teu corpo. Não deves ter medo de mim. Nunca te faria mal.

Se me pedisses para que te deixasse em paz, eu o faria.

O turco deteve-se e olhou-a fixamente, à espera da resposta. Podia sentir o pânico que aquela intimidade lhe causava, ainda que também vislumbrasse um temperamento audacioso que, mais por curiosidade do que por luxúria, a instava a prosseguir com aquele jogo.

Miora segurou Somar pelos pulsos e conduziu suas mãos até seus peitos. O turco inspirou bruscamente, surpreso por um contato tão familiar — em quantos seios tinha tocado em toda a sua vida? — lhe provocar um tal estremecimento. As mãos se perderam no dorso de Miora, e sorriu ao ouvi-la gemer quando os seus dedos tocaram nos mamilos endurecidos.

— Que devo fazer? — Tira o vestido. — Ela obedeceu. — Agora a anágua e o corpete. Não te cubras, deixa-me olhar para ti. — Agarrou-a pela cintura e colou-a ao seu corpo. — És tão bonita. Tens frio? — Ela abanou a cabeça. — Vem, deita-te na cama. — Miora enroscou-se e escondeu o queixo no peito para não olhar para Somar. — Que tens? Que se passa? — Quero pedir uma coisa — disse Miora —, mas falta coragem.

— Pede-me o que quiseres! — retorquiu, num ímpeto, deitando-se junto dela.

— Quero vê-lo sem roupa. Quero vê-lo… nu.

— Por quê? — Nunca vi um homem despido. Não vi dom Alcides. Não quis olhar.

— Isso te faria feliz, ver-me nu? — Ela assentiu. — Nesse caso, farei tua vontade.

A atitude de Miora deixou-lhe a garganta seca. Entreabriu os olhos de modo inconsciente. O modo como ela o venerava com o olhar e com as mãos provocava nele uma sensação misteriosa. Estava desconcertado. Ela retirou-lhe o turbante e, num gesto de extrema doçura, mergulhou os dedos nos caracóis castanhos do seu cabelo. Apesar da sua timidez e lentidão, aquela garota fazia-o vibrar, como nenhuma das técnicas orientais a que as mulheres do harém recorriam fizera. Ela levantou os olhos e sussurrou: “Amo-o, senhor Somar”. Começaram a beijar-se e a esfregar os corpos. Somar queria parar. A energia que imprimia às carícias e aos lábios estavam assustando Miora.

— Tens medo? — Não — mentiu-lhe.

Ganhou coragem para lhe pedir que o tocasse, porque ela não tinha ponto de comparação. Não queria de modo algum que Miora o considerasse uma aberração da natureza, queria parecer normal, precisava agradá-la e esse era também um sentimento novo. Como no princípio, ela limitou-se a tocá-lo com os dedos. Somar incentivou-a com gemidos e palavras, e conseguiu que ela tocasse com firmeza. A mão pequenina fechou-se em volta do membro e apertou-o. Nesse momento o milagre ocorreu: Somar teve uma ereção.

— Por Alá Todo-Poderoso! — exclamou. — Olha só o que conseguiste, garota! Olha o que conseguiste! Miora sorria porque o via sorrir, mas não compreendia o motivo de tanta satisfação. Devia tratar-se da mudança operada naquele apêndice, no qual lhe pedira que tocasse, e que agora estava enorme, com uma cabeça que mais parecia uma ameixa madura.

— Não sei se isto se repetirá alguma vez — admitiu —, mas quero que saibas que me fizeste muito feliz. Nenhuma mulher, até hoje, conseguira o que tu conseguiste esta noite e isto aconteceu porque és muito especial para mim.

Era a experiência mais fantástica e perturbadora por que tinha passado.

— Fica comigo esta noite. Não voltes para o teu quarto. Fica aqui.

— Está bem, eu fico.

— Garota, não sabes a bênção que derramaste sobre mim. Graças a ti, sinto-me um verdadeiro homem.

— Para mim, Sua Mercê foi sempre um homem. O melhor homem que conheci.

Melody suspirou, satisfeita, pois apercebia-se de que, aos poucos, ia

recuperando a harmonia perdida com a morte de Jimmy e as desventuras de Tommy. O equilíbrio do seu espírito trazia-lhe paz e devolvia-lhe a confiança em si. Não se lembrava das circunstâncias em que a insegurança se apoderara dos seus pensamentos, talvez no dia da morte de Lastenia, a sua mãe, que marcara o início de uma longa sequência de tragédias que acabou por conduzi-la aos braços de Roger. Não que Roger lhe tivesse ensinado a confiar em si própria, mas protegendo-a e amando-a, devolvera-lhe a segurança e, consequentemente, a harmonia e o equilíbrio.

Também a sua paz espiritual se devia ao fato de todos à sua volta estarem satisfeitos. Os habitantes das casas da calle San José e calle Santiago atravessavam um período de bem-estar. Apesar de nos finais do mês de Fevereiro terem perdido o pai e a mãe, as meninas Valdéz y Inclán desabrochavam sob a influência da tia Leonilda, que tomara as rédeas da casa, desenvolvendo um sentido prático que sempre faltara à sua irmã Bela. Dela, nada sabiam e havia tempo que Melody a esquecera por completo.

A mudança em Elisea era notória. O seu temperamento melancólico transformara-se num entusiasmo de frequentes sorrisos e de um brilho intenso nos olhos, brilho esse cuja origem Melody ficou a conhecer quando a jovem lhe falou no plano de Amy Bodrugan para a ajudar a fugir com Servando.

— Miss Melody, será que podia conseguir que o senhor Blackraven concedesse a liberdade a Servando antes de três anos? — Sim, acho que sim — admitiu, pois o marido tinha-lhe prometido que quando regressasse da Banda Oriental se ocuparia da questão da alforria dos escravos. —No entanto — acrescentou —, acho que não deverias fugir. Se me deixasses falar com o senhor Blackraven, talvez ele próprio vos ajudasse.

— Oh, não, Miss Melody — retorquiu Elisea, aterrada. — Ele nunca permitiria que a filha do amigo se casasse com um escravo. Iria proibir-me de me aproximar de Servando. Ele o venderia certamente ou o açoitaria até a morte e eu seria enviada para um convento.

— Eu jamais permitiria que isso acontecesse.

— Miss Melody, numa questão de natureza tão delicada, o senhor Blackraven não aceitaria a sua vontade, nem sequer sendo a senhora quem é.

Também María Virtudes passava noites em branco devido aos assuntos do coração. Melody soubera, graças aos ditos e mexericos dos criados, da relação amorosa que ligava a pupila do seu marido ao tenente-coronel Lane, embora tivesse fingido ignorá-la quando a jovem pediu para falar com ela e lhe confessou tudo. María Virtudes era talvez das quatro irmãs a que mais se parecia com Bela, não só no seu aspecto físico, mas também no caráter. Expressava-se com os mesmos gestos e dava muita importância ao aspecto exterior, tanto ao

seu como ao dos outros. Melody não se lembrava de a ter visto alguma vez despenteada ou menos bem vestida. Era voluntariosa, ainda que mais compassiva e bondosa do que a mãe, e apesar de fazer grandes esforços por se mostrar racional, dentro dela ardia um temperamento apaixonado. Não havia como dissuadi-la de lhe chamar “senhora condessa”.

— Se a senhora condessa achar por bem ajudar-me, ficar-lhe-ei profundamente grata e pedirei eternamente a Deus por Sua Mercê.

— Em que poderei ajudar-te? — Convencendo Sua Excelência, apesar do luto pela morte do senhor meu pai, a deixar-me casar com o tenente-coronel Lane, antes de o enviarem para o interior. Ele ainda não está curado do ferimento e eu gostaria de poder acompanhá-lo para o assistir durante a viagem.

No princípio do mês de Setembro começou a circular o boato de que os oficiais e os soldados ingleses não fariam intercâmbio com os prisioneiros do exército do vice-reinado, sendo, em vez disso, enviados para diversas localidades distantes da costa. Em Beresford desvanecia-se a esperança de assinar a capitulação segundo o negociado a 12 de Agosto. A verdade é que os ingleses tinham sido apanhados no meio de um fogo cruzado entre Álzaga e Liniers, em que o basco, na sua ânsia de desprestigiar o marinheiro francês, se empenhava em semear suspeitas entre as autoridades da Real Audiência e do Cabildo. Por outro lado, as circunstâncias não eram favoráveis a que Liniers honrasse a sua palavra e cumprisse as disposições acordadas: Popham mantinha-se firme na entrada do porto de São Filipe de Montevideu e dizia-se que os reforços enviados por Sir David Baird da Cidade do Cabo chegariam nos primeiros dias de Outubro. Havia que afastar os prisioneiros ingleses para impedir que se unissem às tropas acabadas de chegar, falava-se inclusivamente em obrigá-los a assinar um juramento em que se comprometessem a não tomar parte na luta.

— Não enviarão o tenente-coronel Lane para o interior se a sua saúde não o permitir — comentou Melody. — Certamente ficará cá.

— Sua Mercê acha que sim? — Exigirão que um médico do Protomedicato ateste a sua boa saúde antes de o enviarem para o interior. —Perante a inquietação de María Virtudes, Melody acrescentou: –Falarei também com o senhor Blackraven e intercederei a teu favor.

— Oh, obrigada, Miss Melody.

Muitas vezes desejava dispor do poder de Roger para solucionar os problemas, mas esse desejo não provinha de ambição e sim da necessidade de não o sobrecarregar. No último momento em que estiveram juntos, antes da sua partida para a Banda Oriental, sentira-o angustiado e um pouco desanimado. Insistira com ela, até os limites do razoável, para que tivesse cuidado e não saísse

sozinha. Abraçara-a e beijara-a tantas vezes que Melody chegou a pensar que ele ia desistir de partir. Talvez o ataque de epilepsia de Víctor, nessa manhã, o tivesse impressionado mais do que ela imaginara.

Graças a Deus, Víctor melhorou rapidamente. Nos primeiros tempos, quando Melody o tomou a seu cargo, os ataques deixavam-no prostrado durante dois ou três dias, visto que, não se alimentando nem conseguindo dormir, se mantinha muito fraco.

Contrariando as expectativas de Melody, Amy não se mostrou desalentada depois da cena com o filho no escritório, tendo voltado a ser a mesma Amy que todos conheciam, uma mulher desinibida, descarada e alegre, que visitava a casa de San José com a assiduidade das primeiras semanas. Apesar de não ter voltado a manifestar intenção de levar Víctor consigo, este olhava para ela de soslaio e com algum receio, mantendo-se distante ou agarrado à mão de Melody como se suspeitasse de que a senhorita Bodrugan planejava metê-lo num saco e raptá-lo. A persuasão de Melody e o encanto de Amy conseguiram que ele ganhasse confiança e voltasse a sentir-se à vontade na presença da mãe.

— Tudo o que eu quero é vê-lo feliz — confessou Amy a Melody,numa inopinada prova de amizade e confiança. — Esta é a sua casa e não quero incomodá-lo com a minha presença. Se for preciso, não voltarei.

— Víctor é um menino que precisa de tempo para se adaptar às situações novas. Tem de ter paciência. — E teria acrescentado: — Quer que a ajude a confessar-lhe que é a sua mãe? — mas calou-se, movida por um sentimento mesquinho, o único que ameaçava perturbar aquele equilíbrio espiritual que tanto lhe custara a atingir. “Não estou preparada para me separar dele”, justificou-se. “Ainda não. Perdi o Jimmy, não suportaria perdê-lo também a ele.” No entanto, insistia para que continuassem a rezar pela mãe de Víctor, e a oração prolongava-se para além do habitual, acrescentando-lhe pedidos como: “Que um dia o Víctor possa conhecê-la, se ela ainda não foi ao seu encontro, Senhor” ou “Que o coração do Víctor aprenda a amá-la como qualquer bom filho deve fazer, Senhor”, pedidos que desconcertavam o menino que ficava a olhá-la sem pestanejar. Após um longo momento, engolia em seco de modo ruidoso e dizia: “Ámen.” Havia alturas em que Melody tinha a impressão de que Amy lhe exigia que Víctor ficasse a par da verdade. Uma vaga inquietação deixava-a taciturna e séria, apagando-lhe o sorriso do rosto. Até Arduino dava por isso, afastando-se com um guincho. Amy vagueava pela casa como se procurasse um objeto perdido, ou então ficava a beber no escritório ou subia para o ramo mais alto do jacarandá. Por vezes, aproximava-se e olhava-a fixamente como se tentasse lançar-lhe à cara uma verdade absoluta e definitiva, mas logo a seguir dava um estalido com a língua e afastava-se com grandes passadas.

Uma tarde, Melody foi dar com ela deitada no divã do escritório, a chorar. Era perturbador encontrar uma mulher como ela tão abatida. Não sabia se deveria entrar ou ir-se embora como se não a tivesse visto.

— Entre, Melody. — Havia dias que deixara de lhe chamar "senhora condessa". — Estou a precisar de companhia. Deixei-me dominar por pensamentos negros.

— Quer falar deles? — Amy negou com a cabeça. — É por causa do Víctor, não é verdade? Quer dizer-lhe que é mãe dele e não tem coragem, não é? — Não é a única coisa que me angustia. Na verdade, trata-se do pai de Víctor. Roger certamente contou quem é o pai do Víctor? —Melody assentiu. — É um maldito filho da puta. Desculpe, não foi minha intenção escandalizá-la com o meu vocabulário.

— Esteja à vontade, fui criada entre homens do campo. Nenhum reparava muito na minha condição de mulher e ouço insultos desde que me conheço. Não é fácil escandalizar-me.

Amy arqueou as sobrancelhas, surpresa, ainda que a sua expressão fosse mais de admiração.

— Roger teve muita sorte em encontrá-la, Melody, por muito que me custe admiti-lo. Você é uma mulher digna dele.

— Está apaixonada pelo meu marido, Amy? Não esperava aquela audácia nem aquela franqueza da parte de uma garota vários anos mais jovem e de temperamento tão doce. Sorriu com tristeza e pôs-se de pé.

— Não estou apaixonada por ele. O que existe entre mim e o Roger vai bem além do amor. Por muitos anos fomos como uma única coisa. Unha e carne. Eu, desde menina, vi no Roger um herói, o meu salvador, e com o passar dos anos confirmei que não estava enganada. Ele é o meu herói e o meu salvador, embora eu seja inteligente demais para confundir um entusiasmo absorvente com amor verdadeiro, como o que os dois sentem um pelo outro.

— E esteve apaixonada, Amy?

— Sim — respondeu, sem demora —, embora me envergonhe desse sentimento.

— Sério, não deveria envergonhar.

— Oh, concordará comigo se lhe disser que é o pai de Víctor que eu amo. Não consigo tirar da cabeça aquele filho da mãe! Há anos que tento e não consigo. O bandido tomou-me à força e deixou-me grávida contra minha vontade. Roger me mataria se soubesse que estou apaixonada por seu pior inimigo. — Voltou-se para olhar Melody nos olhos. — Estou vendo que não ficou espantada. Na verdade, não se escandaliza facilmente. Não tem nada a dizer? Nenhum comentário a fazer?

— Por que o ama?

Amy voltou para o divã e, apoiando os cotovelos nos joelhos, tapou o rosto com ambas as mãos. Melody não sabia se ela estava a chorar ou a meditar. Acabou por descobrir que eram as duas coisas, quando ela levantou o rosto banhado em lágrimas e lhe respondeu: — Porque ele foi o único que me olhou com a mesma paixão com que Roger olha para ti. Tive muitos amantes, Melody, não vou tentar fazer-me passar por uma casta donzela, seria ridículo. Na verdade foram muitos os homens que conheci, embora só o maldito filho da mãe me tenha feito sentir… Não sei… Mulher, talvez. Fez-me sentir que sou uma verdadeira mulher, não esta personagem metade macho, metade fêmea que alguns homens cobiçam apenas por curiosidade, para comprovar que são capazes de me vergar na cama, já que não conseguem fazê-lo na batalha. É estranho — disse após um breve silêncio — que, sendo tão independente como sou, me tenha apaixonado pelo homem que me manteve prisioneira e me amou contra a minha vontade. É inadmissível! Não consigo entender. Acabarei por dar em louca, em louca. Se é que não o estou já — disse num tom lúgubre.

Melody sentou-se ao seu lado e passou-lhe um braço por cima dos ombros. Amy sobressaltou-se com aquele contato inesperado e afastou o rosto para a olhar de frente.

— A cabeça e o coração nem sempre estão de acordo, Amy. Eu sei porque, quando conheci o Roger, a minha cabeça mandava que o odiasse. Sim, compreendo o seu espanto, mas, do meu ponto de vista, Roger encarnava tudo o que eu devia odiar. É inglês, pertence à raça de gente que torturou o meu pai até o deixar quase morto, pertence à nação que oprimiu com crueldade os meus ancestrais e que obrigou o meu pai a abandonar a sua amada Irlanda. Além do mais, precedia-o uma fama de mulherengo, libertino e tirano que me aterrorizava. O meu coração, no entanto, ansiava pelo seu amor. Sabia que, se me rendesse à paixão que ele despertava em mim, estaria a atraiçoar a memória do meu pai e dos meus irmãos. Lutei em vão para não o amar. Amava-o e não conseguia escondê-lo. Entreguei-me a ele cheia de medo e enfrentei o meu irmão, briguei com ele. O Roger tinha passado a ocupar o primeiro lugar na minha vida. Não voltaria atrás. E todos os dias, ao acordar, agradeço a Deus, o ter-me dado coragem para me unir a ele, pois descobri com o tempo que é um homem muito diferente de tudo o que se diz a seu respeito. Cometeu erros no passado, sim, mas quem não os cometeu? Cabe a mim julgá-lo? Não, claro que não. Agora penso apenas na felicidade que partilhamos no presente e peço a Deus que nos mantenha unidos no futuro.

— Oh, Melody — soluçou Amy, abraçando-a.

A relação entre as duas mudou, mas não de um modo explícito. Diante dos

outros continuavam a tratar-se com respeito e alguma prudência, como se receassem invadir o território da outra e quebrar o equilíbrio alcançado, embora ambas soubessem que os sentimentos iniciais haviam sofrido uma lenta transformação que acabaria certamente numa amizade, ideia que não lhes desagradava. À semelhança do que Somar fizera durante a viagem de Roger ao Rio de Janeiro, Amy, depois do jantar, narrava às crianças as façanhas do capitão Black e dos seus marinheiros, e mais tarde, quando a casa dormia, contava a Melody passagens da infância do seu marido.

— Deveria aprender a gostar da Cornualha — sugeriu-lhe Amy. — Apesar de Roger insistir que é um cidadão do mundo, o seu coração está na Cornualha por muito que lhe pese e lhe seja difícil admiti-lo.

— Por que lhe custaria admiti-lo? — Porque é a terra do pai.

— Ah! — Melody ficou pensativa. — Como é a relação de Roger como pai? — Complicada — confessou Amy. — Apesar de não ser santo daminha devoção, é justo reconhecer que, desde que Roger reapareceu, a seguir à sua fuga de Estrasburgo, o duque tentou emendar as coisas, mas o Roger não revelou boa vontade. Faz questão de o odiar quando, em rigor, sempre o amou. Pelo menos, sempre quis que o pai o amasse.

O coração de Melody sofria com tais revelações. Custava-lhe imaginar um Roger Blackraven carente de afecto. Mas as palavras de Amy eram decerto verdadeiras, ela própria identificara algum desespero no olhar do marido quando parecia suplicar-lhe: “Ama-me, Isaura.” Como desejava que ele estivesse de novo ao seu lado para poder dizer-lhe: “Amo-te, Roger, mais do que tudo na vida, e o meu amor é tão grande que dá para cobrir tudo o que alguma vez te tenha faltado.” Havia ocasiões em que Melody tinha a impressão de que os habitantes das casas da calle Santiago e San José tinham estado à espera de que Blackraven se fosse embora para lhe dirigir a ela as suas súplicas e pedidos que, naturalmente, acabariam por ser resolvidos por quem todos eles pareciam querer evitar, até o próprio Diogo, que se apresentou uma tarde, terminado o seu trabalho na fábrica, com uma notícia que emocionou Melody: queria casar com a sua sobrinha Marcelina.

Ela lembrava-se bem dos dias passados em casa dos Valdéz y Inclán, quando dom Diogo manifestava uma preferência pela segunda filha de dom Alcides e dona Bela e, como sempre julgara tratar-se de um afecto paternal, a novidade deixava-a espantada e escandalizada. A senhorita Leo confirmara-lhe que o irmão nutria um sentimento paternal pela sobrinha até pouco antes, altura em que a própria Marcelina lhe confessara que o amava, não como a um tio, nem como a um pai e sim como a um homem. Melody tinha dificuldade em imaginar a tímida Marcelina a fazer uma tal declaração. Elisea, por seu turno, confessou-

lhe que Marcelina suspirava pelo tio Diogo desde o dia em que aquele abandonara Portugal e fora viver na casa da calle Santiago, anos antes, e que, embora se mostrasse recatada, a irmã tinha uma personalidade obstinada e voluntariosa.

— Miss Melody — acrescentara Elisea —, a minha irmã Marcelina é capaz de enfrentar desse modo dom Diogo e de muito mais.

Melody perguntava-se como iria reagir Blackraven e, apesar de tentar pôr-se no lugar dele, não conseguia prever a sua reação.

— Sua Excelência aceitará de bom grado — opinou Elisea. — O que ele consideraria escandaloso e contranatura seria o amor que me liga a Servando.

Sendo o laço de sangue tão próximo, deveriam obter uma licença do bispo Lué para poderem celebrar o casamento, pelo menos foi essa a informação que lhes deu o doutor Covarrubias quando o consultaram sobre a viabilidade de um casamento daquela índole.

— É bastante comum — disse o advogado, referindo outros casos.

Melody era obrigada a reconhecer que Marcelina tinha um aspecto feliz, um brilho nos olhos e uma cor saudável nas maçãs do rosto que diziam da alegria que lhe ia no coração, o mesmo brilho e a mesma tonalidade saudável que via em Miora todas as manhãs quando ela aparecia no seu quarto para lhe preparar o banho. Não se atrevia a perguntar-lhe como iam as coisas entre ela e Somar, pois, dada a condição dele, tratava-se de uma questão muito delicada, em que a prudência se impunha. De todo o modo, o ar satisfeito e o sorriso constante da escrava e do turco revelavam que, à sua maneira, eram felizes, logo Melody também o era.

A amizade com Simonetta Cattaneo ia-se cimentando com o passar dos dias e, embora sentisse muito carinho pela sua amiga italiana, Melody reconhecia tratar-se da pessoa mais excêntrica e complexa que surgira entre os seus conhecimentos. Simonetta e Ashantí, a quem Melody não sabia como tratar nem como se dirigir, acompanhavam-na com grande frequência ao albergue, onde, apesar de os mestres-de-obras, estucadores e carpinteiros continuarem a trabalhar na remodelação, já residiam três escravos de muita idade que tinham sido alforriados por ocasião da morte dos donos e que não haviam herdado um real. Ali, no albergue, apresentou-as a Lupe e a Pilarita, que se limitaram a tratá-las de modo cordial, mas não demonstrando o mais pequeno interesse por elas. Melody compreendia-as: Simonetta e a sua amiga Ashantí por vezes assustavam as pessoas e, só após um conhecimento mais profundo da personalidade da italiana, se revelava a sua verdadeira natureza bondosa e tranquila, pois, à primeira vista, parecia fria, até mesmo perversa, devido à sua maneira de andar, de olhar, de falar, pausada, recatada, como se quisesse deixar bem claro que não

partilhava com ninguém as suas ideias e pensamentos e que considerava poucas pessoas no mundo dignas da sua atenção. Essa atitude, que fazia questão de mostrar a todos, estava de acordo com um magnífico guarda-roupa e com as joias dispendiosas. Quando ela passava, deixava atrás de si um perfume que Melody soube depois corresponder a uma fórmula exclusiva criada expressamente para ela por um perfumista francês, uma mistura de jasmins, narcisos com um toque de bergamota. Antes de subir para a carruagem de Simonetta, sempre que ela a ia buscar para irem ao albergue, Melody apercebia-se do inconfundível aroma logo à porta de sua casa.

Acontecia-lhe também à entrada da igreja, saber que iria encontrá-la sentada no seu lugar habitual da ala direita ainda antes de a ver.

Certa manhã, no átrio de São Francisco, a seguir à missa, Simonetta comunicou-lhe que tinha alugado uma casa na rua de Santa Lucía, esquina com a calle de San Martín, a um quarteirão da Igreja de la Merced, visto que tencionava prolongar a sua estada em Buenos Aires, necessitando de mais espaço e intimidade. Poucas horas mais tarde, Gilberta chegou do mercado com a notícia de que a viúva de Arenales lhes teria pedido que se fossem embora.

— Por quê? — perguntou Melody, alarmada.

— Não sei se devo acreditar, Miss Melody.

— Vá, conta-me.

— Bem, diz a Elodia — Gilberta referia-se à cozinheira dos Valdéz y Inclán — que Mariaba, a escrava dos Echenique — lembra-se de Mariaba, Miss Melody? — Bem, a Mariaba diz que a Bernarda, que trabalha em casa da viúva de Arenales, lhe disse que… bem… que… — Fala, Gilberta. Deixa-te de hesitações.

— Bem, que a senhora Cattaneo e a escrava se beijavam. Na boca — acrescentou. — Por isso a viúva de Arenales botou-as na rua.

Melody soltou uma exclamação e ficou imóvel, com os olhos fixos na escrava, que lhe devolveu uma expressão de fatalismo, própria da sua raça, aquela capacidade de se adaptar ou de aceitar qualquer situação por mais nefasta que fosse. Assim tinham suportado anos de cativeiro. Mas, para Melody, o comportamento de Simonetta, caso fosse verdade, era absolutamente inaceitável e não sabia como proceder. Apesar de se tratar de um mexerico de mercado, Melody achava-as capazes de tal, não lhe era difícil imaginá-las a beijarem-se apaixonadamente. A sociedade iria arrasá-las. Corriam inclusivamente o risco de serem denunciadas ao Santo Ofício. Porque desejariam prolongar a sua estada numa cidade em que seriam marginalizadas? Melody recordou-se de que, numa das primeiras conversas íntimas que tivera com Simonetta, esta lhe dera a entender que procurava o seu lugar no mundo e que talvez o tivesse encontrado

em Buenos Aires.

— Em Buenos Aires! — exclamara Melody, assombrada. — Penso que esta cidade em nada se compara a Roma, Paris e Londres, lugares que Sua Mercê decerto conhece de fio a pavio.

— Sim, conheço-as de fio a pavio, mas posso assegurar-lhe que são cidades cruéis, que apenas gosto de visitar para renovar o meu guarda-roupa e ficar a par das últimas novidades em matéria de política, mas onde prefiro não passar todo o meu tempo. Para tal, prefiro um lugar aprazível como este. Ashantí e eu visitamos ontem uma quinta nos arredores que nos pareceu um lugar encantador. Havia lá uma enorme variedade de aves. Os seus trinados ouviam-se com extraordinária nitidez. Não sei se já lhe disse que o nosso passatempo preferido é a observação das aves? Somos muito boas nisso e Ashantí faz extraordinárias imitações dos seus trinados. Até um perito a confundiria com uma ave.

— Mas certamente acharão a vida em Buenos Aires muito limitada.

— Se assim for, passaremos algumas temporadas na Europa — declarou Simonetta. — Gosto de estar aqui — reiterou. — Além disso — disse, e pelo seu sorriso, Melody pressentiu que ela estava prestes a revelar-lhe alguma coisa que costumava ocultar —, a sua amizade, Melody, não é algo que eu tome com leveza, nem da qual esteja disposta a prescindir facilmente.

À luz da revelação de Gilberta, aquelas palavras poderiam ter-lhe causado repulsa. No entanto, Melody experimentou uma grande empatia, visto que, de certo modo, também ela era uma pária, desprezada pelas senhoras de categoria e posição, que agora lhe chamavam “a condessa bronca”, uma deformação do nome que o doutor Manuel Belgrano tão amavelmente lhe dera: “a condessa boa”.

No entanto, a novidade acerca de Simonetta e Ashantí continuava a incomodá-la. Sentou-se frente à secretária e escreveu a madame Odile. No dia seguinte, Emilio, o empregado e amante de madame, foi entregar a resposta à casa de San José. Melody refugiou-se no seu escritório, rasgou o envelope e leu.

Suponho que a notícia não te terá apanhado de surpresa, minha querida, visto que, durante os dias que passaste na Casa de Ocre, ficaste a saber que há mulheres que amam outras mulheres, como é o caso da nossa Apolônia, que tentou, durante tanto tempo, seduzir-te embora tu não desses por nada ou te fizesses de tola. Mas compreendo o teu sobressalto. Uma coisa é uma lésbica num bordel, outra bem diferente é uma lésbica com quem tomas chocolate quente e assistes à missa.

Não deves julgar com dureza a tua amiga, Melody. Sei por experiência própria — e a minha experiência como sabes é vasta — que as pessoas que voltam a sua paixão e o seu amor para outras do mesmo sexo sofreram

cruelmente na vida, foram decepcionadas e magoadas, muitas vezes desprezadas. Vá-se lá saber que desventuras viveu a tal Simonetta. Dizes-me que a casaram quando era ainda uma menina com um homem de provecta idade. Imagino o que terá sofrido na cama com um velho, sendo ainda uma jovem adolescente.

O último parágrafo da carta de madame Odile fê-la rir-se com gosto.

Talvez não existissem mulheres como Simonetta se todas tivessem a tua sorte, minha querida, e encontrassem um exemplar como o Imperador.

XVII

Aquele dia tinha começado muito bem. Ao acordar, Melody pensou: “Faltam apenas três dias para voltar a abraçar Roger.” Tomou o pequeno-almoço e vestiu o seu melhor traje para posar durante uma hora para o retrato em que trabalhava Fermín Gayoso, o escravo de Pueyrredón. Apesar de ser muito pouco usual pintar uma mulher grávida, Blackraven insistira para que assim fosse. Sansão surgia deitado aos seus pés.

Mais tarde, Somar tinha passado pelo posto dos correios e, entre a correspondência, recolhera uma carta de Tommy. Melody recebeu-a com as mãos trêmulas. Embora fizesse um esforço por ocultar de Blackraven a sua preocupação, vivia a pensar no destino do irmão.

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1806 Querida Melody, Espero que sejas capaz de entender a minha caligrafia. Sabes bem os cuidados que deu à nossa mãe e os bofetões que apanhei devido a estes traços horríveis. A verdade é que não melhorou com os anos, muito pelo contrário.

Quero que saibas que não poderia estar melhor de saúde. Atracamos há dois dias no porto do Rio de Janeiro, uma cidade magnífica, cheia de vida. A travessia foi muito boa e como, nem por uma vez, sofri de enjoo, o capitão Flaherty afirma que tenho uma aptidão inata para marinheiro.

Sou um simples grumete e não penses que por ser cunhado do dono do navio me favorecem de algum modo, embora o capitão Flaherty me tenha convidado duas vezes para comer no seu camarote, o que é, sem dúvida, uma prova de deferência se considerarmos que pertenço à categoria mais baixa dentro do White Hawk. Da primeira vez que me convidou, fê-lo certamente por consideração para com o capitão Black (é assim que os marinheiros se referem ao teu marido); da segunda, porque ficou a saber na primeira que o nosso pai tinha tomado parte num ataque a Lord Grossvenor e que, em consequência, tinha sido preso e torturado. Confessou-me durante esse segundo jantar que fora membro dos United Irishmen e que lutara na batalha de Vinegar Hill em Junho de 1798. Após a derrota, fugiu da Irlanda e aceitou o lugar de contramestre num dos barcos de Blackraven. Devido aos seus conhecimento de náutica, conseguiu em pouco tempo capitanear o White Hawk. Flaherty é um indivíduo de bom caráter, ainda que não isento de firmeza e coragem. Lembra-me muitas vezes o nosso pai, especialmente quando fala apaixonadamente da Irlanda ou quando injuria os ingleses. Perguntei-lhe, sendo assim, por que motivo trabalhava para um indivíduo dessa desagradável nacionalidade. Respondeu-me com uma

gargalhada: “Ah, o capitão Black poderá ter um apelido inglês mas o seu coração é o de um homem bom!” Dentro de poucos dias partiremos para as Caraíbas, onde, segundo me disseram os meus companheiros, é mais fácil encontrar uma boa presa. Se a sorte me acompanhar, muito em breve ganharei os meus primeiros pesos, ou melhor, libras. Estou disposto a poupar cada moeda que entre na minha algibeira para devolver ao teu marido o que está a gastar em Bella Esmeralda e pouco importa que tenha de trabalhar até cair.

Espero que estejas bem de saúde e de espírito. Não te preocupes comigo, já fizeste de mais. O teu irmão que muito te quer, Tomás Maguire P.S.: Que sabes da jovem Elisea Valdéz y Inclán? Melody releu a carta, radiante, convencida do entusiasmo sincero que as linhas do irmão comunicavam. Sentia-o repousado e maduro, livre daquela raiva que tanto o prejudicara no passado. Não a incomodou que ele lhe perguntasse por Elisea, afinal também tinha o direito a estar apaixonado.

Bateram à porta e Melody dobrou a carta e deu ordem para que entrassem. Miora, com um sorriso jovial e os olhos brilhantes, anunciou-lhe que dom Gervasio Bustamante, proprietário de Polina e pai de Rogerito, lhe enviara um presente: três caixas cheias de citrinos, marmelos, maçãs, nozes, figos secos, pêssegos, rabanetes, couves e alhos-porros. Dois escravos, de boina na mão e olhos no chão, aguardavam o Anjo Negro. Um deles, o mais velho, tomou a palavra quando Melody entrou. Parecia muito comovido.

— O patrão Gervasio manda perguntar como está Sua Mercê e os meninos? — Muito bem, obrigada — respondeu Melody. — Qual é o motivo para tão maravilhoso presente? — O patrão Gervasio, manda-o com a sua bênção, senhora condessa. São da sua quinta, a que fica perto de La Convalecencia.

— Não me chames senhora condessa. Não é nessa quinta que vive Petronio? — Melody referia-se a um escravo liberto por quem ela intercedera a fim de que Bustamante lhe arrendasse a terra.

— Petronio morreu, senhora condessa.

— Oh.

— Não sabemos quando. Foi dom Francisco Álvarez, o vizinho,aquele que trata do campo do lado, quem o encontrou. Estava teso como uma vara. Parece que lhe deu uma coisa. O patrão Gervasio mandou apanhar a fruta e os legumes para não se estragarem. Era tanta e ainda estamos no Inverno! Até tinha figos secos, nozes e pêssegos que apanhou no Verão.

— Pobre Petronio — lamentou-se Melody. — Sempre tão trabalhador e dedicado. Sabes se lhe deram uma sepultura cristã? — Sim, senhora condessa. Foi o próprio dom Álvarez quem se encarregou disso. E, como o Petronio não

tem família, dom Gervasio manda a Sua Mercê uma parte da colheita.

Melody entregou ao escravo um embrulho de papel de seda que continha um casaquinho em tecido estampado que tinha feito para Rogerito e uma pequena carta de agradecimento para Bustamante. Siloé não parava de mexer nas caixas, ao mesmo tempo que lançava exclamaçõesperante a quantidade e qualidade da fruta e dos legumes. Separou tudo o que estava maduro de mais e tomou decisões sobre o que fazer com o restante. A partir desse momento, a cozinha ganhou vida e até as escravas que tratavam da limpeza das salas e dos quartos vestiram o avental e ficaram às ordens de Siloé e de Melody que decidiam o melhor destino para cada alimento.

— Não, não — opôs-se Melody. — As nozes, vamos caramelizá-las para a sobremesa preferida do senhor Blackraven. Noutro dia repetiu a dose. Desta vez, vamos juntar-lhe outro aroma.

— O melhor para os rabanetes seria fazê-los de escabeche, Miss Melody — sugeriu Siloé.

— De acordo. E as laranjas? — Estava a pensar polir as cascas e fazer doce de laranja com a polpa.E já viu as magníficas tortas de marmelo que se podem fazer? Miss Melody, um verdadeiro poema — e aproximou um marmelo para que ela o apreciasse bem.

Mandou acender mais três fogueiras e limpar o pó das vasilhas de cobre, guardadas na cave até o Verão, altura em que eram preparadas as conservas e os doces. Como os dois sacos de açúcar que tinham na despensa não iriam ser suficientes, Ovidio foi à Recova buscar mais. Trouxe também vinagre, canela para condimentar a compota de maçã, mais cravinho para o doce de nozes, vinho doce, sementes de mostarda e recipientes de cerâmica, de arenito e dois de vidro que pagou a peso de ouro.

— Que dia tão maravilhoso! — suspirou Melody, não parando de mexer com a colher de madeira para que os marmelos não pegassem aos bordos da panela. Da grande janela da cozinha que dava sobre o pátio dos servos, chegavam-lhe os risos das crianças no recreio, as vozes dos professores, Perla e Jaime, que os censuravam por esta ou aquela travessura, os latidos de Sansão e os guinchos de Arduino. As escravas cochichavam na cozinha, enquanto preparavam os manjares que iriam conservar por vários meses o fruto do trabalho do pobre Petronio. “Vou levar uma torta de marmelo à Simonetta”, pensou. “Certamente nunca provou nenhuma.” Decidiu também que iria oferecer a Lupe rabanetes em vinagre e a Pilarita doce de laranja. Mas em quem realmente pensava, enquanto retirava o puré de marmelo era em Roger. Tudo o que preparava era para ele, sem qualquer motivo especial, apenas para lhe agradar.

Ouviram-se várias pancadas da aldraba na porta principal. Gilberta limpou as

mãos e foi ver quem era. Voltou logo a seguir, o sobrolho franzido.

— Quem é? — perguntou Melody.

— Umas pessoas — respondeu, evasiva. — Não percebo nada do que dizem — acrescentou. — Por favor, Miss Melody, é melhor ir Sua Mercê ver quem é.

Melody tirou o avental e o lenço da cabeça, pousando-os sobre uma cadeira. Cobriu a barriga com o rebuço e dirigiu-se rapidamente para a porta, intrigada, enquanto ajeitava os cabelos nas frontes e passava as mãos pelo rosto.

Mal os viu no salão, pressentiu que lhe traziam uma notícia má e que a chegada deles à casa de San José provocaria uma derrocada na sua vida. Eram quatro, três mulheres e um homem. Aos seus pés, vários baús e malas de couro. O olhar de Melody deteve-se na mulher mais jovem e, embora não reparasse pormenorizadamente no seu rosto, ficou como que hipnotizada com a sua beleza.

— Boa-tarde — disse. — Quem procurais? — O senhor Roger Blackraven. Sou a sua mãe, Isabella di Bravante.

A notícia não a alegrou, apesar de ter desejado muito conhecer a sogra, lamentou não ter ido primeiro ao quarto, arranjar-se um pouco.

— Boas-tardes, senhora. É um grande prazer conhecê-la.

Tomada de uma náusea súbita, cambaleou um pouco. Sentiu uma mão firme nas suas costas e, ao voltar a cabeça, encontrou-se com Trinaghanta, que não olhava para ela e sim para os recém-chegados, com uma expressão indefinida.

— A senhora deve ser Isaura — prosseguiu Isabella —, a mulher do meu filho.

— Sim, senhora — murmurou Melody, entorpecida por aquele sentimento de premonição que continuava a aconselhá-la a proteger-se. Talvez por isso, continuasse à entrada da sala, a vários palmos dos estranhos, e não se decidia a avançar para os receber de acordo com as normas mínimas de cortesia. Mantinha-se imóvel, o corpo tenso, os punhos e os dentes cerrados, numa atitude que nascia do instinto de sobrevivência, como se tivesse à sua frente um animal feroz.

— Roger está de viagem — balbuciou. — Voltará dentro de três dias.

— Ah, de viagem — repetiu Isabella, decepcionada. — Compreendo a sua surpresa. A nossa chegada é um tanto ou quanto súbita e sem aviso prévio. Como estás, Trinaghanta? — perguntou, em inglês. até aquele momento, dirigira-se a Melody em castelhano, com o sotaque dos habitantes da península.

Trinaghanta limitou-se a inclinar levemente a cabeça.

— Isto não é nada fácil — admitiu a mulher, dando alguns passos em direção a Melody. — Venha, querida, sente-se, está muito pálida.

Melody e Isabella sentaram-se, enquanto os outros se mantinham de pé.

— Oh, por favor — declarou a jovem. — Vão pensar que sou uma pessoa

mal-educada. Por favor, sentem-se também. Por favor — insistiu, com timidez, dando-se conta de que experimentava um sentimento de grande incômodo, como se tivesse deixado de ser a dona da casa. —Desejam tomar alguma coisa?

— Não, no momento, não. Talvez mais tarde — disse a mãe de Roger.
— Isaura, o senhor Adriano Távora — e apontou para o homem do grupo — é um grande amigo do meu filho. Há pouco tempo, visitou-nos em Londres e deu-nos a notícia de que Roger tinha voltado a casar-se. Nessa altura, tínhamos feito uma descoberta e, devido à importância da mesma, decidimos embarcar para falar com o meu filho. Sei que isto…

— Isabella — interveio Távora —, acho que o melhor será esperar pela chegada de Roger. Ele deverá estar a par da situação antes de tomar qualquer medida.

Nesse momento, as mãos de Melody tremiam e o coração parecia querer saltar do peito. Cerrou os dentes ainda com mais força, certa de que, se não o fizesse, eles começariam a bater.

Távora disse: — Penso que não deveríamos incomodar a senhora Blackraven e que o melhor seria alugarmos quartos num hotel da cidade.

— Oh, não, de modo algum! — opôs-se Melody, num tom de voz trêmulo e instável que a deixou envergonhada.
— Eu acho… — disse a mãe de Roger, mas não conseguiu chegar ao fim da frase. Amy Bodrugan entrou na sala, proferiu o seu conhecido assobio e, em seguida, um insulto em inglês.

— Victoria Trewartha! Raios me partam se não és tu, maldita! As entranhas do Inferno te vomitaram de novo para este mundo!

— Amy, por favor — enfureceu-se Isabella.

— Deixe para lá, Isabella — disse Victoria pela primeira vez —, as coisas foram sempre assim entre nós, desde pequenas. Não vejo por que mudariam agora.

Num ato reflexo, Melody pôs-se de pé e começou a recuar, ambas as mãos sobre a boca, asfixiando um grito de dor e pânico. Ficara sem fôlego e o seu coração continuava a bombear a uma velocidade ensurdecedora. O vibrar das suas frontes acentuava-lhe a vertigem e as náuseas.

Doíam-lhe a garganta, o peito, até as pontas dos dedos.

— Olha o que conseguiste com o teu descontrole! — A garota ainda não sabia!

— És uma irresponsável!

Melody mal conseguia ouvir as frases vociferadas, que não compreendia na totalidade, nem conseguia ver com clareza porque as lágrimas lhe toldavam a visão, apenas vislumbrava os contornos das silhuetas e as cores das roupas que

vestiam encadeavam-na com um brilho fora do vulgar. Percebia uma coisa: todos se tinham posto de pé e, enquanto Isabella, Távora, Victoria e Amy se envolviam numa acalorada discussão, a terceira mulher, uma senhora de idade baixinha e de cabelos brancos, aproximou-se dela, tocando-lhe na barriga e encostando-lhe em seguida as costas da mão à testa e às faces para confirmar se tinha febre. Por último, fechou ambas as mãos sobre os seus punhos cerrados e começou a falar. “Que idioma será este?”, perguntou-se Melody, que não se apercebera de que a velha senhora dava indicações a Somar, que acabava de entrar na sala, atraído pelo barulho. O turco pegou sua senhora e a levou para dentro.

Melody soluçava na cama, mal conseguindo abrir os olhos. Não tinha forças. Depois de lhe medir as pulsações, o doutor Fabre fizera-lhe uma sangria, pois, segundo diagnosticou, a tensão tinha disparado, tratando-se de um quadro perigoso para uma mulher grávida. Daí a sua fraqueza.

— Seria muito arriscado se isto desse lugar a uma convulsão — disse o médico a Isabella e a Malagrida que acabava de chegar e que Amy pusera a par da situação. — Nada de sal na comida, muitos líquidos, repouso e tranquilidade absoluta. Extraí-lhe duzentos e cinquenta centímetros cúbicos de sangue. É fundamental que se alimente bem: leite, carne, um pouco de gema com vinho do Porto seria muito bom.

As últimas palavras de Fabre desvaneceram-se nos ouvidos de Melody. Ao acordar, sentiu-se perdida e demorou algum tempo a reconhecer o seu quarto. Não sabia quantas horas tinha dormido. “Não foi um pesadelo”, pensou, voltando a cabeça com dificuldade, sem controlar os membros. Com efeito, tinha a sensação de se afundar no colchão, como se estivesse prestes a ser engolida por areias movediças.

Olhou para a janela, onde as cortinas de cretone continuavam abertas, e verificou que anoitecera, ou seria de madrugada? A dois passos da cabeceira da cama, Miora e Trinaghanta contemplavam-na com ansiedade. Sorriram. Na expressão dos seus rostos havia um misto de alívio, preocupação e pena. Melody tentou articular uma palavra, mas a voz não veio em seu auxílio. Trinaghanta inclinou-se e colocou o ouvido junto dos seus lábios.

— Que horas são? — Devem ser sete e meia da tarde, senhora.

— Manda chamar o doutor Covarrubias, mas de modo a que ninguém perceba — exigiu.

As duas servas saíram do quarto. Miora voltou pouco depois com uma bandeja e ajudou-a a endireitar-se na cama. Embora não tivesse vontade de comer, Melody lembrava-se das últimas palavras do doutor Fabre e quis fazer um esforço. “É fundamental que proteja a saúde do meu bebê. Tenho de recuperar as energias.” Miora aproximou-lhe a colher da boca e Melody engoliu sem olhar

sequer para o que estava a comer. “Sopa de galinha”, pensou, e o calor do caldo aliviou-lhe a secura da garganta. “Não tem sal”, constatou, mas, mesmo assim, sabia-lhe bem. Comia numa atitude obediente, o olhar perdido e em silêncio.

— Onde estão todos? — sussurrou.

— Deitaram-se um pouco antes do jantar, Miss Melody — respondeu Miora em voz baixa.

Não voltaram a falar. Melody continuou a engolir o caldo, como um autômato, e a sua passividade exterior estava em total desacordo com o furacão de pensamentos que lhe assaltava a mente. Saltava de um assunto para o outro, num turbilhão. “Que mulher tão bonita. Muito mais do que eu imaginava. Deixei os marmelos no fogo. Estarão queimados? Não quero que o Roger volte a vê-la, vai apaixonar-se outra vez. Terão deixado cristalizar a calda para as nozes? Perla terá dado o medicamento ao Víctor? Que irá o Roger fazer em relação a mim quando voltar?”Começou a chorar. Miora afastou a bandeja e abraçou-a.

— Não se agite, Miss Melody. O doutor Fabre disse que Sua Mercê tem de se manter tranquila. Acalme-se, por favor, para o bem do menino. Vai tudo correr bem. O patrão Roger resolverá tudo. Ele resolve sempre tudo.

Bateram à porta e a escrava apressou-se a abrir. O doutor Covarrubias tirou o chapéu e entrou. Parecia pouco à vontade, um pouco aflito, embora Melody não tivesse reparado. Pediu-lhe que se sentasse na cadeira que Miora ocupara momentos antes e contou-lhe tudo o que tinha acontecido. Covarrubias ouvia-a sem a olhar de frente, a cabeça um pouco inclinada, o cenho franzido e uma mão no queixo. De vez em quando assentia. Melody terminou a sua exposição e o advogado suspirou.

— Melody — afirmou num tom intimista, não lhe vou mentir: é uma situação complicada e difícil. De fato, o senhor Blackraven cometeu bigamia.

— Mas ele… — Melody calou-se quando Covarrubias levantou uma mão.

— Não teve intenção de a cometer. É verdade que a sua primeira mulher foi dada como morta. Mas também é verdade que ela acaba de aparecer com vida. Os que a conhecem reconhecem que é ela, de onde se conclui que o primeiro casamento do senhor Blackraven continua vi gente. Enquanto estudava em Charcas, ouvi falar de um caso semelhante, ocorrido na cidade do México, onde tinha sido a mulher que contraíra matrimônio, julgando o seu primeiro marido morto no alto-mar. Tanto o senhor bispo como a Real Audiência do vice-reinado de Nova Espanha consideraram o segundo casamento nulo e a mulher, assim como o segundo marido, foi absolvida do pecado de ter vivido em concubinato.

— Em concubinato? — Do ponto de vista legal, tornando-se o seu casamento com o senhor Blackraven nulo, a senhora e Sua Excelência terão vivido em concubinato durante estes últimos meses.

— Meu Deus, ajuda-me! — levou a mão à testa, subitamente desfigurada. — Que vai acontecer ao meu filho? — conseguiu perguntar.

Covarrubias baixou os olhos e entrelaçou as mãos até os dedos adquirirem uma tonalidade entre o vermelho esbranquiçado. Melody insistiu:— Que vai acontecer ao meu filho?

— Bem… o menino… será considerado um filho natural. Será ilegítimo.

Melody começou a respirar de modo rápido e agitado, com o queixo ligeiramente erguido, como se o ar que lhe chegava fosse insuficiente. Covarrubias observava-a, atônito, e pôs-se de pé, espantado, ao ver Melody lançar-se num pranto aberto e desconsolado. Afastou-se para dar passagem a Trinaghanta, que se sentou na cama e a tomou nos braços.

"Concubinato, ilegítimo, filho natural, bigamia, pecado", as palavras irrompiam na cabeça de Melody com a intensidade de um tiro de canhão. Queria parar de chorar e não era capaz. Uma força, sobre a qual não exercia qualquer controle, explodira dentro de si. Chorava sem experimentar pena, medo ou dor. Chorava como quem respira.

A casa tinha mergulhado num silêncio sepulcral. Deveriam estar todos a dormir. Poucas horas antes, os meninos tinham aparecido no seu quarto para lhe pedir a bênção e, como estavam muito nervosos com os novos visitantes, não repararam no seu aspecto cadavérico. Ainda bem. Sentou-se frente ao espelho e ficou a olhar-se durante um bom bocado. Estava um horror. "Sou horrorosa", concluiu.

Esse dia tinha começado tão bem que era verdadeiramente inverosímil o curso que seguira, estragando-se por completo. Em parte, fora a beleza de Victoria que a mantivera em silêncio, atordoada, nessa tarde, no salão, como se, de certo modo, suspeitasse, contra toda e qualquer lógica, de quem se tratava. Regra geral não se obtém uma apreciação cabal de uma pessoa que acabamos de conhecer, não obstante, Melody fosse capaz de recriar todos os pormenores de Victoria com a maior precisão: o cabelo louro, abundante e ondulado, ainda que não selvagem como o seu, as sobrancelhas castanhas, desenhadas com grande precisão, os olhos azuis um pouco rasgados, de pestanas negras e espessas, que lhe davam um ar intrigante, os pomos salientes e bem modelados que acentuavam a forma de coração do seu rosto. Era uma dama de porte assombroso, alta de ossos pequenos, encarnaria a perfeita duquesa pelos gestos e modos que se percepcionava nela. "Deixe lá, Isabella, as coisas foram sempre assim entre nós, desde pequenas. Não vejo por que motivo deveriam mudar agora." Como se expressara bem, com que elegância e à vontade. A voz não lhe falhara nem um pouco.

Pegou na boneca belga que Blackraven lhe tinha trazido do Rio de Janeiro e

olhou-a com nostalgia, recordando a tarde em que ele lha oferecia. Começou a achá-la parecida com Victoria e acabou por se perguntar se Roger teria visto a mesma semelhança. “Como pode gostar de mim, se tem uma mulher assim apaixonada por ele?” Porque disso, já se convencera: Victoria Trewartha amava Roger.

Antes do jantar, Isabella tinha-a visitado no intuito de a apaziguar um pouco. Acompanhava-a, a senhora de idade, de nome Michela, que, sem dizer palavra, numa atitude de parteira exímia lhe tocou no ventre e lhe viu as pulsações e a temperatura.

Isabella mostrara-se cordial, ainda que distante. Disse que estavam a ocupar os quartos de hóspedes e a ser regiamente recebidos, o que era mentira, pois as escravas recusavam-se a receber ordens de Victoria. Os servos, a par da situação, amotinaram-se na cozinha e nem sequer teriam preparado o jantar nem posto a mesa, se Somar não os tivesse ameaçado com oitenta chicotadas a cada.

— Mas nem mil chicotadas me convenceriam a servir a usurpadora — rebelou-se Gilberta, pelo que teve de ser Trinaghanta a servir os comensais.

Isabella não ficou muito tempo no quarto de Melody. Antes de se retirar, disse: — A minha nora lamenta profundamente o mau momento por que passou. Teria preferido que recebesse a notícia de outra maneira. Também foi duro para ela saber que Roger tinha voltado a casar-se.

Tinha-lhe chamado “a minha nora” e Melody confirmou uma suspeita que sempre a inquietara: a mãe de Roger não a aprovava como esposa do futuro duque de Guermeaux.

— Peço-lhe que apresente as minhas desculpas a todos — disse Melody —, mas não farei companhia ao jantar. Ainda me sinto um pouco fraca.

— Naturalmente, querida. Fique a descansar.

Miora contou-lhe que Amy Bodrugan não tinha jantado na casa de San José e que se fora embora, furiosa, depois de ter discutido com o tal Távora e com a senhora Isabella, e que a usurpadora também não se sentara à mesa, que foi Trinaghanta que lhe levou o jantar ao quarto, chá com leite e biscoitos de anis porque estava indisposta.

Melody pensou que aquela mulher dormia num dos quartos que ela, com tanto carinho, decorara durante o Verão, que a envolviam os lençóis de linho que ela e Miora tinham costurado e que era aquecida pelo cobertor de merino que ela mesma tecera, que usava a sua baixela, a que Roger fabricava na Cornualha, uma raridade em Buenos Aires, da qual tanto se orgulhava, que tomava o seu chá, comia os seus biscoitos de anis que ela metera no forno. Sentiu-se invadida e, apesar de ter ralhado com Miora por ela chamar a Victoria Trewartha “a

usurpadora", pareceu-lhe, na verdade, a melhor definição.

Melody precisava sobretudo de imaginar a reação de Blackraven. Ficaria feliz quando visse a sua primeira mulher? Abraçá-la-ia? Beijá-la-ia na boca? Perdoar-lhe-ia a infidelidade com Simon Miles? Com certeza ficaria satisfeito, pois, pelo menos, o seu aparecimento poria fim às suspeitas que a morte dela lançara sobre o bom-nome de Blackraven. Pensaria Roger no descrédito da casa de Guermeaux? Tentaria evitar o escândalo ao ducado, aceitando o regresso da sua mulher desaparecida? Apesar de lhe ter dito tantas vezes que pouco se preocupava com o ducado, ela sabia que não era verdade. Amy Bodrugan ("a pessoa que melhor conhece Roger neste mundo", recordou-se), confessara-lhe, dias antes, que Blackraven amava a Cornualha, a terra do seu pai, e que gostara sempre do atual duque, apesar de fazer tudo por o odiar. "Pelo menos sempre quis que o pai gostasse dele", completara Amy. "Decidiria repudiar Victoria Trewartha, pedir-lhe o divórcio para se casar com ela? Divórcio, uma palavra ainda mais sórdida do que bigamia ou bastardia.

E poderia ela, uma católica, aceitar casar-se com um divorciado?" Pensou em Lastenia, sua mãe.

Melody acabou por admitir que receava voltar a encontrar-se com o marido naquelas circunstâncias. "Já não é o meu marido." Não suportaria que Blackraven lhe dissesse: "Meu amor, tu, juntamente com um grupo de escravas, irás instalar-te em El Retiro. Visitar-te-ei todas as semanas."Embora, em boa verdade, receasse enfrentá-lo na presença de Victoria Trewartha, o que não suportaria, de forma alguma, era que ele as comparasse. Poupar-se-ia a essa humilhação.

Abandonou a cadeira frente ao toucador e dirigiu-se para o roupeiro, arrastando os pés. Doía-lhe o braço, onde o doutor Fabre lhe tinha feito o corte para a sangrar, e demorou o dobro do tempo a encher uma bolsa de couro com algumas das suas roupas e as que Miora lhe tinha costurado para o bebê. Não precisaria dos vestidos faustosos, nem das luvas de pelica, nem dos leques, nem das joias. Levaria apenas o indispensável, roupa quente, luvas e meias de lã e os seus botins de pele de cabra. Escolheria apenas uma peça sumptuosa, a estola de marta, o melhor para evitar uma dor de garganta. Retirou de uma pasta o retrato a carvão de Jimmy e contemplou-o demoradamente antes de o guardar na mala.

Enquanto preparava as suas coisas, Melody perguntava-se a quem iria pedir ajuda. Pôs logo de parte Lupe e Pilarita. Precisava de se afastar de Buenos Aires e ganhar tempo para se acalmar e meditar. O aparecimento de Victoria mergulhara-a na maior confusão de toda a sua vida e não conseguiria tomar uma decisão acertada se continuasse no meio daquela barafunda, permitindo que os falatórios que se iriam desencadear de modo cruel, exercessem sobre ela o efeito

habitual, deprimindo-a e assustando-a. Pensou em Simonetta, mas arrependeu-se logo a seguir, considerando tratar-se de uma amizade de poucas semanas. Na verdade, não a conhecia e, apesar de ter decidido continuar a dar-se com ela depois de conhecer a verdadeira natureza da sua relação com Ashantí, não se sentia preparada para confiar na italiana. “Irei para Bella Esmeralda”, decidiu e uma doce saudade amenizou-lhe o peito, desvanecendo-se logo a seguir quando se deu conta de que seria o primeiro lugar onde Blackraven a iria procurar. “Papá Justicia!”, pensou, lembrando-se de imediato de que o velho quimboto trabalhava para Blackraven. Trabalhara, pelo menos, por ocasião da revolta de escravos na qual Tommy havia participado.

— Irei ter com dom Gervasio — disse num tom firme e decidido e o som da própria voz operou uma mudança positiva no seu estado de espírito.

Quando do nascimento de Rogerito, Gervasio Bustamante havia expressado a sua eterna gratidão por ela ter arrancado Polina e o seu filho a uma morte certa e cruel nas margens do rio da Prata. O homem beijara-lhe as mãos e insistira para que contasse com ele em qualquer dificuldade. “Pois bem”, pensou, “chegou o dia de pôr à prova a palavra de dom Gervasio”.

Sentar-se-ia à secretária e esperaria que o dia amanhecesse. Não iria aventurar-se pelas ruas escuras. Com toda aquela agitação, o sono desaparecera, pelo que não correria o risco de adormecer. Mas adormeceu.

— Miss Melody, Miss Melody.

— Que se passa? — Despertou num sobressalto.

— Onde pensa ir? — perguntou-lhe Miora, e como Melody continuasse a olhar para ela com uma expressão desorientada, a escrava apontou para a mala de viagem que tinha aos pés.

Levantou-se com dificuldade. Doíam-lhe as frontes e tinha os lábios secos.

— Irei consigo. Não a deixarei partir sozinha.

— Não, não virás. Tornar-te-ias numa escrava fugitiva.

— Terá de me matar para que não a siga — obstinou-se a escrava.

— Não pensas em Somar? Miora encolheu os ombros.

— Ele compreenderá.

— Se fores apanhada, Blackraven mandará te chicotear até ficar com as costas em carne viva.

— Como Sua Mercê conhece mal o patrão Roger. Ele ficará muito grato por eu ter protegido a sua mulher e o seu filho.

— Não sou a sua mulher.

— Está bem, que não seja a sua mulher. A mulher que ele ama.

— Não me aborreças com as tuas impertinências! — Então, deixe-me ir consigo.

— Vai preparar algumas roupas — disse Melody, pensando enganá-la e fugir.

— Já tenho uma trouxa com as minhas coisas à porta. Há pouco entrei aqui, vi-a a dormir com a mala aos pés e percebi qual era a sua intenção. Fui logo preparar as minhas coisas. Não evitarei que parta, porque a compreendo, mas não a deixarei ir sozinha.

— Negra espertalhona — disse Melody e Miora abriu muito os olhos,pois era a primeira vez que a sua senhora lhe chamava “negra”.

Blackraven tinha passado a noite no Sonzogno, depois de fundear em El Cangrejal, a embarcação que alugara em Colonia del Sacramento. Às sete da manhã, montou Black Jack e iniciou o regresso a Buenos Aires. Calculou que, se mantivesse um bom ritmo e parasse apenas em dois lugares, chegaria à casa de San José por volta das duas da tarde, ainda a tempo de almoçar.

A viagem tinha sido proveitosa. Bem administrado, o negócio da pedreira de dona Rafaela del Pino poderia gerar excelentes lucros. De qualquer modo, já não pensava nas pedreiras de cal, nem nos trabalhadores, nem nas ferramentas que teria de substituir, nem nas medidas de segurança que era imperioso tomar. Pensara apenas na tarde que passaria no quarto com a mulher. Pensara nela a maior parte do tempo: se estaria bem de saúde, se teria evitado sair sozinha, se a Amy a teria importunado, se algum escravo a deixara triste com as suas desgraças, se as reformas no albergue lhe teriam criado algum problema, se estaria feliz.

Ao avistar as traseiras da sua casa, foi tomado de uma doce sensação de familiaridade e veio-lhe ao espírito a palavra “lar”. Saltou do seu cavalo Black Jack e entrou em casa com uma tal ansiedade que nem reparou que os escravos o evitavam e que Siloé tinha os olhos inchados de chorar. Atravessou os três pátios e irrompeu pela casa de jantar, de onde lhe chegavam vozes. “Estão a almoçar”, pensou.

Viu primeiro Isabella e, como um apêndice desta, a velha Michela, sentada ao seu lado. Se bem que não gostasse de ser apanhado de surpresa, avançou com um sorriso.

— Mãe, que surpresa! Que fazes…? — interrompeu-se, e nem viu que Malagrida e Távora, tal como Isabella, se punham de pé. Não viu porque o seu olhar ficou preso à mulher que, sentada à cabeceira, tinha deixado de estar de costas e o olhava fixamente.

— Victoria? — A voz saiu-lhe num sussurro. — Victoria — repetiu agitado, quase sem fôlego.

— Alejandro, por favor, querido — interveio Isabella. — Vem sentar-te.

Blackraven dirigiu-se a Victoria, agarrou-a por um braço e obrigou-a a abandonar a cadeira e a afastar-se da mesa. Olharam-se durante um longo

silêncio.

— És tu? És mesmo tu? — Sim, sou eu, Roger. Sou Victoria, a tua mulher.

— Meu Deus! Largou-a como se o contato com a sua pele o tivesse queimado e deu vários passos à retaguarda.

— Que significa isto? Que diabo fazem aqui? — Ao dirigir o olhar para os outros, reparou na ausência de Melody. — Onde está Isaura? — Deu-se conta de que o pânico se apoderava das expressões da mãe. De Malagrida e de Távora. Também ele sentia o pânico, que se manifestou como ira. — Onde está Isaura, raios! Onde está a minha mulher! — Eu sou a tua mulher! — interveio Victoria.

— Tu, cala-te! Victoria voltou para a sua cadeira e começou a chorar. Malagrida inclinou-se e murmurou qualquer coisa ao ouvido de Távora. De imediato, Adriano deu o braço a Victoria e levou-a para fora da sala. Isabella aproximou-se do filho para lhe confessar a verdade, mas Malagrida adiantou-se antes que ela tivesse tempo de falar.

— A tua mulher fugiu, Roger. Foi-se embora há dois dias, na manhã a seguir à chegada da tua mãe e Victoria. Não sabemos onde está.

— O quê? Isabella que agarrava o braço do filho, percebeu que ele tremia.

— Alejandro, por favor, meu filho, mantém-te calmo! — Que estás tu a dizer? Que a minha mulher fugiu com o meu filho no ventre e que vocês estão aqui, sentados à mesa, a comer e a beber como reis? Que fizeram para que ela se fosse embora? Que foi que Victoria disse? Matá-la-ei se a ofendeu de alguma forma! — Roger, controla-te — interveio Malagrida. — E não faças acusações antes de saber o que aconteceu. Isabella, por favor, um copo de brandy para o Roger. Ele está a precisar.

Isabella fez um sinal a Michela para que se encarregasse da bebida, enquanto ela tentava despir-lhe o casaco e Malagrida lhe aproximava uma cadeira. Blackraven empurrou a mãe e deu um pontapé à cadeira que foi cair a mais de um metro de distância.

— Deixem-me em paz! E digam-me para onde foi a minha mulher.Onde está a minha Isaura? — Não sabemos — reiterou o jesuíta. — Há dois dias que Somar e todos os teus homens percorrem a cidade e os arredores. Não deverá ter ido muito longe. Talvez esteja escondida aqui perto.

— Que foi que vocês lhe disseram para que tomasse uma atitude tão drástica? Michela pôs-lhe o copo com brandy na frente. Roger bebeu e, em seguida, arremessou-o contra uma parede.

— Basta de palermices. Digam-me de uma vez por todas o que foi que aconteceu? — Alejandro, meu filho, ela não estava preparada para o choque que recebeu. A pobrezinha sentiu-se mal e foi preciso chamar o médico, que decidiu sangrá-la, pois a pressão tinha subido exageradamente.

— Oh, meu Deus, não. Não, por amor de Deus, não. Não me digas isso, mãe, que me matas.

Isabella, desconcertada com a reação do filho, ergueu os olhos e procurou os de Malagrida. O homem devolveu-lhe uma expressão que dizia: “Preveni-a de que ele a amava mais do que tudo na vida. Preveni-a de que Roger não era o mesmo.” — A garota — prosseguiu Isabella— deve ter pensado que já não havia lugar para ela nesta casa e por isso tomou essa decisão tresloucada. Juro-te pela memória do meu pai, Alejandro, que não lhe dissemos nem fizemos nada que a incomodasse. Onde vais? — Onde achas que vou, mãe? Procurar a minha mulher.

— Somar e Eddie O’Maley estão a tratar disso — informou Malagrida.— Não têm feito outra coisa nos últimos dias. Tu deverias… Blackraven já não o ouvia. Corria para a área de serviço e pedia aos gritos a Ovidio que lhe selasse outro cavalo.

— A minha mulher levou o Fuoco? — Sim, patrão Roger. Levou também a Goti, a cabrinha do menino Jimmy.

— Se vires o Somar, diz-lhe que espere por mim, que não volte a sair.— Sim, patrão Roger.

Terminado o jantar, antes de se deitar, Isabella bateu à porta do quarto de Victoria. Foi encontrá-la na cama, os olhos inchados e as maçãs do rosto muito coradas, não de um modo saudável e sim como se estivesse com febre. Tossia, com um lenço na boca para abafar o ruído.

— Vou mandar trazer-te uma das infusões de Trinaghanta. Não me pareces nada bem.

— Nem sequer me perguntou o que me tinha acontecido — soluçou Victoria. — Só se preocupou com essa garota. — Isabella não respondeu. — Tratou-me como se eu fosse um cão, como se nunca tivéssemos estado casados. E continuamos a estar. Eu não morri, por muito que isso lhe custe.

— Não é isso — interveio Isabella. — Está preocupado. A garota está grávida e ele receia que lhe aconteça alguma coisa. É natural.

— Não veio me ver.

— Acabará por vir. Tem paciência.

— A beleza dela é vulgar — declarou Victoria, após um breve silêncio.

— Se te referes a Isaura, eu não diria que é vulgar — opinou Isabella – e sim exuberante. Reparaste nos cabelos? Nos lábios? No corpo de curvas muito pronunciadas? Percebe-se apesar da gravidez. Até o turquesa dos olhos é tão… turquesa. Nunca vi uma tonalidade tão definida, sem matizes. Não há dúvida de que é uma mulher de extremos.

O discurso pareceu a Victoria um elogio.

— Os seios são desproporcionais. Parece uma camponesa que amamentou dez meninos remelentos. Tem a estrutura de uma mulher gorda.

— É porque está no fim do tempo.

Victoria começou a chorar e Isabella pegou-lhe a mão. Tinha pena da nora. Sabia, por experiência própria, a dor que causava a rejeição do homem amado. Devia sentir-se em desvantagem face à nova mulher de Roger, muitos anos mais nova e prestes a dar-lhe um filho, coisa que Victoria nunca tinha conseguido.

— Então, filha — insistiu —, deita-te e dorme. Amanhã, mais repousada e mais tranquila não verás o teu futuro com cores tão negras. Eu já volto, vou buscar a infusão para tomares.

Isabella abandonou o quarto e, depois de fechar a porta atrás de si, encostou-se à mesma e passou uma mão pela testa, suspirando.

— Cansada? A voz profunda e sensual de Malagrida não a sobressaltou, envolveu-a como uma carícia que a enervou um pouco. Afastou a mão do rosto e sorriu tristemente.

— Muito cansada, Gabriel, e muito preocupada. Como resolver esta situação? — É complicada, não há dúvida, mas o mais importante agora é encontrar Miss Melody sã e salva, para o bem dela, mas, muito especialmente, para o bem de Roger.

Isabella contemplou-o fixamente e Malagrida devolveu-lhe o olhar. Havia uma intensidade naquela troca, uma mensagem muda, ainda que eloquente, que revelava bem a afinidade entre ambos. Sentia-se fascinada por aquele homem gostar do seu filho, por o respeitar e por o admirar e ansiava, como a emoção de uma jovem, que, naquela mensagem sem palavras, ele tentasse dizer que também lhe destinava a ela uma parte desse afecto, uma parcela desse respeito, dessa admiração.

— Ainda bem que está aqui, Gabriel. A sua presença me tranquiliza muito.

— Eu também me sinto muito feliz por vê-la aqui, Isabella.

Pegou-lhe na mão, inclinou-se e beijou-a.

— Boa-noite — disse o jesuíta, dirigindo-se rapidamente para o escritório.

Isabella seguiu-o com o olhar até que a sua silhueta se desvaneceu na penumbra do corredor. Continuou atenta ao som das suas botas sobre as tábuas de madeira de carvalho, mesmo depois de ele ter entrado na biblioteca.

Gabriel Malagrida despertava nela um sentimento pouco frequente. Agradava-lhe como homem, é certo, mas não era a atração física que a inquietava e sim a necessidade de lhe agradar, não como mulher e sim como pessoa. Habituada a que a sua beleza e simpatia cativassem os homens, estas eram insuficientes na relação com Malagrida, como se ele estivesse acima dessas frivolidades, como

se não reparasse ou não desse importância às suas qualidades mais notórias. Ele tinha uma cultura, inteligência e vida espiritual que a desqualificavam. Admirava-o e, em simultâneo, ansiava por contar com a sua aceitação.

Blackraven voltou à casa da calle San José já a noite caíra. Tinha percorrido a cidade à procura de Melody, não tanto por acreditar que iria encontrá-la, mas porque lhe era impossível renunciar à luta. O silêncio da casa pareceu-lhe um insulto. Todos deveriam partilhar da sua agitação, não parar de a procurar. Antes de chegar ao escritório, uma sombra furtiva obrigou-o a desembainhar o estoque.

— Patrão Roger — Trinaghanta lançou-se aos seus pés, lavada em lágrimas.

Blackraven pegou-lhe num braço e levantou-a como se ela fosse uma pena.

— Perdoe-me, patrão Roger, não deveria tê-la deixado sozinha naquela noite! Estava tão emocionada, a minha pobre senhora. Não devia tê-la deixado só. Sua Excelência tinha-me recomendado e eu falhei, faltei à minha palavra. Por favor, perdoe-me!

— Acalma-te, Trinaghanta. Nada do que aconteceu foi por tua culpa.

— Se eu tivesse ficado ao lado dela, não teria fugido. Mas a minha senhora pediu-me para ir embora. Disse: “Eu fico bem, Trinaghanta. Vai descansar. Preciso ficar sozinha.” Que podia eu fazer? Ah, deveria ter ficado a dormir do lado de fora da porta, era o que eu deveria ter feito!

O pranto recomeçou. Blackraven deu-lhe uma pequena palmada na bochecha.

— Vai encontrá-la, não é verdade, patrão Roger?

— Podes crer. Agora vai dormir, estás com um ar exausto.

— É que não durmo desde que a minha senhora se foi embora. Não tenho paz.

— Descansa esta noite, porque amanhã vais me ajudar a procurá-la.

— Oh, sim, farei qualquer coisa que o senhor me peça, patrão Roger. No escritório, aguardavam-no Malagrida, Távora, O’Maley e Somar.

— Alguma informação?— perguntou Adriano e Blackraven abanou a cabeça, com uma expressão esquiva, e avançou com grandes passadas até o móvel das bebidas. Despiu o casaco, descalçou as luvas e lançou-as sobre o divã.

— Somar, traz-me um pano úmido — e serviu-se de uma dose de uísque irlandês que bebeu de um só trago.

O turco regressou pouco depois e estendeu-lhe uma toalha. Blackraven passou-a pelo rosto.

— Digam-me o que fizeram para a encontrar durante estes dois dias.

O’Maley tomou a palavra, explicando-lhe que tinham visitado todos os amigos — a baronesa de Pontevedra, a senhora Moreno e Simonetta Cattaneo — que lhes tinham parecido muito sinceras ao dizer que nada sabiam de Melody.

— Foram a casa de madame Odile?

— Claro — retorquiu Somar. — Não a vê desde a morte de Jimmy. Ficou tão preocupada que mandou dois dos seus empregados juntarem-se a nós na busca. Estão a ajudar-nos.

— Também fomos a El Retiro e enviamos dois dos meus homens a Bella Esmeralda — declarou O'Maley. — Ainda não voltaram. Espero-os amanhã, o mais tardar, depois de amanhã. Talvez tragam boas notícias.

— E Papá Justicia — perguntou Blackraven a Somar.

— Não sabe de nada. Pôs um exército de negros à procura dela.Tenho esperança de que, dentro de poucos dias, nos deem um sinal. Uma mulher com as suas características, com uma escrava e um cavalo como o Fuoco, não passará despercebida.

— E no porto? Averiguaram se foi vista nalgum barco?

— Falamos com os carroceiros — O'Maley referia-se aos donos das carroças que conduziam os passageiros até os barcos, ancorados a uma milha da costa, por vezes mais. — Tenho gente colocada dia e noite no porto. Os meus homens estão também a vigiar as companhias de carruagens que fazem viagens para o interior.

— A que horas fugiu?

— Calculamos que tenha sido à uma da manhã do dia a seguir à chegada da tua mãe e de Victoria — disse Malagrida.

— Trinaghanta foi a primeira a dar pela sua ausência quando se dirigia para o quarto para tratar dela, como era costume todas as manhãs, deveriam ser sete e meia.

Blackraven levou o punho à boca e olhou fixamente para o tapete, enquanto avaliava todas as possibilidades de que Melody dispunha para fugir. Deduziu que, pelo bem do menino, não se arriscaria a deambular por caminhos perigosos nem a passar fome e frio. "O mais provável", pensou "é que não esteja muito longe".

— Visitaram todos os hotéis, hospedarias e casas que alugam quartos? — Sim, eu mesmo me ocupei disso — confirmou Somar — Descobriste alguma coisa, Roger? — interessou-se Malagrida.

— Andei em vão pelas tabernas, a distribuir moedas a troco de informações. Mas ofereci quantias avultadas para quem me der algum sinal.

— A partir de amanhã esses indivíduos que passam os dias bebendo e jogando cartas vão procurar Miss Melody e Miora pelos campos —referiu Somar.

— Muito bem — declarou Roger. — Agradeço-vos terem esperado até esta hora. Agora podem ir descansar. Amanhã, às sete, retomaremos as buscas. Adriano, espera um momento. Preciso falar contigo.

Enquanto os outros abandonavam o escritório, voltou a servir uísque em dois copos e entregou um a Távora.

— Por que diabos trouxeste Victoria ao Rio da Prata se sabias que eu tinha me casado?

— Ela teimou, Roger. Sabes bem como ela é insistente. disse que,se não a trouxesse na Wings, embarcaria no primeiro navio que zarpasse em direção à América do Sul. O teu tio Bruce e a tua mãe tentaram demovê-la, mas não houve nada a fazer. Quando cheguei a Londres com a notícia do teu casamento…

— Como? O meu tio Bruce não estava a par?

— Não, fui eu quem o informou.

— Enviei-lhe uma carta há alguns meses, no sábado 22 de fevereiro.Lembro-me bem porque foi na véspera do casamento. Comunicava-lhe que tinha decidido voltar a me casar.

— Não me parece que Bruce tenha recebido essa carta, Roger. Ficou tão surpreso como a tua mãe e Victoria quando lhes disse. Constance também.

— Suponho que conheces os pormenores do reaparecimento de Victoria. — Távora assentiu. — Conta.

De acordo com o que todos tinham suspeitado, Victoria Trewartha tinha-se atirado ao mar, do rochedo onde foram encontradas as suas roupas e uma carta para Blackraven. Contudo, não morrera.

— Custa-me a crer nisso — impacientou-se Blackraven. — Essa queda a teria matado.

— Victoria lembra-se de ter caído à água como se houvesse caído em terra, de tal modo o impacto foi violento, mas não perdeu a consciência, ou perdeu-a apenas por alguns segundos, não sabe bem. Logo a seguir nadou para a costa. Tempos mais tarde, acordou junto do promontório do monte Saint-Michel.

Blackraven tinha duas propriedades na Cornualha: uma perto de Truro, onde estavam situadas as minas de cobre e as pedreiras de caulino que abasteciam a sua fábrica de porcelana, e outra a sul do condado, entre as cidades de Marazion e Penzance, junto do castelo medieval dos Guermeaux, onde se erguia o palácio de estilo isabelino que dava pelo nome de Hartland Park, no qual vivera com Victoria e onde a fora encontrar nos braços do seu amigo Simon Miles. Frente à cidade de Marazion, eleva-se no mar uma espécie de ilhota ou proeminência rochosa chamada monte Saint-Michel, sobre a qual fora construído, no século XII, um castelo ocupado por uma família que, tal como os Guermeaux, chegou às Ilhas Britânicas, fazendo parte do exército de Guilherme, o Conquistador, que lutou em Hastings. Chega-se ao monte Saint-Michel de barco ou atravessando um istmo, que só se pode utilizar durante cinco horas da maré baixa. Foi aí, nesse caminho, que um criado do castelo de Saint-Michel encontrou o corpo

quase nu de uma mulher que, a princípio, julgou estar morta.

— Estás dizendo que Victoria flutuou várias milhas pelas águas geladas do mar e sobreviveu?

— Não te esqueças de que ela é uma grande nadadora. O próprio Simon Miles a ensinou a nadar quando eram crianças. O teu tio Bruce encontrou-se com Peter Trevanion — Adriano referia-se ao senhor do castelo Saint-Michel — que corroborou toda a história. Julgaram que se tratava da sobrevivente de um naufrágio, ocorrido no dia anterior, que era uma passageira do Formidable, uma corveta francesa. Victoria de morou alguns dias a recuperar-se e, quando puderam perguntar-lhe quem era e de onde vinha, Trevanion declarou que ficou a olhar para eles como se não compreendesse o que diziam. Falaram em francês, certos de que se tratava de uma passageira do Formidable, e ela respondeu na mesma língua com um sotaque tão perfeito que não tiveram a menor dúvida.

— Claro que ela fala francês na perfeição! — encolerizou-se Blackraven. — A mãe é francesa e essa foi a sua primeira língua. — Fez um leve sinal para que Adriano prosseguisse. — Victoria não se lembrava do seu nome nem de onde vinha.

— Bem, muito conveniente!

— Que estás insinuando? Que fingiu ter perdido a memória? Com que intuito?

— No intuito de desaparecer. Eu a encontrei na cama com outro, o seu bom nome estava manchado. Ameacei repudiá-la, acusá-la de adultério, mandá-la para a prisão, por isso fugiu de casa, apavorada. Para escapar à vergonha.

— Não, não, Roger, estás exagerando. Victoria é uma mulher pouco engenhosa e muito prudente. O que sugeres seria uma farsa arriscada demais para uma natureza como a dela. Além disso, para quê regressar agora se pretendia desaparecer? Enfim — disse, com um suspiro —, acho que nunca saberemos a verdade. O que sabemos é que os Trevanion a entregaram às autoridades em Penzance, e estas não podiam imaginar que se tratava da condessa de Stoneville. Todos a consideraram uma sobrevivente do naufrágio do Formidable. Victoria foi levada para França, onde viveu num convento em Boulogne-sur-Mer, o das Trinitárias Recoletas, até o dia em que recuperou a memória e voltou à Cornualha. Lembraste de eu te ter contado, no Rio de Janeiro, que o teu tio Bruce, a tua mãe e Constance tinham ido à Cornualha? — Blackraven assentiu. — Pois bem, tinham viajado com urgência porque o teu advogado em Truro, o doutor Pearson, escrevera ao teu tio para lhe comunicar o aparecimento da tua mulher.

Távora conhecia aquele seu gesto de esfregar o punho na boca, ao mesmo tempo que olhava fixamente para o chão, sem pestanejar. Estava a tramar alguma

coisa.

— Talvez a Victoria possa tirar-te algumas dessas dúvidas que te inquietam.

— Não tenho vontade de a ver nem de falar com ela.

— Mais tarde ou mais cedo, terás de o fazer. É a tua mulher.

— Sim, terei de o fazer, mais tarde ou mais cedo. Mas, para mim, minha mulher é Isaura e não quero voltar a ouvir o contrário.

— Está bem, como queiras. Mudando de assunto, no Rio de Janeiro tratei dos assuntos de que me tinhas encarregado. Queres falar disso?

—Agora, não. Não tenho cabeça para nada a não ser para pensar em Isaura. Diz-me só uma coisa: que averiguaste acerca de La Cobra?

— Nada, Roger. Fui até Paris, mas não consegui nenhuma informação com valor.

No dia seguinte, às seis da manhã, Isabella tomou o pequeno-almoço com o filho, na sala de jantar. Percebia-se que não tinha pregado olho. As linhas duras do seu rosto haviam-se acentuado, fato que, acrescentado à sua expressão sombria, lhe dava o aspecto de algoz.

— Mal esteja resolvido o problema do reabastecimento da Wings, tu e Victoria regressarão a Londres — anunciou, sem olhar para ela.

— Victoria não está bem de saúde, Alejandro. Não suportará outra viagem em tão pouco tempo.

— Deveria ter pensado nisso antes de vir.

— Os pulmões dela ressentiram-se com aquela queda no mar e nunca mais recuperaram na totalidade. Não me disse, mas julgo que sofre de tuberculose. Ontem à noite fui ao quarto dela e estava com febre e com muita tosse. Tenciono chamar um médico hoje. — O silêncio de Blackraven, encorajou-a a prosseguir. — Que vais fazer, filho?

— Em primeiro lugar, encontrar a minha mulher. Depois, divorciar--me de Victoria e casar com Isaura.

— Não podes! Será um escândalo. O teu pai não permitirá.

— Mãe! — enfureceu-se Blackraven, dando um murro na mesa que fez tilintar a louça—, que me interessa o que o meu pai diz? Não amo Victoria, nunca a amei. Divorciar-me-ei dela e dar-lhe-ei tanto dinheiro que nunca conseguirá gastá-lo. Podes dizer-lhe para que fique tranquila. Quanto ao seu bom nome, ela já o manchara deitando-se com outro homem enquanto era a condessa de Stoneville. Pode ir para Paris, sempre gostou dessa cidade, ou para Viena, ou para onde diabo lhe dê vontade, mas não a receberei de novo como minha mulher. E não se fala mais deste assunto.

— Victoria não tem culpa de ter sobrevivido a essa queda, Alejandro.

Pareces lamentar que esteja viva.

— Não lamento que ela esteja viva. Pelo contrário, é para mim um grande alívio porque sempre me considerei culpado da sua morte.

Blackraven continuou a tomar o seu café, os olhos perdidos no vazio. Isabella sentia o seu sofrimento, ira e impotência. Pegou-lhe numa das mãos e beijou-a.

— Meu amor, não te angusties, ela não deve ter ido muito longe.Quase uma garota, sem dinheiro. Onde poderia ir? Vai assustar-se e voltar muito em breve.

— Tu não conheces a Isaura, mãe. É certo que é uma menina e que está só, sem dinheiro e com um filho no ventre, mas amedrontar-se? —Abanou a cabeça. — Não voltará. Seu maldito orgulho irlandês a manterá longe daqui.

XVIII

Dom Gervasio Bustamante instalou Melody e Miora na quinta perto do hospital dos Betlamitas, conhecido como La Convalecencia, que tinha arrendado a Petronio, falecido pouco antes. Miora limpara as ervas daninhas do montículo, debaixo do qual jazia o liberto, e Melody colocara um ramo de flores silvestres na cruz de madeira que o seu vizinho, Francisco Álvarez, construíra e embelezara com um trabalho de gravação.

Miora achava que Francisco Álvarez deveria ter perto de setenta anos, apesar do seu vigor físico o desmentir. De fato, levantava-se sempre de madrugada e trabalhava na horta e tratava das árvores de fruto durante todo o dia, de modo incansável. Era um homem solícito, de trato amável e muito generoso. Visitava-as com grande frequência, sempre com uma oferta: maçãs, limões, laranjas, legumes, conservas ou doces que ele mesmo confeccionava ou pão amassado e cozido por ele. A princípio, Melody hesitou em aceitar a amizade que o velho lhe oferecia porque desejava manter o anonimato, mas acabou por sucumbir à sua bondade. Gostava da prudência e discrição de dom Francisco: nem uma única vez lhe perguntara o quer que fosse sobre a sua vida, nem fizera referência ao seu estado. Tranquilizava-a saber que, a pouca distância dali, vivia um homem de boa índole e caráter, ao qual poderia recorrer em caso de aflição.

Sabia que contava também com o doutor Egidio Constanzó e com a sua irmã, que arrendavam um solar perto da quinta de dom Gervasio.

Tinham passado apenas dois dias desde a chegada ao seu novo lar quando Melody avistou da galeria uma caleche que parara a meio do caminho. Reconheceu-o pelo modo de andar e de tirar o chapéu de aba larga, colocando-o debaixo do braço.

— Bom-dia, senhora condessa.

— Bom-dia, doutor Constanzó. — Não teve coragem de lhe pedir para lhe chamar senhorita Maguire. — É uma surpresa encontrá-lo por estas paragens.

— Vivo aqui muito perto, para aquele lado. Daqui vê-se o telhado da minha casa — disse, apontando para sul, e Melody seguiu com o olhar o ponto para o qual o médico apontava. — Fiquei muito feliz quando Ingracia me disse que a tinha visto com a sua escrava.

— É uma alegria saber que contamos com amigos neste lugar tão desolado.

Constanzó fixou-a com aquela intensidade que tanto a incomodava e Melody baixou os olhos.

— É claro que conta conosco. Sempre, a qualquer hora e em qualquer

circunstância.

— Obrigada, doutor.

Seguiu-se um silêncio durante o qual Melody pressentiu que o médico iria falar do escândalo que, certamente, se desencadeara.

— Não lhe vou mentir, Melody. — A mudança no modo de tratamento fê-la levantar o rosto. — Estou a par da sua situação.

— Imagino que deva ser o falatório do momento.

— Com efeito, assim é.

— Não me diga nada, por favor, doutor. Não quero saber. Preciso de um pouco de paz.

— Compreendo. Tem a minha palavra de que eu e a minha irmã não abriremos a boca. Não pretendo incomodá-la, o meu desejo é que esteja tranquila e bem instalada.

— Dê-me também a sua palavra de que não dirá ao meu mar… ao senhor Blackraven onde me encontro.

— Tem a minha palavra.

— Obrigada.

Como de costume, depois do pequeno-almoço, Melody deu um passeio por entre as árvores de fruto, bem agasalhada no seu xale de merino.

Petronio tinha feito um excelente trabalho e a quinta medrara a olhos vistos. Abundavam as laranjeiras, os limoeiros, as figueiras, as macieiras, os pessegueiros, as pereiras, as nogueiras e, na horta, havia vários legumes, couves, cebolas, alfaces, ervilhas, abóboras e favas. No Verão tinham melões e melancias. Os galinheiros e as pocilgas estavam vazios, pois dom Gervasio levara os animais quando soubera da morte do escravo liberto, tendo Melody pedido a dom Francisco que lhe vendesse algumas aves de capoeira. O homem levou-lhe quatro galinhas e um galo e explicou-lhe que as brancas eram excelentes galinhas poedeiras, e que a galinha e o galo castanho lhe dariam boa carne. Não quis receber pagamento algum.

Não lhes faltava nada, nem sequer leite, pois a cabrinha Goti comia boas pastagens, dando, por esse mesmo motivo, bom leite e em grande quantidade. Além disso, a senhorita Ignacia, irmã de Constanzó, enviava-lhe todas as manhãs um escravo com um balde de leite de vaca acabado de ordenhar. Com o que sobrava, Melody preparava manteiga, segundo uma antiga receita irlandesa.

Melody chegou ao limite da propriedade, marcado por uma represa. Gostava de fechar os olhos e ouvir o marulhar da água. Por vezes, nesse ponto da caminhada, começava a chorar. Dez dias antes, julgara que a felicidade voltara a fazer parte da sua vida, quando a perda de Jimmy fora minorada pelo amor do marido e pela chegada do filho que a enchia de esperança. Agora, não sabia o

que iria ser da sua vida. Sentia tanto a falta de Roger que a saudade às vezes transformava-se numa pontada no peito. Tinha de se deitar e respirar suavemente para aliviar a dor.

Apesar de não querer pensar em Victoria, raro era o dia em que conseguia afastá-la da sua mente. Imaginava-a a presidir à mesa, a dar ordens na cozinha, a modificar a decoração da casa, a mudar os móveis de lugar. Mas imaginava-a sobretudo a dormir com Roger e esse pensamento angustiava-a até as lágrimas. Miora declarava insistentemente que o patrão Roger não a aceitaria de novo, mas Melody não sentia assim tanta certeza.

Não tinha paz. Quando não pensava em Roger, pensava em Victoria, nas crianças, ou nas obras do albergue, ou nos escravos a quem tinha prometido ajuda, desaparecendo em seguida. “Será bom para o Víctor passar algum tempo com a mãe, longe de mim”, justificava-se, emborareceasse que a sua ausência lhe provocasse mais pesadelos e ataques do que alegrias. Não tivera tempo de falar com Roger sobre o romance entre o tenente Lane e María Virtudes nem da intenção de dom Diogo de casar com Marcelina. Elisea e Servando também não saíam dos seus pensamentos e perguntava-se se levariam adiante o plano de Amy, mesmo sem a papelada da alforria. E esse assunto levava a um outro: a promessa de Blackraven de dar a liberdade aos escravos no regresso da Banda Oriental. Melody sabia que, naquelas circunstâncias, a proposta iria ficar por cumprir.

Uma pergunta que a atormentava era: “Como terá reagido Roger quando voltou e encontrou Victoria?” — Não me preocupa tanto como o patrão Roger reagiu ao ver de novo a sua primeira esposa — dizia Miora — e sim a reação que terá tido ao saber que Sua Mercê se veio embora. Deve ter armado a maior confusão. E o meu pobre Somar levou certamente com a pior parte, tenho a certeza de que o culpou por não ter ficado alerta.

Secretamente, aquela resposta agradava a Melody, embora evitasse acalentar ilusões. Victoria era a esposa de Blackraven e ela não era nada. Perguntava-se também que esperança poderia ter, a de se tornar amante de Roger? A ideia de ocupar um lugar tão vexatório enchia-a de horror e, logo a seguir, lembrava-se dos preceitos, dos valores, dos princípios que Lastenia, sua mãe, lhe inculcara desde criança. Por outro lado, recordava também as palavras que madame Odile costumava repetir: “Ninguém, por muito virtuoso que seja, pode garantir que, em nenhum momento da sua vida, nem mesmo devido a contingências exteriores à sua vontade, deixará de aceitar fazer o que antes condenava e lhe causava repulsa.” “Fiz bem em vir-me embora”, repetia para si mesma e chegava muitas vezes a acreditar nos seus pensamentos porque aquele lugar, afastado da cidade, lhe oferecia momentos de paz, com os seus aromas silvestres, o ar límpido e os

trinados das aves que faziam parte do silêncio que tanto amava.

A 29 de Setembro, o dia dos Três Arcanjos, Malagrida partiu a cavalo para visitar o seu irmão jesuíta Vespaciano Clavius. Ansiava pela paz do seu lar. Longe do bulício e dos cheiros da cidade, dos mexericos e maledicência, das caras feias mal-humoradas. Precisava de ser ver livre do ambiente da casa de San José. O caráter habitualmente tempestuoso de Blackraven transformara-se numa ira demoníaca. Não fazia outra coisa senão procurar Miss Melody, descurando os negócios e outras atividades. Isabella, que estabelecia a ponte entre o filho e Victoria, tinha os nervos à flor da pele. Victoria, por seu lado, chorava, brigava com Amy, ou queixava-se, particularmente da criadagem, que insistia em manter-se amotinada e de que, apesar de ter recorrido ao marido para que pusesse na ordem "aquela manada de negros", Blackraven se limitara a encolher os ombros e a dizer: — Se não te sentes bem nesta casa, toma o primeiro barco que zarpar para Londres e vai-te embora.

— Sabes que a minha saúde inspira cuidados. Não resistiria a outraviagem.

— Resististe à que te trouxe até aqui. Não vejo por que motivo não resistirias à de regresso. Não me pareces assim tão mal — disse, mas era mentira. Blackraven achava-a muito magra e pálida, cheia de olheiras.

— Não te preocupes Victoria — interveio Amy —, não te acontecerá nada se decidires viajar. Aprendi nestas terras um provérbio muito sábio:"Vaso ruim não quebra" —, o que desencadeou nova discussão.

Blackraven pediu a Somar que escolhesse duas escravas, de entre as que não gostavam particularmente de Melody, pelo que Berenice de El Retiro e Gabina da casa da calle Santiago chegaram no dia seguinte para servir a nova patroa, mas essa medida, apesar de ter solucionado um problema — Gabina e Berenice pareciam encantadas com as sua nova ocupação —, veio criar um outro, pois as escravas da calle de San José não aceitavam as "traidoras", nome que davam às novas, e Somar ou outro dos homens de Blackraven eram frequentemente chamados a intervir nas brigas.

Enquanto o seu cavalo abandonava as ruas da cidade, embrenhando-se na zona de quintas e ganadarias, Malagrida esquecia-se dos problemas e outras questões, mais agradáveis, tomavam o seu lugar. "Isabella", murmurou. Não pronunciou o seu nome de modo consciente, este deslizou por entre os seus lábios ao mesmo tempo que as feições da mulher se esboçavam na sua mente. O tempo não passara para ela, continuava a enfeitiçá-lo tal como na tarde em que a conhecera no escritório do reitor Barère, quando a ouviu defender aos gritos o seu direito a ver o filho. Sorriu ao recordar aquele episódio, e acabou por se recriminar pela satisfação e orgulho que experimentava. Não tinha direito àqueles sentimentos, em primeiro lugar porque na casa de San José se vivia uma situação tensa e

dolorosa e também porque significava acalentar esperanças, correndo o risco de sair magoado, mas, acima de tudo, porque era padre e, mesmo que se desse o caso, o que era muito pouco provável, de Isabella o aceitar, nunca poderia oferecer-lhe uma situação digna. Blackraven não o permitiria. Suspirou, como que resignado a essa alegria de jovem pastor que lhe explodia no peito e que o fazia sentir-se envergonhado. Como evitá-la, se Isabella di Bravante estava perto e o seu perfume de violetas o provocava.

Por volta do meio-dia, avistou ao longe a propriedade do seu amigo Vespaciano e, sem o ver a ele, entre as árvores de fruto, teve a certeza de que estava em casa pelo fumo que saía da chaminé da cozinha. Deveria estar a confeccionar mais um dos seus doces ou conservas que depois vendia aos retalhistas da Recova. Surpreendera-o: Vespaciano era um excelente cozinheiro. Sentiu de imediato fome e agradou-lhe a ideia de saborear um dos manjares do seu amigo.

Vespaciano recebeu-o de avental posto, na mão uma colher de madeira lambuzada de marmelada.

— Cheguei em boa hora — comentou Malagrida em jeito de saudação.

— Entra, entra. Referes-te a isto? — e apontou para o tacho de cobre onde ferviam os pêssegos.

— Magnífico aroma.

— Estou a experimentar uma nova receita. Vamos ver no que dá.

— Sou um óptimo juiz de doces.

— Já está quase pronto. Vou pôr-te um pouco no prato para arrefecer, mas não fiques à espera de que te ofereça um frasco. Queres uma xícara de café? Olha, come um destes pãezinhos. Foram amassados pela minha nova vizinha. São ótimos.

— São bons, sim — admitiu Malagrida, com um pedaço de pão na boca. — Porque não me oferecerias um frasco do teu novo doce? Posso pagar — disse na brincadeira.

— Não posso dar porque já está tudo encomendado, prometi levar à nova vizinha. Ofereci-lhe umas galinhas há dias e, como não quis receber dinheiro, tem trazido todo tipo de comida. Os pãezinhos são o presente do dia de hoje. Olha, barra um pãozinho com essa manteiga que a escrava dela me trouxe ontem. É das melhores que já provei.

— Manteiga — disse, lambendo os beiços. — Não como manteiga desde que embarquei em Londres há alguns meses. Nestas paragens não a conhecem. Como é que a tua vizinha faz manteiga? — Diz que é uma velha receita de família, dos seus antepassados irlandeses.

— É magnífica. A tua vizinha decerto enriqueceria se a vendesse.

— Vou falar-lhe nisso. Sem dúvida lhe daria jeito o dinheiro. Está tão sozinha, carente e de esperanças.

— E o marido? — Se o marido existe, nunca o vi. Ela chegou há pouco mais de dez dias, com uma escrava muito jovem. Não quis perguntar nada, mas suspeito de que a sua situação não seja clara.

— Porque dizes isso? — Por nada em particular. Pressentimento. Se ficares mais um pouco, talvez possa apresentá-la. Prometeu visitar-me para vir buscar o doce. Lembra-te de que na sua presença sou Francisco Álvarez.

— Como se chama a garota? — Melody, mas deve ser um apelido.

Blackraven entrou no quarto e, com impaciência, libertou-se das luvas e da longa casaca de couro. Encheu a bacia e retirou a sujidade dos olhos e do rosto, enquanto esperava que Trinaghanta lhe preparasse o banho. Acabava de chegar da vila de Luján onde nada sabiam de uma jovem grávida com uma escrava. Serviu-se de um generoso copo de vinho clarete e bebeu metade de um só trago. Sentiu-se logo melhor. De copo na mão, aproximou-se do retrato por terminar e puxou o tecido que o preservava do pó. Com efeito, Fermín Gayoso era um excelente retratista. Acariciou a linha do maxilar de Melody e dobrou os dedos até lhe roçar os lábios. Oh, meu Deus, os seus lábios! Inclinou-se sobre a tela e beijou-os. Parecia uma atitude patética e foi tomado de um misto de autocomiseração e de tristeza que, por fim, degenerou em raiva. Nunca experimentara tamanho sentimento de impotência como durante os últimos dias. “Meu amor, porque me estás a fazer isto?”, perguntou à pintura e ficou a contemplá-la, absorto na paz que o seu olhar lhe transmitia. O artista soubera captar a alma de Melody na expressão dos seus olhos. Voltou a tapar a tela e afastou-se em direção ao clarete.

Havia mais de dez dias que Melody e Miora tinham fugido e nada sabiam delas. Apesar de abundarem impostores com provas falsas, seduzidos pela promessa de uma generosa gratificação, não tardavam a desmascará-los e a pô-los fora. Blackraven tinha consciência do seu mau humor, das respostas desagradáveis e os seus estados de fúria tinham-se tornado parte da vida quotidiana. Apesar de saber que, de certa forma, os seus modos irascíveis se deviam à falta de sono e à má alimentação, não conseguia dedicar tempo a essas práticas, sabendo que Isaura continuava longe, sozinha e sem proteção, a pouco menos de três meses do parto. Comia quando podia e o que encontrava à mão, repousando algumas horas quando o sono o vencia. Detestava regressar à casa de San José, agora mergulhada numa desagradável tensão, gerada não só pelo seu mau humor, mas principalmente pela ausência de Melody. Pressentira desde sempre que aquele local tão acolhedor, sem Melody não passaria de uma casca. As crianças andavam cabisbaixas e choramingavam por tudo e por nada e os

professores, Perla e Jaime, não conseguiam, nem com a palmatória nem com mimos fazer com que se interessassem pelas lições. A Sansão, nem mesmo a Arduino conseguia arrancar um latido de alegria.

Encontrou uma mensagem sobre a mesa-de-cabeceira. Rasgou o selo de lacre e abriu o sobrescrito. Era de Beresford. Pedia-lhe que o visitasse na moradia de Casamayor. Blackraven soubera que, a 11 de Setembro, após uma sessão no Cabildo, na qual foi afirmado que, "devido aos graves inconvenientes que a permanência dos oficiais ingleses nesta cidade criava, quando estamos a ser ameaçados de uma segunda invasão e sabendo que, se tudo lhes correr bem, deverão chegar reforços à esquadra de Popham", se tinha votado pela saída de Buenos Aires do referido corpo de oficiais. Não se ouvia a voz de Liniers a defender as cláusulas da capitulação acordada com Beresford a 12 de Agosto e era fácil detectar a mão de Álzaga naquela votação.

Pensar na sorte do seu amigo trouxe-lhe à memória a série de responsabilidades pendentes. Nem sequer enviara um bilhete a dona Rafaela del Pino a comunicar o seu regresso e a dizer que, em breve, a visitaria para a pôr a par dos avanços na pedreira de los Sauces, na Banda Oriental. Descuidara por completo a fábrica de curtume e El Retiro, onde a ampliação do lagar ainda não estava terminada apesar de o mestre-de-obras lhe ter assegurado que o inaugurariam nos primeiros dias do mês de Setembro. Não sabia como iam as operações comerciais destinadas a eliminar Álzaga do mercado, nem de que modo se tinham desenvolvido as manobras dos criollos independentistas durante as últimas semanas. Perguntou-se o que seria feito de Liniers e, a dada altura, esteve quase a chamar Távora para que este o informasse dos assuntos de que o encarregara na sua viagem a Londres: desativar o projecto do conde de Montferrand para conquistar o México e localizar e pôr a salvo o padre Edgeworth de Firmont, testemunha da abdicação de Luís XVI, que entregara diretamente nas mãos do pequeno Luís XVII o documento com a última vontade do rei Bourbon. Dera-lhe igualmente indicações no sentido de localizar e proteger madame Simon, a mulher do carcereiro de Luís Carlos durante os seus anos de prisão no Temple. Por último, queria que Távora lhe falasse de La Cobra.

Bateram à porta.

— Entra, Trinaghanta.

— Sou eu — disse Victoria, entrando. Fechou a porta e correu o ferrolho.

Bastou-lhe olhar para ela para lhe adivinhar as intenções. Usava um bonito vestido de uma tonalidade rosada que fazia sobressair os seus olhos de um azul-celeste e o seu cabelo louro. Parecia uma boneca. Tinha disfarçado as olheiras com um creme e pintado os lábios, passando-lhes papel com carmim e manteiga

de cacau para lhes dar brilho. Não havia como negar: era lindíssima.

— Que queres? Diz depressa. Dentro de um momento voltarei a sair.

— Para a procurar? — Blackraven não respondeu nem a olhou. — Não deves ter me procurado com tanto empenho como procuras a ela.

— Não consegui encontrar-te porque não querias que eu o fizesse.Montaste a farsa do suicídio para poderes desaparecer e evitar o escândalo público.

— Já te disse como tudo aconteceu — irritou-se Victoria. — Saltei para a água, mas não morri na queda, como supunha. O instinto de sobrevivência levou-me a nadar desesperadamente até a costa, mas uma corrente empurrou-me mar adentro. Nadei de modo incessante até perder os sentidos. Quando voltei a mim, estava num dos quartos do castelo Saint-Michel, sem saber quem era nem de onde vinha.

— Não me faças perder a paciência, Victoria. Não vais conseguir enredar-me noutra das tuas discussões. Que queres, afinal? Vai direita ao assunto.

— Quero saber quando voltaremos a Londres.

— Tu, mal o doutor Fabre diga que estás em condições de viajar. Eu,quando achar conveniente.

— Deveríamos regressar juntos para evitar falatórios.

— Ah, agora preocupam-te os falatórios? — Blackraven soltou uma gargalhada seca. — Deverias ter pensado nisso quando foste para a cama com o meu melhor amigo.

Victoria ensaiou um trejeito de menina assustada. Ele conhecia aquela personalidade versátil que a levava de um extremo a outro com uma rapidez e uma maleabilidade assombrosas. Bastava apenas ser-se um pouco perceptivo e ter algum tempo para a analisar e logo se descobria o traço mais característico da natureza de Victoria: o egoísmo, que a levava a assumir uma grande diversidade de rostos para atingir os seus fins. Nenhum deles revelava a verdadeira Victoria Trewartha e Blackraven não podia saber ao certo se alguma vez a conhecera nem se ela existiria de fato. Concluía, com frequência, que Victoria era uma estranha criatura constituída por várias personalidades. Nunca tinha a certeza de qual ia enfrentar a seguir, se a do sorriso ambíguo, a das carícias suaves e bondosas, se a do gesto caritativo, se a inimiga feroz, capaz de tratar mal um menino pequeno, chamando-o de gipsy, darkie ou bastard, se a amante insaciável.

Victoria tinha-se aproximado com aquele passo estudado, lento e indeciso. Estava a um palmo de distância. Olhou-a nos olhos e o seu perfume de láudano, que noutra ocasião o teria seduzido, invadiu-lhe as narinas, provocando-lhe uma sensação de sufoco e repugnância. Apercebia-se agora do excesso da sua maquilhagem, do qual suspeitara ao vê-la entrar. As primeiras rugas em volta dos olhos e alguns cabelos brancos. Porém, a sua rejeição nada tinha que ver

com essas imperfeições insignificantes e sim com a constatação da sua natureza complexa e aberrante, mesmo sendo obrigado a admitir que, depois de ter convivido com uma criatura como Melody, qualquer mulher, por mais bonita ou mais bondosa que fosse, perderia o encanto.

— Sabes que Simon Miles foi assassinado? Victoria assentiu.

— Fui ao seu enterro — disse.

— Como? — surpreendeu-se Blackraven. — Mas tu estiveste em Londres antes de ir à Cornualha ter com a minha mãe e com o meu tio? —Quando cheguei a Dover, vinda de França, decidi tomar uma carruagem até Londres, na esperança de te encontrar na nossa casa de Birdcage Street. Fiquei alguns dias hospedada numa pousada na Strand e foi aí que soube, pelos jornais, da morte de Simon. Esperei que a comitiva, que acompanhava o caixão ao cemitério de Saint George, se dispersasse para lhe pôr uma flor na campa, ainda aberta, e para rezar uma oração pela sua alma. Ambos tínhamos pecado. — Victoria ergueu os olhos e acariciou as faces por barbear de Blackraven. — Sei que ainda não me perdoaste por aquela traição abominável, mas quero que saibas que nunca deixei de te amar, Roger. Se me entreguei a Simon foi por despeito, para te magoar.

— Eu sei — respondeu Blackraven, afastando-lhe a mão num gesto suave. — Sei que foi por isso que o fizeste. E não há nada a perdoar. Não fui um bom marido e Deus sabe bem que não tenho direito de te censurar pela tua infidelidade. Nunca nos deveríamos ter casado. E lamento que o Simon tenha morrido porque, agora que iremos divorciar-nos, tu e ele poderiam constituir família.

— Não me repudies, Roger, não me afastes do teu lado, por favor. Eu te amo. — Brindou-o com um sorriso gracioso, antes de lhe apoiar a mão sobre as calças. — Nós dois éramos bons de cama, lembraste, meu amor? Blackraven afastou-se, sorrindo e abanando a cabeça.

— Cínica e desavergonhada demais para quem passou quatro anos num convento.

Bateram à porta e Blackraven foi abrir. Atrás de Trinaghanta, que trazia um balde com água quente, vinha Malagrida, que a ultrapassou com uma pressa exagerada.

— Preciso de falar contigo — disse, dirigindo-se a Blackraven. — Agora, já! — Ia tomar um banho. Irei ter contigo dentro de meia hora.

— Agora! — insistiu o jesuíta.

Blackraven despediu a cingalesa com um gesto de mão. Quanto a Victoria, agarrou-a por um braço e levou-a até a porta. — Roger… —Depois, Victoria. Agora, não.

Fechou a porta e voltou-se para o amigo.

— Encontrei a tua mulher. Encontrei Miss Melody.

Do peito de Roger Blackraven soltou-se um gemido feroz e deu-se conta de que o sangue lhe abandonava o rosto, porque se sentiu subitamente cheio de frio.

— Como está ela? — conseguiu a custo perguntar.

— Bem, muito bem.

Uma sensação de alívio percorreu-lhe o corpo e procurou apoio numa cadeira.

— Obrigado, meu Deus — balbuciou, com o queixo sobre o peito.

Miora e Melody regressavam a casa pelo caminho de terra batida. Vinham bem-dispostas. Acabavam de almoçar em casa do doutor Constanzó. Nessa manhã, o escravo que costumava levar-lhes todos os dias o balde de leite entregara-lhes um bilhete com o convite. Não pensou no luto, ao aceitar, nem na proibição de Blackraven de se aproximar de Constanzó. A vida que agora levava, longe da cidade, não lhe pertencia e em nada se assemelhava à que Melody conhecera na calle de San José. Sentir-se livre era como melhor se definia naquele período.

A senhorita Ingracia era a pessoa mais doce e mais simpática que Melody tinha conhecido e esta perguntava-se por que motivo continuaria solteira, sendo tão bonita. O irmão, ainda que mais reservado, ostentava também aquele cunho de nobreza que parecia uma característica de família. A conversa decorrera de modo tão natural e ameno e seguira rumos tão interessantes que, durante duas horas, Melody não pensara em Roger nem em Victoria.

De regresso a casa, desviaram-se pelo caminho até a casa de dom Francisco que lhes tinha prometido compota de pêssegos. Miora transportava uma canasta cheia de mantimentos, visto que os Constanzó também as tinham enchido de presentes. Lembravam-se de um comentário espirituoso da senhorita Ingracia, quando o riso de Miora desapareceu. Deu uma cotovelada a Melody e apontou com o queixo para a entrada da casa. Lá fora, direito como uma coluna, estava Somar que as observava com os braços cruzados à altura do peito. Melody reconheceu em seguida Black Jack, mas não viu Roger. “Onde está?”, quis perguntar, mas falhava-lhe a voz.

— Somar — murmurou, obrigando-se a falar.

— Senhora — disse o turco, fazendo uma curta reverência. — O patrão Roger espera-a lá dentro.

Miora permaneceu frente a Somar, olhando-o nos olhos.

— Tive de o fazer — explicou-lhe. — Devo tudo a Miss Melody.

— Eu sei, e não te censuro, embora tivesse preferido que recorresses a mim e me tivesses pedido ajuda.

— Miss Melody não teria permitido. E eu não quis atraiçoá-la.

— Compreendo.

Tirou-lhe a canasta das mãos e cingiu-a contra o seu peito.

A fechadura não estava forçada. Melody levantou o trinco e entrou. Apesar de se ter arranjado um pouco para o almoço em casa de Constanzó — vestia inclusivamente luto aliviado —, sentiu-se feia e teria dado tudo para poder ter um espelho entre o vestíbulo e a sala. Ajeitou as madeixas nas frontes, beliscou as faces, passou o indicador pelos dentes e sacudiu a saia comprida para libertar a lama. Respirava com dificuldade. Apesar de ter absoluta consciência de que não podia enfrentá-lo naquele estado de agitação, continuou a avançar. Era levada por uma estranha ansiedade até a sala, onde o ouvia deambular e imaginou-o a examinar os móveis decadentes e as parcas comodidades da casa.

Entrou. Blackraven voltou-se rapidamente. Olharam-se nos olhos, em silêncio, sem trocar uma única palavra. Melody ficou imóvel, como que enfeitiçada por aqueles olhos de um azul-negro sob a linha grossa e escura das sobrancelhas. A expressão de Blackraven intimidava, mas percebia-se-lhe também no rosto o cansaço e a angústia de uma alma atormentada. Também ele não conseguira dormir de noite e deixara de se arranjar. Tinha uma barba de mais de três dias e o cabelo estava opaco e despenteado.

Melody quebrou o fascínio e aproximou-se do aparador onde Miora costumava colocar um jarro com água-mel. Precisava de beber um pouco, tinha a garganta seca e os dentes colados aos lábios. Tremiam-lhe as mãos e entornou parte da bebida sobre o móvel. Bebeu pouco para não fazer ruído e, quando teve a certeza de que a voz lhe sairia clara, perguntou sem se voltar: — Como foi que entraste? — Pensaste que uma porta me deteria? Olha para mim, para de me voltar as costas. Olha-me nos olhos. — Melody obedeceu. — Porque me fizeste isto, Isaura? Porque foste tão cruel? Fizeste-o para me castigar, como se eu fosse responsável pelo aparecimento de Victoria? — Não — disse, apesar de Blackraven ter razão. Os ciúmes e a raiva tinham desempenhado um papel importante na sua decisão. — Não havia mais lugar para mim naquela casa.

— Aquela é a tua casa. Tu és a dona. Era Victoria quem tinha de sair,não tu.

— Não, agora ela é a dona da casa. É a tua mulher.

Blackraven avançou rapidamente para ela e tomou-a nos braços.

— Tu és a minha mulher.

— Não, não! Não sou! Melody começou a chorar e a tremer e Blackraven lembrou-se de que da última vez que tal acontecera ela tivera uma subida de tensão arterial. Abraçou-a com força.

— Não chores. Sabes que não suporto ver-te chorar. Acalma-te. Pelo bem do menino. — Acompanhou as palavras com carícias que, a pouco e pouco, a serenaram.

Entregou-lhe um copo com água-mel e obrigou-a a sentar-se, afastando-se um

pouco para lhe dar tempo para se recompor, enquanto ele observava o lugar e espreitava pela janela. Pouco importava que a decoração e as comodidades fossem humildes, a casa, de paredes sólidas e excelente estrutura, estava bem construída. Apesar de tudo, a fechadura da porta principal cedera à sua gazua.

— Estás melhor? — Melody assentiu. — Vou chamar Miora para que comece a arrumar as tuas coisas. Vamos embora daqui.

— Não! — Melody pôs-se de pé.

— Não me castigues por algo de que não tenho culpa, Isaura! — enfureceu-se Blackraven. — Pelo amor de Deus! Porque me fazes isto? Tu queés tão caridosa e bondosa com todos. Que mal te fiz? Não merecerei a tua compaixão? Achas-me assim tão ruim? Não era capaz de conter as lágrimas que brotavam sem parar, banhando-lhe o rosto. Blackraven aproximou-se de novo e passou-lhe as mãos pelas faces.

— Onde foi que Fabre te sangrou? Melody apontou para o braço esquerdo. Blackraven levantou-lhe a manga e beijou-lhe o corte, uma mera cicatriz rosada.

— Acalma-te, acalma-te — sussurrava-lhe junto à pele, e o calor do seu hálito enviava-lhe fortes correntes através do braço.

Agarrou-a pela cintura e puxou-a para si. Mais uma vez, olharam-se nos olhos. Aquela menina-mulher tinha entrado na sua vida, alterando-a por completo. Não pensava com clareza nem agia com determinação. Tudo se cingia a ela. Precisava de recuperar o comando, quebrar-lhe a vontade e dominá-la, protegê-la e possuí-la.

— Quero que fiques tranquila, que esqueças este contratempo e vivas com alegria estes últimos meses de gravidez. Eu resolverei esta situação, não te preocupes.

— Não quero sair deste lugar, Roger. Não quero voltar para a cidade.

Aqui sente-se muita paz. Aquilo lá será um inferno para mim.

Blackraven assentiu, com uma expressão vencida.

— Trarei as minhas coisas para cá esta mesma tarde.

Melody afastou-se dele e olhou-o com estranheza.

— Não quero que vivas aqui. — Blackraven franziu o sobrolho e o seu olhar endureceu e, apesar de recear a sua reação, Melody arriscou-se a dizer: — Tu e eu não somos nada um ao outro. Se viesses viver para aqui farias de mim tua amante.

— Isaura, não me faças isso, por favor. Tu és a minha mulher. E vais dar-me um filho. — Melody olhou-o com um trejeito de firmeza que o encheu de raiva. — Tu és a minha mulher, Isaura! — Perante a impassibilidade dela, pareceu ceder e voltou a tomá-la nos braços. — Tu és a minha mulher, a mãe do meu filho. És o único motivo que tenho para viver, não mo retires. És a minha

vida, nem tu, nem ninguém conseguirá separar-me de ti. Seria como deixar que me matassem. Fazes alguma ideia do que foram estes dias longe de ti? Porque me fizeste isto, Isaura? Porque fugiste? — Porque não suportava ficar mais tempo na casa que antes me tinha pertencido e que agora é dela.

— Que dizes? Às vezes és tão insensata. Não pensaste em mim, no meu sofrimento ao ignorar o teu paradeiro? Julguei que enlouquecia.

— Perdoa-me, Roger. Sei que me precipitei, mas aquele dia foi demais para mim. Tudo começara bem, eu estava tão feliz, só pensava: "Faltam três dias para abraçar novamente o Roger." — Meu amor — murmurou Blackraven, emocionado.

— E, num instante, toda a minha vida se desmoronou. Ali estava ela,a tua mulher, mais bonita e mais elegante do que eu imaginara, com aquele ar natural de duquesa. Senti-me tão feia e deslocada. Tive a impressão de que durante todo aquele tempo usurpara o lugar que, por direito, lhe pertencia. Só pensava em fugir, em fugir para bem longe, em me afastar, em me esconder. Não queria que tu nos visses às duas juntas, não queria que nos comparasses.

— Isaura! — declarou Blackraven, atônito. — Não acredito no que estou a ouvir. Será que não acreditas no que te digo? — Melody assentiu. —Não afirmes com tanta veemência o que não é verdade. Duvidas sempre das minhas palavras. Não te disse naquele dia, em El Retiro, que eras o único amor da minha vida? Não te disse também que era teu, que só a ti pertencia, que sentia orgulho de que fosses minha mulher e que nem uma única vez te fora infiel, nem física nem mentalmente? — Sim, disseste — respondeu Melody num fio de voz. — Mas, ao conhecer Victoria, pensei que talvez ficasses feliz por a ver de novo, que quisesses voltar a ficar com ela.

— Mas eu estou louco por ti! Tens-me atado de pés e mãos. Será que não percebes? Entraste-me nas veias e não consigo arrancar-te. Que me fizeste, Isaura? Em que espécie de idiota me transformaste? Já te disse que me tiras as forças se me recusares o teu amor.

Uma mistura de profundo amor e de piedade levaram-na a lançar os braços ao pescoço de Blackraven, correspondendo assim ao seu vigoroso abraço.

— Oh, Roger, porque tinha de nos acontecer isto quando estávamos tão felizes? — Eu vou resolver tudo, meu amor.

— Tenho medo de te perder.

— Nunca! — retorquiu de um modo quase violento. — Divorciar-me--ei de Victoria e voltaremos a casar-nos.

Melody afastou-se.

— Divorciar-te? Eu sou católica, Roger. Nós não admitimos o divórcio.

Ele não via outra saída, a não ser que Victoria morresse ou que ele conseguisse

uma anulação. De qualquer modo, acedeu: — Está bem, não haverá divórcio. Mas eu tratarei do assunto, resolverei tudo.

Disse-o com uma tal segurança que encheu de esperança o rosto sombrio de Melody e, no entanto, pela primeira vez, Blackraven perguntou-se se o conseguiria, mas, no meio de toda aquela confusão, um pensamento indicava-lhe o rumo: Isaura pertencia-lhe e nunca se separaria dela.

— Amo-te loucamente — disse-lhe ao ouvido, e sentiu que os braços de Melody o seguravam. — Diz-me que me amas, por favor.

— Sabes bem que sim, que te amo. És o bem mais precioso de toda a minha vida.

— Tu és o único na minha. — Após um silêncio, pediu-lhe: — Isaura,confia em mim. Fica tranquila, eu resolverei toda esta complicação.

Inclinou-se para a beijar, mas Melody desviou o rosto.

— Não, Roger, por favor. Sabes bem onde terminaríamos.

— Sim, na cama — sussurrou ele, com a voz pesada. — Desejo-te tanto. — A tensão sutil nas suas calças transformou-se numa ereção vibrante e dolorosa. — Passou tanto tempo desde a última vez. Como estas semanas foram longas sem ti. A nossa cama parece tão vazia.

Aquelas palavras encheram-na de felicidade. Queria acreditar nelas, queria acreditar que Blackraven não dormira com Victoria nem com nenhuma outra e que se mantivera sozinho na cama partilhada por ambos. Um pensamento toldou-lhe a alegria: se ela não o satisfizesse, quanto tempo passaria até que Blackraven procurasse outros braços? Conhecia a força da sua paixão, uma força animal que, uma vez desencadeada, era impossível de controlar.

Recuou um pouco e afastou o olhar quando lhe disse: — Roger, enquanto esta situação não estiver resolvida, será melhor que não venhas.

— Que estás pedindo?

— Se me amas de verdade, cuida bem do meu nome porque é o nome da mãe do teu filho. Quero que o respeites e o faças respeitar. Não aguento mais boatos a meu respeito. Não quero que o meu filho se envergonhe da mãe. Vão me chamar de rameira, amante, vão me destruir.

— Que diabo me importa o que diz essa corja de imbecis!

— Mas eu me importo.

— Iremos para longe, para onde não haja falatórios e o passado ficará para trás.

— Não posso fugir da minha consciência nem de Deus. Não me tornarei tua amante, Roger. Acabaria por me odiar. Promete-me que não virás.

— Serei prudente e virei quando ninguém me vir. Ninguém ficará sabendo que te visito.

— Saberão, sim, Roger, ou não conheces a gente desta cidade? Sabem de tudo. A única maneira de preservar a minha honra é tu permaneceres na casa de San José e eu aqui.

Embora não tencionasse cumprir a palavra, Blackraven disse: — Está bem — para não a incomodar.

Preocupava-o aquele constante tremor nas mãos e os lábios um pouco azulados. Mas impôs-lhe uma condição: — Trinaghanta ficará aqui contigo, além de Miora. Milton, Shackle e Somar farão turnos para te proteger de dia e de noite.

Assentiu, certa de que não conseguiria dobrar-lhe mais a vontade. Blackraven retirou do bolso interior do casaco um saco com moedas que colocou sobre o aparador. Melody o devolveu.

— Não quero o teu dinheiro.

— O meu dinheiro é teu. Tudo o que é meu te pertence.

— Assim era antes, quando era tua mulher.

— Raios, Isaura! — praguejou, dando um murro no móvel, e Melody deu um salto. — Estás a ser tola. Tudo o que tenho é meu, fui eu quem conseguiu tudo, com trabalho, já te disse isto. E sou eu quem decide a quem pertencem as minhas riquezas. E as minhas riquezas são tuas, minha mulher ou não. Se não queres aceitar este dinheiro para os teus gastos, está bem, mas aceita-o para os gastos do meu filho. Tenho direito a mantê-lo, ou também me vais impedir de cuidar dele? — Não, claro que não — murmurou Melody, pegando no pequeno saco de couro.

Blackraven afastou-se em direção à portada da janela que dava para o único pátio da propriedade. Com uma mão segurava as luvas e batia com elas na outra. Melody sabia que o tinha deixado furioso. Blackraven deu meia-volta e ficou a olhá-la. Havia raiva nos seus olhos, mas também desespero e dor. Ela queria consolá-lo, pedir-lhe que ficasse, dizer-lhe que sim, que fugiriam os dois, que voltariam as costas à realidade e que fingiriam que as suas vidas não haviam ficado alteradas com o regresso de Victoria. Sentia-se confusa e perturbada. De um lado, o dever, do outro, o desejo. “É pelo bem do meu filho”, convencia-se. “Quero que ele possa andar de cabeça erguida e que ninguém o ofenda, dizendo-lhe que a mãe era uma rameira.” — Vou-me embora — anunciou Blackraven e a tristeza que lhe oprimia o peito levou-o a evocar uma frase de Shakespeare: “Partir é morrer um pouco”, da sua obra A Tempestade.

Melody escondeu o olhar, para que ele não visse que chorava. Blackraven aproximou-se e levantou-lhe o queixo. Admirou o turquesa dos seus olhos, realçados pelo negro das pestanas e pelo brilho das lágrimas, e deteve-se também na beleza dos seus lábios, vermelhos, úmidos e generosos. Inclinou-se

sobre ela como fizera tantas e tantas noites sobre o retrato por terminar e beijou-lhe a boca com delicadeza, como se fosse a carícia das asas de uma borboleta.

— É por te amar de mais — ouviu-o dizer— que respeito a tua decisão. — Acima de tudo, quero que fiques tranquila. Mas é bom que saibas que a acho disparatada. Deverias voltar comigo à casa da calle de San José e continuar a levar a vida de sempre. Por muito que insistas em repetir o contrário, tu és a minha mulher. Não me importo com o que digam as leis canônicas nem as dos homens. É o meu coração que o diz e isso é o suficiente. Ouve bem, Isaura, nunca renunciarei ao nosso amor.

Apesar do esforço, Melody desatou a chorar com todas as suas forças. Tinha pena dele. O sofrimento de Roger era-lhe insuportável e oprimia-a com a intensidade de uma dor física. Passou-lhe os braços em volta da cintura e escondeu a cara no seu casaco. Passado alguns segundos, Blackraven abraçou-a também.

— Não me deixes partir assim — suplicou-lhe num fio de voz —, não me deixes ir mergulhado nesta angústia. Diz-me alguma coisa que me dê esperança. Não me deixes partir assim.

— Tem fé em Deus, meu amor. Tem fé. Ele não nos abandonará.

Blackraven podia ter pedido qualquer coisa naquele momento que Melody teria concedido.

XIX

A paz que Melody desejara depressa se tornou numa quimera. Poucas horas depois da partida de Blackraven, chegou Trinaghanta e, se Melody e Miora tinham pensado que se iria mostrar ofendida ou zangada por se terem vindo embora sem ela, estavam muito enganadas. Contra a sua disposição natural, a cingalesa, feliz por servir novamente a sua senhora, falava e ria enquanto retirava da grande mala de viagem os vestidos e objetos pessoais que Melody deixara para trás. Melody observava-a, lembrando-se daquela manhã, em El Retiro, depois da morte de Jimmy, em que a garota a convencera a não vestir luto para agradar a Roger.

Com Trinaghanta vinha também Somar para se encarregar da primeira segurança, o que trouxe um sorriso constante ao rosto de Miora. O primeiro revés ocorreu na manhã seguinte, quando o escravo dos Constanzo se apresentou na quinta de dom Gervasio com o balde de leite e Somar o tentou expulsar. Gerou-se uma discussão em que o jovem não entendia palavra do estranho calão em que se expressava aquele louco com um pano na cabeça. Melody teve de intervir.

Com o tempo, a paisagem da quinta acabou por se assemelhar às traseiras da casa de San José, pois os negros de Buenos Aires, ao conhecerem o paradeiro do Anjo Negro, começaram a aparecer na quinta, não para lhe pedir favores, e sim para lhe levar presentes e uma palavra amiga naqueles tempos difíceis para ela.

— Onde está a minha senhora, há sempre uma carrada de negros — queixava-se Somar, que sempre considerara difícil zelar pela segurança de Melody, sendo esta abordada por tanta gente ao mesmo tempo. Nos últimos dias, uma nova preocupação viera somar-se às já existentes: Blackraven falou-lhe do surto de varíola que atacava o Tambor e o Mondongo e ordenou-lhe que não permitisse que os escravos tocassem em Melody.

Papá Justicia visitava-a com frequência, sempre com um presente qualquer e levando-lhe notícias da cidade. Melody percebia que o quimboto nunca fazia referência ao escândalo gerado pelo aparecimento de Victoria Trewartha, nem à infinidade de falatórios que surgiam à sua volta. Contava-lhe as novidades inofensivas e comportava-se como se a vida seguisse o seu curso normal. Os esforços de Papá Justicia para a preservar da malícia das pessoas eram em vão, pois, com tantos escravos a visitarem-na, Melody acabava sempre por saber das coisas. Poderia ter-lhes pedido para não lhe dizerem nada, mas a verdade é que queria saber. Estava ansiosa por conhecer as atividades de Blackraven, assim

como as de Victoria. Sabia que a sociedade a tinha recebido de braços abertos, que as senhoras de prestígio a convidavam com frequência para as suas casas e que dona Magdalena, esposa de Álzaga, lhe dissera no seu francês rudimentar: “Bem nos parecia que a verdadeira condessa de Stoneville não poderia ser aquela jovem tão pouco requintada”, e assim como chamavam a Melody “a condessa bronca”, em vez de “a condessa boa” ou simplesmente “a concubina”, começaram a chamar a Victoria “a condessa verdadeira”.

Nada magoou tanto Melody como saber que Victoria e Simonetta Cattaneo se tinham tornado grandes amigas. Os portenhos não davam crédito aos ditos da viúva de Arenales, pois sabiam que a pobre mulher não ficara nada bem depois da morte do marido e do único filho. A pro va disso é que dormia com sete gatos, falava com o espetro do velho coronel Arenales e alimentava-se unicamente de fruta, mas o verdadeiro motivo que os levava a não ligar ao que dizia era o fato de a senhora Cattaneo ter aceitado de bom grado a corte de Eduardo Romero, um comerciante rico, viúvo e muito bem-parecido. Simonetta participava nas tertúlias e nos bailes dos salões mais requintados, e os anfitriões tratavam-na como se fosse uma peça de arte ou uma gema exótica. Tanto os homens como as mulheres aguardavam ansiosamente a sua presença, eles para se deleitarem com tanta beleza e na esperança de poderem acompanhá-la numa dança; elas para estudarem de perto as suas roupas e acessórios. Na noite em que Simonetta se apresentou em casa dos Escalada com Victoria Blackraven instalou-se um silêncio entre os convidados. “É como admirar O Nascimento de Vénus multiplicado por dois”, declarou Manuel Belgrano que, dias antes, se apercebera de que a senhora Cattaneo usava o nome da modelo preferida de Sandro Botticelli.

— Cattaneo é o apelido do seu marido? — perguntara-lhe o secretário do Consulado.

— Oh, não — respondeu ela com um sorriso. — Mal ele morreu, volteia usar o meu apelido de solteira.

Perdoavam-lhe aquelas excentricidades que raiavam o escandaloso porque era linda, culta, muito simpática e porque, com o mundo a seus pés, talvez acabasse por casar com um membro daquela sociedade — Eduardo Romero — e permanecer naquelas terras. Era uma verdadeira honra.

— Sua Mercê sabia — insistiu Belgrano — que tem o nome da mo -delo que posou para Botticelli em O Nascimento de Vénus? Pois é Sua Mercê dona da mesma beleza requintada e rara.

— Sabia, sim, doutor. A Simonetta Cattaneo, modelo de Botticelli e amante do irmão mais novo de Lorenzo de Médicis, Giuliano, era minha antepassada. Temos uma tradição na família: em memória dessa famosa Simonetta, o seu

nome é dado às filhas mais velhas.

Melody ficou a saber que a cidade se entretinha a divagar sobre quem seria mais bela e graciosa, se Victoria, se Simonetta. As opiniões dividiam-se. Uma tarde, Simonetta apresentou-se na quinta de dom Gervasio e Melody recebeu-a com todo o afecto. Ao sentir a envolvência do seu perfume de jasmins, narcisos e bergamotas, experimentou uma agradável sensação de familiaridade, como se nada tivesse mudado e ela não tivesse abandonado a casa de San José, embora, logo a seguir, admitisse que a tratara bem por orgulho e não por carinho, e que dissimulara nos sorrisos e nos comentários banais o quanto ficara magoada por ela se ter relacionado com a esposa de Blackraven. Instigada por Miora, Melody concluiu que Simonetta a visitava na qualidade de espia de Victoria, o que a levou a dar ordens aos guardas para, se a senhora Cattaneo voltasse a aparecer, lhe dizerem que não estava em casa. Sentia-se pouco à vontade a mentir, teria de se confessar ao padre Mauro. Não era uma atitude sua.

Outro boato que a inquietava, chegando a roubar-lhe o sono era o que dava Blackraven como amante da portuguesa Ágata de Ibar. Ouvira pela primeira vez aquele nome a Pilar Montes, que lhe contara com todo o pormenor as atitudes escandalosas que a baronesa tivera em relação a Blackraven durante um jantar. Dizia-se que o conde de Stoneville visitava com frequência o hotel onde o casal Ibar estava hospedado, que se estabelecera uma estreita amizade com o barão e que o convidava muitas vezes para a sua propriedade El Retiro ou para as instalações de La Cruz del Sur. Até se murmurava que o barão não só estava a par da relação amorosa que o ligava à esposa, como a incentivava, devido à sua situação de impotente. Apesar de tentar pensar que tudo aquilo eram mentiras, a dúvida parecia um caruncho que, aos poucos, ia corroendo a sua confiança. “Não duvides dele”, dizia a si própria. “Foi o que fizeste uma vez e enganaste-te.” Mas sentia-se desalentada. “Quem sou eu para lhe exigir fidelidade? Quem tem agora esse direito é Victoria.” Por vezes, angustiada até as lágrimas, arrependia-se de lhe ter exigido que se mantivesse afastado. O orgulho impedia-a de lhe enviar um bilhete, convidando-o para a sua cama.

As visitas de Lupe e Pilarita constituíam uma grande alegria para Melody, visto que, à semelhança de Papá Justicia, optavam por a preservar dos ditos e mexericos, falando-lhe antes das obras do albergue, quase terminadas, dos libertos que já lá viviam, entre andaimes e operários, da política do Rio da Prata, tão agitada naqueles tempos, e dos respetivos filhos. Esse era um assunto que interessava muito a Melody, que lhes fazia perguntas sobre a amamentação de um bebê e sobre o parto. De repente, ficara cheia de medo. Pilarita, que via Blackraven com frequência, devido aos negócios que o ligavam ao seu marido, costumava contar-lhe que o achava abatido e taciturno. Melody não gostava de o

saber triste, mas, de certo modo, esse estado de espírito de Blackraven contradizia os mexericos que o metiam na cama da baronesa de Ibar, o que naturalmente lhe agradava.

Nesses dias de tristeza e confusão, nada lhe dava mais prazer do que as visitas de Amy e das crianças. O coração saltava-lhe do peito quando os via saltar da carruagem, com Sansão e Arduino, sem sequer darem tempo a Ovidio de colocar os degraus. Amy descia depois deles, vestindo o seu insólito traje de calça e jaqueta negros, que já lhe era tão familiar. Melody abria os braços e Estevanico, Víctor e Angelita agarravam-se à sua cintura alargada pela gravidez, enquanto Sansão e Arduino davam saltos à sua volta. A seguir tomavam chocolate quente com biscoitos e bolo que Miora preparava e, de boca cheia, falavam os três ao mesmo tempo, ansiosos por lhe contar as novidades. Nunca se tinham comportado assim à mesa na casa de San José. Aquela quinta, afastada da cida de, do olhar do senhor Blackraven e da disciplina dos professores, Perla e Jaime, onde Miss Melody lhes permitia tudo e lhes sorria durante todo o tempo, tornara-se no lugar preferido das crianças, sem regras, nem deveres, pura diversão e liberdade. Terminado o chocolate, como o clima era ameno naquelas primeiras semanas de Primavera, era-lhes permitido correr por entre as árvores de fruto. Também gostavam de fazer pequenos barcos de papel e de os pôr a navegar no riacho. Sozinhas, Amy e Melody conversavam, principalmente sobre Victoria, por quem Amy não mostrava a menor predileção e, apesar de suspeitar de que metade dos comentários eram falsos, dada a propensão de Amy para os exageros, serviam a Melody para afugentar os fantasmas.

— Como está o Víctor? — perguntou-lhe de uma das vezes.

— Bem, agora que sabe onde tu estás — admitiu Amy. — Estava de rastros quando soube do teu desaparecimento. Tive medo de que sofresse outro ataque.

— Pobrezinho — lamentou-se Melody. — Pensei que, de certo modo,este período de distanciamento da minha parte poderia servir para te aproximares dele, para lhe confessares que és sua mãe.

Um ruído de vidro quebrado sobressaltou-as. Voltando-se nas cadeiras, soltaram uma exclamação. À sua frente estava Víctor, pálido e choroso, olhando-as com um trejeito de súplica. Tinha aos pés os cacos do prato com bolos, que tinha vindo buscar sem fazer barulho para levar para a horta.

— Oh, meu Deus! — balbuciou Melody. — Vem cá, meu amor, não chores.

Víctor deu meia-volta e saiu a correr. Amy seguiu-o. Melody, muito pesada, no sétimo mês de gravidez, caminhava atrás. Fazendo sombra com a mão, viu Amy agarrar Víctor pela cintura e levantá-lo no ar. O menino debatia-se e gritava até que ela caiu de joelhos no chão, conseguindo dominá-lo. Ficaram assim durante um bom bocado, Amy balouçando-se, como se o embalasse, e Víctor a

chorar. Melody optou por não se aproximar e manteve-se à distância, a rezar mecanicamente um Pai-Nosso. De vez e quando interrompia-se e suplicava: “Que não lhe dê um ataque.” — Detestas assim tanto que eu seja tua mãe? — perguntou-lhe Amy,pouco depois.

— Sim, detesto-a.

— Porquê? — Porque sim.

— Queres dizer que mentias quando rezavas por mim à noite e pedias a Deus para que eu estivesse bem? — Víctor, amuado, não respondeu. Amy sacudiu-o levemente. — Mentias, Víctor? — Não — disse, num tom magoado. — Queria mesmo que a minha mãe estivesse bem.

— Deus ouviu as tuas preces. Eu estou bem.

— Pouco me importa.

— Nesse caso — deduziu Amy —, o que não te agradou foi descobrir que sou eu a tua mãe. Tens vergonha de mim? — Víctor negou com a cabeça. — Não te agrado como mãe? — A minha mãe é Miss Melody.

— Não — respondeu com uma firmeza que assustou o menino. — A tua mãe, por muito que te custe, sou eu. Tu és meu filho.

Víctor agitou-se no colo de Amy, olhando-a nos olhos. Ela não o impediu. Apesar de as batidas cardíacas terem voltado ao ritmo normal depois da corrida, aceleraram perante o olhar do menino, imperioso, perscrutador, impiedoso. Parecia-lhe estar a ver Galo Bandor. “Meu Deus, é igual a ele.” — Porque demorou tanto tempo a vir ter comigo? Não me quer por eu ter ataques? Detesta-me? — Não, valha-me Deus, não penses numa coisa dessas! Os teus ataques não têm nada a ver. Não te detesto. Adoro-te, gosto muito de ti.

— Mais do que do Arduino? — Muitíssimo mais. És a pessoa que mais amo nesta vida.

Os olhos de Víctor encheram-se de lágrimas e Amy sentiu uma dor na garganta e um ardor no nariz.

— Porque demorou tanto a vir ter comigo? — Porque estava assustada, porque não sabia como ser mãe, porque tinha medo de que me roubasses a minha liberdade. — Deu-se conta de que estava a falar-lhe com a mesma dureza com que costumava falar aos seus marinheiros. Não podia evitar, era essa a sua natureza: tosca, dura e franca. — Não espero que me compreendas, Víctor, peço-te apenas para que me perdoes, porque estava enganada, e para que me deixes ser tua mãe.

Víctor lançou-se ao pescoço de Amy, abraçando-a com um ímpeto que não estava de acordo com a sua constituição física franzina e enfermiça. Choraram ambos sem restrições e Melody, que acompanhava a cena da galeria, chorou também.

— Gosto que seja minha mãe, sim — soluçou Víctor, a cabeça apoiada no peito de Amy.

— Não sabes como me fazes feliz, meu amor.

— Gosto muito de ti, mãe.

Amy não foi capaz de responder. Apertou-o com força, até sentir as costas de Víctor nos seus braços. Estava cheia de uma energia que não sabia de onde vinha. Nunca experimentara nada assim. Era uma força poderosa que a enchia de uma felicidade exultante e, ao mesmo tempo, de uma estranha serenidade. Desde pequena quisera ser amada, pela mãe que fugiu com o moço das cavalariças; pelo pai, que, quando estava bêbedo, lhe batia até a deixar em sangue; por Roger, o seu herói; pelos seus marinheiros. Por Galo Bandor. A necessidade de afecto mantivera-se constante ao longo da sua vida. Pois bem, essa sede acabara de se extinguir, ao ouvir Víctor dizer: — Gosto de si, mãe. — Ele completava-a, supria as suas carências. Era carne da sua carne, tudo o que possuía com dignidade e valor: o seu filho.

— Víctor, Víctor, meu filho adorado — repetia por entre lágrimas.

O menino afastou-se um pouco e passou as costas da mão pelo nariz. Amy tirou-lhe o lenço preto da cabeça e, na sua primeira atitude de mãe, limpou-lhe o nariz. Conhecia bem aquele olhar, vira-o noutros olhos, sabia que anunciavam uma pergunta à qual não queria responder.

— Amas-me, Amy Bodrugan? — perguntara-lhe Galo Bandor, anos atrás.

— Quem é o meu pai? — Um grande marinheiro, um grande capitão! Muito corajoso, um excelente espadachim. Possui um lindo navio com o qual atravessa os mares em busca de aventuras.

— É tão valente como o capitão Black? — Sim, tanto quanto o capitão Black.

O sorriso de Víctor compensou-a daquele mau momento. Nunca lhe era fácil falar de Bandor.

— Como se chama? Amy hesitou. “Basta de mentiras, Bodrugan. O teu filho merece a verdade.” — Chama-se Galo Bandor.

— Galo Bandor. E detesta-me, é por isso que não vem ter comigo? — Não, meu lindo, não te detesta. Acontece que ele nem sabe que existes. Nunca lho disse.

— Por quê? — Sabes, as coisas entre os adultos nem sempre são fáceis. Nós complicamos muito a vida. Quando soube que tu ias nascer, eu e o teu pai estávamos zangados e decidi não lhe dizer nada.

— E agora, continuam zangados? — Amy assentiu e Víctor baixou o rosto.

— Prometo-te que o procuraremos e lhe diremos quem és. Tenho certeza de que ficará muito feliz por te conhecer.

— Sério? — Confia em mim, meu amor.

Caminharam de mãos dadas até que Víctor avistou Melody no alpendre e se pôs a correr.

— Miss Melody, Miss Melody! A senhorita Bodrugan é a minha mãe!

Melody recebeu-o num abraço.

— Eu sei, querido, eu sei. Que notícia maravilhosa. Deus ouviu as nossas preces.

— E o meu pai é um grande capitão, tão bom como o capitão Black. **Chama-se Galo Bandor.**

— Que bom para ti, Víctor!

— Ele não sabe que tem um filho — admitiu, não se mostrando abatido —, mas a minha mãe prometeu que vai dizer.

— É uma decisão sábia da parte da tua mãe.

— Vou contar ao Estevanico e à Angelita.

Amy, com o lenço preto na mão, os cabelos despenteados e os olhos vermelhos, aproximou-se de Melody chorando e rindo ao mesmo tempo. Abraçaram-se.

— Quase morri de medo — confessou-lhe Amy.

— Também eu.

Melody sentiu uma felicidade tão grande por Víctor ter finalmente sabido quem era a mãe e aceitado alegremente a notícia que, durante alguns dias, conseguiu afastar as dúvidas e preocupações, isto até o momento em que recebeu a visita de madame Odile, que, dando-lhe um longo sermão de uma hora por ter expulsado da sua cama o Imperador, conseguiu que o pesadelo voltasse.

— Queres que outra mais esperta o leve? Que raio de virtuosidade é essa agora quando dormiste com ele antes de estarem casados?

— Mas nessa altura ele era viúvo. Agora é casado.

— Mon Dieu! — exasperou-se Odile, recorrendo à sua língua materna como lhe acontecia sempre que perdia a paciência. — Tu me dis qu'il est marrié maintenant! Bien sûr qu'il est marrié. Avec toi, ma petite!

— Madame, não entendo uma única palavra do que está dizendo.

— Estou tentando dizer que é claro que o Imperador é casado. Contigo!

— Não, madame. O nosso casamento é nulo, nunca existiu.

— Que diz o Imperador? Que tu não és mulher dele? Vamos, responde.

— Não, ele diz o mesmo que a senhora, que eu sou a mulher dele.

— Como vês, tenho razão! Graças a Deus alguém conserva o juízo nomeio de todo este caos. — Madame bebeu um trago de aloja e permitiu-se alguns segundos de silêncio para recuperar a serenidade. — Melody, minha querida, sabes bem que gosto de ti como de uma filha que nunca tive. Sabes, não sabes, minha querida? — Melody assentiu. — Confia nesta velha que, por ser velha,

sabe mais do que o diabo. Escreve ao Imperador e pede-lhe que volte.

— E a minha reputação, madame?

Apesar das noites de insônia, desejando fazer amor com Blackraven — por vezes a carência era tão intensa que se acariciava entre as pernas até provocar um orgasmo —, Melody sentia-se compensada quando os escravos a visitavam com a sua litania de mexericos, sem que ninguém pudesse dizer que ela era a amante do conde de Stoneville. Podiam chamar-lhe "a condessa bronca" ou mesmo "a concubina", mas ninguém a apelidaria de "amante". Madame não partilhava da mesma opinião.

— Reputação? Sabes o que eu penso dessa palavrinha? Que não tem nada a ver com a virtude, e sim com o orgulho e pretensões vãs. Reputação! A única reputação que deverias procurar ter era a de ser uma mulher corajosa e autêntica que segue o caminho que lhe é ditado pelos sentimentos, e não entrincheirar-te nesses valores idiotas que só poderão conduzir-te à infelicidade. Achas que essas senhoras presunçosas estão preocupadas com a tua felicidade? Claro que não! Ficarão ~felizes com a tua desgraça, pois sempre cobiçaram o teu homem e invejaram a tua sorte. Se insistires nessa atitude para fazer a vontade a essa manada de vacas maldosas, tornar-te-ás tão amarga como elas. Ah, e de uma coisa podes ter a certeza, não esperes que o Imperador siga o teu exemplo! Ele procurará outra e seguirá o seu caminho, e olha que já se fala de uma tal baronesa de Ibar que o segue para todo o lado.

Cunegunda decidira salvar a alma de Bela do fogo dos infernos, como meio de ganhar o perdão do Senhor para os seus pecados de outros tempos. E o Senhor estava a dar-lhe uma ajuda. A novidade que iria dar à ama Bela faria com que mudasse de opinião. Chegou agitada e procurou-a dentro da cabana. Foi encontrá-la deitada no catre, desarranjada. Pensou: "Esteve a cheirar os fumos outra vez", e lembrou-se logo a seguir de que aquela maldita erva não lhe provocava vômitos nem náuseas.

— Ama Bela, não estará a senhora grávida?

— Nem me fales disso! És tu quem me prepara as lavagens de mostarda e vinagre que faço depois de estar com Braulio.

— Já lhe disse que há mulheres que ficam grávidas apesar da lavagem.

— De onde vens? Precisei de ti há pouco.

— Ama Bela! — pareceu recordar Cunegunda. — Sua Mercê vai cair de costas quando ouvir a notícia que lhe trago.

— De onde vens? — Da cidade. — Bela ergueu os olhos, surpreendida. — Não se zangue,ama Bela. Tenho ido visitar Gabina.

— Se lhe disseste onde nos escondemos, Cunegunda, dou-te uma sova de pau. Essa Gabina é uma linguaruda.

— Não, não, ama Bela. Não lhe disse nada — mentiu.

— Que notícia é essa que me trazes que te deixou alvoroçada como uma galinha choca? — A primeira esposa do patrão Roger está viva! —Bela endireitou-se repentinamente. — Sim, não está morta como toda a gente pensava, e sim bem viva.

— Referes-te a Victoria? Victoria Trewartha?

— Essa mesma. É Gabina quem a serve em San José, e ela contou-me tudo.

— Queres-me dizer que Victoria Trewartha está em Buenos Aires?

Cunegunda assentiu. — Victoria Trewartha em Buenos Aires. Santo Deus, conta-me tudo.

Cunegunda relatou-lhe tudo o que Gabina lhe tinha dito e, sem pausa, acrescentou: — Sua Mercê foi vingada pelo destino, sem necessidade de artimanhas para fazer mal a Miss Melody. O destino encarregou-se de castigá-la e Sua Mercê continua com a alma pura. A sua alma será salva, ama Bela! Bela não a ouvia, a única coisa em que pensava era que os seus planos lhe tinham saído furados. Miss Melody não constituía perigo algum comparada com Victoria Trewartha. Recuperar Blackraven com Victoria viva surgiu-lhe como uma empresa impossível. Nenhuma mulher a venceria. “Terá de morrer também ela”, decidiu, pondo-se de pé e dando um murro na mesa.

— Raios partam essas duas condenadas! — Ama Bela não blasfeme, por favor, não faça isso. — Persignou-se duas vezes. — Vamos fugir daqui. Já não há nada para fazer aqui. Miss Melody é infeliz, Sua Mercê foi vingada pela justiça de Deus. Aproveitemos a senhora Enda não estar e vamos embora.

Na véspera, já era bem de noite, quando um habitante de Reducción de los Quilmes batera à porta da cabana perguntando se ali vivia asenhora Gálata. Vinha pálido e o seu semblante revelava bem a preocupação que o dominava. Enda aproximou-se no seu passo tranquilo, com a sua expressão imperturbável e perguntou-lhe o que desejava.

— É a minha filha. Está possuída por um demônio. Ou vários! Tivemos de a amarrar, já não sabemos o que fazer. Os médicos disseram-me que o mal de que padece ultrapassa os seus conhecimentos. Uma vizinha, dona Elena, falou-nos de Sua Mercê, dos seus extraordinários poderes. — Estendeu uma mão trêmula e ofereceu-lhe várias moedas de ouro. Enda aceitou-as e contou-as. — Se vier a minha casa agora, neste momento e aliviar a alma atormentada da minha filha, entregar-lhe-ei outro tanto.

Enda partira para Reducción de los Quilmes na caleche do pobre homem angustiado. Braulio escoltava-a na égua. Ainda não tinham regressado. Cunegunda estava convencida de que o Senhor tinha enviado aquele homem para afastar Enda e Braulio da cabana, permitindo assim que ela pudesse fugir

com a sua ama Bela. Começou a fazer uma trouxa com os seus pertences.

— Que estás a fazer? — irritou-se Bela.

— Junto as nossas coisas, ama, assim fugimos antes que voltem os demônios.

— Vai tu, se queres. Eu não saio daqui.

— Ir-me embora sem Sua Mercê? Nunca, ama Bela. Eu nunca me separaria de Sua Mercê.

— Então não me aborreças e fica quieta. Não estás mr deixando pensar. — Depois de um silêncio, perguntou: — Quer então dizer que Miss Melody está a morar na quinta de Bustamante, a que é contígua a La Convalecencia, não é verdade? Cunegunda fechou os olhos e fez com a cabeça um sinal afirmativo.

A influência dos ingleses na cultura portenha, por a sua estadia ter sido tão breve — apenas quarenta e cinco dias — era, na opinião de Martín de Álzaga, excessiva e inaceitável.

— Agora parece que, quando os homens nos cumprimentam — queixava-se ele à sua esposa Magdalena —, devemos estender-lhes a mão e às mulheres dar o braço.

— Não é só isso, querido — acrescentou ela. — Estão também impondo que se mudem os talheres a cada novo prato e que seja servido primeiro um e só depois o outro, onde já se viu? No que respeitava à situação política e institucional depois das invasões, ainda não se decidia a classificá-la de favorável ou de prejudicial. Por um lado, tinham-se visto livres de Sobremonte, que agora deambulava pela Banda Ocidental em total descrédito, pois também não era aceite em Montevideu. Sobremonte deixara atrás de si um terreno fértil para qualquer um agarrar o poder. Por isso, a sua maior ambição, tornar-se vice-rei, materializar-se-ia muito em breve, embora previsse algumas nuvens negras naquele magnífico horizonte, como o era a supremacia de Liniers, que a populaça considerava um herói, e a presunção dos indivíduos do partido independentista, que se juntavam para conspirar contra o rei na quinta de Rodriguez Peña ou na fábrica de sabão, recém-inaugurada, com Vieytes.

A formação do exército implicava também um risco. Ninguém negava a necessidade de contar com uma milícia, pois estavam à beira de uma nova invasão inglesa. O que repugnava Álzaga era o fato de, na sua maioria, esses corpos serem compostos por criollos, o que representava uma situação verdadeiramente perigosa. À apatia dos espanhóis no cumprimento das suas obrigações militares, contrapunha-se o entusiasmo dos nativos, nos quais Álzaga sentia o desejo de liberdade. Os independentistas, principalmente Pueyrredón,

não perdiam oportunidade de insinuar a ideia de que a coroa espanhola os tinha abandonado, tornando-se necessário armarem-se e defenderem-se. A cidade transformara-se num gigantesco quartel, até os rapazinhos de treze e catorze anos queriam ter lugar numa qualquer companhia. Com fervor religioso, recebiam instruções das cinco às oito da manhã, hora a que os soldados voltavam das manobras e abriam as lojas e os escritórios.

Independentemente do entusiasmo, o exército de Liniers carecia de disciplina e a instrução recebida pelos soldados era precária, visto que os oficiais de linha, incumbidos de tal tarefa, com excepção do coronel Balbiani, ignoravam o ofício militar. Aquele aglomerado de camponeses, lojistas, agricultores, peões e índios não seria capaz de enfrentar um exército regular em campo aberto. Por vezes, Álzaga julgava estar já a vê-los em debandada. A essa falha nos alicerces do exército deveria juntar-se a carência de armamentos e munições — tendo chegado a requisitar-se chumbo das casas para fazer balas —, de uniformes, remunerações e gêneros alimentícios. Destacava-se a cavalaria de Pueyrredón, chamados hussardos, que ostentava uniformes mais elegantes e demonstrava bastante mais disciplina. Via-se bem que era um grupo pertencente a uma classe abastada que custeava as armas, as munições, a manutenção dos cavalos e das roupas. Chegara-lhe o boato de que Roger Blackraven havia doado uma quantia generosa a Pueyrredón para a constituição da sua milícia, o que o inquietava bastante. “Blackraven”, murmurou, enquanto se dirigia para a sua loja.

O negócio não ia nada bem e tinha de reconhecer que, ocupado com as questões políticas, o descurara um pouco. A princípio não se alarmou e deu pouca importância ao atraso de alguns retalhistas portenhos na apresentação dos seus pedidos. “Acabarão por o fazer”, dissera ao seu escriturário. Mais preocupante foi realmente o fato de não ver chegar os do interior, a sua maior fonte de rendimentos, de onde obtinha um lucro imbatível, de mais de cem por cento. O empregado de confiança que enviara a Córdova e a Catamarca efetuara uma viagem bastante dispendiosa para lhe trazer más notícias: os clientes não continuariam a comprar-lhe produtos, tendo, sem protesto, liquidado a dívida, quando assim lhes exigiu, colocando as moedas em cima da secretária. Foi um dinheiro bem-vindo, mas a perda dos clientes constituía um rude golpe para a situação econômica do negociante. Como resposta às investigações feitas no mercado local, Sixto Parera, que mantinha uma dívida considerável a Álzaga, dera com a língua nos dentes: estava a ser comprada a outro fornecedor que vendia por melhor preço e oferecia facilidades de pagamento inultrapassáveis.

Álzaga nunca se tinha preocupado com a concorrência, nem mesmo com a do seu antigo chefe, Gaspar de Santa Coloma, porque sabia que era o comerciante mais importante do vice-reinado, não só pela variedade e qualidade das suas

mercadorias, mas também pela soberania que exercia sobre os seus clientes, que acabava por manietar à custa das dívidas. Foi grande a surpresa quando, dias mais tarde, para castigar Parera, lhe exigiu que levantasse a promissória e o velho o fez sem discutir.

— Onde conseguiu todo esse dinheiro? — enfureceu-se Álzaga.

— Diz que o pediu a outro prestamista — informou o seu empregado —, que lhe cobra uma taxa consideravelmente menor.

— Quem é ele? — Não quis dizer-me o nome, senhor.

Entrou mal-humorado na loja, remoendo aquele diálogo e aquela situação. Mal se sentou à secretária mandou chamar o escriturário.

— Alguma novidade? — Está ali um negro para falar com o senhor. Diz que traz uma mensagem e que tem ordens para a entregar só a Sua Mercê.

Álzaga pôs-se de pé com o coração fora do peito. “Chegou a hora”, disse a si mesmo, pensando na ameaça que o escravo Sabas lhe fizera no dia em que acordaram que lhe daria dinheiro pela informação da revolta. “Mas, se alguma coisa me acontecer, como por exemplo desaparecer no dia em que vim trazer-lhe esta informação, haverá alguém que irá procurar a sua esposa, dona Magdalena e contar-lhe tudo sobre as suas visitas a casa dessa senhora. Também lhe dirá como esse menino Martín se parece com sua mercê.” Depois da morte de Sabas — maldita a hora que escolheu para morrer! — vivia angustiado à espera do mo mento em que veria cumprir-se aquela ameaça. Seria a sua ruína moral e a destruição do seu casamento. Expulsá-lo-iam da Terceira Ordem de São Francisco e os seus pares voltar-lhe-iam a cara. Mas, logo em seguida, deduziu que o amigo de Sabas se aparecia ali na loja em vez de ir ter diretamente com a dona Magdalena era porque pretendia pedir-lhe dinheiro. Logo naquele momento de pouca liquidez. Maldito fosse! — Manda-o entrar.

Um mulato, de baixa estatura, cruzou a ombreira da porta, os olhos baixos e a boina nas mãos.

— Que queres? — A minha ama, a senhora de Escalada manda dizer que Vossa Mercê lhe vendeu toda a farinha com gorgulho. Que não quer… — O quê? Que estás tu a dizer? Quem és tu? Quem é o teu dono? — Sou Sempronio, dom Martín, o cocheiro de dona Tomasa.

— E o que queres? — Dar um recado da minha senhora. Ela diz que a farinha está com bicho.

O alívio de Álzaga foi tão grande que desatou a rir-se. Sempronio ficou a olhá-lo, na maior perplexidade. Para pôr fim ao assunto, mandou colocar dois sacos de farinha na carroça dos Escalada e mandou o escravo embora. No entanto, pensou, a ameaça continuava a pairar sobre a sua cabeça. E se aquilo de Sabas não tivesse passado de uma fanfarronice e, na verdade, ninguém soubesse do

acordo que tinham feito? Nunca poderia ter a certeza e, pelo menos durante algum tempo, essa dúvida fá-lo-ia sofrer.

De novo maldisposto, mandou pedir o livro de contas. Havia já alguns dias que só tinha problemas, dos quais o último, talvez o mais grave de todos, era a demora dos seus barcos, El Joaquín e El San Francisco de Paula, que já deveriam ter atracado na enseada de Barragán. Para poupar uma elevada quantia, dera instruções ao seu genro e agente em Cádiz, José Requena no sentido de não fazer qualquer seguro para a carga, nem para os navios, pelo que a simples ideia de os perder era o suficiente para lhe roubar o sono.

O escriturário entrou e estendeu-lhe o livro de contas.

— Está em dia? — Está, sim senhor, hoje é preciso pagar o almoxarifado — referia-se ao imposto aduaneiro. — Mando o José ao Consulado com o dinheiro? — Quanto é? — Oitenta pesos.

"Oitenta pesos!" Tinha calculado que não ultrapassaria os quarenta, visto que fazia contrabando da maior parte da mercadoria.

— Envia o José, sim. A última coisa de que preciso neste momento é de ter problemas com Belgrano.

O documento a favor do seu principal fornecedor de gado, a Casa Ustáriz, que muito em breve teria de pagar, era outro bom motivo para as suas insônias. Ainda não liquidara a letra de câmbio que o genro aceitara para saldar a dívida de onze mil e seiscentos pesos que tinha com Ustáriz. O tempo estava a esgotar-se e, segundo os números do livro de contas, o dinheiro faltava. Não enviaria empregados para depenarem os credores, exigindo-lhes o cancelamento das promissórias e dos juros, pois, com isso, além de não obter um chavo, ficaria desacreditado como prestamista e era imperioso que conservasse essa atividade para o caso de a de comerciante ir por água abaixo. Era certo que tinha umaspoupanças de lado, mas, com uma família de treze rebentos, dos quais várias eram filhas a quem teria de dar dotes, preferia endividar-se a mexer nesse dinheiro.

A única pessoa em Buenos Aires que contava com liquidez suficiente para lhe emprestar mais de onze mil pesos era Blackraven, um dos seus piores inimigos. Nas investigações que fizera, Álzaga ficara a saber que o inglês estava por trás da nova rede de distribuição, a que lhe roubara grande parte da clientela portenha, assim como a do interior, suspeitando inclusivamente de que fora ele quem emprestara o dinheiro a Parera e aos comerciantes de Córdova e Catamarca para que saldassem as dívidas que tinham para com a Casa de Álzaga. O que o inquietava era o motivo de tal atitude. Porque desejava Blackraven destruí-lo, pois era disso que se tratava? Seria por motivos econômicos — para ficar com todo o mercado do Rio da Prata? — ou por uma

questão pessoal? Com excepção da ocasião da revolta contra os negreiros, em que se apresentara na casa dele na calle San José e acusara a sua esposa, Álzaga não via outra afronta que Blackraven pudesse ter sentido da sua parte. A ida a casa dele nessa manhã, quando irrompera pela sala de jantar, enquanto todos tomavam o pequeno-almoço, a seu ver, justificava-se plenamente. Ao fim e ao cabo a sua vida, a de Sarratea e a de Basavilbaso tinham corrido perigo. Era pouco provável que Blackraven soubesse que tinha sido ele quem convencera Sarratea a denunciar a condessa de Stoneville pelo roubo dos escravos.

— Não me roubou — explicara Sarratea naquela ocasião —, eu os pus para fora e esse a quem chamam Papá Justicia recolheu-os e levou-os para casa do Anjo Negro.

— Que importância tem? — exasperara-se Álzaga. — Se a prendermos, levará um susto e dirá onde se esconde o irmão que é o cabecilha da revolta.

— Não está a pensar em torturá-la, não é? — espantara-se Sarratea,que não estava esquecido das torturas que o seu amigo Martín ordenara em 95.

— Claro que não. As quatro paredes de uma cela hedionda conseguirão que fale.

Também não lhe parecia provável que Blackraven suspeitasse de que ele havia instigado Lezica e Sáenz para lhe enviarem aquela carta emque o mandavam abandonar o vice-reinado do Rio da Prata, devido à sua nacionalidade. O modo como decorreu todo aquele processo deixara-o atônito e dera-lhe a verdadeira dimensão do poder e alcance do nobre inglês. Pediu a Lezica que lhe repetisse o conteúdo do documento que Blackraven apresentara ao ouvidor Lavardén, rubricado e selado pelo próprio rei D. Carlos IV. Quem era realmente Blackraven? Agora, além de o odiar, admirava-o e temia-o. Tinha de restabelecer as relações amigáveis, que tinham antes da maldita revolta de Maguire.

Não seria certamente fácil. Blackraven parecia disposto a destruí-lo. Não só se recusara a vender-lhe couros — ainda que o pedido tivesse sido feito através de Dalmiro Romero, os comerciantes sabiam, inclusive Diogo Coutinho, que era o seu testa-de-ferro —, como se recusava a recebê-lo quando ele o procurava em casa. Apesar de a situação apresentar contornos pouco auspiciosos, Álzaga não se ia abaixo, pois contava com um trunfo: a absolvição do cunhado de Blackraven, o jovem Tomás Maguire, que, aos olhos da lei, continuava a ser um fugitivo.

— Já não é cunhado dele — recordara-lhe Sarratea, dias antes. — Não te esqueças de que a verdadeira condessa apareceu viva.

Álzaga limitou-se a sorrir com um ar importante. “A verdadeira condessa, uma merda”, pensou. É certo que Blackraven era um homem de grandes recursos e influência, não obstante, à semelhança da maior parte dos comuns mortais, tinha

um ponto fraco: o Anjo Negro. Esposa legítima ou concubina, aquela garota tornara-se na única pessoa com poder para influenciar o espírito de um inimigo tão soberbo.

Por vezes, a mãe aborrecia-o, tomando o partido de Victoria. Outras, fazia-o rir, como nessa manhã em que, durante o pequeno-almoço com Malagrida — Victoria tomava-o muito mais tarde na cama —, Isabella lhes relatava as desventuras na corte de Carlos IV, seu meio-irmão.

— É impossível, querido Alejandro, que a tua tia Maria Luísa — Isabella se referia a Maria Luísa de Parma, esposa de Carlos IV —, feia como é, seja, nada mais, nada menos, do que a amante de Godoy, que é dezasseis anos mais novo do que ela e se acha belo como Narciso. Bem, em abono da verdade, é bastante bem-parecido — admitiu.

— Mãe, não podes negar que existe um certo favoritismo por parte da rainha.

— É claro que não nego, filho! Mas asseguro-te de que não são amantes, por muito que essa harpia da minha cunhada o deseje. O comportamento de Maria Luísa é abominável. Durante a minha estada em Madrid, fartei-me de ouvir versinhos e de ler panfletos que se referiam às suas relações amorosas. Como fica o meu pobre irmão no meio de tudo isto? “Corno manso” é o que lhe chamam! Está a ficar desacreditado aos olhos do povo. Perguntarão os espanhóis: como pode um homem que não domina a mulher governar-nos? O meu pai deve estar a dar voltas na tumba, ao ver a desonra que recaiu sobre a nossa casa.

— O seu irmão Carlos — interveio Malagrida — é um bom homem,mas falta-lhe o talento pelo qual o seu pai é recordado. Não tem caráter nem visão de estadista.

— Isso não é motivo para a mulher o humilhar e o filho o atraiçoar,porque deves saber, Alejandro, que o teu primo Fernando — referia-se ao príncipe das Astúrias — deseja acabar com todos, com Carlos, com Maria Luísa e com Godoy. Mais do que uma família, aquilo parece um campo de batalha. E eu culpo Maria Luísa, pois foi ela quem deu origem a toda esta confusão, revelando um favoritismo exacerbado por Godoy.

— Foi por isso que vocês se zangaram? — perguntou Blackraven.

— Naturalmente. E, como deves imaginar, as nossas posições são irreversíveis.

Fora os sorrisos ocasionais que a mãe conseguia arrancar-lhe, Blackraven apresentava um semblante nostálgico. Falava pouco, comia pouco, bebia de mais e dormia mal. O seu aspecto piorava de dia para dia. Mantinha-se ocupado para não pensar em Melody. Sabia por Somar e por Amy que a mulher estava bem, ainda que, tal como ele, bastante triste. Por vezes, rebelava-se contra a decisão

de se manterem afastados, julgava-a não só insensata, como também cruel. Não sabia até quando seria capaz de cumprir a promessa. O desejo de a abraçar tornava-se, muitas vezes, insuportável.

Se Melody não estivesse quase a ter o bebê, ele teria decidido regressar a Londres por vários motivos, principalmente pela iminência de um novo ataque inglês. Mas havia outra poderosa razão para empreender essa viagem: tratar da anulação do casamento com Victoria. Depois da conversa que tivera nesse dia com o padre Mauro, a possibilidade de o sacramento matrimonial ser decretado como nulo deixara de lhe parecer uma dificuldade tão grande como antes julgara.

O franciscano explicara-lhe: — A indissolubilidade do casamento é um ensinamento que nos vem diretamente de Cristo. — E lera-lhe o versículo do Evangelho de Mateus: “Portanto, eu vos digo que aquele que se divorcia da sua mulher, a não ser por infidelidade, e se casa com outra, é adúltero e o que se casa com a divorciada é adúltero também.” Por isso, a Igreja defende com tanto afinco o sacramento do casamento. Admite, no entanto, a existência de situações nas quais o sacramento, por lhe faltar alguns dos seus elementos fundamentais, nunca existiu apesar de o ritual ter tido lugar. Por isso se fala de nulidade do ato sacramental. Por outro lado, se falarmos da anulação do casamento, estaremos a reconhecer que o sacramento existiu, mas que, durante a vida desse casamento, aconteceram coisas que poderiam permitir a sua revogação, como, por exemplo, o não ter sido consumado.

— Quais são os elementos necessários para a anulação? — Isso é determinado pelo tribunal da Igreja após uma minuciosa investigação às razões apresentadas pela parte atuante, que, neste caso, serias tu. Entre os motivos que podem levar à anulação de um casamento estão a existência de um impedimento que não pode ser dispensado, por exemplo o casamento entre irmãos, a presença de uma intenção contrária ao matrimônio no momento da boda ou o uso da força ou do engano para levar um dos cônjuges ao casamento.

— Cristo diz — voltou a citar Blackraven— “com excepção do caso de infidelidade”. Ora a minha mulher, Victoria, foi-me infiel.

— Podes provar? — Talvez.

— Ela poderia colaborar contigo, admitindo a sua culpa. De qualquer modo — retomou o padre Mauro —, no caso de infidelidade, estaríamos a falar não de um defeito do ato e sim da vida do ato. Terias de te concentrar na anulação, em decretar que o sacramento foi nulo por vícios existentes no momento da sua celebração. Será mais fácil de conseguir assim.

— Eu não a amava. Casei com ela por despeito, por vingança. Porque Victoria pertencia à classe que sempre me havia marginalizado por eu ser filho bastardo.

E ela, tenho a certeza, casou-se comigo para resolver uma difícil situação econômica que conduzira o pai à prisão por não pagar dívidas — Assim sendo, estaríamos perante o segundo caso que te referi, isto é, a presença de uma intenção contrária ao casamento no momento da celebração do ritual. A Igreja, quando os noivos comparecem para se casar, assume que são livres de o fazer e que é o amor que os conduz ao altar. Se conseguisses que a tua esposa confirmasse o que estás a dizer-me, seria muito mais fácil.

— Como lhe disse a princípio, padre, o meu casamento com Victoria foi efetuado segundo o rito anglicano.

— Mas tu és católico.

— Sou as duas coisas — admitiu Blackraven e, ao ver o desagrado do sacerdote, sorriu. — Quando nasci, a minha mãe baptizou-me segundo o rito católico. Quando era um rapazinho e fui viver com o meu pai para Inglaterra, passei a praticar o anglicanismo. Victoria é anglicana. Por isso, casamos segundo esse rito.

— Essa situação ambígua em relação à tua religião poderá ajudar-te neste processo. Do mesmo modo, Roger, tudo o que te tenho estado a dizer é o que a Igreja Católica faria no caso de um pedido de anulação. Desconheço os procedimentos da Igreja Anglicana. Mas, se levarmos em linha de conta que a Igreja de Inglaterra nasceu como consequência de um divórcio, o de Henrique VIII e Catarina de Aragão, tudo indica que as suas exigências para a anulação sejam mais lenitivas do que as nossas.

Graças aos comentários do padre Mauro, Blackraven chegou a casa de bom humor, mas, quando falou com Victoria e lhe colocou a questão, o seu estado de espírito mudou.

— Nunca, ouves bem? Nunca admitirei que te fui infiel frente a um tribunal eclesiástico.

— Não me será difícil demonstrá-lo. Conservo ainda a carta que me deixaste no penhasco junto da tua roupa.

— Terás de provar, terás de demonstrar. De mim, não ouvirás uma palavra nesse sentido. E também não direi, nem sob tortura, que me casei contigo por causa das dívidas que estavam a destruir o meu pai.

Continuarei casada contigo porque continuo a amar-te.

— Se me ajudares nos trâmites da anulação, dar-te-ei tanto dinheiro que não te chegarão os anos de vida para o gastar. Mas, se tiver de enfrentar todo este processo tendo-te contra mim, obtê-la-ei, mais tarde ou mais cedo, e tu não levarás um tostão. — Se estás tão seguro de que obterás a anulação estando eu contra ti,e sem teres de gastar nada comigo, porque estás tão interessado na minha colaboração? — Porque ela poderá significar uma poupança substancial

de tempo.

— Estás ansioso, não é verdade? Sim, eu sei que essa garota gorda,de beleza vulgar te expulsou da sua cama, enquanto eu for legitimamente tua esposa. Há que reconhecer que é virtuosa. Ou muito esperta, ainda não percebi bem.

— Cala-te. Não és digna de pronunciar o seu nome.

Victoria recolheu a orla do vestido e abandonou o escritório. Pouco depois, Blackraven ouviu as rodas de um carro que parava frente à casa de San José. Afastando ligeiramente a cortina, viu Simonetta Cattaneo abrir a portinhola pelo lado de dentro e ajudar Victoria a subir. Saíam juntas todas as noites. Tinham-se tornado na atração das tertúlias e dos bailes.

— Preocupa-me a vida desordenada que a Victoria está a levar — dissera-lhe, dias antes, Isabella. — O doutor Fabre recomendou-lhe muito repouso e boa alimentação se quer curar a doença dos pulmões. Não faz nem uma nem outra coisa.

Com um suspiro, Blackraven deixou cair a cortina e voltou para a sua poltrona, molhou a pena no tinteiro e começou a escrever a resposta à carta de Beresford que recebera ao meio-dia. Quatro dias antes, no sábado, 11 de Outubro, tinha ido almoçar a casa de Casamayor para se despedir de Beresford, visto que dentro de poucas horas seria transferido para o interior juntamente com os seus oficiais e soldados, de acordo com o determinado pelas autoridades numa sessão do Cabildo que tivera lugar no mês anterior.

— Agradeço-te — dissera-lhe Beresford — por teres conseguido esse atestado médico, permitindo que o coronel Lane permanecesse em Buenos Aires. — Blackraven assentiu. — Agradeço-te também a tua amizade e os teus conselhos desinteressados. Toda esta questão foi muito infeliz.

— Que julgas que vos irá acontecer? Beresford encolheu os ombros.

— Tu mesmo o disseste há meses: enquanto Popham continuar a vigiar o Rio e se desenhar a ameaça de uma nova invasão, nossa estada neste bendito solo se prolongará.

— Escreve-me quando chegares ao teu destino — pedira-lhe Roger —,diz-me se precisas de alguma coisa, seja do que for. Vamos ver como se desenvolve esta situação. — Apertaram as mãos. — A proposta que te fiz tempos atrás continua de pé. — Blackraven falava de conceberem um plano de fuga. — Se te decidires por essa solução, manda-me um bilhete… — Olhou em volta até que os seus olhos deram com uma árvore de fruto — …pedindo-me laranjas.

Beresford riu-se.

— Combinado. Obrigado, Roger.

Por volta das quatro da tarde desse mesmo sábado, 11 de Outubro, Beresford e os seus homens abandonaram Buenos Aires e, embora as tropas tivessem

seguido para Córdova e Catamarca, foi dada ordem a Beresford e a alguns outros oficiais para que permanecessem na vila de Luján. Mal se instalou, o militar inglês não perdeu tempo e enviou um mensageiro com uma carta para Blackraven comunicando-lhe o local onde se encontrava.

Roger assinou a resposta para Beresford, sacudiu o areeiro sobre a tinta fresca para a secar. Em seguida, agitou o papel de carta, retirando toda a areia. Derreteu lacre e selou o sobrescrito. A entrega ficaria a cargo de O'Maley. Sabia que Álzaga interceptava a correspondência trocada com os oficiais ingleses presos no Cabildo da vila de Luján. Felizmente, como lhe explicava Beresford na sua carta, os dias em Luján decorriam aprazíveis. Tinham comodidades e uma liberdade bastante ampla que lhes permitia percorrer a cidade e os arredores, receber visitas, estando inclusivamente autorizados a participar numa tertúlia.

Blackraven levou a mão ao peitilho do colete para ver as horas, mas não encontrou a corrente do relógio. Levantou-se, praguejando, talvez tivesse guardado o relógio na sobrecasaca. Apalpou o bolso exterior e lá estava ele, juntamente com o relógio, um pedaço de papel litografado.

— Que é isto? Excelência, amanhã estarei à sua espera no átrio da igreja de la Merced às três da tarde. Sei que está só e que precisa do afecto de uma mulher.

Não exijo nada, não peço nada, apenas algumas horas na sua inestimável companhia.

Sua A.

— Mulher dos diabos — murmurou, aproximando a nota do pavio e lamentando, enquanto a via arder, que um homem tão simpático como o barão de Ibar tivesse ligado a sua vida a uma criatura tão inconveniente.

"Em que momento terá colocado o papel na minha sobrecasaca?", perguntou-se, passando em revista as duas horas em que estivera na companhia do barão no vestíbulo da hospedaria Os Três Reis. Felizmente, a baronesa tinha saído. Ou encontrar-se-ia no quarto ao lado? "Foi a escrava", concluiu, "que se aproximou da minha sobrecasaca". Agora que pensava melhor, parecia-lhe pouco credível que a baronesa tivesse saído sozinha, deixando a sua escolta no hotel. Fora certamente a garota — Joana chamara-lhe o barão —, pois parecia nervosa e com as mãos trêmulas quando lhe estendeu a labita. Tinha uma ferida no lábio, como se lhe tivessem dado uma bofetada ou tivesse caído de bruços. Blackraven suspeitava tratar-se da primeira situação.

Gostava da companhia de João Nivaldo de Ibar, um homem de vasta cultura, um declarado fisiocrata, grande conhecedor das técnicas da agricultura, em especial no que se referia às oleaginosas, apesar de os seus conhecimentos abrangerem uma imensa quantidade de espécies vegetais, pragas, vantagens e desvantagens das mesmas. Em El Retiro, com o clima temperado de Outubro,

tinham visitado os olivais, as plantações de linho, de cânhamo, de trigo, de milho e o sector das árvores de fruto. Blackraven mostrara-lhe o moinho, onde se extraíam os óleos do linho e das azeitonas, as obras de ampliação do lagar, o forno e sua produção de farinhas e expôs-lhe o seu projecto de transformar o cânhamo em fibra têxtil. A expressão habitualmente discreta e reflexiva de Ibar ganhara vida, iluminara-se a cada nova descoberta. Visitaram Martín Joseph de Altolaguirre, vizinho de Blackraven, outro fisiocrata que, na sua propriedade, tinha adoptado ideias revolucionárias em matéria de agricultura, com quem Ibar se deu tão bem que se tornou visitante assíduo da sua casa em El Retiro.

O barão dava opiniões, sugeria coisas, propunha modificações, e Blackraven tomava nota mentalmente, pois as suas opiniões eram muitosensatas. Foi o que ocorreu quando o convidou a percorrer o curtume, com o naturalista Thaddäus Haenke, grande amigo de Ibar, e o barão sugeriu uma nova técnica de curtume que prescindia dos taninos e usava uns componentes à base de mercúrio.

João Nivaldo de Ibar não era só um homem culto e desprendido em relação aos seus conhecimentos, como a sua postura tranquila e prudente propiciava longas conversas, sobre qualquer tema, nas quais o seu olhar sereno convidava à confissão. Devido à natureza receosa e aos muitos anos como espião, Blackraven raramente cometia o erro de ser indiscreto, ainda que reconhecesse que, com o barão de Ibar, fora tentado, uma ou duas vezes, a falar-lhe dos seus problemas pessoais. Seria, sem dúvida, um excelente amigo.

“É uma pena”, disse para si próprio, “que o seu gosto em matéria de mulheres deixe tanto a desejar”. Na mesma medida em que considerava a companhia do barão excelente, a da baronesa era-lhe absolutamente insuportável. O seu assédio tornara-se descarado e nem a preocupava que o marido pudesse ouvi-la quando o adulava ou vê-la quando tentava tocar-lhe. O barão limitava-se a sorrir, a abanar a cabeça e a olhar para Blackraven como quem lhe pede para que tenha paciência com uma menina caprichosa. Muitas vezes pareciam pai e filha, ou então, irmãos: na verdade existia um vínculo tão estreito entre ambos como estranho e chocante. Com pena, Blackraven decidiu afastar-se do barão para não cair nas artimanhas daquela mulher. Queria evitar falatórios para que não chegassem aos ouvidos de Isaura. Aquele bilhete da baronesa de Ibar aumentou o seu mau humor.

Bebeu, de um trago, o resto do uísque e dirigiu-se para o quarto com a dificuldade de todas as noites. Sentia-se particularmente deprimido, não só devido à discussão com Victoria e com a decisão de deixar enfraquecer o seu relacionamento com o barão de Ibar, mas também por causa da informação que O’Maley lhe trouxera nessa tarde: Constanzó tinha alugado uma quinta a pouca distância da de dom Gervasio. Meses antes, o seu espião encarregara-se de

investigar o médico madrileno e nesse dia informara-o de que ele estava a morar mesmo ao lado da quinta onde Melody se instalara. Essa informação foi um duro golpe para Blackraven.

Não queria destapar o retrato por terminar, sentia-se um imbecil quando fazia aquilo, mas não foi capaz de se controlar. Resolveu que no dia seguinte o mandaria para a quinta de dom Gervasio e pediria a Gayoso que o acabasse. Não passou os dedos pelos contornos de Melody. Limitou-se a olhá-la fixamente enquanto a raiva o embargava, decidindo ali mesmo que a mulher e o filho não continuariam a viver longe dele. A paciência que tivera durante duas semanas esgotara-se, não suportava mais a separação, e não existia motivo para ter de sofrer tal tortura. Não combinava com a sua natureza prepotente. Pouco se importava com a opinião das pessoas, pensava apenas em Isaura e em si. Estava cansado, farto, mal humorado, um pouco ébrio e deprimido.

— Raios! Dirigiu-se, a passos largos, para as cavalariças, ao mesmo tempo que vestia a casaca de couro e calçava as luvas. Uma expressão de absoluta determinação obscurecia-lhe o semblante. Selou Black Jack e lançou-se a galope para sul, em direção a La Convalecencia. Estava uma noite de lua cheia, sem nuvens, o ar perfumado pela terra que o sereno deixara úmida. Fustigou o cavalo sem pensar que tal temeridade poderia custar-lhe a vida. Só parou frente à propriedade, no caminho de terra bati da. Entrou a pé, levando Black Jack pelas rédeas.

— Quem vem lá? — gritou Shackle, num castelhano de má pronúncia,e Blackraven distinguiu a silhueta do seu marinheiro que, recortada na ténue luminosidade da noite, se punha rapidamente de pé, erguendo o mosquete.

— O rei mandou destruir o queimadeiro de Ben-Hinnon — disse.

— Capitão Black! — alegrou-se Shackle ao reconhecer a voz e a contra-senha.

— Tudo bem por cá? — interessou-se Roger, dando algumas palmadas no ombro do marinheiro.

— Sim, capitão, vai tudo bem. Apagaram-se há pouco as luzes da casa.

Abriu a porta principal com a cópia da chave que dera a Somar. Conhecia mal a sala, por isso avançou, chocando contra os móveis.

— Sou eu — disse entre dentes ao ouvir os ganidos de Sansão e apercebendo-se da presença silenciosa de Somar no corredor.

— Aconteceu alguma coisa? — Nada — tranquilizou-o Blackraven, enquanto acariciava a cabeçado terranova. — Como estás, meu amigo? Com que então trocaste-me por uma mulher, não é verdade? Desde a última visita de Amy, três dias antes, Sansão passara a morar na quinta de dom Gervasio. Na hora de partir, metera-se debaixo da cama de Melody e nem as lisonjas nem as ameaças, nem os guinchos de Arduino o tinham convencido a sair de lá.

— Está bem — dissera Amy, aborrecida —, fica aí se é isso que queres,mas depois não te queixes quando Blackraven te levar com pontapés no traseiro.

Somar aproximou-se para observar melhor o semblante de Roger. Até mesmo na escuridão era perceptível o seu cansaço e desânimo.

— Portaste-te bem? Tomaste conta da minha menina? — Sansão lambeu-lhe a mão. — Onde dorme Isaura? — perguntou, dirigindo-se ao turco.

— Ali — indicou-lhe a última porta.

— Vai deitar-te. Boa-noite.

— Boa-noite — disse Somar, retirando-se para o quarto acompanhado do cão.

Melody dormia enroscada sobre o ventre, numa atitude protetora, as pernas encolhidas. Blackraven contemplou-a, enquanto desapertava o colarinho. Dormia tranquila, com uma expressão serena e respiração silenciosa. Não afastou os olhos dela no momento em que se libertava do resto das suas roupas. Despido, deslizou para dentro dos lençóis, sem lhe tocar e apoiou a cabeça na mão para continuar a observá-la. Não se importava se ela não quisesse fazer amor, bastava-lhe dormir abraçado a ela. Isaura era o seu refúgio, a sua rocha.

Tinha pena de a acordar, mas, como o desejo o tornava egoísta, introduziu uma mão por baixo da camisa de dormir de Melody até tocar no seu ventre volumoso, onde se demorou em lânguidas carícias. A jo vem respirou e deu uma volta, ficando de costas para Roger que colou o corpo ao dela. De trás, acariciou-lhe os seios através da fina musselina da camisa e com a ponta dos dedos, roçou-lhe nos mamilos que responderam de imediato. Melody agitou-se e gemeu de prazer.

— Roger — murmurou a dormir e Blackraven sorriu com uma satisfação masculina.

— Sim, sou eu.

— Roger. — Começou a despertar. — Oh, Roger. És mesmo tu? — Sim, meu amor, estou aqui. Sou bem-vindo? — Sim, meu amor. Sim.

Melody voltou a cara, abriu os olhos, e logo a seguir sentiu os lábios de Blackraven sobre os seus. O beijo intensificou-se quando ela pôs o braço para trás e tacteou até fechar o punho em volta do seu membro. Massajou-o com movimentos lentos. Roger soltou gemidos junto da sua boca, enquanto, com as mãos descontroladas, desapertava a fita que lhe atava as culotes e lhos tirava quase com violência.

Melody arqueou-se e atirou a cabeça para trás, aninhando-a na reentrância formada entre o pescoço e o ombro de Roger, que cheirava a suor, a uísque e a restos da loção de almíscar, uma combinação forte e masculina que a excitava. Teria gostado de estar a usar o frangipani, mas não o punha há algum tempo, desde a partida de Blackraven para a Banda Oriental devido aos negócios da pedreira.

— Isaura — suplicou, com voz rouca.

— Entra dentro de mim, por favor.

Blackraven obrigou-a a abrir-se, colocando a perna esquerda dela sobre a sua anca e puxando-a um pouco para trás. Não a penetrou logo, continuou a excitá-la, sussurrando-lhe palavras ao ouvido. Adorava ouvi-la pedir entre gemidos, era o som mais erótico que Isaura produzia, mais erótico até do que os gritos quando sentia o orgasmo. Aqueles “Roger, por favor, não aguento mais”, “Roger, por favor, quero-te dentro de mim” excitavam-no mais do que qualquer outra coisa.

Apesar de ter esperado, com ansiosa expectativa que Blackraven mergulhasse no seu corpo, quando o fez, foi apanhada de surpresa. As suas enérgicas investidas magoavam-na e excitavam-na ao mesmo tempo. Blackraven gemia e levantava-lhe a perna esquerda como se não conseguisse que ela se abrisse o suficiente para penetrá-la como desejava. Num ato reflexo, Melody levou um braço atrás e tocou-lhe nos cabelos, enquanto com a outra mão se agarrava a uma das traves da cabeceira da cama. Ao fim de algum tempo, percebeu que a mão de Blackraven se fechava sobre a sua na mesma trave. A outra já não lhe percorria o corpo, agarrava-lhe agora o ventre. A paixão fora desencadeada e ela sabia que o reencontro teria de ser assim, exigente e brusco, com algo de zanga e de vingança. Ao atingir o ponto máximo do prazer, Melody voltou a cabeça sobre a almofada para abafar um pouco os gritos, não porque receasse acordar os outros habitantes da casa e sim porque queria ouvir a voz rouca de Blackraven gemendo o seu nome de modo entrecortado, quase sem ar, definindo cada sílaba com uma in vestida.

Permaneceram naquela posição durante um longo momento, ele dentro dela, com a perna esquerda de Melody pousada sobre a anca dele, os dedos dela mergulhados nos seus cabelos, as mãos de ambos segurando a trave de madeira. O dorso de Roger chocava com as costas de Melody ao ritmo de uma respiração descompassada. Parecia que tinham acabado de correr léguas.

— Se não fizesse amor contigo esta noite, ter-me-ia enforcado –brincou Blackraven. — Fazia-me falta a suavidade das tuas pernas, os teus caracóis entre os meus dedos — e mergulhou-os no velo púbico de Melody —, a minha carne na tua carne.

— Queria tanto que fizesses amor comigo. Que saudades de te ter dentro de mim. Não sabes a falta que me fizeste! — Se me desejavas assim tanto, porque não me mandaste chamar? Sabias que deixaria tudo para vir ter contigo.

— Por orgulho. Não te mandei chamar por orgulho.

— Orgulho irlandês, o teu único defeito.

— Sim, isso mesmo, orgulho irlandês — assegurou Melody, voltando--se para o enfrentar. — Não me importo mais se sou tua mulher ou tua amante. Só quero

ser tua.

— Isaura — suspirou Blackraven, de olhos fechados. E assim adormeceu.

Acordou sem sobressaltos e logo a seguir percebeu que havia mais alguém no quarto. Melody dormia ao seu lado. A sombra passou aos pés da cama, silenciosa como um gato, alterando por um segundo a ténue luz da lua que entrava pela janela. Blackraven estendeu muito devagar a mão para a mesa-de-cabeceira onde tinha colocado a sua adaga. No preciso momento em que agarrava o cabo de marfim, a figura materializou-se ao seu lado, desferindo-lhe uma punhalada no peito. Blackraven rodou sobre si mesmo cobrindo Melody com o seu corpo. O assaltante tentou nova investida, espetando a arma na almofada de penas. Melody, aos gritos, perguntava o que estava a acontecer.

— Vai para debaixo da cama! — ordenou Blackraven. — Agora, já! O assaltante parecia ter-se orientado novamente e dava a volta, tentando chegar ao lado de Melody, como se fosse ela o seu objetivo, mas Blackraven saltou pela parte inferior da cama e lançou-se sobre ele. Caíram os dois ao chão, de costas, e o agressor passou rapidamente para cima de Roger que ficou esmagado com o seu peso. “Caraças”, queixou-se. “Se eu peso 108 quilos, quanto pesará este filho da puta?” As peças de flanela roçaram-lhe no dorso nu e um cheiro a classe baixa, uma mistura inconfundível de fumo e genebra de má qualidade, invadiu-lhe as narinas. Experimentou a sensação de já ter vivido aquele momento e, ao concluir que, devido à qualidade da navalha do assaltante, do seu vestuário e do seu cheiro, deveria tratar-se de um escravo ou de um camponês, teve um pressentimento. Concentrou-se nas feições escuras que se abatiam sobre ele. “É o mesmo negro que me atacou quando eu saía da moradia de Casamayor.” Debaixo de cama, Melody chamava aos gritos por Somar e Shackle, pedindo ajuda. Pouco depois ouviu os latidos de Sansão que arranhava a porta e as pancadas de Somar. “Porque não entra?”, enfureceu-se Melody, “Que espera Somar para entrar?”e só depois se apercebeu de que Blackraven a tinha fechado por dentro. A porta estremecia perante os embates do turco, sem, no entanto, ceder.“Não conseguirá deitá-la abaixo”, pensou Melody, pois tratava-se de uma porta de quebracho com ferragens de ferro forjado. Decidiu abandonar o seu refúgio para tentar retirar a tranqueta.

Blackraven respirou fundo ao sentir que o peso se retirava do seu tórax. O assaltante passou por cima dele, dirigindo-se à porta, cujo ferrolho Melody tentava abrir. “Veio por causa dela”, deduziu e, sem se mexer, estendeu o braço sobre a cabeça, agarrando o tornozelo grosso do negro, que caiu de bruços. Blackraven deu uma volta e arrastou-se. Desferiu-lhe a primeira punhalada na parte de trás da coxa, mesmo abaixo da nádega. O negro gritou e contorceu-se. Blackraven deslizou alguns palmos e descarregou a adaga pela segunda vez. Não

continuaria a atacá-lo, queria-o com vida para o poder interrogar.

Somar e Sansão precipitaram-se para dentro do quarto. O cão lançou-se sobre Blackraven e, entre latidos, cheirou-lhe a nuca. Somar, atônito, no meio do quarto, voltava a cabeça de um lado para o outro, numa tentativa de compreender o que tinha acontecido ali. Avistou Melody, toda encolhida junto à porta, a chorar e a tremer, e, a poucos passos de distância, distinguiu os corpos dos dois homens, ambos voltados de barriga para baixo. Miora levantou o castiçal e Somar pôde finalmente identificar Blackraven.

— Por Alá Todo-Poderoso! Roger! — exclamou ajoelhando-se ao lado dele e afastando Sansão com um gesto brusco. — Como estás? — Estou bem — disse ele, endireitando-se. — Estou bem, passa minha calça.

Vestiu-as rapidamente, sentado no chão, e avançou de gatas até junto de Melody. A jovem aninhou-se no peito de Blackraven, que se colou a ela como um escudo. Melody chorava convulsivamente, enquanto ele lhe beijava a cabeça e a estreitava contra si, cada vez mais emocionado à medida que se apercebia bem da realidade.

— Já passou, meu amor. Estás a salvo. Acalma-te, minha querida. –Levantou-se, tendo nos braços Melody que se agarrava com força ao seu pescoço. — Trinaghanta, leva-me até o teu quarto. Miora, vai preparar uma infusão para a tua senhora. Somar — disse, com um gesto de cabeça, indicando-lhe que se encarregasse do negro.

Blackraven colocou Melody sobre a cama da cingalesa e deitou-se ao seu lado, angustiado porque ela não parava de chorar nem de tremer. Dava-se conta da tensão do seu corpo e, sobretudo, do seu ventre. Teve dificuldade em pronunciar: — Miora, vai buscar o doutor Constanzó. Ele vive aqui perto, não é verdade? — Sim, patrão Roger.

— Roger — balbuciou Melody —, quem era aquele homem que tentou matar-nos? — Não tentou matar-nos, meu amor. Era um simples larápio. Entrou aqui para roubar e eu, ao surpreendê-lo, não lhe deixei outra alternativa se não defender-se.

— Mas o Shackle não estava de guarda? — Talvez tenha adormecido — disse Blackraven que considerava essa hipótese muito pouco provável.

Não disseram mais nada. Ficaram abraçados em silêncio até que bateram à porta e Blackraven foi abrir, para dar entrada a Constanzó. Vestiu à pressa uma camisa, ao mesmo tempo que punha o médico a par dos pormenores.

— Um ladrão conseguiu entrar aqui no quarto e pregou-nos um susto de morte. A minha esposa — e disse-o de modo intencional — está muito impressionada. Preocupa-me no seu estado.

Constanzó aproximou-se de Melody. Tomou-lhe as pulsações e palpou-lhe a

barriga.

— Vou sangrá-la — disse —, para baixar a tensão arterial.

Blackraven deitou-se ao lado de Melody e agarrou-lhe na mão, enquanto Constanzó efetuava a sangria no outro braço, assistido por Trinaghanta.

— O nosso bebê estará bem, Roger? Tive tanto medo, será que lhe fezmal? — Não fales — murmurou Roger, muito comovido. — Não vai acontecer nenhum mal ao menino. É forte como um boi.

— Como o pai — disse Melody, sorrindo entre lágrimas.

— Sim, meu amor, como eu.

Trinaghanta afastou-se com o alguidar cheio de sangue e Constanzó colocou uma atadura no corte.

— Agora veja se dorme — disse, dirigindo-se a Melody — e se fica na cama durante dois dias. Nada de sobressaltos, nada de esforços. Pouco sal na comida e muitos líquidos. Deve alimentar-se bem: leite, queijo, carne, para recuperar as forças. Deixo-lhe aqui um frasco com um tó nico que vai abrir-lhe o apetite.

— Obrigada, doutor — respondeu Melody. — Obrigada por ter vindo.

— Boas-noites, senhorita Melody — disse Constanzó e Blackraven teve de fazer um esforço para não lhe partir a cara. Aquele “senhorita Melody” era uma afronta pessoal.

— Vou deixar-te um instante com Miora, meu amor, enquanto acompanho o doutor à porta. Por aqui — disse, indicando-lhe a saída.

Somar apareceu no corredor.

— Roger, será melhor que o doutor Constanzó dê uma olhada em Shackle. O assaltante deu-lhe uma tremenda pancada na cabeça e ele não para de sangrar.

— Trinaghanta se encarregará disso.

— Não, não — interveio Constanzó. — Eu trato do assunto.

Foram encontrar Shackle mais preocupado por ter permitido que o assaltante entrasse na casa do que com a hemorragia que lhe banhava as costas.

— Desculpe-me, capitão Black — disse, enquanto o médico o suturava. — Confundi o infeliz com Vossa Excelência. No escuro, não me dei conta de que se tratava de um estranho, pois tem mais ou menos o corpo de Vossa Senhoria. Deve ter-me tirado as chaves depois de me deixar desmaiado.

— Está bem, Shackle — retorquiu Blackraven com frieza e, embora Constanzó tivesse pensado que ele dera pouca importância ao erro, Somar e Shackle sabiam que não era assim, principalmente quando aquilo poderia ter custado a vida à sua mulher grávida. Tomaria uma medida. Enviaria provavelmente Shackle para El Cangrejal, onde era preciso limpar as cobertas inferiores do Sonzogno com vinagre ou raspar o caruncho, e convocaria outro homem da sua confiança. Somar apostava em Radama. Para Shackle seria um

duro golpe.

— Que aconteceu ao assaltante? — interessou-se o médico.

— Conseguiu fugir — respondeu Blackraven, acrescentando de imediato: — Somar, acompanha-me cá fora um momento, enquanto o doutor Constanzó termina o seu trabalho.

Entraram na pequena sala e fecharam a porta. Somar já tinha acendido um candelabro. O assaltante estava no chão, inconsciente, sobre um charco de sangue. A sua palidez não dava esperanças de poder responder a qualquer interrogatório. Blackraven ajoelhou-se e pôs os dedos no pescoço do negro, à altura da jugular.

— Está morto.

— Merda! — praguejou o turco. — Agora ficaremos sem saber se era um simples ladrão ou alguém enviado de propósito.

— De uma coisa estou certo: não era um simples ladrão. Este negro é o mesmo que me atacou há tempos, à saída da casa de Casamayor. O que mais me surpreende é que desta vez não foi por mim que ele veio, e sim por Isaura.

— Por Alá! Queria matar Miss Melody? — Entrou no quarto convencido de a encontrar sozinha e foi apanhado de surpresa quando me encontrou na sua cama. Tentou chegar a ela por duas vezes.

— Primeiro tentou matar-te a ti — raciocinou Somar — em frente à casa de Casamayor, e esta noite quis acabar com a minha senhora. Qual seria o interesse dele em acabar convosco? atuará por conta própria ou será enviado por alguém? — Só me vem à cabeça um nome: Enda Feelham.

— Ou dona Bela. Não te esqueças de que anda por aí à solta. — Após uma pequena reflexão, o turco prosseguiu com as suas conjecturas: —Ou então poderá tratar-se de um escravo despeitado, alguém a quem o Anjo Negro não tenha concedido um favor. E é bom não esquecermos Galo Bandor. A vingança dele contra ti seria perfeita se pudesse acabar com a vida da pessoa de quem mais gostas: a tua mulher. Talvez, quando mandou este negro atacar-te à saída da casa de Casamayor não soubesse ainda da existência de Miss Melody. Mais tarde tomou conhecimento e mudou de opinião: em vez de te matar a ti, matá-la-ia a ela. — Blackraven abanou a cabeça com ar incrédulo. — E o que será feito desse tal sicário, o La Cobra? — insistiu o turco.

— Para que quereria matar Isaura? Segundo Adriano, foi contratado para liquidar o Escorpião Negro. Que interesse poderia ter nela? — Talvez a quisesse como refém para te agarrar a ti. — disse Somar sacudindo a mão. — Esquece, é uma mera especulação.

— Não, não — contrapôs Blackraven. — O que dizes faz todo o sentido. Eu mesmo cheguei a pensar que, se viessem a associar a identidade do Escorpião

Negro a mim, Isaura correria um grande risco.

— Achas que este negro pode ser La Cobra? — Não, não me parece. Mas nunca teremos a certeza. Antes de enterrares o corpo num baldio, chama o Papá Justicia. Quem sabe ele não o reconhece e nos diz alguma coisa.

Constanzó recusou-se a receber dinheiro pelo seu trabalho.

— Por que motivo não me cobra nada, doutor? — perguntou Blackraven, num tom desagradável. — O que o impede de me levar dinheiro? —Nada, claro — apressou-se a esclarecer o médico. — É apenas um gesto de cortesia.

— Cortesia? Por quê? A minha esposa é uma paciente como qualquer outra e suponho que Sua Mercê não trabalha ad honorem, não é? —Não, claro que não.

— Nesse caso, não compreendo a sua recusa. Mandei-o chamar ameio da noite e não só teve de tratar a minha esposa como também um dos meus homens. Não aceitarei de modo algum que abandone esta casa sem o pagamento devido. Ou me diz quanto lhe devo ou colocarei nas suas mãos o que considerar justo.

Constanzó, com uma expressão entre o incomodado e o aborrecido, indicou-lhe a quantia de três pesos. Blackraven pagou-lhe e inclinou-se para se despedir.

— Somar o escoltará até sua casa, doutor. Boa-noite.

XX

Apesar de Blackraven ter tomado as medidas necessárias para que o ataque do negro não fosse do conhecimento público, poucos dias mais tarde toda a cidade sabia. Miora contou-o em confidência à sua nova amiga brasileira, Joana, que lhe jurou pela memória da anterior dona que nunca diria a ninguém. Bastou que Ágata de Ibar lhe perguntasse se sabia de alguma novidade acerca do Anjo Negro para que Joana entregasse tudo: receava que a baronesa ficasse a saber por outra fonte e lhe batesse por ter ficado calada. O maior cuidado de Blackraven, preservar a reputação de Melody, foi por água abaixo em meia dúzia de dias. Nos mentideros não se referiam com tanto horror ao assalto como ao fato de o conde de Stoneville ter passado a noite com a jovem Maguire.

— E agradeço ao Senhor que Sua Excelência tivesse estado junto dela nessa noite — salientou dona Rafaela del Pino —, caso contrário estaríamos agora a lamentar algo muito mais grave do que uma reputação manchada.

— A sua sensibilidade cristã assombra-me, dona Rafaela — interveio Blackraven. — Sua Mercê foi a única pessoa a reparar nesse pormenor.

— No entanto — prosseguiu a mulher, elevando o nível da sua voz —,pelo bem dela, meu estimado conde de Stoneville, deverá abster-se de voltar a importuná-la. Está a enlamear a honra dessa jovem.

— É a minha mulher — recordou-lhe Blackraven.

— Pode sê-lo no seu coração, não perante a lei de Deus.

— Muito em breve iniciarei os trâmites para a anulação do meu primeiro casamento, mal possa viajar para Londres — acrescentou —, o que não será antes de alguns meses, visto que não seria conveniente que Isaura viajasse pouco depois de ter dado vida a uma criança.

— Ela viajará para Londres com Vossa Excelência? — Noutro dos meus barcos e escoltada pela minha mãe e pela ama--de-leite, um guardião brutal, ao qual nem Sua Mercê teria algo a objetar. Em Londres ficará instalada numa das minhas casas. Eu ocuparei outra.

Dona Rafaela assentiu com ar solene. Tinha consciência de que o conde de Stoneville — um homem que não dava explicações da sua vida a ninguém — se mostrava paciente com ela e permitia que se imiscuísse nos seus assuntos de modo descarado porque lhe queria pedir um favor. O favor estava implícito, Blackraven não precisava de o expressar e, apesar de os motivos serem bem diferentes — ele, pensando na segurança da mãe do seu filho; dona Rafaela, pensando na salvação da alma da jovem —, a verdade é que tinham chegado a

um acordo com a mesma facilidade com que o haviam feito no caso da pedreira de cal.

— Enquanto a senhorita Maguire espera o bebê e Sua Excelência prepara essa bendita viagem a Londres, julgo apropriado que ela venha viver aqui comigo, sob a minha tutela e os meus cuidados. Aquele lugar, perto de La Convalecencia, tendo apenas duas criadas como companhia, não é nem um pouco adequado à reputação de uma dama. — Blackraven sorriu. — A senhorita Maguire poderá, se a sua saúde lho permitir, ensinar solfejo e canto às minhas netas, pois soube que ela toca e canta maravilhosamente.

Melody nem quis ouvir falar em viver em casa de dona Rafaela e, como Blackraven evitava qualquer discussão para preservar a sua saúde, não insistiu demasiado.

— Este lugar é muito isolado — queixou-se. — Com dona Rafaela estarias a pouca distância de San José. É uma casa muito segura e eu ficaria muito mais tranquilo.

— Tu estarias mais tranquilo, mas eu não me sentiria à vontade.Aqui tenho a minha liberdade, além de que gosto do lugar. Em casa de dona Rafaela não poderia receber visitas.

— Claro que poderias. Dona Rafaela quererá que te sintas bem.

— Não.

Assim se encerrou a questão e Blackraven ficou, de certo modo, satisfeito, pois embora a segurança de Melody e do seu filho constituíssem uma prioridade, poder visitá-la à noite, dava-lhe uma alegria que não poderia ter se a mulher estivesse hospedada sob o tecto de dona Rafaela. Redobrou a guarda e insistiu com os seus homens para que desconfiassem de todos.

Não souberam mais nada do assaltante. Papá Justicia não reconheceu o cadáver nem os ferretes que lhe marcavam o peito e as costas, pelo que Somar o enterrou num terreno baldio na zona do Bajo. Dias mais tarde, o quimboto apresentou-se na casa de San José.

— Patrão Roger, aquele negro não era daqui. Se fosse, eu teria sabido.Além disso, durante os últimos dias não foram apresentadas denúncias pela fuga ou desaparecimento de escravos em nenhuma das esquadras do bairro, o que confirma esta minha certeza.

— Podia tratar-se de um liberto e, talvez por isso, ninguém reclame o seu desaparecimento.

— É possível. Mas esse negro não era daqui. — Papá Justicia pôs-se de pé e colocou a velha cartola. — Vou-me embora por algum tempo, patrão Roger. O surto de varíola que começou em Tambor aqui há tempos já se estendeu ao Mondongo e não quero ser contagiado. Já não estou para essas andanças.

— Tens para onde ir? — Ter, não tenho, irei procurando onde encostar a cabeça todas as noites, como diz o Senhor.

— Podes ir para Bella Esmeralda, a quinta do Maguire que eu administro na sua ausência. É provável que eu e Isaura partamos para lá, caso a maleita se estenda até aqui ou os ingleses voltem a invadir-nos.

A referência a uma possível invasão não era um comentário meramente especulativo. Na véspera à noite, terça feira, 28 de Outubro, os portenhos tinham-se sobressaltado nas suas camas ao ouvir os intensos tiros de canhão, aos quais Popham, encorajado pelos reforços chegados do Cabo, sob o comando do tenente-coronel Backhouse, havia submetido a cidade de Montevideu. Tratou-se mais de uma fanfarronice do que de uma ação ponderada, visto que, devido à descida do nível das águas do rio, a frota teve de se situar longe da costa e as balas não chegaram a provocar danos. “Qualquer bom artilheiro teria previsto a ocorrência”, deduziu Blackraven, “mas Popham, insensato como é, resolveu levar adiante o seu plano, não ligando nenhuma ao que lhe diziam”. Ao fim de três horas de disparos fracassados, Popham desistiu de tomar Montevideu e navegou para Maldonado. Na noite de 29 de Outubro, já Blackraven estava a par do que tinham feito em Maldonado e sabia que tencionavam dominar uma pequena localidade chamada Punta del Este, assim como a ilha Gorriti.

Entregou alguns reais a Papá Justicia e despediu-se dele. Recostou-se na poltrona. Levou as mãos atrás da cabeça e suspirou. Estava cansado. Primeiro pensou em Isaura. Tinham discutido nessa manhã, e ele abandonara a quinta muito aborrecido, apesar de ter acabado por impor a sua vontade: até que terminasse a epidemia de varíola, não haveria mais Anjo Negro nem visitas dos escravos à hora da sesta, com excepção dos da sua propriedade, que iam muitas vezes à quinta com alguma função. Os seus homens deveriam mandar embora quem lá estivesse. Com tal medida, Blackraven pretendia também deter os mexericos que tanto a perturbavam.

Fechou os olhos e repousou a nuca sobre o apoio. Não conseguia deixar de pensar no ataque levado a cabo dias atrás na quinta de dom Gervásio. As perguntas não o largavam. — Quem seria aquele negro? Que pretendia? Quem o enviava? — inquietava-o a falta de respostas. O seu espírito saltava de um assunto para o outro, como era habitual, do assaltante anônimo para a insólita declaração de Diogo Coutinho, que pretendia desposar a sua sobrinha Marcelina Valdéz y Inclán. Pensou em Álzaga. Nesse dia tinha voltado a bater à porta da casa de San José e, mais uma vez, não o recebera. O basco deveria estar num grave aperto econômico para se sujeitar a tal humilhação. Sabia que tinha procurado Abelardo Montes, a quem propusera sociedade em vez de concorrerem até se destruírem um ao outro.

— Assim, todos ganharíamos muito mais do que na nossa atual posição.

— Teria de consultar o meu sócio — referiu o barão de Pontevedra.

— Quem é o seu sócio? — perguntou Álzaga.

— Prefere permanecer no anonimato. Mas comunicarei sua proposta, dom Martín, não se preocupe.

Blackraven sorriu com malícia. O seu plano estava a dar frutos muito antes do que imaginara. A bem da verdade, supusera que a situação de Álzaga fosse mais sólida e que a sua incursão no mercado não o fizesse estremecer com tanta facilidade mas sim reagir como um felino. Calculou que baixasse os preços, melhorasse as condições de pagamento, perdoasse dívidas, enfim, que lhe opusesse uma firme concorrência. Porém, era evidente que não tinha condições que lhe permitissem tal flexibilidade. Zorrilla e O'Maley tinham-lhe contado que pedira empréstimos aos amigos, os negreiros Sarratea e Basavilbaso, e ao seu antigo patrão, o comerciante Gaspar de Santa Coloma.

"Até quando manterei este jogo do comerciante?" perguntou-se. "Até conseguir que Álzaga peça desculpas a Isaura pelo modo como ele e a mulher a trataram e injuriaram sempre e até que Álzaga cancele o pedido de prisão que pesa sobre Maguire." Victoria entrou no escritório sem bater à porta.

— Ah — surpreendeu-se —, desculpa, não sabia que estavas em casa.

Vim buscar um livro. Não consigo dormir. — Avançou para a estante. — Estou a ver que esta noite nos vais honrar com a tua presença. Ou tencionas ir partilhar a cama dela mais tarde? Não lhe explicaria que ia passar a noite em San José, pois, se assim não fosse, acabaria por acordar Isaura e fazer amor com ela, e ela precisava de descansar. Também não lhe diria que continuava aborrecido por causa dos escravos e do surto de varíola e que fazia questão que Isaura o sentisse.

— Também eu estou espantado por ver que resolveste ficar em casa esta noite em vez de participar noutro dos teus incontáveis serões com a tua amiga Simonetta Cattaneo.

— Ficas com ciúmes por eu sair todas as noites? — Não, mas preocupa-me a tua saúde. Fabre diz que os teus pulmões requerem muito repouso.

— Tu é que estás com um ar cansado. Suspeito de que tenhas demasiadas preocupações.

Pousou o livro sobre o tampo da secretária, colocou-se atrás da poltrona e começou a fazer-lhe uma massagem ao pescoço e aos ombros.

Blackraven fechou os olhos e gemeu de prazer.

— Sempre tiveste jeito para fazer massagens — admitiu.

— Sempre tive jeito para tudo o que implica tocar no teu corpo.

Blackraven riu-se entre dentes.

— Sim, na verdade, eras boa na cama.

— E continuo a ser, meu amor. Deixa-me demonstrar-to. — Sentou--se nas pernas de Blackraven e envolveu-lhe o rosto com ambas as mãos.— Ainda me excito só de olhar para ti. Desejo-te, Roger, desejo-te tanto.

Quero demonstrar-to.

Blackraven permitiu que ela o beijasse e ficou surpreendido por não sentir a mais pequena emoção. Victoria deu-se conta da falta de resposta e afastou o rosto para o olhar de modo inquisidor.

— Lembraste — disse Blackraven — de quando há uns anos me disseste que o amor não era belo e sim poderoso, capaz de quebrar uma vontade tão férrea como a minha? — Victoria assentiu. — E lembraste de que nessa altura eu me ri de ti? — Victoria sorriu e assentiu de novo. —Pois tinhas toda a razão e devo-te um pedido de desculpas. O amor, o verdadeiro amor, é maravilhoso, sim, mas é sobretudo uma força poderosa e avassaladora que nos domina a seu bel-prazer, que nos transforma em marionetas, em perfeitos idiotas. É isso que me acontece com Isaura e é por isso que não posso agora corresponder-te, porque o amor que sinto por ela, essa força omnipotente, me tem manietado e me permite apenas responder se for ela quem está à minha frente. Juro-te, Victoria — confessou-lhe com paixão —, juro-te que desejaria não a amar assim, mas não tenho poder para tanto.

— Oh, Roger! — soluçou Victoria, abraçando-se a ele. — Não me resigno a perder-te. Dói tanto! — Desculpa, minha querida, desculpa — e apertou-lhe delicadamente a cintura. — Não quero fazer-te sofrer, Victoria, muito pelo contrário, desejo sinceramente que encontres a felicidade.

— Ama-me só esta noite.

— Não poderia fazê-lo como tu mereces.

Gabina bateu três vezes no portão das traseiras, como tinham combinado, e Berenice abriu. Não fazia aquele favor de esperar por ela acordada até tão tarde apenas por ser boa pessoa mas sim porque, no dia seguinte, seria a vez de Gabina esperar pelo seu regresso, permitindo-lhe assim divertir-se com o seu novo amante, um mulato alforriado do bairro do Tambor que lhe prometera comprar a liberdade. O de Gabina, um cabrito do bairro do Mondongo, não tinha um chavo. O seu atrativo residia na potência e dimensão do seu membro, conhecido entre as escravas de Buenos Aires.

— Esqueci-me de tirar o vestido da senhora condessa para o engo-mar — alarmou-se Berenice.

— És uma idiota! A senhora precisa dele para amanhã logo de manhã. E agora quem vai entrar lá no quarto? Com certeza já deve estar a dormir porque esta noite não saía com a senhora Cattaneo. Se a acordarmos vai ser um ver se te

avias, como diz o Papá Justicia.

— Vai tu — pediu-lhe Berenice. — Ela gosta mais de ti. Vai tu. A ti não diz nada.

Berenice tinha razão. Victoria afeiçoara-se a Gabina, tanto que lhe oferecera um par de blusas de batista, que a negra usava nos candombes de domingo, e um frasco com um resto de perfume de láudano, que a escrava guardava preciosamente e que ia usando, a conta-gotas, nas noites que dedicava ao seu amante do Mondongo.

Enquanto se embrenhava no interior da casa, Gabina pensava que, felizmente, aquele mastim que parecia um vitelo tinha ficado com Miss Melody. Se encontrasse o guarda de turno, diria a verdade. Talvez o patrão Roger a repreendesse — os escravos estavam proibidos de entrar na casa durante a noite — e, embora a perspectiva não lhe agradasse, também não queria deixar de satisfazer um pedido da senhora condessa, que a tratava com tanta amabilidade, até mesmo com doçura, que nunca lhe levantara a mão nem a voz e lhe oferecera inúmeros presentes.

"Felizmente está acordada", disse de si para consigo, vendo luz por baixo da porta. Bateu devagarinho. Não obteve resposta. Bateu de novo. Nada. Tentou abrir a porta, que não estava fechada, e viu a que a senhora condessa passava mal. É certo que, de vez em quando, lhe dava para chorar por o patrão Roger não a querer na sua cama, no entanto o ataque de choro que agora a acometia assustou Gabina: parecia que a sua senhora ia sufocar.

— Senhora condessa! Minha senhora! — gritou a escrava, precipitando-se sem hesitar e ajoelhando-se junto à cadeira de Victoria. — Por favor, acalme-se! Acalme-se! Pode fazer-lhe mal.

— Oh, Gabina! — disse Victoria entre espasmos. — Perdi-o, perdi-o! E foi para sempre, eu sei. Ama essa garota como um louco. É um amor impossível de destruir. Perdi-o! Ó, Roger, meu amor! Por vezes, Gabina e Berenice tinham dificuldade em entender o castelhano intrincado da condessa. Naquele momento, contudo, apesar de falar de modo entrecortado e com uma terrível pronúncia, a escrava compreendera perfeitamente. Atreveu-se a pegar-lhe nas mãos e Victoria, como se se agarrasse para não cair, apertou-as com força.

— Que vou fazer à minha vida, Gabina? — Tentar recuperá-lo.

Victoria abanou a cabeça.

— É impossível. Já tentei tudo.

— Tudo, não, senhora condessa. Ainda podemos recorrer a uma bruxa. Ela lhe dará uma poção de amor para que o patrão Roger volte a apaixonar-se por Sua Mercê.

Victoria sorriu de modo condescendente.

— Não acredito nessas coisas, Gabina.

— Mas não faz mal se Sua Mercê acredita ou não. O importante é que vá ver uma bruxa muito, mas muito poderosa, que mora aqui perto, e lhe compre o filtro para dar a beber ao patrão Roger.

Victoria deixou cair a cabeça, dominada pela dor, a culpa e a tristeza. Cometera tantos erros na vida, estava cansada de pagar por eles. Queria um pouco de paz. “Deveria ajudar Roger a conseguir a anulação do nosso casamento e retirar-me para o campo. Serei uma mulher rica como Roger me prometeu. Que mais posso pedir?” Abanou a cabeça num gesto de negação que confundiu Gabina, pois esta continuava a acompanhar o comportamento da sua ama. “Quero mais, quero Roger. Não sou capaz de controlar este desejo. Só Roger? Oh, não, claro que não. Quero o meu nome associado ao dele, ao do seu pai, quero o ambiente que o rodeia, a admiração que ele inspira. Quero Londres aos meus pés. Quero ser a mulher de Roger Blackraven, Victoria Blackraven, a futura duquesa de Guermeaux.” — Dizes que essa bruxa é poderosa? —Victoria não acreditava que estava a fazer aquela pergunta. Ela, uma jovem educada na mais estrita moral anglicana, que passara os últimos quatro anos entre freiras católicas, a perguntar pelas capacidades de uma feiticeira.

— Oh, sim! Uma amiga minha diz que é poderosíssima. Há alguns dias libertou uma garota de Reducción de los Quilmes de três demônios que a assediavam.

— Mora longe daqui? — Não muito longe, perto de San José de Flores. A uma hora de carro, se não tiver chovido.

— Como se chama essa bruxa tão poderosa? — Gálata.

— Bem, iremos vê-la amanhã mesmo.

O desaparecimento de Braulio, mergulhou Bela numa grande tristeza, em parte porque, quando chegou a noite e viu que ele não regressava, concluiu que o plano para acabar com Miss Melody tinha falhado, mas também porque sentia falta dos encontros clandestinos no meio das ervas e, sobretudo, porque não sabia agora a quem recorrer para levar a cabo o seu plano. Não parava de se perguntar o que teria acontecido ao negro e especulava com Cunegunda durante horas. “Pode ser que o tenham prendido”, dizia a si própria, embora um dia tivesse começado a pensar seriamente que o negro tinha morrido, pois, com um ar muito ingênuo, perguntara a Enda onde ele estava.

— Morreu — respondeu a mulher.

— Oh, meu Deus! Como sabes? — Não sei, pressinto — esclareceu ela, olhando-a com tal intensidade que ela se viu obrigada a afastar os olhos.

Uma tarde, Cunegunda chegou de uma das suas escapadas a Buenos Aires e levou-a até longe da cabana para lhe dar uma notícia.

— Ama Bela! Na cidade não se fala de outra coisa a não ser no ataque que Miss Melody sofreu na quinta de dom Gervasio, na noite em que Braulio saiu para cumprir as suas ordens, ama Bela.

— Miss Melody morreu? — perguntou esperançada.

— Não, que ideia! O patrão Roger estava com ela nessa noite e sal-vou-lhe a vida.

Bela ficou pasmada, muda, os olhos muito abertos. “Braulio está morto”, convenceu-se, e foi tomada de um pânico, como se tivesse ficado sozinha no meio de um lugar solitário e tenebroso, com animais ferozes que a perseguiam para a devorar.

— Há quem diga que o assaltante fugiu, mas a maior parte acredita que o patrão Roger o matou. Que se passa ama Bela? — inquietou-se, ao vê-la apontar para o vazio. — Que se passa? — Braulio — balbuciou, o dedo estendido na direção do monte. — Braulio.

— Braulio deve estar morto, ama Bela.

— Não, está ali, ali. Não o vês? Cunegunda voltou-se bruscamente. Atrás de si não havia ninguém, apenas o monte com a sua vegetação agreste e triste.

— Não está ninguém ali, ama Bela.

— Braulio, vem cá.

— Não, ama Bela! Ele não está ali. — Obrigou-a a baixar o braço que continuava a apontar para o vazio. — Vamos, vamos para casa.

Nesse dia, até Cunegunda se sentiu aliviada quando a sua ama Bela cheirou o fumo e deixou de dizer disparates. No dia seguinte, ainda com a ressaca da droga, Bela parecia ter melhor aspecto, “mas está demasiado silenciosa e parada”, matutou Cunegunda. Levou-a até a horta e obrigou-a a sentar-se na terra, enquanto ela tratava dos legumes.

— Olhe, ama Bela, está a aproximar-se uma carruagem muito luxuosa. Deve ser de uma senhora da cidade que vem comprar uma das beberagens da senhora Enda.

Bela fez sombra com a mão e apurou a vista, operando-se de imediato uma mudança drástica na sua expressão.

— É o brasão da casa de Guermeaux! — O quê? — Estou a dizer-te que aquela carruagem tem o brasão da casa de Guermeaux na porta. O brasão de Roger.

— Oh! Victoria esperou que Ovidio colocasse os degraus para descer do carro, seguida por Gabina.

— Victoria — sussurrou Bela.

— E Gabina — completou a escrava.

Ovidio aproximou-se da entrada e bateu as palmas.

— Ó de casa! — chamou.

Victoria arqueou as sobrancelhas, assombrada. A mulher que apareceu na ombreira da porta contrastava em tudo com o que a rodeava. Era muito branca, quase translúcida, tinha uns olhos verdes salientes que pareciam penetrar no interior da pessoa.

— Senhora Gálata? — viu-a assentir tranquilamente. — Falaram-me da senhora, disseram-me que é poderosa e que ajuda as pessoas que precisam. — Sua Mercê é inglesa? — Sim… — Falemos então em inglês. Eu também sou inglesa.

— Muito bem — respondeu Victoria, que esteve quase a dizer-lhe que, pelo sotaque, diria que ela era irlandesa.

— Faça o favor de entrar.

Victoria entrou sozinha por indicação de Enda e sentou-se na cadeira que a mulher lhe apontou, a mais cômoda e a mais nova daquele lugar. Enda preferiu ficar de pé.

— Diga. Para que precisa do meu poder? Victoria, sem dar nomes e sem especificar situações, pô-la a par do seu problema. Enda não a interrompeu nem fez qualquer comentário, ouviu-a com uma expressão amável que atuou como um narcótico no espírito de Victoria. Quando acabou de falar, sentia-se fraca, como se as forças a tivessem abandonado juntamente com as palavras. A bruxa dirigiu-se a um aparador de portas de vidro que destoava daquele pequeno espaço. Abriu-o com uma chave que usava pendurada ao pescoço.

— Trouxe algum objeto do seu marido? — Tenho aqui uma madeixa de cabelo que lhe cortei há muitos anos,quando nos casamos. — Victoria retirou um porta-comprimidos da bolsa de couro que trazia à cintura e abriu-o — Servirá? — Sim, é perfeito — assegurou, pegando no caracol negro.

Sem medir as palavras, Enda pousou a mão no ventre de Victoria e fechou os olhos.

— Está com as regras — declarou sem dúvidas.

— Como sabe? — A mulher não respondeu. — Por acaso tenho o vestido manchado? — Victoria pôs-se de pé e examinou a roupa.

— Não, o seu vestido está bem.

— Como soube? — Novamente silêncio. — Na verdade, estive quase para não vir. Deveria estar de cama.

— Porquê? Só porque está com as regras? A senhora não está doente,está só a cumprir um ciclo da Natureza. Fez bem em vir hoje, já que terá de ser esta noite.

Enda estendeu-lhe um saco de pano.

— Terá de ser esta noite o quê? — O conjuro. A senhora está com as regras e esta noite a Lua estará na posição propícia. Será às dez da noite.

— Que terei de fazer? — Preparar uma infusão com o conteúdo da bolsa e esta medida de água — entregou-lhe uma pequeno recipiente —, juntar uma parte do seu fluido menstrual e dar-lhe para beber.

— Como? Uma parte do meu fluido menstrual? — Terá de fazer se quer que o seu marido volte a desejá-la. Se não quiser, a porta é ali.

— Está bem, está bem. — Um pouco confusa, Victoria levou a mão à testa. Precisava se concentrar. — Que quantidade de… fluido menstrual? — Algumas gotas são suficientes.

— Posso misturar isto numa bebida? O meu marido nunca beberia um chá.

Enda assentiu e salientou que deveria bebê-lo às dez da noite.

— Por que às dez da noite? — Esse será o momento em que farei a invocação.

— E depois? — É só esperar. Se o conjuro der resultado, dentro de poucos dias seu marido voltará para a sua cama e deixará a outra mulher.

Blackraven tinha passado a noite com Melody. Chegou tarde e acordou-a para fazerem amor. No dia seguinte, Melody entreabriu os olhos e verificou que já se tinha ido embora. Disse a si mesma que não tinha motivos para sentir tamanha felicidade. Transformara-se na amante de Blackraven, ideia que a escandalizara poucas semanas antes e à qual se adaptava agora com naturalidade. As palavras de madame Odile tinham-se revelado sábias: “Ninguém, por muito virtuoso que seja, pode assegurar que nunca, em momento algum da sua vida, acabará por aceitar o que antes condenou e lhe causava repulsa.” “Fiz tudo o que estava ao meu alcance, Senhor”, justificou-se Melody, enquanto se dirigia ao regato com Sansão ao seu lado, “mas amo-o mais do que à salvação da minha alma e, o que é ainda pior, mais do que à salvação da sua. Oh, meu Deus, não posso viver sem ele.” De regresso a casa, avistou Papá Justicia que entrava nesse momento na propriedade. Sansão ficou com os pêlos no ar e ladrou. Melody agarrou-o pela coleira.

— Não sejas tolo, Sansão. Então não conheces o Papá Justicia? Ei, Radama, deixa entrar o Papá Justicia.

— O capitão Black proibiu a entrada dos escravos, senhora.

Avançava devagar, tinha os pés inchados e as pernas doridas, o seu ventre adquirira uma dimensão tal que fazia pensar em gémeos. Apressou-se e chegou agitada como se tivesse vindo a correr.

— Papá Justicia não é um escravo — explicou, ao chegar à porta. –Deixa-o entrar.

— O capitão Black manda-me enforcar se o fizer.

— O teu capitão Black não fará nada disso. Vamos, baixa essa arma,estás a deixar-me inquieta. Papá Justicia é nosso amigo.

— Mas decerto vive nesses bairros onde estão os infectados de varíola.

Felizmente, pensou Melody, Radama falava em inglês e Papá Justicia não percebia uma palavra do que estava a dizer. Lançou ao guarda um olhar de poucos amigos e estendeu a mão para dar o braço ao quimboto. Ouviu o sopro do malgache e um insulto murmurado.

— Entra, Papá, vamos até a sala, tomar um refresco. Que é isso que trazes nos braços? Oh! — maravilhou-se ao ver um bebê negro com poucas semanas. — Santo Deus! Que fazes com este menino? Não tinhas dito ao Roger que ias para Bella Esmeralda? Que fazes ainda na cidade? É perigoso.

— Não pude fazer a viagem porque estive a tratar da mãe deste pobre infeliz. Morreu ontem à noite, levada pela varíola.

–Lamento muito, pobre criatura.

Melody tomou o menino nos braços e dirigiram-se para casa.

— O menino é saudável — esclareceu Papá Justicia. — A mãe tratava-o como se fosse um tesouro e alimentava-o muito bem com o seu leite. Pobre Rufina, coitada, estava tão angustiada a pensar na sorte do seu filho.

— Porque andas tu com ele, Papá? Não tem família? — Não. E os donos da mãe não o querem. Têm medo de que esteja infectado como ela. Na verdade, quando contraiu varíola, expulsaram-na de casa. A pobre viveu comigo os seus últimos dias de vida.

— Meu Deus! — Trago-to a ti porque entre as escravas do teu marido há sempre alguma que amamenta.

— Não é meu marido, Papá. E, sim, há sempre alguma que amamenta entre as suas escravas. Está bem, podes deixá-lo. Eu tratarei dele. A primeira coisa a fazer é pedir ao Roger que fale com os donos para esclarecer a situação. Não quero que me acusem novamente de roubar escravos.

— Não, claro que não, se bem que, com o patrão Roger em Buenos Aires, não se atreveriam.

— A quem pertence este menino, Papá? — A dom Martín de Álzaga.

Melody calou-se e olhou para o quimboto com uma expressão entre a fúria e o desalento.

— Não estamos em bons termos com esse senhor.

— Eu sei, Melody, mas não sabia a quem recorrer. Ninguém o queria, pelo modo como Rufina morreu.

Melody assentiu. Entraram em casa. Miora e Trinaghanta estavam as duas na cozinha.

— O Papá Justicia trouxe-nos um presente — anunciou da porta. — Olhem só que menino tão lindo. Acaba de ficar órfão. A mãe morreu de varíola.

Miora aproximou-se quase a correr e afastou a pequena manta que o cobria. Os olhos encheram-se de lágrimas ao vê-lo dormir. Melody e Trinaghanta

trocaram entre si um olhar cúmplice.

— Toma, Miora, encarrega-te dele.

— A sério, senhora? Posso ser eu a tratar dele? — Sim, quero que sejas tu. Mas terás de regressar a San José para que Palmira, que está a amamentar Julián, amamente também este anjinho.

Como se chama ele, Papá? — Precisamente — disse o quimboto — por ter nascido a 29 de Setembro, dia dos três arcanjos, baptizaram-no com o nome de Rafael, que significa remédio de Deus.

— Que nome tão bonito — disse Miora entusiasmada.

— Um ser chamado "remédio de Deus" não poderia trazer a doença a nossa casa, não é? — declarou Melody.

— Claro que não — assegurou Miora. — Como é bonito este anjinho de Deus! Obrigada, Papá Justicia! Obrigada por o ter trazido para aqui.

Vou tratar dele como se fosse meu, vindo das minhas entranhas.

Somar apareceu na cozinha, atraído pelas vozes. Tinha cara de sono, acabava de acordar depois da guarda da noite anterior.

— Oh, Somar — exclamou Miora, quando o viu, e Melody e Trinaghanta voltaram a trocar entre si olhares de cumplicidade. Miora nunca tinha mostrado familiaridade para com o turco diante de terceiros, e muito menos o tratara pelo nome. Estava eufórica e o seu rosto resplandecia. Somar acabou de abrir os olhos e inclinou-se sobre o menino.

— Olha como é bonito o Rafael. Acaba de ficar órfão, pobre anjinho.O Papá Justicia trouxe-o a Miss Melody e ela entregou-mo para eu tratar dele.

Somar observava o pequeno presente com uma atitude receosa, enquanto os sons de mimo de Miora lhe chegavam como um eco incômodo e distante. Rafael acordou. O turco receou que ele começasse a gritar como um leitão, som que sempre o deixara crispado. No harém do sultão Mustafá IV, evitava passar perto do quarto das crianças. Mas Rafael sorriu.

— Oh, meu Deus! — exclamou Miora. — Sorriu-te, meu amor, e tão pequenino como é! — Parece um menino esperto — admitiu Somar, inclinando-se um pouco mais para lhe examinar as feições, muito bonitas, admitiu. O na riz, mais do que qualquer outra coisa, chamou-lhe a atenção, pois não era largo e sim pequeno e um pouco arrebitado. "Não parece africano puro", pensou, "deve correr sangue branco nestas veias".

Rafael estendeu o braço e tocou no bigode de Somar, que se riu, passando um dedo grosso e áspero pela bochecha macia do bebê. Miora chorava. A cena comoveu Melody, que sentia o coração bater descompassado de felicidade.

— Não tem muita roupa — disse Papá Justicia, entregando a Melody uma pequena trouxa.

— Não faz mal — interveio Miora. — Agora que estou a fazer tanta roupa para o filho do patrão Roger, também posso fazer alguma para ele.

Não é verdade, Miss Melody? — Não sejas impertinente — censurou-a Somar em voz baixa.

— É claro que podes, Miora. Compramos tantas peças de tecido que o meu filho não terá tempo para usar a roupa toda. Fica com alguns metros para vestires o Rafael. E vou dar-te alguns reais para que mandes comprar mais daquela peça de algodão para fazer fraldas, pois dessas, sim, temos de ter em grande quantidade.

— Eu darei a Miora o dinheiro necessário para comprar a peça de tecido, Miss Melody — declarou Somar —, se Sua Mercê não se importar.

— Não, claro que não.

Nessa noite, Blackraven jantou na quinta de dom Gervasio. Melody recebeu-o num grande alvoroço e contou-lhe tudo sobre a chegada de Rafael, enquanto o conduzia ao quarto de Miora para lho mostrar.

— Isaura — ralhou Blackraven —, não deverias tê-lo aceitado. Se a mãe morreu de varíola, o filho pode muito bem transmitir-te a doença.

— Oh, Roger, meu amor, não o rejeites. Pobre anjinho. Já sofreu demais em tão pouco tempo de vida. Além disso, olha para ele, vê como tem um ar saudável e forte. Não chorou durante todo o dia, e não pudemos dar-lhe mais nada a não ser água com açúcar e um pouco de leite da Goti às colheradas. Pobre anjinho, a maior parte escorria-lhe pelas comissuras dos lábios.

— Que vou fazer contigo, Isaura? — Amar-me para toda a eternidade? Blackraven abraçou-a e mergulhou o rosto nos cabelos soltos deMelody. Durante o jantar, falaram da situação legal de Rafael. Melody suspeitara de que Blackraven iria ficar furioso quando soubesse que o menino pertencia aos servos da casa de Álzaga.

— Tenho vontade de dar uma tareia ao Justicia por me ter metido nesta confusão. Ele sabe muito bem como estão as coisas entre mim e Álzaga. Mas, claro, esse negro espertalhão conhece a tua natureza e, mais uma vez, aproveitou-se dela.

— Não digas isso, meu amor. O Rafael foi uma bênção. Só queria que visses a cara de Somar a olhar para ele. Já o sente como se fosse seu filho. — Blackraven franziu o sobrolho para disfarçar a surpresa e satisfação perante aquela notícia. — Haja o que houver entre Miora e ele, uma coisa é certa: nunca terão filhos. Rafael chegou para ocupar esse lugar. E Miora e Somar aceitaram-no de imediato, da maneira mais natural. Se tivesses visto a felicidade nos seus… — Valha-me Deus, Isaura. Deverias fazer parte do corpo diplomático europeu: conseguirias que Bonaparte voltasse a ocupar os limites da França e

ainda que pedisse desculpas por todo o mal que provocou.

Mais tarde, antes de se retirar para descansar, Blackraven mandou chamar Somar à sala. Fechou a porta atrás do turco. Fez-lhe sinal para que se sentasse e entregou-lhe um copo de vinho do Porto. Fez-lhe a pergunta sem rodeios: — Que existe entre ti e a escrava Miora? — Somos amantes.

— Amantes? — repetiu. — Amantes, a sério? — Se mo perguntas devido à minha condição de castrado, sim,amantes a sério.

— Mas, Somar… Como é isso possível? O turco encolheu os ombros.

— Tudo é possível, Roger. Miora conseguiu o que nenhuma mulher conseguira em anos. Não acontece muitas vezes, nem é fácil para mim atingir uma ereção, mas, quando ela se propõe, consegue mesmo.

— Quais são os teus planos em relação a ela? — Para mim, Miora é a minha mulher.

— Gostarias de casar com ela? Voltou a encolher os ombros.

— Não sou cristão, como poderia? Mas gostaria, isso sim, de constituir família com ela e com esse menino que o Justicia trouxe hoje. Miora já se sente mãe dele. Nunca a tinha visto tão feliz. — Blackraven suspirou. — Sei o que estás a pensar — disse Somar —, que o menino pertence aÁlzaga. — Blackraven assentiu, muito sério. — Justicia quis devolvê-lo logo a seguir à morte da mãe e Álzaga rejeitou-o com receio de que ele estivesse infectado.

— Mesmo assim — declarou Blackraven —, esse menino pertence-lhe.Quando souber que está bem de saúde e que não contraiu a doença vai querê-lo de novo. Poderá reclamá-lo, é legalmente seu.

— Amanhã mesmo pedirei uma audiência a Álzaga e farei uma oferta para comprá-lo.

— Depois de o teres ameaçado naquela noite com o sabre na jugular? — brincou Roger. — Duvido que ele entre em negociações contigo. Além disso, não quero que interfiras na situação que existe entre mim e Álzaga. Sabes que temos alguns assuntos pendentes.

— A compra da criança iria colocar-te em desvantagem.

— De uma maneira ou de outra vou ter de pôr um fim a esta história de comerciante que montei para irritá-lo. Quanto a Miora, falarei com Covarrubias e direi que inicie a papelada para a sua alforria.

— Comprar-te-ei a sua liberdade.

— E eu parto-te a cara se voltas a falar nisso. — Somar riu-se. — Ia concedê-la de qualquer modo. Foi o que prometi a Isaura. Darei a liberdade a Miora e a todos os escravos que tenho.

— A todos? — Não fales disto a ninguém, Somar, nem mesmo a Miora, pois o processo vai demorar algum tempo e não quero que se impacientem, menos

ainda que os portenhos saibam dos meus planos.

— Tencionas libertar também os escravos de Isabella e Párvati? — Que não te passe pela cabeça lembrar tal coisa a Isaura — disse, e desataram a rir.

XXI

Para se dirigir a Buenos Aires, Bela utilizou o atalho que Cunegunda usava várias vezes por semana. Teve a impressão de que a caminhada iria demorar dias, ao passo que a escrava velha e gorda levava apenas algumas horas a fazer aquele percurso. De há algum tempo a esta parte, experimentava um cansaço anormal, adormecia em qualquer lado e não se devia ao fumo que inalava, mas antes ao fato de estar grávida. Maldito Braulio por lhe ter feito um filho mulato. A ideia de que uma cabeça negra emergisse por entre as suas pernas dava-lhe náuseas. Livrar-se-ia do bastardo, a decisão estava tomada, só não sabia ainda como. De vez em quando, ganhava coragem e decidia contar tudo a Enda e pedir-lhe ajuda. A mulher sabia como desembaraçar-se de filhos não desejados, pois muitas das clientes que a visitavam faziam-no graças às suas poções abortivas, cuja fama se espalhara na região. Contudo, de cada vez que se aproximava dela para lhe falar, acobardava-se. Embora sempre tivesse temido e respeitado Enda, depois do desaparecimento de Braulio, os seus escrúpulos tinham aumentado. A mulher mantinha uma atitude mais reservada do que antes e olhava-a com desprezo.

"Eu mesma tratarei do assunto", disse para si própria. "Agora há que me concentrar no que tenho entre mãos, a vingança contra Miss Melody". Cunegunda recusara-se a ajudá-la e ela, que ultimamente raciocinava com pouca clareza, não podia permitir-se distrações. "Maldita Cunegunda. Tudo seria mais fácil se contasse com a sua ajuda." Mas a negra estava inamovível.

— Não, ama Bela, não ajudarei a fazer mal a Miss Melody. Iria direita para o Inferno. E Sua Mercê também irá se o fizer. ouça o que eu lhe digo. Escute a minha súplica. Esqueça-se dela e vamos embora.

— Não me aborreças com a tua cantilena, Cunegunda. Estou pelos cabelos com essa tua pasmaceira. Se não queres ajudar-me, pelo menos, faz o favor de ficar calada.

— De qualquer modo, ama Bela, o seu plano não vai funcionar. A Gabina disse que o patrão Roger proibiu Miss Melody de receber os escravos na quinta de dom Gervasio.

— Porquê? — alarmou-se Bela.

— Por causa do surto de varíola que ataca o Tambor e o Mondongo.O patrão Roger não quer que Miss Melody tenha contato com os escravos. Proibiu-a de se aproximar deles. Há dias que ninguém a visita na quinta de dom Gervasio. Por muito embuçada e disfarçada que eu fosse, os guardas do patrão Roger não me

deixariam entrar na propriedade.

— E essa proibição pesa também sobre os escravos das casas de SanJosé e de Santiago? — Não, claro que não. Esses vão muitas vezes levar-lhe alimentos e outras coisas. O que foi proibido aos escravos do patrão Roger foi que visitassem o Tambor e o Mondongo, nem sequer podem ir à confraria ao domingo.

Embora o seu plano inicial tivesse sofrido um contratempo, Bela surpreendeu-se quase de imediato ao traçar um plano alternativo, ainda que, pensando preocupada que o êxito do mesmo dependeria da boa vontade da escrava Gabina. Chegada a Buenos Aires, dirigiu-se para a Recova, muito resguardada e tendo o cuidado de escolher as ruas menos movimentadas. Como senhora de Valdéz y Inclán nunca tinha ido ao mercado, por isso, os lojistas e os vendedores não a conheciam. Comprou um frasco de compota de figos, o preferido de Miss Melody. Lembrava-se dessa sua preferência dos tempos em que fora preceptora de Víctor na casa da calle Santiago. Dirigiu-se ao Bajo e embrenhou-se na alameda, deserta àquela hora do dia. Deitou o pó esbranquiçado no frasco de compota e misturou-o com um raminho. O veneno, o que Enda lhe fornecera para matar Alcides, cheirava bem, a amêndoas, e não alteraria o sabor do doce. Cumprida essa etapa do plano, preparava-se para levar a cabo o mais importante: convencer Gabina a ir à quinta de dom Gervasio entregar o doce a Miss Melody em nome da sua irmã, a senhorita Leonilda.

Gabina servia Victoria na casa de San José há algum tempo. De acordo com a informação que extorquira a Cunegunda, a escrava costumava desaparecer à hora da sesta para ir visitar as amigas na casa da calle Santiago. Esperou por ela com ansiedade, pensando que, se não tivesse a sorte de a encontrar, o seu plano ficaria fortemente dificultado, pois seria obrigada a voltar no dia seguinte e, estando Enda de regresso da sua breve viagem a Reducción de los Quilmes, não teria a mesma liberdade. A ausência dela permitira-lhe roubar o veneno — forçara a fechadura com uma agulha de sapateiro que era de Braulio — e escapara-se para Buenos Aires.

“A sorte está do meu lado”, pensou, satisfeita, ao avistar Gabina, que se esgueirava pela porta das traseiras. A escrava não ia à casa da calle Santiago e sim encontrar-se com o seu amante, o cabrito de Mondongo. Levava-lhe alguns reais que Victoria lhe dera. O pobre muitas vezes nem tinha nada para comer. Voltou-se ao ouvir um ruído. Uma mulher demasiado coberta para que pudesse identificá-la, fazia-lhe sinal com um aceno para que se aproximasse. — Gabina, sou eu, a tua ama Bela.

A escrava tapou a boca e deu um passo à retaguarda.

— Ama Bela, que faz aqui? Se o patrão Roger a descobre, devolve-a com certeza às Filhas do Divino Salvador.

— Eu sei, eu sei. Ouve, não tenho tempo e preciso de falar contigo. Anda, chega aqui, não vá sair pelo portão alguém que me reconheça.

"Ninguém a reconheceria", pensou a escrava. A sua ama Bela sofrera uma profunda transformação, que não se devia às roupas pobres ou ao rosto macilento, de olheiras negras, ou tão-pouco à pele baça e ressequida, ao cabelo sem brilho, mas sim porque tinha os olhos salientes, a boca entreaberta e as mãos trêmulas. Havia algo de anormal no seu comportamento. É verdade que nunca fora uma mulher equilibrada, os seus ataques de raiva e expressões exageradas tinham sido sempre uma característica distintiva. No entanto, jamais alguém a considerara louca e era precisamente isso que Gabina pensava nesse momento. "A ama Bela não está boa da cabeça." Esconderam-se numa passagem estreita entre duas casas e Bela tirou um frasco da bolsa que trazia à cintura e entregou-o a Gabina. Esta, habituada a cumprir ordens sem objetar, pegou nele. Bela colocou na palma da mão uma pregadeira de esmeraldas, safiras e brilhantes.

— Sempre gostaste dela — disse com um sorriso, ao ver a emoção da jovem, que não afastava o olhar da joia. — Lembro-me bem de a olhares com cobiça quando a usava ao peito. Gostas dela, não é verdade? — A escrava assentiu. — E sabes que custa muito dinheiro, mais de quinhentos pesos? Surpreende-te, não é verdade? Mas é uma joia valiosíssima e poderias obter uma fortuna se a vendesses. Eu estou disposta a dar-ta em troca de um favor.

— Que favor? — Tens de levar este frasco de compota de figos a Miss Melody da parte da minha irmã, a senhorita Leonilda.

— Só isso? — Ah, mas não é assim tão fácil, Gabina. Depois de o fazer terás de fugir, desaparecer.

— Porquê? — Não faças perguntas, não sejas insolente. Se aceitares fazer-me este favor, será sem perguntas e desaparecerás depois. Aceitas? Gabina voltou a admirar a pregadeira. Nunca vira um objeto mais bonito do que aquele. A ama Bela tinha razão, de todas as joias, aquela era a sua preferida. Muitas vezes, quando a ama ia à missa ou visitar uma das amigas, ela entrava no seu quarto e colocava a pregadeira ao peito. "E sabes que custa muito dinheiro, mais de quinhentos pesos?" Não, não sabia, nunca imaginara que custasse tamanha fortuna. Pensou no seu amante de Mondongo, em deixarem de ser pobres, fugirem juntos para a Banda Oriental, ou, melhor ainda, para o Brasil e aí começar uma nova vida. A emoção impediu-a de falar. Limitou-se a assentir com a cabeça.

— Amanhã de manhã. Agora não vou ter tempo. Mas, amanhã,quando a senhora Victoria me mandar fazer algum recado, irei lá.

— Então amanhã dar-te-ei a pregadeira. Esperarei por ti neste mesmo lugar, a

esta hora e ela será tua.

— Se Sua Mercê não estiver aqui amanhã, a esta mesma hora, coma joia, contarei ao patrão Roger que a vi e que Sua Mercê me pediu este favor.

— Não sejas impertinente, negra sem vergonha! Eu sou uma mulher de palavra. Cumpro sempre as minhas promessas.

Cunegunda tomara uma decisão. Andava a pensar nela há dois dias, desde a visita da senhora Victoria à senhora Enda, e acabava de falar com o seu novo confessor, um sacerdote da Merced, jovem e bondoso, que lhe perdoara os seus pecados e a aconselhara a prevenir a senhora Victoria para não entrar em acordos com a bruxa Gálata e para queimar as ervas. “Espero que a senhora Victoria não tenha dado a beber aquela tisana ao patrão Roger.” Enda cumprira a sua parte. Nessa noite tinha passado várias horas a repetir uma ladainha junto ao fogo. O conjuro demorara mais tempo do que o habitual e voltara cansada, em desalinho e com o olhar vítreo. Deitou-se na cama e dormiu até tarde no dia seguinte. Depois, levantou-se, montou na sua égua e partiu rumo a Reducción de los Quilmes.

Cunegunda ganhou coragem e dirigiu-se a uma das escravas de San José que não conhecia, perguntando-lhe por Gabina.

— Isso queria eu saber — respondeu a garota. — A minha senhora Victoria está furiosa porque ela saiu hoje de manhã para ir fazer um recado e ainda não voltou. Com certeza está na cama com aquele miserável de Mondongo! E eu a ter de fazer o trabalho todo. Berenice, passa isto a ferro; Berenice, lava isto: Berenice, despacha-te com o penteado que estou com pressa.

— A tua senhora vai sair? — Já saiu, felizmente, e deixou-me em paz.

— Onde foi? — A casa de dona Anita Perichon, com a amiga dela, a senhora Cattaneo.

Cunegunda caminhou rapidamente e chegou no momento em que a senhora Victoria abandonava a casa da amante de Liniers. A negra pensou que, apesar de ter visto várias mulheres, teria reconhecido de imediato Victoria Blackraven. Destacava-se como uma rosa entre as pedras. A mulher que a acompanhava era também muito atraente e a negra que as seguia distinguia-se pela atitude altiva e o olhar de desprezo. Caminhava com o queixo ligeiramente levantado e com passos de felina, enquanto olhava de soslaio.

— Senhora Victoria — chamou Cunegunda antes de as três mulheres subirem para a carruagem com o brasão da casa de Guermeaux.

— Quem és tu? Como sabes o meu nome? — Sou amiga de Gabina, senhora.

— Ah! essa ingrata! Sabes onde se meteu? — Cunegunda negou, agitando a cabeça embuçada. — Que queres? — Falar um momento com Sua Mercê.

— Então fala.

— A sós.

— Que impertinência! Era só o que me faltava ouvir nesta terra. Não tenho tempo a perder com uma negra. Vamos, Simonetta.

— Sei que anteontem visitou uma bruxa, a bruxa Gálata. — Victoria interrompeu a subida para a carruagem e voltou-se. — O seu verdadeiro nome não é Gálata e sim Enda Feelham. É uma mulher muito má, senhora Victoria. Sua Mercê não deveria chegar perto dela nunca mais. E deveria queimar as ervas que ela lhe entregou e não as dar a beber ao patrão Roger.

— Quem és tu? Como sabes essas coisas? — Sou uma enviada de Deus para a salvar. Enda Feelham odeia o patrão Roger porque ele matou o filho dela, Paddy. Jurou vingar-se e o fará, mais tarde ou mais cedo. E matará também Miss Melody, que é sua sobrinha, porque a culpa da morte do filho. O patrão Roger matou-o por ela, compreende? — Victoria assentiu com um movimento mecânico. — Embora não pretenda matar Miss Melody antes do nascimento do bebê porque quer ficar com ele para o criar. Não volte a aproximar-se dessa mulher, para o seu bem e para a salvação da sua alma. Não volte.

Cunegunda ajeitou o lenço e lançou-se a correr pela calle de San Nicolás. Victoria estava tão agitada que nem soube o que fazer. Foi Simonetta que a agarrou por um braço.

— Victoria — disse, com determinação —, queres que Ashantí persiga essa negra e a traga de volta? Victoria levou a mão à testa e negou com a cabeça.

— Não, não — balbuciou. — Deixa-a ir.

— Então sobe para o carro. Vamos um pouco até minha casa para que te recuperes um pouco.

Victoria manteve-se em silêncio durante o trajeto. As palavras daquela negra ecoavam na sua cabeça uma e outra vez, deixando-a atordoada e confusa. “Embora não pretenda matar Miss Melody antes do nascimento do bebê porque quer ficar com ele para o criar. Ó, meu Deus, não permitas que me alegre com esta notícia!” Desejava com tal intensidade recuperar Roger que pensava e agia como se fosse outra pessoa, alguém sem princípios nem valores. Poucas vezes experimentara uma tal confusão. Por um lado, sentira vergonha e desprezo por si própria quando, com o recipiente entre as pernas, recolhera algumas gotas de sangue, e, por outro, lamentava que até o momento o ritual não tivesse surtido efeito, apesar de Blackraven ter tomado a beberagem misturada no seu habitual copo de conhaque. Sentiu que a sua natureza era fraca, perversa e pecadora, com uma tendência irreversível para o mal, pois, se assim não fosse, não teria sucumbido à paixão por Simon Miles, nem à tentação de se atirar do rochedo, nem à de recorrer a uma bruxa.

Em casa de Simonetta, Ashantí serviu-lhe uma bebida forte que lhe recordou o

conhaque de Roger. Como mulher de boa educação, Victoria não bebia álcool e a falta de hábito fez com que tossisse e se engasgasse, embora logo a seguir o calor reconfortante lhe tivesse inundado o peito, suavizando-lhe as palpitações.

— Sentes-te melhor? — preocupou-se Simonetta. Victoria assentiu. — Não deves ficar perturbada com o que essa mulher te disse. Não sabes se é verdade.

— É sim, pressinto-o.

— Tu mesma me disseste que o teu marido é um homem de vida acidentada. Não te preocupes com ele. Saberá cuidar de si e de Melody.

— Como é duro para mim pensar que ele cuida dela. Odeio-a, in -vejo-a, embora essa garota não tenha culpa de nada. Não pôde evitar.

— Os teus sentimentos são compreensíveis, Victoria, e, acima de tudo, são humanos. Não te atormentes. Agora conta-me — disse com um ar divertido, para a animar — com que então foste ver uma bruxa? — Sinto-me tão envergonhada, Simonetta! Vais pensar o pior de mim.

— Achas que eu nunca fui a nenhuma? Quem não o fez, no auge do desespero? Vá lá, não te envergonhes e conta-me tudo.

Bela acordou de um sono repleto de pesadelos e lembrou-se de que nesse dia tinha de voltar a Buenos Aires para entregar a pregadeira a Gabina. A negra ameaçara delatá-la, caso não o fizesse. “Outra vez aquele longo caminho”, pensou desanimada, sem forças para se levantar. Esperaria que Enda voltasse de Reducción de los Quilmes, onde fora visitar a sua cliente possessa e, num momento de distração, pegaria na sua égua e seguiria para a cidade. Talvez tivesse sorte e abortasse o mulato de Braulio.

Ainda deitada, chamou Cunegunda, primeiro num tom de voz moderado, depois em gritos descontrolados. “Negra maldita”, praguejou. “Já desapareceu outra vez. Vou mandá-la chicotear” e, logo a seguir, deu-se conta de que não tinha ali o seu irmão Diogo para executar a ordem. Às vezes confundia-se e julgava estar novamente na casa da calle Santiago. “Vou dar uma tareia a essa negra que nunca mais se esquece”, continuou, ao mesmo tempo que se levantava.

— Bom-dia, Bela — cumprimentou Enda, entrando na cabana.

— Bom-dia — respondeu num sobressalto.

Como de costume, Enda apanhava-a de surpresa. Não ouvira os cascos da égua, nem os seus passos na entrada. Por vezes, tinha a impressão de que a irlandesa se deslocava pelo ar. Viu-a colocar os alforjes sobre a mesa e começar a esvaziá-los. Trazia vários presentes, certamente dos familiares da menina possessa, gratos por ela ter exorcizado os três demônios. Retirou também lá de dentro vários punhados de ervas que provavelmente apanhara no caminho. Aproximou-se do aparador, onde guardava os pós e as beberagens e outros

ingredientes para os seus feitiços. Bela, sentada à beira do catre, seguia com atenção os seus movimentos e parou de respirar quando a viu retirar a chave que trazia ao pescoço e abrir a porta. Apertou os punhos, esperando que a mulher não reparasse que fora forçada.

Enda hesitou um pouco perante o ruído pouco comum da fechadura. Conhecia os sons dos elementos que a rodeavam, nenhum ruído a surpreendia, nem mesmo o do estalar da madeira durante a noite, pelo que, quando alguma coisa lhe parecia estranha, ficava alarmada. Acabou de abrir a porta e examinou a posição dos frascos, recipientes, latas, redomas, garrafas de barro, feixes de ervas, pequenos animais secos e tudo o que o móvel continha, descobrindo de imediato que alguém ali tocara, apesar de nada se encontrar fora do sítio. Imóvel e com a respiração suspensa, continuou a perscrutar até que os seus olhos se detiveram no tubo de estanho onde guardava o cianeto.

Voltou-se, furiosa, e Bela teve a impressão de que dos seus olhos saltavam chispas. Sentiu o corpo a tremer e a pele eriçada. Soltou um grito quando a irlandesa se aproximou com uma inesperada rapidez, quase antinatural, a agarrou pelo pescoço e lhe apertou levemente a traqueia. Bela tentou em vão agarrar-lhe os pulsos para a afastar. A força de Enda era extraordinária.

— Bela — murmurou com calma —, diz-me o que fizeste com o pó que me roubaste.

— Nada, nada — conseguiu pronunciar, sentindo que os dedos de Enda se fechavam em volta do seu pescoço.

— Vou apertar-te a garganta até te estrangular se não me disseres a verdade. Vamos, fala, não quero matar-te, mas fá-lo-ei se não me confessares o que fizeste com o veneno.

Bela não conseguia articular por falta de ar e receava que os olhos lhe saltassem das órbitas. Sentia-os quentes e úmidos.

— Se me disseres o que fizeste com o cianeto, ajudar-te-ei a livrares--te do bastardo que o Braulio te pôs no ventre. — Abrandou um pouco a pressão. — Não faças essa cara. Ainda não percebeste que não podes esconder-me nada, nem enganar-me? Pensaste que podias enrolar-te com o meu escravo, mesmo debaixo do meu nariz e que eu não daria por nada? Mas admito que me surpreendeste num aspecto: julguei que o usavas apenas para aplacar a luxúria que vive em ti, não para levar adiante os teus propósitos. Por isso, não disse nada. Quando Braulio desapareceu, suspeitei de que tivesse ido cumprir uma ordem tua. Vamos, fala! Começo a perder a paciência. Diz-me o que fizeste com o veneno.

— Se te disser, matas-me na mesma. — A voz saiu-lhe áspera e uma intensa dor na garganta fez com que os olhos se lhe inundassem de lágrimas. — Vais

dar-me uma das tuas beberagens, dizendo que é para me livrar do filho do Braulio, quando na verdade estarás a envenenar-me.

— Não, não te envenenarei, embora o mereças por me teres traído. Mas afeiçoei-me a ti e não te farei mal. Diz-me que destino deste ao veneno.

— Misturei-o num doce de figos e entreguei-o a uma escrava da minha casa na calle Santiago.

— Para quê? — começou a alarmar-se Enda.

— Para que o desse a Miss Melody em nome da minha irmã Leonilda.

— Maldita sejas, Bela! — Aplicou-lhe uma forte bofetada. — Preveni-te de que não te aproximasses dela enquanto estivesse prenhe. Vamos, fala, quando receberá esse doce? — Talvez neste momento — balbuciou Bela, limpando, com as costas da mão, o sangue que lhe escorria pela comissura dos lábios.

— Para teu bem, reza para que eu chegue a tempo.

— A tua sobrinha já não vive na casa de San José. Vive numa quinta,nos arredores, a sul da cidade, perto de La Convalecencia. É a quinta de dom Gervasio Bustamante.

— Sim, eu sei — admitiu Enda, enquanto voltava a pôr o xale em volta do rosto.

Bela, sentada à beira do catre, com as mãos no pescoço e um sabor metálico na boca, viu Enda, através de um véu de lágrimas, fechar o armário à chave e abandonar a cabana. No momento seguinte, ouviu os cascos da égua fustigarem o terreno. O som foi-se perdendo na distância, até ficar apenas o trinar das aves. Aquele sussurro alegre e desordenado e o sol que entrava pela porta contrastavam com a realidade da cabana, tornavam-na mais sórdida. Cobriu o rosto com as mãos e chorou. “Como pude cair tão baixo?”, perguntou-se. “Eu tinha tudo, ma rido, filhas, posição, um amante magnífico. A minha ruína começou a forjar-se no dia em que essa maldita Miss Melody apareceu nas nossas vidas. Oxalá Enda não chegue a tempo. Oxalá ela morra retorcendo-se com dores. Não me importo de morrer às mãos de Enda. A morte já não me mete medo. A morte me libertará.” Levantou-se e dirigiu-se lenta e pesadamente para o recanto da cabana onde acendiam o lume. Retirou a panela de cobre da trempe. Parou frente ao aparador e arremessou-a contra a porta. Um estrépito de vidros partidos e objetos caídos rasgou o silêncio. Bela não se perturbou. Os olhos muito abertos, pegou no tubo de estanho e destapou-o. Despejou na mão o pó branco e levou-o à boca. O cianeto colou-se-lhe à garganta e ao céu da boca. Começou a tossir. Bebeu água do alguidar até reduzir o ardor e respirar com normalidade. Em seguida, deitou-se de costas no catre e fechou os olhos.

Cunegunda avançava pelo atalho com um sorriso inconsciente. Sentia-se em paz consigo própria. Cumprira um mandamento divino. Ao prevenir a senhora

Victoria, colaborara para a salvação da sua alma. Não se preocupava com as consequências do seu ato, nem se dava conta de que, se Victoria decidisse falar com Blackraven, este cairia sobre elas e enviá-las-ia de novo para o convento.

À entrada da cabana, viu a porta de vidro do aparador estilhaçada. Precipitou-se para dentro e parou imóvel frente àquele descalabro. “A senhora Enda vai ficar uma fera”, pensou. Este aparador era para ela uma espécie de santuário. “Onde estará a ama Bela?” e deu meia-volta. Lá estava ela, adormecida sobre o catre. Aproximou-se rapidamente e, ao inclinar-se para a despertar, sentiu um aroma a amêndoas que lhe lembrou orchata, a sua bebida preferida. Logo a seguir apercebeu-se de que Bela tinha um aspecto cadavérico, não tanto pela palidez do rosto, mas pelo azulado dos lábios e pelos círculos violeta em volta dos olhos. Parecia congelada. A seguir viu que uma substância esbranquiçada lhe cobria as comissuras. Cheirou-lhe a boca. De novo aquele aroma familiar a amêndoas invadiu-lhe as narinas e, desta vez, já não pensou na orchata e sim na morte do amo Alcides.

— Ama Bela! Ama Bela! — gritou, sacudindo-a pelos ombros. –Acorde! Que foi que fez, ama? Que fez? Até Radama e Milton se juntaram à volta de Miora para a ver alimentar Rafael com aquela estranha garrafa de porcelana, com tampa de látex semelhante a um mamilo de vaca. Somar dissera-lhes que o objeto se chamava biberão. Comprara-o na farmácia de Marull, a mais bem apetrechada da cidade, onde esteve quase para comprar um apisteiro, se bem que depois tivesse achado o biberão mais apropriado.

— Utiliza-se para administrar alimentos aos doentes impossibilitados de se soerguer — explicou dom Marull —, não para alimentar um bebê. Se a sua mulher ficou sem leite, contrate uma ama-de-leite.

Como Miora se recusou a abandonar a quinta de dom Gervasio, Melody convenceu Blackraven a mandar vir de San José, Palmira, o filho Julián e o marido para passarem uma temporada com eles. Enquanto Blackraven tratava da mudança da escrava que iria amamentar Rafael,Somar tinha ido à farmácia, em busca de um paliativo, voltando com o biberão. Rafael, apesar de ter tolerado bem o leite de cabra no dia anterior, estava a tomar leite de burra nessa manhã. O menino sugava a tetina de látex com um entusiasmo tal que arrancava sorrisos e exclamações até o austero Radama.

— Trinaghanta — disse Melody de repente —, tenho estado tão entusiasmada com o menino que me esqueci da panela ao fogo com o cozido. Vai lá, por favor, antes que pegue ao fundo.

Trinaghanta entrou na cozinha a correr e parou subitamente ao ver uma estranha remexendo nas prateleiras. A mulher, empoleirada numa cadeira, pegava nos frascos, abria-os, olhava para o seu conteúdo, cheirava e voltava a

colocá-los no mesmo sítio. Quando desceu da cadeira, o seu olhar cruzou-se com o de Trinaghanta, verdadeiramente pasmada. Como se aquela fosse a sua cozinha, a mulher aproximou-se dela, pôs-lhe as mãos nos ombros e olhou-a com uns olhos verdes penetrantes.

— Hoje de manhã, uma escrava da casa de San José trouxe um frasco com compota de figos em nome da senhorita Leonilda. Diz-me onde o puseste. A tua senhora já o provou? Falava demasiado depressa para o pobre castelhano de Trinaghanta.

— Não compreendo.

— Falas inglês? Trinaghanta assentiu e a mulher repetiu a pergunta naquele idioma.

Havia um halo de poder à sua volta que impediu a cingalesa de reagir. O olhar inquisidor e o vigor das suas mãos, que lhe apertavam os ombros, provocando-lhe dor, levaram-na a erguer o indicador e apontar para um frasco azul, meio perdido na desordem da mesa. A mulher tomou-o nas mãos, abriu-o e cheirou o seu conteúdo.

— Tens a certeza de que é este o doce de figos que a senhora Leonilda enviou hoje de manhã? — Trinaghanta assentiu. — E tens a certeza de que a tua senhora Melody não provou nem sequer uma colherada? — Trinaghanta voltou a assentir. Com efeito, no meio da desorganização que a chegada de Rafaelito provocara, tinha-se esquecido de lhe dizer que Gabina aparecera lá nessa manhã com o presente da senhorita Leo.

Sem pronunciar mais uma palavra, nem voltar a olhá-la, a mulher guardou o frasco num alforje e abandonou a cozinha a grande velocidade. Trinaghanta foi até a porta e viu-a montar uma égua de grande porte. Como se uma magia se quebrasse, a cingalesa atravessou o pátio numápice e dirigiu-se ao interior da casa. A sua entrada intempestiva fez levantar todas as cabeças que contemplavam Rafael.

— Acabo de surpreender uma mulher a roubar na cozinha. Fugiu numa égua em direção ao regato.

Somar, Radama e Milton saíram a correr, mas já era tarde de mais: a égua não passava de um ponto no horizonte. De volta à sala, pediram a Trinaghanta que repetisse o que tinha contado a Melody. Nessa noite, Somar e Melody repetiram os fatos a Blackraven.

— Pela descrição de Miora, julgo tratar-se da minha tia Enda — admitiu Melody, e percebeu que a calma confusão de Roger se transformava em cólera.

— Agora acabou-se, Isaura. Vais morar com dona Rafaela. — Decidiu-o sem levantar a voz, mas com uma firmeza tal que não deu lugar a interrupções nem protestos. — Não chores — ralhou. — Preferes voltar a San José ou queres

instalar-te em El Retiro? — E na casa da calle Santiago? — Não há lugar. Não te esqueças de que o coronel Lane e Amy estão lá hospedados.

Melody foi arrumar as suas coisas. Trinaghanta fez menção de a seguir.

— Fica — ordenou Roger. — Quero fazer-te algumas perguntas.

Com a ajuda dos seus homens e da serva, Blackraven analisou a situação.

— Dizes que foi Gabina quem trouxe o frasco com o doce. — A cingalesa assentiu. — Reparaste em alguma coisa estranha no doce, algum aroma diferente, alguma tonalidade pouco comum? Provaste-o?

— Não, amo Roger, nem sequer o abri. Deixei-o em cima da mesa, assim como a Gabina me entregou.

— Gabina desapareceu — anunciou Blackraven aos seus homens. – Hoje de manhã, saiu para fazer um recado a Victoria e não voltou. É imperioso encontrá-la. A escrava Berenice assegura que anda envolvida com um liberto do bairro do Mondongo. Forneceu-nos a descrição física dele e Távora e Malagrida foram procurá-los. Talvez já tenham regressado à casa de San José com alguma novidade. Preciso de saber quem mandou entregar aquele doce à Isaura.

XXII

Gabriel Malagrida ocupava sempre o mesmo lugar à mesa na casa de San José: à esquerda de Blackraven e, depois da sua chegada a Buenos Aires, frente a Isabella di Bravante. A beleza daquela mulher fascinava-o e esforçava-se por não ficar a admirá-la de olhos esbugalhados durante as refeições. Roger apanhava-o sempre e ficava a observá-lo com uma expressão difícil de definir, uma expressão que o incomodava, apesar de saber que não tinha em relação à mãe uma atitude possessiva. Isabella não o teria permitido. Blackraven estava habituado aos amantes da mãe e à sua conduta escandalosa. Ainda assim, Malagrida suspeitava de que ele não aprovaria uma relação entre os dois, talvez porque, ao contrário dela, Blackraven conhecesse a sua condição de sacerdote.

Malagrida admitira há algum tempo o seu amor por Isabella, ainda que não acalentasse a mais pequena esperança de ser correspondido. Ela, num estalar de dedos, teria aos seus pés homens ricos, jovens e belos. Apesar de completar dentro de três dias — a 5 de Novembro — cinquenta e quatro anos, os seus atrativos mantinham-se intatos, não só nos traços regulares do rosto e na silhueta esbelta, mas principalmente naquela elegância nata, na delicadeza e na diplomacia, características do sangue-azul que lhe corria nas veias. De qualquer modo, o maior atrativo de Isabella, no ver do jesuíta, residia nas suas convicções nobres e coragem. Conhecia poucos homens com a garra de Isabella di Bravante. Não se admirou nem um pouco no dia em que Roger lhe contou que a mãe se recusara a abandonar o palácio de Versalhes quando a corte completa,mesmo os familiares do rei, voltaram as costas a Luís XVI, a Maria Antonieta e aos seus filhos, Maria Teresa e Luís Carlos. Isabella, madame Elizabeth, irmã do rei, e alguns servos acompanharam-no durante esses dias turbulentos até o 5 de Outubro de 1789, quase três meses após a tomada da Bastilha, altura em que, com o rei e com a sua família, abandonaram Versalhes e seguiram para Paris, rumo ao velho Palácio das Tulherias, nova sede do governo, rodeados de uma multidão de mulheres armadas de mosquetes, foices e picaretas, algumas cavalgando sobre canhões.

Em certa ocasião, Isabella contara a Malagrida as horas de grande tensão vividas em Versalhes naquele dia 5 de Outubro enquanto aguardavam que as mulheres, Les furies (as fúrias), completassem a caminhada de Paris até o palácio para reclamar da escassez de pão e os preços altos. Suspeitou-se mais tarde de que o primo do rei, o duque de Orléans, tivesse atuado nos bastidores, incitando e promovendo o ataque, pois acalentava a esperança de se tornar

regente, caso Luís XVI caísse. — A rainha, madame Elizabeth, as crianças, Michela e eu permanecemos nos aposentos reais, atentos ao que acontecia nos jardins do palácio — relatara Isabella. — Aquele mar de gente atormentava-nos. Pareciam cães famintos e raivosos, éramos prisioneiros na nossa casa. Na manhã do dia 6 de Outubro começaram a invadir as cozinhas e as antecâmaras dos nossos quartos. Eu adormecera profundamente num cadeirão, com o pequeno Luís Carlos nos braços. Acordaram-nos os gritos: "Matem-nos! Matem os Gardes du Corps!" Pouco depois, a multidão começou a bater com força nas portas da antecâmara dos aposentos da rainha. Ó, meu Deus, ainda me comovo quando penso nisso. Maria Antonieta fugiu para o quarto de Luís, que conseguiu convencê-la da premência da nossa ida para casa de um amigo, perto da orangerie do palácio. Senti-me uma raposa perseguida por uma matilha de cães. Bem, o final já o conhece, Gabriel. A multidão exigiu que os reis regressassem a Paris, e eles aceitaram. "Querem obrigar-nos, ao rei e a mim, a ir para Paris com as cabeças dos nossos guardas à frente, cravadas nas picaretas", confessou-me a chorar a minha pobre Maria Antonieta. Nunca a vira tão perdida e tão descontrolada. Tinha os cabelos em desalinho e o vestido todo amarrotado. Eu segui para Paris na carruagem com madame de Staël e o pai, o ministro Necker, utilizando um caminho com pouco trânsito e chegando à cidade pelo bosque de Bolonha. O nosso maior desejo era passarmos despercebidos. Instalei-me durante alguns dias nas Tulherias, mas Luís convenceu-me de que deveria afastar-me para minha segurança. Foi muito duro ter de me separar de Maria Antonieta e das crianças, mas acabei por ir viver para o campo. Senti que não iria voltar a vê-los.

Malagrida sabia que, durante aquele período nas Tulherias, Isabella conhecera Matías de Montmorency-Laval, visconde de Montmorency, uma das famílias feudais mais antigas de França, que se apaixonara por ela e a convidara a ir viver na sua villa situado no Norte do país. Aí se instalou num castelo medieval "dentro do qual estava sempre a perder-me e que nunca consegui conhecer na totalidade", nas margens do lago d'Enghien. Aquele lugar que prometia paz e segurança transformou-se numa armadilha mortal. Apesar de, a 4 de Agosto de 1789, Mathieu de Montmorency-Laval ter votado pela eliminação dos privilégios de berço, continuava a ser um odiado terratenente, que mantinha os apanágios da classe, tanto aos olhos do peuple, como eram conhecidos os artesãos e assalariados, como para os sans-culottes, assim chamados por não usarem culotte ou calção curto. Para eles, a "abolição total do feudalismo" não passava de uma falácia. Espicaçados pelos discursos de Robespierre, publicados nos jornais locais, e que falavam do "egoísmo dos ricos", e também pela falta de pão e pelos preços exorbitantes, os aldeãos, encabeçados pelo funcionário local,

cercaram o castelo de Montmorency e exigiram que Mathieu lhes entregasse os pergaminhos senhoriais e repartisse com eles as farinhas, a lenha e os restantes gêneros, dos quais fazia aprovisionamento ilegal. Mathieu forneceu os pergaminhos senhoriais, queimados à sua frente, e informou-os aos gritos de que não tinha outra farinha nem lenha a não ser a que lhe correspondia. A multidão enfurecida começou a insultá-lo, a chamar-
lhe “açambarcador”, “monárquico”, “contra-revolucionário” e outros agravos, assassinando-o ali mesmo no castelo, incendiado após a constatação de que o visconde dissera a verdade: não havia açambarcamento ilegal do que quer que fosse. Isabella e Michela salvaram-se graças ao ferreiro do visconde de Montmorency, que as conduziu por uns corredores secretos até o exterior, do outro lado do lago, e lhes entregou uma bolsa com dinheiro que o visconde lhe confiara, caso sucedesse alguma coisa daquela natureza. Instalaram-se em Paris, num dos faubourgs, ou seja, os bairros mais pobres, onde subsistiam com o trabalho de costura de Michela e a caridade de alguns conhecidos de Isabella. Famosa pela sua amizade muito próxima com a rainha Maria Antonieta, os jacobinos procuravam-na sem cessar, o que obrigou Isabella a mudar de nome e de aspecto. Passavam por duas italianas admiradoras da revolução, que tinham abandonado o reino de Nápoles para viver em Paris como cidadãs livres.

Quando chegou a Paris em 94 à procura da mãe, Blackraven, que ainda não tinha uma rede sólida de espiões e agentes, recebeu a notícia errónea de que Isabella di Bravante tinha sido denunciada e presa na Conciergerie. Assim, procurando o seu nome nas listas de prisioneiros da“antecâmara da morte”, Blackraven deu com o professor da Escola Militar de Estrasburgo, Gabriel Malagrida, que conseguiu retirar de França com um passaporte sueco. Regressou algumas semanas mais tarde a Paris, onde ficou a saber que a mãe deixara o palácio das Tulherias e que fora viver no castelo do novo amante, o visconde de Montmorency. Na vila, conheceu o ferreiro, que, a princípio, julgando tratar-se Roger de um espião dos jacobinos, lhe assegurou desconhecer o paradeiro da amiga do visconde. Uma boa quantidade de libras esterlinas convenceu-o de que Blackraven não tinha nada que ver com o Clube dos Cordeleiros e funcionou como incentivo para lhe confessar que a amiga do visconde sobrevivera por milagre. “Desde aquele dia em que as tirei do castelo pelos corredores secretos, não voltei a ter notícias delas”, assegurou o homem. “Aconselhei a amiga do visconde a não se instalar em Paris porque aí a guilhotina cai tantas vezes por dia como as minhas pálpebras, mas ela disse que era o único lugar onde ainda tinha amigos a quem recorrer.” Blackraven voltou à capital muito abatido, pensando que encontrar Isabella e Michela seria como procurar uma agulha num palheiro. O nome da mãe era referido de quando em vez nos jornais mais difamatórios:

L’Ami du Peuple, de Jean-Paul Marat, Le Père Duchesne, de Jacques-René Hébert ou Le Vieux Cordelier de Camille Desmoulins, nos quais era comparada às cortesãs mais famosas da História — Messalina, Fredegunda, Eufrosina Ducas, Catarina de Médicis —, insinuando-se que mantivera relações com a rainha. Cada artigo vinha acompanhado de um desenho que se aproximava muito dos seus traços fisionômicos, exortando os leitores a denunciarem-na à Mairie. “Logicamente”, pensou Blackraven, “a minha mãe tentará passar despercebida”e consolou-se com a ideia de que, se Isabella di Bravante conseguira sair com vida de Versalhes, onde estava rodeada de intrigas e inimigos, poderia certamente escapar às garras da Revolução.

Deveria, portanto, começar a procurá-la nos bairros mais populares. Ajudado pelos seus marinheiros de confiança e por gente contratada para o efeito, percorreu as zonas periféricas, mudando diariamente de disfarce. Num dia surgia como vendedor de chocolate quente, no outro como limpa-chaminés, depois como médico, com o seu bastão, capa e maleta característicos, ou ainda como professor. Paris era um caos de sujidade, odores fétidos, mendigos, fome e terror. Vizinhos acusavam-se uns aos outros de contra-revolucionários perante o Comité de Salvação Pública para vingar quezílias privadas; a fome animava a delinquência e os assassinatos para roubar um ou dois sous estavam na ordem do dia; as cabeças rolavam às dezenas no cadafalso; o ódio já não estabelecia distinção entre classes ou partidos, estavam todos contra todos e um salve-se quem puder! Era doloroso para Blackraven imaginar a mãe, sempre impecável e perfumada, numa daquelas esterqueiras. Contra todas as possibilidades, costumava procurá-la no Palais Royal, o palácio que Richelieu mandara construir no século XVII e que, com a Revolução, passara a fazer parte dos bens públicos e a chamar-se Palais Egalité (Palácio Igualdade), transformando-se numa feira constante com casas de jogo, grandes lojas, cafés e restaurantes, onde se discutia sobretudo política. No Palais Royal, Blackraven obteve a primeira pista correta, na noite em que avistou entre os jogadores de uma mesa, um velho amigo da mãe, cortesão de Versalhes, Théophile de Marcourt. Não vestia a sua habitual casaca de damasco nem a sua culotte de seda, nem usava a peruca empoada, nem puxava, de quando em vez, da sua tabaqueira de ouro com rubis para aspirar um pouco de rapé. Tratava-se agora de um mero citoyen, que os companheiros de jogo tratavam por outro nome, Alain. Blackraven abordou-o à saída do Palais Royal entre os ligustros do jardim, onde o antigo nobre se dirigira para urinar.

— De Marcourt — chamou Blackraven, e o homem começou a tremer e a arfar entre soluços, convencido de que se tratava de um agente do Comité de Salvação Pública que vinha prendê-lo depois de ter descoberto a sua identidade.

— Calma, de Marcourt, sou eu, Alejandro di Bravante, o filho de Isabella.

— Ah, meu querido rapaz! — o alívio provocou-lhe um acesso de choro. — Quase acabaste com este coração já tão fraco.

Blackraven convidou-o para ir até o seu hotel, onde chegaram poucos minutos depois. Théophile de Marcourt ainda tremia quando Blackraven lhe ofereceu um uísque escocês que bebeu de um trago.

Estendeu-lhe o copo vazio, que Blackraven voltou a encher.

— Aqui há tempos a tua mãe procurou-me para me pedir dinheiro.O que Montmorency lhe deixara tinha-se acabado. Com o aumento dos preços, não há dinheiro suficiente! Imagina que uma carcaça de pão… — Disse onde estava a viver? — Ela e a sua ama-de-leite faziam-se passar por italianas. Onde vi -viam, não me lembro bem… — Então, de Marcourt, pense um pouco! — Calma, rapaz. Os anos não passam em vão e os últimos que vivi foram os piores e deixaram marcas profundas em mim. Já não sou aquele com quem praticavas esgrima em Versalhes.

— Lamento, de Marcourt, mas preciso de tirar a minha mãe de Paris,antes que os jacobinos lhe deitem a mão. Posso ajudá-lo também a si, se quiser.

— A sério? Tirar-me-ias deste inferno? — Sim, mas agora concentre-se e pense.

De Marcourt reviu os momentos do seu encontro com Isabella uma e outra vez.

— Em la Salpêtrière! — exclamou. — Foi aí que a tua mãe disse que estava a viver, nos arredores de la Salpêtrière.

La Salpêtrière, a velha fábrica de pólvora, na margem esquerda do Sena e nas imediações do bairro Saint-Marcel, era uma das zonas mais cinzentas e pobres de Paris. Blackraven e os seus homens concentraram a busca num diâmetro de cinco quarteirões em volta da fábrica, sabendoque Isabella e Michela se faziam passar por italianas. Foi assim que Milton as encontrou: ouviu-as falar italiano numa mercearia.

A surpresa ao reencontrar o filho fez com que Isabella desmaiasse. Quando voltou a si, chorou longamente sem proferir uma palavra. Ver a mãe, que sobressaíra nos salões de Versalhes, confinada àquele quartinho sem janelas entre ratos e delinquentes, sem água nem comida em quantidade necessária, deixou Blackraven de rastos. Observou aquele lugar repugnante até os seus olhos se cruzaram com os de Michela, séria e sólida como uma rocha. Isabella, pelo contrário, apresentava marcas daqueles anos de dificuldades.

— Tentamos fugir — explicou ela ao filho. — Apesar de termos as nossas cartes de civisme — referia-se aos certificados de civismo que garantiam a lealdade ao novo regime — e de não estarmos taxadas de contra-revolucionárias,

foi-nos impossível obter o salvo-conduto para abandonar Paris e não quisemos insistir com a Mairie, não fossem acusar-nos de traição. Há quem venda esses salvo-condutos, mas o valor que pedem por eles está totalmente fora do nosso alcance.

— Não te preocupes mais com isso, mãe. Este pesadelo terminou.Vou tirar-vos daqui.

No entanto, fugir não foi fácil. Tinham de ter todos os cuidados para não levantar suspeitas entre vizinhos. Por isso, uma manhã, como de costume, saíram de casa, cumprimentaram as senhoras que varriam o pátio, coscuvilharam e fingiram dirigir-se ao mercado para obter a sua dose de comida. Levavam alguns dos pertences na canasta, deixando o resto para trás. O caminho para Calais — o mais utilizado pelos emigrantes que ansiavam chegar ao porto de Dover, em Inglaterra — tornara-se demasiado perigoso, pelo que Blackraven decidiu fugir por Marselha, apesar de este porto se encontrar a uma distância três vezes maior de Paris. Faziam-se passar por uma família de camponeses sicilianos. Théophile de Marcourt, que não falava uma palavra de italiano, fazia de idiota e surdo-mudo. A sua atuação revelou-se soberba. Nem mesmo na intimidade das hospedarias abandonaram aquela mascarada, pois sabiam que as paredes tinham ouvidos. Nunca falaram em francês, nem em espanhol e tiveram o cuidado de se comportar de acordo com o que era esperado de um bom sans-culotte. Falavam muito alto, gritavam, cuspiam, riam-se às gargalhadas, comiam de boca aberta e bebiam sem moderação, mesmo Michela e Isabella. Durante a viagem, os guardas das Mairies mandaram-nos parar diversas vezes para lhes pedir os salvo-condutos e fazer-lhes perguntas sobre a sua visita a França. Blackraven era o único que falava num mau francês. Eram momentos de extrema tensão, pois, por um lado, ignoravam se os vizinhos de Isabella e Michela teriam participado o seu desaparecimento, pondo em marcha o mecanismo através do qual o Comité de Salvação Pública dava caça aos traidores e, por outro, receavam que os guardas detectassem que os salvo-condutos eram falsos.

Chegaram a Marselha dez dias mais tarde, exaustos e com o corpo dorido da viagem e do nervosismo. Os homens de Blackraven, que se tinham dispersado e viajado em diligências rápidas, esperavam-nos há quatro dias com as cargas prontas para zarpar na corveta Fedora Palermitana, assim chamada em honra da avó materna de Blackraven. Isabella não abandonou o convés e manteve o olhar fixo na margem até os contornos de Marselha desaparecerem no horizonte. Nesse momento, foi procurar o filho e abraçou-o.

— Não me censuras por não ter abandonado França quando pude fazê-lo? — Não. Eu teria feito o mesmo. Não deixaria os meus padrinhos.

— Oh, Alejandro! Nunca me esqueço deles, de Maria Teresa e de Luís Carlos,

as dificuldades por que estarão a passar, sozinhos, tão pequenos e sem o amor de ninguém. Eu e Michela tentamos ir vê-los ao Temple, mas foi impossível.

— Isso foi imprudente, mãe. Não deverias tê-lo feito.

— Eu sei, filho, mas não pude evitar.

— Não te preocupes. Decidi que voltarei para os resgatar.

— Alejandro, não, peço-te por amor de Deus. Ainda te matam.

— Não, mãe, não me matam — e para a alegrar, disse: — Sabes quem resgatei há meses das entranhas da Conciergerie? — Tu, nas entranhas da Conciergerie? Acho que vou desmaiar. Mi -chela, os meus sais! — Mãe, deixa-te disso. Sabes quem ajudei a escapar à guilhotina? –Isabella, aborrecida, negou com a cabeça. — O meu antigo professor da Escola Militar de Estrasburgo, Gabriel Malagrida.

Um sorriso inconsciente iluminou os olhos de Isabella, e as maçãs do seu rosto adquiriram cores mais saudáveis. Blackraven reparou que a pequena mão da mãe se agarrava ao seu braço para reprimir uma alegria que não conseguia ocultar.

— Está bem, Michela — disse Blackraven. — A minha mãe já não precisa dos sais.

Malagrida tinha-se distraído a conversar sobre as peripécias de Isabella durante o período do Terror e teve de pedir a Blackraven para lhe repetir a pergunta.

— Não era uma pergunta — disse Blackraven — e sim um comentário.

Isabella e Távora riram baixinho e Malagrida corou.

— Estava a dizer — retomou Blackraven — que, quando nascer o meu filho e Isaura se sentir em condições de viajar, voltaremos a Londres. Gostaria de o fazer no Sonzogno que tem camarotes maiores e mais confortáveis.

— A Wings— interveio Távora — não será tão grande e tão cômoda como o Sonzogno, mas a levará certamente a Londres de modo mais rápido.

— Isaura — opinou Isabella — não poderá viajar durante os três primeiros meses a seguir ao nascimento do menino, nem num navio rápido nem lento. Não é conveniente que uma mulher que acabou de ter um filho, e mais ainda tratando-se do primeiro filho, embarque numa viagem de tal envergadura, e com uma criança tão pequena.

A perspectiva desagradou a Blackraven. Durante os últimos dias sentia-se inquieto com a possibilidade de uma nova invasão, que poderia não se desenrolar como a anterior, já que Liniers daria luta e os ingleses não teriam tantas contemplações. A possibilidade de os seus canhões arrasarem Buenos Aires, acontecimento que antes lhe parecia quase impossível, era agora perfeitamente exequível e, mais do que isso, provável.

— Nesse caso — disse —, enquanto Isaura não puder viajar, ficaremos

instalados na quinta do irmão dela, em Bella Esmeralda. Tratarei das coisas o mais depressa possível.

— Não vais querer que o teu filho nasça no meio do nada, Alejandro.

Na cidade encontram-se certamente as melhores parteiras e, no caso de surgir alguma complicação (Deus permita que não), pode sempre recorrer-se a um médico. Já no campo… — Mãe, és impossível.

Apesar de Blackraven estar aborrecido, nesse dia o ambiente na casa de San José estava mais descontraído e Malagrida não sabia se isso se prendia à mudança de Melody para a casa de dona Rafaela del Pino ou se ao fato de Roger e Victoria terem chegado a um certo nível de entendimento que permitia uma convivência mais pacífica. No entanto, Victoria mantinha-se na sua: não colaboraria na obtenção da anulação do casamento nem do divórcio e talvez Blackraven, que já decidira que passos deveria dar, com ou sem o apoio da esposa, não lhe respondesse porque a via muito debilitada e fraca. Por vezes, nos dias de maior umidade, tossia até cuspir sangue, o que despertava a ira de Blackraven, pois, na sua opinião, levava uma vida desregrada e não se alimentava nem repousava de acordo com as indicações do médico. A recomendação de Fabre — no sentido de que, quando estivesse bom tempo, à hora da sesta, Victoria se recostasse um pouco no pátio e apanhasse sol durante uma hora — jamais era levada em conta. Muitas vezes esquecia-se de tomar o tônico e o cordial. Houve uma ocasião em que Isabella se zangou com Berenice por não lembrar à sua ama a hora da medicação.

Ao ter conhecimento de que Melody estava de volta à cidade sob a tutela de uma senhora de grande prestígio, Victoria não soube como interpretar o fato. Era tranquilizador que a garota morasse com a família del Pino, porque, desse modo, Blackraven não poderia manter o seu papel de amante noturno, mas inquietava-a que ela fosse aceite por uma das mulheres mais respeitadas da cidade, contra a qual tinham sido inúteis todos os esforços da nova vice-rainha, a mulher de Sobremonte, no sentido de destroná-la.

Com efeito, Rafaela de Pino gostava da sua nova hóspede. Apesar dos preconceitos e escrúpulos iniciais de Melody, depressa se sentiu à vontade naquela magnífica mansão, uma das mais faustosas da cidade, semelhante à de Marica Thompson e à de Pilarita Montes. A mansão, que ocupava a esquina da calle Santo Domingo com a de San José, impunha respeito, desde a fachada com parapeito trabalhado, heráldica nos paramentos, porta barroca de quatro folhas com aldrabas de bronze — uma raridade na cidade — e escoadouros em forma de gárgula. O terraço, de onde se debruçavam as filhas de dona Rafaela para ver passar as pessoas, era coroado por uma balaustrada de alvenaria, rematada com vários pináculos, que lhe conferiam um ar mais senhorial do que o característico

daquela colônia espanhola. No interior, sobressaíam paredes cobertas de damasco de seda de diversas cores, tendo cada um dos vinte quartos o nome da cor do seu revestimento e conhecendo-se o salão principal por “salão dourado”, muito semelhante, na opinião de Melody, ao da casa de San José, que ela decorara com tanto amor e que agora pertencia a outra mulher.

As filhas de dona Rafaela continuaram a mostrar-lhe a casa com um entusiasmo que se sobrepôs às suas tristes recordações. Eram ambas alegres, bonitas, muito generosas e amigáveis, apesar de acabarem de a conhecer e de ela irromper assim na intimidade daquela família, sem outra justificação que não fosse a de ser a amada do conde de Stoneville, amigo de dona Rafaela e seu sócio na pedreira da Banda Oriental. Melody admirou os frescos do vestíbulo e os que decoravam os vários corredores, na sua maioria representando motivos bucólicos. Chamou-lhe a atenção o brilho dos soalhos de carvalho e perguntou-se como conseguiriam mantê-los assim impecáveis, com tantas crianças a correrem por ali. Os aparadores, onde resplandeciam as pratas, roubaram-lhe uma exclamação, assim como o enorme lustre de bronze da sala de jantar, os cortinados, as sanefas de veludo e os espelhos com luas de Veneza. No pátio principal, um soalho de grandes dimensões, com tijolos de terracota e plantas em grande abundância, destacava-se uma cisterna de mármore com um arco negro de ferro forjado e uma fonte, onde um pequeno cupido deitava água pela flauta. Uma escada de alvenaria, apoiada a um dos muros do pátio, conduzia a uma galeria no piso superior, cujo parapeito, com arcos e colunas de fuste liso, permitia uma magnífica vista do conjunto formado pelas plantas, a cisterna e a fonte do andar de baixo. Melody pensou que aquele era o lugar mais bonito da casa e alegrou-se quando Juana, a filha mais nova de dona Rafaela, que estava noiva de um tal Bernardino Rivadavia, lhe anunciou que iria ocupar um dos quartos que davam para a varanda dessa galeria. Trinaghanta instalar-se-ia no quarto contíguo, naturalmente, e Milton e Radama revezar-se-iam para montar guarda de dia e de noite, pois, embora donaRafaela afirmasse que a sua casa era muito segura e de uma soberba construção, depois do ataque do negro e do aparecimento inesperado de Enda Feelham, Blackraven estava em pé de guerra.

Melody compreendeu logo no primeiro dia que dona Rafaela se propunha a salvar a sua reputação. Apesar de apresentar um porte austero —ainda usava luto, apesar de o marido ter falecido havia dois anos —, o seu olhar possuía uma candura que desmentia o temperamento determinado e implacável. Sem rodeios, dona Rafaela declarou-lhe que, no seu estado avançado de gravidez, não poderia sair de casa, a não ser na sua companhia e na cadeirinha de transporte com as cortinas corridas. Nem sequer iria à igreja para ouvir missa, visto que o padre Mauro se oferecera para a celebrar todas as manhãs depois do terço, na capela

particular da mansão. Desde que terminara o período de luto pelo vice-rei del Pino, dona Rafaela oferecia todas as semanas simpáticas tertúlias, nas quais Melody não podia participar, embora lhe fosse permitido tomar uma xícara de chocolate com as amigas que visitavam dona Rafaela de tarde.

Quanto a Blackraven, convidado assíduo da casa dos del Pino, dona Rafaela recordou-lhe, "como se eu não soubesse", brincou no momento Melody, que era um homem casado e que, embora ela fosse dar-lhe um filho, tal não lhe outorgava o direito de manter com ele um tratamento que não fosse o formal, em presença de qualquer dos membros da família. Deixou bem claro que não aprovava a anulação do casamento e, menos ainda, o divórcio, que definiu como uma ideia aberrante, inspirada pelo mal. O que disse a seguir provocou um forte impacto em Melody.

— O melhor que tem a fazer, querida Melody, é procurar marido para remediar esta situação complicada.

— Quem me quereria, desonrada e sem dote e com um filho de outro? — Quanto à desonra, deixe isso por minha conta. E, em relação a quem a quereria sem dote e com um filho de outro, aparece sempre alguém que, por amor, se adapta a qualquer circunstância.

Melody achou muito estimulante o pedido de dona Rafaela para ensinar as netas a tocarem piano e harpa e os netos a falar inglês. Sentia- -se útil e o tempo passava rapidamente. Como no dia em que chegara à mansão dos del Pino sentira leves dores no baixo ventre, mandaram chamar a parteira que assistira dona Rafaela nos partos. Ao vê-la, Melody ficou muito preocupada, pois tratava-se de uma velhinha muito curvada, magra e pequenina, que quase não levantava o rosto, nem abria bem os olhos. No entanto, tratou dela com tal segurança e habilidade que a jovem acabou por se sentir reconfortada com a sua presença. Gostou de a ver lavar as mãos antes de lhe palpar o ventre. — É um menino muito grande — disse dona Josefa.

— Às vezes chego a pensar que são dois — confessou Melody.

— Não, não, é só um. Pelo menos agora, estou a tocar num.

— A que se devem essas dores no baixo ventre, Josefa? — O menino está a ajeitar-se, dona Rafaela. Já quer sair, o vitelinho.

Quando me disse que lhe faltaram as regras? — Em meados de Março.

— Sim, estamos na data — calculou a parteira. — No fim do mês o teremos aqui. Mas parece-me que ele quer vir ao mundo antes do tempo.

Acho-o impaciente para sair.

— Bem pode dizê-lo — queixou-se Melody. — Não há um momento em que não dê pontapés. Nunca parece cansar-se.

Quando dona Josefa se despediu, dona Rafaela dirigiu-se a Melody: — Esta

mulher é extraordinária. Nunca tive um mau parto e tudo graças a ela. Chamaremos também um médico da minha confiança no dia em que começares a ter dores ou em que se rompam as águas para que fique por perto, caso haja alguma complicação, que Deus não o permita. — Persignou-se.

— Que médico vai chamar, dona Rafaela? — Um médico que chegou há poucos meses a Buenos Aires, vindo de Madrid e que tem toda a minha confiança. É amigo de O'Gorman e deu-me provas da sua idoneidade. Chama-se Egidio Constanzó. — O semblante de Melody sofreu uma transformação tal que levou dona Rafaela a perguntar: — Que se passa, menina? Porque me olhas desse modo? — Dona Rafaela, acho muito pouco provável que o senhor Blackraven aceite que o doutor Constanzó me assista ou que esteja por perto.

— Acha que não lhe agradará a ideia? — A mulher olhou-a nos olhos com uma expressão não dura, mas austera e Melody pensou que ela sedebatia entre continuar a fazer-lhe perguntas ou desistir. — Nesse caso, chamaremos outro.

De acordo com a sua natureza, Melody não demorou muito tempo até se afeiçoar à família del Pino, assim como ao pessoal que a servia e que ela conhecia dos seus tempos de Anjo Negro. Por vezes, Cesáreo e Lavinia, os escravos que se encarregavam das compras, traziam-lhe às escondidas mensagens, ofertas e pedidos dos escravos das outras famílias, visto que dona Rafaela tinha proibido que, à hora da sesta, se reunissem junto ao portão das traseiras da calle de Santo Domingo.

— Em primeiro lugar — declarara dona Rafaela —, o surto de varíola ainda não terminou e, embora saibamos que os meus negros estão de boa saúde, como poderíamos saber se os outros também estão? Uma varíola, neste momento, poderia acabar contigo e com o teu filho. Em segundo lugar, rodeares-te de uma multidão de escravos na porta das traseiras, em nada contribuirá para a tua boa reputação, minha querida Melody.

Com efeito, a reputação da jovem tinha melhorado, ou melhor, como suspeitava, as senhoras abastadas, para agradar a dona Rafaela, dignavam-se a dirigir-lhe a palavra, algumas delas elogiosas — referiam-se principalmente ao albergue Martín de Porres — enquanto bebiam chocolate quente e jogavam à manilha e ao gamão. Para Melody esses eram momentos forçados e incômodos. Detestava a hipocrisia, mais a sua do que a das outras mulheres e perguntava-se se realmente a afectariam as opiniões dos portenhos a seu respeito. Não jurara um dia a Roger, no auge do orgasmo, que lhe era indiferente ser sua amante ou sua esposa, desde que lhe pertencesse? Porque caíra de novo naquela luta entre o desejo e o dever? Sentia-se, muitas vezes, abatida e vinha-lhe ao espírito uma ideia recorrente: aparecer na casa de San José e suplicar a Roger que fosse com ela para longe, para uma terra onde ninguém os condenasse. Mas logo a seguir

afastava essa quimera. Em Buenos Aires ou em Londres, em Ceilão ou na Antígua nunca conseguiria fugir da sua consciência e essa, com os sermões de dona Rafaela e do padre Mauro, estava pesada como chumbo.

Dessas tardes de chocolate e jogos de cartas com as amigas de dona Rafaela, Melody recordava com especial amargura dois acontecimentos.

Um deles, ocorrido logo um dia após a sua chegada. Dona Rafaela convidara-a para conviver com algumas das protagonistas do ataque a Polina no átrio da igreja de São Francisco, entre as quais se destacava dona Magdalena de Álzaga, que, para grande espanto de Melody, se sentara ao seu lado a conversar. Melody respondera por monossílabos, enquanto se questionava: “Não foi esta mulher que, há algumas semanas, disse a Victoria: “Bem nos parecia que a verdadeira condessa de Stoneville não poderia ser aquela jovem tão pouco requintada?”Melody não poderia saber que Martín de Álzaga tinha dado instruções à mulher para que fosse a casa da ex-vice-rainha e tentasse cair nas boas-graças da jovem Maguire. A princípio, Magdalena mostrara-se escandalizada.

— Martín, como queres que conviva com uma ordinária como ela, a concubina desse inglês decadente e pecador, a irmã do conspirador que tentou matar-te? Tenho a certeza de que Blackraven esteve envolvido tanto na revolta dos escravos como na invasão desses hereges. Relacionar-me com essa mulher, cuja honra está totalmente enlameada, seria um descrédito para a minha reputação e para a minha posição.

— Cala-te, mulher! Não discutas as minhas ordens. Se queres manter a tua posição, é bom que faças o que te mando, ou Blackraven nos lançará na bancarrota. E agradece a Deus por essa garota estar de esperanças, pois, se assim não fosse, obrigar-te-ia a convidá-la para vir aqui a casa.

Magdalena afogou uma exclamação e persignou-se.

— Essa rameira na minha casa! Antes a morte, Martín.

— Pois então, vai a casa de dona Rafaela…— A casa da “velha” vice-rainha? — Acabo de saber que está a morar em casa dela, desde ontem, sob a sua proteção. — Álzaga não esperou que Magdalena saísse do seu assombro para acrescentar: — Irás a casa da del Pino e travarás amizade com ela. Vê se entendes, mulher — disse de modo conciliador —, Blackraven tornou-se num sério inimigo, que acabará com o meu negócio, se eu não me mexer com rapidez e sagacidade. Tu e eu temos desprezado essa garota em todas as ocasiões que se apresentaram e é isso que Blackraven me está, de certo modo, a cobrar. Deves aproximar-te dela e demonstrar-lhe que pretendes obter a sua amizade.

— Eu sou amiga da verdadeira condessa de Stoneville, uma mulher com berço, uma nobre inglesa a sério.

— Ela não é o objeto de interesse de Blackraven! É essa outra garota, a Maguire! — O Anjo Negro — retorquiu Magdalena.

— Anjo Negro ou Anjo Branco, tanto me faz. Irás a casa da del Pino e conquistarás o afecto dessa garota. Talvez assim consigamos que ela dê uma palavra a Blackraven a nosso favor. Dizem que tem um grande ascendente sobre ele.

Depois de algumas tardes de chocolate em casa da ex-vice-rainha, sentada junto da "condessa bronca", Magdalena começou a baixar a guarda e a mudar de opinião. Melody Maguire era uma jovem estranha: nunca usava as joias com que, segundo se dizia, o conde de Stoneville a tinha coberto; não ostentava fatos dispendiosos e, embora fosse compreensível no seu estado, Magdalena suspeitava de que ela nem sequer os usaria mesmo que não estivesse grávida. Lembrava-se de que sempre se vestira de modo sóbrio nas festas de Verão. Dirigia-se a toda a gente com um sorriso doce, mesmo a ela, que nunca fora simpática com a jovem para merecer a sua amabilidade. Melody Maguire procedia de acordo com o que o seu confessor, o padre Próspero, lhe dizia, muitas vezes, em confissão: "Dá a outra face, Magdalena." Porque seria que àquela garota custava tão pouco e a ela tanto? Sentiu uma verdadeira admiração por ela na tarde em que visitou a casa das del Pino com os seus quatro filhos mais novos: María Agustina, de doze anos, María Anastasia, de dez, Mariano del Carmen, de sete, e Francisco de Paula, de cinco. Como foi que a jovem Maguire conseguiu conquistá-los com meia dúzia de palavras e sorrisos? Magdalena não conseguia explicar. Pouco depois, o salão de música tinha-se enchido de crianças — as dela, as de Pilar Montes, o de Lupe Moreno e os netos de dona Rafaela —, que ouviam Miss Melody (era assim que lhe chamavam) tocar piano e cantar numa língua estranhíssima, mas com uma voz afinada e melodiosa, um pouco grave para o seu gosto. Quando questionada por María Agustina e María Antonieta, permitiu que ambas frequentassem as aulas de piano e harpa que Miss Melody dava às netas mais velhas de dona Rafaela. A jovem não quis ouvir falar em receber um cêntimo.

— Não é impróprio as tuas filhas verem uma mulher que está quase a parir? — perguntou-lhe a sua amiga Francisca Díaz de Vivar.

— Pancha — retorquiu Magdalena —, os meus filhos me viram com o ventre enorme durante a maior parte das suas vidas. O que tem de novo para elas o estado de Miss Melody? — Não tem marido! — E por acaso ela tem culpa disso? Como notava Martín muito nervoso e preocupado, Magdalena não o consultou antes de falar com Melody. Uma tarde mais concorrida do que habitual, afastou-a da multidão e levou-a até junto da fonte do cupido.

Disse em segredo: — Tenho a impressão de que o seu marido quer arruinar o

meu.

— Senhora de Álzaga — respondeu Melody de modo imparcial —,Sua Mercê sabe bem que o senhor Blackraven não é meu marido.

— Sim, sim, claro, desculpe-me. Acontece que na cidade todos sabem que ele continua a considerá-la como sua mulher.

— Na cidade todos julgam saber de mais e todos falam de mais.

— Sim, tem razão — admitiu. — O mexerico acerca dos nossos semelhantes é um grande pecado, não é verdade? Os sussurros das mulheres, reunidas na sala, e a água que brotava da flauta do cupido intensificavam o silêncio que se abatera sobre elas.

Melody teve pena de Magdalena, ao ver que ela limpava uma lágrima.

— Porque diz que o senhor Blackraven quer arruinar o seu marido? — Oh, Melody, aconteceram coisas desagradáveis entre a sua família e a nossa. Essa questão da revolta de escravos em que o seu irmão participou… — Nunca tive provas de que o meu irmão tivesse participado.

— Sim, é verdade, mas existem fortes suspeitas a esse respeito. Masisso não vem agora ao caso — disse, sacudindo a mão. — Houve também aquele outro episódio lamentável, quando Sua Mercê foi presa e injustamente acusada de ter roubado os negros da Real Companhia das Filipinas.

— Julgo que foi o senhor Sarratea quem fez a denúncia, não o seu marido.

— Assim foi, mas o senhor conde acha que ele o fez instigado pelo meu Martín. — Melody olhou-a com uma firmeza serena e Magdalena afastou os olhos antes de continuar: — Está decidido a arruinar-nos por uma questão de vingança. E nós, com treze filhos, várias filhas para dotar! E tantos criados, escravos e protegidos.

“Sim, já se desfizeram de um com medo da doença”, enfureceu-se Melody, pensando em Rafaelito.

— De que maneira pensa o senhor Álzaga que o senhor Blackraven pretende arruiná-lo? — Ah, querida, eu de negócios não entendo nada! Só sei que o meu Martín está muito preocupado. Que iremos fazer à nossa vida se a loja de produtos que importamos for à falência? — Falarei com o senhor Blackraven, mas não lhe prometo nada.

— Oh, obrigada, obrigada! Melody inclinou ligeiramente a cabeça, desculpou-se e subiu pesadamente a escada até a galeria. Não queria voltar à sala. Percebeu que, enquanto subia, dona Magdalena a acompanhava com olhos chorosos. Fechou-se no quarto, agoniada.

O outro episódio desagradável ocorreu poucos dias depois da sua chegada à mansão de del Pino, na tarde em que, entre as convidadas que tomavam chocolate quente, estava a baronesa de Ágata de Ibar. Uma súbita agitação

apoderou-se de Melody ao ouvir aquele nome e as suas mãos tremeram ao receber a xícara de chocolate. Embora a baronesa falasse com María Ventura Marcó del Pont, Melody sentia o peso do seu olhar. Teve vontade de se persignar, porque lhe pareceu que ela a amaldiçoava. “Não é tão bonita como Victoria”, pensou “ainda que, naturalmente, seja mais bonita do que eu. Deve ser muito elegante, enquanto eu pareço uma barrica. E tem um cabelo negro lindo que parece tão macio e brilhante. Deve ser muito hábil quem a penteia”. A baronesa levantou-se para pegar numa fatia de torta de coco e sentou-se ao lado de Melody.

— Foi um prazer para mim encontrá-la esta tarde, senhorita Maguire.— A voz profunda e sensual da baronesa que o sotaque estrangeiro acentuava, provocou-lhe um calafrio. — Há muito tempo que desejava conhecê-la. O Roger falou-me muito de Sua Mercê.

“Roger.” — É uma honra para mim que queira conhecer-me.

— Desejava conhecê-la desde que encontrei Roger no Rio de Janeiro.Queria saber como era a mulher que conseguira cativar um homem como ele.

— Julgo saber que o seu marido é um grande naturalista, que viaja continuamente para efetuar investigações.

— Sim — respondeu Ágata, imprimindo às suas feições um toque de aborrecimento e displicência —, o meu marido é um grande amante — e após uma pequenina dentada na torta, acrescentou: — da Natureza.

— Viajam muito, não é verdade? — Sim, estamos sempre a viajar. Mas diga-me, por favor, como foi que Sua Mercê conseguiu conquistar um homem como Roger? Dona Rafaela aproximou-se e, estendendo a mão a Melody, disse: — Querida, está muito pálida. Julgo que seria melhor retirar-se para o seu quarto e descansar um pouco. No seu estado, não é aconselhável a agitação de uma vida social como a que levo. Há apenas quatro dias que está comigo e já teve de suportar o suficiente. Vá, vá descansar um momento.

Pela primeira vez desde a chegada à mansão dos del Pino, Melody atirou-se para cima da cama a chorar, mais de raiva do que de tristeza. —“Amanhã, quando o doutor Constanzó vier, terei para com ele toda a amabilidade e simpatia que não lhe tenho demonstrado por atenção a Roger.” Porque o doutor Constanzó tinha-se apresentado de modo contínuo em casa de dona Rafaela. Esta arranjava sempre um motivo para o chamar. A constipação de um dos meninos, a enxaqueca de dona Rafaela, a gota de Roque, o cocheiro, a colite de um bebê ou a gripe da cozinheira. E acabava sempre por ficar para almoçar ou jantar com a família.

A 5 de Novembro, dia do aniversário da mãe, Blackraven entregou-lhe o seu presente — um conjunto de pente, escova, espelho de mão e uma caixinha de pó-

de-arroz com um cisne na tampa, tudo em tartaruga com embutidos de ouro — durante o pequeno-almoço e desculpou-se, alegando que os seus afazeres o manteriam ocupado até a noite. Malagrida concluiu que Isabella e ele almoçariam a sós, visto que Amy e Távora tinham partido para El Cangrejal para passar revista às embarcações e Victoria comeria em casa da sua amiga, Simonetta Cattaneo.

Blackraven montou Black Jack e conduziu-o a passo lento até La Cruz del Sur. Era cedo, ainda não tinham dado as oito e ia encontrando pelo caminho grupos de soldados, a maior parte criollos, que voltavam da instrução nos arredores da cidade. Cruzou-se com Juan Martín dePueyrredón, que comandava os seus homens, montando um magnífico cavalo malhado. Envergava o uniforme dos hussardos. Tirou o bicorne e inclinou a cabeça num cumprimento.

— Bom-dia, Excelência.

— Bom-dia, dom Martín. O seu último dia de instrução? — interessou-se, pois sabia que, no dia seguinte, Pueyrredón partiria para Espanha numa missão do Cabildo.

— Assim é — respondeu com um sorriso, e Blackraven pensou que não partilhava da sua alegria e orgulho em relação àquela inesperada viagem. — Almoça conosco na casa de Rodríguez Peña? — Lá estarei.

— Então, até logo.

Blackraven esporeou Black Jack e continuou o seu avanço pensando que a decisão de enviar Pueyrredón para a corte de Madrid tinha a mão de Álzaga e uma vez mais se perguntou até quando manteria aquele jogo do comerciante. Desde a chegada de Rafael às vidas de Miora e Somar, o fim do plano precipitava-se. Por outro lado, não podia suportar o aprovisionamento dos comércios retalhistas sem prejudicar o do exército de Liniers, visto que não tinha condições para repor as suas existências, em especial porque as presas dos seus barcos estavam a esgotar-se, o White Hawk não aparecia assim como El Joaquín e El San Francisco de Paula — as suas mercadorias tinham suprido as necessidades durante algum tempo —, não tinha fornecedores peninsulares e os amigos do barão de Pontevedra, na sua grande maioria naturais de Montevideu, não queriam arriscar-se a atravessar o cerco que os barcos de Popham faziam. O seu interesse centrava-se agora no exército de criollos, e não gastaria mercadorias noutra atividade. Além disso, pensou, com um sorriso de satisfação, “já assustei Álzaga suficientemente”.

Este pensamento levou-o até Melody. Tinha-a visto no dia anterior, durante o jantar em casa de dona Rafaela. Havia menos de uma semana que se hospedava lá em casa e já se tornara no centro das atenções. As filhas de dona Rafaela tinham-se afeiçoado a ela e os netos e netas adoravam-na. Numa conversa em

particular, a seguir à refeição, dona Rafaela dissera-lhe que ela estava a dar lições de música às meninas e de inglês aos meninos.

— Até as duas mais pequenas de Álzaga, María Agustina e María Anastasia, vêm a partir de amanhã para aprender também.

— E dona Magdalena permite? — Oh, sim, com muito gosto. Mostra-se muito amável com Melody sempre que cá vem tomar chocolate, o que acontece quase todos os dias — acrescentou dona Rafaela com uma sutileza muito sua.

"Mas que surpresa", pensou Blackraven. "Álzaga deve estar mais desesperado do que eu imaginava para mandar a mulher como embaixadora." Dona Rafaela mudou de assunto.

— No dia em que chegou a esta casa, Melody teve algumas dores e mandei chamar a minha parteira. Não se assuste, homem! É normal. Mas dona Josefa disse que o menino é muito grande, e isso fez-me pensar que seria bom ter um médico por perto quando chegar a altura de Melody dar à luz. Gostaria que Sua Excelência me indicasse um da sua confiança.

— Sim, claro — respondeu Blackraven, solícito. — Tratarei disso.

Chegou a La Cruz del Sur a pensar que médico chamaria para um assunto tão delicado, mas depois, envolvido pela confusão de questões e problemas da fábrica, acabou por se esquecer. Por volta do meio-dia, terminados os trabalhos, passou por casa de Covarrubias, onde assinou os papéis para a alforria de Miora.

— Prepare também os de Servando — ordenou ao notário.

Melody tinha-lhe pedido na véspera, num momento em que conseguira afastá-la de todos os outros — os del Pino pareciam coelhos, surgindo dos quatro cantos da casa. — Ela, em vez de permitir que ele a beijasse e lhe tocasse na barriga para sentir o filho, fez questão de falar da liberdade de Servando.

— Vou libertá-los a todos, Isaura, a seu tempo. Por que seria diferente com Servando? — Porque estou pedindo, Roger, e tenho as minhas razões.

Blackraven não conseguiu que ela lhe confessasse quais eram. Tinha-a sentido lacônica e distante durante o almoço e calculou que se devesse à presença de dona Rafaela, que a guardava com zelo.

Terminado o assunto com Covarrubias, seguiu para a quinta de Rodríguez Peña, bastante afastada da cidade. Pela calle de Santa Rosa, era preciso atravessar a de San Pablo e percorrer umas seiscentas varas para oeste, até avistar a propriedade. Era um almoço muito concorrido: Pueyrredón e os irmãos, Diego José, Juan Andrés e José Cipriano; Manuel Arroyo e Martín Rodríguez, grandes amigos de Pueyrredón; Manuel Belgrano e o seu primo, Juan José Castelli; Hipólito Vieytes, Antonio Beruti, Mariano Moreno, Feliciano Chiclana e Antonio Ezquerrenea, que ele não via há muito tempo. Estavam todos exaltados e queixavam-se das autoridades e do povo de Montevideu, que

pretendiam ficar com os louros da reconquista. Quem falava mais era Belgrano, conhecido pela sua antipatia pela gente do porto de São Filipe.

— Não é razoável a pretensão deles — exasperou-se Belgrano, e o tom de voz subiu algumas oitavas. — Não é porque trouxeram uns cento e cinquenta homenzinhos das suas milícias que os de Montevideu podem considerar-se heróis da reconquista. Terão perdido o juízo? É uma afirmação totalmente insustentável.

— Nem quero pensar nas infâmias que esse bronco terá contado ao rei acerca de Ruiz Huidobro — Nicolás Rodríguez Peña referia-se ao governador da Banda Oriental.

— Eles destacam a ação da esquadra do capitão Gutiérrez de la Concha — declarou Moreno, fazendo o papel de advogado do diabo.

— Essa esquadra, na sua maioria, pertence ao rei dom Carlos e não a Montevideu! — exasperou-se Beruti, um dos mais irascíveis.

— E agora Ruiz Huidobro exige a Liniers que lhe envie as bandeiras capturadas durante a reconquista — comentou Diego José Pueyrredón.

— Isso já ultrapassa as marcas! — exclamou Beruti. — Não estamos em circunstâncias de permitir que esses pacóvios nos tomem por tolos.

— Graças a Deus, Liniers já as entregou em Santo Domingo, em cumprimento da sua promessa à Virgem — disse Vieytes.

— Por detrás deste litígio sem importância, jogam-se outros interesses. — Belgrano voltara a tomar a palavra. — O que Montevideu procura é obter os favores do rei para que lhes sejam concedidas certas liberdades comerciais que os tornem independentes de Buenos Aires.

Blackraven, que não estava minimamente interessado em quem colhia os frutos de uma reconquista, a seu ver, pouco gloriosa, era, no entanto, afetado por aquela discórdia, visto que era a razão principal para enviar Pueyrredón como defensor da causa de Buenos Aires à corte deMadrid. Ora, o afastamento de Pueyrredón naquele momento ameaçava complicar os seus planos de independência. Como todos os outros, nesse almoço, o criollo ansiava pela liberdade da sua terra, no entanto, demonstrava uma atitude mais combativa e decidida e uma impaciência, das quais Blackraven tinha pensado tirar proveito. Mal se deu a reconquista, Pueyrredón solicitou, sem preâmbulos, a um dos comandantes de linha do exército de Liniers, Prudencio Murguiondo, que o apoiasse na questão da independência do vice-reinado, ao que o militar se recusou, comentando em seguida com Liniers que considerara a proposta um perfeito disparate. “Se este diálogo entre Pueyrredón e Murguiondo chegou aos meus ouvidos”, conjecturou Blackraven, “certamente Martín de Álzaga também está a par”. Não fora por acaso, senão para afastar Pueyrredón de Buenos Aires,

que aquela ideia nascera no Cabildo, onde o basco impunha a sua vontade.

— Parece feliz, dom Juan Martín — comentou Blackraven, aproveitando um momento em que Pueyrredón se retirara para o pátio. — Este candiel é magnífico.

— O seu fraco são os doces — disse Roger num tom de brincadeira.

— Os doces e as mulheres, Excelência.

— Já ouvi dizer que anda a fazer a corte a uma donzela de famílias decentes, uma jovem virtuosa e bonita, filha de Ventura Marcó del Pont, ou terão me informado mal? — Sua Excelência deve ser a pessoa mais bem informada de Buenos Aires.

— Esta viagem a Madrid não interfere nos seus planos de casamento? — De certa forma sim, mas acabo de encarregar o meu cunhado,Ruperto Albarellos de celebrar o casamento, como meu representante.

— Questões tão pessoais devem ser resolvidas pelo próprio.

— Agradeço a sua preocupação, Excelência, mas tenho confiança absoluta em Albarellos.

— Como foi que a senhorita Marcó del Pont recebeu a notícia da viagem? — Parece conformar-se.

Blackraven assentiu.

— Lamento que se afaste neste momento — declarou. — A sua companhia de cavalaria não está ainda consolidada e sabemos que, mal os ingleses se reorganizarem, tentarão tomar esta praça novamente.

— Os meus hussardos ficarão entregues a alguém porventura mais idôneo do que eu: o meu amigo, Martín Rodríguez. Ele administrará os fundos que sua Excelência teve por bem entregar-nos e fará certamente de um modo mais exigente e sensato do que eu.

— O senhor Rodríguez parece-me um homem capaz, mas permita que lhe diga, dom Juan Martín, que nenhum dos aqui presentes possui a sua genialidade, nem a sua coragem. E, considerando a anarquia em que o vice-reinado se encontra mergulhado desde a expulsão dos ingleses, sendo as autoridades pusilânimes, com todos a opinarem ao despique, prescindir de homens como Sua Mercê pode ser inclusivamente perigoso. Por exemplo, não estaríamos envolvidos nesta ridícula questiúncula com Montevideu se o capitão Liniers tivesse exigido das tropas a devida disciplina, em vez de permitir que as companhias de Montevideu e as portenhas se guerreassem pelas honras como crianças por rebuçados.

— Sim, eu sei, é uma situação vergonhosa, Excelência.

— Peço-lhe que repense a sua decisão de partir, dom Juan Martín. O seu desempenho na defesa, caso ocorra um novo ataque inglês, será decisivo, como

o foi a 12 de Agosto. Posso garantir-lhe que o governo do meu país quererá assegurar esta praça, pois terá em conta as incontáveis vantagens políticas e comerciais que possui. A complicada situação imposta por Napoleão a Inglaterra obriga-a a procurar novos mercados e portos onde colocar os seus bens. Considero mesmo que poderá vir a utilizar Buenos Aires como um bem de troca, no caso de um acordo de paz com França. E é preciso evitar que tal aconteça, dom Juan Martín. A independência do vice-reinado do Rio da Prata face a Espanha preservar-nos-ia de cair nas mãos de Napoleão.

— Sua Excelência acha mesmo que o capitão Liniers procura a proteção de Napoleão para tornar o vice-reinado independente? — Talvez. Soube que enviou em simultâneo uma informação ao rei dom Carlos sobre a reconquista e outra a Napoleão. — Pueyrredón arqueou as sobrancelhas em sinal de assombro. — Não deveria estranhar, dom Juan Martín. Não se esqueça de que vários dos corsários que tomaram parte na reconquista eram franceses: Fantin, Mordeille, Duclos, Du Crepe. Como vê, dom Juan Martín, não é a melhor altura para se afastar daqui. Várias forças antagônicas confluem para chegar ao poder no vice-reinado. Insisto para que repense a sua decisão.

De acordo com o vaticínio de Malagrida, Isabella e ele almoçaram sozinhos na casa de San José, na companhia de Michela, claro, que se limitava a comer e a ouvir. Siloé preparou um almoço especial, com três tipos de carne –vitela, codorniz e um peixe-rei assado com ervas aromáticas —, tortilha com chouriço e grande variedade de legumes a vapor e crus. Como sobremesa, uma torta de complicada elaboração, cuja mistura Siloé pusera de molho em vinho do Porto e que mereceu as felicitações da hóspede. Quando o último prato foi retirado. Michela informou-os de que se ia deitar um pouco e saiu. Isabella e Malagrida instalaram-se no salão de música para tomar digestivos e café. Isabella brincava com as teclas do piano, sentia-se sempre um pouco embaraçada a sós com aquele homem, pesando bem as palavras, na tentativa de encontrar as que poderiam agradar-lhe ou interessar-lhe.

— Teve pena que Roger e Victoria não lhe fizessem companhia durante o almoço? — Não, de modo algum. Aprendi a não contar com Alejandro, mas prometeu acompanhar-me durante o jantar. Quanto a Victoria, está um pouco magoada porque acha que não intercedo junto do meu filho, como deveria, para solucionar as coisas entre os dois.

— Interceder por ela junto de Roger? Será que ela não o conhece? Quem pode torcer aquela vontade de ferro que ele tem? — Ninguém —admitiu Isabella —, a não ser essa garota que ele tomou como mulher. Gostaria de a conhecer melhor. Confesso que me intriga.

— Está há alguns dias a viver a poucas ruas daqui, em casa de dona Rafaela

del Pino. Se quiser, poderei acompanhá-la. Eu também gostaria de lhe fazer uma visita.

— Não sei, Gabriel. A Victoria poderá ofender-se.

Malagrida assentiu. Beberam em silêncio o chá de maçã e calêndula.

— Isabella — disse subitamente o jesuíta —, consideraria um atrevimento da minha parte se a obsequiasse no seu aniversário? Havia algum tempo que o olhar de um homem não lhe provocava o choque brusco no peito. Pousou a xícara sobre a pequena mesa, pigarreou e disse: — De modo algum. Porque deveria considerar um atrevimento? Malagrida meteu a mão na algibeira e retirou um pequeno estojo de veludo verde. Ao recebê-lo, Isabella corou como uma donzela. Levantou a tampa e conteve uma exclamação: o anel, uma requintada peça de ouro com pequenas incrustações de esmeraldas, rubis, safiras, topázios, ametistas e turmalinas cor-de-rosa e verdes, deixou-a boquiaberta, não só pela sua beleza, mas também por se tratar de uma oferta muito pessoal e íntima, que os homens costumavam oferecer às noivas. Como Isabella não levantava os olhos, nem dizia palavra, Malagrida, um pouco nervoso, sentiu necessidade de preencher o vazio.

— Comprei-o na minha última viagem a Veneza. Mal o vi, pensei que se parecia consigo, vibrante, cheio de vida e energia. Cheio de cor. Fez-me pensar no seu sorriso.

— Gabriel — disse Isabella, com a voz embargada —, é o presente mais bonito que recebi em toda a minha vida.

Apesar de não acreditar, Malagrida sentiu-se igualmente feliz. A emoção de Isabella chegava-lhe em ondas, assim como o perfume a violetas através do qual a identificava sempre.

— Permita-me — desculpou-se o jesuíta, mostrando-lhe que no interior do anel mandara gravar o nome dela.

"É quase uma declaração de amor", pensou Isabella, admirada com o seu comportamento que parecia o de uma jovenzinha. Tinha vivido muitas cenas como aquela sem perder o domínio, a não ser na ocasião em que, ainda ingênua, se deixara amar pelo pai do seu filho. Malagrida pegou-lhe na mão esquerda e colocou-lhe o anel, que lhe cabia perfeitamente no dedo anelar.

— Parece feito à medida — declarou com um sorriso de satisfação. — Não gostaria de ver como o sol se reflete nas gemas? É um espetáculo bonito. Há um passeio a pouca distância daqui, a alameda, é assim que lhe chamam, muito agradável. Gostaria de me acompanhar? A esta hora, os portenhos dormem a sesta e não há ninguém.

— Está um bonito dia de Primavera para dar esse passeio. Vou pôr a mantilha e as luvas.

Avançaram pela calle de Las Torres até o Bajo, ladeando a Plaza Mayor. Em seguida, atravessaram o arco principal da Recova e rodearam o fosso do Forte. Perante a alameda deserta, Isabella deu o braço a Malagrida, um costume mal visto entre os portenhos. Falaram de Blackraven,da sua situação complicada com duas mulheres e um filho a caminho, e Isabella deu-se conta de que abandonava os seus escrúpulos e ganhava confiança junto daquele homem a quem tanto desejava agradar.

— De uma coisa estou certa: o meu filho vai obter a anulação ou o divórcio e voltará a casar-se com essa garota, e pouco se vai importar com o escândalo e com o descrédito.

— Acha que o duque de Guermeaux permitirá? Isabella tapou a boca para dissimular um riso sarcástico.

— Alexander tem sobre o filho ainda menos ascendente do que eu.

— Guermeaux é um homem poderoso de Inglaterra. Poderia apelar a sua influência e impedir que uma ou outra alternativa se concretizasse, refiro-me à anulação ou ao divórcio.

— Não se atreverá. Em primeiro lugar porque receia a ira de Alejandro, sabe que ele é capaz de levar a cabo qualquer ação, sem escrúpulos e sem medo. Em segundo lugar, o duque de Guermeaux já não é o homem que me arrebatou o meu filho. Mudou muito. Antes de empreender a viagem para cá, achei-o velho e vulnerável.

— Ah, esteve com ele? — Bruce, o seu irmão, achou por bem comunicar-lhe o aparecimento da nora.

— O duque… consigo… trata-a com respeito? — Oh, sim, o mais possível. Agora que enviuvou, voltou a ser suave e gentil.

— Não sabia que ele tinha enviuvado… — Sim, no princípio deste ano. Foi um duro golpe, gostava muito dela.

— Acha que tentará conquistá-la a si de novo? Apesar de Malagrida ter ficado surpreso com a impertinência de Isabella, esta parou e olhou-o com um sorriso.

— Isso incomodá-lo-ia, Gabriel? — Sim.

— Por quê? — Porque a quero para mim.

Passou-lhe as mãos pela cintura e puxou-a contra si. Não afastou o olhar senão quando Isabella fechou as pálpebras para sentir melhor os lábios dele sobre os seus. Agradou-lhe a carícia suave do bigode e o modo hábil beijá-la. Emocionou-a o ardor despojado com que a beijava e o sentimento que despertava em si, uma excitação que parecia querer explodir-lhe no peito e que julgava ter perdido nos longínquos anos de juventude. Malagrida afastou os lábios dos de Isabella para lhe percorrer o delicado contorno do maxilar e do pescoço.

— Amei-te desde aquele primeiro dia em que te vi sair furiosa do escritório de Barère.

— Gostas mesmo de mim? — Se gosto? Deixas-me louco! — Porque demoraste tanto a confessá-lo? Pensei que me julgasses frívola e superficial.

— Que dizes, Isabella? És a mulher mais fascinante que conheci na vida.

— Então por que demoraste tanto a contar? — Porque o teu filho nunca aprovaria a nossa relação.

— O meu filho não se mete nos meus assuntos, assim como eu não me meto nos dele.

— Neste caso, podes crer que o fará. Conhece um segredo do meu passado.

— Nada do que me digas me surpreenderá ou escandalizará. Deus sabe bem que não fui nenhuma freira.

— Precisamente — disse Malagrida —, eu sou um padre.

— Um padre? — repetiu Isabella, porque não tinha a certeza de ter ouvido bem.

— Um padre, um sacerdote.

— Oh.

— Pertenço à Companhia de Jesus. Sou jesuíta.

— Oh.

— Se as autoridades do vice-reinado do Rio da Prata conhecessem minha verdadeira identidade, me prenderiam. Lembra-te de que pela Pragmática Sanção do ano 67, o teu pai, Carlos III, nos expulsou de Espanha e de todas as colônias ultramarinas.

— Que ironia, que tenha sido o meu pai!

— Foi também um bom rei.

— Achas mesmo? — Malagrida assentiu. — Como lamento — disse, abraçando-se a ele. — Deves ter sofrido horrivelmente durante todos estes anos, a esconder-te e a levar uma vida que não te pertence.

— Podia ter-me incorporado no clero secular, como fizeram muitos dos meus companheiros, ou fugir para a Rússia, onde a imperatriz Catarina nos recebia com o maior prazer. No entanto, o meu espírito levou-me por outros rumos mais mundanos. Fui muito feliz, Isabella. Conheci-te. —Olharam-se fixa e intensamente. — Não te importarás de amar um homem da Igreja?

— Entreguei-me a tantos crápulas ao longo da vida que amar um homem santo poderá ser uma mudança saudável, não te parece?

— Conseguirás amar-me?

— Já te amo.

— E não te importas que eu não possa casar-me contigo como mereces?

— Cheguei solteira aos cinquenta e quatro anos. Para que alterar as coisas

nesta altura da minha vida?

— Roger vai se opor.

— Ele que tente e saberá do que é capaz sua mãe, o escorpião-fêmea.

Retomaram a caminhada, afastando-se da cidade para norte. Pouco depois, avistaram um grupo de lavadeiras que, na margem do rio, espalhava os seus tabuleiros e vozes. Ficaram durante algum tempo a observá-las.

— Gabriel… — Esperei tanto tempo até te ouvir pronunciar o meu nome! Como soa bem nos teus lábios!

— Há anos que te chamo Gabriel! —disse Isabella a rir.

— Sim, mas agora é diferente.

— Gabriel, Gabriel! — exclamou para lhe fazer a vontade, entre risos de alegria. — Sinto-me tão feliz, Gabriel! Como me fazes feliz!

Beijaram-se e as lavadeiras aplaudiram-nos da beira do rio. Isabella afastou-se de Malagrida e acenou-lhes com a mão.

— Vem, vamos voltar. Ias dizer-me qualquer coisa.

— Ia perguntar-te o que faremos de agora em diante.

— Não sei. Mas, quando pudermos abandonar esta cidade, levar-te--ei no Sonzogno até a Sicília, onde comprei uma villa à beira do Mediterrâneo, pensando apenas em ti. Quero que passemos aí uma temporada.

— Parece maravilhoso. Sabias que a minha mãe era siciliana? — Sabia.

— Durante quanto tempo pensas que Alejandro te reterá no Rio da Prata? — Não sei. Precisa de ter a sua gente perto para resolver alguns assuntos pendentes.

Fizeram o caminho de volta, alheios ao ambiente que os rodeava e que começava a ganhar vida após a hora da sesta. Conversavam sobre a villa Santa Ágeda, que Malagrida adquirira na cidade de Marsala, na Sicília. Contou-lhe que tinha vinhedos e grandes áreas com árvores de fruto, principalmente laranjeiras e limoeiros, e uma casa do século XVII, muito bonita, mas a necessitar de algumas alterações. Entusiasmou-os a ideia de a decorarem juntos. Mal entraram no vestíbulo da casa da calle de San José, chegou-lhes o vozeirão de Blackraven. Parecia furioso. As suas imprecações guiaram-nos até o escritório. Abriram a porta sem bater.

Percebia-se que Blackraven acabara de chegar, nem sequer tinha descalçado as luvas. Edward O’Maley estava de pé, junto a uma cadeira ocupada pela negra Gabina, que chorava desalmadamente.

— Olha, negra de um raio — disse Roger —, a minha paciência está por um fio. Ou me dizes onde está escondida dona Bela ou mando te dar quinhentas chibatadas e não sais desta com vida.

Malagrida, que adivinhou a intenção de Isabella de interceder a favor da

escrava, agarrou-a por um braço e fez-lhe um sinal negativo com a cabeça, imprimindo ao rosto um aspecto severo. Conduzindo-a até o corredor, explicou-lhe: — Não interfiras, Isabella. Essa garota é suspeita de ter atentado à vida de Melody.

Desde o desaparecimento da escrava, no primeiro sábado de Novembro, Edward O'Maley e dois dos seus homens tinham montado guarda nas imediações do casebre do seu amante, o cabrito do Mondongo, de acordo com a informação de Berenice. Calculavam que o homem voltasse para buscar algumas das suas coisas que ainda se estavam lá dentro. Com efeito, assim foi: o homem, com Gabina, muito embuçada, apareceu à hora da sesta. O'Maley, de guarda nesse momento, teve de dominar o negro que tentou esfaqueá-lo e correr atrás de Gabina.

— Fala! — Blackraven agarrou-a por um braço e sacudiu-a.

— É melhor para ti, dizeres o que sabes, garota — contemporizou O'Maley. — Só assim te livrarás dos açoites.

— Já lhe disse como tudo se passou, patrão Roger. Encontrei-me com a ama Bela na rua, ela pediu-me que entregasse o frasco com doce a Miss Melody da parte da irmã dela, a senhorita Leo, e tudo em troca de uma joia, uma pregadeira de grande valor de que eu gostava muito quando trabalhava na casa da calle Santiago.

— Onde está essa pregadeira? — A ama Bela prometeu dar depois de eu entregar o doce a Miss Melody, mas não apareceu no dia seguinte, como tinha ficado combinado.

— Perguntaste para que queria fazer chegar o doce a Miss Melody?

— Sim, mas ela não me quis dizer. E explicou-me que, depois de o entregar, deveria fugir. Eu tive medo, patrão Roger, por isso fugi.

— Onde se esconde dona Bela? — insistiu Blackraven.

— Não sei, patrão Roger, juro-lhe pela salvação da minha alma. — Fez três vezes o sinal da cruz sobre os lábios.

— Onde se esconde Cunegunda? — Também não sei.

Sabia. Cunegunda tinha-lhe dito, só assim tinha podido conduzir Ovidio naquele dia a casa da bruxa Gálata para que Victoria lhe pedisse ajuda. "Antes morrer do que entregar a cabeça da pobre Cunegunda.

Estou-me nas tintas para a ama Bela, mas Cunegunda é outra coisa." — Conheces alguém com o nome Enda Feelham? — Enda quê? — Enda Feelham! — descontrolou-se Blackraven.

— Não, patrão Roger. Não sei de quem está a falar.

Blackraven dirigiu-se à porta e chamou Somar aos gritos.

— Amarra-a ao tronco. Depois verei o que fazer com ela.

Gabina caiu de joelhos, suplicando piedade.

— Tira-a da minha vista antes que a mate com as minhas próprias mãos! Somar teve de a arrastar para fora. Blackraven atirou com a porta. Tirou as luvas e o casaco e lançou-os sobre o divã. Serviu-se de um copo de uísque que bebeu de um só trago.

— Isto é uma confusão –disse por fim.

— O que parece impossível de desemaranhar aqui — opinou O'Maley— é a relação existente entre Enda Feelham e Bela Valdéz y Inclán.

— Com efeito — explicou Roger —, conheceram-se no princípio do ano, quando Bela mandou investigar Isaura. Não te esqueças de que foi Enda quem lhe facultou o veneno para liquidar Alcides em troca da informação sobre o paradeiro da sobrinha. Foi assim que o miserável do Paddy Maguire pode sequestrar Isaura em El Retiro. Pensei que Enda e Bela não tinham voltado a ver-se, mas julgo que me enganei. De que outro modo teria Enda ficado a saber da entrega desse doce? — De uma coisa não tenho dúvidas: estava envenenado.

Blackraven soltou um som de aquiescência.

— Se é verdade que o doce estava envenenado, o que mais me desconcerta — declarou — é que Enda Feelham tenha salvado a vida de Isaura, quando sei que a detesta. Que diabo andará essa maldita a tramar? Pela janela aberta do seu quarto, chegava-lhe o murmúrio da festa que decorria nessa noite, 10 de Novembro, dia do aniversário de Blackraven, em casa de dona Rafaela. Melody, naturalmente, não tivera autorização para participar e, sentada numa cadeira, com as mãos na barriga e os olhos fechados, deixava que a música, tão bem interpretada pela orquestra, a envolvesse. Tocavam uma peça de Boccherini, o minuete de um dos seus famosos quintetos. Sentia-se tranquila e bem -disposta e já lhe passara a agonia que lhe provocara a conversa com dona Magdalena de Álzaga quando esta a levara até junto da fonte do primeiro pátio para lhe dizer, sem rodeios, que Blackraven pretendia arruinar Álzaga.

Álzaga nunca fora santo da sua devoção, nem mesmo quando era amigo de Roger. Porque deveria interceder para aplacar a fúria de Blackraven? Não era o seu irmão vítima da ira do basco? "A bem da verdade", pensou, "Tommy procurou a confusão em que se meteu". Ainda assim, não podia estender uma mão para ajudar o inimigo. Mas logo a seguir vieram-lhe à mente os rostos de María Agustina e María Anastasia que, desde há alguns dias, se apresentavam todas as tardes para receber aulas de música. Afeiçoara-se muito a elas, pois eram adoráveis, desprovidas dos artifícios da mãe e das manhas do pai. A sua candura tornava-as vulneráveis e Melody pensou que elas iriam ser as verdadeiras vítimas da guerra entre Álzaga e Blackraven.

Bateram à porta. Levantou-se com dificuldade, emocionada e nervosa. "É

Roger", adivinhou, que se esgueirava da festa para vir vê-la. Pensara nele durante todo o dia e imaginara o momento de lhe entregar a prenda de aniversário. Não valia nada, era apenas um terno de lenços da bretanha, mas ela bordara-lhes o I e o R enlaçados e orgulhava-se do seu trabalho.

Aconchegou o robe ao corpo. Abriu. À sua frente, maravilhosa, num traje de seda com fios de prata, estava a baronesa de Ibar. Conhecera-a poucos dias antes, logo após a sua chegada a casa de dona Rafaela e julgou que não voltaria a ter de suportar a sua presença incômoda.

— Não me convida a entrar, senhorita Maguire? — Desculpe, senhora baronesa, mas estava a preparar-me para dormir.

— É só um momento — respondeu Ágata, entrando.

Sentou-se e, num gesto seco, abriu o leque.

— Vim fazer-lhe esta visita porque calculei que estivesse só e aborrecida.

— Estava a ouvir música, mas, como já lhe disse, preparava-me para dormir. Pediria… — Não quer que lhe conte os pormenores do serão? Falou-lhe dos convidados: acabara de conhecer a mãe de Roger e a esposa deste, Victoria Trewartha, magnífica num vestido de musselina cor de lavanda; disse que Isabella só dançara com o capitão Malagrida, muito elegante na sua labita escura; que o vestido mais fantástico era o de Simonetta Cattaneo; e que Victoria, sem dúvida bela, parecia não estar bem de saúde.

— Agradeço muito a sua visita, senhora baronesa, mas como… A porta abriu-se. Blackraven, ao ver a baronesa, parou na ombreira da porta. Ágata levou o leque fechado à boca para conter uma risada.

— Então, então, Excelência. Nem quero imaginar o que diria a nossa anfitriã se o encontrasse aqui.

Melody sentiu um entendimento naquela troca de olhares, uma certa confiança e intimidade.

— Fora — disse Blackraven, afastando-se para lhe dar passagem. — Fora daqui.

O espanto impediu Melody de reagir. Viu a baronesa, com um ar magoado, levantar ligeiramente a orla da saia do chão e sair. Quando passou junto de Blackraven, dirigiu-lhe outro olhar sibilino.

— Que fazia essa mulher aqui? Que veio dizer-te? — Disse que vinha fazer-me uma visita. — Melody sentiu-se desgostosa, pois o entusiasmo de lhe entregar os lenços esfumara-se por completo.

— Não quero que te aproximes dela. Não é boa pessoa.

— Que há entre vocês? — perguntou Melody à queima-roupa.

— Nada, Isaura! O que haveria? Pelo amor de Deus! Vais pensar que entre mim e essa baronesa existe alguma coisa?

— É o que todo mundo diz.

— E tu sempre acreditando em todo mundo, e não no teu marido. Não te atrevas a dizer que não sou teu marido.

— Vocês se olharam de uma maneira — choramingou Melody —,como se tivessem confiança um com o outro.

— Essa mulher é uma descarada que se oferece de bandeja. Tive de me afastar do marido dela, que considero um homem de grande valor, por causa dos seus avanços. Não a respeito, Isaura.

Melody torcia as mãos e olhava para Blackraven nos olhos, tentando descobrir se lhe mentia.

— Meu amor — disse ele —, não te inquietes. Não imagines coisas que não existem. Amando-te como eu te amo, achas que teria vontade de levar outra mulher para a cama?

— Conheceste-a no Rio de Janeiro? — obstinou-se Melody. — Conheceste-a quando estavas furioso comigo

— Furioso — brincou ele, abraçando-a. — Diz-me, pensaste em mim durante todo o dia?

Melody abanou a cabeça. Não cederia, ainda não, as dúvidas a amarguravam.

— Quer dizer que não pensaste em mim? Não sabes que dia é hoje?

— Sei. O dia do teu aniversário.

— Ah, lembraste!

— Como querias que esquecesse, se não penso senão em ti e no teu filho.

— Eu sabia que tinhas pensado em mim.

— Irrita-me a tua vaidade.

— E tu, assim zangada, excitas-me.

— Não vou deixar que me toques, Roger. Dona Rafaela vai reparar na tua ausência no salão e saberá onde encontrar-te. Vai, vai embora, não quero problemas com ela.

— Espero que não estejas virando uma beata como a ex-vice-rainha.

— Tu quiseste que eu viesse morar aqui. Agora arca com as consequências. Vai embora.

— Está bem, eu vou. Mas, quando a festa acabar, virei buscar meu presente.

Beijou-a com intensidade antes de sair do quarto. Desceu as escadas rapidamente e, no patamar, encontrou Ágata de Ibar.

— Vejo que o deixaram aceso — disse, mas antes de ter tempo de acariciá-lo entre as pernas, Blackraven agarrou o braço dela e torceu-o. Se aumentasse um pouco a pressão, quebraria um osso. A dor devia ser insuportável, contudo a baronesa não se queixou. Conseguiu ainda reunir forças para dizer: — Eu poderia satisfazê-lo agora mesmo, se Sua Excelência me permitisse.

— A senhora não poderia me satisfazer de modo algum, porque me dá nojo. Não volte a se aproximar de minha mulher porque…

— Por quê?

— Porque, com muita pena minha, serei obrigado a falar com seu marido.

— Ora, o meu marido conhece muito bem as minhas intenções de ir para a cama com Sua Excelência e acha que eu tenho muito bom gosto.

Blackraven soltou-a com uma violência tal que Ágata caiu no chão.

— Não volte a aproximar-se de minha mulher, Ágata, está prevenida.Os meus recursos são infinitos. E, se não recorri a eles até agora, foi por amizade a João Nivaldo, mas, se ele é um crápula também, não me importo de agir como de costume, cortando o mal pela raiz.

— E o que quer dizer com “cortar o mal pela raiz”?

— Acredite, senhora baronesa, não vai gostar de saber.

Voltou para a festa num estado de fúria e agitação que tentou aplacar com bebida. Ainda inquieto, viu que Liniers se aproximava para o cumprimentar.

— Excelência, é um prazer encontrá-lo aqui esta noite.

— Obrigado, capitão. Posso dizer o mesmo. Recebeu a entrega de bridas e arreios para o seu exército?

— Sim, sim, magnífica remessa, Excelência. Os seus couros são superiores e os seus correeiros de El Retiro, muito hábeis.

Confirmaram as condições de pagamento e Liniers assegurou que nenhum comerciante obtivera condições melhores. Blackraven mudou de expressão, pigarreou e voltou as costas, declarando: — Há uma questão de natureza delicada que gostaria de tratar com Sua Mercê, capitão.

— Por favor, Excelência.

— Trata-se do empréstimo que o senhor Zorrilla fez a Sua Mercê há algum tempo. — A fisionomia afável de Liniers alterou-se de imediato.— Sabe, senhor capitão, o senhor Zorrilla, com pouca liquidez para enfrentar as reviravoltas do seu negócio, apresentou-se há dias em minha casa e propôs vender-me o crédito. Dada minha longa amizade com Zorrilla, não pude recusar e descontei as promissórias.

— Que estranho! Foi o próprio Zorrilla quem se ofereceu para me fazer o empréstimo. Para a causa do exército — declarou.

— Surgiu-lhe a possibilidade de iniciar uma atividade comercial na cidade de Córdoba, um negócio muito vantajoso que não podia de modo algum recusar. Por isso, capitão Liniers, o senhor agora está em dívida comigo. — Disse-o imprimindo uma nota de humor.

— Então estou em dívida com Vossa Excelência— repetiu o francês, e Blackraven teve a impressão de que ele ganhava tempo para assimilar a

notícia. — Em breve será exigido o primeiro pagamento, não é verdade?

— Não me recordo ao certo — mentiu —, mas peço-lhe que não se preocupe se não tiver o montante para pagar a promissória. Sou um credor benévolo.

Liniers sorriu, um sorriso forçado que tentava ocultar a fragilidade que aquele homem lhe provocava. O sorriso de Blackraven, amplo e de magníficos dentes brancos, assemelhava-se ao de um lobo faminto.

"Deve pressentir que o cerco se fecha à sua volta", conjeturou Blackraven, ao mesmo tempo que se afastava em direção à mãe, que Malagrida não abandonava nem por um momento. Do limite da pista de dança, avistou Victoria que dançava a polca com Álzaga. "Estás enganado se pensas que vais chegar a mim através dela", e lembrou-se de que o basco já tinha estendido as redes para obter a boa-vontade de Melody. Muito em breve, convocá-lo-ia à casa de San José onde trocariam favor por favor.

XXIII

Victoria arranjou-se com esmero. Pediu a Berenice que lhe fizesse um penteado de cabelo solto e que só apanhasse as madeixas junto ao rosto, usando as travessas de madrepérola que Blackraven lhe trouxera de uma viagem, anos antes. Aplicou o dispendioso creme de Isabella para cobrir olheiras e manchas, esfregou o papel de carmim para realçar os pomos e passou-o também pelos lábios. Com um carvão, enegreceu levemente as pestanas. O espelho devolveu-lhe uma imagem satisfatória. “Apesar de tudo, continuo a ser bonita”, como a mulher ideal, de cútis branca, longos cabelos louros, maçãs de rosto rosadas, sem rugas, nem sardas, lábios vermelhos e dentes brancos e harmoniosos. Berenice ajudou-a a colocar a capa de linho fino azul-França com pormenores de bretanha em volta do decote, uma peça bonita, cuja tonalidade fazia sobressair o azul-celeste dos seus olhos e o dourado da cabeleira. A escrava aspergiu-a, à frente e atrás, com o perfume de láudano.

— O carro está pronto? — Sim, senhora condessa. Ovidio está à sua espera na porta principal.

Avançou pelo corredor, atravessou o pátio principal e chegou à entrada onde, enquanto calçava as luvas e cobria a cabeça com serenidade, avistou o cocheiro junto à porta aberta com os degraus já colocados. Saiu.

— Ovidio, por favor, leve-me à casa dos del Pino.

Simonetta Cattaneo dissera-lhe que dona Rafaela recebia todos os dias a partir das quatro da tarde. Por isso, se aparecesse àquela hora —eram três horas —, ninguém as incomodaria. Era motivada, em parte, pela curiosidade, queria conhecê-la, averiguar que encanto de Melody Maguire atraíra Roger. Dava-se conta de que o abismo entre ela e o marido se aprofundava. Não sabia a que armas recorrer para o atrair. Já tentara tudo, até lhe dera a beber um filtro de amor. “Se não consigo quebrar a vontade de Roger, talvez consiga quebrar a dela.” Convencera-se de que Melody Maguire lhe entregaria o filho de Blackraven e desapareceria em seguida se ela soubesse utilizar as palavras corretas. Simonetta tentara em vão persuadi-la.

— Perdeste o juízo, Victoria? Nunca conseguirás que ela te entregue o filho. Não vás procurá-la. É uma humilhação sem sentido. Aceita o dinheiro que o teu marido te oferece e ajuda-o a conseguir a liberdade que ele tanto deseja. Tu poderás viver a vida como eu, sem amarras nem homens a quem agradar.

Apesar de se tratar de um conselho sábio, Victoria não sabia como travar aquele impulso que a conduzia a casa de dona Rafaela, onde iria enfrentar a sua

pior inimiga. De pé, frente à porta, ainda se perguntou o que estava a fazer. “É uma loucura.” Hesitou, esteve quase a dar meia-volta e a voltar a subir para a carruagem. Inspirou profundamente e bateu duas vezes com a aldraba na porta. Uma escrava entreabriu o postigo.

— Venho ver a senhorita Maguire.

— Quem a procura? — A condessa de Stoneville.

A escrava conduziu-a por um pátio de recepção até o vestíbulo, de onde lhe chegou o som de um piano. Alguém praticava escalas com pouca destreza. Seguindo uma indicação da negra, entrou para uma sala pequena, onde esperou sem se sentar. Ao vê-la avançar pelo vestíbulo com o ventre inchado e o passo cansado, sentiu amolecer o coração. Estava com o cabelo solto, muito longo e cheio de caracóis e um traje de saia e jaquetinha de algodão. Desejou não se ter enfeitado tanto. A simplicidade de Melody Maguire, o seu à-vontade sem enfeites, fez com que se sentisse um pouco ridícula.

— Boa-tarde.

— Boa-tarde. Espero não ter interrompido nada importante.

— Estou a dar aulas de música.

— Ah.

— Fabiana disse que queria ver-me. Sente-se, por favor. Deseja tomar alguma coisa? — Não, obrigada.

Por trás do aspecto firme e seguro de Melody, Victoria detectava pelo tremor de mãos e a súbita secura dos lábios, que tentava ocultar a forte impressão que a sua presença lhe causava.

— Senhorita Maguire, decerto se pergunta por que vim até aqui hoje. — Melody guardou silêncio. — Decerto imaginará. O nosso problema comum é Roger. Serei franca e irei direta ao assunto. Esta penosa situação tem de chegar ao fim. Não é justo nem para mim nem para si. Não tenho culpa de não ter morrido e, naturalmente, a senhorita não é culpada de ter casado com o meu marido. Ele é um homem de grande nobreza e sentido do dever e não quererá desampará-la agora que está prestes a ter o seu filho. Mas deve compreender que esta situação prejudica o seu bom nome como futuro duque de Guermeaux. O meu sogro nunca aceitará que o nosso casamento seja anulado, e menos ainda que nos divorciemos. Portanto, eu continuarei a ser a sua esposa até morrer e a senhorita, a sua… quê? A sua amante? A mãe do seu filho? Não merece tal lugar, Melody. O que merece é constituir uma família e voltar a encontrar a felicidade.

— A que veio? — Melody pôs-se de pé e Victoria imitou-a.

— Pedir-lhe, suplicar-lhe que se afaste da vida de Roger.

— Bem sabe que já tentei. Mal soube da sua existência, fugi daquele que considerava o meu lar para dar a Sua Mercê o lugar a que tinha direito. Foi

Roger que me foi procurar uma e outra vez.

— Sabia que, de há alguns dias a esta parte, voltamos a viver como marido e mulher? Era a sua vez de responder, mas tinha ficado sem voz. Queria respirar e não conseguia. Era como se lhe tivessem tapado as narinas. Por fim, os pulmões encheram-se de um ar espesso, devido ao perfume de Victoria, o que lhe provocou uma reviravolta no estômago.

— Se isso é verdade — disse com uma voz estridente da qual se envergonhou logo a seguir —, não compreendo porque veio.

— Porque não quero partilhar o meu marido com ninguém. O filho que a senhorita e Roger vão ter muito em breve é um laço que os une para sempre e o seu fantasma rondará, nos roubando a paz.

— O meu filho tem direito ao amor do pai.

— Claro que tem! Por isso vim pedir-lhe para que, quando ele nas-cer, mo entregue para eu o educar como o futuro duque de Guermeaux. Pense no bem do menino. Que terá se ficar ao seu lado? O descrédito de ser um bastardo, de ser o filho da amante do pai. Pelo contrário, se ficar comigo, será considerado o herdeiro legítimo do clã Guermeaux, admirado nos círculos mais seletos de Inglaterra… Melody permitia que Victoria avançasse na sua lengalenga porque não conseguia sair de um profundo espanto. “O meu filho é meu”, repetia, mas dava-se conta de que Victoria não a ouvia, porque continuava a mexer os lábios para expor os seus motivos. Não escutava a voz de Victoria e sim o clamor no seu interior que ia num crescendo, como se uma multidão se aproximasse, vinda das ruas mais próximas. “O meu filho é meu e de mais ninguém. O meu filho pertence-me. Prefiro morrer a se parar-me dele. O meu filho é meu.” — O meu filho é meu! — A afirmação saiu-lhe como um grito. — O meu filho é meu! Nunca o entregarei! Nunca! Terá de me matar antes! O meu filho é meu! O meu filho é meu! O meu filho é meu! — Enquanto repetia aquela mesma frase, aproximava-se de Victoria que recuava. — Fique com Roger se quiser! Mas o meu filho é meu! Vem de dentro de mim! Agora desapareça! Fora! Fora daqui! Victoria correu para o vestíbulo. Melody, ofegante e trêmula, ouviu ao longe o som dos seus botins sobre o soalho do pátio de entrada e só quando reconheceu o ruído da porta principal a fechar-se, soltou o ar que retinha, deixando-se cair sobre uma cadeira. Sentia a cabeça a latejar, tinha as faces a escaldar e a boca seca. Os seus gritos tinham feito acorrer as meninas e algumas escravas, que queriam saber o que se passava. Muito agoniada, apoiou-se na neta mais velha de dona Rafaela e pediu-lhe que a ajudasse a dirigir-se ao seu quarto que ficava no andar de cima. Antes de chegar às escadas, uma dor no baixo ventre obrigou-a a dobrar-se.

Nessa manhã cedo, Blackraven tinha enviado um bilhete a Álzaga,

convocando-o para a casa de San José. “Soube que V. S. veio procurar-me algumas vezes. Se a minha assistência ainda puder ser-lhe de alguma utilidade, estarei à sua disposição na minha casa da calle de San José,número 59, hoje, 14 de Novembro, às quatro da tarde.” Adiava aquele encontro há algum tempo e tomara finalmente a decisão na noite do seu aniversário, quando, terminada a festa de dona Rafaela, se apresentara no quarto de Melody para fazer amor com ela e ficou a saber que, na véspera à tarde, dona Magdalena de Álzaga lhe tinha implorado que intercedesse pelo seu marido. “Não perdeu tempo”, pensou Blackraven.

— Sabes que nunca senti respeito, e muito menos afecto por dom Martín e pela sua esposa. Contudo, agora há motivos que me levam a pedir-te que não arruínes os seus negócios. Sei o que te impele a agir desse modo. É tudo por minha culpa e do meu irmão.

— Quando alguém te faz mal é como o se o fizesse a mim mesmo.

— Eu sei, meu amor, mas não quero que o prejudiques.

— Então, tens a certeza de que pretendo arruiná-lo? — Sim.

Blackraven riu-se.

— E que pensas de mim? Que sou um indivíduo perverso e malvado? — Penso que a tua experiência em questões desta natureza é muito superior à minha. Não sou uma mulher do mundo e desconheço a natureza humana. Por isso, não tenho nada a dizer acerca das tuas decisões. Confio no teu critério, Roger. No entanto, há alguns dias, María Agustina e María Anastasia, as filhas mais novas de Álzaga, começaram a ter aulas de música comigo e afeiçoei-me a elas. São duas crianças adoráveis, doces e amorosas. Penso que, se prejudicares o seu pai, são elas que na realidade irão sofrer as consequências.

Recordou aquelas palavras, recostado no divã do seu escritório, enquanto aguardava a chegada de Álzaga. Ao ouvir que batiam à porta principal, olhou para o relógio. Quatro horas em ponto. Levantou-se, vestiu a labita e endireitou a coleta.

— Entre — disse, e Gilberta fez sinal a Álzaga para que entrasse. — Boa-tarde, dom Martín.

— Boa-tarde, Excelência. Obrigado por me receber.

— Por favor, queira sentar-se. Deseja tomar uma bebida forte –apontou para as garrafas com diversas bebidas espirituosas — ou café? —Café, se faz favor.

— Café para os dois, Gilberta, e que ninguém nos interrompa.

— Sim, patrão Roger.

Blackraven sentou-se na poltrona, frente a Álzaga, e, apoiando os cotovelos na secretária, levou as mãos aos lábios como se rezasse. Álzaga teve a impressão de que o semblante de Blackraven se tornava soturno.

Pigarreou antes de começar a falar: — Excelência, como estava a dizer, fico-lhe muito grato por me ter recebido… — Dom Martín —interrompeu-o —, antes de me dizer em que posso ajudá-lo, queria pedir-lhe um favor.

— Oh, claro que sim, Excelência, claro que sim. O que Sua Mercê desejar.

— Ora bem, trata-se de um dos seus escravos. Aqui há dias, chegou até nós um menino pequeno, que é filho de uma escrava da sua propriedade, recentemente falecida devido a varíola.

— Ah, sim, o filho de Rufina. Julguei que também tinha morrido.

— Parece que depois de enterrar a mãe, Justicia levou Rafael a sua casa, mas vós preferistes não o receber receando que ele tivesse contraído a doença que levou a mãe à morte.

Aquela declaração incomodou o basco. Como membro da Terceira Ordem de São Francisco, tinha obrigações para com os seus semelhantes que em nada se relacionavam com expulsar escravos doentes nem abandonar crianças órfãs.

— Rafael não morreu, dom Martín. Está bem de saúde, entregue aos cuidados das minhas escravas. O favor que desejo pedir-lhe é que mo venda.

— Oh, claro que sim. É claro que lho vendo.

— Considera apropriado o valor de vinte e cinco pesos? — Era um valor muito baixo, mas Blackraven pretendia ver até que ponto ia o desespero de Álzaga.

— Bem, vinte e cinco pesos… Julgo que… Bem, está bem. Aceito.

— Obrigado — disse Blackraven, com moderação. — Amanhã passarei pela sua loja para lhe entregar o dinheiro. Importa-se de ter os papéis prontos, dom Martín? — Sim, sim. De certo modo — comentou, após uma pausa — agrada--me ter vendido este menino a Sua Excelência, visto que seria mais uma boca a alimentar sem possibilidade de obter qualquer rendimento durante os próximos anos. E no estado em que as minhas finanças se encontram… — Que se passa com as suas finanças? — Era precisamente disso que queria falar-lhe, Excelência.

Gilberta entrou com o café. Serviu-o e saiu novamente.

— Prossiga — indicou Blackraven. — Estava a falar-me das suas finanças.

— Soube que, de há alguns meses a esta parte, Sua Excelência tem vindo a fazer algumas incursões na área do comércio, aqui em Buenos Aires e no estrangeiro, em sociedade com o barão de Pontevedra.

Blackraven sorriu com ar de satisfação.

— Sua Mercê está bem informada.

— Sabe, Excelência, esta é uma terra muito pequena. Conhecemo--nos todos uns aos outros e é difícil guardar um segredo. Eu que o diga! Enfim, foi precisamente por ser uma terra muito pequena que estive a pensar em comentar

consigo uma ideia que me veio ao espírito, talvez Sua Excelência ache por bem levá-la em consideração. O que pensaria Vossa Excelência da possibilidade de empreender um negócio em conjunto, sempre que Sua Excelência o considerar proveitoso.

— Dom Martín, que está a propor-me? Que nos tornemos sócios? — Precisamente. Era o que eu tinha em mente.

Blackraven manteve-se em silêncio durante largos minutos, durante os quais Álzaga tomou o seu café, fingindo concentrar toda a sua atenção numa imagem marítima, pendurada à sua esquerda.

— Dom Martín, a compra e venda de produtos alimentares e de outros produtos, incluindo os da terra, é, como Sua Mercê bem sabe, um negócio muito lucrativo, no qual eu estou muito interessado. Tenho obtido rendimentos elevados, graças aos moldes em que estou a tratar das coisas. — Era mentira: entre a parte do lucro que Abelardo Montes lhe assegurara e as generosas condições de pagamento que oferecera aos comerciantes, Blackraven ficara com muito pouco. — No entanto, como Montes manifestou a intenção de se retirar (está muito envolvido na administração das suas propriedades) e eu viajo de modo permanente, estou efetivamente à procura de um novo sócio.

Um sorriso, quase de imediato reprimido, despontou nas comissuras dos lábios de Álzaga. O seu semblante, regra geral macilento, ganhou um novo brilho.

— Contudo — prosseguiu Blackraven —, gostaria de colocar algumas condições.

— Sim, Excelência, diga.

— Refiro-me a uma divisão mais definida do trabalho de cada sócio.Isto é, eu encarregar-me-ia de ser o único provedor dos produtos importados, assim como dos da terra, na sociedade e o meu sócio trataria de os distribuir e vender. A verdade é que não conto com uma rede de distribuição. Foi, aliás, por esse motivo que convidei Montes para trabalhar comigo. Quanto às vantagens para Sua Mercê, julgo que tirar o contato com os fornecedores do estrangeiro e o transporte dos produtos da Europa seria mais do que benéfico.

— Sim, sim, é verdade. O transporte é uma dor de cabeça, não só o preço do frete, que é elevadíssimo, como também os prêmios do seguro pela carga e pelo barco.

“Na verdade”, pensou Álzaga, “este filho da mãe não está a convidar-me para participar numa sociedade e sim a encurralar-me para se tornar no meu único fornecedor e credor. Quer ter-me agarrado pelo pescoço”. Perguntou-se que opções lhe restavam. Com as vendas totalmente em baixo e muitos dos comerciantes do interior perdidos para sempre, a dívida com a casa de Cádiz, prestes a vencer, e os seus dois barcos que não apareciam, não eram muitas,

admitiu.

Blackraven, por seu turno, pensava: “Agora vou ser eu a comprar por metade do preço aquilo que lhe vou fazer pagar pelo dobro, tal comoSua Mercê fez durante anos aos comerciantes do interior.” — Eu venderia aos grossistas e retalhistas do interior? — Sim, Sua Mercê encarregar-se-ia disso. Ao contrário dos seus atuais fornecedores — prosseguiu Blackraven —, as minhas condições de crédito serão inultrapassáveis. Além disso, Sua Mercê sabe que possuo uma frota importante que se encontra permanentemente no alto-mar a comprar produtos que nunca foram vistos nestas costas. A qualidade e variedade dos seus produtos ultrapassariam as de qualquer comerciante da praça.

— A proposta é mais do que generosa, Excelência. O único inconveniente é que seria ilegal, visto que eu não posso negociar senão com súbditos da coroa espanhola.

Blackraven riu-se, ao mesmo tempo que se acomodava melhor na poltrona, adoptando uma posição mais relaxada.

— Então, então, dom Martín, estamos a falar à vontade. Sabemos que, se esta colônia dependesse dos produtos enviados pelos seus fornecedores de Espanha, andariam praticamente despidos. E sabemos também que se tivesse de encher as arcas do vice-reinado com o dinheiro correspondente ao almoxarifado e à alcavala de todas as mercadorias que vende, há muito que teria ido à falência. Perdoe-me a franqueza, mas este é o meu estilo sempre que falo de negócios.

— Sim, sim, claro. A franqueza é crucial nos negócios. Do mesmo modo, é necessário sempre um mínimo de legalidade, para não levantar suspeitas. Uma coisa é nos associarmos para negociar e outra é comprar meus produtos de um comerciante de nacionalidade inglesa.

— Compreendo. O seu ponto de vista é absolutamente válido. Mas,para que fique mais tranquilo, informo-o de que possuo licença especial emitida pelo próprio rei D. Carlos IV para negociar com a Espanha e suas colônias, documento esse que lhe mostrarei a seu tempo, caso decidamos assinar um contrato.

— Estou surpreso — admitiu Álzaga, que se lembrava do bendito documento, da época em que fizera de tudo para expulsá-lo do vice-reinado. — Perdoe a minha curiosidade, mas como conseguiu um documento que milhares de comerciantes do mundo desejariam?

— Porque sou sobrinho de Carlos IV.

— Oh!

— Pelo lado errado da cama — acrescentou com um sorriso. — Minha mãe é filha ilegítima do rei D. Carlos III. E Carlos IV, seu meio-irmão, sente um grande carinho por ela. E por mim — acrescentou, pensando que a contribuição ao seu

tio Carlos deveria repetir-se com frequência se pretendia conservar suas prerrogativas.

— Meu Deus — balbuciou Álzaga, pronunciando o nome de Deus em vão, o que não era o seu costume —, deixa-me atônito. Como é possível que nunca tenhamos sabido?

Blackraven reprimiu uma gargalhada. Álzaga olhava-o sem pestanejar, como se o próprio Jesus Cristo se tivesse materializado a sua frente.

— Porque não gosto de alardear meu parentesco nem minha amizade com o rei. Gosto que me respeitem pela pessoa que eu sou.

— Oh, sim, sim, claro, Excelência, mas ocultar uma questão desta natureza… É que nem sequer lhe concedemos as honras a que tem direito como sobrinho do nosso querido soberano!

— Sobrinho ilegítimo — esclareceu. — Mas voltando ao nosso assunto — disse —, e tendo salvaguardado a sua legalidade, julgo que a proposta é mais do que vantajosa para ambas as partes.

— Sim, sim. Vantajosa para ambas as partes.

Álzaga não pensava com clareza e tentou concentrar-se. A perspectiva de ficar nas mãos de Blackraven já não lhe parecia uma armadilha e sim um trampolim para chegar à corte de Madrid. De repente, o seu sonho de se tornar vice-rei do Rio da Prata não lhe pareceu tão inatingível. Por outro lado, continuava a incomodá-lo a ideia de ficar sob o comando de Blackraven. Perguntou-se uma vez mais: “Que opções me restam?”Se não aceitasse, procuraria outro sócio para a distribuição (talvez Santa Coloma) e continuaria a apoderar-se do mercado até o destruir.

— Aceito, Excelência. É uma ótima proposta e fico muito grato.

Blackraven limitou-se a assentir com um trejeito que parecia um princípio de sorriso. Tinha-o na mão e agradava-lhe que Álzaga soubesse disso.

— Desejo só esclarecer uma coisa, dom Martín. Fornecer-lhe-ei to dos os produtos necessários ao seu negócio com excepção dos escravos.

— É uma atividade que dá grandes rendimentos, Excelência.

— Eu sei, dom Martín, mas não me interessa negociar em seres humanos. Contudo, como agora passará a ser a minha frota a transportar os seus produtos, Sua Mercê poderá dispor dos seus barcos para o negócio negreiro.

— Sim, sim. — Uma sombra toldou o semblante do basco.

— Preocupa-o alguma coisa, dom Martín? — Talvez não haja razão para estar inquieto, mas a verdade é que meus dois barcos, El Joaquín e El San Francisco de Paula, deveriam ter atracado há semanas na enseada de Barragán.

— Estou a ver. Talvez tenham tido dificuldades devido ao bloqueio de Popham frente à costa da Banda Oriental. Tenho a certeza de que, dentro de

poucos dias, os terá no Rio da Prata.

"Escoltados pelo White Hawk", acrescentou para si.

Discutiram os termos do contrato — percentagens de lucro, prazos de entrega e de pagamento, meios de pagamento, depósitos de mercadoria, distribuição no interior, meios de transporte — e decidiram encontrar-se no dia seguinte no notário Echevarría para o redigir.

— Deverá ficar claramente expresso no documento — sublinhou Blackraven — que Sua Mercê só me compra a mim.

— E que Sua Excelência só me vende a mim.

— Naturalmente.

"Estou a deitar-me com uma serpente", pensou Álzaga. Paradoxalmente sentia-se satisfeito. Algo lhe dizia que, apesar de serem necessários alguns cuidados, Blackraven era um tipo que tornava os seus sócios em homens ricos.

— Dom Martín, agora que chegamos a este acordo vantajoso, gostaria que as questões do passado ficassem para trás. Águas passadas não movem moinhos, como se costuma dizer. É penoso para mim tocar neste assunto, mas julgo ser necessário. Refiro-me à situação legal na qual ficou o meu cunhado Tomás Maguire, quando o acusou injustamente de ter participado na revolta dos escravos.

— O meu cocheiro, Milcíades, que participou na revolta, acusou-o.

— Trata-se da palavra de um escravo contra a minha, dom Martín,visto que eu lhe asseguro que o senhor Maguire está inocente. — Olharam-se fixamente e, por momentos, os olhos refletiram os verdadeiros sentimentos de ambos. — Dom Martín, o meu cunhado é um jovem de apenas vinte anos, um pouco irrefletido, mas bom rapaz.

— Segundo sei, esteve preso por ter assassinado um soldado inglês.

— Foi o resultado infeliz de uma briga de taberna. Dom Martín, reconheço que Maguire é irrefletido e desnorteado, mas nunca teria participado num ato tão sangrento como a revolta que, felizmente, foi descoberta a tempo. Seria muito satisfatório para mim se a acusação e o pedido de captura que pesam sobre ele ficassem sem efeito.

— Se Sua Excelência me garante a inocência do senhor Maguire, não tenho motivos para duvidar. Agora, quanto a deixar sem efeito a acusação e o pedido de captura, seria muito fácil para mim se ocupasse o posto de alcaide do primeiro voto.

Os atuais alcaides do Cabildo, de Lezica e Sáenz, eram verdadeiras marionetas nas mãos de Álzaga. Bastaria uma palavra do basco para o expediente desaparecer ou para se incluir uma página com justificações vãs, declarando a suspensão do processo contra Tomás Maguire. No entanto, Álzaga queria ser

alcaide de primeiro voto e exigia o apoio de Blackraven. “Favor com favor se paga”, pensou Roger. Pensava há algum tempo que, tendo Liniers como vice-rei e Álzaga no Cabildo, ambos sob o seu poder, conseguir a independência seria uma questão de tempo.

— Sua Mercê está a dizer-me que deseja ocupar o cargo de alcaide do primeiro voto no novo ano? — Sim, Excelência.

— Interessante. Desejo-lhe muita sorte na votação, dom Martín.Falarei com alguns amigos que tenho no Cabildo e comunicar-lhes-ei a excelente impressão que tenho da sua pessoa.

— Obrigado, Excelência. Mal assuma o cargo, ocupar-me-ei do caso do senhor Maguire.

— Já pensou em quem irá ser o seu assessor de leis? — Não — surpreendeu-se Álzaga—, ainda não.

Uma das funções dos alcaides de primeiro voto era a administração da Justiça civil e penal. Como a maioria dos alcaides não tinha conhecimentos de Direito — alguns eram mesmo analfabetos —, o estatuto do Cabildo permitia-lhes contratar assistentes idóneos na matéria e esclarecia que os honorários dessa assessoria decorriam por conta do funcionário.

— Permita que lhe recomende o doutor Covarrubias — disse Blackraven. — É ele que se encarrega dos meus assuntos legais e com grande eficiência e honestidade, devo dizer. Além disso, foi assessor legista em 1803, quando trabalhava para dom Antonio García López, estando portanto a par dos assuntos do Cabildo. Se Sua Mercê se decidir a nomeá-lo para essa função, tomarei a meu cargo as despesas do serviço.

— É uma proposta muito generosa, Excelência. Encontrar-me-ei,muito em breve, com o doutor Covarrubias e far-lhe-ei essa oferta. — Ótimo.

Pouco depois de Álzaga ter saído, Blackraven mandou chamar Adriano Távora ao seu escritório.

— Preciso que faças uma viagem de uma certa envergadura. O teu barco é o mais veloz e é urgente que me trates de uns assuntos o mais depressa possível. — Távora assentiu. — Irás primeiro a Madrid e entregarás ao meu tio outra letra de câmbio da minha parte e uma carta que te darei mais tarde. Depois disso, seguirás para Cádiz.

— Onde devo liquidar a dívida que esse tal Álzaga tem numa casa de comércio, não é verdade? Ustáriz, ou qualquer coisa parecida.

— Ustáriz, isso mesmo. É verdade, pedi-te aqui há tempos, mas mudei de ideia. Não quero encurralá-lo demasiado, nem deixá-lo nervoso. Manso e de boa vontade é mais fácil de dominar. Já o tenho bem agarrado, não preciso dessa dívida. Como te dizia, irás a Cádiz porque quero que abras uma conta nessa

mesma casa e noutra com boa reputação. Pedirás ao meu tio Carlos que ordene a Godoy ou a outro ministro qualquer que te dê uma carta de recomendação para a obtenção de boas condições de crédito. Repetirás esta operação em diversas casas comerciais em Veneza, em Colombo e em Macassar. Aí o meu nome é conhecido, por isso, bastará que te entregue uma carta de recomendação e será o suficiente.

— Tencionas agora dedicar-te ao comércio? — Sabes que sou um homem de múltiplas inquietações — retorquiu,com ironia. — Acontece que acabo de me tornar no único provedor de Álzaga, que é o comerciante mais importante do vice-reinado. Vou impressioná-lo com uma boa provisão e com mercadoria de qualidade. Interessa-me mantê-lo sob controle, porque é um dos homens poderosos que podem perturbar o meu plano de independência.

A porta abriu-se e Blackraven engoliu o insulto que estava prestes a proferir, ao ver que se tratava da mãe e que parecia alterada.

— Um escravo de dona Rafaela acaba de trazer uma mensagem. Isaura entrou em trabalho de parto e parece que há complicações.

O semblante de Blackraven sofreu uma profunda transformação. Empalideceu e manteve-se na poltrona, imóvel como uma pedra, olhando para a mãe com uma expressão de menino perdido.

— Vamos, Alejandro. Eu acompanho-te à casa dos del Pino.

— Não, não — pareceu reagir. — Eu irei a cavalo. Manda preparar o carro e vai buscar o doutor O'Gorman. Ovidio sabe onde ele vive. Se não o encontrarem em casa, vão ao Protomedicato. Em casa de dona Rafaela, os receios de Blackraven aumentaram. Respirava-se um ambiente de tensão. Os membros da família, reunidos na sala de música, falavam em voz baixa como se assistissem a um velório, enquanto a criadagem se movia rapidamente, em silêncio e com expressões graves. Dona Rafaela veio cá fora recebê-lo.

— Ainda bem que chegou, Excelência.

— Onde está Isaura, leve-me até junto dela.

— Não, não, agora não. Deixe-a tranquila. Neste momento, Melody só precisa da sua parteira e de Trinaghanta, de mais ninguém. Ela não quereria que Sua Excelência a visse.

— Dona Rafaela, quero lá saber o que Isaura quer. Vou vê-la agora.

— Não seja tolo e ouça o que lhe digo. Mandou chamar o médico? — Sim, vem a caminho. Como está ela? Conte-me a verdade. O mensageiro disse que havia complicações.

— A pobrezinha ficou transtornada depois da visita da sua esposa.

— Da minha esposa? — Sim, sim, a sua esposa, a senhora condessa.

— Victoria veio visitar Isaura? — Eu não teria permitido esse encontro, mas

estava descansando quando a senhora condessa apareceu e pediu para ver Melody.

— Victoria veio vê-la? — repetiu, incrédulo.

— Discutiram violentamente, segundo me disseram as escravas e Melody alterou-se muito. Depois disso, começaram as contrações. O que me preocupa é a tensão alta. Ah, está a chegar a senhora sua mãe.

Isabella entrou na sala seguida de O'Gorman e de Michela. Blackraven agarrou o médico pelo braço, ainda antes de o cumprimentar, e chamou-o à parte.

— Se tiver de escolher entre o menino e a mãe, salve a mãe. Fui bem claro?

— Sim, Excelência.

Dona Rafaela conduziu O'Gorman ao andar superior, com Isabella, Michela e Blackraven atrás.

— Nós ficaremos com ela — anunciou Isabella.

— Eu também.

— Não, Alejandro, tu não.

Antes de a porta se fechar, Blackraven vislumbrou uma cena que o fez fraquejar e o deixou perturbado e frio. Isaura, as pernas elevadas e os joelhos flectidos, levantava-se sobre o ventre e fazia força por entre os lençóis empapados de sangue. A visão do sangue, imagem que lhe era familiar no contexto de uma abordagem, assim como as armas e o inimigo, tornava-se insuportável naquele momento. Ouviu-a gritar como se estivessem a esfolá-la viva e a queixar-se de que não tinha mais forças. Ele tinha forças de sobra, mas naquele momento não valiam de nada. Apoiou-se no parapeito da galeria, encostando a cabeça a uma coluna. Sentia-se desfeito.

— Então, Excelência — disse dona Rafaela. — Vamos descer. Se beber qualquer coisa, se sentirá melhor.

Alegrou-se ao encontrar na sala Malagrida, Távora, Somar e Amy.

— Que cara a tua. Estás muito pálido. Que se passa?

— Não sei, Amy, não sei. Não me dizem nada. E ela grita como uma condenada. Diz que não consegue continuar a fazer força.

— Todas as mulheres dizem o mesmo — assegurou dona Rafaela,indicando-lhe uma poltrona.

Uma escrava trouxe duas garrafas de vinho que colocou sobre uma mesa. Távora encheu um copo e entregou-o a Blackraven.

— Gritava como se estivessem a torturá-la.

— Já é dito na Bíblia — comentou Malagrida: — "Parirás com dor." Blackraven não se lembrava de uma tão grande angústia. Talvez pudesse comparar-se com as que vivera quando Paddy Maguire raptara Melody. Não

conseguia parar quieto. Sentava-se, agitava as pernas, punha-se de pé, andava de um lado para o outro, bebia um pouco, ia até o pátio principal, aproximava-se do patamar da escada, olhava para a galeria no andar superior e voltava para dentro como que espantado, ao ouvir um grito de Melody. Ele, que tanto gostava da luta corpo a corpo, que abordara uma infinidade de barcos e enfrentara inimigos ferozes, fugia como um veado perante o clamor doído da sua mulher. Isaura estava a morrer e não tinham coragem de lho confessar. Todos sabiam, dona Rafaela, Malagrida, Somar, Amy, Távora, todos. Por isso, lhe lançavam aqueles olhares compassivos julgando que não estava a ver. A sua mãe e O'Gorman deliberariam sobre a melhor maneira de lhe dar a notícia. O choro subia-lhe pela garganta, provocando um ardor que nem o vinho conseguia aplacar. Estava meio embriagado. Quantos copos teria bebido? As garrafas esvaziavam-se a uma velocidade surpreendente. Procurou de novo a solidão do pátio. Inclinou-se sobre a fonte. Respirou fundo, com os olhos fechados, o ar fresco em volta da água. Pequenas gotas salpicaram-lhe o rosto. Dirigiu-se para junto da escada, em cujo corrimão apoiou a testa, debatendo-se entre subir e irromper pelo quarto dentro ou fugir de casa de dona Rafaela. Apercebendo-se de que as vozes no quarto subiam de tom e, logo a seguir, um grito, ou melhor, um alarido, de Isaura, deixou-se cair no chão, as pernas dobradas, os braços a taparem-lhe a cabeça para não ouvir mais. Sentia-se agoniado, há anos que não se sentia assim, desde o dia em que, no barco de Ciro Bandor, voltara a si depois da pancada que recebera na cabeça, enquanto percorria o porto de Bridgetown com Amy e deu por si no soalho todo enrolado. Que ruído era aquele? Levantou a cabeça e ergueu os olhos. Vinha do andar de cima e era o choro de um bebê. Levantou-se. "Tenho de subir." Ao chegar à galeria, aproximou-se da porta e hesitou, com a mão a um palmo da maçaneta. Abriu-a de repente e o sobressalto fê-lo recuar.

— Alejandro! — exclamou Isabella, lançando-lhe os braços ao pescoço. — É um menino! Um menino grande e saudável! Oh, meu querido, como é bonito o teu filho! — Perante a expressão de súplica de Blackraven e a sua incapacidade de articular uma palavra que fosse, Isabella esclareceu: — Ela está bem, muito bem. Exausta, mas bem. Tira essa cara de susto.

— E o sangue? — murmurou.

— Um pequeno rasgão que O'Gorman controlou logo a seguir, graças a Deus.

— Quero vê-la.

— Ainda não. Tens de esperar que a limpemos e a deixemos confortável. Vai dar a notícia aos outros.

Viu-o primeiro a ele, sentado à beirinha da cama. Um pouco afastadas estavam Isabella, com o menino nos braços e Michela. Voltou a olhar para Blackraven e surpreendeu-a o modo como ele a olhava, os olhos mui to abertos, rasos de

lágrimas que não se decidiam a rolar. Sorriu ao aperceber-se de que ele estava quase à beira das lágrimas. Levantou a mão e passou-a pelos lábios para lhe apagar a vontade de chorar. Blackraven inclinou-se e escondeu o rosto no pescoço de Melody, que logo a seguir sentiu na pele o calor de suas lágrimas.

— Tive tanto medo — ouviu-o sussurrar.

— Um homem tão grande com medo! Não vês que não foi nada? Já nem me lembro.

— Não quero que tenhamos mais filhos, não quero. Não suportarei sofrer outra vez o que sofri. Ainda ouço os teus gritos dentro da minha cabeça.

— Gritar ajudava a fazer força. E tive de fazer muita, sabes? O teu filho é enorme. Já o viste? — Blackraven levantou-se e fez que não com a cabeça. — Isabella, por favor, traga o menino.

— Não, não — disse Blackraven, quando a mãe tentou colocá-lo em seus braços. — Não sei segurar.

— Vá lá, Roger — insistiu Melody —, é o teu filho, quero que o segure.

Isabella deu-lhe algumas indicações e Blackraven tomou-o nos braços. Nunca tinha segurado um bebê tão pequeno, nem mesmo Víctor. Sentia-se desajeitado e pouco à vontade. Ao contrário do que imaginara, o filho estava acordado e tentava abrir aqueles grandes olhos ainda inchados. Ficou a observá-lo, extasiado, detendo-se em cada detalhe das suas feições diminutas e, enquanto se acalmava e adquiria confiança, percebia que um sentimento profundo, poderoso e comovedor, semelhante ao que Isaura lhe inspirava, ia se apoderando dele, confundindo-o, como o confundia muitas vezes seu amor por Isaura, porque se, por um lado, o tornava mais forte, por outro, o enfraquecia. Depois pensou que aquela pequenina criatura, da sua união com Isaura, lhe pertencia, que era o que tinha de mais seu, de mais precioso e sagrado, a oferta da mulher amada.

Melody, atenta à contemplação de Blackraven, acariciou-lhe a testa. Sabia como o amor atuava nele, muitas vezes embaraçava-o, assustava-o. Ele levantou o rosto e viu o sorriso de Melody e mais uma vez se inclinou para admirar o rostinho do filho, concluindo que, naquele momento, era o homem mais feliz do mundo. Passou o menino a Melody, que o colocou sobre a cama, no recanto formado pelo seu braço.

— Sabes, Alejandro? — disse Isabella. — Pegar teu filho foi como se voltasse a ter a ti, de tal modo se parece contigo. É a tua imagem viva.

— *Ma i suoi occhi avranno un colore diverso* — salientou Michela.

— Que foi que ela disse?

— Que os olhos dele são de outra cor — traduziu Blackraven.

— Avranno il meraviglioso colore degli occhi di questa dolce ragazza, tua piccola moglietina, caro.

Melody ficou extasiada com a doçura com que Blackraven olhou e sorriu à velhinha.

— Grazie, Michela. — Era a primeira vez que o ouvia falar italiano. — Sei l'ùnica a riconoscere che lei è mia moglie, la mia donna amata!

Isabella apiedou-se de Melody. — Michela diz que os olhos do menino terão a cor dos teus, que é uma cor maravilhosa. Disse que é uma garota doce, a jovem esposa de Alejandro.

— E ele, que lhe disse ele? — Ele respondeu: "Obrigada, Michela. És a única a reconhecer que ela é minha esposa, a minha mulher amada." Os olhares de Melody e Blackraven se cruzaram e ficaram por momentos suspensos, tornando desnecessárias as palavras.

— Já repararam — declarou Isabella de repente — que dia é hoje? Hoje é 14 de novembro. O meu neto é um escorpião, tal como o pai e o avô. Ah, que homem rijo vais ser, meu amor! Já pensaram no nome lhe vão dar?

— Tempos atrás — respondeu Melody —, Somar disse que, entre os Guermeaux, existe uma tradição: dar sempre aos primogênitos o nome do avô. Como me parece uma tradição muito bonita, vamos segui-la. Daremos ao nosso filho o nome do seu avô paterno e o do materno: Alexander Fidelis Blackraven.

Blackraven chegou tarde à casa de San José. Tinha-lhe sido difícil separar-se de Melody e do seu filho. Estava a ficar cansado daquela situação. Por fim, quando ambos adormeceram, decidiu abandonar a casa dos del Pino. Tinha ainda uma questão para resolver.

Victoria não dormia. A luz do seu quarto filtrava-se por debaixo da porta. Entrou sem bater e foi encontrá-la sentada numa cadeira a ler. A entrada súbita sobressaltara-a e olhava para ele com medo estampado no rosto. No momento em que dona Rafaela lhe falara na visita de Victoria, Blackraven desejara pôr-lhe as mãos em volta do pescoço e estrangulá-la. O cansaço, o alívio e a felicidade pela chegada de Alexander Fidelis tinham aplacado um pouco a sua fúria.

— Que diabo te passou pela cabeça para importunar Isaura?

— Foi uma imprudência, bem sei — admitiu, sem humildade.

— Provocaste o parto, maldita sejas. Houve complicações. Poderia ter morrido, Victoria.

Victoria sabia por Isabella que Melody sofrera uma hemorragia que O'Gorman conseguira a muito custo estancar, que o menino estava mal colocado e que só a habilidade da parteira conseguira que não sufocasse no cordão. Deus sabia que ela não desejava sentir desilusão e inveja; não queria pensar que a morte de Melody teria significado o fim do seu fracasso.

— Julguei que, com a conversa que tivemos há dias, as questões entre nós tivessem ficado claras. Que foste dizer? Com que a importunaste?

— Ela não te contou?

A vontade de lhe dar um tapa voltava. Apesar de nunca ter maltratado uma mulher, naquele momento pressentia que a sua cólera iria ter como resultado um episódio lamentável.

— Ela nem sequer me disse que lá foste. Fiquei a saber por dona Rafaela. Que merda lhe contaste?

— Que tu e eu tínhamos voltado a viver como marido e mulher.

— Maldita sejas, Victoria! — Avançou para ela com grandes passadas e levantou-a pelos ombros.

— Alejandro! — A voz da sua mãe, da porta, fez com que se detivesse. — Deixa-a. Ela também está sofrendo. A tua rejeição a magoa profundamente.

— Por causa dela, Isaura podia ter morrido. Eu sei, embora vocês não tenham querido dizer, sei que a vida dela correu perigo e tudo por culpa desta…

— Alejandro!

Com uma exclamação de desprezo, Blackraven arremessou Victoria na poltrona e levou as mãos à cabeça.

— Mal Adriano acabe de abastecer Wings, regressarás com ele a Londres.

— Não, por favor! — Victoria pôs-se de pé. — Não me afastes de ti.

— Não me toques. Já te disse que vais voltar a Londres e depois seguirás para a Cornualha, onde esperarás até acabarmos de tratar dos nossos assuntos.

— Alejandro — intercedeu Isabella —, Victoria não pode viajar ainda.

O doutor Fabre disse que a sua saúde não está completamente…

— Quero lá saber o que Fabre diz! Isabella recuou perante a fúria do filho e, pela primeira vez, teve medo dele. Blackraven arrependeu-se de imediato do tom brusco com que lhe falara e, após recuperar o alento e alguma compostura, disse sem levantar a voz.

— Partirás na Wings, Victoria. É tudo.

XXIV

Melody nunca imaginara que a chegada do filho pudesse mudar tanto a sua vida e, menos ainda, que iria mudá-la a ela. As dores tinham durado alguns dias, o sangue não parava, o leite brotava-lhe dos mamilos, molhando-lhe o espartilho, não dormia bem de noite, parecia-lhe que nunca parava de amamentar Alexander, pois, mal tinha acabado, já o ouvia chorar de novo. Doía-lhe o pescoço e ainda se achava gorda. Contudo, não se lembrava de alguma vez ter experimentado tamanha felicidade. Da sua vida, principalmente da sua vida com Roger, guardava muitos momentos felizes. A diferença residia no sentido de plenitude que o nascimento de Alexander lhe provocava. As suas dúvidas e inquietações esfumaram-se e sabia agora, com uma certeza absoluta, que existia para amar e proteger aquele menino. Um sentido de posse que nunca experimentara por ninguém alterava o seu comportamento e caráter. Tinha-se tornado demasiado cuidadoso, tratava do menino, não queria que ninguém lhe tocasse, receava que o importunassem ou sujassem, quando ela se esmerava por o manter limpo, seco e confortável, ainda que perdesse todo o dia nisso e nem sequer se lembrasse de tomar banho e mudar de roupa. Confiava apenas em Trinaghanta, mais meticulosa e cuidadosa do que ela, e só baixava a guarda quando Blackraven aparecia. Era o único a quem ela permitia que pegasse no menino, que o beijasse e acariciasse à vontade. Adorava vê-lo embevecido com Alexander. Ansiava por aquele brilho que lhe inundava os olhos quando ela lho trazia e ficava imóvel e tranquila — o que era pouco frequente naqueles dias agitados — ao ouvi-lo falar com o filho.

Blackraven reparava nas mudanças de Melody, e algumas agradavam-lhe, principalmente o modo como se mostrava cuidadosa com o menino. Sabia por dona Rafaela que ninguém, a não ser ela ou Trinaghanta, podiam lavá-lo ou levantá-lo da alcofa e nem sequer permitia que as escravas se encarregassem da lavagem das suas roupas e fraldas, pois receava que não ficassem bem enxutas, o que poderia provocar mal-estar ao bebê. Aliás, para o banho do menino, Melody mandava comprar à farmácia de Marull um sabão francês que custava os olhos da cara e que se dizia ser o que usava a imperatriz Josefina para preservar o viço da sua pele. “É a primeira vez”, pensou Blackraven com um sorriso nos lábios, “que Isaura não olha a despesas e se mostra gastadora”.

Não o surpreendera nem um pouco que Isaura tivesse querido amamentar o bebê, ao contrário de dona Rafaela que não compreendia por que motivo não aceitava contratar uma ama-de-leite.

— Passa as noites sem dormir para alimentar o menino — queixava--se dona Rafaela. — Alexander é voraz, Excelência. Vai deixá-la pele e osso.

Blackraven lançou um olhar de soslaio a Melody, que mostrava o menino a Víctor, Angelita e Estevanico, e pensou que a velha senhora tinha razão. Isaura, aos poucos, recuperava a silhueta do princípio do ano. Na verdade, o seu corpo estava agora mais apetecível, porque, apesar de estreitar na cintura, conservava a sensualidade que tanto o excitara durante a gravidez. Naturalmente, com a cintura mais fina, os seios pareciam ainda maiores e ele imaginava-se a segurá-los nas palmas das mãos. Havia muito tempo que nem os via porque, enquanto sofria penosamente aquela quarentena, Melody parecia muito satisfeita e até parecia evitar os seus avanços.

Numa tarde em que estavam sozinhos no quarto — situação apenas possível porque dona Rafaela tinha saído —, Blackraven percebeu que o seu desejo aumentava à medida que o olhar percorria o corpo de Melody, recostada na cama ao lado do filho. Ela, concentrada em Alexander, não se apercebia da intensidade do olhar que a envolvia. Levantou o rosto no momento em que o colchão abateu com o peso de Blackraven.

— Deixa-me tocar-te — pediu-lhe, ao mesmo tempo que tentava abrir-lhe o corpete.

Entristeceu-se, ao ver a expressão de espanto com que Melody recebeu a sua proposta e o gesto de mão com que o afastou dos seus seios. Sentiu-se em falta, como se as suas palavras representassem a maior das heresias. Pôs-se de pé, praguejando baixinho, a culpa e a surpresa transformadas em ira.

— Porra, Isaura! Estou a ficar louco de desejo. Dentro de três dias,mais precisamente a 24 de Dezembro, faz quarenta dias que o nosso filho nasceu e pretendo exercer os meus direitos. E não te atrevas a dizer que não os tenho e que não sou teu marido.

— Não ia dizer isso, e sim que tens os dias muito bem contados.

— Claro que sim! Há semanas que a única coisa em que penso é em fazer amor contigo.

— És um tirano. Não estás sequer interessado no que eu possa ter a dizer a esse respeito.

— Depois de todo este tempo, não me desejas?

— Neste momento, não. O meu corpo e a minha mente estão dedicados ao meu filho.

— E comigo nem te importas, é isso?

— Como te esqueceste depressa do que me disseste no dia em que o Alexander nasceu, que não querias ter mais filhos.

Melody arrependeu-se mal acabou de pronunciar aquelas palavras. Tratava-se

de um golpe baixo. Saiu da cama e aproximou-se para pedir desculpas, mas ele, com um estalido de desprezo, afastou-lhe a mão e saiu do quarto e da casa de dona Rafaela.

A frustração da recusa de Melody misturava-se com o incômodo causado pela complicação de certos assuntos, como por exemplo a partida de Victoria para Londres, adiada quando Távora o informara de que o casco da Wings necessitava de algumas reparações antes de poder zarpar. Tinha navegado durante anos sem que lhe dessem atenção especial e, além de estar com um aspecto pouco cuidado — a tinta a descascar e a quilha infestada de sargaços e caruncho —, começava a meter água.

— Se queres ver-te livre de mim e de uma esposa inconveniente, obriga-me a zarpar nestas condições — dissera-lhe Távora na brincadeira.

Blackraven autorizou-o, portanto, a conduzir a Wings até uma região costeira, a sul, depois da baía de Samborombón, quase em mar aberto, com praias imensas, de modo a varar e acostar o barco para o calafetar, limpar, tapar os buracos por onde entrava a água e pintá-lo. Por forma a realizar o trabalho no mínimo tempo possível, Blackraven deu ordens para que as tripulações do Sonzogno e do Afrodita, o bergantim capitaneado por Amy Bodrugan, colaborassem nas reparações, em bora, mesmo assim, dispusessem de poucos marinheiros, visto que grande parte se encontrava na cidade de guarda às casas de San José e da de dona Rafaela, enquanto outros guardavam os barcos fundeados em El Cangrejal, o Sonzogno, Afrodita e Butanna, o qual sabiam que, mais tarde ou mais cedo, Galo Bandor tentaria recuperar.

A questão com os ingleses também se complicava. A 4 de Dezembro, chegara às costas da Banda Oriental, o Sampson, sob o comando do almirante Stirling, que vinha de Londres com uma força aproximada de quatro mil homens e com instruções do novo primeiro-ministro, William Wyndham Grenville, para exonerar Popham e enviá-lo de regresso. Depois de uma discussão entre os dois, Stirling baixou a insígnia de Popham que ondeava no mastro do Diadem e arvorou a sua. Sem perder tempo, o almirante escreveu a Sobremonte, num tom atencioso que contrastava com o de Popham, pedindo-lhe que procedesse ao intercâmbio de prisioneiros, ao que o vice-rei respondeu, em termos idênticos, dizendo que não estava em condições de tomar tal medida. Dizia ainda que os prisioneiros ingleses tinham sido transferidos para o interior. Cumprida essa missão, Blackraven calculou que Stirling viajasse para a Cidade do Cabo para exonerar o general Baird. Tal presunção caiu por terra quando os seus informadores lhe comunicaram que Stirling permaneceria em Maldonado, juntamente com as tropas de Backhouse, à espera de mais reforços para tomar a praça.

— Mas desta vez — vaticinou Roger — tomarão primeiro Montevideo.Não cometerão o mesmo erro pela segunda vez.

Havia três dias que Blackraven não aparecia em casa de dona Rafaela, e a inquietação de Melody aumentava à medida que as horas decorriam sem que a aldraba anunciasse novo visitante. Nessa quarta-feira, 24 de Dezembro, terminava a quarentena e apesar de, na semanaanterior, não pensar em sexo, depois da discussão com Blackraven, a ideia agitava-se na sua mente até se convencer de que também ela desejava retomar a intimidade com ele. Quando se preparava para lhe escrever um bilhete a pedir-lhe perdão, a escrava Fabiana veio avisá-la de que acabavam de chegar os seus amigos da casa de San José.

— O senhor Blackraven? — Não, senhorita, ele não veio.

Desceu as escadas, contristada. Eram Amy, Miora e as crianças.

— E Roger? — perguntou a Amy.

— Viajou para a vila de Luján, para visitar o seu amigo William Beresford.

— Ah, sabes quando ele volta? — humilhava-a perguntar, mas a ansiedade ultrapassava o orgulho.

— Disse que ia passar o Natal com ele. Aconteceu alguma coisa entre vocês? Seguiu para Luján com uma má disposição dos diabos.

— Tivemos uma discussão.

— Estou a ver. Ainda bem que não lhe falei na situação de Servando e Elisea porque, com o humor com que estava, ter-nos-ia decapitado a todos.

— Que vamos fazer com esses dois, Amy? — Ajudá-los, suponho.

Pouco depois, Melody reparou na preocupação de Miora. Não proferira uma palavra e uma ruga pouco usual endurecia-lhe o olhar, que não se tornava mais doce nem com os gorjeios de Rafael que encantavam todos os presentes. Melody fez-lhe sinal para que a acompanhasse até o seu quarto, queria mostrar-lhe o tecido para o traje de batismo de Alexander. Quando ficaram a sós, Melody perguntou: — Que se passa contigo? Porque estás com essa cara? — Ai, Miss Melody, não sei o que fazer! — O que fazer, como? — Se devo confessá-lo a Sua Mercê ou ficar calada.

— Calada? Claro que não. Dirás, seja o que for. Roger e Victoria voltaram a viver como marido e mulher, não é verdade? — Miora negou com um gesto de cabeça. — De que se trata então? — De Joana, a minha amiga do Brasil.

— Quem é a Joana? — Aqui há tempos, a Joana ouviu-me falar com o Estevanico na nossa língua, o português, e aproximou-se para propor que nos tornássemos amigas. disse que se sentia muito só em Buenos Aires, porque não sabe uma palavra de castelhano. Por isso, disse que podíamos ser amigas. É uma pessoa muito boa, Miss Melody e tenho pena porque a ama dela a trata muito mal, bate-lhe até a deixar em sangue.

— Quem é a dona de Joana? — A baronesa de Ibar.

— Mulher do demônio. Mas não estou a ver qual a relação entre Joana e o que não sabes se deverás ou não confessar-me.

— Joana contou-me aqui há dias uma coisa que me entristeceu muito e que não sei se devo contar-lhe.

— Não me venhas com essas coisas, Miora. Vais dizer-me mesmo que Somar te tenha proibido de o fazer. Vamos, fala.

— A Joana diz que, no tempo em que a baronesa de Ibar e o patrão Roger estiveram no Rio de Janeiro, ela, a baronesa, ia muitas vezes ao quarto do patrão Roger. De noite — acrescentou.

Melody sentou-se à beira da cama e levou a mão à testa. Suspeitara daquilo, em parte devido aos boatos e também por aquele olhar que Roger e Ágata tinham trocado entre si na noite da festa, naquele mesmo quarto. “Não desconfies. Roger jurou que não existia nada entre ele e essa mulher. Não duvides!” — Vai buscar o Estevanico. Agora.

Pouco depois, Miora voltava com o rapazinho.

— Anda cá, meu amor — disse Melody, estendendo-lhe a mão. — Diz--me uma coisa: lembraste de quando me contaste que dormias naquele quarto magnífico no hotel do Rio de Janeiro — Sim, Miss Melody. O patrão Roger e eu tomávamos o desjejum lá mesmo, no quarto, e eu nunca tinha comido coisas tão saborosas.

— Que bom, meu anjo. Fico muito feliz por ti. Agora diz-me: lembras-te se alguém visitava o patrão Roger no quarto? O menino levantou os olhos e apoiou o indicador sobre os lábios.

— Sim, algumas pessoas visitavam-no no quarto.

— Que pessoas? — O capitão Malagrida e o capitão Távora.

— Sim, claro. E alguma mulher? — Sim, a prima dele, a senhorita Marie, que me tratava muito bem.

— Sim, sim, a senhorita Marie é uma manhã muito boa. Mas eu queria saber de outra mulher, a baronesa de Ibar, talvez? — Ah, sim, foi lá algumas vezes.

O estômago de Melody deu uma volta e uma corrente fria deixou-lhe os lábios arroxeados.

— Sabes de que falavam? — Não, Miss Melody, porque eu estava sempre a dormir. Ela ia de noite.

Miora levou Estevanico para dentro e Melody chorou amargamente. Atormentava-a a imagem de Roger e Ágata despidos, num ambiente de luxúria e paixão, sexo violento, palavras impúdicas, inesquecíveis orgasmos. Chorava de raiva, de ciúme e de amargura. Cerrava os punhos como se os tivesse a fechar em volta do pescoço da baronesa. Detestava-a. Tinha a certeza de que, se

voltasse a encontrá-la, a faria pagar por aquilo, arrancando-lhe os olhos.

— Maldito sejas, Roger Blackraven! O fogo que lhe consumia a alma só se aliviaria com uma vingança. Nunca até aquele momento compreendera as pessoas sedentas de vingança, mas agora apercebia-se de que não as deveria ter julgado com tanta dureza. Receberia o doutor Constanzó na próxima ocasião em que ele a visitasse. Dona Rafaela tinha-lhe pedido que não tomasse com leveza as provas de afecto que o médico lhe dedicava. Era muito pouco frequente um homem interessar-se por uma mulher com a reputação tão em baixo e com um filho de outro.

No dia 18 de Dezembro, Blackraven recebera uma carta de Beresford, na qual este, além de lhe comunicar a morte de um dos seus oficiais, o comandante de artilharia James Ogilvie, lhe pedia que o visitasse na vila de Luján e que "lhe levasse laranjas", contra-senha que indicava a intenção do inglês de fugir da prisão. Depois da discussão com Melody, Blackraven voltara para a casa de San José, metera alguma roupa nos alforges e decidira empreender a viagem.

Passou alguns dias com Beresford, Pack e os demais oficiais ingleses, todos eles de expressão cabisbaixa devido à morte do companheiroOgilvie, que a 4 de Dezembro, o dia da chegada do almirante Stirling a Maldonado, tinha sido baleado por um franco-atirador, falecendo a 17. Não se sabia nada do assassino nem das suas motivações e tecia-se todo o tipo de conjecturas em torno do misterioso ataque, algumas com fundo político, outras passional, dizendo tratar-se da vingança de um marido ofendido.

A morte de Ogilvie levou Beresford a tomar a decisão de fugir. Por esses dias, visitou-os também Saturnino Rodriguez Peña, companheiro de Beresford na loja maçônica Southern Cross, que se empenhava em conseguir a adesão do militar inglês à causa independentista. Não perdia uma oportunidade para usar da palavra e discursar de modo eloquente. Com a força que acabaria por se reunir no Rio da Prata — calculava-se que os soldados ingleses ascendessem a dez mil — e a deserção de Pueyrredón — partira finalmente para Espanha nos primeiros dias de Novembro —, Blackraven concluiu que, olhando as coisas por um determinado prisma, conseguir a aliança com os ingleses iria acelerar o processo. Mais tarde trataria de conseguir agarrar todas as pontas.

— Que achas disto, Roger? — interrogou-o Beresford. — Daria teu apoio se decidíssemos defender a causa da independência no Rio da Prata? — Conheces bem a minha posição, William, e sabes que sim.

— Sim, sim, é verdade. Insististe muitas vezes comigo para que me comprometesse com a causa da independência de Buenos Aires. — Beresford submeteu o assunto a uma séria e silenciosa consideração antes de se manifestar, dizendo: — De acordo, apoiarei a sua causa.

— É assim que se fala, general! — entusiasmou-se Rodríguez Peña.

— Mas preciso de fugir daqui para transmitir a Stirling e a Backhouse esta nova situação. Não sei que instruções trazem e ignoro se concordarão comigo, mas garanto-vos que farei tudo o que estiver ao meu alcance. Digam-me uma coisa: com quem contamos em Buenos Aires? — Com Liniers — respondeu Blackraven, e a sua segurança provocou expressões de assombro nos seus interlocutores.

— E com Álzaga, talvez — acrescentou Rodríguez Peña.

— Não, com Álzaga não.

— Seria interessante contar com o seu apoio. É um homem poderoso.

— Não conteis com Álzaga — insistiu Blackraven.

No dia 27 de Dezembro, quando apertou a mão a Beresford para se despedir, Roger assegurou-lhe que lhe enviaria as instruções para levar a cabo o plano de fuga com Saturnino Rodríguez Peña.

— Obrigado, meu amigo — disse Beresford e, com repetidas palmadas nas costas, deram um vigoroso abraço. — Nos teus planos de fuga, não te esqueças de que o meu amigo Denis Pack virá comigo.

Blackraven chegou à casa da calle de San José no dia seguinte, sujo e cansado. Tomou um banho e arranjou-se com todo o cuidado. Enquanto aguardava que Ovidio lhe selasse outro cavalo — Black Jack estava exausto —, apoiado sobre uma perna junto à mesa da cozinha, tomou uma xícara de café bem forte e comeu umas bolachas de aveia, enquanto Siloé o punha a par das novidades das pessoas da casa: que a senhora condessa tinha estado muito indisposta, que a senhora sua mãe mandara chamar, por várias vezes, o doutor Fabre, que a senhora Simonetta a visitava diariamente e que a senhorita Amy, contra a vontade da senhora Isabella, levara o menino Víctor a visitar o seu bergantim, o Afrodita.

— Que me contas da tua senhora? Tal como os outros escravos, Siloé sabia que, quando o patrão Roger falava da “tua senhora”, se referia apenas a uma.

— De Miss Melody, nada, patrão Roger. A senhorita Amy e Miora têm-na visitado com grande frequência. Dizem que está bem, embora com um aspecto cansado e um pouco enfraquecido. A sua mãe foi vê-la uma vez, no dia de Natal, e levou muitos presentes para o menino Alexander. Quando poderei conhecê-lo, patrão Roger? — Ainda não o foste ver, negra linda? — Não, patrão, ora essa! Então eu passo o dia inteiro de um lado para o outro.

— Amanhã tiras o dia e vais a casa de dona Rafaela.

— Obrigada, patrão Roger. Todos dizem que é a sua cara e eu morro de curiosidade por conhecê-lo.

— Selei-lhe o Malhado, patrão Roger — anunciou Ovidio, do pátio.

Blackraven bebeu, de um trago, o resto do café e despediu-se da escrava. Montou a cavalo junto do portão das traseiras e tomou a direção da mansão de dona Rafaela. O seu mau-humor desaparecera há alguns dias e naquele momento ansiava apenas pelo encontro com Melody. Se não fizessem amor nessa noite, tinha a certeza de que amanheceria com febre.

Não gostou do trejeito da escrava que o recebeu e que era um misto de alarme e assombro. Atravessaram o pátio da entrada e, quando se dirigiam para o segundo pátio para entrarem na mansão, a garota pediu-lhe que esperasse no vestíbulo, que iria ver se Miss Melody poderia recebê-lo. Não lhe ligou nenhuma e continuou a andar. Viu que a escrava se afastava na direção do pátio principal, mas resolveu entrar no salão de música. Como estava um dia muito quente, os postigos tinham sido fechados, encontrando-se a casa mergulhada numa agradável penumbra. Viu-os da ombreira da porta, mal os seus olhos se habituaram à mudança de luz. Melody e Constanzó conversavam animadamente, sentados, muito juntos, no mesmo sofá, no outro extremo da sala. Incrédulo, olhou em redor e verificou que não havia ninguém a acompanhá-los.

Constanzó e Melody puseram-se de pé quando ouviram as potentes passadas de Blackraven. Melody levantou a mão.

— Roger, para! — Mas soube que nada o deteria. Avançava, implacável, como um fenômeno da Natureza. Encolhia o pescoço dentro do casaco e parecia um touro prestes a investir.

— Roger, por favor, não te precipites! Sem perder tempo com palavras, Roger lançou o punho contra o ventre de Constanzó, que caiu ao chão com um gemido. Melody tentou agarrar Roger pelas costas, mas ele livrou-se dela como de um insecto. Aqueles segundos foram o suficiente para o médico se levantar e voltar à luta. A sala de música tornou-se no palco da liça dos dois homens. Juntaram-se os escravos e os membros da família que, em uníssono, imploravam a Blackraven que parasse com aquela descarga de murros com que mantinha Constanzó de costas, no chão.

— Vais aprender a ficar longe da minha mulher, maldito curandeiro!Mal eu me afasto um pouco, começas logo a rondá-la como um lobo, filho da puta, pederasta, maricas.

— Excelência! — vociferou dona Rafaela. — Ordeno-lhe que pare imediatamente! — Pare, patrão Roger que pode secar o leite de Miss Melody.

Aquela súplica de Trinaghanta, a sua voz inconfundível, o seu inglês de forte sotaque tiveram em Blackraven o efeito de um jorro de água que o fez largar Constanzó. Pôs-se de pé e afastou-se, recuando, agitado e furioso, com os olhos no adversário que se contorcia e gemia no chão. A um sinal de dona Rafaela, algumas escravas ajudaram-no a levantar-se.

Blackraven viu Melody a um canto, pálida, imóvel e silenciosa e precipitou-se sobre ela a passos largos. Agarrou-a pelos pulsos e sacudiu-a.

— Vamos! Cansei-me de toda esta palhaçada. Tu vens comigo! — Não, senhor! — interveio dona Rafaela. — Está sob a minha tutela… — Sim, sob a sua tutela! — vociferou Blackraven. — E sob a sua tutela, este idiota tem-na visitado e cortejado quando ela é minha, pertence-me, é a mãe do meu filho. Confiante, dona Rafaela, coloquei sob a sua influência e proteção a minha mulher. Nunca imaginei que seria apunhalado pelas costas.

— Fi-lo pela salvação da alma de Melody! Sua Excelência pretende conduzi-la para uma vida de pecado.

— Da salvação da alma da minha mulher, eu mesmo me ocuparei, senhora. E para mim tanto me faz o que Sua Mercê, os curas e o próprio Papa tiverem a dizer a esse respeito.

Dona Rafaela proferiu uma exclamação e persignou-se. Blackraven percebeu que Melody lutava para se libertar.

— Tu tens o descaramento — disse — de culpar dona Rafaela de traição. O único traidor aqui és tu.

— De que estás a falar, Isaura? Melody olhou em volta para os rostos expectantes dos escravos e das filhas de dona Rafaela e, em seguida, olhou para o doutor Constanzó, que limpava o sangue do nariz, preferindo calar-se, envergonhada por ter transformado o salão de uma senhora nobre num mercado de rua.

— Larga-me, não irei contigo.

— Claro que virás. Isso nem se discute.

— Exijo que a solte, Blackraven! — Não — irrompeu Melody, agarrando Roger quando este fez menção de se lançar de novo sobre o médico.

— Exijo uma satisfação por esta afronta! — gritou Constanzó, arremessando uma luva ao chão.

— Quando quiser — declarou Blackraven.

Dando meia-volta, pôs Melody ao ombro como se ela fosse um saco.

— Põe-me no chão! És um déspota, um animal! — Trinaghanta — chamou Blackraven. — Manda chamar Ovidio. Vens para El Retiro com as tuas coisas, as coisas da tua senhora e do menino.

A caterva de escravos e membros da família seguiu-o até a porta onde viram Blackraven colocar Melody sobre o cavalo e montar com uma agilidade surpreendente, impedindo que a jovem se atirasse para o chão. Vociferou uma ordem e o cavalo lançou-se pela estrada fora.

— Se tentares fugir — ameaçou-a —, dou-te uma tareia que nunca mais te esqueces.

Cavalgaram pelo Bajo e, perto da igreja do Socorro, Blackraven pegou nas rédeas e o cavalo prosseguiu a um passo mais tranquilo. Melody continuava calada, não se atrevia a mexer-se nem a protestar. Blackraven, que se apercebia da sua rigidez, puxou-a para si. O movimento suave do cavalo e a tranquilidade de tudo o que os rodeava foram-lhe provocando uma forte indolência e, antes de atravessarem o desfiladeiro de Matorras, Melody adormeceu, encostada ao peito de Blackraven, que até esse momento se divertira com os esforços que ela fazia para vencer o sono. Foi acordada pelo sino da torre de El Retiro, que indicava aos escravos a hora do almoço, e Blackraven sorriu quando Melody se afastou dele e se endireitou sobre o cavalo.

— Espera por mim na sala de música — ordenou-lhe, enquanto a ajudava a apear-se. — Vou levar o cavalo à cavalariça e dentro de alguns minutos estarei contigo.

Bateu à porta principal. Dona Robustiana soltou uma exclamação quando a viu à entrada e Melody lembrou-se de que, há pouco mais de um ano, quando chegara a El Retiro com a senhorita Béatrice e os meninos, a tinham ido encontrar a ela e ao marido, o encarregado dom Bustillo, bêbedos, sujos e desgrenhados. Agora, pelo contrário, vestia um avental impoluto e tinha o cabelo preso num carrapito, à altura da nuca. De repente, sentiu-se feliz por estar de regresso àquele lugar que encerrava tantos momentos importantes da sua vida. Robustiana, confusa, sem saber como deveria tratá-la, acompanhou-a ao salão.

— Sou Miss Melody, como quando me conheceste.

— É verdade que Sua Mercê e o senhor conde se descasaram?

— Sim, uma coisa parecida.

— Vão ficar cá esta noite? Mando preparar o quarto?

— Sim, Robustiana — respondeu a voz de Blackraven da entrada. — Manda preparar o nosso quarto. Vamos até o meu escritório — disse a Melody que o seguiu. — Entra.

Melody avançou até as janelas que davam para a galeria e abriu os cortinados, não tanto para permitir que a luz entrasse, como para voltar as costas a Blackraven.

— Deixa isso, Isaura. Anda cá. — Melody aproximou-se. — Acho que me deves uma explicação. Que diabo fazia aquele curandeiro em casa de dona Rafaela? Estava por acaso a fazer-te a corte? Porque estavam sozinhos? E na penumbra! Responde-me, com os diabos! — Agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

— Larga-me. Estás convencido de que com a força bruta resolverás todos os teus erros. És um selvagem! — Está bem! — aceitou, retirando as mãos de cima dela. — Mas é bom que me dês rapidamente uma explicação plausível para o

que acabo de presenciar em casa de dona Rafaela, porque a minha paciência está a chegar ao fim.

— A tua paciência está a chegar ao fim! Então e a minha? A minha já chegou há muito tempo. Sim, o doutor Constanzó está interessado, quer casar comigo. É um bom… Blackraven voltou a agarrá-la pelos ombros e, sem avaliar a força, com uma expressão furiosa, reflexo da sua ira e desvario, apertou-a de tal modo que Melody gemeu.

— Que estás tu a dizer-me? Que esse tipo pretende casar-se contigo? E dizes-me isso com esse descaramento? Que foi que ele te fez? Onde te tocou? Beijou-te? Tenho vontade de te estrangular! — Apertou-lhe as maçãs do rosto com uma mão e a boca de Melody fez um trejeito como se fosse dar um beijo. — Será que não entendes que sou o único a ter direitos sobre ti? Jurei-te uma vez que mataria quem se atrevesse a desejar-te. Não tomes as minhas promessas com leveza, Isaura! — Estás a magoar-me.

— Vou matar esse miserável! — Largou-a e afastou-se, apoiando ambas as mãos sobre a secretária, o corpo inclinado, devastado pela emoção. — Como pudeste trair-me deste modo? — Não tens nada a censurar-me. Já tu… Tu…

— Eu o quê? Nunca te enganei. Nem em pensamentos.

— Mentiroso! E a tua história com a baronesa de Ibar, no Rio de Janeiro e talvez aqui?

— De que estás a falar?

— Joana, a escrava da baronesa, contou a Miora, e eu confirmei com Estevanico. Ele disse que a baronesa ia ao teu quarto de hotel, durante a noite. E eu bem vi como vocês se olharam quando se encontraram no meu quarto em casa de dona Rafaela.

Começou a chorar, apesar de ter decidido que não o faria porque considerava a situação humilhante.

— Sim, é verdade que ela entrou no meu quarto de hotel. Várias vezes. É uma cadela no cio, não sabia como livrar-me dela.

— Estás à espera de que eu acredite?

— Claro que sim. Sou o teu marido e te amo, nunca te atraiçoaria.

— Não acredito, Roger. Não posso confiar em ti.

— Pronunciaste essas mesmas palavras quando Tomás me acusou de traidor e te enganaste.

O choro de Melody aumentou. A confusão a angustiava.

— Eu quero acreditar, quero acreditar em ti.

Blackraven voltara para junto dela, mas não lhe tocava.

— Porque será que é sempre mais fácil para ti acreditar nos outros do que no teu marido?

— Porque Joana, a escrava da baronesa, a viu entrar no teu quarto e Estevanico também a viu.

— Já te disse que é uma cadela, tu mesma pudeste perceber. Entrava no meu quarto e oferecia-se como uma prostituta do porto. Nunca, Isaura, nem por uma vez aconteceu o que quer que fosse entre nós. Rejeitava-a com o mesmo desprezo com que me viste fazê-lo na noite da festa em casa de dona Rafaela. Não percebes que enviou a escrava para contar a Miora as suas escapadas para o meu quarto, sabendo que, mais tarde ou mais cedo, essa informação te chegaria? Fê-lo para se vingar de mim, por não ter correspondido aos seus avanços. Fê-lo por ciúme e por inveja, para me prejudicar. Tu és demasiado nobre e generosa para acreditar que neste mundo existam criaturas perversas.

— Estavas zangado comigo, no Rio de Janeiro. Poderias ter ido com ela para a cama por despeito.

— Não fui, e estava furioso contigo, sim, mas amava-te loucamente e a tua imagem perseguia-me. Nada nem ninguém me inspirava desejo. Não pensava senão em voltar para os teus braços. — Retirou da algibeira a miniatura de Melody da qual nunca se separava. — Sabes o que estava a fazer na primeira noite em que a baronesa bateu à minha porta? Tal como em todas as outras noites, olhava para o teu retrato e perguntava-me o que estarias a fazer e desejava que estivesses a dormir, segura e tranquila, na nossa cama, a sonhar comigo.

Melody escondeu o rosto com as mãos e recomeçou a chorar. Blackraven tomou-a nos braços e falou-lhe ao ouvido.

— Ouve bem, Isaura. Ninguém deveria confiar em mim, a não ser tu. Contigo, dispo-me de todas as máscaras e baixo a guarda, mostro-me tal como sou, sem artifícios nem artimanhas. Por isso tens tanto poder sobre mim, porque tens ao alcance da mão a possibilidade de me destruir, porque chego a ti desarmado. Confia em mim, meu amor — suplicou-lhe. — Confia em mim, Isaura. Não falo de ânimo leve quando te digo que, se tu não confiares em mim, se tu não me amares como eu te amo, perco todas as forças.

— Acreditei mesmo que me tinhas traído com essa mulher, tudo parecia indicar que assim tinha sido.

— Farei agora um juramento que nunca mais repetirei, porque da próxima vez que desconfiares de mim, por muito adversas que sejam as circunstâncias, por muito evidente que te pareça a minha culpa, tudo terminará entre nós. — Olharam-se fixamente. Melody continha a respiração, assustada, comovida e expectante. — Juro-te, Isaura, pela vida de… Melody obrigou-o a calar-se, pousando a mão sobre os lábios de Blackraven.

— Não faças esse juramento. Não preciso dele. Acredito em ti, meu amor,

acredito mesmo. Sei que não está mentindo. Prometo que não voltarei a duvidar de ti.

— Oh, Isaura! — apertou-a com brusquidão, embargado por um alívio que se misturava com felicidade e paixão e que se traduzia na rigidezdo maxilar e no olhar ardente. — Ainda estou furioso contigo, sabes? — Melody detectou a emoção na sua voz rouca. — Como permitiste que aquele imbecil do Constanzó pensasse que poderia possuir-te? A ti, a minha mulher.

— Fiz para me vingar de ti, reconheço. Estava irritada e agora me arrependo porque usei o doutor Constanzó para te fazer ciúmes.

— Permitiste que te beijasse? Que te tocasse?

— Não. Que ideia!

— Vou matá-lo só por ter ousado olhar para ti.

— Não! Jura-me que não levarás adiante essa loucura do duelo.

— Foi ele que me desafiou. E não recuarei. Que tipo de homem pensas que sou? Ele te quer, quer roubar-te dos meus braços e eu tenho de lhe poupar a vida?

— Oh, meu Deus, vais matá-lo se forem para esse duelo.

— Terias pena? — perguntou num tom ríspido, agarrando-lhe o rosto com ambas as mãos.

— Claro que sim. Não quero que seja derramado sangue por minha culpa.

— Que diabo pensaste quando o deixaste acreditar que poderias vir a pertencer-lhe? Será que te passou pela cabeça que ele poderia dar-te o mesmo prazer que eu te dou, que poderia possuir-te?

— Não, não. Nunca pensei em semelhante coisa.

Blackraven lançou-se sobre os seus lábios com a mesma perturbação que o dominara quando a encontrou na sala, na companhia do doutor Constanzó. Sem a afastar de si, arrastou-a até o sofá de couro, onde a estendeu, deitando-se sobre ela e levantando-lhe a saia com gestos descontrolados. Ela baixou os culotes, enquanto ele despia a calça.

Tinha feito amor com Blackraven vezes sem conta, os seus orgasmos satisfaziam-na sempre, contudo, aquela sensação era nova, era como se as suas entranhas estivessem em ebulição, lançando chispas até adquirir uma temperatura que as derretia. Ela própria se sentia diluir e derramar-se. Estava acontecendo algo estranho e invulgar, como se Blackraven tivesse atingido um ponto secreto que, ao ser acionado, desencadeara uma revolução capaz de a matar de prazer.

Melody deu-se conta de que gritava como se estivessem a fazer-lhe muito mal, seus gritos a assustavam. As energias centrífugas edemasiado poderosas faziam-na tremer. Gritava, agarrava-se com unhas e dentes a Blackraven, que lhe

murmurava ao ouvido palavras grosseiras, agitando-se dentro dela com crueldade. De repente, deixou de sentir as investidas dele e teve a impressão de que se elevava e de que o centro que girava dentro do corpo aumentava até o alcançar por inteiro, até atingir o diâmetro dos seus braços e pernas alongadas. Tudo à volta eram faíscas carmesim e chispas violeta, calor e, por momentos, frio, e julgou que aquela sensação avassaladora iria ser seu fim. Gritou, sem se dar conta, gritou e continuou a gritar até perder a consciência.

Quando voltou a si, deparou com o olhar ansioso de Blackraven.

— Roger, que foi que me aconteceu? Que foi isto?

— *La petite mort* — sussurrou ele. — Disse que só eu podia chegar às tuas entranhas.

— Oh, Roger, julguei que morria de prazer.

Blackraven riu baixinho e puxou-a contra o seu peito, onde a abrigou com uma ternura que atingia o mesmo grau de intensidade da violência com que, pouco antes, a penetrara.

— Vamos para o nosso quarto — propôs. — Ainda temos muito para pôr em dia depois desta malfadada quarentena.

Procuraram refúgio no quarto para continuarem a amar-se até a exaustão. Melody não se lembrava de alguma vez ter caído num sono tão profundo, escuro e hermético. Despertou com uma alma nova e, mal virou a cabeça, sorriu ao ver que Blackraven, com o rosto apoiado na mão, a contemplava.

— Diz que me amas como a mais ninguém nesta vida — exigiu ele.

— Amo-te como a ninguém na vida.

— Diz-me que nunca amaste tanto ninguém como amas a mim.

— Nunca amei como amo a ti.

— Diz que nenhum homem te fez tremer como tremes comigo.

— Nenhum homem. Nunca!

— Diz-me que não sabes estar só, que precisas estar comigo.

— Só sei estar contigo, preciso de ti sempre.

— Pede-me o que quiseres.

— Só te quero a ti. Para sempre.

— Já me tens aqui, vencido, aos teus pés. Para sempre.

Alguém, batendo à porta, interrompeu o beijo. Logo a seguir ouviram o choro de um bebê.

— Ah, o meu filho chegou, graças a Deus! Preciso dar de mamar. Já me doem os seios. Meu amor, por favor pede a Trinaghanta um jarro de água fresca. Tenho muita sede enquanto o amamento.

Blackraven, embrulhado num robe, abriu a porta, pegou no menino e deu algumas indicações à cingalesa antes de a mandar embora. Melody sentou-se na

cama para contemplar Roger com Alexander nos braços. Pegava—o de uma maneira tosca e insegura e olhava-o com o sobrolho franzido e uma expressão de desconfiança, enquanto o menino, cheio de fome, apertava os punhos e agitava os braços e os pés.

— Sim, sim, meu amor — disse Melody, recebendo-o —, sei que estás com fome.

Blackraven sentou-se ao lado dela para a ver alimentar o filho pela primeira vez. Soltou uma gargalhada, comovido, ao ver como o bebêtentava em vão encontrar o mamilo. Melody pegou o seio e introduziu-o na boquinha do filho, que suspirou e começou a mamar ruidosamente e com grande avidez.

— Engasgas sempre que mamas tão depressa — disse Melody. — És um sôfrego, meu filho.

Blackraven já não ria, embora a sua seriedade não fosse grave nem solene. Era espanto, como se presenciasse um feito prodigioso e inexplicável. Melody sorriu e estendeu uma mão para lhe acariciar o rosto, mas ele continuou absorto, os olhos imóveis no objeto da sua admiração: o seu filho Alexander Fidelis.

— Meu Deus — sussurrou ao fim de um momento —, nunca imaginei que pudesse ser capaz de sentir algo tão profundo e intenso por uma criatura tão pequena.

Melody e Alexander não voltaram a casa de dona Rafaela e ficaram instalados em El Retiro. Dias mais tarde, chegaram para ficar Miora com Rafaelito (e a escrava que o amamentava), Amy, Víctor, Angelita, Estevanico e os professores Perla e Jaime. Respirava-se de novo o ambiente de descontração e alegria do começo do ano e, apesar de faltarem algumas pessoas que tinham feito parte daquele grupo, integravam-se outras que não alteravam sua harmonia.

A única preocupação de Melody, o duelo de Blackraven com o doutor Constanzó, só desapareceria após acontecer. Melody vivia intranquila, assim como a senhorita Ingracia, que lhe escreveu um bilhete pedindo-lhe que amansasse o coração do seu marido. Nesse sentido, Melody nada podia fazer. Blackraven ordenara-lhe que se esquecesse o assunto e que se abstivesse de interferir. Ia sabendo dos pormenores através de Miora, que tomava conhecimento por Somar. Os padrinhos de Blackraven, Malagrida e Távora, tinham-se encontrado com os do doutor Constanzó para tratarem dos pormenores: o duelo realizar-se-ia na madrugada de 5 de Janeiro, num descampado a algumas varas da praça de touros de El Retiro. Utilizariam espadas e terminaria “à primeira visão de sangue”. Embora esta última disposição a reconfortasse, Melody receava que “a primeira visão de sangue” correspondesse a um ferimento mortal. Na noite que antecedia o encontro, não conseguiu adormecer, tendo passado todo o tempo a rezar os cinco

mistérios dolorosos do rosário. Blackraven dormia a sono solto e nem sequer acordou quando Alexander chorou de fome. Às cinco e meia, Melody fingiu dormir enquanto o ouvia se arrumar. Blackraven inclinou-se, beijou-a na fronte e saiu. Voltou às oito acompanhado de Malagrida, Távora e Somar, todos bem dispostos e com vontade de comer. Miora, conhecedora da angústia da senhora, subiu para lhe contar os pormenores.

— Somar diz que contou os segundos que o patrão Roger demorou até desembaraçar o pobre do doutor Constanzó da sua espada. Dezesseis!Dezesseis segundos, Miss Melody! Fez-lhe um corte superficial no antebraço direito com a ponta da espada e tudo acabou assim.

— Obrigada, meu Deus — sussurrou Melody.

Deitou-se sobre a almofada, esgotada pela preocupação e adormeceu. Foi acordada pelos beijos de Blackraven que já tinha tomado um banho e tinha a pele suave, acabada de barbear e perfumada com a loção de almíscar.

— Meu amor, já sei que correu tudo bem. A Miora já me contou.

— Que tudo correu bem significa para ti que esse curandeiro de uma figa continua de boa saúde?

— Usei-o para te fazer ciúmes, Roger. Não queria que, devido a minha burrice, o doutor Constanzó sofresse um ferimento mortal. Nunca me libertaria do sentimento de culpa.

— Eu sei, por isso fiz com que tudo acabasse depressa e sem mortes a lamentar, porque só tu és importante para mim e quero que vivas tranquila.

No dia do duelo, segunda-feira, 5 de Janeiro de 1807, chegaram a Maldonado, vindos do porto de Falmouth, em Inglaterra, novas forças sob o comando do general sir Samuel Auchmuty, que se uniram às de Backhouse e às de Stirling. Trazia ordens para colaborar com Beresford na manutenção da praça ou para se apossar novamente dela, caso estivesse perdida.

Auchmuty assumiu de imediato o comando. Devido ao mau estado das tropas de Backhouse, decidiu enviá-las de volta, com exceção de uma pequena guarnição que permaneceu na ilha Gorriti. A somar às forças de Stirling, havia o exército de Auchmuty com cerca de cinco mil e quinhentos homens dispostos a tomar Montevideu.

A chegada destes reforços não só forneceu soldados para preparar a invasão militar, como também uns setenta navios mercantes que, animados pela notícia da tomada de Buenos Aires por Beresford, atracaram naquelas costas com os porões repletos de mercadorias e nenhum local para as vender. Para Blackraven, a quem preocupava o aumento das forças inglesas, a chegada dessa escolta representou um golpe de sorte, pois, deste modo, conseguiu, a preços muito

vantajosos, uma variedade de produtos de excelente qualidade com os quais foi fornecendo Álzaga, enquanto Távora acabava de preparar a Wings para seguir para Cádiz e outros portos, a fim de conseguir novos fornecedores. Não era uma operação nada simples. O'Maley aproximava-se das embarcações numa balandra, tentando obter autorização para abordar e realizar negociações. Depois, durante a noite, procedia-se à descarga, visto que a mercadoria entrava em Buenos Aires como contrabando. Assim, a cripta de El Retiro voltou a encher-se de volumes e caixas. Blackraven viu-se na necessidade de falsificar diversos documentos referentes às mercadorias para forjar uma certa legalidade na compra por parte de Álzaga, visto que o Tribunal de Buenos Aires aplicava determinadas penalidades, inclusivamente a forca, a quem comprasse produtos aos comerciantes ingleses recém-chegados. Roger achou irônico que os tecidos e as botas com que forneceu o exército de Liniers viessem dos porões dos navios inimigos.

Para Blackraven, esses primeiros dias do ano 1807 foram de grande agitação, não só no que respeitou os assuntos de ordem comercial e política, como também domésticos. Por um lado, tratava de traçar o plano de fuga de Beresford com a ajuda de Saturnino Rodríguez Peña e de lhe facilitar os meios para que entrasse em contato com o seu homólogo inglês, Auchmuty, a fim de o convencer a assegurar a independência àquelas colônias espanholas. Por outro lado, mexia os cordelinhos para as votações das novas autoridades do Cabildo para 1807, que, depois de trocas e baldrocas, ficaram confirmadas para sábado, dia 24 de Janeiro, com o beneplácito da Real Audiência, já que não tinham conseguido o de Sobremonte por este considerar que não se deveriam efetuar mudanças no meio de toda aquela anarquia. Os novos membros do Cabildo eram: alcaide de primeiro voto, dom Martín de Álzaga; de segundo voto, dom Esteban Villanueva, e o procurador reeleito, dom Benedito de Iglesias. Poucos dias mais tarde, Álzaga convocou o seu assessor jurídico, o doutor Covarrubias, entregou-lhe o expediente com os pormenores da revolta dos escravos e deu-lhe ordens para que anulasse o mandado de prisão contra Tomás Maguire por falta de provas. Andou o resto do dia de mau humor, praguejando baixinho contra Blackraven, embora tivesse consciência de que jamais teria obtido o posto de alcaide de primeiro voto, se não fosse a influência do inglês, que não só persuadira os seus amigos do Cabildo, como também o ouvidor Lavardén da Real Audiência. Ao fim e ao cabo, dizia para si próprio, a situação terminara de modo favorável e o preço a pagar — a anulação do mandado de prisão daquele filho da mãe do Tomás Maguire — fora bastante baixo, tendo em conta, não só que os seus negócios tinham estabilizado e que voltava progressivamente ao ritmo normal das suas atividades, como ainda ganhara a confiança do sobrinho

(pouco importava que fosse filho ilegítimo) do rei D. Carlos IV, decisiva para a sua tão desejada nomeação como vice-rei do Rio da Prata. “Blackraven é um imbecil se acha que me tem nas mãos”, pensou dias mais tarde, antes de assinar a anulação do mandado de prisão do seu cunhado Maguire.

Blackraven continuava a administrar a suas propriedades e casas de comércio, sem falar de Bella Esmeralda, de cujo administrador estavam sempre a chegar bilhetes com este ou aquele problema ou exigência de dinheiro. Pensava muitas vezes: “Muito em breve terei de fazer umavisitinha a esse bronco”, que suspeitava estar a embolsar grande parte das verbas que lhe enviava.

Abelardo Montes insistia em fazer uma viagem à região do Nordeste, conhecida como Misiones, para comprar terrenos bons para o cultivo de forragem, tabaco e chá. Francisco Martínez de Hoz tinha voltado a propor-lhe o negócio da planta anileira em Catamarca, e dona Rafaela, com quem já fizera as pazes, pedia-lhe para que não descurasse a sua pedreira, sua única fonte de rendimentos.

No meio daquele caos de números, pessoas e responsabilidades, a sua atenção era desviada para resolver o assunto do casamento da sua pupila Marcelina com dom Diogo — acabou por autorizar que dessem início aos trâmites para a dispensa eclesiástica, devido à consanguinidade do vínculo — e a pretensão do tenente-coronel Lane de desposar María Virtudes. Enfraqueciam os motivos que justificavam a permanência do militar em Buenos Aires, impedindo-o de partir, com os restantes oficiais ingleses, para a sua prisão do interior do vice-reinado. Urgia atuar rapidamente e ajudá-lo a fugir com Beresford, mas o homem recusava-se a ir sem María Virtudes. No entanto, Blackraven nunca consentiria no casamento da sua pupila com um homem que ele não conhecia e do qual Beresford não dava outra referência a não ser que o vira pela primeira vez na ilha de Santa Helena, em Maio do ano anterior. “Não tenho queixas dele”, escrevera, “cumpriu sempre o seu dever de um modo que só o honra, mas desconheço o seu passado e a sua posição na vida.” Poderia tratar-se de um lobo com pele de cordeiro, de um caçador de dotes, visto que o de María Virtudes era muito tentador. Nem a intervenção de Melody nem as lágrimas da garota conseguiram fazê-lo mudar de ideias: o tenente-coronel Lane fugiria juntamente com o seu superior, o general Beresford, e viajaria para Inglaterra, onde aguardaria notícias de Blackraven relacionadas com os assuntos do coração. Para evitar uma fuga dos dois namorados, Blackraven decidiu que a senhorita Leo e as suas três sobrinhas se instalariam em El Retiro.

— Não chores — disse Melody a María Virtudes, tentando animá-la, na tarde em que esta chegou. — O senhor Blackraven consentiu no seu compromisso antes da partida do teu tenente-coronel, por isso poderão escrever um ao outro.

— Quando chegar a Inglaterra — choramingou María Virtudes –, Lane vai apaixonar-se por uma inglesa e se esquecerá de mim.

— Tens assim tão fraca opinião dele? — A jovem negou com a cabeça, convictamente. — Então confia no seu amor e resigna-te. O senhor Blackraven disse que dentro de pouco tempo zarparemos para Inglaterra e que tu virás conosco.

— A sério, Miss Melody? — Melody assentiu. — Oh, fico tão feliz com essa notícia! Servando baixou o rosto e começou a chorar em silêncio quando Melody lhe entregou os papéis de alforria. Vieram-lhe à mente a cara de Pangu, o soba, o caçador africano de homens que o condenara a uma vida de escravidão, ainda que essa imagem se fosse esbatendo aos poucos até desaparecer, sendo impossível vislumbrá-la, de tal modo as feições diáfanas e harmoniosas de Elisea tomavam o seu lugar.

— Eu não mereço isto, Miss Melody — disse, devolvendo-lhe o papel.— Não mereço. Sou um traidor, como Sabas. Traí o seu irmão Tomás, o que quase lhe custou a vida.

— Por que não consegues perdoar-te por essa ação quando eu já te perdoei?

— Sou indigno perante os seus olhos e perante os olhos de Elisea.

— Mais do que indigno, és soberbo, Babá. Erraste, é certo, mas agiste sob o efeito do álcool e do ciúme. Nada justifica o que fizeste, mas fizeste-o. Porque és um ser humano e, como todos os humanos, és imperfeito e cometes erros. Aceita esta verdade e continua com a tua vida.

— Poderia ter custado a vida do seu irmão Tomás.

— Tomás também cometeu erros, não é santo nenhum, mas conseguiu ter uma oportunidade de se redimir e de fazer algo de bom. Tu deves fazer o mesmo.

— Não sei o que fazer — admitiu.

— A senhorita Amy assegura que existe uma ilha chamada Haiti, muito bela, com uma vegetação exuberante, onde não há escravatura e se respira o respeito e a liberdade. Diz que é um bom lugar para começar. Ela mesma os levará até lá no seu navio.

— E o patrão Roger?

— Seria vantajoso contar com o seu apoio. A sua aprovação facilitaria as coisas.

— Nunca permitirá que a sua pupila se case com um negro que foi escravo.

— Veremos — disse Melody com um sorriso.

— Eu sou um ser humano, Miss Melody — declarou Servando, olhando-a nos olhos —, porque erro e tenho maus sentimentos, como quase todos os mortais. E Sua Mercê? O que é Sua Mercê? Sua Mercê não é deste mundo, não? Sua Mercê é um verdadeiro anjo que se faz passar por uma pessoa normal, não é verdade?

— Ah, querido Babá, se soubesses como eu sou humana.

E dizia-o com verdadeira pena porque na véspera, dia 4 de Fevereiro, com a notícia da queda de Montevideu nas mãos de Auchmuty chegara-lhe também outra: a de que Victoria estava doente, e Melody correu à igreja para se confessar, porque ficara contente.

A queda de Montevideu nas mãos de Auchmuty teve consequências na cena política de Buenos Aires. O Cabildo, numa resolução sem precedentes, destituiu Sobremonte por "inábil na arte da guerra e indolente como governador" e mandou-o prender. Era acusado da perda de Montevideu. Na altura, o vice-rei deposto estava no posto de Durán, perto de Rosario, onde um ouvidor da Real Audiência e dois regedores do Cabildo, escoltados por um piquete de hussardos, o fizeram prisioneiro a 17 de Fevereiro, conduzindo-o até Buenos Aires, a La Convalecencia, o hospital dos Betlemitas, designado como o local da sua prisão. Liniers foi reconduzido no seu cargo de capitão-general das forças militares do vice-reinado, enquanto à Real Audiência ficou reservado o comando político. Depois disso, tanto o partido dos independentistas como o dos espanhóis se lançaram numa confabulação para o posto de vice-rei. Os criollos queriam-no para Liniers, pensando ser facilmente dominado, graças à sua indolência e falta de caráter. Por outro lado, os monopolistas defendiam a vitória de Álzaga.

Outra consequência da tomada de Montevideu foi a decisão das autoridades do Cabildo e da Real Audiência de enviar Beresford e os seus oficiais para Catamarca. Suspeitava-se de que mantivessem contato com militares ingleses posicionados na Banda Oriental, considerandofundamental afastá-los, para evitar que colaborassem com os pares na invasão de Buenos Aires. Apesar de preocupado com a doença de Victoria, Blackraven viu-se obrigado a apressar a execução do seu plano e até a corrigir os disparates do seu colaborador Saturnino Rodríguez Peña, que, desprezando as advertências, recorreu a Álzaga para pedir ajuda e por pouco não era vítima de uma armadilha.

— Senhor Álzaga — declarou Rodríguez Peña, na noite de 7 de Fevereiro, na sala do próprio dom Martín —, o capitão Liniers partilha a minha opinião quanto às condições precárias em que se encontra o nosso exército. Nunca poderemos travar a invasão do general Auchmuty.

— Sim, concordo — enrolou-o o basco. — Continue, estou a ouvi-lo.

— O general Beresford manifestou o seu interesse em servir de mediador com Auchmuty para evitar um derramamento de sangue desnecessário.

— Sua Mercê propõe que entreguemos a praça sem dar luta para poupar o sangue de meia dúzia de soldados? — A luta seria desnecessária. A verdade,

dom Martín é que a Inglaterra só quer a nossa independência.

— É Beresford quem o assegura? — Sim — respondeu Rodríguez Peña.

— Por escrito? — Terei de o consultar.

— Pois bem, contará com o meu apoio quando eu vir um documento em que o general Beresford expresse por escrito a intenção do seu país de assegurar a independência destas colônias. Voltaremos a reunir-nos logo que se faça tal documento.

— Assim será — disse Rodríguez Peña, saindo acompanhado de um criado.

Álzaga abriu os cortinados das grandes janelas, atrás dos quais se ocultavam o seu espião, o capitão Juan de Dios Dozo, o regedor Fernández de Agüero e o escrivão Cortés que ele convocara como testemunhas para sustentar a acusação de traição que lançaria contra Rodríguez Peña, assestando assim um golpe mortal ao partido independentista.

Nessa mesma noite, o escrivão Cortés foi visitar o seu amigo, o comerciante Zorrilla, ao qual, em confidência, e com alguns copos a mais,relatou o sucedido. Zorrilla despachou Cortés e dirigiu-se à casa da calle San José, onde pôs Blackraven a par dos acontecimentos. Este mandou chamar Somar e Távora para que procurassem Rodríguez Peña e o escondessem na casa da calle Santiago.

— Se voltar a ser visto em Buenos Aires — preveniu-o Roger, na manhã seguinte — ou se tentar voltar a casa, Álzaga certamente o mandará prender e talvez consiga que o enforquem sob a acusação de traidor. Não tem outra alternativa, dom Saturnino, vai ter de fugir com Beresford. Tenha paciência, não cometa mais imprudências e dentro de poucos dias estará a viajar para Inglaterra.

Depois disso foi até o Forte, onde Liniers que ocupava as instalações do vice-rei o convidou afectuosamente a entrar e lhe disse que acabava de chegar da Banda Oriental.

— Que deseja tomar, Excelência? Tenho um bom conhaque.

— Obrigado, capitão, mas ainda é cedo para um conhaque. Um café será ótimo.

— Soube que a senhora condessa não está bem de saúde. Espero que se restabeleça rapidamente.

— Assim o espero também.

Conversaram sobre o cerco a Montevideu e a queda da cidade às mãos dos ingleses, cuja súbita incursão significara grandes perdas materiais e centenas de mortos, de ambos os lados. Nos mentideros dizia-se que se tinham dado todo o tipo de excessos — violações, roubos, saques — até que Auchmuty mandou fuzilar dois dos seus soldados, restabelecendo a ordem.

— Seria lamentável se o mesmo acontecesse aqui.

— Oh, sim, verdadeiramente lamentável — concordou Liniers.

— Mas já percebi que os meus compatriotas estão decididos a tomara praça. E o farão mal recebam novas tropas e mais munição. Duvido que falte muito tempo. — Blackraven endireitou-se na poltrona para mudar de assunto e assumiu um ar de confidência, ao declarar: — Vim aqui, capitão, para lhe falar de outra questão que, de certo modo, se relaciona com a ameaça de invasão que pesa sobre a nossa cidade. Sua Mercê e eu sabemos bem que se cometeu aqui uma grande injustiça, e refiro-me aos termos da capitulação do general Beresford.

— Foi um assunto muito infeliz — admitiu Liniers.

— A atual acusação ao general é injusta — insistiu Blackraven. — E chegou-me aos ouvidos a notícia de que foi enviado um grupo à vila de Luján para requisitar a sua correspondência. Deve ter sido vexatório para Beresford que é um cavalheiro.

— Suspeitam de que ele possa estar em comunicação permanente com as forças inglesas posicionadas em Montevideu. Os seus conhecimentos desta praça poderiam ser de grande utilidade para Auchmuty no momento do ataque.

— Soube também — prosseguiu Blackraven, como se Liniers não tivesse dito o quer que fosse — que decidiram enviá-lo, a ele e aos seus oficiais, para Catamarca.

— Sim. Pelos motivos que acabei de lhe expor, querem-no o mais longe possível de Auchmuty.

Blackraven não podia deixar de reparar que Liniers, apesar de pertencer ao grupo de homens que tomava as decisões no vice-reinado, nunca falava na primeira pessoa. “Suspeitam de que”, “querem-no longe”, “vão enviá-lo”. A seu ver, aquela atitude não tinha nada a ver com prudência, manifestava, isso sim, falta de caráter e insegurança no próprio discernimento. Obter a sua colaboração estava garantido.

— Posso assegurar a Sua Mercê — disse Roger — que Beresford seria mais útil à causa do Rio da Prata em liberdade do que prisioneiro nos confins do vice-reinado. Sei de fonte segura que prometeu que, caso lhe fosse dada liberdade de movimentos, falaria com Auchmuty para lhe fazer ver a conveniência de evitar um confronto armado (que, sabemos, seria sangrento) e de anunciar, com o seu apoio militar, a independência do vice-reinado. Ao fim e ao cabo, a única coisa que os ingleses pretendem são novos mercados para negociar livremente e, para tal, não necessitam da ocupação militar.

— A independência? — pasmou-se Liniers.

— Sim, a independência. Um processo que só poderia trazer vantagens para Sua Mercê, visto que, ao cortar os laços com Espanha, teria de se escolher uma nova autoridade e, naturalmente, o candidato adequado, aquele que o povo aclamaria, seria, sem sombra de dúvida, Sua Mercê. Se continuarem amarrados a

Espanha, os seus méritos contarão muito pouco, capitão Liniers: nunca o elegerão vice-rei pelo simples fato de não ser espanhol. As circunstâncias atuais são propícias — retomou Blackraven, após uma pausa intencional. — Com a destituição de Sobremonte e a oferta de ajuda dos ingleses para obter a independência, Sua Mercê seria o próximo… Bem, não digamos vice-rei, e sim… Rei? Primeiro-ministro? Seja o que for, conta com o meu apoio.

— Sua Excelência tem a certeza de que o general Beresford intercederá a nosso favor frente a Auchmuty? — Sei-o de fonte segura.

Liniers levou a mão ao queixo e fixou o olhar na secretária. Blackraven estava a pedir-lhe que ajudasse Beresford a fugir. Toda aquela conversa sobre a independência tinha sido uma prova de boa-vontade, porque ambos sabiam que Blackraven o tinha na mão. Ele não se esquecia de que não lhe tinha pago a última fase do empréstimo e que não cancelara as últimas facturas do abastecimento do exército. Se se recusasse a participar no seu plano, poria de lado a diplomacia e a eloquência e exibiria esses podres. Por outro lado, Liniers sabia que Blackraven não precisava da sua ajuda para libertar Beresford. É claro que a concordância do capitão que comandava as forças militares facilitaria a fuga, mas, na verdade, o que o conde inglês pretendia era a sua cumplicidade, a sua adesão ao projecto, a sua participação incondicional. “Quer ter-me bem agarrado. E já o conseguiu”, pensou.

— O general Beresford, que considero um amigo, apesar de a vida nos ter colocado em situações opostas, merece toda a minha confiança. Se, como Sua Excelência afirma, ele se ofereceu como mediador, a sua colaboração só pode trazer benefícios ao vice-reinado, principalmente se levarmos em conta que o nosso exército não está propriamente em forma. Não faz sentido sacrificar os nossos homens se isso puder ser evitado— disse com sinceridade.

— Nesse caso, urge libertá-lo. É fundamental que chegue a Montevideu e entre em negociações com Auchmuty antes da chegada dos reforços.

— Poderíamos aproveitar a transferência para Catamarca — propôs Liniers.

— Estou inteiramente de acordo. Estive a pensar que o mais conveniente seria que Sua Mercê assinasse um documento no qual ordenasse que fossem entregues, ao portador do mesmo, os prisioneiros Beresford e Denis Pack, que seriam esperados em Buenos Aires para tratar de assuntos do interesse do vice-reinado. Rubrique o documento com uma assinatura que, mais tarde, possa ser apresentada como falsa. O mais importante é que use papel com o seu cabeçalho e lhe estampe o seu selo. Sua Mercê deverá escrever o documento pelo seu próprio punho, pois não podemos confiar o conteúdo a nenhum dos seus escreventes.

— Quem irá buscar Beresford e Pack? — Saturnino Rodríguez Peña e Aniceto

Padilla. — Blackraven referia--se a um personagem obscuro que Beresford libertara da prisão e que utilizara como espião durante os seus quarenta e cinco dias como governador de Buenos Aires. — É preciso que envie para a frente do piquete que irá escoltar Beresford até Catamarca o capitão Manuel Martínez Fontes.

Liniers não teve necessidade de perguntar o motivo daquela última disposição: Martínez Fontes, do corpo de Blandengues, era cunhado de Rodríguez Peña e certamente participaria naquela palhaçada e aplacaria qualquer dificuldade.

Decorrera uma semana desde a última visita de Blackraven a El Retiro, desde o momento em que Victoria caíra à cama doente. O diagnóstico de Fabre não o surpreendera: a condessa de Stoneville contraíra varíola, o que não era de estranhar, pois as suas escravas, Berenice e Gabina, que a tinham tratado e privado com ela durante todo o tempo, encontravam-se ambas entre a vida e a morte. Também não espantava ninguém que tivessem sido contagiadas, visto que Gabina tinha um amante no Mondongo, tendo-se, de igual modo, descoberto que Berenice se envolvera com um liberto do Tambor. Blackraven mandou-as isolar na arrecadação da casa de San José, acomodando o resto dos escravos no interior da casa. As suas roupas e outros pertences foram queimados e a cozinha, as casas de banho, o quarto de Victoria, os três locais onde Berenice e Gabina passavam mais tempo, foram limpos com vinagre e ácido muriático. Eram apenas assistidas por Gilberta, que, em criança, sobrevivera àquela doença, estando portanto imunizada.

Victoria começou por sentir uma falta de apetite que atribuiu às longas noites de insônia, durante as quais se angustiava pensando que iria voltar para Inglaterra, sozinha e desprezada. Melody e Roger nem sequer se preocupavam com as aparências e viviam juntos em El Retiro.

À falta de apetite, seguiram-se a febre, os vômitos ocasionais e uma forte dor de cabeça que quase a impedia de abrir os olhos. Fabre diagnosticou varíola quando detectou manchas vermelhas ao observar-lhe a boca e a garganta.

— Estou preocupado, Excelência — admitiu o médico. — A saúde da senhora condessa não está nada bem. Duvido que ela consiga resistir à doença.

— Que se pode fazer por ela? — perguntou Roger desesperado.

— Depois de uma pessoa contrair esta doença, é muito pouco o que se pode fazer. O melhor é evitar o contágio. E para isso há que tomar uma vacina.

— Já ouvi falar vagamente nessa vacina. Explique-me melhor, doutor.

— Refiro-me à vacina que o seu compatriota, o doutor Edward Jenner, inventou. Grande observador, esse Jenner, Excelência! Criou um antídoto contra a varíola a partir da inoculação em pessoas saudáveis de uma varíola benigna que as vacas costumam ter, cow-pox — explicou, com a sua pronúncia deficiente

—, ou em latim variolae vaccine. Por isso chamamos de vacina.

— É possível obter esse antídoto aqui, no Rio da Prata?

— Sim, graças a Deus. O'Gorman introduziu-o há alguns anos e é o presbítero Saturnino Segurola quem conserva o específico e o inocula em sua casa.

— Sua Mercê assegura-me que quem toma essa vacina não contrai a doença?

— Claro que asseguro, Excelência. Se nos vacinássemos todos seria o fim da doença. Acontece que muitos desconfiam da vacina.

— Pode ser dada às crianças?

— Sim.

Blackraven enviou um bilhete a Melody, pondo-a a par da situação e comunicando-lhe que não voltaria a El Retiro enquanto Victoria se estivesse doente e enquanto o período de incubação — quinze dias, segundo o doutor Fabre — não chegasse ao fim. Ordenou-lhe que fosse a casa do presbítero Segurola com Alexander e as crianças para se vacinarem contra a varíola. "Tomarei medidas para vacinar todos os nossos escravos", dizia-lhe, e acrescentava ainda: "Não poderei mandar-te mais cartas, pois o doutor Fabre diz que são uma via de contágio." A doença apoderou-se do corpo de Victoria a uma velocidade assombrosa, devorando-lhe toda a beleza. Era impossível reconhecer os antigos traços, perfeitos e harmoniosos, sob aquelas pústulas que apresentavam uma depressão ao meio, como se de um umbigo se tratasse. Ninguém estava autorizado a entrar no seu quarto, com excepção de Isabella, Malagrida e Blackraven, que, por insistência do doutor Fabre, lavavam as mãos com sabão de enxofre e água purificada com pastilhas de quinina. O soalho e as paredes eram lavados com um preparado de ácidos minerais usados nos lazaretos e hospitais, que, devido ao seu cheiro intenso e à sua toxidade, obrigavam a manter as janelas abertas de dia e de noite. Felizmente, o clima de Verão colaborava.

Isabella e Malagrida faziam turnos para tratar de Victoria por quem pouco podiam fazer, a não ser mantê-la confortável, aplicar-lhe panos frescos nas zonas mais afectadas pelas pústulas, diminuindo assim a comichão e a dor, e hidratá-la com colheradas de infusões frias, visto que ela não conseguia comer o quer que fosse. Blackraven acompanhava-a de noite. Depois de um dia cheio de problemas e obrigações, colocava um colchão junto do leito da mulher e dormia intermitentemente, pois ele estava sempre a queixar-se e tinha de lhe dar apoio.

— Roger — chamou uma noite.

Tinham passado dez dias desde o início da sua doença, e o doutor Fabre acabava de os informar, horas antes, de que, enquanto Berenice e Gabina estavam a ter bons resultados na recuperação — as crostas desprendiam-se e

começavam a cair —, Victoria não apresentava melhoras de qualquer espécie. Na sua opinião, o desenlace poderia dar-se de um momento para o outro.

Blackraven levantou-se sobressaltado e confuso.

— Que se passa? Precisas de alguma coisa? — perguntou, ao mesmo tempo que acendia a vela da palmatória.

— Vem até junto de mim. Não, não me toques na mão. Não quero contagiar-te.

— Sabes bem o que se diz nesta terra: vaso ruim não quebra.

Victoria ensaiou um sorriso que apenas serviu para acentuar ainda mais a deformação das suas feições devastadas. Blackraven apertou os maxilares para conter o choro.

— Que queres? — conseguiu perguntar. — Precisas de urinar? — Não, querido. Quero falar contigo.

— É melhor voltares a dormir. Falaremos amanhã de manhã. Fabre diz que precisas de muito descanso para te recuperares.

— Não me mintas, Roger. Sei que vou morrer. Não me queixo, muito pelo contrário. É um alívio saber que não terei de abandonar esta cama para me olhar ao espelho. A doença levou o que me restava: a beleza.

— Victoria… — Cala-te e ouve. Não tenho forças suficientes e preciso de te contar uma conversa que tive aqui há tempos com uma mulher negra, uma escrava, suponho.

— Queres um pouco de chá? — Victoria assentiu e Blackraven ajeitou-lhe as almofadas para que ela pudesse sentar-se e beber.

— Diz.

— A escrava abordou-me na rua, aqui há alguns meses, no começo do mês de Novembro. A princípio não lhe liguei importância. Preparava-me para continuar o meu caminho quando ela fez referência a um fato que eu não comentara com ninguém. disse que sabia que eu tinha visitado a bruxa Gálata.

— A bruxa Gálata? Por que diabo visitarias tu uma bruxa? — Por ti, porque queria recuperar-te. Não me julgues com severidade.

— Não, não — apressou-se a dizer Blackraven — Não te julgo, minha querida, continua.

— A escrava aconselhou-me a não voltar a procurar Gálata, disse-me que se tratava de uma mulher má e que o seu verdadeiro nome era Enda Feelham… — Que disseste? Enda Feelham? Tens a certeza, Victoria? Muitas vezes tens dificuldade em entender quando te falam muito depressa em castelhano.

— Oh, sim, tenho a certeza de que foi esse o nome que pronunciou.Repetiu-o duas vezes, com clareza e compreendi perfeitamente. Além disso, Simonetta

Cattaneo estava ao meu lado e ela, que fala e entende muito bem o castelhano, ouviu o mesmo. Falou do filho dela, Paddy, disse que ele era primo de Melody e que tu o mataste por causa dela. As segurou que Enda Feelham vos mataria aos dois, a Melody e a ti, para vingar a morte do filho, embora não pretendesse matar Melody antes do nascimento do menino porque queria ficar com ele e criá-lo.

— Victoria! — exclamou Blackraven, pondo-se de pé num salto. — E só agora me dizes! — Perdoa-me, Roger. Perdoa-me. Eu queria… Oh, meu Deus. Mereço o Inferno. Perdoa-me. Juro-te que às portas da morte, não quero mal a ninguém. Quero apenas morrer em paz.

— Acalma-te, por favor, acalma-te — apiedou-se Blackraven. — Vou chamar a minha mãe para ela ficar contigo. Preciso de ir atrás de Enda Feelham antes que aconteça uma tragédia. Diz-me onde ela vive. — Gabina e Ovidio conhecem o lugar.

Amanhecia quando Blackraven e Ovidio chegaram perto da cabana que apresentava um aspecto sereno e normal, embora, devido à escuridão que ainda prevalecia e à distância a que estava, Blackraven não a visse com grande precisão. Deu ordem ao escravo para tomar conta dos cavalos e dirigiu-se à cabana, dando uma grande volta para entrar pelas traseiras. Admirou-se ao ver a porta aberta, ou melhor, solta dos gonzos, como se tivesse sido derrubada à força de pontapés ou de um aríete. Armou a pistola e desembainhou o estoque. Espreitou sem expor o corpo e um aroma desagradável e intenso esbofeteou-o, recordando-lhe o do quarto de Victoria. Era um cheiro a doença, a medicamentos e ácidos que depois de dez dias lhe anestesiara o olfato. Tentou aperceber-se de algum som. Nada. Como a penumbra o impedia de fazer uma busca rápida à cabana, embainhou o estoque e entrou com uma chama acesa, as costas junto à parede e a pistola apontada. Passeou o olhar pelo recinto, o qual, apesar de não estar desarrumado, lhe deu a impressão de um lugar caótico e a abarrotar. Alguém dormia num catre do lado esquerdo. Aproximou-se, as costas sempre coladas à parede. Soltou um impropério e voltou a cara ao ver que se tratava de um cadáver. Estava ali há bastante tempo e encontrava-se num avançado estado de decomposição. O seu aspecto era monstruoso, cada um dos olhos com uma moeda de prata a cobri-lo. a pele parecendo queimada ou ressequida. Era impossível distinguir-lhe as feições, embora devesse tratar-se de uma mulher pela longa e espessa cabeleira coroada com ramos de visqueiro. Apercebeu-se de que o cheiro deveria ser diferente, mais nauseabundo e irrespirável. No entanto, suportava-se. Continuou a busca e, quando avançava para o quarto situado à direita, tropeçou num corpo e quase caiu de bruços. Ajoelhou-se: outro cadáver, mas este ainda não tinha arrefecido. Era Enda Feelham. Os seus olhos verdes protuberantes pareciam querer saltar das órbitas, enquanto a boca conservava a

forma de um grito mudo. Tinham-na degolado, um corte limpo e profundo que a sangrara em poucos minutos. Quem fizera aquilo era certamente perito. Levantou -se e dirigiu-se ao outro quarto. Parou na ombreira da porta e iluminou a divisão. Vislumbrou uma cama, uma arca e um móvel não muito alto, semelhante a uma cômoda que, em vez de gavetas ou portas, tinha cortinas de pano. As cortinas moviam-se. Blackraven iluminou as paredes. Não havia janelas nem aberturas nem brisa nem corrente de ar, no entanto, as cortinas moviam-se. “Pode tratar-se de um gato ou de um cão”, pensou, “e se for uma pessoa terá de estar sentada ou ajoelhada, a não ser que seja uma criança ou um anão”. Avançou com precaução e colocou-se ao lado do móvel. Com a ponta da pistola correu as cortinas. Da sua posição elevada conseguia ver uns pés morenos e descalços.

— Vamos, saia daí. Não tente nada. Tenho a pistola armada e não hesitarei em disparar.

No silêncio que se seguiu ouviu claramente um bater de dentes. “Está em pânico”, pensou. Guardou a pistola no cinto e desembainhou o estoque com o qual picou várias vezes os pés descalços. A pessoa em questão saiu de gatas, gritando e sacudindo a cabeça como louca, dirigindo-se ao quarto principal, onde certamente se deparou com o cadáver de Enda Feelham, pois fez um alarido agudo e antinatural. Seguiu-se-lhe um silêncio durante o qual Blackraven conseguia ouvir as batidas do seu coração. Entrou e viu a pessoa que se deitara junto ao cadáver de Enda, empapada no seu sangue. Tinha os olhos muito abertos e fechava a boca como um peixe fora da água. Blackraven reconheceu-a de imediato.

— Cunegunda!

A negra só se recompôs alguns minutos mais tarde e, apesar de ter reconhecido o amo Roger, seu estado era tal que ele a julgou completamente louca. Falava do diabo, da alma de Bela, da senhora Enda, do ritual dos cinquenta anos, misturava tudo aquilo numa lengalenga sem sentido, na qual intercalava termos africanos. Blackraven acabou por lhe aplicar uma bofetada, obrigando-a a beber alguns golos da sua garrafa de bolso. Pouco depois, guiando-a com as suas perguntas, conseguiu obter um relato mais ou menos coerente.

— Onde está a tua ama Bela?

Cunegunda, sem levantar os olhos, apontou para o cadáver em estado de decomposição que jazia sobre o catre.

— Como foi que morreu?

— Tomou o pó venenoso da senhora Enda, igual ao que demos a dom Alcides, o que cheira a amêndoas amargas.

— Estás a dizer que Bela se suicidou? — Cunegunda assentiu. — Por quê?

— Enlouqueceu, amo Roger. Louca de paixão por Sua Mercê, louca de ódio por Miss Melody. A fumaça que respirava também a transtornou.

— Quando morreu?

— Há muito tempo. Mais de três meses.

— Por que não a enterraram? — bradou, encolerizado.

Cunegunda contou-lhe uma história que, na opinião de Blackraven, não podia sair da imaginação de uma mulher simplória como aquela e que deixava bem clara a dimensão da perversidade de Enda Feelham.

Enda Feelham ajudou Bela a fugir e tomou-a sob a sua proteção, movida por sentimentos que em nada se assemelhavam ao amor filial que afirmava devotar-lhe e sim enquanto parte de um plano que vinha traçando, como peça-chave do ritual dos cinquenta anos, uma cerimônia que a sacerdotisa druida Ceridwen praticava na ilha da Irlanda muito antes da chegada de São Patrício e da sua nova religião. Existia um instante no tempo — com o advento da era cristã e o seu modo de contar o tempo, os druidas deram-se conta de que o fenômeno astrológico se produzia de cinquenta em cinquenta anos — no qual os deuses alinhavam determinadas estrelas que, ao fundirem a sua energia, concediam às suas criaturas favoritas (as que conheciam o salmo secreto de invocação) o poder de se apoderarem da beleza, da juventude e da força de uma outra pessoa. A vítima que Enda ofereceria em sacrifício era Bela. Escolhera-a no primeiro dia em que a vira, quando se encontraram em Buenos Aires para trocar a informação sobre o paradeiro de Melody por veneno para despachar dom Alcides ao outro mundo. Faltava menos de um ano para o dia da cerimônia e começava a preocupá-la a falta de uma vítima digna. Poucas coisas surpreendiam Enda. Bela tinha-o conseguido, com sua beleza, sua paixão — tanto para odiar Valdéz y Inclán e Melody, como para amar Blackraven —, a sua falta de escrúpulos e a sua decisão. Cativou-a a sensualidade flagrante.

— Por isso a senhora Enda suportava tudo da minha ama Bela, porque a queria ter sempre por perto. Por isso a deixava fumar aquela erva que a transtornava e permitia que se deitasse com aquele imundo do Braulio.

— Quem é Braulio?

— Braulio era o escravo da senhora Enda, um negro tão alto como Sua Mercê, se bem que mais entroncado e mais pesado.

Uma suspeita tomou de assalto a mente de Blackraven.

— Onde está ele?

— Não sabemos. Um dia a ama Bela mandou-o matar Miss Melody, mas Sua Mercê estava com ela e a salvou. Disseram-nos que Braulio tinha fugido, e nunca mais voltou.

— Continua a contar-me essa história de Enda Feelham e da cerimônia.

Mal Enda Feelham conseguisse apoderar-se da juventude, da beleza e da energia de Bela, assassinaria Blackraven e Melody e roubaria o filho para criá-lo como se fosse seu. Tudo pareceu ruir no dia em que Enda entrou na cabana e deu com Cunegunda chorando sobre o peito de Bela. O seu coração ainda batia. Durante três dias, apelou a todas as suas artes para a salvar. Na manhã do quarto dia, estando Bela ainda com vida, mas sem esperanças de a conservar, Enda tapou-lhe os olhos com as duas moedas de prata para evitar que a alma lhe fugisse, rodeou-a de visco e esperou que ela morresse para se dedicar a preservar o cadáver com substâncias que faziam Cunegunda lacrimejar e lhe provocavam dores de cabeça e de estômago.

— A senhora Enda dizia que, segundo os livros, se conseguisse evitar que a alma da minha ama Bela abandonasse o corpo e se evitasse que o seu corpo apodrecesse, seria possível realizar a cerimônia.

A cerimônia tinha-se realizado no dia anterior.

— Foi então que apareceu o maligno para fazer a senhora Enda pagar por todo o mal que lhe tinha causado.

Por momentos, Blackraven suspeitou de que Cunegunda, esmagada pelo sofrimento e pelo pânico, tinha degolado Enda num rasgo de loucura. Pôs a ideia de parte quase de imediato. O sol da manhã, que começava a filtrar-se pela porta, banhava o cadáver de Enda Feelham, o que lhe permitia confirmar aquilo que constatara uma hora antes, quando o observara à luz da mecha: o corte tinha sido feito por um perito na matéria. “Um profissional”, pensou. Cunegunda, uma negra atarracada e gorda, nunca teria conseguido dominar Enda Feelham, magra e flexível.

— Quem é o maligno, Cunegunda? A quem te referes?

— Ao maligno, amo Roger! Ao inominável!

— Estás a dizer que foi o diabo que assassinou Enda Feelham?

— Não diga o nome dele! Não o chame! Não! Senão ele vem me buscar também!

Blackraven receou que Cunegunda se perdesse no seu mundo de medo e superstição e não conseguisse chegar ao fim do relato. Agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a com brutalidade, esbofeteando-a de novo. A negra parou de gritar e a cabeça caiu-lhe para a frente como um peso morto. Teria caído da cadeira se Blackraven não a tivesse agarrado.

— Cunegunda — gritou, e como esta não respondesse, estendeu o braço, pegou num alguidar com água e encharcou seu rosto.

Sua paciência chegava ao fim. De qualquer modo, sabia que pressionar Cunegunda não seria a melhor solução. Era evidente que a mulher estava francamente perturbada.

— Não voltarei a dizer o nome do maligno — prometeu-lhe. — Agora tenta lembrar dos pormenores de tudo o que aconteceu ontem à noite e diz como Enda foi morta.

No início da cerimônia, Cunegunda escondeu-se no quarto ao lado. Não queria ver, nem ouvir, só queria que aquele ritual chegasse ao fim e que a senhora Enda lhe entregasse o corpo da sua ama Bela (pelo menos, era o que lhe tinha prometido) para a enterrar e seguir a sua vida. Rezava o terço com devoção e, no meio de todos aqueles Pai-Nossos e Ave-Marias, ouviu uma pancada e percebeu que Enda interrompia a lengalenga naquela língua estranha e começava a usar o castelhano. De gatinhas, Cunegunda aproximou-se da fresta da porta que estabelecia a comunicação entre os dois quartos e viu-o. O maligno. Tinha deitado a porta abaixo e aproximava-se da senhora Enda, debruçando-se sobre ela. Enda recuava e exigia que abandonasse a sua casa. O maligno, todo vestido de negro, não tinha rosto.

— Que queres dizer com isso de não ter rosto?

— Nada — disse Cunegunda, o olhar perdido, passando a mão pela cara. — Não tinha nada. Era tudo negro, sem olhos, sem boca, sem nariz, sem cabelo.

— Queres dizer que tinha um capuz ou uma máscara negra? — Cunegunda olhou-o com estranheza. — Vá, continua.

— Era alto e magro. Movia-se como um gato. Era impossível ouvir o som dos seus passos. Parecia flutuar, embora eu visse que os seus pés estavam assentes no chão. Não falou, não disse uma palavra, nem sequer respirava. Estendeu o braço e agarrou a senhora Enda pelo pescoço. Puxou-a para si com a força de um homem do tamanho de Sua Mercê ou de Braulio, embora fosse magro. Obrigou-a a dar uma volta, como se a senhora Enda não tivesse vontade própria. Dominava-a. A senhora Enda ficou com as costas coladas ao peito do maligno. E foi então que ele tirou, não sei de onde, uma faca. De repente tinha a faca na mão… — Que mão, Cunegunda? A esquerda ou a direita? Esta é a esquerda e esta a direita. — Os olhos da escrava saltaram de uma para a outra mão.

— Na esquerda? Tens certeza?

— Sim, porque daí — disse, apontando para a abertura da porta —, eu via bem essa mão.

— Então ele degolou-a com a faca que tinha na mão?

— Sim, amo Roger.

— Que aconteceu a seguir?

— O maligno aproximou-se da minha ama Bela, contemplou-a durante alguns segundos, depois olhou em volta e saiu tão silenciosamente como tinha entrado.

— Ouviste os cascos de um cavalo ou alguma voz?

Cunegunda sacudiu a cabeça num gesto de negação.

— Depois de o maligno ter ido embora, escondi-me onde Sua Mercê me encontrou.

Com a ajuda de Ovidio e uma pá que encontrou nos fundos da cabana, Blackraven fez duas covas junto da horta de Cunegunda. Envolveu Bela no mesmo lençol em que jazia, arrastou-a lá para fora e lançou-a na cova, enquanto Ovidio procedia do mesmo modo em relação a Enda e se ocupava de tapar as covas. Cunegunda chorava e rezava, com o rosário de lentilhas na mão.

— Ovidio, ajuda Cunegunda a subir para o teu cavalo. Vamos regressar a Buenos Aires. — Dirigindo-se à escrava, disse: — Vais voltar para as Filhas do Divino Salvador. Pertences a essa congregação. Entreguei-te como parte do dote de Bela.

— Sim, amo Roger. Era para lá que eu pensava voltar quando a senhora Enda me deixasse enterrar a minha ama Bela, que descanse em paz.

XXV

Em El Retiro, todos estavam informados sobre a doença de Victoria, graças a Balkis, o escravo que diariamente levava carne à casa da calle San José. Balkis assegurava que, embora Gabina e Berenice estivessem melhorando, a condessa de Stoneville não apresentava quaisquer resultados positivos. As chagas, em vez de secarem e de se transformarem em crostas, tinham-se tornado mais virulentas e ocupavam cada centímetro da sua pele. As feições tinham desaparecido sob as pústulas e era impossível distinguir os traços do passado. A beleza do seu rosto perdera-se para sempre.

Blackraven tinha dado ordem para que retirassem os espelhos do quarto porque receava que Victoria morresse de desgosto se visse o seu reflexo. Isabella estava desesperada. Não sabia como ajudar a nora, não tanto a sentir-se confortável e fresca, mas sobretudo a encontrar a paz. Nos momentos de consciência, Victoria desbaratava as poucas forças que tinha a chorar e a dizer que queria morrer, a perguntar se estava muito feia, suplicando que lhe descrevessem as deformações do seu rosto. Tentava descobrir através do tato e Isabella retirava-lhe a mão com paciência e cobria-a de panos frios.

Ninguém sabia que ela guardava na gaveta da mesa de cabeceira um espelho de mão. Sem mexer o corpo, devido a sua grande debilidade, Victoria estendeu o braço, abriu a gaveta e tateou até que os dedos tocaram no cabo de prata. Agarrou-o e aproximou-o do rosto. Não se reconheceu. Onde estava? Quem era aquele monstro repelente? Experimentou ao mesmo tempo as duas sensações, a de se aperceber de que aquela aberração era ela e a de uma mão que se fechava à volta da sua garganta. Não conseguia respirar, tentava fazê-lo, ao mesmo tempo que continuava a agarrar aquela imagem desumana que o espelho lhe devolvia. Por fim, as lágrimas apagaram-lhe a visão.

Venceu o sufoco e inspirou ruidosamente. Os seus gritos atraíram Blackraven, Malagrida e Isabella, que lhe tirou o espelho da mão. Tiveram de mandar chamar Fabre para que ele lhe ministrasse um soporífero, visto que não conseguiam acalmá-la. Blackraven imobilizava-a pelos ombros para evitar que abandonasse a cama. De repente, uma força extraordinária tomara o lugar da fraqueza e Victoria chorava, gritava e mexia-se como quando tinha saúde. Depois de tomar uma dose significativa de láudano, Victoria agitou-se até cair inconsciente.

Foi Balkis que, na segunda-feira, 16 de fevereiro, à tardinha, chegou a El

Retiro com a notícia de que a varíola tinha acabado com a condessa de Stoneville nessa mesma manhã. Melody ficou atordoada não com a notícia, pois esperava-a a qualquer momento, e sim com seus próprios sentimentos. Não sabia o que sentir. Na verdade, experimentava um alívio que não se atrevia a reconhecer, e essa luta mergulhava-a num profundo desespero.

— É lógico que não fiques triste com a notícia — declarou Amy, de modo pragmático. — Serias uma hipócrita se quisesses convencer-me de que não estás mais tranquila com o desaparecimento de Victoria.

— Penso no Roger. Ele deve estar sofrendo.

— A única coisa importante é que Roger não contraia a doença. Quanto à morte da esposa, pelo menos desta vez vai ter um corpo para enterrar.

Como Victoria professava a fé anglicana, não permitiam que fosse sepultada em nenhuma igreja ou convento de Buenos Aires. Isabella pensou que ela descansaria em paz sob os limoeiros ao fundo da propriedade.

— Victoria disse um dia que lhe agradava muito o perfume das flores dos limoeiros. Isabella vestiu-lhe um vestido de organdi branco e colocou-lhe nas mãos um ramo de flores de limoeiro que ficou cingido ao seu peito. Blackraven e Malagrida tiraram-na da cama e acomodaram-na num caixão de madeira de carvalho com ornamentos de bronze. Fizeram os três a cerimônia de despedida. Malagrida leu um responso. Isabella soluçava baixinho. Blackraven apertava os maxilares e via, através de um véu de lágrimas, o rosto deformado daquela que, em vida, tinha sido a mulher mais bela que conhecera.

— Deixem-me a sós com ela — pediu, e Isabella e Malagrida retiraram-se.

Blackraven puxou uma cadeira para junto do caixão, fixou o olhar em Victoria e relembrou as suas palavras antes de morrer. Pronunciara-as sem levantar as pálpebras, com dificuldade, num fio de voz, dominada ainda pelo efeito do ópio que Fabre lhe ministrara.

— Amo-te, Roger. Nunca duvides. Não penses que casei contigo pelo teu dinheiro. Amava-te tanto nessa altura como te amo agora. Amei-te desde o primeiro dia em que te vi, naquela manhã na escola dominical, lembraste? E, se te chamava gipsy ou darkie e te maltratava, era apenas para disfarçar os meus sentimentos porque não devia gostar de ti, de um bastardo, filho ilegítimo. Fui educada num mundo hipócrita e paguei muito caro o fato de não ter sido capaz de quebrar essas cadeias.

— Eu sei, querida. Sei que foste criada num mundo duro e sem sentimentos.

— Perdoa-me, Roger.

— Que tenho a perdoar-te? — Tu sabes bem. A traição com Simon. Perdoa-me — desesperou-se.

— Não me deixes partir sem o consolo do teu perdão.

— Perdoo-te, minha querida.

— Roger, meu amor.

Aquelas tinham sido as suas últimas palavras. Blackraven acariciou o cabelo louro de Victoria, no qual Isabella tinha intercalado pequenas flores brancas.

— E tu — disse Roger — perdoa-me por te ter transformado na vítima dos meus ódios e dos meus ressentimentos. Descansa em paz, minha querida. Descansa em paz, Victoria.

Cobriu-a com as rendas que forravam o ataúde e chamou os escravos para que o fechassem. Ovidio chegou com um martelo e pregos e, em poucos minutos, Victoria desapareceu para sempre da vista de todos. Dias mais tarde, foi colocada uma lápide de mármore branco no túmulo,com a inscrição: “Victoria Blackraven (14-VI-1773–16-II-1807) Esposa amada e companheira.” No dia a seguir à morte de Victoria, Blackraven estava no seu escritório da casa de San José, a definir com Távora os últimos pormenores da missão de Cádiz. A Wings estava pronta para partir havia alguns dias.

— Foi um golpe de sorte, a chegada desses mercadores ingleses com os navios a abarrotar de produtos — admitiu Blackraven. — No entanto, preciso que entres em negociações com os novos fornecedores. Aqui estão as listas com os produtos que mais me interessa adquirir. Como não vou ter tempo de organizar as coisas de modo a que os meus navios te secundem no transporte dos produtos até aqui, terás de alugar as embarcações que considerares necessárias e tratar das coisas nesse sentido.

— Se os meus cálculos não falham, na altura da minha chegada a Macassar, encontrar-me-ei com o Le Bonheur. — Távora referia-se a um dos navios de maior porte da frota de Blackraven.

— Tanto melhor. — Abriu a gaveta da secretária, de onde retirou uma carta lacrada com o selo da casa de Guermeaux. — Toma, entrega-a ao meu tio Carlos, juntamente com a letra de câmbio. Envio-lhe aqui uma informação muito completa sobre a situação no Rio da Prata e aconselho-o a promover Liniers a uma categoria superior na escala militar. É fundamental que adquira mais poder. Antes de abandonares Madrid, averigua de que modo a minha carta influenciou o meu tio e que indicações te deu Godoy a este respeito.

Bateram à porta. Gilberta, com uma expressão confusa, informou-o de que um indivíduo trazia “laranjas” da parte de um amigo do conde de Stoneville.

— Manda-o entrar.

Embuçado e irreconhecível nas suas peças de vestuário gaúcho, Aniceto Padilla apareceu à entrada da porta. Acabava de chegar à cidade e trazia notícias da fuga de Beresford e de Denis Pack. até aquele mo mento tudo tinha decorrido de acordo com o planeado. Na véspera, dia 16 de Fevereiro, Saturnino

Rodríguez Peña e Aniceto Padilla, acompanhados por dois soldados, tinham alcançado o piquete que escoltava os oficiais até Catamarca, perto da aldeia de Arrecifes, numa propriedade dos betlemitas, onde há três dias Beresford se recuperava de uma suposta maleita. Martínez Fontes, o cunhado de Rodríguez Peña, que encabeçava a missão, mostrou-se surpreendido perante a reviravolta das disposições, embora não tenha hesitado em entregar os prisioneiros, e isto graças à contundência do documento rubricado por Liniers. O capitão Olavarría, segundo-comandante, não se mostrou tão solícito e chegou a pôr em causa a autenticidade do documento, o que levou Martínez Fontes a ofender-se, pois questionava-se a honra do seu cunhado, o doutor Rodríguez Peña. Por fim, Olavarría deu o consentimento, tendo sido os prisioneiros separados do grupo e entregues aos seus novos responsáveis. Logo nesse mesmo dia, Padilla iniciou a viagem de regresso a Buenos Aires. Rodríguez Peña, Beresford, Pack e os dois soldados fariam o mesmo no dia seguinte.

— Amanhã estarão em Buenos Aires — continuou Padilla — e entrarão protegidos pela noite.

— Aqui, está tudo pronto para os receber.

Francisco González, grande amigo de Mariano Moreno, que vivia na calle de San Pedro, esquina com a de San Bartolomé, bastante afastada do centro, tinha aceitado albergar os ingleses, Rodríguez Peña e Padilla até estes atravessarem o rio em direção a Montevideu. Do bem-estar de Beresford e de Pack durante a sua curta temporada em Buenos Aires, ocupar-se-iam os seus irmãos da loja maçônica Southern Cross. Blackraven só tinha de fornecer o navio que os conduziria à liberdade, cumprindo a promessa feita a Beresford.

— Em casa de Francisco González já está instalado, desde ontem, o tenente-coronel Lane do corpo de Santa Helena, que fugirá conosco.

— Muito bem, Excelência — respondeu Padilla.

— No dia 21, por volta das onze da noite, irão até o rio, pela calle de San Bartolomé, e eu estarei à sua espera numa pequena embarcação que vos levará até um dos meus navios. Trata-se da corveta Wings, comandada pelo capitão Távora — e apontou para Adriano —, que vos levará até o porto de São Filipe.

Blackraven despediu-se de Padilla e continuou a tratar dos seus assuntos, tentando esquecer que na véspera tinha enterrado Victoria e que a distância de Melody e Alexander estava a tornar-se num peso difícil de suportar. Apesar de Fabre lhe ter dito que o perigo de contágio já passara, preferia esperar mais alguns dias antes de voltar a El Retiro.

No dia 23 à tarde, Távora apresentou-se na casa da calle de San José com boas notícias: Beresford e os amigos tinham chegado à Banda Oriental sem inconvenientes e estavam agora em Montevideu, sob a proteção do general

Auchmuty. A fuga de Beresford e de Pack era já conhecida há alguns dias em Buenos Aires e murmurava-se que os ingleses estavam escondidos na cidade. As autoridades do Cabildo tinham determinado que patrulhas de vigilância percorressem as ruas a todas as horas à procura dos fugitivos. Por outro lado, Liniers iniciara uma investigação para descobrir quem falsificara a sua assinatura, rubrica e redigira o documento que o capitão Martínez Fontes tivera em seu poder.

Blackraven rasgou o selo da carta de Beresford que Adriano Távora acabava de lhe entregar. “E não tenhas dúvidas, meu querido amigo, de que, mal saiba quais as instruções com que Sir Auchmuty desembarca nestas costas, tentarei convencê-lo da conveniência de apoiar a libertação do vice-reinado com os auspícios da coroa inglesa, em vez de levar a cabo um banho de sangue desnecessário.” Blackraven acendeu uma das velas do candelabro e queimou a carta. Procedeu de igual modo em relação à de Saturnino Rodríguez Peña, na qual solicitava a proteção da sua família ainda instalada em Buenos Aires.

— Vou para El Retiro — anunciou.

“Mas antes, irei falar com o padre Mauro.” Nessa manhã, Melody levantou-se mais bem-disposta. Desde a morte de Victoria tinha vivido dilacerada por dois sentimentos, o da felicidade e o da culpa. Precisava de Blackraven, e não conseguia compreender o que o prenderia em Buenos Aires para não aparecer em El Retiro, se o período de incubação da varíola já tinha terminado e Balkis assegurava que o patrão Roger gozava de perfeita saúde.

— Se o teu pai não vier hoje — disse a Alexander, enquanto mudava as fraldas—, vamos buscá-lo.

Sentou-se à beira da cama e pôs o menino ao colo. Observou-o atentamente, como fazia todas as manhãs. Queria conhecer cada pormenor do seu filho. Michela tinha tido razão: aos poucos os olhos deixavam de ter aquela tonalidade indefinida entre o azul e o negro e adoptavam uma cor mais celeste, semelhante à dos seus. Em tudo o resto, as semelhanças com Roger eram impressionantes. Completara três meses e a evolução era assombrosa: quando o deitava de barriga para baixo, soerguia-se apoiado nos antebraços, rodando, quase de imediato, sobre si mesmo até ficar de barriga para cima. Quando o sentava ao colo, ficava muito direito, mas quando o largava caía de costas, como se fosse um saco de farinha, abria as mãos, brincava com elas e metia-as na boca. Agarrava o sininho que a avó lhe oferecera e sacudia-o com ímpeto. Procurava Melody quando ouvia a sua voz e ficava logo calmo quando ela lhe cantava uma canção. Sorria e emitia pequenos sons prolongados. No dia em que, com Víctor, deu pequenas gargalhadas Melody chorou.

Bateram à porta. Era Miora.

— Que se passa? — assustou-se Melody, ao ver a expressão preocupada.

— Há uma pessoa que deseja vê-la, Miss Melody. É Joana, a escrava da baronesa de Ibar.

— Que histórias tem ela agora para contar? — impacientou-se.

— Acho que deveria ouvi-la, Miss Melody.

Entregou Alexander aos cuidados de Trinaghanta e desceu. Disse a Miora que iria receber a escrava na sua salinha particular. Melody, que escrevia um bilhete a madame Odile na sua secretária, levantou os olhos quando ouviu a porta ranger. Ao olhar para Joana ficou atônita.

— Quem te bateu dessa maneira? — perguntou, e Miora traduziu.

— A minha senhora, a baronesa de Ibar.

— Bate-lhe sempre assim, Miss Melody — explicou Miora.

— Porque desejas falar comigo? — Para lhe contar a verdade, Miss Melody.

Melody indicou-lhe um canapé à sua frente. Joana hesitou e Melody insistiu.

— A que verdade te referes? — Que o senhor conde de Stoneville nunca foi infiel à senhora.

Melody não se mostrou alterada. Ficou a olhar fixamente a escrava, sem dureza, com uma expressão difícil de definir.

— A senhora baronesa ficou obcecada com o senhor conde desde a primeira noite em que o conheceu, numa festa no Rio de Janeiro. A primeira coisa que fez foi conseguir alugar aposentos no hotel em que Sua Excelência se hospedava. Depois foi visitá-lo no quarto dele. O senhor conde recebeu-a, mas logo a seguir pô-la fora. A senhora baronesa voltou para o quarto furiosa e quem pagou fui eu, como já é costume. Tentou seduzi-lo várias vezes sem conseguir nada, mas ela não se dá facilmente por vencida. Convenceu o senhor barão a antecipar a viagem a Buenos Aires e, quando aqui chegou, começou a perseguir novamente o senhor conde. Ele, desta vez, não teve contemplações e tratou-a como ela merecia, como uma rameira.

— Ameaçou bater-te se não contasses a Miora que a baronesa de Ibar visitava o quarto do senhor conde no Rio de Janeiro? A jovem assentiu, de cabeça baixa.

— Suponho que o fez para se vingar do senhor conde, por este não lhe ter ligado nenhuma. Perdoe-me, Miss Melody. Tenho muito medo da baronesa de Ibar. Quando se zanga, tem a mão pesada. E tem andado muito irritada desde que percebeu que o plano não resultara como esperava, visto que Sua Mercê e o senhor conde não se zangaram.

— Porque resolveste vir dizer-me isto? — Porque me pesa a consciência, Miss Melody. Fiz muitas coisas más a pedido da baronesa, para não apanhar pancada. E, mesmo fazendo tudo o que ela quer, bate-me sempre que está irritada.

— Que tipo de homem é o teu amo, o barão de Ibar? Joana encolheu os

ombros.

— Às vezes defende-me. É um homem estranho. Sabe das porcarias que a esposa faz e não diz nada.

— Queres dizer que o barão de Ibar está a par da obsessão que a esposa tem pelo senhor Blackraven e não diz nem faz nada? Joana assentiu.

— Como sabes tu disso? — Às vezes ouço-os falar dele.

— Do senhor Blackraven? — Sim. Às vezes, porque quase sempre os dois falam em francês, e eu de francês não entendo nem uma palavra.

— Que dizem sobre o senhor Blackraven? — Na verdade, quem fala é a baronesa. Ele ouve-a e ri enquanto ela conta tudo o que faz para o conquistar.

Melody sentiu repugnância. Pôs-se de pé e Joana imitou-a, de imediato.

— Miora, diz a Trinaghanta que traga o meu filho e que depois trateestes ferimentos de Joana. — Voltou-se para a escrava e disse: — Não vais voltar para casa dos teus amos ou ainda te matam de pancada. Ficarás aqui em El Retiro.

— Mas… — Não te preocupes, eu tratarei das questões legais.

Ao entardecer, quando o sol de Verão começava a desaparecer no horizonte, Melody mandava estender uma manta perto do jardim da senhorita Béatrice, debaixo da tília, e sentavam-se aí a tomar orchata e aloja e a comer bolachas e biscoitos. Elisea costumava ler em voz alta um capítulo de um livro, Amy contava episódios das suas aventuras no mar, Melody entoava uma canção em gaélico, Víctor brindava-os com uma exibição de esgrima com o professor Jaime, ou então entretinham-se a chamar a atenção de Alexander ou de Rafaelito e a rir das suas gracinhas e dos seus sons.

Nessa tarde, Melody estava absorta, e nem sequer reparava no riso de Alexander, provocado pelas cócegas que Amy lhe fazia.

Blackraven iria zangar-se ao saber que ela mandara um bilhete ao doutor Covarrubias, pedindo-lhe que iniciasse um processo contra a baronesa de Ibar por maltratar a sua escrava. Aquilo iria ter repercussões na sua amizade com o barão, o que o aborreceria mais ainda. “Porque não voltas, Roger?” perguntava-se, olhando o rio, cada vez mais escuro. Outro dia que estava quase a chegar ao fim e Blackraven não vinha. Voltou a dizer que iria buscá-lo no dia seguinte. Receava encontrá-lo devastado e, à dor e à culpa por experimentar alívio, vinham juntar-se os ciúmes, pois não queria que Blackraven sofresse com a morte de Victoria. Acabaria por enlouquecer. “Que pretendes, Melody Maguire?” dizia, dirigindo-se a si própria. “Que ele esteja feliz? Não seria um homem bom se tivesse tais sentimentos.” Angelita foi a primeira a vê-lo. Largou o que estava a fazer, pôs-se de pé e apontou para o portão de entrada na propriedade.

— O capitão Black! — exclamou. — O capitão Black voltou! Melody viu-o

atravessar o arco da entrada montando Black Jack. O co ração deu um salto no peito e desatou a bater de modo descompassado.

Entregou o menino a Trinaghanta, levantou o vestido do solo e lançou-se a correr, seguida por Sansão, Víctor e Angelita, mas a voz de Amy chamou-os de volta.

— Deixem-nos a sós por um momento — ordenou. — Eles já vêm.

Vem, Sansão, senta-te aqui ao pé de mim.

Blackraven abrandou e saltou do cavalo quando Melody estava já muito perto. Contemplou-a, extasiado. Tinha o cabelo solto e nem sequer vestia luto aliviado, e sim um traje de montar de uma tonalidade verde-esmeralda que ele nunca imaginara que lhe ficasse tão bem. A jaqueta, assertoada, cingia-lhe a cintura e lutava para conter o busto exuberante.

Melody lançou-se nos seus braços e Blackraven fê-la dar voltas no ar, apertando-a em seguida contra o peito e beijando-a apaixonadamente.

— Roger, meu amor! — repetia Melody, chorando.

Ele manteve-a abraçada até que a respiração de ambos se normalizou e os beijos ansiosos se tornaram lânguidos e suaves.

— Devolves-me a vida, Isaura.

— Meu amor, senti tanto a tua falta. Se não tivesses voltado hoje,amanhã eu e o Alexander íamos-te buscar.

— Calculo que já saibas que Victoria morreu na semana passada.

Melody assentiu.

— Espero que não tenha sofrido.

— A varíola é uma doença cruel, Isaura.

— Sim, eu sei. Rezei tanto para que não fosses contagiado. Estava tão angustiada. Por que demoraste tanto a voltar? Julguei que te tinhas esquecido de nós.

— Esquecer-me de ti? Não saíste nem por um momento da minha cabeça, nem tu nem o nosso filho. Se demorei a voltar foi pelo seu bem, pois queria ter a certeza de não ter contraído a doença. Foste ter com o padre Segurola para te vacinar? — Sim, e levei as crianças. Fomos todos vacinados.

— Mostra-me. Onde foi? — Aqui — disse, apontando para a parte superior do braço esquerdo.

— Mostro-te logo quando tirar o casaco. Foi só uma incisão superficial.

— Doeu-te? — Muito pouco. O menino choramingou um pouco, mas cantei sua canção preferida e acalmou-se logo. Vem falar aos outros. Estavam todos ansiosos pelo teu regresso. Não vais reconhecer o nosso filho.

Cresceu tanto, Roger.

Blackraven agarrou-a pela cintura e voltou a cingi-la ao seu corpo.

— Tu estás linda, meu amor. Assim, com o cabelo solto e essa roupa,deixaste-me boquiaberto. Não sei se vou ser capaz de aguentar até logo à noite. Ainda coras, Isaura? Depois de tudo, ainda coras? — É que penso que vais fazer amor comigo esta noite depois de te ter desejado tanto e sinto uma emoção que se reflete no meu rosto. Corei muito? Não quero que me vejam assim.

— Estás adorável.

Caminharam de mãos dadas, com Black Jack atrás. Melody descrevia-lhe as evoluções de Alexander, e Roger apercebia-se do orgulho na sua voz e comovia-se, feliz. Depois de tanto tempo longe dos seres que mais amava no mundo, depois de ter convivido de perto com a morte e com um passado triste, a presença de Isaura e todo aquele ambiente de felicidade eram como uma lufada de ar fresco. Receberam-no com afecto e, enquanto Sansão saltava à sua volta e ladrava com Arduino encarrapitado em cima da cabeça, os outros falavam todos ao mesmo tempo: Víctor, para lhe mostrar as suas novas habilidades de esgrima; Angelita para lhe entregar um lenço com as iniciais do capitão Black bordadas a um canto; Amy para lhe perguntar por Távora e pela sua missão bem-sucedida a Cádiz; e María Virtudes, para saber notícias do tenente-coronel Lane.

— Toma — disse Blackraven, entregando-lhe uma carta. — É Lane quem manda. Podes ficar tranquila, ele está a salvo em Montevideu, sob a proteção do exército do seu país.

–Oh! — María Virtudes ficou a olhar para o envelope lacrado. — Miss Melody, posso retirar-me para o meu quarto para a ler? — Claro que sim.

— Quanto a dom Diogo — Blackraven dirigia-se a Marcelina —, aceitou o meu convite para passar o próximo domingo conosco e depois poderemos ir até a praça de touros se vos apetecer.

— Obrigada, Excelência — murmurou a jovem, corada e feliz.

— Sim, à praça de touros — entusiasmou-se Víctor, fazendo com que Alexander se risse.

Blackraven voltou-se para o filho, nos braços de Melody, e perguntou-se o que acontecera àquele menino frágil que passava a maior parte do tempo a dormir e que, quando lhe pegava ao colo, parecia desmanchar-se. Este, pelo contrário, mantinha-se direito, não parecia intimidado com o barulho nem com os latidos do cão e os seus olhos, de uma tonalidade mais clara do que a anterior, acompanhavam-lhe os movimentos com muita atenção. Agarrou-o e elevou-o acima da cabeça, o que provocou o riso do bebê, uma espécie de gargalhada curta e cristalina que ainda não conhecia. Sentou-se na manta com o filho nos braços e beijou-o nas bochechinhas gordas e nos refegos do pescoço. Cheirava tão bem. Melody queria mostrar-lhe como ele abanava a pequena roca. Alexander sacudia-a com tanta alegria que acabou por bater com ela na testa.

Ficou muito quieto, tentando perceber o que tinha acontecido, até que, depois de um trejeito, desatou a chorar. Blackraven, um pouco assustado, devolveu-o a Melody que cobriu de beijos a testa avermelhada pela pancada. Aninhou-o nos braços e começou a cantarolar junto do seu ouvido. Blackraven via os seus lábios, aqueles lábios de africana com uma tonalidade purpurina, que acariciavam a orelhinha de Alexander e imaginou o calor do seu hálito e a suavidade da mão com que acariciava os ombros do menino. Sentiu-se cansado e, ao mesmo tempo, exultante e recostou-se sobre a manta, a cabeça apoiada nas pernas de Melody que, quando o sentiu, deixou de acariciar Alexander e começou a passar-lhe a mão pelo rosto já áspero àquela hora da tarde. Blackraven adormeceu ao som de uma canção em gaélico.

Em El Retiro, a vida retomou o ritmo anterior à morte de Victoria. Blackraven passava a maior parte do dia na cidade e regressava à noite. Muitas vezes, os assuntos do lagar, e dos fornos obrigavam-no a permanecer durante todo o dia na quinta. A pouco e pouco, Melody recuperava a paz e iam-se esfumando as memórias de Victoria e os sentimentos provocados pela sua morte. Blackraven não falava do assunto e Melody apercebeu-se de que não o fazia, não porque ainda sentisse dor e sim porque, com o seu sentido prático, pusera um fim à questão e estava em paz. É verdade que se mostrava satisfeito e descontraído. Melody sentiu-se feliz por, no segundo dia após o seu retorno, lhe ter dito que fora visitar o padre Mauro e que combinara com ele casarem antes do fim do mês. A cerimônia teve lugar na sexta-feira dessa mesma semana, dia 27 de Fevereiro, na sala de música. Malagrida e Amy Bodrugan foram as testemunhas do casamento e assinaram o livro paroquial juntamente com os noivos. Para Melody, esse dia decorreu de um modo estranho. Muitas vezes, ao recordá-lo, ainda lhe parecia um sonho. Sentira-se ébria de felicidade e atônita, como se não pudesse acreditar que, depois de tudo, ela e Roger, estivessem a unir-se de novo.

— Nunca mais voltarão a separar-me de ti, Isaura — jurou-lhe na noite do casamento, depois de terem feito amor. — Promete-me que nunca mais voltarás a deixar-me.

— Nunca mais, juro.

Blackraven queria voltar a Londres, apesar de os seus assuntos relacionados com a política no Rio da Prata não estarem totalmente terminados, sendo aquele, inclusivamente, um momento pouco conveniente para se ausentar, pois nada estava definido e a resolução poderia dar-se em qualquer sentido. Porém, entendia que, se os ingleses tinham cobiçado a América do Sul, a única maneira de alterar os seus planos de conquista, substituindo-os por outros de independência, seria mexendo os cordelinhos em Whitehall e em Downing Street. A verdade é que não confiava no poder dissuasivo de Beresford se

Auchmuty, como suspeitava, tivesse instruções claras para tomar o Rio da Prata. Traçara alguns planos e elegera os camaradas da Southern Secret League que o secundariam nas ações em Londres. Apoiar-se-ia sobretudo num grande militar e membro da liga, Arthur Wellesley, com quem Távora se reunira antes de zarpar para a América do Sul. Wellesley enviara uma carta a Blackraven, na qual lhe relatava que, depois de ter voltado da Índia, redigira algumas informações a pedido do primeiro-ministro Grenville, apoiando a ideia de promover a independência das colônias espanholas.

Mas Melody dissera-lhe que ainda não estava pronta para partir. Dava-lhe desculpas várias: o menino, a longa viagem, o desconforto do camarote, que iria perder o leite, que ficaria enjoada, que isto e aquilo. Blackraven apercebia-se de que, na verdade, receava ter de enfrentar a sociedade inglesa como esposa do futuro duque de Guermeaux. Adiaria a viagem um ou dois meses, embora já tivesse decidido que, mal terminassem a reparação do barco, partiriam, pois, caso se desse uma invasão ou um bombardeamento a partir do rio, a situação de El Retiro era deveras inconveniente.

Blackraven pensou maduramente durante vários dias se deveria informar os irmãos e filhas de Bela Valdéz y Inclán da sua morte. Por fim, considerou que tinham o direito a saber a verdade. Não obstante, optou por omitir certos detalhes, como por exemplo que ela se tinha suicidado e que só fora enterrada meses mais tarde. No domingo em que dom Diogo foi almoçar com eles, reuniu-os a todos no seu escritório, com excepção de Angelita, e revelou-lhes os acontecimentos, com bastantes alterações.

— Dona Bela — disse —, fugiu do convento, provavelmente arrependida da promessa que dom Alcides lhe arrancara no seu leito de morte. Não devemos julgá-la com dureza. Para uma mulher ainda jovem, como ela, a vida conventual pareceu decerto um túmulo. Vivia modestamente com Cunegunda e uma amiga numa casa perto da zona de San José das Flores. Na manhã em que as encontramos, dona Bela e a amiga estavam mortas, decerto porque terão comido alguma coisa que lhes fez mal.

— Quem era essa amiga, Excelência? — perguntou Leonilda, que se mantinha muito ereta e circunspecta.

— Não sei — mentiu Blackraven.

— Que aconteceu a Cunegunda, Excelência? — continuou a perguntar a irmã de dona Bela.

— Voltou para o convento, visto que é propriedade das Filhas do Divino Salvador. Fazia parte do dote que entreguei quando dona Bela ingressou na congregação.

— Onde foi enterrada a nossa irmã, Excelência? — Perto da cabana onde

vivia, junto à horta.

— Nós a mandaremos trazer para a cidade e a enterraremos em São Francisco — disse Diogo.

— Não — retorquiu Leonilda, com uma firmeza que derrubava qualquer intenção de a contrariar. — Ficará onde escolheu viver. E não se fala mais disto.

Muitas vezes, Blackraven analisava as estranhas circunstâncias da morte de Enda Feelham e perguntava-se se a descrição de Cunegunda não seria o resultado de uma alucinação. Não havia dúvida de que tinham degolado Enda Feelham. Mas custava-lhe acreditar na história do ser bizarro, todo vestido de negro, sem rosto e sem peso que avançava a flutuar e que possuía um vigor anormal. Na sua opinião, tinham-na assassinado por uma questão de vingança, já que não podia dizer-se que tivesse morrido às mãos de um ladrão, quando tudo ficara no lugar e Ovídio ainda encontrara três dobrões no quarto contíguo dentro de uma bolsa de couro, pendurada à cabeceira da cama. Também não se podia dizer que tivesse sido vítima de um violador, pois as roupas estavam intactas e o corpo não apresentava quaisquer sinais de luta. "Um mistério que nunca conseguirei resolver", convenceu-se Blackraven.

Quanto à gestão de Beresford perante os seus homólogos em Montevideu, os resultados não eram brilhantes. Pelo menos assim se declarava na comunicação que Auchmuty enviara às autoridades de Buenos Aires, isto é, ao Cabildo, à Real Audiência e a Liniers, no dia 26 de Fevereiro de 1807 — cinco dias após a chegada dos oficiais ingleses foragidos ao porto de São Filipe—, na qual os censurava pelo não cumprimento da capitulação de 12 de Agosto, exigindo-lhes a devolução do Batalhão 71 e restantes companhias, sob pena de enviar os militares de Montevideu para Inglaterra. Também os intimava a entregar a praça para evitar um desnecessário banho de sangue.

Blackraven recebeu uma carta de Beresford, na qual este relatava a sua intermediação que, tal como Blackraven supunha, até o momento, não dera quaisquer frutos. "Com o gabinete que Lord Grenville encabeça, as ambições independentistas dos meus amigos portenhos serão frustradas, enquanto todas as suas esperanças estiverem colocadas no apoio que iriam receber da nossa milícia. Windham." Beresford referia-se ao ministro da Guerra de Inglaterra. "Dei a Sir Auchmuty instruções bem claras no sentido de conquistar a praça e não falar de independência com os nativos." A viagem a Londres não poderia ser adiada por muito mais tempo, apesar das hesitações de Melody.

Blackraven continuava a espantar-se com a habilidade com que Melody tratava de Alexander. Acabava de lhe dar o banho e era admirável como conseguia ensaboá-lo, apesar de o menino não parar de agitar os braços e as pernas. Por mais que Melody insistisse, recusava-se a dar-lhe banho. Tinha medo

de que Alexander lhe escorregasse das mãos ou lhe entrasse sabão para os olhos. Alexander adorava a água e chapinhava e gritava até que a mãe o retirava da bacia. Nessa altura enfurecia-se e chorava. Melody falava com ele e cantava-lhe enquanto lhe enxugava o corpo e lhe colocava as fraldas e Alexander passava do ataque de fúria para os sorrisos. Depois, já fresco e tranquilo, comia com a voracidade que o caracterizava e, logo a seguir, adormecia.

Blackraven nunca se cansava daquele ritual noturno. Do mesmo modo que meses antes contemplara Melody, enquanto ela escovava e entrançava o cabelo ou espalhava loção sobre as pernas, agora não perdia pitada da azáfama com o menino. Nessa noite, de muito calor, a mulher parecia, mais do que cansada, angustiada. Apresentava olheiras profundas que denunciavam as escassas horas de sono. Por fim, depois de amamentar o menino, pô-lo no berço. Do lugar onde estava, na tina de água, Blackraven viu-a despir-se, amarrar o cabelo. Pensava tomar banho com ele. Viu-a aproximar-se e estendeu a mão para a ajudar a entrar. Melody encostou as costas ao peito dele e suspirou.

— Fecha os olhos e apoia a cabeça no meu ombro. Descansa um pouco enquanto eu te lavo.

Ensaboou-a com a esponja e a suavidade dos seus gestos adormeceu-a.

— Gostaria que Alexander se habituasse a passar sem ti durante a noite. Estou preocupado contigo, meu amor. Acho-te muito magra e cansada.

— A Trinaghanta diz o mesmo — balbuciou Melody.

— Se Alexander não pode passar a noite sem mamar, contrataremos uma ama de leite.

Melody endireitou-se, assustada.

— Não, Roger, não quero ouvir falar de outra mulher a amamentá--lo. Só tomará o meu leite. É o melhor para ele.

— Sim, claro — respondeu satisfeito com a intensidade de sentimentos que a mulher manifestava em relação ao filho. — Nesse caso, Alexander vai ter de aprender que não pode contar contigo durante a noite. Da próxima vez que acorde, eu tratarei dele. Vou tirar do armário a minha velha ocarina e tocarei algumas melodias para tranquilizá-lo.

— Boa ideia— acedeu Melody. — Ele adora música. Vamos fazer a experiência.

O silêncio pairou em volta deles. Uma brisa suave entrava pelas janelas, transportando o aroma do crepúsculo, os ruídos dos insetos e ocoaxar dos sapos. Blackraven passava a esponja pelos braços de Melody até chegar às mãos que repousavam, indolentes, sobre os joelhos.

— Sou feliz, Isaura — disse-lhe ao ouvido. — Nunca tinha sido feliz antes de te conhecer. Pelo menos não deste modo tão sublime.

Melody endireitou-se e voltou a cabeça para o olhar nos olhos.

— Às vezes, quando acordo de manhã, penso que tudo foi um sonho,que, na verdade, tu e eu não estamos casados e que… bem, que ela ainda está viva. Depois, vejo-te a dormir ao meu lado e não sei como explicar o que sinto aqui dentro — levou a mão ao peito —, um calor que me sobe ao rosto e me enche os olhos de lágrimas. Oh, Roger! Acho que não suportaria voltar a perder-te.

— Nunca me perdeste. Isso é algo que tu não compreendes, nem compreendeste naquela altura, por isso te vieste embora.

— Estava tão assustada, tão devastada. Sofri tanto.

— Eu sei, meu amor. Esqueçamos o passado, recordemos apenas os bons momentos. Aguarda-nos um futuro pleno de felicidade com o nosso filho.

— Conta-me alguma coisa bonita. Conta-me o que fizeste hoje na cidade.

— Hoje, minha querida esposa, entre outros assuntos, fui resolver a confusão que tu arranjaste ao colocar sob a tua asa protetora essa rapariguinha brasileira, a Joana.

— O barão de Ibar estava muito aborrecido contigo? — Não, pelo contrário. Apesar da distância que coloquei entre nós,por causa da mulher, recebeu-me com a maior cortesia. Pediu-me desculpa pelos problemas que a baronesa nos tinha causado e prontificou-se, como prova de amizade, a entregar-me Joana como oferta, o que eu aceitei, sem hesitar. De alguma maneira teria de me compensar pelos problemas que a estupidez da mulher nos causou.

— Viste a baronesa? –Não. O barão informou-me de que partirão muito em breve para o Chile. Ah, já me esquecia. Ontem Simonetta Cattaneo apareceu na calle de San José com aquela negra arisca e orgulhosa que é sua escrava.

— Ashantí não é sua escrava. Ela apresentou-ma como a sua melhor amiga.

— Bem, ela apareceu em San José para me dar os sentimentos pela morte de Victoria. Lamentou ter estado fora da cidade durante as últimas semanas, justamente quando Victoria adoeceu. Muito conveniente. Enfim, disse também que iniciaria seu grand tour. Dona Rafaela diz que deixa o pobre Eduardo Romero a suspirar de amor e com o coração partido. Pediu-me que te transmitisse os seus cumprimentos. — Perante o mutismo de Melody, Blackraven deduziu: — Não lhe perdoas a amizade com Victoria, não é verdade? — Melody encolheu os ombros e Roger mudou de assunto: — Sabes, meu amor, Malagrida e a minha mãe são amantes.

— Oh! — Não fiquei nada surpreendido. Existiu sempre um sentimento muito forte entre eles.

— Malagrida pediu-te a mão da tua mãe? Blackraven soltou uma pequena gargalhada.

— A minha mãe casada? Duvido. Ela defende que, se chegou aos cinquenta e

quatro anos solteira, seria uma idiotice mudar agora. Além disso, Malagrida não poderia casar-se com ela. Existe um compromisso anterior que o impede.

— É casado? — depreendeu Melody.

— Sim, algo do gênero. Escandaliza-te? — Teria de ser hipócrita quando desprezei todos os ensinamentos da minha mãe: não cheguei virgem ao casamento, tornei-me amante de um homem casado e a minha luxúria não conhece limites.

— A sério? A tua luxúria não conhece limites? Prova-me que isso é verdade.

Na manhã seguinte, Melody, perante o ar bem-disposto de Blackraven, colocou-lhe uma questão extremamente delicada: Servando e Elisea. Aprendeu nesse dia que a expressão alegre de Blackraven não garantia que, um segundo mais tarde, o seu mau feitio não aparecesse em pleno. Classificou de "aberrante" e "contranatura" a relação da sua pupila com o escravo. A Melody chamou-lhe traidora e Amy, que tentou servir de mediadora, foi posta fora do escritório.

— Falarei com ela sem a sua presença — declarou ao ver que Amy e Melody acompanhavam Elisea. — Saiam e deixem-nos a sós.

Apesar de se manter em silêncio, os olhos postos no chão, Elisea transmitia uma serenidade e uma correção admiráveis. Blackraven fez-lhe sinal para que se sentasse.

— Que loucura te deu, garota? Isaura confessou-me que tu e Servando andam de amores.

— Assim é, Excelência.

— Perdeste o juízo, Elisea? Antes de te ver casada com um negro,obrigar-te-ei a casar com Otárola ou encerrar-te-ei num convento.

— Como fez com a minha mãe — respondeu a jovem, olhando-o nos olhos.

— A tua mãe ingressou na Congregação das Filhas do Divino Salvador porque o prometeu ao teu pai no seu leito de morte.

— Não é verdade, Excelência. Vossa mercê obrigou-a. É certo que foram dias muito duros para mim, mas, mesmo assim, apercebi-me claramente de que havia alguma coisa estranha a acontecer. A minha mãe, uma mulher frívola que adorava festas e dinheiro, nunca teria aceitado ingressar num convento a não ser que Sua Excelência conhecesse uma verdade com a qual a pudesse ameaçar.

— Não sejas insolente, Elisea — ameaçou Blackraven, que detestava ser apanhado de surpresa.

— Não sou, Excelência. Digo a verdade. Com o tempo cheguei apensar que esse segredo que Sua Excelência conhecia era a causa da morte do meu pai e que, de algum modo, envolvia a minha mãe.

— Cuidado, Elisea. Uma palavra mais e sem considerações… — Excelência –

Elisea pôs-se de pé. — Não quero que me ameace.Sinto um grande afecto por Sua Mercê e tenho consciência de que foi graças à sua generosidade que as minhas irmãs e eu não caímos na indigência. Sei também que foi para preservar a nossa reputação que obrigou a minha mãe a dar entrada num convento, em vez de a mandar para a prisão, onde ela merecia estar por ter envenenado o meu pai.

— Basta — o punho de Blackraven abateu-se sobre a secretária. Elisea deu um salto, mas não arrepiou caminho. — Estás a delirar, não sabes o que dizes.

Era assombroso que uma mulher cuja atividade de maior risco fosse confeccionar uma peça de renda possuísse uma inteligência capaz de a fazer chegar a conclusões tão sólidas. "Deveríamos dar mais crédito às palavras do marquês de Condorcet", pensou Blackraven, evocando o nobre francês que defendera os direitos da mulher a participar na vida política. Combatera com grande habilidade Talleyrand, ao expressar: "Por que motivo as pessoas expostas à gravidez e a indisposições passageiras não podem exercer os direitos dos quais ninguém sonharia sequer despojar os homens, que todos os Invernos padecem de gota ou se constipam facilmente?" — Sua Excelência tem razão. Fui longe de mais. Peço que me desculpe.

— Volta a sentar-te.

— Permite que expresse um último pensamento, Excelência? Prefiro fazê-lo de pé.

— Desde que seja um pensamento sensato, tens toda a minha permissão.

— Excelência, não tenho qualquer prova para apoiar o que disse anteriormente e que tanto incomodou Sua Mercê, o que me provoca grande pesar. Embora de uma coisa tenha a certeza. A minha mãe não amava o meu pai e a vida ao seu lado tornou-a muito infeliz. Os meus avós casaram a minha mãe quando ela era ainda uma menina, mal teve tempo de conhecer o meu pai, um homem muito mais velho. Eu não desejo o mesmo nem para mim nem para as minhas irmãs. Quero casar por amor.

— Tens garra, garota — disse Blackraven, com verdadeira admiração. — Falas com a coragem de um exército de cossacos. E suponho que amas Servando, esse negro inculto que não te chega aos calcanhares.

— Servando sabe ler e escrever, Excelência. É um homem honesto e trabalhador.

— Servando é um bom homem, Elisea. Ninguém põe isso em dúvida.Mas é negro e tu és branca, e essa é uma barreira intransponível para a sua união. Já pensaste que serás repudiada pelos da tua condição? — Já me repudiam, Excelência, porque a minha mãe fugiu do convento das Filhas do Divino Salvador e porque rompi o compromisso com o senhor Otárola.

— Essas são questões que podem ser resolvidas, mas o fato de ligares a tua

vida à de um negro é insolúvel, é um ato contranatura e não te darei dote para que cometas um ato como esse.

— Não pretendo receber dote algum, Excelência.

— Garota! — exasperou-se Blackraven. — Não pensaste sequer que também vais ter de te despedir para sempre das tuas irmãs? Os maridos delas nunca permitirão que se relacionem contigo, a mulher de um negro, de um antigo escravo. Não te dás conta de que os seus filhos serão mulatos e que os desprezarão? Não pensaste que nunca entrarão num local de estudo porque não poderão apresentar o certificado de pureza de sangue? — Sim, pensei em tudo isso e noutras coisas mais, Excelência. Pensei que, unindo-me a Servando, serei pobre, não vestirei as roupas bonitas que Sua Mercê me compra, nem comerei a comida requintada que todos os dias é servida à sua mesa. Não terei perfumes, nem joias, nem uma cama confortável, nem um quarto bonito com móveis de qualidade, nem pratas, nem nenhuma das coisas que agora tenho à disposição, graças à sua generosidade. Contudo, posso prescindir de tudo isso. De quem não posso prescindir é de Servando.

"Valha-me Deus, garota! Não sabes como te compreendo. No entanto…" — Elisea, Isaura e eu desejamos a sua felicidade, a tua e a das tuas irmãs. Ela afirma que tu e Servando serão mais felizes se ficarem juntos. Apesar de ter em grande conta a opinião da minha mulher, nesta questão discordo dela. Mas não quero ser o culpado da tua infelicidade, afastando-te da pessoa que dizes amar. Farei os preparativos necessários para que passes algum tempo no convento de Santa Catarina de Siena. Aí poderás conhecer os rigores de uma vida de pobreza e sacrifício, a mesma que levarias se te casasses com Servando. Aí refletirás sobre os teus sentimentos e sobre a mudança drástica que levará a tua vida, caso decidas unir-te a um homem que a nossa sociedade considera um ser inferior. É meu desejo que, durante esses dias de retiro e silêncio, compreendas que, se decidires unir o teu destino ao de um negro, te tornarás, para os da tua condição, numa negra, e para os negros, numa branca que atraiçoou a sua raça. Para os brancos não serás branca, para os negros não serás negra.

— Mas serei a mulher de Servando, Excelência. Não me assusta aprova que Sua Mercê achou por bem impor-me. Estou preparada, desde que conte com a ajuda de Deus. E não me assusta a vida que me aguarda junto a Servando. Estou preparada também, com a ajuda de Deus.

Blackraven assentiu, de sobrolho cerrado. Continuava a comovê-lo a integridade de Elisea. Poucas vezes se confrontara com um homem com a integridade moral e coragem daquela jovenzinha criada com todos os cuidados. Fez-lhe sinal com a mão para que se retirasse. Antes que Elisea tivesse tido

tempo de transpor a ombreira da porta, disse-lhe: — Elisea, tira da cabeça essa ideia de que o teu pai não teve uma morte natural. A tua mãe ingressou no convento porque o prometeu a Alcides. Mais tarde, arrependida, porque ainda era jovem e gostava das festas e do dinheiro, como tu bem disseste, decidiu fugir. Só isso.

— Obrigada, Excelência — murmurou a jovem. — Sua Mercê é uma pessoa muito bondosa.

Nesse mesmo dia, à tarde, Blackraven foi visitar dona Rafaela e, sem lhe dar grandes explicações, pediu-lhe que tratasse de falar com a madre superiora do convento de Santa Catarina de Siena sobre a entrada no claustro, por uma temporada, da jovem Elisea Valdéz y Inclán. O donativo, esclareceu, seria substancial.

— Enquanto durar a estada no convento, Elisea não receberá visita alguma — especificou Blackraven. — As suas condições no convento deverão ser de uma austeridade espartana.

— Assim será, Excelência — assegurou dona Rafaela. — Falta pouco para a Quaresma, período de jejum, abstinência e meditação.

Nessa noite, não foi dormir a El Retiro, continuava aborrecido com Melody por esta lhe ter ocultado a questão entre a pupila e o escravo. A sua pupila e o seu escravo! Ainda lhe custava a crer que uma jovem tão bonita e educada como Elisea se tivesse apaixonado por um negro. Bateram à porta do escritório. Deveria ser Servando, pois tinha-o mandado chamar.

— Entre.

Apesar de o yolof ter recuperado a condição de homem livre, na presença de Blackraven continuava a comportar-se como escravo, tirava a boina e baixava a cabeça. Ainda lhe chamava patrão Roger.

— Mandou-me chamar, patrão Roger? — Soube que, nas minhas costas, te dedicaste a namorar a minha pupila Elisea.

Servando olhava-o agora como homem livre que era e, nesse olhar, Blackraven reconheceu a ferocidade possessiva que experimentava em relação a Isaura. Tal como em Elisea, não havia medo nem vergonha na atitude do negro, e sim um claro desafio.

— Como deverei castigar-te por um ato tão baixo? — A que sua Excelência considerar mais cruel, ainda que nem quinhentas chibatadas consigam matar o amor que sinto pela senhorita Elisea, patrão Roger.

— Tens tomates, diabos te levem! Tenho de reconhecer. Agora, junta as tuas coisas e sai desta casa.

— Sim, patrão Roger.

Melody demorou vários dias a compreender que as medidas tomadas por

Blackraven se destinavam a preparar Elisea e Servando para a vida que tinham escolhido. No convento, ela iria aprender o significado das palavras carência, austeridade e solidão. Quanto a Servando, afastando-o do abrigo da casa de San José, confrontava-o com a necessidade de procurar um tecto, roupa e comida. Embora não o tivesse posto fora do trabalho que ele executava em La Cruz del Sur, o yolof não voltou a aparecer lá, o que os mestres curtidores bastante lamentaram, pois era extremamente habilidoso em todas as tarefas que executava. Começara a ensinar os outros empregados a esquartejar os animais, evitando todos os desperdícios. Mais tarde, quando Florestán, o marido da negra Escolástica, tomou o matadouro a seu cargo, aprendeu a acomodar as tiras de carne nas barricas com sal, e fazia-o de modo tão acertado que a carne nunca apodrecia.

Melody foi até a cidade, na esperança de o encontrar. Voltara ao antigo ofício de estofador. Aliás, vivia no alpendre da oficina. O senhor Cagigas, patrão de Servando, mostrou-se muito solícito e honrado com a visita da condessa de Stoneville e autorizou que Servando se ausentasse do trabalho por alguns momentos para falar com ela. Conversaram dentro da carruagem e, embora Melody soubesse que Milton —que a escoltara nessa manhã — iria contar tudo a Blackraven, não se importou.

— O seu filho é um menino lindo, Miss Melody — declarou o yolof,enquanto observava Alexander nos braços de Trinaghanta.

— Obrigada, Babá. — Melody pegou-lhe nas mãos. — Babá, não sabes como lamento. A culpa foi toda minha por julgar que Roger não se zangaria e que iria ajudar-vos.

— Nada disto é culpa sua, Miss Melody. A culpa foi minha por aspirar a uma mulher que está fora do meu alcance. Nunca deveria ter-me apaixonado por Elisea. Só consegui estragar-lhe a vida. Quanto ao patrão Roger, foi muito correto comigo. Poderia ter-me mandado prender ou enforcar.

— Roger prometeu-me que Elisea, quando terminar a sua temporada no convento, será dona do seu destino. Se continuar a desejar casar-se contigo, ele não a impedirá. Embora tenha dito que não lhe dará dote.

Servando soltou uma gargalhada desprovida de alegria.

— Miss Melody, nunca pensei no dote de Elisea.

— Eu sei, eu sei — disse, dando-lhe uma palmadinha na mão.

— Pensei muito, Miss Melody. Apercebi-me de que fui um homem mau ao pretender arrastar Elisea para uma vida de escravos.

— Tu agora és livre, Babá.

— Sou negro, Miss Melody. Para os brancos, serei escravo até o fim da minha vida porque papel algum, por mais selos e assinaturas que tenha, me tirará a cor

da pele.

— Oh, Babá, não me digas que decidiste abandonar Elisea. — Servando assentiu, de cabeça baixa. — Não, Babá. Isso matá-la-ia. Ela está a suportar a tortura do convento para poder voltar para ti a seguir. Vais matá-la com essa atitude. Sabes bem que ficar sem ti a levará à morte.

— Eu é que a levarei à morte se a obrigar a viver uma vida de dificuldades ao meu lado.

— Não, estás enganado. Ela disse que tem perfeita consciência deque será repudiada, de que será pobre, de que não terá vestidos bonitos nem uma casa bonita, nem móveis, nem nada. Sabes o que disse ao Roger? "Posso prescindir de tudo isso. De quem não posso prescindir é de Servando." O negro começou a soluçar. — Babá, olha para mim. Babá, querido Babá, não sofras. Esta provação vai passar e tu e Elisea vão ser felizes. Eu estarei sempre do seu lado e ajudar-vos-ei. Nada vos faltará.

— Miss Melody… — Vocês podem ir para o Haiti. Amy prometeu levar-vos. Aí começarão uma vida nova, longe deste lugar onde vos conhecem e não vos compreendem. — Olharam-se nos olhos e Melody viu a dúvida na expressão de Servando. — Jura-me, Babá, pela tua vida, que não abandonarás Elisea. Jura-me. — Juro.

A notícia dos amores entre Servando e Elisea foi um forte abanão nos alicerces da família Valdéz y Inclán. A senhorita Leonilda não abriu a boca durante vários dias, as irmãs de Elisea — com excepção de Angelita, a quem não tinham contado nada — choravam escondidas e dom Diogo jurava que havia de capar aquele negro safado.

— Se Sua Mercê levar a cabo alguma ação contra o liberto Servando — declarou Blackraven —, vai me provocar uma grande contrariedade.

— Excelência — exasperou-se dom Diogo. — Pede que ignore esse assunto e não obrigue esse filho da mãe a pagar pela sua afronta? — Estou a pedir-lhe que não se imiscua num assunto que me compete apenas a mim. À hora da morte, dom Alcides pediu-me que cuidasse das suas quatro filhas. Elas são responsabilidade minha. Bom ou mau, o meu critério prevalecerá sobre os seus destinos.

Dom Diogo sentia-se ultrajado, e a sua raiva e impotência eram genuínas. Mas sabia também que contrariar o conde de Stoneville lhe traria apenas inconvenientes. Para começar, eu o despediria da fábrica e o deixaria sem Marcelina e sem dote.

— Julgo que, para o bem das suas irmãs, Elisea não deveria sair mais do convento de Santa Catarina de Siena — opinou, com menos veemência.

— Permanecerá ou sairá de acordo com o que eu achar mais conveniente.

— Excelência, sinto-me muito honrado com a preocupação que manifesta pela felicidade da minha sobrinha Elisea, mas suplico-lhe que considere também a reputação de Marcelina, de María Virtudes e de Angelita, que já sofreu um rude golpe quando a minha irmã Bela decidiu fugir do convento. Seria a ruína completa se viesse a saber-se que Elisea se envolveu com um negro, antigo escravo da casa de San José.

— Sua Mercê desiste da sua intenção de desposar Marcelina de -vido ao deslize da sua irmã mais velha? — Não, claro que não! — Também não me parece que o tenente-coronel Lane retire a sua proposta de casamento com María Virtudes, uma vez que, estando a par da fuga de dona Bela do convento, ainda assim a escolheu como esposa.

— Isto é mais grave, Excelência. Lane poderá voltar atrás.

— Duvido. Quanto a Angelita, viverá a maior parte do tempo conosco em Inglaterra, onde ninguém conhece esta infeliz ocorrência.

XXVI

Com o passar dos dias, as águas foram-se aquietando, a senhorita Leonilda voltou a partilhar as refeições com a família e as garotas deixaram de chorar, fazendo com que aquela atmosfera carregada e tensa começasse aos poucos a dar lugar a um outro ritmo, no qual a ausência de Elisea, apesar de sentida, era aceite com um espírito de resignação. Ninguém pronunciava o seu nome, com excepção de Melody que pedia pelo seu bem-estar sempre que rezavam o terço, a seguir ao pequeno-almoço, reunidas na sala particular. Estavam na Quaresma e, com o mês de Abril, tinham chegado os primeiros frios, o que fazia com que Melody se sentisse amargurada ao imaginar as privações a que os rigores de um convento submeteriam uma jovem voluntariosa e pecadora. Dar-lhe-iam pão e água e, de noite, não lhe forneceriam nem um cobertor. Elisea, de constituição débil, acabaria por morrer de pneumonia.

Blackraven, apesar da infinidade de assuntos que o ocupava, ouvia pacientemente as queixas e dúvidas de Melody em relação à sua pupila, embora não desse o braço a torcer: Elisea só sairia do convento quando ele achasse apropriado. Embora não lhe tivesse dito nada a esse respeito, Melody sabia que ele não partiria para Londres, deixando-a ali, exposta aos perigos de um ataque inglês.

Beresford tinha zarpado rumo a Inglaterra no dia 26 de Março, no navio Diomede, não tendo conseguido convencer Auchmuty a apoiar a independência do vice-reinado. Sir Auchmuty compreendera perfeitamente as vantagens de tal posição e, numa carta ao ministro da Guerra,William Windham, aconselhava-o a mudar de estratégia. “O outro partido é o dos criollos, a que se somam alguns espanhóis há muito estabelecidos naquela terra. Estes, cansados do jugo espanhol, estão ansiosos por se libertar dele e, embora a sua falta de cultura e a rusticidade dos seus temperamentos os impeçam de constituir um governo próprio, aspiram a seguir os passos dos americanos do Norte e a formarem um estado independente. Se nós prometêssemos a independência imediata, se ergueriam contra o governo e parte dos seus habitantes unir-se-ia a nós.” Por seu turno, Beresford, antes de partir, escrevera a Blackraven prometendo-lhe que, mal chegasse a Londres, transmitiria às autoridades a conveniência de apoiar a libertação das colônias espanholas.

Nessa quinta-feira dia 10 de Abril, ao meio-dia, Blackraven dirigia-se a cavalo para a fábrica de sabões de Vieytes e de Rodríguez Peña, onde iria reunir-se com os partidários da independência. Pelo caminho, ia fazendo uma avaliação do

estado em que Buenos Aires ficaria quando partisse para Londres. Em relação à política externa do vice-reinado, a situação poderia definir-se como de expectativa tensa, pois tanto Liniers como Álzaga e os ouvidores da Real Audiência esperavam que os ingleses atuassem para reagir. As poucas ações que empreendiam eram efetuadas numa frente comum, sem fissuras nem cisões. No âmbito interno, continuavam todos a conspirar para conquistar uma fatia do poder. Na opinião de Blackraven, Buenos Aires continuava a ser a cida de de princípios de 1806: um covil de espiões ingleses, franceses e portugueses, e de funcionários e comerciantes corruptos, ávidos de dinheiro e de poder.

Admitia que Álzaga trabalhava arduamente no Cabildo e que estava a conseguir pôr em ordem as caóticas questões administrativas e financeiras da cidade. Blackraven tinha-o sob controle e conhecia todos os seus movimentos, graças às informações que ia recebendo com frequência de Covarrubias e dos seus espiões O'Maley e Zorrilla. Liniers, preocupado em agradar à sua amante, Anita Perichon, e à organização do seu exército, era fácil de manobrar. Visitava-o com frequência nos seus aposentos no Forte, devido a questões relacionadas com o fornecimento de roupa e mantimentos às tropas, ocasiões durante as quais mantinham longas conversas, manifestando o francês as suas apreensões quanto a um confronto com os ingleses em campo aberto, à possibilidade de os atacarem com balas de canhão a partir do rio ou de os cercarem até que a fome os obrigasse a renderem-se.

Na fábrica de Vieytes e Rodríguez Peña, Blackraven sentiu a falta de Juan Martín de Pueyrredón. A viagem a Espanha representaria uma demora na obtenção dos objetivos do partido independentista, pois, embora contassem com homens enérgicos e de discernimento brilhante, nenhum deles era capaz da decisão, coragem e temperamento sanguíneo tão apreciados numa revolução. Teve a palavra Mariano Moreno: —Se, mesmo tendo Espanha nos abandonado do ponto de vista militar, não nos enviando armas ou tropas, e tendo Sobremonte fugido como um rato assustado, nós pudemos organizar-nos e correr com os ingleses, podemos perfeitamente prescindir de Espanha para tudo e governarmo-nos como muito bem entendermos.

— Tanto quanto sei — interveio Roger —, Sobremonte pediu tropas ao Príncipe da Paz — referia-se ao ministro de Carlos IV, Manuel Godoy —, que nunca as enviou.

— Excelência, o marquês de Sobremonte era subinspetor-geral das tropas deste vice-reinado quando informou Sua Majestade de que era inútil e oneroso o envio de regimentos de Espanha, podendo ele, com um simples tiro de canhão, reunir em Buenos Aires trinta mil homens de milícia treinados e disciplinados. Ao assumir a responsabilidade, a atividade, formação e disciplina de tão

numeroso corpo, julgou estar a cair nas boas-graças do rei, conseguindo em simultâneo que se suspendesse o envio dos regimentos tão necessários para nós e verificando-se apenas a remessa do armamento que viria com eles. É este o pecado principal do senhor Sobremonte, o princípio verdadeiro da sua ruína e, quem sabe, da nossa.

"Falam de mais, planificam pouco e executam ainda menos", pensou Blackraven, cansado de ouvir sempre a mesma ladainha, na qual se repetiam os temas: a prisão de Sobremonte, a fuga dos oficiais ingleses, a participação de Saturnino Rodríguez Peña e a possibilidade de Beresford interceder a seu favor perante as autoridades de Whitehall. Horas mais tarde, durante o caminho de regresso a El Retiro, Blackraven concluía que, embora a invasão dos ingleses, ocorrida em Junho de 1806, tivesse demonstrado aos habitantes do Rio da Prata que poderiam prescindir da proteção da coroa espanhola, que, em boa verdade, os abandonara já há algum tempo à sua sorte, aquela segunda invasão, aguardada a todo o momento, viria atrasar o processo de libertação, visto desviar as atenções e obrigá-los a unir-se, monopolistas e independentistas, com o objetivo de formar uma única frente face ao inimigo comum. "A hora da independência ainda não chegou", convenceu-se com alguma frustração, "e a ocasião de uma revolta que destitua para sempre os espanhóis virá no dia em que os criollos tiverem os olhos postos apenas na questão interna, e a sua paciência tiver chegado aos limites. É urgente que volte a Londres", decidiu.

Mas, antes de voltar, tinha alguns assuntos a resolver: a alforria dos escravos e a transferência da família Valdéz y Inclán, bem como dos seus servos para os terrenos da Bella Esmeralda, onde ficariam bem protegidos, se Buenos Aires caísse vítima de balas de canhão, fosse cercada, ou se as tropas inglesas irrompessem com a violência que tinham feito em Montevideu, ou com ainda mais fúria, pois cobrariam aos portenhos a falta de cumprimento dos termos da capitulação e o envio de tropas para pontos distantes do país.

No que dizia respeito à alforria, os mestres curtidores e o senescal Bustillo sondavam há algum tempo qual seria a vontade dos escravos, caso recuperassem a sua condição de homens livres. A maioria manifestara desejo de continuar a trabalhar para o patrão Roger, pretendendo inclusivamente ficar a morar debaixo do seu tecto. Alguns outros, não muitos, preferiam seguir novos rumos, e nenhum expressou vontade de regressar a África. Com essa segurança, decidiu dar início à papelada e, como Covarrubias estava muito atarefado no seu posto da Real Audiência e como assessor legista de Álzaga, Blackraven deixou o assunto nas mãos do doutor Mariano Moreno. A notícia encheu Melody de felicidade. Ficou também muito satisfeita quando soube que, em finais do mês de Abril, antes de partir para a Bella Esmeralda — pretendia verificar se estaria

em condições de receber os Valdéz y Inclán —, Blackraven tomara todas as disposições para que Elisea abandonasse o convento.

— Há mais de um mês que a internei nas Irmãs de Santa Catarina de Siena. Julgo que se trata de um período de tempo suficiente para meditar.

— Oh, sim, Roger! Sim, querido. Mais do que suficiente.

— A madre superiora disse a dona Rafaela que poderás ir buscá-la amanhã, depois da Noa — Blackraven referia-se à oração do ofício divino às três da tarde. — Virá para El Retiro e ouve bem, Isaura, Elisea está proibida de ver Servando. Quando eu voltar de Bella Esmeralda — continuou —, zarparemos para Londres. O abastecimento dos barcos está praticamente concluído, falta apenas carregar as barricas de água. Quero que tu e o menino estejam prontos para partirmos de imediato.

— Sim, Roger.

No dia seguinte, levantou-se de madrugada para seguir viagem, na companhia de Somar, rumo a Capilla del Señor, a cerca de quinze léguas a noroeste de Buenos Aires. Embora a princípio tivesse pensado levar mais homens consigo, pois tratava-se de um caminho cheio de assaltantes, acabou por desistir, pois a proximidade de El Retiro era demasiado grande para ficar entregue à vigilância de meia dúzia de homens. Armou-se com duas pistolas e pôs ao peito uma cartucheira, além do estoque e da adaga, pedindo a Somar para que fizesse o mesmo. Melody já estava pronta para se despedir. Fazia muito frio e entregou a Blackraven um poncho para que o envergasse sobre o capote de fustão.

— Toma cuidado, Roger — pediu-lhe, ansiosa. — Volta depressa.Levas a comida que te preparei? — Sim, meu amor, pus tudo no alforge. Não te preocupes, estarei de volta dentro de poucos dias. E és tu quem deve ter cuidado. Não saias sem a proteção de Milton, Radama ou Shackle. Promete-me.

— Prometo.

Beijaram-se, e quando o beijo terminou, Blackraven manteve o rosto de Melody entre as mãos e a testa apoiada à dela.

— Amo-te, Isaura — disse, antes de se afastar. Montou Black Jack de um salto e, sem olhar para trás, galopou até o caminho que ladeava o barranco. Somar seguiu-o num passo mais tranquilo.

Quando chegaram perto da aldeia de San Isidro, abrandaram a marcha para dar descanso aos cavalos. O sol erguera-se acima do rio, transformando-o num mar dourado. Estava uma manhã gloriosa, com um céu de tonalidade cerúlea, limpo, sem nuvens e com uma brisa que transportava os aromas do campo. “Um bom dia para navegar”, pensou Blackraven, dizendo a si mesmo que muito em breve estaria a bordo do Sonzogno, rumo a Londres, com a mulher e o filho. De repente ficara cheio de vontade de regressar e de mostrar a Melody a sua amada

Cornualha.

Tudo aconteceu muito depressa e a confusão deixou-o atordoado. Ouviu um som, um ruído seco e contundente semelhante ao de metal contra metal e, em seguida, sentiu uma impressão no couro cabeludo e na testa. Passou as costas da mão pelo olho direito, pois ficara com a vista nublada e percebeu que era sangue. Ficou a olhar, incrédulo, para a mão ensanguentada até que se apercebeu de que estava a cair do cavalo. Ouviu Somar, que o chamava aos gritos, antes de cair inconsciente.

Apesar de se dirigir à cidade para visitar o túmulo de Jimmy — fazia nesse dia, 26 de Abril, dez meses da morte —, Melody sentia-se bem-disposta. Na véspera, à hora prevista, tinha ido buscar Elisea ao convento. Pálida, cheia de olheiras e enfraquecida, estava serena e com um leve sorriso nos lábios. Abraçaram-se no locutório e, seguidas por Milton, que transportava o pequeno baú com os pertences da jovem, abandonaram o adro da igreja de Santa Catarina, de braço dado. Caminharam até a carruagem.

— O senhor Blackraven determinou que ficasses alojada em El Retiro,mas, antes disso, quero que me acompanhes à cidade, tenho de tratar de um assunto.

Milton parou a carruagem frente à oficina do senhor Cagigas. O estofador mostrou-se mais uma vez honrado com a visita, permitindo que o aprendiz Servando tomasse alguns minutos para si.

— Sobe para a carruagem — disse Melody, fechando a porta mal ele entrou.

Afastou-se um pouco para lhes dar maior intimidade. Milton olhou-a da boleia e Melody lançou-lhe um olhar cúmplice.

— Não vais dizer nada ao senhor Blackraven acerca deste encontro.

— Se o capitão Black fica a saber (e pode ter a certeza, senhora condessa, de que ele vai saber), arranca-me o fígado.

— Dizes sempre o mesmo, que ele te vai arrancar o fígado, mas a verdade é que nunca o fez.

— Deve ser porque Sua Mercê intercede. Mas não tenha dúvidas,senhora condessa, de que o capitão Black é bem capaz de o fazer — e contou-lhe uma história de quando Samuel, o mestre do Pigmalion, se embebedou quando estava de guarda e quase chocaram contra um icebergue no mar do Norte.

Dentro da berlinda, Elisea e Servando beijavam-se, choravam e prometiam um ao outro amor eterno, tudo ao mesmo tempo. Ao voltar a estreitá-la nos braços, Servando esquecera todas as intenções de se afastar da vida da sua amada, e com esperanças renovadas, assegurava-lhe que muito em breve ficariam juntos para sempre.

— Miss Melody diz que a senhorita Amy mantém a sua oferta de nos levar para o Haiti.

— Acabo de sair do convento, Servando. Agora tenho de voltar para El Retiro e enfrentar a minha família e o senhor Blackraven. Depois disso, faremos planos. Não te assustes, não tenho medo. O nosso amor dá-me forças e Miss Melody apoia-me. Nada correrá mal.

— Receio que te ameacem ou consigam convencer-te de algum modo a deixar-me.

— O senhor Blackraven poderia ter-me encerrado para sempre na -quele convento que não o teria conseguido. É evidente a sua boa-vontade.

— E a tua tia Leonilda? E o teu tio Diogo? Eles devem pensar de modo bem diferente.

— Eu sei, mas o meu tutor é o senhor Blackraven, só a ele devo obediência.

Miss Melody bateu na porta da berlinda e obrigou-os a despedir-se. Nessa manhã, a caminho de Buenos Aires, Melody revivia o encontro da véspera entre Elisea e Servando e sorria inconscientemente ao recordar as expressões dos seus rostos, que, apesar das marcas de cansaço e preocupação, pareciam brilhar.

"Hoje vai ser um dia agitado", pensou, pois planejara fazer várias visitas depois de passar pelo cemitério. Iria ver dona Rafaela, Isabella e o capitão Malagrida, Lupe Moreno — aproveitaria para falar com o marido e perguntar-lhe pela alforria massiva — e Pilarita Montes, que estava só, pois o barão de Pontevedra partira para a sua anunciada viagem a Misiones. Blackraven dera-lhe poderes para que comprasse alguns hectares de terreno em seu nome. Naturalmente visitaria o albergue Martín de Porres. Há meses que não ia lá, desde antes do nascimento de Alexander. A instituição ficara nas mãos de Lupe e Pilarita, e ela limitava-se a enviar dinheiro.

Melody deu uma vista de olhos aos seus acompanhantes. Trinaghanta embalava Alexander, que se debatia entre o sono e a emoção de estar na carruagem. Víctor, Estevanico e Angelita tentavam brincar às cinco pedrinhas em cima do assento, sem grandes resultados, pois, a cada solavanco, as pedrinhas espalhavam-se e resvalavam, desatando os três a rir às gargalhadas, o que sobressaltava Alexander.

O sorriso de Melody desapareceu subitamente ao ouvir o som de um disparo. Espreitou pela pequena janela da carruagem e verificou que acabavam de atravessar o desfiladeiro de Matorras, ainda longe da cidade, e que Radama seguira pelo caminho do Bajo, lugar ermo, cheio de quintas e baldios. Os disparos sucederam-se intercalados pelo ruído dos cascos dos cavalos e com uma algazarra de pôr os cabelos em pé. Teve a impressão de que aqueles gritos provinham de criaturas ferozes. Radama abriu a janelinha que estabelecia a comunicação entre a boleia e a cabina.

— Senhora, estamos a ser perseguidos por salteadores. Deitem-se no chão e

cubram a cabeça. Vou tentar despistá-los. — Fechou a janelinha e Melody ficou atônita, sem reação.

— Meninos para o chão! — ordenou Trinaghanta, enquanto colocava uma manta para acomodar Alexander.

Melody pegou no filho ao colo e aninhou-o junto ao corpo, tentando protegê-lo dos solavancos, saltos e tombos da berlinda. Angelita choramingava, enquanto Víctor e Estevanico lhe dirigiam palavras de consolo em voz chorosa. Trinaghanta rezava à deusa Kali numa língua ininteligível. Melody não conseguia rezar nem pensar com clareza. Levantava a cabeça, tentando distinguir o que se passava lá fora e voltava a baixá-la para olhar para o filho. Alexander não chorava, limitando-se a devolver o olhar ansioso da mãe com os olhos turquesa muito abertos.

De vez em quando, Melody certificava-se de que Víctor, Estevanico, Angelita e Trinaghanta estavam bem e, de modo quase mecânico suplicava: “Senhor, fazei com que o Víctor não tenha um ataque.” Estendeu a mão e agarrou na do menino.

— Vai tudo correr bem, meu querido. Não te assustes. Nada de mal vai acontecer.

— Eu não vou ter nenhum ataque, Miss Melody. Prometo.

— Claro que não, tu és um rapazinho muito corajoso.

O barulho dos cascos dos cavalos aumentou. Os cavaleiros aproximavam-se da berlinda por ambos os lados. Radama agitava as rédeas,incitava os cavalos com gritos na sua língua materna, descarregando o chicote sobre as ilhargas dos animais que, mesmo assim, perdiam velocidade. A carruagem voltou-se perigosamente no momento em que ouviram um estrondo no tecto, mesmo por cima das suas cabeças. “Um dos salteadores”, deduziu Melody, “subiu para a berlinda”. Deu-se conta de que estavam perdidos, Radama não conseguiria conduzir os cavalos e defender-se do malfeitor que o atacaria pelas costas. Não se ouviam tiros há algum tempo, até que um novo estrondo, seguido de um lamento, os assustou.

A berlinda parou bruscamente. Melody apertou Alexander contra o peito e assim ficou, dobrada no chão da carruagem, a chorar e a repetir o Pai-Nosso, de forma maquinal. Os assaltantes festejavam a vitória com uma gritaria que ela tentava abafar com a sua prece dita num tom de voz cada vez mais alto. Não os ouviu abrirem a porta.

— Todos fora! Trinaghanta foi a primeira a descer, seguida de Estevanico, Víctor e Angelita, que choravam em coro de mãos dadas. Melody desceu a seguir, agarrando Alexander com todas as forças. Estendendo uma mão, puxou para junto de si as crianças, que se abraçaram à sua cintura, colando as caras ao

seu corpo.

— Não se preocupem — animou-os Melody —, não nos farão mal. — A insegurança da sua voz não estava de acordo com as palavras que pronunciava.

À sua frente, formados em linha, podiam ver cinco homens com o pior aspecto possível, bastante sujos e de olhares maliciosos. Vestiam roupas estranhas e estavam armados com várias pistolas e dois tipos de sabres.

— Condessa de Stoneville? — perguntou um dos malfeitores, baixo e atarracado a quem faltavam vários dentes.

— Tenho dinheiro — balbuciou, a custo, Melody — e algumas joias.Podem ficar com tudo, mas não nos façam mal, por favor.

— O capitão não está interessado nas joias, nem no dinheiro. Ao capitão só interessa Sua Mercê. Agora voltem para a carruagem.

— Que vão fazer com o meu cocheiro? — perguntou Melody, reparando em Radama, inconsciente na boleia.

— Não deveria preocupar-se com esse homem, senhora condessa, e sim com o seu destino que agora está nas nossas mãos.

— Quem são vocês? Quem é o seu capitão? Por que querem me levar? Deixem minha serva e as crianças. Não os levem.

Ninguém lhe deu resposta. Obrigaram-nos a subir para a berlinda, com encontrões e palavras obscenas e fecharam a porta com brusquidão. O carro oscilou quando um dos bandidos saltou para a boleia. Ao ouvir o ruído que produzia o corpo de Radama, ao ser arremessado para a berma do caminho, Melody mordeu o punho e abafou um grito de pavor. A berlinda pôs-se em marcha e seguiu pelo mesmo caminho, para sul.

Um homem incrivelmente forte mantinha-o preso e dava-lhe dolorosas pancadas na cabeça. Como se tivesse de suportar aquela afronta, Blackraven mantinha-se quieto e aguardava com estoicismo a pancada seguinte. Acordou em sobressalto, atacado por uma náusea, e deu-se então conta de que se tratara de um sonho e de que as pancadas eram as fortes dores que sentia no alto da cabeça. O coração batia descompassado e na garganta tinha um sabor ferroso que lhe inundou a boca. “Onde estou? Que me aconteceu?” Tinha a cabeça tombada sobre o peito e, ao tentar levantá-la, a dor instalada na nuca propagou-se até o estômago, provocando-lhe novos vômitos. Tentou novamente, desta vez muito devagar e com todos os cuidados, procurando abrir as pálpebras que pareciam de chumbo. Tinha a vista nublada, mal conseguia distinguir os vultos coloridos à sua frente e demorou vários segundos até conseguir focar a visão.

As cores eram as das vestes de Somar que, tal como ele, estava sentado, manietado e sem sentidos. O turco conservava as roupas. Blackraven, pelo contrário, estava despido. À medida que ia tomando consciência da sua situação,

apercebia-se do mal-estar do seu corpo. Doíam-lhe os ombros e os braços que, para o prender, tinham sido puxados e amarrados nas costas da cadeira. As grilhetas de couro que lhe agarravam os pulsos estavam molhadas e, ao secar, apertavam-lhe mais a carne e cortavam-lhe a pele. Tinham utilizado as mesmas cordas para lhe amarrar os pés descalços, e uma corda grossa de estopa que dava várias voltas em torno do corpo. Tentou mexer-se, mas em vão: estava preso àquela cadeira como um canhão à carreta.

Na penumbra daquele lugar, percebeu que deveria estar a entardecer. Estavam numa cabana miserável, daquelas a que os criollos chamavam "rancho", com paredes adubadas e telhado de canas e maçarocas de milho verde, piso de terra batida e uma única abertura, com um pano pendurado de uma trave servindo de porta. O mobiliário era escasso e artesanal: uma armação de cama com um colchão de palha, uma mesa e quatro cadeiras, a duas das quais estavam Somar e ele amarrados. Viam-se vários objetos: trempes, peças de louça, tachos, uma panela de latão, jarros de barro, uma garrafa de grés, duas palmatórias sobre a mesa com velas acesas, mecha e restos de pão e de outros alimentos que Blackraven não conseguia distinguir. Ao ver a garrafa, deu-se conta de que tinha a garganta em brasa, mas, não tendo a mais pequena possibilidade de chegar à bebida, continuou a observar o ambiente à volta. Perguntou-se onde estariam as suas peças de vestuário, o estoque e as botas. Sentiu-se angustiado ao pensar em Black Jack.

— Somar! — gritou, mas a voz saiu áspera da sua garganta e a dor intensificou-se. — Somar, acorda, raios! Somar! O pano da abertura foi corrido e Blackraven ficou perplexo ao ver aparecer um homem alto, de estatura atlética, todo vestido de negro, com um chapéu de abas largas. As feições moldavam-se na perfeição a uma máscara que lhe velava por completo o rosto. "Esta máscara foi feita à medida", pensou Roger. O mais estranho não era o fato de vestir negro, na verdade, Amy Bodrugan também o fazia, e sim o não se ver outra cor na sua estranha vestimenta de peça única, nem nas fivelas, nem nas costuras, nem um botão, nem um centímetro de pele. Todo o seu corpo estava coberto e o contraste com a nudez de Blackraven conferia àquela cena uma excentricidade únicas. Após um escrutínio mais atento pôde verificar que se distinguiam orifícios muito pequenos na máscara de couro, ao nível dos olhos, das narinas e dos lábios.

— Imagino que tenha sede, Excelência. — A voz do raptor surpreendeu-o tanto quanto a roupa, não apenas pelo tom grave, ainda que não demasiado másculo, ou o inglês com um estranho sotaque, mas também porque lhe pareceu familiar. A máscara moveu-se ao ritmo das palavras. "mais do que de couro vulgar é feita de uma fina pelica, por isso lhe assenta como uma luva", pensou

Blackraven.

— Sim — respondeu —, tenho sede — e bebeu com avidez quando o outro lhe aproximou a garrafa dos lábios. Era água fresca e soube-lhe muito bem. — Quem é o senhor e porque me tem aqui? O homem riu com sinceridade, colocando-se atrás de Blackraven.

— Não se ofenda, Excelência. Costumo rir-me — explicou — quando estou eufórico, como neste momento, em que o tenho sob a minha vontade. Está a ver, deveria sentir-se honrado.

Blackraven proferiu um insulto quando o raptor lhe ajustou as algemas.

— Desculpe, Excelência, tinha de me certificar de que estava bem preso. Com alguém tão hábil como o senhor, todo o cuidado é pouco. Blackraven percebeu que ele tentava tirar seu anel com o trevo de quatro folhas, mas como seus dedos estavam muito inchados, não conseguia fazê-lo. Ouviu-o deambular e regressar com um líquido oleoso com o qual lhe untou dedo da mão direita. Depois disso, o anel deslizou sem dificuldade. Logo a seguir, apercebeu-se do ruído da tampa do anel a abrir-se. O selo do escorpião estava à vista. Blackraven estranhou a facilidade com que o raptor descobrira o funcionamento do maquinismo.

— Que se passa com o meu companheiro? Porque continua inconsciente? O homem voltou a colocar-se à frente dele e Blackraven estudou-o ainda com mais atenção. O anel do escorpião brincava entre os seus dedos como entre os de um prestidigitador.

— Passaram ambos um dia inconscientes devido à pedrada que dei na cabeça — explicou, enquanto mostrava umas cordas de couro ligadas por uma pequena bolinha do mesmo material. — Tal como David para vencer Golias, usei boleadeiras. Aprendi a manobrá-las com os naturais das Caraíbas, mas julgo que os nativos destas terras também as usam.

“De onde conheço esta voz?” — Quem é o senhor? Porque me retém aqui? — Os meus motivos são os de um sibarita. Estou a gozar o prazer deter o Escorpião Negro à minha mercê, só isso.

Blackraven olhou-o com uma incredulidade paralisante e, embora se tivesse apercebido de que o raptor o tratara pela sua identidade secreta, demorou alguns segundos a apreender a dimensão daquela revelação.

— La Cobra — murmurou, num sussurro penetrante, e o coração manifestou-se em batidas lentas e vigorosas, como se o seu sangue se tivesse tornado subitamente espesso. A mesma batida repercutiu-se na garganta, no estômago e no ferimento da cabeça.

— Vejo que está a par da minha existência. Não me admiro. Em alguns faubourgs de Paris — disse, com boa pronúncia do francês —, sabe-se que Fouché me contratou para deitar a mão ao famoso Escorpião Negro.

Convenhamos que Rigleau não é o mais discreto dos agentes do imperador. Ah, mas permita-me que lhe diga, Excelência, eu não sou o seu único inimigo. Ainda aqui há umas semanas tive de me desfazer da senhora Enda Feelham, que planejava matar-vos, a si e à sua esposa para ficar com o seu filho, o que teria estragado por completo os meus planos.

Ao ouvir mencionar Melody e Alexander, Blackraven sentiu um arrepio percorreu-lhe o corpo.

— Quanto lhe ofereceu Fouché para me matar? Triplicarei a sua oferta. Quadruplicá-la-ei! — Isso faria de mim uma pessoa muito rica, algo que já sou, na verdade. — Olhou para a joia e voltou a accionar a mola para levantar a tampa. — Por fora esta peça não nos diz nada. Só quando revelamos o selo do escorpião nos é possível admirar a genialidade criativa de Cellini. É magnífica! Sua Excelência não pode imaginar como desejei tê-la nas mãos.

Aproximou-se da mesa, pegou numa barra de lacre escuro, derreteu-o ao calor da vela e barrou uma porção de papel sobre a qual aplicou o selo. Ao ver o perfil estampado, deixou escapar uma exclamação de complacência.

— É ele — disse, e a satisfação que transparecia na sua voz pareceu genuína.

Em seguida, retirou uma pequena bolsa de couro de um alforge semelhante aos que se destinam a preservar o tabaco, e abriu-o. Ficou à vista um bocado de papel envelhecido, que parecia chamuscado, com o selo do escorpião de um dos lados, uma das centenas de mensagens que Blackraven enviara aos seus homens com a identificação do Escorpião Negro e que estes tinham obrigação de destruir logo após a leitura.“Ribaldo Alberighi”, disse de si para consigo, ao mesmo tempo que uma nova luz esclarecia os seus pensamentos confusos. “É evidente que nãoteve tempo de o queimar por completo”, raciocinou. Enquanto isso, La Cobra tinha colocado os dois papéis um ao lado do outro.

— Sim, sim, é mesmo ele — repetiu, ao comparar os selos. — Acho que vou usá-lo ao pescoço — comentou, enquanto estudava mais de perto o anel. — É demasiado grande para os meus dedos que são finos. Sei que outra mulher o usou: Isabella di Bravante, a sua mãe.

“Outra mulher?” — Onde o usaria a senhora di Bravante? — continuou a matutar La Cobra. — No dedo grande, talvez no polegar? Deveria estar-lhe enorme, por isso saiu com tanta facilidade quando aqueles homens lhe arrancaram Sua Mercê dos braços nos jardins de Versalhes.

— Ofereci-lhe o quádruplo do que Fouché lhe oferece.

— A única coisa que me interessaria, Sua Mercê não estaria disposta a dar-ma.

— Diga o que é. Dar-lhe-ei o que me pedir.

— Sim, a sério? — disse, enquanto se ria e se passeava em frente dele com a graciosidade de uma pantera. — Quer então dizer que Vossa Excelência estaria

disposta a vender a alma ao diabo para conseguir a liberdade. Por isso, se eu lhe pedisse que juntássemos forças, que formássemos uma associação para trabalhar em conjunto, Sua Mercê aceitaria sem pestanejar. Juntos — declarou La Cobra, e novamente o tom da sua voz revelou a sinceridade daquelas palavras —, seríamos invencíveis. Contudo — completou, retomando o sarcasmo —, nunca poderia confiar em Sua Excelência.

— Porque não, o senhor foi o único a conseguir descobrir a minha identidade, foi o único que conseguiu agarrar-me e prender-me a uma cadeira, deixando-me totalmente inerte. Acha que não o respeito e admiro por isso? Seria o único a quem me associaria de igual para igual.

— As suas palavras seriam uma imensa honra para mim se fossem sinceras.

— Pode crer que o são — disse Blackraven.

— Não, não são, Excelência. A sua natureza é a do escorpião, um animal solitário e letal, que não pensa senão em liquidar a sua vítima. — Após uma pausa, voltou ao tom jocoso de anteriormente: — Conhece a fábula do sapo e do escorpião? Um dia, um sapo e um escorpião encontraram-se à beira de um rio. O escorpião precisava de chegar à outra margem, mas como não sabia nadar, chegou junto do sapo e perguntou-lhe: “Terias a amabilidade de me passar para a outra margem?” O sapo respondeu-lhe: “Se eu permitisse que saltasses para as minhas costas para te ajudar a atravessar, tu picar-me-ias e eu morreria envenenado.” O escorpião riu-se. “Como és tonto, amigo sapo. Não vês que, se eu te picasse, morreríamos os dois, visto que eu não sei nadar e afogar-me-ia?” O sapo refletiu durante alguns segundos e, como tinha uma alma nobre e generosa, permitiu que o escorpião lhe saltasse para as costas. Começou a nadar em direção à outra margem e, quando ia quase a meio do percurso, o sapo sentiu o ferrão do escorpião que se enterrava na sua carne. “Que fizeste!”, exclamou. “Agora morreremos os dois. Eu envenenado e tu afogado.” O escorpião, com verdadeiro pesar, admitiu: “Perdoa-me, não pude evitar. É a minha natureza.” Fez-se um silêncio, durante o qual Blackraven tentou concentrar-se. Era imperioso que entendesse os planos do sicário.

— Porque me retém aqui? Porque não me mata e acabamos com esta farsa? — Já lho disse, Excelência. Os meus motivos são os de um sibarita.Estou a permitir-me o prazer de o ter aqui. Sabia que o procuro há dois anos? Sua Mercê tornou-se numa verdadeira obsessão para mim e agora que o tenho em meu poder desfruto do momento.

— Quais são os seus planos? — Oh, vai conhecê-los, Excelência. A seu tempo, vai conhecê-los,mas agora quero passar um momento agradável com Sua Mercê.

O sicário passou-lhe uma mão pelo rosto e Blackraven afastou a cara,

proferindo uma exclamação de desprezo e nojo.

— Como chegou até mim? Como soube quem eu era? — A descoberta da sua identidade deve-se, em parte à minha astúcia,mas tenho de reconhecer que também tive alguma ajuda da sorte e de alguns inimigos seus que me conduziram até si. Excelência, não sou o seu único adversário, embora devesse dizer que não era o seu único adversário, visto que Simon Miles já está morto.

Blackraven debateu-se na cadeira, enraivecido.

— Filho da mãe! Foste tu quem o matou! — Não deveria mostrar-se tão irritado com a morte do seu amigo, Excelência. Como compreenderá tive de o matar, tive de o liquidar para evitar que me estragasse os planos, do mesmo modo que fiz com a tia da sua esposa, Enda Feelham, ou Gálata como dizia chamar-se.

— De que está a falar? Por que motivo teria de liquidar Simon Miles,um homem inofensivo que não fazia mal a uma mosca? — Excelência, Excelência, está a decepcionar-me. Considero-o um grande conhecedor da natureza humana. Qualquer criatura, submetida a determinadas circunstâncias, ou exposta a certos sentimentos, é capaz de se transformar numa arma mortal. Simon Miles não fugia à regra. O ódio que nutria por Sua Mercê, os ciúmes e a sede de vingança, devido à morte de Victoria Trewartha, transtornaram-no de tal modo que alteraram por completo a sua índole. Quando encontrou a oportunidade de lhe fazer mal, resolveu entrar em ação. Se não o fez, foi porque atuei primeiro.

— Maldito — murmurou Blackraven.

— Não acredita em mim. Pois saiba que outro dos seus inimigos pôs nas mãos de Simon Miles a informação, pela qual Fouché me tinha pago uma fortuna. Alguém, que o odiava tanto como Miles, fez-lhe chegar às mãos a arma para eu o matar sem ter de apertar o gatilho ou espetar o sabre, atos para os quais Sua Mercê e eu sabemos que ele não teria tido coragem.

— De que diabo está a falar? — Disto — disse La Cobra, retirando um papel da bolsa para tabaco de onde tinha tirado o outro, chamuscado e com o selo do escorpião. Abriu-o à vista de Blackraven que, apesar da penumbra, reconheceu a caligrafia de Alcides Valdéz y Inclán.

— “Simon” — leu La Cobra —, “o teu ódio e o meu, por motivos semelhantes, têm um mesmo destinatário. Como me encontro, nada posso fazer para me vingar. Tu, pelo contrário, conseguirás fazê-lo com a informação que te vou dar e que entregarás aos franceses. Eles se encarregarão do resto. Procura Thiers, o proprietário da hospedaria The King and The Lady e dirás que precisas ver Rigleau. A troco de algumas libras, organizará um encontro com o espião número um de Fouché. O encontro deverá dar-se num local público e irás armado. Tem cuidado para não seres seguido e utiliza um nome falso.

Transmitirás a Rigleau o que te vou dizer em seguida.” — La Cobra pigarreou e adoptou um tom de falsa solenidade. — “O corvo negro, é na realidade, o Escorpião Negro.” — Leu novamente de modo pausado: — “The black raven is, in fact, the Black Scorpion.” A revelação fez Blackraven sacudir a cabeça com a força de um raio e, perante os seus olhos, surgiu Alcides, consumido, macilento, a tentar redimir-se, confessando-se momentos antes de sucumbir aos efeitos do veneno. Ultrapassado o desconcerto e a surpresa, Blackraven experimentou um profundo desprezo por si próprio e pensou que não se perdoaria por ter cometido um erro tão estúpido como o de se envolver com a mulher de um homem que conhecia a maior parte dos seus segredos.

— Imagino — disse La Cobra — que estará a perguntar-se como consegui chegar a Simon Miles.

Na verdade, Blackraven, mergulhando numa tremenda confusão, não pensara em tal coisa, mas, agora que o sicário falava do assunto, queria, de fato, saber.

— O seu amigo de infância fazia parte de uma lista de suspeitos,devido às constantes visitas a Paris, onde frequentava os salões literários e a casa de madame Récamier, o que demonstra bem como os agentes e espiões do império são inúteis, pois nunca conheci ninguém mais inócuo do que Miles. Quanto ao conteúdo da missiva, suponho que se prenderá com uma questão de saias. É inegável — prosseguiu, parando frente a Blackraven, as pernas quase tocando nos joelhos deste — que Sua Excelência é irresistível para algumas mulheres. — Com um dedo, acariciou-lhe a linha do maxilar. — Não as censuro. Até para mim o é.

Blackraven afastou a cara. De repente, o fato de estar despido, incomodava-o.

— Acabemos com este disparate. Vamos ao que importa, começo aficar farto desta palhaçada.

— Eu, muito pelo contrário, estou a adorar cada minuto da sua companhia. Ao fim de mais de dois anos a imaginá-lo e a pensar em si, tê-lo à minha frente é um enorme prazer. Deveria sentir-se honrado, Excelência. Não costumo fazer elogios.

Inclinou-se, pôs a língua fora do pequeno orifício e passou-a pelo lábio inferior de Blackraven.

— Maldito filho da puta! Seu pervertido! Não volte a tocar-me ou,quando lhe puser as mãos em cima, esfolo-o vivo. É uma promessa.

— Sua Excelência é verdadeiramente irresistível.

— Para que diabo me tem aqui? Mate-me e acabemos com isto.

— Devo ter-me esquecido de lhe dizer que o imperador de França o quer com vida. Morto, o Escorpião Negro valeria muito pouco.

— Nesse caso, leve-me à presença de Napoleão. Entregue-me.

— Mais tarde voltaremos a falar dos meus planos, Excelência. Agora pretendo passar um momento agradável com Sua Mercê. Tenho de lhe dizer que a Natureza foi mais do que generosa com Vossa Excelência. Poucas vezes vi algo semelhante. Será que Melody não desfruta tanto quanto pode? O que o deixou incomodado não foi o fato de se referir a ela pelo nome próprio e sim o modo como o pronunciou, o tom de voz revelava familiaridade, como se a conhecesse. Ficou muito quieto, gemendo como um animal ferido. Os seus peitorais subiam e desciam a um ritmo inconstante e uma camada de suor cobria-lhe inteiramente o corpo.

— Para que merda me trouxe para aqui? — Não acredita em mim, não é, Excelência? Não acredita quando digo que o tenho aqui pelo mero prazer de tocá-lo, de o cheirar, de o admirar. Pois saiba, Excelência, que não admiro mais ninguém a não ser Sua Mercê. Ela sabe e por isso tem ciúmes e o odeia. Ela sabe tudo, não é possível ocultar-lhe a verdade. Ela sabe que o amo.

Com um impulso que apanhou La Cobra desprevenido, Blackraven balançou-se para a frente e caiu de bruços. A pancada deixou-o atordoado e, quando percebeu a posição incômoda em que estava — voltado sobre o lado esquerdo e amarrado à cadeira —, sentiu com grande precisão as dores que torturavam cada pequena parte do seu corpo. As cordas nos pulsos e nos tornozelos laceravam sua pele. Gemeu.

Por entre os insultos murmurados em francês, La Cobra tentou levantar a cadeira, mas o seu esforço foi em vão. Recuou até junto da mesa, na qual deu um murro que fez saltar a garrafa. Somar começou a debater-se, emitindo leves queixumes. O sicário dirigiu-se a ele silenciosamente e voltou a adormecê-lo com uma pancada na nuca.

— Filho da puta. — Bradou Roger, que, da posição em que estava,conseguia ter o turco no seu ângulo de visão.

— covarde. Solte-me e vamos resolver isto como homens.

Com o movimento preciso e rápido que caracteriza o ataque de uma serpente, La Cobra chegou junto de Blackraven e disse-lhe ao ouvido: —Mas, Excelência, julguei que tinha compreendido que sou uma mulher.

Blackraven soltou um urro, contorceu-se e tentou afrouxar as cordas que o manietavam, enfurecido pela própria vulnerabilidade e por estar nas mãos de um demente. Aquele maníaco era hábil, tinha-o baralhado e confundido com toda aquela conversa.

— Acabemos com isto de uma vez por todas, maldito pervertido.

Diga-me que raio quer de mim! La Cobra pôs-se de pé e soltou um suspiro de exaustão. Aproximou-se da mesa e sentou-se numa cadeira. Blackraven não conseguia vê-lo, mas ouvia-o bater no tampo, de modo ritmado, com um

instrumento de metal.

— Decepciona-me, Excelência. Pensei que o nosso encontro iria ser mais divertido. Sua Mercê é aborrecido, iracundo e mal-educado.

— Desate-me e mostrar-lhe-ei como posso ser divertido! — A sua proposta é tentadora, Excelência, tenho de reconhecer. Mas em primeiro lugar está o dever e é disso que irei encarregar-me agora. Como lhe disse há pouco, o imperador Napoleão quer vê-lo com vida para que possa dirigir os seus espiões, embora, deixe que lhe diga, não me pareça que a ideia agrade muito a Fouché. Terá de ter muito cuidado.

— A quem revelou a minha identidade? — Não lho direi, Excelência.

— Revelou-a a Bonaparte ou a Fouché? A Rigleau? — Talvez sim, talvez não.

— Pederasta de um raio.

— Excelência, começa a irritar-me com esses insultos que aprendeu com os seus marinheiros. Cale-se e ouça o meu plano. Como estava a dizer-lhe, o imperador está interessado em si para que lidere o seu exército de espiões. Sua Excelência sabe bem a importância que a espionagem tem para o imperador e ele demonstra, mais uma vez, a sua sagacidade ao pretender contratar o Escorpião Negro para essa função. Na minha opinião, Sua Excelência deveria sentir-se honrado. Por fim, se eu o levar com vida até Napoleão e conseguir que Sua Excelência aceite colaborar com o imperador, terei alcançado os favores do homem mais poderoso da Europa.

— Como pensa obrigar-me a colaborar é que me intriga.

— Muito simples. A sua esposa e o seu filho Alexander serão hóspedes de Fouché.

Chegava por fim a tão temida declaração. Blackraven sentiu uma angústia que depressa se transformou em debilidade física. Sentiu-se cansado e vencido e, a pouco e pouco, os músculos em tensão começaram a ceder. As dores nos pulsos e nos tornozelos aumentaram e o martelar na sua cabeça tornou-se insuportável. Tinha a boca seca e pastosa, com um sabor repugnante. As pálpebras desceram, mergulhou numa escuridão em que a única imagem era a de Melody e Alexander. “Sempre soube que seriam o meu calcanhar de Aquiles e, assim como ela é o meu ponto fraco, eu sou para Isaura um perigo iminente.” Lembrou-se do verso que Malagrida lhe recitara meses antes no Rio de Janeiro:“Como um lírio entre os cardos, assim é a minha amada entre as jovens.” — Ficou muito calado, Excelência. Não quer ouvir o resto do meu plano?— Continue.

— Sua esposa e seu filho me acompanharão até Calais, onde Sua Excelência e eu voltaremos a encontrar-nos na conhecida hospedaria Palha e Feno. Um nome familiar, não é assim? — Sim — admitiu Blackraven.

— Muito bem. Esperará lá que eu volte a entrar em contato com Sua Mercê para receber as minhas instruções.

— Não é necessário que a minha mulher e o meu filho vão consigo.Eu acompanhá-lo-ei e pôr-me-ei de boa vontade ao serviço de Napoleão. La Cobra emitiu um riso afectado.

— Sessenta dias com Sua Excelência, confinados ao mesmo navio?Tem assim tão fraca opinião da minha inteligência? — Poderá fechar-me no porão, agrilhoar-me, não poderei fugir.

Dou-lhe a minha palavra de honra de que não tentarei fazê-lo.

— Terei de lhe recordar a moral da fábula do sapo e do escorpião? — Estou a dar-lhe a minha palavra de honra. Leve-me a mim, mas deixe a minha mulher e o meu filho em paz. Farei o que me pedir. Serei seu sócio, se é isso que deseja. Entregar-lhe-ei toda a minha fortuna que é imensa. Mas olhe que, se lhes fizer mal — inspirou ruidosamente e falou com uma segurança que fez La Cobra estremecer —, ouça bem, maldito pervertido, se lhes fizer mal, caçá-lo-ei como a um animal e, quando o apanhar, submetê-lo-ei a torturas tão aberrantes que me suplicará que ponha fim à sua vida.

Apesar de se encontrar numa posição de extrema vulnerabilidade, de estar enfraquecido, magoado e sob o seu domínio, Blackraven conseguiu, de certo modo, infundir medo. La Cobra admirou aquele homem como só admirara uma pessoa em toda a sua vida. Escondeu a emoção e os sentimentos, soltou um suspiro de exaustão e declarou: — Estarei à sua espera em Calais, Excelência, com sua esposa e seu filho.

— Volte aqui! Onde vai, maldito? Ainda não acabamos!

Ficou em silêncio, um silêncio em que apenas ouvia a sua agitação até que se convenceu de que La Cobra não ia voltar. Abandonara-o naquela cabana, manietado e numa posição de que era impossível libertar-se. Olhou em volta. Pelos resquícios entre o pano e a moldura da entrada viu que já era de noite e apercebeu-se de que as velas se consumiriam dentro de uma meia hora. Era necessário agir rapidamente. La Cobra tinha interesse em que ele o seguisse, por isso deveria ter deixado um instrumento qualquer para cortar as cordas. Tombado sobre o seu lado esquerdo, rastejou até junto da mesa. Demorou alguns minutos a avançar meia dúzia de palmos, não só pela dificuldade de se mover naquela posição, mas também porque lhe era extremamente doloroso. Quando chegou junto de um dos pés da mesa, resolveu deitá-la abaixo. Não era a medida mais sensata, visto que as palmatórias com as velas se encontravam aí e, caso caíssem e se apagassem, ficaria mergulhado na escuridão. Mesmo assim, achou ser essa a única maneira. Como conseguir deitá-la abaixo era outra história! Felizmente, tratava-se de uma peça instável, feita de uma madeira barata e leve.

Como a cabeça era a única parte do corpo livre, meteu-a debaixo do tampo e, ajudando com um braço, fez força com a testa sobre a parte mais baixa do pé da mesa até conseguir que o pé oposto se levantasse do chão, desequilibrando-a e fazendo com que se voltasse.

Vários objetos caíram, entre eles as palmatórias. As velas soltaram-se e rolaram. Blackraven olhou ansiosamente para elas até que pararamsem se apagar. Apagar-se-iam de um momento para o outro, visto que o sebo líquido escorria pelo pavio num gotejar intermitente que diminuía o poder da chama.

Ouviu Somar gemer. O amigo começava a sair da sua inconsciência, mas não lhe deu grande atenção. Tinha poucos minutos. Observou os restantes utensílios caídos. Perto da cama, avistou uma tesoura como as utilizadas para espevitar o pavio das velas, para lhes retirar a parte queimada. Um pouco mais adiante, uma navalha com cabo de marfim. Decidiu-se por esta última e, utilizando a técnica que usara para se aproximar da mesa, conseguiu chegar junto da arma branca. Tinha a anca esquerda ferida. Ardia-lhe e sangrava. No entanto, continuava a avançar com determinação, dizendo a si próprio que ainda tinha tempo para pôr Melody e Alexander a salvo.

Já junto da navalha, pensou qual seria a melhor maneira de a agarrar. No minuto seguinte, tinha-a entre os dentes. Levantou a cabeça e rodou o dorso até ouvir os ossos estalarem e sentir que a corda de estopa lhe queimava a pele. Ficou suspenso porque não se decidia a deixá-la cair atrás da cadeira à altura das suas mãos. A precisão desse movimento era um passo-chave. Se a lançasse demasiado longe, teria de começar tudo de novo. Torceu-se um pouco mais, abriu a boca e a navalha foi parar às suas mãos tumefactas. — Boa! — alentou-o Somar.

— Quase não sinto os dedos. Tenho medo de a deixar cair.

— Vais conseguir.

— Agora — disse —, vem a parte pior.

Por várias vezes esteve quase a perder a arma ao tentar abri-la. Uma vez presa pelo cabo, começou a cortar as cordas de couro que o manietavam. Deveriam ter cedido facilmente ao fio da navalha, mas, como estavam enterradas na carne, a tarefa era bastante dificultada. O sangue brotava-lhe dos pulsos, devido aos cortes que se infligia. Blackraven trabalhava com extrema lentidão, pois um corte um pouco mais profundo poderia cortar-lhe uma veia, provocando-lhe a morte em minutos. Uma cãibra apoderou-se do braço. Soltou um gemido de dor e largou a navalha. Impotente e vencido, praguejou e esbracejou. Pareceu-lhe que as cordas cediam. O optimismo e o alívio insuflaram-lhe nova coragem. Outro puxão e ficou com as mãos livres. O resto foi uma brincadeira de crianças. Pôs-se de pé e por pouco não caía de novo. Fechou os olhos e estendeu os braços

em cruz até recuperar o equilíbrio. Aproximou-se para desamarrar Somar.

— Porque andas em pêlo? — Não por decisão minha, podes ter a certeza — respondeu, ao mesmo tempo que espreitava pela abertura e constatava que os cavalos, assim como os seus pertences estavam lá fora. — Vamos, eu vou-te contando tudo pelo caminho. Temos de chegar com urgência a El Retiro.

Onde diabo está a minha roupa? — Ali — apontou Somar —, em cima do catre. Mas chega aqui primeiro.

Tirou o turbante, rasgando-o em duas partes com as quais envolveu os pulsos de Blackraven.

— Olha, Roger, é melhor passarmos aqui a noite. Não sabemos nem onde estamos, nem em que direção devemos seguir.

— Nós nos guiaremos pela minha bússola. Felizmente é noite de lua cheia e vê-se bem o caminho.

— Qual é a pressa? Não conhecemos o caminho. Os cavalos podem tropeçar e ficar coxos.

— É urgente que voltemos, Somar! La Cobra planeia raptar a minha mulher e o meu filho.

Chegaram a El Retiro no dia seguinte, ao entardecer, encontrando a casa mergulhada num estado de agitação e angústia que pareceu congelar-se quando apareceu Blackraven. Malagrida e Isabella, que, ao tomarem conhecimento do rapto, tinham abandonado a casa de San José e aparecido em El Retiro, adiantaram-se para lhe explicar.

— Onde está Radama? — quis saber Roger.

— Num dos quartos da criadagem — respondeu Amy que, em grandes passadas, tentou acompanhar Blackraven que já se dirigia para aquela parte da habitação. — Deram-lhe um tiro, mas vai conseguir recuperar.

Radama ergueu as pálpebras e logo a seguir o rosto alterou-se ao ver o capitão Black. Soergueu-se com esforço. Tinham-no ferido na cabeça, embora a bala tivesse apenas levantado o couro cabeludo. Relatou os fatos.

— Reconheceste algum dos indivíduos? — Não, capitão. Mas não me chamo Radama se aqueles cinco não eram marinheiros. Digo isto pelas roupas e pela maneira de transportarem as armas.

— Que idioma falavam? — Espanhol, capitão, com o sotaque das gentes da península. Pelo menos, foi o que me pareceu.

— A que horas foi? — De manhã, capitão, por volta das nove.

— Dizem-me que o teu ferimento não é grave.

— Parece que não, capitão.

— Ainda bem, porque preciso que embarques muito em breve.

— Sim, capitão.

No escritório, Blackraven contou a Malagrida e a Amy Bodrugan o ataque de que fora alvo perto da aldeia de San Isidro e pô-los a par das intenções de La Cobra.

— Maldito sicário! — praguejou Amy.

— O nome assenta-lhe bem — admitiu Malagrida. — Atacou com a rapidez e surpresa que costumam utilizar as serpentes. Nunca o teríamos imaginado.

Felizmente — declarou Blackraven —, os nossos navios estão prontos. Zarparemos amanhã mesmo. Não admitirei demoras. Tenho esperança de conseguir capturar esse bandido em alto-mar. Não vai conseguir chegar a Calais, e colocar-me nas mãos de Bonaparte transformando-me numa marioneta do imperador.

— Roger — disse Malagrida —, ontem à tarde chegou uma mensagem de Flaherty. Acaba de fundear em El Cangrejal.

— Envie-lhe resposta imediatamente. Comunique-lhe que estamos prontos para zarpar amanhã mesmo. Sei que ele não tem mantimentos, água doce ou tempo para se abastecer — admitiu, perante as expressões de espanto de Amy e Malagrida. — Nós lhe facultaremos tudo aquilo de que ele precisar. A Butanna está pronta? — Amy assentiu. — Põe-na sob o comando de Barrett — Blackraven referia-se ao segundo-comandante do Afrodita, o bergantim comandado por Amy. — Na tua opinião qual é a tripulação mínima para o navio? — Vinte e para não falar dos artilheiros. Refiro-me apenas às pessoas necessárias para adriçar e envergar. — Após um breve silêncio, Amy propôs: — Poderemos embarcar alguns dos teus escravos.

— Amy, que estás a dizer? Eles nem sabem distinguir a proa da popa— disse Blackraven aborrecido.

— Podem sempre aprender — interveio Malagrida. — Além disso,serviriam para efetuar as tarefas fáceis, libertando, assim, os nossos homens.

— De acordo — autorizou Blackraven. — Mas apenas escravos aqui nascidos. Não quero negros que tenham feito a travessia desde África. A simples recordação dessa viagem, poderá pô-los doentes e não nos serviriam de nada, seriam apenas um estorvo.

A atividade de corsário ensinara Blackraven a fazer planos, a rever as diferentes alternativas e a prever, em poucos minutos, os possíveis desenlaces. Agir sob pressão não era novidade para ele, porém, naquela situação, em que a mulher e o filho estavam nas mãos de um demente, a angústia e o desassossego roubavam-lhe a capacidade de concentração. Receava cometer erros de estratégia. Com efeito, não lhe restavam muitas opções, se queria levar a cabo o seu objetivo: impedir que La Cobra chegasse a Calais. Tinha de o alcançar num ponto qualquer da rota para a Europa e abordar o navio, tarefa que não era fácil

com Melody e Alexander nas mãos do sicário. Procurava convencer-se de que La Cobra não lhes faria mal, que não lhe convinha.

Estava no escritório a redigir algumas cartas nas quais deixava instruções a Covarrubias, a dom Diogo e a Mariano Moreno, quando Amy lhe anunciou que Servando queria falar com ele.

— Agora não tenho tempo — disse e, com um gesto de mão, fez-lhes sinal para que saísse.

— Ele quer vir conosco — intercedeu Amy. — Diz que quer ajudar a resgatar Melody. Pode ser-nos de utilidade. É um negro esperto, tu sabes, e além do mais é excelente com o machete.

— Faz como entenderes, Amy — impacientou-se.

— Prometi que, depois disso, o levaria para o Haiti. — Fez-se uma pausa, durante a qual se ouviram apenas os riscos da pena de Blackraven sobre o papel. — Elisea virá também conosco.

— Amy, deixa-me em paz! — Blackraven largou a pena e pôs-se de pé com brusquidão. — A minha mulher e o meu filho estão nas mãos de um louco e tu vens-me com esse assunto. Sai daqui.

— Lamento, Servando — disse Amy, quando fechou a porta do escritório. — A questão de Melody deixou-o muito alterado e está intratável. E estando as coisas como estão, não desejaria embarcar Elisea sem autorização de Roger. Não sabemos o que nos espera. Podemos ter de entrar em combate com os indivíduos que sequestraram Melody. Elisea ficaria em perigo. Seria uma grande responsabilidade.

— Compreendo, senhorita Bodrugan, e compreendo também que Elisea deve ficar, mas eu irei. Devo isso e muito mais a Miss Melody.

— Como queiras. Gostarias de ver Elisea? — Se for possível.

— Direi que… — Diga-lhe que a espero no lugar do costume. Ela sabe onde é.

Elisea levantou a orla da saia e subiu a correr as escadas do campanário. Parecia-lhe que estava novamente nas noites de 1806, quando esperava, ansiosa, por Servando, depois de um dia de trabalho como talhante. Em boa verdade, nada mudara, ali estava Servando, a recebê-la de braços abertos e beijando-a com a paixão dos primeiros dias. Fizeram amor sobre a mesma palha, dispensando as palavras. Foram felizes.

— Vou embarcar com a senhorita Bodrugan para colaborar no resgate de Miss Melody.

— Que foi que aconteceu? Ninguém nos explicou nada.

— Alguns homens atacaram ontem a berlinda de Miss Melody, feriram Radama e levaram-nos.

— Para quê? — perguntou Elisea, espantada.

— Não sei. Calculo que tencionem pedir dinheiro ao patrão Roger para os devolver.

— Servando, eu morreria de tristeza se acontecesse alguma coisa de mal à minha irmãzinha.

— Não vai acontecer nada de mal.

— Dizes que vais também? — Sim, e voltarei por ti. O patrão Roger agora não quer falar do nosso assunto porque está muito preocupado, mas, quando Miss Melody voltar, as coisas mudarão. Ela vai interceder a nosso favor, como sempre.

— Tenho esperança, meu amor— confessou-lhe Elisea.

Passavam a maior parte do tempo recolhidos naquele camarote, fazia já catorze dias. Melody sabia porque contava as vezes que o sol nascia e se punha, através da janela à qual Trinaghanta chamava claraboia. Verdade se diga, nunca tinha visto essa paleta de cores no céu do amanhecer nem no do final da tarde. O espaço, apesar de pequeno e quente, era suportável e conseguiam passar o tempo. A comida era saborosa e variada, não lhes faltava nada, nem sequer roupa, e tratavam-nas bem, permitiam mesmo que fossem uma vez por dia até o convés do navio. Em algumas ocasiões, Melody tinha vontade de chorar, noutras de rir, perante toda aquela situação inverosímil. Trinaghanta, essa, mantinha a calma habitual e insistia em que o patrão Roger acabaria por as resgatar.

Depois do ataque à berlinda, tinham-nas levado para um lugar na margem do rio da Prata, muito pantanoso, cheio de juncos, salgueiros e estevas, que lhe lembrou a lagoa Estigia, onde o som dos insectos, répteis e de outros animais se tornava ensurdecedor, até que ao entardecer se transformava em silêncio.

Considerou um gesto de boa vontade que os raptores tivessem levado em braços Angelita, Estevanico e Víctor até o navio para não os despertar. Depois de terem chorado muito e de terem feito inúmeras perguntas ansiosas, haviam adormecido no assento da berlinda. Acomodaram-nos em cima de cobertores entre as bancadas, onde se sentaram para remar, primeiro para trás e depois para a frente. Como lhes fez várias perguntas, a que não responderam, Melody decidiu ficar em silêncio. Pediu a Trinaghanta que a cobrisse com a mantilha e amamentou Alexander. Anoitecera e não se via quase nada. Sobressaltou-se quando a proa do bote chocou contra a amurada de um barco. Ergueu os olhos e verificou que, sobre as suas cabeças, assomavam vários homens com fachos nas mãos que os ajudaram a subir em silêncio.

— Então, rapazes — disse um dos raptores, e Víctor e Estevanico começaram a acordar. — Subam para as nossas costas e agarrem-se bem ao nosso pescoço.

Um outro fez o mesmo com Angelita, vociferando: — Ei, Garcia, deita a

escada de madeira.

Subiram por umas tábuas ligadas por cordas que tinham sido atiradas pela amurada. O homem que detinha o comando aproximou-se de Melody e, pedindo-lhe licença, atou-lhe a mantilha nas costas, formando uma bolsa no peito.

— Lamento que não nos seja possível usar a outra escada para abordar, senhora. Coloque o menino aqui — indicou-lhe. Assim, poderá subir mais facilmente. Como os cangurus — disse, perante o trejeito de Melody, explicando-lhe: — Na Austrália, há uns animais muito peculiares que têm no ventre uma bolsa onde metem as crias.

— Não corro o risco de o nó se soltar? — murmurou Melody quando o homem lhe ajustou um pouco mais a mantilha com Alexander lá dentro.

— Um nó feito por mim, o famoso contramestre Peñalver? Nunca.

Era a primeira vez que Melody punha os pés numa embarcação. Sempre pensara que o faria no Sonzogno, o navio de Blackraven, que deveria conduzi-los a Londres. Guiaram-nos através do convés até uma escotilha, pela qual acederam a um corredor muito estreito. Uma das portas do lado direito pertencia ao camarote que lhes estava destinado. As crianças dividiram-se entre os dois beliches e voltaram a adormecer. Com a ajuda de Trinaghanta, Melody mudou a fralda a Alexander.

— Felizmente — disse a cingalesa, apontando para o alguidar —, é água doce. No alto-mar, Miss Melody, a água doce escasseia e é feito um racionamento muito rigoroso. É usada água salgada para a higiene pessoal.

— Esperemos que estes malfeitores não pretendam levar-nos para alto-mar. Se o fizerem — declarou com um suspiro de resignação —, não lavarei o meu filho com água do mar. O sal iria gretar-lhe a pele. Terão de me dar água doce.

A porta abriu-se e Melody e Trinaghanta levantaram-se com uma exclamação. Um homem alto baixou a cabeça para entrar. Vestia uma jaqueta de veludo azul com longas lapelas de seda do mesmo tom, cordões de prata e divisas douradas. As suas calças brancas eram cingidas até o meio da barriga das pernas. Usava meias de seda castanhas e sapatos de couro curtido com fivelas douradas. Tal como os outros membros da tripulação, estava bem armado, de sabre, duas pistolas no coldre, uma cartucheira e, no cinto, um machete.

Estudou Melody de cima a baixo, assim como Trinaghanta, deu uma vista de olhos às quatro crianças que dormiam nos beliches e voltou a pousar os seus enormes olhos verdes em Melody.

— Sou o capitão Galo Bandor. Bem-vinda à corveta Folâtre, condessa de Stoneville. — Esboçou um trejeito de divertimento, antes de prosseguir: — Pela sua expressão, vejo que o meu nome lhe é familiar.

— Sim — admitiu Melody. — O meu marido e a senhorita Bodrugan já o mencionaram.

— Ah, Amy Bodrugan está no Rio da Prata? — Sim.

A expressão, misto de ironia e desinteresse, de Bandor não enganou Melody. Um leve tremor nos lábios e uma pequena mudança na postura do corpo, como se seus músculos relaxados tivessem ficado subitamente tensos, revelaram que a proximidade de Amy o afetava.

— Para que nos trouxe até aqui? Que pretende fazer conosco? — Surpreendeu-me que o capitão Black tivesse decidido abandonar sua vida de estroina e dom Juan para se casar. Mas agora, ao vê-la, compreendo, senhora condessa. Sua Mercê não é só bonita, mas é também corajosa.

— Agradeço os seus elogios, capitão Bandor, mas ficaria mais agradecida se me informasse do que pretende fazer conosco.

— Há alguns assuntos inacabados entre mim e seu esposo,senhora. Pretendo concluí-los.

— Concluir os assuntos pendentes com meu marido, capturando um grupo de mulheres e crianças não depõe a favor de sua coragem, capitão.

A questão da coragem e da honra contavam-se entre os princípios de maior importância para os homens do mar, mesmo para os piratas, grupo a que pertencia Galo Bandor. O comentário de Melody incomodara-o e, limitando-se a inclinar breve e rapidamente a cabeça, abandonou o camarote. Minutos mais tarde, vieram trazer-lhes um jantar de presunto frio, queijo, alcachofras, cebolas em vinagre, pão e vinho tinto que Melody e Trinaghanta devoraram com avidez. Não comiam nada desde essa manhã. Ainda pensaram em acordar as crianças, mas puseram a ideia de parte: precisavam de dormir. Trinaghanta, habituada à vida num barco, sabia que, debaixo dos beliches, havia mantas e cobertores. Utilizaram-nas e deitaram-se, certas de que não conseguiriam conciliar o sono.

As suspeitas de Melody confirmaram-se: Bandor zarpou em direção a um destino incógnito. Ela foi a única a sofrer de enjoo durante os primeiros dias. A experiência de Trinaghanta revelou-se de grande utilidade para que o seu estado melhorasse, pois obrigava-a a tomar chá com açúcar e a comer biscoitos muito lentamente e pediu autorização a Peñalver, o segundo no comando da corveta, para que Melody passasse mais tempo no convés, na zona da popa, onde lhe deu indicações para que mantivesse a olhar fixo no horizonte. Peñalver, o contramestre, explicou-lhe que, até os homens do mar mais treinados, vomitavam muitas vezes o pequeno-almoço e entregou-lhe umas pastilhas de gengibre que lhe caíram bem no estômago.

— Nem quando tive o meu filho me senti tão mal — admitiu Melody.

— Vai habituar-se, senhora.

Na manhã do quarto dia começou a ganhar segurança. Bebeu o chá em goles minúsculos, mastigou pequenos bocados de biscoito e, quando se pôs de pé, ficou tudo no estômago e já não teve a sensação de que o chão se afastava. Poderia dizer-se que Víctor, Estevanico e Angelita tinham nascido num navio, pois não sofriam de enjoos e sentiam-se entusiasmados com a vida no mar. Alexander agitava as mãos e os pés quando, ao sair para a coberta, era envolvido pelo barulho de ordens vociferadas e pelas cantigas com que os marinheiros acompanhavam o trabalho. Víctor e Estevanico bombardeavam-nos com perguntas; Angelita secundava-os em silêncio com uma expressão de grande concentração, pois, mais tarde, quando os obrigavam a regressar ao camarote, discutiam sobre a maneira de içar as vergas, o melhor modo de esticar os cabos fixos ou o uso da serviola.

Nos passeios que dava pela coberta, Melody observava Galo Bandor, que, no castelo da popa, mantinha uma atitude de pretensa indiferença. Embora não tivessem voltado a trocar uma só palavra desde a primeira noite a bordo, várias vezes dera com ele a observá-los, principalmente a Víctor. Melody perguntava-se quanto tempo demoraria a descobrir que era seu filho, o que aconteceu no dia em que se completava uma semana do rapto. Peñalver dirigiu-se a Melody.

— Senhora condessa, o capitão Bandor convida-a a jantar esta noite no seu camarote.

— O capitão Bandor? — A voz de Víctor se fez ouvir.

— Sim, o capitão Bandor — repetiu Peñalver, bem-disposto.

— O capitão Galo Bandor? Melody percebeu a palidez que começava a tomar conta do rosto de Víctor e o modo como sua respiração se alterava, passando a inspirações mais rápidas e breves, sintomas habituais dos seus ataques.

— Sim, Galo Bandor — respondeu o contramestre, risonho, apontando para o castelo da popa.

Víctor lançou-se numa correria em direção ao pai. Trinaghanta pegou em Alexander no colo e Melody correu atrás do menino. Quando chegou ao castelo da popa, encontrou Víctor de pé frente a Bandor, muito agitado, mas com uma expressão séria e grave de quem controla a situação. O capitão olhava para ele rindo.

— Que se passa com este garoto? Por que me olha desta maneira? — O senhor é Galo Bandor? — Víctor… — balbuciou Melody, mas Bandor interrompeu-a.

— Sim, sou Galo Bandor, comandante deste barco. A seu serviço.

— Eu sou Víctor, filho de Amy Bodrugan. — Fez-se uma pausa durante a qual Melody conteve a respiração. — E seu filho — declarou, antes de dar meia-volta e correr até a escotilha por onde desapareceu.

— Desculpe, capitão — disse Melody, mas foi como se não tivesse dito nada,

pois Galo Bandor não a ouviu. Mantinha o olhar fixo no lugar onde, segundos antes, estivera Víctor.

No camarote, o menino perambulava de um lado para o outro, os braços cruzados à frente do peito, respirando de modo acelerado para evitar o choro. Mas mal avistou Melody, agarrou-se a sua cintura, mergulhou o rosto em seu vestido e começou a chorar com uma amargura que a comoveu até as lágrimas.

— Por que choras, meu amor? — perguntou, enquanto passava as costas da mão pelos olhos, pigarreando.

— Porque meu pai é mau. Mandou ferir Radama, raptou-nos e trouxe-nos para seu barco quando nós não queríamos vir.

— Não, Víctor, o teu pai não é mau. Não tens visto como nos trata bem? Não permite que tu e o Estevanico façam aos marinheiros todas asperguntas que passam pela cabeça, mesmo sabendo que os estão distraindo do seu trabalho? — Sim, mas nos raptou.

— É verdade que sim, mas não serás capaz de o perdoar? É teu pai.Além disso, pensa bem, Víctor, achas que a tua mãe o teria escolhido se ele fosse um homem mau? Sabes que Amy Bodrugan é uma mulher inteligente. Nunca se teria apaixonado por uma pessoa má.

— Então porque nos raptou ele? — Talvez queira chamar a atenção da tua mãe para se reconciliar com ela.

— Sério, Miss Melody? — Quem sabe.

— Os adultos complicam tanto as coisas.

— Sim, meu amor — disse Melody, rindo. — É bem verdade.

Nessa noite, Melody jantou a sós com o capitão Bandor, que abordou o assunto de Víctor enquanto lhe voltava as costas para trinchar a carne.— É meu filho, não é? — Sim.

— Que idade tem? — Dez anos.

Bandor assentiu, sem olhar para ela.

— Observava-o há dias — admitiu. — Como é irônico. O rosto dele parecia familiar. Mas só hoje, quando o tive à minha frente, percebi que era como se estivesse me vendo ao espelho. Não herdou nada da mãe, infelizmente. Ela é uma bela mulher.

— Muito bela.

— Amy… A senhorita Bodrugan… Ela… Como dizer? Enfim, ela e Víctor…? Ela trata do Víctor? — Quer saber se ela ama o seu filho? — Bandor assentiu mais uma vez, sempre de costas voltadas. — Oh, sim, ela o adora. É a luz dos seus olhos. E o meu marido — fez questão de sublinhar — é padrinho e tutor de Víctor e tratou dele desde bebê.

Perante tal declaração, Bandor voltou-se e olhou Melody nos olhos.

As palavras eram desnecessárias. A partir da revelação, Víctor passava mais tempo no convés com o pai do que no camarote, o que inquietava Melody, em parte porque não sabia que tipo de homem era Galo Bandor e também porque o verão no alto-mar era violento e receava que o menino acabasse por ter uma insolação ou que se aventurasse demais e caísse ao mar. Bandor assegurava-lhe que o mantinha à sombra e com a cabeça tapada e úmida, não tirando os olhos dele.

Melody comentou com Trinaghanta o fato de a tripulação da Folâtre não apresentar uma composição homogênea, que ela julgara característica de todos os navios, e não se referia ao fato de pertencerem a diversas nacionalidades ou raças — estava habituada a que as tripulações dos navios de Blackraven viessem de países dos quais ela nunca ouvira falar — e sim da ligação dos seus membros, num companheirismo indispensável para suportar o estarem confinados semana após semana. Os homens da Folâtre comportavam-se como se se conhecessem há pouco tempo e, pelas discussões do capitão com o contramestre, era bastante evidente que não eram peritos na arte de conduzir um navio. Apenas cinco deles, os que os tinham assaltado, isto é, Peñalver e outros quatro, todos eles espanhóis, compreendiam as ordens, o intrincado vocabulário náutico e executavam as manobras sem hesitações. Algumas vezes, quando subia até o convés, ao pôr-do-sol, Melody apercebia-se de que os peritos, como lhes chamava, davam lições aos outros.

— Senhora — disse Trinaghanta, numa manhã em que tinham ficado sozinhas com Alexander no camarote. — Já reparou que há alguém a ocupar o camarote aqui ao lado? Melody dera por isso, embora pensasse muitas vezes que, tal como imaginava os sons suaves e embuçados e as vozes veladas, fantasiava também aquele perfume tão original e, ao mesmo tempo, tão familiar, que por vezes a envolvia, desvanecendo-se logo a seguir na complexa mistura de cheiros desagradáveis do navio. “É uma coisa da minha cabeça”, dizia a si mesma. “Quem iria usar um perfume tão agradável num barco como este? Sim, estou a imaginar tudo isto para esquecer que de dia para dia tudo se torna mais hediondo.”No décimo quarto dia de navegação, a frota de Blackraven — o Sonzogno, o Afrodita, a Wings e a Butanna — tinha alcançado o trópico de Capricórnio, 23º a sul do Equador e a 220 milhas do Rio de Janeiro, se levar em conta que estavam 39º 15’ a oeste do meridiano de Greenwich, ascendendo, portanto, o percurso a setecentas e trinta e cinco milhas, uma verdadeira proeza naquele tempo e com embarcações de carga, logo de velocidades muito díspares, para já não referir que haviam navegado à bolina durante a maior parte do tempo, com excepção dos últimos dias em que tinham tido o vento a seu favor, ou seja, tinham ido de vento em popa. Malagrida e Blackraven concentravam-se

nestes cálculos, na cabina principal do Sonzogno, a mesa atravancada com mapas abertos, sextantes, compassos, as réguas paralelas e o livro de diretrizes para navegação, quando ouviram um grande alvoroço na coberta e, quase de imediato, alguém bater à porta. Era Schegel, o marinheiro com ar de alquimista, que tirou o boné e declarou: — Capitão Black, chamam-no ao castelo da popa. Brommers avistou um navio, capitão.

A embarcação, provavelmente uma corveta ou uma fragata ligeira — Blackraven não conseguia ver se tinha ou não um terceiro mastro —, encontrava-se a três ou talvez quatro milhas para norte, a sotavento, alguns graus a estibordo.

— Parece uma corveta, capitão — comentou Zagros, o contramestre.

— Achas que pode ser o barco que transporta tua mulher? — perguntou Malagrida.

Blackraven não respondeu e dirigiu o telescópio para o Afrodita, a fim de prevenir Amy e sua tripulação de que havia descoberto o navio. Continuaram a navegar sem alterar o rumo, a atenção posta no navio que se deslocava à frente deles, ao mesmo tempo que tentavam deslindar se se trataria de uma embarcação amiga ou inimiga. Apesar de serem corsários, naquela ocasião não tinham tempo nem espírito para se envolverem numa batalha naval. Os seus homens compreendiam isso perfeitamente e não lhe criariam problemas, embora lamentassem a perda da presa.

Pela rapidez com que a frota cobria a distância que os separava, Blackraven convenceu-se de que os marinheiros da corveta — nesse mo mento já conseguia distinguir bem o tipo de embarcação — constituíam um grupo pouco hábil, pois não atuara com rapidez para alterar a orientação do velame, de modo a aproveitar a mudança do vento. Devido à claridade do dia e à escassa milha que os separava, conseguiram avistar o nome do navio, Folâtre e a bandeira francesa que ondulava no mastaréu.

— Mudaremos de rumo… — começou a dizer Blackraven, calando-se subitamente. — Malditos sejam os seus olhos, condenado, filho do demônio! — praguejou segundos mais tarde.

— Que foi? Que se passa? — alterou-se Malagrida.

— É Galo Bandor. O capitão desse navio é Bandor, maldito pirata do demônio. Zagros, iça o sinal para que o Afrodita se aproxime imediatamente.

— Sim, capitão! — O maldito já sabe quem nós somos. Está a preparar o canhão e a ajustar o ângulo de elevação. Pretende ser ele mesmo a disparar e o filho de um cão tem uma pontaria dos diabos.

— Mando desamarrar os canhões, capitão? — perguntou Milton.

— Não. Longe de mim a ideia de o acompanhar nesse jogo imbecil.

Não tenho tempo a perder. Ele que dispare tiros no vazio.

Ouviu-se o conhecido estrondo do canhão a expulsar a bala e Blackraven esperou com ansiedade para ver onde os atingia. O tiro falhou e a bala ergueu uma coluna de água que, ao cair no mar a poucas jardas da proa, salpicou a coberta do Sonzogno.

— Que diacho…? — começou a dizer Malagrida.

— Foi um tiro de advertência — explicou Blackraven, sempre com o olho no telescópio. — Quer que nos mantenhamos à distância.

Sentado na beirinha do beliche, os braços cruzados sobre o peito e ar de poucos amigos, Víctor não queria falar.

— Que se passa, meu amor? — insistia Melody. — Não vais contar o que tens? — O capitão — fraquejou o menino, referindo-se ao pai, a quem chamava sempre "capitão" — não me deixou ficar no convés para ver de perto uns barcos que vêm atrás de nós.

Trinaghanta e Melody trocaram um olhar entre si que era um misto de esperança e preocupação.

— Talvez tenha sido por tu… Não terminou a frase. Um ruído aterrador sacudiu o camarote. Me lody e Trinaghanta lançaram-se sobre as crianças.

— Disparou o canhão e não me deixou ver — queixou-se Víctor.

— Silêncio — disse Melody, pedindo a Deus que aquele som não se repetisse. Alexander e Angelita choravam.

Minutos mais tarde, ouviram os passos enérgicos de alguém que descia pela escotilha. Galo Bandor abriu a porta do camarote e, do umbral,
ordenou: — Senhora condessa, traga o seu filho e acompanhe-me.

— Onde? — balbuciou Melody.

— Ao convés.

— Deixarei o menino aqui.

— Não! Disse para trazer o menino.

A afabilidade de Bandor esfumara-se e um esgar de ansiedade e raiva tornava-lhe agora as feições horrendas, de tal modo que nem os enormes olhos verdes nem os seus caracóis dourados conseguiam moderar aquele aspecto maléfico. Melody cobriu a cabecinha de Alexander com um lenço, apertou-o bem contra o peito e seguiu o pirata até a popa do navio. Bandor segurou-a pelos ombros e colocou-a junto à amurada.

— Agora, senhora condessa, olhe na direção daquele barco, o maior,o que se encontra no extremo direito da frota.

Blackraven conteve a respiração e chegou o corpo à frente como se, com esse movimento, pudesse focar melhor. Largou o telescópio, voltou a cara e olhou para Malagrida com uma perplexidade que denotava dor, antes de murmurar,

agitado: — Meu Deus! Aquele filho da mãe tem Isaura e o meu filho.

— O quê? Que estás a dizer? — Malagrida pegou de novo no telescópio. — Deus nos ampare! Então La Cobra não chegou a tempo de sequestrar Miss Melody. Bandor adiantou-se-lhe. É uma boa notícia, Roger, muito boa. É preferível lidar com este pirata do que com o assassino maníaco.

Blackraven manteve-se em silêncio. O seu instinto dizia-lhe que aquela situação apresentava facetas obscuras e, à medida que tentava deslindá-las, tornavam-se pouco comuns e complexas. “Há qualquer coisa aqui que está muito mal”, pensou. Não acreditava nas coincidências: Bandor e La Cobra deveriam estar a trabalhar em conjunto. “Que vão os dois para o inferno.” No silêncio que reinava de popa a proa, o grito de Blackraven ressoou como outro tiro de canhão.

— Sommerson! Schegel! Apresentem-se! Os marinheiros apresentaram-se de imediato.

— Às suas ordens, capitão Black.

— Contem-me de novo a fuga de Bandor do paiol dos cabos menores.

Blackraven estava num estado tal de agitação que a sua vitalidade era muito superior à habitual, o que lhe permitia fazer duas coisas ao mesmo tempo: ouvir com atenção a narrativa dos fatos e estudar o semblante da sua mulher para tentar perceber como estava. Com aquele telescópio — fabricado com lentes holandesas da mais alta qualidade —, observava com nitidez o rosto de Melody, a cabecinha do seu filho tapada com um lenço, decerto para o preservar dos rigores do sol.

— Dizes que a pessoa que ajudou Bandor a fugir — disse Blackraven –ia vestida de negro da cabeça aos pés.

— Sim, capitão.

— De que altura era? — Bem… — hesitou Schegel —, não tão alto como Sua Mercê, capitão Black, nem como o capitão Malagrida. Talvez como Sommerson — disse, apontando para o companheiro.

— Sim, sim — confirmou este. — Era alto e magro e com uma agilidade comparável à de um gato, capitão. Lembrou-me aquela endemoninhada criatura que a capitã Black Cat transporta ao ombro. Vi bem quando se lançou sobre Van Goyen. Estava pendurado no mastro mais alto como se fosse um macaco. Pobre Van Goyen, não chegou a saber quem o matou! — E Abaacha, capitão, que era tão hábil com o machete — acrescentou Schegel —, caiu morto às mãos desse condenado, numa questão de segundos.

A coragem de Blackraven sofreu um rude golpe ao ver que Melody e o seu filho se afastavam da popa e desapareciam do seu ângulo de visão. “Estão bem”, animou-se. “Estão bem. Isaura parece tranquila”, embora houvesse sempre a possibilidade de, sabendo que ele os observava, ter fingido um bem-estar e uma

calma que não correspondiam à verdade.

Numa manobra que demonstrava bem a sua mestria, Amy Bodrugan tinha virado a bombordo e aproximado o Afrodita, por forma a ficar a cinco jardas de estibordo do Sonzogno.

— Ei, Blackraven! — gritou. — Que significa tudo isto? — perguntou,apontando para a Folâtre.

— O que estás a ver, Amy — disse, sem entrar em pormenores para não manifestar hesitações frente à tripulação. — Vamos manter o rumo atrás deles, a esta distância.

A situação não se alterou ao longo dos dois dias, durante os quais Blackraven não voltou a ver Melody, apesar de ele ou de um dos seus homens montar constantemente guarda com o telescópio, mesmo durante a noite, usando para tal lentes especiais destinadas à escuridão. Via diariamente as crianças que pareciam divertir-se como se estivessem a dar um mero passeio. Víctor praticava esgrima com Bandor e Blackraven suspeitava de que o pirata já sabia tratar-se do filho. Passava horas a tecer conjecturas com Malagrida e Somar, a formular perguntas sem resposta. Estaria La Cobra na Folâtre? Ter-se-ia aliado a Bandor? Mudariam de planos agora que Blackraven os perseguia? — De uma coisa estou certo — afirmou Malagrida: — La Cobra, Bandor ou ambos não tinham previsto que te fizesses ao mar tão rapidamente. Aposto os meus tomates em como não sabiam que tínhamos dois barcos prontos para zarpar. Julgaram que precisaríamos de consertar peças e abastecer navios com mantimentos e água, o que nos demoraria pelo menos dois ou três dias.

Durante aqueles dias de perseguição, Blackraven viu as suas suspeitas confirmadas: os marinheiros da Folâtre revelavam pouca destreza nas manobras náuticas e só a mestria de Galo Bandor e dos seus cinco colaboradores conseguia manter o barco no rumo certo, embora se movesse de modo torpe e lento, por vezes não avançando nem a seis nós, e mostrando um ângulo de abatimento muito pronunciado, fruto da inexperiência do timoneiro, o que, deduziu Blackraven, deveria aborrecer Bandor mais do que qualquer outra coisa. “Os marinheiros parecem cerieiros, não homens do mar”, disse para si próprio. “É bastante evidente que os contratou à pressa e como último recurso.” Por isso, Blackraven começou a sentir uma grande angústia na tarde em que o barômetro desceu mais do que o normal e o anemômetro mostrou que o vento uniforme de oito nós, que os acompanhara durante aqueles dias, começava a ganhar velocidade, provocando uma maré que fazia agitar os navios com violência. Observou as nuvens escuras que avançavam de este e calculou que, dentro de pouco mais de duas horas, se desencadearia uma tempestade.

— Capitão — disse Shackle, em jeito de cumprimento.

— Shackle — respondeu Blackraven sem baixar o telescópio.

— Eu e os rapazes já tínhamos estado a comentar que este calor pegajoso não poderia trazer nada de bom. Vai ser uma tempestade daquelas para não esquecer.

— É esse o meu receio, Shackle.

— Será suficientemente estanque, capitão? — disse Shackle, apontando com a cabeça para a Folâtre, e questionando-se sobre se a selagem da corveta seria de molde a impedir as infiltrações.

— Parece sólida.

— Sim, capitão. Parece sólida — mas a sua voz não denotava grande convicção.

Ao pôr-do-sol, as ondas atingiam uma altura que competia com o mastro maior. A proa do Sonzogno elevava-se na crista da ondulação e caía no vazio. Blackraven sentia o estômago dar uma volta, se bem que, depois de tantos anos no mar, a sensação já não o incomodasse particularmente. O seu espírito, disperso, perdia toda a concentração ao pensar em Isaura, no seu pânico e na sua confusão. No seu provável mal-estar físico. Felizmente, tinha com ela Trinaghanta para a ajudar a tratar do menino e a cingalesa sobrevivera a muitas tempestades como aquela, estando habituada a ultrapassá-las sem se descontrolar.

Da sua posição no castelo da popa, coberto por uma barregana acolchoada, Blackraven dominava todo o barco de proa a popa. Estava só. Ao avistarem a tempestade, tinham erguido os sinais para que a Butanna, numa manobra de velas, parasse, permitindo, assim, a Malagrida abordá-la com uma chalupa e assumir o comando. Blackraven não confiava no capitão Barrett para contornar convenientemente os perigos da tormenta e não queria arriscar a fragata, não tanto pelos couros que transportava no porão, mas porque era uma embarcação magnífica. Somar, por seu turno, encontrava-se na coberta inferior, onde reunira Isabella, Michela, Miora e Rafaelito num mesmo camarote para lhes dar apoio enquanto durasse a tempestade.

Blackraven mandou fazer a segurança da coberta e os seus homens vieram de imediato reforçar os canhões, cobrir as escotilhas com tiras depano, tapar a balaustrada com um oleado, para impedir que se molhassem as camas de lona onde dormiam os marinheiros, verificar as cordas que prendiam as barricas de água e reduzir o mais possível o velame. A água ensopava as velas, tanto a do mar quanto a da chuva e a sua intensidade era tal que chegava a dificultar-lhes a respiração. A temperatura tinha descido vários graus centígrados e o frio era agora rigoroso. De vez em quando, lançavam uma vista de olhos à ponte de comando, onde estava o capitão Black que lhes ia vociferando ordens — “Recolham os joanetes!” “Preparem o cordame!”, “Estiquem bem os

cabos!”, “Enrolem as gáveas!”, “Preparem as bombas de escoamento de águas!” —Mantinha o olho direito ocupado no telescópio para não perder de vista a Folâtre.

— Será que ele tem um terceiro olho na testa ou na nuca? — perguntou-se Milton.

Apesar de ser praticamente impossível manter debaixo de olho a corveta de Galo Bandor, Blackraven conseguiu ver que o pirata espanhol ia tentar contornar a tormenta com a vela latina. O capitão Black não poderia dar-se a esse luxo, visto que não se concentraria tanto em sair da borrasca, quanto em manter-se colado à Folâtre, para o que teria de manobrar as velas, as quais, numa situação normal se manteriam, na sua maioria, descidas. Tratava-se de uma proeza que exigia um domínio e um conhecimento profundos do navio e das regras de navegação. Qualquer homem do mar a teria considerado um ato suicida. Os marinheiros de Blackraven, que tinham adivinhado a sua intenção, confiavam no seu julgamento e preparavam-se para uma noite de grande agitação. Por isso, persignavam-se e beijavam o escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

Melody tinha a impressão de que um gigante os tinha metido num covilhete e sacudia com violência. Por momentos, a corveta inclinava-se tanto que a mastreação ficava paralela ao mar. Durante alguns segundos, que pareciam não ter fim, o barco ficava suspenso no abismo, até que outra onda lhe batia, endireitando-o para, logo em seguida, o voltar no sentido contrário. Melody nunca imaginara que aqueles movimentos fossem possíveis e quando, horas antes, Trinaghanta, depois de avistar o céu pela claraboia e anunciar a tempestade, rasgara tiras de pano da sua túnica para amarrar Alexander e as outras crianças às camas, rira com gosto. Agora, nada lhe dava vontade de rir, nem sequer era capaz de chorar. Apenas vomitava, gemia, tentava ocupar-se do filho e dos outros que choravam em uníssono entre um e outro vômito. “Bendita seja Trinaghanta”, pensava Melody, quando a cingalesa lhe passava um pano úmido pela boca para lha limpar.

Após a primeira hora de tempestade, suja e a cheirar mal, e de certo modo habituada a que o tecto do camarote ficasse aos seus pés, Melody começou a pensar em Blackraven, imaginando que iria morrer sem voltar a vê-lo, e o seu choro já não era de medo e sim de aflição. Sentiu-se invadida por uma melancolia alheia à sua natureza. Nunca sentira tal emoção, nem mesmo com a morte de Jimmy. Nessa altura, o seu sentimento roçava o desespero e a angústia; agora, confrontava-se com o desânimo, o pessimismo, a amargura no seu estado mais puro. Não queria morrer tão jovem. Tinha pena de si própria, de Alexander e das outras crianças.

Embora o capitão Bandor não lho tivesse dito, Melody sabia que Blackraven

estava num dos barcos da frota que tinham avistado dias antes. Ora, naquele momento, o mar também o ameaçava de morte.

— Roger vai morrer! — gritou para que a sua voz se sobrepusesse ao ranger da quilha do navio, ao ulular do vento e ao rugido do mar.

— Oh, não, senhora, não diga uma coisa dessas! — Trinaghanta ajoelhou-se ao seu lado e passou-lhe a mão pela testa. — Ninguém pilota melhor um navio do que o patrão Roger. Eu vi-o muitas vezes salvar barcos que estavam em muito má situação durante os tufões das Caraíbas. E pode acreditar, senhora, esta tempestade não é nada comparada com um desses tufões.

— Não quero morrer sem o voltar a ver, Trinaghanta.

— Não vamos morrer, senhora. O capitão Bandor é um marinheiro experiente. Tudo vai correr bem, vai ver.

A calma chegou de manhãzinha cedo, como se o sol impusesse uma ordem sobre os elementos. Não havia sinal da tormenta, apenas uma linha de nuvens cinzentas a oeste e um leve movimento de ondas que fazia balouçar a Folâtre. Para Bandor, aquela fora uma noite infernal, durante a qual receou diversas vezes que o barco se afundasse. Se tivesse podido contar com a tripulação da Butanna, não teriam sido cometidosos erros que os colocaram em perigo. Mas aquele maldito Blackraven e os seus homens tinham-na liquidado quase por completo. Apenas cinco haviam sobrevivido à abordagem.

Soturno e irascível, ainda encharcado e com a garganta áspera de engolir água salgada, tratou de verificar os danos que o navio sofrera: no convés, uma gávea de proa estava rasgada por não ter sido recolhida a tempo e, nas cobertas inferiores, podiam ver-se alguns destroços, causados pelo fato de tacos de madeira pouco firmes terem permitido que barris com rum e carne salgada rolassem e rebentassem, chocando contra a amurada. Tratava-se de um erro imperdoável, mas com tudo o que acontecera e dada a violência da tempestade, os danos eram de somenos importância. Felizmente, os barris de água doce tinham sido bem presos com cordas, encontrando-se intatos. Deu instruções para que limpassem e reparassem a gávea e foi até o camarote mudar de roupa. De volta à coberta, decidiu visitar os prisioneiros. Mal abriu a porta, sentiu um forte odor a vomitado. Com excepção da cingalesa, tinham ficado todos num estado lastimoso, com expressões de profundo cansaço e lábios gretados que revelavam um princípio de desidratação. Tomou o filho nos braços e, olhando para Melody, ordenou: — Sigam-me. Vão ocupar o meu camarote enquanto mando limpar este. Vou mandar trazer um chá e alguma coisa de comer. É fundamental que se alimentem e bebam e que a seguir descansem. Têm de recuperar forças.

— Um pouco de água para nos lavarmos — pediu Melody e Bandorassentiu.

— Capitão? — disse Víctor.

— Diz, rapaz.

— Eu nunca chorei apesar de o barco quase se ter virado muitas vezes.

— Muito bem. Eu já te tinha dito que tens fibra de marinheiro. –Bandor sorriu, pouco à vontade, e Melody apercebeu-se de que ele corara um pouco.

De regresso ao convés, Bandor surpreendeu-se ao avistar Sonzogno. Os outros navios não eram visíveis na linha do horizonte. Praguejou baixinho. Tivera algumas esperanças de que a tempestade lhe trouxesse alguma vantagem: perder Blackraven de vista. “Maldito condenado.”, murmurou, mais por inveja e ciúmes do que por raiva, visto que era uma memorável façanha sobrevivido à tempestade, permanecendo ao mesmo tempo atrás da Folâtre. Uma vez mais, o inglês demonstrava a sua supremacia na condução de um navio e, se tivesse de encontrar uma alegoria para descrever aquela proeza, teria dito que David, numa luta corpo a corpo, conseguira vencer Golias. As tripulações do Sonzogno e dos restantes navios narrariam mais tarde tal gesta nas tabernas dos portos e a lenda do capitão Black não conheceria limites.

Passou o dia a espreitar pelo telescópio. Preocupava-o o fato de não avistar o Afrodita. Precisava de ver Amy Bodrugan a salvo ou a ansiedade ainda o levaria a cometer uma loucura. Por fim, ao entardecer, depois de a sua querida Butanna e da Wings se aproximarem do Sonzogno, as velas do Afrodita emergiram da linha do horizonte.

— Amy Bodrugan — murmurou com o olho no telescópio.

A condenada tinha-lhe dado um filho. Um filho que, a pouco e pouco, se ia transformando no seu orgulho. Um filho digno da capitã Black Cat e do capitão Galo Bandor. Gostava dele e também de Amy Bodrugan.

— São meus. Pertencem-me — murmurou.

Amy deveria suspeitar de que ele já sabia que Víctor era o fruto da queles três dias de sexo violento e apaixonado no camarote da Butanna.“Amas-me, Amy Bodrugan?”, perguntara-lhe uma vez. “Sim, sim”, confessara, transtornada pelo orgasmo iminente. E deveria ter suspeitado porque durante aquele tempo de perseguição, ela os observara do castelo da popa do Afrodita e vira-o praticar esgrima com Víctor e outras vezes a conversar. Galo Bandor estava convencido de que a existência de Víctor mudaria o rumo dos acontecimentos. Ele já não era o mesmo e, na verdade, não desejava prosseguir com aquela missão.

Foi então que, como se os fios do destino se encontrassem tecidos na perfeição, chegou a calmaria. Dois dias depois da tempestade que, de modo milagroso, os conduzira para norte, e encontrando-se a poucas milhas do Equador, o vento perdeu a sua constância, tornando-se numa brisa leve que acabou por desaparecer.

Bandor calculou que aquele novo cenário convinha a Blackraven que

pretendia evitar por todos os meios que a Folâtre chegasse ao destino. Conhecia-o demasiado bem para o imaginar de braços cruzados.

"Provavelmente", pensou "tentará abordar o barco durante a noite". E suspeitou também que La Cobra, aquele maldito sicário que o tinha agarrado pelos tomates, deduziria o mesmo. As suas suspeitas não tardaram a ver-se confirmadas quando, na tarde do primeiro dia de mar calmo, entrou no seu camarote e deparou com La Cobra. O sicário raramente abandonava o seu camarote, apenas o fazia para passear no convés durante a noite e trepar pelos cabos que sustentavam os mastros até o cesto da gávea com a agilidade de um hábil marinheiro. Os seus homens, supersticiosos como bons lobos-do-mar, temiam-no. O próprio Peñalver afirmava tratar-se de Lúcifer, pelo que, quando era a sua vez de fazer a guarda noturna, persignava-se ao descobrir que a sombra do sicário deslizava pela escotilha. Bandor admitia que se sentia intimidado a falar com uma máscara negra que se torcia de modo pouco natural e, ao ouvir aquela voz cuja entoação não correspondia à de um ser humano, lembrava-se sempre com alguma vergonha do modo como estremecera da primeira vez que a ouvira, logo a seguir a ter sido libertado do paiol dos cabos menores do Sonzogno.

Minutos antes de a porta do compartimento se abrir, ele e os seus homens tinham ouvido correrias, gritos abafados e insultos. A ansiedade levara-os a tecer todo o tipo de conjecturas até que o chiar dos gonzos os emudecera. Como os mantinham às escuras e a luz que se filtrava pela fenda não era suficiente, foi impossível ver quem lhes dirigia a palavra.

— Venham comigo — dissera aquela voz peculiar. — Vou levá-los deste navio.

Demoraram a reagir. Os seis tinham ficado como que enfeitiçados.

— Quem é você? — perguntara Bandor.

— Meu nome é La Cobra e estou aqui para resgatá-los.

— Porquê? — Porque preciso da sua ajuda.

Horas mais tarde deram-se conta de que tinham saído de uma prisão para entrar noutra. Era de noite e não sabiam onde estavam. Foram conduzidos durante horas numa galera e, quando já quase amanhecia, esta parou diante de uma cabana miserável, com telhado de palha e paredes de adubo, erguida no meio de coisa nenhuma. Tudo acontecera de modo estranho. Ele e os seus homens entraram na cabana e lançaram-se sobre uma mesa cheia de excelente comida. Ao vê-los fartos, La Cobra chamou Bandor aparte e exigiu-lhe o preço do resgate. Como Bandor se recusou a colaborar no sequestro de uma mulher e do seu filho, La Cobra, com uma agilidade fora do comum, agarrou-o pelo pescoço e encostou-lhe uma pistola à testa, ao mesmo tempo que dava ordens

aos seus homens para que se atassem uns aos outros. O próprio Bandor teve de atar Peñalver.

— Se quer voltar a ver com vida o que resta da sua tripulação –ameaçou o sicário — fará o que lhe mando. Preciso que alugue um navio e o abasteça.

O ambiente tornou-se ainda mais confuso quando entrou uma mulher de grande beleza que lhe amarrou os pulsos atrás das costas e lhe vendou os olhos, conduzindo-o até o exterior. Bandor compreendeu que não tinha alternativa: cumpriria as ordens de La Cobra ou não voltaria a reunir-se com os seus homens. Não os abandonaria a troco de nada, eram a sua única família, principalmente Peñalver, de quem gostava como se fosse seu pai. Não tinha sido fácil conseguir um navio e os abastecimentos naquele maldito porto de Buenos Aires. La Cobra, por seu turno, reunira aquele grupo de homens aos quais não se podia chamar tripulação e a quem certamente prometera largas quantias de dinheiro em troca de fidelidade. Encontrara-os nas tabernas, a que chamavam pulperías, e só uma meia dúzia tinha conhecimentos náuticos, se bem que todos manejassem com grande destreza a navalha e o facão. Não obstante, ali estavam, a milhas de distância do Equador, no meio do oceano calmo, depois de uma tempestade dos diabos.

— Que quer? — disse Bandor, dirigindo-se a La Cobra, ao mesmo tempo que fechava a porta do camarote.

— Que se passa? Porque motivo o navio não se move? — Chamamos a este fenômeno calmaria. Não há vento e, por isso, as velas não nos impulsionam. — Pela primeira vez, Bandor detectou inquietação na voz do sicário. — Resta-nos esperar. O vento voltará, mais tarde ou mais cedo.

— Quanto tempo? — Não é possível prever os caprichos de Éolo. Tanto pode voltar dentro de duas horas como daqui a duas semanas.

“Que estranho ser se ocultará por detrás desta máscara?”, pensou Bandor. Tinha calor só de ver o sicário metido dentro daquele traje negro, a cabeça coberta pela máscara de couro. “Deve estar a assar”, deduziu, visto que as temperaturas naquelas latitudes tão baixas, ascendiam a valores verdadeiramente impiedosos.

Por outro lado, La Cobra meditava sem afastar a vista de Galo Bandor. A dita calmaria mudava todo o cenário. Já o tinha mudado no dia em que Bandor lhe comunicara que Blackraven os seguia de perto. Nunca imaginara que o inglês se fizesse à vela em tão pouco tempo. Era evidente que os seus barcos deveriam estar prontos para zarpar e que os seus informadores tinham descurado essa parte fundamental da informação. Contudo, não ficara tão inquieto quanto agora, naquele novo contexto, o da “calmaria”.

La Cobra lembrou-se que o motivo pelo qual se mantinha naquele ofício era

porque sempre se antecipara aos movimentos do inimigo. Fora assim que Papío lhe ensinara a caçar serpentes com as mãos. “Adianta-te ao movimento dela. Prevê o que irá fazer. Que não te apanhe de surpresa. E será tua vítima.” Sabia que Roger Blackraven aproveitaria as novas circunstâncias para assaltar o barco com um comando noturno. Havia que tomar medidas em relação à mulher e ao filho. Após esse silêncio, declarou: — Fecharão todas as vias de acesso ao camarote da condessa de Stoneville. Quero-a totalmente isolada. Nem ela nem os seus acompanhantes poderão abandoná-lo ou subir ao convés enquanto o vento não regressar.

— Mas… — Camargo e Páez — La Cobra falava de dois dos homens que contratara, os mais violentos na opinião de Bandor — vão se revezar para permanecer dentro do camarote a vigiá-los.

— Dentro do camarote! — protestou Bandor, indignado. — Não terão privacidade nem para fazer as necessidades.

— Mande colocar esse biombo — disse, apontando um que estava encostado numa parede do barco.

— É ir longe de mais. Basta colocar um homem de guarda na porta… — sugeriu Bandor.

“La Cobra”, pensou Bandor, “não se mexe, simplesmente aparece”. Como por artes mágicas, desvanecia-se no sítio onde estava para aparecer num outro. Assim, com uma velocidade comparável a um pestanejar, o sicário colocou-se atrás dele, agarrou-o pelo pescoço e encostou-lhe a ponta de uma adaga à jugular.

— Bandor, não discuta comigo. Não estou de bom humor. Faça o que lhe digo e não haverá problemas.

No dia seguinte, bem cedo, Galo Bandor observava através do telescópio a disposição vantajosa que os quatro navios da frota de Blackraven tinham adoptado. Certamente, ao reparar que o vento começava a soprar com rajadas e inconstante e prevendo o mar agitado, Blackraven dera indicações aos seus navios para que guinassem noventa graus e se posicionassem com a popa virada para a proa do Folâtre e que a seguir se aproximassem justapondo as proas com as popas por forma a criar um paredão sólido face a ele. Calculou que, pelo lado de estibordo, longe dos seus olhares, deveriam estar a arriar os botes para transmitirem mensagens e trocar provisões entre si. Pouco depois, percebeu que Amy Bodrugan, para evitar que o ócio se instalasse, tinha mandado limpar a quilha do navio e pintar o casco que estava muito desbotado. Alguns homens atiravam-se ao mar com espátulas e outros soltavam cabos e apetrechos por onde se pendurarem para lixar e pintar.

Amy Bodrugan molhou a pena no tinteiro e fez os registos no diário de bordo.

Detestava aquelas atividades relacionadas com a administração do navio, motivo pelo qual contratara um escriturário, Stephen Reynolds, que nessa noite roncava na cama de lona após a bebedeira de grogue que, no dia seguinte, lhe valeria doze chicotadas. Detestava a calmaria, não tanto pelo tempo perdido, mas principalmente porque provocava o ócio. Pousou a pena, afagou a face e suspirou. Não conseguia concentrar-se nas anotações porque o seu espírito saltitava constantemente para o Folâtre. Passava horas à espera que Víctor surgisse da escotilha. Sentia o coração acelerado e o estômago pequenino ao vê-lo correr pelo convés direito ao pai. Os navios distavam uma escassa meia milha e, graças à potência das suas lentes, distinguia a ex pressão de felicidade do filho. Por vezes, Bandor, permitia que ele espreitasse através do telescópio e, ao descobri-la no convés, empenhada na mesma atividade, Víctor acenava-lhe e sorria e ela percebia pelo movimento dos seus lábios que lhe chamava mãe. Sempre gostara que ele lhe chamasse mãe, mas, agora que o fazia frente a Bandor, um orgulho muito especial embargava-lhe a voz e não queria que o pirata espanhol ficasse a saber que, durante dez anos, se mantivera afastada de Víctor.

Ouviu a porta a abrir-se atrás de si e fingiu concentrar-se no diário de bordo.

— Deixa a comida em cima do meu beliche, Liu-Chin.

— Não sou o teu maldito cozinheiro chinês, Amy Bodrugan — disse uma voz que, pela familiaridade, a levou a dar um salto na cadeira.

— Maldito, filho da mãe! Devolve-me o meu filho! Bandor, de calções brancos que lhe iam até os joelhos, descalço e todo encharcado, sorriu de modo complacente perante aquele olhar ardente e feroz de Amy.

— O nosso filho, queres tu dizer.

Amy subiu para a mesa e lançou-se sobre Bandor. Rolaram pelo soalho entre os insultos dela e as gargalhadas dele, que a dominou sem grande esforço. Com um movimento rápido e enérgico colocou-a de barriga para cima, debaixo do seu corpo e, agarrando-lhe os braços, imobilizou-a. Amy sacudia a cabeça de um lado para o outro e insultava-o. Bandor inclinou-se e beijou-lhe os lábios com brusquidão, esmagando-a contra o chão para que não se mexesse. Amy sentiu o sabor salgado da língua de Bandor quando esta irrompeu pela sua boca e ouviu-o arfar pesadamente quando a excitação começou a dominá-lo e a contagiá-la, e as respirações de ambos se fundiram, ofegantes, num profundo prazer.

— Oh, Amy…— ouviu-o sussurrar e sentiu-se dominada pelo desejo.

Bateram à porta com alguma insistência. Bandor levantou a cabeça e cravou os olhos verdes nos olhos negros de Amy. Não a ameaçou com gestos nem com palavras. Aguardou serenamente a sua decisão.

— Capitã, que se passa? Ouvimos barulho aí dentro.Sem afastar o olhar do de

Bandor, Amy respondeu: — Não é nada, Lübbers. Estou bem. Volta para o teu posto de vigia.

— De certeza que está bem, capitã? — Sim, estou bem.

Os passos de Lübbers desvaneceram-se no corredor.

— Que queres de mim, Galo? Porque vieste até aqui esta noite? — Para isto — disse, voltando a apoderar-se dos seus lábios, desta vez com mais suavidade, mas com a mesma paixão.

Amy não tinha vontade de recusar a si própria aquela sensação e permitiu que Galo lhe desabotoasse a blusa e lhe rasgasse o corpete. Arqueou-se e gemeu quando ele lhe sugou os mamilos e ajudou-o a desapertar as calças. Bandor pôs-se de pé para tirar os calções pesados da água e, enquanto o fazia, manteve o olhar fixo no de Amy que lhe devolveu uma inequívoca e intensa mensagem de desejo, que quase o fez rir de felicidade. Cobriu-a de novo com o seu corpo frio e úmido, ao que ela respondeu, envolvendo-lhe a parte inferior das costas com as pernas esbeltas.

— Pede-me que te possua — pediu-lhe, ansioso. — Desta vez quero que seja com o teu consentimento.

— Por favor, Galo, possui-me.

De olhos fechados, Amy respirou fundo, quando Bandor irrompeu pela sua carne. Ele agarrou-a pela longa cabeleira negra e beijou-lhe os lábios, as maçãs do rosto, o pescoço, com um ardor que acompanhava o ímpeto das suas investidas. Não poderiam expressar-se com liberdade ou a tripulação arrombaria a porta. Bandor mordeu o lábio e Amy enterrou-lhe as unhas nas costas, enfiando o rosto no seu peito. Com as pernas dela rodeando-lhe a cintura, levou-a para o beliche, onde voltaram a fazer amor.

— Maldito sejas! — sussurrou ela, ainda emocionada pelo orgasmo. – Maldito sejas por fazeres amor comigo desta maneira.

— Só contigo atinjo este êxtase. Só contigo — enfatizou, enquanto depositava pequenos beijos nas pálpebras e lhe acariciava o corpo esbelto e flexível.

— Ainda bem que vieste.

— Mal avistei os cordames que os teus homens penduraram na amurada para a pintar, decidi atravessar a nado a meia milha que nos separa.

— Como conseguiste evitar a guarda do convés? — Há muito grogue entre os teus homens, minha querida — censurou Bandor.

— Sim, eu sei — admitiu Amy. — Esta calmaria torna-os indolentes. Mas amanhã vou distribuir chicotadas a torto e a direito. Vais ver se não consigo que o grogue lhes provoque vômitos. Maldito sejas, Galo! — praguejou Amy, levantando-se do beliche, o lençol envolvendo-lhe o corpo nu. — Devolve-me o meu filho. Hoje não apareceu no convés durante todo o dia. Diz-me se ele está

doente.

— Ouve — disse Bandor com severidade, obrigando-a a deitar-se ao seu lado. — Ouve com atenção porque não tenho muito tempo. Estou nasmãos de um sicário chamado La Cobra que tem Blackraven em mira. Resgatou-me do Sonzogno porque precisava de alguém que pilotasse um barco e ameaçou que mataria os meus homens se eu não colaborasse no sequestro da condessa de Stoneville.

— Roger e eu achamos que vocês são cúmplices — declarou Amy.

— Malditos sejam os olhos de Blackraven e maldita sejas tu por acreditares cegamente nele.

— Estou farta da tua sede de vingança. Roger se bateu com o teu pai num duelo limpo. Eu estava lá e vi. Roger ganhou e teu pai, que era um filho da mãe, perdeu. Aceita esse fato e deixa-nos em paz.

Bandor agarrou-a pelos ombros e olhou-a de um modo tal que Amy sentiu o estômago dar uma volta.

— Não vês que é por tua causa que odeio Blackraven? Era um menino imbecil quando decidi vingar a morte do meu pai. Compreendi há muitos anos que era um perfeito disparate, que tinha de esquecer. Deus sabe que Ciro Bandor era um filho da mãe como tu dizes e não merecia um esforço tão grande da minha parte. Contudo, tu já tinhas entrado na minha vida e mudado tudo. Fico louco cada vez que te imagino nos braços dele.

— Há muito tempo que Roger e eu deixamos de ser amantes. Ele agora está casado e, mesmo que não acredites, é fiel à mulher.

— E isso te desagrada profundamente, não é verdade?

— Não.

A resposta o satisfez. Se Amy se tivesse expressado com maior veemência ou por outras palavras, não teria acreditado nela. Mas aquele simples “não”, dito com serenidade e num tom de voz neutro, foi o suficiente.

— Vim propor um plano para acabar com La Cobra.

— Está contigo no Folâtre?

— Sim. La Cobra e a sua cúmplice, uma mulher que só vi um par de vezes. Julgo que é sua amante. Com exceção dos meus cinco homens, todo o resto da tripulação lhe obedece e não poderei fazer nada sozinho. Preciso que, aproveitando a calmaria, Blackraven e tu abordem o barco durante a noite e acabem com eles. Pendurarei a escada de abordagem e algumas cordas para que possam subir, visto que será impossível fazerem-no pelo portaló sem que os homens de La Cobra percebam.

— Falarei com Roger.

— O ataque deverá ser muito em breve. Não sabemos com quanto tempo

contamos. O mar estará calmo por alguns dias, não mais. Voltarei amanhã à noite para acertar os pormenores.

No momento da despedida, Galo Bandor deixou deslizar as mãos pela cintura despida de Amy e puxou-a mais contra seu corpo. Inclinou-se para beijá-la na boca e, sem afastar os lábios dos dela, murmurou: — Amo Víctor mais do que de qualquer outra pessoa porque é o filho que tu me deste.

XXVII

Apesar da oposição de Malagrida e de Somar, Blackraven decidiu confiar em Galo Bandor por uma série de razões, principalmente porque este estava apaixonado por Amy e porque, tendo descoberto que Víctor era seu filho, parecia óbvio que gostava dele.

Poucas horas após o início da calmaria, já Blackraven planejava abordar o Folâtre, por isso, quando Amy embarcou no Sonzogno com a revelação de que Bandor e os seus homens eram reféns de La Cobra e que estavam dispostos a colaborar, não demorou muito tempo a aceitar a oferta. Sem dúvida, poder contar com a cumplicidade do capitão do Folâtre facilitar-lhe-ia a tarefa. De qualquer modo, Blackraven sabia que La Cobra era demasiado inteligente para não prever que ele pudesse tentar um golpe do gênero, aproveitando o fato de o mar estar calmo. “La Cobra sabe que é a minha vez de dar o passo. Está só à espera de que eu atue para reagir. E a sua reação recairá sobre Isaura e o meu filho.”O seu tio Bruce, quando o ensinara a jogar xadrez, explicara-lhe: “Antes de moveres uma peça, é fundamental que adivinhes o movimento seguinte do teu adversário, e o que vem depois e depois e depois. Só assim vencerás o jogo.” Naquele momento, aplicaria o mesmo princípio, tal como fizera em tantas outras ocasiões ao assumir a identidade de Escorpião Negro, filosofia que o mantivera vivo durante tantos anos de instabilidade à beira do abismo, primeiro na França revolucionária e, mais tarde, na Europa napoleônica. Por esse motivo, o plano para resgatar Isaura não poderia cingir-se a uma mera abordagem, teria de ir um pouco mais longe, pois a abordagem era decerto o passo de que La Cobra estava à espera.

Escolheu os seus melhores homens para a missão. Amy insistiu em que levassem Servando, Flaherty, Tomás Maguire.

— De modo algum — declarou Blackraven em relação a este último.

— Trata-se da minha irmã, capitão — protestou Tommy —, quero ajudá-lo a resgatá-la. Permita que lhe devolva algo que Sua Excelência fez por mim há alguns meses.

— Nas duas abordagens que nos mandou fazer, capitão Black — intercedeu Flaherty —, ao El Joaquín e ao El San Francisco de Paula, Maguire demonstrou grande coragem e domínio do machete. Seria útil nesta abordagem, se me permite que lhe dê a minha opinião.

— De acordo — acedeu Blackraven para não desprestigiar Tommy diante de Flaherty, ao mesmo tempo que decidia: “Direi a Somar que se mantenha perto de

Maguire, sempre atrás dele.” Escondidos do lado de estibordo para que não os avistassem do Folâtre, os marinheiros trabalharam afincadamente durante dois dias. Pintaram de negro os botes que os transportariam até o barco de Bandor, embuçaram os remos e untaram as cavilhas com cebo para evitar rangidos quando os homens remassem; prepararam carvões para cobrir os rostos e roupas escuras para vestir; poliram os bacamartes e os mosquetes e conferiram os cartuchos. Afiaram também sabres, espadas, machetes, adagas e alfanges, conscientes de que, depois de dispararem as pistolas, não teriam mais tempo para a lenta recarga. Todas as armas, brancas e de fogo, foram envoltas em panos antes de serem acomodadas entre as bancadas dos botes.

Na noite do terceiro dia sem vento, enquanto a bombordo se simulava a maior normalidade nos quatro navios, a estibordo, arriavam-se os esquifes em que tinham sido instalados trinta homens. A ordem do capitão Black fora a de “silêncio absoluto”. As coisas estavam a correr de acordo com as previsões, os esquifes deslizavam pelo oceano como fantasmas. Uma vez que não havia lua, nem transportavam luz a bordo, guiavam-se pela grande lanterna de popa do Folâtre e pelas luzes da gávea. Não avançavam com rapidez porque os remadores, os mais hábeis das tripulações, rasgavam a água com os remos de modo lento, para que esta não chapinhasse. Ainda assim, tinham conseguido um bom ritmo, ágil e coordenado fazendo com que os esquifes atingissem o destino em menos tempo do que o previsto. As proas tinham sido cobertas com tecido, por forma a, quando batessem na amurada do Folâtre não se ouvir ruído algum. Blackraven ordenou-lhes por sinais que atracassem os esquifes e se preparassem para subir.

Além dos cabos que podiam ver-se pelo escovém, Galo Bandor tinha cumprido a sua palavra e pendurara, com a ajuda dos seus homens e ao abrigo da noite escura, uma rede e uma escada de abordagem e vários cordames. Quinze homens poderiam abordar ao mesmo tempo e, em menos de três minutos, calculou Blackraven, os trinta saltariam para o convés.

O vigia da noite deu voz de alarme ao dar pela invasão pelo lado da proa e logo começaram a surgir pelas escotilhas os outros marinheiros. A serenidade da noite foi alterada por gritos e insultos enquanto os clarões vermelhos dos disparos feriam a penumbra do navio. A tripulação do Folâtre não se mostrou surpreendida quando Bandor e os seus homens se uniram à briga para lutar lado a lado com os invasores.

Não demorou muito para que todos percebessem que não iam ter tempo de recarregar as armas de fogo, pois os tiros cessaram, dando lugar ao ruído do metal dos sabres, machetes e alfanges, entrechocando-se. As exclamações dos que lutavam e os gritos dos que caíam em combate conferiam ao ambiente uma

vibração que se apoderava dos adversários, tornando-os ainda mais selvagens e impiedosos. Arrasavam-se uns aos outros com uma expressão de brutalidade exacerbada pela manchas de sangue que lhes cobriam as feições, sangue que jorrara das veias e artérias do inimigo.

Bandor avistou Blackraven no convés, junto à base do mastro maior. Batia-se com um inimigo robusto, hábil com o machete e, em bora a luz fosse escassa, pareceu-lhe que Roger não se movia com a destreza habitual. “Deve estar ferido numa das pernas”, concluiu, deixando de pensar nele para ir buscar Amy que, em cima da serviola, agarrada a um ovém, brandia o seu sabre para manter o atacante à distância. Correu para ela, ao ver que pretendiam atacá-la pelas costas. Com um facão a poucos palmos de distância de Amy, o agressor soltou um grito e caiu morto junto à serviola. Uma adaga atravessara-lhe a garganta. Bandor arremessara-a de uma distância de mais de duas varas. O adversário que lutava comAmy distraiu-se um instante ao ver cair o companheiro, instante esse que ela aproveitou para lhe espetar o sabre no ventre.

Somar lutava com as duas mãos: numa empunhava o seu iatagã, na outra a cimitarra. Brandia-os com uma destreza quase coreográfica que apanhava o inimigo de surpresa. As suas estocadas e cutiladas não falhavam e a cada novo golpe amputava mãos, se não braços e abria cortes profundos. Enquanto estava atento ao adversário, não perdia de vista Tommy Maguire. A ordem de Blackraven tinha sido: “Não te afastes dele e protege-o a todo o momento.” — Merda — praguejou ao ver um marinheiro do Folâtre, um gigante robusto, encurralá-lo.

Pareceu evidente a Somar que Tommy não aguentaria aquele ataque durante muito tempo. Viu com horror o homem feri-lo no braço direito, fazendo-o perder a pouca força que lhe restava. Não iria chegar a tempo de o defender, ainda estava a meio de uma luta e separava-os uma distância considerável.

Servando surgiu do nada e lançou-se sobre o gigante pelas costas quando este se preparava para desferir o golpe de misericórdia ao jovem Maguire. O marinheiro lançou o corpo para trás e recuou, enquanto se agitava e expressava a sua ira, aos gritos. Servando serpenteava atrás dele, as mãos agarradas ao rosto do atacante de Tommy, na tentativa de lhe enfiar os dedos nos olhos. “Onde diabo teria deixado o seu punhal?”, perguntou-se Somar ao ver o yolof desarmado.

O gigante deixou cair o facão e a pistola, fechou as mãos ciclópicas em volta dos antebraços de Servando e, proferindo um rugido que acompanhava o esforço, fê-lo passar por cima da cabeça. O yolof deu uma volta no ar e caiu de costas, meio desmaiado aos pés do gigante. Enquanto o marinheiro apanhava do soalho o facão e o espetava no peito de Servando, Somar atacava-o por trás,

tentando detê-lo.

Tommy esqueceu-se da ferida do braço e correu para junto do yolof. Agarrou-o pelas axilas para o arrastar alguns palmos para a amurada, afastando-o, deste modo, da luta que se travava agora entre o turco e o marinheiro. Tommy observou espantado a faca enterrada no peito de Servando e, apesar da escuridão, pôde ver a palidez que lhe inundava o rosto. Um fio de sangue escorria-lhe de uma das comissuras dos lábios.

Inclinou-se ao perceber que o negro mexia os lábios.

— Elisea — disse, em voz baixa, mas muito clara. — Diga a Elisea… Engasgou-se com o sangue e tossiu. Maguire desapertou-lhe o lenço do pescoço e limpou-o.

— Senhor Tomás… Diga a Elisea que se lembre… — Voltou a tossir,e Tommy limpou-o de novo. — Diga-lhe que se lembre do parágrafo de Eneida. — E começou a recitá-lo com dificuldade, entre golfadas de sangue: — “Seguir-te-ei ausente, com tochas sombrias, e logo que a fria morte tiver separado meus membros da minha alma, minha sombra te cercará em todos os lugares.” — Servando — chorou Maguire sobre o peito do yolof. — Servando — repetiu, passando-lhe a mão pelo rosto para lhe fechar as pálpebras.

Quando ergueu os olhos, Tommy deu-se conta de que tinham vencido. Os poucos marinheiros do Folâtre que se mantinham de pé largavam as respetivas armas e levantavam os braços em sinal de rendição. O convés estava semeado de corpos mutilados e ensanguentados e, à medida que os gritos de luta se aplacavam, davam lugar aos lamentos dos feridos. Levantou-se para colaborar com os homens de Blackraven que, na proa, reuniam os vencidos, amarrando-os prudentemente à balaustrada.

Bandor passeou o olhar até avistar Amy Bodrugan e Blackraven junto dos marinheiros. Estavam a dominar os sobreviventes do Folâtre, enquanto outro grupo procurava os tripulantes do Sonzogno, do Afrodita e da Wings entre os feridos. “Que está à espera para agir?”, pensou Bandor, ao ver Blackraven ocupado a amarrar os prisioneiros. Falta a parte mais difícil do plano: descer à coberta e resgatar Melody, o menino e a serva das mãos de La Cobra. Quando tencionava abandonar o mastro maior e dirigir-se à proa para falar com Blackraven, ouviu o conhecido chiar da escotilha a abrir-se. Voltou-se, com um mau pressentimento.

Ali estava La Cobra, como de costume, escondido atrás da sua máscara e do seu traje negro. Emergia lá de baixo com Melody colada ao corpo e encostava-lhe um mosquete à testa. O perfil do sicário desvanecia-se na escuridão. Melody, pelo contrário, com a cabeleira clara e as roupas brancas parecia iluminada.

Tremia e mordia o lábio para não chorar. Contudo, mantinha uma compostura admirável.

— Blackraven! — vociferou La Cobra. — Solte esses homens ou matá-la-ei aqui mesmo.

Blackraven deu meia-volta e ficou imóvel, a observar a sua mulher e o sicário. Apesar de estarem a uma distância considerável, Bandor apercebeu-se da inquietação que se apoderava dele. La Cobra deu alguns passos em frente e colocou-se no meio do convés, voltado para a proa.

— Decepcionou-me, capitão Black — declarou com ar jocoso. — Não o imaginava tão previsível. Esta ação, tão óbvia, nem parece sua. Soube sempre que iria aproveitar a calmaria para atacar o Folâtre.

Bandor conteve uma exclamação e esbugalhou os olhos ao se aperceber de uma sombra que se aproximava por detrás do sicário sem emitir o mais pequeno som.

— O decepcionado sou eu — disse a sombra e, ao entrar num setor iluminado pela luz de um facho, Bandor reconheceu Blackraven.

La Cobra sentiu a ponta de uma adaga à altura dos rins e o cano de uma pistola encostado à nuca. Inclinando-se, junto ao seu ouvido, Blackraven murmurou-lhe: — Nunca se deveria ter esquecido de que sou o Escorpião Negro. — Em seguida, bradou: — Capitão Malagrida! O falso Blackraven aproximou-se a passos largos e Bandor perguntou-se como não tinha percebido de imediato que não se tratava de Blackraven. Mas era um bom disfarce, admitiu. Quase tão alto como Roger, o capitão do Sonzogno cortara o bigode, cobrira a cabeleira grisalha com um lenço preto e enchumaçara a jaqueta e as calças com algodão em rama ou com estopa a fim de simular a corpulência de Blackraven, para já não falar do carvão com que pintara o rosto e que deixava ocultas as diferenças das feições. Enganar a tripulação do Folâtre e La Cobra tinha sido uma brincadeira de crianças.

Bandor compreendeu duas coisas: os motivos de Blackraven para montar aquela farsa e porque não lhe dissera nada. Em relação ao primeiro, Roger considerara conveniente obrigar La Cobra a sair do seu esconderijo, em vez de ir ao seu encontro. Sabiam que era praticamente impossível chegar junto da condessa de Stoneville que estava isolada numa zona do porão com guarda permanente. Estando La Cobra e a sua cúmplice no camarote contíguo, era improvável chegar junto dela antes do sicário. Mas, para obrigar La Cobra a abandonar o refúgio, para o obrigar a expor-se — ele, um ser que se movia na escuridão e no anonimato — era preciso encurralá-lo. Encurralado, mostrar-se-ia e fá-lo-ia levando consigo a sua garantia: a condessa de Stoneville. Então Blackraven, o verdadeiro Blackraven, apanhá-lo-ia de surpresa. “Maldito, filho

da mãe", murmurou Bandor, que tinha dificuldade em admitir que o plano do seu eterno adversário fora brilhante. Conseguira antecipar os movimentos e reações do inimigo.

Em relação ao segundo aspecto, ou seja, ao fato de ninguém lhe ter referido aquela parte do plano, devia-se simplesmente à desconfiança que Blackraven nutria por ele. Onde fizera a abordagem? Como o fizera? Que fim daria a La Cobra? A morte, ou a entrega às autoridades inglesas? E em relação a si, devolver-lhe-ia a Butanna? Deixá-lo-ia em paz para conquistar Amy Bodrugan? As respostas teriam de esperar.

Malagrida chegou em poucos segundos ao convés e parou em frente de La Cobra e de Melody.

— Capitão — disse Blackraven —, desarme La Cobra e tome conta da minha esposa. Leve-a até a proa.

O sicário entregou o mosquete a Malagrida e libertou Melody que, juntamente com o jesuíta, se afastou para a proa do navio sem voltar as costas a La Cobra.

O ténue ruído que cortou o silêncio alertou Blackraven, que deu um salto para trás, ficando fora do alcance do fio de uma adaga que assomava entre a manga e a luva do sicário. Estavam agora frente a frente. La Cobra estendia o braço esquerdo, onde ocultava o mecanismo da arma com a qual o ameaçava. Brandia-a com enorme segurança, prova cabal da sua destreza. Blackraven podia tê-lo matado com um tiro. No entanto, pretendia averiguar algo. A quem teria revelado a identidade do Escorpião Negro? Conhecê-la-iam Napoleão e Fouché? Poderia também tê-lo dominado ferindo-o num braço ou numa perna. Decorreram alguns segundos durante os quais se olharam fixamente, envoltos no silêncio que reinava no convés. Por fim, Blackraven largou a pistola, retirou o estoque do bastão e ordenou a Bandor que entregasse a sua espada a La Cobra."Quem foi capaz de descobrir a identidade do Escorpião Negro", pensou Blackraven, "tem direito a medir forças comigo, apesar de ser um maldito pederasta".

Mais uma vez se ouviu o ruído quando La Cobra accionou o dispositivo do seu braço esquerdo para guardar a navalha e receber a espada que Bandor lhe lançava pelo ar. Blackraven nunca teria esgrimido com um rival que pegasse na espada com a mão esquerda, embora não o subestimasse. Pela primeira vez, tinha na frente um rival à sua medida.

Desirée du Césaire e a escrava Josephine nasceram no mesmo dia, na mesma ilha das Caraíbas, a Martinica, na mesma herdade, a Reine Margot, e sob o mesmo terrível presságio: a Lua Negra. Os escravos conheciam os efeitos dessa lua sobre os recém-nascidos: ela tornava-os malditos e seres temíveis. As meninas tinham de ser levadas para a selva e abandonadas aí, para que os

espíritos do Mal as recuperassem, acalmando assim a ira. Caso contrário, as calamidades abater-se-iam sobre eles e sobre a fazenda.

A negra Cibeles, uma velha cuja idade ninguém conhecia ao certo — alguns afirmavam que já ultrapassara os cem anos —, tinha sido a ama-de-leite e criara o poderoso e temido dono da Reine Margot, Septimus du Césaire, que dominava aquela vasta zona da ilha com os modos despóticos de um senhor feudal. Cibeles era a única a ter ascendente sobre o patrão. Por esse motivo, só ela se atreveria a enfrentá-lo, tendo sido encarregada de o convencer a livrar-se da neta, a menina Desirée, que acabava de nascer sob os auspícios da Lua Negra.

— Pede-lhe que a entregue — exigiram os escravos. — Desse modo, nós a levaremos para a selva e a ofereceremos aos espíritos do Mal.

Quanto à pequena Josephine, a avó não precisou que ninguém lhe indicasse o procedimento que deveria ter. A menina estava amaldiçoada. De outro modo, como se explicava que a sua filha, tão bonita e saudável, tivesse morrido no parto? Mas, acima de tudo, como se explicava que ti vesse caído um raio do céu e queimado o galinheiro? Envolveu-a numa mantilha de pano grosso e levou-a até os confins da propriedade, onde a selva se debatia com as plantações de cana-de-açúcar. Embrenhou-se na espessura verdejante e depositou a criança no buraco de um tronco caído no chão e invadido pela hera. Voltou à fazenda lavada em lágrimas, mas, apesar da sua tristeza, sentia-se aliviada.

Quanto a Desirée, o patrão Septimus nunca acreditou no que a sua ama lhe dissera na noite em que a menina nasceu: que estava amaldiçoada. E nem sequer a morte da filha, a belíssima Margot, nem a do genro, um pusilânime com título nobiliárquico e pouco mais, o levaram a mudar de ideias. Na opinião de Septimus du Césaire, a sua Desirée estava abençoada e, embora reconhecesse que se tratava de uma menina muito peculiar, provava-o a nobreza do seu sangue.

Assim como o avô e a mãe, Desirée foi criada pela velha Cibeles que, ao contrário do resto da negralhada, não tinha medo dela. No entanto, com o passar dos anos, a beleza da jovem e os seus gestos de uma suavidade e doçura proverbiais conseguiram granjear o afecto dos escravos, apesar da superstição que pairava sobre ela. Por outro lado, Cibeles sabia que, para lá do seu rostinho de anjo, da sua voz aveludada e dos seus modos de rainha, Desirée era uma criatura poderosa, com capacidades que ultrapassavam o normal. Bastava-lhe tocar nos objetos para ver claramente a quem pertenciam, conseguia inclusivamente prever o futuro de certas pessoas. Não obstante, os poderes encontravam-se em estado bruto e Desirée precisava de alguém que a ajudasse a desenvolvê-los e a lidar com eles. Cibeles procurou a única pessoa capaz de ajudar a sua menina: o bruxo Papio, um nativo que habitava na selva e de quem

pouco se sabia.

Na noite de Lua Negra, Papío efetuava rituais para afugentar as calamidades que cairiam sobre a ilha se o feitiço não fosse conjurado. O seu pai, de quem Papío herdara todos os poderes, assim como o cetro de bruxo, tinha morrido durante a última Lua Negra e como, nessa ocasião, ninguém exorcizara as forças poderosas e destruidoras, estas acabaram por se transformar em nuvens de cinza e lava ardente que jorraram do alto do monte Pelée, sepultando milhares de pessoas e animais. Completado o ritual do esconjuro, Papío preparava-se para abandonar o coração da selva e voltar à sua cabana situada na zona costeira, quando um ruído pouco comum lhe chamou a atenção. Uma criatura negra jazia no buraco oco de um tronco caído. Afastou a manta que a envolvia e descobriu que se tratava de uma menina e que estava despida. Ainda tinha preso ao corpo o cordão umbilical cuja flexibilidade e umidade revelavam tratar-se de um bebê recém-nascido. Tomou a menina nos braços e seguiu o seu caminho. Quando chegou à praia, parou junto de um mangue, prendeu a menina às costas e subiu com a agilidade de um primata até a cabana oculta pela folhagem. Deitou a criança no enxergão e, como viu que não chorava nem se queixava, deu-lhe o nome de Taína, que na língua autóctone significa “boa ou nobre”.

Taína e Desirée conheceram-se aos oito anos, no dia em que Cibeles apareceu com a sua menina ao bruxo Papío, a quem pediu que fosse mentor e mestre de Desirée. Da mesma estatura e desenvolvimento físico semelhante, as crianças olharam-se fixamente sem pudores ou vergonha e fizeram-no até satisfazerem a curiosidade e conhecerem de cor as feições uma da outra. Não só contrastavam por uma ser branca e outra preta, mas também porque Taína usava apenas uma tanga de pele de serpente enquanto Desirée se perdia numa infinidade de rendas e sedas. Ambas se destacavam pela beleza. A de Taína, selvagem e primitiva, a de Desirée, suave e delicada, mas indiscutivelmente presente nas duas.

Papío aceitou o encargo de Cibeles, e Desirée começou a visitar diariamente o mangue. Ninguém reparava na sua ausência durante a hora a seguir ao almoço, nem o patrão Septimus nem a preceptora, a mademoiselle Aimée. Para a menina, aquelas escapadelas com a ama Cibeles representavam o único momento alegre do dia. Detestava a severidade da preceptora e os sentimentos que nutria pelo avô confundiam-na. Umas vezes temia-o, outras odiava-o, mas já não lhe tinha amor. Ele começara a visitá-la à noite para a acariciar nas partes ocultas e para a obrigar a acariciá-lo nas suas partes ocultas. Só conseguia esquecer esses encontros noturnos quando estava com Taína e Papío. Admirava a agilidade com que a amiga saltava de mangue em mangue, caçava com a zarabatana, com as mãos ou com uma pequena navalha. Tinha-a visto rastejar pelas ervas ao encontro de uma cobra, hipnotizá-la com o olhar e, num movimento invisível,

agarrá-la pela cabeça e matá-la. Taína era invencível e fazia tudo o que queria e se propunha fazer. Era uma hábil nadadora e conduzia a canoa mesmo quando o mar estava enraivecido. Gostava da mestria e precisão com que a via extrair o líquido de uma trepadeira que abundava naquela zona, com a qual envenenava a ponta dos dardos que lançava com a zarabatana contra os animais. Estes ficavam paralisados, acabando por morrer entre ruidosos gemidos.

Taína ensinou-a a nadar. Despiam-se na praia e corriam ao encontro das ondas. Foi assim que, com o passar dos anos, Taína e Desirée repararam nas mudanças que se operavam nos seus corpos e, despidas antes de irem para o mar, se observavam com a mesma impassibilidade carente de pudor daquele primeiro dia, quando tinham apenas oito anos. Devido ao permanente exercício físico, o corpo de Taína era magro, esbelto e flexível, as pernas compridas, os braços com músculos e os seus pequenos seios contrastavam com a figura torneada e voluptuosa de Desirée. Taína sentia-se particularmente seduzida pela pele de Desirée, pela sua brancura de leite e pela tonalidade rosada dos seus mamilos, quando os dela eram escuros como duas ameixas maduras. Uma tarde, enquanto se despiam, estendeu a mão e roçou no mamilo com a ponta do indicador e do médio. Logo a seguir reparou que se contraíam, como quando saíam da água. Deram as mãos e correram para o mar, onde a frescura da água aquietou aquelas sensações desconhecidas.

Dia após dia, Taína contemplava a beleza da amiga com outros olhos. Já não a estudava com o interesse de quem descobre uma nova planta ou um novo animal e sim com cobiça. Fazia um tremendo esforço para manter as mãos quietas e encontrava sempre um pretexto para a apertar ou acariciar. Numa tarde em que se tinham cansado a brincar com as ondas, Desirée deitou-se na areia e suspirou. Taína estendeu-se ao seu lado e tocou-lhe na barriga. Desirée permitiu que ela fosse mais longe e à medida que as carícias se iam tornando mais atrevidas, as duas experimentavam sensações arrebatadoras que as faziam gemer e rebolar na areia. Acabaram por se beijar na boca com um ardor semelhante ao da paixão com que provocavam mútuas explosões de êxtase.

Nessa época já eram duas jovens especiais. Nenhuma das duas era comum. Taína era herdeira de uma sabedoria ancestral com poderes para curar e maldizer, enquanto Desirée aprendera a utilizar o seu talento, tornando-se numa vidente com fama em toda a ilha. Não só era consultada por escravos e nativos, como também pelas senhoras da sociedade de Saint-Pierre, o que provocava a fúria de Septimus du Césaire, que ameaçava mandá-la para um internato em Paris se ela insistisse em continuar a tocar nos objetos que lhe traziam.

Por muito que Desirée quisesse viajar para Paris, sabia que o avô nunca permitiria que ela se afastasse da Reine Margot porque não poderia viver sem

ela. À medida que o seu corpo se desenvolvia e ganhava formas de mulher, as visitas noturnas tornavam-se cada vez mais frequentes e a sua lascívia mais insuportável. A princípio, Desirée aceitava Septimus du Césaire e a sua forma estranha de a amar por ser o seu único parente, refúgio e proteção. Mas agora que Taína se transformava de uma menina peculiar num ser poderoso e forte, capaz de lutar com um javali, de caçar uma serpente com a mão e de trepar aos ramos mais altos das árvores com a agilidade de um macaco, as visitas noturnas do avô tornaram-se intoleráveis e o desagrado que Septimus lhe causava tornou-se num verdadeiro ódio. Uma tarde, depois de se amarem na praia, Desirée começou a chorar nos braços de Taína, e confessou-lhe toda a verdade. A negra ouviu-a sem condenação nem surpresa e limitou-se a abraçá-la e a beijá-la.

— Mata-o, Taína! Tu podes fazê-lo. Mata-o e fujamos desta ilha. Vamos juntas para Paris.

Apenas Papío e Cibeles suspeitaram da verdade, que Taína e Desirée tinham acabado com o patrão Septimus e fugido. A polícia de Saint-Pierre e os aldeãos perderam-se num emaranhado de especulações e nunca descobriram quem disparara o dardo envenenado para o pescoço de dom Septimus. Foram os escravos que o encontraram entre os canaviais, rígido e duro como uma pedra, as feições deformadas num esgar de espanto. Quanto ao desaparecimento da bela Desirée, calcularam que os nativos que tinham assassinado o seu avô, tivessem sequestrado a jovem, levando-a para longe da Martinica numa das suas canoas rápidas e leves, conduzindo-a para outra das muitas ilhas do mar das Caraíbas para a oferecer como esposa a um cacique qualquer. Era algo que acontecia de vez em quando, nunca sendo recuperadas as mulheres, em parte porque era difícil encontrá-las, mas também porque as famílias não as queriam de volta.

A segunda vítima de Taína caiu morta com uma navalhada na garganta. Tratava-se de um joalheiro de Fort-Royal que se aventurou a vigarizá-las quando tentavam libertar-se das joias de Desirée para embarcarem para França. Não só o assassinou com uma facada certeira, como ainda lhe roubou dinheiro e muitas joias. Não tiveram dificuldade em chegar a Paris. Embarcaram num navio mercante, no qual Desirée se fez passar por uma jovem que viajava com a sua escrava para o Velho Continente, onde o seu noivo a aguardava.

Paris não correspondia às descrições que Desirée ouvira à sua preceptora, mademoiselle Aimée, ou ao avô. Era uma cidade submetida ao caos, à violência e sobretudo à pobreza. O sangue dos aristocratas e dos acusados de apoiarem o Ancien Régime corria pela Praça da Revolução,onde se erguia a guilhotina, e tingia as ruas antes de se escoar pelas aberturas de esgoto. Alugaram uns magníficos aposentos no boulevard du Temple, uma das vias mais seletas da cidade e, durante algum tempo, viveram felizes, apesar de o mundo à sua volta

estar a ruir. Com o passar dos meses, o dinheiro das joias começou a escassear. O custo de vida em Paris era exorbitante. Uma carcaça de pão valia cerca de nove sous e, por vezes, era impossível consegui-la por menos de doze. O aluguel aumentou quarenta francos em dez meses e tiveram de prescindir do apoio doméstico em parte porque lhes cortava a liberdade para se amarem a qualquer hora do dia, mas também porque não podiam pagá-lo. Ao fim de um ano em Paris, Taína comunicou a Desirée que não tinham dinheiro para a renda e que se viam obrigadas a mudar para um lugar menos luxuoso.

Instalaram-se numa pequena pensão da rue de Picardie, num dos faubourgs mais pobres da cidade, onde conviviam com ratos, cheiro a sujidade, assim como com os sans-culottes dispostos a denunciar qualquer um que por uma palavra, gesto ou modo de vida demonstrasse espírito contra-revolucionário. Taína e Desirée tinham o cuidado de não fazer a mais pequena referência à sua morada anterior no boulevard du Temple, em especial à sua vizinha madame Lafarge, uma jacobina dos pés à cabeça, que fizera parte do grupo que fora de Paris a Versalhes, nos primeiros dias de Outubro de 1789 e que obrigara os reis a mudar-se para o Palácio das Tulherias. Apesar de ser muito gorda, madame Lafarge fora erguida em braços e ovacionada como uma deusa.

Taína e Desirée não tardaram a descobrir que nunca faltava dinheiro a madame Lafarge, uma vez que comandava um exército de ladrõezinhos que lhe entregavam oitenta por cento dos lucros. Taína começou a seguir os garotos que apareciam diariamente na pensão da rue de Picardie para prestar contas. Fazia-o pelos diversos bairros da cidade, tendo, deste modo, ficado a conhecer de cor as múltiplas ruas e aprendendo igualmente aquele ofício. A dada altura evitou que a polícia deitasse mão a um deles, ganhando, assim, a sua amizade. O menino, de nome Eugène, possuía a habilidade de um ilusionista para retirar carteiras dos bolsos sem que dessem por isso. Taína entregava-lhe um sou todos os dias para que ele lhe ensinasse. Por fim, acabou por o ultrapassar na destreza. Mais do que aborrecido, Eugène admirava as artes da sua nova amiga. Confessou-lhe: — És grande de mais para te unires ao nosso grupo. Madame Lafarge não vai querer-te. Além disso és mulher. Ninguém te levará a sério.

Mas Taína não precisava de um grupo para levar a cabo os roubos. Com excepção de Desirée e de Papío, estivera sempre sozinha. Era, por natureza, uma criatura solitária e não gostava de dar explicações, nem de depender dos caprichos dos outros. Apesar disso, levou em linha de conta o que o garoto referira. Tinha razão: disfarçar-se-ia de homem. Enfiou uma boina com pala para ocultar o rosto e usou um culotte que Desirée lhe confeccionou. Roubava à saída do teatro, no Palais Royal, nas ruelas escuras e em plena luz do dia, arriscava-se até a entrar em casas de antigos aristocratas e a sacar joias e adornos caros. Os

seus lucros, que cresciam tanto quanto a sua fama entre os vagabundos, permitiram-lhes abandonar a pocilga da rue de Picardie e regressar à zona do boulevard du Temple, onde alugaram um apartamento na rue Saint-Martin.

O primeiro trabalho de assassinato veio do pequeno Eugène. Era uma mulher jovem, cheia de repugnância pelo marido, velho, rico e desagradável. Queria livrar-se dele. A criadinha fiel era amiga de madame Lafarge e propôs que esta se encarregasse do trabalho, mas a jacobina recusou, dizendo-lhe que roubar era uma coisa, assassinar era outra bem diferente.

— A cidadã Delacroix — a garota referia-se à patroa — está disposta a pagar duzentos francos a quem tratar do assunto.

Eugène ouviu atrás da porta com uma expressão de espanto que depressa deu lugar a um sorriso ambicioso que lhe iluminou as feições sarnentas, enquanto seguia a criada de volta à casa da sua senhora. Reconheceu que não poderia fazê-lo sozinho e pensou, de imediato, na sua amiga Taína.

Abordaram a criada na escuridão de uma ruela e tanto Taína como Eugène tiveram o cuidado de cobrir os rostos, para evitar conflitos ou a necessidade de partilhar os lucros com madame Lafarge. A garota, depois de se refazer do susto, pediu-lhes para se voltarem a encontrar naquela mesma rua na noite seguinte. Trazer-lhes-ia então a resposta de madame Delacroix. No outro dia, com o consentimento da senhora, a jovem deu-lhes todos os dados do marido e um avanço de cinquenta francos. A missão implicava alguma complexidade, pois, embora madame Delacroix vivesse em Paris e tivesse uma vida social agitada, o marido morava no campo, recolhido no castelo da família. Nunca visitava a aldeia, nem sequer caçava na coutada da sua propriedade e, du rante a Primavera e o Verão, costumavam vê-lo na torre, recostado num divã a ler. Pela primeira vez desde que abandonara a Martinica, Taína sentiu saudades da sua zarabatana e dos seus dardos envenenados com curare. Para se aproximar do senhor Delacroix tinha de aguçar o engenho.

Desirée acabou por demonstrar que não servia apenas para tratar da casa quando expôs um plano para obter a confiança do velho endinheirado e penetrar na fortaleza. Graças aos dados que a esposa lhes fizera chegar através da criada, tinham ficado a saber que o senhor Delacroix era um devoto simpatizante do Ancien Regime, que grande parte da sua família morrera como consequência da Revolução. Dizia-se que a sua irmã mais nova, morta durante o período do Terror, deixara uma menina órfã e que o senhor Delacroix nunca conseguira encontrá-la.

Desirée bateu à porta da propriedade que se situava nas imediações de Reims e apresentou-se como a “cidadã Jacqueline-Marguerite Fréron”, filha de Antoinette Delacroix, irmã mais nova do senhor Guillaume Delacroix. A partir

desse momento, as horas de Delacroix ficaram contadas. Desirée não precisou de mais do que de dois dias para ficar a saber qual era o quarto do senhor da casa e quais os seus horários e costumes. Provou possuir dotes de atriz e uma inteligência rápida, assim como uma enorme perspicácia para evitar situações comprometedoras. Quanto ao dono da casa, era um homem muito meticuloso e de grande rigor nas rotinas, o que evitou surpresas desagradáveis.

Na noite do terceiro dia como hóspede do senhor Delacroix, Desirée esperou ansiosamente que batessem na janela do primeiro andar. Taína saltou o muro da propriedade e deslizou pelos jardins até a sala de jantar, que ficava sob a janela do quarto de Desirée. Usou uma espaldeira para chegar à varanda e bateu três vezes no vidro. A janela abriu-se sem que os gonzos rangessem — tinham tido o cuidado de os untar com cebo —, e Taína entrou no quarto às escuras. Enquanto se afastava em direção à porta, pronta para sair para o corredor, Desirée não conseguiu vê-la, estava vestida de negro da cabeça aos pés, tinha a cabeça encapuzada, nem conseguiu ouvir-lhe os passos, pois avançava com a sutileza que Papío lhe tinha ensinado para caçar na selva da Martinica. “Se eu fosse até a porta”, matutou Desirée, “todas as tábuas rangeriam debaixo dos meus pés”.

Ao ouvir a notícia da morte do marido, madame Delacroix enviou o montante de cento e cinquenta francos pela sua criada. Eugène, Desirée e Taína transformaram-se, a partir de então, numa equipa sólida e coordenada que funcionava com a precisão de um relógio. Eugène conseguia os clientes, enquanto Desirée e Taína concebiam o plano para liquidar a vítima, executando-a em seguida. Como se habituaram a fechar os negócios à mesa de uma taberna chamada La Cobra, o sicário começou a ser conhecido por esse nome. A sua fama aumentava e os bolsos enchiam-se. Era impressionante a quantidade de encomendas que recebiam, não se dedicando apenas a liquidar parisienses. Em pouco tempo, já viajavam para longe, pois o bom nome de La Cobra expandia-se pela região até chegar a Viena, onde teve de se ocupar de um bastardo real que causava problemas à dinastia dos Habsburgo-Lorena. Dívidas, infidelidades, questões de política, ciúmes, heranças, poder, a variedade de motivos para contratar o sicário pouco importava desde que houvesse dinheiro para pagar os trabalhos. La Cobra não estava muito interessado em quem matava ou porquê. Se o dinheiro aparecesse em cima da mesa da taberna, ele idealizava o plano com a colaboração dos seus sequazes, Desirée e Eugène, e tratava de o levar a cabo.

Os anos apenas trouxeram mais fama, mais dinheiro e mais segurança, pois, momentaneamente, Taína julgava-se invencível e com direito de vida e de morte sobre os demais. Eugène expressou a sua intenção de se separar do grupo, pegar

na sua parte do dinheiro (na altura, bastante significativa) e partir para o Novo Continente, para a América do Norte muito provavelmente. Embora a sua expressão se mantivesse impávida, como de costume, La Cobra não levou a bem a decisão do amigo. Não lhe agradava que o jovem andasse pelo mundo espalhando informações que poderiam destruí-las. Desirée tentou convencê-lo a ficar para que a equipa se mantivesse sólida e coordenada, embora a brecha já se tivesse dado e abundassem os receios e as dúvidas. Eugène morreu apunhalado numa hospedaria de Bordéus na véspera de embarcar para Nova Iorque.

— Há muito tempo que não precisávamos dele — declarou Taína. — Passaremos a ser só nós as duas.

Desirée sentiu-se triste com a morte do jovem Eugène. Contudo, assentiu com um sorriso. Bastava-lhe Taína para ser feliz. Respirava e vivia por ela e empenhava-se em satisfazê-la. Por isso, cumpria todas as missões que ela lhe destinava, mesmo que tivesse de se deitar com o porco mais repugnante para obter parte de uma informação que as conduzisse à próxima vítima. Enquanto outras mãos a acariciavam e se embrenhavam pelas suas partes ocultas, ela fechava os olhos e relembrava as tardes na praia da Martinica, quando, depois de nadar, rolavam na areia, riam e conversavam antes que a paixão as inundasse como uma maré, levando-as a embarcar numa viagem de gemidos e de prazer. Havia alturas em que Desirée tinha vontade de voltar à Martinica, sentia saudade de Cibeles — embora pensasse que ela já deveria ter morrido —, de Papío, da sua fazenda, mas tinha sobretudo saudades da selva, do mangue, da praia e do mar. Paris era frio no Inverno e o seu calor estival, que não se comparava com as temperaturas elevadíssimas das Caraíbas, era pegajoso, insalubre e, sobretudo, cheirava mal. Desirée nunca expressava os seus pensamentos e desejos para não contrariar Taína. Às vezes tinha medo dela.

Já eram ricas, muito ricas. No entanto, continuavam a aceitar encomendas e, para além de nenhum dinheiro ser suficiente para Taína, Desirée suspeitava de que a amante já não pudesse controlar o desejo de matar. Como se estivesse viciada em láudano ou noutra droga qualquer, algum tempo depois de ter sujado as mãos com o sangue de uma vítima, começava a ficar inquieta, irritada, a mostrar-se irascível e intratável até o momento em que lhe marcavam outro encontro na taberna La Cobra. Só então a temperança lhe voltava à fisionomia e ao espírito. Com o tempo, os meios de aceder ao sicário tornaram-se mais sofisticados. Era preciso pôr um anúncio em código num dos jornais de Paris — ultimamente, no período napoleônico, usavam Le Journal de l’Empire — e comparecer ao fim de seis dias na taberna La Cobra, apesar de muitas vezes indicarem outro lugar de encontro, visto que a taberna que dera o nome ao sicário se tinha tornado demasiado conhecida.

Rigleau, um agente de Fouché, um homem coxo e zarolho, ainda que possuidor de uma inteligência aguda, contratara-as uma ou duas vezes no passado. A missão de que as encarregava naquele momento vinha do famoso e enigmático Joseph Fouché, o ministro da polícia do império: caçar o Escorpião Negro, o espião inglês mais perigoso e hábil com que a França se debatia. O dinheiro oferecido permitiria a uma família viver à vontade durante alguns anos, embora Desirée soubesse que não era a elevada soma em libras esterlinas que levava Taína a aceitar o trabalho e sim o desafio que representava. Matar o Escorpião Negro tornou-se numa diligência perturbadora. Depois, os planos mudaram, já não tinham de o matar e sim de o trazer com vida. O imperador Napoleão tencionava usá-lo para liderar as suas hostes de espiões e agentes. Naquela altura, quase dois anos depois de ter aceitado a missão, La Cobra encontrava-se em posição de afirmar: — Napoleão e Fouché não sabem com quem estão a lidar se pensam que o Escorpião Negro vai aceitar trabalhar para eles. — Dizia-o com orgulho, com um brilho pouco vulgar nos olhos escuros e misteriosos.

— Todos temos um calcanhar de Aquiles — declarou Desirée. — O Escorpião Negro deve ter o dele com certeza. Não é um ser Todo-Poderoso, Taína.

Após meses e meses de busca infrutífera, durante os quais não conseguiram conhecer a identidade do espião inglês, Desirée desejou que Taína se desse por vencida e pusesse de parte a missão. Não o fez, prosseguiu de modo incansável e obsessivo até que, como sempre, conseguiu atingir o propósito: o Escorpião Negro era um nobre inglês, Roger Blackraven, conde de Stoneville e futuro duque de Guermeaux. Nessa altura, Taína já estava apaixonada pelo Escorpião Negro: o que soube de Blackraven serviu apenas para exacerbar o seu encanto. Desirée sofria em silêncio e chorava às escondidas. “Há quanto tempo não fazemos amor?”, lamentava-se. Taína mantinha-se distante, ausente, a mente ocupada com o Escorpião Negro.

Quando chegou ao Rio da Prata, seguindo a pista de Roger Blackraven, Desirée teve uma das suas visões, o que não ocorria há algum, como se, com o afastamento da Martinica, os poderes tivessem diminuído. Conservava ainda a capacidade de ver através dos objetos, mas o de prever o futuro morrera no dia em que abandonara a sua ilha. Contudo, naquela manhã, enquanto uma carroça as transportava do barco para o paupérrimo porto de Buenos Aires, Desirée soube que a ruína se abateria sobre elas e que viria pela mão de Roger Blackraven. Comentou comTaína, que com beijos a fez mudar de ideias. Prosseguiram com o plano. Não foi fácil alugarem o barco, conseguirem um capitão, que o aceitasse pilotar, e uma tripulação, sobretudo uma tripulação, porque, entre os homens daquelas terras da América do Sul, não havia

marinheiros. Por fim, decidiram contratar os mais capazes que encontraram nas tabernas da cidade. Precisavam de indivíduos sórdidos e robustos para neutralizar o capitão Bandor e os seus homens. Mas, estes contratempos prolongaram a estada em Buenos Aires, permitindo a Taína conhecer mais de perto o Escorpião Negro. A paixão que sentia por ele desencadeou-se de modo incontrolável.

E ali estavam recolhidas no camarote do Folâtre, transportando para França o calcanhar de Aquiles do Escorpião Negro: a sua mulher e o seu filho. Tudo corria mal, se bem que o pior não fosse o fato de serem seguidas de perto por uma frota comandada por Blackraven e sim a maldita calmaria. A inquietação de Taína e o seu feitio irascível revelavam bem que o plano tomava um caminho perigoso.

Desirée deambulava de um lado para o outro naquele espaço exíguo. Apesar de os sequestrados continuarem no camarote contíguo, não evitava fazer barulho e o som dos seus passos era semelhante a um solilóquio. Estava demasiado enfurecida para se aperceber de tal pormenor. Pensava apenas na traição da sua amante. Sim, Taína traíra-a com Blackraven e a sua obsessão por ele metera-as em toda aquela confusão. Como era dolorosa a traição ao fim de tantos anos de lealdade! Sabia que Taína acalentava a esperança de o convencer a unir-se a ela para formarem a equipa mais letal da Europa e, porque não, do mundo? Não o deixaria em paz enquanto não o convencesse, a bem ou a mal. Que faria Taína com Desirée se as coisas se arranjassem nesse sentido? Livrar-se-ia dela como fizera com o pobre Eugène? Taína amava Blackraven. Na verdade, venerava-o e, quando Taína amava e venerava, entregava-se de corpo e alma. Antes, fora sua, agora pertencia ao Escorpião Negro.

Desirée estava só. Um elemento da tripulação do Folâtre que, se guindo as ordens de La Cobra, se mantivera oculto para testemunhar a briga no convés, desceu com a notícia de que Blackraven e os seus homens acabavam de vencer e de tomar o barco.

— Viste Blackraven? — quis saber Taína.

— Sim senhor, está ali, na proa, ocupado com os nossos homens.

Taína abandonara o camarote sem uma palavra. Desirée ouviu o modo violento como entrou no camarote contíguo, suscitando gritos de pânico e queixumes das crianças. Os minutos pareceram-lhe anos, o tempo nunca mais passava. Não tinha notícia alguma. Por fim, decidiu-se. Pegou nos mosquetes, engatilhou-os e abandonou o camarote.

La Cobra colocou a mão esquerda no punho da espada de Bandor e Blackraven teve a impressão de que lhe sorria, por detrás da máscara de couro flexível, e que o seu sorriso não era sarcástico e sim complacente, como se lhe

agradasse bater-se com ele. Pelo movimento dos pés, pelo ângulo de inclinação do corpo e pelo modo como brandia a arma, Blackraven podia assegurar que La Cobra nunca tivera lições de esgrima. Admirava a sua destreza. Os seus movimentos defensivos e ofensivos não correspondiam a qualquer técnica e, no entanto, demonstravam uma agilidade e um domínio poucas vezes vistos. A rapidez dos seus ataques comprovava-o e o mesmo ocorria quando procurava distanciar-se e fazia uma pirueta com a naturalidade com que Arduino o faria, caindo seguro e firme, de pé. A luta provocava murmúrios de espanto. Só uma vez, Blackraven tinha visto semelhante agilidade na luta, entre os guardas imperiais do seu amigo, o imperador chinês Qianlong.

Não afastavam o olhar um do outro, enquanto descreviam um círculo com as costas dobradas até que, de repente, voltavam à carga como dois animais bravios, desencadeando uma série de golpes. Um deles detinha um avanço, fazia um contra-ataque, um defendia, outro atacava. Distanciavam-se, mediam-se e, segundos mais tarde, o entrechocar dos metais voltava a cortar o silêncio do navio. Por vezes, ouviam-se exclamações abafadas, comentários em surdina.

Apesar de se terem infligido vários cortes e de verem o chão regado com gotas de sangue, sabiam, tanto o Escorpião Negro como La Cobra, que nenhum encontraria a morte naquele encontro, que não passava de um desafio que lhes agradava, pois nele reconheciam-se como dignos adversários. Mais tarde falariam de negócios, pois, embora La Cobra parecesse estar nas mãos de Blackraven, ainda tinha dois ases na manga: o primeiro, Desirée, que não tardaria a subir ao convés com o filho de Blackraven nos braços e um horroroso mosquete encostado à sua cabecinha; o segundo, a informação que Blackraven tanto queria conhecer: o nome dos depositários da identidade do Escorpião Negro.

A um passo da escotilha, Melody estava cheia de vontade de correr para a coberta para tranquilizar Trinaghanta e as crianças e estreitar Alexander nos braços. Não obstante, continuava ali, imóvel, os olhos fixos na luta, admirada, não tanto pela indiscutível destreza dos dois adversários, e sim pela atitude e expressão de Blackraven. Não conhecia aquele homem e, ao mesmo tempo temia-o, desejava-o. Excitava-a a sua força e a total ausência de medo. Atraía-a a segurança com que usava o corpo e a arma. Estava a conhecer agora uma das facetas obscuras do marido, uma daquelas que ele fazia questão de esconder, e ela de descobrir. O barulho da escotilha arrancou-a do encantamento. A porta abriu-se lentamente. Precedeu-a o perfume a jasmins e narcisos, aquele que lhe parecera ter sentido durante os dias de reclusão no camarote.

— Simonetta! — exclamou, e a inverosimilhança daquele aparecimento fê-la pensar que lhe assentava maravilhosamente o vestido de musselina cor de malva.

O impacto de a reconhecer refletiu-se na fria reserva da sua expressão e, exceptuando uma ligeira mudança de cor, velada pela penumbra, as suas feições mantiveram-se despojadas de toda e qualquer emoção.

Aquela mulher atraiu igualmente os olhares dos espadachins e dos marinheiros. Ninguém reagiu quando Simonetta, ou melhor Desirée, levantou o mosquete e o apontou a La Cobra. Ao estrépito e ao clarão da arma seguiu-se o grito do sicário que caiu no chão.

— Não — bradou Blackraven que, com um olhar incrédulo posto no adversário, não se apercebeu de que Desirée brandia outro mosquete apontado para ele.

Amy Bodrugan chegou tarde. A sua espada trespassou Desirée já depois do disparo. Melody perguntava-se por que motivo Roger a contemplava daquele modo tão estranho, com olhos tristes, suplicantes. Viu-o cair de joelhos e, em seguida, de bruços no chão. Logo depois perguntou-se quem estaria a gritar como uma louca, de modo constante, como se não conseguisse normalizar a respiração, provocando um som estridente e cansativo, até que deu por si nos braços de Malagrida e percebeu que era ela própria.

Melody permaneceu imóvel junto à escotilha, agarrada aos braços de Gabriel Malagrida, enquanto observava Amy Bodrugan dar ordem para que vários marinheiros agarrassem Blackraven e o conduzissem à coberta.

— Galo — ouviu-a dizer. — Guia-nos até o teu camarote.

O marido passou à frente dela e Melody reparou na parte brilhante e úmida que lhe empapava a camisa negra, mas não foi a visão do sangue que a fez romper num tremendo choro e sim a palidez do rosto de Blackraven e os braços inertes que tombavam, as pontas dos dedos roçando o chão.

— Está morto? Diga-me se está morto — suplicou agarrada à lapela do casaco de Malagrida. — Senhor, não sejas cruel! — exclamou, erguendo os olhos ao céu. — Não terei forças para suportar tal provação! Isto, não! Não me leves o Roger! — Melody, acalme-se — exortou o jesuíta, ajudando-a a pôr-se de pé. — Acalme-se. É fundamental que se domine. Roger vai precisar de si ao lado dele, vai precisar da sua força.

Melody passou a manga pelos olhos e pelo nariz, e assentiu, mais controlada, apesar de as lágrimas continuarem a banhar-lhe o rosto. Avançou atrás dos homens que transportavam Blackraven e pareceu-lhe tratar-se de um cortejo fúnebre. Não tinha esperanças. Deitaram-no no beliche de Galo e ela apressou-se a descalçar-lhe as botas. Somar tinha chamado Trinaghanta e, ao ver o comedimento e a eficiência com que a cingalesa agia, lavando as mãos antes de rasgar a jaqueta de Blackraven para observar a ferida, Melody sentiu-se ligeiramente mais animada. Pareceu-lhe que tinham passado horas até Somar

regressar com o médico do Sonzogno, o doutor von Hohenstaufen. Seguiu com ansiedade a breve troca de palavras com Trinaghanta. Isabella e Michela também tinham subido ao esquife e abordado o Folâtre.

— Vai ser preciso extrair a bala — declarou o médico — e esperar que aferida não infecte. Senhora condessa — disse, reparando pela primeira vez em Melody —, será melhor sair. Não é um espetáculo nada agradável.

— De modo algum. Ficarei ao lado do meu marido. E nada nem ninguém conseguirá que saia deste lugar.

— Bem, nesse caso, a senhora condessa e Trinaghanta ficarão. Os outros, saiam.

— Isabella — pediu Melody, agarrando-lhe um braço —, por favor, tome conta das crianças. Venha chamar-me se o Alexander chorar.

Isabella assentiu, cabisbaixa e saiu atrás de Michela, Amy, Somar, Galo Bandor e Malagrida. Melody fechou a porta e puxou uma cadeira para junto do beliche, onde não incomodaria ninguém. O médico estendeu a Trinaghanta um pequeno frasco com um líquido esbranquiçado e disse: —É tintura de láudano, para ele suportar a dor. Obrigue-o a tomar duas colheres.

Durante a intervenção, Blackraven, apesar de mergulhado no estupor do ópio, mexia-se e agitava-se, pronunciava palavras ininteligíveis. Melody segurava-lhe a mão, passava-lhe um lenço pela testa para lhe limpar o suor e chorava em silêncio. Por fim, abandonou a cadeira e ajeitou-se para lhe cantar ao ouvido, a canção em gaélico que costumava cantar durante os ataques de Víctor. Repetiu-a várias vezes e, a pouco e pouco, Blackraven foi-se acalmando e a sua respiração tornou-se mais regular e menos ruidosa. Ergueu os olhos, num sobressalto ao ouvir o tilintar da bala contra o metal do recipiente em que von Hohenstaufen a colocou.

— Felizmente — comunicou o médico —, a bala não comprometeu nenhum órgão vital. Limparei o ferimento, vamos cobri-lo e esperar para ver como evolui. Perdeu muito sangue, pelo que seria conveniente que, quando passar o efeito do ópio, lhe dessem a beber um caldo suculento.

Von Hohenstaufen entregou a Trinaghanta folhas de consolda e sanguinho desfeitas e disse que fosse até a cozinha preparar uma cataplasma. O médico aplicou na ferida um unguento composto de pez negro, ao qual chamou basilicão, muito conhecido por evitar as infecções. Espalhou pó de enxofre e, por último, aplicou a cataplasma. Trinaghanta e Melody ajudaram-no a fazer a atadura.

— Senhora condessa — disse o médico —, vou ao convés tratar dos feridos. Peço-lhe que vá estando atenta à temperatura do capitão Black. Se subir, mande-me logo chamar. E não se esqueçam do caldo.

Melody enviou Trinaghanta à cozinha dar ordem para que preparassem um caldo. Como não confiava no cozinheiro — fazia parte da tripulação de La Cobra —, Trinaghanta ficou ao seu lado enquanto o preparava. Melody continuou velando Blackraven, sussurrando-lhe palavras de alento.

— Luta, Roger, não me deixes, peço-te. Não conseguiria continuar sem ti. Sem ti, não, Roger. Já to disse uma vez, consigo suportar qualquer tragédia se estiveres ao meu lado. Foi apenas graças a ti que suportei a morte do Jimmy.

Ao ouvir bater à porta, apressou-se a abrir. Era Trinaghanta.

— Não creio que ele queira o caldo agora. Preciso amamentar Alexander. Deixo-te com Roger, Trinaghanta. Qualquer coisa de novo é só chamar.

A temperatura de Roger subiu antes do amanhecer. O doutor von Hohenstaufen observou de novo o ferimento, limpou-o e untou-o com o basilicão, espalhou pó de enxofre e colocou a cataplasma. Não parecia muito animado quando disse para lhe porem panos frios sobre a testa e outros embebidos em álcool nos sovacos. Insistiu mais uma vez no caldo. Melody entregava-se por completo às tarefas para esquecer que o marido estava entre a vida e a morte. Não podia aceitar essa realidade. Roger, o seu Roger todo-poderoso não morreria. Olhava para ele, inconsciente e macilento naquele beliche e tinha a impressão de estar a viver um pesadelo.

A febre continuou a subir. Melody e Trinaghanta despiram-no e molharam-no com água doce e fresca que trouxeram dos barris do porão. Estava muito inquieto. No meio do delírio, gesticulava e insultava, chamava Melody e o seu pai com uma voz angustiada que dava vontade de chorar. Melody inclinou-se para lhe cantar ao ouvido até conseguir que ele se acalmasse.

— Senhora — disse Somar, a meio da manhã —, vamos deitar o corpo de Servando ao mar. Quer vir? — Sim, Somar, eu vou.

Os corpos jaziam alinhados sobre o chão. Melody observou-os com indiferença. Nada naquele momento a comovia. Junto de Simonetta, estava a sua escrava Ashantí, ou melhor La Cobra. Alguém lhe tinha tirado a máscara de couro. Melody olhou-as com desprezo, recordando o dia em que as conhecera e as considerara duas boas mulheres que tinham ajudado Polina. O seu olhar deteve-se no pescoço de La Cobra, atraída por um leve brilho. Era o anel de Roger, o trevo de quatro folhas.

Inclinou-se sobre o cadáver, arrancou a corrente à qual o anel estava preso e, metendo a mão no decote, guardou-o junto ao seu peito.

— Algum destes homens trabalhava para o meu marido, Somar? — Não, senhora. Pertenciam todos à tripulação do Folâtre. Embora Zagros, o contramestre do Sonzogno, esteja muito ferido.

Melody assentiu. Encontrou o irmão no outro extremo da fila de cadáveres.

Chorava junto ao corpo de Servando. Melody dirigiu-se a ele. Era a primeira vez que se viam em vários meses e, fosse pela tristeza de Tommy ou pela apatia de Melody, nenhum dos dois se mostrou surpreendido. Limitaram-se a dar as mãos. Quando vieram buscar Servando, o primeiro a ser lançado ao mar, Melody pareceu tomar consciência de que ele tinha morrido. Ajoelhou-se junto ao cadáver e acariciou-lhe a marca.

— Babá — soluçou —, querido Babá, descansa em paz, meu amigo. Eu tomarei conta de Elisea. Vai em paz.

Os marinheiros colocaram o cadáver sobre uma tábua embrulhado num num lençol e aproximaram-no da amurada. Malagrida proferiu um breve responso e indicou com um gesto de mão que o lançassem à água.

Melody e Tommy choravam abraçados. — Morreu para me salvar a vida. Morreu por minha culpa.

Melody não ficou para assistir ao resto. Desceu a correr e entrou no camarote, onde Isabella e Michela tratavam das crianças. Felizmente, Amy tinha levado os mais velhos para o Afrodita. Mudou as fraldas ao seu filho, amamentou-o e voltou para junto de Roger. A expressão do médico encheu-a de pânico.

— Não consigo fazer a febre baixar.

— Um médico de Buenos Aires — disse Melody, com a voz trêmula – costumava usar uma infusão feita de casca de quina.

— Não tenho casca de quina — admitiu von Hohenstaufen —, mas tenho quinina, o alcalóide dessa árvore. Vou dar-lhe uma pequena dose e veremos a evolução. Mantenham-no fresco e sem roupa.

Melody e Trinaghanta tentavam incansavelmente encontrar meios para deixar Roger mais confortável e para tentar que ele bebesse líquidos e não desidratasse. A expressão dos seus rostos revelava marcas de cansaço, agravado pelo calor, sentido naquelas latitudes, que lhes causava náuseas. Todas as pessoas que ali entravam para se informar sobre a saúde de Blackraven — Isabella, Amy, Somar, Malagrida, o próprio Bandor— se ofereciam para as substituir. Ambas recusavam, não considerando sequer a proposta.

De noite, aperceberam-se de que a quinina não estava a surtir efeito. A febre atingiu valores tão altos que Blackraven se agitava com violentos espasmos de frio. Taparam-no com vários cobertores, embora nada parecesse aplacar a sensação gelada que se apoderara do seu corpo. Von Hohenstaufen aplicou-lhe com grande dificuldade uma dose superior de quinina e outra de raiz de mandrágora que atuaria como sedativo e foi atender o contramestre Zagros que também não apresentava melhoras.

— Trinaghanta — disse Melody quando ficaram a sós —, vai descansar com Alexander.

— Não, senhora, eu fico com Sua Mercê.

— Não. Quero que passes a noite com Alexander. Não é bom que se aperceba do que está acontecendo. Não conhece a avó nem Michela e deve estar assustado. Dorme esta noite com ele e amanhã de manhã irei eu.

— Está bem, senhora.

Melody trancou a porta e despiu-se. Estava coberta de suor, a temperatura ambiente era elevadíssima, nem durante a noite refrescava. Tomou um banho de pé, no alguidar, lavando-se com a esponja, secou o corpo, perfumou-se com o frangipani que Miora juntara às suas coisas antes da viagem e deslizou para debaixo dos lençóis. O calor parecia sufocá-la, não só o dos cobertores, como o que se desprendia da pele de Blackraven. Ele, todavia, tremia de frio e delirava, encerrado no seu inferno de pesadelos. Melody encostou o corpo quente, numa tentativa de lhe acalmar os calafrios e abraçou-o, tendo o cuidado de não tocar no ferimento. Ele precisava de transpirar e ela ajudá-lo-ia. Falou-lhe e cantou-lhe durante toda a noite, deu-lhe o remédio, ajeitou-lhe a cabeça e beijou-lhe os lábios ressequidos e gretados, o queixo firme e as faces coradas da febre, afastou-lhe das frontes as madeixas de cabelo úmidas e colocou-lhe panos frios na testa. Os lençóis molhados colavam-se-lhe aos corpos, o calor tornava-se asfixiante, o incômodo para Melody era imenso, mas pouco lhe importava, toda a sua atenção estava posta no marido.

Blackraven começou a acalmar-se ao amanhecer e, quando a luz filtrada pela claraboia lhe banhou uma parte do rosto, os olhos de Melodyencheram-se de lágrimas ao constatar as melhoras no seu semblante. Tocou-lhe nas faces e nas frontes e verificou que a febre começara a baixar. Riu-se, feliz, e beijou-lhe os lábios. “Obrigada, meu Deus, obrigada”, pensou, adormecendo em seguida.

Três dias decorridos sobre o ataque ao Folâtre, os ventos alísios regressaram, empurrando a frota para norte. Ao atravessar o paralelo de latitude zero, não houve a festa do Equador. O espírito da tripulação não o permitia. Com a vida do capitão Black em jogo, limitaram-se a abrir alguns barris de rum e a beber em silêncio, enquanto aguardavam que o doutor von Hohenstaufen lhes desse notícias. Embora as temperaturas elevadas de Blackraven, as que lhe provocavam frios convulsivos, tivessem baixado com a quinina, a febre só desapareceu por completo no sexto dia. Blackraven estava muito debilitado devido à perda de sangue e ficava inconsciente várias vezes por dia. Sempre que abria os olhos via o rosto adorável de Melody inclinado sobre si. Queria levantar a mão para lhe acariciar a face, mas não era capaz. Parecia que se transformara em chumbo. Ela insistia para que não se esforçasse, para que descansasse mais um pouco, beijava-lhe os lábios, limpava-o, refrescava-o, alimentava-o e ele voltava a mergulhar naquele torpor escuro e profundo.

Ao sexto dia, quando acordou, Blackraven sentiu-se diferente. Apesar de ter a sensação de que uma manada lhe passara por cima, experimentou uma clareza de espírito que o resgatou daquela sensação de estar perdido, como se as nuvens que o impediam de ver se tivessem esfumado. Não sabia o que se passara, nem há quanto tempo ocupava aquele camarote de popa. Sabia que não pertencia a nenhum dos seus navios, deduzindo, portanto, que ainda permanecia a bordo do Folâtre. A sua debilidade era grande e voltou lentamente a cabeça para observar o ambiente à sua volta. Trinaghanta estava de costas a colocar qualquer coisa sobre a mesa; Melody dormia sentada numa cadeira, as mãos cruzadas sobre o regaço. Pela luz ténue que banhava o recinto calculou que deveriam ser seis ou sete da manhã.

— Trinaghanta — sussurrou e a cingalesa, quando se voltou, sorriu--lhe como poucas vezes lhe tinha sorrido.

— Patrão Roger — disse num murmúrio, ajoelhando-se para lhe bei-jar as mãos.

— Pelo teu cumprimento efusivo — brincou—, imagino que devo ter estado mais para lá do que para cá. — Trinaghanta assentiu. — Dei-vos muito trabalho, foi? — A garota voltou a assentir. — Dá-me qualquer coisa de beber, morro de sede. E conta-me tudo o que se passou.

Blackraven ficou a saber que Simonetta e Ashantí — a cingalesa continuava a referir-se a elas assim — tinham morrido, bem como dois dos homens de Roger: Servando e Zagros. Soube também que acabavam de atravessar o Equador e que ninguém festejara porque estavam todos muito preocupados com ele. Quanto a Miss Melody, Trinaghanta deixou bem claro que haviam sido os seus cuidados que o tinham salvado.

— Só se afastava de Sua Mercê para amamentar Alexander. Foi ela que sugeriu ao médico que lhe desse quinina para baixar a febre e foi ela quem o ajudou a transpirar como era preciso. Apesar do calor intenso, meteu-se no beliche, debaixo dos cobertores e abraçou-o porque Sua Excelência não parava de tremer de frio. Quando Sua Excelência delirava e ficava muito agitado, só ela conseguia acalmá-lo, cantando-lhe ao ouvido.

Blackraven sentiu as lágrimas rolarem no rosto. Tremiam-lhe os lábios e o queixo, e a respiração era entrecortada, numa tentativa de controlar o choro. Aquele ruído despertou Melody, que se pôs de pé num sobressalto, tão bruscamente que ficou enjoada. Primeiro viu Trinaghanta que a olhava com um grande sorriso e, logo a seguir, Blackraven que tinha os olhos muito abertos e cheios de lágrimas.

— Roger! — exclamou, ajoelhando-se à cabeceira da cama. — Ó Roger,meu amor, amor da minha vida! — Beijava-lhe a mão e os lábios e a testa e as faces e

a ponta do nariz e novamente os lábios.

— Isaura — murmurou ele, a voz rouca de emoção.

Nenhum dos dois reparou que Trinaghanta se esgueirara para fora do camarote.

— Não fales, meu amor, por favor. Ainda estás muito fraco.

— Fala tu comigo, então.

— Amo-te, Roger. Amo-te porque estás aqui hoje, de novo comigo.Pedi-te tantas vezes para que não me deixasses — disse num fio de voz, cobrindo o rosto com as mãos que ele acariciou. — Não é bom amar assim. Não é bom. A ideia de te perder sufocava-me. Sim, juro-te que éverdade, o peito fechava-se e mal conseguia respirar. Ai, meu Deus, ainda estremeço só de pensar que tu… que tu… Desabou num pranto amargo, o pranto que reprimira durante aqueles seis dias. Blackraven chorava também. Melody deitou-se ao seu lado e agarrou-se a ele, beijando-lhe o corpo, molhando-o com lágrimas e saliva, agarrando-se a ele como a uma tábua no meio do oceano.

— Compreendo-te, meu amor — disse Blackraven. — O que experimentaste já sentira eu muitas vezes, sempre que julguei ter-te perdido. Ninguém pode imaginar a minha angústia na noite da tempestade. Tinha a impressão de que o Folâtre se afundava a cada nova onda, contigo e o meu filho ali, longe do meu alcance. Julguei que morria, Isaura. Era uma angústia tão profunda e visceral que se transformou numa dor física. Eu sei, claro que sei o que sentiste.

— O que vamos fazer Roger?

— E existe alguma outra coisa que possamos fazer com este amor anão ser senti-lo? — Melody negou com a cabeça. — O nosso amor é tão forte, Isaura, que chega a meter medo, eu sei. E embora tenha tentado dominá-lo, sujeitá-lo à minha vontade, fracassei sempre. Rendo-me. É a força mais poderosa com a qual tive de me confrontar. Amemo-nos, meu amor, amemo-nos e que Deus tenha piedade de nós.

— Atravessamos tantas provações, Roger. Achas que vamos finalmente ser felizes com o nosso filho? — Sim, amor, sim — afirmou Blackraven, ao mesmo tempo que pensava que ainda tinha um assunto a resolver.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Melody disse: — Toma o teu anel, meu amor. Arranquei-o do fio que Ashantí trazia ao pescoço antes de o seu corpo ser lançado ao mar.

XXVIII

Hartland Park, próximo da cidade de Penzance, Cornualha, sul de Inglaterra. Finais de Outubro de 1807.

Melody suspirou. O duque de Guermeaux e o seu irmão, Bruce Blackraven, brincavam com Alexander sobre o tapete do drawing room, uma divisão com uma imponente lareira, onde crepitavam vários toros de madeira, muito iluminada graças às janelas altas que davam para uma zona da propriedade que, após um barranco pedregoso, terminava num rochedo sobre o mar. Era nessa sala que costumavam passar as tardes.

O riso cristalino de Alexander chamou-lhe a atenção. Voltou a cabeça e sorriu ao vê-lo deitado no tapete, a rir às gargalhadas, enquanto tentava afastar as mãos do avô, que lhe fazia cócegas na barriga. Adorava ver que gostavam do seu filho. O avô, o duque de Guermeaux, mais do que gostar, manifestava uma estranha devoção pelo menino. Não tinha sido fácil conseguir que Blackraven aceitasse a relação entre avô e neto.

Blackraven e o pai tinham-se encontrado em Julho, em Londres, logo a seguir àquela viagem longa e inverosímil. Melody ficara boquiaberta perante a grandeza e a arquitetura peculiar da cidade, cujas construções imponentes, como a cúpula de Saint Paul — a maior da Europa a seguir ao domo da basílica de São Pedro — e a torre de Londres, mandada construir por Guilherme, o Conquistador, durante o século XI, do minavam toda a paisagem. Deslumbrava-a a antiguidade de Londres que ali estava, nas margens do Tamisa, desde épocas imemoriais, desde que os anglos, os saxões, os celtas e outras tribos lhe chamavam londinos, ninguém sabe por quê. Parecia-lhe que, juntamente com a antiguidade, a cidade expressava nos seus edifícios, nas ruas, na infinidade dos mercados e na gente uma sabedoria, um descaramento e uma certa violência latente que a assustavam e a faziam sentir-se muito pequenina. “E eu que pensava que nunca conheceria nada maior do que Buenos Aires”, pensava rindo-se de si própria.

Tal como Londres, também a mansão de Blackraven na Birdcage Street a esmagou e a deixou incomodada, em parte pela imponência da sua fachada e o luxo dos quartos, mas também pelos complexos mecanismos desenvolvidos para a manter em funcionamento: os vários fornecedores de bebidas e alimentos que a visitavam diariamente, o jardineiro e os seus ajudantes, o arquitecto que tinha a seu cargo a manutenção de tectos, fachada e interiores, assim como uma caterva de empregados (canalizadores, carpinteiros, limpa-chaminés, pintores, mestres-

de-obras, estucadores), o tapeceiro e tantas outras pessoas, cujos ofícios traziam beleza e esplendor à mansão de Birdcage. A casa da calle de San José, que sempre considerara enorme e luxuosa, não podia comparar-se-lhe. Na verdade, cabiam três iguais a ela naquela mansão londrina cheia de pajens de librés em tons de azul e prateado e criadas de touca branca que ela nunca conseguia conhecer. Durante os primeiros dias teve a impressão de que eram centenas, ainda que, com o tempo e a ajuda de Constance Trewartha, se tenha convencido de que se tratava de um grupo de quarenta e cinco pessoas.

Nunca esqueceria a tarde em que descera da carruagem que os conduzira desde o porto de Londres à mansão da Birdcage Street. Julgou que o cocheiro se tinha enganado, que parara em frente de uma casa vizinha. Ergueu os olhos perante uma fachada que, de repente, a fez compreender o poder econômico do seu marido. Tempos antes, ele confessara-lhe ser dono de incontáveis riquezas e dissera-lhe: “Não consegues imaginar, não é?” Realmente, não. O seu espírito não conseguira prever tamanha magnitude até o momento em que, de pé, frente à mansão, olhara atônita para aquela entrada com os seus dois vasos enormes, o jardim da frente e os dois lanços da escadaria de mármore que, como braços estendidos e abertos, subiam, unindo-se num pórtico de altíssimas colunas jônicas de fuste estriado. Para ambos os lados desenvolviam-se as alas da mansão e Melody surpreendeu-se com a imensa quantidade de janelas. Atordoada, preparava-se para as contar quando Blackraven se inclinou para lhe murmurar ao ouvido: — É tua, meu amor. Tu és a rainha desta casa e de tudo o que eu possuo.

O tio de Blackraven, Bruce, e a sua “amiga”, Constance Trewartha, receberam-nos com um calor que a ajudou a adaptar-se, apesar de se sentir pouco à vontade. Quanto a Constance, receou que, por ser tia de Victoria, não pudessem vir a ser amigas, o que entristeceria grandemente Melody, pois atraía-a a simplicidade e o encanto daquela mulher que em nada reduziam a sua elegância e requinte. Esse receio esfumou-se logo no dia da chegada, quando Constance, enquanto lhe mostrava a infinidade de quartos e salas, parou, pegando-lhe em ambas as mãos e dizendo: — Nunca tinha visto o meu querido Roger tão feliz. E isso devemo-loa ti, não restam dúvidas. Bruce e eu já te queremos como uma filha.

— Obrigada, Constance — balbuciou Melody.

— Quero ser sincera contigo, querida. A minha situação nesta casa é de natureza peculiar. Como vês, Bruce e eu somos amantes. — Melody continuou a olhá-la com a mesma expectativa e afabilidade e Constance foi um pouco mais longe: — Se isso te incomodar, sairei hoje mesmo desta casa.

Em parte pelo exagero do oferecimento e também porque estava cansada e

tensa, Melody soltou uma sonora gargalhada. Constance olhou-a estupefata.

— Deixar esta casa? Constance, esta é a sua casa. Porque iria abandoná-la? — Bem… Estava a explicar-te que… — Esqueça. O que me escandaliza são outras coisas.

Durante aquele mês em Londres, Melody e Constance tornaram-se grandes amigas e, com Isabella e Amy Bodrugan, passavam grande parte do dia fora, a conhecer Londres, que era uma grande cidade, onde havia sempre um sítio novo para descobrir. Tomavam juntas o pequeno-almoço na mansão de Birdcage, numa sala cuja mesa, para vinte e quatro pessoas, era coberta por uma toalha de fio de coco, sobre a qual se colocava um serviço tão bonito que Melody não compreendia como o consideravam "de todos os dias". Havia grandes aparadores de acaju, sobre os quais podiam ver-se vários réchauds, uns pequenos objetos metálicos, com tampa que serviam para manter quentes uma infinidade de pratos e, deste modo, tanto Blackraven, Bruce e Malagrida, que acordavam de madrugada, como elas, que se levantavam por volta das dez, encontravam o bacon, os ovos, as salsichas, o presunto, os rins em xerez, os feijões, os cogumelos e os outros pratos quentes e com um excelente sabor. Acabado o pequeno-almoço, as mulheres mandavam preparar a carruagem e saíam para fazer compras. Blackraven tinha dito a Melody: — Entrega isto em todas as lojas ou joalherias em que entrares — e estendera-lhe um bilhete com a sua rubrica e o selo da águia bicéfala. — Eles me enviarão as faturas para casa e tratarei do resto.

Melody tinha lido o bilhete que, segundo Constance, se chamava *carte blanche*.

Londres, Blackraven Hall, 5 de Julho de 1807 As facturas em nome de Isaura Blackraven, condessa de Stoneville, deverão ser enviadas para Blackraven Hall, Birdcage Street, número 789, onde se procederá à sua liquidação.

Roger Blackraven, conde de Stoneville — Querida — disse Constance, entusiasmada —, quantas mulheres não dariam anos de vida pela carte blanche do conde de Stoneville? Ele deve amar-te e confiar cegamente em ti para te entregar um documento desta natureza.

A princípio, Melody pensou que não iria usá-lo. Já tinha demasiadas joias, vestidos e acessórios, mas, à medida que percorriam as lojas da Bond Street, de Piccadilly e da Strand, os embrulhos enchiam aos poucos a carruagem. Na Strand, Melody adorava a loja de chá Twinings, acolhedora e pitoresca, mas nada a emocionou tanto quanto a loja Fortnum & Mason, em Piccadilly, não só pela grande variedade de produtos que tinha para venda, mas também pelo modo como eram apresentados. A decoração era soberba. O salão principal reluzia, iluminado por centenas de lustres de cristal e boiseries douradas.

Na verdade, três quartos das compras de Melody não eram para ela. Blackraven, Alexander, Tommy — que tinha decidido ficar a dormir noWhite Hawk com os companheiros, declinando o convite do cunhado para Blackraven Hall —, Bruce, Rafaelito, Miora e também Somar recebiam diariamente um presente qualquer. Divertia-a e emocionava-a entregar-los. Na verdade, estava a gostar muito da sua estada em Londres. Roger levou-a três vezes a um teatro famoso, o Covent Garden. Ao entrar, emudeceu, pensando no da Ranchería, o único teatro de Buenos Aires, e teve vontade de se rir, não porque zombasse da pobreza do recinto portenho e sim porque julgara que, depois de todos aqueles dias e percorrer a cidade de Londres, já nada a surpreenderia. Não obstante, ali estava ela, no camarote de Blackraven junto ao palco, olhando com uma expressão atônita para o que se desenrolava a seus pés.

Inicialmente, enquanto estava mergulhada no assombro, Melody não reparou no alvoroço velado que a presença dos condes de Stoneville causava entre a assistência. Embora todos soubessem que aquele camarote pertencia a Roger Blackraven, estavam habituados a vê-lo ocupado pelos seus amigos do White's Club, visto que o seu proprietário passava a maior parte do ano fora da cidade. Apesar de Roger violar uma das regras mais rigorosas da sociedade georgiana, ou seja "um cavalheiro não se dedica ao comércio", ninguém se teria atrevido a desdenhá-lo com receio de desagradar ao poderoso duque de Guermeaux.

Melody acabou por reparar que quase ninguém olhava para o palco, apesar de o espetáculo — a ópera Fidelio, de um compositor alemão que ela desconhecia, um tal Beethoven — ser magnífico. Olhavam para eles. Voltou a olhar para o palco e fingiu concentrar-se. Já não sentia a alegria inicial. Não gostava de chamar as atenções, mas começava a compreender que, quer numa aldeia como Buenos Aires, quer numa metrópole como Londres, estava destinada a provocar o espanto das pessoas.

Por detrás dos leques das senhoras, formulava-se todo o tipo de comentários, alguns relativos ao vestido antiquado da condessa, à cor do seu cabelo, à espessura dos lábios ou ao tamanho dos seios. Outros afirmando que a tinham visto na companhia da imoral Constance Hambrook —referiam-se a ela pelo apelido do marido — e da cortesã Isabella di Bravante, a gastar fortunas nas lojas, com o bebê ao colo, que, por sinal, era a cara do pai. Algumas recusavam-se a acreditar no boato que corria de que era a própria condessa quem amamentava o pequeno futuro duque. Nenhuma aprovava tal medida e, naturalmente, nenhuma a aceitaria no seu círculo. No entanto, os convites chegavam a Blackraven Hall às dezenas todas as manhãs. Melody aproximava-se da bandeja de prata onde o mordomo, Duncan, os ia juntando para mais tarde os entregar a"milord" e espreitava, curiosa, para os diversos envelopes lacrados,

ao mesmo tempo que agradecia aos céus, por o marido declinar a maior parte.

Na primeira noite em Covent Garden, no intervalo de Fidelio, Melody conheceu o pai do seu marido, o duque de Guermeaux. Roger conversava animadamente com uns amigos que se tinham aproximado do camarote para o cumprimentar, quando a cortina que dava para o corredor se abriu, dando lugar a um homem alto e imponente que parou mesmo à entrada. Os visitantes cumprimentaram o recém-chegado com uma inclinação e palavras balbuciadas, despedindo-se e desaparecendo imediatamente a seguir. O homem deu um passo em frente e ficou iluminado pela luz do pequeno recinto. Embora não se parecessem um com o outro, a não ser na estatura e na corpulência, Melody soube de imediato que se tratava de Alexander Blackraven e, num ato inconsciente, susteve a respiração e fechou os punhos sobre a saia. Viu que Roger demorava um segundo, que lhe pareceu, a ela, um minuto, a aceitar a mão que o pai lhe estendia.

— Sei que chegaste há alguns dias a Londres. Esperava que fosses me visitar.

— Não sabia que Sua Graça estava na cidade.

"Sua graça", escandalizou-se Melody. "Trata o pai por Sua Graça?" — Não vais apresentar-nos? Antes que Blackraven tivesse tempo de se voltar para olhar para ela, Melody apercebeu-se da severidade do olhar do duque, como se o ameaçasse e observou também a expressão fleumática que o filho lhe devolvia. — Isaura, apresento-te Alexander Blackraven, duque de Guermeaux. Sua Graça, esta é a minha esposa, Isaura Blackraven.

Melody continuava sentada, sem saber se deveria pôr-se de pé e fazer uma curta reverência ou manter-se na cadeira, limitando-se a inclinar a cabeça. Não se decidiu e ficou a olhar o duque nos olhos. A sua expressão deve ter revelado uma tal perplexidade que o comoveu, pois Alexander dirigiu-lhe um sorriso caloroso e franco e estendeu o braço direito para lhe pegar na mão ainda fechada e beijá-la.

— É um prazer conhecê-la, senhora condessa.

— O prazer é meu, Sua Graça — respondeu Melody.

— Não conseguia entender por que estranho motivo o meu filho –pareceu a Melody que dizia "meu filho" com genuíno afecto — seguira o meu conselho, o que é muito pouco frequente, deve dizer-se, senhora condessa, e se casara de novo. Agora que a conheço, compreendo perfeitamente. A sua beleza é indiscutível.

— Obrigada, Sua Graça.

— E dizem-me também que teve a generosidade de me dar um neto.

— Assim é, Sua Graça — respondeu Melody. — Faz amanhã oito meses, embora como é grande, pareça um menino de um ano ou mais. É muito vivo e

inteligente, já pronuncia algumas palavras… — Meu amor — interrompeu-a Roger —, não creio que o senhor duque esteja interessado nos progressos do nosso filho.

— Pelo contrário — reagiu Alexander Blackraven. — Interessam-me, e muito. É meu neto, teu filho, Roger. É claro que me interessam. É ele quem mais me interessa neste mundo. Que nome lhe deram? — Alexander Fidelis — respondeu Melody, e o sorriso do duque de Guermeaux desapareceu, dando lugar a uma expressão que era um misto de surpresa e de espanto. Olhou alternadamente para Melody e para o filho.

— A ideia não foi minha — defendeu-se Roger. — Por mim, teria dado qualquer nome menos Alexander. Foi ideia de Isaura.

— Obrigado, senhora condessa — manifestou o duque com uma emoção sincera. — Obrigado. Sinto-me muito honrado por o meu neto ter o meu nome.

— E o do meu pai — acrescentou Melody. — Somar falou-me da tradição que existe entre vós, os Guermeaux, de o primogênito assumir o nome do avô paterno e julguei que seria o melhor. Espero que Sua Graça não se importe que lhe tenhamos dado também o nome do avô materno.

— Em absoluto — respondeu de imediato com um ligeiro movimento de mão.

— Gostaria de nos honrar com sua presença amanhã no almoço para conhecer Alexander? — Isaura — interveio Blackraven —, essa seria uma grave falha no protocolo. Nós devemos visitar o duque e não o contrário.

— Oh! — Melody corou. — Desculpe, não sabia.

— Por favor — exclamou o duque de modo tolerante. — Não consideraremos essas severidades sociais entre pai e filho, não é? — No passado — lembrou Roger —, essas severidades eram muito importantes para Sua Graça.

— No passado — sublinhou o duque. — Os tempos mudam, filho, e as pessoas também. Então, que dizem? Vou almoçar amanhã a Blackraven Hall e conhecer o meu neto? — Oh, sim — respondeu Melody, ouvindo Roger soprar de enfado.

— Roger — disse o duque —, acompanha-me até lá fora. Não quero aborrecer a tua mulher com assuntos de homens. Senhora condessa… —Por favor, Sua Graça, chame-me Melody.

— Muito bem, então até amanhã, Melody.

— Até amanhã, Sua Graça.

No corredor, o duque de Guermeaux olhou para o filho com ar divertido e perguntou-lhe: — Melody? — O pai chamava-lhe assim por ter uma voz melodiosa.

— Vejo que a tua mulher, apesar de papista e irlandesa, é atraente e talentosa. E tem garra. Apesar de tudo, impôs a sua vontade e deu ao meu neto o nome

certo: o do avô.

O tom sarcástico do duque desagradou a Blackraven.

— Tem cuidado, pai. Não te metas com Isaura ou te destruirei sem compaixão.

— Sei que o farias, filho. Não te preocupes. Gostei muito da tua mulher. E deu-me um neto.

— Um herdeiro para perpetuar o ducado que é a única coisa que te interessa.

— Não é a única coisa que me interessa, mas não vou perder tempo atentar convencer-te. — Seguiu-se um silêncio, durante o qual se olharam com intensidade. Estavam tão habituados àquelas trocas de olhares gélidos que já não se sentiam incomodados. — Bruce contou-me que Victoria morreu na América do Sul, vítima de uma peste.

— Varíola.

— A tua madrasta, a duquesa de Guermeaux, faleceu também há alguns meses. — Roger manteve-se imperturbável. — Sim, eu sei, ela não te tratou bem e eu permiti que assim fosse.

— Pai, se me dás licença, volto para junto da minha mulher.

— Sim, está bem. Nos vemos então amanhã.

— Se não te importas de partilhar a mesa com uma papista…— A tua mãe vai estar presente? Blackraven soltou uma gargalhada forçada e irônica.

— Pai, chegas com trinta e seis anos de atraso. Além disso, minha mãe apaixonou-se como uma jovenzinha e não creio que corresponda ao teu interesse tardio. Com efeito, irás conhecer amanhã o novo amante dela, o capitão Malagrida, um homem extraordinário.

Correu a cortina e entrou no camarote, deixando o pai atordoado no meio do corredor. Blackraven não disse palavra durante o caminho de carruagem até a Birdcage Street, nem mesmo enquanto se despia para se meter na cama. Deslizou sob o lençol e deitou-se de costas para Melody, que se inclinou para lhe murmurar ao ouvido: — Não fiques zangado comigo.

— Não quero que te imiscuas na minha relação com o meu pai. Não devias tê-lo convidado para almoçar.

— Por que não? É teu pai. Avô do meu filho.

— Meu pai — exclamou, soerguendo-se de modo brusco. — Belo pai.Um pai que me raptou e me afastou da minha mãe, um pai que me trouxe para viver neste país, no meio de desconhecidos. Não imaginas o ódio que sinto por ele — exclamou, e como era um homem que mantinha o absoluto controle das suas emoções, sentiu-se inquieto e um pouco envergonhado.

Melody acariciava-lhe o cabelo solto e passava-lhe as mãos pelas faces e pela testa para o obrigar a descontrair-se.

— Não acredito que o odeies. Não és capaz de odiar ninguém.

— Isaura, não fazes ideia do quanto sou capaz de odiar.

— Não quero que o odeies, e não quero porque o ódio não é bom para ti. É como um veneno que nos corrói. Eu tento esquecer os que me fizeram mal.

— A tua disposição é diferente da minha. Nem todos podemos ter uma alma tão bondosa como a tua.

— Gostas de sentir rancor em relação a ele? Blackraven evitou o olhar dela e ficou calado.

— Não — admitiu por fim. — Não me agrada odiá-lo.

— Por quê? — Que pergunta, Isaura! — É uma pergunta muito simples, à qual um homem brilhante como tu pode perfeitamente responder.

Embora Blackraven se mantivesse encerrado no mutismo, Melody intuía que queria continuar a falar do duque de Guermeaux. Conhecia-o demasiado bem para saber que, se o assunto não lhe interessasse ou o tivesse considerado inoportuno, a conversa teria ficado por ali. Assim acontecera, quando lhe pedira explicações pelo estranho sequestro sofrido às mãos de Simonetta Cattaneo e da sua escrava Ashantí. Blackraven demonstrara que não estava disposto a revelar-lhe a verdade, contando-lhe uma aldrabice, na qual nem o pequeno Víctor teria acreditado.

— Não voltarei a falar neste assunto — dissera-lhe Melody na altura.— Só quero que saibas que tenho a certeza de que me estás a mentir. Confio em ti, Roger. Se optas por me mentir, deve ser certamente para o meu bem.

Contudo, naquela noite, Melody sabia que ele precisava de expressar a dor e a raiva que o pai lhe inspirava.

— Sabes o que eu acho, meu amor? Acho que não odeias o teu pai. Pelo contrário, gostas muito dele. O que odeias é o não saber se ele gosta de ti.

— Tens razão — admitiu Blackraven, após um silêncio. — Não o odeio, já nem sequer me inspira raiva e também não me interessa saber que sentimentos nutre por mim. Esta paz que experimento devo-a a ti. O teu amor preenche-me, Isaura, não deixa espaço para nada, para ninguém. É como se, depois de ter passado fome e sede durante anos, me tivesse saciado bruscamente, para toda a eternidade.

— Então, se não te inspira sentimentos negativos, permite que o teu filho conheça o avô, que o teu pai conheça o neto. Não quero que o Alexander herde os seus ódios e as suas mágoas. Quero apenas que ele ame e seja amado.

— Se Alexander tiver a tua bondade e o teu coração nobre, assim será. Mas, se herdou o meu temperamento, odiará e amará e com paixão.

— Madame Odile diria que és um digno filho de Marte, o deus da guerra e acrescentaria ainda que és um escorpião de pura cepa, fogo e gelo, razão e paixão, os dois elementos gladiando-se num mesmo ser.

— Diria também — retorquiu Blackraven — que sou o Quarto Arcano,o Imperador, e não pararia de me elogiar.

No dia seguinte, o almoço decorreu nos limites de uma tensa diplomacia. Isabella estava bem-disposta. Divertiam-na os olhares lânguidos que o pai do seu filho lhe lançava do outro lado da mesa e o ar de cachorro amuado de Malagrida. Os ânimos alteraram-se quando, depois de passarem ao drawing room para tomarem café e licores, Trinaghanta apareceu com Alexander. Melody reparou que os olhos do duque de Guermeaux ficavam congestionados e que não falava porque não podia confiar plenamente na sua voz.

— Olha o teu neto, Alexander. — Isabella dirigia-se ao duque com uma familiaridade que poderia ser considerada desrespeitosa e que poucos se teriam atrevido a utilizar, o que refletia, por um lado, que não lhe perdoara, o que era bastante perceptível para Malagrida e, por outro, o seu temperamento livre.

— Olha para ele — insistiu, pegando-lhe ao colo. — Tu que perdeste a infância do nosso filho, aqui tens, podes agora revivê-la. — Obrigou-o a pegar no menino que se afastou e franziu o sobrolho para contemplar o avô. — Roger era assim nesta idade, Alexander, exceptuando a cor dos olhos que, como podes ver, é a da mãe. Em tudo o resto, o teu neto é igual ao Roger.

O duque de Guermeaux sentou-se com o neto sobre os joelhos e não o largou até a hora em que Melody fez sinal a Trinaghanta para que o levasse para o quarto para lhe mudar as fraldas e amamentá-lo. O pequeno Alexander adoptou uma atitude severa ainda que pacífica e era divertido ver a maneira como voltava a cabeça para observar a pessoa que estava a falar. Blackraven adorava o filho em todos os momentos, mas, ao ver o seu aprumo e serenidade e o modo inteligente como observava o que o rodeava, sentiu-se tomado de um sentimento tão forte que acabou por abafar qualquer vestígio do desagrado causado pela presença do seu pai. Só Melody e Alexander conseguiam provocar-lhe aquele sentimento para o qual, na verdade, confluíam várias emoções: o orgulho, a felicidade, o amor e o sentido de posse.

O duque de Guermeaux tornou-se num visitante assíduo de Blackraven Hall e, apesar de Roger manter uma atitude distante, agradava-lhe ver que entre o seu pai e o seu filho se cimentava uma relação de amizade.

Gostava sobretudo de descobrir no olhar do pai os sentimentos nobres que o menino lhe inspirava. “Gosta mesmo dele”, pensou numa tarde em que, ao entrar no drawing room,se surpreendeu deveras ao ver o elegante e impecável duque de gatas sobre o tapete, a servir de cavalo a Alexander.

Certa vez, nos primeiros dias do mês de Agosto, Blackraven anunciou que estava farto de Londres e que iriam mudar-se para a propriedade na Cornualha. O duque declarou que os acompanharia. Arranjou várias justificações: há muito

tempo que não visitava o velho castelo da família, pretendia iniciar umas obras de restauro, a fim de preservar a fachada, muito desgastada, tinha de atender às solicitações dos seus arrendatários que há muito vinham sendo adiadas e precisava de estudar a possibilidade de pôr de novo em funcionamento a Elizabeth e a Maynard, as duas minas de cobre situadas na propriedade. A decisão do duque não agradou nada a Malagrida, que ficou isolado e carrancudo durante o resto do dia. À noite, Isabella teve cuidados redobrados a pentear-se e a perfumar-se e vestiu uma camisa de dormir e uma lingerie de seda transparente antes de bater à porta do quarto dele.

— Como não foste ter comigo, aqui estou — disse, aproximando-seda secretária, onde o jesuíta lia Tom Jones de Henry Fielding.

Na verdade, estava concentrado e a interrupção desagradou-lhe. Sem levantar os olhos do livro, respondeu: — Pensei que irias aceitar o convite do pai do teu filho e que o acompanharias à festa do duque de Buckingham.

— Que iria eu fazer com o duque de Guermeaux à festa do duque de Buckingham quando o meu homem está aqui? Malagrida ergueu os olhos e observou a roupa sugestiva e a vasta cabeleira negra, que costumava usar presa durante o dia e que agora se soltava sobre as suas costas, caindo-lhe até a cintura. Reparou também que Isabella pintara os lábios e se perfumara e imaginou-se mergulhando o nariz naquele colo branco e esbelto com aroma a violetas. Pousou o livro sobre a mesa-de-cabeceira, pôs-se de pé e pigarreou.

— Estou cansado de te ver em jogos de sedução com o pai do teu filho.

— Eu não entro nesses jogos.

— Não me tomes por estúpido, Isabella! — Está bem, está bem, há um pouco de sedução, um pouco, mas não porque esteja apaixonada por ele, esse sentimento morreu há muito, e sim porque é uma maneira de me vingar.

— Se tens vontade de te vingar é porque os teus sentimentos ainda estão intatos.

— Essa afirmação estaria certa para a natureza racional de um homem — defendeu-se Isabella —, mas não para a inconstância volúvel de uma mulher. Mas tens razão, agi como uma garota e já somos todos adultos. Prometo-te que não voltarei a provocar Guermeaux.

— Deste-lhe esperanças e o homem decidiu seguir-nos até a Cornualha.

— Por muito que isso fira o meu orgulho de mulher, devo dizer-teque não é por mim que Guermeaux vai à Cornualha e sim pelo neto. Não te apercebes de que ele vive feliz desde que o Roger lhe deu entrada nesta casa e lhe permitiu conviver com o menino? — Mesmo assim, preferia que ele não fosse para a Cornualha.

— Nesse caso, fiquemos em Londres — sugeriu Isabella.

— Não posso. O teu filho precisa de mim lá.

— Para quê? — Trata-se de um assunto que temos de concluir — disse de modo vago.

Isabella aproximou-se e passou as mãos pelas lapelas de cetim do roupão de Malagrida, emitindo um leve ronronar carinhoso.

— Queres que te prove o quanto estás a ser tolo com esses teus ciúmes? — Podes tentar, mas não sei se vais conseguir.

— Conseguirei, sim, meu amor. Sabes bem que sim. — Beijou-lhe os lábios e sorriu. — Resolveste cortar o bigode para sempre? — Sim. Custou-me rapá-lo quando tive de me fazer passar pelo teu filho no Folâtre. Agora acho que me dá um ar mais jovem.

— Ficas jovem, bonito e és um grande sedutor. Beija-me.

Malagrida sucumbiu ao desejo que lhe acalmava a ira e lhe aquecia o corpo. Agarrou Isabella pela cintura e, num ataque de ciúmes e paixão arrebatada, apoderou-se dos seus lábios.

Na véspera de partirem para a Cornualha, Amy Bodrugan pediu uma audiência a Blackraven. Agindo de acordo com o seu temperamento audacioso e precipitado, mal se sentou, foi direita ao assunto: — Galo Bandor pediu-me em casamento e eu decidi aceitar.

Embora Blackraven não tivesse visto Bandor durante todo aquele mês em Londres, desconfiara de que ele e Amy tinham continuado a encontrar-se para passar algumas horas com Víctor. Apercebeu-se do nervosismo e do receio de Amy pelo modo como agitava a perna de baixo da secretária e por a ver morder o lábio. Lamentava ter de causar um desgosto a alguém que lhe era tão querido e que tinha um lugar tão importante na sua vida.

— Antes pretendias castrá-lo. Agora queres casar com ele — declarou,tentando ser jocoso.

— Sim. Opões-te? — Valeria de alguma coisa eu opor-me? — Não me casaria se não tivesse a tua aprovação.

— Vais fazê-lo pelo Víctor ou porque estás apaixonada por Bandor? — Porque estou apaixonada por ele.

— Achas que é um homem bom? Amy encolheu os ombros e franziu os lábios.

— Nem bom, nem mau, Roger. Tal como tu e eu, Galo é um pirata.Duvido de que seja um modelo de virtudes. No entanto, é muito bom para mim.

— Nesse caso, não tenho nada a opor, contas com a minha bênção.

Amy saltou da cadeira e soltou o seu habitual grito de alegria, mostrando de novo a Blackraven a mulher que ele tão bem conhecia. Acabou sentada ao colo dele, agarrada ao seu pescoço, beijando-lhe os lábios.

— Blackraven, este será o último beijo que te dou. E não te atrevas a pedir nenhum. A partir de agora serei uma respeitável senhora casada.

— Quando vai ser o casamento? — Não sei. Ainda não marcamos a data.

— Gostaria que fosse depois de eu ter tratado daquele assunto de quete falei. Agora, na Cornualha, planejaremos o golpe e daí viajaremos para o continente.

— Tens a certeza de que pretendes levar isso por diante? — Não tenho alternativa se quiser viver em paz com a minha família.

No dia seguinte, enquanto a carruagem com o escudo da água bicéfala se dirigia para sul, em direção ao condado da Cornualha, Melody observava os edifícios e as ruas de Londres com os quais estava já familiarizada. Sentiu as mãos de Blackraven na sua cintura e esperou, ansiosa, que ele se inclinasse sobre ela. Beijou-lhe a nuca e o peito que os escandalosos decotes da moda inglesa deixavam entrever. Melody conteve a respiração e ficou tão tensa como daquela primeira vez em Buenos Aires, quando abandonavam a pé a casa cor de ocre em direção à cidade.

— Gostaste de Londres, meu amor? — ouviu-o sussurrar.

— Sim, Roger — respondeu ela, no mesmo tom murmurado. — Londres gerou em mim um estado de perpétua admiração.

Londres tinha-a fascinado, mas a Cornualha era o verdadeiro lar. Melody sentiu-se logo à vontade. A casa, de estilo isabelino, que era conhecida como Hartland Park, com as paredes de tijolos vermelhos e as portas e janelas brancas, apesar de ser enorme e imponente, não a intimidou como sucedera com a da Birdcage Street. Pensou que talvez tal se devesse à situação isolada, visto que se situava sobre um barranco, rodeada de uma imensidão de pequenas colinas, árvores de porte magnífico, altas, frondosas e voltada para o mar A paisagem era de cortar a respiração, assim como a beleza do jardim que rodeava a propriedade. A senhora Moor, a governanta da casa, ocupou-se pessoalmente dela durante os primeiros dias da estada, mostrou-se satisfeita por a senhora condessa querer ajudá-la, ainda que deixando bem claro que as flores e as plantas eram da sua inteira e exclusiva responsabilidade.

A criadagem da casa da Cornualha comportava-se com a mesma atitude circunspecta da de Londres, e Melody, habituada à familiaridade dos escravos, sentiu-se um pouco incomodada e desiludida. Ao fim de algum tempo, acabou por compreender que os criados não sentiam desagrado, muito pelo contrário, orgulhavam-se de trabalhar para o futuro duque de Guermeaux — alguns deles estavam com a família há gerações — e a solenidade do tratamento deveria ser entendida, na verdade, como uma prova de afecto.

Quanto à opinião dos criados, tanto os de Londres como os da Cornualha, a princípio cochichavam e sentiam-se escandalizados com o modo como a futura

duquesa se conduzia: sendo ela mesma a tratar de Lord Alexander — era assim que lhe chamavam — e a amamentá-lo, o que provocava o espanto geral. Guardava a sua roupa e a de milord, ria, usava muitas vezes o cabelo solto, muito longo e abundante, gostava de acariciar as crianças, aqueles três diabretes que tinha trazido das terras selvagens do Sul, Víctor, Angelita e o negro Estevanico. E, o mais insólito de tudo, tentava travar amizade com a criadagem, interessando-se pelas suas famílias e pelos seus problemas.

— Prefiro a anterior condessa de Stoneville — queixou-se Poole, o mordomo. Um pouco volúvel, não o nego, mas não tinha mau coração e sabia qual era o seu lugar.

Com o tempo, renderam-se à doçura e compaixão de Melody, pois era óbvio que ela nem sequer considerava a possibilidade de se transformar numa aristocrata aperaltada e distante. Tiveram a prova do verdadeiro temperamento da nova patroa, no dia em que Melody foi encontrar Myriam, uma das criadas, filha do palafreneiro, a chorar. A sua irmã, Daphne, adoecera gravemente.

— Que diz o médico? — Não foi vista pelo médico, milady. Não teríamos como pagar. A senhora Torbay, que conhece todas as ervas e essas coisas, está a tratá-la, mas as mezinhas não estão a surtir efeito.

A família de Myriam emocionou-se ao ver entrar a condessa de Stoneville na sua pequena cabana. Atrás dela vinha o doutor Talbot, com um ar contrariado e o nariz franzido, pois não gostava de tratar pessoas de baixo estrato social, era mau para a sua reputação. No entanto, era impossível recusar um pedido da futura duquesa de Guermeaux. Talbot examinou a menina e diagnosticou um caso grave de pleurisia, a doença que fora fatal para Jimmy. Durante o período crítico da doença, Melody visitou diariamente a cabana, entregava gêneros alimentares e medicamentos e, depois disso, sentada à cabeceira da pequena Daphne, tirava da mala um colar de contas rematado por uma cruz e rezava num tom de voz quase inaudível aquilo que deveria ser um rosário, aquela oração longa e repetitiva dos papistas. Após uma semana de medicação —paga pela senhora condessa — e cuidados, o médico admitiu que a rápida recuperação de Daphne o espantava, não tanto pela gravidade da doença, quanto pela má alimentação da menina. A história de Daphne e da condessa de Stoneville percorreu o condado e não demorou muito até que os servos de Hartland Park se dedicassem a servir de intermediários entre Melody e os arrendatários e aldeãos que lhe solicitavam todo o tipo de favores. Assim, o Anjo Negro voltou a entrar em ação, como dizia Gabriel Malagrida.

Naquela amena manhã de Outubro de 1807, Melody estava sentada à janela, a olhar a paisagem, enquanto pensava em Roger. O seu sogro, Bruce e Alexander continuavam a brincar no tapete, numa risota e brincadeira pegada. Constance lia

na biblioteca; Isabella descansava um pouco antes do jantar; Víctor, Angelita e Estevanico tinham as suas aulas de inglês no andar de cima; Miora, que, regra geral, acompanhava Melody, tinha-se retirado para o seu quarto com Rafaelito, pois não se habituava à presença do duque de Guermeaux.

"Está tudo em ordem", pensou Melody e lembrou-se do irmão Tommy que, depois daquele mês em Londres, voltara a zarpar no White Hawk, rumo a Buenos Aires. O capitão Flaherty viajava com vários encargos de Blackraven e muita correspondência. Um desses encargos consistia em ir buscar a senhorita María Virtudes Valdéz y Inclán e escoltá-la até a Cornualha, onde desposaria o tenente-coronel Lane. Blackraven não tivera de despender demasiado tempo e dinheiro até obter as referências necessárias para se convencer de que Lane era um homem decente.

Quanto a Tomás Maguire, quando chegasse a Buenos Aires, despedir-se-ia de Flaherty e dos seus amigos marinheiros e regressaria a Bella Esmeralda. Embora não tivesse conseguido reunir o dinheiro necessário para saldar a dívida que tinha para com o cunhado, concordaram em que Tommy investiria o que obtivera com a presa de El Joaquín e El San Francisco de Paula na compra de animais e sementes para o cultivo de trigo e que, com os lucros, iria pagando aos poucos o que devia.

— Mas antes de ir para Bella Esmeralda — confessara ele a Melody –farei uma visita a Elisea.

— Talvez não a encontres na cidade e sim em Bella Esmeralda. Antes de vir para cá, Roger preparou tudo para que passassem uma temporada na nossa quinta, onde estariam resguardadas de um possível ataque inglês.

— Muito bem — disse Tommy —, onde quer que ela esteja, é meu dever comunicar-lhe a notícia da morte de Servando. Ele confiou-me uma mensagem para ela e tenho de lha transmitir pessoalmente. Tens a Eneida? — perguntou, sem uma pausa, apanhando Melody de surpresa.

— Não sei, terei de procurar na biblioteca de Roger, mas, se encontrar, o mais provável é que esteja em inglês.

— Não faz mal, também serve. A última vez que a li, tinha onze anos e fi-lo a contragosto, porque a nossa mãe me ameaçou de não me deixar montar a cavalo durante um mês. Agora subitamente tive vontade de a reler.

As comissuras de Melody elevaram-se num sorriso inconsciente ao recordar a última conversa que tivera com o irmão antes de se despedirem em Londres. Teria chegado bem ao porto de Buenos Aires? Teria entregado a mensagem de Servando a Elisea? Ter-se-ia lembrado das cartas para Pilarita e Lupe? Estava ansiosa por saber notícias delas. Finalmente, teriam os ingleses invadido a cidade? Sabia que, durante o mês que passara em Londres, Blackraven se

encontrara repetidamente com o seu amigo, o brigadeiro-general William Beresford, recém-chegado de Montevideu. Convidara-o inclusive duas vezes para jantar em Blackraven Hall. Melody reparara que, sempre que se afastavam para beber um Porto e fumar um cigarro, as expressões afáveis de convívio do jantar se transformavam, ganhando um aspecto circunspecto e conspirativo. Já não a incomodava saber que o marido era um homem de várias facetas, das quais ela conhecia poucas. Resignava-se a tê-lo perto de si e a amá-lo.

"Preciso de te ter perto de mim, Roger", murmurou languidamente. A estada de Blackraven no continente, por questões de negócios, durava há mais de dois meses e Melody sentia o peso de cada dia sem ele.

Blackraven passeava pelo salão de Carolina Murat, grã-duquesa de Berg e irmã do imperador Napoleão, com ar despreocupado e uma taça de champanhe na mão. Arranjara-se com todos os cuidados para transmitir a imagem de um indivíduo frívolo e mundano. Sobre a camisa de batista com punhos de renda, usava uma jaqueta de veludo azul com lapelas ricamente bordadas e botões de ouro. Os fraldões posteriores, que terminavam em bico, destacavam-se com a elegância da parte da frente. Umas calças de nanquim azul-marinho cingiam-lhe as pernas até o joelho, onde nasciam umas meias de seda branca que mergulhavam em sapatos de fivela grande, também ela de ouro. Blackraven preferia o conforto e a sobriedade da labita inglesa e tê-la-ia vestido nessa noite se a incômoda indumentária napoleônica não fizesse parte da farsa que preparava em Paris há semanas.

Parou numa das extremidades do salão e passeou o olhar pelos as sistentes. Reparou em especial nas mulheres, com os longos vestidos de musselina, imitando as antigas túnicas gregas, nos seus toucados cheios de caracóis artificiais, nas suas joias dispendiosas e nos rostos excessivamente maquilhados. Não pôde evitar compará-las com a sua mulher, desprezando logo a seguir aquela corja de intriguistas e cortesãs que se vendiam à melhor licitação. Não pensaria em Isaura. Tinha de a tirar da cabeça enquanto durasse aquela missão em Paris. Se permitisse que ela invadisse os seus pensamentos, ficaria irremediavelmente desatento.

Após um plano meticulosamente montado na Cornualha, com a ajuda de Amy, Malagrida e Somar, Blackraven e os seus amigos tinham abandonado Inglaterra na sexta-feira, dia 21 de Agosto. Amy e Malagrida fizeram-no no Afrodita, sob a bandeira espanhola e ancoraram no dia seguinte à entrada da baía do Havre. Blackraven viajou, com Somar e um grupo seleto de marinheiros, incomodados e cheios de vergonha, pois envergavam librés da casa de Guermeaux e viajavam num paquete dos que diariamente zarpavam do porto de Falmouth e que, atravessando Calais, atingiam a costa francesa. Pela primeira vez, depois de

muitos anos, Blackraven entrava em França usando o seu verdadeiro nome e com um salvo-conduto legítimo. Queria que Joseph Fouché, o ministro da Polícia de França, e Pierre-Marie Desmarets, chefe da Haute Police, sector encarregado de espiar os estrangeiros, soubessem que estava de visita a Paris. Se La Cobra tivesse tido oportunidade de lhes revelar a identidade do Escorpião Negro, tê-los-ia à perna muito em breve e estava pronto para os receber. Caso contrário, queria que o conhecessem, que chegasse aos seus ouvidos que era o herdeiro do ducado de Guermeaux, que a sua fortuna se contava entre as maiores de Inglaterra, que possuía uma frota de vinte navios em permanente expansão e que o seu estaleiro de Liverpool já não era o suficiente para a conter. Em suma, Blackraven queria que a informação ganhasse a forma de um memorando no cartapácio de Napoleão.

Para tal, servira-se da rede de agentes de Fouché, principalmente de Rigleau, que contactara logo após a sua chegada a Paris e que tentara com uma quantia bem choruda de libras esterlinas. O encontro teve lugar num quarto do primeiro andar de uma pensão ordinária no faubourg Saint-Michel, na qual Amy, Somar e Malagrida aguardavam o espião. A princípio, a avareza desmedida de Rigleau valeu-lhe uma pancada de Somar, que lhe fez voar a pala do olho esquerdo. Não costumava usar a violência e gostava ainda menos de o fazer quando o adversário era um homem baixinho, que teria levantado ao ar com uma única mão, mas a paciência não era o seu forte naqueles dias em que só queria despachar o que tinha a fazer e regressar para junto de Miora e Rafaelito.

— Quem são vocês? — quis saber Rigleau.

— Amigos do imperador — assegurou Malagrida, no seu francês impecável.

— Que pretendem que eu faça? — Comunicarás a Fouché e a Desmarets que há alguns dias, entrou no país, pelo porto de Calais, um nobre inglês, Roger Blackraven, conde de Stoneville. — Malagrida fez uma pausa para avaliar o efeito que aquele nome causava no espião, mas, como não detectou o menor sinal de assombro ou inquietude, continuou a sua informação.

— Julgam que se trata de um espião de Whitehall? — Interessou-se Rigleau.

— Sim. — Logo a seguir proferiu a sua ameaça: — Estaremos a vigiar--te, Rigleau. Atua com cuidado e cumpre a tua parte do acordo, se não queres que te encontrem uma destas manhãs estripado nos bosque de Bolonha. Dentro de três dias voltaremos a entrar em contato contigo.

A partir desse momento, Blackraven, instalado num apartamento luxuoso da rue de Cerutti, dedicou-se a visitar velhos amigos — entre eles, madame Récamier —, que lhe abriram as portas dos salões mais tradicionais de Paris, os do faubourg Saint-Germain, e também os da nova nobreza, o da imperatriz Josefina e o da sua cunhada e inimiga, Carolina, a grã-duquesa de Berg.

Nessa noite, Blackraven estava sozinho, observando as pessoas que o rodeavam. Lá estava Talleyrand, que Napoleão afastara da chancelaria, mas que continuava a consultar, graças aos seus conhecimentos em matéria de política e à sua grande sagacidade. Ao seu lado, podia ver-se Joseph Fouché, que falava, bebia e comia, tudo ao mesmo tempo, arrancando expressões de desagrado a Talleyrand, que o suportava por se terem associado na intriga em que pugnavam por convencer o imperador a divorciar-se da imperatriz Josefina e a desposar uma princesa europeia. Metternich, o embaixador austríaco, propunha, por exemplo, a arquiduquesa Maria Luísa, filha de Francisco I.

Mal Blackraven voltou a cabeça, deparou com o anfitrião, o grão-duque de Berg, Joaquim Murat, e a menos de um metro de distância o general Junot, amante da mulher do primeiro. Em Julho, tinham estado quase a bater-se em duelo. Alguns gritos de Napoleão tinham conseguido evitar o confronto. Esboçou um leve sorriso. O imperador deveria sentir-se muito só com uma família de intriguistas ambiciosos como aquela que lhe coubera em sorte. Ali estava Luciano, o rebelde Luciano, que, depois de colaborar no golpe do 18 do Brumário, se dedicava a colecionar disparates que deixavam Napoleão fora de si. Os mais badalados, o seu casamento com uma mulher que o imperador não suportava e o apoio dado ao Papa Pio VII. Observou de novo Fouché e pensou que se este não o abordara até aquele momento, chegando a mostrar-se indiferente quando se cruzavam numa qualquer tertúlia — já estava em Paris há várias semanas —, isso significava que La Cobra morrera sem lhe revelar a identidade do Escorpião Negro.

A anfitriã, Carolina Murat, dirigiu-se-lhe. “É uma hábil manipuladora”, pensou Blackraven, “um talento que lhe está no sangue”. Sorriu-lhe. —Excelência, porque se afastou? Está aqui tão sozinho.

— Vim até a janela para me refrescar um pouco. Ia regressar quando vi que se aproximava. Permita que lhe expresse a minha admiração, madame: está lindíssima esta noite.

— Obrigada, Excelência. — Tinha corado e a sua perturbação era genuína. Há algumas noites que o provocava com olhares sugestivos. — Vim buscá-lo porque o meu irmão deseja vê-lo.

— Qual deles? São tantos.

— Oh, refiro-me ao meu irmão, o imperador.

— Nesse caso, não o façamos esperar.

— Queira seguir-me, Excelência.

Napoleão Bonaparte era um homem robusto, de baixa estatura, uma fraca figura que não provocava qualquer emoção até o momento em que o olhavam nos olhos. Estes, de um cinzento metálico e frio, refletiam o fogo da cobiça que

lhe ia na alma. Embora a figura do imperador fosse o oposto ao seu espírito, mesmo assim, em silêncio, ofuscava os três homens que o ladeavam: o seu chanceler Champagny, o seu escudeiro-mor Caulaincourt e o seu servo, o mameluco Rustam.

— Sire — murmurou Carolina—, trago-vos Roger Blackraven, conde de Stoneville.

— É uma grande honra, Sire — declarou Roger, inclinando-se numa reverência. — Sou um grande admirador de Vossa Majestade.

Bonaparte, com as mãos entrelaçadas atrás das costas, levantou a cabeça para olhar atentamente para Blackraven.

— O filho do duque de Guermeaux, segundo me dizem — afirmou,de mau humor. Discutira com o seu irmão Luciano, que se recusava a divorciar-se.

— Assim é, Sire.

— O seu pai é inimigo do império, senhor. Vive a conspirar contra mim do outro lado do canal da Mancha.

— Lamento, Sire. Sei muito pouco dos assuntos do meu pai, mas, se tivesse imaginado que a minha presença iria importunar, não me teria atrevido a vir.

— Se eu tivesse de prescindir de todos os que me importunam,senhor, este salão estaria vazio. Portanto, ficai à sua vontade.

Blackraven esboçou um sorriso levemente irônico que agradou ao imperador. Havia naquela expressão algo de irreverente e, ao mesmo tempo, compreensivo.

— Agradeço-vos, Sire. Muito me honra a sua generosidade. Nunca estive de acordo com aquela máxima da Bíblia, segundo a qual um filho tem de pagar pelos pecados do pai. Afinal, alguém tem culpa da família que lhe coube em sorte? — Com um sutil movimento de olhos, Blackraven fitou Luciano que acabava de se juntar ao grupo de Carolina.

Desta vez, Napoleão abriu um sorriso rasgado que mostrava bem a sua aquiescência e satisfação com a resposta. Não era segredo para ninguém que os seus irmãos e irmãs eram uma caterva de corvos famintos, dispostos a matar por uma posição superior na hierarquia.

— E que podeis dizer-me dos seus compatriotas? — Interessou-se o imperador.

— Vós, os franceses, também sois meus compatriotas. — Napoleão ergueu as sobrancelhas numa atitude inquiridora. — Eu nasci em terras de França, Sire. Em Versalhes, no ano 70, e os meus padrinhos foram os delfins de França, que mais tarde se tornaram os reis Luís XVI e a rainha Maria Antonieta.

Napoleão detestava ser apanhado de surpresa e tomou mentalmente nota para admoestar Fouché. Que agentes eram os seus que se tinham esquecido de lhe dar uma informação tão importante como aquela? Os espiões constituíam a base da

segurança do império. Eram fundamentais. Aquele pensamento levou-o ao Escorpião Negro. Há meses que não recebia notícias do maldito sicário que lhe tinha custado uma fortuna.

— Isso explica a sua excelente pronúncia francesa — confessou Napoleão que era alvo de piadas pelo acentuado sotaque italiano. — Mas tendes coragem, senhor, ao citar com tanta naturalidade o nome dos reis de l'ancienne noblesse.

— L'ancienne noblesse, la nouvelle, é a mesma coisa, Sire. Todos desejam ter o seu nome ligado a um título nobiliárquico, mesmo aqueles que em 89 votaram a lei que suprimiu os privilégios de berço.

— Tem coragem mesmo! — voltou a repetir o imperador, e Blackraven inclinou-se em sinal de agradecimento. — Quanto aos meus padrinhos, Sire, eu gostava profundamente deles. Eles e a minha mãe foram a minha família, e as questões políticas continuam a interessar-me hoje tão pouco como quando era criança.

— Isso surpreende-me. Um homem indiferente à política! Saberá pelo menos o que se diz de mim entre os seus compatriotas, não é verdade? Que nome me dão? O ogre corso, como os russos? Ou o general vindimário? — Chamam-lhe Boney, Sire.

Napoleão soltou uma sonora gargalhada que fez com que toda a sala mergulhasse num brusco silêncio. Ouvi-lo rir era um espetáculo tão pouco habitual que os presentes demoraram algum tempo a retomar as suas conversas.

–Boney — repetiu, por fim, Napoleão. — Parece quase carinhoso! Reparai como vós, os ingleses, sois. Até para dar uma alcunha ao seu pior inimigo usais da diplomacia e do bom-gosto.

— Os talentos dos ingleses são efetivamente muitos, Sire, mas faço questão de repetir: eu sou tão inglês como francês, austríaco, italiano ou espanhol.

O imperador pediu-lhe que se explicasse e Blackraven falou com pormenor das suas origens.

— Pois, senhor conde, tendes nas veias o sangue das casas reais comas quais, de um ou de outro modo, construí o meu império.

— Sire, pouco importa que seja neto de Carlos III ou de uma princesa austríaca. Sou um bastardo, o que me coloca ao nível de qualquer plebeu.

— Não pareceis muito envergonhado da sua condição de bastardo.

— As questões que não posso alterar, aquelas que ultrapassam o meu poder, provocam-me falta de interesse. Tenho a certeza de que tal se deve ao meu proverbial sentido prático, Sire.

— Bravo! — exclamou Napoleão, suscitando uma vez mais o espanto de todos os que os rodeavam. Nunca falava com quem quer que fosse durante muito tempo, a não ser que se tratasse de política ou do Estado e era ainda mais raro

demonstrar complacência com uma expressão tão franca e expansiva. — Por outro lado — prosseguiu o imperador —, o seu pai reconheceu-vos como herdeiro. Vinde, acompanhai-me até a varanda, aqui não corre nenhuma aragem. — Pegou-lhe no braço e afastaram-se perante as expressões atônitas e a troca de olhares dos parentes e ministros do imperador.

— Segundo me disseram — afirmou Napoleão — o ducado do seu pai é dos mais poderosos de Inglaterra e até esse pusilânime do Jorge o teme.

— Sua Majestade disse corretamente: o ducado do meu pai. Sire, o meu poder é meramente econômico e tudo o que tenho conquistei com o meu esforço. Nem um pence do que possuo provém da fortuna do duque de Guermeaux. O ducado e a riqueza que comporta não teriam chegado para me fazer sentir um verdadeiro homem. Precisei de forjar um destino, no qual fosse o meu próprio herói.

Napoleão pensou: “Acho que poderia ser amigo deste inglês com cara de latino só para me deliciar, de vez em quando, a ouvir os meus pensamentos. Prefiro trazê-lo para o meu lado a tê-lo como inimigo. Parece feroz sob esta capa de frivolidade e desinteresse. E, por muito quedespreze o pai e o seu ducado, no dia em que aliar ao seu poder econômico o poder político da casa de Guermeaux, dará cartas em Inglaterra.”— Estou de acordo consigo, senhor conde — admitiu o imperador. — Ninguém compreende tão bem como eu a necessidade de um homem, de um homem verdadeiro forjar o seu destino e erguer-se em direção ao céu como fizeram os maiores: Alexandre Magno, Júlio César, Carlos Magno.

— As suas palavras comovem-me e honram-me profundamente,Sire. Sinto-me orgulhoso com tudo o que consegui com a minha ousadia e o meu esforço, mas em nada se compara com a gesta de Vossa Majestade.

— Oh, mas com o seu poder, senhor, poderíeis fazer tremer qualquer monarquia se assim o desejasses.

— Não me interessa a política, Sire. O meu poder é meramente econômico — insistiu Blackraven, com fingida inocência. — Permite-me viver com a largueza de um rei e comprar tudo o que desejo.

— O poder econômico é a base em que se apoia o político — declarou Napoleão. — Olhai em volta — apontou para o salão apinhado de gente.— Vede a matilha de lobos famintos. Julgais que me veneram? Que me admiram por ter transformado a França na nação mais poderosa e gloriosa do mundo? Tudo o que pretendem de mim é um pouco mais de dinheiro e poder. E, para manter a sua lealdade, tenho de contar com milhares e milhares de francos. O poder econômico é a base de tudo, meu caro conde. Os soldados são pagos com francos, assim como as espingardas e os canhões. O dinheiro é tudo. Uma maldita invenção do demônio.

Foi a vez de Blackraven soltar uma gargalhada. Na verdade, divertira-o a

franqueza que acompanhou aquela expressão espontânea de incômodo e fastio.

— Gosto de vós, Blackraven — disse Napoleão —, porque sois das poucas pessoas que não me dizem o que eu quero ouvir e sim o que realmente pensam.

— É o meu maior defeito, Sire.

O convite de Napoleão Bonaparte para passar uma temporada no palácio de Fontainebleau não se fez esperar. Três dias depois do serão no salão da grã-duquesa de Berg, um pajem bateu à porta do apartamento da rue de Cerutti e entregou a Somar um bilhete com o selo do imperador.

Nessa mesma tarde, a carruagem com o escudo da casa de Guermeaux afastava-se em direção à pequena localidade de Fontainebleau, umas trinta milhas a sueste de Paris. Milton e Shackle conduziam a carruagem puxada por seis cavalos brancos. Radama e Schegel faziam de postilhões, enquanto os marinheiros gregos do Afrodita, Costas Macrís e Nikolaos Plastiras, compunham a escolta que acompanhava a carruagem. Todos eles vestiam librés da casa de Guermeaux, inclusive Amy e Malagrida que viajavam na cabina e que passariam pelos assistentes pessoais de Sua Excelência, o conde de Stoneville. Somar teve autorização para manter a sua vestimenta habitual, na esperança de que tal lhe permitisse mais facilmente entabular amizade com o servo mais fiel de Napoleão, o mameluco Rustam, e obter algumas informações sobre os hábitos e costumes do seu chefe.

A corte do palácio de Fontainebleau não tardou a aperceber-se de que Napoleão venerava a companhia do conde de Stoneville. Caçavam diariamente nos bosques que rodeavam a propriedade ou saíam para andar a cavalo, ocasiões em que eram escoltados por cinco guardas imperiais armados de espingardas e baionetas. O imperador tinha ficado agradavelmente surpreendido no dia em que Blackraven lhe falou em italiano, e utilizavam frequentemente esse idioma para tratar de questões que não queriam partilhar com mais ninguém. Napoleão falava a Roger das suas reuniões particulares depois do jantar e, quer fosse no meio de uma caçada ou com um copo de conhaque na mão, tecia sempre comentários sobre a política europeia.

— Quem poderá destruir-me, tendo eu aliados como a Rússia e a Áustria? — O tratado de Tilsit, Sire, foi realmente benéfico para a França e conseguiu granjear o apoio de uma potência como a Rússia. No entanto, este momento de glória e de vitória é o mais perigoso, porque, com ele, sobrevém a ideia de segurança absoluta, de invencibilidade. Após um inimigo vencido, surgem ódios, Sire.

Noutra ocasião, Napoleão disse: — É um rapaz simpático e com garra, esse Alexandre I Pavlovich –referia-se ao czar da Rússia —, com um claro discernimento. Confesso que me sinto admirado. Diria que, depois das nossas

conversas no Niemen, nos tornamos amigos íntimos.

— Sire, um homem como Vossa Majestade não tem amigos.

— A sua dureza aborrece-me.

— Mas o meu discernimento sincero interessa-vos.

— Tem o seu discernimento em muito alta conta, senhor.

— O meu discernimento, Sire, levou-me à posição que hoje tenho.Porque não o valorizaria? Um homem que decidiu tornar-se imperador do Ocidente, e porque não do Oriente, se Constantinopla tivesse caído nas suas mãos, não pode desconhecer que a amizade em política é tão volúvel e desleal como uma mulher.

— Referis-vos à mulher com desprezo, senhor conde. Sereis acaso misógino e é por isso que não aceitais a companhia das mulheres que vos ofereço?

— De modo algum, Sire. A mulher é a mais sublime criação de Deus e, apesar de volúveis e manipuladoras, continuo a gostar delas como quando era jovem.

— Nesse caso… — Sou uma avis rara, Sire. Sou fiel à minha esposa.

— E por que motivo ela não vos acompanhou nesta viagem?

— Acaba de me dar um filho.

— Parabéns.

— Obrigado, Sire.

— Há oito meses, uma das minhas amantes deu-me também um filho. Chamei-o Carlos León e com ele demonstrei aos meus inimigos que não sou impotente nem estéril como espalham. O problema é da minha esposa Josefina.

Dois dias depois dessa conversa, Joseph Fouché chegou ao palácio de Fontainebleau, tendo Blackraven e os seus companheiros preparado tudo para o golpe final.

Como se achava gordo, Napoleão costumava caminhar durante horas, de manhã cedo, pelos bosques de Fontainebleau. Nessa amena manhã de Outono, fazia-o acompanhado do seu chanceler, Champagny, e do seu ministro da polícia, Fouché. Os cinco soldados da guarda imperial seguiam-nos a alguma distância. Napoleão discursava, por vezes os ministros interrompiam-no com comentários breves, e ele retomava o discurso. Fouché deixou-o de mau humor, ao referir, mais uma vez, a conveniência de se divorciar da imperatriz Josefina. Napoleão, com dois gritos, mandou-o calar.

— Monsieur Fouché, de há dias para cá só recebo de si provas de desfaçatez. É altura de acabar com elas e de deixar de se imiscuir em assuntos que não lhe dizem respeito. É essa a minha vontade. Em vez de incomodar a imperatriz e massacrar o imperador, deveria ocupar-se desse bando de inúteis que tenho como espiões, que não foi capaz de averiguar que o conde de Stoneville nasceu em Versalhes. Está a ouvir o que lhe digo, monsieur? Em Versalhes! E por falar em

espiões — disse, sem fazer qualquer pausa — como está o assunto daquele agente inglês?

— Sua Majestade refere-se ao Escorpião Negro?

— Esse mesmo. Tivemos alguma notícia ultimamente?

— Não, Sire — respondeu Fouché, receoso — La Cobra não… Fouché parou a meio da frase, quando um vulto negro se atirou de um dos carvalhos que ladeavam o caminho, caindo de pé em frente deles. Soltou um grito e recuou, tal como Champagny. Napoleão, pelo contrário, ficou onde estava e observou com os seus olhinhos míopes a figura alta e corpulenta que lhes cortava o caminho. Era imponente, toda vestida de negro, a cabeça coberta por um lenço e o rosto por uma máscara daquela mesma cor. Estudou-o meticulosamente: usava calças e botas altas, de montar, camisa de seda e um capote tão longo que quase roçava o caminho de terra batida. Nas mãos usava luvas e na direita empunhava um mosquete.

Com as mãos atrás das costas, Napoleão voltou-se, verificando que vários homens, igualmente de negro e todos eles de máscara, tinham dominado os seus cinco guardas, apontando-lhes espingardas. Blackraven avançou para Napoleão e para os seus ministros e, parando a poucos palmos de distância, declarou: — Je suis le Scorpion Noir.

Aquela voz lançou vibrações eléctricas através do corpo do ministro da Polícia, que, espantado, recuou de modo mecânico, lembrando-se da noite em que acordara com aquele mesmo sussurro ao ouvido. Fouché, je suis le Scorpion Noir.

— Quieto, Fouché — ordenou, retirando algo do bolso interior do capote e lançando-a à cara do ministro, que gritou e o agarrou com as mãos.

— Uma recordação de La Cobra — explicou, enquanto Fouché observava a máscara de couro do sicário. — Ah, La Cobra e a sua cúmplice servem hoje de alimento aos tubarões do Atlântico. Quanto a Le Libertin, Fouché, para o caso de não ter recebido a mensagem a tempo, previno-o desde já de que não voltará. Está a fazer companhia a La Cobra no Inferno.

Chegou-lhes o ruído de cascos e de rodas e, como o Escorpião Negro se mantivesse imperturbável, Napoleão calculou que o carro que estava a chegar fazia parte do assalto. A berlinda emergiu do bosque, ficando atravessada à frente deles.

— Sire — convidou Blackraven, enquanto abria a portinhola e lhe fazia sinal com um gesto para que subisse.

Napoleão avançou lentamente e subiu, seguido de Blackraven.

Puseram-se em marcha antes de a portinhola se fechar.

— Para onde me leva?

— Para o seu pavilhão de caça, Sire. Um lugar tranquilo e solitário,adequado à conversa que nos espera.

— Quem o abrirá? Não há lá criados e eu não trouxe comigo a chave.

— Ao ouvir o riso debaixo da máscara, Bonaparte sentiu-se estúpido: — Bem, imagino que uma porta não represente grande dificuldade para o mais hábil espião inglês.

A porta estava já aberta, as cortinas da sala principal corridas e várias velas ardiam nos candelabros. O cocheiro ficou no vestíbulo. Eles entraram. Blackraven fez sinal a Napoleão para que se sentasse, ele ficaria de pé. Primeiro retirou o lenço e, a seguir, a máscara.

— Blackraven! — Napoleão saltou da cadeira. — Que significa isto,senhor? — Sire, La Cobra entregou-me a sua mensagem. disse que Vossa Majestade queria fazer um acordo com o Escorpião Negro. Pois, muito bem — disse, estendendo os braços em cruz —, aqui estou. Eu sou o Escorpião Negro. Que desejais de mim?

— Eu… Que aconteceu ao sicário? — perguntou o imperador, dando--se conta, nesse preciso momento, do absurdo da pergunta.

— Deveria dizer a sicária, Sire. La Cobra era uma mulher. Uma mulher negra.

— Estais mentindo.

— Não, não estou. A maldita era mais hábil do que qualquer homem que conheci até hoje. Reconheço que era uma digna adversária.

— Pelo que vejo venceste-a. — Blackraven inclinou a cabeça, num gesto em que simultaneamente assentia e reconhecia o fato. — Nesse caso, alegro-me de que estejais aqui hoje porque uma vez mais demonstrais a sua supremacia no ofício da espionagem. Preciso de vós.

— Os meus dias como espião chegaram ao fim, Majestade, e nada nem ninguém me convencerá do contrário.

Napoleão pensou que o Escorpião Negro não só era o espião mais hábil que conhecera, como ainda tinha acesso ao coração do seu pior inimigo, a Inglaterra. Se conseguisse convencê-lo a unir-se a ele, o imperador de França poria o poder inglês de joelhos e se tornaria um homem invencível.

— Eu não sou como os outros, Blackraven, sou o senhor da Europa e poderia obrigar-vos se assim o entendesse.

— Eu sei, Sire. Mas também eu não sou como os outros. — O tom brincalhão e divertido tinha ficado para trás. Blackraven adotara uma entoação ameaçadora. — Se a partir de hoje, algum emissário seu ou de Fouché me importunar, a mim ou a qualquer membro da minha família, ativará um mecanismo através do qual a destruição de Sua Majestade e do seu sonho de governar o mundo será levada a cabo, o mesmo acontecendo se eu ou alguém da

minha família sofrer um misterioso acidente ou morrer em circunstâncias pouco claras.

— Não imagino que mecanismo possa ser esse.

Blackraven aproximou-se e entregou-lhe um rolo de papel que retirou do bolso interior do casaco. Napoleão desenrolou e leu. O seu semblante alterava-se à medida que avançava na leitura.

— Onde arranjou isto?

— Devo esclarecer-vos que este documento é uma cópia. O original encontra-se a salvo, um original que, naturalmente, resistirá a qualquer tipo de prova caligráfica.

— Onde o arranjou? — voltou a perguntar.

— Foi Luís XVII quem me entregou, claro.

— De quem está a falar? Luís XVII morreu na prisão do Temple quando era criança.

Blackraven sorriu com desprezo.

— Sire, estais a falar com o Escorpião Negro, não com um dos seus ministros de pacotilha. Eu sei que tendes conhecimento de que o filho do decapitado Luís está vivo. Acontece que não sabeis onde se encontra. Pois digo que está sob minha tutela.

— Este documento não provaria a identidade desse suposto Luís.

— Dele, não. Mas a irmã, madame Royale, poderia identificá-lo, e refiro-me à verdadeira madame Royale, e não à impostora que eu mesmo arranjei para salvar minha prima. Além disso, está também sob a minha proteção o sacerdote que serviu de testemunha na abdicação de Luís XVI, o padre Edgeworth de Firmont — apontou para a rubrica na base do documento —, que foi quem colocou nas mãos de Luís XVII este documento. Está também sob a minha tutela a mulher de Simon, o guarda de Luís Carlos durante os seus anos no Temple. Asseguro-vos, Sire, que ela o conhece melhor do que ninguém e tem como reconhecê-lo facilmente.

— Isto não me intimida.

— Mas deveria, Sire. Sabeis quem sou e do que sou capaz. Conheceis também a extensão do meu poder e das minhas influências, não só no meu país, mas em toda a Europa. Se voltardes a perturbar a minha paz ou a da minha família, Sire, se voltardes a contratar um sicário para me matar ou simplesmente para me trazer até vós, voltar-me-ei contra vós com toda a crueldade de que sou capaz e bastará um estalar de dedos para orquestrar uma conjura que deitará por terra a débil aliança da qual hoje vos gabais. Pergunto-me o que diriam Lord Bartleby — Blackraven referia-se ao chefe dos espiões ingleses — ou o primeiro-ministro de Inglaterra se soubessem da existência do legítimo herdeiro

do trono de França? As suas relações com a Áustria são péssimas. Ou será que Fouché ainda não vos informou de que Francisco I está a recrutar tropas? Que desculpas deu o embaixador Metternich para essa manobra? E que se passa com a Prússia? Ah, a rebelde Prússia! A Prússia, que se recusa a pagar as contribuições acordadas e que permite que a sua imprensa vos insulte de todas as formas! Quanto ao czar da Rússia, talvez se encontre encantado com a grandeza de Vossa Majestade, não o nego, mas a sua corte, essa não! A sua corte repudia o tratado de Tilsit. Os aristocratas russos sentem-se humilhados e consideram um insulto as cláusulas desse acordo. Até quando poderá o jovem Alexandre I Pavlovich suportar a pressão dos nobres? Enfim, a situação de França não é fácil. Esqueci-me de falar de Portugal, que se nega a encerrar os portos aos navios do meu país, da Dinamarca, na mão dos ingleses desde que o porto de Copenhaga foi submetido a cinco dias de intenso fogo de canhões, de Pio VII, que resiste a unir os Estados Papais ao bloqueio contra Inglaterra, e ao meu primo Fernando, que destronou o meu tio, Carlos IV, e se coroou rei de Espanha. Fernando não gosta de vós, Sire. — Acompanhou a pausa com uma expressão eloquente, exagerada e falsa. — Muito bem — disse, com um suspiro —, no meio de toda esta catástrofe política, aparece o filho de Luís XVI a reclamar o que legitimamente lhe pertence. Seria um apogeu dramático que quase gostaria de presenciar. A sua posição é fraca, Sire, e seus inimigos são muitos. Ainda por cima com o filho de um rei a querer herdar o trono… Enfim, na sua situação, eu não quereria granjear mais um inimigo, muito menos um inimigo da minha estatura.

Napoleão olhou para ele boquiaberto. Jamais alguém lhe traçara um quadro tão exato da situação. Começou a deambular pelo pavilhão, a cabeça baixa, as mãos atrás das costas. A certa altura parou para lhe perguntar: — Se Luís XVII está vivo e possui tantas provas para demonstrar sua identidade, porque não se apresentou ainda nas cortes europeias para reclamar o trono de França? — Não vou revelar-lhe todos os meus segredos, Sire. Conformai-vos com saber que, se fosse da minha conveniência que Luís XVII pedisse ajuda à família materna na Áustria ou ao governo de Whitehall, o faria. E não tenho dúvidas de que acabaria sentado no trono do Rei Sol e Vossa Majestade no exílio. — Os olhos cinzentos trocaram um olhar frio e penetrante com os azuis de Blackraven. — Na verdade, Sire, o que vos vim dizer hoje foi uma oferenda de paz. Podemos conviver os dois neste mundo sem nos importunarmos mutuamente.

— Não vos compreendo, Blackraven. Comigo poderíeis alcançar todo o poder e glória com que um homem sonha. Poderíeis transformar-vos no mais importante dos meus ministros, no meu braço-direito. Confio no seu discernimento, poucas vezes conversei com um homem de tamanha sensatez e

coragem, respeito-vos e admiro-vos, o que raramente acontece. Não compreendo porque recusais a minha oferta.

— Sire, alguma vez conseguistes compreender a minha natureza? Eu serei sempre a cabeça do leão, nunca a sua cauda. Nós os dois somos leões que nos destruiríamos se nos confrontássemos. Aceitai os termos deste acordo, selemos este pato e que cada um siga o seu destino.

Napoleão sentou-se na poltrona, subitamente exausto, e suspirou. Permaneceu em silêncio, a cabeça um pouco tombada e os olhos fixos num ponto.

— Está bem — disse —, prometo que não os obrigarei a trabalhar ao meu lado. Também não tentarei nada contra vocês ou sua família.

— Sire, permita que recorde que, se alguma coisa me acontecesse, meus agentes se ocupariam de pôr em marcha a revolta que…

— Respeito sempre os acordos que faço! — exclamou, dando um murro na mesa.

— Perdoai-me — disse Blackraven.

Napoleão demorou alguns segundos a recuperar a calma e a pôr em ordem a sua mente.

— Nunca é benéfico alimentar ódios e provocar rancores — declarou por fim. — E não quero de modo algum provocar o seu ódio. Não vos compreendo, Blackraven, mas prometo deixar-vos em paz, tendes a minha palavra. — Semicerrou os olhos, fixos em Roger numa atitude que refletia bem o interesse de quem procura desvendar algo inextricável. — Não vos compreendo — insistiu. — A sua decisão não parece a de um ser racional. Ofereço-vos poder, muito poder, e vós recusais. Só dois motivos poderão levar-vos a agir deste modo: a loucura ou o amor, que é quase uma forma de loucura.

Blackraven sorriu com sinceridade.

— Sire, sois um grande conhecedor da natureza humana.

— Blackraven, esclarecei uma dúvida minha. — Roger manteve um prudente silêncio. — Porque me haveis revelado a sua identidade? —Porque desejava que soubésseis quem estava realmente à sua frente. Eu não sou apenas o Escorpião Negro, Sire. Sou Roger Blackraven, futuro duque de Guermeaux. As duas posições, unidas, conformam um digno rival.

Napoleão assentiu e Blackraven teve a impressão de que ele parecia agastado.

— Suponho que este seja o fim da sua visita a Fontainebleau.

— Assim é, Sir. Agora vamos regressar com os seus ministros e dareis ordens aos seus guardas para que não tentem nos deter na retirada. Eu voltarei a ser Roger Blackraven e os meus homens a vestirem as librés da casa de Guermeaux. Abandonaremos o palácio dentro de uma hora, Sire, e, amanhã de manhã, o território francês. Não tereis de suportar mais a minha presença.

— Oh, mas a sua presença, Blackraven, era a única coisa que me animava. Detesto os serões na companhia da imperatriz. Cansam-me e deixam-me entediado.

Nos primeiros dias de Novembro, Alexander começou a andar. Engatinhava com uma rapidez admirável e mantinha-se de pé agarrado aos móveis, às saias da mãe ou à túnica de Trinaghanta, até que um dia se soltou e começou a andar na sala de desenho. Obteve tantos aplausos do duque de Guermeaux, de Bruce, Constance, Isabella e até da tímida Miora que acabou por perder o equilíbrio e cair sentado, começando a chorar. Melody pegou-o no colo e cobriu-o de beijos. Ao mesmo tempo em que se comovia, também ela, invadida de alegria, derramou umas lágrimas de tristeza, pois Roger tinha perdido os primeiros passos do filho. Desejava que não se esquecesse de que no sábado seguinte era dia 14 de Novembro, o primeiro aniversário de Alexander. O duque de Guermeaux organizava uma festa há cerca de um mês, que contaria com mais de duzentos convidados, todos eles membros das famílias mais antigas da Cornualha e de Londres, festa essa que teria lugar no castelo da família.

Na quinta-feira, dia 12, Melody levantou-se desanimada. Dia 10 de Novembro, dia do aniversário de Roger, passara e continuavam sem receber notícias dele. Intuía que o marido não chegaria a tempo. Observou o trabalho das criadas: colocavam o pano de linho sobre a tina de bronze e deitavam lá para dentro três baldes de água quente e vários de água fria. Despiu o roupão e deslizou para dentro. A princípio, as garotas tinham ficado escandalizadas por dois motivos: porque a condessa não usava túnica de linho para se cobrir durante o banho e porque não tinha pelos nas pernas.

— Há pessoas imberbes — conjeturavam, embora tivessem percebido que estavam enganadas na tarde em que a senhora condessa mandou Trinaghanta à cozinha preparar uma estranha mistura para tirar os pelos das pernas.

— Como as meretrizes! — escandalizaram-se. — Ou será que nas terras selvagens da América do Sul as mulheres decentes também se depilam?

— Então não são decentes.

Tipsy, a cozinheira, uma velha gorda e bonacheirona, declarou: — A senhora condessa tem tanto ar de rameira como eu, sua tola. E é uma mulher decente, sim. O que acontece, aposto, é que Sua Excelência, que sempre foi muito excêntrico em relação a mulheres, lhe exige que se depile e ela faz-lhe a vontade.

As garotas já estavam habituadas aos estranhos costumes de Me lody e às suas pernas depiladas. Ajudaram-na a tomar banho em silêncio, depois disso a vestir-se e pentearam-na muito bem, pois ia receber visitas à hora do almoço. O senhor

duque traria uns amigos recém-chegados de Londres para a festa de sábado. Melody sentia-se tão decepcionada com a ausência de Blackraven que nem sequer estava nervosa naquele primeiro compromisso social com personalidades da alta nobreza de Inglaterra.

— Quer que lhe ponha perfume, senhora condessa?

— Sim, Doreen. Aquele — indicou o novo frasco de frangipani que comparara em Londres.

A garota salpicou-a generosamente. Depois de tratar do filho, Melody desceu para tomar o pequeno-almoço. Bateram à porta principal, e Poole, o mordomo, pousou a cafeteira sobre o móvel para ir abrir. Era Somar.

Ao ouvir a voz tão familiar do turco, Melody deu um grito, atirou o guardanapo na mesa e correu para o vestíbulo. Lançou-se aos braços dele, que não correspondeu. Poole contraía os lábios e abanava a cabeça.

— Onde está Roger? Quando foi que voltaram? Por que não está contigo?

Somar, no seu jeito lacônico e reticente, estendeu a mão e entregou-lhe um bilhete com o selo da águia bicéfala. Assim rezava:

"Vem ter comigo, meu amor. Entra no carro que te espera lá fora e vem ter comigo. R."

Melody levantou os olhos e olhou para Somar. Em seguida, voltou-se e olhou para Poole, e outra vez para Somar, voltando a ler o bilhete.

— Vá, senhora — insistiu o turco. — Eu avisarei Trinaghanta que Sua Mercê estará fora o resto do dia.

— Obrigada! Poole, a minha capa, as minhas luvas.

— E o seu chapéu, milady. Não deve esquecer o chapéu.

— Sim, sim, o chapéu — disse Melody depressa, agitada e feliz, enquanto atava as fitas debaixo do queixo. — É que no meu país nunca usamos chapéu, Poole, só uma mantilha — comentário que fez com que o mordomo abrisse muito os olhos.

— Milady — disse Poole de novo —, mandarei avisar o senhor duque de que a senhora condessa não poderá recebê-lo hoje na hora do almoço.

— Oh! Tinha-me esquecido. Sim, Poole, trata disso. Que faria eu sem ti, Poole?

Melody saiu de casa a correr. Despediu-se de Milton e precipitou-se para dentro do carro. Demoraram quase três horas a percorrer o trajeto até a aldeia de Truro, onde Blackraven alugara um quarto no primeiro andar da melhor hospedaria. Esperava ansiosamente por ela. Tinha tomado um banho e feito a barba. Vestira umas calças pretas e uma camisa branca, que estava quase

totalmente aberta. “Acho que exagerei na loção de almíscar”, lamentou. Perfumara-se prodigamente, pois Melody gostava muito daquele aroma. Perguntou-se se ela teria posto o frangipani. Mal conseguia controlar a ansiedade que o dominava. Du rante toda a sua estada em Paris, concentrado no plano para neutralizar a ameaça de Napoleão, forçara-se a mantê-la longe dos pensamentos e a tensão mantivera-se até o momento em que abandonou o solo francês, pois não confiava na palavra do imperador. Napoleão, no entanto, cumprira o pato estabelecido e não os importunou. Mal ancorou no porto de Plymouth e pôs os pés na Cornualha, Blackraven descontraiu os maxilares, relaxou os músculos e permitiu que o desejo em relação a Melody surgisse. Instalou-se em Truro e mandou chamá-la porque não lhe agradava a ideia de chegar a Hartland Park e ter de esperar até a noite para fazerem amor. Perguntou a si próprio se aquele desejo diminuiriaNCFI–QA2–F43 algum dia, pois comportava-se como um rapaz prestes a perder a virgindade. Já não se tratava apenas de desejo e sim da ansiedade de a ver chegar e do receio de que ela não o achasse atraente. Deambulava de um lado para o outro, torcia as mãos, afastava os cabelos do rosto, abotoava e desabotoava a camisa, acocorava-se em frente da lareira, pegava numa tenaz de ferro, levava-a ao fogo e mexia a madeira com energia, provocando uma chuva de chispas que estavam de acordo com o seu temperamento. Largou o atiçador e pôs-se de pé. Parecera-lhe ter ouvido a voz de Melody.

— Qual é o quarto do meu marido, Milton? — ouviu-a perguntar.

— Aquele, senhora.

Ficou imóvel, expectante, a respiração suspensa, sem pestanejar. “Bate, bate à porta”, pensava. Melody bateu duas vezes. Ele abriu. Ficaram a olhar-se nos olhos.

— Podes ir, Milton — disse Roger, sem afastar os olhos dos de Melody.

— Obrigado, capitão Black. Até logo, senhora condessa.

— Até logo, Milton.

Blackraven pegou a mão de Melody e tomou-a nos braços. Fechou a porta com o pé e trancou-a sem sequer olhar, enquanto beijava a mulher desmedidamente, na boca, no queixo, nas faces, na testa. Ao mesmo tempo desatava-lhe as fitas de cetim e libertava-a do chapéu para a beijar no pescoço e mais abaixo — no colo, nos ombros —, e até onde conseguia despi-la. Não dizia palavra e agora já não a beijava, passava-lhe os lábios pela pele entreabertos, deixando atrás de si um rasto de saliva. Melody, de olhos fechados, tentava retirar-lhe a camisa e desapertar-lhe as calças. A falta de jeito das suas mãos refletia bem a excitação que a dominava. Num momento tentavam despi-lo, no momento seguinte, mergulhavam nos cabelos de Roger para aprofundar o beijo e

depois agarravam-se aos seus ombros porque Melody sentia que a emoção lhe retirava as forças.

— Jura-me — disse num tom de voz entrecortado —, jura-me que não voltarás a deixar-me. Que me levarás contigo para onde fores.

— Juro.

Amaram-se até o fim do dia, com pressa e desacerto no começo, mas, à medida que aplacavam o fogo visceral que os transformara em seres selvagens, começavam a demorar-se, a desfrutar, redescobrindo o corpo, os sons e os gestos do outro. Dormiram, conversaram também, folhearam um exemplar do Kama Sutra que Blackraven trouxera de Paris e ensaiaram algumas posições entre risos. Mandaram vir comida quando tiveram fome e uma bacia de água quente quando lhes apeteceu tomar banho. Havia algum tempo que não falavam. Continuavam ainda mergulhados na água morna, lânguidos e tranquilos.

— Não sei por que, mas hoje, ao acordar — disse Roger —, lembrei-me da frase que Malagrida costumava dizer quando era professor da Escola Militar de Estrasburgo. É da autoria de Tucídides, um historiador grego do século V antes de Cristo. Tucídides dizia: “Recordai-vos de que o segredo da felicidade está na liberdade e o segredo da liberdade na coragem.” Pensei em ti e em mim, e pareceu-me que tinha tudo a ver com a nossa história.

— Sim, meu amor, sim — concordou Melody, voltando-se para o beijar.

Epílogo

No Rio da Prata, a vinte milhas da enseada de Barragán. Janeiro de 1810.

Roger Blackraven acordou no beliche do camarote de popa que partilhava com Melody há pouco menos de dois meses. Tinham zarpado de Liverpool no Isaura, o maior navio da sua frota — deslocava quinze mil toneladas e o seu comprimento era de cento e setenta e cinco jardas —, nos primeiros dias de Novembro de 1809 com destino a Buenos Aires e, de acordo com os seus cálculos, avistariam a costa do Rio da Prata nessa sexta-feira, dia 5 de Janeiro. Ouviu as quatro campainhadas que indicavam a mudança de guarda e levantou-se. Observou o céu do amanhecer através da claraboia. O conjunto de nuvens avermelhadas indiciava que choveria durante a tarde. Estendeu os braços até tocarem no tecto e ouviu as articulações estalarem. Doía-lhe o corpo, principalmente o pescoço e as costas. Fazer amor com a mulher num beliche não era fácil para um homem da sua corpulência e com os seus apetites, menos ainda quando não podiam fazer barulho porque Trinaghanta e as crianças ocupavam o camarote contíguo. Era um aborrecimento. Desejava chegar rapidamente a El Retiro para poder recuperar a tão ansiada intimidade com Melody.

Melody dormia de barriga para baixo, despida, a sua cabeleira magnífica caída sobre as costas, nem mesmo o lençol a cobria, tanto era o calor. Blackraven inclinou-se, beijou-lhe as três marcas do ferrete e passou-lhe a ponta do indicador ao longo das costas, ao mesmo tempo que se admirava por a paixão não ter diminuído com o tempo. Ela voltou-se, pronunciou palavras ininteligíveis e continuou a dormir. Blackraven sorriu e começou a vestir-se.

A firmeza dos seus passos ecoava no convés, enquanto se dirigia ao castelo da popa. Com o telescópio no olho, ouviu o relatório do contramestre relativamente à situação geográfica do barco, à velocidade do vento e à conveniência de lançar a bolina naquelas águas traiçoeiras, sobretudo considerando o grande porte do Isaura. Blackraven proferiu as ordens pertinentes, o contramestre transmitiu-as aos gritos e o navio ganhou, de imediato, vida. Os homens da guarda matinal acomodaram as camas de lona na balaustrada, treparam pelas enfrechaduras, enrolaram as velas, largaram a gávea e, desse modo o Isaura saudou o novo dia.

De um momento para o outro apareceria a costa do vice-reinado do Rio da Prata. Tinham passado três anos desde a última vez que estivera em Buenos Aires, uma cidade que lhe deixara uma infinidade de memórias, algumas boas,

outras más. Sobrevinha-lhe uma inquietação, havia demasiadas perguntas sem resposta, pois, embora os seus agentes e administradores — Diogo Coutinho, Covarrubias, o senescal Bustillo e, sobretudo, O'Maley — o mantivessem informado, precisava de avaliar a situação com os seus próprios olhos. Em que estado iria encontrar as suas propriedades? Qual seria a situação política do vice-reinado? Como estariam os seus amigos independentistas? Blackraven sorriu, ao pensar que aqueles criollos que tinham destituído Sobremonte, reconquistado a cidade e eleito Liniers como vice-rei já eram livres. Em que tramoia estaria metido o seu sócio, Martín de Álzaga? Tinham feito fortuna durante esses anos. Blackraven enviava-lhe navios repletos de produtos que o basco não se cansava de vender. Sabia que voltara a ocupar o cargo de alcaide de primeiro voto durante o ano 1808, mas que não atingira o seu sonho, o de ser vice-rei. Finalmente, teria Liniers vencido a partida? Que seria feito dele? Depois de um breve período como autoridade máxima no Rio da Prata, fora deposto pela sua condição de francês e substituído pelo almirante Baltasar Cisneros, nomeado pela Junta Supre ma Central, o organismo que legislava e administrava a Justiça durante a ocupação napoleônica de Espanha. As profundas divergências entre Carlos IV e o filho Fernando tinham aberto uma brecha no coração dos Bourbons, na qual Napoleão espetou a espada. Agora, o irmão mais velho do imperador, José Bonaparte, ocupava o trono do seu querido avô, Carlos III. Contudo, ninguém o aceitava, nem na península nem nas colônias.

Blackraven pressentia que o fim estava perto. Pueyrredón já conspirava a partir de Madrid e enviava amigos a Londres para convencer o ministro Portland a apoiar a independência americana. Belgrano, Castelli, Moreno e Nicolás Rodríguez Peña escreviam-lhe com frequência, contando-lhe detalhadamente a situação em que Cisneros se encontrava.

"Volto para acabar o que comecei em 1806", pensou Blackraven.

A primeira coisa que ouviu foi o ladrar de Sansão e logo a seguir a voz do seu filho Alexander que o chamava.

— Daddy! Daddy!

Alexander corria para o castelo da popa e sorria. Era um menino alegre, divertido e simpático, bom conversador e sempre pronto a fazer perguntas. Logo a seguir ao primogênito, apareceu Anne-Rose, a sua filha de pouco mais de um ano, que se esforçava por alcançar Alexander e Sansão, apesar das suas perninhas curtas e rechonchudas. Estevanico e Angelita vinham atrás, preocupados não fosse ela desequilibrar-se. O cortejo fechava com Trinaghanta. Blackraven viu-os aproximarem-se, com um sorriso inconsciente nos lábios. O amor que aquelas duas pequenas criaturas lhe inspiravam era o sentimento mais nobre e puro que alguma vez experimentara. Acocorou-se para os receber e

levantou-os, um em cada braço.

— Bom-dia, capitão Black.

— Bom-dia, Estevanico. Bom-dia, Angelita — respondeu Roger, piscando-lhes o olho. — A senhora condessa já acordou, Trinaghanta?

— Sim, patrão Roger. Rosie — assim chamavam à pequenina — entrou no seu camarote e acordou-a.

— Where are we, daddy?

Alexander espreitou pelos binóculos. — Blackraven tinha a certeza de que ele não via nada — e continuou a perguntar-lhe, sempre em inglês, o idioma que usava com o pai. Com Melody, falava sempre em castelhano e com a avó, Isabella, em francês. Era espantoso o modo fácil e natural com que saltava de uma língua para a outra.

Anne-Rose, pelo contrário, era um menina tranquila, suave e observadora, com um vocabulário escasso, daddy, mommy, Tina, para chamar Trinaghanta, Alec, para o irmão, Nico para Estevanico e Saso para Sansão, o seu cão adorado. Tudo o resto, pedia apenas por gestos. Enquanto Alexander fazia perguntas e falava sem dar tempo a ninguém para lhe responder, Rosie gostava de acariciar a face áspera do pai, de o beijar e de lhe mexer no cabelo. A sua doçura desarmava por completo Blackraven que, enquanto satisfazia a avidez de Alexander, estudava o rosto da filha, tão parecida com Isabella di Bravante, com o cabelo negro, a pele muito branca, o mesmo nariz arrebitado e uma boca pequenina e carnuda. Roger costumava dizer-lhe: “Rosie, tens um coraçãozinho em vez de boca.” Os seus olhos, contudo, tinham herdado o magnífico azul-turquesa de Melody. Rosa fora concebida em Párvati, a fazenda de Ceilão, e Melody tivera o parto em La Isabella, a fazenda de Antígua. Ao contrário do traumático parto de Alexander, o da menina tinha sido uma antevisão do seu temperamento suave e tranquilo. Duas horas depois do nascimento de Rosie, Melody soerguera-se na cama e dissera que estava com fome.

— Vou conhecer o meu tio Tommy, daddy? — continuou a perguntar Alexander.

— Sim, o teu tio Tommy e a mulher, a tia Elisea, e o teu primo Jimmy. Embora eles não vivam em Buenos Aires, onde tu nasceste, e sim em outra cidade chamada Capilla del Señor.

— Eu nasci em Buenos Aires, daddy? — Blackraven assentiu. — Não nasci em Hartland Park? — Blackraven negou. — Mas o avô diz que eu sou inglês como ele.

— E és, mas nasceste em Buenos Aires. O teu primo Víctor viveu muitos anos em Buenos Aires, sabias?

— Sim, contou quando o visitamos em casa dele. — Alexander referia-se à

fazenda que Galo Bandor comprara anos antes na Jamaica e à qual dera o nome de La Cornuallesa em homenagem à mulher amada.

— Mommy — sussurrou Rosie ao ouvido do pai, obrigando-o com as duas mãozinhas a olhar para o convés.

Melody avançava pelo convés, dando o braço à prima Marie, ou madame Royale, e na companhia de Luís Carlos ou Luís XVII. "Como Marie parece feliz." pensou Blackraven. Tinham atracado na baía de Guanabara para os visitar e, quando Luís Carlos e Marie manifestaram o desejo de regressar a Buenos Aires, Blackraven considerou uma boa ideia. Desde a sua conversa com o imperador Napoleão no pavilhão de caça de Fontainebleau, viviam numa relativa tranquilidade. Relativa, visto que um homem como Roger Blackraven jamais baixava a guarda.

Sorriu de modo sarcástico ao pensar que ele e Napoleão haviam acabado por ficar amigos. Não tinham voltado a ver-se, tratava-se de uma relação epistolar. A primeira carta chegou três meses a seguir ao episódio nos bosques do palácio de Fontainebleau, num envelope lacrado, sem selo. "Vós, estimado Blackraven, contais com a vantagem de o meu destino vos importar pouco", escrevera-lhe da primeira vez, "sois, portanto, o único que não fala para me agradar, que não me adula, nem me mente. Estive sempre só. Fui sempre um homem solitário. Mas hoje, no auge do poder, rodeado de centenas de pessoas, experimento a maior e mais profunda solidão de toda a minha vida." Havia uma coisa em que Napoleão se enganava: Blackraven preocupava-se efetivamente com o destino do imperador. Os seus negócios dependiam, em grande parte, das decisões políticas que os governos da Europa tomassem. Ainda assim, continuava a empregar para com Napoleão o mesmo tom aberto e franco da temporada que tinham passado em Fontainebleau.

Blackraven reparou que Melody, Marie e Luís Carlos se aproximavam da amurada tentando avistar a costa, pondo a mão na testa. Estevanico correu para junto da sua querida Miss Melody e, como Rosie e Alexander quiseram ir atrás dele, Blackraven pô-los no chão. Olhava fixamente para a mulher. Melody voltou-se, atraída pelo barulho das crianças e pelos latidos de Sansão e viu-o no tombadilho. Os seus olhares cruzaram-se e sorriram de modo cúmplice. "Vem." Blackraven proferiu a palavra com os lábios e logo Melody se desculpou junto dos primos, dirigindo-se à popa.

— Bom-dia, meu amor.

— Bom-dia, querido.

— Dormiste bem, esta noite?

— Muito bem, e tu?

— Como um urso — e, inclinando-se junto ao ouvido da mulher, murmurou-

lhe — Como um urso que comeu quilos do melhor mel. Como um urso satisfeito.

Melody riu e passou-lhe a mão pelo peito e a seguir pela face.

— Somar diz que hoje mesmo atracaremos na enseada de Barragán.

— Assim é, meu amor. Dentro em breve avistarás a costa. — Olhou-a de soslaio e detectou alguma inquietação no seu rosto. — Que se passa? Não dizias ontem à noite que querias chegar quanto antes a El Retiro? A que se deve essa ruga?

— Estou feliz por regressar, Roger, de verdade. Senti tantas saudades de todos. Desejo tanto voltar a vê-los, mas…

— Mas o quê?

— Não sei. Em Buenos Aires há uma tal mistura de boas memórias e más recordações que…

— Estamos juntos, Isaura. — Pegou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela. — Os fantasmas do passado não existem. Somos livres e estamos unidos como as conchas de uma ostra. Somos invulneráveis, tu e eu. Nada receies, meu amor. Eu estou ao teu lado, nada de mau acontecerá. Confia em mim, Isaura. Confia em mim.

Ficaram em silêncio, o olhar perdido na linha do horizonte. Pouco depois, Blackraven passou-lhe os binóculos e indicou: — Olha, ali começa a avistar-se a costa. Consegues vê-la?

— Sim, sim, estou vendo.

— Pronta para regressar, meu amor?

— Pronta, capitão Black.

Fim

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às minhas queridas amigas, as escritoras Gloria V. Casañas e Mercedes Giuffré, pelo valiosíssimo material que me dispensaram para a investigação deste livro. Meche, Glori, gosto muito de vocês.

Agradeço ao professor Oscar Conde pela sua generosidade e desinteresse na ajuda que me prestou com algumas mensagens em latim clássico. Contar com a sua colaboração foi uma honra para mim, professor.